This is a digital copy of a book that was preserved for generations on library shelves before it was carefully scanned by Google as part of a project to make the world's books discoverable online.

It has survived long enough for the copyright to expire and the book to enter the public domain. A public domain book is one that was never subject to copyright or whose legal copyright term has expired. Whether a book is in the public domain may vary country to country. Public domain books are our gateways to the past, representing a wealth of history, culture and knowledge that's often difficult to discover.

Marks, notations and other marginalia present in the original volume will appear in this file - a reminder of this book's long journey from the publisher to a library and finally to you.

Usage guidelines

Google is proud to partner with libraries to digitize public domain materials and make them widely accessible. Public domain books belong to the public and we are merely their custodians. Nevertheless, this work is expensive, so in order to keep providing this resource, we have taken steps to prevent abuse by commercial parties, including placing technical restrictions on automated querying.

We also ask that you:

+ *Make non-commercial use of the files* We designed Google Book Search for use by individuals, and we request that you use these files for personal, non-commercial purposes.
+ *Refrain from automated querying* Do not send automated queries of any sort to Google's system: If you are conducting research on machine translation, optical character recognition or other areas where access to a large amount of text is helpful, please contact us. We encourage the use of public domain materials for these purposes and may be able to help.
+ *Maintain attribution* The Google "watermark" you see on each file is essential for informing people about this project and helping them find additional materials through Google Book Search. Please do not remove it.
+ *Keep it legal* Whatever your use, remember that you are responsible for ensuring that what you are doing is legal. Do not assume that just because we believe a book is in the public domain for users in the United States, that the work is also in the public domain for users in other countries. Whether a book is still in copyright varies from country to country, and we can't offer guidance on whether any specific use of any specific book is allowed. Please do not assume that a book's appearance in Google Book Search means it can be used in any manner anywhere in the world. Copyright infringement liability can be quite severe.

About Google Book Search

Google's mission is to organize the world's information and to make it universally accessible and useful. Google Book Search helps readers discover the world's books while helping authors and publishers reach new audiences. You can search through the full text of this book on the web at `http://books.google.com/`

Esta é uma cópia digital de um livro que foi preservado por gerações em prateleiras de bibliotecas até ser cuidadosamente digitalizado pelo Google, como parte de um projeto que visa disponibilizar livros do mundo todo na Internet.

O livro sobreviveu tempo suficiente para que os direitos autorais expirassem e ele se tornasse então parte do domínio público. Um livro de domínio público é aquele que nunca esteve sujeito a direitos autorais ou cujos direitos autorais expiraram. A condição de domínio público de um livro pode variar de país para país. Os livros de domínio público são as nossas portas de acesso ao passado e representam uma grande riqueza histórica, cultural e de conhecimentos, normalmente difíceis de serem descobertos.

As marcas, observações e outras notas nas margens do volume original aparecerão neste arquivo um reflexo da longa jornada pela qual o livro passou: do editor à biblioteca, e finalmente até você.

Diretrizes de uso

O Google se orgulha de realizar parcerias com bibliotecas para digitalizar materiais de domínio público e torná-los amplamente acessíveis. Os livros de domínio público pertencem ao público, e nós meramente os preservamos. No entanto, esse trabalho é dispendioso; sendo assim, para continuar a oferecer este recurso, formulamos algumas etapas visando evitar o abuso por partes comerciais, incluindo o estabelecimento de restrições técnicas nas consultas automatizadas.

Pedimos que você:

- Faça somente uso não comercial dos arquivos.
  A Pesquisa de Livros do Google foi projetada para o uso individual, e nós solicitamos que você use estes arquivos para fins pessoais e não comerciais.

- Evite consultas automatizadas.
  Não envie consultas automatizadas de qualquer espécie ao sistema do Google. Se você estiver realizando pesquisas sobre tradução automática, reconhecimento ótico de caracteres ou outras áreas para as quais o acesso a uma grande quantidade de texto for útil, entre em contato conosco. Incentivamos o uso de materiais de domínio público para esses fins e talvez possamos ajudar.

- Mantenha a atribuição.
  A "marca dágua" que você vê em cada um dos arquivos é essencial para informar as pessoas sobre este projeto e ajudá-las a encontrar outros materiais através da Pesquisa de Livros do Google. Não a remova.

- Mantenha os padrões legais.
  Independentemente do que você usar, tenha em mente que é responsável por garantir que o que está fazendo esteja dentro da lei. Não presuma que, só porque acreditamos que um livro é de domínio público para os usuários dos Estados Unidos, a obra será de domínio público para usuários de outros países. A condição dos direitos autorais de um livro varia de país para país, e nós não podemos oferecer orientação sobre a permissão ou não de determinado uso de um livro em específico. Lembramos que o fato de o livro aparecer na Pesquisa de Livros do Google não significa que ele pode ser usado de qualquer maneira em qualquer lugar do mundo. As conseqüências pela violação de direitos autorais podem ser graves.

Sobre a Pesquisa de Livros do Google

A missão do Google é organizar as informações de todo o mundo e torná-las úteis e acessíveis. A Pesquisa de Livros do Google ajuda os leitores a descobrir livros do mundo todo ao mesmo tempo em que ajuda os autores e editores a alcançar novos públicos. Você pode pesquisar o texto integral deste livro na web, em `http://books.google.com/`

Dn 116.5

HARVARD COLLEGE
LIBRARY

From the Bequest of
MARY P. C. NASH
IN MEMORY OF HER HUSBAND
BENNETT HUBBARD NASH
Instructor and Professor of Italian and Spanish
1866–1894

DANTE ALIGHIERI

DIVINA COMEDIA

Traducção brasileira

DE

JOSÉ PEDRO XAVIER PINHEIRO

INFERNO

CAPITAL FEDERAL

Typ. do Instituto Profissional Masculino — Boulevard 28 de Setembro n. 33

1907

HARVARD COLLEGE LIBRARY
NASH FUND

A

AMERICO DE ALBUQUERQUE

e aos seus collegas do Conselho Municipal de 1897, que tudo fizeram pela publicação desta obra,

Gratidão da familia do traductor.

Não é difficil para mim, filho do traductor d'esta obra, dizer algo sobre a sua vida, que, desde a infancia, foi cheia de contrariedades e de lutas. Ninguem melhor poderá narrar a vida do meu saudoso progenitor do que eu, que o faço, sem pretensões de estylo, desataviadamente.

A biographia de meu Pae não é difficil de ser traçada: com duas pennadas estará feita.

Os seus contemporaneos ainda se recordam d'elle como um homem de caracter illibado.

Nasceu na capital da ex-provincia da Bahia de S. Salvador aos 12 de outubro de 1822. Seu pae foi rico negociante e, devido á traição de um amigo em que confiara quasi que todos os seus haveres para a realisação de transacção de alta monta, ficou pobre, quasi que na miseria e meu Pae, que tinha então seus 14 para 15 annos, viu-se impossibilitado de continuar os seus estudos de humanidades, que estavam em gráu adiantado.

Filho dedicado e amantissimo, vendo seus progenitores na dura contingencia, depois de certo conforto e bem estar, obrigados a trabalhar para tirarem a substancia quotidiana, não quiz ser mais pesado áquelles que tanto se esforçavam para completar a sua educação litteraria. Revestido de coragem, abandonou o aconchego d'seu lar tristonho e na penuria, foi leccionar o que sabia em varias fazendas de amigos de seu pae, que o acolheram de braços e bolsa abertos.

O pouco que recebia como gratificação ao seu trabalho de professor de creanças, entregava a meus avós, ficando só com o necessario para a compra de roupa.

Esta existencia tão tenra e forte lutou assim uns cinco a seis annos.

Os fazendeiros que apreciavam a energia viril da creança stoica, não puzeram duvida em protegel-a, pondo á sua disposição livros e dinheiro para que completasse a sua educação. Intelligencia lucida, com desejo de saber tudo, aceitou o offerecimento de seus protectores e de posse de livros, com os conhecimentos que tinha, foi se aperfeiçoando, recebendo novas luzes e haurindo novos conhecimentos.

Foi assim que a historia, a philosophia, a logica, as sciencias naturaes e as linguas latina, franceza e a que falamos, a agronomia, economia politica e outras sciencias, elle conheceu através os livros comprados pelos amigos de seu pae, que apreciavam a força de vontade do bom filho e a intelligencia do moço ávido de aprender.

Com á protecção de tão dedicados amigos, meu Pae veiu de novo para a Capital indo para a companhia de seus progenitores, pois tinha obtido meios praticos para fundar um jornal.

A sua vida tomou nova phase. A creança fez-se homem. A sua intelligencia já tinha o preparo sufficiente para arcar com todas as difficuldades de qualquer carreira: tornou-se jornalista arranjou outro meio, attrahiu novos amigos, conquistou sympathias, grangeou nomeada.

Seus amigos d'aquella epoca, Dr. João Mauricio Wanderley (barão de Cotegipe), Dr. João Alves Portella, Dr. José Antonio Saraiva, Dr. Manoel Pinto de Souza Dantas, Dr. João Adrião Chaves, D. Romualdo Seixas (arcebispo da Bahia), Dr. Abilio Cesar Borges (barão de Macahubas) e outros, que subiram ás mais altas posições no imperio, foram testemunhas do valor intellectual do jornalista que fazia todo um jornal, desde o artigo de fundo á noticia leve, bem feita e do polemista terrivel que esgrimia com sangue frio e habilidade.

Houve uma epoca em que a sua penna ao mesmo tempo escrevia para tres jornaes politicos, fazendo, com criterio elevado, com brilhantismo raro, as delicias dos seus contemporaneos. Para o moço jornalista não havia questão por mais intrincada que não désse a sua opinião, que era pesada e julgada como competente.

A instancias de seu amigo particular e intimo, seu compadre duas vezes, Dr. João Alves Portella, então depulado provincial, estudou tachygraphia e tornou-se, em tres mezes, stenographo.

De uma memoria prodigiosa, poude alcançar successo na rendosa arte.

Fez-se contratar na assembléa provincial, sendo o unico a fazer todo o serviço dos debates.

De uma independencia de caracter pouco commum, de uma altivez indomavel, de uma energia inquebrantavel, de um temperamento vibratil, meu Pae tinha assomos de leão quando sentia que o seu amor proprio era offendido, e foi por isso que, com grande magua no coração e tristeza n'alma, abandonou a sua terra natal, seus velhos paes e sua esposa e filhos.

Uma questão de brio offendido, nascida de uma discussão em jornal politico, que então meu Pae dirigia e redigia, com o presidente da assembléa provincial, cujo resultado foi a expansão material de um tinteiro vibrado ás faces do offensor, fez com que deixasse o circulo de seus affeiçoados.

Chegado á então Côrte, meu Pae, devido á influencia de seu amigo barão de Cotegipe, empregou-se como 2º official da secretaria da justiça, sendo transferido depois para a da agricultura, commercio e obras publicas, onde occupou todos os cargos, até director interino.

Incansavel no trabalho, ávido de alcançar tudo, meu Pae desdobrava a sua intellectualidade em várias occupações, como tachy-

grapho, como redactor de jornaes, como traductor de obras, como secretario de ministros, como correspondente de jornaes de fóra e como professor. Não conhecia a palavra cansaço, tinha methodo para o trabalho, sabia cumprir os seus deveres e era um exemplar esposo, um dedicado pae, um affectuoso amigo, um leal politico. Ninguem mais desinteressado do que elle, ninguem mais do que elle soube se [illegible] probidade.

A sua superioridade intellectual está espalhada: muitos, mesmo daquelles que tinham inveja do seu saber, são accordes em proclamar o seu merito.

O « Jornal do Commercio », *o* « Correio Mercantil », *o* « Diario do Rio de Janeiro », *o* « Globo », *a* « Semana Illustrada », « A Reforma » *e outros jornaes e revistas guardam nas suas collecções a variedade da collaboração do talento de meu progenitor.*

Outro teria deixado «obrinhas», *livrecos, como attestados de talento.*

Na Bahia publicou um livro didactico, que está hoje na duodecima edição « Epitome da Historia do Brasil » *e* « Eloquencia Sagrada ».

Para outros elle fazia livros, afim de figurarem como escriptores didacticos, poetas e romancistas. Innumeras traducções de obras scientificas correm mundo publicadas com pseudonymo, sem preoccupação de ver o seu nome figurando nellas.

A sua bibliotheca, escolhida e variada, era o seu conforto. Lia, estudava os classicos com um amor apaixonado. Diariamente consagrava uma hora para os seus escriptores predilectos: Frei Luiz de Souza, Fernão Pinto, Damião de Góes, Manoel Bernardes, Camões e Almeida Garrett. Amava a sua lingua com tanto carinho, que a má collocação de um pronome, o uso de um gallicismo, de uma impropriedade, de um cochilo, era motivo para exacerbal-o ou con-

trarial-o. Um escriptor qualquer que cahisse em seu desagrado pela primeira vez, não tinha direito a ser lido jámais por elle, ainda que melhorasse de fórma, ainda que trouxesse a melhor das recommendações.

Cultivava o latim, e na sua estante de classicos viam-se Terencio, Juvenal, Lucano, Virgilio, Ovidio, Lucrecio e Horacio, dos quaes tinha de memoria os trechos mais bellos.

Na secretaria da agricultura, onde trabalhou cerca de vinte e tantos annos, deixou provada a sua competencia em pareceres, informações e relatorios sobre assumptos de immigração e agricultura.

Ainda estão vivos companheiros seus de repartição, como os Srs. Machado de Assis e Arthur Azevedo, que podem ainda dizer do seu valor como funccionario publico.

A sua vida inteira, quarenta annos pelo menos, foi dedicada ás lettras, para não ser lembrada pelos seus contemporaneos.

Ninguem mais do que elle vivia das lettras, ninguem mais d'ellas cuidou com mais carinho, com mais dedicação.

Pela sua memoria, embora me faltem requisitos, hei de, emquanto viver, pugnar pela perpetuação de seu nome, porque não conheço na minha terra quem mais mereça do que elle.

Contra o silencio que tem sido feito em torno do nome de meu querido progenitor, vem a publicação do primoroso trabalho, inegualavel, da traducção da «Divina Comedia».

Foi em 1874, depois de ter lido, no « Globo », *uma traducção feita pelo primoroso escriptor Machado de Assis, de um canto do* « INFERNO », *que meu Pae se abalançou a « tomar tamanha empreza ».*

Meu progenitor, depois de ter lido o canto traduzido pelo psychologo de «Braz Cubas» *e achal-o encantador, interpretou, a conselho de seu collega, o canto immediato.*

O Sr. Machado de Assis achou que a traducção era primorosa e que quem tinha tão bem comprehendido o poeta florentino, podia traduzir todo o poema e isso o disse, de viva voz, a meu progenitor, que proclamava o seu collega como o causador d'elle ter posto todo o resto de sua existencia na trasladação do poema para a nossa lingua.

Meu Pae dizia a quem o quizesse ouvir, que ficara abalado com o conselho daquelle escriptor e por algum tempo lutou para pôr mãos á obra.

A vaidade de homem venceu o, e a 25 de dezembro de 1874 começou a traduzir os tercetos do « Inferno ».

Dizer o que foi essa luta, esse esforço, é lamentar profundamente que meu Pae tivesse procurado este meio para suicidar-se aos poucos, lentamente.

Todos os commentadores, todas as traducções, todos os interpretes, encheram uma grande estante, de 12 prateleiras, e, cercado do original e de todos os livros referentes á obra, começou o trabalho herculeo da traducção. Quatro, seis horas por dia, consagrava ao immortal poema; e foi assim, com uma dedicação sem limites, com um amor sem igual, que traduziu os 34 cantos do « Inferno », *os 33 do* « Purgatorio » *e os 33 do* « Paraiso ».

Meu Pae, quando encetou a traducção da « Divina Comedia », *mudou, de modo notavel, a sua vida. Exercia como sempre suas funcções de burocrata e de stenographo, mas desviou-se do convivio dos amigos e da sociedade, tornou-se outro; o seu genio que era indomavel, transformou-se inteiramente; só vivia a ler os commentadores da obra, só falava dos obices que encontrava: estava, inteiramente obcedado pelo cantor da filha de Portinari.*

Minha idolatrada e saudosissima Mãe por muitas vezes quiz intervir para que meu Pae desistisse do tentamen, o que não poude

porque, dizia elle, a sua honra estava empenhada na conclusão do trabalho.

Feita a traducção dos cem cantos do poema, começou novo esforço, nova luta: a annotação.

O que é a traducção do poema já está mais ou menos julgada, pelo «Inferno», *que foi publicado em 1888, editado pelo sr. José Luiz de Freitas, meu ex-cunhado, pelo que disseram as pennas dos escriptores nacionaes Arthur Azevedo, Luiz Murat, Valentim Magalhães, Lima Campos e outros. A annotação é uma maravilha: póde-se dizer que cada verso tem uma explicação elucidativa e que demonstra o quanto leu, o quanto estudou meu Pae para bem fazer a sua traducção.*

Traduzir, qualquer traduz; agora traduzir com amor, viver com o poeta, interpretar-lhe o pensamento, descobrir o que elle quiz dizer, com acerto, remontar á epoca em que elle viveu, conhecer minucias da sua vida, como fez o poeta bahiano de quem me ufano, é fazer cousa rara, como não se tem feito aqui no nosso paiz e creio que na lingua portugueza.

O verso é classico, o portuguez é de lei.

Quem me lê, achará que exagéro? Creio que não; faria o mesmo que eu faço, porque a verdade é uma: a obra ahi está, completa, exactissima, como o poeta a traduziu, a interpretou e a annotou.

O poeta-interprete do Dante fez mais do que poude, deu mais do que os outros que o tentaram fazer. A minha vaidade está em ser a traducção completa que ora apparece, a primeira que se fez na lingua portugueza, esmerada e artisticamente trabalhada.

Depois da annotação, o traductor da «Divina Comedia» *estudou a* «obra dantesca» *analyticamente, trecho a trecho, e deu-lhe a sua impressão e a dos innumeros commentadores. E' um volume especial, que ha de apparecer proximamente, com mais vagar.*

A traducção da « Divina Comedia », *encetada em dezembro de 1874, ficou definitivamente prompta, passada a limpo para o prelo, em janeiro de 1882.*

Os originaes têm variantes, que as preferi, porque achei como ultima palavra do poeta-traductor.

O poeta-traductor teve um derramamento cerebral a 27 de março de 1882 e falleceu a 20 de outubro do mesmo anno, com 60 annos de edade.

Ha 20 annos que lúto pela impressão da obra. O primeiro que se occupou do valor da traducção, foi o distincto homem de lettras Sr. Dr. Valentim Magalhães, nas « Notas á margem », *da* « Gazeta de Noticias », *transcrevendo trechos e fazendo justiça ao merito do trabalho. Minha familia deve-lhe esse obsequio, que aqui assignalo com sinceridade.*

Ainda no imperio, minha querida Mãe foi procurar o Sr. D. Pedro de Alcantara, então imperador, para pedir a impressão, na Typographia Nacional, da obra que elle apreciara nas celebres palestras do Collegio que tinha o seu nome, e cuja primeira parte— o « Inferno » *fôra-lhe entregue por meu Pae, seu amigo e admirador sincero, em papel superior, calligraphia optima e capa de velludo verde com as armas imperiaes gravadas a ouro.*

A resposta não se fez demorar:

— Que já sabia ter o meu progenitor deixado, em manuscripto, tão importante obra e que esperasse, por que tudo faria.

E eu estaria ainda á espera até hoje, si me fiasse em promessas imperiaes feitas a uma viuva de um servidor leal, não bajulador e que tanto soffrera em preterições na sua carreira de burocrata.

O traductor da « Divina Comedia » *tinha desejo de publicar o seu trabalho com as gravuras de Gustavo Doré e fazer uma edição rica, condigna do excelso poeta florentino.*

A fatalidade quiz que não pudesse satisfazer o seu desejo de artista e nem recebesse de seus patricios os louvores pelo seu trabalho ingente.

A luta que travei para a publicação da obra que tantos sacrificios custara a meu Pae, inclusive o de perdel-o para todo o sempre, está no dominio de todos aquelles que me conhecem.

Não quero, dizendo isso, attrahir glorias para mim, mas necessito accentuar que o meu serviço na publicação de tão grande monumento litterario fez-se com o meu amor á memoria d'aquelle de quem me orgulho, com extraordinaria abundancia de sentimento filial.

Em 1898, o meu distincto e particular amigo, homem de talento, poeta de merecimento e ardoroso republicano, capitão Americo de Albuquerque, que exercia o cargo de intendente municipal, querendo dar-me uma prova de sua dedicação e amizade e prestar uma homenagem de justiça ao meu querido progenitor, commemorou o 16º anniversario do seu passamento, produzindo na memoravel sessão de 20 de outubro d'aquelle anno, no seio do Conselho Municipal do Districto Federal, um extraordinario discurso, rico de fórma e de belleza, pondo em evidencia o merito do trabalho do poeta brasileiro.

Ainda tenho n'alma as palavras ungidas de sinceridade proferidas pelo meu bom amigo Americo de Albuquerque, que não só fez o panegyrico do illustre morto, como apresentou um projecto de lei autorisando o Prefeito a mandar imprimir no Instituto Profissional, estabelecimento municipal, a obra completa traduzida por meu saudosissimo progenitor.

Esse projecto obteve, além da assignatura de seu digno autor, as dos Srs. Eugenio Carvalho, Tertuliano da Gama Coelho, Carlos Joaquim Barbosa, Manoel Corrêa de Mello, José Francisco Lobo

Junior, Dr. Luiz Carlos Duque Estrada, Quirino de Araujo, Dr. Henrique Tavares Lagden e Dr. Joaquim José da Rosa, meus distinctos amigos, que se ligaram, de coração, ao preito prestado ao brasileiro que tanto enaltecera as lettras nacionaes.

Toda a imprensa vibrou um hymno unisono, fazendo os maiores elogios á idéa de Americo de Albuquerque e de seus collegas que se ligaram a elle.

Disse toda a imprensa, não é verdade; um jornal— « A Cidade do Rio », *foi o unico que, esquecendo que tinha como director um homem de talento, atacou o projecto que mandava imprimir a maravilhosa epopéa e profligou o procedimento de um brasileiro intelligente que queria salvar do olvido e das traças um trabalho primoroso e que é um padrão de gloria para as lettras patrias. Neste concerto de applausos, sómente houve essa reprovação. Não me importei, não me melindrei: partia de um inimigo politico, que, não me podendo fazer mal, frente á frente, procurou ferir o meu coração de filho amante e extremoso, offendendo a memoria de um ente caro.*

Registro o facto, nestas paginas, para que todos avaliem a quanto chega o odio humano.

O projecto-Americo de Albuquerque foi approvado em tres discussões, com maioria absoluta, sempre com a grita d'aquelle supracitado jornal vespertino, que até pediu para elle um «veto moralisador» ! O Prefeito de então, o Sr. Dr. Ubaldino do Amaral, que dizem ser um intellectual, não sanccionou o projecto, mas tambem não o «vetou», *como desejava aquelle jornal; deixou passar os dias da lei, e o vice-presidente do Conselho Municipal promulgou-o a 3 de novembro de 1898.*

Eu preciso, para que fique bem accentuado o meu serviço na publicação d'esta obra, registrar o que disse Gustavo Santiago, esse

moço de grandes idéaes e de coração extraordinario, quando o projecto approvado subiu á sancção do Prefeito:

«Resta agora que o Prefeito, o illustrado e intelligente Sr. Dr. Ubaldino do Amaral, não desmerecendo da tradição que o acompanha de longe de leitor enthusiasta de Anthero de Quental, com a largueza de vistas propria aos verdadeiros intellectuaes, amando Verlaine e admirando Mallarmé, com um respeito profundo por Baudelaire—o extraordinario contemplativo; resta agora que S. S. lhe dê a sua assignatura, francamente, desassombradamente, sem pequeninas considerações ignobeis, sem coisinhas de economias lorpas, tornando-o de logo lei, lei que só o póde encher de satisfação, lei que, de futuro, talvez seja das unicas poucas a salvarem-lhe a administração.

Ha em que economisar: é na suppressão de verbas desnecessarias, na diminuição de empregados « filhotes », *no não accrescimo de obrigações despendiosas e inuteis. Tratando-se, porém, da intellectualidade de um paiz, de trabalhos e serviços que só elles é que vão servir para de algum modo fazer esquecer aos posteros as miserias e infamias contemporaneas, não se tem o direito de titubear, de ficar indeciso entre conceder e negar, de olhar para isto ou para aquillo.*

Assigne S. S. a lei sem fraquezas inadmissiveis, sem dubiedades grosseiras e profundamente caracteristicas dos temperamentos mediocres, e terá prestado ao Brasil serviço maior que o do proprio go-

verno do bacharel Prudente de Moraes, durante os seus quatro annos de vida.»

Apezar d'esse forte e patriotico appello, o Sr. Dr. Ubaldino do Amaral preferiu não ligar o seu nome á grande obra, praticando um acto de inteira justiça a um patricio digno de todo o apreço: não sanccionou, deixou que outro o fizesse. Peior para elle.

Approvada a redacção final do projecto-Americo de Albuquerque em 28 de outubro e promulgada a lei em 3 de novembro, restava obter-se o credito para a impressão da obra de Alighieri e Xavier Pinheiro.

A campanha não estava finda: o meu trabalho devia continuar, sobranceiramente, com o intuito firme de salvar do esquecimento a obra-prima da litteratura italiana, a traducção mais correcta e mais artistica que se fez na lingua que falámos e escrevemos.

O mesmo Conselho Municipal que fizera a lei, foi ao encontro do Executivo Municipal, e, quando confeccionou o orçamento para 1899, consignou, em um dos seus paragraphos, como despeza, a verba de quinze contos de réis para a impressão da obra que meu Pae interpretou como rara fidelidade.

Vencida esta campanha, tornava-se necessario obter a autorisação do Prefeito afim de que os originaes da obra fossem para as officinas typographicas do estabelecimento municipal.

Requeri ao então Prefeito interino, o Sr. Honorio Gurgel, a autorisação, e, como o Instituto Profissional é dependente da Directoria de Instrucção, o meu requerimento foi ás mãos do Sr. Benedicto Valladares.

Este cidadão, que tem um pergaminho e é doutor em borla e capello, ao informar o meu requerimento pedindo um cousa legalissima, autorisada, disse umas semsaborias, uns dislates, tantas necedades, que me vi forçado a dirigir-lhe uma «Carta Aberta» *em*

22 de maio de 1899, pela «A Tribuna», *provando a sua incompetencia, o pouco criterio que teve ao informar o meu requerimento.*

O Prefeito interino, que tambem dizem ser um homem lido e entendido em cousas litterarias, mostrou-se infenso á publicação da obra e... concordou com a informação do doutor em borla e capello, do Sr. Benedicto Valladares.

Aqui ficam os seus nomes consignados como lembrança do muito que lhes devo.

Não esmoreci com a informação, nem com a confirmação das duas « autoridades ».

Em 13 de julho do mesmo anno, o talentoso e honrado intendente Leoncio de Albuquerque, meu intimo amigo, apresentou uma indicação com endereço ao Prefeito, o Sr. Dr. Cesario Alvim, para cumprir a lei que autorisava a Prefeitura a imprimir, á sua custa, a « Divina Comedia », *e a que dava o credito necessario para a sua impressão.*

Esta indicação, que foi approvada sem debate, teve a assignatura de outros amigos meus, cujos nomes assignalo desvanecido e grato, e são as dos Srs. Dr. J. J. Pereira Braga, coronel Carlos Leite Ribeiro, Ataliba Pinto dos Reis, Dr. Frederico Smith de Vasconcellos, Dr. João de Figueiredo Rocha, Antonio José Leite Borges e Pedro M. dos Reis.

Enviada ao Sr. Prefeito, em cópia-authentica, a indicação, o caso que fez foi não dar a menor importancia.

Ainda d'esse senhor dizem que elle cuida de cousas litterarias e aprecia as bellas lettras...

Deu excellente demonstração, com o seu procedimento, não ha duvida.

Veiu outro Prefeito, este amigo, mas... deixou para o outro. Veiu outro, este amigo tambem, mas... nada fez e sahiu.

O grande poeta das « Ondas », *Luiz Murat, dirigiu a 22 de agosto de 1901, pela* « A Tribuna », *uma* « Carta Aberta » *ao Sr. Dr. João Felippe Pereira, que era o 2º Prefeito amigo, que com certeza leu-a, mas não comprehendeu ou não quiz comprehender os desejos manifestados pelo poeta.*

A Carta ficou sem resposta.

Outro que não fosse eu, já teria desanimado e tomado o conselho de meu irmão mais velho e meu amigo, quando o bacharel Benedicto Valladares deu o seu estupefaciente parecer ao meu requerimento: queimar na praça publica, com testemunhas e um protesto em regra, os originaes da traducção.

Não esmoreci e conservei, com mais carinho e com mais amor, os originaes queridos do meu idolatrado progenitor.

Tinha confiança na minha tenacidade e aguardava dias melhores.

O illustre bahiano, deputado federal, Sr. João Neiva, que me distingue com algum apreço e amizade, poz-se á minha disposição para apresentar uma proposição á Camara dos Deputados, mandando o governo federal imprimir a traducção na Imprensa Nacional. Não rejeitei a gentileza extraordinaria do meu distincto concidadão, mas ponderei-lhe que tinha uma lei municipal que dependia de cumprimento. Si ella me falhasse inteiramente, correria pressuroso a aceitar o offerecimento do meu bom e generoso amigo.

Veiu novo Prefeito e este, mais amigo do que os outros, alma sonhadora, espirito culto, capaz de avaliar um trabalho artistico e litterario.

Não tive duvida : com o coração esperançado, cheio de alegria, enderecei, a 28 de outubro de 1901, um requerimento ao Sr. Dr. Xavier da Silveira Junior, o Prefeito amigo e intellectual, e pedi-lhe o cumprimento exacto das leis que autorisara e votara a impressão da obra de que eu era possuidor dos originaes.

Informado pelo director de instrucção, o Sr. Medeiros e Albuquerque, o Sr. Dr. Xavier da Silveira Junior mandou que o Instituto Profissional recebesse de minhas mãos os originaes queridos para imprimil-os, de accôrdo com as leis approvadas.

E ganhei a campanha, e a victoria foi assignalada pela imprensa, com os mais justos louvores ao illustre Sr. Dr. Xavier da Silveira Junior, que ligou o seu nome a um dos mais importantes monumentos das nossas lettras.

Eis, em pallidas linhas e em estylo desataviado, o que me cumpria dizer sobre a vida do egregio traductor d'esta obra, guardada ha 20 annos.

Cumpri o meu dever cuidando da sua publicação para salvar do olvido a memoria do meu saudoso e muito amado progenitor.

Os competentes que façam a justiça devida ao seu esforço, ao seu talento e á sua illustração.

Onorate l'altissimo Poeta.

Abril—1903.

J. A. Xavier Pinheiro.

CANTO I

1. Da nossa vida em meio da jornada [1]
Achei-me n'uma selva tenebrosa, [2]
Tendo perdido a verdadeira estrada.
2. Dizer qual era é cousa tão penosa
D'esta brava espessura a asperidade,
Que a memoria a relembra inda cuidosa.
3. Na morte ha pouco mais de acerbidade ; [3]
Mas para o bem narrar lá deparado [4]
De outras cousas que vi, direi verdade.
4. Contar não posso como tinha entrado ;
Tanto o somno os sentidos me tomara,
Quando hei o bom caminho abandonado.
5. Depois que a uma collina me acercara, [5]
Onde ia o valle escuro terminando,
Que pavor tão profundo me causara,
6. Ao alto olhei, e já, de luz banhando
Vi-lhe estar as espaldas o plancta, [6]
Que, certo, em toda parte vai guiando.
7. Então o assombro um tanto se aquieta,
Que do peito no lago perdurava
N'aquella noite attribulada, inquieta.

8. E como quem o anhelito esgotava
Sobre as ondas, já salvo, inda medroso
Olha o mar perigoso em que luctava,
9. O meu animo assim, que treme ancioso
Volveu-se a remirar vencido o espaço
Que homem vivo jamais passou ditoso.
10. Tendo já repousado o corpo lasso,
Segui pela deserta falda avante;
Mais baixo sendo o pé firme no passo. [7]
11. Eis da subida quasi ao mesmo instante
Assoma agil e rapida panthera [8]
Tendo a pelle por malhas cambiante.
12. Não se afastava de ante mim a fera ;
E em modo tal meu caminhar tolhia,
Que atraz por vezes eu tornar quizera.
13. No ceu a aurora já resplendecia,
Subia o sol, dos astros rodeado,
Seus socios, quando o Amor divino um dia
14. A taes primores movimento ha dado.
Me infundiam d'esta arte alma esperança
Da fera o dorso alegre e mosqueado, [9]
15. A hora amena e a quadra doce e mansa,
De um leão de repente surge o aspecto,
Que ao meu peito o pavor de novo lança. [10]
16. Que me invistisse então cuido inquieto ;
Com fome e raiva atroz fronte levanta ;
Tremer parece o ar ao seu conspecto.
17. Eis surge Loba, [11] que de magra espanta ;
De ambições todas parecia cheia ;
Foi causa a muitos de miseria tanta !
18. Com tanto intensa torvação me enleia
Pelo terror, que o senho seu movia,
Que a mente á altura não subir receia.
19. Como quem lucro anhela noite e dia,
Se acaso o tempo de perder lhe chega,
Rebenta em pranto e triste se excrucia,

20. A fera assim me fez, que não socega ;
Pouco a pouco me investe até lançar-me
Lá onde o sol se cala e a luz me nega.
21. Quando ao valle eu já ia baquear-me
Alguem fraco de voz diviso perto,
Que após largo silencio quer falar-me.
22. Tanto que o vejo n'esse grão deserto,
—« Tem compaixão de mim !—bradei transido—
Quem quer que sejas, sombra ou homem certo! »
23. « Homem não sou » tornou-me — « mas hei sido,
Paes lombardos eu tive ; sempre amada
Mantua lhes foi ; haviam lá nascido.
24. « Nasci de Julio [11] em éra retardada,
Vivi em Roma sob o bom Augusto,
Quando em deuses havia a crença errada.
25. « Poeta, decantei feitos do justo
Filho de Anchises, que de Troya veio,
Depois que Ilion soberbo foi combusto.
26. « Mas porque tornas da tristeza ao meio ?
Porque não vajs ao deleitoso monte,
Que o prazer todo encerra no seu seio ? »
27. «— Oh ! Virgilio, tu és aquella fonte [12]
D'onde em rio caudal brota a eloquencia ? »
Falei, curvando vergonhoso a fronte.—
28. « O' dos poetas lustre, honra, eminencia !
Valham-me o longo estudo, o amor profundo
Com que em teu livro procurei sciencia !
29. « E's meu mestre, o modelo sem segundo ;
Unicamente és tu que has me ensinado
O bello estylo que honra-me no mundo.
30. « A fera vês que o passo me ha vedado ;
Sabio famoso, acude ao perseguido !
Treme no pulso e veias, transtornado ! »
31. Respondeu, do meu pranto condoido:
« Te convem outra rota de ora avante
Para o logar selvagem ser vencido.

32. « A fera, que te faz bradar tremante,
Aqui passar não deixa impunemente ;
Tanto se oppõe, que mata o caminhante.
33. « Tem tão má natureza, é tão furente,
Que os appetites seus jamais sacia,
E fome, himpando, mais que de antes sente.
34. « Com muitos animaes se consorcia, [14]
Hade a outros se unir té ser chegado
— Lebreu [15], que a leve á horrida agonia.
35. « Por ouro ou por poder nunca tentado
Saber, virtude, amor terá por norte,
Sendo entre Feltro e Feltro potentado.
36. « Será da humilde Italia amparo forte,
Por quem Camilla a virgem dera a vida.
Turno, Euryalo, Niso [16] acharam morte.
37. « Por elle, em toda a parte, repellida
Irá lançar-se no infernal assento,
D'onde foi pela Inveja conduzida.
38. « Agora, por teu prol, eu tenho o intento
De levar-te commigo; ir-te-hei guiando
Pela estancia do eterno soffrimento,
39. « Onde, estridentes gritos escutando,
Verás almas antigas em tortura
Segunda morte a brados supplicando.
40. « Outros ledos verás, que, em prova dura
Das chammas, inda esperam ter o gozo,
De Deus no gremio da immortal ventura.
41. « Se lá subir quizeres, um ditoso
Espirito melhor [17] te será guia,
Quando eu deixar-te ao reino glorioso.
42. « Do ceu o Imperador, a rebeldia
Minha á lei castigando, não consente
Que eu da cidade sua haja a alegria.
43. « Em toda a parte impera omnipotente,
Mas tem no Empyreo sua augusta séde :
Feliz por elle o eleito á gloria ingente ! »

44. — « Vate , rogo-te » — eu disse « — me concede,
Por esse Deus, que nunca has conhecido,
Porque este e maior mal de mim se arrede. »

45. « Que, até onde disseste conduzido,
A' porta de São Pedro eu vá comtigo
E veja os máus que houveste referido. »
Move-se o Vate então, após o sigo.

NOTAS AO CANTO I

A acção da Divina Comedia começou na noite de 4 para 5 de março do anno de 1300, anniversario da Paixão de Jesus Christo, vespera da sexta-feira santa. Por esse tempo achava-se Dante em Roma, no caracter de Embaixador de Florença, enviado para assistir á grande solemnidade do primeiro jubileu proclamado pelo Papa Bonifacio VIII. A occasião era a mais propicia á maravilhosa jornada, em que o Poeta consumiu sete dias: dois no inferno, quatro no purgatorio e um no paraiso.

Era meia noite e plenilunio, quando Dante achou-se na *selva selvaggia*, trajando o habito, o cordão e as sandalias da ordem de S. Francisco, sobre alvorada tocou a fronteira, que partia o mundo physico do invisivel.

Transvia-se Dante em uma selva tenebrosa, d'onde esforça-se por sahir subindo uma collina. Oppõem-se-lhe uma panthera, um leão e uma loba. Apparece-lhe Virgilio, que o convida a visitar os reinos eternos, afim de evitar aquelles perigos, servindo-lhe de guia pelo inferno e purgatorio e entregando-o depois á direcção de Beatriz, que o conduzirá ao paraiso. Dante acceita.

---

[1] Infere-se d'este verso que Dante declara que se realisou a sua viagem no anno de 1300, aos 35 annos de sua idade. Esta era a sua opinião manifestada no *Convito*, de harmonia com estas palavras de David em um dos seus Psalmos:— *Dies hominis septuaginta anni.*— Tambem disse o propheta Isaias:— *In dimidio dierum meorum vadam ad portas inferi* (c. XXXVIII).

Escreveu Dante, no *Convito* (trattato IV, c. XXIV):

« Divide-se a vida humana em quatro estações. Chama-se a 1ª, adolescencia; a 2ª, juventude; a 3ª, velhice; a 4ª, decrepitude. Concordam os sabios em que a adolescencia prolonga-se até os 25 annos, tendendo então a nossa alma a desenvolver e a aformosentar o corpo, havendo muitas mudanças na pessoa e ainda não estando a parte racional no uso perfeito da discripção, e prescrevendo, por isso, o direito civil que o homem, antes de completar essa idade, não seja habil para certos actos, senão mediante curador, em quem con-

corra essa condição.—A juventude, comquanto descrepem em definil-a medicos e philosophos, é verdadeiramente o apice da vida humana, sendo de 20 annos a duração d'essa idade. A razão que tenho para affirmal-o é que, admittindo estar aos 35 annos a parte culminante do nosso arco, quanto ha de ascensão na mesma idade, quanto ha de declinação, pontos estes que concorrem no centro, em que o arco póde ser empunhando e em que pouca flexão se nota. E, pois, encerra-se a juventude aos 45 annos.—E assim como a adolescencia attingiu a juventude aos 25 annos, assim a declinação, isto é, a velhice, occupa igual espaço de 25 annos, rematando aos 70...—Além da velhice, ha o periodo de 10 annos, pouco mais ou menos, denominado decrepitude, á qual chegou Platão, de quem ultimamente se póde dizer que conseguiu a sua maturescencia, tanto por sua perfeição, como por seu parecer, pois viveu 81 annos. E eu creio que, si Jesus Christo não fosse crucificado, si tivesse vivido tanto quanto a natureza o permittia, teria aos 81 annos o seu corpo mortal passado á eternidade ».

[2] Ao parecer de uns, a selva tenebrosa symbolisa os transes, que affligiram o Poeta em seu desterro.

Entendem outros que significa as calamidades que á Italia occasionaram as prolongadas e sanguinosas contendas, em que se dilaceravam Guelfos e Gibellinos. Julgam outros que allude ás paixões, vicios e desvarios, em que ordinariamente se transvia o coração do homem.

[3] No juizo dos mais auctorisados commentadores, refere-se á *acerbidade* ao horror e não á selva, ou á difficuldade na narrativa, como a alguns pareceu.

[4] Consiste o *bem* no soccorro que prestou Virgilio. Antes de mencional-o, cumpria ao Poeta dizer os perigos que correra.

[5] As collinas, cujas espaldas o sol banhava, indica na allegoria a serenidade da paz e a tranquillidade geral, cujo estabelecimento na Italia Dante esperava pelo desbarato dos Guelfos. Tambem se interpretava aquelle clarão como luz, que desvanece as nevoas das paixões e mostra as boas veredas.

[6] O sol. Camões tambem disse :

Já nesse tempo o lucido planeta,
Que as horas vae do dia distinguindo...

(*Lus.* C. II, EST. 1)

No systema de Ptolomeu, reproduzido por Copernico, o sol é denominado planeta.

[7] Disse Jeremias (V. 6) : — *Percussit eos leo de silva; lupus ad vesperam vastavit eos, pardus vigilans super civitates eorum. Omnis qui egressus fuerit ex eis capietur.*

Representa a panthera, segundo uns, Florença, que repellia de si Dante, por ella condemnado a desterro. Outros vêm nesta figura a allegoria da vida humana, e consideram a panthera symbolo da luxuria.

[8] O dorso ledo e mosqueado era, pela variedade das côres, para o poeta auspicio de que as graciosas exterioridades de Florença facilitariam o contentamento que se haviá de originar na paz tão desejada.

[9] No leão se tem querido descobrir a ambição do poder e a soberba, preferindo-se a allegoria moral á politica. Para muitos, o leão refere-se a Carlos de Valois, irmão de Philippe o Bello, que foi chamado á Italia por Bonifacio VIII, e assenhoreou Florença no supposto caracter de *paciere*, opprimindo e desterrando o partido Branco.

Lê-se nos Proverbios: *Sicut fremitus leonis ita et regis ira* (XIX, 12).
Sicut rugitus leonis, ita et terror regis (XX, 2)

[10] Moralmente a loba é a avareza; politicamente representa o poder temporal dos Papas. Tambem se tem entendido que symbolisa o partido Guelfo.

[11] Julio Cesar.

[12] Enéas, de quem disse Virgilio, c. I da *Eneida:*

Rex era Æneas nobis, quo justior alter
Nec pietate fuit, nec bello magis et armis.

[13] N'este e nos seguintes tercetos manifesta Dante a veneração universal em que era tido Virgilio, refere-se ao prestigio, quasi sobre-natural que exercia o seu nome sobre a imaginação popular nos seculos da Meia Idade, principalmente na Italia. Virgilio, que o povo proclamara poderoso magico, está no poema significando a sciencia humana ou a philosophia, como Beatriz, a sciencia divina ou a theologia.

Emquanto, no largo periodo da decadencia das lettras até a aurora do Renascimento das lettras na Europa, o nome de muitos dos mais abalisados prosadores e poetas da idade aurea da latinidade era apenas conhecido dos seus raros cultores, que sobreviviam no geral naufragio, a fama de Virgilio, que já no seu seculo era incomparavel, dilatou-se maravilhosamente, em especial nas regiões occidentaes. Este phenomeno tanto mais notavel se fez, quanto aos louros do poeta a admiração juntava a aureola quasi de um santo e o prestigio de magico. Esta ultima qualidade foi-lhe em grande parte attribuida na Italia, e em especial em Napoles, onde, até certa epocha, os lazzaroni juravam por Virgilio com devoção exemplar, que acompanhava, de longe, é certo, a que lhes merecia o seu grande padroeiro, S. Januario.

Muitas maravilhas foram attribuidas ao poeta mantuano, como a um nigromante assáz poderoso para competir com o famoso Merlim. Tão subido era o seu numero, que deu azo a crer-se que realmente nos seculos da Meia Idade houvera um Virgilio, que, sem ser poeta, alcançara da credulidade popular predicamentos sobrenaturaes. Não se limitaram os seus enthusiastas a tel-o em fôro de eminente magico; respeitavam-o e veneravam-o quasi como um santo, como um propheta, que vaticinara a missão de Jesus Christo nos versos:

Magnus ab integro.

[14] Os potentados e principes alliados do Papa.

[15] Lebreu (veltro) é inimigo natural da loba. Nesta accepção usa Dante d'esta palavra em varios logares da *Divina Comedia*, applicando-a aos Gibellinos, ao passo que qualifica de lobos aos Guelfos. É assim que denomina Mastins aos Malatestas de Verruchio, senhores de Rimini e abalisados Gibellinos da Romanha (*Inf.* XXVI, 46); cães os Gibellinos de Pisa, Sismondis, Galandis e Lanfranchis, que perseguiam Ugolino e seus filhos, chamados lobo e lobinhos (*Inf.* c. XXXIII, 31, 32); vê os cães convertidos em lobos, ou Gibellinos transformados em Guelfos no territorio talhado pelo Arno (*Purg.* XIV, 49); e dá o nome de alões aos Aretinos, tambem Gibellinos (ib. 46).

Mas Dante não se referiu especialmente a Can Grande della Scala, como muitos commentadores auctorizados suppuzeram. O conde Troya copiosamente demonstrou que a denominação cabe unicamente a Uguccione della Faggiola, no seu erudito livro—*Del Veltro allegorico di Dante*. Um dos seus mais notaveis trechos, trasladados para aqui, convencerá d'esta verdade:

« A verdadeira explicação não souberam dal-a Boccacio e Benvenuto d'Imola, limitando-se a repetir o dizer dos mais antigos. D'estes, uns cuidavam que o *veltro* era Jesus Christo, que apparecia entre ceus e ceus, entre constellações e constellações, como entre dous pannos de feltro, como se Dante no introito do poema quizesse delirar com os Millenarios, ou crer que a vinda prematura do Senhor sómente a terra da Italia devesse avantajar. Queriam outros que o *veltro* fosse um principe tartaro; e outros, que se tratava de um principe que tinha de vir á luz da vida entre o Monte Feltro e a cidade de Feltro. Esta ultima supposição foi assáz reprovada por Benvenuto. A crença, facilmente acceita pela maioria, sómente formou-se pela similhança casual dos nomes Can della Scala e *veltro* com o accrescimo de ser animal por indole adverso á loba.

« D'aqui seguiu-se a opinião de que Can della Scala, natural de Verona, entre Monte Feltro e Feltro na Marca Trevigiana, era o principe vaticinado por Alighieri, como se nessa vasta extensão outras cidades não se demorassem conjuctamente com Verona, as mais insignes da Italia, Mantua, Modena, Ferrara, Bolonha. A estulta prophecia de Miguel Scoto (*Paduæ magnatum plorabunt filii necem diram et horrendam* CATULOQUE *Veronæ*) deu azo a um egregio engenho veneziano para ler n'essas palavras uma promessa, feita a Can Scaligero, de avassalar toda a região situada entre a Marcha de Trevigi e a de Ancona. Diga-se no emtanto, em abono da verdade, que as palavras de Scoto não auctorizam interpretação tal.

« O certo é e provado está que Can nunca militou fóra da Lombardia, nem por interesses da Toscana e Romanha e, portanto, pelos de Alighieri. Outros bem differentes, já antes de 1300 a 1308, quando apenas Scaligero sahia das mantilhas da infancia, tinham campeado na Romanha e Toscana, lançando os Guelfos de cidade em cidade, em contraposição ao poder temporal de Roma.

« Uguccione della Faggiola, principe temido de Bonifacio VIII, *podestá* nove vezes reeleito de Arezzo, parente por affinidade de Corso Donate e de Alighieri, foi o VELTRO *allegorico* de Dante, o *veltro* posto de atalaia na fronteira da Toscana e Romanha, infatigavel em aggressões até ás portas de Florença e Roma; o *veltro* a quem Dante dedicava o Inferno por intervenção de Fr. Hilario. Ao valente e generoso animal não cabia outro alimento que sapiencia e virtude: louvor excelso, que indiscripção seria querer torcer em prol do adolescente imberbe Scaligero.

« O artificio da prophecia de Virgilio e a necessidade poetica de conservar os terminos allegoricos das tres alimarias» da floresta, induziram Alighieri a omittir o nome da quarta, o *veltro*. Igual silencio guardou na dedicatoria do Purgatorio a Moroello Malaspina e o Paraiso a Can Grande della Scala. O estado dos negocios em 1308 e os intuitos politicos de Alighieri obrigaram-o a não revelar quem fosse o *veltro*. Igualmente deixou de descrever a patria ou o dominio entre Feltro e Feltro, isto é, a Faggiola entre as cidades Feltrias de Macerata e San Leo ».

Com relação a Miguel Scotto escreveu, no seu estimado livro, o illustre Troya ainda estas palavras, que darão ao leitor noticia d'esse individuo, de quem Dante disse, no c. XX do *Inferno:*

Michele Scotto fu chi veramente
Delle magiche seppe il giuoco.

« Em 1291, Can Grande della Scala estava na infancia: seu pai Alberto teve outros filhos Bartholomeu e Alboino, além de José, bastardo, que fez abbade de S. Zeno em Verona. Reinou Alberto depois de Mastino com o titulo de *podestá* e *capitano*, e a adulação rodeou de faustos auspicios o berço de Can. Miguel Scotto, velho, medico e astrologo de Frederico II, proferira breves e abstrusas palavras acerca de futuras pelejas e requestas e de um pequeno *cão* de Verona: Giovanni Villani conservou essas insensatas e vans. E no emtanto

o vulgo acreditou de boa mente que Can teria de assenhorear Padua. Scotto falleceu no mesmo anno, em que Can veiu á luz ».

[16] Humilde Italia. Refere-se á parte da peninsula chamada *Bassa Italia*, onde demora o Lacio, onde pelejaram e morreram Camilla, filha de Metabo, Rei dos Volscos, Euryalo e Niso, companheiros de Enéas, e Turno, Rei dos Rutulos, seu competidor á mão de Lavinia, promettida por Latino, seu pai, ao principe troyano.

Virgilio disse na *Eneida*, C. III V. 522 :

Obscuros colles humilemque videmus Italiam.

[17] Beatriz que no c. XXX do *Purgatorio* se apresenta para guiar Dante no Paraiso.

CANTO II

1. Fôra-se o dia; e o ar, se ennevoando, [1]
Aos animaes, que vivem sobre a terra,
As fadigas tolhia; eu só, velando,
2. Me apparelhava a sustentar a guerra [2]
Da jornada, assim como da piedade,
Que vai pintar memoria, que não erra.
3. O' Musas! O' do genio potestade!
Valei-me! Aqui, ó mente, que guardaste
Quanto vi, mostra a egregia qualidade.
4. « Poeta,— assim falei,— que começaste
A guiar-me, vê bem se em mim persiste
Valor, que á empreza, que me fias, baste.
5. « Que o pae de Sylvio [3] fôra referiste,
Corruptivel ainda, até o inferno
Sem perder o que em corpo humano existe. [4]
6. « Se do mal assim quiz o imigo eterno,
Origem vendo nelle do alto effeito,
O que e o qual, segundo o que discerno,
7. « Pela razão bem póde ser acceito;
Que para Roma e o imperio se fundarem
Fôra no ceu por genitor eleito;

8. « Á qual e ao qual cabia apparelharem,
Dizendo-se a verdade, o logar santo
Aos que do maior Pedro [5] o solio herdarem.
9. « Nessa empreza, em que o has louvado tanto
Cousas ouviu, de que surgiu motivo
Ao seu triumpho e ao pontificio manto.
10. « Lá foi o Vaso Eleito [6] ainda vivo:
Conforto ia buscar á fé, que á estrada
Da salvação principio é decisivo.
11. « Porque irei ? Quem permitte esta jornada ?
Enéas, Paulo sou ? Essa ventura
Nem eu, nem outrem crê ser-me adaptada.
12. « Receio, pois, seja acto de loucura,
Se eu me resigno a commetter a empreza.
Suppre, és sabio, o que digo em phrase escura. »
13. Como quem ora quer, ora despreza,
Sua alma a idéas novas tem disposta,
Mostrando aos seus designios extranheza,
14. Assim fiz eu na tenebrosa encosta,
Porque, pensando, abandonava o intento,
Formado á pressa,que ora me desgosta.
15. « Do teu dizer se attinjo o entendimento »
Do Magnanimo a sombra me tornava,
« Eivado estás de ignobil sentimento,
16. « Que do homem muita vez faz alma ignava,
Das honrosas acções o desviando,
Qual sombra, que o corsel ao medo trava.
17. « D'esse temor livrar-te desejando
Porque vim te direi e quanto ouvido
Hei logo ao ver-te misero luctando.
18. « No Limbo [7] era suspenso: eis requerido
Por Dama fui tão bella, tão donosa,
[illegible] s ordens suas presto lhe hei pedido.
19. « Brilhavam mais que a estrella radiosa
Os seus olhos; suave assim dizia
De anjo com voz, falando-me piedosa:

20. « De Mantua alma cortez, que inda hoje em dia
No mundo gozas fama tão sonora,
Que, emquanto existir mundo, mais se amplia,
21. « Amigo meu, que a sorte desadora, [8]
Pela deserta falda indo, impedido
De medo, atráz os passos volta agora.
22. « Temo que esteja tanto já perdido,
Que tarde eu tinha vindo a soccorrel-o,
Pelo que lá no ceu d'elle hei sabido.
23. « Parte, pois, e com teu discurso bello
E quanto o salvar possa do perigo
Lhe acode; e me console o teu desvelo.
24. « Sou Beatriz, que envia-te ao que digo,
De logar venho a que voltar desejo:
Amor conduz-me e faz-me instar comtigo.
25. « Voltando ao meu Senhor, em todo o ensejo
Repetirei louvor, que has merecido ».—
Tornei-lhe, quando já calar-se a vejo:
26. « Senhora da virtude, a quem tem sido
Dado só que preceda a especie humana
Quanto é no mundo sublunar contido, [9]
27. « Tanto praz-me ordem que de ti dimana,
Que, já cumprida, houvera inda demora:
Em me abrir teu querer não mais te afana.
28. « Diz-me, porém, por que razão, Senhora,
Baixar a este centro has resolvido
Do ceu, a que ardes por voltar agora. »
29. « Se queres tanto ser esclarecido
Eu te direi »—tornou-me—« phrase breve
Porque sem medo ás trevas hei descido.
30. « Sómente as cousas receiar se deve
Que a outrem podem ser causa de damno
Não das mais: a temor a causa é leve.
31. « De Deus favor creou-me soberano
Tal, que a vossa miseria não me empece
Nem d'este incendio assalta o fogo insano.

32. « Nobre Dama [9] ha no ceu, que compadece
O mal, a que te envio; e tanto implora,
Que lá decreto austero se enternece.
33. « Volvendo-se á Luzia, [10] assim a exora:
« O teu servo fiel tanto periga,
Que ao teu amparo o recommendo agora. »
34. « Luzia, sempre do que é máu imiga
Ergueu-se e ao logar foi, em que eu sentada
Ao lado estava de Rachel antiga.
35. « De Deus vero louvor ! » — diz-me apressada —
Porque não soccorrer quem te amou tanto,
Que só por ti deixou do vulgo a estrada ?
36. « Não lhe ouves, Beatriz, o amargo pranto ?
Não vês que junto ao rio é combatido,
Que ao mar não corre, por mortal espanto ? »
37. Os damnos, tão veloz, não tem fugido
Ninguem, nem procurado o que deseja,
Como eu, em tendo vozes taes ouvido ;
38. « O throno meu deixei, porque te veja,
Fiada em teus discursos eloquentes,
Honra tua e de quem te ouvindo esteja ».
39. « Assim falava e os olhos seus fulgentes
Com lagrimas a mim ella volvia,
Para apressar-me a vir assaz potentes.
40. « A ti vim, pois, como ella requeria ;
Da féra te livrei, que da collina
Tão perto já, teus passos impedia.
41. « Que fazes, pois ? Porque, porque domina
Tanta fraqueza o peito espavorido ?
Porque ao valor tua alma não se inclina,
42. « Quando és pelas tres santas protegido,
Que na côrte do ceu por ti se esmeram
E gozar tanto bem lhe é promettido ? » —
43. Quaes flores,que, fechadas, se abateram
Da noite ao frio, e, quando o sol aquece,
Erguem-se aberta na hastea, taes como eram,

44. Tal meu valor renova e fortalece :
Tanto ardimento o coração me aviva,
Que exclamei, como quem jamais temesse:
45. « O' Dama em soccorrer-me compassiva !
E tu, que a voz lhe ouvindo, obedeceste,
Cortez ao rogo e com vontade activa,
46. « Por teu dizer no peito me accendeste
Desejo tal de vir, que sou tornado
Ao proposito, a que antes me trouxeste.
47. « Vai, pois nosso querer 'stá combinado.
Serás meu guia, meu senhor, meu mestre ! »
Disse-lhe assim. Moveu-se elle; ao seu lado
Pelo caminho entrei alto e silvestre.

NOTAS AO CANTO II

Dante considera os riscos e trabalhos da jornada. Virgilio, para esforçal-o, explica-lhe o motivo do seu apparecimento: fôra enviado por Beatriz, que o procurara nos Limbos. Revigora-se Dante e prosegue na jornada com animo resoluto.

[1] Os versos 16, 17 e 20 do C. I mostram o sol raiando após a noite, que Dante passara na selva *con tanta pietà*. O introito do C. II declara que o dia terminara. Na vida real de Dante, escreveu um notavel commentador, esse dia comprehende o tempo da dôr do Poeta, depois da morte de Beatriz e os seus estudos de 1292 até 1300.

Virgilio na *Eneida*, C. VIII, disse:

Nox erat et terras animalia fessa per omnes
Alituum pecudumque genus sopor altus habebat.

Estes versos foram trasladados por João Franco Barreto:

Noite era e um profundo somno havia
Já por todas as terras occupado
Os lassos animaes e se estendia
Ás aves, féras, como ao manso gado.

E' o resumo d'esta descripção, que se lê no C. IV:

Nox erat et placidum carpebant fessa soporem
Corpora per terras; silvæque et sæva quierant
Æquora, quum medio solvantur sedera lapsus,
Quum tacet omnis ager; pecudesque pictæque volucres,
Quæque lacus late liquidos, quæque aspera dumis
Rura tenent, somno positæ sub nocte silenti
Lenibant curas et corda oblita laborum.

Estes admiraveis versos foram traduzidos por J. Franco Barreto:

Era noite e da terra os moradores
Davam repouso á lassa humanidade:

Descansaram os bosques nemorosos
E junctamente os mares procellosos;
Quando os astros do meio do caminho
Ao Occidente passam declinando,
O campo todo cala e o passarinho
Entre as folhas dos ramos descansando:
Todo o animal e peixe no seu ninho,
Quantas brenhas ou lagos habitando
Na muda noite ao somno estão sujeitos
Davam allivio aos seus causados peitos.

[2] Guerra, isto é, fadiga, afan, que lhe causavam a jornada e a piedade, aquella quebrantando o corpo, esta o espírito, principalmente devendo, como christão, reprimil-a em acatamento á infinita justiça de Deus.

[3] Enéas Silvio, filho de Enéas e Lavinia, de quem descendiam os Reis de Alba e, por estes, Romulo e Remo.

Virgilio, C. VI:

Ille vides pura juvenis qui nititur hasta,
Proxima sortenent lucis loca; premius ad auras
Ætherias Italo commixtus sanguine surget
Silvius, Albanum nomen tua posthuma proles;
Quem tibi longævo serum Lavinia conjux
Educit selvis regem, regumque parentem;
Unde genus Longa mostrum dominabitur Alba.

Traducção de Franco Barreto:

Vês aquelle mancebo, que encostado
A' uma haste pura está? Pois o primeiro
Logar tem entre todos pelo Fado
Para do mundo ir ver o gran luzeiro;
Sahirá brevemente misturado
Com sangue italiano alto e guerreiro,
Posthumo filho teu, mas soberano,
O qual se dirá Silvio, nome Albano
Tua mulher Lavinia este tardio
Dará, sendo tu já de annos, ao mundo
Em o meio de um bosque alto e sombrio,
Rei e de Reis progenitor fecundo
D'onde nossa prosapia o senhorio
De Alba terá grato e jocundo.

[4] No C. VI da *Eneida* narra Virgilio a viagem de Enéas ao inferno, guiado pela Sybilla de Cumas. Anchises, seu pae, que alli encontrou, vaticinou-lhe o triumpho, que alcançaria de Turno, seu competidor, a mão de Lavinia, e a fundação de um reino, do qual se tinha de originar, muitos annos depois, a cidade de Roma, destinada a ser a séde de um grande imperio e da Igreja catholica.

[5] O maior Pedro, isto é, S. Pedro Apostolo, para distinguil-o dos outros santos do mesmo nome.

Em tempos remotos já escriptores abalizados explicaram a grandeza do povo romano, como um dos meios providenciaes pelos quaes se propagou a fé christan, devendo ser Roma o centro da Igreja universal. Alguns dos santos Padres do seculo IV e V, inclusive S. Agostinho e varios auctores, no decurso da

Meia Idade, acolheram-se a esse argumento. De S. Leão Papa citam-se as seguintes palavras : *Disponto Divinitus operis maxime congruebat, ut multa regna uno confœderarentur imperio et cito pervios haberet populos prædicatio generalis, quos unius teneret regimen civitatis.*

Quem ler o *Convito* e a *Monarchia* de Dante verá que sobre este fundamento estribou a philosophia historica, pela qual sustentou que o destino do imperio romano devia ser a monarchia universal.

[6] S. Paulo, — *Actos dos Apostolos*, cap. IX, 15 : — « Vae, porque este Saulo é para mim um vaso escolhido para levar o meu nome das gentes e dos Reis e dos filhos de Israel ».

Na segunda Epistola dos Corinthios disse S. Paulo : « Conheço a um homem em Christo, que quatorze annos ha, foi arrebatado, se foi no corpo não o sei, ou se fóra do corpo tambem não sei, Deus o sabe, até o terceiro ceu ! E' conheço a este tal homem, se foi no corpo ou fóra do corpo não o sei, Deus o sabe, que foi arrebatado ao Paraiso; e que ouviu lá palavras secretas, que não é permittido a um homem referir. »

[7] Limbos, logar, onde estão os que nem foram salvos, nem condemnados e assim acham-se suspensos sobre o céu e o inferno, — *color chi son' sospesi* — diz o Poeta.

[8] Cornelio Nepos, *Vida de Attico*, C. IX: — « *Se non fortunæ, sed hominibus solere esse amicum.* »

[9] Aqui está Beatriz caracterizada em allegoria, a unica no entender de Cesare Balbo, que lhe é applicavel. O poeta diz que Beatriz é senhora da unica virtude, pela qual o homem precede qualquer outra creatura, o *conhecimento de Deus*. Ahi não ha simples transformação em theologia : ella passa a guial-o no conhecimento do *seculo immortal*, a conduzil-o á *grei bemaventurada*, a todos os céus e não sómente ao do sol, onde tem assento a theologia.

Muitos commentadores viram na *nobre Dama* a clemencia divina, ou S. Anna, nome, que em hebraico significa *gratiosa sive misericors*. Mas entre todas as interpretações a mais apropriada, parece, é a que applica ás palavras do Poeta *Donna gentil* a S. Virgem Maria.

Este foi o discreto entender de Tommaseo, aceito, confirmado e applaudido pelo illustre Cesare Balbo. Fundamentou-o com diversas razões.

1º A devoção de Beatriz para com a S. Virgem fôra já assignalada por Dante na *Vita Nuova* do modo seguinte : « *Lo signore di questa gentilissima, cioè lo signore della giustizia, chiamò questa nobile a gloriare sotto l'insegna di quella reina benedetta Virgo Maria lo cui nome fa in grandissima reverenza n'elle parole di questa beata Beatrice.* »

2º E' na *candida Rosa* que a S. Virgem, no Paraiso, tem o seu throno: alli tambem está o de Beatriz, a qual occupa-o, quando separa-se de Dante. D'essa elevação lhe dirige pela ultima vez os olhos, quando de mãos juntas supplicava por elle á S. Virgem.

3º A devoção á S. Virgem tambem domina em Dante, que em muitos trechos do poema repete os seus louvores.

4º No canto final da *Divina Comedia*, S. Bernardo pede á S. Virgem que complete a visão de Dante pela visão de Deus, o que prova que em Maria tivera principio.

5º As palavras — *duro giudicio lassù frange* são applicaveis sómente áquella de quem dizia S. Bernardo:

Che qual vuol grazia e a te non ricorre
Sua disianza vuol volar senza ali.

(*Par.* XXXIII, 14).

10 Cumpre notar que a *nobre dama* para falar a Luzia não sahiu do seu logar, como Luzia para falar a Beatriz. Comprehende o alcance d'esta observação quem lembrar-se do modo como acham-se collocados no paraiso a S. Virgem, Luzia e os outros santos mais proximos, na conformidade do que diz o Poeta no C. XXXII do Par. — Em circulo estão sentados Maria, á sua esquerda Adam, Moysés e S. Anna, santos da lei antiga, em meio e em frente, S. João Baptista, pelo qual estão separados os da lei nova, S. Pedro (perto da S. Virgem), S. João Evangelista e Luzia. Portanto sómente a S. Virgem e S. Anna estavam tão proximas á Luzia, que para dirigir-lhe a palavra não precisavam de deixar os seus logares: se houvesse duvida na escolha entre as duas, se desvaneceria ante as razões que ha para preferir-se a primeira. É, pois, indubitavel que a *nobre Dama* é Maria.

A' uma voz todos os expositores entendem que Luzia é Graça; mas surge grave objecção, proveniente do verso 98, em que a Dante é dada a qualificação de fiel — *il tuo fidele*. Haverá christão por tal maneira seguro de si, que se dê por *fiel da Graça*, entendida nas accepções que lhe attribue a theologia? Tal presumpção não caberia a Dante, que no Purgatorio confessou-se incurso nos peccados da inveja e da luxuria, assim como em outros que Beatriz lhe exprobra. Outra, pois, deve ser a interpretação, tendo por fundamento principal o sentido allegorico.

Não ha razão porque S. Luzia, virgem martyr e advogada contra as molestias dos olhos, occupe logar proeminente na *candida Rosa*, nem tambem para ser preferida a tantos santos e santas para acudir a Dante. Como se verá no C. XXXII do *Par.*, S. Luzia é a ultima dos santos da lei nova que ficam á direita da S. Virgem, collocada entre S. João Baptista e S. João Evangelista, um precussor da lei nova, o outro que no seu Evangelho denomina *Lux* a fé christan. Quem estiver habituado ás transformações dantescas, não estranhará que o Poeta diga Luzia ou S. Luzia em vez de *Lux*. O culto dos santos o autorisava para a mudança; pois ninguem ignora que o Imperador Constantino erigiu em honra á S. Sophia ou á sabedoria divina a famosa basilica de Constantinopla. Assim que póde se ter por certo que na *Divina Comedia* Luzia importa a *Lux* do Evangelista ou a *Fé christan*.

D'estas premissas, a consequencia é a mais natural e logica. A S. Virgem, querendo enviar Beatriz (como Beatriz e como *conhecimento* de Deus) em soccorro de Dante, não o fez directamente, senão por intermedio da Fé; Dante é denominado fiel d'esta, fiel crente: nada mais queria, nada mais podia aspirar quem era ou suppunha ser perseguido pelo poder temporal do Papa.

11 Rachel ao lado de Beatriz: é a *contemplação de Deus* ao lado do *conhecimento de Deus*. Esta interpretação é tanto mais plausivel, quanto Luzia, a Graça, falando á Beatriz, lhe disse: *Vero louvor de Deus!*

CANTO III

1. « POR mim se vai das dôres á morada,
« Por mim se vai ao padecer eterno,
« Por mim se vai á gente condemnada.
2. « Moveu Justiça o Auctor meu sempiterno,
« Formado fui por divinal possança,
« Sabedoria summa e amor superno.[1]
3. « No existir, ser nenhum a mim se avança,
«Não sendo eterno, e eu eternal perduro:
« Deixai, ó vós, que entrais, toda a esperança ! »
4. Estas palavras, em lettreiro escuro
Eu vi, por cima de uma porta escripto.
« Seu sentido » — disse eu — « Mestre, me é duro.
5. « Tornou Virgilio, no logar perito:
— « Aqui deixar convem toda a suspeita;
Todo o ignobil sentir seja proscripto. [2]
6. « Eis a estancia, que eu disse, ás dôres feita,
Onde has de ver atormentada gente,
Que da razão á perda está sujeita. »
7. Pela mão me travando diligente,
Com ledo gesto o coração me erguia,
E aos mysterios guiou-me incontinente.

8. Por esse ar sem estrellas irrompia [3]
Sôar de pranto, de ais, de altos gemidos:
Tambem meu pranto, de os ouvir, corria.
9. Linguas várias, discursos insoffridos,
Lamentos, vozes roucas, de ira os brados,
Rumor de mãos, de punhos estorcidos,
10. Nesses ares, p'ra sempre ennevoados,
Retumbavam girando, e similhando
Areaes por tufão atormentados.
11. A mente aquelle horror me perturbando,
Disse a Virgilio: — «O' Mestre, que ouço agora?
« Quem são esses, que a dôr está prostrando? »
12. —« D'este misero modo » — tornou — « chora
Quem viveu sem jamais ter merecido
Nem louvor, nem censura infamadora. *
13. «De anjos mesquinhos côro é-lhes unido,
Que rebeldes a Deus não se mostraram,
Nem fieis, por si só havendo sido. »
14. « Desdouro aos ceus, os ceus os desterraram;
Nem o profundo inferno os recebera,
De os ter comsigo os máus se gloriaram. »
15. —« Que dôr tão viva d'elles se apodera,
Que aos carpidos motivo dá tão fortes? — »
« Serei breve em dizer-t'o »— me assevera.
16. « Não lhes é dado nunca esperar morte;
E' tão vil seu viver nessa desgraça,
Que invejam de outros toda e qualquer sorte.
17. « No mundo o nome seu não deixou traça;
A clemencia, a Justiça os desdenharam.
Mais d'elles não falemos: olha e passa. »
18. Bandeira então meus olhos divisaram,
Que, a tremular, tão rapida corria,
Que avessa á toda a pausa a imaginaram.

---

* *Os indifferentes.*

19. E após tão basta multidão seguia,
Que destruido houvesse tanta gente
A morte, acreditado eu não teria.
20. Alguns já distinguira : eis, de repente
Olhando, a sombra conheci d'aquelle,
Que a gran renuncia fez ignobilmente. [4]
21. Sube logo o que ao certo me revele
Que era a seita das almas aviltadas,
Que os maus odeiam e que Deus repelle.
22. Nunca tiveram vida as desgraçadas,
Sempre, núas estando, as torturavam
De vespas e tavões as ferroadas.
23. Os róstos seus as lagrimas regavam,
Misturadas de sangue : aos pés cahindo,
A immundos vermes o repasto davam.
24. De um largo rio á margem dirigindo
A vista, de almas divisei cardume.
— « Mestre, declara, aos rogos me annuindo,
25. « Que turba é essa » — eu disse — « e qual costume
Tanto a passar a torna pressurosa,
Se bem discerno ao duvidoso lume ? »
26. Tornou-me :— « Explicação minuciosa
Darei, quando tivermos attingido
Do Acheronte a ribeira temerosa. »
27. Então, baixos os olhos e corrido
Fui, de importuno a culpa receiando,
Té o rio, em silencio recolhido.
28. Eis vejo a nós em barca se acercando
De cans coberto um velho [5] — « O' condemnados,
Ai de vós ! » — alta grita levantando.
29. «O ceu nunca vereis, desesperados :
Por mim á treva eterna, na outra riva,
Sereis ao fogo, ao gelo transportados.
30. «E tu que estás aqui, ó alma viva,
De entre estes que são mortos, já te ausenta ! »
Como não lhe obedeço á voz esquiva,

31. « Por outra via irás » — elle accrescenta —
« Ao porto, onde acharás facil transporte;
Lá passarás em barca menos lenta. »
32. — « Não te agastes, Caronte ! D'esta sorte
Se quer lá onde » — disse-lhe o meu Guia —
Quem póde ordena. E nada mais te importe. »
33. Sereno, ouvido, o gesto se fazia
Da livida lagôa ao nauta idoso,
Quem em circulos de fogo olhos volvia.
34. A's desnudadas almas doloroso
O gesto descorou ; dentes rangeram
Logo em lhe ouvindo o vozear raivoso.
35. Blasphemaram de Deus e maldisseram
A especie humana, a patria, o tempo, a origem
Da origem sua, os paes de que nasceram.
36. Todas no pranto acerbo, em que se affligem,
Se acolhem juntas ao logar tremendo,
Dos máus destinos, que se não corrigem.
37. Caronte, os igneos olhos rovolvendo,
Lhes acenava e a todos recebia :
Remo em punho, as tardias vai batendo.
38. Como no outomno a rama principia [6]
As flores a perder té ser despida,
Dando á terra o que á terra pertencia,
39. Assim de Adam a prole pervertida
Da praia um após outro se enviavam,
Qual ave dos reclamos attrahida.
40. Sobre as turbidas aguas navegavam ;
E pojado não tinham no outro lado,
Mais turbas já no opposto se apinhavam.
41. — « Aqui, meu filho » — disse o Mestre amado —
Concorrem quantos ha colhido a morte,
De toda a terra, tendo a Deus irado.
42. « O rio promptos buscam d'esta sorte,
De Deus tanto a justiça os punge e excita,
Tornando-se o temor anhelo forte !

43. « Alma innocente aqui jamais transita,
E, se Caronte contra ti se assanha,
Patente a causa está, que tanto o irrita. »[7]

44. Assim falava ; a lurida campanha
Tremeu e foi tão forte o movimento,
Que do medo o suor ainda me banha.

45. Da terra lacrimosa rompeu vento, [8]
Que um clarão respirou avermelhado,
Tolhido então de todo o sentimento,
Cahi, qual homem, que é do somno entrado. [9]

NOTAS AO CANTO III

Chegado com Virgilio á porta do Inferno, Dante lê uma inscripção insculpida no alto e entra. No vestibulo do reino das trevas, vê as almas d'aquelles que, indifferentes ao bem e ao mal, ficaram neutros entre os partidos e perigos e foram por isso excluidos do ceu e repellidos pelo Inferno. Encaminha-se á margem do Acheronte, onde lhe fala o barqueiro Caronte, e encontra as almas, que são transportadas por elle. Salteado de violentas impressões, cae e adormece.

[1] As Tres Pessoas da Santissima Trindade: *Padre, Filho* e *Espirito Santo.*

[2] Virgilio, *En.*, C. VI V. 261:

Nunc animis opus, Æneá, nunc pectore firmo.

[3] Virgilio, *En.*, C. VI:

Continuo auditæ voce, vagitus et ingens,
Infantumque animæ flentes in limine primo,
Quos dulcis vitæ exsortis et ab ubere raptos
Abstulit atra dies, et funere mersit acerbo.

Traducção de J. F. Barreto:

Logo se ouviram vozes e gran pranto,
E na primeira entrada de repente
As almas dos meninos, que chorando
Seu fato estavam triste e miserando;
Aos quaes sem ter gostado a doce vida
Cruel, inexoravel homicida
E o transe fez passar amargo e forte.

[4] A opinião mais seguida é que o Poeta allude a Frei Pietro de Morone, natural da Apulia, religioso da ordem benedictina e fundador, em 1244, da dos Celestinos, cuja regra era com pouca differença a de S. Bento. Vivia na maior austeridade da vida monastica, quando foi elevado ao solio pontifical, tomando então o nome de Celestino V. Poucos mezes depois, a convicção da sua inexperiencia e incapacidade para governar e as suggestões de máus conselheiros

levaram-o a renunciar a thiara em 1294. Voltara ao retiro, aos cilicios e macerações; mas o seu successor, Bonifacio VIII, sem motivo justificavel, mandou encarceral-o no castello de Fumone. Dois annos depois, estava sepultado. Canonizou-o em 1313 o Papa Clemente V.

Diz Boccacio acerca de Clemente V:

« Era homem simples e de vida santa, e recolhera-se como ermitão nas montanhas de Morone, nos Abruzzos. Elegeram-o Papa em Perugia, depois do fallecimento do Papa Nicolau de Ascole. Chamia-se Pedro e tomou o nome de Celestino V. O cardeal Messer Benedetto Gaetano que, dotado de astucia e animo resoluto, aspirava o pontificado, começou desde logo a insinuar-lhe no espirito que o exercicio do seu eminente cargo damnaria a salvação da sua alma, suggestões que ainda mais força deram á consciencia que tinha de sua incapacidade. Ha quem affirme que o cardeal peitara criados particulares do Papa, incumbindo-os de levantar vozes perto de sua camara, como se foram de anjos descidos do céu, que diziam: — Resigna, Celestino! Resigna, Celestino! — Movido por tudo isto e tendo enfraquecidas as faculdades da alma, Celestino tomou conselho com Messer Benedetto sobre o melhor modo de renunciar a thiara».

Os que desejaram afastar da memoria de Celestino V o estigma que Dante imprimiu-lhe neste canto da *Divina Comedia*, quizeram applical-o uns a Dioclediano, que abdicou a magestade de Imperador romano; outros a Esaú, que vendeu a seu irmão Jacob a primogenitura por um prato de lentilhas. Lambertini apresentou razões assáz plausiveis para firmar a opinião — que Dante referiu-se a um seu concidadão e contemporaneo, Torregiano dei Cerchi, que recusou governar os Florentinos.

[5] Virgilio, c. VI:

Portitor has horrendas aquas et flumina servat
Terribili squalore Charon, cui plurima mento
Canities inculta jacet; stant lumina flamma
Sordidus ex humeris nodo dependet amictus.
Ipse ratem conto subjit velisque ministrat
Et ferruginea subvectat corpora cymbæ.
Jam senior; sed cruda Deo viridisque senectus.
Huc omnis turba ad ripa effusa ruebat
Matres atque viri, defunctaque corpora vita
Magnanimûm heroum, pueri inuptæque puelle
Impositi rogis juvenes ante ora parentum.

Traducção de J. Franco Barreto:

O mui tremendo
Charonte é d'estas aguas navegante
E a guarda d'estes rios vigilante.
Charonte a cujo pardo peito inunda
A espessa barba nunca penteada:
Nos olhos fogo tem e a roupa immunda
Dos hombros nûs lhe pende mal atada.
E elle c'o a vara e velas injucunda
Barca rege e na cymba enfarruscada
Os corpos passa: velho por extremo.
Mas um Deus verde e forte para o remo.
Aqui para estas praias concorriam
Mulheres e varões continuamente
E em multidão confusa: e se cobriam
De misera, fatal e exangue gente.

Corpos de heróes magnanimos se viam,
Meninos e donzellas juntamente,
Muitos mancebos fervidos e ousados,
A vista de seus pães ao fogo dados.

Accrescenta o poeta latino :

Ergo iter inceptum peragunt, fluvioque propinquant.
Navitus quos jam inde ubi Stygia prospexit ab unda
Per tacitum nemus ire, pedemque advertere ripæ
Sic prior adgreditur dictis, atque increpat ultro :
Quisquis es, armatus quis notra ad flumina tendis
Fare age, quid venias : jam instinc et comprime gressum.
Umbraram hic locus est, Somni Noctisque soporæ ;
Corpora viva nefas Stygia vectare carina.

Traducção de J. Franco Barreto :

Tanto que o sordido barqueiro
Pelo callado bosque accommettendo
O negro lago estygio, assim primeiro
Lhes diz, sua ousadia reprendendo :
Qualquer que és tu, que armado e que guerreiro
Aos nossos tristes rios vens descendo
Dize logo ao que vens, ó caminhante :
Retira-te e não passes mais avante !
Este logar das sombras é sómente
E á Noite escura e Somno concedido ;
E sempre a todo o corpo foi vivente
Passar na barca estygia defendido.

E Virgilio, c. VI :

Quam multa in silvis autumni, frigore primo
Lapsa cadunt folia, aud ad terra gurgite ab vasto
Quam multæ glomerantur aves, ubi frigidus amnis
Transpontum fugat, et terris immittit apricis
Stabant orantes primi transmittere cursum
Tendebantque manus ripæ ulterioris amore.
Navita sed tristis nunc hos, nunc adciptit illos,
At alios longe submotos arcet arena.

Traducção de J. Franco Barreto :

Quantas nos bosques ao primeiro frio
Do outomno folhas caem, ou quantas aves
Voam do mar á terra, quando o frio
Anno as lança á outras terras mais suaves,
Tantos no porto orando estão sombrio,
Gemendo tristes e voando graves,
Que primeiros os passe da outra banda
E qualquer com desejos o demanda.
Mas o barqueiro triste e carrancudo
Ora estes, ora aquelles recebia;
Com outros, porém, mais severo e rudo
Até chegar alli lhes defendia.

[7] As razões allegadas por Caronte para negar ingresso a Dante foram — que ainda vivia e que em barca mais leve devia transitar. Virgilio pondera que o verdadeiro motivo do procedimento do barqueiro era saber que o Poeta commettia a passagem por arrependimento dos seus peccados e por querer possuir-se de saudavel temor ao conspecto das penas eternas, sentimentos que muito desagradavam a Caronte, como a todos os outros demonios.

[8] Vogava no tempo de Dante a opinião de serem os terremotos occasionados pela compressão do ar encerrado nas entranhas da terra.

[9] Dante adormece n'este adito do Inferno antes de entrar no Limbo, como adormece antes de serarrebatado até a entrada do Purgatorio (*Purg.* IX, 11), e quando tem de passar ao Paraiso (*Purg.* XXXII, 62). O somno explica-se d'este modo: a transição para esses logares não se effectua realmente senão por força divina, e mentalmente pela meditação.

CANTO IV

1. D'esse profundo somno fui tirado
Por horrido estampido, estremecendo
Como quem é por força despertado.
2. Ergui-me, e, os olhos, quietos já volvendo,
Perscruto por saber onde me achava,
E a tudo no logar sinistro attendo.
3. A verdade é que então na borda estava
Do valle d'esse abysmo doloroso,
D'onde brado de infindos ais troava.
4. Tão escuro, profundo e nebuloso
Era, que a vista lhe inquirindo o fundo,
Não distinguia no antro temeroso.
5. « Eia! Baixemos, pois, da treva ao mundo! »
O Poeta então disse-me enfiando—
« Eu descerei primeiro, tu segundo ».
6. Tornei-lhe, a pallidez sua notando:
« Como hei-de ir, se és de espanto dominado,
Quando conforto estou de ti sperando?»—
7. Dos que lá são o augustioso estado
Causa a que vês no rosto meu impressa,
Piedade, medo não, como has cuidado.

8. « Vamos: lônga a jornada exige pressa ».
Entrou, e eu logo, o circulo primeiro *
Em que o abysmo a estreitar-se já começa,
9. Escutei: não mais pranto lastimeiro
Ouvi; suspiros só,que murmuravam,
Vibrando do ar eterno o espaço inteiro.
10. Pezares sem martyrio os motivavam
De varões e de infantes, de mulheres
Nas multidões, que alli se apinhoavam.
11.« Conhecer » — meu bom Mestre diz — não queres
Quaes são os que assim vês ora soffrendo ?
Antes de avante andar convem saberes
12.« Que não peccaram: boas obras tendo
Acham-se aqui; faltou-lhes o baptismo,
Portal da fé, em que és ditoso crendo.
13 « Na vida antecedendo o Christianismo,
Devido culto a Deus nunca prestaram:
Tambem sou dos que penam n'este abysmo.
14. « Por tal defeito—os mais não nos mancharam—
Perdemo-nos: a pena é desesp'rança,
Desejos, que p'ra sempre se frustraram. »
15. Ouvil-o, em dôr o coração me lança,
Pois muitos conheci de alta valia,
A quem do Limbo a suspensão alcança.
16. « O' Mestre! o' meu Senhor!» diz-me—inqueria,
Para ter da certeza o firme esteio
A' fé, que os erros todos desafia —
17. « Por seu merecimento ou pelo alheio
D'aqui alguem ao ceu já tem subido ? »
Da mente minha ao alvo o Mestre veio,
18. E falou-me : « Des'pouco aqui trazido,
Descer subito vi forte guerreiro [1];
De triumphal corôa era cingido.

* Primeiro circulo: castigo do peccado original.

19. Almas levou — do nosso pai primeiro [2],
Abel, Noé, Moysés, que legislára,
Abram, na fé, na obediencia inteiro,
20. « David, que sobre o povo hebreu reinara,
Israel com seu pae [3] e a prole basta,
E Rachel, por quem tanto se afanara [4].
21. « Para a gloria outros muitos mais afasta
Do Limbo; e sabe tu que antes não fôra
Salvo quem pertencera á humana casta ».
22. Andavamos, em quanto isto memóra,
Sem parar, pela selva penetrando,
Selva de almas, que augmenta de hora em hora.
23. E da entrada não longe ainda estando,
Eis um clarão brilhante divisamos
Das trevas o hemispherio alumiando.
24. D'alli distantes ainda nos achamos
Não tanto, que eu não discernisse em parte
Que á séde de almas nobres caminhamos. [5]
25. « O' tu, que és honra da sciencia e da arte,
Quem são »—disse—os que, aos outros preferido
Privilegio tamanho assim disparte ? »
26. Falou Virgilio : «—Assim são distinguidos
Do ceu, que attende á fama alta e preclara,
Com que foram na terra engrandecidos ».
27. Eis voz escuto sonorosa e clara :
« Honrai todos o altissimo poeta! [5]
« A sombra sua torna, que ausentara ».
28. Quatro sombras notei, quando aquieta
O rumor, que a nós vinham : nos semblantes
Nem prazer, nem tristeza se interpreta.
29. E disse o Mestre, após alguns instantes:
« Aquelle vê, que, qual monarcha ufano,
Empunha espada [6] e os tres deixa distantes.

* Mansão dos heróes gentilicos, famosos por lettras e armas.

30. « E' Homero, o poeta soberano;
O satyrico Horacio é o outro, e ao lado
Ovidio, em logar ultimo, Lucano.
31. « Como lhes cabe o nome assignalado
Que soou n'essa voz, ha pouco ouvida,
Me honrando, honrosa acção tem praticado ».
32. A bella escola assim vi reunida
Do Mestre egregio do sublime canto,
Aguia em seu vôo além dos mais erguida.
33. Discursado entre si tendo algum tanto,
A mim volveram gracioso o gesto:
Sorriu Virgilio, d'essa mostra ao encanto.
34. Mais foi-me alto conceito manifesto,
Quando acolher-me ao gremio seu quizeram,
Entres elles me cabendo o logar sexto.
35. Té o clarão commigo se moveram,
Pratica havendo, que omittir é bello,
Sublime no logar, onde a teceram.
36. Chegamos junto a um fulgido castello [7]
Sete vezes de muro alto cercado:
Cinge-o ribeiro lindo, mas singelo.
37. Passei-o a pé enxuto; acompanhado
Entrei por sete portas, caminhando
De fresca relva até ameno prado.
38. Graves, pausados olhos meneiando
Stavam sombras de aspecto magestoso,
Com voz suave rara vez falando.
39. A um lado, sobre viso luminoso [8]
Subimo-nos: de lá se devisava
D'essas almas o bando numeroso.
40. No verde esmalte o Mestre me indicava
Egregias sombras: inda me extasia
O prazer com que vel-os exultava.
41. Electra [9] vi de heróes na companhia,
Enéas com Heitor e guarnecido
Griphanhos olhos Cesar nos volvia.

42. Pentesilea vi e o rosto ardido [10]
De Camilla, e sentado ao rei Latino
Junto á Lavinia estava enternecido.
43. Notei Marcia, Lucrecia e o que Tarquino [11]
Lançou, Cornelia e Julia; retirado
De todos demorava Saladino [12].
44. Alçando os olhos, de respeito entrado,
O Mestre vejo dos què mais se acimam [13]
Em saber, de philosophos cercado.
45. Todos com honra e acatamento o estimam.
Aqui Platão e Socrates estavam,
Que na grandeza mais se lhe aproximam.
46. Democrito, o atomista, acompanhavam
Thales, Zeno, Heraclito e Anaxagóra,
Empédocle, e Diogenes falavam,
47. Dioscoris, o que a natura outr'ora
Sabio estudara, Orpheu, Tullio eloquente,
Seneca , o douto, que a moral explora,
48. Livio, Euclides, Hippocrates ingente,
Ptolomeu, Galleno e o Avicena;
Averrois, nos commentos sapiente.
49. Rezenha não me é dado fazer plena
De todos; longo o assumpto está me urgindo,
E a ser omisso muita vez condemna.
50. A companhia então se dividindo,
Commigo o Mestre outra vereda trilha,
Do ar sereno ao ar, que treme, vindo:
Chegados somos onde luz não brilha.

NOTAS AO CANTO IV

Dante baixa com Virgilio ao primeiro circulo do Inferno, onde demora o Limbo. Alli, atormentadas sómente pela aspiração á felicidade sem esperança: vê as almas dos que não forum baptizados: é a mansão de Virgilio.—Vê-se com as sombras dos mais famosos poetas gentilicos, á frente dos quaes se apresenta Homero. Do recebimento houroso feito a Virgilio participa Dante. Encorporado áquella assembléa illustre, é conduzido a um recinto particular do Limbo, onde se acham reunidas as almas dos varões e damas insignes. Depois de contemplal-os, retira-se com o seu Guia.

[1] Descida de Jesus Christo ao Limbo depois da Resurreição.

Nota-se que nem n'esta nem em nenhum outro dos cantos d'este primeiro Cantico é mencionado o nome do Redemptor.

[2] O pae do genero humano: Adam.

[3] Israel, isto é Jacob, filho de Isaac e Rebecca.

[4] Jacob para obter Rachel teve de servir Labão por espaço de 14 annos o mas cabia-lhe, segundo o ajuste, de recebel-a ao fim de sete.

Genesis, cap. XXIX:

« Ora, Labão tinha duas filhas, das quaes a mais velha se chamava Lia, e a mais moça Rachel.

« Mas, Lia tinha os olhos remelosos, ao mesmo tempo que Rachel era formosa de rosto e gentil de presença.

« Jacob, como lhe tinha amor, disse a Labão: — Eu te servirei sete annos; por ter a Rachel, tua filha mais moça.

« Respondeu-lhe Labão: — Melhor é que eu t'a dê a ti do que a outro homem; fica commigo.

« Jacob, pois, o serviu, por causa de Rachel, sete annos; e estes lhe pareciam poucos dias pela grandeza do amor que lhe tinha.

« Depois, disse Jacob a Labão: — Dá-me minha mulher, pois que já o tempo está completo para eu entrar a ella.

« Então fez Labão as bodas, tendo convidado para o banquete os seus amigos, que eram em grande numero; e á noite introduziu a Lia sua filha na camara de Jacob, dando á filha uma escrava chamada Zelfa. Jacob tendo entrado segundo o costume a que Labão lhe dera, viu pelo manhã que era Lia.

« E disse a Labão, seu sogro: — Que é isto que tu me quizeste fazer? Por ventura não te servi eu por amor de Rachel? Porque razão me enganaste?

« Labão respondeu — No nosso logar não é casarem-se as mais moças primeiro que as mais velhas. Acaba a semana das bodas com esta, e depois dar-te-hei tambem ess'outra, pelo trabalho de outros sete annos, que ainda me servirás.

« Accommodou-se Jacob ao que elle queria, e passada a semana, casou com Rachel, á qual tinha dado seu pae uma escrava chamada Bala.

« E Jacob, tendo alcançado por esposa a que desejava, a preferiu á mais velha no amor, que lhe tinha, e continuou a servir a Labão outros sete annos».

Petrarca, *Trionfo d'Amore*, cap. III:

Volgi in quà gli occhi al gran padre schernito
Che non si pente, e d'aver non gl'increscе
Sette e sette anni per Rachel servito.

[5] Virgilio, que, a instancias de Beatriz (C. II) se ausentara do Limbo para acudir a Dante.

[6] A espada symbolisa a epopéa guerreira, de que Homero foi cantor.

[7] Este é o castello da sciencia humana, cercado de sete muralhas escolasticas: o Trivium — Logica, Grammatica e Rhetorica; e o Quadrivium — Arithmetica, Astronomia, Geometria e Musica. O rio é a Eloquencia, bem pouco profunda disciplina, pois se passa a pé enxuto de um para o outro lado.

[8] Virgilio, *En.*, VI:

Et tumulum capit, unde omnis longo ordine possit
Adversos legere et venientem discere vultus.

Traducção de J. Franco Barreto:

Um alto occupa, d'onde ver podia
E conhecer melhor todo o semblante
Dos que por ordem longa caminhando
Vinham p'ra elle o Lethes demandando.

[9] De Electra, filha de Atlante, nasceu Dardano, o fundador de Troya: seu pai foi Jupiter.

[10] Camilla foi mencionada no C. I. — Pentesilea, Rainha das Amazonas, morta por Achilles. — Latino, pae de Lavinia, segunda esposa de Enéas.

[11] Marcia, mulher de Catão de Utica. Ao nome e á vida d'esta matrona romana vinculam-se tão curiosas circumstancias, por sua intima relação com a vida e o caracter de Catão, que não parecerá superfluo o que se offerece n'esta nota á attenção do leitor:

Interea, Phœbo gelidas pellente tenebras,
Pulsatæ sonuere fores: quas sancta relicto
Hortensi mærens irrupit Marcia busto;
Quondam virgo toris melioris juncta mariti;
Mox ubi connubii pretium, mercesque soluta est
Tertia jam soboles, alios fecunda penates
Impletura datur, geminas et sanguine matris
Permixtura domas. Sed postquam condidit urna
Supremos cineres, miserando concinta vultu,
Effusa laniata comas, concussaque pectus

Verberibus crebis, cineremque ingesta sepulchri,
Non aliter placitura viro, sic mæsta profatur:
— « Dum sanguis inerat, dum vis materna, peregi
Jussa, Cato, et geminos excepi feta maritos.
Visceribus lassis, partuque exhausta, revertor
Jam nulli tradenda viro; da fœdera prisci
Illibata tori; da tantum nomen inane
Cornubii; liceat tumulo scripsisse, Catonis
Marcia; nec dubium longo quæratur in ævo
Mutarim primas expulsa, an traditas tædas.
Non me lætorum comitem, rebusque secundis
Accipis; in curas venio, partemque laborum.
Da mihi castra sequi; cum tuta in pace relinquar,
Et sit civili propior Cornelia bello? » —
« Hæc flexere virum voces; et tempora quanquam
Sunt aliena toni, jam fato in bella vocante
Fœdera sola tamen, vanaque carentia pompæ
Jura placent, sacrisque Deos admittere testes . . .
Pignora nulla domus, multi coiere propinqui.
Junguntur taciti contentiqui auspice Bruto. » —

(LUCANO, *Pharsalia*, C. II).

No *Convitto*, trat. IV, c. 28, Dante interpreta o admiravel trecho acima transcripto ao poeta latino, do seguinte modo:

« O grande poeta Lucano, no segundo da sua Pharsalia, disse que Marcia tornou-se a Catão, rogou-lhe e supplicou-lhe que a recebesse na idade quarta. Por Marcia se entende a nobre alma; podemos tiral-a pelo natural com estes traços: Marcia foi virgem, estado que significa a adolescencia: depois recebeu-se com Catão, estado que significa a juventude: separou-se de Catão e casou-se com Hortencio, o que significa que finou-se a juventude e começou a velhice: teve do segundo consorcio outros filhos, o que significa a virtude, que convem á terceira idade: a morte de Hortencio significa o termo da velhice: enviuvando (o que significa a decrepitude), Marcia, logo do principio da viuvez, tornou-se a Catão, o que significa que a nobre alma ao começo da decrepitude voltou-se para Deus. E que mortal foi mais digno de significar Deus do que Catão? * Ninguem. E o que disse Marcia a Catão? Emquanto em mim houve sangue, emquanto em mim houve maternal virtude, eu executei e cumpri todos os teus mandamentos. Disse mais: e tive dois maridos, isto é, em duas idades fui fructifera. Agora, quando o meu ventre está cansado, quando estou alquebrada pelos partos, volto para a tua companhia, não estando mais apta para outro esposo. Isto quer dizer que aquella nobre alma, conhecendo que mais não póde dar fructos, que os seus membros já desfalleceram, volta-se para Deus, isto é, para aquelle que não ha mister membros corporeos. E disse tambem: dá-me o pacto dos primitivos leitos, dá-me sómente o nome do consorcio. E como se a nobre alma dissesse a Deus: dá-me, Senhor, de ora avante paz e socego; permitte ao menos que nesta vida terreal eu me chame tua. E disse ainda: por dois motivos te supplico que depois se diga que eu morri sendo esposa de Catão; e que se reconheça que não me lançáste da tua presença e de bom grado me recebeste por consorte. Assim aquella nobre alma quiz partir-se d'esta vida como esposa de Deus, quiz mostrar que fôra grata a Deus a sua creação ».

---

* Já Seneca, no proemio das suas *Controverias* dissera: — . . . *tandem antistitem sanctiorem invenire sibi Divinitas potuit, quam Catonem, per quem humano generi non præciperet, sed convitium faceret?*

Plutarcho, *Vida de Catão o Menor*, diz:

«Catão, depois de ter repudiado Atilia de quem tivera dois filhos e que lançou de sua casa por causa de sua immoralidade, casou-se com Marcia, filha de Philippe, que passou por honrada e de quem muito se tem falado. Mas esta parte da vida de Catão é o ponto problematico e duvidoso como em um drama. Narra-o como se passou Traseas, que o ouvira de Muuacio, amigo intimo de Catão. Entre os amigos e admiradores de Catão distinguia-se Quinto Hortencio, varão de bons custumes e honrosamente conceituado. Hortencio, que desejava ser, alem de amigo e assiduo companheiro de Catão, vinculado por aliança e parentesco, deliberou pedir-lhe sua filha Porcia, casada com Bibulo, de quem já tinha dois filhos. Parecia a Hortencio um bom terreno, que lhe produziria optimos fructos: entendia que a sua proposta, por muito singular que alguem a julgasse, era aconselhada pela natureza e por acertada politica; pois que uma mulher na flôr e viço da idade não deve ficar improductiva, nem ter mais filhos do que ha mister o pae. Entregando-se successivamente a homens de bem, dizia ainda Hortencio, ella propaga a virtude nas familias, fundindo-se d'esta arte uma cidade em uma só corporação; e quando Bibulo de todo em todo não queira renunciar sua mulher, consinta que elle Hortencio a faça mãe uma vez, e portanto elle, por essa communidade de filhos, mais estreitamente se uniria a Bibulo e a Catão. Tornou-lhe Catão que, comquando muito prese a Hortencio, não acha admissivel que elle queira casar-se com sua filha, já casada com outro. Então, mudando de linguagem, Hortencio, não hesitou em pedir francamente a Catão sua mulher Marcia, ainda bastante moça para ter filhos, allegando que o seu amigo tem já sufficientes filhos. Ninguem imagine que esta proposta tivera por motivo a supposição de não ter Catão mais amor a Marcia; pois contava que ella estava gravida. Catão cedeu, vencido pelo desejo e paixão de Hortencio sob a condição de preceder consentimento de Philippe, seu sogro. Philippe, declarou que se não oppunha, uma vez que Catão ratifique o casamento com a sua presença». (Cap. 25).

Catão teve de acompanhar Pompeu, que fugia de Roma. — «Como, — continúa Plutarcho (cap. 52) sua casa e suas filhas precisavam de uma pessoa desvelada, recebeu de novo a Marcia, que enviuvara, herdando bens de grande monta por testamento de Hortencio. Por esse procedimento, Cesar accusou-o (no Anti-Catão) de ter traficado com o seu casamento. —«Porque ceder — disse elle — sua mulher, se precisava d'ella? Se não precisava, porque a recebeu segunda vez? Fez da mulher isca para engodar Hortencio: emprestou-lh'a moça, foi-lhe restituida rica. Talvez Catão não procedesse bem sob outro aspecto: mas não é ponto resolvido. Feito o segundo casamento com Marcia a quem entregou sua casa e filhas, Catão partiu após Pompeu».

[12] Saladino (Malek-an-Nasr Salah-Eddin) nasceu no Kurdistan (Alta Asia), militou desde a adolescencia e foi servir no Egypto, a cujo soldão succedeu, dando fim ao kalifado d'esse paiz e apoderando-se da Syria e Mesopotamia. Muitos annos viveu em guerra com os christãos, que haviam constituido o reino de Jerusalem, o qual foi destruido, depois de varias batalhas em que Saladino triumphou, acontecimentos, que occasionaram a 3.ª crusada em que teve darte Ricardo-Coração-de-Leão, Rei da Inglaterra. Falleceu em 1193, deixando de si gloriosa memoria como conquistador, guerreiro e soberano.

[13] Aristoteles.

CANTO V

1. DESCI d'esta arte ao circulo segundo, *
Que o espaço menos largo comprendia, [1]
Onde o pungir da dôr é mais profundo.
2. Lá stava Minos [2] e feroz rangia :
Examinava as culpas desde a entrada,
Dava a sentença como ilhaes cingia.
3. Ante elle quando uma alma desditada
Vem, seus crimes confessa-lhe em chegando.
Com pericia em peccados consumada.
4. Logar no inferno, Minos, lhe adaptando,
Do abysmo o circ'lo arbitra, a que pertença,
Pelas voltas da cauda graduando.
5. Sempre muitas se lhe acham na presença ;
Cada qual tem sua vez de ser julgada,
Diz, ouve, cai, se some sem detença.
6. Minos, logo me vendo, iroso brada,
Do grave officio no acto sobrestando :
— « O' tu, que vens das dôres á morada;
7. « Olha como entras e em quem stás fiando :
Não te engane do entrar tanta largueza ! » [3]
— « Porque falar »— meu guia diz — gritando ?

(*) Segundo Circulo

8. « Vedar não tentes a fatal empreza:
Assim se quer lá onde o que se ordena
Se cumpre. Assaz te seja esta certeza ! »
9. Eis já começo da infernal gehenna
A ouvir os lamentos : sou chegado
Onde intenso carpir me aviva a pena.
10. Em logar de luz mudo tenho entrado :
Mugia, como faz mar combatido
Dos ventos pelo impeto encontrado.
11. Da tormenta o furor, nunca abatido,
Perpetuamente as almas torce, agita,
Molesta, em seus embates recrescido.
12. Quando á borda do abysmo as precipita,
Ais, soluços, lamentos vão rompendo.
Blasphema a Deus a multidão maldicta.
13. Ouvi que estão no padecer horrendo
Os que aos vicios da carne se entregavam,
Razão aos appetites submettendo.
14. Quaes estorninhos, que a voar se travam
Em densos bandos na estação já fria,
Em rodopio as almas volteavam,
15. Ao capricho do vento, que as trazia.
De pausa não, de menos dôr a esp'rança
Conforto lhes não dá n'essa agonia.
16. Como nos ares longa série avança
De grous, que vão cantando o seu grasnido,
Assim no gemer seu, que não descança,
17. Traz o tufão as sombras desabrido.
—« Mestre »—disse eu—« quaes almas são aquellas
Que o vendaval fustiga denegrido ? »
18. — « A primeira »— tornou Virgilio —« entre ellas
De quem noticias ter desejarias,
Regeu nações, diversas nas loquelas.
19. « De luxuria fez tantas demasias
Que em lei dispoz ser licito e agradavel
Para desculpa ás torpes phantasias.

20. «Semiramis chamou-se : o throno estavel
Herdou de Nino e foi a sua esposa
Do Soldão teve a terra memoravel.
21. «A morte deu-se a outra, de amorosa,
Ás cinzas de Sicheu traidora e infida [5] ;
Cleopatra após vem luxuriosa. »
22. Helena vi, a causa fementida
De tanto mal, e Achilles celebrado
Que teve por amor a extrema lida. [6]
23. Páris, Tristão [7] e um bando assignalado
De sombras me indicou, nomes dizendo,
Que á sepultura amor tinha arrojado.
24. A compaixão me estava confrangendo,
D'essas damas e antigos cavalheiros
Nomes ouvindo e magoas conhecendo.
25. Então disse eu : — « Poeta, aos companheiros
Dois, que alli vem falar muito desejo :
Ao vento ser parece tão ligeiros ! » —
26. «Has de ter » — me tornou — « azado ensejo,
Quando forem mais perto; então lhes pede. » —
Pelo amor que os uniu: virão sem pejo. » —
27. Quando acercar-se o vento lhes concede
A voz alcei : — « Oh ! vinde, almas afflictas,
Falar-nos, se alta lei não vol-o impede. » —
28. Quaes pombas , que saudosa, de azas fitas
Ao doce ninho , em vôo despedido,
Vão pelo ar, aos desejos seus adstrictas:
29. Taes sahiram da turba, em que era Dido,
A nós as duas sombras se inclinando,
Tanto as moveu da voz o tom sentido !
30. —« Ente beni'no, compassivo e brando,
Que nos vem visitar por este ar perso, *
Tendo nós dado o sangue ao mundo infando,

* Dante no *Convito*, trat. IV, cap. 20, explica assim a côr *persa* : « Assim como o *perso* descende do negro, assim a virtude descende da nobreza. A côr persa é mixta de purpurea e negra, predominando, porém, a negra ».

31. « Se amigo o Senhor fosse do universo,
Da paz, aos rogos nossos, gozarias,
Pois te enternece o nosso mal perverso.
32. « Emquanto o vento é quêdo, o que dirias
Havemos nós de ouvir attentamente ;
Diremos quanto ouvir desejarias :
33. « Onde, a paz desejando, o Pado ingente [8]
Com seus vassallos para o mar descende,
A terra, em que hei nascido, está jacente.
34. « Amor, que os corações subito prende,
Este inflammou por minha formosura,
Que roubaram-me : o modo inda me offende.
35. « Amor, em paga exige igual ternura,
Tomou por elle em tal prazer meu peito,
Que, bem o vês, eterno me perdura.
36. « Amor nos igualou da morte o effeito :
A quem nol-a causou, Caina, esperas ». [9]
Após taes vozes foi silencio feito.
37. D'aquellas almas as angustias féras
Em meditar amargo a fronte inclino
Té que o Mestre exclamou: « Que consideras ? »
38 Quando pude, falei: « Cruel destino !
Que doce cogitar ! Que meigo encanto,
Precederam do par o fim maligno ! » —
39. Aos dois voltei-me e disse-lhes, entanto :
« Teus martyrios, Francesca [10], me angustiam,
Movem-me o triste, compassivo pranto.
40. « Quando os doces suspiros só se ouviam,
Como, em que Amor mostrar-vos ha querido
Os desejos, que ainda se escondiam ? » —
41. —« Não ha »—disse—« tormento mais dorido
Que recordar o tempo venturoso
Na desgraça. Teu Mestre o tem sentido.[11]
42. « Mas porque de saber és desejoso
Como nasceu a flor do nosso affecto,
Direi chorando o lance lastimoso.

43. « Por passatempo eu lia e o meu dilecto
De Lanceloto extremos namorados;
Eramos sós, de corações quieto.

44. « Nossos olhos, por vezes encontrados,
Cessam de ler; ao gesto a côr mudara.
Um ponto só deu causa aos nossos fados.

45. « Ao lermos que nos labios osculara
O desejado riso o heroico amante,
Este, que mais de mim se não separa,

46. « A boca me beijou todo tremante,
De Galeotto [12] fez o auctor e o escripto.
Em ler não fomos n'esse dia avante ». [13]

47. Em quanto a historia triste um tinha dito,
Tanto carpia o outro, que eu, absorto
Em piedade, senti lethal conflicto,
E tombei, como tomba corpo morto. [14]

NOTAS AO CANTO V

A' entrada do circulo segundo está Minos, que julga as almas dos peccadores. Dante e Virgilio penetram no logar tenebroso, onde são atormentados os voluptuosos por eterna tormenta. Episodio de Francesca. Interrogado por Dante, conta-lhe a sua historia. O Poeta é tão intensamente impressionado, que cai como morto.

[1] O circulo segundo abrangia menos espaço que o primeiro; pois os cir-
s, por ser conica a conformação do Inferno, iam-se estreitando á proporção que baixavam.

[2] Minos. Rei de Creta, tão celebrado por sua justiça, que foi denominado o predilecto dos deuses. Depois da sua morte foi incumbido do cargo de julgar no reino infernal. O poeta o representa com extensa cauda, como na Meia Idade eram figurados os demonios.

Na realidade, o caracter de Minos não fôra na terra, segundo referiam os antigos, o de Rei sómente justiceiro; os factos que lhe foram attribuidos mostram-o dominado por sentimentos, que frisam com ferocidade e crueza de verdugo. Foi por isso que a mythologia grega conferiu-lhe as attribuições de juiz no inferno: e por sem duvida assim o considerou Dante, quando lhe dá igual officio no circulo segundo. O poeta o representa, não como o julgador, que condemna serena e tranquillamente, senão como temeroso demonio, que range horrivelmente os dentes e designa raivoso a gravidade das penas segundo a graduação dos peccados.

Na *Eneida*, C. VI, V. 431:

> *Nec vero hæc sine sorte datæ sine judice, sedes*
> *Quæsitor Minos urnam movet: ille silentum*
> *Conciliumque vocat, vitasque et crimina discit.*

Traducção de J. Franco Barreto; est. 94 e 95:

> Mas não se dão sem morte estes assentos
> Sem seu juiz e sem merecimentos.
> O gran Minos aqui é o que examina.

A urna move e as mudas almas chama
A juizo; elle julga e determina,
Suas culpas inquire, vida e fama.

Dizia-se que esse legislador dos Cretenses era filho de Jupiter e Europa, tendo ido da Asia para Creta. Pasiphäe, a mãe do Minotauro, foi esposa de Minos: antes do monstro, meio homem, meio touro, tivera alguns filhos, um dos quaes, Androgeu, foi morto por mancebos de Athenas e Megara, invejosos da gloria que alcançára nas Panathenes, grandes festas athenienses, que se solemnizavam em honra de Minerva, instituidas por Erichtonio em 1495 antes de J. C. para vingar-se, Minos veiu sobre as duas cidades com todo o seu poder, venceu-as e obrigou-as a pagar annualmente o tributo de sete donzellas e sete mancebos, que eram dados em pasto á voracidade do Minotauro no Labyrintho. Theseu remiu sua patria d'aquella ignominia, indo á Creta com os adolescentes sorteados e matando o monstro.

Plutarcho, *Vida de Theseu*, disse:

« Mensageiros de Creta chegaram á Athenas para exigir o pagamento do tributo. Minos tendo-lhe contado que Androgeu, o mais novo dos seus quatro filhos, fôra traçoeiramente assassinado na Attica, declarou guerra aos povos d'essa região, os quaes, além dos males provenientes das hostilidades, tiveram de padecer outras calamidades enviadas pelo ceu, como peste e secca, que esterilisou a terra e seccou os rios. Consultado o oraculo, declarou que taes flagellos cessariam e se applacaria a colera divina, se formal satisfação fosse dada a Minos. Então partiram para Creta arautos cujas supplicas tiveram por effeito a paz sob a condição de pagar Athenas, por espaço de nove annos, o tributo annual de sete rapazes e sete donzellas. N'este ponto concordam varios historiadores. O fim mais tragico d'esses adolecentes era serem devorados pelo Minotauro no Labyrintho, ou alli encerrados, perderem a vida, por se lhe não deparar sahida.

« O historiador Phylocharo refere que os Cretenses negam que assim houvesse acontecido, affirmando que o Labyrintho era simplesmente uma prisão, d'onde ninguem conseguia evadir-se. Minos instituíra jogos gymnicos em commemoração da morte de Androgeu: em premio, o vêncedor recebia os meninos presos no Labyrintho. Na primeira solemnidade triumphou um dos officiaes que mais valiam com Minos, chamado Tauro, homem de condição feroz, o qual tratou aquelles moços com desmedida crueza. Aristoteles não acredita que fossem mortos por ordem de Minos; sómente eram empregados em trabalhos servis. . . Nos theatros antigos, Minos foi sempre o alvo de acerbos vituperios e invectivas como cruel e implacavel: e este juizo prevaleceu contra o dizer de Hesiodo, que o denominára o maior dos Reis, e o de Homero, que o qualificou de familiar de Jupiter. Em geral Minos era havido por legislador e Rei, tendo por ministro de suas ordens Radamantho ».

Virgilio, *Eneida*, C. VI, V. 20 e seg.:

In foribus letum Androgei: tum pendere pœnas
Cecropidæ jussi (miserum!) septena quot annis
Corpora natourum; stat ductis sortibus urna
Contra clata mari respondet Gnosia tellus.
Hic crudelis amor tauri, suppostaque furto
Pasiphäe, mixtumque genus, prolesque biformis
Minotaurus inest; Veneris monumenta nefandæ:
Hic labor ille domus et inextricabilis error.
Magnum resignæ sed enim miseratus amorem
Dedalus, ipse dolos tecti ambagesque resolvit,
Cæca regens filo vestigia.

Traducção de J. Franco Barreto, est. 5 a 7:

Entalhando nas portas com grande arte
A morte de Androgeu e a longa historia
Dos antigos Cecropidas forçados
A dar cada filhos sete amados.
Alli se vê a horrivel urna, d'onde
As sortes se tiravam, debuxada,
(Misera condição !) e corresponde
A Gnosia terra sobre o mar fundada.
O amor cruel do touro não se esconde
E aqui Pasiphãe ao furto apparelhada.
Tambem o Minotauro está biforme,
Memoria indigna do delicto enorme.
Aqui se vê o trabalho e o intrincado
Error da casa ; mas piedade havendo
Dedalo da Rainha, que abrazado
O peito em vivo fogo tinha ardendo
Todo o engano desfez com um delgado
Fio, os cegos vestigios seus regendo.

[3] Virgilio, *En.* C. VI, V. 126 e seg.:

. . . Facilis descensus Averno:
Noctes atque dies patet atra janua Ditis.
Sed revocare gradum, superasque evadere ad auras
Hoc opus, hic labor est.

Traducção de J. Franco Barreto:

Ao Averno
Sempre descrer se póde facilmente.
Noites e dias do profundo inferno
A tenebrosa porta está patente;
Porém tornar atráz, á claridade
E' gran trabalho, é gran difficuldade.

Lê-se no Evangelho de S. Matheus, Cap. VII, V. 13:

« Larga é a porta e espaçoso o caminho, que guia para a perdição, e muitos são os que entram por ella ».

No canto I v. 60, o sol se cala; n'este verso, o logar é mudo de luz.

[4] Virgilio, *Eneida*, C. X, V. 264 a 266:

Quales sub nubibus atris
Strimoniæ dant signa grues, atque æthera tranant
Cum sonitu, fugiuntque notos clamore secundo.

Traducção de J. Franco Barreto:

Quaes debaixo das nuvens procellosas
Os estrymonios grous com o alarido
Dão seus signaes fugindo as furiosas
Iras do vento Noto embravecido.

Homero na *Illiada* C. III (Trad. de M. Odorico Mendes):

Tal se eleva ás nuvens
Dos grous o grasno, que em aereas turmas
Da invernada e friagem desertores
Contra o povo pygmeu com ruina e morte
O oceano transvoam.

Tasso, *Jerus. Lib.*, C. XX, est. 2:

Con quel romor con che dai traci nide
Vanno a stormi le gru ne' giorni algenti
E trà le nubi, à più tepide lidi
Fuggon stridendo innanzi ai freddi venti.

5 A Rainha Dido, que fundou Carthago, na Africa, para onde fugira depois de ter sido assassinado seu marido Sicheu por Pygmaliào, seu irmào. Sua infidelidade ás cinzas do esposo por amor de Enéas foi decantada na *Eneida*, C. IV, 15 a 30:

Si mihi non animo fixum immotuque sederet
Ne cui me vinclo vellem sociare jugali,
Postquam primus amor deceptam morte fefellite;
Si non pertæsum thalami tedæque fuisset;
Huic uni forsan potui succumbere culpæ.
Anna, fatebor enim: misere post fata sichæi
Conjugis et sparsos fraterna cæde Penates
Solus hic inflexite sensus animumque labantem.
Impulit. Agnosco veteris vestigia flammæ.
Sed mihi veltellus optem prius ima dehiscat
Vel Pater omnipotens adigat me fulmine ad umbras
Pallentis umbras Erebi, noctemque profundam,
Ante, Pudor, quam te violo, aut tua jura resolvo.
Ille meos, primus que me sibi junxit, amores
Abstulit; ille habeat secum, servetque sepulcro —
Sic effata sinum lacrymis implevit obortis. —

Traducção de J. Franco Barreto, est. 4 a 7:

Se eu proposito firme não tivera
De jamais me casar em toda a vida,
Des'que o primeiro amor com morte fera
Me deixou enganada e escarnecida;
Se enfastiada eu já não estivera
Do leito conjugal e aborrecida,
Por ventura, e o amor me desculpara,
Que a esta culpa só me sujeitara.
Porque depois que o fim sanguinolento
De Sicheu, te confesso, meu consorte
E que os nossos Penates e aposento
Manchados foram co'a fraterna morte,
Este só me dobrou meu pensamento
E o animo até aqui constante e forte
Moveu, minha Anna, com tão grande excesso
Que os vestigios do antigo amor conheço. —

Mas antes se abra e me sepulte a terra
Ou com um raio o Padre omnipotente
Me lance ás sombras pallidas, que encerra
Este Erebo infernal perpetuamente,
Do que eu te faça ó castidade, guerra,
Nem tuas leis quebrante eternamente,
O que de meu amor gozou primeiro,
Esse na sepultura o guarde inteiro. —
Disse, ficando em lagrimas banhada.

Petrarca teve duas opiniões differentes acerca de Dido. No *Trionfo della castità* disse:

E veggio ad un laccinol Giunone e Dido
Ch'amor pio di suo sposo a morte spinse
Non quel d'Enea com'è'l publico grido.

Mas na Canzone II referiu-se á ella n'estes termos:

Da me son fatti i miei pensier diversi,
Tal già, qual io mi stanco
L'amata spada in sè stessa contorse.

[6] Achilles, tendo-se enamorado de Polixena, uma das mais novas e mais formosas filhas de Priamo, Rei de Troya, pediu e obteve sua mão. Quando ia receber-a no templo de Apollo, foi traçoeiramente morto por Páris. Pyrrho, filho do heróe grego, para vingar o pae, immolou a virgem troyana sobre a sepultura de Achilles. E' de Camões esta sempre memoravel estancia:

Qual contra a linda moça Polixena,
Consolação extrema da mãe velha,
Porque a sombra de Achilles a condemna
C'o o ferro duro Pyrrho se apparelha:
Mas ella os olhos com que o ar serena
(Bem como paciente e mansa ovelha)
Na misera mãe postos que endoudece
Ao duro sacrificio se offerece.

(C. III, est. 131 dos *Lusiadas*)

Sobre a incontinencia de Achilles, assim discorreu um dos commentadores da *Divina Comedia*, Volutello: — « Achilles deixou-se subjugar pela luxuria e lascivia. Primeiramente, amou Deidamia, filha de Lycomedes, de quem teve Pyrrho; depois conduzido, por ardil de Ulysses, para o cerco de Troya, apaixonou-se por Briseis, filha de Briseu, que, tendo-lhe sido tomada por Agamemnon, deu causa a ira, que o afastou por algum tempo das pelejas em que, com desvantagem os Gregos se empenharam contra os Troyanos; e finalmente enamorado de Polyxena, quando estava prestes a esposal-a, foi morto por Páris. Por isso diz o Poeta: *Con amore al fine combatéo*.

[7] Páris e Tristão, cavalheiros andantes. O primeiro póde ser tambem o filho de Priamo, que por ter raptado Helena, mulher de Menelau, Rei de Lacedemonia, deu causa á guerra e destruição de Troya. — Tristão, sobrinho de Marco, Rei de Cornwallis, na Inglaterra, um dos principaes cavalheiros da côrte do Rei Arthur, amou a Rainha Isotta, mulher de seu tio, que, por isso, ferindo-o á falsa fé, lhe tirou a vida.

[8] Ravenna, que demora a tres milhas do littoral. Ampère, em sua *Voyage dantesque*, referindo-se a este terceto, escreveu: « Se fôra possivel distrahir, ainda

que por momentos, o pensamento do pathetico inimitavel do episodio de Francesca, para attender a primores de estofa somenos, seria muito para admirar a perfeição, com que Dante, por um só traço, caracteriza a natureza dos logares :

Siede la terra, dove nata fui
Su la marina dove'l Po discende
Per aver pace co' seguaci sui.

« Quem olha para um mappa reconhece quanto é topographicamente exacta a expressão *co' seguaci sui*. Em toda a parte superior do seu curso, o Pó recebe numerosos affluentes, que convergem para o seu alveo, — o Tesnio, o Adda, o Oglio, o Mincio, o Trebbia, o Bormida, o Taro, nomes tão frequentes na chronica das guerras do seculo XV e XVI e que tanto celebrizaram as armas francezas em epoca mais moderna. »

De Ravenna, patria de Francesca, diz o mesmo escriptor:

« Nas cercanias de Ravenna, vastas e desertas planicies, atmosphera sombria, luz sinistra e baça, á direita, os extensos renques da *Pineta*, á esquerda, o sol abafado por nuvens carregadas, de que se coava avermelhado clarão, annunciavam proximo o sepulchro de Dante.

« Bem fez Dante em morrer em Ravenna. Seu monumento teve a séde conveniente n'aquella tristonha cidade, jazigo do imperio romano no occidente. Quem chega á Ravenna passa ao longo de um pinhal, cuja extensão é de sete leguas: parece um immenso bosque funebre, que forma vestibulo á sepultura commum d'essas duas grandes potencias. Ante a sua memoria apenas ha espaço para outras recordações. Ha, porém, outros nomes poeticos vinculados ao da Pineta de Ravenna. Alli evocou lord Byron os contos phantasticos, que Dryden extrahiu de Boccacio; e ao presente, lord Byron é tambem uma figura do passado que vagueia n'aquella estancia melancolica. Atravessando-a, lembrava-me de que o bardo da desesperação correra por essa praia lugubre, onde antes imprimiram pégadas os passos graves e vagarosos do poeta do Inferno ».

[9] Caina é o circulo do Inferno, onde são castigados os fratricidas, como se vê no canto XXXIII.

[10] Francesca Malatesta e Paolo Malatesta, seu cunhado. Essa dama dotada de peregrina formosura, filha de Guido de Polenta, senhor de Ravenna, contemporaneo de Dante, casou-se com Lanciotto ou Gianciotto Malatesta, filho do senhor de Rimini, cavalleiro esforçado e brioso, mas que por deformidade de sua pessoa, formava repugnante contraste com seu irmão Paolo, mancebo de parecer gentil e trato amabilissimo. Francesca e Paolo amavam-se já antes daquelle desigual casamento : seu reciproco affecto cresceu com o obstaculo. Encontrados um dia pelo marido em conversação criminosa, perderam a vida, feridos de um só mesmo golpe. Ella propria o diz a Dante :

Amor condusse noi ad una morte.

Escreveu Boccacio, no seu *Commentario da Divina Comedia*, citado pelo illustre poeta americano H. W. Longfellow, na sua fidelissima traducção para o inglez :

« Madonna Francesca foi filha de Misser Guido Senior, senhor de Ravenna e Cervia. Muitos annos vivera em renhida guerra com os Malatestas de Rimini : intervindo, afinal, certos mediadores, concertaram pazes, e accordaram que, para maior estabilidade dos ajustes se estreitassem os vinculos da amizade

pelo liame do parentesco, o qual consistiu em dar Misser Guido sua joven e formosa filha em casamento a Gianciotto, filho de Malatesta. Quando constou este pacto aos amigos de Misser Guido, disse-lhe um: « Tome tento no que vai fazer, porque, se não se houver com prudencia, o parentesco se converterá em escandalo. Conhece a indole de sua filha e quanto são altivos os seus espiritos: se ella vir Gianciotto antes da ceremonia nupcial, não haverá quem a mova a recebel-o por marido. N'este presupposto, o mais acertado parece que Gianciotto não se case com ella pessoalmente, e que seu irmão se apresente em seu nome e figure como noivo ».

« Gianciotto era de animo elevado e esperava succeder a seu pae no senhorio de Rimini. Por este motivo posto fosse coxo e de presença pouco agradavel, Misser Guido o preferia para genro a qualquer dos seus irmãos. Conformando-se, pois, com o alvitre offerecido por seu amigo, proveu na conformidade do conselho. No dia aprasado, Paolo, irmão de Gianciotto, foi á Ravenna com plenos poderes para se receber com Madonna Francesca. Paolo era gentil de sua pessoa, de ameno trato e cavalleiro cortez. Ao passar com outros fidalgos pela praça do palacio de Misser Guido, uma criada, que o conhecia, mostrou-o á Madonna Francesca por uma fresta da janella, dizendo: — Aquelle que alli vai, é o vosso noivo. — A pobre menina acreditou-o desde logo e deu-lhe todo o seu affecto.

« Celebrado o casamento, foi a noiva conduzida a Rimini, e sómente cahiu na conta da verdade na manhã subsequente, quando viu Gianciotto erguer-se do leito ao seu lado. A subita revelação causou-lhe o maior desgosto, e, no entanto, o amor em que ardia por Paolo ainda mais se accendeu. Mas que esse amor fosse ao ponto de fazer-se crimino o nunca ouvi dizer, salvo ao que foi escripto por Dante. E' possivel que assim succedesse, se bem me pareça o que se lhe contou simples invento deduzido da possibilidade antes do que um facto, que elle soubera de sciencia propria.

« Como Paolo e Madonna Francesca viviam na mesma casa e Gianciotto se tinha ausentado para um districto visinho, cujo governo lhe fôra commettido, travou-se entre elles estreita intimidade, sem haver, porém, motivo para suspeita. Mas um criado de Gianciotto, notando o que se passava, foi ter occultamente com seu amo e os denunciou. Esta nova anojou no extremo a Gianciotto que secretamente voltou á Rimini. Ao chegar, vendo Paolo entrar na camara de Madonna Francesca, acercou-se da porta e, achando-a fechada, chamou-a para que lhe fosse falar. Dando por sua presença Paolo e Madonna Francesca, cuidou Paolo que se poderia evadir de repente pela abertura de uma parede que communicava com outro aposento. E esperando encobrir assim a sua falta no todo ou em parte, metteu-se pela abertura, dizendo a Madonna Francesca que fosse abrir a porta. Não succedeu, porém, como desejava; porque a borda da capa, que tinha aos hombros prendeu-se a um prego, ao tempo que ella descerrava a porta, no presupposto deter Paolo já desapparecido: e d'esta arte poude Gianciotto ver Paolo, que ainda se não tinha desenvencilhado. E então envolveu-se ao irmão de adaga em punho para matal-o. A senhora interpoz-se aos dois; mas, como Gianciotto levantara a arma e a vibrara com toda a força do seu braço, succedeu o que não era proposito seu: a adaga traspassou o seio de Madonna Francesca, antes de alcançar a Paolo. Gianciotto, ainda mais enfurecido por aquelle accidente, arrancou a adaga do corpo de sua mulher, e arremettendo contra Paolo, matou-o. Deixando-os sem vida, retirou-se apressado e tornou-se ás suas occupações habituaes. Na manhan seguinte os cadaveres dos dois amantes foram entre lamentações geraes, encerrados na mesma sepultura ».

Diz o conde Troya — *Del veltro allegorico di Dante*:

« Poucos dias depois do rendimento de Caprona (em 1289) lamentavel caso entristeceu a Romanha. Malatesta de Verruchio, fugitivo em Pesaro, se acompanhará de seus filhos e de sua nora Francesca, que entrara no decimo

terceiro anno do seu consorcio com *Giovanni o coxo*: dois filhos tivera já, Concordia e Francesco, havendo este fallecido na infancia. Estavam entabolados ajustes de paz entre os de Rimini e os Malatestas: tinham tregoas as armas, mas não Francesca, que, muitos annos havia, se enlevava amorosa no gesto de Paolo, seu gentil cunhado. Amor por fim contentou-lhe os desejos: Lanceloto do Lago os conduziu á culpa: um dos famulos denunciou-a a Giovanni. O coxo, tomando-os de sobresalto com um só golpe, os traspassou a ambos. Na mesma sepultura jazeram os dois. Ao adiante, transferidos de Pesaro, assim unidos, repousaram em Rimini, quando os Malatestas a restauraram. E já tinham corrido tres seculos, quando foram achados com as suas vestes de seda ainda inteiras. Bem dissera a dama amorosa: *Questi mai da me non fia diviso*. Giovanni, mal desfechara o golpe, fugiu pranteando: em breve a saudade da perdida esposa lhe accrescentou o prestigio da formusura.»

Na *Vita di Dante*, Cesare Balbo diz:

«No commettimento contra Arezzo e talvez no que immediatamente foi emprehendido contra Pisa, militava no exercito florentino Bernardino de Polenta, por isso conhecido de Dante. Bernardino era filho do Guido de Polenta, cidadão principal, senhor e tyranno de Ravenna, e tambem pae de Francesca, a gentil senhora que doze annos fôra dada em casamento a Giovanni, filho primogenito de Malatesta do Verruchio, poderoso senhor guelfo, vigario que fôra do Rei Carlos em Florença, e então *podestá* em Rimini. Mas Giovanni era melhor para a companhia dos homens do que para a das damas: activo e ardente em tudo quanto interressava ao seu partido e ás conveniencias da ambição, em que esperava succeder ao poder paterno; mas coxo, desazado e desalinhado, d'onde lhe provinham os appellidos de João-Coxo, Gianciotto e João derreado, não tinham predicamentos para agradar á donzella. Para aggravar-lhe os senões accrescia ter elle um irmão, chamado Paolo, mancebo, como diz Benvenuto, de bello parecer, cavalleiro, feito mais para o ocio do que para as fadigas,—o avesso, pois, do primogenito. Namoraram-se um do outro os dois cunhados, ou então, ou depois ou talvez já antes do casamento; pois narra Boccacio ter sido Paolo, o moço bonito, enviado, em logar do derreado Giovanni, fazer a côrte á inexperiente Francesca, que sómente depois de consummado o noivado deu pela troca. O certo é que Francesca era casada, havia doze annos, tivera um filho, já fallecido e uma filha, que sobrevivera, em 1289, quando, com o marido, cunhado e sogro, achava-se em Pesaro, tendo, dois annos, sido lançados de Rimini. Alli, no ocio do desterro, ou começou ou proseguiu a familiaridade intima dos dois cunhados, cujo devaneio final quiz Boccacio desculpar. Mas um dia estando encerrados, a traição de um servo entregou-os á desconfiança do marido, que, forçando a porta da camara e achando-os juntos, juntos os assassinou, a 4 de setembro de 1289. Ao diante, restaurados em Rimini os Malatestas, junto os dois corpos, foram para alli trasladados, ficando juntos na sepultura, onde juntos foram achados, com as vestes de seda ainda inteiras; e por fim juntos os cantou e immortalisou a poesia de Dante.»

[11] Este apophtegma lê-se em Boecio — *de consolatione philosophica* — lib. II, n'estes termos: — *In omni adversitate fortunæ, infelicissimum genus est infortunii fuisse felicem et non esse.*

O mestre é Virgilio, que tendo sido feliz na vida terreal, não o era mais, perdida a esperança de ser admittido no céo.

[12] Galleoto, Gallehault ou Galahad, chamava-se o medianeiro de Lanceloto, um dos cavalleiros da Tavola Redonda, e a Rainha Ginevra.

13 Na traducção latina do Padre d'Aquino foi assim trasladada esta passagem :

Distulimus post hæc sontes evolvere chartas :
Sontes ; heu miserum ! gravius nocuere remotæ.

14 Ariosto, *Orlando Furioso*, C. II, est. 55, repete o verso final d'este canto, com uma pequena mudança, dizendo :

E cada como corpo morto cade.

CANTO VI

1. Do sossobro tornando a afflicta mente,
Que da cópia infelice contristado
Havia tanto o padecer pungente,
2. Achei-me novamente circumdado
De outros miseros, de outras amarguras,
Que via em toda a parte, ao longe e ao lado.
3. Sou no terceiro circulo, onde escuras,
Eternas chuvas, gelidas cahiam,
Pesadas, sempre as mesmas, sempre impuras.
4. Saraiva grossa, neve, agua desciam
D'esse ar pelas alturas tenebrosas:
No chão cahindo infecto odor faziam.
5. Latia com tres fauces temerosas
Cerbero, o cão multiplice e furente, [1]
Contra as turbas submersas, criminosas. *
6. Sanguineos olhos tem, o ventre ingente,
Barba esqualida, as mãos de unhas armadas;
Rasga, esfolla, atassalha a triste gente.

* Peccadores por gula.

7. Uivam á chuva, quaes lebreus, coitadas!
Mudam de lado sem cessar, buscando
Defensa e allivio as almas condemnadas.
8. Cerbero, o gran reptil, nos divisando
Os dentes mostra, as bocas escancara,
De sanha os membros todos convulsando.
9. Meu Guia, as mãos abrindo, se prepara;
Enche-as de terra, e ás guelas devorantes
Lança da féra essa iguaria amára.
10. Qual mastim, que em latidos retumbantes
Brada de fome, e, apenas a sacia
Devorando, aquieta as iras de antes:
11. Tal, applacando a furia, parecia
O demonio que as almas atordôa:
Surdez-de ouvil-o o mal lhes pouparia.
12. O solo, onde pizamos, se povôa
Das sombras, que essas chuvas derrubavam:
Fórma e apparencia tinham de pessôa.
13. Sobre a terra estendidas, a alastravam:
Mas uma surge, subito sentada,
Aos passos que adiante nos levavam.
14. — « Tu » — disse — « que és guiado pela estrada
Do inferno, vê se acaso me conheces :
Nascestes antes de eu ser n'esta morada. »
15. Tornei-lhe: « A grande angustia em que padeces
Tua feição lembrar-me não consente :
Innota face aos olhos me offereces.
16. « Quem és que em tal logar tão duramente
Pelos peccados teus stás dando a pena ?
Se ha maior, nenhuma é tão displicente. » —
17. — « Em tua patria » — responde — «que tão plena
Já é de inveja, que transborda o sacco,
Existencia gozei leda e serena.
18. « Vós, Florentinos, me chamastes Ciacco: [2]
Por ter da gula a intemperança amado
Á chuva peno enregelado e fraco.

19. « Mas sou n' esta miseria acompanhado;
Pois quanto aqui estão de igual castigo
Punidos foram por igual peccado. » —
20. — « Com dôr sincera » — lhes falei — « te digo
Que esse tormento o peito me enternece
Saberás se os partidos a perigo
21. « Florença levarão, que já padece ?
Algum justo alli vive ? A que motivo
A sizania se deve, que alli cresce ? » —
22. — « Virão a sangue após odio excessivo ;
E o partido selvagem [2] triumphante
O outro lançará feroz e esquivo.
23. « Tres sóes passados, chegará o instante
De ser pelos vencidos supplantado,
Que esforça alguem, [4] que aos dois faz bom semblante.
24. « Por algum tempo o vencedor ousado
A cerviz calcará do outro partido
Que se afflige opprimido e envergonhado.
25. « Justos ha dois : ninguem lhes presta ouvido. [5]
Tres brandões — Avareza, Orgulho, Inveja,
Incendio tem nos peitos accendido. » —
26. Assim a flebil narração boqueja.
Eu lhe respondo: « A informação completa ;
Favor farás a quem te ouvir almeja.
27. « Farinata e Tegghaio, de alma recta,
Jacopo Rusticucci, Mosca, Amigo, [8]
E os mais que da virtude o amor inquieta,
28. « Onde estão? Diz e franco sê commigo !
Saber qual seja anhelo a sorte sua:
Stão no céu, ou no inferno tem castigo? » —
29. « Entre os que soffrem punição mais crua
Estão, por seus maus feitos, lá no fundo :
Se lá desces, verão a face tua.
30. « Quanto tornares ao saudoso mundo,
De mim aviva aos meus o pensamento...
Não mais: volto ao silencio meu profundo. » —

31. Os olhos que não tinham movimento,
Torcendo fita em mim; já curva a frente
E cai entre os mais cegos n'um momento.
32. E disse o Vate: « Em somno permanente
Has de aguardar a angelica chamada,
Quando os julgar severo o Omnipotente.
33. «Cad'um, a triste sepultura achada,
Resurgindo na carne e na figura,
Voz ouvirá p'ra sempre reboada. » —
34. A passo lento assim pela mistura
Das sombras e da chuva caminhando,
Falavamos da vida, que é futura.
35. — « Mestre » — lhe disse então — « irá medrando
Depois da gran sentença esse tormento ?
Igual pungir terá ? Será mais brando ? » —
36. — « Do teu saber recorre ao documento : [7]
Verás que ao ente quando mais se eleva
Do bem, da dôr mais cresce o sentimento.
37. « Bem que esta raça condemnada á treva
Jamais da perfeição se eleve á altura
Resurgindo, ha de ter pena mais ceva. » —
38. Perlustramos do circulo a cintura,
De cousas praticando que não digo,
Té decer um degrau na estancia escura. *
Alli 'stá Pluto, o nosso grande imigo. [8]

* Quarto circulo.

NOTAS AO CANTO VI

Descreve-se o terceiro circulo, onde são punidos os que se deram ao peccado da gula. Guarda-os o cão Cerbero, monstruoso e trifauce, sempre a latir, a vexal-os, a mordel-os. Sobre os condemnados cai chuva eternamente misturada de saraiva e neve. Dante fala a Ciacco, Florentino famoso por sua gula, que responde ás suas perguntas acérca das discordias em que arde Florença.

[1] **Virgilio, *En.* C. VI, V. 417 a 423 :**

Cerberus hæc ingens letratu regna trifauci
Personat, adversos recubans immanis in antro
Cui vates, horrere videns jam colla colubris
Melle soporatum et medicatis frugibus offam
Obicit. Ille fame rabida tria guttura pandens
Conripit objectam, atque immania terga resolvit
Fusus humi, totoque ingens extenditur antro.

Traducção de J. F. Barreto, Est. 91 e 92 :

Todo este reino o cão Cerbero ingente
Com trifauce ladrido em torno atrôa,
De uma gruta fronteira, onde deitado
Está horrivel de mui desmesurado ?
Ao qual vendo a Sybilla, que encrespava
O collo serpentifero, lhe deita
A soporada massa, que levava,
De mel e confeições diversas feita.
Elle com a grande fome, com que estava,
Abrindo as tres gargantas não a engeita,
Cai a fera desforme e desmedida
E na cova se extende adormecida.

[2] Ciacco, porco, era o appellido de um cidadão de Florença, famoso por sua desmedida voracidade, caracter similhante ao dos parasitas da Grecia e Roma, primorosamente descripto por Luciano. Ignora-se o seu verdadeiro nome. Como papa jantares em casa dos ricos e fidalgos, que comiam regaladamente,

comparecendo aos seus banquetes, fosse ou não convidado, não era conhecido senão pelo appellido. De outra maneira não o apresenta Boccacio. No emtanto este escriptor no commentario ao *Inferno*, affirma que afóra esse senão, que o celebrisava em Florença, Ciacco era bem educado, eloquente, cortez e dotado de bons sentimentos, e por isso todos o recebiam benevolamente.

Ciacco figura jocosamente na 8.ª Novella da *Giornata* IX do *Decameron*, conjuntamente com Phelippe Argente, o condemnado do canto VIII do *Inferno* e com Corso Donati, que tanto mal causou a Dante.

[3] Partido selvagem: assim foi qualificado o partido dos Brancos; porque o seu chefe Vieri dei Cerchi procedia dos bosques de *Val di Sieve*.

[4] Allusão a Carlos de Valois, ou Carlos Sem-Terra, irmão de Philippe o Bello, Rei da França, que, indo á Florença, sob a protecção de Bonifacio VIII, no caracter de *pacière*, contribuiu com os auxilios e poder, que prestou, para que o partidos dos Negros opprimisse e exterminasse os seus adversarios, os Brancos.

[5] Não se declaram os nomes dos *dois justos;* mas os commentadores dizem que são Dante e Guido Cavalcanti, seu amigo.

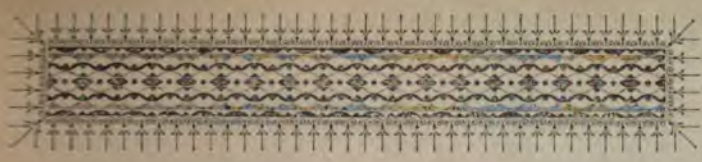
[6] Magnatas florentinos. O Poeta, depois de mencionar os seus nomes accrescenta:

E gli altri ch'a ben far poser l'ingegno.

Mas Farinata é condemnado como herege no c. X; Teggiaio e Rusticucci estão na turba dos Sodomitas, c. XVI; Mosca é um dos personagens do c. XXVIII. Quanto a Arrigo, dizem uns que tinha o appendice de Fisante, outros, de Fifante.

[7] A philosophia de Aristoteles, S. Agostinho ensinou a mesma doutrina, dizendo:—*Cum fiet resurrectio carnis, et bonorum gaudia et malorum tormenta majora erunt.*

[8] Pluto, deus das riquezas. Cumpre não confundil-o, como se tem feito com Plutão ou Dite, que, na mythologia grega, tem mando e dominio em todo o inferno.



CANTO VII

1. PAPE *Satan, pape Satan, aleppe:* [1]
Pluto com rouca voz, ao ver-nos brada,
Para que eu do conforto não discrepe,
2. Virgilio, em tudo sabio: — « Da aterrada
Mente » — me diz — « se desvaneça o susto !
Poder Pluto não tem, que tolha a entrada. »
3. E, se volvendo ao vulto, de ira adusto,
Lhe grita: — «Cal'-te, ó lobo abominoso !
Em ti consome esse furor injusto !
4. « Se ao abysmo descemos tenebroso,
A lei se cumpre do alto, onde, em castigo,
Supplantara Miguel bando orgulhoso. » —
5. Como o mastro, abatendo, traz comsigo
Velas, que o vento de feição tendia,
Baqueou-se por terra o monstro imigo.
6. E, pois que o quarto circulo se abria,
Mais penetramos pela estancia horrenda,
A que todo seu mal o mundo envia.
7. Ah ! justiça de Deus ! Que lei tremenda,
Dôres, penas, quaes vi tanto amontôa ?
Porque da culpa nos obceca a venda ?

8. Como em Carybde [2] a vaga, que resôa
Embate n'outra, e quebram-se espumantes:
Assim turba com turba se abalrôa.
9. Almas em cópia, nunca vista de antes, *
Fardos de um lado e de outro, em grita ingente,
Rolavam com seus peitos offegantes.
10. Batiam-se encontrando rijamente,
E gritavam depois, atraz voltando:
« Porque tens ? » « Porque empurras loucamente ? »
11. Assim no tetro circ'lo volteando
Iam de toda a parte ao ponto opposto,
Por injuria o estrebilho apregoando.
12. No semicirc'lo novamente rosto
Faziam té o embate reiterarem.
Eu, me sentindo á compaixão disposto,
13. — « Quem são ? Que razão ha para aqui estarem ? »
Ao Mestre disse — « Á esquerda os collocados
Clerigos são para tonsura usarem ? »
14. — « Da mente sendo vesgos, transviados »
— Tornou — « andaram na primeira vida,
Sempre os bens applicando desregrados,
15. « Quem seus clamores ouve e não duvida :
Levantam grita aos termos dois chegados.
Onde opposta os separa a culpa havida :
16. « Os que então de cabellos despojados [3]
Clerigos, papas, cardiaes hão sido,
Pela nimia avareza subjugados. » —
17. — « Entre elles » — respondi — « Mestre querido,
Muitos serão, por certo, que eu conheça,
Immundos d'esse mal aborrecido. » —
18. — « Te enganas, quando assim » diz « te pareça :
Da sua ignobil vida a escuridade
Vestigio não deixou, que ora appareça :

* Prodigos e avarentos.

19. « Elles se hão de embater na eternidade :
Resurgindo, uns terão as mãos fechadas,
Os outros de cabellos pouquidade.
20. « Por dar mal, por mal ter viram cerradas
Do ceu as portas ; penam n'esta lida,
Com maguas, que não podem ser contadas.
21. « Vês quanto é de vaidades illudida
A ambição, em que os homens a porfiam,
Da Fortuna anhelando os bens na vida.
22. « Todo o ouro, que as entranhas conteriam
Da terra, não podera dar repouso
A um dos que em fadiga se cruciam. » —
23. — « Quem é Mestre » — falei — « o portentoso
Ser, que chamas Fortuna, que á vontade
Bens distribue ao mundo cubiçoso ? » —
24. — « Responde o Vate: — « O' cega humanidade,
Quanta ignorancia a mente vos offende !
Do meu pensar direi toda a verdade.
25. « Quem pelo seu saber tudo transcende,
Os ceus creando, guias elegeu-lhes;
E toda a parte á toda a parte esplende,
26. « Pela luz que igualmente concedeu-lhes.
Assim fez aos mundanos esplendores,
Geral ministra e directora deu-lhes,
27. « Que em tempo os bens mudasse enganadores
De nação á nação, de raça á raça
Contra esforços de humanos sabedores.
28. « A pujança de um povo é grande ou escassa
Segundo o seu querer, que, se escondendo
Qual serpe em herva triumphante passa.
29. « Contra ella o saber vosso não valendo,
No seu reino ella tem poder e mando,
Como os outros o seu estão regendo.
30. « Mudanças incessante effectuando,
Se apressa por fatal necessidade,
E assim tantas no mundo vai formando.

31. « Tal é Fortuna, a quem por má vontade
Insulta o que louval-a deveria,
Censurando-a com dura iniquidade.
32. « Mas, feliz, não escuta a vozeria,
E entre iguaes creaturas primitivas,
Volvendo a esphera, em paz goza alegria.
33. « Desçamos ora a dôres mais esquivas;
Estrellas baixam, que ao partir surgiram;
Demoras são defesas, são nocivas. » —
34. Os nossos passos atravez seguiram
Do circulo até fonte, que, fervendo,
As aguas bróta, que torrente abriram,
35. A côr mais negra do que persa tendo.
Ao longo do seu curso nós baixamos,
Por caminho diverso nos movendo. *
36. Lagôa, dita Stygia, deparamos,
Junto á encosta maligna produzida
Pelo triste ribeiro, que notamos.
37. Eu, que tinha a attenção toda embebida,
Vi sombras, n'esse pantano, lodosas,
Desnudadas, de face enfurecida. **
38. Não só co'as mãos batiam-se raivosas ;
Peitos, cabeças, pés armas lhes sendo,
Com dentes laceravam-se espantosas.
39. — « As almas, filho meu, que ora estás vendo
São dos que » disse o Mestre — « venceu ira.
Como certo tambem fica sabendo
40. « Que sob as aguas multidão suspira
E em borbulhões as aguas entumece
Por toda essa extensão, que a vista gira. » —
41. — « Nos doces ares, a que o sol aquece »
— No ceno immersas dizem — « triste fomos :
Dentro em nós fumo turbido recresce.

* Quinto circulo.
** Iracundos.

42. « Ora no lodo inda mais triste somos. » —
Com voz cortada assim gargarejavam,
De palavras sómente havendo assomos.

43. « Os passos, em grande arco, nos levavam
Do paúl sobre a borda secca ; o bando
Tendo á vista, que assim lodo tragavam,
E junto de uma torre alfim chegando.

NOTAS AO CANTO VII

A' entrada do circulo quarto, Pluto, o demonio da riqueza, tenta oppôr-se á passagem de Dante; mas cede á voz imperiosa de Virgilio. Prosegue a viagem; e o Poeta vê de um lado os avarentos, e do outro os prodigos, os quaes, de pontos oppostos, empurram desmarcados fardos até se encontrarem violentamente entre brados de reciproca exprobação. Virgilio, em presença d'esta scena, descreve as vicissitudes da Fortuna. Descem os dois companheiros ao circulo quinto, onde vêem as aguas paludosas da lagôa Stygia, onde estão atascadas as almas dos colericos e dos preguiçosos. Passam adiante e chegam ao pé de uma torre.

[1] *Pape Satan, Pape Satan aleppe*—diz o texto. O P. Giuseppe Venturi, tendo por hebraica a origem d'estas palavras, deu-lhes a interpretação seguinte: *qui qui satan est imperatore*. A esta explicação, que veiu a lume em 1811, accrescentou que Pluto, deus da riqueza, em vendo Dante e Virgilio, que não estavam sujeitos ás penas d'aquelle circulo, se agastara e para tolher-lhes o passo lhes bradara: — *Temerarios! como vos atreveis a vir a este logar? Aqui Lucifer é o Imperador. Aqui domina elle.* Esta interpretação diz com a resposta que deu Virgilio para animar Dante e mostrar-lhe que não deve receiar-se das palavras d'esse demonio, que, como todos os oatros, muito se desgostava com a presença de um homem não sujeito á eterna condemnação. Por ter cahido Virgilio no entendimento das vozes comminantes de Pluto, proferidas em lingua incomprehensivel para Dante, se conhece a razão por que este denomina o Mantuano *Savio gentil che tutto seppe*. Rejeitada a traducção do P. Venturi e admittido que Pluto sómente fizera uma exclamação de ira, nenhuma sabedoria denunciara a repulsa de Virgilio.

Com a opinião do P. Venturi concertou a do erudito P. Miguel Angelo Lanci, professor de linguas orientaes na *Sapienza* de Roma.

As palavras de Pluto outras explicações têm tido. Uma é a que se vê nas *Memorias* de Benvenuto Cellini, citada na traducção ingleza da *Divina Comedia* de Longfellow.

Benvenuto Cellini, descrevendo o Tribunal de Justiça de Pariz, disse:

« Parei varias vezes para observar o que se passava. As palavras que ouvi o juiz proferir, quando vin dois individuos que desejavam assistir ao julgamento, não obstante os esforços do porteiro para lhes impedir a entrada, foram

estas em francez: *Paix, paix, Satan allez, paix!* Como eu já então entendia bem a lingua franceza, em ouvindo essas palavras lembrei-me do que disse Dante, na occasião em que, acompanhado de Virgilio seu mestre, ia descendo pelo Inferno. — Dante e o pintor Giotto estiveram conjunctamente em França e visitaram com especial attenção a cidade de Pariz, onde se chamava inferno o Tribunal de Justiça. É por isso que Dante, mui versado na lingua frenceza, usou d'essas expressões. Eu muitas vezes tenho extranhado que não lhes haja alguém dado esse sentido, assim como não posso ver com soffrimento e paciencia os commentadores, que lhe attribuem cousas, que nunca lhe passaram pela mente ».

[2] Carybdes. — Virgilio, *En.*, *C.* III. 413 e seg.:

... dextrum fuge litus et undas
Hæc loca vi quondam et vasta convolsa ruina
(Tantum ævi longinqua valet mutare vetustas)
Dissiluisse ferunt, quun protenus utraque tellus
Una foret: venit medio vi pontus et undis
Hesperium Siculo latus abscidit, arvaque et urbis
Litore diductas angusto interluit æstu.
Dextrum Scylla latus, lævum implacata Charibdis
Obsidet, atque imo barathri ter gurgite vastos
Sorbet in abruptum fluctus, rursusque sub auras
Erigit alternos et sidera verberat unda
At Scyllam cæcis cohibet spelunca latebris,
Ora exsertantem, et navis in saxa trahentem.
Prima hominis facies et pulchro pectore virgo
Pube tenus; postrema immani corpore pistrix,
Delphinum caudas utero commissa luporum.

J. Franco Barreto traduziu, Est. 94 a 97:

A' mão esquerda toma, que á direita
E' toda a praia cheia de suspeita.
Todos estes logares se imagina
Que sendo antes contiguos e pegados
Foram por força e uma gran ruina
Nos seculos antigos arrancados:
Entrou por meio a furia neptunina
E apartou de Sicilia e Hesperia os lados,
Os campos e cidades alagando, —
Tanto a longinqua idade vai mudando.
Scylla o direito lado, a embravecida
Carybdes tem o esquerdo; e num momento
Já as vastas ondas sorve, já impellida,
Com ellas fere o alto firmamento.
Mas Scylla entre uns escolhos escondida,
Abrindo a bocca, com furor violento,
As naus a seus cachopos arrebata,
Aonde de improviso as desbarata.
O rosto de homem tem, e de donzella
Mostra fóra o formoso e branco peito;
Emfim figura humana só até aquella
Parte, que esconde o natural respeito.
Tem os mais membros e remate d'ella
Da putrice marinha, e o fero aspeito;
E para que agil pelas aguas entre
A cauda de delphim, de lobo o ventre.

Homero, *Odyssêa*, C. XII:

« Tremulos entramos no formidavel estreito : de um lado, se eleva Scylla e do outro, a divina Carybdes absorve com tremendo arruído as ondas amargas. Vomitando-as depois, a agua ferve mugindo, como caldeira, sobre ardente brazeiro, e a espuma espadana contra os penhascos. Carybdes, esgolindo-as, parece convulsa até as entranhas,retumbam as penhas circumvizinhas com o fragor do trovão, e divisa-se através da terra lugubre areia. Tomados de terror, voltamos os olhos para Carybdes, de quem espavoridos aguardamos a nossa perdição. Scylla, entretanto, arrebata do navio seis dos meus companheiros dos mais valentes e robustos. Ao rumor voltei-me para os bancos dos remeiros, e vi nos ares seus braços e pernas, ouvindo ao mesmo tempo os lastimosos gritos, que chamavam ainda por Ulysses, mas pela ultima vez. Vi Scylla devoral-os á entrada do seu antro, espectaculo que me affligiu mais que todos os outros, que tive de supportar na minha peregrinação pelos mares. »

[3] Ariosto ,representando a Avareza, diz no *Orl. Fur.*, C. XXVI, est. 31 e 32

Quivi una bestia uscir della foresta
Parea, di crudel vista odiosa e bruta :
Ch'avea l'orechie d'asino, e la testa:
Di lupo e i denti, e per gran fame asciuta :
Branche avea di leon; l'altro che resta,
Tutto era volpe ; e perea scorrer tutta,
E Francia e Italia e Spagna ed Inghilterra,
L'Europa e l'Azia, e alfin tutta la terra.
Per tutto avea genti ferite e morte,
La bassa plebe e i più superbi capi;
Anzi mocer parea molto più forte
A re, a signori, a principi, a satrapi.
Peggio facea n'ella romana corte;
Che v'avea uccisi cardinali e papi :
Contaminato avea la bella sede
Di Pietro, e messo scandol nella Fede.

CANTO VIII

1. ACCRESCENTAR eu devo proseguindo, [1]
Que da torre inda estavamos distantes,
Quando, os olhos ao cimo dirigindo,
2. Dois phanaes brilhar vemos vacillantes,
A que outro de tão longe respondia,
Que mal se avistam seus clarões tremantes.
3. E eu de todo o saber ao mar dizia :
— « Os lumes dois porque ? Porque o terceiro ?
Para accendel-os quem razão teria ? » —
4. — « Pela onda impura » — me tornou — « ligeiro
Quem se aguarda já vês, se não te empece
A vista do paúl o nevoeiro. » —
5. Qual setta, que pelo ar veloz corresse
Da corda arremessada, discernimos
Tenue batel, que vir p'ra nós parece.
6. A regel-o um arraes só distinguimos,
— « Alfim chegaste, espirito execrando ! »
Em retumbante grita nós lhe ouvimos.

7. — « Phlegias, Phlegias [2], estás em vão bradando ! » —
Disse-lhe o Mestre — « nos terás sómente,
Emquanto formos o paul passando. » —
8. Como quem reconhece, e pezar sente,
Um grande engano, que se lhe ha tecido,
Phlegias assim na sua ira ardente.
9. Tendo Virgilio á barca descendido,
Eu segui-o: sómente aos meus pesados
Passos mostrou ter carga recebido. [3]
10. Em sendo o Mestre e eu no lenho entrados,
O lago foi cortando a antiga prôa
Com sulcos mais que de antes profundados.
11. Emquanto assim corremos, eis me sôa
De lutulenta sombra voz que exclama :
— « Quem és que em vida vens para a lagôa ? »
12. — « Sim, venho, mas não fico n'esta lama.
E tu quem és que immundo te has tornado ? » —
— « Bem vês : um sou que lagrimas derrama. » —
13. E eu então : — « Fica em lodo mergulhado
Em dôr, em pranto, espirito maldicto !
Sei quem és, se bem stês desfigurado. » —
14. Tendeu á barca as mãos aquelle afflicto,
Mas por Virgilio, que o repelle presto
— «Com teus iguaes vai, cão, te unir ! » — foi dito.
15. Abraçando-me então com ledo gesto
Me oscula e diz: — « Abençoada seja,
Que tão altivo te gerou e honesto !
16. « Essa alma, que de orgulho inda esbraveja,
Avessa ao bem, de raiva possuida,
Deixou de si memoria, que negreja.
17. « Quantos reis, grandes na terrena vida,
Virão, quaes cerdos, se atascar no lodo,
Fama de si deixando polluida! » —
18. — « Mestre, grato me fôra sobremodo
Vel-o no ceno mergulhar profundo,
Antes de eu ter d'aqui sahido em todo. » —

19. — « Antes que a margem — respondeu jucundo —
Avistes, gozarás d'essa alegria,
Verás penar o espirito iracundo. » —
20. E logo ao peccador, como á porfia;
Tanta afflicção causou a immunda gente,
Que ainda louvo a Deus, que o permittia.
21. Gritavam todos :— « A Philippe Argenti ! » — [4]
E a florentina sombra, se volvendo
Contra si, se mordia insanamente :
22. Lá o deixei, não mais nelle entendendo.
Subito, ouvindo um lamentar amaro,
Os olhos fito para além e attendo.
23. E o bom Mestre me disse: — « O' filho caro,
Stá perto Dite, de Satan cidade, [5]
Que ha povo infindo para o bem avaro. » —
24. — « Lá do valle no fundo em quantidade
Mesquitas » [6] — respondi — « rubras discerno
De flamma, creio, pela intensidade. » —
25. E o Mestre a mim: — « As faz o fogo eterno
Vermelhas, que lá dentro está lavrando
Como tens visto n'este baixo inferno. » —
26. Já nos profundos fossos penetrando [7]
De que o triste alcaçar é circumdado,
Me estavam ferro os muros similhando.
27. Mas, após grande gyro, hemos tocado
Na parte, onde o barqueiro com voz forte
— « Sahi » — gritou — « á entrada haveis chegado!»
28. Á porta vi d'aquelles gran cohorte
Que o ceu choveu; bramiam de despeito:
— « Este quem é que, antecipando a morte,
29. « Tem dos mortos no reino sido acceito ? » —
Meu sabio Mestre então lhes fez aceno
Para, em secreto, expôr-lhe seu conceito.
30. Contendo um pouco ás sanhas o veneno
Disseram: — Vem tu só; vá-se o imprudente,
Que n'este reino entrou, de audacia pleno;

31. « Só deixe a empreza em que embarcou demente;
Tente-o, se sabe; ficarás no emtanto,
Pois és seu guia á região nocente. » —
32. Imagina, ó leitor, qual fosse o espanto
Meu, escutando a horrifica ameaça:
Não deixar a mansão temi do pranto.
33. « O' Mestre meu, que tanta vez a graça
Fizeste de alentar-me o peito afflicto
No perigo imminente e atroz desgraça,
34. « Não me deixes » — disse eu — « n'este conflicto!
E, se avante passar é defendido,
Ambos voltemos do logar maldicto! » —
35. Quem tão longe me havia conduzido
— « Não temas » — diz — « não póde ser vedado
O passo, que por Deus foi permittido.
36. « Aqui me espera e o animo prostrado
Fortalece e alimenta de esperança:
Não hasde ser no inferno abandonado. » —
37. O doce pae se afasta e á porta avança.
Ficando assim na duvida e incerteza,
No pró, no contra a mente se abalança.
38. Não pude o que propoz ouvir; na empreza
Curta ha sido a detença: de repente
Esquivam-se os prescitos com presteza.
39. De roldão cerra a porta a imiga gente
Do Mestre á face, que, ficando fóra,
A mim se restitue mui lentamente.
40. De olhos baixos, faltava-lhe a de outr'ora
Affouteza, e dizia suspirando:
— « Quem me tolhe da dôr a estancia agora ?» —
41. E logo: — « A minha alteração notando
Não te afflijas; que os obices te digo
Heide vencer que a entrada estão vedando.
42. « Não é nova esta audacia do inimigo;
Em mais patente porta ha já mostrado,
Que sem ferrolho está: viste-a commigo,

43. « E a lugubre inscripção lhe has contemplado.
Deixou atrás e desce a penedia,
Pelos circ'los passando não guiado,
Abrir quem póde esta cidade impia. » —

NOTAS AO CANTO VIII

Aos signaes, que se fazem na torre, surge na lagôa a barca dirigida pelo demonio Phlegias, na qual entram Dante e Virgilio. Emquanto vogam, apparece-lhes Philippe Argenti, Florentino famoso por seu genio irascivel e violento; é salteado por outras sombras furiosas e mergulhado no lodo. Os poetas desembarcam ao pé da cidade de Dite, cujas portas são guardadas por demonios. Dante sente-se entrado de terror. Virgilio anima-o com a esperança de auxilio divino, em cuja presença se desvanecerá toda a opposição.

[1] Principia este canto pelas palavras: *Io dico seguitando:—*

Alguns commentadores, um dos quaes é Boccacio, entendem que este introito confirma a opinião dos que asseveram que os sete cantos primeiros do Inferno estavam escriptos, quando Dante foi condemnado a desterro e pouco depois á fogueira, sendo ao diante composta a continuação da *Divina Comedia*. O Marquez Scipione Maffei objectou aos que defendiam esta supposição que, se o seu parecer tivesse fundamento, igual razão procederia para se dizer que tambem Ariosto interrompeu mais de uma vez o seu *Orlando Furioso* e ao depois continuou em outra localidade; pois no principio do C. XVI:

Dico la bella istoria repigliando

e no começo do C. XXII:

Ma tornando ao lavor che vario ordisco.

[7] Phlegias, Rei de Phleglade, cidade da Beocia, a pouca distancia de Orchonide, foi pae de Ixion e Coronis, a qual, seduzida por Apollo, teve um filho que se chamou Esculapio, deus da medicina. Phlegias, para vingar-se da affronta, incendiou o templo de Apollo em Delphos: Apollo o matou. Condemnado ao inferno, o desventurado vê perpetuamente imminente á sua cabeça um penhasco prestes a cahir.

Virgilio, C. VI da *En.*, V. 618 e seguintes:

... Phlegias miserrimus omnes
Admonet et magna testatur voce per umbras:
Discite justitiam moniti et non temnere divos.

Traducção de J. F. Barreto, Est. 138:

O miserrimo Phlegias lamentando
Com voz alta, mas triste e dolorosa,
A todos d'esta sorte stá exhortando,
De uma sombra cercado tenebrosa:
Tomai exemplo n'este miserando
Os que gozais da vida aura amorosa;
Amai justiça sendo piedosos
E venerai os deuses poderosos.

Stacio, na *Thebaida*, C. I V. 712 e seg.:

... ultrix tibi torva Megara
Jejunum Phlegiam subter cava saxa jacentem
Æterno premit accubitu, dapibusque profanis
Instimulat; sed mixta famem fastidia vincunt.

[3] Virgilio, referindo á entrada de Enéas na barca de Caronte, assim se exprime, C. VI V. 712 e seg.:

... simul accipit alveo
Ingentem Æneam. Gemuit sub pondera cymba
Sutilis, et multam adcepit veniosa paludem
Tandem trans fluvium incolumis vatemque virumque
Informi limo glaucaque exponit in ulva.

Traducção de J. F. Barreto, Est. 90:

Ao grande Enéas logo sem demora
Em seu rio recebe e o mal seguro
Lenho gemeu c'o peso e, abrindo, dentro
Metteu muita agua do profundo centro.
Sobre o disforme lado finalmente
E limos, de que a praia se corôa
A Sibylla e o varão pôe junctamente
Além da triste, da infernal lagôa.

[4] Philippe Argenti é um dos individuos, cuja memoria parece que Dante mais deseja perpetuar pela odiosidade vinculada ao seu nome. Alguns commentadores suppõem que entre os dois tivesse havido motivo de rancor pessoal.

No Commentario á *Divina Comedia*, Boccacio, tratando do *fiorentino spirito bizarro*, disse:

« Philippe Argenti era riquissimo, e tanto que mandava ferrar de prata os cavallos em que sahia a passeio, extravagancia de que lhe proveiu o appellido. Distinguia-se pela sua alta estatura, tez morena, extrema robustez maravilhosa força e facilidade com que se deixava inflammar de ira á menor provocação. Por estas qualidades se fez conhecido, sendo por isso objecto de odio e vituperio. »

O mesmo Boccacio no *Decameron*, Nov. 8ª da *Giornata* IX:

« *... Un cavaliere chiamato messer Felippo Argenti, uomo grande e nerboruto e forte, e degnoso, iracundo e bizarro più che altro ... Aveva le pugna che parevan di ferro.* »

O *Ottimo Comento* qualifica Philippe Argenti do seguinte modo:—«*L'autore mostra alcuno famoso in questo vizio di arroganza, il quale ebbe nome Messer Felippe Argenti degli Adimari de Firenze, cavaliere di grandi vita e di grandi burbanza o di molta spezza e di poca virtude e valore.*»—

Merece attenção tambem o que acerca d'esse homem escreveu C. Balbo, *Vita di Dante*:

«As novellas antigas, principalmente as de Sacchetti, posto não se recommendem á fé em todas as suas particularidades, podem passar por tradições da cidade. Narra elle que um dos Adimaris, vizinho de Dante, estando em processo criminal por certo delicto e com probabilidade de ser condemnado pelo Assessordo podestá, Executor da justiça, pediu a Dante que em seu favor se empenhasse com o magistrado, que era seu amigo. Assentiu Dante ao pedido; mas, lembrando-se de que o Adimari era soberbo e insolente, mórmente quando sahia a cavallo pela cidade, pois abriudo as peruas tomava a largura da rua, se não era muito larga, de modo que tocava com a ponta das botas as pessoas que passavam, e considerando quanto esse e outros actos provocavam a animadversão geral, quando viu-se com o executor :— *Tendes pendente de decisão um processo de F. por certo crime. Recommendo-o á vossa attenção como sujeito, cujo procedimento se faz digno do maximo da pena. De mais, parece-me ainda maior delicto usurpar, como faz, o que é do uso commum.*— Perguntou o Executor em que consistia a usurpação: e sendo inteirado do que praticava, tornou :— *E' grande atrevimento, e delicto maior que o outro.* — *Pois bem!* — *replicou Dante* — *eu, como vizinho seu, vol-o recommendo.* — Tornado á casa disse ao Adimari que o Executor lhe respondera bem. Dias depois o processado foi condemnado á multa de mil liras pelo primeiro facto, e a outro tanto mais por usurpar a servidão publica, quando andava a cavallo. — «E, sendo este o principal motivo — diz Sacchetti, em breve foi lançado de Florença por ser dos Brancos.» Se não foi o principal motivo, influiu para o effeito, como comprehendem quantos conhecem de vista e experiencia que o minimo pretexto é aproveitado pelo partidos, que, sob a capa do interesse publico, exercem vinganças pessoaes.

«Sobre a tradição referida por Sacchetti, que confirma o que refere o historiador Compagni sobre as condemnações de Brancos por causas frivolas, ha na *Divina Comedia* muitos trechos allusivos aos Adimaris. No Inferno, entre os iracundos que se batem no pantanal da Stygia, apresenta Dante Philippe Argenti, da familia dos Cavicciuli, collateral dos Adimaris. O retrato, que d'elle deu Boccacio, com as particularidades das ferraduras de prata e grande corpolencia, tanto se conforma com o arrogante cavalgador de Sacchetti, que leva a crer na identidade da pessoa...

«Note-se que o episodio de Philippe Argenti está no C. VIII, o primeiro da continuação do poema interrompido, talvez porque Dante tinha pressa em vingar-se d'esse inimigo seu, que no extremo odiava... Quem lembrar-se que Dante se mostrara compassivo para com outros florentinos condemnados ao inferno, sem excepção de Ciacco e dos companheiros de Brunetto Latini, não deixará de ver ahi bem ao claro os vestigios de offensas reciprocas, pessoaes, de familia, ou publicas.

«Sobresae a vingança contra os Adimaris a sua inclusão entre as familias florentinas do C. XVI do *Paraiso*. Tendo Bellicion Berti, insigne cidadão antigo, muitas vezes rememorado n'esse canto, casado uma filha com Ubertino Donati, deu depois outra a um dos Adimaris: o Donate muito resentiu-se por isso, visto a indignidade da alliança. Accresce, segundo affirmam os commentadores, que um Boccacio Adimari foi quem, desterrado Dante, se apoderou dos seus bens confiscados... Assim não só uma offensa mortal, qualquer que fosse, senão tambem a vileza e covardia da perseguição ao desterrado, parecem claramente assignaladas n'esse trecho do *Inferno* e no do *Paraiso*.» —

[5] Ariosto, *Orl. Fur.* C. XL, Est. 33:

Fatto era un stagno più scuro e più brutto
Di quel che cinge la città de Dite.

[6] Com a palavra *mesquitas*, que significa as casas de oração dos mahometanos, o Poeta representa por um só traço a cidade de Satanaz.

[7] Virgilio, C. VI da *En.*, V. 548 e seg:

Respicita Æneas subito et sub rupe sinistra
Mœnia lata videt, triplice circumdata muro,
Quæ rapidus flammes ambit torrentibus amnis
Tartareus Phlegethon, torquetque sonantia saxa,
Porta adversa, ingens, solidoque adamante columnæ;
Vis est nulla virûm, non ipsi excindere ferro
Cœlicolæ valeant. Stat ferrea turris ad auras;
Tisiphone que sedens, palla succinta cruenta,
Vestibulum exsomnis servat noctesque diesque.

Traducção de J. F. Barreto, Est. 122 e 123:

Olha Enéas atrás subitamente
E á parte esquerda nota ao pé fundada
De um monte a gran cidade, fortemente
De tres muralhas em redor cercada;
A qual rodeia Phlegethonte ardente
Co'a torrente veloz e accelerada,
Os sonoros penedos revolvendo
Com impeto feroz e assaz tremendo.
Tem fronteira uma porta grande e grossa,
E com columnas de diamante fino,
Porque em tempo nenhum com ferro possa
Rompel-as braço humano, nem divino
N'ella uma torre ferrea, que se roça
Com os ceus e na entrada de contino
Dia e noite Tesiphone assentada
Está com uma roupa ensanguentada.

CANTO IX

1. Do medo a côr, que o gesto me alterara,
Ao ver tornar Virgilio em retirada,
Serenou turvação, que o seu mudara.
2. Como escutando, espreita; que a cerrada
Nevoa os ares em torno ennegrecia,
E a vista, incerta, achava-se atalhada.
3. — « Mas é mister vencer n' esta porfia . . . » —
Lhe ouvi — « senão . . . soccorro é promettido . . .
Oh ! quanto a vinda sua é já tardia ! » ! —
4. Bem vi que das palavras o sentido,
Que a declarar apenas começava,
Fôra por outros logo confundido.
5. Porém maior receio me assaltava,
Na reticencia auspicio triste vendo,
Que na expressão talvez não se encerrava.
6. — « A esta horrida estancia, descendendo
Do limbo, póde vir quem só padece
A esperança, » — inquiri « toda perdendo ? » —

7. O Mestre respondeu : — « Raro apparece
Ensejo, que um de nós a andar obriga
Pelo caminho, que aos abysmos desce.
8. « Alli, porém, já fui, quando inimiga
Esconjurou-me Erichto ,[2] que os esp'ritos
Constrangia a fazer c'os corpos liga.
9. « Des'pouco eu me finara : por seus ritos
Ao circulo de Judas fui trazido
Para a sombra tirar de um dos prescitos.
10. « É o logar mais fundo e denegrido,
Mais remoto do ceu, que os orbes gyra.
Sei o caminho: esforça-te, ó querido !
11. « Este paúl, que o bruto cheiro expira,
A cidade circumda do tormento,
Onde entrar não podemos já sem ira. »
12. Deslembro o que mais disse: o pensamento
Da torre altiva ao cimo chammejante,
Que os olhos me prendia, estava attento.
13. Lá o aspecto se erguia horripilante
De furias tres; de sangue eram tingidas,
Feminís no meneio e no semblante.
14. De hydras verdes mostravam-se cingidas, [3]
Cerastes, serpes cada uma tinha
Por coma, em torno a fronte entretecidas.
15. Virgilio, que conhece da rainha
Do eterno pranto essas ancillas cruas,
— « Nas Erinnys [4] attenta » diz-me azinha
16. « Megéra á esquerda está das outras duas,
Chora á direita Alecto e fica ao meio
Tisiphone. [5] » — E poz termo ás vozes suas.
17. Co'as unhas cada qual rasgava o seio,
Com seus punhos batiam-se, em tal brado,
Que ao Vate me acerquei, de pavor cheio.
18. Olhando-me dizia : — « Transformado
Em pedra seja por Medusa; o assalto
Do impio Theseu [6] não foi assaz vingado.

19. — « Volta a face; de luz o rosto falto
Conserva; que, se a Górgona encarar-te,
Tu não mais tornarás da terra ao alto.» —
20. Disse o Mestre, e volveu-me á opposta parte;
E as mãos juntando ás minhas, que não bastam,
Os olhos amparar-me quiz d'essa arte.
21. O' vós cujas idéas não se afastam
Das leis da san razão, vêde os preceitos
Que d'estes versos sobre o veu se engastam.
22. Eis sobre as aguas turbidas desfeitos
Troam sons de fracasso temeroso;
Tremendo, as margens sentem-lhe os effeitos.
23. O tufão assim freme impetuoso,
Que, de ardores contrarios se excitando,
Sem pausa fere a selva, e furioso,
24. Quebrando ramas, flôres arrancando,
Entre nuvens de pó soberbo assalta
Feras, pastores e lanoso bando.
25. Os olhos descobriu-me e disse: « Exalta
A vista agora até a espuma antiga,
Onde mais acre a cerração resalta. »
26. Quaes rans, que divisando a cobra imiga,
Todas da agua no seio desparecem,
E cada qual no lodo entra e se abriga,
27. Taes milhares de espiritos parecem,
Em derrota fugindo ante a figura
Que passa: n'agua os pés não se humedecem.
28. Movendo a esquerda mão, a nevoa escura,
Que lhe era em torno ao vulto, dissipava:
Só este afan lhe altera a face pura.
29. Ser elle conheci que o ceu mandava;
A Virgilio voltei-me, e mudo e quieto
Ao aceno, que fez, eu me acurvava.
30. Quantos lumes reflecte o iroso aspecto!
Á porta chega: ao toque de uma vara
Abre-se a entrada do alcaçar infecto.

31. — « O' turba vil, que o ceu de si lançara ! » —
Ao limiar falou da atroz cidade,
— « D' onde vos vem da audacia a insania rara ?
32. « Por que recalcitrais á alta vontade,
Que sempre cumpre o seu excelso intento,
E á dôr já vos cresceu a intensidade ?
33. « Cuidais pôr ao destino impedimento ?
Cerbero [8], o vosso, na memoria tende:
Trilhados inda estão-lhe o collo e o mento. »
34. Então pelo caminho immundo estende,
Sem nos falar, os pasos similhante
A quem de outros cuidados a alma prende,
35. D'aquelles, que ha presente, bem distantes.
Nós á cidade affoutos caminhamos:
Deu-nos esforço o seu falar pujante.
36. Já, removido todo o pejo, entramos.
Eu, que sentia de saber desejo
Quando o forte, contém que franqueamos.
37. Como fui dentro, a tudo prompto, vejo
Campanha em toda a parte illimitada,
Mas não espaço ás punições sobejo.
38. Como em Arle, onde [9] o Rhôme faz parada
Ou junto a Pola, de Quernaro perto,
De que á Italia a fronteira está banhada,
39. Stá de sepulchros desigual e incerto
O solo: outros assim a estancia feia,
Mas de modo mais agro, tem coberto.
40. Entre elles chamma horrifica serpeia
E os abraza inda mais que a fragoa ardente
Que arte para amolgar o ferro ateia.
41. Alçada a tampa, é cada qual patente.
D'alli surgia um lamentar profundo,
De misereo gemido permanente.
42. — « O' Mestre meu, quaes foram lá no mundo »—
Eu disse — « aquelles, que no duro encerro
Denunciam tormento sem segundo ? »—

43. « Aqui stão os hereges por seu erro *,
Com seus sequazes dos diversos cultos:
São mais do que tu crês em cada enterro.
44. « Iguaes com seus iguaes estão sepultos,
Uns tumulos mais que outros são candentes. »
A' dextra então voltou: com tristes vultos
Passamos entre o muro e os padecentes.

* Incredulos e hereges.

NOTAS AO CANTO IX

Continuam os obstaculos, que impediam a entrada dos Poetas em Dite. Apparecem as tres Furias, e depois Medusa, de cujo aspecto Virgilio acautela Dante. Intervindo um anjo, enviado em seu soccorro, entram na capital do inferno em cujo recinto acham os incredulos atormentados em sepulchros ardentes.

[1] Nas palavras que profere Virgilio ha obscuridade, que deu aos commentadores motivo para encontradas conjecturas. Debatendo sobre o seu entendimento, houve alguem que lhes attribuisse mysterioso e quasi cabalistico sentido, segundo a doutrina, que se disse, occultamente professavam os Gibelinos. Tambem se affirmou que as palavras *tal* e *altri* se referem ao Imperador Henrique de Luxemburgo, cuja vinda á Italia era sofregamente esperada pelos Gibelinos, como triumpho ao seu partido e termo ás perseguições, de que eram victimas.

[2] Na *Pharsalia*, disse Lucano que Erichtho era um feiticeiro da Thessalia que por esconjuros evocara do inferno uma ultima alma afim de predizer a Sexto Pompeu o exito da guerra, em que estavam travados Julio Cesar e seu pae Pompeu o Grande. Do maravilhoso poder de Erichtho dão idéa os seguintes versos do poeta latino (C. VI):

Hos sceleram vitus hæc diræ carmina gentis
Efferæ damnarat nimæ pietatis Erichtho,
Inque novos vitus urbis submittere tecto
Aut laribus ferale caput, desertaque busta
Incolit et tumulos expulsis obtinet umbris
Grata deis Erebi. Cœtus audire silentum
Nosse domos Stygias, arcanaque Detis operti
Non superi, non vitat vetat. Tenet ora profanæ
Fœda situ maciies, cœlique ignota sereno.
Terribilis Stygio facies pallore gravatur,
Impexis onerata comis. Si nimbus et atræ
Sidera subducunt nubes, tunc Thessala nudis
Egreditur bustis, nocturna que fulgura captat,
Semina fecundæ segetis calcata perussit

Et non lethiferas spirando perdidit auras
Nec Superos orat, nec, antu supplice numen
Auxiliare vocat, ne fibras illa litantes
Novit : funereas aris imponere flammas
Gaudet, et accenso rapuit quæ tura sepulcro
Omne nefas Superi prima jam voce precantis
Concedunt, carmenque timent audire secundam.
Viventes animas et ad huc sua membra regentes
Infodit busto ; fatis debentibus annos
Mors invita subit ; perversa funera pompa
Retulit a tumulis ; fugere cadavera lecum.
Fumantes juvenum cineres, ardentiaque ossa
Et mediis rapit ipsa rogis, ipsamque, parentes
Quam tenuere, facem ; nigroque volantia fumo
Feralis fragmenta tori, vestesque fluentes
Collegit incineres et olentes viembra favillas.
Ast ubi servantur saxis, quibus intimos humor
Ducitur, et tracta durescunt tabe medullæ
Corpora ; tunc omnes avide desævit in artus
Immergitque manus oculis ; gaudetque geratos
Effodisse orbes ; et siccæ pallida rodit
Excrementa manus ; laqueum, nodosque nocentes
Ore suo rupit ; pendentia corpore carpsit
Abrantque cruces ; percussaque viscera uimbis
Vulsit et incoctas admisso sole medullas
Insertum manibus chalybem, nigramque per artus
Stilantes tabi seniem, virusque coactum
Sustulit, et, nervo morsus retinent, pependit
Et quacumque jacet mudum tellure cadaver,
Ante feras, volucresque sedet; nec carpere viembra
Vult ferro, manibusque suis, morsusque luporum
Exspectat, siccis ruptura et faucibus artus
Nec cessant a cæde manus, si sanguine vivo
Est opus, erumpat jugulo qui primus aperto
Nec refugit cædes, vivum si sacra cruorem
Exanque funereæ poscunt trepidantia menæ :
Vulnere sic ventris, non qua Natura vocabat,
Extrahitur partus, calidis ponendus in aris.
Et quotiens sævis opus est, ac fortibus umbris
Ipsa facit manes ; hominum mors omnis in usu est
Illa genæ florem primævo corpore vulsit,
Illa comam læva morienti abscidit ephebo.
Sorpe etiam caris, cognato in funere, dira
Thessala incubuit membris ; atque oscula fingens
Truncavit caput, compressaque dentibus ora
Laxavit : siccoque hærentem gutture linguam
Præmordens, gelidis infudit murmura labris
Arcanumque nefas Stygias mandavit ad umbras.

Dante finge que Erichtho sobreviveu a Virgilio, o qual falleceu no anno da edificação de Roma 734, 14º do dominio de Augusto, successor de Julio Cesar. O prodigio, que attribue á magica da Thessalia, não é o que relata Lucano ; é outro muito differente até pela data posterior.

[3] Virgilio, C. VI, V. 281:

Vipireum crinem vittis innexa cruentes.

Plinio (*Hist. Natur.*, lib. I, cap. 4) — « *In orbe terrarum pulcherrimum anguinum genus est, in aqua vivit, hidri vocantur, millis serpentum inferiores veneno. . . Hydrus mas, hydra fæmina.*»

[4] Camões, *Lusiadas*, c. VI, est. 43, chama Erinnys a Discordia.
Erine, denomina Dante as tres Furias Megera, Alecto e Tisiphone.

Virgilio, *En.* C. VIII, V. 324 e seg.:

Hæc ubi dicta didit, terras horrenda petivit.
Luctificam Alecto Dirarum ab sede sororum
Infernisque ciet tenebris ; cui tristia bella,
Iræque, insidæque et crimina noxia cordi
Odit et ipse pater Pluton, odere sorores
Tartareæ monstrum ; tot sese vertit in ora,
Tam sævæ facies, tot pollulat atra colubris.

Trad. de J. F. Barreto. Est. 76 e 77 :

Dizendo assim, desceu horrenda á terra,
E' a luctifera Alecto desde o assento
Das furias irmans suas, desencerra
E do reino das trevas e lamento ;
A' qual agradam iras, traições, guerra
E os peccados, que á alma dão tormento:
Monstro, que o pae, Plutão, mesmo aborrece,
E ás tartareas irmans mui mal parece.
Em diversas figuras se transforma,
Em rostos de tremenda catadura,
E cobras de medonho aspecto e fórma
Brotando sempre está cruel e escura.

Ovidio, *Metamorphoses*, lib. IV :

Sic hæc Junone locuta
Tisiphone canos ut erat turbata, capillos
Movit et obstantes rejecit ab ore colubras
Atque ita— « Non logis opus est ambagibus—inquit ;
Facta puta quæcumque jubes. Inamabile regnum
Desere teque refer cœli melioris ad auras » . . .
Nec mora, Tisiphone made factam sanguine sumit
Importuna facem, fluidoque cruore rubentem
Inductum pallam, tortoque incingitur anguem
Egreditur que domo, Luctus comitatur euntem
Et Pavor et Terror trepidoque Insania vultu.

Traducção do insigne poeta Antonio Feliciano de Castilho :

Dissera ; eis que Tisiphone, abanando
As desgrenhadas cans, do rosto arreda
O estorvo das serpentes e assim fala :
— Não é mister cansares-te em rodeios ;
Dá por feito o que ordenas ; desampara
O desamavel reino, aos ceus remonta—. . .
A hedionda Tisiphone já lança
Mão do cruento archote, enverga o manto
Escarlate de sangue, que gotteja,

Aperta o cinto de enroscada serpe,
Do Averno sae. Compõe-lhe comitiva
Lucto, Medo, Terror, trepida Insania.

[5] Ovidio, *Met.* lib. IV :

... et alter (Perseus)
Viperei referens spolium mèmorabile monstri
Aera carpebat tenerum stridentibus alis
Cumque super lybicas victor penderet arenas,
Gorgenei capitis gutæ cecidere cruentæ,
Quas humus exceptas varios animavit in angues,
Unde frequens illa est infestaque terra colubris...
Jamque cadente die, veritus se credere nocti
Constitit Hesperio, regnis Atlantis, in orbe.
Exiguamque petit requiem, dum Lucifer ignes
Evocet Auroræ, currus Aurora diurnos
Hic dominum cunctos ingenti corpore præstans
Japetionides Atlas fuit...
Huic quoque : — Vade procul, ne longe gloria rerum
Quam mentiris — ait — longe tibi Jupiter absit.»
Vinique minis addit, manibusque expellere tentat
Cunctantem et placidis miscentem fortia dictis
Viribus inferior (quis enim par esset Atlanti
Viribus?) — «At quoniam parvi tibi gratia nostra est,
Accipe munus» — ait, Jarvaque a parte Medusæ
Ipse retroversus squalentia prodidit ora.
Quantus erat mons factus Atlas...

Traducção de A. Feliciano de Castilho :

... e outro
Levando o espolio do vipereo monstro
E equilibrado em azas estridentes,
Presas aos leves pés, vagueia os ares.
Sobre as crestantes lybicas areias
Pendendo o vencedor, cahiram n'ellas
Da gorgonea cervia sanguineas gottas ;
E bebendo-as o solo as fez serpentes :
Desde então de serpentes Lybia abunda...
Em fim proxima a noite, receiando
Perseu fiar-se d'ella, o vôo abate
Na hesperia região, reinos de Atlante
O herôe pede ao rei um breve asylo
Té que Phosphoro esperte a luz da Aurora
E a Aurora o carro de ouro ao sol prepare.
Superior na estatura aos homens todos
Era Atlante, de Japeto progenie...
E a este diz tambem : — Vai para longe,
Se não queres de ti ver longe a gloria
Dos mentirosos feitos, se não queres
Longe, mais longe ainda, o pae, que ostentas.
E, ajuntando a violencia ás ameaças,
Repellir tenta para além das portas
Perseu, que lhe resiste, e já mistura
C'os termos brandos expressões mais fortes.

Nas forças inferior se reconhece:
Quem podia igualar de Atlante as forças?
—«Já que a minha amisade em pouco estimas»
Diz o affrontado heróe—«meus dons recebe.»—
N'isto co'a mão sinistra e desviando
Primeiro os olhos para a parte adversa
Lhe mostra de Medusa a face horrenda.
Eis feito o enorme Atlante um monte enorme!

[6] Theseu, diz a mythologia, baixara ao inferno em companhia de Pirithoo afim de roubar Proserpina; mas não só se mallogrou o seu intento, senão tambem ficou encarcerado, até que foi libertado da prisão por Hercules. Cerbero, o cão trifauce, devorou Pirithoo.

Tasso, *Jer. Lib.* C. VII, Est. 116:

D'agli occhi de mortali un negro velo
Rapisce il giorno e il sole, e parch'avvampi
Negro viè piu c'orror d'inferno il cielo;
Così fiammegia infra baleni e lampi.
Tremono i tuoni, e pioggia accolta in gelo
Si versa, e i paschi abbatte e inonda e campi:
Schianta i rami il gran turbo, e parche crolli
Non pur le querce, ma le rocche e i colli.

[8] Cerbero significa, no entender dos expositores, o demonio, que não podendo empecer Jesus Christo na sua descida ao inferno, de irado se voltara contra si, arrepellara os queixos e arranhara a cara e o pescoço.

[9] Arles, na Provença, Fóra das portas da cidade, disse o commentador Lombardi, em distancia de uma milha, demoram numerosos sepulchros e sarcophagos romanos, como se collige das inscripções e estatuas insculpidas na pedra.

Rhône ou Rhodano, rio de França, que cae no mar Tyrrheno.
Pola, antiga cidade da Esclavonia, que parte com a Istria.
Quarnaro, golfo da Esclavonia, em cujas cercanias ha moimentos romanos.

Escreveu Boccacio, referindo-se aos sepulchros de Arles:

« A' escassa distancia da cidade de Arles, existem muitos sepulchros antigos de pedra, alguns de grande dimensão, alguns pequenos, uns bem talhados, alguns grosseiramente lavrados, segundo os meios de quem mandou erigil-os. Não poucos apresentam epitaphios, ao modo dos antigos, commemorando, ao parecer, feitos dos que alli, forma sepultados. Voga, entre os moradores do logar, a tradição de se ter ferido alli uma cruenta batalha entre Guilherme de Orange ou outro principe christão e os barbaros infieis da Africa, morrendo grande somma de christãos, cujos corpos tiveram na manhã do dia seguinte a sepultura nos sepulchros, que para seu enterro foram levados. »

O *Ottimo Comento* contém o seguinte:

« Arles, cidade da Provença, proxima ao rio Rhodano, que alli fórma remanso. A's abas d'essa cidade dizem que se travou uma grande peleja entre os christãos habitantes do territorio governado pelos filhos do grande Americo de Narbona, e os Sarracenos de Africa e Hespanha, que vieram por mar. Aos christãos reconhecidos por milagre entre os mortos foram erigidos moimentos em quantidade innumeravel; muitos foram encerrados n'um só sepulchro. Ha quem

diga que a batalha feriu-se entre pagãos de parte á parte; outros asseveram que n'esse logar sepultavam-se todos os que morriam em todo o territorio circumvizinho. — Pola é cidade da provincia de Istria, perto do maritimo; não distante de braço de mar assáz perigoso, denominado Quarnaro, por causa de correntezas desencontradas em varias direcções. Á visinhança de Pola, espaço de meia milha, se veem numerosos sepulchros de pedra, em cada um dos quaes foram recolhidos muitos cadaveres provenientes de uma grande batalha. »—

Ariosto, *Orl. Fur.* C. XXXIX, Est. 72:

Della gran moltitudine ch'uccisa
Fù da ogni parte...
Se ne vede ancor segno in quella terra
Che presso ad Arli, ove il Rodano stagna
Piena di sepolture è la campagna.

CANTO X

1. ENTRA Virgilio por vereda estreita,
Que entre e muro e os martyrios vai seguindo:
Após os seus meu passo se endireita.

2. — « Virtude summa! ó tu, que, dirigindo
Me estás, ao teu saber na estancia triste,
Me instrue, ao meu desejo deferindo.

3. « A gente ver se póde que ora existe
N'aquellas sepulturas descobertas,
A que nem guarda, nem defesa assiste? » —

4. — « Serão » — me respondeu — « todas cobertas
No dia, em que, de Josaphat [1] tornando,
Os corpos tragam, de que estão desertas.

5. « Epicuro [2] aqui jaz com todo o bando
Dos discipulos seus, que professaram
Que alma fenece, a vida em se acabando.

6. « O que as tuas palavras declararam
Satisfeito hade ser, como o que vejo
Dos votos que em teu peito se occultaram. » —

7. — « Não te expuz, meu bom Mestre, quanto almejo,
Porque de breve ser tenho o cuidado,
E o mais longo dizer não déste ensejo. » —

8. « O' Toscano, que, vivo, has penetrado
Do fogo na cidade e és tão modesto,
Detem-te um pouco, se te for de agrado.
9. « Por teu falar me está bem manifesto
Que n'essa nobre patria tens nascido, [3]
A que fôra eu talvez assáz molesto. » —
10. Ouço este som, de subito sahido
De um dos jazigos: tanto eu me torvara,
Que ao Mestre me achegava espavorido.
11. — « Que temes tu ? » — Virgilio diz — « Repara:
E' Farinata [4] em seu sepulchro alçado,
Do busto em toda a altura, se depara. » —
12. Na sombra os olhos tinha eu já fitado:
Altiva levantava a fronte e o peito,
Como em desprezo do infernal estado.
13. Por entre as tumbas me levou direito
Ao vulto o Mestre com seu braço presto,
Dizendo-me: — « Sê claro em teu conceito ! »—
14. Junto ao supulchro apenas fui, com gesto
Severo um pouco olhou-me e desdenhoso
— « Teus maiores ? » — falou — « Faz manifesto.
15. Eu, já de obedecer-lhe desejoso,
Quanto sabia expuz-lhe francamente.
O sobr'olho arqueava um tanto iroso,
16. E tornou :— « Guerra crúa fez tua gente [5]
A mim, aos meus avós, ao meu partido;
Mas duas vezes bani-os justamente. »—
17. —« Mas todos os que expulsos tinham sido
Se hão, de uma e de outra vez repatriado :
Não têm essa arte os vossos aprendido. »—
18. Surgindo então de Farinata ao lado
Sómente o rosto um vulto nos mostrava,
Sobre os joelhos, creio, levantado. [6]
19. Com anciosos olhos me cercava
A ver se alguem viera alli commigo.
Mas, perdida a esperança, que o animava,

20. Pranteando inquiriu :—« Se ao reino imigo
Por premio baixas do teu alto engenho,
Onde é meu filho ? [7] Pois não vem comtigo ? »
21. —« Por moto proprio aqui » —volvi—« não venho;
Perto me aguarda quem meus passos guia,
Vosso Guido talvez [8] teve-o em desdenho. »—
22. A pena sua e as vozes, que lhe ouvia,
Denunciado haviam-me o seu nome :
Pude assim responder quanto cumpria.
23. Subito ergueu-se o espirito e gritou-me :
« *Teve* disseste : não mais vive agora ?
O corpo seu a terra já consome ? »—
24. Como eu tivesse em responder demora
A' pergunta, de costas recahia,
E novamente não mostrou-se fóra.
25. Mas esse outro magnanimo, que havia
De antes falado não mudou de aspeito ;
No collo e busto immovel persistia.
26. — « Se aquella arte não dera aos meus proveitos »—
Proseguiu — « me produz esta certeza
Maior tormento no adurente leito.
27. « Porém vezes cincoenta a face accesa
Não mostrará do inferno a soberana [9]
Sem que tu saibas quanto essa arte pesa.
28. « Assim possas voltar á vida humana !
Contra os meus, diz, porque tanta maldade
Em cada lei, que d'esse povo emana ? » —
29. Eu respondi : — « O estrago, a mortandade,
Que do Arbia [10] as aguas de rubor tingira
A curia nossa move á austeridade. [11] »—
30. Inclinando a cabeça então, suspira
E diz : — « não fui lá só n'aquelle dia,
Nem sem motivo aos outros eu seguira.
31. « Porém achei-me só, quando exigia
De Florença a ruina o geral brado :
A peito descoberto eu defendia-a. »—

32. —« Seja o descanço á vossa prole dado :
Mas, vos supplico, de penoso enleio
Fique o juizo meu descaptivado.
33. « Se bem percebo, do futuro ao seio
Subindo e ao tempo o curso antecipando,
Do presente ignorais todo o rodeio. »—
34. — « Os que têm vista má nós similhando »—
Tornou-me—« as cousas mais distantes vemos,
De Deus ultima luz em nós raiando.
35. « Quando estão perto ou no presente as temos
Se apaga a lucidez, e a mente aprende
Por outrem só o que de vós sabemos.
36. « Sciencia nossa do porvir depende ;
Em sendo a porta do porvir cerrada,
Essa luz morre em nós, não mais se accende. »
37. Então minha alma, de remorso entrada,
« Dize » — replico — á sombra, a quem falava,
Que o filho inda entre os vivos tem morada.
38. Se presto lhe não disse o que exorava,
Da duvida, que, ha pouco, heis-me explicado,
Pela influencia dominado eu stava. »—
39. Se bem fosse do Mestre appellidado,
Rogando a sombra a me dizer prosigo
As almas, de quem stava acompanhado.
40. Respondeu : « — Muitos mil jazem commigo
Aqui dentro, o Segundo Frederico, [12]
Com elle o cardeal, [13] de outros não digo. » —
41. Dos olhos se apartou. A scismar fico,
Voltando ao sabio Mestre, na ameaça
[illegible]
42. [illegible]
[illegible] conto
Expondo o que me inquieta e me embaraça.
43. — « Do que ouviste a memoria cada ponto
Conserva ! » — o sabio ordena ; e, logo, alçando
O dedo, segue : — « Agora [illegible]

44. « Ante o doce raiar d'aquella estando,
Que tudo aos bellos olhos tem presente,
Se irão da vida os transes revelando. » —

45. Moveu-se logo á esquerda diligente ;
Deixando o muro, ao centro caminhava
Por senda, que descia ao valle horrente,
Que hediondos vapores exhalava.

NOTAS AO CANTO X

Manifesta Dante o desejo de ver e falar a algum dos hereges, sectarios das doutrinas de Epicuro, que jazem nos sepulchros ardentes. Conduzido por Virgilio, pratica com Farinata degli Uberti e Cavalcante de Cavalcanti. Vaticina-lhe Farinata o seu desterro; e lhe declara que os condemnados conhecem o que está por acontecer, se bem que do presente só possam saber o que lhes é referido.

[1] Denominou-se Josaphat ou Jehosaphat, um valle proximo a Jerusalêm, que, demorando a leste d'esta cidade e a oeste da montanha das Oliveiras, tem a extensão de trinta kilometros. Corta-o o arroio Cedron. Era a tradição popular dos judeus, acceita por muitos Christãos, que n'esse valle se faria o Juizo final. Tambem chamavam-o valle de Cedron ou Silöé.

No livro de Joël (*Velho Testamento*), Cap. III V, 2:

« Ajuntarei todas as gentes e leval-as-hei ao valle de Josaphat; e alli estárei com ellas no juizo no tocante a Israel, meu povo e minha herança, a quem elles espalharam por entre as nações, e no tocante á minha terra, que elles dividiram entre si. »

[2] Epicuro, philosopho grego, nasceu em 341 antes de Jesus Christo, em Gargetos, nas cercanias de Athenas. Vinculando-se ás doutrinas de Democrito, ampliou-as, desenvolveu-as e corrigiu-as á sua feição, e sobre estes fundamentos firmou uma das escolas philosophicas da antiguidade. Em moral, ensinava que o prazer é o bem supremo do homem, e, pois, todo o seu empenho deve ser conseguil-o; mas por prazer, entendia principalmente o contentamento do espirito e coração. Em physica, explicava o universo pela conjuncção fortuita dos atomos. Negava a immortalidade da alma; admittia entes de natureza superior á do homem, mas sem acção sobre o mundo. Lucrecio expoz a physica de Epicuro no seu poema — *De rerum naturâ*.

[3] Florença.

[4] Farinata degli Uberti, que Sismondi tinha em fôro «do maior estadista do seu tempo», e que Perrens, o moderno historiador de Florença, qualifica de alto entendimento, magnanimo caracter, proprio para as armas e muito mais para os conselhos, foi um dos mais insignes e abalizados chefes dos Gibelinos em Florença.

Em seu *Comento* diz Boccacio: « Era com Epicuro de parecer que a alma perece com o corpo, e conseguintemente ensinava que a felicidade do homem cifrava-se nos prazeres temporaes. Mas não procedia como Epicuro que, em presença de copiosos banquetes, deliciava-se em comer pão secco. Farinata era apaixonado dos manjares delicados e saborosos; e para gozal-os não esperava pela fome. Por este peccado foi, n'este canto, condemnado. »

— « Os Florentinos — diz o citado historiador — em suas chronicas confundem o epicurismo com a heresia, não sendo, porém, mais que indifferença religiosa ou incredulidade. Escreveu Benvenuto Rambaldi de Imola: — « *Illi epicurei sunt innumerabilis, und poterat ita didere cum pluribus centum millibus, imò mille, millibus.* » — Farinata degli Uberti, chefe dos Gibelinos, entendia, como Epicuro, que a felicidade suprema, o paraiso, sómente neste mundo existe. Cavalcante Cavalcanti cria e ensinava aos outros que a alma fenece com o corpo. Andava sempre a repetir as palavras de Salomão: — «Eu disse no meu coração — acerca dos filhos dos homens que Deus os provava e lhes mostrava que eram similhantes aos brutos; por isso uma é a morte dos homens e dos brutos, e de uns e de outros é igual a condição: do mesmo modo que morrem os homens, assim tambem morrem os brutos; todos respiram da mesma sorte, e o homem não tem nada de mais do que os brutos, e todos elles caminham a um logar, e em terra se tornam do mesmo modo.» (*Ecclesiastes*, cap. III, v. 18, 19, 20). —Seu filho Guido Cavalcanti, poeta e philosopho, segundo olho de Florença, no tempo de Dante (como escreveu Benvenuto de Imola) amigo do primeiro, isto é, de Dante Alighieri, professava as mesmas doutrinas, que ainda no berço aprendera: — «Quando os populares o viam na rua, disse Boccacio, abstracto e pensativo, diziam que andava em busca dos argumentos para provar que não existe Deus.» — Os mais qualificados Gibelinos eram tão incredulos como os Cavalcantis. Por ser incredulo o proprio Farinata degli Uberti, o heroe, o politico, patriota do partido que seguia apaixonadamente o mais crente dos poetas, se apresenta emparedado em um sepulchro no fundo do immortal inferno, de que a poesia dotou o christianismo, em companhia de Frederico II, do cardeal Ubaldini e de mil outros.»

Dante, *Convito*, trat. IV, Cap. V:

— « Além d'estes, houve outros philosophos, dos quaes um dos primeiros e principaes chamou-se Epicuro, que, vendo os animaes, logo em nascendo, quasi pela natureza propensos ao seu devido fim, fugindo á dôr e procurando o prazer, disse que o nosso fim é a voluptuosidade, e por isso, entre o prazer e a dôr, não estabelecia meio termo, tendo para si o deleite e a ausencia da dôr. » —

[5] Os antepassados de Dante foram Guelfos, e elle seguiu aquella parcialidade até que foi desterrado. Desde então se fez extremado Gibelino. Por isso diz Farinata:

Fieramente furon avversi
A me e ad i miei primi ed a mia parte,
Sì chè per due fiate gli dispersi.

Farinata duas vezes lançou os Guelfos de Florença: a primeira, quando o Imperador Frederico promoveu tumultos em Florença, a segunda, por occasião da batalha de Montaperti.

[6] E' este Cavalcante de Cavalcanti, pae do amigo de Dante, Guido Cavalcanti. A razão por que sua sombra não se alça fóra do sepulchro tanto quanto a de Farinata, provém da indole de cada um dos dois: Farinata era magnanimo, heroico; Cavalcanti, de espirito pouco elevado, como mostrou por suas lagrimas, por seu profundo abatimento á simples supposição de ser já morto seu filho.

†Guido Cavalcanti, aquelle predilecto amigo de Dante, que na adolescencia lhe endereçou o seguinte soneto:

Guido, vorrei che tu e Lapo ed io
Fossimo presi per incantamento,
Emessi ad un vascel, ch'ad ogni vento
Per mare andasse a voler vostro e mio;

Sicchè fortuna od altro tempo rio
Non ci potesse dare impedimento,
Anzi, vivendo sempre in un talento
Di stare insieme crescesse il disio.

E Monna vanna e Monna Bice poi,
Con quella ch'è sul numero del trenta
Con noi ponesse il buono incantatore.

Equivi ragionar sempre d'amore;
E ciascuna di lor fosse contenta,
Siccome io credo che sariamo noi.

Guido não dedicava a Virgilio o mesmo culto de admiração que Dante; e posto fosse um dos abalisados poetas do seu seculo, dava-se mais ao estudo da philosophia do que á poesia. Boccacio muito encareceu os seus louvores; e, em especial, deu-lhe o mais conspicuo logar na Nov. 9ª da *Giornata Sexta* do *Decameron*, da qual aqui se traslada o seguinte:

«Entre os bons costumes dos tempos idos comprehendia-se o de associações festivas, compostas de cavalleiros da cidade e dos arrabaldes de Florença, que em occasiões determinadas reuniam-se para folganças e cavalhadas. Uma d'essas associações tinha por director Betto Brunelleschi, que muito se empenhara por incluir no Gremio Guido Cavalcanti. Motivo sobejo tinha para desejal-o: por quanto, sobre ser um dos melhores logicos do mundo, e excellente philosopho natural (cousas de que, aliás, a associação pouco cabedal fazia) era dotado de alegre genio e muito bons costumes, assaz facundo, versado em tudo quanto cabe nos dotes de um cavalleiro, e amavel mais que ninguem no seu trato; de mais d'isto era riquissimo e sabia conhecer os quilates do merecimento a quem quer que o tivesse. Mas Betto não conseguira o seu intento, e que elle e seus companheiros attribuiam ás abstracções de espirito, em que Guido, absorvido em especulações, evitava as companhias. E porque elle se dava ás idéas de Epicuro, dizia o vulgo, que o fim das suas especulações era descobrir argumentos, que provassem que não existe Deus.

«Um dia succedeu que vindo Guido de Orto San Michele em direitura a San Giovanni, como costumava em seus passeios, e achando-se entre as columnas de porphiro e os mausoléos de marmore que estão proximos a San Giovanni, cuja porta estava fechada, Betto e a sua companha sahiu-lhe ao encontro pela praça de S. Reparata. Avistando-o entre as sepulturas do logar, disseram entre si: — Vamos mettel-o á bulha. E, dando rédeas aos cavallos como para um assalto, acercaram-se a elle, e antes que désse pela sua presença, o interpellaram dizendo-lhe: — Guido, recusas ser da nossa associação; mas que tal, quando souberes que Deus não faz parte d'ella? — Guido vendo-se cercado, lhes tornou incontinente: — Senhores, podeis dizer-me na vossa casa quanto vos approuver. — E, firmando a mão em um dos mausoléos, que eram altos, e, como elle era de grande agilidade, de um salto passou-se para o outro lado, e retirou-se.

«Os cavalleiros olharam-se um para o outro salteados de admiração, e depois disseram que Guido era um desmiolado, pois sua resposta nenhum valor, nem applicação tinha. Mas Betto atalhou-os com estas palavras: — Desmiolados vós, pois que não o comprehendestes. Elle, mui delicadamente e em poucas

palavras, disse-nos a cousa mais offensiva do mundo. Reparai que estes mausoléos são habitações de mortos, que alli são depositados: dizendo elle que são a nossa casa, quiz significar-nos que nós e quantos são idiotas e illitteratos, comparados com elle e outros homens doutos, estamos em peior condição que os mortos; e, portanto, aqui nos achamos em nossa casa.

«Então cada qual cahiu no entendimento do que Guido quizera dizer-lhe: e corridos nunca mais o metteram á bulha, e tiveram Betto por homem de engenho perspicaz.»

Cesare Balbo, *Vita di Dante*:

« A nosso parecer, o mais notavel entre os poetas contemporaneos de Dante é, sem debate, Guido Cavalcanti, primeiro amigo e companheiro de toda a mocidade de Dante. Pertencia á uma das principaes familias, tambem Guelfa de Florença, e era filho de Misser Cavalcante de Cavalcanti, collocado no Inferno de Dante entre os incredulos. Ignoro em que anno nasceu; mas era, pelo menos, vinte annos mais velho que Dante, pois em 1266 recebia-se com a filha de Farinata degli Uberti, o glorioso cabo dos Gibelinos da geração precedente. Foi este um dos numerosos casamentos celebrados entre Guelfos e Gibelinos na occasião em que aquelles se repatriaram. Em taes alliianças predominou o proposito de concordia; mas, permanecendo superior e só o partido Guelfo, foi azo para ficarem em suspeição as familias, que se haviam aparentados com os seus adversarios. N'essa duvida e talvez n'essa realidade de Guelfo, com pendor para Gibelino, conservou-se Guido, que ao diante attrahiu Dante a si. Todas as memorias d'esse tempo apresentam-nos em Guido um d'esses homens que naturalmente resplendecem, em moços, no circulo dos seus amigos, e tambem na sua cidade, se possuem os bens da fortuna. Dino Compagni o dá como mancebo de nobre parecer, cortez e altivo, mas concentrado, amigo, do retiro e dedicado ao estudo. Em uma novella de Boccacio e em outra de Sacchetti figura Guido Cavalcanti; e d'esta arte vivia na memoria e nas tradições da cidade, e bem assim nas novellas antigas, que são para a historia florentina d'aquelles tempos pouco menos que essas numerosas particularidades para a historia da França de Luiz XIV a Napoleão.

« Quanto á culpa de epicureu, de que o notaram, então quasi equivalente á de incredulo, objecto ha sido de discussão perluxa entre os modernos. A' falta de documentos, allega-se como prova em abono de Guido a peregrinação que fez a S. Thiago de Galliza. Mas, como quasi ao tempo de sua volta enamorou-se d'essa Mandetta, celebrada por elle nos seus versos, observou Tiraboschi que esse foi o unico proveito da sua devoção, melhor fôra que se deixasse ficar em sua casa.

« De Guido como poeta, basta dizer que algumas poesias suas ainda hoje são lidas com prazer. E Dante tendo citado duas vezes versos seus no livro *de vulgari Eloquio*, o apresenta (no *Purg.* XXIV) como o primeiro dos seus contemporaneos, deixando em esquecimento Cino de Pistoja. Se com razão ou não, decidam os entendidos. Talvez Guido, primeiro na amisade, tambem lhe parecesse primeiro na poesia. Ninguem, porém, lance-o á conta da inveja, de que Dante se não podia deixar arrastar, quando bem sabia estar muito acima de ambos e o dizia.»

[8] Farinata mostrou-se insensivel, indifferente e alheio áquella scena de paternal affecto, em que Cavalcanti se mostrou em extremo solicito pelo filho. Mudo e quedo esperou, em sua altiva gravidade, que terminasse a explosão de ternura. Então atou o fio ao seu discurso.

[9] A lua segundo a mythologia, é Diana no ceu, Luna na terra, Proserpina no Inferno.

[10] Refere-se o poeta á grande batalha de Monte-Aperti. Deu-se em 4 de setembro de 1260. De um lado, pelejaram os Guelfos, isto é, os Florentinos e os seus alliados de Lucca, Pistoia e outras *communas*, do mesmo partido em numero de 30.000 de pé e 3.000 de cavallo, segundo a conta do historiador Villani; e do outro, os Gibelinos desterrados de Florença e os de Siena e outras cidades, principalmente os dirigidos por Farinata degli Uberti, o qual promovera a reacção do partido Gibelino, mediante auxilio do Rei Manfredo, sendo o numero dos seus combatentes estimado em 25.000.

Diz Perrens, na *Hist. de Florença:*

« A' frente dos Guelfos movia-se o *victorioso* « carroccio » rodeado de cavallaria pesada e seguido da cavallaria ligeira. Ia após a *Martinella* com a infanteria, os pavesari, os archeiros, e *salmena* (bagagens), os saccomani (criados). A 2 de setembro, o exercito chegou a seis milhas de Siena, pela estrada de Arezzo. Então o podestá enviou embaixadores aos 24, que governavam Siena intimando-lhes que se rendessem; e para dar mais força á exigencia, proseguiu em demanda da cidade inimiga e foi acampar em Monteselvoli, localidade selvosa de val Brena, entre o arroio d'este nome e o Malena, que desagua no Arbia, ás abas do castello de Monte-Aperti.

« Não estavam os Sienezes desapercebidos. Compunha-se o seu exercito de 25.000 homens, todos Gibelinos resolutos. Os Allemães de Manfredo e o conde de Giordano, os desterrados de Florença e o conde Guido Novello, o de Arezzo e o seu Bispo Gugliemo degli Uberti eram seguros auxiliares.

« A 2 de setembro foram os embaixadores florentinos recebidos na igreja de S. Christofano, onde ordinariamente se reunia o conselho geral do povo. Com arrogancia tal que nem se dignaram saudal-o, declararam a vontade da liga Guelfa: arrazamento de parte das muralhas de Siena para passagem do exercito Guelfo, instituição de uma senhoria em cada um dos *terzi* da cidade e construcção de uma fortaleza no seu proprio recinto, em Camporeggi, abstenção de toda e qualquer hostilidade á Montalcina, entrega dos Gibelinos desterrados. Se recusar acceder a estas condições, Siena seria tratada com a maior severidade.

« Os 24 prometteram deliberar e despediram os embaixadores. Por proposta do Provenzano Salvani, o Conde Giordano foi convidado a comparecer na assembléa. Apresentou-se com os seus dezeseis condestaveis, senescal e interprete, talvez porque nenhum d'aquelles Allemães entendia o italiano. Entrados na igreja e inteirados do accordo, declaram com expressivas mostras que defenderão a cidade esforçadamente. Immediatamante o conselho lhes chamou um mez de soldo dobrado, que importava em mais de 100.000 florins. Esta quantia foi espontaneamente emprestada por um opulento negociante da cidade, Salinibene, que promptamente fez conduzir de sua casa o dinheiro em um carro coberto de escarlate e arreiado de ramos de louro, declarando-se prestes a adiantar o dobro, se mister fosse. Incumbido de responder aos embaixadores, disse-lhes publicamente que Siena resolvera fortalecer ainda mais as suas muralhas e que o seu exercito iria ao arraial dos Guelfos para verificar se realmente possuiam o poder, que alardeavam.

«O povo, no emtanto, se apinhava na praça dos Tolomei e suas visinhanças, deprecando providencias energicas e a concentração dos poderes, que de feito foram pelos 24 conferidos sem limitação a um cidadão assáz conceituado, Buonaguida Lucari, ao qual deram até o direito de vender ou empenhar Siena e o seu territorio.

«O primeiro acto do dictador foi consagrar Siena á Virgem Maria. Em camisa, de corda ao pescoço, desbarretada a cabeça e pés descalços, foi [illegible] da cathedral á frente dos cidadãos igualmente preparados, cujo [illegible] crescia a cada instante. Em supplicantes vozes pedia á Rainha dos

anjos que amparasse a communa aos leões que a queriam devorar; respondia a multidão implorando misericordia. Na igreja, cujos sinos dobravam incessantemente, foram recebidos pelo Bispo com psalmos e ladainhas. Ajoelhado o dictador recebeu do prelado o osculo da paz, que, a seu exemplo, os assistentes deram uns aos outros. O Bispo recommendou o perdão das offensas e ordenou uma solemne procissão, que incontinente se effectuou. A' frente ia um crucifixo, que ainda hoje se venera na cathedral, em commemoração d'esse dia de patriotico enthusiasmo. No couce iam descalços e de corda ao pescoço o Bispo, os conegos, o syndico e o povo a entoar preces. No dia seguinte publicaram-se as providencias havidas por urgentes.

« A 6 de setembro, emquanto as mulheres reiteravam procissões e preces, o exercito sahiu da cidade. Na vanguarda ia o estandarte communal. Seguia-o o *carroccio*, no qual tremulava uma bandeira branca, côr de Manfredo e do *terzo* de Camullia. Parecia, como disse um chronista, o manto de Nossa Senhora. Os Sienezes foram acampar em Monte Ropoli, tendo a seus pés o Arbia, o Malena e Biena, e em frente, ao sudoeste, a collina de Monselvoli, occupada pelo exercito guelfo.

« O conde Giordano deu-se pressa em assenhorear a parte do valle, que separa Monte Ropoli de Poggiarone. Soccorreu-se então de um estratagema para enganar o inimigo sobre o numero de suas tropas fazendo-as figurar, pela mudança dos uniformes e distinctivos, ora verdes, ora vermelhos, ora brancos e pretos, como se o seu algarismo fosse o dobro.

« As marchas e contramarchas, a variedade das côres, que faziam figurar como tão numerosos os batalhões sienezes, profundamente impressionaram os Guelfos, que não julgavam os seus inimigos capazes de resistir, e os viam agora capazes de investil-os. Salteou os animos religioso terror, que subiu de ponto, quando viram o acampamento sienez e a propria cidade cobertos de um nevoeiro branco, que parecia o manto da Virgem, signal infallivel de sua protecção ao povo, que a invocara.— «Seremos desbaratados» —diziam tristemente os Florentinos, que de bom grado se fariam na volta da sua cidade, se os seus cabos lh'o consentissem e se lhes não obstassem á retirada as posições, que os inimigos assenhoreavam. Foi, pois, inevitavel a batalha.

« A 4 de setembro estava já alto o sol, quando abalou o exercito Gibelino, descendo ao *Piano d'elle cortine*, passando o Arbia e subindo o Poggiarone até então desoccupado. Vendo os Guelfos o erro que haviam commettido, tentaram resarcil-o dirigindo-se á outra encosta da collina; mas os animos achavam-se desalentados, e o aspecto dos Allemães desvanecia a esperança, que porventura houvesse de victoria. Quantas manobras tentou o seu *podestà* Rangoni e se mallograram: o Poggiarone estava já em poder do inimigo.

« O conde, avantajado por este bom exito, ordenou o ataque do centro, que se effectuou aos brados unanimes: *A la morte! a la morte!*

« Generalisou-se a refrega. A infanteria guelfa resistia esforçadamente, excepto os Gibelinos, que constrangidos, estavam nas suas fileiras e já começavam a recuar.

« De repente, á hora de vesperas, o conde de Arras, que estava de emboscada deu sobre a ala esquerda dos Florentinos, que, tomados de sobresalto não podendo oppôr-se a um e a outro lado conjuntamente, nem conservarem-se nas eminencias de Monteselvoli, principiaram a retirada, que a traição dos Gibilinos converteu logo em desbarato. Desembaraçando-se das bandeiras Guelfas de cruz vermelha, soltaram aos ventos as Gibelinas de cruz branca que levavam escondidas. Os Abati, os Della Pressa saltearam pelas costas os seus camaradas. Um dos traidores, Boca di Abati, decepou a mão com que Jacopo dil Pazzi empunhava o estandarte de cavallaria, a qual, não avistando mais aquelle signal que os guiava, deram como certa a derrota; e n'esta conformidade procedeu de feição, que se tornou irremediavel o desastre, a que, de outra sorte, talvez ainda se podesse pôr cobro. Dante, extremado Gibilino, como era, recordando

a traição, não poude ter a sua indignação, e mergulhou no gelo, em que eternamente tiritam os traidores, o perverso, que da sua infamia tanto se peja, que occulta o nome a quem lh'o pergunta.

« Emquanto os cavalleiros se salvavam pela velocidade das suas cavalgaduras, a infanteria, formada de *popolani*, defendia o terreno palmo a palmo, havendo-se cada qual como soldado e como capitão. O conde Giordano e o bispo de Arezzo, que á toda a parte acudiam, deram ordem para serem todos mettidos a ferro. Os que ainda podiam sustentar-se com as armas nas mãos serraram fileiras em torno do seu *carroccio*, cuja perda seria signal e prova do triumpho dos inimigos. Giovanni Tornaquinci, quasi septuagenario, a quem fôra commettida a guarda do *carroccio* communal, em sua defensa perdeu a vida, e com elle um filho e mais tres pessoas de sua familia. Tal foi a mortandade, que « o Malena — escreveu Ventura, engrossou de sangue a sua corrente, adquiriu rapidez e força para mover quatro dos maiores moinhos. Dante, menos exagerado, disse:

Lo strazio e il grande scempio,
Che fece l'Arbia colorata in rosso.

« Perdidos o *carroccio* e a *martinella*, os destroços da infanteria, os Luquezes e os Oriretanos que mais se tinham esquivado á peleja, acolheram-se ao terço de Monte-Aperti, ou para se defenderem a todo o custo, ou para implorarem n'este transe extremo a clemencia do vencedor. Este resultado alcançaram; porque, segundo conselho de Farinata, os cabos sieneses e o conde Giordano, já certos do triumpho, mandaram poupar a vida aos que se entregassem. Então muitos dos vencidos, para mais significativa mostra de submissão, se prenderam ás proprias mãos, ou ajudavam uns aos outros a fazel-o. Trocavam em abjecção a soberba, com que no dia anterior se empinavam.

« N'esta batalha, uma das mais cruentas d'aquelle seculo e, ao dizer de Ptolomeu de Luca, a mais temerosa que houve na Toscana, depois da vida de J. C., chamada de Arbia e, mais frequentemente, de Monte-Aperti, quando se devia denominar de Poggiarone ou Monselvoli, 4.000 Guelfos salvaram-se fugindo, 15.000 jazeram no campo, 15.000 ficaram prisioneiros. Só de Florentinos 3.000 perderam a vida, 1.500 foram captivados. »

[1] Depois da batalha de Monte-Aperti, o Conde Giordano, vendo que, não obstante os rigores de que usara para com os vencidos, o Arezzo ainda resistia, Pistoia se não submettera, Lucca dava agazalho aos Guelfos, Florença propendia para novos alvorotos e desejava chamar ao seu seio os Guelfos desterrados, determinou, nos ultimos dias de setembro, convocar em Empoli uma dieta Gibelina.

« Ao seu convite—diz o mesmo eximio historiador—responderam todos os barões da Toscana e todas as cidades adherentes ao partido, todos os desterrados dos que ainda tinham a voz dos Guelfos. Entabolaram-se negociações, que se dilataram ao modo habitual d'aquelle tempo. Giordano não presidiu, porque teve de retirar-se, a chamado do Manfredo, posto Siena o tivesse nomeado *podestá* para o anno de 1261, e deixou a Toscana, como deixára Florença, delegando seus poderes em Siena a Francesco Semplice, e em Florença a Guido Novello.

« Na dieta, a primeira proposta foi para ser arrasada a formidavel cidade, ninho permanente dos Guelfos, onde repouso não havia para os Gibelinos. Essa proposta, acceita pela assembléa e applaudida por muitos magnatas florentinos, certos de conservar os seus castellos com as competentes jurisdicções, foi contrariada unicamente pelo protesto de Farinata degli Uberti. Este energico e astuto Gibelino, depois de haver trabalhado tão sagazmente para os aprestos da guerra, desapparece da narração da batalha, assim como do triumpho, ou por esquecerem os chronistas florentinos a sua rebellião, lembrando-se do seu tardio

patriotismo, ou por haverem os chronistas sienezes dissimulado a gloria de um estrangeiro, levados da vaidade caracteristica da sua patria, ainda maior que a dos francezes, como disse Dante n'estes versos do canto XXIX do *Inf:*

Or fu giammai
Gente si vana come la sanese?
Certo no la francesca si d'assai.

« N'essa occasião Farinata proferiu um discurso, no qual disse em substancia: — « Como o asno e a cabra, não quereis abster-vos do proceder, a que estais habituados, ainda que dê causa á vossa perdição. Eu, porém, que sujeitei a tanto padecer na esperança de viver um dia em minha patria, heide defendel-a, ainda que morra, se preciso fôr, com a espada na mão ». Após esse discurso ausentou-se, cheio de ira, com gesto de desafio, decidido a correr com os seus amigos em soccorro de Florença. E porque fossem numerosos esses amigos elle exercesse grande influencia no animo de todos, não foi avante aquella discussão. Assim lhe deveu Florença a sua salvação. Compensando d'esta arte o mal, de que em parte fôra o causador, deixou fama de insigne e abalizado patriota, com quanto lhe não fosse conferida a honra de uma estatua.»

Pietro Fraticelli, *Storia della vita di Dante Alighieri*, dá o discurso de Farinata com maior desenvolvimento. Eil-o:

« Depois da gloriosa victoria que hemos alcançado, não podia acreditar que tivesse de pezar-me de existir ainda, pois mais se faz sentir a injuria quando provem de amigos do que de adversarios. E injuria se imaginará maior do que entender em privar da patria a quem tanto ha por ella porfiado e padecido? Na arte de dizer não sou amestrado, como os que falaram antes de mim; mas eu me exprimo como posso e penso, e segundo o adagio, *asno que tem fome, cardos come* (*com'asino sape, cosi minuzza rape*). Dir-vos-hei todavia, que por de mais desventurado me teria a mim e aos concidadãos, se em vosso querer e em vossas mãos estivesse a destruição da nossa cidade. Certo, pelos meios da razão tanto não vos é dado; porque entramos em confederação dos termos de igualdade, e accordamos não arrazar cidades, senão mantel-as e conserval-as, mediante reformas apropositadas. E, pois, os alvitres vossos devem ser havidos mais em conta de temerarios que crueis, se bem motivos haja para julgal-os uma e outra cousa, visto denunciarem a crença de poder o que não cabe em vossas faculdades e revelarem immanidade e odio para com os vossos proprios alliados. Mas conselhos de paixão são sempre funestos, e quem tenta contra os companheiros para o mal se inclina em damno de todos. Allegais que Florença é a séde do partido Guelfo. Era, respondo-vos, quando assenhoreavam-as os Guelfos; hoje, porém, quando está bandeada comnosco, porque não a chamais Gibelina? Casas e muralhas não seguem no appellido os seus moradores? Mas o povo miudo, insistís vós, é sempre mais de alma Guelfa que Gibelina. Se assim é, porque os nossos adversarios quizeram antes abandonar a cidade do que fazer fiança no povo? Demos que assim fosse: nós, que ao vosso lado pelejamos, não hemos merecido as vossas suspeitas; e por suspeitas que sobre nós recahir não pódem, fallece-vos fundamento para despojar-nos d'aquillo mesmo que possuis ou anhelais. Haveis de tornar aos vossos lares triumphantes, e ufanos; nós, entretanto, errantes e desamparados, supplicaremos asylo a estranhos! Vossas casas serão conservadas, as nossas destruidas? Ha entre vós acaso quem me julgue tão pusilanime, que me curve á essa mais que muito deshonrosa affronta? Se de armas em punho persigo as meus inimigos, não quero, nem devo offender, nem abominar minha patria; para rehavel-a, tenho suado sangue e agua. Não, jamais consentirei que damno se cause á cidade, que os meus adversarios conservaram e deixam intacta. Não, jamais permittirei que no porvir os meus inimigos gosem o nome de conservadores da patria e soffra eu o labéo de seu destruidor;

pois feito nem mais vil, nem mais infame do que arrazar a propria cidade para não tornar ao dominio de adversarios. Mais para que desperdiçar palavras? Rompa finalmente e do meu peito uma só voz digna de mim. Alto e bom sem vos declaro que, se a tantos Florentinos sómente eu sobrevivesse, eu não soffreria, em quanto forças tivesse para braudir esta espada, que a minha patria seja destruida, e se mil vidas houvesse de sacrificar em pról d'ella, mortes mil affrontaria em sua defesa.»

Lamenais, na *Introducção* á sua traducção da *Divina Comedia*, commentando as palavras de Farinata a Dante, diz:

«Se palavras, como estas, não encerram primores iguaes aos que se recommendam na poesia, onde se depararão elles?

«O grande Gibelino toscano apresenta um d'esses typos primordiaes, alvo a que se têm endereçado numerosas imitações directas ou indirectas. Modificadas mais ou menos, manifestam sempre e sempre denunciam aquelle cunho indelevel de maior elevação, força e grandeza.

«Por elle inspirava-se Byron, pintando o Giavur e muitas outras figuras dos seus poemas. Procedem de Farinata, como as vergonteas do tronco: transsudam a mesma seiva de altivez, odio e vingança; mas não sobem a altura da arvore primitiva.

«Longino definia o sublime *som que vibra de uma alma grande*: parece que palavras taes foram ditas para se applicarem a Dante. Mas a alma do poeta não deve vibrar sómente sons; deve tambem agitar-se ao sopro das paixões mais encontradas, dos sentimentos varios, e representar na sua divina harmonia a harmonia multiplice da natureza, do coração humano. Por esta face Dante é quanto a Homero, o *poeta soberano*.»

[12] Frederico II, filho do Imperador Henrique VI, e neto de Frederico Barba-rôxa, de 1220 a 1250 reinou como Imperador da Allemanha e Rei de Napoles e Sicilia. Aqui teve a sua côrte, uma das mais notaveis e magnificas do seu tempo. Como disse Gibbon, foi successivamente pupillo, inimigo e victima da Igreja. O historiador florentino Villani disse d'este soberano:

«Frederico reinou trinta annos como Imperador. Assignalou-se por predicamentos de muita valia, sendo douto, possuindo muitos dotes naturaes e podendo ser havido por universal. Sabia as linguas italiana, latina, allemã, franceza, grega e arabica; tinha em subido ponto todas as qualidades boas, era liberal, cortez, esforçado e déstro nas armas e muito timido. Tambem se mostrou por muitos modos propenso á sensualidade, tendo numerosas concubinas e eunucos ao modo dos sarracenos. Affeiçoado ás delicias da voluptuosidade, viveu como epicureu, tendo em menos preço a vida futura. Foi esta a principal razão, porque o clero e a Santa Igreja o trataram como inimigo.»

Perrens (obra citada) diz:

«Gibelinos e patarinos tinham um ponto de contacto no seu decidido pendor para Frederico II, em quem faziam a maior fiança. O Imperador da Allemanha, objecto do odio dos Guelfos, infundia horror nos orthodoxos, pois a liberdade de suas opiniões ia muito além da que se exprobrava aos hereges. Na sua indifferença ou incredulidade acerca das cerimonias e dogmas da religião, escandalisava os crentes por seus habitos, por suas palavras. O seu amigo no sacro collegio era o materialista Ubaldini, seu consocio no *Inferno de Dante*, que despejadamente dizia: — Se tenho uma alma, já perdia-a por amor dos Gibelinos.» Mulheres arabes eram as suas amantes; em terreno pertencente ás igrejas mandava edificar as suas habitações. Porque na sua côrte conviviam

astrologos de Bagdad, singulares por suas grandes barbas, roupas-talares, dizia-se que se communicava com Astaroth e Belzebuth. Tinha por imposturia o viatico administrado aos moribundos ; negava que Deus fosse omnipotente e que tivesse nascido de uma virgem ; e estimava que o chamassem precursor do Ante-Christo. Moysés, Jesus e Mahomet eram, em seu conceito, tres impostores, até lhe attribuiram um livro com este titulo. Algumas das accusações, que lhe foram feitas, foram até ridiculas, por exemplo, banhar-se aos domingos, ouvir missa sendo excummungado, ao passo que o tinham em conta de impio por não assistir aos officios divinos. »

[13] Este cardeal é Octaviano degli Ubaldini, natural de Florença, que obteve a purpura em 1245 e falleceu em 1273. Ornavam-o qualidades de bom administrador, e distinguia-se pela firmeza do seu animo, sendo, porém, propenso mais para a violencia do que para a brandura propria do caracter sacerdotal. Foi tanto em extremo Gibelino que, para ajudar a favorecer o seu partido, affrontou denodado a autoridade pontificia.

CANTO XI

1. A' borda de alta riba assim chegamos,
Que em circ'lo rôtas penhas conformavam :
De lá mais crús tormentos divisamos.
2. Do fundo abysmo exhalações brotavam,
Tão acres, que a fugir nos obrigaram
Para trás das muralhas elevadas.
3. De um sepulchro, em que os olhos decifraram:
« Sou do papa Anastacio [1] a sepultura,
« Que de Photino os erros transviaram. »
4. « Lentamente desçamos d' esta altura:
Assim, o olfacto ao mau odôr affeito,
Não hemos de sentir-lhe a acção impura». —
5. A Virgilio tornei: « Procede a geito,
O' Mestre, porque o tempo consumido
Na demora, não corra sem proveito. » —
6. Já stava o meio, ó filho, apercebido.
N' estas penhas tres circ'los ha menores,
Por degraus, como os outros, que has descido.
7. « Plenos stão de maldictos peccadores.
Porque, em vendo, os conheças logo, attende:
Direi seus crimes e da pena as dôres.

8. « Todo o mal, que no ceu colera accende,
Injustiça ha por fim, que o damno alheio,
Usando fraude ou violencia, tende.
9. Proprio do homem por ser, da fraude o meio
Mais descontenta a Deus; móres tormentos
Em logar soffre de afflicções mais cheio.
10. « Dos circ'los o primeiro é dos violentos;
Mas, força a tres pessôas se fazendo,
Foi construido em tres repartimentos.
11. « A Deus, a si, ao proximo offendendo,
Nas pessôas, nos bens a força fere,
Como has de convencer-te, me entendendo.
12. « Morte ou dôr força ao proximo confere.
Com ruina, com fogo os bens lhe invade,
Quando pela extorsão não se apodere.
13. « Homicidas, os que usam feridade,
Ladrões, devastadores, torturados
Stão no primeiro, em turmas, sem piedade.
14. « Homens ha contra si crueis, irados
Ou contra os proprios bens : pois no segundo
Recinto jazem sempre amargurados,
15. « Quem se privara do terreno mundo,
Os que seus cabedaes malbarataram,
Quem chora onde pudera estar jocundo.
16. « Contra Deus violencia homens preparam,
Se o negam, se o blasphemam, desdenhando
Natura e os dons, que n'ella se deparam.
17. « No recinto menor signal nefando
Cahors [2] marca igualmente com Sodoma,
E os que peccaram contra Deus falando.
18. « A fraude em que o remorso tanto assoma,
Ou trahe a confiança ou premedita
Damnos a quem desprevenido toma.
19. « A fraude d'esta especie se exercita
Contra os laços de amor, que faz natura :
Portanto no segundo circ'lo habita

20. « Adulação com simonia impura,
Hypocritas, falsarios, feiticeiros,
Rufiães e os outros d'essa laia escura.
21. « Transtorna a outra affectos verdadeiros,
Que inspira a natureza e os que origina
A mutua fé nos animos inteiros.
22. « E, pois, no circ'lo extremo, que domina
Da terra o centro e aonde Dite pesa,
Eterna pena aos tredos se destina.» —
23. « Tem, Mestre » — eu disse — « o cunho da clareza
O que expões, distinguindo exactamente
A gehenna do inferno e a gente presa.
24. « Diz-me : os que jazem na lagôa ingente,
Os que flagella o vento ou chuva imiga,
Os que se encontram em fremito insolente, [3]
25. « Por que Deus lá em Dite os não castiga,
Se a ira a Deus seus feitos accenderam ?
Se não, por que a afflicção tanta os fustiga ? » —
26. « Deliras ? Da tua mente se varreram
Principios sãos » — tornou — « a que és affeito ?
A que rumo as idéas se volveram ?
27. « Olvidas, por ventura, esse preceito,
De que houveste na *Ethica* [4] a sciencia,
Das tres disposições, que em mau conceito
28. « Então do ceu, — malicia, incontinencia
E furor bestial ? — como a segunda
Importa a Deus menor irreverencia ?
29. « Se attentas em verdade tão profunda,
Se lembras quaes são esses que padecem
Acima da mansão, que o fogo inunda,
30. « Verás então ser justo não soffressem
D'aquelles maus a par, menos pesada
Punição culpas suas merecessem.» —
31. « Sol, que me aclara a vista perturbada,
As licções tuas dou tamanho apreço,
Que o duvidar, como o saber me agrada.

32. « Tornando ao que disseste, expliques peçc,
Por que motivo, Mestre, usura offende
A divina bondade em tanto excesso.» —
33. « Philosophia » — disse — « a quem a attende
Tem demonstrado, quasi em toda parte,
Que a natureza a sua origem prende
34. « Do divino intellecto e da sua arte.
Da *Physica* [5] em principio has conhecido
Preceito, que hei mister recommendar-te:
35. « Que é da vossa arte ir, sempre que ha podido
Após natura, — á mestra obediente; —
Neta de Deus chamal-a é permittido.
36. « Da natureza e da arte, se tua mente
O Genese [6] em começo lembra, colhe
O seu sustento e haver a humana gente.
37. « Usura bem diversa estrada escolhe
Natura e a alumna sua menospresa,
Esperança e cuidado e mal recolhe.
38. « Mas andemos; prosiga a nossa empreza.
Vão no horisonte os Peixes [7] assomando;
Voltado sobre o côro o carro [8] pesa,
E além a rocha está passagem dando ». —

NOTAS AO CANTO XI

Chega Dante ao topo de uma alta ribanceira do circulo setimo, sente a impressão de exhalações desagradaveis e vê o moimento do heretico papa Anastacio. Detêm-se um pouco os dois Poetas, e, no emtanto explica Virgilio que nos circulos, em que hão de entrar, são punidos os peccados da violencia, fraude e usura. Inquire Dante porque na cidade de Dite não são castigados os que peccaram por luxuria, gula, avareza, prodigalidade e ira e tambem porque a usura offende a Deus. Afinal os Poetas acercam-se ao logar, por onde se desce.

[1] Pareceu a alguns commentadores que Dante confundira o Papa Anastacio com o Imperador de igual nome; mas o Poeta, referindo-se a um sectario de Photino, sabia ao certo a quem alludia, e claramente o chama Papa e não Imperador. O que está por explicar é se o pontifice, cujo moimento se vê no inferno, foi Anastacio II ou IV.

[2] Cahors, capital do departamento de Lot, em França, patria do Papa João XXII e do poeta Clemente Marot. No tempo de Dante era notavel pelos numerosos usurarios, que emprestavam dinheiro á grossa onzena.

[3] Irasciveis, C. VII e VIII; os libidinosos C. V; os gulosos, C. VI; os prodigos e avarentos, C. VII.

[4] A *Ethica* de Aristoteles, que diz, lib. VII, cap. I:

« Depois d'isto, entrando em outra divisão do assumpto, convêm definir que, relativamente á moral, ha tres especies de cousas que convêm evitar—malicia, incontinencia e bestialidade ».

[5] Aristoteles, *Physica*, lib. II cap. 2:

« A arte imita a natureza ».

[6] *Genesis*, I, 22:

« Deus o abençoou e disse: Crescei e multiplicai, e enchei a terra e sujeitai-a; e dominai sobre os peixes do mar e sobre as aves do céu e sobre todos os animaes que se movem sobre a terra. »

Ibid. III, 19:

« Tú comerás o teu pão com o suor do teu rosto, até que te tornes na terra, de que foste tomado; porque tu és pó e em pó te hasde tornar. »

[7] *Pisces* é a constellação, que precede *Aries*, em que ora entrou o sol. Por esta explicação se conhece que está para amanhecer em sabbado.

[8] O Carro ou a Carroça é a constellação de Bootes.

CANTO XII

1. Da descida era o passo tão fragoso
E tal por quem lá estava á guarda e attento,
Que se fazia á vista pavoroso.
2. Como a ruina, que, d'aquem de Trento, [1]
O Adige feriu, por terremoto
Ou por faltar de chofre o fundamento:
3. Do viso ao val do monte, que foi rôto,
Tão derrocada vê-se a penedia,
Que a descel-a o caminho é quasi immoto.
4. A ribanceira assim nos parecia.
E á borda do penedo fracassado
De Creta o monstro infame se estendia, [2]
5. Da falsa vacca torpemente nado.
Apenas viu-nos, se mordeu fremente,
Como quem pela raiva é devorado.
6. « Cuidas » — bradou-lhe o sabio incontinente —
« Ser de Athenas o principe, o que á morte
Lá sobre a terra te arrojou valente ?
7. « Arreda, bruto ! Que este é de outra sorte ;
Da tua irman não recebera ensino ; [3]
De vós outros vem ver a pena forte. »

8. Qual touro desprendido, quando o tino [4]
Mortal golpe lhe rouba, que não póde
Correr, mas salta a vacillar mofino :
9. Assim o Minotauro. O Mestre acode
Dizendo-me: « Demanda presto a entrada
E desce, emquanto em vascas se sacode. » —
10. A quebrada desciamos formada
De pedras soltas; cada qual, movida,
Cedia, em sendo por meus pés calcada.
11. E eu scismava. Elle disse : — « Tens sorvida
A mente na ruina, que do horrendo
Monstro a ira defende já vencida.
12. « Deves saber que, de outra vez descendo
Até o extremo lá do baixo inferno,
Esta rocha não vi, como a estaes vendo.
13. « Mas, pouco antes de vir se bem discerno,
Aquelle que ha tomado a grande preza, [5]
A Dite, lá no circulo superno,
14. « D'este val tremeu tanto a profundeza,
Que sentisse pensei todo o universo
O amor, [6] com que alguem diz ter certeza
15. « De que ao chaos muita vez será converso.
Foi aqui, n'outras partes, n'esse instante,
Rôto o velho penhasco em treva immerso.
16. « Mas olha o valle : o rio é não distante
De sangue, onde verás fervendo aquelle,
Que violencia exerceu no similhante. *
17. « O' ira louca, ó ambição, que impelle
Na curta vida nossa, ao inferno arrasta
E para sempre nos submerge n'elle ! » —
18. « Eis uma cava divisei mui vasta,
Que abrangia, arqueada, o plaino inteiro,
Como dissera quem do mal me afasta.

* Primeiro recinto : violentos para com o proximo.

19. No spaço, a que o penhasco é sobranceiro,
Centauros correm, [7] settas agitando,
Como soiam no viver primeiro.
20. Descer nos vendo, pára o árdido bando.
Tres de entre elles então nos demandaram,
Os arcos e arremessos preparando.
21. Os brados de um de longe nos soaram :
— « Vós, que desceis, dizei a pena vossa ;
De lá falai, ou tiros se disparam ! » —
22. Virgilio respondeu : — « Resposta nossa
Terá Chiron [8] de perto, sem demora.
Sempre te damna a pressa, que te apossa. » —
23. Tocou-me e disse : — « Quem nos fala agora
E Nesso, [9] o que morreu por Djanira ;
Mas se vingou de quem fatal lhe fôra.
24. « Esse do meio, que o seu peito mira,
Aio de Achilles, é Chiron famoso ;
Esse outro é Pholo, [10] sempre acceso em ira. » —
25. Aos mil em volta ao rio sanguinoso
As almas setteavam, que excediam,
Mais do que é dado, o liquido horroroso.
26. Áquelles monstros que ageis se moviam,
Chegamo-nos. Chiron com setta ageita
Os cabellos, que os labios lhe encobriam.
27. Quando d'esta arte a larga bocca affeita,
Disse á companha : — « Haveis já reparado
Que move aquelle tudo, em que os pés deita ?
28. « Nunca assim pés de morto hão caminhado. »
O Guia meu, que junto já lhe estava
Do peito, onde era um ser n'outro enleiado,
29. — « Vivo está, vem commigo » — lhe tornava —
« A visitar o val maldicto, escuro
Para cumprir dever, que lh'o ordenava.
30. « Deixando de cantar o hosanna puro [11]
Alguem me ha commettido o cargo novo.
Não é ladrão, nem eu esp'rito impuro ;

31. « Em nome do poder, por quem eu movo
Os passos meus em tão medonha estrada,
Envia algum, que escolhas no teu povo,
32. « Por nos mostrar a parte accommodada
Ao vau, e no seu dorso haver transporte
Quem não é sombra ao vôo apparelhada. »
33. Chiron volveu-se á dextra e a Nesso forte
—« Torna atráz »—disse—« e serve-lhes de guia:
Que outro bando o caminho lhes não córte ! »—
34. Já partimos na fida companhia,
As ondas costeando rubras, quentes,
D'onde agudo estridor ao ar subia
35. Té os cilios no sangue os padecentes
Eu vi. Disse o Centauro : — « São tyrannos
Truculentos e em roubo preminentes. [13]
36. « Chora-se aqui por feitos deshumanos.
Alexandre aqui está, Dionysio antigo
Que gemer fez Sicilia tantos annos.
37. « De negra coma, aqui soffre o castigo
Azzolino; [14] e o que está, louro, ao seo lado
Obizzio d'Este, [15] ao qual (verdade eu digo)
38. « Roubára a vida o perfido enteado. » —
E o Vate, a quem voltei-me, assim dizia :
— « O segundo logar me é reservado. » —
39. Pouco além parou Nesso : olhar queria
Uma turba, que, estando submergida,
Toda a cabeça para fóra erguia.
40. Disse, indicando uma alma retrahida :
« Perante Deus um coração ferira,
Que inda Londres [16] venera estremecida. » —
41. A cabeça vi de outros, que subira
Do rio á superficie e o inteiro busto :
Suas feições no mundo eu distinguira :
42. Ia baixando o sangue até que a custo
Os pés cobria a quem passar quizesse :
O fosso alli vencemos já sem custo,

43. « Se d'esta parte o borbulhão parece
Do rio escassear, eu te asseguro »
— Disse Nesso — « que mais engrossa e desce
44. « Na parte opposta até juntar-se ao escuro
Pego em que, como has visto, a tyrannia
As penas dá no seu tormento duro.
45. « A divina justiça lá crucia
Esse Attila, [17] que açoite foi da terra,
Pyrrho e Sexto; [18] e redobra-se a agonia
46. « Dos dois Renatos, que tamanha guerra
Fizeram nas estradas, salteando,
— O Pazzo e o de Corneto. » — E a fala cerra.

Voltou depois, do rio o vau passando.

NOTAS AO CANTO XII

Desce Dante em companhia de Virgilio ao circulo setimo, no qual estão condemnados os violentos, passando por logar asperrimo e ruinoso, onde estava de sentinella o Minotauro cujas iras são domadas por Virgilio. Chegados ao fundo, se lhes offerece um rio de sangue, onde são castigados os violentos contra o proximo. Tres centauros querem tolher o passo aos Poetas, mas Virgilio consegue de Chiron, o mais autorizado de entre elles, que um lhes sirva de guia a elle e ao seu companheiro. Em caminho recebe informações do centauro Pholo acerca do rio e dos que alli penam.

[1] Alguns expositores suppõem que Dante se referiu a um vasto tracto de penedias, que abateu sobre o Adige, perto de Rivoli e dos montes de Chiusa. Em abono d'esta allegam o que se lia em um manuscripto do celebre Torelli. As palavras d'esse escriptor induzem a crer que em 1310 esses montes se desmoronaram. Como esse facto occorreu não só no tempo de Dante, senão tambem na epocha em que foi hospede dos Scaligeros em Verona, é de presumir que pessoalmente fosse visitar essas ruinas, e que impressionado pelo seu aspecto, se lhes referisse em especial mais do que a quaesquer outras.

Acreditam outros, que alludiu ao desmoronamento de uma alta montanha, que demorava a pouca distancia de Marco, logarejo, não remoto de Roveredo pelo caminho que á esquerda do Adige conduz á Verona: os camponezes chamavam o sitio *Slavino de Marco*. A' esta ruina se attribue a data de 883.

[2] Acerca de Theseu, Minos, Pasiphäe e Minotauro veja-se a nota I do canto V. Alludindo Dante ao torpe ardil, que antecedeu a concepção do Minotauro, denomina Pasiphäe falsa vacca.

Creta, uma das maiores ilhas do mar Mediterraneo, foi celebre nos tempos antigos por suas cem cidades. Obedece á lei da Turquia, de que, mau grado seu, ainda faz parte.

[3] Ariadne, filha de Minos e Pasiphäe, apaixonando-se por Theseu, ajudou-o a triumphar do Minotauro, ensinando como havia de acommettel-o, dando-lhe o fio pelo qual se guiou no Labyrintho. Vencido e morto o monstro, acompanhou o principe atheniense na volta á sua patria, o qual abandonou-a na ilha de Naxos. Soccorreu-a Baccho, que depois transformou-a em constellação.

Ovidio, *Metamorph.* I. VIII:

Vota, Jove Minos taurorum corpora centum
Solvit, ut egressus ratibus cretida terram
Contigit, et spoliis decorata est regia fixis
Creverat opprobrium generis, fœdumque patebat
Matris adulterium monstri novitate biformis.
Destinat hunc Minos thalamis removere pudorem
Multiplicique domo, cœcisque includere tectis
Dædalus ingenio fabræ celebrimus artis
Ponit opus, turbatque notas et lumina flexum
Ducit in errorem variarum ambage viarum
Non secus ac liquidus phryiis Mæandros in arvis
Ludit et ambiguo lapsu refluitque, fluitque
Occurrens que sibi venturas aspicit undas
Et nunc ad fontes, nunc ad mare versus apertum
Incestas exercet aquas; ita Dædalus implet
Innumeas errore vias, vixque ipse reverti
Ad limen potuit, tanta est fallacia tecti.
Quo postquam geminam tauri juvenisque figuram
Clausit et actæo bis partum sanguine monstrum
Tertia sors annis domuit repetita novenis;
Ulque ope virginea millis iterata priorum
Janua difficilis filo est inventa relecto
Protinus Ægides raptam Minoide Diam
Vela, dedit, comitemque suam crudelis in illo
Litore destituit. Deserti et multa querenti
Amplexus et opem Liber tulit; utque perenni
Sidere clara foret, sumptam de fronte coronam
Immisit cœlo. Tenues volat illa per auras,
Dumque volat, gemmæ nitidos vertuntur in ignes,
Consistuntque loco, specie remanente coronæ,
Qui medius nixique genu est anguemque tenentis.

[4] Homero, *Il, c.* XVII, Trad. de M. Odorico Mendes:

Qual se afiada secure de um mancebo
De boi silvestre sobre os córnos talha
O nervo todo, pula e cai a rez...

[5] Refere-se a Jesus Christo, quando, segundo a crença christan, ao terceiro dia, depois de crucificado, desceu aos infernos para conduzir ao ceu as almas dos patriarchas, que lhe aguardavam a vinda.

[6] Dante allude aqui provavelmente á opinião dos philosophos da antiguidade, em especial a de Empedocles,—que o mundo se originara na contenda dos elementos e por esta se conserva, devendo, portanto, em se estabelecendo harmonia entre elles, ou união dos similhantes, voltar todo o creado ao chaos.

Esse philosopho viveu em annos proximos ao de 444 antes de J. C., tempo em que nasceu em Agrigento, na Sicilia.

« O sabio de Agrigento — escreveu o illustre e erudito Sr J. M. Latino Coelho, gloria contemporanea das lettras portuguezas, na excellente introducção ao discurso da *Corôa de Demosthenes*, por elle trasladado em vulgar—a quem a lenda, a tradição e a historia conferiram os fóros de um personagem maravilhoso e omnisciente, de medico e de propheta, de philosopho e thaumaturgo, de poeta e estadista, aquelle homem, que no seu poema *periphyseos* a si mesmo se canta como immortal e como Deus e vestido de apparatoso trage sacerdotal

é recebido nas cidades com honras quasi divinas e invocado em todas as enfermidades e misérias, como um paracleto e redemptor, — institue o seu systema, por uma parte, como um syncretismo das doutrinas jonicas e por outra parte, com a idéa original da composição e decomposição. A doutrina de Heraclito parece-lhe absurda. Professa com os Eleatas a negação do *devenir* na accepção do philosopho tenebroso. Mas em quanto aquelles fundadores da transcendente dialectica se apartam mais e mais da natureza para se remoutarem ao puro idealismo, Empedocles retrocede ao empirismo das sciencias naturaes. A composição e a decomposição, a synthese e a analyse, eis ahi as duas phases, os dois *momentos* do processo gerador em toda a natureza...

« O processo da construcção e destruição dos corpos organisados e inorganicos pelas puras influencias da synthese e da analyse (e é nellas que consiste a originalidade de Empedocles) exige como fundamento impreterivel o *atomismo*. O *rizoma* de Empedocles é, pois, uma congérie de minimas particulas esphericas, por ventura similhantes aos atomos de Heraclito. O que ha, porém, de mais original na philosophia de Empedocles é a doutrina das duas forças, podiamos dizer moleculares, que primeira vez apparecem na historia do pensamento especulativo. O amor, a força, que compõe e unifica e a hostilidade, a força que disjunge e decompõe, são duas creações do encyclopedista agrigentino... As duas energias não são mais do que a attracção e a repulsão, de cujo antagonismo dependeu, até ha poucos annos, a philosophia da natureza. »

[7] Centauros, meio-homens, meio-cavallos. Estão incumbidos de guardar este recinto, como symbolos da violencia, a cujos actos foram ordinariamente associados pelos poetas antigos. Virgilio os colloca á entrada do inferno entre monstros de varias fórmas.

Multaque præterea variarum monstra ferarum
Centauri in foribus stabulant, Scyllæque biformes
Et centumgeminus Briareus, ac bellua Lernæ,
Horrendum stridens, flammisque armata chimæra.

[8] Chirou, centauro, filho de Saturno, que se convertera em cavallo, e de Philyra, infatigavel caçador, astronomo e medico, habitava no monte Pelion, da Thessalia. Foi encarregado da educação de Hercules e ao diante da de Achilles. Casualmente ferido por uma setta empeçonhada no sangue da hydra de Lerna, padecia incomportaveis dôres, quando Jupiter compadecido de seus tormentos, apressou sua morte e o collocou no céu onde formou a constellação do Sagittario.

[9] Nesso, filho de Ixion e de Nuvem, outro centauro. Foi morto por Hercules na occasião em que, encarregado por este de transportar Djanira, sua mulher, de uma para a outra margem do rio Acheloo, manifestou a intenção de raptal-a. Antes de expirar, traspassado por settas, que lhe desfechára o heróe, deu áquella dama o sua tunica embebida em sangue, recommendando-lhe o condão, que possuia, de chamar á constancia e á fidelidade no amor os maridos volveis e os amantes bandoleiros. Seu proposito era vingar-se. Hercules em breve deu ensejo para ser experimentada a tunica mortifera; vestiu-a a rogos de Djanira, e incontinente foi tomado de furor tão impetuoso e dôres tão atrozes, que sómente na morte acharam lenitivo e termo.

Ovidio, *Met.* lib. IX:

At te, Nesse ferox, ejusdem virginis ardor
Perdirat, volucri trajectum terga sagitta.
Namque nova repetens patrios cum conjuge muros
Venerat Eveni rapidas Jove natus ad undas

Uberior solito, nimbis hiemalibus auctus
Verticibusque frequens erat atque impervius amnis.
Interpidum pro se, curam de conjuge agentem
Nessus adit, membrisque valens, scitusque vadorum,
« Officio » que « meo ripa sistetur in illa
Hæc » ait « Alcide, tu viribus utere nando,
Pallentemque metu, fluviumque ipsumque timentem
Tradidit Aonius pavidam Calydonida Nesso.
Mox, ut erat, pharetraque gravis spolioque leonis
(Nam clavam et curvos trans ripam miserat arcus .)
« Quandoquidem cœpi, superentur flumina » dixit ;
Nec dubitat, nec qua sit clementissimus amnis
Quærit et obsequio deferri spernit aquarum.
Jamque tenens ripam, missos cum tolleret arcus
Conjugis agnovit vocem ; Nesso que paranti
Fallere depositum « Quo te fiducia » clamat
Vana pedum, violente, rapit ? tibi, Nesse biformes.
Dicimus ; exandi, nec res intercipe nostras.
Haud tamen effugies, quam vis ope fidis equiria
Vulnere, nod pedibus, te consequar. » Ultinia dicta
Reprobat et missa fugientia terga sagitta
Trajicit. Exstabat ferrum de pectore aduricum
Quod simul evulsum est, sanguis per utrumque foramen
Emicuit, mixtus lernæi tabe veneni.
Excipit hunc Nessus : « Neque enim moriemur inulti .»
Secum ait ; et calido velamina tincta cruore
Dat munus raptæ, velut iritamen amoris.
Longa fuit medii mora temporis ; actaque magni
Herculis implerant terras odiumque noverœ
Victor ab Œchalia cenæo sacra parabat
Vota Jovi, cum fama loquax præcessit ad aures
Dejanira tuas, quæveris addere falsa
Gaudet et minimo sua per mendacia crescit.
Amphitryoniadem loles ardore teneri...
Incumis animus varios habet: omnibus illis
Prætulit imbutam nesseo sanguine vestem
Mittere, quæ vires defecto reddat amori.
Ignaroque Lichæ, quid tradat nescia, luctus
Ipsa suos tradit ; blandisque miserrima verbis,
Dona det illa viro, mandat. Capit inscius heros
Induiturque humeris lernæ virus Echidnæ.
Tura dabat primis et verba precantia flammis
Viriaque marmoreas patera fundebat in aras :
Incaluit vis illa mali, resolutaque flammis
Herculeos abiit late diffusa per artus
Dum potuit, solita gemitum virtute repressit.
Victa malis postquam est patientia, repulit aras
Implevitque suis nemorosum vocibus Œten.
Nec mora, letifaram conatur scindere vestem :
Qua trahitur, trahi illa cutem, fœdumque relatu
Aut hæret membris frustra tentata revelli,
Aut laceros artus et grandia detegit ossa.
Ipse cruor, gelido ceu quondam lamina candens
Tinta lacu, stridit coquiturque ardente veneno.
Nec modus est : sorbent avidæ præcordia flammæ
Cœrulensque fluit toto de corpore sudor

Ambustique sonant nervi, cæcaque medullis
Tabe liquefactis, tendens ad sidera palmas
« Cladibus » exclamat « Saturnia pascere nostris...
... Dixit, perque altum saucius Œten.
Haud aliter graditur quam si venabula taurus
Corpore fixa gerat, factique refugit auctor.
Sæpe illum gemitus edentem, sæps frementem
Sæpe retentantem totas refringere vestes
Stementemque trabes, iras centemque videres
Montibus aut patria tendentem brachia cælo.

[10] Pholo, centauro, filho de Sileno.

Virgilio, *En.* c. VIII, diz que Hercules matou este centauro conjuntamente com Hylen:

... Tunubigenas, invicte, bimembres
Hylenumque Pholumque manu.

Mas Lucano, *Phars.* c. VI, affirma que Pholo foi hospede de Hercules:—*Hospes et Alcidæ magni, Phole.*

[11] Beatriz, que do céo onde cantava *alleluias*, sahira em soccorro de Dante.

[12] O Poeta, commettendo a Nesso a conducção dos viajantes, lembrou-se provavelmente do verso de Ovidio:

Necsus adit membrisque valens scitusque vadorum.

[13] Dante, mergulhando no sangue os tyrannos *che dier nel sangue e nell'aver di piglio*, parece que tivera em mente o feito de Tomyris. Esta Rainha dos Massagetas, como refere Herodoto, encontrando Cyro, que invadira os seus Estados, o desbaratou e captivou. Para vingar seu filho, morto de ordem de Cyro, mandou tirar-lhe a vida e mergulhar a sua cabeça decepada n'um vaso cheio de sangue, dizendo:—Sacia-te de sangue, de que tanta sêde tiveste.

[14] Azzolino ou Ezzolino di Romano, appelidado *Filho do Diabo*, tyranno da Marca Trevigiana, senhor de Padua, Vicenza, Verona e Brescia, onde commetteu incriveis crueldades. Contra elle pregou o Papa Alexandre IV em 1256 uma cruzada, na qual tiveram parte os Guelfos sob a conducta do Marquez d'Este. Ezzelino, derrotado afinal, foi mortalmente ferido em 1259, junto á ponte de Cassano. Suas atrocidades deram assumpto a uma tragedia latina intitulada—*Eccerinis*, composta por Albertino Mussato, de Padua, coetaneo de Dante e o mais elegante poeta latino d'aquelle tempo.

Ariosto., *Orl. Fur.* c. III, est. 33:

Ezzelino immanissimo tiranno,
Che fia creduto figlio del Demonio,
Fara troncando i sudditi tal danno
Edistruggendo il bel paese ausonio,
Che pietosi apo lui stati saranno
Mario, Silla, Neron, Cajo e Antonio,
E Frederico imperator secondo
Fia per questo Azzo rotto e messo al fondo.

[15] Obizzo d'Este, Marquez de Ferrara e da Marca de Ancona, foi assassinado por Azzo, seu filho (Dante chama-o enteado) para apossar-se dos thesouros, que por meio de rapinas e extorsões accumulara.

[16] Em 1270, Guido, conde Monforte, filho de Simão de Monforte, conde de Leicester, na cidade de Viterbo e na igreja, ao tempo de celebrar-se a missa e no proprio acto da consagração, traiçoeiramente assassinou a Henrique, filho de Ricardo, Duque de Cornwallis, para vingar a morte de seu pae, a quem Eduardo, primo de Henrique, mandára com justa causa tirar a vida em Londres. O cadaver foi trasladado para a Inglaterra e encerrado no Gloucestershire, em um mosteiro que a sua familia edificára para religiosos da ordem de Cister; seu coração, porém, encerrado em redoma de ouro foi collocado sobre uma columna (outros dizem sobre as mãos de uma estatua) á entrada da ponte do Tamisa: tambem se affirma que ficou depositado no tumulo de Eduardo, o Confessor, na abbadia de Westminster. Uma circumstancia aggravante do crime ainda mais abominavel o fez. Conta-se que o assassino, já consumado o flagicio e quando havia sahido da igreja, açulado por um dos seus sequazes, que lhe lembrou o facto de ter sido arrastado o corpo de seu pai, tornára ao interior da igreja, e, travando dos cabellos do morto, o levára a rastos desde o altar, junto ao qual jazia, até a rua. Depois, sem ser empedido ou molestado, retirou-se para o castello do seu sogro, Conde Rosso de Maremma.

[17] Attila, o *flagello de Deus*, Rei dos Hunos, que então assenhoreavam a Pannonia. Depois de ter obrigado o Imperador Theodoro, o Moço, a pagar-lhe tributo, invadio a Germania, penetrou nas Gallias á frente de um exercito esmado em 500.000 homens. Alli opposeram-se-lhe o general romano Aecio, o rei dos Francos Meroveu e Theodorico, rei dos Godos.

Na batalha de Châlons (campos catalaunios), que se seguiu, Attila foi completamente desbaratado. Reunindo os destroços de seus ferozes batalhões, marchou em demanda da Italia onde, em 452, arrazou e queimou muitas cidades, e proseguiu para assenhorear Roma, que entraria, se não o demovesse do seu proposito de conquistal-a e saqueal-a a eloquencia do Papa S. Leão. Concertou pazes com o Imperador Valentiniano III e voltou para a Pannonia e alli morreu em 453.

[18] Não se sabe ao certo a que Pyrrho e a que Sexto se refere o Poeta. Suppõe-se que allude a Pyrrho, Rei do Epiro, que hostilizou os Romanos, e a Sexto Pompeu, filho de Pompeu o Grande.

CANTO XIII

1. Não stava ainda Nesso do outro lado,
Quando nós por um bosque penetramos,
Dos vestigios de passos não marcado. *
2. Não fronde verde, mas escura, ramos
Não lisos, mas travados e nodosos,
Não pomos, puas com veneno achamos.
3. Por silvados mais densos, mais umbrosos,
Do Cecina a Corneto [1], a besta brava,
Não foge, agros deixando deleitosos.
4. Das Harpias [2] o bando aqui pousava,
Que expelliram de Stróphade os Troyanos,
Vaticinando o mal, que os aguardava.
5. Azas tem largas, collo e rosto humanos,
Garras nos pés, plumoso o ventre enorme,
Soam na selva os uivos seus insanos.
6. E disse o Mestre: « Convem já te informe
Que o recinto segundo vais entrando,
Onde verás spectaculo deforme,

* Violentos contra si proprios.

7. « Até que ao areial chegues infando.
Attenta ! E darás fé á narrativa,
Que fiz, ainda lá no mundo estando [3]. »
8. Em toda a parte ouvi grita afflictiva :
Como não via quem assim gemesse,
Parei e a torvação se fez mais viva.
9. Creio que o Mestre cria então que eu cresse [4]
Que esses lamentos enviava aos ares
Uma turba, que aos olhos se escondesse ;
10. Pois disse-me : « De um tronco se quebrares
Um só raminho, ficarás sciente
D'esse erro em que se eleiam teus pensares. » —
11. O braço estendo então e promptamente
Vergontea quebro. O tronco, assim ferido
« Por que razão me arrancas ? » diz fremente.
12. De sangue negro o ramo já tingindo,
« Por que me rompes ? » — proseguiu gemendo —
Assomos de piedade nunca has tido ? » —
13. « Fui homem, hoje o lenho, que estás vendo !
Mais compassiva a tua mão seria
Se alma aqui fosse de um dragão tremendo. » —
14. Como acha verde, quando se incendia
N'um extremo, se estorce no outro, estala
Chiando e a humidade fóra envia :
15. D' aquella arvore assim brotava a fala
E o sangue ; a minha mão já desprendera
O ramo, e, emtanto, o horror no peito cala.
16. « Se de antes elle acreditar pudera »
Lhe torna o sabio Mestre « alma aggravada,
O que eu nos versos meus lhe descrevera,
17. « Por te ferir sua mão não fôra alçada.
Não crêra eu mesmo, e tanto que o induzira
Ao feito, que me pesa e desagrada.
18. « Diz-lhe quem foste e as duvidas lhe tira:
O mal te compensando, a fama tua
Hade avivar no mundo, a que retira. » —

19. E o tronco: « Allivio tanto á dôr, que actua,
Causais, que de bom grado eu já me explico:
Ao triste dai que a magua exprima sua.
20. « Fui quem do coração de Frederico [5]
As chaves tive e usei com tanto geito,
Fechando e desfechando que era rico
21. « Da fé com que a mim só rendeu seu peito.
No glorioso cargo fui constante,
Força, alento exhauri por seu proveito.
22. « A torpe meretriz [6], que, a todo o instante
Ao regio paço olhos venaes volvendo,
Morte commum, das côrtes mal flagrante,
23. « Contra mim odio em todos accendendo,
Por elles accendeu iras de Augusto [7],
Que honras ledas tornou-me em lucto horrendo.
24. « Resentindo-me então do mundo injusto,
Por fugir seus desdens, buscando a morte,
Commigo iniquo fui eu, que era justo.
25. « Pelo tronco em que peno d'esta sorte,
Que jámais infiel hei sido, juro,
Ao Rei meu, que houve a gloria por seu norte.
26. « De vós o que voltar á luz adjuro
Que a memoria me salve ao nome honrado,
Que vulnerou da inveja o golpe duro. » —
27. O vate inda esperou. — « Pois se ha calado, » —
Disse-me « fala, se tu mais desejas
E pede-lhe: do tempo és apressado. » —
28. Tornei: « Tu mesmo inquire quanto vejas
Mais convir-me; que eu sinto-me inhibido
Por maguas, que em minha alma são sobejas. » —
29. Elle então: « — Se o desejo teu cumprido
Fôr por este homem, nobremente usando,
Te praza, encarcerada alma, ao pedido
30. « Nosso attender, e como nos mostrando
Se liga ao tronco o esp'rito e se é factivel
Soltar-se um dia, o vinculo quebrando. » —

31. Soprou de rijo o lenho; e perceptivel
Aquelle som d'esta arte nos dizia:
— « Resposta breve dou quanto é possivel.
32. « Quando os laços do corpo uma alma impia
Destróe por si, do seu furor no enleio
Ao circ'lo sete Minos logo a envia.
33. « Na selva tomba e aonde acaso veio,
E como o seu destino lhe consente,
Ahi, qual grão germina de centeio,
34. « Vai crescendo até ser arvore ingente:
As Harpias, que a fronde lhe devoram,
Causam-lhe dôr, que rompe em voz plangente.
35. « Hemos de ir onde os corpos nossos moram,
Como as outras, mas sem que os revistamos,
Mór pena aos que em perdel-os prestes foram.
36. « Arrastados serão por nós: aos ramos
Pendentes ficarão n'esta floresta
Nos troncos, em que, assim, vêdes, penamos. »—
37. Ouviamos ainda a sombra mesta,
De mais dizer cuidando houvesse o intento.
Eis sentimos rumor, que nos molesta.
38. Assim monteiro, á caça pouco attento,
Do javardo e dos cães ouve o estrupido
E das ramadas o estalar violento. [8]
39. Subito vejo á esquerda, espavorido,
Fugindo esp'ritos dois nús, lacerados,
Ramos rompendo ao bosque denegrido.
40. « O' morte! » um clama—« acode aos desgraçados!
O segundo, que tardo se julgava:
« Ninguem, ó Lano, [9] os pés tanto apressados
41. « De Toppo nas refregas te observa! »
Porém, de todo já perdido o alento,
N'uma sarça acolheu-se que alli stava.
42. Corria, enchendo a selva, em seguimento
De famintas cadellas negro bando,
Quaes alões da cadeia ao todo isentos.

43. A' sombra homisiada se enviando,
A fez pedaços a matilha brava,
E logo após levou-os ululando.
44. Então meu Guia pela mão me trava,
Conduz-me á sarça, que se em vão carpia
Pelas roturas, que o seu sangue lava. [10]
45. «O' Jacob Santo André ! » triste dizia —[11]
Podia eu ser-te acaso amparo certo ?
Em mim por crimes teus que culpa havia ? » —
46. Disse-lhe o Mestre, quando foi mais perto :
« Quem és tu, que o teu sangue e magua exhalas
Por golpes tantos, de que estás coberto ? » —
47. Tornou-lhe : « O' alma que d'essa arte falas
E tu que o damno vês, que me separa,
Da fronde minha, agora amontoal-a
48. « Dignai-vos junto á rama, que as brotára.
Na cidade nasci que por Baptista [12]
Deixou prisco patrão, que da arte amara
49. « Sempre pelos effeitos a contrista.
E se do Arno na ponte não restasse [13]
Um vestigio, que traz seu culto á vista,
50. «Talvez ella á existencia não tornasse,
E quem das cinzas, que Attila ha deixado, [14]
Levantou-a os esforços mallograsse
« Na minha propria casa hei-me enforcado. » —

NOTAS AO CANTO XIII

Narra-se n'este canto como os Poetas entraram no segundo recinto, destinado ao castigo dos que foram violentos contra suas proprias pessoas e desbarataram a sua fazenda: acham-se aquelles transformados em troncos asperos e nodosos, onde pousam as harpias; e estes são perseguidos por cães famintos. Um dos suicidas, Pietro delle Vigne, conta o motivo da sua morte e explica como as almas se convertem em troncos. Por fim um florentino fala das calamidades de sua patria.

[1] O rio Cecina desagua no Mediterraneo a pouca distancia de Livorno. Corneto, que pertencia ao patrimonio de S. Pedro, ao norte de Civita-vecchia, demora na Maremma, assombrado de matagaes, onde vivem em grande cópia javalis, veados e outros animaes e que se esquivam aos logares descobertos e povoados.

[2] Harpias e Strophades—Virg. *En.* c. III:

Servatum ex undis Strophadum me litora primum
Accipiunt. Strophades graio stant nomine dictæ,
Insulæ Ionio in magno; quas dira Celæno
Harpyæque colunt aliæ, Phineia postquam
Clausa domus, mensasque metu liquere priores.
Tristius haud illis monstrum, nec sævior ulla
Pestis et ira Deûm Stygiis sese extulit undis.
Virgineï volucrum voltus, fœdissima ventris
Proluvies, uncæque manus et pallida semper
Ora fame.
Huc ubi delati portus intravimus; ecce
Læta boum passim campis armenta videmus,
Caprigenumque pecus, nullo custode, per herbas
Instimus ferro, et divos, ipsumque vocamus
In partem prædamque Jovem. Tum litore curvo
Estruimusque toros, dapibusque epulamur opimis.
At subitæ horrifico lapsu de montibus adsunt
Harpyæ, et magnis quatuunt clangoribus alas
Diripiuntque dapes, contactuque omnia fœdant.
Immundo: tum vox tetrum dira inter adorem,

Rursam in secessu longo sub rupe cavata,
Arboribus clausi circum atque horrentibus umbris,
Instruimus mensas, arisque reponimus ignem.
Rursam eæ diverso cœli cæcisque latebris,
Turba sonans prædam pedibus circumvolat uncis:
Polluit ora dapes. Socciis tunc, arma capessant,
Edico et dira bellum cum gente gerenenm
Haud secus ac jussi facuint, tectosque per herbam
Disponunt ensis et scuta latentia condunt.
Ergo ubi delapsæ sonitum percurva dedere
Letora; dat signum specula Misenus ab alta
Ære cavo. Invadunt socii et nova prœlia tentant,
Obscœnas pelagi ferro fœdare volucres
Sed neque vim plumus ullam, nec vulnera tergo
Adcipiunt: celerique fuga sub sidera lapsæ
Semesam prædam et vestigia fœdam relinquent.

Trad. de J. F. Barreto:

Primeiramente ás ilhas celebradas
Das Estrophades livres do mar chego.
Estas ilhas Estrophades chamadas,
Conforme o nome, que conservam grego.
No grande mar Jonio esião muradas
Das immundas Harpias sem socego,
Depois que a casa e as primeiras mesas
Deixaram de Phineu, de temor presas.
Ira dos Deuses, mais cruel do que ellas
Peste, nem monstro algum mais injucundo,
Nunca se viu abaixo das estrellas,
Nem sahiu lá do Tartaro profundo.
São aves e têm rostos de donzellas,
Lançam dos ventres um fedor immundo,
Curvas as mãos, as unhas retorcidas,
Pallidas e de fome carcomidas.
Aqui arribados, como o porto entramos,
Eis todo o campo cheio de manadas,
Gordas de bois e cabras divisamos
Pela relva, sem ser de alguem guardadas,
Traz o silvestre bando nos lançamos
Todos alegremente co'as espadas,
E a grande presa a convidar nos move
Os altos Deuses e o supremo Jove.
Na curva praia pomos logo mesa,
Comendo as saborosas iguarias,
Quando com espantosa ligeireza
Dão comnosco de subito as Harpias,
Com grande estrondo e com veloz presteza
Baixam dos montes pelas arduas vias,
Tiram-nos das mãos proprias a comida
E então foi seu fedor e voz sentida.
Longe d'este logar para outro fomos,
E debaixo de um concavo rochedo
Outra vez, novamente, a mesa pomos,
Cercados ao redor de alto arvoredo.
Fazemos sacrificio e outra vez somos
Commettidos da turba, que sem medo

Sai com ruido, muito mais perversa,
De uma caverna lobrega e diversa.
Bem ao redor da presa anda voando
Com os pés retorcidos e co'a boca
Sujou as iguarias: então mando
Aos Teucros, a quem já o furor provoca,
Que tomem armas contra o inico bando
Pois a cruel vingança a todos toca,
E que se havia de ordenar batalha
C'uma gente infernal e vil canalha.
Como eu lhes mandei, assim fizeram,
E pela relva do florente prado
As cobertas espadas esconderam
E os escudos poem logo a bom recado.
Como voando para nós vieram
Pelas praias c'o estrondo acostumado,
No concavo metal, de uma penha alta,
Deu Miseno signal e ninguem falta.
Avançam todos com furor, travando
Novas batalhas, guerras nunca ouvidas,
Cada um ferir com ferro procurando
As sujas aves em o mar nascidas;
Mas o corpo c'o as pennas amparando
Nem recebem violencia, nem feridas
Deixam, fugindo á pressa pelos ares,
Mordida a presa, sujos os manjares.

Ariosto, *Orl. Fur.* c. XXX, est. 119 e seg.:

Ecco per l'aria lo stridor si sente,
Percossa intorno dall'orribil penne:
Ecco venir l'arpie brutte e nefande
Tratte del cielo a odor delle vivande.
Erano sette in una schiera, e tutte,
Volto di donne avean, pallide e smorte,
Per lunga, fame attenuate e asciutte,
Orribili a veder più che la morte
L'alacce grande avean, deformi e torte;
Grande e fetido il ventre, e lunga coda,
Come di serpe che s'aggira e snoda.

[3] Virgilio, c. III da *En.*:

Forte fuite juxta tumulus, quo cornea summo
Virgulta et densis hastilibus horrida mirtus
Adeessi, viridemque ab humo convellere selvam,
Conatus, ramis tegerem ut frondentibus aras
Horrendum, et dictu video mirabile monstrum,
Nam, quæ puma solo ruptis radicibus arbor
Vellitur, huic atro linquuntur sanguine guttæ
Et terram tabo maculant. Mihi frigidus horror
Membra quatit, gelidusque coit formidine sanguis.
Rursus et alterius lentum convellere vimen
Insequor, et causas penitus tentare latentis:
Alter et alterius sequitur de cortice sanguis...
Tertia sed postquam majore hartilia nisu
Adgredior, genibusque adversæ obluctor arenæ;

(Eloquar, an sileam ?) gemitus lacrimabilis imo
Auditur tumulo et vox reddita fertur ad auras :
Quid miserum, Æneas, laceras ? jam parce sepulto.
Parce pias scelerare manus. Non me tibi Troja
Externum tulit : aut cruor hic de stipet manat.
Heu ! fugue crudelis terras, fuge litus avarum.
Nam Polydorus ego. Hic confixum ferrea texit
Telorum seges et jaculis increvit acutis.
Tum vero ancipiti mentem formidine pressus
Obstupui, steteruntque comæ, vox faucibus hæsit.

Traducção de J. F. Barreto:

Um outeiro alli junto acaso havia
Cujo cume em redor se coroava
De agrestes cerejeiras, que o chão cria
E de murta alta matta se amostrava.
Cheguei adonde o bosque espesso via,
E arrancal-o já determinava
Para cobrir com as frondosas varas
E frescos ramos as sagradas aras:
Quando um moustro admiravel vejo e horrendo,
Que do ramo primeiro, que arrancado
Foi, de corrupto sangue saem correndo
Gottas, que d'elle o chão deixam manchado.
Fiquei frio, de horror todo tremendo
E nas veias o sangue congelado.
Outro ramo outra vez quebrar intento
E ver as causas de tão gran portento.
D'elle outro sangue corre novamente,
E discursando com a phantasia
Cousas mil temerosas, humilmente
Perdão ás Hamadiriadas pedia...
Porém quando arrancar á força pura
O terceiro intentei e por leval-o
Os joelhos firmei na terra dura
(Dil-o-hei ou me será melhor calal-o?)
Ouvi do fundo de uma sepultura
Um choroso gemido e mór abalo
Me fez a voz funesta, que ligeira
Meus ouvidos feriu d'esta maneira:
« Porque razão, Enéas, cruelmente
Despedaças um misero e coitado?
Não manches as mãos pias impiamente,
Deixa já descançar um sepultado,
Troyano sou tambem e teu parente,
Nem este sangue mana do cortado
Madeiro. Ah! fuge ás terras inhumanas,
Fuge ás praias avaras e profanas!

Ariosto, *Orl. Fur.* c. VI. est. 26 e seg. :

Quivi stando il destrier ch'avea lasciato
Tra le più dense frasche alla fresc'ombra
Per fuggir sì rivolta, spaventato
Di non so che, che dentro al bosco adombra;
E fa crollar sì il misto ove è legato,

Che delle fronde intorno il piè gl'ingombra:
Crollar fa il mirto e fa cader la foglia,
Ne succede però che se ne scioglia,
Come ceppo talor che le medolle
Rara e vote abbia, e posto al foco sia;
Poichè per gran calor quell'aria molle
Resta consunta che in mezzo l'empia,
Dentro risuona, e con strepito bolle
Tanto che quel furor trovi la via:
Così mormura e stride e sì corruccia
Quel mirto offeso e alfine apre la buccia,
Onde con mesta e flebil voce uscio
Espedita e chiarissima favella.

Tasso, *Ger. Lib.* c. XIII, est. 41:

Pur tragge alfin la spada e con gran forza
Percote l'alta pianta. Oh! meraviglia!
Manda fuor sangue la recisa scorza
E fa la terra intorno a sè vermiglia.
Tutto si raccapriccia, e pur rinforza
Il colpo, e il fin vederne ei sì consiglia.
Allor, quasi de tomba, uscir ne sente
Un indistinto gemito dolente.

[4] *Io credo ch'ei credette ch'io credesse.*—Em Ariosto *Orl. Fur.* c. IX, est. 23

Io credea e credo e creder credo il vero
Ch'amassi ed ami me concor sincero.

E c. XLII, est 102:

Come io credo che credi e creder dei
Ch'altrimente far credere è fatica.

Camões imitou do modo seguinte (*Lus.*, c. VI, est. 89):

Não créias fero Boreas que te creia.

[5] Pier ou Pietro della Veglia, natural de Capua, que muito valeu com o Imperador Frederico II, o qual o fez seu chanceller. Gozava de tanta confiança do Soberano, que, como elle com razão diz, teve as chaves ambas do seu coração, isto é, a da clemencia e da severidade. Enviado como embaixador conjunctamente com Taddeo di Sessa ao concilio de Lyon, onde se achava o Papa Innocencio IV, inventaram os seus inimigos que elle clandestinamente se correz com o Summo Pontifice e lhe havia revelado segredo de Estado. Frederico acreditou levemente nas suggestões da calumnia e não só o despiu dos cargos, que lhe commettera, senão tambem mandou vasar-lhe os olhos. O innocente della Veglia não teve resignação para padecer e com as proprias mãos tomou a morte. Dante vinga a sua memoria e immortaliza os seus merecimentos e serviços.

[6] A Inveja.

[7] Augusto, o Imperador Frederico II.

[8] Homero, *Il.* c. XII, trad. de M. Od. Mendes:

Os dous rompentes
São feros javalis, que, em brenha ouvindo
Bulha de gente e cães, de esguelha investem,
Quebram da selva e desarreigam troncos.

9 Lano de Siena pelejava no exercito florentino contra os de Arezzo, quando os vio vencedores. Enfurecido, enviou-se pelo meio d'elles e perdeu a vida. Essa peleja foi ferida em Pieve del Topo. Lano era prodigo dos seus haveres.

No *Ottimo Commento* lê-se:

« Foi Lano um mancebo de nobre estirpe da cidade de Siena, dotado de muitos bens da fortuna, que desbaratou em prodigalidades, em companhia de outros da sua convivencia. Já empobrecido, achando-se na derrota em que, em Topo, territorio de Arezzo os sienezes, auxiliares dos florentinos, foram vencidos pelos Aretinos, quando podia retirar-se muito a seu salvo, determinou lançar-se por entre os inimigos para morrer e assim não tornar á vida de privações, a que estava reduzido. Succedeu-lhe o que desejava.»

10 Suppoem uns que fosse Rocco de Mozzi, que, tendo gasto quanto possuia, enforcou-se. Isto mesmo dizem outros acerca de Lotto degli Angeli, sendo o motivo a vergonha de ter dado por peita uma sentença injusta.

11 Jacopo Santo André, de Padua, diz o *Ottimo*, foi herdeiro de avultada riqueza, que acabou em prodigalidades; entre outras, menciona-se o incendio que voluntariamente ateou em uma de suas melhores quintas para ter o gosto de ver um grande e bello espectaculo.

12 Florença, que desde a sua fundação, tivera por patrão o deus Marte, o substituiu por S. João Baptista. Marte, resentido, a contrista pelos effeitos da arte amara, isto é, da guerra.

13 A' entrada de Ponte Vecchio existiam fragmentos de uma estatua de Marte, havida na crença popular por palladio Florença. Ainda em tempo de Dante viam-se sobre uma columna. Uma inundação os arrebatou annos depois.

14 Florença foi destruida por Totila em 450 e não por Attila. Dante confunde os dois nomes, como fizeram outros; pois no *Ottimo*, em cuja nota penultima a este canto se vê o seguinte: — « *Alcuni dicono che altri fu Totila, altri Attila; e alcuni dicono che egli fu uno medesimo uomo.* »

CANTO XIV

1. De amor do patrio ninho commovido,
Essas dispersas folhas reunindo,
A' sarça as dei, que tinha a voz perdido.
2. Ao limite, d'alli, fomos seguindo,
Em que parte o recinto c'o terceiro,
Onde a justiça horrivel stá punindo. *
3. Para expressar-lhe o aspecto verdadeiro,
Eu digo que a charneca então chegamos,
De plantas núa em seu espaço inteiro.
4. Da dôr a selva a cerca dos seus ramos,
Como o fosso a tornéa sanguinoso:
Alli, rente co'a borda, os pés firmamos.
5. O plaino era tão arido e arenoso,
Como o que de Catão [1] os pés outr'ora
Na jornada calcaram fadigoso.
6. O' vingança de Deus, quem não te adora
Nos tremendos effeitos meditando,
Que eu proprio olhei, que a minha voz memora.

---

* Violentos contra Deus, a natureza e a arte.

7. De almas nuas eu via infindo bando,
Por modos differentes torturadas,
Miseraveis, mesquinhas pranteando.
8. Jaziam sobre o dorso umas deitadas,
Outras, dobrando os membros, se assentavam,
Muitas andavam sempre acceleradas.
9. Maior a turba d'estas se mostrava,
Menor a que, prostrada no tormento,
Maior dôr nos lamentos denotava.
10. Largas flammas com tardo movimento
Choviam do areial em todo o espaço,
Qual neve em serra, quando é mudo o vento.
11. Na India sobre o exercito, já lasso,
Fogos cahir viu Alexandre outr'ora [2],
No chão ardendo livres de embaraço.
12. Que aos pés no sólo os calquem sem demora
Suas phalanges avisado ordena:
Matal-os um por um facil lhes fôra.
13. Assim baixava, para aggravo á pena,
Lume eterno que á areia se prendia,
Como á isca a fagulha mais pequena.
14. Cada qual sem repouso se estorcia,
A um lado e a outro os braços revolvendo
A cada chamma, que do ar chovia.
15. « Mestre » — falei — « que vais tudo vencendo,
Sómente excepto a legião furente,
Que em Dite a entrada estava-nos tolhendo,
16. « Diz quem seja a gran sombra, que não sente,
Ao parecer, o incendio, e não domado
Pela chuva, jaz rabido, insolente ? » —
17. Reconhecendo o proprio condemnado
Que da minha pergunta fôra objecto,
« Morto sou qual fui vivo ! » clama irado.
18. « Que Jove cance o armeiro seu dilecto, [3]
De quem tomou fremente o agudo raio
Para em mim saciar rancor abjecto ;

19. « Que os seus cyclopes [4] sintam já desmaio
De Mongibello [5] na officina negra,
Aos gritos — « Bom Vulcano, acode ou caio ! » —
20. « Como fez na peleja lá de Phlegra; [6]
Que me fulmine de odio e sanha cheio:
No gozo da vingança em vão se alegra. » —
21. Virgilio então, com voz, como não creio
Lhe ter ouvido, sonorosa e forte,
Bradou-lhe : « Capaneu, [7] pois no teu seio
22. « Não mitiga a soberba a propria morte,
Soffre mór pena ; igual não ha castigo
Ao que a raiva te inflige d'esta sorte ! » —
23. Para mim se voltou; com gesto amigo
Falou : — « Dos Reis que Thebas sitiaram
Foi um ; de Deus se declarára imigo.
24. « Os crimes seus no inferno se aggravaram;
Já disse-lhe, as blasphemias, os furores
Digno premio em seu peito lhe deparam.
25. « Vem agora após mim; pelos fervores
Não caminhes da areia incandescente ;
Da selva ao longo evitas-lhe os ardores. » —
26. Fomos andando, cada qual silente,
Até onde jorrar do bosque eu via
Rubro arroio, que lembro inda tremente.
27. Do Bulicame [8] qual o que sahia,
Das peccadoras em serviço usado :
Tal pela adusta areia este corria.
28. As margens e orlas são de cada lado
Feitas de pedra e assim tambem seu leito :
Caminho alli notei ao passo azado.
29. « De quanto aqui te conhecer hei feito,
Depois que atrás deixamos essa porta, [9]
A cujo ingresso todos têm direito,
30. « Não se ha mostrado á tua vista absorta
Maravilha que iguale á d'esta veia,
Em que a flamma adurente fica morta. » —

31. O Mestre diz e assim desejo ateia
De rogar-lhe me preste esse alimento,
Que excitado, o appetite haver anceia.
32. Do mar em meio jaz « — ouvi-lhe attento—
« Destruido paiz, Creta afamada :
Com seu rei foi do mal o mundo isento. [10]
33. « Alça-se alli montanha outr'ora ornada
De fontes e verdor: chamava-se Ida:
Erma está, como cousa desprezada.
34. « Foi ao filho p'ra berço preferida
De Rhea, [11] que abafava o seu vagido
Fazer mandando grita desmedida.
35. « Nas entranhas do monte um velho erguido
Está : voltando á Damieta as costas,
Como a espelho, olha Roma embevecido.
36. « De ouro faces e fronte são compostas, [12]
De pura prata são braços e peito,
Enéas do busto as partes bem dispostas.
37. « De ferro extreme tudo o mais foi feito,
O pé direito excepto, que é de argilla,
Mas o corpo sustem, sendo imperfeito.
38. « Salvo do ouro, do mais sempre destilla
De lagrimas por fenda crebro fio,
Que fura a gruta e rapido desfila.
39. « Aos negros valles vem correndo em rio,
Fórma Styge, Acheronte e Phlegetonte, [13]
Desce depois n'este canal esguio
40. « Até do inferno o fundo, aonde é fonte
Do Cocyto. O que o rio acaso seja
Verás : mister não é que ora te conte. » —
41. — « Se desde o nosso mundo elle serpeja,
Dize, ó Mestre, a razão por que a torrente
Só n'este abysmo lobrego se veja. » —
42. « E' circular este logar horrente,
E posto hajas vencido extenso tracto,
Descendo tu á esquerda, inteiramente

43. «Não has feito inda ao circ'lo o giro exacto.
Não revele o teu rosto maravilha,
Novas cousas em vendo e extranho facto. » —
44. Ainda eu perguntei : — « Por onde trilha
O Phlegetonte e o Lethes ? De um te calas,
E do outro a veia é d'essa origem filha. »—
45. Tornou : — « Muito me agrada quanto falas ;
Da agua rubra o fervor, porém, solvera
Uma d'essas questões, que me assignalas.
46. « Do inferno fóra o Lethes ver espera :
Na lympha sua as almas vão lavar-se
Depois que a penitencia o perdão gera. » —
47. Disse depois : « E' tempo de deixar-se
A selva ; os passos meus sempre acompanha,
Pela margem caminho ha para andar-se.
Do fogo alli se extingue toda a sanha. » —

NOTAS AO CANTO XIV

Chegam os Poetas ao terceiro recinto, planicie de areia incandescente onde os violentos contra Deus, a natureza e a arte são castigados com chuva eterna de ardentissimas flammas. Entre os violentos contra Deus vem Capaneu. Depara-se-lhe um ribeiro de sangue. Mysteriosa estatua. Explicação. Os rios do inferno. Passam o areial.

[1] Lucano, *Phars.* c. IX, descreve com maravilhosa eloquencia a marcha de Catão, o de Utica, quando com as suas tropas, para se juntar com o exercito de Juba, Rei de Numidia, internou-se pela Lybia, como elle, partidario de Pompeu, então já vencido por Cesar. Merecem a transcripção especialmente os seguintes versos, não sendo somenos todos os outros d'esse admiravel trecho:

At quacumque vagam Syrtim complectitur ora
Sub nimio projecta die, vicina perusti
Ætheris exuriti messes et pulvere Bacchum
Eucat, et nulla putris radice tenetur.
Temperies vitalis abest; et nulla sub illa
Cura Jovis terra est; natura deside torpet
Orbis et immotis annum non sentit arenis...
... patet omne solum liberque meatu
Æoliam rabiem totis exercet arenis
At non imbriferam contorto pulvera nubem
In flexum violentus agit; pars plurima terræ
Tolitur et nunquam resoluto vertice pendet.

[2] Se diz que em carta, havida por apocrypha, Alexandre Magno referira a Aristoteles o caso a que Dante allude, com a differença de ter o conquistador macedonio mandado que os soldados abafassem as labaredas com as roupas e não com os pés. Nenhum dos historiadores de Alexandre dá noticia d'esse portentoso incidente.

Tasso, *Ger. Lib.* c. X. est. 61:

Alfin giungemmo al loco ove già scese
Fiamma del cielo in dilatate falde,
E di natura vindice l'offese
Sovra le genti in mal oprar si salde

Fu già terra feconda, almo paese;
Oracque son bituminose e calde,
Esteril lago; e, quanto ei torce e gira,
Compressa è l'aria, e grave il puzzo spira.

[3] Vulcano, filho de Jupiter e Juno, marido de Venus.

[4] Os cyclopes. Vulcano, por elles ajudado, forjava nas suas officinas do Monte Ethna os raios de Jupiter.

[5] Mongibello ou Ethna, montanha vulcanica da Sicilia.

Virgilio, *En.* c. VIII:

Insula Sicanium juxta latus æoliaque
Erigitur Liparen, fumantibus ardua saxis;
Quam subter specus et cyclopum exesa caminis
Antra æthnæa tonant, validique incudibus ictus
Auditi referunt gemitum, strideuntque cavernis
Stricturæ Chalybum, et fornacibus ignis anhelat;
Volcani domus et volcania nomine tellus.
Hoc tunc igni potens cælo descendit ab alto
Ferrum exercebant vasto Cyclopes in antro
Brontesque, Steropesque et nudus membra Pyracmon.
His informatum manibus jam parte polita
Fulmen erat; toto genitor quæ plurima cælo
Dejicit in terras; pars imperfecta manebat
Tris imbris torti radios, tris nubis aquosæ
Addiderant, rutuli tris ignis et alitis Austri
Fulgores nunc horrificos sonitumque metumque
Mescebant operi, flammisque sequacibus iras.

Traducção de J. F. Barreto:

Uma ilheta difficil á subida
Sobre altissimas penhas fumegantes
Junto ao lado sicanio vê-se erguida,
E Lyparis, de Eolo assento de antes,
Por debaixo da qual uma escondida
Gruta está, e outras muitas similhantes
As do Ethna, carcomidas co'us ardentes
Fragoas, que tem dos Cyclopes valentes.
As quaes com som retumbam peregrino
E os golpes com violencia repetidos,
Sobre as pesadas safras de aço fino
Despedem fóra horrisonos gemidos;
As faiscas dos Chalybes contino
Pelas cavernas voam com zunidos;
E sem cessar jamais n'esta e n'aquella
Fornalha o fogo resonante anhella.
Casa em fim de Vulcano e assim se chama
Vulcania de seu nome a mesma terra.
O Deus, que o poder tem na mesma flamma
Aqui, pois, do alto ceu vindo se encerra:
Os duros cyclopes, que tanto ama
Em a grande espelunca da alta serra
Malhavam ferro, atormentando os montes
No Pyracmon, Steropes e Brontes.

Tinham na mão um raio inda imperfeito,
Mas em parte polido e acabado,
Em parte ainda não de todo feito,
Dos que o pae muitas vezes indignado
Sobre as terras arroja do alto leito;
E os ministros lhe tinham ajuntado
Tres partes de agua congelada e logo
Tres de nuvem, tres de ar e tres de fogo.
Mas n'essa obra admiravel misturavam
Os fulgores terrificos, o estrondo,
Medo, iras a que acompanhavam
Perseguidoras flammas em redondo.

[6] Phlegra, planicie da Thessalia, onde os Titães foram fulminados por Jupiter.

Ovidio, *Met.* lib. I:

Neve foret terris securior arduus æther
Affetasse ferunt regnum celeste gigantas,
Altaque congestos struxisse ad sidera montes.
Tum pater omnipotens misso perfregit Olympum
Fulmine, et excussit subjecto Pelion Ossæ
Obruto mole sua cum corpora dira jacerent,

Disse Estacio, *Thebaida*, c. III:

Ataque hic ingenti Capaneus Mavortis amore
Excistus, et longam pridem indignantia pacem
Corda tumens (huic ampla quitem de sanguine priseo
Nobilitas: sed enim ipse manu præggressus avorum
Tacta, diu tuto Superum contemptor, et æqui
Impatiens, largusque animæ, modo suasent ira)
Unus et e silvis Pholoes habitatur opacæ
Inter et Œthnæos æquus consurgere fratres
Ante fores, ubi turba ducum, vulgique frementis...

Klopstock, c. XVIII da *Messiada*, trad. de Mme. de Carlowitz:
« Um dos impios ousou erguer a cabeça e levantar-se do pó. Fitando os olhos no Mediador, disse:

« Não, tu não és omnipotente, pois tua clemencia é limitada. Tens sêde de vingança! Não importa! Aniquille-me o teu raio, se acaso cabe-lhe o poder de aniquillar uma alma immorta! como tu! Eu ainda que consumido pelo fogo celeste, fazendo então o derradeiro esforço, alçarei a minha mão calcinada para arrojar as minhas cinzas aos pés do teu throno! Sinta minha alma dispersos em ruinas os seus pensamentos; mas antes de sorvida nos abysmos insondaveis do vacuo, ha de poder ainda uma vez enviar-te uma maldição!

Tomados de horror, levantamos os braços para o Salvador; das mãos do anjo da morte resvalou a trombeta e um raio crepitante fulminou o impio.»

Perfusam multo natorum sanguine Terram
Immadiusse ferunt calidumque animasse cruorem
Et ne nulla suæ stirpis monimenta manerent
In faciem vertisse hominum. Sed et illa propago
Contemptrix superum sævæque avidissima cædie
Ed violenta fuit; scires e sanguine natos.

Trad. de A. F. de Castilho :

Para não ser mais livre o ceu que a terra
E' fama que os gigantes o assaltaram,
A etherea monarchia ambicionando,
Pondo até as estrellas monte em monte.
Porém Jove com o raio estorroando
O Olympo, e sob o Olympo o Osca, o Pelion,
Sobre o tropel sacrilego os derriba
Esmagados c'o pezo os feros corpos
Diz-se que a Terra, a mãe, no muito sangue
Dos filhos ensopada o fez vivente :
Homens d'elle creou, porque a memoria
Da progenie feroz permanecesse.
A nova geração tambem foi dura,
Dos numes foi tambem desprezadora,
Dada a violencias, da matança amiga,
Provando as obras que a gerara o sangue.

[7] Capaneu, um dos sete Reis, que estiveram no cerco de Thebas. Abalizava-se pela sua soberba e pelo desprezo em que tinha os deuses. Os outros Reis foram Adrasto, Polynice, Tydeu, Hippomedon, Amphiarau e Parthenopeu.

[8] Bulicame, fonte de agua fervente, situada a duas milhas de Viterbo, origem de um ribeiro, do qual as *peccadoras* derivavam agua para o seu uso. Os banhos de Bulicame eram assaz frequentados.

[9] A primeira porta do inferno.

[10] Ovidio, figurando as quatro idades do mundo—de ouro, de prata, de bronze e ferro—diz no lib. I das *Met.*

Aurea prima sata est ætas, quæ vindice nullo
Sponte sua, sine lege fidem rectumque colebat.
Pœna metusque aberant, nec verba minacia fixo
Ære legebantur, nec supplex turba timebat
Judicis ora sui, sed erant sine judice tuti.
Postquam, Saturno tenebrosa in Tartara misso,
Sub Jove mundus erat, subiit argentea proles
Auro deterior, fulvo pretiosior ære.
Jupiter antiqui contraxit tempora veris
Perque hiemes, æstusque et inæquales autumnos
Et breve ver spatiis exegit quatuor annum. . . .
Tertia post illas successit ænea proles
Savior ingeniis et ad horrida promptior arma,
Non scelerata tamen. De duro est ultima ferro
Protenus irrupit venæ pejoris in ævum
Omne nefas fugere pudor verumque fidesque,
In quorum subjere locum fraudesque dolique
Insidiæ et vis et amor scelerutus habendi

Trad. de A. F. de Castilho :

Foi a primeira idade idade de ouro.
Sem nenhum vingador, sem lei nenhuma
Culto á fé e á justiça então se dava.
Ignoravam-se então castigo e medo ;
Ameaças terriveis não se liam
No bronze abertas ; supplice caterva

A' face do juiz não palpitava :
Todos viviam sem juiz, sem damno . . .
Depois que, dado ao Tartaro, Saturno,
Ficou a Jove universal imperio,
Veiu outra idade ; se inferior a de ouro
Superior á de bronze, a idade argentea.
Jove contrai a primavera antiga :
Vereis, invernos, desiguaes outomnos,
Curta e branda estação, que anime as flores.
O anno repartem, variando os tempos. . .
As duas succedeste, aenea prole,
De genio mais feroz, mais prompto á guerra,
Mas não impia. Eis a ultima, a de ferro !
Todo o horror, todo o mal rebentam d'ella;
Subito fogem fé, pudor, verdade;
Occupam-lhe o logar mentira, astucia,
A insultuosa força, a vil perfidia,
Da posse e do poder o amor infando.

[11] Rhea, mulher de Saturno, mãe de Jupiter, fazia grande rumor com cymbalos e outros instrumentos para que o marido não ouvisse os vagidos do filho, ainda no berço, e, conhecida a sua existencia não o devorasse.

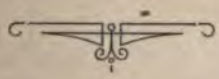
[12] *Livro de Daniel*, cap. II :

« E respondendo Daniel perante o Rei, disse : Tu ó Rei, começaste a pensar, estando na tua cama, no que havia de acontecer depois d'estes tempos : aquelle que revela os mysterios, te descobriu as cousas, que hão de vir. A mim tambem me foi revelado este mysterio, não porque a sabedoria que ha em mim seja maior que a que se acha em todos os outros viventes : mas para que fosse manifesta ao Rei a interpretação do seu sonho, e para que soubesses tu os pensamentos do teu espirito.

« Tu, ó Rei, estavas olhando, e parecia-te que vias uma grande estatua, a tal estatua, de uma grandeza e altura extraordinaria, se tinha em pé diante de ti e a sua vista era espantosa. A cabeça d'essa estatua era de um ouro finissimo, porém o peito e os braços eram de prata : já o ventre e as coxas eram de cobre; e as pernas eram de ferro, uma parte dos pés era de ferro e a outra de barro.

« Tu a estavas vendo attentamente, até que uma pedra foi arrancada de um monte sem intervirem mãos de homem, a qual feriu a estatua nos seus pés de ferro e de barro e os fez em pedaços. Então se quebraram tudo a um tempo, o ferro, o barro, o cobre, a prata e o ouro, e ficaram reduzidos como a miuda palha, que o vento leva fóra da eira em tempo do estio... »

[13] Acheronte, *sem alegria* ; Styge, *tristeza* ; Phlegetonte, *ardente* ; Cocyto *pranto*. São estes rios formados das lagrimas, que manam da estatua do Tempo. A mesma origem tem o Lethes, que se mostra no canto XXVIII do *Purg*.



CANTO XV

1. Por uma d'essas margens empedradas
Imos : vapor do rio resguardava
Das chammas o alveo e as bordas elevadas.
2. Como do mar temendo a força brava
De Bruge a Cadsand, [1] Flamengos fazem
Os diques, com que o mal se desaggrava;
3. Ou como o damno atalha, que lhe trazem
Do Brenta [2] as invasões, de Padua a gente,
Se em Chiarentana [3] os gelos se desfazem
4. Assim as bordas d'esse rio horrente,
Posto altura e grossura lhes não désse
Iguaes, quem quer que fosse artista ingente.
5. A selva já distante de nós era
Tanto, que eu divisal-a não podia,
Quando os olhos por vel-a atraz volvera,
6. Eis encontramos multidão sombria,
Que a margem costeava, nos olhando,
Como sóe caminhante, ao fim do dia,
7. Que vae, por lua nova, outro encarando:
Para nos ver os cilios contraindo,
Qual a agulha o artesano apparelhando.

8. Assim, de mira á turba nós servindo,
Conhecido fui de um, que me travava
Da roupa—« O' maravilha! »—repetindo.
9. Quando o seu braço para mim se alçava,
Attentei-lhe no rosto requeimado;
Posto que demudado, não vedava
10. Que de mim fosse nas feições lembrado.
A' sua face inclinando a mão, lhe digo,
—« Messer Brunetto ! [4] vós aqui ! »—torvado.
11. « Filho meu ! complacente sê commigo !
Vir Brunetto Latini ora consente,
Deixando a turba, um pouco assim comtigo ! »—
12. Tornei:—« muito vos rogo; e que me assente
Comvosco se quereis, prazendo ao guia
Dos passos meus, assentirei contente».—
13. —« Se um momento um de nós »—me respondia—
Aqui parasse, immovel annos cento,
Pelo fogo ferido jazeria.
14. « Caminha : que eu te irei no seguimento.
Depois hei de juntar-me á companhia
Dos que pranteam no eternal tormento. »—
15. Eu da estrada a descer não me atrevia
Por ir com elle ; mas a fronte inclino
Reverente; e, falando proseguia.
16. —« Que fortuna »—me disse— ou que destino
Antes da morte aqui te ha conduzido ?
De quem recebes na jornada ensino ?
17. —« Antes de haver da idade o tempo enchido
Sobre a terra na vida socegada ;
N'um valle »—respondi—« fiquei perdido.
18. « Hontem costas lhe dei por madrugada ;
Elle acudiu-me, quando atraz voltava,
E me conduz assim por esta estrada. »—
19. —« Se bem vaticinei, quando gozava,
Da vida bella, glorioso porto
Te ha de o teu astro conduzir »—tornava.

20. « Se antes do tempo eu não stivesse morto,
Vendo que tanto o ceu te era benigno,
Te dera nos trabalhos o conforto.
21. « Mas esse ingrato povo é tão maligno,
Que outr'ora de Fiésole viera
E tem de penha o coração ferino,
22. « Em ti, por seres bom, mal considera.
E' justo : que entre acerbos sovereiros
Crescer doce figueira não se espera.
23. « Velha fama os diz cégos [5], sempre useiros
Na soberba, na inveja, na avareza.
D'elles te esquiva ; em vicios são vezeiros.
24. « Te guarda a sorte de honras tal grandeza,
Que has de ser dos partidos cubiçado ;
Mas das garras lhes fica longe a preza.
25. « Ceve em si proprio o fiésolano gado
Os intinctos brutaes ; não toque a planta,
Que inda haja em tal nateiro germinado,
26. « E em que a semente resuscite santa
Dos romanos, que alli restaram, quando
Teceu-se o ninho de malicia tanta. »—
27. —« Se o ceu » —tornei— « meus votos escutando,
Deferisse, da vida o lume agora
Ainda aos olhos vos raiara brando ;
28. « Que a doce imagem vossa inda memora
Saudosa a mente e o paternal desvelo
Com que me heis ensinado de hora em hora
29. « Como homem faz-se eternamente bello,
Em quanto eu vivo fôr, agradecido
Ao mundo bem patente hei de fazel-o.
30. « O vaticinio vosso, reunido
A outro, ha|de explicar-me sabia Dama,
Quando a sua presença houver subido.
31. « E como a consciencia me não clama,
Sabei que, quando a sorte avessa esteja
A todo o mal sou prestes, que ella tram

32. « O que ouvi não cuideis novo me seja :
Volva-se a roda como a sorte a lança,
Lavre a terra o villão como deseja. »—
33. Então meu douto Mestre, que se avança,
Girando á dextra e me encarando, disse :
« Bem comprende quem tem boa lembrança ! »—
34. Não me vedou, porém, que eu proseguisse
Na pratica ; e a Brunetto os mais famosos
Pedi que dos seus socios referisse.
35. — «Alguns convem saber, mais numerosos
Em silencio deixar louvavel sendo :
Mingua o tempo aos discursos copiosos
36. « Sabe, em summa, que clerigos havendo
Todos sido e lettrados mui famosos,
Se mancharam n'um só peccado horrendo.
37. « Vão na turba d'aquelles desditosos
Accurio [6] e Prisciano [7] ; alguns protervos
Se ver quizeres, por tal lepra ascosos.
38. « Olha o que, como quiz servo dos servos [8],
P'ra Bacchiglione foi do Arno mudado [9]
E alli deixou seus deformados nervos.
39. « Não mais dizer, nem ir posso ao teu lado,
Pois do areial já vejo de repente
Vapor novo surgir afogueado.
40. « Não devo andar com bando differente.
O meu *Thesouro* [10] eu muito te encommendo :
N'elle inda vivo, e rogo isto sómente. »—
41. Voltou-se ; e foi tão rapido correndo,
Como os que correm pelo pallio verde [11]
No campo de Verona, parecendo
Mais ser quem vence do que ser quem perde.

NOTAS AO CANTO XV

Dante e Virgilio passam a outro recinto, onde encontram multidões de almas atormentadas. São os violentos contra a natureza, entre os quaes reconhece Brunetto Latini, seu mestre, que lhe vaticina o seu desterro.

[1] Bruges e Cadsand, no reino da Belgica.

[2] Brenta, rio, que corta o territorio de Padua e entra no mar Adriatico.

[3] Chiarentana, parte da cordilheira dos Alpes, onde nasce o Brenta, no inverno coberto de neve, que, derretendo-se no verão, occasiona inundações.

[4] Brunetto Latini nasceu em Florença em 1220 e falleceu em 1294. Foi em seu tempo estimado como insigne philosopho e abalizado rhetorico, escriptor engenhoso e orador facundo. Estes predicamentos e o cargo de secretario da republica de Florença celebrisaram menos o seu nome do que o de ter sido mestre de Dante, e a circumstancia de ter sido collocado no inferno como réo de violencia contra a natureza. O historiador Villani o qualifica de primeiro mestre de civilizar os Florentinos, de falar correctamente e de governar o Estado, segundo os principios politicos.

Cesare Balbo diz:

« Brunetto Latini procedeu de familia nobre; ignora-se em que anno nasceu. Como Guelfo constante que era, servia no cargo de embaixador da Communa em 1260 junto ao Rei de Castella Alfonso, quando o seu partido foi lançado de Florença depois da batalha de Monte Aperti, e desterrado permaneceu em França e provavelmente em Paris. Compoz em vulgar da Italia muitas traducções de obras de Cicero, e em lingua de *oil* o poema intitulado *Tesoro*, miscellanea ou encyclopedia dos conhecimentos, que se possuiam no seu tempo. Tornado á Florença com os parentes de Dante e outros guelfos em 1266, lançou por escripto em vulgar o *Tesoretto*, compilação de sentenças moraes, e depois o *Fatafio*, collecção de adagios florentinos. Exerceu depois o officio, denominado por uns de *Notario*, por outros de *Dittatore* e ao adiante, em tempo de Machiavello, *Secretario* da republica florentina, e o de Syndico em 1284, que importava deputado a alguma commissão particular. Falleceu em 1294. Por tudo isto vê-se que foi o mais abalizado lettrado da sua geração em Florença. Mas que differença entre elle e o maior da seguinte! Tanta, que a maior gloria de um é ter tido por discipulo o segundo! »

« A pratica entre o mestre e o discipulo, escreveu Lamennais, as reminiscencias da vida para todo o sempre extincta, a reciproca manifestação de ternos e sinceros sentimentos de estima e amisade no espantoso logar em que se viam, derivam d'essa mesma circumstancia indizivel attractivo travado de tristeza. E por esta occasião é para notar-se que Dante rara vez apresenta os condemnados sob o aspecto da desesperação; nos transportes do furor e odio; ao revez nol-os mostra ainda vinculados aos vivos pelas affeições anteriores; e d'esta arte do proprio inferno o amor não é excluido. Se, com relação a elles de modo geral, resumbram na sua palavra os terrores do dogma theologico, quando se avista com as pessoas, nos varios circulos, por onde passa, entra em pratica com ellas, esquece o dogma e deixa liberdade aos sentimentos naturaes; por desmedida que tenha sido a perversão, não fica desvanecido o caracter original do peccador, em modo que o homem transluz atravez do condemnado. »

Villemain, *Cours de litter, tableau moyen âge*, referiu-se a Brunetto Latini da maneira seguinte:

« Um Italiano, Brunetto Latini, que foi mestre de Dante, estava em Paris em 1266; nos cursos superiores d'aquelle tempo, ouvia as lições de dois professores tambem Italianos, que em Paris liam a dogmatica e a escolastica. Escrevia o seu livro intitulado o *Trésor*, compilação assaz confusa, em francez e estylo já intellegivel para nós. Deu a razão da preferencia n'estes termos: « *Se aucuns demandoit pourquoi chis livres est escrit en roumans, pour chou que nous sommes Italien, je dirrie que ch'est pour chou que nous sommes en France, et pour chou que la parleure en est plus délitable et plus commune à toutes gens.* »

No *Comento*, assim se exprime Boccacio:

« Este Ser Brunetto Lattini era de Florença e muito notavel em algumas artes liberaes e na philosophia. Seu principal cargo era o de Secretario, cujas funcções tinha tão subido grau de apreço, que, havendo-se em um contrato lavrado por elle, notado engano, que foi lançado á conta de fraude, quiz antes ser condemnado do que confessar que se havia enganado. Ao diante ausentou-se de Florença e deixando para memoria do seu nome um escripto seu intitulado *Tesoretto*, passou-se á Paris, onde viveu muitos annos, e compoz em lingua franceza um livro, em que tratou de muitas materias concernentes ás artes liberaes, philosophia moral e natural, e metaphysica, que chamou *Tesoro*. »

O *Tesoro*, ou mais exactamente Trésor, foi muito tempo conhecido em manuscripto ou pela traducção em italiano feita por Giamboni. No idioma original foi impresso pela primeira vez como parte da *Collection des Documents inédits sur l'histoire de France*, sob o titulo *de Li Livres dou Trésor*, em 700 pag. in-4º. E' dividido em 4 livros: 1º sobre cosmogonia e theologia; 2º versão da *Ethnica* de Aristoteles; 3º sobre as virtudes e os vicios; 4º sobre rhetorica.

O *Tesoreto* é uma das primeiras (em data) producções da poesia italiana. Por este motivo e tambem por seu merecimento intrinseco, é digno de ser conhecido, e por isso ao leitor se offerece abreviada summa.

Narra Brunetto que, tornando da embaixada em que fôra enviado á côrte do Rei de Castella pelo partido Guelfo de Florença, se encontrara na planicie de Roncesvalles com um estudante, o qual contou-lhe que o partido Guelfo fôra vencido por seus adversarios os Gibelinos, padecera grandes perdas e perseguições e fôra afinal lançado da cidade. Aquella noticia engolfou seu animo no pego dos mais lugubres pensamentos: merencorio e absorto, perdeu o caminho e transviou-se em uma floresta, por onde vagueou algum tempo até que, guiado por uma bandeira, que lhe déra a Natureza, a qual lhe apparecera em toda a sua formosura e sublimidade, foi ao terceiro dia parar n'uma vasta e amena campina, onde achavam-se juntos muitos Reis, Imperadores e sabios. Era a morada da Virtude e de suas filhas, as Quatro Virtudes Cardeaes, Brunetto Latini vê-se alli tambem com a Cortezia, Bondade, Lealdade e Bravura, e escuta as instrucções, que dão a um cavalleiro, as quaes constituem a 4ª parte do poema. Ritirando-se d'aquella estancia, peregrina por montes, valles, selvas e pontes,

e vai ter a um prado esmaltado de flores de maravilhosa belleza, mas occasionado á vicissitudes, que alternando-se, transformavam-lhe o aspecto. E' a região do Prazer, a que acompanham quatro Damas—Amor, Esperança, Temor e Desejo. Em certo logar, vê-se com Ovidio, que lhe ensina como vencerá a paixão do amor e sahirá d'aquelle recinto. Brunetto consegue evadir-se, confessa-se com um ermitão e volta á floresta das visões, e, subindo á uma montanha, apparece-lhe Ptolomeu venerando ancião. O poema remata, como principiara, por uma allocução encomiastica a Rustiço di Filippo.

Do bosquejo, que fica traçado, intuitivamente se infere que os commentadores aproveitaram o ensejo para notar que a *Divina Comedia* tambem começa pela narrativa, que fez Dante do seu transviamento n'uma floresta.— « Se alguem visse no *Tesoretto* a primeira idéa da Comedia » —disse um escriptor italiano, o Abbade Zannoni — tambem affirmaria que uma quasi invisivel faisca servio para atear immensa conflagração. »

[5] Mereceram os Florentinos a alcunha de cégos, porque, tendo-lhes a cidade de Pisa, em galardão de um serviço, que lhe prestaram, offerecido a escolha entre duas columnas de porphyro damnificadas pelo fogo, mas envoltas em purpura, e duas portas de bronze, elles prefiriram as columnas.

[6] Accurcio (Francisco) jurisconsulto abalizado, professor na universidade de Bolonha, escreveu commentarios estimados ás leis de Justiniano, sob o titulo de *Grande Glosa* ou *Glosa Continua*. Falleceu em 1229.

[7] Prisciano, grammatico de Cesarea, na Capadocia, viveu no seculo VI.

[8] O Papa.

[9] Andrea de' Mozzi, que sendo Bispo de Florença, á margem do Arno, foi transferido para a diocese de Vicenza, á margem do Bacchiglione.

[10] O livro, que Brunetto escreveu em francez.

[11] Festa popular, que se celebrava outr'ora na primeira dominga da quaresma.

CANTO XVI

1. Em logar stava já donde se ouvia
Rumor, igual de abelhas ao zumbido,
De agua, que n'outro circulo cahia :
2. Eis trez sombras partir vi commovido,
Correndo, de uma turba que passava
Debaixo do martyrio desmedido.
3. Vinham a nós, e cada qual gritava :
—« Detem-te : por teus trajos se afigura
Seres alguem na nossa terra prava. »—
4. Ah ! que chagas nos membros, na figura
O fogo lhes abriu, novas e antigas !
Só recordando, eu sinto magua pura.
5. O mestre, que escutara—« Não prosigas !
Cumpre-te »—disse, o rosto me voltando, —
« Aguardando, lhes dar mostras amigas.
6. « Não estivesse o fogo dardejando,
Como o logar requer, te caberia
Mais pressa do que estão manifestando. » —
7. Paramos. Renovando a vozeria
Um circ'lo junto a nós os trez formaram,
Em que as mãos cada qual dos trez unia.

8. Como athletas, que, nús, de oleo se untaram,
Mas, antes de luctar, dos adversarios
No fraco attentam, no seu pról reparam :
9. Elles, se revolvendo em giros varios,
Olhavam-me em tal modo collocados,
Que os collos aos seus pés stavam contrarios.
10. « Se a miseria, em que somos trateados,
Se o triste aspecto da tostada face
Te move a desdenhar supplices brados,
11. « Nossa fama o teu animo traspasse ;
E pois, dize quem és que, ufano, o inferno
Calcas antes que a vida se finasse.
12. « Este, por quem os passos meus govérno,
Escoriado e nú, que ora estás vendo,
Mais do que o crês no mundo foi superno.
13. « Da famosa Gualdrada [1] o neto sendo,
Chamou-se Guidoguerra, e foi na vida
Por esforço e prudencia reverendo.
14. A Tegghiaio Aldobrandi, [2] que em seguida
Me vai, por sua voz, por seus bons feitos
Devera ser a patria agradecida.
15. Eu que tambem da perna soffro effeitos
Jacopo Rusticucci fui [3] : da esposa
O maior mal causaram-me os defeitos. »—
16. Se houvesse amparo á chuva pavorosa
(Virgilio o consentira), eu me lançara
Entre elles, da alma na expansão piedosa ;
17. Porém n'aquelles fogos me abrazara,
Sobrepujou temor vivo desejo,
Que de abraçal-os subito me entrara.
18. « Não desdem, mas piedade n'este ensejo,
Que não se extinguirá, me tem movido,
Lhes disse — o padecer em que vos vejo,
19. « Tanto que o Senhor meu ha proferido
Palavras, que a presença me indicaram
De almas quaes sois n'este logar temido,

20. « Da vossa terra sou : sempre exaltaram
Meu apreço e o dos que vos conheceram
Acções que os nomes vossos tanto honraram.
21. « Por meu Guia veraz esperançado,
Deixo o fel por doçura permanente [4]
Tendo primeiro o centro visitado. » —
22. Que no teu corpo a vida longamente
Persista ! » — a sombra disse. « — Dure a fama
Do nome teu com lume resplendente !
23. Na patria nossa inda revive a flamma
Da honra, do valor, que alli brilhara,
Ou de todo a expelliu odio que infama ?
24. « Pois Guilherme Borsiere [5], que baixara,
Ha pouco, e vai chorando n'esta ardencia,
Cruciou-nos contando o que notara. » —
25. « Incolas novos, subita opulencia,
Florença, orgulho e vicios te accenderam,
De que tu propria temes a influencia ! » —
26. « Gritei alçando a fronte : e os tres, que me eram
Attentos, á resposta se encararam,
Como se essas verdades lhes prouveram.
27. « Se tão pouco te custa » — me tornaram —
« Sempre aos outros expor teu pensamento,
Feliz tu ! Vozes taes assaz te honraram.
28. « E, pois, voltando a luz do firmamento,
Se alfim sahires d'esta estancia horrente,
Quando — « La fui ! » — [6] disseres, de contento,
29. « Nos olvidar não deixa a humana gente. » —
Então, rompendo o circulo, fugiram,
Como se azas tiveram, velozmente.
30. Em menos tempo aos olhos se esvairam
Do que no proferir *amen* se gasta.
Logo aos passos do Mestre os meus seguiram.
31. D'alli distancia curta nos afasta,
Eis da agua os sons ouvimos, tão de perto,
Que a voz forçar para se ouvir não basta.

32. Como o rio que, no alveo proprio aberto,
Em Veso [7] nasce e vai para o oriente,
Ao lado esquerdo do Apenino, e ao certo
33. Aquachetta se chama, da eminente
Parte emquanto não desce, mas, tomando
Nome diverso em Forli de repente,
34. Rebomba e cai pela quebrada, quando
Acerca-se a S. Bento [8], o gran mosteiro
Que dar a mil podera asylo brando:
35. Assim desde um penhasco sobranceiro
Da agua rubra troava alto estampido,
Que fôra de surdez risco certeiro.
36. De uma corda eu me achava então cingido [9]
Com que outr'ora prender quiz a panthera,
De pello em malhas várias repartido.
37. Que a tirasse Virgilio me dissera:
Eu descingi-me presto, lh'a entregando
Enrolada, como elle prescrevera.
38. Então elle á direita se voltando,
A distancia da borda alcantilada
Lançou-a longe para o abysmo infando.
39. —« A'quella acção não de antes praticada,
—Pensei— hade seguir-se extranho effeito,
Que do Mestre a attenção tem despertada. »—
40. Quanta cautela deve haver e geito,
Tratando-se com quem vê não sómente
Os actos, mas tambem o que ha no peito!
41. —« Surdirá »— disse o Mestre— brevemente
O que espero: o que tens no pensamento
Logo aos teus olhos ficará patente.
42. Verdade, que pareça fingimento
Evite proferir homem discreto:
Soffre desar, de culpa estando isento.
43. Nada posso omittir, leitor dilecto:
D'esta comedia [10] pelos cantos juro
(Sejam assim de longo applauso objecto!)

44. Que subir por aquelle ar grosso, escuro
Nadando vi figura temerosa
Ao peito mais intrepido e seguro:
45. Tal quem desceu pela onda perigosa
A desprender de occultos embaraços,
Lá no fundo, a fateixa vagarosa,
Subindo, encolhe as pernas, tende os braços.

NOTAS AO CANTO XVI

Dante, chegando ao limite do terceiro recinto, encontra-se com trez almas de guerreiros, que se tinham inquinado no vicio, de que no canto antecedente se fez menção. Com Virgilio acerca-se á uma profunda cavidade a qual o Guia arroja uma corda, de que o poeta estava cingido. Surde ao fundo uma figura espantosa.

[1] Gualdrada, filha de Bellincion Berti, da familia Ravignani, collateral dos Adimari. D'elle disse o Poeta no c. XV do *Pur.* :

Bellincion Berti vid'io andar cinto
Di cuoio ed'osso e venir dallo specchio
La donna sua senza'l viso dipinto,

E no canto XVI :

Erano i Ravignani, ond è disceso
Il conte Guido, e qualunque del nome
Dell'alto Bellincione ha poscia preso.

Acerca d'essa dama florentina disse Boccacio :

« Aconteceu que tendo o Imperador Othon IV ido á Florença por occasião da festa de S. João, compareceu na igreja com outras senhoras, como era costume, a mulher de messer Berto, tendo comsigo uma filha, que se chamava Gualdrada, ainda não casada. Quando a donzella, que era assaz graciosa e gentil tomou assento entre as outras, quasi todas as pessoas presentes voltaram-se para contemplal-a, em especial o Imperador. Merecendo-lhe a maior attenção a sua graça e compustura, perguntou o soberano a messer Berto, que lhe estava proximo, quem era aquella senhora. A' pergunta respondeu messer Berto a sorrir-se : —*E' filha de uma certa pessoa, que de bom grado permittiria que V. M. a beijasse, se assim lhe aprouvesse.* —A donzella, que estava perto, ouviu estas palavras; e sentida do conceito, que de si fazia seu pae, levantou-se e encarando com elle, disse, accesas de pejo as faces : —*Não faça, meu pae, promessas tão liberaes á custa da minha modestia ; porque asseguro que, sómente constrangida pela força, consentirei que me beije homem que não seja meu marido.*—O Imperador ouviu e com encarecimento applaudiu as palavras e o meneio da donzella... E chamando á parte um fidalgo mancebo, que em sua comitiva se achava, Guido

Beisangue, appellidado depois Guido o Moço, ainda solteiro, instou com elle para que se casasse com Gualdrada, e deu-lhe em dote um vasto territorio no Casentino e nos Alpes com o titulo de Conde. »

Do casamento nasceram dois filhos, Guglielmo e Ruggieri, o ultimo dos quaes foi pae de Guidoguerra, que muito se assignalou como esforçado general, sendo elle o que, á frente de 400 Florentinos, concorreu para que Carlos de Anjou vencesse, em 1265, na batalha de Benevento, a Manfredo, Rei de Napoles. Um dos resultados d'essa victoria foi restaurarem-se em Florença os Guelfos e serem expellidos os Gibelinos.

[2] Jacopo Rusticucci, cavalleiro florentino, muito conceituado antes de casar-se, mas, tendo-se consorciado com mulher de indole incompativel com a sua, deixou-a; e desde então desmandou-se em vicios e devassidões, que lhe mereceram logar no inferno.

Boccacio, referindo o effeito que nos costumes de Rusticucci produzira o casamento, aproveitou o ensejo para discorrer prolixamente no *Comento*, como soia, contra o casamento e as mulheres em geral. D'esse pendor seu vê-se uma mostra, quando tratou do consorcio de Dante. No livro que escreveu sobre a vida do Poeta, disse :—*I filosofanti chi il mio giudicio in questo seguitiranno, lasceranno lo sposarsi a ricchi stolti e a signori e similmente a lavoratori, e essi colla filosofia se dilettaranno, molto più piacevole e migliore sposa che alcuna altra.*

[3] Tegghiaio Aldobrandi, descendente do solar dos Adimari, foi grandemente estimado, já como valente guerreiro, já como varão prudente e avisado. Quando em Florença deliberava-se sobre a guerra contra Siena, seu parecer foi pela paz, mostrando que nenhuma vantagem colheriam os Florentinos de hostilidades contra inimigo superior em forças. Desprezado o seu conselho, sahiram a campo os de Florença e seus alliados, e foram desbaratados na batalha de Arbia ou Monte-Aperti.

[4] Irá do inferno ao paraiso.

[5] Guilherme Borsiere, tambem Florentino, foi um dos fidalgos, que no seu tempo andou mais em fôro de engenhoso, discreto e agradavel no trato e conversação.

O commentador Landino assevera ser veridico o facto narrado por Boccacio na Nov. VIII da *Giorn.* 1ª do *Decameron*, em que figurou Guilherme Borsiere como homem discreto e engenhoso, de amena conversação e bom parecer. Indo elle á Genova, visitou Ermino de' Grimaldi, cavalleiro abalizado por suas riquezas mais do que nenhum Italiano do seu tempo, e tambem o mais sordido dos avarentos, de que houvesse noticia, que o recebeu com affectuoso agasalho, e o convidou a ir ver com outros Genovezes, que com elle estavam uma bellissima casa, que recentemente mandara edificar. Depois de mostrar-lh'a em todas as suas divisões, apartamentos e recamaras, pediu-lhe o seu parecer sobre os primores, que lhe apresentava, perguntando-lhe se vira em outra parte raridade, que alli não estivesse. Tornou-lhe Borsiere que faltava uma cousa que, segundo o seu conceito, Ermino nunca vira. Instado para declaral-a, respondeu :—*Aqui falta a Liberalidade.* D'estas palavras foi Ermino tão impressionado, que não só lhe agradeceu o epigramma, senão tambem de então em diante mostrou-se o mais liberal e generoso fidalgo de Genova, estimado e presado de forasteiros e concidadãos, como nenhum mais n'aquelle tempo.

[6] *Ti gioverà dicere: I' fui* — Na *Eu.* Virgilio dissera :

Forsan et hæc olim meminisse juvabat.

E Tasso, na *Ger. Lib.* :

Quando mi gioverà narrare altrui
Le novità vedute, e dire: Io fui.

[1] Monte Veso pertence á cordilheira dos Alpes, e demora entre a Saboia e o Piemonte: alli tem a sua nascente o rio Pó, ao qual affluem todos os que do sorte baixam dos Apenninos. Um é o Montone, que, se acercando a Forli, chama-se Acquachetta, porque, diz o *Ottimo*, tem pouco impeto, denominando-se depois Montone, quando corre impetuoso.

[2] Opulento mosteiro de S. Bento, junto ao salto de Montone, assaz espaçoso para receber mil religiosos, e não sómente esses poucos, que escassamente alli viviam por effeito da má administração das suas rendas. Variam as interpretações, que se tem dado a este verso — *dove dovria per mille esser ricetto*. Disse Boccaccio que houvera o proposito de estabelecer-se alli uma povoação para numerosos habitantes (*mille*); este plano, porém, se não realizou. O *Ottimo* entende quasi no mesmo teor, por estas palavras — que devia ser receptaculo e morada para mil habitantes. Houve quem suppozesse que o pensamento expresso n'aquelle verso é — precipicio d'onde cahia um rio sufficiente para mil catadupas.

[3] Era tradição que Dante, em tempo de sua juventude, depois de fallecida Beatriz, estivera na Ordem de S. Francisco simplesmente como noviço, não professando, mas continuando ao adiante a pertencer-lhe como irmão terceiro. Mas em geral se ha entendido que o Poeta usou aqui de uma allegoria, querendo significar pela *corda com que tentou prender a panthera* o cuidado com que deve todo o homem haver-se para guardar-se dos appetites sensuaes, ou a humildade, de que se deve revestir aquelle que, convencendo-se de estar em erro, acolhe-se, para repulsal-o, ao refugio da sciencia e verdade.

Diz P. Fraticelli: — Francisco de Buti, commentando o v. 42 c. XXX do *Purgatorio*, escreveu (e alguns apadrinhando com a sua autoridade repetiram-o) que Dante na juventude se fizera frade de S. Francisco. São estas as suas palavras: « *Prima ch'io fuor di puerizia fosse:* d'aqui se infere que o nosso autor, sendo ainda mancebo, enamorou-se da sagrada Escriptura, o que parece ter succedido, quando se fez frade da Ordem de S. Francisco, da qual se retirou antes de professar. » Não posso imaginar onde Buti colhesse similhante noticia: ha razão para tel-a em conta de fabula, em que escusado é perder palavras. No *Convito* (trat. II cap. 13) refere Dante que, fallecendo Beatriz, considerava a philosophia como dama formosissima, e tinha para si que devia ser *cousa suprema*. « D'esta opinião (continúa elle) seguiu-se que andei a procural-a nos logares onde verdadeiramente se ensinava, isto é, nas escolas dos religiosos e nas discussões dos philosophantes. » D'estas palavras não ha fundamento para inferir-se que Dante se fizesse frade; e, pois, é possivel que Buti as interpretasse como significando que aprender philosophia nas escolas religiosas importa o proposito de fazer-se frade. Julgaram alguns que o proprio Dante indicara isso mesmo no v. 106 do c. XVI do *Inferno*. Mas o que pretendia com aquella corda? Amansar o monstro Geryão, e persuadil-o a conduzir ás costas os Poetas. Mas Geryão é o symbolo da fraude: como se contramine a fraude por meio do cordão franciscano eu não percebo. Ha quem tire essa consequencia do facto de ter sido Dante sepultado em habito de irmão terceiro, circumstancia de todo o ponto accidental, que não prova haver elle outr'ora querido ser religioso, e de mais funda-se em simples supposição: pois Giovanni Villani affirma que Dante foi *com muita solemnidade* sepultado em *vestes de poeta e philosopho*. »

A este respeito escreveu C. Balbo:

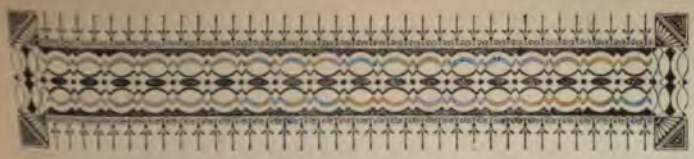
« Em todo o caso a corda, com que Dante diz tentara subjugar a onça, isto é, a luxuria, não póde ter outra interpretação, nem melhor, nem differente que pela corda dos Franciscanos, por meio de cujo habito crêra poder vencer os conflictos, em que estivera. E assim o entendem os mais autorizados. Accresse a singular devoção ou antes amor com que Dante narra a vida de S. Francisco no *Paraiso*, a sua extremosa devoção á S. Clara, religiosa da ordem franciscana, e até a indignação que manifestou contra aquelles que, a seu parecer, desna-

turavam a ordem recente. De tudo isto resulta probabilidade, não certeza moral do facto allegado por Buti, assim como que o tentara, quando o saltearam a dôr da perda da sua amada ás tentações e conflictos provenientes da dama compassiva, e a occasião dos seus estudos nas *escolas* dos religiosos. »

10 Comedia, a *Divina Comedia*, nome que justamente deu a posteridade ao seu poema.

Dissera Lucano:

Pharsalia nostra
Vivet et a nullo tenebris damnabitur ævo



CANTO XVII

1. Eis a fera, que a horrenda cauda enresta,
Que arnezes, montes, muros atravessa
E com seu bafo impuro o mundo empesta ! »
2. Assim Virgilio a me falar começa.
Para acercar-se logo lhe acenava
Ao marmoreo anteparo que alli cessa.
3. Da fraude o vulto immundo aproximava ! [1]
A cabeça avançou e o torpe busto,
Porém pendente a cauda lhe ficava.
4. A cara assomos tinha de homem justo,
Tanto era o parecer benino e brando !
No mais serpe, movia horror e susto.
5. Grandes, hirsutos braços dilatando,
Alçava peito, ilhaes, dorso malhados,
Mil rodelas e nós se entrelaçando.
6. Mais côres nos estofos recamados
Tartaros, Turcos nunca misturaram,
Nem Arachne [2] em tecidos variegados.
7. Como os bateis, que á praia se amarraram,
No mar a pôpa tem, a pròa em terra ;
E, como em regiões, que se deparam

8. Sob o voraz Tudesco, a fazer guerra
Embosca-se o castor : assim se via
O monstro á orla, que as areias cerra.
9. No ar a extensa cauda revolvia ;
E a venenosa ponta bi-partida,
Do escorpião qual dardo, se erigia
10. Té onde a fera atróz jaz estendida.
Convem séja o caminho desviado
Da senda »— disse o Vate « proseguida »—
11. Descendo, pois, pelo direito lado
Para o fogo fugir e a areia ardente
Passos dez pela borda hemos andado :
12. Chegados nós de Geryão em frente,
Um tanto além sentado um bando achamos
Na areia, perto d'esse abysmo ingente.
13. —« Do recinto por teres, em que estamos » —
Virgilio disse — a experiencia inteira
A sorte vai saber dos que avistamos.
14. « Os discursos, porém, filho aligeira.
Em tanto impetrarei da fera infanda
Que prestar-nos seus hombros fortes queira. »—
15. Só pela borda, como o Vate manda,
Vou do circulo setimo seguindo,
Dos mestos peccadores em demanda.
16. A dôr, que bróta em lagrimas, sentindo,
Soccorre-se das mãos a afflicta gente
Conta o sólo e o vapor, que está cahindo.
17. Assim lebreus, durante a calma ardente
Dos dentes e unhas valem-se, mordidos
De tavões por enxame impertinente.
18. Quando encarei nos rostos doloridos
De alguns, que os fogos tanto cruciavam,
Que eram todos achei desconhecidos. *

* Usurarios.

19. Bolsas pendentes dos seus collos stavam,
Pelos signaes distincta, pelas côres:
Contemplando-as, seus olhos se enlevavam. [3]

20. E vi já me acercando aos peccadores
Bolsa, na qual em campo de ouro havia
Azul, que era leão nos seus lavores,

21. A vista, que já n'outra se embebia,
Em sanguineo rubor ganso eu notava,
Que a brancura do leite escurecia.

22. Gravida, azul jardava um, que ostentava,
Broslada sobre candida escarcella,
—«Que buscas n'este abysmo?» perguntava.

23. «Retira-te! Se a vida gozas bella,
Sabe que á sestra mão Vitaliano, [4]
Visinho meu terá condigna sella.

24. «Entre estes Florentinos sou Paduano;
A todo o instante aturdem-me os ouvidos,
Bradando:—O nobre venha, o soberano,

25. «Que os tres bicos na bolsa traz sculpidos.»—
Depois, torcendo a boca, a lingua tira,
Qual boi, que os beiços lambe, resequidos.

26. Não querendo mover desgosto ou ira
Em quem mór brevidade me ordenara,
Os mesquinhos deixei: assaz ouvira.

27. Disse-me o Guia então, que cavalgara
O dorso do animal fero e possante:
«Sê forte e a tudo o animo prepara!

28. «Se desce em tal escada de ora avante;
Sobe-te ao collo; ao meio irei sentado:
Que não te offenda a cauda penetrante.

29. De quartan qual doente, que, chegado
Suppondo o accesso, livido estremece
Sómente ao ver logar fresco, assombrado

30. Tal quando ouvi, meu peito desfallece.
Antes o Mestre dá-me o pejo alento:
Bom amo o servo esforço que esmorece.

31. Já sobre a espalda do animal cruento.
Quero ao vate gritar : « Senhor, me abraça !
A voz, porém, não corresponde ao intento.
32. Elle, que a mente espavorida e lassa
Em circuito mais alto me animara,
Sostendo-me, nos braços seus me enlaça,
33. E disse a Geryão: Vai, mais não pára.
Em ciruitos largos sem ter pressa:
Na carga, que ora tens, nova repara ! »—
34. Bem como esquife, que a vogar começa,
Manso e manso recúa : assim moveu-se.
Quando ao largo sentiu-se, eis endereça
35. A cauda aonde o peito seu tendeu-se.
Meneando-a, a reteza como enguia ;
Das patas agitado o ar fendeu-se.
36. Phaeton, [5] quando as redeas já perdia,
Ao ver do ceu o incendio, ainda apparente ; [6]
Icaro, [7] quando lhe cahir sentia
37. Da cêra cada pluma ao sol ardente,
Gritando o pai ;—« Ai ! filho ! Erraste a estrada !
De pavor não se entraram mais vehemente,
38. Do que eu n'essa viagem desusada,
No ar quando me vi, quando enxergava
Só a cerviz da fera maculada:
39. Com tardo movimento ella nadava,
Que gira e baixa pelo vento eu sinto
Que em torno ao rosto e abaixo se agitava.
40. Já ouvia á direita bem distincto,
Troar da catadupa fragorosa, :
Olhos inclino ao fundo do recinto.
41. A mente estremeceu mais temerosa
Ao chammejar de fogo, ao som de pranto :
Encolhi-me ante a scena pavorosa.
42. De que descia então, com mór espanto,
Pelos males, que via, fiquei certo,
A mim se avisinhar a cada canto.

43. Qual falcão que no ar pairava incerto,
Sem ver reclamo ou cubiçada preza
Perdida a esp'rança ao caçador experto,
44. Descamba, fatigado e sem presteza,
Em voltas mil por onde se arrojara,
E longe pouza, ou de ira, ou de tristeza:
45. Tal Geryão, em fim, no fundo pára
Ao pé da penedia alcantilada,
Livre do pezo já que carregara,
Sumiu-se como setta disparada.

NOTAS AO CANTO XVII

Descripção de Geryão. Descem os Poetas até onde o circulo setimo parte com o oitavo. Em quanto fala com Geryão, Dante caminha um pouco além e informa-se da punição dos que commetteram violencia contra a arte. Torna-se a Virgilio e ambos descem ás costas de Geryão ao circulo oitavo.

[1] Geryão, symbolo da fraude, que com a sua finura e astucia, vence todas as difficuldades, *passa i monti e rumpi muri ed armi*, era, segundo a mythologia grega, filho Chrysaor e Callirrhoë, tinha trez corpos e trez cabeças, e possuia grandes rebanhos, que alimentva de carne humana, guardados por um dragão de sete cabeças e um cão de duas. Reinava na Hesperia ou Hespanha e em Erythia, onde residia, foi morto por Hercules conjuntamente com os seus defensores.

Virgilio, *En.*, c. VIII:

Nam maximus ultor
Tergemini nece Gerionæ spoliisque superbus,
Alcides aderat, taurosque hac victor agebat
Ingentis: vallem boves, amnemque tenebant.

Trad. de J. F. Barretto:

Alcides, vingador famoso,
Chegou aqui suberbo e carregado
De despojos, havendo ao portentoso
Tergemino Geryão a morte dado.
Trazia por aqui victorioso
Grandes touros, e as vaccas occupado
Tinham não só o fertil e sombrio
Valle, porém tambem o ameno rio.

O retrato, que de Geryão faz Dante, foi imitado por Ariosto, *Orl. Fur.*, c. XIV est. 87:

Avea piacevol viso, abito onesto,
Un umil volger d'occhi, un andar grave,
Un parlar si benigno e si modesto.

Che parea Gabriel che dicesse : ave.
Era brutta e deforme in tutto il resto ;
Ma nascondea queste fatezze prave
Con lungo abito e largo ; e sotto quello
Attossicato avea sempre il coltello.

[2] Arachne, da Lydia, subtil e consummada na arte de tecer, deixou-se possuir de tanta vaidade, que desafiou a Pallas, pretendendo vencel-a na perfeição do trabalho. A deusa, depois de provada a sua superioridade, puniu-a transformando em aranha.

Veja a nota correspondente ao c. XII do *Purg.* v. 43.

[3] Dante omitte o nome d'esses condemnados, dando-os a conhecer sómente pelos seus brazões, figurados sobre as bolsas, que lhes pendem ao pescoço, como insignias da usura : são os Gianfigliaceis, os Ubbriachis de Florença, os Scrovignis de Padua.

[4] Vitalino del Dante, riquissimo e celebre onzeneiro de Padua. Giovanni Buiamonte, de Florença, usuario cadimo. Diz o *Ottimo* : « Foi riquissimo e emprestava dinheiro com grossa onzena ; mas acabou na extrema indigencia. » Fôra este o *cavalier sovrano*, cujo brazão representava trez bicos.

[5] Phaetonte, filho de Apollo, o deus do sol, e Clymene, filha de Jupiter. Em desavença com Epapho, deu-se por injuriado, por ter-lhe este negado a ascendencia. Para comprovar a sua gloriosa origem, subiu á presença de Apollo, que o recebeu como a filho ; e para confirmar a verdade da sua declaração, cedendo ás suas instancias, lhe permittiu guiar por espaço de um dia o carro do sol. O imprudente mancebo commetteu empreza, de que se não podia desempenhar. Os cavallos mal dirigidos, desconhecendo a mão, que os guiava, desviaram-se do verdadeiro e costumado caminho, e deram causa a calamidades taes, que Jupiter se viu na necessidade de fulminar Phaetonte. Seu corpo cahiu precipitado no rio Eridano ou Pó, na Italia ; á margem foi sepultado pela Nayades. Suas trez irmans, Phaetusa, Lapecie e Phebe, tanto se deixaram dominar de magoas e saudades, chorando e lamentando a perda desastrosa de Phaetonte, que Jupiter commiserado, transformou-as em alamos, convertendo ao mesmo tempo em alambre as lagrimas choradas.

Ovidio, *Met.* lib. II :

Hunc puer ut nigri madidum sudore veneni
Vulnera curvata minitantem cuspide vidit,
Mentis inops gelida formidine lora remisit.
Quæ postquam summo tetigeri jacentia tergo
Expatiantur equi, nulloque inhibente per auras
Ignotæ regionis eunt, quaque impetus egit,
Hac sine lege ruunt, altoque sub æthere fixis
Incursant stellis, rapiuntque per avia currum.
Et modo summa petunt, modo per declive viasque
Præcipites spatio terræ propiore feruntur . . .
At pater omnipotens, superos testatus et ipsum
Qui dederat currus nisi opem ferat, omnia fato
Interitura gravi, summas petit arduus arcem
Unde solet latis nubes inducere terris,
Unde movet tonitrus, vibrataque fulmina jactat.
Sed neque quas posset terris inducere, nubes
Tunc habuit nec quas cœlo dimitteret imbres,
Intonat et dextra libratum fulmen ab aure

Misit in aurigam, pariterque animaque rotisque
Expulit et sævis compescuit ignibus ignes
Consternantur equi et, saltu in contraria facto,
Colla jugo eripiunt, abruptaque lora relinquunt
Illic fræna jacent, illic temone revulsus
Axis, in hac radii fractarum parte rotarum,
Sparsaque sunt late laceri vestigia currus
At Phaëton rutilos flamma populante capillos,
Volvitur in præceps, longoque per aëra tractu
Fertur, ut interdum de cœlo stella sereno
Et si non cecidit, potuit cecidisse videri.
Quem procul a patria diverso maximus orbe
Excipit Eridanus, frimantiaque abluit ora.
Naides hesperiæ trifida fumantia flamma
Corpora dant tumulo, signant quoque carmine saxum:
Hic situs est Phaëton, currus Auriga paterni,
Quem si non tenuit magnis tamen excidit ausis.

Trad. de A. F. de Castilho:

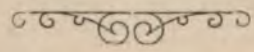
Vendo-o negra suar lethal peçonha
Rodar em modo hostil a aguda cauda,
Fugir deixa das mãos sem tino as redeas
Sentindo-as sobre o dorso os corseis partem;
Livres transvoam regiões ignotas,
Co'o impetu por lei, por morte o espaço.
Co'as estrellas mais altas abalroam,
Atropellam co'o carro estradas virgens;
Ora ao ether remontam, ora descem
Quasi á terra por ingremes abysmos . . .
Mas o Padre, tomando á testemunhas
Todos os immortaes, e, mais que todos,
Ao proprio concessor do coche infausto;
E achando ser unanime sentença
— Que se Jove o não salva, acaba o mundo;
Sôbe ao alto da etherea cidadella,
Lá d'onde pelo orbe espalha as nuvens,
D'onde acorda os trovões, dardeja os raios.
Mas nem viu nuvens, com que involva o orbe,
Nem chuveiro achou. Trôa e, librando
Na dextra erguida o raio, ao vão cocheiro
O desfere e do carro o expulsa morto.
Assim co'o sacro fogo o fogo abafa.
Espantam-se os frisões, atraz resaltam,
Sacodem jugos, despedaçam redeas.
Jazem freios aqui, sem lança o eixo
Além, mais longe, despartidas rodas:
Por toda a parte esplendidas reliquias.
Phaëtonte, ardendo as grenhas ás labaredas,
Vem de rondão pelo ar; no acceso e longo
Rasto, que deixa, faz lembrar a estrella,
Como as que em limpo ceu de estiva noi'e
Se figuram cahir, bem que não caiam
Longe do chão natal, na queda o toma
O caudaloso Eridano e nas ondas
O rosto abraseado lhe mergulha.

As Naydes hespetias o enterraram
Inda fumando da trisulca chamma ;
E esta inscripção no tumulo lhe abriram :
— Aqui pousa Phaëtonte, o audaz cocheiro,
Que no carro do pae foi nume um dia ;
Não se aguentou nos ceus, mas sombranceiro
Se lhes mostrou na insolita ousadia.

6 Um dos desastres produzidos pela imprudencia de Phaëtonte foi a Via Lactea.

7 Icaro. No lib. VIII, Ovidio descreve a fuga de Dédalo e de Icaro, mediante azas, que fabricara para si e o filho, assim como a imprudencia d'este, severamente punida pela sua quéda nas ondas.

Dedalus interea, Creten longumque perosus
Exilium, tactusque loci natalis amore,
Clausus erat pelago.—Terras licet—inquit—et undas
Obstruat, at cœlum ceste patet : ibimus illac.—
Omnia possideat, non possideat aëra Minos
Dixit et ignotas animum dimittit in artes,
Naturamque novat. Nam ponit in ordine pennas,
A minima cœptas, longam breviore sequenti,
Ut clivo crevisse putes. Sic rustica quondam
Fistula disparibus paulatim surgit avenis
Tum lino medias et ceris alligat imas,
Atque illa compositas parvo curvamine flectit,
Ut veras imitatur aves...
Postquam manus ultima cœptis
Imposita est, geminas opifex libravit in alas
Ipse suum corpus motaque pependit in aura :
Instruit et nato.....
Me duce carpe viam. Pariter præcepta volandi
Tradit, et ignotas humeris accommodat alas.
Inter opus monitusque genæ maduere seniles,
Et patriæ tremuere manus. Dedit oscula nato
Non iterum repetenda suo, pennisque levatus
Ante volat comitique timet.....
Et jam junonia læva
Parte Samos fuerat, Delosque Parosque relictæ,
Dextra Labinthos erat fœcundaque mette Calymne.
Cum puer audaci cœpit gaudere volatu
Deseruitque ducem, cœlique cupidine tractus
Altius egit iter. Rapidi vicinia solis
Mollit odoratas pennarum vincula, ceras
Tabuerant ceræ ; nudos quatit ille lacertos,
Remigioque carens, non ullas percipit auras.
Oraque cærulea patrium clamantia nomen
Excipiuntur aqua, quæ nomen traxit ab illo.
At pater infelix, nec jam pater —Icare— dixit
Icare —dixit— ubi es ? qua te regione requiram ?
Icare . . . —dicebat, pennas aspexit in undis,
Devovitque suas artes, corpusque sepulchro
Condidit ; et tellus a nomine dicta sepulti.



CANTO XVIII

1. TEM o inferno, de rocha construido,
De ferrea côr, de muro igual cercado
Um logar : Malebolge [1] o nome havido.
2. La no centro do plaino inficionado
Se escancara gran poço, amplo e profundo:
Direi a compustura em tempo azado.
3. Espaço em torno estende-se rotundo
Entre o poço e o penhasco pavoroso :
Resparte-se em dez cavas o seu fundo.
4. Qual de fossos dobrados, cauteloso,
Se apercebendo, o alcáçar se assegura
Dos assaltos de imigo poderoso :
5. De abysmos taes o aspecto se afigura.
Como dá levadiça ponte entrada,
Aos de fóra, do muro na cintura,
6. Assim, do val no fundo começada,
Cada cava uma rocha atravessava
Em arco, para o poço concentrada.
7. De nós o monstro aqui se descargava :
A' sestra mão seguiu logo o poeta,
E eu de perto fiel o acompanhava.

8. Novo tormento á dextra me inquieta,
Novos algozes vejo, novas dôres,
De que a primeira cava era repleta.
9. Stão lá no fundo nós os peccadores:
Do meio contra nós muitos caminham,
Outros comnosco, em passos já maiores.
10. Em Roma, assim, ás turbas, que se apinham [2]
Do jubileu no tempo, sobre a ponte
Se abriu aos que iam tarnsito e aos que vinham;
11. De um lado andavam, os que tendo em fronte
O castello, a S. Pedro se endereçam,
E do outro lado os que iam para o monte. [3]
12. D'aqui, d'alli nas bordas, os apressam
Cornigeros demonios, açoitando
Com grandes azorragues, que não cessam,
13. Como aos golpes primeiros cada bando
Se apressa! Como cada qual evita
Que se repita o estimulo execrando!
14. N'esse andar minha vista n'um se fita,
Da parte opposta vindo, e logo eu disse:
—« Hei conhecido esta figura afflicta.»—
15. Attentei mais, porque melhor o visse;
Deteve-se commigo o doce Guia
E deu que atraz o passo eu dirigisse.
16. Aos olhos esquivar-se-me queria,
Os seus baixando; mas foi vão o intento.
—« Tu, que te curvas, já te hei visto um dia.
17. « Se as feições não mudou-te o passamento [*]
Venedico tu és Caccianimico. [4]
Por que trato padeces tão cruento? [5] »—
18. —« De mau grado o que exiges significo;
Mas cedo ao claro som d'essa loquela,
Que á memoria me traz o mundo inico.

* Castigo dos que seduzem mulheres.

19. « Eu fui aquelle, que Ghisóla bella
Do Marquez entreguei ao vil desejo:
Ora a verdade a minha voz revela.
20. « Commigo de Bolonha muitos vejo:
Com tantos n'esta cava choro e peno,
Que a menos lá no mundo dá-se ensejo.
21. « De dizer *sipa* [6] entre o Savena e o Reno.
Se a prova queres, lembra-te sómente
De que em nós da avareza influe veneno. »—
22. Mas um demonio o atalhou. Furente,
Disse tangendo :—« O' rufião, avante!
Mulher não ha que vendas impudente! »—
23. Ao Mestre me tornei ;—pouco distante
Era um rochedo, a que nos acercamos;
Da riba se elevava p'ra diante.
24. Assaz ligeiramente nos alçamos;
Fomos pela fragura á mão direita
E o eterno recinto assim deixamos.
25. Chegados onde a curva estava feita
Para passagem dar aos fustigados,
O sabio Guia disse:—« A face espreita
26. « Agora d'esses outros malfadados,
Em que ainda attentar não conseguiste,
Porque não stavam para nós voltados. »—
27. Da antiga ponte divisamos triste,
Longa fileira: contra nós andava.
Cruel o açoite em flagellar persiste.
28. Virgilio, quando eu nada perguntava,
—« Repara bem » —me-diz— « na sombra altiva,
A quem pranto de dôr faces não lava.
29. « De Rei conserva a magestade viva !
E' Jason : [7] conquistou por força e manha
O vellocino em Colchos fera e esquiva.
30. « A Lemnos foi, depois que horrenda sanha
Feminil aos varões cortara a vida,
Nenhum poupando aquella furia extranha.

31. « Alli, de amor no enlevo embevecida,
Hypsiphile enganou, que já illudira
Suas irmans, de compaixão movida.
32. « Gravida e só deixou-a : atroz mentira
Mereceu-lhe dos tratos a amargura.
Vingada está Medéa, a quem trahira.
33. « Quem perjurou como elle, ha pena dura.
Do val primeiro baste o que sabemos
E de quantos aqui soffrem tortura. »—
34. N'uma estreita vereda já nos vemos,
Que co'a borda segunda se cruzava,
Sustentando outra ponte, a que tendemos.
35. Turba d'alli ouvimos, que chorava
De outra cava no encerro e que, assoprando,
Com suas proprias mãos se arrepelava.
36. Estava-lhe as paredes incrustando
A exhalação que sóbe e alli se prende.
Ferindo o olfacto e a vista horrorizando.
37. E tanto pelo abysmo a cava estende,
Que só divisa quando está no fundo
Quem lá do cimo, prescrutando, attende.
38. Subimo-nos : então no fosso immundo *
Vi gente em tal cloaca mergulhada,
Que a sentina figura ser do mundo. [8]
39. Emquanto olhava alli tão conspurcada
Cara notei, que distinguir não pude,
Se padre ou leigo fôra a alma damnada.
40. —« Dizei porque tua vista não se mude
De mim, a immundos tantos desattenta! »—
Gritou-me.—E eu :—«Se a mente não me illude,
41. « Te vi sem cabelleira tão nojenta.
Alessio Interminei [9] de Luca has sido :
Em ti por isso a vista é mais attenta. »—

* Aduladores.

42. Ferindo a face, disse-me o descrido :
—« Aqui lisonjas vis me submergiram ;
Lingua indefessa em bajular hei tido. »—
43. Logo depois que vozes taes se ouviram,
Meu Guia :—« Olhos dirige um pouco avante,
E as feições me declara se attingiram
44. « De mulher desgrenhada e petulante
Que de unhas asqueirosas se lacera,
Mudando de postura a cada instante.
45. « E' Thais, [10] a meretriz, que respondera
Ao namorado seu, quando dizia
— « Te devo gratidão ? » —« Muita e sincera ! » —
Mas vamos : temos visto em demasia. »—

NOTAS AO CANTO XVIII

Oitavo circulo repartido em dez cavas, denominadas Malebolge, onde são castigadas dez especies de fraudulentos. No presente canto apresentam-se os que enganaram mulheres em proveito proprio ou de outrem : estão na primeira cava flagellados por demonios. Seguem-se os aduladores, que padecem na segunda cava em horrivel sentina.

[1] Malebolge, litteralmente—bolsas más. Parece que Dante deu este nome ás divisões, em que repartiu o oitavo circulo, por assimilhar-se a sua fórma á de uma bolsa ou sacco, isto é, estreita e funda. Suppõe-se tambem que fosse proposito seu applicar aos carceres d'esses condemnados o nome d'aquillo que se póde haver por symbolo do dolo e fraude.

Biaglioli descreveu as Malebolge do modo seguinte, que dá idéa sufficiente da sua estructura :

« Imagine-se um vastissimo e profundo poço, no centro do qual haja outro, cuja circumferencia tenha por diametro a decima parte do primeiro. Imagine-se o fundo d'este formando plano circular inclinado para a boca do segundo. Imagine-se mais dez fossos abertos na rocha viva, de que é feito todo o fundo, e circularmente collocados em toda a circumferencia do mesmo fundo. A largura e a margem menor de cada fosso vão diminuindo proporcionalmente. Da borda de cada um dos fossos resaltam rochedos, igualmente distantes entre si, passam por cima de cada qual arqueando-se como pontes de um a outro. Esta é a imagem do logar, onde estão os Poetas, formado de um só penhasco, em que foram cavados os fossos. O plano abaixa mais e mais para o centro e com elle os fossos, pois, diminuindo o numero dos peccadores de mais abominavel culpa, estreitam-se e diminuem as pontes na mesma progressão, mas em justa proporção das partes com o todo. Os Poetas vão de ponte em ponte, do primeiro ao quinto fosso; e, como a do sexto está demolida, Virgilio transporta Dante descendo pela parede mais alta do sexto, e subindo a do setimo até onde a ponte respectiva começa. As cavas restantes e suas pontes passam elles um após outro, e assim chegam ao termo. »

[2] O Papa Bonifacio VIII instituiu um anno de indulgencia plenaria ou jubileu, que devia cahir no principio de cada seculo. Em 1300, os peregrinos, que de todas as partes da Italia e outras regiões concorreram para merecer aquella graça extraordinaria, foi tanta, que as estradas sem descontinuar eram apinhadas de viandantes, que se encaminhavam á cidade eterna. O historiador Vil

lan i, que foi um dos concurrentes á grande solemnidade, escreveu que, no correr de todo aquelle anno, estiveram em Roma nunca menos de duzentos mil forasteiros, e o chronista Guglielmo Ventura esmou em dois milhões o numero dos peregrinos. As palavras, com que descreveu o estado de Roma n'essa occasião, têm sido transcriptas por diversos expositores e traductores do poema sacro. Tambem para aqui é conveniente trasladal-as em original para satisfação dos leitores:

— « *Mirandum est quod passim ibant viri et mulieres, qui anno illo Romæ fuerunt, quo ego ibi fui et per dies quindecim steti. De pane, vino, carnibus, piscibus et avena, bonum mercatum ibe erat fænum carissimum fuit; hospitia carissima: taliter quod lectus meus et equi mei super fæno et avena constabat mihi tornesium unum grossum. Exiens de Roma in Vigilia Nativitates Christi, vidi turbam magnam, quam dinumerare nemo poterat; et fama erat inter Romanos, quod ibi fuerant plusquam viginti centum millia virorum et mulierum. Pluries ego vidi tam viros, quam mulieres conculcatos sub pedibus aliorum; et etiam egomet in eodem periculo plures vices evasi. Papa innumerabilem pecuniam ab iisdem recepit, quia die ac nocte duo cleria stabant ad altare Sancti Pauli tenentes in eorum manibus rastellos, rastellos, rastellantes pecuniam infinitam.* »

Cesare Balbo, *Vita di Dante:*

« Avesinhando-se o ultimo anno do seculo, levantou-se na christandade uma voz—ser uso immemorial da S. Sé conceder no centesimo anno de cada seculo indulgencia plenaria. Da antiguidade d'esse uso não ha certeza: o que se sabe é que a indulgencia plenaria soia conceder-se aos que visitavam os Santos Logares da Syria, denominados *Palmeiros*, por causa das palmas que traziam, havidos por principaes entre os viajantes por devoção, chamando-se *Romeiros*, os que iam á Roma, e *Peregrinos*, os que se dirigiam a S. Thiago de Gallisa e a outros santuarios. D'ahi procedeu concorrer innumeravel multidão de Romeiros ao centro universal da christandade. O Papa Bonifacio VIII, ou por ter autorizado ou por ter promovido aquelle enthusiasmo, houve por bem conceder a indulgencia aos Romanos por trinta dias e aos forasteiros por quinze, que visitassem a igreja dos apostolos Pedro e Paulo. Apinharam-se as turbas de viadantes pelas estradas da Italia, nas hospedarias de Roma, superabundaram os mantimentos nos mercados da cidade; foram illimitadas as offerendas. Foi mister dividir por uma parede a ponte de S. Angelo, que conduz a S. Pedro, afim de facilitar caminho aos que fossem numa direcção e aos que voltassem em outra. A' esta providencia, refere-se Dante neste canto. Durante o anno inteiro estiveram duzentos mil forasteiros em Roma; orçaram em dois milhões os que por lá passaram. A comparação que fez o Poeta, induz a crer que esteve presente á solemnidade...

« Assim como o jubileu inspirou a composição que Villani fez da sua romaria, outro livro de muito mais subido apreço teve provavelmente então a sua origem. Sabemos que a primeira idéa do seu poema surgiu a Dante ainda em vida de Beatriz; a segunda, em 1293 após a visão, que teve da morte da sua amada. Mas nos annos subsequentes, o seu casamento, os filhos, talvez outros amores, as companhias em que vivia, os negocios publicos, as embaixadas, as inimisades particulares, a lucta dos partidos, de crer é que estorvassem Dante de dar-se com frequencia e actividade ao trabalho. Talvez n'essas duas occasiões fosse empecido pela falta de um instrumento apropositado ao seu eminente e livre engenho: refiro-me á lingua latina. Claro documento de mal succedida experiencia n'esta parte está nos tres versos iniciaes do seu commettimento n'essa lingua morta:

« *Ultima regna canam fluido contermina mundo*
Spiritibus quæ lata patent, quæ præmia solvunt
Pro miritis cuique suis data lege tonantis. »

C. Balbo accrescenta em nota:—« No vol. 1º do Dante do codice Bartoliniano deparam-se numerosos trechos do poema latino. Mais são litteralissima

traducção do italiano; e incrivel é que um Dante se houvesse passado para a lingua italiana os primeiros cantos primitivamente compostos em latim, os trasladasse por semelhante modo.»

E continúa:—«O que é de todo o ponto incontroverso é que o poema, cujo primeiro verso diz:

Nel mezzo del cammin di nostra vita

isto é, no 35º anno da idade de Dante, na semana santa de 1300, não foi, nem podia ser escripto senão em época posterior, visto narrar sómente factos até então consummados e dar a modo de prophecia os que ao diante succederam-se. A escolha d'essa occasião foi determinada: ou por haver Dante, no anno do jubileu, a quem fôra presente, abraçado o firme proposito de tornar-se á virtude, á virtuosa memoria de Beatriz e á vida contemplativa, retrahindo-se da selva dos vicios e partidos, ou por ter sido esse o anno do seu priorado, origem dos seus desgostos. Inclino-me a crer n'um e n'outro motivo...

«Admittido que Dante foi ao jubileu, isto certamente occorreu nos seis mezes anteriores ao seu priorado. E como conjectura, não duvido asseverar que das duas embaixadas enviadas em 1300 pelos chefes do partido guelfo ao papa Bonifacio, uma foi commettida a Dante. Depois, no seu priorado ainda «temos o guelfo puro, de accordo com o Legado da S. Sé, imparcial entre Brancos e Negros. Mui provavelmente, pois, por occasião de tal embaixada compareceu no jubileu em Roma, de que voltou para assumir o priorado.»

[3] O castello é o de S. Angelo. O monte é o Giordano.

[4] Cassianimico era um notavel de Bolonha, mas de indole tão depravada e vil, que por dinheiro entregou sua irmã Ghilosa á concupiscencia de Obizzo II de Este, senhor de Ferrara, de quem se viu o castigo no c. XII.

[5] O original diz *salse*. Assim chamava-se um logar situado nas cercanias de Bolonha, formado por um estreito e profundo valle, rodeado de morros esalvados, onde apenas rastejam hervas meio resequidas. Foi destinado á sepultura dos malfeitores criminosos por crimes infames e excommungados, cujos cadaveres pareciam indignos de cova em terra sagrada. Talvez o nome de *salse* lhe proviesse da qualidade do solo salitrado. O commentador Benvenuto de Imola o descreve nos termos seguintes:

«*Nota quod quidem locus concavus et cavernosus est supra Bononiam apua S. Mar'dam in Monte, quem Bononenses vocant Salsas. Huc solebant adduci et projici corpora desperatorum et excommunicatorum. Hinc inolevit consuetudo, per quam pueri bononienses sibi invicem contameliantes ob iram dicant: tace tuus pater est salsas tractus est.*»

[6] Indica essa cidade por sua situação entre os rios Savena ao Oriente e Reno ao Occidente, e pela especialidade do seu dialecto, com que se affirmava dizendo *sipa* em vez de *si*.

[7] Quando Jason, embarcando-se em a nau Argos com illustres companheiros, partiu para a conquista do vellocino de ouro em Colchos, aportou á ilha de Lemnos, onde inspirou violento amor á Hypsiphile, por elle depois abandonada, a qual, violando o accordo feito com as outras mulheres da ilha de matarem todos os varões, piedosamente salvara a vida de seu pae, escondendo-o.

[8] Aqui mais de um melindroso torcerá o nariz e censurará o Poeta por ter usado de imagens e expressões immundas. Mas devia, em respeito a nimia delicadeza d'esses desgosos, omittir essa especie de condenados ás penas infernaes para não offender-lhes o olfato, ou collocar taes prescitos entre as fragancias de delicioso jardim, violar as leis que recommendam a fiel imitação a representação pelo natural? Os que tal pretendam devem aconselhar-se com

Aristoteles e Quintiliano, que lhes ensinarão que um dos mais eminentes predi
mentos de um poeta é observar cuidadoso o que exigem logar, tempo, pess
e fim. As palavras, disse Aristoteles, sendo imitação dos concceitos, devem aco
panhal-os na baixeza, como na elevação. *Omnia verba* — repito com Quintilia
— *suis locis optima, etiam sordida dicuntur proprie.*

[9] Alissio Interminei, de uma antiga e opulenta familia de Lucca,
havido por adulador cadimo.

[10] Thaïs, celebre hetaira de Athenas. O Poeta allude ao passo do *Eunu*
de Terencio, em que Thraso pergunta a Gnatho se Thaïs lhe dava muitas gra
pelo mimo, com que regallara, e Gnatho responde — muito grandes. Figur
Poeta o dialago entre Thraso e a propria Thaïs.

As palavras de Terencio:

THR.: *Magnas vero agere Thaïs mihi?*

GN.: *Ingentes.*

THR.: *Ain tu læta est?*

GN.: *Non tam ipso quidem dono quam abs te datum esse.*

CANTO XIX

1. O' Simão Mago, [1] ó miseros sequazes
Por quem de Deus os dons só promettidos
A' virtude, em rapina contumazes,
2. Por ouro e prata estão prostituidos!
Por vós tange ora a tuba sonorosa:
Jazeis na tercia cava subvertidos.
3. A' outra tumba chegamos temerosa,
Da rocha nos subindo áquella parte,
Que, a prumo ao centro, eleva-se alterosa.
4. Saber supremo! Que ineffavel arte
Mostras no ceu, na terra e infernal mundo!
Oh! teu poder quão justo se reparte!
5. Por toda a cava, aos lados e no fundo
Furos na pedra livida se abriam,
De igual largura e cada qual rotundo.
6. Similhar na grandeza pareciam
Aos que em meu S. João [2] bello e esplendente
Para baptismo ministrar serviam.
7. Quebrei um, não ha muito, mas sómente
Para infante salvar, que allí morria:
Fique a verdade a todos bem patente.

8. De cada um orificio eu sahir via
Os pés, até das pernas a grossura,
De um peccador : o resto se sumia. *
9. Stavam ardendo as plantas na tortura,
E tanto as juntas rijo se estorciam,
Que romperiam a prisão mais dura.
10. Do calcanhar aos dedos percorriam
As chammas, como a superficie inteira
Em corpo de oleo ungido morderiam.
11. — « Quem padece » — disse eu — « por tal maneira,
Que mais que os socios estorcer-se vejo
Em mais rubida flamma e mais ligeira ? »
12. — « Se ao fundo eu te levar, por teu desejo,
Por declive, que jaz mais inclinado,
De ouvir-lhe o nome e os crimes dou-te ensejo. » —
13. — « Acceito o que te praz, muito a meu grado :
Senhor do meu querer, és quem conhece
Quanto hei mister e a mente ha reservado. — »
14. Passando á quarta borda, alli se desce
Para a esquerda voltando, até chegar-se
Lá onde tanto furo se offerece.
15. De mim não quiz o Mestre aligeirar-se
Senão quando d'aquelle, que gemia
Pelos pés, conseguio apropinquar-se.
16. — « Tu, que és assim voltada » — eu lhe dizia —
« Como estaca plantada, ó alma oppressa,
Responder-me possivel te seria ? » —
17. Eu stava alli, qual monge, que confessa [3]
Assassino, que em cova já fincado
O chama, pois, em tanto, a pena cessa. [4]
18. — « Já tens » — gritou : já tens aqui chegado ?
Já, Bonifacio, como tens descido ?
Em annos muitos tenho a conta errado.

---

* Simoniacos

19. « Tão de pressa d'esse ouro te has enchido,
Pelo qual bella esposa atraiçoando, [5]
A tens por tantos crimes affligido ? »
20. Eu fiquei como quem, não penetrando
No sentido do que outro respondera,
Enleiado e corrido fica olhando.
21. Mas Virgilio : — « De pressa lhe assevera :
— Eu não sou, eu não sou quem tu cogitas » —
Respondi como o Vate prescrevera.
22. Ouvindo, as plantas estorceu malditas;
Depois a suspirar, com voz de pranto
—« Porque »— disse—« a falar assim me excitas ?
23. Se conhecer quem sou anhelas tanto,
Que assim baixaste ao valle tenebroso,
De Papa sabe que hei vestido o manto.
24. « Filho de Ursa de veras, [6] cubiçoso
Em bolsa tudo puz por meus Ursinhos,
Lá ouro, aqui o esp'rito criminoso.
25. « Sob a cabeça minha estão visinhos,
Em Simonia os que me antecederam,
Sobrepondo-se um no outro esses mesquinhos.
26. « Hei de ao fundo descer, como desceram,
Logo em chegando aquelle, [7] que eu cuidara
Seres tu, quando as vozes me romperam.
27. « Mas, ardendo-me os pés se me depara
Intervallo mais longo, assim voltado,
Do que em tormento igual se lhe prepara.
28. « Virá de móres culpas outro inçado,
Pastor sem lei, das partes do occidente
Que hade ser sobre nós depositado. [8]
29. « Jasão novo será: [9] condescendente
Teve o outro o seu Rei, diz a Escriptura,
Da França este o senhor terá potente. » [10]
30. « Não sei se ousado fui e se foi dura
A resposta, que dei ao condemnado.
— « Thesouros exigira por ventura

31. « Nosso Senhor de Pedro, ao seu cuidado
E zelo quando as chaves commettia ?
—Segue-me—apenas lhe ha recommendado.
32. « Dinheiro não tomaram de Mathia
Pedro e os outros, por ser o preferido
Ao logar, que o traidor perdido havia.
33. « Pena, pois: mereceste ser punido;
E guarda a que extorquiste, vil moeda [11]
Que te fez contra Carlos atrevido.
34. « Não fôra a referencia, que me veda,
Das santas chaves, que empunhaste outr'ora,
No tempo, em que fruiste a vida leda,
35. « Voz mais severa eu levantara agora
Contra a avidez, que o mundo assaz contrista,
Que os bons opprime, o vicio exalta e adora.
36. « A vós vos figurava o Evangelista, [12]
Quando a que é sobre as aguas assentada
Prostituir-se aos Reis foi d'elle vista:
37. « Nascera de cabeças sete ornada,
E o valor nos dez cornos possuia,
Em quanto ao esposo seu virtude agrada.
38. « De ouro a vossa cubiça um Deus fazia:
Por um dos que os gentios adoraram [13]
Abrange cento a vossa idolatria.
39. « Constantino ! [14] Ah ! que males derivavam,
Não do baptismo teu, mas da riqueza
Que déste a um Papa e a que outras se juntaram ! »
40. Sentindo d'estas notas a aspereza,
Elle tomado de remorso ou de ira,
Agitava os dois pés com mór braveza.
41. Virgilio, creio, com prazer me ouvira:
Applaudir seu semblante revelava
Verdades que eu, sincero, proferira.
42. Jubiloso nos braços me levava,
E, depois que apertara-me ao seu peito,
Por onde descendera, se tornava.

43. Sempre cingido d'esse abraço estreito,
Do arco ao cimo transportou-me o Guia:
Caminho á quinta cava era direito.
44. Alli suavemente me descia
Em rochedo tão ingreme e empinado,
Que ás cabras invio ser me parecia.
De lá foi-me outro val descortinado.

NOTAS AO CANTO XIX

Descem os Poetas á terceira cava, onde são punidos os simoniacos. Consiste a pena d'estes peccadores em permanecerem de cabeça para baixo em furos ou cavidades estreitas e circulares, apparecendo sómente as pernas do derradeiro dos condemnados, cujas plantas ardem em chammas. Em um dos furos, depara-se a Dante o Papa Nicolau III, cujos actos, assim como o de outros Pontifices, censura. Passa depois ao arco correspondente á quarta cava.

1 Simão Mago, natural da Samaria, na Judéa, foi discipulo do falso thaumaturgo Dositheu, e como elle alardeava a faculdade de fazer milagres. Recebeu o baptismo pelas mãos do diacono Philippe; e então, querendo igualar aos apostolos, cujos portentos praticados em nome de Jesus Christo havia presenciado, offereceu dinheiro a S. Pedro para lhe transmittir a virtude de que era dotado: dahi provein denominar-se *simonia* o trafego das cousas santas.

No cap. VIII dos *Actos dos Apostolos*, lê-se:

«E Philippe, descendo á uma cidade da Samaria, lhes pregava Christo... Havia, porém, n'ella um homem por nome Simão, o qual antes alli tinha exercitado a magica, enganando o povo samaritano, dizendo que elle era um grande homem, a quem todos davam ouvidos desde o maior até o menor, dizendo: Este é a virtude de Deus, a qual se chama grande. E elles o attendiam, porque com suas artes magicas por muito tempo os havia dementado. Porém depois que creram o que Philippe lhes annunciava do reino de Deus, iam-se baptizando homens e mulheres em nome de Jesus Christo. Então creu tambem o mesmo Simão; e depois que foi baptizado, andava unido a Philippe. Vendo tambem os prodigios e grandissimos milagres, que faziam, todo cheio de pasmo se admirava. Os apostolos, porém, que estavam em Jerusalem, tendo ouvido que a Samaria recebera a palavra de Deus, mandaram-lhes lá a Pedro e a João, os quaes, quando chegaram, fizeram oração por elles, afim de receberem o Espirito Santo, porque elle ainda não tinha descido sobre nenhum, mas sómente tinham sido baptizados em nome do Senhor Jesus. Então punham as mãos sobre elles, e recebiam o Espirito Santo. E quando Simão viu que se dava o Espirito Santo, por meio da imposição da mão dos apostolos, lhes offereceu dinheiro dizendo: Dai-me tambem a mim este poder que qualquer, a quem eu impozer as mãos, receba o Espirito Santo. Mas Pedro lhe disse:—O teu dinheiro pereça comtigo; uma vez que tu te persuadiste que o dom de Deus se podia adquirir

com dinheiro. Tu não tens parte, nem sorte alguma, que pretender n'este ministerio; porque o teu coração não é recto diante de Deus. Faze, pois, penitencia d'esta maldade; e roga a Deus que, se é possivel, te seja perdoado este pensamento do teu coração, porque eu vejo que tu estás n'um fel de amargura e preso nos laços da iniquidade. E respondendo Simão disse: Rogai vós por mim ao Senhor, para que não venha sobre nenhuma cousa das que haveis dito.

Consta que Simão, separando-se da grei christan, peregrinou por diversas regiões do Oriente, e de lá se foi á Italia, embaindo os credulos com fingidos milagres e dando-se por superior aos discipulos de Christo por ser filho de Deus. Acompanhava-o uma mulher, chamada Helena ou Selene, que apresentava como esposa de Menelau, causa da guerra de Troya, quando não a dava por Minerva. E' tradição que, indo á Roma, em desafio com S. Pedro, na presença de Nero, levantou-se aos ares por magia; mas cahiu e quebrou as pernas. E' tido por primeiro herege, classificando-se o seu ensino como especie de gnosticismo.

Os gnosticos declararam insufficiente e imperfeita a revelação feita pela Escriptura Sagrada: e arrogavam-se a posse exclusiva da verdadeira sciencia (gnosis) da divindade e de todas as cousas divinas. Explicavam o mundo pela materia, pelo Demiurgo, pelo Salvador. Ensinavam que o universo emanava do seio de um Deus Supremo, ineffavel, não revelado. Eram as suas doutrinas um amalgama de crenças orientaes com a religião judaica e christan e com a philosophia platonica. Do gnosticismo procederam varias seitas.

2 Na igreja de S. João Baptista de Florença existiam quatro poços, proximos aos angulos do baptisterio, para offerecer aos padres a agua necessaria ao baptismo. Dante, para salvar um menino, que cahira em um d'esses poços, quebrou a grade que fechava mal o orificio, acto de humanidade que deu azo aos seus inimigos para accusarem-o de sacrilegio, increpação de que se justifica.

3 Allude ao crudelissimo supplicio usado n'aquelle tempo, estatuido pela justiça e lei municipal de Florença, e applicado, segundo affirma o *Ottimo*, aos assassinos, que matavam por dinheiro. Em profunda cova era introduzido o padecente de cabeça para baixo: sobre elle iam os verdugos deitando terra. A's mais das vezes o miseravel, para retardar o momento decisivo da sua existencia, pedia confissão. Paravam os executores e o padre, chamado á toda a pressa, inclinava-se para a cova e ouvia as declarações do condemnado. Aquelle supplicio denominava-se *propaginare*, plantar vides de mergulhia.

4 Este peccador é o Papa Nicolau III, que julgava falar ao seu successor no solio pontificio, Bonifacio VIII, que segundo uma prophecia e conhecimento proprio do futuro, concedido aos prescitos (c. X) tinha de fallecer em 1303. Por isso, Nicolau admira-se de vel-o no inferno, quando suppoz que falava e ia rendel-o no seu posto antes do tempo prescripto.

5 A Esposa é a Igreja, que como disse S. Paulo (*ad Ephesios*, cap. V, v. 27) «é gloriosa sem macula, nem ruga, nem outro algum defeito similhante, mas santa e immaculada.»

Allude n'este terceto aos ardis, a que se soccorrera Bonifacio VIII, então cardeal Benedetto Gaetani, para excitar Carlos II de Napoles contra Celestino V. A este respeito diz Villani, lib. VIII, cap. 6: «A' noite, clandestinamente, avistou-se com o Rei Carlos, indo pouco acompanhado. E disse-lhe: — Rei, teu Papa Celestino tem vontade e poder para te ajudar nas guerras da Sicilia, mas não sabe como, se influires nos teus amigos os Cardeaes para me elegerem Papa, saberei como heide servir-te, e terei não só vontade, senão tambem poder para fazel-o. E prometteu sob sua fé e juramento auxilial-o com todo o poder da Igreja.»

O mesmo historiador diz de Bonifacio:—«Era magnanimo e senhoril, e inspirava o maior acatamento. Sabia ao certo como havia de sustentar e accrescentar os interesses da Igreja, sendo por isso muito temido e reverenciado. Usava

desmedida avareza no intuito de engradecer a Igreja e os seus amigos, não sendo escrupuloso em tudo quanto por ventura lhe désse lucro, dizendo que eram legaes todas as cousas que importavam á Igreja. »

Dante não perde ensejo de fulminar Bonifacio VIII com os raios de sua aversão, como exaltado Gibelino. Depois do que diz n'este canto, ainda o qualificou (c. XXVII, 85) de *Principe* dos novos phariseus. Muito peior o trata no *Par.* c. XXVII, 22.

O Papa Bonifacio subiu ao solio pontifical, diz Cesare Balbo, com a suspeita de corrupção, paixões partidarias e simonia. Muratori, com a habitual imparcialidade, mas com extraordinaria energia, retrata-o com os seguintes traços: « Em grandeza de alma, magnificencia, facundia e prespicacia, em zelo pelo accrescentamento dos interesses a seu cargo, no conhecimento dos canones e leis, poucos o igualaram; mas por poucos foi amado, por muitos abominado, por todos temido, porque fallecia-lhe a humildade, que concilia a bemquerença geral e que tanto se compadece com o caracter de um vigario de Christo, mestre das virtudes e em especial d'esta. Todos os commettimentos emprehendeu para opulentar e elevar os seus parentes, para accumular thesouros, pouco lhe importando os meios. Arrastavam-o as idéas mundanas; foi, quando era possivel, rancoroso inimigo dos Gibilinos, que lhe retribuiam igualmente, até o ponto de encantoarem-o nas profundas do inferno, como fez Dante no seu poema. Benvenuto de Imola tanto o louvou quanto o vituperou; e para rematar chamou-o *magnanimo peccador*. Deu-se por certo que o Papa Celestino V dissera que *elle entraria para o pontificado como raposa, reinaria como leão, morreria como podengo.* » No proposito de unir a christandade, e principalmente a Italia, para o anhelado commettimento da Terra Santa, houve-se com sinceridade, se bem que sem bom exito. Nos seus intuitos pacificos foi infelicissimo; porque mal se avêm todo aquelle que com muito bons desejos quer arranjar alheios interesses, segundo a propria conveniencia...

« No grande empenho de affirmar a autoridade ecclesiastica, mostrou-se imitador do grande Gregorio VII. Sendo-lhe, porém, muito inferior e differençando-se os tempos, quando as usurpações eram menos graves e a resistencia menos popular, ainda n'esta parte foi mal succedido.

Vivera sempre de accordo com Philipe o Bello; mas o facto afinal vem contradizer o asserto que Ranke attribue a Paulo IV: *nunca foram felizes os Papas, quando se não uniram com a França*... A grandeza dos Papas, senão a sua boa ventura, méro accidente da vida, procede unicamente da sua independencia para com allianças estrangeiras, e essa independencia estriba-se no seu accordo com a nação, em que tem o seu poder temporal. O premio das complacencias, que Bonifacio teve com a França, por influencia do partido guelfo, foi a ingratidão. No reinado do ambiciosissimo Philippe, o partido guelfo degenerou em partido francez; o seu chefe era menos o Papa que o Rei de França, ou antes, o chefe dos moderados era o Papa, o dos exaltados o Rei, como os factos o demonstram, explicação e desculpa, em parte, de Dante, quando deixou o partido guelfo, então desnaturado de nacional em estrangeiro tambem.

« A desunião de Bonifacio e Philippe o Bello parou em inimizade rôta. Houve-se então Bonifacio como pontifice, posto que inopportuno imitador de Gregorio VII, mas Philippe com emboscadas de salteador... »

[6] Nicolau III, do solar dos Orsinis, eleito em 1277. « Foi — disse Villani (Liv. VII cap. 54) um dos primeiros pontifices, em cuja côrte se commettiam simonias despejadamente. »

Assim se exprime o *Ottimo*:

« Sendo Nicolau delli Orsini ainda Cardeal e vagando o solio por morte do Papa Giovanni Hespanhol em Viterbo, foi eleito Papa a 5 de dezembro de 1277, e governou a Igreja 2 annos, 8 mezes e 15 dias. Seu maior desejo era

enriquecer a sua parentela; todos os beneficios da Santa Igreja conferiu por dinheiro, merecendo-lhe predilecção quem se apresentava com a bolsa mais cheia. »

Judiciosamente disse C. Balbo:

« No seu breve pontificado, deu Nicolau III mostras de altos e valorosos espiritos, restaurando o poder da S. Sé na Romanha por transacções com o Imperador Rodolpho, e em Roma despindo da dignidade senatorial a Carlos de Anjou. Mas este acto prejudicou os interesses guelfos, assim como as inclinações juvenis do guelfo Dante, que resumbram na *Comedia*, com quanto publicadas por Dante gibelino. Estudando a *Comedia*, tenho para mim que, em geral, são julgadas com animo guelfo todas as pessoas que deixaram de viver antes de 1302, época do desterro e da conversão de Dante em gibelino, as que falleceram depois tiveram juiz gibelino, salvas raras excepções por gratidão. Em todo o caso houve excessiva severidade para com Nicolau III; pelo vicio de nepotismo foi lançado no inferno entre os simoniacos, peccadores n'aquelles seculos sobremaneira vituperados e aborrecidos depois da guerra immortal, em que os proflígou Gregorio VII.

[7] Bonifacio VIII.

[8] O *pastor chi verrà di ver ponente* é o Papa Clemente V, francez, eleito em 1305, por influencia de Philippe o Bello, de França, mediante condições pouco honrosas. Em seu pontificado, a Santa Sé foi transferida (1308) de Roma para Avinhão, onde permaneceu 70 annos, chamados pelos escriptores contemporaneos, captiveiro de Babylonia. Antes da eleição era Arcebispo de Bordeaux, com o nome de Bertrand de Got. Falleceu em 1314.

[9] Jasão era summo sacerdote dos Judeus. Comprou o cargo a Antiocho, Rei da Syria, no anno 175 antes de J. C., em detrimento de seu irmão Onias.

Livro dos Machabeus, liv. II, cap. 4:

« Mas depois da morte de Seleuco, como tivesse recebido o reino Antiocho, que se chamava illustre, procurava Jasão, irmão de Onias, usurpar-lhe o summo sacerdocio. Tendo ido com este fim buscar o Rei, promettendo 360 talentos de prata e 80 talentos de outras rendas, sobre isto ainda lhe prometteu mais outros 150 talentos, se lhe désse faculdade de instituir uma academia e uma aula e de fazer os habitantes de Jerusalem cidadãos de Antiochia. Tendo o Rei ouvido esta petição e elle mesmo alcançado já o principado, logo começou a trabalhar, para que os seus naturaes abraçassem os ritos dos gentios. »

[10] Philippe o Bello, com o qual Clemente V celebrara pacto simoniaco.

[11] *E guarda ben la mal tolta moneta*. Refere-se ao dinheiro que o Papa Nicolau III recebeu de João de Procida para ajudar a conjuração tramada contra os francezes, que dominavam na Sicilia, onde reinava Carlos de Anjou. D'ahi procedeu a carnificina, conhecida na historia com a denominação de *Vesperas Sicilianas*, após a qual os francezes foram lançados d'aquella ilha em 1282, passando a reinar alli Pedro III de Aragão.

Segundo refere Villani (liv. VII cap. 54) Nicolau III desejou casar uma sobrinha com o sobrinho de Carlos de Anjou, Rei da Sicilia. Este lhe fez saber que, com quanto elle calçasse meias vermelhas, não era por sangue digno de alliar-se á uma casa real, accrescendo que o seu poder não era hereditario. Resentido da affronta, o Papa resolveu vingar-se e o fez concorrendo para Carlos perder o throno.

[12] O Evangelista é S. João. No *Apocalypse*, cap. XVII:

« Então vem um dos sete anjos, que tinham os sete calices, e falou commigo dizendo: Vem cá e eu te mostrarei a condemnação da grande prostituta,

que está assentada sobre as grandes aguas, com quem fornicaram os Reis da terra e que tem embebedado os habitantes da terra com o vinho da sua prostituição. E me arrebatou em espirito ao deserto. E vi uma mulher assentada sobre uma Besta de côr escarlata, cheia de nomes de blasphemia, que tinha sete cabeças e dez cornos. E a mulher estava cercada de purpura e de escarlata, e adornada de ouro e de pedras preciosas e de perolas e tinha uma taça de ouro na sua mão, cheia de abominação e da immundicia da sua fornicação. E estava escripto na sua testa este nome : Mysterio; a grande Babylonia, a mãe das fornicações e das abominações da terra. E vi esta mulher embebedada do sangue dos santos e do sangue dos martyres de Jesus. »

Cabe aqui trasladar a observação apresentada pelo commentador Paulo Costa :

« Concordam todos os expositores em dizer que as sete cabeças e os dez cornos são por Dante referidas, como qualidades da mulher e que similhante creatura symboliza a Igreja ; e por conseguinte, entendem que as cabeças assim armadas não figuram os sete peccados mortaes, pois de tal interpretação seguir-se-ia lançar á conta do poeta a impiedade de attribuir peccado á infallivel Igreja de Deus. Mas será verdade que Dante, como suppoem, significasse a Igreja por essa mulher ? Será verdade, que collocasse sobre o collo d'essa mulher sete cabeças cornigeras, contra o que claramente é expresso no texto do Apocalypse ? E' crivel que o douto theologo symbolizasse cousas santas com as cabeças e com os cornos da besta ? E' possivel que, recordando a visão do Evangelista, assim lhe demudasse o pensamento ? Pois o Poeta, sempre tão nobre e gracioso, ainda quando figura monstros, apresentasse uma mulher, cujo parecer moveria, não admiração ou espanto, senão o riso do escarneo ? Que conceito se faria do pintor, que representasse a Igreja com os sete sacramentos e os dez mandamentos divinos na figura de uma mulher, de cujo collo surgissem sete cabeças e dez cornos ? Imagem tão monstruosa não poderia ter o eminente poeta, o sabio theologo, que era Dante.

« Se Dante pretendesse fazer da mulher e da besta uma só cousa, não se teria referido á primeira pelo pronome *colei*, e a segunda pelo pronome *quella*. Digo, por tanto, que nos v. 106 a 108, se referiu á mulher e nos v. 109 a 111 á besta. O sentido das suas palavras é o seguinte : de vós, pastores, homens da curia romana falou o Evangelista, quando descreveu a mulher, que dominava sobre as aguas, isto é, nações, e se prostituia com os Reis da terra ; aquella que nasceu com sete cabeças, besta de dez cornos (o peccado) teve argumento, isto é, freio, até que ao marido da mulher (isto é, o pontifice) agradou a virtude . . .

« E' possivel que a construcção grammatical dos dois tercetos favoreça a opinião dos expositores, mas nos é mais facil admittir que Dante peccasse como grammatico, do que tel-o em conta de poeta indiscreto e theologo profano. Não nos resolvemos a crer que elle, estragando e confundindo as imagens delineadas por S. João, quizesse representar os sete sacramentos e os dez mandamentos pelos infernaes attributos da besta do Apocalypse . . .

« Dizem os expositores que a palavra *argomento* significa *signal de que a dignidade pontificia foi instituida por Jesus Christo*. Quantas cousas maravilhosamente comprehendidas em um só substantivo ? Demais d'isto, affirmam cousa inadmissivel em theologia, affirmando que os dez mandamentos foram signal de que a dignidade pontificia foi instituida por Jesus Christo, emquanto aos pontifices agradou a virtude. Sendo isto prova da legitimidade da Sé apostolica, é possivel que deixe de sel-o ? As prophecias, os milagres, o testemunho dos santos e martyres, a continua successão dos Papas, a unidade da doutrina, a santidade dos sacramentos, a magestade dos ritos e a pureza da lei constituem provas e motivos para a crença nas cousas da fé. E taes provas terão sempre a valia, que ora têm, não mudarão de natureza no rodear dos seculos, por effeito da mudança dos homens. D'esta verdade se conclue evidentemente que Dante

theologo não vestiu com as suas palavras a sentença, que lhe attribuem os expositores. »

[13] Quer dizer o Poeta que a cada um dos idolos, que adoravam os gentios, correspondiam cem adorados pelos Papas simoniacos.

[14] Constantino, diz o Poeta, fez grande mal, não por converter-se á religião christan, senão por ter dado riquezas, isto é, meios de corrupção ao Papa, que era então S. Sylvestre.

A esse donativo referiu-se Ariosto, quando disse no c. XXXIV, est. 80 do *Orl. Fur.*:

Di vari fiori ad un gran monte passa,
Ch'ebbe giá buono odore, or putía forte.
Questo era il dono (se però dir lece)
Che Constantino al buon Silvestro fece.

Merece a attenção dos leitores o trecho seguinte do § X lib. III da *Monarchia* de Dante:

« *Constantinus alienare non poterat imperii dignitatem, nec Ecclesia recipere. Et cum pertinaciter instent, quod dico sic ostendi potest. Nemini licet ea facere per officium, sibi deputatum, quæ sunt cantra illud officium, quia sic idem, in quantum idem, esset contrarium sini ipsi, quod est impossibile. Sed contra officium deputatum imperatori est scindere imperium; cum officium ejus sit humanum genus uni velle et uni nolle tenere subjectum, ut in primo hujus facile videri potest: ergo scindere imperium imperatori non licet. Si ergo aliquæ dignitates per Constantinum essent alienatæ (ut dicunt) ab imperio, et cessissent in potestatem Ecclesiæ, scissa esset tunica inconsutilis, quam scindere ausi non sunt qui Christum verum Deum lancea perforarunt.* »

« Muito tempo, diz Fraticelli, acreditou-se em uma supposta doação feita por Constantino ao Papa, e Dante participou d'essa crença. Mas não se fundava em verdade. « O diploma d'aquelle Imperador, ponderou Monsenhor Muzzarelli, é apocrypho: Constantino não doou o Papa a soberania de Roma ou de qualquer das provincias da Italia. Acha-se isto demonstrado até á evidencia. Possivel é que Constantino concedesse aos Papas alguma jurisdicção civil e temporal, sem, porém, conferir-lhes soberania absoluta, e reservando para si e os seus successores o dominio soberano... A doação de Constantino não foi de verdadeira soberania, senão titulo honorifico com um certo privilegio e jurisdicção civil, semelhante ao que Augusto concedeu ao Senado... E se os Papas possuiam em patrimonio alguns castellos e cidades, limitava-se a posse ao dominio util e certas regalias, não comprehendendo o alto dominio e a soberania perfeita. »

CANTO XX

1. NOVA pena convem dizer em versos
E dar materia ao meu vinteno canto,
Do cantico, onde punem-se os perversos.
2. Eu era já disposto tanto, quanto
Fôra preciso para ver o fundo *
Da cava, que banhava amargo pranto.
3. De almas vi turba, pelo val rotundo,
Que taciturna vinha e lacrimosa
Ao passo usado em procissões no mundo.
4. Mirei mais baixo e cada desditosa
Notei que fôra o mento retorcido
Do collo ao começar: cousa espantosa!
5. Para o dorso era o rosto seu volvido:
Só recuando caminhar podia;
Que em frente olhar estava-lhe tolhido
6. Talvez por força já de parlysia
De alguem o corpo ao todo se torcesse;
Não vi: crel-o difficil me seria.

---

* Advinhos e feiticeiros.

7. Que te seja, Leitor, a Deus prouvesse
Proveitosa a lição! Pensa, atilado,
Quanto em mim, vendo, a compaixão crescesse,
8. O parecer humano tão mudado,
Que o pranto, que dos olhos derivava
Banhava o tergo a cada condemnado.
9. Do rochedo eu a um angulo chorava
Com tanta dôr, que o Mestre de repente
— « Insensato és tambem ? » — me interrogava.
10. « Aqui piedade é morta em toda mente: [1]
Quando Deus condemnou, quem mais malvado
Do que esse, que ternura por maus sente ?
11. « Alça a fronte, alça, attento ao condemnado,
Que ante os Thebanos se abysmou na terra
Gritavam-lhe : — Como andas apressado,
12. « Amphiarau ? [2] Como assim foges da guerra ? —
Elle tombava em tanto, ao val descendo,
Onde Minos os reprobos aferra.
13. « Pelo futuro penetrar querendo,
Tem o dorso adiante em vez do peito,
E a recuar caminha, atraz só vendo.
14. « Eis Tiresias, [3] o que mudara o aspeito,
Femineas fórmas e feições tomara,
Sendo-lhe o que era varonil desfeito.
15. « Ao sexo seu tornou, quando encontrara,
Inda uma vez, travadas serpes duas
E outra vez com bordão as separara.
16. « Volta-lhe Arons [4] ao ventre as costas núas :
De Luni em monte, aos agros imminente;
Onde o Carrara ergueu moradas suas,
17. « Teve em gruta marmorea permanente
Estancia, d'onde contemplar podia :
As estrellas, as ondas livremente.
18 « Essa mulher » — continuou meu Guia —
« Que o seio occulta em traça fluctuante
E de vellos a pelle tem sombria,

19. « Foi manto, [5] que vagara incerta e errante
Até pousar na terra, em que hei nascida.
No que ora digo irei um pouco avante.

20. « Vendo o pae já da vida despedido
E a cidade de Baccho em jugo triste,
O mundo largo tempo ha percorrido

21. « Junto aos Alpes na bella Italia existe,
Além Tyrol, já perto da Allemanha,
Um lago, que chamar Benaco [6] ouviste.

22. « Veia de fontes mil, que a plaga banha
Entre Garda, Camonica e Apennino,
De aguas conduz ao lago cópia manha.

23. « Ilha ha no meio, em que o Pastor trentino,
E com elles os de Brescia e de Verona,
Possuem de benzer juro divino. [7]

24. « Onde é mais baixa do Benaco a zona,
A Bergamo fazendo e a Brescia frente,
Perchiera, forte em bastiões, se entona.

25. « E' d'alli que das aguas o excedente,
Que ter em si não póde o lago, bróta
Em rio e cóbre os prados largamente.

26. « Quando prosegue, outro appellido adopta,
Chama-se Mincio, perde o nome antigo:
No Pó junto a Governo, ha fim sua róta.

27. « No verão a saude traz perigo;
Em vasto plaino o alveo dilatando,
Fórma paúl, das infecções amigo.

28. « Manto, a virgem selvage alli passando,
Terreno vio deshabitado, inculto
N'aquelle pantanal, que o está cercando.

29. « Esquiva a humano trato e extranho vulto,
Fez alli de suas artes officina
E viveu té soffrer da morte o insulto.

30. « Povo, ao diante, para alli se inclina,
Em torno esparso, e abrigo o julga forte:
De aguas cercado com paues confina.

31. « Onde aqui o elegeu colhera a morte,
A cidade erigiram, que chamaram
Mantua, do nome seu sem tirar sorte.
32. « Os habitantes lá mais avultaram,
Quando ainda os ardis de Pinamonte [8]
De Casalodis a insania não fraudaram.
33. « Sciente fica, pois: se de outra fonte
A patria minha originar quizerem,
A mentira á verdade nunca affronte. » —
34. « As cousas, que tuas vozes me referem,
Tão certas são » — disse eu — « que me parece
Carvão extincto o que outros me disserem.
35. « Mais dize, ó Mestre : acaso não merece
Dos que avançam nenhum reparo ou nota ?
Na mente de o saber desejo cresce. » —
36. « Aquelle, a quem do mento ao dorso bróta
Barba esqualida, um augur se dizia,
Quando de homens a Grecia tal derrota
37. Teve, que infantes só no berço havia.
Em Aulide com Calchas [9] indicara
Tempo, em que a frota desferrar devia.
38. « Euripilo chamou-se: assim narrara
N'um dos seus cantos, a tragedia [10] minha,
Bem sabes, pois tua mente a arrecadara.
39. « Esse, que, tão delgado, se avisinha,
Miguel Escotto [11] foi, que, certamente,
Pericia em fraudes da magia tinha.
40. « Olha Guido Bonati, [12] encara Asdente [13]
Que cuidar só devera da sovella:
Arrepende-se agora inutilmente.
41. « Das tristes ora a turba se revela,
Que, desdenhando a agulha, a horrivel arte
De encantos infernaes acharam bella.
42. « Mas no limite, que hemispherios parte,
E' Caim com seu fardo, [14] o mar tocando,
Lá de Sevilha além do baluarte.

43. « A lua, a face plena já mostrando
(Te lembras ?) hontem viste na sombria
Selva, em que te ajudou seu fulgor brando.»—
Assim falando, a passo igual seguia.

NOTAS AO CANTO XX

Menciona-se n'este canto os que padecem na cava quarta: são os que no mundo se deram por advinhos ou magicos. Um d'esses condemnados é Manto, a quem se attribue a origem de Mantua. Sua peregrinação até á Italia.

[1] Reprehende Virgilio a Dante por mostrar compaixão, porque não é permittido apiedar d'aquelles que são punidos pela justiça divina, á qual d'essa arte se faria censura.

[2] Amphirau celebrado pelo seu dom de advinhar, foi um dos sete Reis, que cercaram Thebas. Quando Adrasto declarou guerra a essa cidade a instancias de Polynice, seu genro, Amphirau, que antevira quanto lhe seria fatal aquella guerra, havia se escondido; mas Eriphyle, sua mulher, peitada por Argia, mulher de Polynice, que lhe deu um collar, descobriu o logar, a que se acolhera. Constrangido a partir contra Thebas, obteve de seu filho Alarmeon a promessa de vingal-o de Eriphyle, em lhe constando a sua morte. Quando pelejava diante das muralhas da cidade sitiada, abriu-se-lhe a terra debaixo dos pés. As palavras *dove rui, Anfiarao* — são attribuidas aos Thebanos que escarneciam do fim desastroso de um dos seus inimigos.

No lib. VIII da *Thebaida* de Estacio, fala Amphiarau de seguinte modo a Plutão:

Augur Apollineis modo dilectissimus aris,
Testor inane chaos (quid erum hic jurandus Apollo?)
Crimine non ulco subeo nova fata, nec alma
Sic merui de luce rapi; scit judicis urna
Dictæi, verumque potest deprendere Minos:
Conjugis insidiis, et iniquo venditus auro,
Argolicas acies, unde hæc tibi turba recentum
Umbrarum, et nostræ veniunt quoque funera dextræ,
Non ignarus tui; subito me turbine mundi
Horret adhuc animus, mediis et millibus hausit
Nox tua, quæ mihi mens, dum per cava viscera terræ
Vado diu pendens, et in aëre volvor operta?
Heu mihi! mil ex miis sociis, patriæque relictum,
Vel captum Thebis; non jam Lernæa videbo
Tecta: nec attonito saltem cinis ibo parenti.

Non tumulo, non igne miser, lacrimisque meorum
Productos, toto pariter tibi funere veni.
Nil istis ausurus equis; nec deprecor umbram
Accipere, et tripodum iam non miminisse meourum.
Nam tibi præsagi quisuam super auguris usus,
Quam Parcæ tua jussa trahant? sed pectora flectas,
Et melior, sis, quæso, Deis; si quando nefanda
Huc aderit conjux, illi, funesta reserva
Supplicia; illa tua, rector bone, dignior ira.

[3] Outro advinho grego foi Tiresias, o qual passou por transformações narradas por Ovidio, *Met.* lib. III, traducção de A. F. Castilho:

Contam que Jove um dia, ebrio de nectar,
Desapressado dos reaes cuidados,
Co'a sua Junò ociosa gracejava,
E assim dissera: — A' fé, que a mór delicia
Em transportes de amor, a haveis vós outras,
Que não nós! Nega a Deus; ambos ateimam:
Querem ambos por arbitro a Tiresias,
N'um e n'outro prazer exp'rimentado.
Fôra o caso: que um dia em verde moita
Duas serpes topando, entrelaçadas
Em mutuo gozo os corpos desconformes,
Rijo bordão lhes assentara; e logo
(Que espanto!) de varão tornado em femea
Por espaço ficou de outomnos sete.
Volve a vel-as no oitavo: e diz: Se é tanto
O effeito de ferir-vos, que transmuda
O sexo a quem fere, a acção renovo.
Eis as fere, eis reveste o ser antigo
Juiz Tiresias na questão jocosa,
Sentenceou por Jove. Além do justo
E mais do que a materia requeria,
Se diz tomara Juno o caso a peito,
Dando em pena ao Juiz cegueira eterna.
Mas o supremo Padre (obras de um nume,
Nenhum outro as desmancha) em vez dos olhos,
Deu-lhe a sciencia, que o porvir descerra,
Indulto honroso, que o seu mal console.

Arons ou Arruns, advinho da Etruria, referido por Lucano *Phars.* lib. I:

Hæc propter placuit Tuscus, de more vetusto
Acciri vates, Quorum que maximus ævo
Arruns incoluit desertæ mœnia Lucæ
Fulmines edoctus monitus, venasque calentes
Fibrarum, et motus volitantes, in aëre pennæ.
Monstra jubet primum, quæ nullo semine discors
Protulerat natura, rapit, sterilique nefandos
Ex utero fœtus infaustis urere flammis.
Mox jubet et totam pavides a civibus urbem
Ambiri; et festo purgantes mœnia lustro
Longa per extremos pomœria arigere fines
Pontifice, sacri quibus est permissa potestas.
Turba minor sequitur ritu succinicta Gabino,
Vestalemque chorum ducit vitata sacerdos
Trojanam soli cui fas vidisse Minervam.
Tum qui fata Deum, secretaque carmina servant

Et totam parvo revocant Almone Cybelem ;
Et doctus volucres Augur servare sinistras ;
Septem virque epulis festeis, Titiique sodales,
Et Salius læto portans ancilia collo ;
Et tollens apicem generoso vertice Flamen.
Dumque illi effusam longis anfractibus urbem
Circumeunt, Arruns dispersos fulminis ignes
Colligit, et terræ mæsto cum murmure condit ;
Datque locis numen sacris ; tum admovet aris
Eleota cervice marem. Jam fundere Bacchum
Cœperat, obliquoque molas inducere cultro :
Impatinsque diu non grati victima sacri
Cornua succincti premerunt quum torva ministri
Diposito victum præbat poplite collum.
Nec cruor emicuit solitus ; sed vulnere largo
Deffusum rutilo migrum pro sanguine virus
Palluit attonitus sacris feralibus Arruns,
Atque iram Superum raptis quæsivit in extis
Terruit ipse color vatem . . . .
His ubi concepit magnorum fata malorum
Exclamat . . . .

[5] Manto, filha de Tiresias, retirou-se de Thebas, sua patria, depois da morte de seu pae, para evitar as cruezas de Creonte. Peregrinou varias regiões até chegar á Italia, onde teve do rio Tiberino um filho, Ocno, que fundou Mantua do nome de sua mãe.

Virgilio, *En.* c. X, v. 198 e seg. :

Ille etiam patriis agmen ciet Ocnus ab oris
Fatidicæ Mantus et Tusci filius amnis,
Qui muros matrisque dedit tibi, Mantua nomen,
Mantua dives avis. Sed non genus omnibus unum
Gens illi triplex, populi sub genti quaterni ;
Ipsa caput populis, Tusco de sangue vires,

Trad. de J. F. Barretto :

Ocno assim mesmo, filho celebrado
Da fatidica Manto e um tusco rio,
C'um esquadrão de gente não pequeno
Que conduziu do patrio terreno ;
O que, ó Mantua, co'os muros juntamente
O nome de tua mãe dado te havia.
Mantua digo, cidade mui potente
Pela dos seus avós genealogia.
Porém todos de estirpe differente,
Porque teve trez tribus, que fazia
Em quatro curias, de quem é cabeça.
Bem que o sangue toscano a fortaleça.

[6] Benaco é o lago, que ora se chama Lago di Garda.

[7] Tinham jurisdicção conjunta os Bispos de Trento, Brescia e Verona, na Iheta de S. Jorge, onde demorava uma capella, commum limite das trez dioceses.

[8] Pelos perfidos conselhos de Pinamonte dei Bonnacossi, Alberto Casalodi, senhor de Mantua, desterrou d'aquella cidade alguns fidalgos, que eram

obstaculo aos intentos d'esse homem ambicioso. Aproveitando o primeiro ensejo, Pinamonte excitou o povo á revolta, e lançando o conde Alberto e muitos dos principaes cidadãos, empolgou o poder com o qual commetteu actos de tyranno.

[9] De Calchas e de Eurypylo, diz Virgilio, *En.* c. II:

Suspensi Eurypylum scitatum oracula Phœbi
Mittimus, isque adytis hæc tristia dicta reportat
Sanguine placastis ventos et virgine cæsa
Quam primum Iliacas Danai venistis ad oras:
Sanguine quærenda reditus, animaque litandum
Argolica.

Homero, *Il.* c. I, trad. de M. Odorico Mendes:

De augures mestre
No passado e presente e porvir sabio
Surgiu Calchas Thestorides, que a Troya
Por influxo de Apollo as naus guiara.

[10] Dante denominava tragedia a *Eneida* pelo estylo elevado e epico, em contraste com o seu poema, a que deu o titulo de comedia.

[11] Miguel Scotto, o Magico, viveu na côrte do Imperador Frederico II, que o fez seu Astrologo. Compoz um livro de astrologia, que dedicou áquelle soberano. Deu-se como prova da sua pericia o ter prophetizado a sua morte em época determinada, mas não poude evital-a. D'elle disse Boccacio (*Decam.* Giorn. VIII Nov. 9ª): «abalizado mestre de nigromancia, chamado Miguel Scotto, por ser da Escocia, havido na mais subida estima pelos fidalgos da maior supposição.»

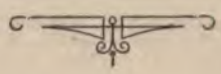
[12] Guido Bonati, astrologo de Forti, em quem Guido de Montefeltro fazia a maior fiança, que merecera por seus relevantes serviços.

Diz o *Ottimo* que «por seu intermedio, o conde Guido salvou-se de grandes perigos e muitos damnos causou aos seus inimigos, devendo o Conde ás suas artes a victoria, em que muitos estragos fez nos francezes.»

[13] Asdente, sapateiro de Parma, fez-se astrologo. D'elle disse Dante no *Convito*, trat. IV cap. 16: «Não raciocinam bem os que entendem por *nobre* ser notorio e conhecido de muitos, por proceder essa palavra do verbo *nosco*, o que é falsissimo. Se assim fôra tudo aquillo que é mais notorio e conhecido no seu genero seria tambem nobre no seu genero. Assim a agulha de S. Pedro, seria a pedra mais nobre do mundo; Asdente, o sapateiro de Parma, seria mais nobre que qualquer dos seus patricios; Albuino della Scala seria mais nobre que Guido de Castello, de Reggio, — cousas todas falsissimas.»

[14] Caim e seu fardo (*Caim el e Spine*). Allusão á uma crença popular da Italia e outros paizes, que vê na lua representado um homem carregando um feixe de espinhos e diz ser Caim, assim castigado por Deus.

A hora indicada neste terceto é a que se seguiu ao nascer do sol, na manhan de sabbado.



CANTO XXI

1. ASSIM, de ponte em ponte, discursando
Do que n'esta comedia se não cura,
De outro arco acima nos subimos, quando
2. Detemo-nos por ver a cava escura,
Por ouvir de outros prantos vão sonido;
Com pasmo olhei-lhe a horrida negrura.
3. No arsenal de Venesa, [1] derretido
Como referve o pez na estação fria
Para reparo ao lenho combalido,
4. Incapaz de vogar: qual com mestria
Baixel novo construe; qual alcatrôa
O que teve em viagens avaria.
5. Qual pregos bate á pôpa qual á prôa;
Qual remos faz, qual linho torce ou parte;
Qual mezena e artemão aperfeiçôa:
6. Assim, por fogo não, por divina arte
Betume espesso, ao fundo, refervia,
As bordas enviscando em toda a parte.
7. Mas no pez só na tona eu distinguia
Borbulhão, que a fervura levantava,
Que ora inchava, ora rapido abatia.

8. No fundo em quanto os olhos eu fitava,
Exclamando Virglio: — Eia! Cuidado! —
Para si donde eu era me tirava.
9. Voltei-me então como homem, que apressado
E' por saber o que fugir convenha,
De subito pavor sendo atalhado,
10. Olha sem que por isso se detenha.
E logo atraz de nós eu vi correndo
Negro demonio sobre aquella penha.
11. Ah! que aspecto feroz! Ah! quanto horrendo
Nos meneios parece e temeroso,
Veloz nos pés e as azas estendendo!
12. No dorso agudo e enorme um criminoso,
Escarranchado, em pezo, carregava:
Dos pés prendia o nervo ao desditoso.
13.— « Malebranche! [2] » já perto elle bradava—
— « Eis um dos anciões de S. Zitta! [3]
Mergulhai-o, pois torna á gente prava,
14. « Que n'essa terra em grande somma habita.
Venaes todos lá são menos Bonturo. [4]
Ono, por ouro, lá se muda em *ita*. [5] »
15. Ao pez o arroja, e pelo escolho duro
Se torna: após ladrão tanto apressado
Não vai mastim, que estava antes seguro:
16. O maldicto afundou; surdiu curvado.
Sob a ponte os demonios lhe gritaram:
— « Não acharás aqui Vulto Sagrado, [6]
17. « Nem banhos, quaes no Serchio se deparam.
Se não queres no pez star immergido
A te espetar as fisgas se preparam. » —
18. Com croques cem mordendo esse descrido
— « Bailar » — disseram— « deves bem coberto;
Se poderes furtar, furta escondido. » —
19. Tal ordena em cosinha o mestre experto
Aos ajudantes seus que na caldeira
Mergulhem naco á tona descoberto.

20. — « Porque » — falou-me o Guia — « algum não queira
Molestar-te, em te vendo, busca abrigo :
N'um recanto o acharás d'esta pedreira.
21. « Não temas que me offenda o bando imigo ;
Muito bem sei como o furor lhe affronte ;
Já venci de outra vez igual perigo. » —
22. Até o extremo então passou da ponte ;
Mas, quando a sexta borda já subia,
Mister lhe foi mostrar serena fronte.
23. Qual fremente matilha, que se envia
Ao pobre, quando pára esbaforido
E pede allivio á fome que o crucia :
24. De baixo arremetteu-lhe o bando infido,
Acceso em ira, os croques seus brandindo.
Mas gritou-lhes : — « Nenhum seja atrevido !
25. « Os croques suspendei : até mim vindo
Me preste algum de vós attenção toda.
Fere, se ousais, porém antes me ouvindo. »
26. Clamaram todos : — « Ouça — o Malacoda ! »
Em quanto os mais ficaram no seu posto,
— « Que queres ? » — disse alguem que sai da roda.
27. E o Mestre : « — E's, Malacoda, a crer disposto
Que as ameaças vossas superasse
Para aqui vir, se por celeste gosto
28. E supremo querer não caminhasse ?
Deixa-me ir : pois a lei divina ordena,
Que eu n'esta agra jornada outrem guiasse. »
29. De Malacoda o orgulho já serena ;
Aos pés lhe cai o croque; aos mais voltado
Lhes disse : — « Este não póde soffrer pena. »
30. E o Mestre me falou: — « Tu, que abrigado
Estás entre os penedos cauteloso,
Volve a mim, do temor descaptivado. »
31. Corri para Virgilio pressuroso.
Eis os demonios todos investiram :
Rôto o concerto, pois, cria ancioso.

32. De Caprona [7] os soldados, que sahiram
A partido assim vi que estremeciam,
Quando envoltos de imigos se sentiram.
33. Nos sevos gestos seus se me prendiam
Os olhos, e a Virgilio vinculado
Os braços o meu corpo todo haviam.
34. Os croques inclinados : — « No costado
Fisguemol-o » — entre si dois proromperam.
E os outros : — « Oh! pois não! seja espetado! »
35. Ao que o Mestre falava desproveram
Palavras taes, e então bradou de pressa :
« Sê quedo, Scarmiglione ! »— Emmudeceram.
36. Depois assim nos disse :—« Andar por essa
Rocha não podereis ; jaz destruido
Todo arco sexto sem restar-lhe peça.
37. Se avante quereis ir, seja seguido
Desta borda o caminho: não distante
Está rochedo ao passo apercebido.
38. « Hontem, cinco horas mais do que este instante
Mil e duzentos com sessenta e seis
Annos houve : é então a rocha hiante. [8]
39. « Dos socios meus na companhia ireis;
Vão ver se alguem ao banho quer furtar-se.
Ide em paz ; molestados não sereis.
40. « Calcabrina, Alichino vão juntar-se
Com Gagnazzo, a decuria commandando
Barboriccia ! E não podem separar-se
41. « Droghinaz, Libicocco, d'este bando!
Graffiacane, o dentudo Ciriatto,
Farfarel, Rubicante vão marchando! »
42. « Na ronda cada qual se mostre exacto!
Sejam a salva os dois encaminhados
Da ponte ao arco até agora intacto! »
43. « Que vejo, ó Mestre! »—eu disse—«Acompanhados! »
Se sabes ir, só vamos promptamente ;
De guias taes dispensam-se os cuidados.

44. « Se tu és, como sóes, Mestre, prudente,
Não vês que os dentes seus então rangendo,
Que nos encaram com furor crescente ? »
45. « Não temas » — disse o Mestre, respondendo —
« Ranger os dentes deixa-os a seu gosto :
E' contra os que ardem lá no pez horrendo. »
46. A' sestra os dez então fizeram rosto ;
Nos dentes cada qual mostra primeiro,
Por mofa, a lingua ao cabo já disposto;
E elle trompa fazia do trazeiro.

NOTAS AO CANTO XXI

Descripção da quinta cava destinada ao castigo dos *barateiros* (officiaes publicos peitados no exercicio dos seus cargos) que estão mergulhados em lago de pez fervente. Guardam-os demonios, dos quaes Virgilio, de primeiro, afasta Dante; mas, depois de praticar com elles, obtem permissão para passarem avante. Seguem afinal o seu caminho, mas acompanhados.

1 N'esta admiravel comparação apresenta-se ao leitor a espantosa imagem d'aquelle pez ardente, em que estão mergulhados os barateiros. Dante addiciona-lhe particularidades descriptas por côres tão acertadamente distribuidas, que representam a variedade dos trabalhos, em que se empregam e afanam os operarios. Nos cinco versos finaes d'esse quadro magistral, manifesta-se tanta energia de acção, movimento tão açodado, ardor tão soffrego, que involuntariamente o leitor lembra-se do *fervet opus* de Virgilio, na certeza de que lhe não cede em perfeição a descripção dantesca.

Hillard, escriptor inglez, citado por Longfellow (trad. da *Divina Comedia*) diz acerca do arsenal de Veneza:

« Quem tiver lido Dante e fôr á Veneza, não se esquecerá de visitar o arsenal, de que o grande Poeta, para aggravar os terrores do seu inferno, deu umas d'essas vivas e pittorescas descripções, caracteristicas da pujança e arrojo do seu genio ao qual nunca fez escrupulo usar de materiaes colhidos nos incidentes da vida domestica e familia. Nas suas mãos a fervura do pez e o calafetamento dos navios exalçaram-se á dignidade poetica.

« O arsenal é, em Veneza, um dos logares que mais impressionam. O paço dos Doger e a igreja de S. Marcos symbolizam o orgulho e a opulencia; no arsenal cifrava-se a força de Veneza. Alli está a summa da sua historia em um periodo de 600 annos; alli estão graduadas as phases da sua grandeza, do mais subido pinaculo ao extremo da decadencia. Edificado sobre muitas ilhetas, estão unidas por muralhas de duas milhas de circumferencia, mostra no proprio abatimento, em que ora o vemos, quando foi o poder naval de Veneza, assim como pelo arnez de um gigante se medem as suas forças e estatura. A' entrada se veem quatro leões de marmore, trazidos do Peloponeso em 1685 por Morosini. Duas são, por sem duvida, as cousas mais antigas, que existe em Veneza; pois são contemporaneos da batalha de Marathona. Assim da altura dos seus 23 seculos podem olhar para a igreja de S. Marcos, como para uma criança recem-nascida. Os outros são animaes heraldicos, a que só por complacencia póde se dar o nome de leões. Na sua collecção de armas se deparam objectos

dignos de especial attenção, como por exemplo, o grande estandarte almirante turco, de seda carmezim, aprezado na batalha de Lepanto, em talvez tocou a mão mutilada de Cervantes. Tambem estão alli arrecadados fragmentos das galés, que concorreram para essa famosa victoria. »

Na *Edimburg Review* estampou-se em 1877 um escripto, em que se passaram em rezenha as luctas, em que Veneza arcou com a natureza e com os homens. Em algumas paginas rememora o que foi o seu arsenal. Cabe aqui sua transcripção em extracto :

« A marinha de Veneza identificava-se com o seu arsenal, cuja nome *darnaza* é de origem veneziana. Sua importancia não provinha sómente de ser o recinto destinado á arrecadação do material bellico, senão de representar a cidadella, a séde da guarnição, a praça dos exercicios militares, o estaleiro da marinha de guerra, estabelecimento comparavel á Torre de Londres, a Chatam, a Woolwich, a Portsmouth, a Plimouth. Trabalhavam alli operarios de ordem muito superior ao que se poderia suppôr pela concentração de tão variegados serviços. Constituiam os *arsenalotti* uma corporação não sómente de homens adestrados em todos os misteres da construcção naval, senão de empregados bem escolhidos, que juravam ser fieis á republica e procediam com lealdade inalteravel. D'esses defensores do Estado e guardas da ordem publica era formada a escola do Doge, a qual era presente a todas as solemnidades e apercebida para todas as eventualidades.

« O arsenal que na sua circumferencia abrangia algumas milhas, constituia-lhes (e d'isto se ufanam) morada e lar domestico; porque todos se reuniam no espaço formado pelas suas muralhas, porque alli se acolhiam as suas familias em tempo de peste, eram educados os seus filhos e na velhice deparavam asylos. Ser *figlio di l'Arzenale* bastava para recommendar á moralidade, á pureza do procedimento, á constante applicação ao trabalho. D'ahi provinha incalculavel importancia aos serviços a cargo do Estado e poderoso estimulo para todos. Recebiam elevados salarios, gozavam de grandes privilegios, que lhes inspiravam espiritos de independencia. Quando incendiou-se o paço ducal em 1574 e em 1577, seu zelo e esforço utalharam essa calamidade publica. O Senado votou avultada quantia para galardoal-os, mas nobremente recusaram-a.

« O Grande Conselho em 1574 offereceu a Henrique de Valois o espectaculo de um navio de grande capacidade, que, tendo ao meio dia prompta apenas a quilha e o seu cavername, duas horas depois cahia ao mar acabado externa e internamente. Foi verdadeira maravilha, devida a subida pericia, á ordem perfeita, á disciplina, com que se havia no trabalho uma corporação numerosa de artistas, e á coordenação de milhares de peças, minuciosa e exactamente numeradas. Não menos foi para admirar a accumulação de meios, pelos quaes em cem dias se fizeram prestes as cem galés que pelejaram em Lepanto.

« Ainda mais sobresahiam as qualidades excellentes da administração nas disposições relativas de cada repartição dos serviços publicos e na inspecção que tanto realce dava á sua exemplar organisação. Alli existiam a secção da Cordoaria, chamada Tana, a Inspecção ou administração das florestas, as grandes padarias para pão e biscouto, etc., serviços, cada um dos quaes era dirigido com esmero proporcional á utilidade esperada, isto é, o engrandecimento da armada veneziana.

« As florestas, em especial, eram para a força naval o que os ossos e os musculos são para o corpo humano, e constituiam objecto de solicitude sobremaneira vigilante. Levantavam-se planos das grandes matas da Istria, tão restrictamente exactos, como se procederia com respeito ás fortalezas e cidadellas para a defensa do Estado. Os *provveditori alle legna e boschi* juravam solemnemente que não possuiriam terrenos, nem qualquer outra propriedade visinha ás florestas, n'uma zona de cinco leguas. Nas provincias, cidades e aldeias encommendava-se rigorosamente aos agentes publicos a conservação

das matas, a tal ponto que se punia com severidade, sem appellação nem aggravo, a derrubada de uma arvore, sequer. Era tal o cuidado, com que se provia sobre o abastecimento de madeiras para a construcção naval, que as florestas particulares foram sujeitas á estreita fiscalização, em modo que o proprietario de dez *campos* tinha a obrigação de destinar um ao plantio do carvalho. No seculo XV publicaram-se regulamentos escriptos nos dialectos veneziano e illyrio, para dirigir a cultura e conservação d'essa arvore preciosa, designada nos documentos officiaes com a denominação de *sacro rovere*.

» No tocante ao pão e biscouto, em que os 34 fornos existentes na ilha de Santa Helena e nas cercanias dos jardins publicos abasteciam a armada, havia motivo para admiração. Era tal a perfeição com que se trabalhava, que um escriptor fidedigno (G. Cazoni) que em 1821 teve occasião de provar biscouto deixado pelos venezianos em um celleiro, que se conservara, da ilha de Candia, quando fôra rendida pelos Turcos em 1669, assevera que se achava no melhor estado e sem sabor que parecesse desagradavel. »

O notavel escriptor francez o Sr. Charles Yriarte, no seu excellente livro—*Venize*—publicado em 1878, descreveu o arsenal d'essa famosa cidade. Parte das suas observações é aqui trasladada:

» O arsenal de Veneza, tão poderoso e formidavel pela sua grandeza, visto o tempo de sua fundação, foi natural corollario do espirito commercial, assim como foi valioso cooperador da ambição dos venezianos. Saint Didier autor do livro—*A cidade e a republica*—, testemunha ocular de quanto refere, diz que em presença do arsenal se cai no entendimento do que era o poder de Veneza, assim pio da admiração de todos os estrangeiros, e accrescenta:—E' o alicerce, em que se estribam todas as forças do Estado.

» Os turcos, inimigos tremendos e persistentes da republica, que muitas vezes a levaram a risco imminente de ruina, não desviam a sua mais profunda attenção d'esse estabelecimento, então unico no mundo. Quando os gran-vizires recebiam em audiencia os embaixadores de Veneza, interrogavam-os curiosos sobre a sua organização, poder e recursos. Os estrangeiros, que visitavam a cidade, corriam ao arsenal para contemplar a sua ordem maravilhosa, a desmedida grandeza das suas proporções. Era representação material da força moral de Veneza, o symbolo do seu poder, a origem da sua riqueza. Via-se alli em permanente actividade o prodigioso emprego dos meios militares, os inexhauriveis recursos de uma nação que firmára as forças da sua vitalidade na construcção e conservação de uma armada desproporcionada ao seu territorio dominando, porém, as aguas, até ao littoral do archipelago...

» Em vão os seus competidores porfiaram mais de um seculo por alcançar meios de acção, que os habilitassem a possuir navios capazes de se opporem aos venezianos; mas afinal os Genovezes, que eram grandes navegantes e temiveis inimigos, e os Hespanhóes e os Turcos poderam armar frotas, que entravam em lucta. No entanto, a superioridade dos venezianos continuava, consistindo na artilharia; pois é certo que em todas as pelejas navaes, em que venceram, deveram-o ao acerto da pontaria dos seus bombardeiros.

» Arruinar o arsenal foi muitas vezes tentado pelos inimigos de Veneza; e por isso a vigilancia era incessante da parte de uma numerosa guarda, composta de homens escolhidos, que velavam nas torres quadradas, no recinto fortificado. Ao tempo das guerras com os Genovezes e Turcos, espias e emissarios pagos pelos inimigos tentaram incendiar o arsenal.

» No fim do seculo XV alli trabalhavam 1.600 officiaes calafates, carpinteiros, pintores; compunham-se as tripolações de 36.000 marinheros. Em 1491 instituiu o Senado uma magistratura especial com a denominação de Provedores do Arsenal.

» Havia uma só entrada para o arsenal: quem não penetrasse alli pelo portão que se abria para a praça em frente, sómente o conseguiria subindo pelas altas muralhas. Os operarios eram admittidos depois de escrupulosa escolha, e por isso a republica tanta fiança fazia na sua fidelidade, que lhes commetia

a guarda do Grande Conselho e Senado. Serviam como artistas e soldados tendo organização militar. Em muitas occasiões esmou-se o numero d'essas praças em 10,000 e subiu a 16,000. O governo de Veneza tinha aquelle corpo em fôro do mais estavel elemento da sua segurança.

« Abrangia o arsenal tres divisões: construcção, armamento, artilharia. Em construcção, era unica a pericia dos venezianos entre todos os povos, primados que se explicava pela excellencia dos operarios e pela qualidade superior das madeiras.

« Os fundidores do seculo XVI eram dirigidos pelos celebrados irmãos Alberghetti, que formaram escola. Verdadeiros artistas, sabiam dar a todas as suas obras o distinctivo da preeminencia. D'esta arte extremada em seus productos, resultou que todas as peças de fabrica veneziana, que hoje em dia se acham nos museus e collecções de artilharia na Europa, assignalam — como obras-primas, não tanto pela fundição, aliás muito para notar, quanto pela fórma. . .

« As peças de que se compõe uma galé estavam nos vastos depozitos em grande quantidade, lavradas e apparelhadas de modo que podessem entrar na construcção immediatamente. Era tal a ordem preestabelecida, que no dia em que o Rei de França, Henrique III, visitou o arsenal em 1574, ao tempo em que se lhe offerecia um banquete, construiu-se e lançou-se ao mar uma galé, no espaço de duas horas. Quando urgiam as circumstancias politicas, transcendia a actividade a quanto imaginar-se possa : por occasião da Alliança coroada pela victoria de Lepanto, cada dia, no decurso de cem, sahiu prompta do arsenal uma galé nova. »

[2] *Malebranche* significa litteralmente *garras-más*, appellido dos demonios mencionados n'este canto.

[3] Santa Zitta, padroeira da cidade de Lucca. Tem-se conservado o seu corpo na igreja de S. Frediano, n'uma capella da nobre familia dos Fatinellis, a cujo serviço, diz a tradição, que a mesma santa em vida se empregara. Lê-se no *Ottimo:*

« Nas cidades da Toscana chamam-se Anciões certos empregados eleitos pelos habitantes, encarregados especialmente de velar sobre a administração commettida aos regedores *forasteiros* e impedir as tropelias dos poderosos : *Anciões* importa o mesmo que senadores. O condemnado, de quem se trata, estava a esse tempo no exercicio do cargo e falleceu de repente. O autor diz Santa Zitta pela igreja em que é venerada : toma-se a igreja por toda a cidade; é o continente pelo conteúdo. Santa Zitta foi pessoa de muito boa vida e fez varios milagres em Lucca. Sabem-o os Luquezes. »

O peccador referido era Martino Bottai, chefe de partido em Lucca.

[4] Bonturo Bonturi, da familia dos Datis, o mais imprudente dos barateiros de Lucca. O Poeta fala ironicamente.

[5] *Del* NO *per li denar, vi si fa* ITA. — Costumava-se antigamente nos instrumentos publicos escrever a palavra latina *ita* (assim) como signal de affirmação, e *non* como signal de negativa, do modo seguinte : *nõ, ita*. Os falsificadores de escripturas convertiam o *nõ* em *ita*, collocando um ponto sobre a primeira perna do *n*, cortando com uma perpendicular o signal de abreviatura sobreposto ao *n*, com a segunda perna do qual formavam um *t*, e juntando ao *o* uma curva que o mudava em *a*.

[6] *Santo Volto*.—Effigie de Jesus Christo, venerada na cathedral de Lucca, ha muitos seculos, objecto de culto para os habitantes e até representado no cunho de algumas de suas moedas. Era tradição que os anjos haviam-a tirado pelo natural.

[7] Caprona, castello, que pertencera á Pisa : demorava em posição estrategica, na confluencia do arroio Zambro com o Arno. Os de Lucca em numero de 400 de cavallo e duzentos *pedoni* florentinos venderam-o em 1289. A' essa facção esteve Dante presente : 25 annos era a sua idade. Segundo refere Benvenuto de Imola, a guarnição, que se deu a partido, constrangida pela absoluta falta de agua, desfilando por entre os soldados do exercito guelfo, ouvia tomada de terror as ameaças da multidão, que gritava : *Enforquem-os ! Enforquem-os !* — O conde Guido, n'essa occasião, para evitar que os Gibelinos, dispersando-se, não fossem assassinados pelos camponezes, ligou-se entre si por uma corda e assim mandou conduzil-os até ás fronteiras, onde já não corriam perigo.

[8] Dois factos aqui se mencionam : o terremoto, se que seguiu ao passamento do Redemptor, e ser o anno de 1300 aquelle em que finge Dante haver emprehendido a viagem sobrenatural, que narra na *Divina Comedia*. Tendo-se realizado a Paixão de Christo aos 34 annos da sua idade, segundo affirma Dante no *Convito* (IV, 23) subtrahindo-se este algarismo de 1300 restam precisamente 1266. Diz o *Convito* (loc. cit.) textualmente :

« E muovemi questa ragione che ottimamente naturato fù il nostro Salvatore Christo, el quale volle morire nel trinta quattresimo anno della sua etade ; chè non era convenevole la Divinicta stare cosi in dicrescione ; nè da credere è ch'egli non volesse dimorare in questa nostra vita al sommo, poi che stato ch'era nel basso stato della puerizia. E ciò ne manifesta l'ora del giorno della sua morte, che volle quella consimigliare colla vita sua ; onde dice Lucca ch'era quasi ora sesta, quando morio che è a dire lo colmo del dì. »

[9] Os nomes dos demonios significam litteralmente : *Malacoda*, cauda-má ; *Scarmiglione*, mal penteado; *Alichino*, aza-baixa ; *Calcabrina*, piza-neve ; *Cagnazzo*, focinho de cão ; *Barbariccia*, barba-ruiva ; *Libicocco*, lybiano ; *Draghignazzo*, dragão-lelo ; *Ciriatto*, porcalhão ; *Graffiacana*, esfola-cães ; *Farfarello*, duende, e *Rubicante*, vermelhaço.

Um dos commentadores diz que Dante quiz representar n'esses demonios, por actos e palavras, os esbirros da Italia ; e accrescenta que é possivel tivesse o Poeta, nas suas peregrinações, occasião de desgostar-se do procedimento de alguma quadrilha d'essa especie.

CANTO XXII

1. MARCHAR vi cavalleiros á peleja,
Travar lucta, enleiar-se no combate
E até pedir á fuga que os proteja ;
2. Em vossa terra esquadras dar reba'e
Vi, Aretinos ; vi as cavalgadas,
Torneios, juntas no mavorcio embate,
3. De tubas ao clangor, ás badaladas, [1]
Com signaes de castellos,[2] de tambores,
Com artes novas ou entre nós usadas :
4. Não vi mover peões, nem corredores,
Nem baixeis, que regula a terra ou estrella,
De igual clarim aos sons atroadores.
5. Com dez demonios (que campanha bella ?)
Partimo-nos, porém rezar com santo,
Urrar com lobos discripção revela.
6. Minha attenção no pez se engolpha, emtanto,
Por saber quando encerra a negra cava,
Alli quem pena, quem derrama pranto.
7. Como o delphim, que da tormenta brava
O nauta avisa, o dorso recurvando,
Presagio do mau tempo, que se aggrava.

8. Um linitivo á pena, assim, buscando,
Mostrava o tergo algum dos condemnados,
Qual relampago, logo se esquivando.
9. Como á borda de charcos enlodados
A fronte deixa á ran ver da agua fóra,
Pernas e corpo tendo resguardados:
10. Assim no pez a gente peccadora.
Mas, Barbariccia proximo já sendo,
Na resina se esconde abrazadora.
11. Eu vi (e ainda agora estou tremendo!)
Em cima retardar-se um desditoso,
Qual ran, que fica, as mais desparecendo.
12. Perto alli stava Graffiacane iroso:
Fisgou-o na enviscada cabelleira,
E alçou, qual lontra, ao ar o criminoso.
13. Sabia os nomes da caterva inteira;
Ouvindo-os, attentei nos escolhidos:
Distinguil-os podia de carreira.
14. « Eia! Depressa os teus ferrões compridos
No costado lhe crava, ó Rubicante! »
Os demonios gritaram-lhe incendidos.
15. « O' Mestre » — disse — « inquire insinuante
Quem seja aquelle misero e mesquinho
Que em mãos cahiu da turba petulante. »
16. Moveu-se o Mestre e, á cava já visinho,
Perguntou-lhe em que terra elle nascera.
— « Em Navarra » [3] — tornou-lhe — eu tive o ninho.
17. « De um fidalgo ao serviço me pozera
Minha mãe, quando o pae meu devastara
Fazenda e a propria vida com mão fera.
18. « D'El-rei Thebaldo [4] eu na privança entrara:
Vendia os seus favores fraudulento:
Soffro a pena do mal, que praticara.»
19. Então os dentes lhe cravou cruento,
De javardo quaes presas, Ciriatto:
Armam-lhe a boca, servem de instrumento.

20. Nas mãos de imigo seu cahira o rato:
Barbariccia, entre os braços o estreitando,
—« Alto ! » — lhes diz — « A mim cabe o seu trato. »
21. E o rosto para o Mestre meu voltando,
Falou : — «Pergunta, se ainda mais desejas
Antes que o tenha lacerado o bando. »
22. « Algum dos peccadores, com quem stejas »
Virgilio interrogou — « Latino ha sido ? »
Tornou : — « Vou contentar-te no que almejas.
23. « No pez deixei alguem por tal havido...
Ah! não temera, estando lá coberto,
Ser de unhas e farpões ora ferido. »
24. » E' demais ! » — Libicocco diz, que perto
Estava; e um braço ao triste dilacera,
Do croque ao golpe, aquelle algoz experto.
25. A's pernas Draghignaz tambem quizera
Do misero investir : o cabo iroso
Accesos olhos volve e os dois modera.
26. Cessa um pouco o rumor e pressuroso
Pergunta o Mestre áquella sombra afflicta,
Que do golpe olha o effeito doloroso :
27. « Quem foi essa alma, como tu prescita,
Que, por vires á tona, has lá deixado ? »
Responde o peccador : — « Foi Frei Gomita [5]
28. De Gallura, nas fraudes consummado
Que do seu amo a imigos poupou damno,
E, traidor, foi por elles premiado.
29. « Por ouro os deixou ir, como de plano
Confessa ; e em tudo o mais provou ter fôro
Nas tretas, ser nos dolos soberano.
30. « Miguel Zanche, o Juiz de Logodoro, [6]
Com elle ostenta, em praticas frequentes,
De crimes, em Sardenha, o seu thesouro.
31. « Ai ! vêde como esse outro range os dentes !
Iria por diante ; mas receio
Na pelle a furia dos ferrões pungentes. »

32. Attenta o cabo de olhos no meneio
Com que a ferir se apresta Farfarello.
« Vai d'ahi ! » — lhe gritou — « passaro feio ! »
33. « Se Toscanos, Lombardos tens anhelo
De ver e ouvir » — o triste proseguia —
« Traça darei, com que satisfazel-o.
34. « Suspendam Malebranche essa porfia ;
Não temam socios meus dura vingança,
Que eu, sentado, um só não, muitos faria
35. « De lá surdir, segundo a nossa usança,
Ao signal de assovio, que de ausente
Perigo ao vir á tona dá fiança. »
36. Cagnazzo alça o focinho de repente
E, abanando a cabeça, diz : — « Cuidado !
Astucia é por lançar-se ao pez fervente. »
37. Elle, que em cópia ardis tinha guardado,
Tornou : — « Subtil astucia, na verdade,
Causar aos meus tormento redobrado ! »
38. Dos outros contra o aviso, por vaidade,
Alichino lhe disse : — « Se abalares,
Não provarei de pés agilidade,
39. « Heide, voando, te agarrar nos ares.
Vamos do cimo e á riba retiremos :
Maravilha, se a tantos enganares ! »
40. Leitor, logração nova contemplemos.
Já todos volvem de outro lado a vista :
Quem mais avesso assim primeiro vemos.
41. O Navarro estudara-o como invista ;
E arrancando, de subito, ao betume
Se arroja e a liberdade então conquista.
42. Da affronta sentem todos o azedume,
Ainda mais quem motivo déra ao feito.
Gritando : — « Preso estás ! » — salta do cume.
43. Porém do medo se avantaja o effeito
Ao das azas : um baixa ao fundo presto,
No ar sustem-se o outro, alçando o peito.

44. Assim mergulha o pato na agua lesto,
Quando avista o falcão : perdida a preza,
Se torna o caçador cansado e mesto.
45. Calcabrina, da raiva na braveza,
Após o socio vôa, por ter briga,
Se a alma como deseja, vence empreza.
46. Vendo que ao fundo o malfeitor se abriga,
As garras volta contra o companheiro :
Furor á lucta sobre o lago o instiga.
47. As unhas o outro, gavião ligeiro,
Lhe crava e, entrelaçando-se espantosos,
Tombam ambos no pez, de corpo inteiro.
48. Separam o gran fervor os dois raivosos ;
Em vão, porém, subir-se pretenderam ,
Que as azas prendem borbulhões viçosos.
49. Os outros vendo o caso, se doeram :
Envia quatro o cabo diligente ;
E de croques armados accorreram.
50. De um lado e de outro chegam velozmente.
Tendem farpões aos socios enviscados,
Cozidos já n'aquella crusta ardente.
E d'esta arte os deixamos atalhados.

NOTAS AO CANTO XXII

Trata-se n'este canto dos que, valendo com os poderosos, traficavam com os seus favores. Descreve-se a punição dos condemnados. Menciona-se em especial um, que dá noticia de outros, e refere-se á astucia de que usou para enganar todos Malebranches da escolta.

1 Allude o Poeta ao *carroccio* e á *martinella*, que representavam importantissimo papel nas expedições militares e batalhas, em que Florença e outras cidades da Toscana guerreavam n'aquelles tempos.

O illustre e erudito historiador de Florença, o Sr. Perrens, dá cabal noticia do *carroccio* e *martinella*, nos termos seguintes:

« Dependia de Florença o castello de Montemurlo, que era para Pistoia permanente perigo, comprado por esse motivo pelos Florentinos aos condes Guidi, mas ainda não entregue aos seus novos possuidores. Os seus habitantes que muito se arreceavam de Pistoia, estavam assim sob a protecção florentina, que se manifestou defendendo áquella cidade que lhes causasse qualquer vexame ou aggressão. Os de Pistoia, porém, fizeram retraço da intimação e para mais ao claro significarem o seu menospreço, collocaram na alta torre de Carmignano dois braços de marmore voltados para a banda de Florença, em cada um dos quaes o pollegar se interpunha aos dedos index e annular, o que se chamava *farle-fiche* e se havia por grande injuria e desafio. Florença, para desafronta, chamou ás armas as suas milicias, fez-se prestes para entrar em campo com todo o seu poder. Então, pela primeira vez, como dizem os historiadores, usou do sino communal e do celebrado *carroccio*, facto mais notavel do que o proprio commettimento e caracteristico das instituições militares dos Florentinos.

« Em declarando guerra soiam correr um sino que tangia incessantemente noite e dia, por espaço de um mez, para chamar os cidadãos ás armas e ao mesmo tempo avisar os inimigos de que se deviam aperceber para a defensa, singular imitação aos costumes cavalleiros, feita por um povo de mercantes. *Martinella* era o nome do tal sino, que tambem chama-se *campana delli asini*. Estava suspenso na parte central da cidade, ao arco da porta de uma capella, Santa Maria del Mercato Vecchio. Quem não comparecia áquelle envite encorria em deshonra, pagava pezadas multas, como traidor á patria. Ao cabo de um mez marchavam as tropas.

« Então a *Martinella* pendente de uma viga, n'uma especie de castello de madeira, era transportada em um carro posto na vanguarda: o seu serviço era dirigir o exercito nos seus movimentos por meio de bellicosas badaladas.

« O carro da *Martinella* era antecedido pelo *Carroccio* como imagem ambulante da cidade, de que usavam os Lombardos e que Florença imitava. Na Lombardia, já de muitos seculos, os frades, ao tempo da ceifa, conduziam um carro do alto do qual uma sineta convidava os vassallos a comparecer para pagamento dos tributos. Os Florentinos innovaram separando o que os Lombardos juntavam. O *Carroccio* tinha quatro rodas e compunha-se de vigas de carvalho travadas por barras de ferro, pintadas de vermelho. Tirava-o uma junta de bois, que, afóra aquella occasião, a nenhum trabalho differente eram applicados e como animaes sagrados, tinham especial tratamento no hospicio de Pinti. Os seus conductores gozavam do privilegio de não pagar impostos. Na plataforma do carro, onde havia espaço para celebrar-se missa e até pelejar, levantavam-se dois mastros vermelhos, como tudo o mais, em cujo tópe desfraldava-se a bandeira branca e vermelha, côres de Florença e Fiesole.

« No dia aprazado para a expedição, *Carroccio* trazido de San Pier Scheraggio ou de San Giovanni, onde successivamente foi arrecadado, era pomposamente conduzido ao Mercato Nuovo. Alli esse palladio prosaico passava a ser guardado pelos mancebos mais robustos e esforçados, que obedeciam a um cidadão assignalado na militança e chamado capitão do *Carroccio*. Tangiam as trombetas acompanhando o *Carroccio*, onde ia um padre para administrar aos feridos os soccorros espirituaes. Onde fazia alto, ahi estanceavam o commandante e o seu quartel general, davam-se as ordens para a peleja, estava o centro dos movimentos, o pião do ataque e defensa, por que o *Carroccio* era o trophéo de triumpho para os que o tomavam. O inimigo vencedor levava-o em procissão de mastros abatidos, arrastando na lama os seus arreios. Depois, entregue ao povo, era coberto de immundicias. Ao mesmo passo alardeava solemne e ostentosamente o seu proprio, tão reverenciado, quando o outro escarnecido. »

[2] Nestes *signaes de castellos* patenteam-se indicios de ser já conhecido, no tempo de Dante, o uso dos telegraphos opticos, se bem que tal nome não fosse attribuido então á combinação de signaes para correspondencia de logares entre si distantes. Já no canto VIII *signaes* tambem se deparam feitos com fogos em torres de Dite, a cidade infernal. Estes dois passos da *Divina Comedia* demonstram que muitos seculos antes de ter-se feito em França applicação d'esse admiravel invento, já se conhecera a necessidade e conveniencia de similhante modo de communicação. D'esta verdade escriptores da idade anterior á de Dante, se não os de remota antiguidade, na qual os tempos modernos têm achado a origem de muitos dos mais importantes descobrimentos de arte e sciencia.

[3] Ciampoli, ficando em indigente orphandade por effeito das prodigalidades de seu pae, entrou para o serviço de um fidalgo da côrte de Thibault ou Thebaldo, Rei da Navarra. Conseguiu insinuar-se na privança d'esse principe; mas abusou do seu valimento commettendo actos vergonhosos.

[4] Thebaldo ou Thibault, fallecido a 8 de junho de 1233, comprometteu-se a fazer parte da Cruzada e partir para a Terra Santa; mas depois, como offendeu direitos e privilegios da Igreja, viu seu reino sujeito a interdicto por espaço de trez annos. Este Rei era dotado de eminentes qualidades, e recommendou-se em especial pelo pendor para as bellas-artes e aprimorou-se como poeta e musico. As suas poesias, escriptas em francez, foram dadas á estampa em 1742, sob o titulo de—*Les poésies du roi de Navarre*. Dante cita versos seus no tratado *De vulgari eloquo*: no liv. I c. 9, a proposito da palavra *amor*:

De fin amor si vient sen et bonté;

e no liv. II cap. 6: «

Dreit amor qu'en mon cor repaire.

Frei Gomita foi encarregado por Nino dei Visconti de governar Gallura, uma das jurisdicções em que estava dividida a Sardenha. Mas abusou do cargo, traficando com as funcções, que lhe estavam commettidas, praticando fraudes e immoralidades. Refere-se que, tendo em seu poder inimigos irreconciliaveis do seu patrão, peitado por elles, deixou que se evadissem. V. o canto XXXIII do *Inf.* e o c. VIII do *Purg.*

Dom, titulo honorifico na Sardenha á similhança do que se usa em Portugal e Hespanha.

Miguel Zanche era mordomo de Enzo, filho natural do Imperador Frederico II, Rei da Sardenha. Fallecendo este, conseguiu, por meios fraudulentos, casar-se com a viuva, Adelasia, e assim apossou-se de Logodoro, pertencente ao patrimonio d'aquella senhora.

E' mencionado tambem no c. XXXIII.

CANTO XXIII

1. Em silencio, a companha má deixada,
Seguiamos, após um do outro andando,
Como frades menores em jornada.[1]
2. Meu pensamento á rixa se voltando,
A fabula de Esopo [2] relembrava,
Em que ao rato arma a ran laço nefando.
3. Se aquelles casos dois eu confrontava,
Como *issa* e *mo*, iguaes me pareciam,[3]
Quando o principio e fim seus recordava.[4]
4. E, como os pensamentos se associam,
Outros logo d'aquelle me brotaram,
Que em dobrado temor a alma envolviam.
5. Pensava :—esses demonios que passaram,
Por causa nossa, tal vergonha e damno,
Do facto certamente se anojaram.
6. Se a maldade aggravar rancor insano,
Elles no encalço nos virão ferozes,
Qual cão, que a lebre aboca emfim no plano.
7. Aguardando os horrificos algozes,
Arripiam-se as carnes e o cabello.
—« O' Mestre meu, as garras temo atrozes ! »

8. Exclamo :—« Ache depressa o teu desvelo
Para nós contra o bando amparo e abrigo.
Após os passos nossos cuido vel-o. »
9. « Se espelho eu fôra, a imagem tua, amigo,
Tanto não reflectira claramente,
Quanto as idéas na tua alma sigo.
10. « Agora iguaes me estão surgindo á mente,
Concordes tanto nas feições, em tudo,
Que um parecer entre ambos ha sómente.
11. « A' dextra inclina a encosta, ou eu me illudo :
Por lá baixando á mais visinha cava,
Teremos contra assaltos seus escudo. »
12. Não acabava, quando a turba prava
Assoma : de azas pandas se enviando
Contra nós, não mui longe a divisava.
13. De subito nos braços me tomando,
Qual mãe, que, ao despertar, se vê cercada
De furiosas flammas, e, apertando
14. Ao seio o filho, foge accelerada,
E ao pudor veus esquece angustiosa,
Só por salvar aquella prenda amada :
15. Lá do cimo da riba alta e fragosa
Resvala o Mestre pela penha dura,
Muralha de outra cava tenebrosa.
16. Agua não corre mais veloz da altura
Por canal a impulsar de engenho a roda,
Quando, visinha aos cubos, se apressura,
17. Do que a descer o Guia meu se açoda,
Como a filho estreitando-me ao seu peito,
Não como a companheiro a quem se engoda.
18. Da cava apenas attingira o leito,
Quando ao cimo os demonios se mostraram :
Mas de iras suas mallogrou-se o effeito.
19. Por lei da providencia terminaram
Funcções, que exercem na caverna quinta,
Toda a vez que o recinto seu deixaram.

20. Gente, que de brilhante côr se pinta
Vemos, que a tardo passo em torno andava :
Chorara e em forças parecia extincta.
21. Capa e capuz trazia, que occultava
Seus olhos, d'essa fórma de vestidos
De Colonia entre os monges mais se usava. [5]
22. De ouro por fóra, dentro guarnecidos
De chumbo : comparando a pezo tanto,
De palha os de Fred'rico eram tecidos. [6]
23. Por toda a eternidade, ó duro manto !
Com taes almas, á sestra, caminhamos,
Attentos escutando o triste pranto.
24. Tantoas opprime o pezo, que as passamos
No lento caminhar ; e a cada instante
De nova companhia ao lado estamos.
25. « Mostra-me » — eu disse ao Guia, supplicante —
Algum por nome ou feitos afamado ;
Busca, sem te deter, Mestre prestante ! »
26. Tendo vozes toscanas escutado,
Um atraz nos gritou : — « Cessai da pressa,
Com que ides a correr pelo ar cerrado !
27. « Cousa talvez direi, que te interessa. »
Volta-se o Mestre e diz-me : — « Agora espera ;
Para o passo igualar-lhes não te apressa. »
28. Cessando, vejo um par que se accelera ;
Seus gestos dizem que acercar-se aspiram,
Mau grado a estrada e o pezo, que os onera.
29. Aquelles dois, já proximos, remiram
Com vesgos olhos, sem falar, meu rosto ;
Depois entre elles vozes taes se ouviram :
30. « O que respira ainda em vida é o posto ?
Se mortos ambos são, por que motivo
Da plumbea capa evadem-se ao desgosto ? »
31. E disseram : — « Toscano, que, inda vivo,
Vens de hypocritas ver o gremio triste,
Dizer quem sejas, não recusa esquivo. »

32. « Nasci na gran cidade, á qual assiste
Com suas bellas margens o Arno ameno,
E o corpo, em que hei crescido, lá persiste.
33. « Quem sois que da afflicção tanto veneno
Na face amargo pranto denuncia ?
Qual penar tendes de esplendor tão pleno ? »
34. « Tanto chumbo se encobre » — um me dizia —
« D'estas capas sob o ouro, que oscillamos,
Qual balança, que ao pezo hesitaria.
35. « De Bolonha e Godente, [7] nos chamamos
Um Loderigo e o outro Catalano :
Juntos ambos Florença governamos.
36. « Porque ficasse a paz livre de damno.
Em vez de um regedor ; do que hemos sido
O Gardingo [8] dá prova e desengano. »
37. « O' irmãos »—comecei—« o mal nascido...»
Atalhei-me : jazendo um condemnado
Com puas tres em cruz via estendido.
38. Em vendo-me estorceu-se angustiado,
Altos suspiros arrancou do peito.
Catalano acercou-se apressurado.
39. « Este »—disse—« que geme em duro leito,
Que a um homem déssem morte aconselhara
Aos Phariseus, do povo por proveito. [9]
40. « Atravez do caminho é nú, repara :
De quem passa, d'esta arte, elle conhece
O pezo, quando por calcal-o pára.
41. « Igual martyrio o sogro seu padece,
Assim como cada um d'esse concilio,
Semente p'ra os Judeus de horrenda messe.[10] »
42. Maravilhar-se então mostrou Virgilio,
Posto em cruz o prescito contemplando
Com tanto opprobrio lá no eterno exilio.
43. Voltou-se a Catalano assim falando :
« Dizei, se assim vos praz e é permittido,
Se á direita ha vereda, onde, passando,

44. D'este recinto vamo-nos temido,
Sem que os anjos perversos obriguemos
Caminho a nos mostrar não conhecido. »
45. Tornou : — « Mais perto do que julgas temos
Rochedo, que , do muro se estendendo,
Dá ponte a cada val, em que gememos.
46. « Este não cóbre, outr'ora se rompendo;
Mas subir podereis pela ruina,
Que do declive ao fundo se está vendo. »
47. Ouvindo, o Guia um pouco a fronte inclina
E diz : — « Bem más explicações nos dava
Quem tanto os peccadores amofina. »
48. Logo o frade: « Em Bolonha me constava
Que o demonio, entre os vicios com que ostenta,
De ser pae da mentira se ufanava. » [11]
49. A passo largo o Mestre já se ausenta ;
Ira ressumbra o rosto carregado.
Deixa a turba, que em capas se atormenta,
As pegadas seguindo-lhe apressado.

NOTAS AO CANTO XXIII

Na sexta cava apresentam-se os hypocritas, que andam revestidos de capas e capuzes de chumbo e exteriormente dourados. Fala o Poeta com Loderigo e Catalano, frades *godenti*. Antes de entrarem na cava, Dante e Virgilio são perseguidos pelos Malebranches; mas Virgilio salva do perigo o seu companheiro.

[1] Era talvez costume dos frades Menores da Ordem Franciscana, no tempo de Dante, andarem em viagem um após outro.

[2] Na fabula, a que se refere o poeta, uma ran, querendo afogar um rato para comel-o, offereceu-se traiçoeiramente para carregal-o ás costas na passagem de uma lagôa. Ao tempo, em que a ran ia mergulhar com a sua carga, sobreveiu um milhafre e os devorou.

[3] *Mo* e *issa*, palavras, que significam *agora*. Modo é syncope do adverbio latino *modo; issa* de *ipsa*. Suppõe-se, talvez com melhor fundamento, que deriva-se de *issamente*, vocabulo provençal. Benvenuto de Imola diz que os Toscanos usam de *mo*, os lombardos de *issa*.

[4] O principio foi a má tenção, que tinha Calcabrina contra Alichino,—a ran contra o rato; o fim consistiu — serem a ran e o rato devorados pela ave de rapina, — cahirem no pez e ficarem enviscados os dois demonios.

[5] Os frades de Colonia, cidade da Allemanha, usavam de capas e capuzes muito largos.

[6] Diziam Guelfos, contemporaneos do Imperador Frederico II, que este Monarcha punira os traidores e outros criminosos de lesa-magestade, mandando envolvel-os em grossas laminas de chumbo e deital-os em tachos, por baixo dos quaes ardiam fogueiras. Foi simplesmente uma tradição, que teve origem na má vontade dos inimigos do Imperador; por quanto não é abonada por nenhum escriptor autorizado. Alludindo a este conto, diz o Poeta que os capuzes e capas, que revestiam os hypocritas condemnados n'este canto, eram tão desmarcadamente pezados, que, em comparação os inventados por Frederico, pareceriam tecidos de palha.

[7] O erudito historiador moderno de Florença, o Sr. Perrens, refere-se ao seguinte modo aos Frades Folgazões:

« Havia então na Italia uma ordem, em parte religiosa em parte militar denominada dos Cavalleiros ou Frades de Santa Maria, confirmada e regulada em 1261 pelo papa Urbano IV. Eram talvez os de Fra Pietro di Verona, que, se retirando de Florença, transformaram-se e reformaram-se. Determinava a sua regra que fossem nobres por geração, da parte de pae e mãe. Trajavam tunica branca e manto cinzento com uma cruz e estrellas vermelhas sobre o peitoral branco, luvas de couro ou lan e insignias militares, escudo, elmo e esporas de ferro. Observavam os jejuns da Igreja, abstinham-se de carne na 2ª e 4ª feira, de lacticinios e ovos na 6ª, de toucinho e sangue no sabbado. Liam se sabiam ler, o officio de Nossa Senhora; os analphabetos repetiam 59 vezes o *Pater Nostre e Ave Maria*. Eram admittidos na ordem os casados com o consentimento de suas mulheres. Estas entravam então para conventos, onde vestiam habitos cinzentos ou brancos e mantos de pelle de carneiro com orlas brancas. Ainda mais obrigatorio lhes era este reconhecimento, quando os maridos, como conversos ou *terziarii*, alcançavam licença para continuar a residir em suas casas.

« O fim da instituição, segundo refere Villani, era defender orphãos e viuvas, intervir nos pleitos, conciliar animos discordes. Devendo assim viver no seculo, os Frades de Santa Maria estavam dispensados de austeridades monasticas, bem como de fintas e impostos, viviam nos deleites e luxo e sómente pelo habito e ocio eram religiosos. E, pois, a denominação de *fratri gaudenti* ou *godenti* (*frates gaudentes ou frades folgazões*,) dada de primeiro sem malicia, os qualificou como homens de vida airada e jovial. O povo, encarecendo a jocosidade, os appellidava *Caponi di Christo*.

« D'essa ordem singular, que, na regra, se assimilhava aos Agostinhos e nos desmandos aos Templarios, Guido Novello, no intuito de conciliação dos partidos, tirou dois *podestâs*: formaram Catalano di Malvolti e Loderigo di Andalo. O segundo, posto que fosse casado, era havido por um dos fundadores da confraria e se fizera conhecido em igual cargo politico nas cidades gibelinas de Modena, Siena, Faenza, Pizza e Reggio. Catalano, antes de envergar o habito de *frate guadente*, fôra *podestâ* em Placenza e se commendara á estima publica. A escolha do dominador de Florença parecia firmar-se em bons fundamentos. Approvou-a Clemente IV; sob o aspecto politico viu no facto um symptoma de restauração dos Guelfos. Tinha para si que cavalleiros de uma ordem religiosa haviam de proceder na conformidade dos alvitres e desejos da Santa Sé. Exhortou-os, pois, a acceitar o cargo, em carta na qual lhes dizia:— « Não deserta da religião, sustenta-a, conforta-a quem se emprega no governo das cousas deste mundo conformando-se com as ordens de quem tem direito para mandar, quando se procede não por amor, senão por obediencia, em pról do proximo.

« Guido Novello viu o perigo, mas não poude tornar atraz, pois era mister sacrificar parte do poder para não perdel-o de todo. Empossados os dois *podestâs* no paço na Badia, deu-lhes por conselheiros trinta e seis *buoni uomini*, eleitos de entre os mercadores mais notaveis, artifices e populares das duas parcialidades, guardando o seu systema de equilibrio, assim no deliberativo, como no executivo. Mallogrou-se, porém, o seu proposito pela força das paixões e logica dos interesses. Esperava que se não concertassem os *fatri gaudenti*; mas ao revez vieram a accordo, para extorquir aos Florentinos a maior somma de dinheiro possivel. Os *buoni uomini* deslembraram tambem as dissensões Guelfas e Gibelinas: e sómente endereçaram os seus esforços ás conveniencias communs dos mercadores e artesanos. Não só coadjuvavam os *podestâs* nas suas requisições; mas tambem diliberavam diariamente na *loja* dos consules da Calimala, Mercato-Nuovo...

« O partido mixto e moderado, que por então influia em Florença, vendo que os *frati gaudenti* eram alvo do escarneo publico por serem frades casados

e incorriam no odio e na impopularidade, como magistrados ineptos, desidiosos e incapazes, deu-lhes a dispensa, que por vezes hypocritamente solicitavam do cargo, em que estavam enriquecendo. Nos ultimos dias de dezembro de 1266, Loderigo e Catalani ainda exerciam as suas funcções; mas por esse tempo desappareceram da scena, onde representaram papel, que não abonou nem a sua probidade, nem a sua energia...

« Loderigo falleceu em 1293, Catalani em 1285. »

[8] Gardingo, bairro de Florença, habitado principalmente por gibelinos, cujas casas, em especial as dos Ubertis, foram incendiadas pelos guelfos.

[9] Caiphás. « Mas um dos phariseus por nome Caiphás, que era o pontifice d'aquelle anno, disse-lhes: — Vós não sabeis nada, nem consideraes quey os *convem que morra um homem pelo povo e que não pereça toda a nação.* (S. João. Ev. cap. XI)

[10] Annás, sogro de Caiphás.

[11] Ev. de S. João, cap. VII: « Vós sois filhos do diabo, e quereis cumprir os desejos de vosso pae; elle era homicida desde o principio e não permaneceu na verdade, porque a verdade não está n'elle; quando elle diz a mentira, fala do que lhe é proprio, porque é mentiroso e pae da mentira. »

CANTO XXIV

1. N'AQUELLA parte do anno incipiente, [1]
Em que as comas do sol se fortalecem
No Aquario e a noite iguala o dia ausente,
2. Quando as geadas matinaes parecem
Da alva irman figurar a imagem pura,
Mas taes feições em breve se esvaecem.
3. Campino, que a indigencia já tortura,
Ergue-se, e vendo o prado embranquecido,
No coração calar sente a amargura.
4. Torna ao tugurio e carpe-se abatido,
Como quem toda a esp'rança já perdera;
Mas, vendo em breve o campo estar despido
5. Do triste manto, o alento recupera.
Revigorado então, corre ao cajado
E as ovelhas ao pascigo accelera.
6. De temor me senti, d'essa arte, entrando
Do Mestre merencorio ante o semblante;
Mas logo ao mal foi balsamo applicado.

7. A' ruina chegamos: n'esse instante
Virgilio volve aquelle doce gesto,
Que eu da collina ao pé vira offegante.
8. Reflecte um pouco, o estado manifesto
Da rocha examinando: eis-me, estendendo
Os braços, resoluto ergueu-me presto.
9. Como aquelle que uma obra entre mãos tendo,
Logo n'outra tarefa põe o intento,
N'um rochedo Virgilio me sostendo,
10. Já de outro acima me avisava attento.
« Mais alto agora sóbe »—me dizia—
« Vê se a rocha está firme ! Toma tento ! »
11. De capa alli ninguem transitaria;
Pois nós, leve e eu sempre transportado,
Subiamos a custo a penedia.
12. Se mais alto o declive do outro lado
Não fôra do que esse outro, em que ora estamos,
—D'elle não sei—ficára eu lá prostrado.
13. Que Malebolge inclina-se notamos
A' boca enorme do profundo poço;
As encostas, são taes —exp'rimentamos—
14. Que uma é baixa, outra excelsa em cada fosso.
Vimos, emfim, do tópo á roca extrema,
D'essa ruina ao ultimo destroço.
15. Lá chegado, afan tanto o peito prema,
Que avante um passo dar eu mais não pude ;
Sentei-me então na inanição suprema.
16. «Eia ! toda a franqueza em ti se mude ! » [2]
Em ocio «—disse o Mestre—» ou sobre a pluma
Premios ninguem conquista da virtude.
17. « Aquelle que a existencia assim consuma,
Tal vestigio de si deixa na terra,
Como o fumo no ar e na agua a espuma.
18. « Ergue-te, pois ! Torpor de ti desterra !
Recobra o esforço que os perigos vence !
Impere alma no corpo em que se encerra !

19. « Que vais subir muito alto a mente pense ;
D'esse abysmo não basta haver sahido.
Será teu pról, se a minha voz convence. »
20. Alço-me então, mostrando-me impellido
De alento, que não tinha; e ao Mestre digo:
« Avante ! Forte já me sinto e ardido ! »
21. Pela rocha asperissima prosigo
Mais estreita, inda menos accessivel
Que a outra: os passos de Virgilio sigo.
22. Por provar-me ás fadigas insensivel
Falando andava. Eis ouço de outra cava
Resoar voz bem pouco perceptivel.
23. O que disse não sei, posto me achava
Da ponte sobre a parte culminante ;
Mais parecia iroso quem falava.
24. Curvei-me para ver no fosso hiante,
Mas alcançar não pude o fundo escuro.
Ao Mestre disse então: « Se apraz-te, avante
25. Passando, desceremos d'este muro ;
D'aqui ouço uma voz, mas não a entendo;
Fito os olhos, mais nada me afiguro. »
26. « Respondo aos teus desejos, accedendo ;
Que o pedido discreto assim declaro
Se cumpre, não falando, mas fazendo. »
27. Fomos da ponte á parte, d'onde é claro
Que se vai ter á ribanceira oitava :
Ficou patente a cava ao meu reparo.
28. De serpes tal cardume se enroscava,
Horrificas na infinda variedade,
Que ao sangue, inda ao lembrar, terror me trava.
29. Não tenha a Lybia [3] de crear vaidade
De chersos, phares, cenchrys no seu seio
E amphisbenas tamanha quantidade.
30. Nem do mar Roxo em plagas, nem no meio
Da Ethyopia tropel tão pavoroso
De flagellos jámais a lume veio :

31. Por entre o enxame atroce e temeroso
Almas corriam núas e transidas, *
Heliotropia [4] não sperando ou pouso.
32. Atraz as mãos por serpes são tolhidas,
Que, traspassando os rins, cauda e cabeça,
Lhes tinham por diante em laço unidas.
33. Eis uma de repente se arremessa
Ao prescito, que perto nos demora:
Morde-lhe o collo aonde a espadua cessa.
34. Um O traçar ou I mais custa agora
Do que ser o mesquinho incendiado:
Em cinzas cai o peccador, que chora.
35. Stando em terra d'esta arte derribado,
Juntou-se a cinza e logo reformou-se,
Como de antes, o triste condemnado.
36. Dos sabios na escriptura já narrou-se
Que a Phenix [5] morre e logo após renasce,
Quando aos annos quinhentos acercou-se.
37. Viva, já nunca em cibo ella se pasce,
Em lagrimas, porém, de incenso e amomo;
De nardo e myrrha em ninho extremo apraz-se.
38. Como aquelle que cai sem saber como,
Do demonio ao poder, que á terra o tira,
Ou de outra opilação sentindo o assomo;
39. Levantando-se, em torno a si remira,
Da angustia inda aturdido, que o mordera,
E, em seu sossobro, pavido suspira:
40. Assim parece o peccador, que ardera.
Contra os peccados na final vingança,
O' Justiça de Deus, quanto és severa!
41. Quem fôra inquire o Mestre, e d'elle alcança
Estas vozes: — « Ha pouco, da Toscana
Chovi no abysmo, onde ninguem descansa.

* Ladrões.

42. « Vida brutal vivi, não vida humana.
Chamei-me Vanni Fucci, [6] hybrida besta ;
Pistoia, meu covil, de mim se ufana. »
43. Ao Mestre eu disse : — « Referir-nos resta
O crime, que deu causa á morte sua :
Sei que em sangue banhára a mão funesta. »
44. O peccador, que me ouve, não se amua :
Volto-me presto a cara, em que a tristeza
Com signaes de vergonha se insinua
45. E diz :— « Sinto da dôr mais a aspereza,
Porque em miseria tanta me vês posto,
Do que quando da morte hei sido a preza.
46. « Ao que exiges respondo com desgosto :
Por ter roubado alfaias e ornamento
Da igreja aqui estou, sendo meu gosto
47. « Que pelo crime houvesse outro o tormento.
Se d'este antro sahires algum dia,
Porque não sejas do meu mal contento,
48. «Ouve bem o que a voz minha annuncia :
De si [7] Pistoia os Negros expulsando,
Povo, modos Florença então cambia.
49. « Vapor de Val de Magra Marte alçando,
O traz em torvas nuvens envolvido ;
E, emquanto a tempestade está raivando,
50. « No campo de Picen [8] será ferido
Combate ; a nevoa logo se esvaece ;
Dos Brancos cada qual será batido.
« Sabe-o, pois : certo, a nova te entristece. »

NOTAS AO CANTO XXIII

Na sexta cava apresentam-se os hypocritas, que andam revestidos de capas e capuzes de chumbo e exteriormente dourados. Fala o Poeta com Loderigo e Catalano, frades *godenti*. Antes de entrarem na cava, Dante e Virgilio são perseguidos pelos Malebranches; mas Virgilio salva do perigo o seu companheiro.

[1] Era talvez costume dos frades Menores da Ordem Franciscana, no tempo de Dante, andarem em viagem um após outro.

[2] Na fabula, a que se refere o poeta, uma ran, querendo afogar um rato para comel-o, offereceu-se traiçoeiramente para carregal-o ás costas na passagem de uma lagôa. Ao tempo, em que a ran ia mergulhar com a sua carga, sobreveiu um milhafre e os devorou.

[3] *Mo* e *issa*, palavras, que significam *agora*. Modo é syncope do adverbio latino *modo; issa* de *ipsa*. Suppõe-se, talvez com melhor fundamento, que deriva-se de *issamente*, vocabulo provençal. Benvenuto de Imola diz que os Toscanos usam de *mo*, os lombardos de *issa*.

[4] O principio foi a má tenção, que tinha Calcabrina contra Alichino,—a ran contra o rato; o fim consistiu — serem a ran e o rato devorados pela ave de rapina, — cahirem no pez e ficarem enviscados os dois demonios.

[5] Os frades de Colonia, cidade da Allemanha, usavam de capas e capuzes muito largos.

[6] Diziam Guelfos, contemporaneos do Imperador Frederico II, que este Monarcha punira os traidores e outros criminosos de lesa-magestade, mandando envolvel-os em grossas laminas de chumbo e deital-os em tachos, por baixo dos quaes ardiam fogueiras. Foi simplesmente uma tradição, que teve origem na má vontade dos inimigos do Imperador; por quanto não é abonada por nenhum escriptor autorizado. Alludindo a este conto, diz o Poeta que os capuzes e capas, que revestiam os hypocritas condemnados n'este canto, eram tão desmarcadamente pezados, que, em comparação os inventados por Frederico, pareceriam tecidos de palha.

[7] O erudito historiador moderno de Florença, o Sr. Perrens, refere-se do seguinte modo aos Frades Folgazões:

« Havia então na Italia uma ordem, em parte religiosa em parte militar denominada dos Cavalleiros ou Frades de Santa Maria, confirmada e regulada em 1261 pelo papa Urbano IV. Eram talvez os de Fra Pietro di Verona, que, se retirando de Florença, transformaram-se e reformaram-se. Determinava a sua regra que fossem nobres por geração, da parte de pae e mãe. Trajavam tunica branca e manto cinzento com uma cruz e estrellas vermelhas sobre o peitoral branco, luvas de couro ou lan e insignias militares, escudo, elmo e esporas de ferro. Observavam os jejuns da Igreja, abstinham-se de carne na 2ª e 4ª feira, de lacticinios e ovos na 6ª, de toucinho e sangue no sabbado. Liam se sabiam ler, o officio de Nossa Senhora; os analphabetos repetiam 59 vezes o *Pater Nostre e Ave Maria*. Eram admittidos na ordem os casados com o consentimento de suas mulheres. Estas entravam então para conventos, onde vestiam habitos cinzentos ou brancos e mantos de pelle de carneiro com orlas brancas. Ainda mais obrigatorio lhes era este reconhecimento, quando os maridos, como conversos ou *terziarii*, alcançavam licença para continuar a residir em suas casas.

« O fim da instituição, segundo refere Villani, era defender orphãos e viuvas, intervir nos pleitos, conciliar animos discordes. Devendo assim viver no seculo, os Frades de Santa Maria estavam dispensados de austeridades monasticas, bem como de fintas e impostos, viviam nos deleites e luxo e sómente pelo habito e ocio eram religiosos. E, pois, a denominação de *fratri gaudenti* ou *godenti* (*frates gaudentes ou frades folgazões*,) dada de primeiro sem malicia, os qualificou como homens de vida airada e jovial. O povo, encarecendo a jocosidade, os appellidava *Caponi di Christo*.

« D'essa ordem singular, que, na regra, se assimilhava aos Agostinhos e nos desmandos aos Templarios, Guido Novello, no intuito de conciliação dos partidos, tirou dois *podestás*: formaram Catalano di Malvolti e Loderigo di Andalo. O segundo, posto que fosse casado, era havido por um dos fundadores da confraria e se fizera conhecido em igual cargo politico nas cidades gibelinas de Modena, Siena, Faenza, Pizza e Reggio. Catalano, antes de envergar o habito de *frate guadente*, fôra *podestá* em Placenza e se commendara á estima publica. A escolha do dominador de Florença parecia firmar-se em bons fundamentos. Approvou-a Clemente IV: sob o aspecto politico viu no facto um symptoma de restauração dos Guelfos. Tinha para si que cavalleiros de uma ordem religiosa haviam de proceder na conformidade dos alvitres e desejos da Santa Sé. Exhortou-os, pois, a acceitar o cargo, em carta na qual lhes dizia:— « Não deserta da religião, sustenta-a, conforta-a quem se emprega no governo das cousas deste mundo conformando-se com as ordens de quem tem direito para mandar, quando se procede não por amor, senão por obediencia, em pról do proximo.

« Guido Novello viu o perigo, mas não poude tornar atraz, pois era mister sacrificar parte do poder para não perdel-o de todo. Empossados os dois *podestás* no paço na Badia, deu-lhes por conselheiros trinta e seis *buoni uomini*, eleitos de entre os mercadores mais notaveis, artifices e populares das duas parcialidades, guardando o seu systema de equilibrio, assim no deliberativo, como no executivo. Mallogrou-se, porém, o seu proposito pela força das paixões e logica dos interesses. Esperava que se não concertassem os *fatri gaudenti*; mas ao revez vieram a accordo, para extorquir aos Florentinos a maior somma de dinheiro possivel. Os *buoni uomini* deslembraram tambem as dissensões Guelfas e Gibelinas: e sómente endereçaram os seus esforços ás conveniencias communs dos mercadores e artesanos. Não só coadjuvavam os *podestás* nas suas requisições; mas tambem diliberavam diariamente na *loja* dos consules da Calimala, Mercato-Nuovo...

« O partido mixto e moderado, que por então influia em Florença, vendo que os *frati gaudenti* eram alvo do escarneo publico por serem frades casados

e incorriam no odio e na impopularidade, como magistrados ineptos, desidiosos e incapazes, deu-lhes a dispensa, que por vezes hypocritamente solicitavam do cargo, em que estavam enriquecendo. Nos ultimos dias de dezembro de 1266, Loderigo e Catalani ainda exerciam as suas funcções; mas por esse tempo desappareceram da scena, onde representaram papel, que não abonou nem a sua probidade, nem a sua energia...

« Loderigo falleceu em 1293, Catalani em 1285. »

[8] Gardingo, bairro de Florença, habitado principalmente por gibelinos, cujas casas, em especial as dos Ubertis, foram incendiadas pelos guelfos.

[9] Caiphás. « Mas um dos phariseus por nome Caiphás, que era o pontifice d'aquelle anno, disse-lhes: — Vós não sabeis nada, nem consideraes que vos convem *que morra um homem pelo povo e que não pereça toda a nação*. (S. João, Ev. cap. XI)

[10] Annás, sogro de Caiphás.

[11] Ev. de S. João, cap. VII: « Vós sois filhos do diabo, e quereis cumprir os desejos de vosso pae; elle era homicida desde o principio e não permaneceu na verdade, porque a verdade não está n'elle; quando elle diz a mentira, fala do que lhe é proprio, porque é mentiroso e pae da mentira. »

CANTO XXV

1. ASSIM dizia o roubador e, alçando
Ambas as mãos, que figuravam figas [1]
« Toma, ó Deus » exclamou « o que eu te mando. »
2. Serpes me foram desde então amigas:
Porque logo uma ao collo se enroscava,
Como a dizer : —« Não quero que prosigas ! »
3. Tolhendo-lhe outra os braços, se enlaçava
Diante sobre o peito e o movimento
Com rebatido vinculo atalhava.
4. Ah ! Pistoia ! ah ! Pistoia ! [2] o incendimento
Teu decreta, extinguindo nome impuro !
Pois dás da extirpe tua ao vicio augmento
5. Tão soberbo não vi no abysmo escuro.
Contra Deus outro esp'rito ; nem o ousado, [3]
Que de Thebas cahiu morto do muro.
6. Sem mais dizer fugira o condemnado.
Eis rabido centauro vi correndo
A gritar :—« onde está o scelerado ? »
7. Não tem Maremma [4] de reptis horrendo
Bando igual ao que o dorso carregava
Té onde a humana fórma está se vendo.

8. Na espadua, abaixo da cerviz pousava,
As azas estendendo, atroce drago,
Que fogo a quanto encontra arrevessava.
9. « É Caco [5] » —o Mestre diz « que a immane estrago
Affeito, do Aventino se aprazia,
Sob as penhas, de sangue em fazer lago.
10. « Dos seus irmãos [6] não segue a companhia,
Por haver depredado, fraudulento,
Armentio, que proximo pascia.
11. « Tiveram fim seus crimes : golpes cento
Sobre elle desfechou de Alcide a clava :
Aos dez perdera já da vida o alento. [7] » —
12. Foi-se o centauro emquanto assim falava.
Abaixo eis tres [8] espiritos chegando,
Nos quaes nenhum de nós inda attentava,
13. « Quem sois ? » — romperam subito bradando.
A narração então suspende o Guia ;
E só d'elles curamos, escutando.
14. Nenhum d'essa companha eu conhecia ;
Mas então, como ás vezes acontece,
Um, chamando por outro, assim dizia :
15. « Onde é Cianfa, [9] que assim desapparece ? »
Dedo nos labios fiz nesse momento
A Virgilio signal, porque attendesse.
16. Em crer o que eu contar se fôres lento,
Não ha de ser, leitor, para extranhado:
Quasi o que eu vi descrê meu pensamento.
17. Quando eu dos tres a vista era engolfado,
Sobre seis pés se via uma serpente
Contra um d'elles c o tem todo enlaçado.
18. Abraçam-lhe os do meio rijamente
O ventre ; aos braços aos de cima rendem,
Ambas as faces morde-lhe furente.
19. Os de baixo nas coxas já se estendem,
Interpondo-se a cauda, que, subindo
Por detraz, voltas dá que os rins lhe prendem.

20. Hera, de arvore os ramos recingindo.
Não os enleia tanto,[10] como a fera
Alheios membros ao seu corpo unindo.
21. Fundiram-se depois, de quente cêra
Como feitos ; travando as suas côres,
Um nem outro parece o que antes era :
22. Como em papel, do fogo ante os ardores
Procede escura côr ; inda não sendo
Negro, vão fenecendo os seus albores.
23. Os dois, a maravilha percebendo,
Gritavam-lhe :—« Ai ! Agnel, quanto has mudado !
Um já não és mas dois ser não podendo ! »
24. N'uma cabeça as duas se hão tornado ;
Confundidos estavam dois semblantes
N'um rosto, em que se haviam misturado.
25. São dois os braços, que eram quatro de antes,
Foram coxas e pernas, ventre e peito
Membros, que nunca hão tido similhantes.
26. Perdeu-se asssim todo o primeiro aspeito ;
Seres dois e nenhum n'essa figura
Se via ; e o monstro foi-se a passo estreito.
27. Quando o fervor canicular se apura,
Cruza o lagarto, como o raio, a estrada,
E' uma mouta deixando, outra procura.[11]
28. Tal menor serpe, livida, inflammada,
Negrejando, qual bago de pimenta,
Aos outros dois se arrojam accelerada.
29. E na parte, por onde se alimenta
Primeiro a vida nossa, um dos dois fere
E ante elle tomba em quéda violenta.
30. Olha o ferido, mas nem voz profere ;
E sobre os pés immovel bocejava,
Como quem somno prenda ou febre onere.
31. Fitava olhos na serpe, e esta o encarava ;
A chaga de um eu via, do outro a boca
Fumegar ; e o seu fumo se encontrava.

32. Emmudeça Lucano, quando toca
Em Sabello infeliz mais em Nascidio. [12]
Escute : mór portento ora se evoca
33. De Cadmo [13] e Arethusa cale Ovidio: [14]
Se fonte a esta, áquelle fez serpente,
Não o invejo : aqui ha peior excidio.
34. Não converteu dois seres frente á frente,
Tanto que permutasse fórmas duas
Sua propria materia de repente.
35. D'esta sorte compõe-se as partes suas:
A cauda á serpe fende-se em forquilha,
Cerra o ferido em uma as plantas núas.
36. Tal prisão coxas, pernas envencilha
Que em breve nem vestigio ha de juntura,
Signal, ou n'uma ou n'outra, de partilha.
37. Fendida a cauda assume essa figura
Que perde o homem; n'uma é tão macia
A pelle, quanto n'outro fez-se dura.
38. Entrar os braços nas axillas via;
Tanto estendia os curtos pés a fera,
Quanto o outro os seus braços encolhia.
39. Os pés o drago extremos retorcera,
Na parte, que se esconde, se mudando,
Que em duas no mesquinho se fendera.
40. Emquanto o fumo os dois ia velando
De nova côr e a serpe o pello empresta,
Que em todo perde o peccador nefando,
41. Ergue-se um, cai o outro e no chão resta,
Os impios olhos sem torcer, que viram,
Dos gestos seus a conversão funesta.
42. Ao que era em pé ás fontes lhe subiram
Do rosto ás sobras: cada face affeita
Uma orelha, de duas, que sahiram.
43. Quanto de mais ficára então se ageita,
O nariz conformando-lhe na cara
E de labios lhe ornando a boca estreita,

44. A beiça o que jazia dilatara;
Qual caramujo, que as antennas cerra,
A' cabeça as orelhas retirara.
45. A lingua unida e no falar não perra
Partiu-se, emquanto a do outro, forquilhada,
Uniu-se; o fumo desde então se encerra.
46. Essa alma, que em reptil era mudada,
Pelo valle arremette sibilando,
Falando, a outra escarra e a segue irada.
47. Depois, seu novo dorso lhe voltando,
Disse á terceira sombra: « Corra o Buoso,
Como eu, por esta senda rastejando. »
48. Assim vi no antro setimo espantoso
Mutuas transformações: tanta extranheza
Desculpe o canto rude e descuidoso.
49. Posto empanar dos olhos a clareza
E entrar o assombro no animo eu sentisse,
Não fugiram com tanta subtileza,
50. Nem tão prestes, que eu bem não discernisse
Puccio Sciancato, que dos tres sómente
Fôra o que transmudado se não visse,
Deu-te o outro, Gavilli, [15] dôr pungente.

NOTAS AO CANTO XXV

Vanni Fucci, depois de vociferar contra Dante, blasphema a Deus e foge. Apresenta-se Caco sob a fórma de centauro, trazendo ás costas e espaduas innumeraveis serpentes e um dragão. Pouco depois avista-se o poeta com tres florentinos, cujas maravilhosas transformações presencia.

[1] Signal de desprezo e provocação de que usa o vulgo. Até nas relações de um povo para outro soiam empregar esse modo de desafiar e affrontar. Em nota de outro canto já se mencionaram os dois braços de marmore, que, representando figas, do alto do castello de Carmignano, estavam voltados para Florença, como declaração de odio, desdem e má vontade que lhe tinham os de Pistoias. Deram causa á guerra em que a ultima cidade não ficou avantajada.

Trissino, *Italia Liberata*, c. XII:

Poi facea con le man le fiche al cielo,
Dicendo: Togli, Iddio! che prioi più farme?

[2] Attribuia-se a fundação de Pistoia aos soldados de Catilina, de cuja immoralidade e perversos intentos diz tanto mal Salustio (*Bell. Catil.*) A' essa estirpe se refere o poeta. Um proverbio italiano chamava aquella cidade *Pistoia la ferrigna*.

[3] Capaneu. V. notas ao canto XIV.

[4] Acerca de Maremma, lê-se na *Hist. de Florença* do Sr. Perrens:

«Além das aguas correntes ha infelizmente para a Toscana as estagnadas em lagôas e *lagoni*, de margem esmaltadas de flores, que se deparam em numerosas localidades, em especial nos valles de Cornia, Cecina e Mercia. Do seio da terra brotam com as aguas thermaes, a que os Romanos davam tanto apreço, pestiferas exhalações, em que a sciencia moderna achou acido borico. A agua, que ao largo parece cristalina perto das margens é espessa e lodosa; o ar saturado de malignos effluvios, é origem de flagellos. Em idades remotas reinava a crença de que por alguns d'esses sorvedouros baixava-se ao inferno.

« Ainda mais malignas são as formidaveis Maremmas, que de Sieria, Volterra e Grosseto se dilatam e desenvolvem até ás campinas adustas de Roma e ás ferteis planicies da Campania. O deserto das Maremmas, onde se confundem montanhas trajadas de verduras e collinas escalvisupa pantanos estereis e opu-

lentas searas, prados e bosques, attrae o viandante e por sua atmosphera diaphana, pelo azul puro do ceu e suavidade das virações maritimas, que refrigeram o ar e convidam ao lazer e repouso; mas que cede á seducção arrisca-se a não despertar do somno, a que se entregar. Os naturaes, que muito se deleitam n'esses logares, soccorrem-se ás maiores precauções; porque a experiencia de que dá fé o proverbio toscano, lhe tem ensinado que—*in Maremma si arrichisce in un anno, si muore in sei mese.*

«E' tão antigo como a Italia esse flagello, proveniente da estagnação de aguas em terreno, que não tem esgoto. Mas não é menos antigo o conhecimento dos meios hygienicos para sanear a Maremma, onde existiu basta povoação, que muito adiante encaminhou-se para o valle do Arno. O mal reassumiu a primitiva gravidade e os homens deram de mão aos meios de oppugnal-o sob a negligente administração romana do tempo dos Imperadores e por effeito das calamidade do periodo subsequente. A esse mal, havido ineluctavel, tinha-se resignado a Meia-Idade.»

5 Caco, gigante monstruoso, que arrevessava fogo e fumo, habitava uma caverna do monte Aventino, perto do logar, onde foi ao diante edificada a cidade de Roma. Indo Hercules á Italia com os rebanhos, que tomára a Geryão, Caco roubou-lhe algumas das melhores rezes, que astutamente conduziu e escondeu no seu antro. Descoberto o ladrão, Hercules o matou com a sua clava.

Virgilio, *En.* c, VIII:

At furis Caci mens effera, ne quid inausum
Aut intractum scelerisve dolive fuisset,
Quatuor a stabulis prestanti corpore tauros
Avertit, totidem forma superante juvencas.
Atque hos, ne qua forent pedibus vestigia rectis,
Cauda in speluncam tractos, versisque viarum
Iudiciis, raptus saxo occultabat opaco
Quærenti nulla ad speluncam signa ferebant
Interea, quum jam stabulis saturata moveret
Amphitryonides armenta, abitumque pararet
Discessu mugire boves, atque omne quereltis
Impleri nemus et colles clamore relinqui.
Reddidit una boum vocem, vastoque sub antro
Mugiit, et Caci spem custodita fefellit.
Hic vero Alcidæ furiis exarserat atro
Felle dolor: rapit rama manu nodisque gravatum,
Robus, et ætherii cursu petit ardua montis.
Tum primum nostri Cacum videre timentem
Turbatumque oculi. Fugit ilicet ocior Euro
Speluncamque petit; pedibus timor addidit alas.
Ut sese inclusit, ruptisque immane catenis
Dejecit saxum, ferro quod et arte paterna
Pendebat, fultosque emuniit objice postes.
Ecce furens animus aderat Tirynthius omnemque
Adcessum lustrans, huc ora ferebat et illuc,
Dentibus infrendens. Ter totum fervidus ira
Lustrat Aventini montem: ter saxea tentat
Limina nequidquam; ter fessus valle resedit.
Stabat acuta silex, præcisis undique saxis
Speluncæ dorso insusgens, altissima visu
Dirarum nidis domus opportuna volucrum
Hanc ut prona jugo lævum incumbebat ad amnem,
Dexter in adversum nitens concussit et imis
Avolsam solvit radicibus; inde repente

Impulit. Impulsu quo maximus insonat æther:
Dissultant ripæ, refluitque exterritus amnes.
At specus, et Caci detecta adparuit ingens
Regia, et umbrosæ penitus patuere cavernæ:
Non secus ac si qua penitus vi terra dehiscens
Infernas referet sedes et regna recludat
Pallida Dis invisa, superque immane barathrum
Cernatur, trepidentque immisso lumine Manes.
Ergo insperata deprensum in luce repente,
Inclusumque cavo saxo atque insueta rudentem,
Desuper Alcides telis premit, omniaque arma
Advocat, et ramis vastique molaribus instat.
Ille autem (neque enim fuga jam fuga super ulla periculi)
Faucibus ingentem fumum (mirabile dictu)
Evomit, involvitque domum caligine cæca,
Prospectum eripiens oculis; glomeratque sub antro
Fumiferam noctem commixtis igne tenebris.
Non tulit Alcides animis, seque ipse per ignem
Præcipiti injecit saltu, qua plurimus undam
Tumus agit, nebulaque ingens specus æstuat atra.
Hic Cacum in tenebris incendia vana vomentem
Corripit in nodum complexus, et angit inhærens
Elisos oculos, et siccum sanguine guttur.
Panditur extemplo foribus domus atra revolsis:
Abstractæque boves, abjurataeque rapinæ
Cœlo ostenduntur, pedibusque informe cadaver
Protrahitur. Nequeunt expleri corda tuendo
Terribilis oculos, vultum villosaque setis
Pectora semiferi, atque extinctos faucibus ignis.

Traducção de J. F. Barreto:

Mas o furioso Caco, porque nada
Deixasse de intentar de mal e engano
Quatro robustos touros da malhada
Furtou e tantas vaccas por seu damno,
De formosura ás mais avantajada:
Os quaes, porque nenhum podesse humano
Achal-os pelo rasto, traça nova,
As levou pelas caudas para a cova.
Tendo-os d'esta maneira conduzido,
Com um penedo opaco os occultava;
E assim nenhum signal ao escondido
Covil regia, a quem os procurava.
Mas já o Amphitryonides, pascido
O gado dos currales, determinava
Abalar e partir-se embora, quando
Ouve mugir os bois, bramidos dando.
O bosque todo enchiam de lamentos
E os montes de clamores á partida.
Responde uma das vaccas aos accentos
Das outras, desde a cova desmedida.
E de Caco frustrado os intentos
Foram da mais guardada e escondida:
Porque Alcides então todo inflammado
Em colera por ver-se assim enganado,

As armas na mão toma e um madeiro
De nós cheio, e correndo vai furioso
Ao monte aereo ; e o dia foi primeiro
Que a Caco os nossos viram temeroso
E turbado nos olhos ; mais ligeiro
Que o mesmo Euro se acolhe de medroso
A' espelunca, e o temor desatinado
Leves azas nos pés dava ao coitado.

E como se encerrou na Cova escura,
As cadeias quebrou, de que pendia
Um penhasco grandissimo em altura
Nas quaes seu pae engenho posto havia,
As portas com reparos assegura;
Mas eis n'isto o Terynthio, que bramia,
Todo acceso em furor, em continente
Chega, rangendo com braveza o dente,

Inquerindo ás entradas todas anda
Por partes mil os olhos estendendo,
Já por aquella já por esta banda
Em ira grande e colera fervendo,
Trez vezes o Arentino anda e desanda,
Trez embalde tentou, romper querendo
As saxeas portas e difficil passo,
Porém trez se assentou afflicto e lasso.

Uma gran pedreneira alli se erguia
Sobre a cova, d'aqui, d'alli talhadas
As pennas, onde a vista se perdia
Para as aves crueis proprias moradas,
Esta, como á esquerda mão, pendia
Sobre as aguas do rio prateadas,
Pela direita Alcides bravejando
Cahir fez, té as raizes forcejando,

E com gran furia a arroja de repente
E o féro golpe fez ao luminoso
Ceu resonar e a terra juntamente
E atraz tornar o rio de medroso.
A estancia real de Caco, a cova ingente
Então appareceu, e o cavernoso
Escuro sitio, como se do interno
Mostrára a terra aberta o triste interno.

E todo o reino pallido e odioso
Aos Deuses celestiaes se descobrira,
E de cima um barathro portentoso
E cheio de cruel horror se vira.
E as tristes almas, vendo o luminoso
Raio do sol, que lustra, quanto gira,
Tremessem de terror na estancia escura,
Tão alheia da luz formosa e pura.

E assim de cima Alcides, comprendido
De repente em a luz não esperada
E no rochedo concavo, escondido,
Dando gritos em fórma desusada,
Com as lanças o fere embravecido,
E as armas todas busca, sem que nada
Deixa por intentar e por remate
Com paus e grande pedras o combate.

Mas elle, que fugir á furia tanta
Nem ao perigo resistir podia,
Vomita ingente fumo da garganta,
Cousa admiravel, quanto ser podia.
Com cega escuridão envolve quanta
Luz em aquella estancia entrado havia,
Tirando a vista aos olhos e na escura
Cova, envolve é o fogo treva pura.
Não póde supportar o animo altivo
De Alcides mais, e dando um grande salto,
Pelo fogo se arroja, a d'onde o esquivo
Fumo maior se via espesso e alto.
Aqui a Caco nas trevas, que excessivo
Fogo em vão vomitava, dando assalto
Entre os braços o aperta e na mesma hora
Afogando-o lhe lança os olhos fóra.
Abriu-se a escura casa de repente,
Lançadas fóra as portas, e as furtadas
Vaccas se mostram logo ao ceu patente
E as rapinas e prezas abjuradas.
O cadaver informe, quanto ingente
Tiram fóra das lobregas moradas
Pelos pés, e com um prazer incrivel
Não se fartam de ver o monstro horrivel.
Dos olhos os admira a gran fereza,
O rosto tão medonho e carregado,
Dos cabellos dos peitos a torpeza
E o fogo já nas fauces apagado.

[6] Não foi punido como os outros centauros, que estão no circulo dos violentos.

[7] Posto que Hercules enfurecido desfechasse cem golpes de clava, Caco já ao decimo estava morto.

[8] Agnello Brunelleschi, Buoso degli Abati e Puccio Sciancato.

[9] Cianfa, fidalgo florentino. Havia-se apartado dos companheiros por se ter transformado na serpente de seis pés, que pouco depois acommetteu os já mencionados Agnello, Buoso e Puccio. Estes quatro e Francisco Guercio Cavalcanti, *il nero serpentello*, são os cinco florentinos, a quem se refere no principio do canto XXVI.

[10] Ariosto, *Orl. Fur.* c. VII, est. 29:

Non così streitamente e dera preme
Pianta ove intorno abbarbicata s'abbia.

[11] Ariosto, *Orl. Fur.* c. XVIII, est. 36:

Va con più fretta, che non va il ramarro,
Quando il ciel arde, a travessar la via.

[12] O lamentavel fim de Sabello e Nassidio foi assim descripto por Lucano, *Phars.* c. IX:

Miserique in crure Sabeli:
Seps stetit exiguus, quem flexo dente tenacem
Avulsitque manu, piloque adfixit arenis
Parva modo serpens; sed qua non ulla cruenta

Tantum mortis habet; nam plagæ proxima circum
Fugit rapta cutis, pallentaque ossa vetexit
Jamque sinu laxo nudum est sine corpore vulnus.
Membra natant sanie; suræ fluxere; sine ullo
Tegmine poples erat; femorum quoque musculus omnis
Liquitur, et nigra destillant inguina tabe
Dissiluit stringens uterum membrana, fluuntque
Viscera; nec, quantum toto de corpore debet,
Effunit in terras; sævum sed membra venenum
Decoquit; in minimum mox contrahit omnia virus
Vincula nervorum, et laterum textura, cavumque
Pectus, et abstrusum fibris vitalibus; omne
Quidquid homo est, aperit pestis; natura profana
Morte patet; manant humeri, fortesque lacerti;
Colla, caput fluunt. Calido no ocius Austro
Nix resoluta cadit, nec solem cera sequetur.
Parvo loquor; corpus same stilasse perustum;
Hoc et flamma potest, sed quis rogus abstulit ossa?
Hæc quoque discedunt, putresque sequuntur medullas
Nulla manere sinunt rapidi ventigia fati.
Cinyphias inter pestes tibi palma nocendi est;
Eripiunt omnes animam, tu sola cadaver.
« Ecce subit facies leto diverso fluenti.
Nasidium Marsi cultorem torridus agri
Percussit Prester. Illi rubor igneus ora
Succendit, tentitque cutem, pereunte figura.
Miscens cuncta tumor toto jam corpore major:
Humanumque egressa modum super omnia membra
Efflatur sanies, late tollente veneno;
Ipse latet penitus congesto corpore mersus;
Nec lorica tenet distent corporis auctum.
Spumeus accenso non sic exsudat aheno
Undarum cumulus; nec tantos carbasa Coro
Curvavere sinus Tunidus jam non carpit artus
Informis globus, et confuso pondere truncus.
Intactum volucrum rostris, epulasque daturum
Haud impune feris, non ausi tradere busto,
Nondum stante modo, crescens fugere cadaver.

12 Cadmo.—Ovidio. *Met. lib.* IV:

Longisque erroribus actus
Contigit illyricos profuga cum conjuge fines.
Jamque malis annisque graves dum prima retractant
Fata domus releguntque suos sermone labores
Dixit; et ut serpens in longan tenditur alvum
Durantæque cuti squamas increscere sentit.
Nigraque cæruleis variari corpora guttis;
In pectusque cadit bronus, commissaque in unum
Paulatim tereti sinuantur acmine crura;
Brachia jam restant. Quæ restant brachia tendit,
Et lacrimis per adhuc humana fluentibus ora,
Accede, ô conjux, accede, miserrima dixit.
Dunque aliquid superest deme, me tange, manumque
Ille quidem, vult plura loqui, sed lingua repente
In partes est fissa duas, nec verba volenti
Sufficiunt, quotiesque aliquos parat edere questus,

Sibilat, hanc illi vocem natura reliquit.
Nuda manu feriens exclamat pectora conjux:
Cadme, mane, teque his, infelix, exue monstris.
Cadme, quid hoc? ubi pes? ubi sunt humerique manusque
Et color et facies, et, dum loquor, omnia? Cur non
Me quoque, cœleste, in eamdem vertitis anguem?
Quisquis adest (aderant comites) terretur. At illa
Lubrica permulcet cristati colla draconis:
Et subito duo sunt, junctoque volumine serpunt,
Donec in appositi nemoris subiere latebras.
Nunc quoque nec fugiunt hominem, nec vulnerel œdunt;
Quidque prius fuerint, placidi meminere dracones.

Traducção de A. F. de Castilho:

Depois de largos
Terrenos vaguear parou na Illyria
Co'a profuga consorte. Alli, gravados
Da desgraça e da idade, a estrella adversa
Memorando dos seus e discorrendo
Nos curtidos trabalhos, Cadmo exclama...
Disse, e como serpente eis que se alonga;
Eis na cutis nascer vê dura escama,
Ceruleas nodoas variar-lhe o corpo.
Na terra cai de peitos; manso e manso
Os membros se confundem, que o sustinham
E em boliçoza cauda se afeiçoam.
Restam-lhe braços; braços, que lhe restam,
Estende o malfadado, e diz, banhando
De lagrimas a face humana ainda:
Vem, doce, vem, miserrima consorte.
Em quanto ainda em mim de mim vês partes,
Em quanto não sou todo enorme serpe;
A mão, em quanto é mão, recebe, aperta.
Queria proseguir, mas de improviso
A lingua se lhe fende; eil-o com duas.
Fallecem-lhe as palavras; quantas vezes
Se intenta deplorar, tantas sibila;
Só lhe deixa esta voz a natureza.
Co'a mão ferindo o peito, a esposa clama:
Cadmo! espera! infeliz, despe esse monstro!
Que é isto? que é dos hombros? que é dos braços?
As mãos, os pés e a côr e o rosto e tudo?
Por que, poder do ceu, por que, destinos,
Me não mudais tambem na fórma horrenda?
Diz; elle da consorte as faces lambe,
E o, que ainda conhece, amado peito:
O collo, que lhe foi, que lhe é tão caro
Cinge com mimo e, como póde, abraça.
Com tal ver os da régia comitiva
Atterrados estão; mas brandamente,
Suas cristadas collas meneando
Os lubricos dragões vão afagal-os,
Que subito são dois; e serpeando
Ambos a par em revoluveis giros
Se escondem pela proxima floresta.

Dos homens todavia inda não fogem,
Não têm dente mordaz, não tem veneno,
Não fazem damno algum; do que já foram
Os benignos dragões inda se lembram.

[14] Arethusa — Ovidio, *Met.* lib. V:

Exigit, alma Ceres, nata secura recepta,
Quæ tibi causa fugæ, cur sis, Arethusa, sacer fons.
Conticuere undæ; quarum dea surtulit alto
Fonte caput, viridesque madu siccata capillos,
Pars ego nympharum, quæ sunt in Achaide—dixit—
Una fui nec me studiosius altera saltus
Legit nec posuit studiosus altera casses.
Lassa revertebar, memini, stymphalide silva:
Æstus erat, magnumque labor geminaverat æstum,
Invenio sine vertice aquas, sine murmure euntes
Perspicuas ad humum, per quas numerabilis alte
Caculus omnis erat quas tu vix ire putares,
Cana salicta dabant nutritaque populos unda
Sponte sua natas ripis declivibus umbras,
Accessi primumque pedis vestigia tinxi
Exin mergor aquis, quas dum ferioque trahoque
Mill' modis labeus, excussaque brachia jacto,
Nescio quod medio sensi sub gurgite murmur,
Territaque insisto propreris margine ripæ.
Quo properas, Arethusa—suis Alpheus ab undis
Quo properas?—iterum rauco mihi dixerat ore
Sicut, eram fugio...
Sol erat a tergo: vidi præcedere longam
Ante pedes umbram (nisi si timor illa videbat),
Sed certe sonistuque pedum terrabet, et ingens
Crinales vittas afflabat anhelitus oris.
Fessa labore fugæ—Fer opem, deprehedimur—inquam
Armigeræ Dictynna, tuæ cui sæpe dedisti
Ferre tuos arcus inclusa tella pharetra
Mota dea est, spissisque ferens et nubibus unam
Me super injecit. Lustrat caligine tecta
Amnis et ignarus circum cava nubila quærit,
Bisque locum, quo me dea texerat inscuis ambit,
Et bis—Io Arethusa! io Arethusa!—vocavit...
Non tamen abscedit; neque enim vestigia cernit
Longius ulla pedum, servat nubemque locumque.
Occupat obsessos sudor mihi frigidus artus
Cæruleæque cadunt toto de corpore guttæ;
Quaque pedem movi, manat lacus, eque capillis
Ros cadit, et citius quam dunc tibi facto renarro
In latices muto. Sed enim cognoscit amatas
Amnis aquas, positoque viri quod sumpserat ore
Vertitur in proprias, ut se mihi miscet undas.
Delia rupit humum cæcisque ego mersa cavernis
Advehor Ortygiam, quæ me cognomine diva
Grata meæ superas eduxit prima sub auras.

[15] Francisco Guercio Cavalcanti foi morto em Gaville, logar do valle do Arno. Em vingança, os Cavalcantis assassinaram muitos dos seus habitantes.

CANTO XXVI

1. FOLGA, ó Florença! A fama tens tão grande,
Que azas bates por terra e mar, vaidosa!
Até no inferno o nome teu se expande!
2. Entre os ladrões, ó cousa vergonhosa!
Principaes cinco [1] achei, que em ti nasceram:
Serás por honra tal, vangloriosa?
3. Se os véros sonhos por manhan se geram [2],
Em breve hasde sentir o que os de Prato, [3]
Quanto mais outros, por teu damno esperam.
4. Presto que venha, será tardo o facto;
Se o mal tem de ferir, fira apressado:
Mais velho me hade ser mais grave e ingrato.
5. Partimos: do rochedo alcantilado
Os degraus, em que haviamos descido,
Sóbe o Mestre e por elle eu fui levado.
6. Em nosso ermo caminho e desabrido
Proseguimos por entre agras fraguras,
Pelas mãos sendo o pé favorecido.
7. Inda n'alma exacerbam-se amarguras,
Do que hei visto lembranças avivando;
E, quanto posso, o coração nas puras

8. Veredas da virtude vou guiando,
Porque o bem, por bom astros ou Deus doado,
Eu proprio não converta em mal nefando
9. O rustico, no outeiro reclinado.
Na estação, em que o sol o mundo aclara,
Mais lhe mostrando o seu semblante amado,
10. Já quando a mosca o successor depara [4],
Pyrilampos não vê tão numerosos
No valle, onde vindima, ou ceifa ou ara,
11. Quando, no fosso oitavo, os temorosos
Fogos, que avisto, des que, ao cimo alçado,
Fito no fundo os olhos curiosos.
12. Como aquelle que de ursos foi vingado [5],
Quando voou de Elia [6] o carro ardente,
Ao ceu por frisões igneos transportado,
13. Seguio co'a vista o lume, que sómente
Dos ares na extensão apparecia,
Qual nuvem se elevando velozmente;
14. Assim n'aquelle abysmo se agitando
As flammas via; em cada qual estava
Uma alma, em seus fulgores se occultando. *
15. Para ver, lá da ponte, me inclinava:
Se amparado da rocha eu não stivesse,
Tombára ao fundo d'essa hiante cava.
16. O Mestre, ao ver que a mente se embevece,
« Em cada fogo »—diz-me—«um condemnado,
Como em habito,envolto, arde e padece.»
17. « Sou te ouvindo »—tornei—« certificado
Do que era, ha pouco, em mim simples suspeita.
Pretendia inquerir, maravilhado,
18. Que significa o fogo, que endireita
A nós e, se partindo, iguala a pyra,
Para imigos irmãos outr'ora feita. [7] »

* Conselheiros dolosos.

19.— « Estão lá dentro d'essa flamma dira
Diomedes e Ulysses : [8] em castigo
Socios são, como outr'ora hão sido em ira.

20. « Lá dentro geme o perfido inimigo,
Inventor do cavallo, que foi porta,
Por onde á Roma veiu o inicio antigo ; [9]

21 « Chora-se a fraude, que Deidamia morta, [10]
Ainda exproba a Achille, resentida ;
Pelo Palladio [11] a pena se supporta. »

22. « Se á labareda, o' Mestre, é permittida
A fala »—eu disse—« te supplico e rogo
Com instancia, mil vezes repetida,

23. « Aguardar me concedas esse fogo,
Que, bipartido para nós caminha.
Vês meu anhelo: ah! dá-lhe o desafogo! »

24. « Merece toda a complacencia minha
Teu rogo: eu de bom grado o attendo e aceito.
Mas cal-te; que hasde ser contente azinha.

25. « Falar me deixa; sei qual teu conceito,
Talvez que d'esses Gregos na alma esquiva
Produza o teu dizer ingrato effeito. »

26. Propinqua estando a nós a flamma viva,
E, azado ao Mestre, parecendo o ensejo,
N'esta linguagem disse persuasiva:

27. « O' vós, que n'esse fogo eu juntos vejo,
Se por serviços meus, quando vivia,
Revelei de apraser-vos o desejo,

28. « Nos sonorosos versos, que escrevia [12]
Detende-vos: benevolo um nos diga
Onde viu fenecer o extremo dia. »

29. A parte superior da flamma antiga
A tremular começa murmurando,
Como a que o vento lhe assoprando instiga.

30. E a um lado e a outro o cimo meneiando,
Como se lingua fôra, que falasse,
Estas vozes profere, e diz-nos: «Quando

31. « De Circe a encantos me esquivei fugace,
Em que um anno passei junto á Gaeta, [13]
Antes que assim Enéas a chamasse,
32. « A saudade do filho, a mui dilecta
Velhice de meu pae, da alta consorte
Santo amor, em que ardia sempre inquieta. [14]
33. « Não dominaram esse anhelo forte
Que me impulsava a ser do mundo experto,
Das manhas das nações, da humana sorte. [15]
34. « Lancei-me ás vagas do alto mar aberto;
Sobre um só lenho me seguiu companha
De poucos, mas de affouto peito e certo.
35. « As ondas perlustrando, hei visto a Hespanha,
Marrocos, logo a insula dos Sardos
E as outras que o ceruleo pego banha.
36. « Já da velhice nos sentindo tardos,
Alfim chegamos ao famoso estreito, [16]
Onde Alcides aos nautas poz resguardos,
37. « Que devem respeitar por seu proveito.
Deixei Septa, [17] que jaz ao esquerdo lado,
E Sevilha, que ao lado está direito.
38. « Perigos mil vencendo e avesso fado. »
Lhes disse—« irmãos, chegastes ao Ponente!
Da existencia este resto, já minguado,
39. « Razão não seja, que vos tolha a mente
De, além do sol, tentar nobre aventura,
E o mundo ver, que jaz orpham de gente.
40. « Da vossa raça reflecti na altura!
Viver quaes brutos veda-o vossa origem!
De gloria vos impelle ambição pura!
41. « Com tanto esforço os animos se erigem,
Falar me ouvindo assim, que ir por diante,
De enthusiasmo soffregos, exigem.
42. « Já, com pôpa ao Nascente flammejante,
Azas os remos são na empreza ousada,
E o lenho sempre á esquerda vóga avante.

43. « Já do outro pólo a noite levantada,
Via os astros brilhar : o nosso, em tanto,
Na planicie immergia-se salgada :

44. « Cinco vezes a luz no ethereo manto
A lua diffundira e após minguara,
Depois que arrosto do oceano o espanto,

45. « Quando immensa montanha se depara :
Envolta em cerração, longe apparece :
Na altiveza outra igual nunca avistara.

46. « O prazer nosso em pranto se esvaece :
Da nova terra eis subito irrompendo
Contra o lenho um tufão medonho cresce.

47. « Vezes trez em voragens o torcendo,
A' quarta a pôpa levantou-lhe ao alto,
E a pròa, ao querer de outrem, [18] foi descendo. »
Cerrou-se o pego sobre nós de salto. [19]

NOTAS AO CANTO XXVI

Na oitava cava os Poetas veem innumeraveis chammas. Virgilio mostra a Dante que cada uma contem um conselheiro fraudulento. Em uma, que se bipartia, estavam Ulysses e Diomedes. Narra o primeiro o seu desastroso fim.

[1] Os mencionados no canto antecedente: Agnel Brunelleschi, Bouso degli Abati, Ciaufa, Puccio Sciancato e Francisco Guercio Calvacanti.

[2] Surperstição poetica, de que vemos prova em Ovidio, *Heroides*:

Namque sub Auroram, jam dormitante lucerna,
Somnia quo cerni tempore vera solent.

[3] Os infortunios prophetisados em 1300, epocha presupposta da viagem sobrenatural, succederam em 1304. Foram a ruina da ponte de Carraia e subsequente mortandade, quando a multidão via d'alli um espectaculo, que se representava sobre o rio Arno, do inferno e seus tormentos; o incendio de mais de 1 700 casas com as suas lojas, seus armazens e depozitos de mercadorias, a decima parte da cidade em extensão, a sexta do valor, voluntariamente ateado por Neri Abati, prior de San Pier Scheraggio; o saque de Florença pelos facinorosos, de que estava inçada; e o encarnecimento da lucta em que se atassalhavam Negros e Brancos.

[4] O mosquito.

[5] O propheta Eliseu, enfurecido contra um bando de meninos, que o chamam apupado, nao se contentou com amaldiçoal-os; cada vez mais acceso na ira, suscitou contra aquelles innocentes dois ursos, e quarenta e duas crianças foram dilaceradas pelas feras.

Reis, IV, cap. 2: « E d'alli Eliseu veio para Bethel; e indo pelo caminho, uns meninos pequenos sahiram da cidade, e zombavam d'elle dizendo: Sóbe, calvo! sóbe, calvo! Eliseu, virando-se para elles, os viu e os amaldiçoou em nome do Senhor; e sahiram dois ursos do bosque e despedaçaram d'elles quarenta e dois meninos. »

[6] O carro de fógo, em que o propheta Elias foi arrebatado para o ceu em corpo e alma

Reis, IV, cap. 2:—«E continuando o seu caminho e caminhando a conversar entre si, eis que um carro de fogo e uns cavallos de fogo os separaram um do outro; e Elias subiu ao ceu por meio de um roda moinho.»

[7] Eteocles e Polynice, filhos de Edipo e de Jocasta, eram inimigos tão encarnecidos, que, ainda depois de mortos, sendo os seus cadaveres postos na mesma fogueira, as labaredas, quando ateou-se a pyra, dividiram-se e as cinzas separaram-se.

Stacio, na *Thebaida*, lib. XII:

Ecce iterum frates: primos ut contigit artus
Ignis edax, tremuere rogi, et novus advena bustis
Pellitur; exundant diviso vertice flammæ
Alternosque apices abrupta luce coruscant
Pallidus Eumenidum veluti commiserit ignes
Orcus, uterque minax globus, et conatur uterque
Longius; ipse etiam commoto pondere paulum
Secesseres trabes; conclamat territa virgo:
« Occidimus functas que manu stimulavimus iras.
Frater erat; quis enim accessus ferus hospitis umbræ
Pelleret? En clypei fragment, simiustaque nosco
ingula; fracter erat. Cernisne ut flamma recedat,
Concurratque tamen? vivunt odiâ improba, vivunt,
Nil actum bello: miseri, si dum arma muvetis,
Vicit nempe Creon; nusquam jam regna: quis ardor?
Cui furitis? sedatæ minas; tuque exsul ubique
Semper inops æqui, jam cede; hoc nupta precatur,
Hoc soror, aut sævos mediæ veniemus in ignes.»

[8] Ulysses e Diomedes. Reis gregos, celebrizados pelos poemas de Homero, Illiada e Odysséa.

[9] O cavallo de madeira, mediante o qual franquearam-se aos Gregos as portas de Troya, foi a causa da fuga de Enéas em demanda da Italia. De Enéas dizia-se descender o fundador de Roma.

[10] Vaticinaram os oraculos que Troya não seria rendida, se Achilles não a oppugnasse; mas accrescentaram que o heróe havia de perder a vida diante das muralhas da cidade de Priamo. Thetis, sua mãe, para evitar-lhe o perigo, disfarçou-o em trajos feminis e o conduziu para o palacio do Rei de Scyros, Lycomedes. De uma das filhas d'este, em cuja companhia estava, Deidamia, namorou-se Achilles. Do seu occulto consorcio procedeu Pyrrho ou Neoptolemo. Ulysses, deputado pelos Reis alliados para descobrir o filho de Peleu, apresentou-se nos paços de Scyros no caracter de mercador, offerecendo joias e outros adereços proprios de damas; mas de envolta estavam espadas e objectos ao uso de cavalleiros. Succedeu o que esperava o ardiloso Rei de Ithaca: Achilles deu preferencia ás armas, e assim denunciou o seu sexo e a sua qualidade. Ulysses levemente o moveu a partir para Troya, seduzindo-o com a gloria, que lhe fôra prophetizada; mas occultou-lhe a segunda parte do oraculo.

[11] Palladio, estatua de Minerva ou Pallas, que os Troyanos diziam ter cahido do ceu no templo consagrado áquella deusa no pinaculo da sua fortaleza. Era objecto de fervoroso culto e guardavam-a com extremoso desvelo e vigilancia, porque da sua conservação, como acreditavam, dependiam os destinos de Troya: Ulysses e Diomedes consiguiram entrar na cidade e subindo ao Illioni roubaram a estatua no santuario de Pallas. Pouco depois Troya era entrada pelos Gregos. Mas na tradição romana, a verdadeira estatua foi salva por Enéas que a conduziu para a Italia. Passou a pertencer á Roma, e estava encerrada em logar sómente conhecido do *Pontifex maximus* e da grande Vestal.

[12] A Eneida.

[13] Gaeta.—Virg.. *En.* lib. VII:

Tu quoque litoribus nostris. Enœia, nutria.
Æternam moriens famam, Cajeta, dedisti;
Et nunc servat honos sedem tuum ossaque nomen
Hesperia in magna (si qua est ea gloria) signant.

[14] O filho era Telemaco, o pae Laestes, a consorte Penelope.

Tasso imitou na *Ger. Lib.* c. VII, est. 7 :

Nè timor di fatica ò de periglio,
Nè vagghezza del regno, nè pietade
Del vecchio genitor, sì degno affecto
Intepidir nel generoso petto.

E c. XV. est. 25:

Risponde:—Ercole, poi che uccisi i mostri
Ebbe di Libia e del paese ispano
E tutti scorsi e vinti i lidi vostri
Non osò di tentar l'alto oceano.
Segnò le mete, e'n troppo brevi chiostri
L'ardir ristrinsi del ingegno umano;
Ma quei signi sprezzò ch'egli prescrisse
Di veder vago e di sapere Ulisse.
Epassò le colonne, e per l'aperto
Mare spiegò dè' remi il volo audace:
Ma non giovogli esser nell' onde esperto,
Perche inghiotillo l'ocean vorace;
Egiacque col suo corpo anco coperto
Il suo gran caso, ch'or tra voi sì tace.

[15] Horacio, na *Epist.* 2.ª do lib. I, diz assim de Ulysses:

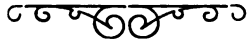
Qui... multorum providus urbes...
Et mores hominum inspexit, latumque per æquor,
Dum sibi, dum socits redire parat, aspera multa
Pertulit.

[16] O estreito de Gibraltar.

[17] Ceuta.

[18] Deus.

[19] Depois de ler a allocução de Ulysses aos seus companheiros no ousado commettimento, quem não verá n'essa empreza um tentamen para o descobrimento do novo hemispherio ? N'este episodio parece haver a revelação de um precursor de Christovam Colombo.



CANTO XXVII

1. A FLAMMA já se erguia e estava quieta,
Não mais falando, e já se retirava
Com permissão do meu gentil Poeta,
2. Quando outra, que de perto caminhava,
Pelos confusos sons, que desprendia,
Olhar nos fez seu cimo, que oscillava.
3. Como o siculo touro, que mugia [1]
A vez primeira, o pranto resoando
Do inventor, que o seu premio recebia;
4. Berrava pela voz do miserando,
Na bronzea fórma, em dôr tanto pungente,
Que parecia vivo estar penando:
5. Assim se convertia o som plangente
De flamma no rumor, lhe fallecendo
Caminho, em que irrompesse promptamente.
6. Mais se exhalar pelo apice em podendo,
Dar-lhe impulso por ter já conseguido
D' esse mesquinho a lingua, se movendo,
7. «Tu, a quem me dirijo»—hemos ouvido—
«Que, inda ha pouco, dizias em lombardo:
Pódes ir, tens assaz já respondido.

8. « Posto em chegar um tanto eu fosse tardo,
De ouvir-me não despraza-te a demora;
Bem vês, me não despraz: em tanto eu ardo.
9. « Se a este abysmo tenebroso agora
Tombas saudoso d'essa doce terra
Latina, onde hei peccado tanto outr'ora,
10. « Se os Romanhóes têm paz, dize-me, se guerra,
Pois eu fui lá dos montes, entre Urbino
E essa, origem do Tibre, altiva serra. »
11. Para escutar attento a fronte inclino.
Eis, tocando-me a um lado, diz meu Guia:
« Pódes ora falar, que este é Latino. »
12. Eu, que já prestes a resposta havia,
Tornei ao peccador incontinente:
« Alma, que o fogo assim véste e crucia,
13. « Tua Romanha em guerra permanente
Sempre é no coração dos seus tyrannos:
Porém nenhuma agora tem patente.
14. « Hoje é Ravenna o que era, ha longos annos,
De Polenta a aguia forte alli se aninha; [2]
Com largas azas cóbre á Cervia os planos.
15. « A terra, que no tardo assedio tinha
Pelo sangue francez sido inundada
Sob verde leão, soffre mesquinha. [3]
16. « Dos Mastins de Verruchio a subjugada
Gente os dentes crueis inda sentia:
Morte a Montagna deram desapiedada. [4]
17. « Em Lamone, em Santerno inda regia [5]
Do alvo ninho o leão, se convertendo
De um p'ra outro partido cada dia.
18. « A cidade que o Savio [6] banha, sendo
Entre o plaino e a montanha, em liberdade
Ou vive ou sob o jugo vai soffrendo.
19. « Ora nos diz quem foste na verdade;
Condescendentes sê, como hemos sido:
No mundo haja o teu nome longa idade. »

20. O fogo rumoreja e commovido
De um lado a outro a ponta aguda agita;
Depois emitte a voz n'este sentido:
21. « Se esta resposta minha fosse dita
A quem do mundo á luz d'aqui voltasse,
Quèda ficara a minha lingua afflicta.
22. « Mas como é certo que jamais tornasse
Quem no inferno cahiu, se não me engano,
De falar não hei medo, que embarace.
23. « Homem de armas, depois fui Franciscano,
Crendo pelo cordão ser emendado;
Por crel-o certo, me esquivára ao damno,
24. « Se o Papa (todo o mal seja-lhe dado !)
Não me volvesse á primitiva estrada.
Como e porque te fique declarado.
25. « Emquanto a humana fórma era habitada
Por mim, não provei ser leão por feitos,
Mas raposa, por astucia abalizada.
26. « Estrategia subtil, ardis perfeitos
Tantos sube, que os ambitos da terra
Eram á fama de meu nome estreitos.
27. « Da existencia na quadra, em que muito erra
Quem, de surgir no porto esperançado,
Nem colhe os cabos nem as velas ferra,
28. « Odiei quanto houvera mais amado
E humildei-me confesso e arrependido...
E o perdão, ai de mim ! fôra alcançado...
29. « Dos novos Phariseus Principe infido [7]
Em Latrão [8] guerra crúa declarara:
Não contra Mouro, nem Judeu descrido,
30. « Contra christãos as iras ateara;
Nenhum traidor contra Acre combatera
Ou do Soldão na terra traficara.
31. « Sacras ordens em si não considera,
Nem cargo excelso, em mim o da humildade
Cordão, que os penitentes seus macera.

32. « Como foi de Siratti á soledade
Constantino a Sylvestre pedir cura [9]
Da lepra: assim tambem á enfermidade
33. « Do seu febril orgulho este procura
Remedio em meu conselho. [10] Escrupuloso
Calei-me: de ébrio vi n'elle a loucura.
34. « Fala—insistiu—não sejas temeroso!
Absolto és desde já, se Palestrino
A vencer me ensinares ardiloso.
35. « Eu abro e fecho o ceu: poder divino
As duas chaves têm, a que ha negado
O meu antecessor preço condi'no. [11]
36. « Já d'estas razões graves abalado,
Peior partido no silencio vendo,
Lhe tornei :—Padre Santo, se o peccado,
37. « Em que ora vou cahir, stás-me absolvendo,
Darás ao solio teu gloria e conforto
Promettendo de mais, pouco fazendo.
38. « Francisco me acudiu, quando fui morto;
Mas clamou anjo negro apressurado:
—Não m'o tomes; que assim me causas torto!
39. « Logar foi-lhe entre os meus assignalado:
Des que ha dado o conselho fementido,
Ficou pelos cabellos agarrado.
40. « Perdão só tem quem geme arrependido;
Peccado á penitencia não se amanha,
Não póde aquelle andar á esta unido.
41. « Ai! qual foi meu pavor, quando, com sanha
Empolgando-me, disse :—Crêste acaso
Que me falta de logico arte e manha?
42. « A Minos me arrastou, que sem mais prazo,
Da cauda em voltas oito o dorso enreda,
Raivoso morde-a e diz :—E' n'este caso
43. « Que aos maus prisão se dá na labareda.
Assim onde me vês, fiquei perdido,
Vou chorando, em taes vêstes, minha queda.»

44. Tendo, pois, d'esta sorte concluido,
Aquella flamma se partiu gemendo
E agitando o seu vortice estorcido.
45. Eu e Virgilio então, seguido havendo
Pelo rochedo, ao arco nós subimos,
Que o nono fosso cobre, onde soffrendo
Os que sizania semearam vimos.

NOTAS AO CANTO XXVII

Continúa n'este canto o castigo dos conselheiros fraudulentos. Em outra flamma apresenta-se Guido de Montefeltro, que declara a Dante a causa, porque foi condemnado áquelle tormento.

[1] Phalaris, Cretense de origem, tyranno de Agrigento na Sicilia, exerceu o poder por espaço de muitos annos, aos 566 antes de Jesus Christo. A fama das cruezas, que commettia, provocou o genio inventivo de Perillo (ou Perilau), estatuario atheniense, que desejando empregar-se no seu serviço e merecer a sua gratidão, fabricou e lhe offereceu um touro de bronze, destinado a servir de instrumento de supplicio. No seu interior devia ser encerrada a victima, passando por um postigo feito na ilharga ou no dorso da estatua; depois em roda ou por baixo se lhe accenderia fogo, em modo que o infeliz, atormentado, romperia em gritos, que imitaria os urros de touro. Phalaris galardoou o artista fazendo n'elle a experiencia primeira da sua feitura.

Luciano, o famoso escriptor grego do seculo II da éra christan, em um dos seus engenhosos opusculos, finge Phalaris dirigindo-se aos habitantes de Delphos por intermedio de embaixadores em mensagem apologetica do seu procedimento, desde que tyrannicamente apossou-se da governaça de Agrigento, que diz ser a sua patria. O ensejo para essa justificação foi-lhe offerecido pelo facto de dedicar esse touro de bronze a Apollo Pythico. Referiu então ás circumstancias em que veio ao seu poder essa obra de arte. Na sua exposição ha divergencia do que em geral se diz. Eis a parte da allocução referente a Perillo e a seu touro.

« Havia em Agrigento um certo Perilau, insigne esculptor, mas consummado em perversidade. Desconhecendo de todo em todo os meus verdadeiros sentimentos, teve Perilau para si, que captaria a minha benevolencia inventando algum desusado tormento, como se eu me comprazesse em cruezas. E fabricando este touro, trouxe-o á minha presença. E' um primor, é uma maravilha de arte: ao animal fallece unicamente o movimento: se lhe fosse dado berrar, todos o teriam por vivo. Ao seu aspecto exclamei: — Eis uma offerenda digna de Apollo Pythico! Estatua é esta digna de lhe ser enviada! Então Perilau disse-me: — Quanto mais vos admirareis, quando souberdes qual é a sua compostura interior e a applicação, que se lhe póde dár! E abrindo-o pelo dôrso, accrescentou: — Quando quizerdes castigar alguem, mandai introduzil-o n'esta machina, encerrai-o, ageitai estas flautas ás ventas do touro e ordenai

que por baixo se lhe accenda fogo. Não tardará que o condemnado rompa em gritos e gemidos, causados por dores incomparaveis; mas a sua voz transmittida pelas flautas, formará melodiosos sons, suspirando melancolicos e lugubres accentos, que vos encherá de enlevo, emquanto se prolongar a sua tortura.

« Mal acabara, tomei-me de indizivel abominação contra o crudelissimo invento, e no assomo da minha indignação determinei infligir o tormento por elle forjado. Tornei-lhe :— Fico sciente do que me dizeis, Perilau; mas para certificar-me de que me não quereis enganar, deveis mostrar-me o effeito real da vossa arte. Entrai no touro, imitai os brados de um homem atormentado: então verificaremos se essas flautas produzem a melodia, que dizeis. Obedeceu Perilau. Logo que entrou, fechei-o, e mandei accender por baixo uma fogueira. Recebe — disse-lhe então — o galardão do teu maravilhoso invento, e sê assim o primeiro executor da musica, que compozeste. D'esta arte obteve a merecida pena pelo producto da sua cruel pericia. Ordenei, porém, que o tirassem da machina, emquanto ainda respirava, para não conspurcar a estatua com a sua morte: e ao mesmo passo mandei precipital-o de um penhasco e deixal-o insepulto. Purifiquei depois o touro, e vol-o remetto para ser consagrado ao deus: na estatua vereis insculpida esta historia com o meu nome como doador, o de Perillau, e bem assim com todas as circumstancias explicativas. »

[2] Refere-se o Poeta a Guido Novello de Polenta, cujo solar tinha por brazão uma aguia branca em campo azul. Polenta é um castello visinho a Brittonoro. Cervia, cidade maritima, demora á quinze milhas de Ravenna ao sul. Guido, denominado Novello ou Moço, era neto d'esse outro Guido, chamado o Velho, um dos chefes guelfos na Romanha em 1249, que casou sua filha Francesca (v. o c. V e a nota respectiva) em 1275 com Gianciotto o (Malattesta). Muitos escriptores fazem do avô e do neto uma só e mesma pessoa. Se o pae de Francesca vivesse ao tempo em que Dante falleceu (1321), teria então mais de cem annos. « Diz Boccacio—observou Fraticelli—que esse fidalgo acompanhara solemnemente o feretro de Dante até á sepultura, e por essa occasião proferira o seu elogio funebre : é provavel que tudo isso fizesse homem, que houvesse atravessado os vinte lustros? Em summa, o pae de Francesca foi avô do ultimo protector de Alighieri. »

[3] Forli, cujos moradores, obdecendo ás determinações de Guido Montefeltro, que então a governava, consiguiram não só resistir aos francezes, de que se compunha a maioria do exercito enviado contra elles pelo Papa Martinho IV e que os cercava em 1282, senão tambem derrotal-os com grande perda. O leão verde designa Sinibaldo Ordelaffi, em cujo escudo estava representado.

[4] Os Mastins de Verruchio são Malattesta Malatesttino, pae e filho, senhores de Rimini, assim appellidados por causa de sua indole sanguinaria e feroz. Suppõe-se que Malattestino foi o Gianciotto, marido de Francesca. Uma das victimas d'esses tyrannos foi Montagna, por elles assassinado. N'aquelle territorio era o chefe dos gibelinos.

[5] Faenza demora á margem do Lamone. Imola está proximo a Santerno. Dominava n'estas duas cidades Mainardo Pagano, por alcunha o Demonio, cujas armas eram um leão azul em campo branco.

[6] Cesena jaz á margem do rio Savio, mas collocado em modo, que fica entre a planicie e a montanha; por isso diz o Poeta que vivia entre a liberdade e a tyrannia.

[7] O principe dos novos phariseus—o Papa Bonifacio VIII.

O condemnado, que fala, é Guido, conde de Montefeltro, do solar antiquissimo dos Montefeltros, que teve mando e dominio em Pisa, Urbino e muitas outras cidades italianas. Pertenceu ao partido gibelino e assignalou-se por seu

esforço e tactica nas batalhas e por sua sagacidade nos conselhos. Adiantado em annos, vestiu o habito de S. Francisco por penitencia e falleceu no convento de Assiz.

O discurso, que Dante attribue a Guido de Montefeltro, foi traduzido em francez por Voltaire, em modo que, disse um critico italiano « não podia aquelle insigne engenho demonstrar mais cabalmente quanto ignorava o nosso poetico idioma. » Essa versão é consoante ao trecho do *Dictionnaire philosophique*, em que o patriarcha de Ferney deu mais uma vez cópia da leviandade, que caracterisou as suas opiniões acerca de alguns abalizados escriptores, lustro e primor das lettras antigas e modernas. Aos leitores talvez não desagrade ver a sentença, que aquelle juiz parcial e precipitado lavrou contra o immortal Poeta e a sua comedia divina. Ril-a sem commentarios:

« Quereis saber quem é Dante? De divino o qualificaram os Italianos; mas é divindade desfarçada; poucos cahem no entendimento dos seus oraculos; teve muitos commentadores, motivo para mais difficultar o seu conhecimento. Como ninguem o lê, vai crescendo cada dia a sua fama. Uma duzia de trechos seus tem sido decorados: com isto dão-se os curiosos por satisfeitos, excusam o exame de tudo mais.

« Dizem que o tal Dante divino padeceu revezes da fortuna: não vos pareça que fosse divino para os seus contemporaneos, nem propheta na sua terra. Foi prior, é certo, não prior de frades, prior de Florença, o que quer dizer—senador.

« Affirmam os seus patricios, que nasceu em 1260. Bayle, que escrevia em Rotterdam *currente calamo* para o seu livreiro cerca de quatro seculos feitos depois de Dante, attribue ao seu nascimento a data de 1265. Por esse engano de cinco annos não fico-lhe querendo mal; pois o essencial é acertar no tocante ao bom gosto e aos raciocinios. (O engano é de Voltaire).

« Era o alvorecer da arte da patria de Dante. Florença, á imitação de Athenas, transbordava de engenho, agudeza, leviandade, inconstancia e facções. A facção dos Brancos predominava: o nome lhe veiu em commemoração da signora Bianca. A parcialidade adversa appellidou-se partido dos Negros para mais se differençar dos Brancos. Mas os florentinos se não contentavam com dois partidos: tinham mais os Guelfos e Gibelinos. *Gibelinos* eram os Brancos na sua maioria, isto é, partidarios dos Imperadores. Os Negros, que preferiam os papas, diziam-se *Guelfos*.

« Essas varias facções enthusiasmava-se pela liberdade e faziam quanto em si cabia para opprimil-a. O Papa Bonifacio VIII quiz servir-se de dissensões taes para dar cabo do poder imperial na Italia, e proclamou seu vigario na Toscana Carlos de Valois, irmão do Rei de França, Philippe o Bello. O vigario apresentou-se bem petrechado de armas, lançou de Florença *Brancos* e *Gibelinos* e mereceu o odio dos *Negros* e *Guelfos*. Com os seus fóros de Branco e Gibelino, Dante foi um dos primeiros desterrados; de mais a mais arrazaram-lhe a casa. E' quanto basta para significar a affeição, que havia de guardar á casa da França e aos Papas. Ha, porém, quem diga que partiu para Paris e que por desenfado arvorou-se em theologo e descutia com valentia nas escolas. Dizem mais que o Imperador Henrique VII nada fez por elle, posto fosse Gibelino exagerado. Foi á côrte de Frederico de Aragão, Rei da Sicilia, e de lá tornou tão pobre como fôra. Ficou reduzido ao Marquez de Malaspina e ao Gran-Kan de Verona, mas nem marquez, nem Gran-Kan lhe deram a esperada desforra. Morreu na indigencia em Ravenna, aos 56 annos de idade. Nas suas peregrinações compoz a comedia do *inferno*, *purgatorio* e *paraiso*: á essa moxinifada houve quem quizesse dar os fóros de bellissimo poema epico.

« Começa encontrando-se á entrada do inferno com um leão e com uma loba. De improviso surge Virgilio, que vem animal-o, e diz-lhe que é Lombardo, tal qual se Homero se gabasse de ser turco. Virgilio se offerece para fazer a Dante as honras do inferno e purgatorio, guiando-o até á porta de S. Pedro; mas desde logo lhe declara que não poderá entrar com elle.

« No entanto, Caronte lhe dá passagem na sua barca. Conta-lhe Virgilio que um pouco depois da sua descida ao inferno, viera uma entidade poderosa e remira as almas de Abel, Noé, Abraham, Moysés e David. De viagem, deparam-se-lhes no inferno moradas bem amenas, n'uma das quaes acham-se Homero, Horacio, Ovidio e Lucano; n'outra estão Electra, Heitor, Enéas, Lucrecia, Bruto e o Turco Saladino; na terceira Socrates, Platão, Hippocrates e o Arabe Averrões.

« Até que afinal appareceu-lhe o verdadeiro inferno, onde Plutão julga os peccadores, entre os quaes o viajante distingue varios cardeaes, papas e florentinos em grande somma. Tudo isto será por ventrua no estylo comico? Não. No heroico? Tambem não. Pois então em que gosto foi feito o tal poema? No gosto extravagante.

« Mas ahi se leem versos tão felizes, tão espontaneos, que apezar dos seus quatrocentos annos, ainda não ficaram velhos e nunca ficarão. Tambem um poema, que leva Papas para o inferno, é para aguçar a curiosidade; e os commentadores apuram todas as forças do engenho para affirmar ao certo quaes foram os condemnados por Dante e assim não se enganarem em assumptos de tanta graveza.

« Fundou-se uma cadeira para leitura e explicação d'esse auctor classico. E como o consentiu a Inquisição? A isto respondo: que na Italia a Inquisição é de boa avença; bem sabe que pilherias em versos não fazem mal, como se verifica por um trecho do canto 23º, que vou trasladar livremente. É a historia de um condemnado amigo intimo do auctor. »

[8] O Papa Bonifacio VIII viveu em desavença com os Colonnas, cujos paços demoravam na visinhança de S. João de Latrão. Segundo diz o Poeta, aquelle Summo Pontifice, n'essa occasião soccorreu-se á experiencia de Guido de Montefeltro, procurando-o no retiro a que se acolhera, como o imperador Constantino (diz a lenda) procurara o Papa Silvestre, quando vivia n'uma gruta do monte Seratti, na esperança de limpar-se por sua intervenção da lepra, que o devorava. Por conselho do guerreiro converso, conseguiu Bonifacio, mediante avantajadas promessas que os Colonnas, expulsos de Roma e escorchados de todos os seus bens e dominios, entregassem Palestrino, castello fortificado, que ainda lhe restava na campanha de Roma, e que o Papa até então não conseguira entrar á escala vista. Mas com flagrante violação da fé jurada, Palestrino foi arrazado, e o cabeça da Igreja catholica houve-se com os christãos innocentes, como se foram os traidores que entregaram S. João de Acre aos Serracenos, ou aquelles que se lançaram com estes para oppugnal-a ou os que vendiam bastimentos e armas ao Saldão para guerrear christãos.

Na *Hist. de Florença* diz o Sr. Perrens:

« O soberbo e desdenhoso Bonifacio VIII fazia quanto aprazia aos florentinos. Em 1299, requisitava a coadjuvação da liga toscana contra os Colonnas, seus inimigos pessoaes, a dois dos quaes despojados da dignidade cardinalicia, não obstante haverem contribuido para a sua eleição com os seus votos, que astuciosamente obtivera. Contra elles fôra pregar impia cruzada um Legado especialmente nomeado em 26 de Junho de 1297, Matteo de Aquasparta, Arcebispo de Prato, Geral dos Franciscanos, que Nicolau IV alcançara o chapeu de cardeal e estivera na côrte de Rodolpho, Rei dos Romanos, em embaixada, conjunctamente com o proprio Bonifacio, então Benedetto Gaetani. Esse prelado, não contente com a simples predica, pedia, em cumprimento das suas terminantes instrucções, a intervenção da mão armada por espaço de dois mezes, cuja prorogação por mais tres mezes ao diante exigiu. Eram amiudadas e attendidas requisições taes, reiteravam-se as remessas de gente e dinheiro. Florença dava 166 de cavallo, Siena 124, Lucca 114, Pistoia 47, Città di Castello 20, Volterra 18, Prato 15, San Geminiano 7, Colle 5, Poggibonzi 4. Não se menciona Piza, porque o Papa tinha alli mando e dominio no seu caracter de *podestá*. Essa guerra, impropria de christãos, provocava zelo politico nos governantes. »

sentimentos de devoção nos particulares. Neri Donati, que tomara a cruz para soccorrer a Igreja romana contra os Colonnas, deixava em testamento 18 libras para fardar e armar um peão. Giovanna, filha de Bonnaccursi dei Velluto, contribuia com 30 libras e enviava um soldado á sua custa « contra os perfidos Colonnas e quantos rebellavam-se contra a Santa Igreja e o soberano pontifice ». Assim ajudado, Bonifacio tomou aos seus inimigos Palestrino e todos os seus castellos da campanha romana. Promettendo muito para cumprir pouco — como lhe aconselhara Guido de Montefeltro, que Bonifacio mandara sahir do convento, onde o guerreiro, alquebrado pela idade, vestira o burel franciscano, o Papa levou os Colonnas ao extremo de se expatriarem e acolherem á protecção de Philippe o Bello, Rei da França. »

[9] Dante, cap. 10 do lib. III de *Monarchia* diz:

« *Dicunt quidam adhuc, quod Constantinus imperator, mundatus à lepra intercessione Silvestris, tunc summi pontificis, imperii sedem, scilicet Romam, donavit Ecclesiæ cum multis aliis imperii dignitatibus.* »

[10] Fraticelli, na *Dissertação sobre o Convito*, examina a questão—se Dante foi contradictorio, depois de ter elogiado Guido de Montefeltro no *Convito*, o collocou no *Inferno*, punido como fraudulento. Eis o que disse o erudito escriptor :

« Cumpre attender cuidadosamente ás datas e estudar as causas especiaes que moviam o poeta a louvar ou vituperar, para que, por nimia generalisação, se lhe não attribuam sentenças erroneas Guido de Montefeltro, que no *Inferno* vemos entre os fraudulentos, fôra pelo divino Poeta louvado e exaltado no *Convito*. Como se deve explicar similhante contradicção? O douto Mazzoni, benemerito de Dante, entendeu que Dante elogiara Guido de Montefeltro sob o aspecto de bom soldado e bom cavalheiro, pois no *Convito* falou como philosopho moralista, mas que falando no poema, como theologo, de necessidade tinha de apresental-o penando pelas fraudes que commettera. D'este parecer foram os commentadores na generalidade. Mas, á verdadeira luz examinadas as causas do louvor e vituperio, a outra conclusão seremos levados.

« Guido de Montefeltro, sagaz e esforçado guerreiro, tendo passado a, mór parte da sua vida no tumultuar das pelejas e partidos, entrado já na velhice, entregou-se a idéas de penitencia e humildade, e entre os frades menores sujeitou em 1296 os seus setenta e quatro annos ao habito e ao cordão de S. Francisco. Passados alguns mezes, Bonifacio VIII chamou a sua presença o religioso, que por longos annos de carreira civil e militar alcançára fama de extrema astucia, e pediu-lhe aconselhasse a melhor traça para tomar aos Colonnas Preneste ou Palestrino. Tornou Guido que, sendo, como era, a cidade inexpugnabil, um só, alvitre proporia, se o não reprimisse o receio de peccar. Replicou-lhe o pontifice que removia o obstaculo, absolvendo-o antecipadamente. Disse então Guido, que tudo alcançaria, promettendo largo e dando escasso. Assim que os Colonnas, fazendo fiança nas brilhantes promessas de Bonifacio, entregaram Preneste, que pouco depois viram arrazada. Elles e os seus foram tão cruamente perseguidos, que tiveram de acolher-se na França, outros na Sicilia. Por ter dado esse conselho perfido, foi o frade condemnado a penar eternamente no inferno nada valendo a absolvição pontificia.

« Isto escrevia Alighieri muitos annos depois do seu passamento em 1298. No *Convito*, porém, escreveu Dante as seguintes palavras (trat. IV, cap. 28): Ah ! miseros e mesquinhos, que, devendo repousar-vos, deixais arrastar pelo vendaval e vos perdeis n'esse mesmo caminho, em que tanto vos afanastes! No porto da vida terreal não quiz entrar Lanceloto com as velas desfraldadas, nem tambem o nosso nobilissimo latino Guido de Montefeltro. Bem fizeram esses nobres varões ferrando as velas das operações mundanas, pois na idade provecta acolheram-se á religião, despido todo o deleite e cuidado mundano.

« Distinctas as datas e conhecidas as causas, pelas quaes Dante louvava e depois vituperava, desvanece-se a supposta contradicção e o escriptor concilia-se perfeitamente comsigo mesmo. Em 1298, exaltava em Guido a piedosa resolução de apartar-se do mundo e dos seus bens transitorios e buscar no retiro do claustro a paz e o bem que nunca têm fim. Mas, ao cabo de muitos annos (em 1306 a 1308, quando escrevia o *Inferno*), arrazada Treneste, proscriptos os partidarios dos Colonnas, conhecidos os effeitos funestos do fraudulento conselho, por muito tempo encoberto, o severo e implacavel Poeta, embebendo a penna em fél gibelino, verberava com os seus tremendos versos a memoria de Bonifacio e do frade. »

Scolari, allegado por Fraticelli, já dissera : « De 15 de Novembro de 1296, em que o Conde Guido vestiu em Ancona o habito de S. Francisco ao seu fallecimento em Assiz, a 28 de Outubro de 1298, decorreram 32 mezes e 13 dias. Do dia em que o homem do seculo, o formidavel guerreiro, o imperterito gibelino se retrae da scena do mundo e merece applauso do escriptor do *Convito*, d'esse dia a hora final da sua vida, occorreu por ventura facto algum de tal monta e tão estrondoso, que désse ao auctor da *Comedia* azo para tratal-o como traidor á vocação claustral? Não. O religioso, a invite de Bonifacio, torna aos interesses e alvorotos da guerra e do mundo e em 1297 dá o conselho, cujo resultado foi a ruina de Preneste. E, pois, Guido, o ancião, voltando costas ás vaidades mundanas, foi havido por espelho de virtude em 1296 e se fez digno do publico elogio exarado no *Convito*; mas, o mesmo Guido já religioso professo, tornando poucos mezes depois parceiro nas façanhas de Bonifacio, mentiu á sua vocação, e mereceu o perpetuo vituperio, que o cantor da *Comedia* lhe infligiu, quando depois da sua morte e depois de 1300, rompeu-se de todo o véo, que escondia a verdade. »

[1] O Papa Celestino, que renunciou a thiara por suggestões de Benedetto Gaetani, depois Bonifacio VIII.

CANTO XXVIII

1. DIZER o sangue e as chagas espantosas,
Que eu vi n'este logar, quem poderia,
Em livre prosa e em vezes numerosas ?
2. Nenhuma lingua, certo, bastaria ;
Fraca a palavra, inhabil nossa mente
Para horror tanto comprender seria.
3. Quando junta estivesse toda a gente,
Que lá da Apulia na infelice terra,
Perdera o sangue seu na lucta ingente. [1]
4. Dos Romanos por mãos ; e em crúa guerra
A que tantos de anneis deixou vencida,
Como refere Livio, [2] que não erra ;
5. E a que fôra por golpes abatida,
Quando a Robert Guiscardo [3] resistia ;
E a que tem sua ossada inda espargida
6. De Ceperan [4] no campo, onde trahia [5]
Cada Apulhez; e que no Tagliacozzo [6]
O velho Alard sem combater vencia:
7. Das feridas o aspecto lastimoso
Não fôra qual no fosso nono immundo
Apresentava o bando criminoso.

8. Qual tonel, que aduelas perde ou fundo,
Estava um peccador, que rôto eu via
Das fauces ao logar, que é menos mundo.
9. As entranhas pendiam-lhe; trazia
Patentes os pulmões e o sacco feio,
Onde o alimento de feição varia.
10. A contemplal-o estava de horror cheio,
Eis me encara e me diz, abrindo o peito:
« Vê como eu tenho lacerado o seio
11. « Mafoma sou, quasi pedaços feito;
Antecede-me Ali, [7] que se lamenta:
Do mento á testa o rosto lhe é desfeito.
12. « Todos, que a dôr aqui tanto atormenta,
De escandalos, de schismas inventores,
Fendidos têm, qual vês, pena cruenta. *
13. « Demonio deixo atraz, que os peccadores
Aos fios passa de cruel espada.
Da multidão nenhum aos seus furores
14. « No giro escapa da affrontosa estrada.
Cerra-se em todo cada golpe horrendo
Antes que torne a olhar-lhe a face irada.
15. « Mas quem és, que, na rocha te detendo,
Estás d'essa arte a dilatar a pena,
Que Minos te applicou, teus crimes vendo ? »
16. Não é morto ; sentença o não condemna »
Torna o Mestre —« não vem por seu castigo,
Mas, para ter experiencia plena.
17. « Descendo ao mais profundo vai commigo,
Que morto sou, dos circulos temidos :
Tão certo é como falo ora comtigo. »
18. Ouvindo mais de cento dos punidos,
De espanto a me encarar se demoraram,
Dos seus proprios tormentos esquecidos.

* Fautores de escandalos, schismas e heresias.

19. A Frei Dolcino [8] diz, pois não findaram
Teus dias e hasde ao sol tornar em breve,
Se desejos de ver-me o não tomaram,
20. « Que se aperceba ; pois, cercando-o, a neve
Dará triumpho á gente de Novara,
A quem vencel-o assim ha de ser leve. »
21. Para partir um pé Mafoma alçára
Ao tempo, em que palavras taes dizia :
Baixou-o e foi-se, apenas rematára.
22. De guela golpeada outro accorria;
Té as celhas nariz tendo troncado,
Uma orelha sómente possuia.
23. Como os mais, contemplando-me pasmado,
Aos mais se antecipou e, escancarando
O canal, que de sangue era inundado,
24. « O' tu »—falou-me—« que não stás penando,
Que outr'ora hei visto em região latina,
Se eu não érro apparencias aceitando,
25. « Recorda-te de Pier de Medicina [9]
Se tornar-te fôr dado ao bello plano,
Que de Vircello a Marcabó [10] se inclina.
26. « E aos dois nobres varões dize de Fano,
Misser Angiolello e Misser Guido [11],
Se, o futuro antevendo, eu não me engano,
27. « Que do baixel, que os haja conduzido,
De Cattolica ao pé, ao mar lançados
Serão por ordem de um tyranno infido
28. « Por Gregos, por piratas perpetrados,
Entre Cypre e Maiorca, ao infame feito
Não viu Neptuno crimes igualados.
29. « O traidor, que de um olho tem defeito,
D'essa terra oppressor, que um companheiro
Meu tivera em não vel-a mór proveito,
30. « Irão a seu convite prazenteiro
Para accordo ; mas votos de Foscara [12]
Não fará por temer vento ponteiro. »

31. « Revela-me » tornei-lhe—« e me declara,
D'esse favor, que deprecaste, em troca,
Quem de ver essa terra se pezara. »
32. As mãos de um peccador alçando á bocca,
Escancarou-a e disse-me gritando :
—« E' este ; a voz, porém, se lhe suffoca.
33. « Exulado, elle foi quem, dissipando
Hesitações de Cezar, lhe affirmava
Que a occasião perdia demorando. [13] »
34. Oh! quão pavido Curio se mostrava,
Tendo cortada a lingua na garganta,
Que outr'ora tanta audacia aconselhava!
35. Dos decepados braços alevanta
Outro os côtos ao ar caliginoso:
Banha-lhe o sangue a face, que me espanta.
36. Gritou: — «Memóra Mosca desditoso ! [14]
Fui quem disse: — O seu fim tem cousa feita!
Fatal dito, á Toscana, ai! bem damnoso ! »
37. « E á tua raça, que á morte foi sujeita ! »
Atalhei. Sobre a dôr dôr se accendendo
Em desesp'rança se partiu desfeita.
38. Aquella multidão stava attendendo,
Cousa assombrosa eis vejo, que inda hesito
Em narrar, provas outras eu não tendo.
39. Da consciencia já me alenta o grito,
Socia fiel, que o homem torna forte,
Sob o arnez da verdade, sempre invicto.
40. Eu via, e cuido ver na mesma sorte
Apropinquar-se um corpo sem cabeça,
Por entre os outros da infeliz cohorte,
41. Caminha, alçando-a pela côma espessa,
Da mão pendente a modo de lanterna:
Gemendo, os olhos seus nos endereça.
42. Servia elle a si proprio de luzerna,
Eram duas em um, era um em duas:
Como ser póde, sabe-o quem governa.

43. Chegado ao pé da ponte, das mãos suas
Uma ao alto a cabeça levantava
Para lhe ouvirmos as palavras crúas.
44. « Vê meu duro castigo ! » — assim falava —
« Tu, que os mortos visitas, sendo em vida:
Outro já viste igual ao que me aggrava?
45. « Eu sou—faz minha historia conhecida,
Voltando á luz—Bertram de Born, que ha dado
Ao joven Rei consulta, em maltecida. [15]
46. « Pae e filho inimigos hei tornado:
As iras de Absalão mais não movera.
Contra David Achitophel [16] malvado.
47. « Laços taes como eu, perfido, rompera,
Meu cerebro assim levo desunido
D'esse principio, que no corpo impera:
Por lei sou, pois, de talião punido, »

NOTAS AO CANTO XXVIII

Estão na cava nona atormentados os causadores de escandalos, schismas e heresias: consiste a pena dos condemnados na mutilação. Apresentam-se Mahomet, Beltram de Born e outros.

[1] Os que perderam a vida na prolongada guerra, que precedeu a conquista da Apulia pelos Romanos.

[2] Refere-se o Poeta á batalha de Cannas. Tito Livio narra os incidentes d'essa victoria dos Carthaginezes, que podera ser o ultimo dia de Roma, cuja perda foi por elle computada em 40.000 de pé e 27.000 de cavallo. Polybio esmou em 70.000 a perda dos Romanos.

A narração, que da batalha de Cannas fez Plutarcho (*Vida dos homens illustres* — Fabio Maximo), é a seguinte:

« Terencio Varrão foi nomeado consul, homem de obscuro nascimento, mas conhecido por suas lisonjarias ao povo e pelos assomos do seu genio; de crer era que em breve a tudo se arriscasse, levado pela inexperiencia e desmedida presumpção. É assim que bradava nas assembléas que, emquanto Roma tivesse generaes da estofa de Fabio, a guerra se havia de prolongar: um só dia lhe bastava para dar cabo dos inimigos. Ao mesmo passo, reunia o exercito mais numeroso, que tiveram em qualquer das suas guerras. Nove myriadas menos dois mil, de soldados tomaram as armas com extremo terror de Fabio e de todos os Romanos prudentes, receiosos de verem a republica exhausta, se de uma vez perdesse aquella brilhante mocidade. Fabio, entendendo-se em particular com o outro consul, Paulo Emilio, general experimentado, mas impopular, que fora multado pelo povo, tratou de levantar-lhe os espiritos e aconselhar que atalhasse os desmandos do seu collega, mostrando-lhe que o interesse da patria estava tanto em porfiar contra Varrão como contra Annibal. Sou mais sincero que Terencio, accrescentava elle asseverando que Annibal, se em todo este anno se lhe não offerecer batalha, ou se perderá teimando em ficar, ou se verá na necessidade de fugir. Ao presente, comquanto alardeie de victorioso e senhor do campo, não tem por si nenhum dos nossos inimigos; das tropas com que veio, mal resta-lhe a terça parte.

« Dizem que Paulo Emilio respondeu-lhe: Prefiro, Fabio, morrer pelo ferro do inimigo a pleitear ainda uma vez os votos dos meus concidãos. Mas, nas actuaes circumstancias da republica, me empenharei por parecer bom ge-

neral a ti sómente, desagradando aos que pretenderem induzir-me ao procedimento contrario. Assim decidido, Paulo Emilio partiu para a guerra.

« Mas Terencio obrigou-o a deixar-lhe o commando de dois dias em um, e foi acampar perto de Annibal á margem do Aufido, nas cercanias de uma povoação chamada Cannas. Ao romper do dia, mandou desfraldar o signal da batalha, uma côta de armas estendida acima da barraca do general. Depumeiro impressionou aos Carthaginezes o arrojo do general, tanto mais quanto as tropas romanas formavam mais do dobro das suas. Annibal mandou formar o seu exercito, e montando a cavallo subiu a um tezo, d'onde poude observar a ordem das fileiras inimigas.

« Giscon, um dos seus companheiros, disse que maravilhava de tamanho somma de inimigos. Carregando o sobrolho, tornou-lhe Annibal: Não sabes que ainda ha outra cousa mais para maravilhar, e é que no mundo haja um homem que tenha nome de Giscon. Aquelle jocoso repente provocou geral hilaridade, que se apoderou de quantos o foram a conhecer a proporção que desceram da eminencia. Riu-se tambem Annibal, cujo aspecto esforçou em subido ponto os Carthaginezes, que se persuadiram de que o seu general em muito grande desprezo tinha o inimigo, pois em occasião tal sorria-se.

« De dois estratagemas serviu-se Annibal. O primeiro foi dar costas ao vento, que soprava violentamente levantando na planicie vasta e arenosa espesso pó, que passava por cima dos Carthaginezes e ia açoutar os rostos dos Romanos, constrangidos por isso a voltar a cabeça e romper as fileiras. O segundo cifrou-se na ordem da batalha e collocação das tropas: foram tremendos os seus effeitos. Rôto o centro dos Carthaginezes, os Romanos, perseguindo-os, penetraram no meio dos batalhões, que então, mudando de aspecto, formaram-se em meia lua: os commandantes das alas compostas dos mais valentes e experimentados fizeram movimento de conversão á direita e á esquerda, deram sobre os inimigos descobertos, envolveram-os e passaram á espada quanto não conseguiram desenvencilhar-se d'aquelle circulo. Segundo se diz, a cavallaria romana cahiu n'um erro fatal. Paulo Emilio cahiu do cavallo, que fôra ferido: os que lhe estavam proximos, apearam-se e combatiam assim em soccorro do consul. Os outros cavalleiros, cuidando ser aquillo effeito de ordem geral, desceram-se tambem dos cavallos. Notando o que se passava, disse Annibal: isto é melhor do que se os encontrasse manietados.

« O consul Varrão, acompanhado de poucos, fugiu para Venosa. Paulo Emilio, no tumulto da batalha perdida, traspassado de dardos, profundamente abatido pelas circumstancias em que se achava, deixou-se cahir sobre uma pedra, aguardando um que lhe désse cabo da vida. Corria-lhe sangue do rosto e cabeça, desfigurando-o em modo tal, que os seus amigos passavam por elle sem conhecel-o. Sómente o patricio Cornelio Lentulo deu pela sua presença, e apeiando-se offereceu-lhe a sua cavalgadura, e supplicou-lhe que acceitasse-a afim de conservar-se em pról dos seus concidadãos, que então, mais que nunca, haviam mister um bom general. Paulo Emilio não só recusou a offerta, senão obrigou-o a cavalgar, dizendo-lhe: Vai, Lentulo, corre a participar a Fabio Maximo, que viste Paulo Emilio fiel aos seus conselhos até o fim, que cumpriu a sua palavra, mas foi vencido primeiro por Varrão, depois por Annibal. Retirou-se Lentulo, e o consul, enviando-se ao meio da carnificina, morreu.

« Esmou-se a perda dos Romanos em 50.000 mortos e 4.000 prisioneiros. Depois mais de 10.000 foram tomados. »

Tito Livio, lib. XXIII, cap. 12, refere:

« Como prova do glorioso triumpho alcançado em Cannas, Mago, filho de Hamilcar (que fôra levar a Carthago novas da batalha) mandou conduzir para o vestibulo da curia anneis de ouro em quantidade tal que, segundo certos autores, encheram tres alqueiras e meio. Mas a opinião mais seguida e mais de accôrdo com a verdade foi que encheram um alqueire sómente. Para dar idéa mais avantajada da calamidade dos Romanos, declarou Mago que esse dis-

tinctivo unicamente por cavalleiros era usado e de entre elles os que mais sobresahiam. »

[3] Roberto Guiscardo foi um dos filhos de Tancredo de Hauteville, cavalleiro normando. Estando os seus irmãos na Italia, reuniu-se-lhes em 1046, e conquistando a Apulia e a Calabria, alcançou do Papa Nicolau II o titulo de duque. A estes dominios accrescentou os principados de Salerno e Benevente. Após desavenças com Gregorio VII, com o qual ao diante se reconciliou, passou ao Oriente, assenhoreou Corfú e venceu em batalha Alexis Commeno, Imperador de Constantinopla. E iria por diante, se não recebesse novas dos commettimentos emprehendidos contra os seus Estados pelo Imperador Henrique IV. Tornou por isso á Italia, onde prestou assignalado serviço áquelle Papa, que estava cercado no castello de S. Angelo e que foi conduzido por elle para Salerno. N'esta cidade, onde falleceu Gregorio VII, tambem terminou a carreira de Roberto de Guiscardo.

[4] Acerca da batalha de Ceperano, escreveu o Sr. Perrens na sua obra mais de uma vez citada :

« Em oito dias Carlos conduziu a sua cavallaria e as suas pesadas machinas, não obstante os rigores da estação invernosa, aos confins do Estado napolitano. O seu adversario tentou prudentemente o meio das negociações dilatorias, para ganhar tempo e assim receber os mercenarios allemães, que esperava de refresco. Teve resposta, que denunciava desconversavel soldado e fervoroso catholico. « Ide dizer, tornou o principe francez ao mensageiro de Manfredo—ao sultão de Nocera, que hoje eu o mandarei para o inferno ou elle me elevará ao paraiso. » Logo no principio da refrega, perdeu Manfredo a primeira linha de defensa. Emquanto o conde Giordano guardava em vão com a sua cavallaria os passos de Guarigliano, o Conde de Caserta franqueava a passagem d'esse rio em Ceperano. Na segunda linha não se podia sustentar a fortaleza de Aquino; Rocca d'Arce, ninho de aguias, galhardamente escalada, era rendido pelos peões da França. Dedalos emplumados—no dizer de Sabas Malaspina: Napoles e Gaeta abriam prudentemente as portas a San Germano, chave inconquistavel das regiões meridionaes, era entrado pelos francezes e guelfos florentinos, seus alliados, que o investiram de improviso. O baixo Vulturno, protegido por Capua, podia offerecer terceira linha de defensa ; mas impossivel era conserval-o. Manfredo, portanto, retirou-se e concentrou as suas tropas principaes no valle de Caloré, a pouca distancia de Benevente. Receioso de novas traições, formou-as em tres linhas na planicie de Grandella, para onde endireitavam os francezes, descendo desassombrados pelas montanhas ; alli a pé firme esperou e feriu a peleja inevitavel. Sua segunda « batalha » compunha-se de mil gibelinos toscanos ou lombardos ao mando do Conde Giordano. O inimigo collocou tambem na segunda ordem os guelfos italianos com os Provençaes, cerca de mil lanças, ás cedens do Rei. A reserva, commandada por Guido Guerra, comprehendia 400 desterrados florentinos. Vendo-os, Manfredo admirou a sua boa compostura. Conta-se que elle dissera tristemente : Estes guelfos não hão de perder hoje. O que é feito dos gibelinos, que deviam ajudar-me em recompensa do muito, que com elles tenho despendido? Os que tinha nas suas fileiras, posto mais numerosos que os guelfos nas do inimigo, não lhe permittiam deslembrar tantos fidalgos e peões prudentes, que se deixaram ficar nas suas cidades, allegando guardal-as para a causa gibelina e para o Rei Manfredo.

« D'esta arte Carlos, com poder superior e apercebido de tudo para a victoria, ia-se enviar contra o adversario, desamparado de qualquer esperança, mas não de esforço. Recommendou aos seus que ferissem, não de soslaio, mas de ponta, aos cavallos na cabeça, aos cavalleiros no peito, mas preferindo sempre os cavallos, porque, desmontados os combatentes, opprimidos pelo pezo das cavalgaduras, estorvados pelos estribos e armas, levement eseriam feridos pelos

peões. Ninguem escape—repetia elle—: tudo era licito contra o sultão, a quem seguiam tantos *porcos*, tantos sarracenos, inimigos de Deus, e tão poucos padres e capellães.

« Entre esses *musulmanos* e esses *cruzados*, a peleja foi confusa e desordenada. Desvaneceu toda a disciplina militar o cégo furor, que os odios religiosos de ordinario accendem. Posto que a espada curta dos francezes ficasse de mau partido, cruzando-se com o montante dos Allemães, os mais numerosos tinham de triumphar. Apenas alguns leaes companheiros rodeavam a Manfredo: eram Romanos, Lombardos, poucos barões do reino. Com elles no derradeiro lance arremetteu aos inimigos, mas ainda alli se insinuara a traição ou cobardia: o seu camareiro-mór, o conde de Malecta, retirou-se para Benevente, levando comsigo o thesouro commettido á sua guarda. Tambem com outros fidalgos, fugiu o conde de Acerra. Perdida toda a esperança, e preferindo, como então disse, morrer como Rei a viver no desterro e miseria, despiu-se das insignas reaes para não ser conhecido e enlaçou o elmo de batalha, do qual se desprendera a aguia de prata, que encimava. *Hoc est signum Dei*—proferiu então e arrojou-se ao mais cerrado combate, onde obscuramente desappareceu, como o mais humilde dos seus soldados.

« Não tendo Carlos noticia de que fosse visto entre os vivos, ordenou que o procurassem entre os mortos, recommendando que por espaço de tres dias nenhum cadaver fosse removido do campo da batalha. Afinal, um soldado da Picardia, que se apossara do cavallo real, declarou ter visto cahir o guerreiro, que o cavalgava, homem louro, de olhos azues, barba ruiva, de cor clara, estatura média e gentil parecer. A' esta fiel descripção, os cortezãos napolitanos reconheceram aquelle que chamavam seu Rei, seu capitão, seu senhor, seu cordeiro. Após muitas deligencias, achou-se o seu corpo traspassado de feridas e despojado das vestes. Para que não fosse posto ás feras e aves de rapina, Carlos mandou cobril-o de um acervo de pedras na estrada, perto de Benevente, recusando-lhe, como a excommungado, a sepultura ecclesiastica. A injuria, que foi notada n'ese acto foi aggravada pelo rancoroso Pignatelli, Arcebispo de Cosenza, que, de motu proprio ou de ordem do Papa, mandou ignominiosamente transportar para fóra dos confins do reino os ossos de Manfredo. Acima de Ceperano, não longe do rio Liris e á margem do Verde, arroio do Estado pontificio, foram atirados á superficie do sólo, expostos aos insultos das aves do ceu, dos ventos e chuvas. »

[5] Os da Apulia, que acompanhavam Manfredo em Ceperano, quando viram a batalha em ponto de perder-se, lançaram-se com os seus inimigos.

[6] Em Tagliacozzo foi em 1268 vencido por Carlos de Anjou o filho do Imperador Conrado IV, Couradino, ultima vara do tronco dos Hohenstauffen. Cahindo nas mãos do seu inimigo, foi decapitado. Chegára apenas aos 16 annos de idade.

O já citado historiador narra d'este modo o que se passou:

« A 19 de julho de 1268, Conradino proseguia na sua marcha, acompanhando-o de longe a armada pisana, que negava á vista de terra e indo em direitura á provençal, que desbaratou a 11 de agosto á vista do pharol de Messina. « Por jactancia de mancebo — diz Saint Priest —, em vez de fazer jornada pela estrada de Peruzza e Spoleto, encaminhou-se pela de Viterbo, onde residia Clemente IV, e a 22 passou por ella com todo o seu exercito, coroado, como elle, de verdura e flores. » Por castigo do seu atrevimento, a excommunhão maior, já fulminado pelo Papa, foi de ordem d'este vulgarizada em toda a Italia pelos diversos Bispos nas suas cathedraes a dobres de sinos e cirios apagados.

« Mas pouco lhe importava. O seu exercito crescia a olhos vistos como rios, que engrossam com os tributos de numerosos affluentes. Chegavam-lhe tropas de refresco da Marcha de Ancona, dos Estados Sicilianos, da Lombardia

Toscana. Chegado á Roma a 24 de julho, quiz alistar sómente os nobres e peões que tinham-se provado como leaes gibelinos: sobejavam-lhe forças para apurar na escolha. A 10 de agosto partiu-se finalmente impellido pelo seu destino. Acompanhavam-o 6.000 cavalleiros, além da infanteria, Allemães da sua escolta ou mercenarios, Hespanhoes de D. Henrique, Lombardos commandados por Galvano Lancia, Toscanos ás ordens de Donoratico de Pisa. Como estivesse tomada a estrada de Ceperano, antiga via latina, transito habitual das invasões, inclinava-se á Sulmona pelos Abruzzos afim de se encorporar com os Sarracenos de Lucera. Mas, confiando no avantajado numero dos seus soldados, desattendia aos movimentos do seu vigilante adversario, que dos seus estava bem inteirado.

« Carlos sahira de Foggia e da Capinata, centro da sublevação, e deixara em frente á Lucera apenas um troço do seu exercito. Chegara a Scureola quatro dias antes de haver Conradino sahido de Roma. Quatro dias e quatro noites foi-lhe no encalço pela raia, não para impedir que a passasse, senão para obrigal-o a travar peleja o mais longe possivel dos Sarracenos. E o conseguio a 22 de agosto, junto á collina de Alba, n'um valle estreito e pantanoso, por onde correm as aguas do Salto, o qual, cortando uma estrada, dava passagem por uma ponte. Aos 6.000 cavalleiros de Conradino sómente podia oppôr 4.000, mas supprin a differença a pericia militar do barão francez Erard de Valery (muitos o chamavam Alard), condestavel de Champagne, que voltava da terra Santa com cem lanças. Segundo os seus conselhos, foi o exercito repartido em tres corpos, dois para fazer frente ao inimigo, em quanto o terceiro, composto de 800 cavalleiros, conduzidos por Erard e pelo Rei em pessoa, emboscava-se na quebrada de um monte para arremetter em occasião apropozitada. Arriscavam-se d'este modo os dois corpos á derrota quasi infallivel, mas por tal preço se alcançaria a victoria.

«Conradino cahiu no laço, dividindo em duas partes todo o seu exercito, cuidando ter assim superioridade do numero. Nem elle nem os seus conselheiros cogitaram de explorar o terreno, o que lhes denunciaria a tactica do inimigo e o induzira a contrapor-lhe outra igual.

«De parte a parte, o empenho estava em passar para a margem opposta, assenhoreando a ponte. Os Provençaes e guelfos italianos da margem esquerda oppunha-se á passagem. A D. Henrique com os hespanhoes estava commettido tental-a atacando. Repellido e não podendo atravessar o rio por serem muito escarpadas as suas ribanceiras, seguio-lhe o curso até achar logar, que lhe désse vau. Isto conseguiu e poude então investir de travez o corpo de tropa, que lhe era opposto. Tel-o-ia anniquilado, se em soccorro não tivesse acudido o marechal Henrique de Cosenza com o segundo corpo, que commandava. Arremetteram contra elle os Allemães, e a refrega, generalizando-se, ia-se decidir em pról dos mais numerosos. Guelfos e Provençaes desamparavam o campo. Guilherme d'Estendart com as seus homens fugiam para a planicie. Sómente resistia Henrique de Cosenza, que, para attrahir a si todo o impeto dos aggressores, vestira as armas reaes e levava alçada diante de si a bandeira de lizes de ouro. Alvo de mil tiros, cortado de mil golpes, foi dilacerado por vencedores desapiedados.

« Parecia certo o triumpho. Conradino, alquebrado da calma, despira o arnez e o entregara aos seus escudeiros, para descançar á sombra de álamos a margem do Salto, emquanto os seus, derramando-se, perseguiam os fugitivos e saqueavam. Carlos de Anjou a muito custo era contido por Erard de Valery: mas afinal deu este o signal de acommetter, e a reserva, sahindo da emboscada, deu de improviso sobre os inimigos dispersos, cubiçosos de preza. Os vencidos, ouvindo o appellido dos seus e vendo reapparecer a real bandeira, rodeada de cavalleiros encorporados em boa ordem, cobraram animo e começaram a reunir-se. D. Henrique, tornando atraz, viu mallogrados os seus esforços para derrotal-os. Sua gente achava-se tomada de terror: parecia-lhe resuscitado por

milagre esse Rei que haviam por morto. Fingindo evital-os, Erard e Carlos completaram a victoria. Os Hespanhoes, rechassados, até a planicie, cahiram aos golpes dos francezes, cuja desforra foi decisiva e completa. Para descançar, passaram a noite no campo de batalha, no dia seguinte sahiram no encalço dos vencidos por montes e valles.

« Tal foi a victoria, impropriamente chamada de Tagliacozzo, nome, que lhe attribuiu Dante e que ficou. Conradino, fugindo unicamente com 500 lanças, voltou á Roma, onde os guelfos estavam acclamados pela plebe inconstante. D'alli passou-se para Astura, castello que demora no maritimo: Giovanni Frangipani, de cobarde ou traidor, entregou-o ao almirante siciliano.

« Carlos bem podera ser clemente: foi inexoravel. « Com ferocidade franceza, disse o guelfo Sabas Malaspina, mandou decepar os pés aos prisioneiros para impossibilital-os de marcharem outra vez contra elle, e fez incendiar a prisão, em que os encerrava para apagar até os vestigios de atrocidades taes. Ordenou tambem que os seus principaes inimigos fossem enforcados ou degollados. » Clemente IV levava muito a mal que houvesse piedade para com os fugitivos.

« Restava Conradino. Sua morte tinha de provir dos seus direitos legitimos no conceito de muitos e como taes havidos por Luiz IX. Era o condemnado sem processo pelo simples facto da rebellião. Extinguir na sua ultima vergontea a casa de Suabia, importava desvanecer todo o receio de futuras duvidas. A' tentação tão forte, Carlos não poude resistir. Esqueceu-se de que esses Sarracenos, que abominava como infieis, tinham-lhe a elle e ao seu irmão restituido a liberdade. »

[7] Ali-ben-Abu-Taleb, primo de Mahomet, fundador da religião musulmana, foi um dos mais fervorosos e fieis discipulos do propheta, que lhe mostrava especial predilecção, como provou dando-lhe a sua filha Fatima. Pelas suas infatigaveis diligencias e animo esforçado desenvolveu-se o islamismo e os crentes na missão divina de Mohomet alargaram a área das suas conquistas. Em 656, foi elevado ao califado, em que teve de luctar com graves difficuldades, que lhe oppuzeram diversos pretendentes á corôa, principalmente a facção dos Omniades. Havia apenas reinado quatro annos, quando um fanatico assassinou-o, o que lhe deu o caracter de martyr e santo. Os Alides, passado algum tempo, como descendentes de Ali, reinaram no Egypto e outras regiões.

[8] Frei Dolcino pertenceu á seita denominada dos Apostolos, que dizia ter por missão reformar a Igreja e restituir-lhe a simplicidade dos tempos primitivos do christianismo, despojando o clero do poder temporal. Attribuiu-se-lhe que ensinava a communidade dos bens e mulheres. Perseguido, acolheu-se em 1305 com os seus companheiros em numero de 3.000 ás montanhas de Novara, no Piemonte. Alli esteve algum tempo com varia fortuna, salteados pelos seus inimigos, que, afinal ajudados pelos rigores do inverno e penuria de mantimentos, obrigaram-o a entregar-se com Margarida de Trento (uma freira), que o acompanhava. Esta morreu queimada a fogo lento: igual sorte muitos outros tiveram. Frei Dolcino expirou em tormentos ainda mais crueis.

O *Ottimo*, depois de contar que soror Margarida fôra queimada com *muitos* e muitos outros, accrescenta: — Eu, o escriptor d'estas linhas, vi com os meus proprios olhos, arderem em Padua 22 dos companheiros de Frei Dolcino, de uma só vez, gente de infima ralé, idiotas e villões. »

Escreveu Villani, liv. VIII, cap. 84:

« Em 1305 um frade, chamado Dolcino, que á nenhuma ordem regular pertencia, retirou-se para Novara, com asseclas numerosos, dando-se por legitimo apostolo de Christo e ensinando a communidade dos bens e mulheres, além de outras doutrinas igualmente hereticas. Censurava o Papa, os cardeaes e mais

prelados da Santa Igreja por não cumprirem os seus deveres, não viverem como anjos. E dizia que lhe competia a elle a dignidade de Summo Pontifice. Acompanhavam-o mais de 3.000 homens e mulheres, que viviam promiscuamente nos montes como brutos. Quando lhes escasseiavam mantimentos, abasteciam-se mettendo á saque os logares proximos. Assim passaram dois annos; mas foi diminuindo o numero dos sequazes, porque muitos auzentavam-se, não querendo continuar n'aquella vida immoral. E como apertou-os a penuria de meios de subsistencia e recrudesceu a aspereza do inverno, Dolcino e os seus cahiram nas mãos dos habitantes de Novara, e foi queimado vivo com Margarida, sua companheira, assim como muitos outros homens e mulheres, que tinham sido seduzidos pelos erros d'aquella seita. »

[9] Medicina, districto de Bolonha, d'onde era natural este Pedro, fautor de discordias e malquerenças entre seus concidadãos, e entre Guido de Polenta e Malattestino de Rimini.

[10] A planicie, que demora entre Vircelli, no Piemonte, e Marcabó, logar pouco distante de Ravenna, comprehende mais de duzentas milhas.

[11] Dois dos mais virtuosos e principaes habitantes de Fano, Angiolello de Cagnano e Guido del Cassero, foram convidados por Malattestino de Rimini á uma conferencia afim de accordarem sobre assumpto de commum interesse. Mas o commandante do navio, que os conduzia, cumprindo ordens d'esse tyranno, lançou-os ao mar, onde afogaram-se entre Rimini e Fano, perto de Cattolica.

[12] Focara é montanha de Cattolica, d'onde sopram ventos ponteiros, que muito damno causam á navegação costeira. Os mareantes, que cursam n'essa direcção, fazem votos e promessas para chegar a salvamento, em avistando o promontorio. Aquelles dois companheiros, assassinados antes de descortinal-o, não haviam mister soccorrer-se a taes votos e promessas.

[13] Curião, tribuno do povo, expulso pelo Senado, que se lançou com o exercito de Cezar, junto ao Rubicon.

Diz Lucano, *Phars.* lib. I:

Expulit ancipiti discordes urbe tribunos
Victo jure minax factatis curia Gracchis.
Hos jam mota ducis, vicinaque signa potentes
Audax venali comitatur Curio lingua,
Vox quondam populi, libertatemque tueri
Ausus, et armatos plebi miscere potentes.
Utque ducem varias volventem pectore curas
Conspexit: « Dum voce tuæ potuere juvari
Cæsar, ait, partes quamvis nolente senatu
Traximus imperium tunc, quum mihi rostra tenere
Jus erat, et dubios in te transferre Quirites.
Sed postquam leges bella siluere coactæ
Pellimur et patriis laribus, patimurque volentes
Exilium: tua nos faciet victoria cives.
Dum trepidant nullo firmatæ robore partes,
Tolle moras, semper nocuit diferre paratis... »
Sic postquam fatus et ipsi
In bellum prono tantum tamen addidit iræ,
Accendilque ducem, quantum clamore juvatur
Elens sonipes, quamvis jam carcere clauso
Immiteat foribus, pronusque repagula laxet.

[14] Mosca degli Uberti ou dei Lamberti.

Diz o Sr. Perrens (*Hist. de flor.*):

« Em 1215, sendo *podestá* Gherarbo Orlandi, um certo Mazzingho Fegrine, ufano por ter alcançado a insignia de cavalleiro, para as sumptuosas festas, com que em um logar proximo á cidade solemnizou a insigne honoraria, convidou todas as pessoas da maior supposição. Em mesa, uma facecia de Oddo Arringhi dei Fifante accendeu as iras de um dos convivas Alberto dei Infangati, que lhe respondeu asperamente. O provocado, replicando, atirou-lhe um prato ao rosto. Proseguio o banquete ; mas os animos se exaltaram, o vinho subiu aos cerebros. Mal se havia levantado a mesa, Buondelmonte dei Buondelmonti, brioso mancebo, amigo do offendido, enviando-se ao offensor, prostou-o a punhaladas.

«Para vingar a familia, reuniram-se em conferencia os seu amigos Uberti e Lamberti, Amidei e Gangalandi. Não os desamparou a prudencia, e a consideração dos seus interesses politicos lhes mostrou os males, que originariam na discordia dos magnatas. E accordaram que a paz não seria perturbada sob a condição de se casar Buondelmonte com a sobrinha do ferido, filha de Lamberzuccio dei Amidei.

« A um bizarro cavalleiro, que todas as mães desejariam comprar para genro, não poderia ser agradavel receber-se com uma moça desengraçada como aquella. Aventando no mancebo essa repugnancia, a mulher de um dos poderosos Donatis, que tinha duas filhas nubeis, determinou aproveitar a primeira opportunidade para o seu intento. E no domingo de Ramos, ao passar Buondelmonte a cavallo em frente ás suas janellas, chamou-o, fel-o entrar e, em pratica reservada, metteu á bulha a premeditada alliança, ramatando por dizer-lhe: Eu te havia destinado esta minha filha. Era a donzella no extremo formoza, nobilissima por sangue e ricamente dotada. Ao primeiro aspecto captivou o fogoso cavalleiro, e sem intervenção diabolica (como suppoz Villani — *per sussidio diabolico prese di lei*) determinou-se a quebrar o seu compromisso. E acto continuo, sem reflectir nas consequencias, ajustou o casamento.

« Aggravada a primeira offensa por esta outra, os Amideis assentaram em ir por d'ante no seu proposito de vingança. Convocando os seus alliados na igreja de Santa-Maria-Sopra-Porta, lhes pediram conselho, soltando os olhos ao pranto. Mosca Lamberti, quando teve de dar o seu parecer, sentenciosamente disse : *Cosa fatta capo ha*. A' esta sentença homicida todos assistiram. Por ter suggerido essa idéa, Mosca figura no *Inferno* de Dante alçando os braços mutilados, de que o sangue gotteja-lhe sobre o rosto. »

[15] Bertram de Born.—Acerca d'este homem famoso assim na historia politica, como nos annaes litterarios do seculo XIII por sua indole bellicosa, por seu talento poetico, celebrado tanto como guerreiro, quanto como trovador, Fauriel, na sua *Histoire de la poésie provençale* diz :

« Bertram de Born, um dos cinco ou seis mais abalizados trovadores, foi o que por talento e caracter maior influencia teve nos acontecimentos occorridos no seu tempo. Para dar idéa do que elle foi, referirei o que nas tradições provençaes se depara mais notavel com relação aos seus feitos e composições.

« Segundo o seu mais antigo biographo, Bertram de Born era senhor de de um castello situado na diocese de Perigueux, visconde de Hautefort, povoação, em que se contavam mil homens. Tinha um irmão, Constantino, que pozera o intento em desapossal-o das suas propriedades e arruinal-o ; mas não o conseguiu por effeito da interferencia do rei da Inglaterra.

« Viveu em guerra perpetua com todos os potentados da sua visinhança, o visconde de Perigueux, o visconde de Limoges, seu irmão Constantino, Ricardo Coração-de-Leão, a esse tempo ainda simples conde de Poitiers. Bertram era bom cavalleiro, bom guereiro, bom trovador, bom admirador das damas, bem instruido, bem falante e bem succedido na boa e na má ventura.

« Sempre que lhe aprouve, dominou na vontade do Rei da Inglaterra Henrique II e dos seus trez filhos. Mas o seu invariavel proposito foi semear a sizania da guerra entre elles, dos filhos contra o pae, e dos filhos uns para com os outros. Fez quanto poude para accender a discordia entre os soberanos da França e da Inglaterra. Nos intervallos de paz, escrevia *sirventes* para demonstrar quanta affronta resultava para os dois Reis de viverem em boa amizade e para estimulal-os a se hostilizarem. Das desavenças em que se travaram, lhe provieram conveniencias grandes e tambem gandes damnos.

« Do que diz o antigo biographo, segue-se claramente que a feição predominante no caracter de Bertram de Born era desmarcado pendor para a guerra. Amava-a não só como ensejo para dar mostras de esforço e bravura, alcançar fama e gloria, e accrescentar poder, senão tambem e principalmente porque levava a lances arriscados, exaltava os animos valorosos, arrebatava os corações, e até por dar azo a tumultos, alvorotos, padecimentos e miserias. Offerece elle o ideal do guerreiro indisciplinado e aventureiro da Meia Idade, menos do que do guerreiro propriamente dito, que peleja para um fim moral, em pról da paz e ordem social: Bertram guerreava sómente para guerrear.

« Na velhice, arrependido dos seus erros, fez-se frade e morreu no claustro. Este piedoso fim não obstao ao conceito, em que o tinha Dante, o qual o representa no *Inferno* levando na mão a propria cabeça á moda de lanterna, symbolica punição do crime de separar o pae dos seus filhos. »

O illustre Villemain, que no seculo presente foi um dos mais brilhantes ornamentos das lettras, não só na França, senão no mundo inteiro, exhibiu sobre Bertram de Born observações diguas de subido apreço, selladas com o alto criterio e delicado atticismo, que assignalaram os seus escriptos. Merecem a transcripção em vulgar os trechos seguintes do seu—*Cours de littérature française—Tableau du Moyen âge*:

« Para haver conceito exacto do que era um fidalgo cantor, um guerreiro trovador, cumpre ter na lembrança Bertram de Born. Sua existencia passou por mais borrascas do que a de todos os outros trovadores, ousado e altivo mais que nenhum, com a maior asperidade que distinguiu a Meia Idade. Não obstante, metrificou com habilidade, com cesuras perfeitas, symetricas, melodiosas e cadenciaes: essa arte, que ao diante Petrarca, no lazer da vida clerical já rebrilha em Bertram de Born, alvoroçado pelas agitações, pelo afan dos commettimentos marciaes. Não se interpreta o que elle compoz. Essa parte notavel da poesia dos trovadores é inevitavel ler no proprio original: não ha outro meio apropositado...

« Henrique da Inglaterra tinha formidaveis competidores nos seus filhos duque de Guyenna e conde de Anjou. Homem da estofa de Bertram de Born, fidalgo sem opulencia, que a muito porfiar poude apenas recuperar o seu castello de Hautefort e quatro ou cinco casaes, para fazer-se temido soccorreu-se ao meio estimular para a guerra aquelles poderosos vassallos. Formava ligas, accendia guerras entre os filhos do Rei da Inglaterra, irritando um contra o outro, açulando-os contra seu pae. Se era vencido, entrava em composição, mas em breve tornava á batalha. Quando os principes se reconciliavam, quando por deslealdade ou traição escasseavam os confederadores, Bertram de Born vingava-se por uma satyra contra o vencedor e os alliados perfidos. Quantos esforços empenhou para induzir Ricardo, em subindo ao throno, a guerra contra Philippe Augusto! Expedia *sirventes* como manifestos de guerra.

N'esses versos, o que é muito para ver, consiste não nos versos, senão na importancia historica. Não ha melhor e mais exacto meio para aquilatar a feudalidade do que essa influencia de um guerreiro e poeta sobre tantos principes ambiciosos, a essas guerras, essas pazes fementidas, essas traições, essas repetidas effusões de sangue no meio dos sarãus, dos torneios, das trovas e canções namoradas...

« Bertram de Born encorporou-se com alguns senhores contra Ricardo duque de Anjou, foi vencido, e o seu castello foi pelo duque entregue a um governador. O poeta endereçou-lhe um *sirvente*, nota diplomatica d'quelle tempo : n'essa expansão do trovador está o que se não acha em historia ou chronica. A consequencia foi a restituição do castello. Bertram, de então em vante, fiel a Ricardo, foi parte na sublevação d'quelle principe e seus irmãos contra seu pae, Henrique II. O commettimento mallogrou-se pelo prematuro fallecimento do principe Henrique, lamentado por Bertram de Born com tão saudosa eloquencia. Não obstante Bertram proseguiu na guerra ; mas não só o seu castello foi rendido, senão tambem elle proprio teve de ser conduzido á presença do Rei da Inglaterra.

« Disse-lhe o monarcha : Sois vós que tanto alardeais de engenhoso ? Já houve tempo—tornou Bertram—em que assim foi ; mas depois que perdi o principe vosso filho, perdi tambem todo o meu engenho, toda a minha sagacidade. O Rei, ouvindo falar em seu filho, soltou os olhos ao choro e exclamou : —Ai ! Bertram, desaventurado Bertram ! Razão houve para perderes espirito e sagacidade depois da morte de meu filho ; elle te amava exclusivamente. Por amor d'elle te restituo a liberdade e todos os teus bens. E assim o fez, accrescentando um donativo de 500 marcos para custas da guerra. »

Dante, no liv. II, cap. 2—*De vulgari eloquio*—mencionando os assumptos de que trataram nos seus cantos varios poetas illustres do seu tempo, diz que Bertram de Born cantou as armas.

[16] Livro dos Reis, II, cap. 16 e 17 :

« E Achitophel disse a Absalão : Entre as concubinas de teu pae, que elle deixou para guardarem o palacio, para que, em soando por todo o Israel que fizeste esta affronta a teu pae, se unam elles mais fortemente ao teu partido. Armou-se, pois, para Absalão uma tenda no terraço, e elle, á vista de todo o Israel abusou das concubinas de seu pae. Os conselhos, que Achitophel dava n'aquelles dias, eram considerados como os oraculos de Deus ; e assim se consideravam todos os oraculos de Achitophel, tanto quando estava com David, como quando estava com Absalão.

« Disse depois Achitophel a Absalão : Farei por mim escolha de 12.000 homens e sahirei em busca de David esta noite. E dando sobre elle, porque está cansado e frouxo das mãos, o destroçarei ; e logo que fugir todo povo, que vem com elle, matarei o Rei abandonado. E reconduzirei todo o povo, bem como costuma voltar um só homem ; pois que tu a um só homem busca, e todo o povo ficará em paz. E agradou seu parecer a Absalão e a todos os anciãos de Israel. »

CANTO XXIX

1. Meus olhos tanto inebriado haviam
A turba enorme e o seu cruel tormento,
Que allivio em pranto procurar queriam.
2. « Por que assim » diz Virgilio « estás attento ?
Por que a vista dos tristes mutilados
Prende-te ainda o duro soffrimento ?
3. « Tal não fizeste em antros já passados.
Estão, se os resenhar é tenção tua,
Por milhas vinte e duas derramados.
4. « Já sob os nossos pés evolve a lua ; [1]
E'-nos escasso o tempo concedido ;
O que ainda has de ver detença exclua. »
5. « Talvez se houveras » tórno « conseguido
Ver o motivo, porque eu tanto olhava,
Mais demora tivesses permittido. »
6. Já se partia ; e eu logo caminhava,
Em quanto assim falava-lhe em resposta,
Accrescentando : « Lá, n'aquella cava,
7. « Onde a vista cuidosa estava posta,
Da stirpe [2] minha um spirito carpia
Por culpa, a que mór pena está disposta. »
8. « Não te confranjas mais » responde o Guia
« Nos males, que padece, cogitando.
De al cuida ; estar n'esse antro merecia.

9. « Ao pé da ponte o vi, que, te indicando,
O dedo alçava em comminante gesto :
Geri del Bello estavam-o chamando,
10. « Eras absorto no semblante mesto
D'aquelle que senhor foi de Altaforte : [3]
Quando attentaste, se ausentára presto. »
11. — « O' Mestre » eu disse « a violenta morte
Que ainda não puniu justa vingança
De quem n'aquella affronta era consorte,
12. « Deu causa a usar, ao ver-me, essa esquivança
Talvez e ao seu silencio : assim pensando
Maior piedade do seu mal me alcança. »
13. Ao rochedo chegamos praticando,
D'onde outro val divisa-se : o seu fundo
Todo se vira, a luz não lhe faltando.
14. Subidos do final claustro profundo
De Malebolge á ponte, onde os conversos
Já distinguia do recinto immundo,
15. Lamentos e ais feriram-me diversos;
De magoa tanta o peito assettearam,
Que os ouvidos tapei aos sons adversos.
16. Tão penetrante dôr denunciaram,
Como se da Maremma e da Sardenha
Enfermos no verão se encorporaram.
17. De outros á turba, que remedio venha
Nos hospitaes buscar de Valdichiana. [4]
Odor surdia, igual ao que já tenha
18. Corrupto corpo, se gangrena o damna.
Baixando á sesta até a riva extrema
Mais claramente da caverna insana
19. Então vimos o fundo, onde a Suprema
Infallivel Justiça a raça impia
Dos falsarios em pena infinda prema. *

* Alchimistas.

20. « De Egina quando o povo adoecia
E o ar maligno aos animaes a morte
Trazendo, os proprios vermes extinguia,
21. Deserta sendo a terra de tal sorte
Que as formigas (poetas o affirmavam)
Deveu a antiga gente o alento forte: [5]
22. Scenas taes mais tristeza não causavam
Do que almas ver, que essa prisão sombria
Em rumas varias languidas juncavam.
23. Qual sobre a espalda de outro se estendia,
Qual sobre o ventre seu, qual, se arrastando
Na dolorosa estrada se estorcia.
24. Silentes, passo a passo caminhando,
Vemos, ouvimos miseros prostrados,
Em vão para se erguerem se esforçando.
25. Sentados dois, um no outro recostados,
Ques torteiras que juntas se aquecessem,
Vi do alto aos pés de pustulas manchados,
26. Os criados, que os amos seus apressem,
Ou que estejam velando de mau grado
Almofaça não vi que assim movessem,
27. Como cada um se agita accelerado,
Com implacaveis unhas se mordendo,
De raivoso prurido atormentado,
28. Iam da pelle as crostas abatendo,
Como a faca do sargo arranca a escama
Ou de peixe, na casca mais horrendo.
29. « O' tu » contra um dos dois Virgilio exclama,
Que os dedos teus convertes em tenazes
Por desmalhar do corpo a extrema trama,
30. « Diz-me se entre estas almas contumazes
Existe algum Latino: eternamente
Sejam-te as unhas de servir capazes! »
31. « Latinos somos »—torna diligente
Um dos dois padecentes lacrimoso,
« Mas tu quem és? Em declarar consente. »

32. « Eu sou quem »—diz Virgilio ao desditoso
« De circ'lo em circ'lo este homem vivo guia
Por lhe mostrar o abysmo pavoroso. »
33. Já cessa o mutuo arrimo, que os unia:
A mim volveu-se cada qual tremendo;
Turba imitou-os, que em redor ouvia.
34. Acercou-se-me o Guia assim dizendo:
« Quanto quizeres tu agora dize. »
Eu logo comecei lhe obedecendo:
35. « Nunca a memoria vossa finalize
Na primeira mansão da humana raça!
Mas por sóes numerosos se abalize!
36. « Quem sois? E d'onde? De o dizer a graça
Fazei: a vossa pena, immunda é certo,
De responder-nos pejo vos não faça.
37. « De Arezzo fui » disse um «de Siena Alberto [6]
Morte me deu nas chammas truculento
Por feito, a que não fôra o inferno aberto.
38. « Dissera, engracejar só pondo o intento.
« Alçar-me aos ares posso velozmente. »
Essa arte, por ter curto o entendimento,
39. « Houve elle de saber desejo ardente.
Como o não fiz um Dedalo, á fogueira
Mandou-me quem seu pae foi certamente.
40. « Mas das cavas cahi na derradeira
Por sentença de Minos rigorosa:
Foi meu crime a alchimia traiçoeira. »
41. E ao Vate eu disse: «Nunca tão vaidosa
Gente poude alguem ver como a de Siena? [8]
Nem a de França ha sido tão sestrosa! »
42. O segundo leproso então me acena
Dizendo: «Salvo Stricca, homem poupado, [9]
Que todo o excesso em desprender condemna!
43. « Salvo Nicolo aquelle, que inventado
Do cravo tinha a rica especiaria,
O seu uso deixando enraizado!

44. « Salvo Caccia de Ascian e a companhia,
Com quem vinhas e bosques esbanjava
E o Abbagliato as chanças esgrimia !

45. « Para que saibas quem d'esta arte aggrava
Contra os de Siena o teu severo asserto,
No meu triste semblante os olhos crava.

46. « De que ora vês Capocchio [10] já estás certo,
Que, alchimista, os metaes falsificára.
Sabes como eu, se em recordar acerto,
Natura, habil bugio, arremedára. »

NOTAS AO CANTO XXIX

Chegando á ponte superposta á decima e ultima cava, ouve Dante as lamentações e gemidos dos falsificadores e alchimistas alli atormentados: mas, como a escuridão não permitte vel-os distinctamente, desce até o fundo, e os vê affligidos de horrendas enfermidades. Apresentam-se Griffolino e Capocchio.

[1] D'este modo significa o poeta que já era meio-dia.

[2] Dominava no tempo de Dante como preceito inviolavel de pundonor a barbara crença de serem as affrontas pessoaes de um individuo resentidas por todos e cada um membros da sua familia, como os proprios foram, em modo que devessem empenhar forças e haveres para conseguir completa vingança e desaggravo na pessoa do offensor e na de cada um dos seus. Esse erro cruel e sanguinario, que em algumas regiões ainda hoje em dia persiste, derivava em especial das tribus germanicas e cobrou maior intensidade na Italia, onde de cidade em cidade, de familia em familia, as dissensões e luctas inflammavam-se cada dia em violentos incendios, que conflagravam a peninsula em toda extensão. Reinava assim nos animos a implacavel *vendetta*.

Geri del Bello era parente de Dante, mas tão desnaturado, que se infamou como falsificador de moeda e promotor de discordias e desuniões, razão porque está na cava nona. Morreu assassinado por Sacchetti em Ghiado. Ao diante foi vingado por um irmão, que tirou a vida a um dos Sacchettis á porta da propria casa.

Por este caso ainda mais se manifestam a inteireza e imparcialidade, com que Dante distribuiu as penas para castigo dos peccadores, sem exceptuar partidos, nem privilegiar pessoas.

[3] Altaforte ou Hautefort, castello que Bertram de Born possuia em Perigueux, na Guyenna.

[4] Valdichiana era talhado pelo rio Chiana, a cujas margens jaziam Arezzo, Cortona, Montepulciano e Chiuti. No seculo de Dante e ainda muito depois era pantanoso e affeiçoado a febres paludosas, mas tendo-se conseguido o enchugo das suas terras, de ordem do Imperador Leopoldo II, tornou-se o seu territorio um dos mais amenos, ferteis e saudaveis da Toscana. D'esse rio se faz menção no c. XIII do *Par*. Da Maremma já se tratou em nota ao c. XXV. A Sardenha tambem era notada de insalubridade.

[5] A peste, que despovoou Egina, como effeito da vingança de Juno, foi descripta por Ovidio, nas *Met.* lib. VII.

Principio cœlum spissa caligine terras
Pressit et ignavos inclusit nubibus æstus;
Dumque quater junctis explevit cornibus orbem
Luna, quater plenum tenuata retxuit orbem,
Letiferes calidi spirarunt flatibus austri
Constant et in fontes vitium venisse lacusque,
Milliaque incultos serpentum multa per agros
Errasse, atque suis fluvios temerasse venines
Strage canum prima, voluncruque, oviumque, boumque.
Inque feris subiti deprensa potentia morbi.
Considere infelix validos miratur arator
Inter opus tauros, medioque recumbere sulco.
Lanigeris gregibus, balatus dantibus ægros,
Sponte sua lanæque cadunt et corpora tabent...
Pervenit ad miseros damno graviore colonos
Pestis, et in magnæ dominatur mœnibus urbis.
Viscera torrentur primo, flammæque latentis
Indicium rubor est, et ductus anhelitus igni;
Aspera lingua tumet; tepidisque arentia venis
Ora patent, auræque graves captantur hiatu.
Non stratum, non ulla pati velamina possunt;
Dura sed in terra ponunt præcordia; nec fit
Corpus humo gelidum, sed humus de corpore fervet.
Nec moderator adest; inque ipsos sæva medentes
Erumpit clades, obsuntque auctoribus artes.
Quo proprior quisque est servitque fidelius ægro,
In partem leti citius venit. Utque salutis
Spes abiit, finemque vident in funere morbi,
Indulgent animis, et nulla, quid utile, cura est;
Utile enim nihil est. Passim positoque pudore
Fontibus et fluviis puteisque capacibus hærent,
Nec sitis est extincta prius quam vita bibendo...
Semianimes errarè viis, dum stare valebant,
Adspiceres; flentes alios terraque jacentes
Lassaque versantes supremò lumina motu;
Membraque pendentis tendunt ad sidera cœli,
Hic, illic, ubi mors deprauderat, exhalantes.

O mesmo poeta conta nos termos seguintes a transformação das formigas em homens:

Forte fuit juxta patulis rarissima ramis,
Sacra Jovi quercus de semine dodonæo:
Hic nos frugilegas aspeximus agmine longo
Grande onus exiguo formicas ore gerentes,
Rugosoque suum servantes cortice callem.
Dum numerum miror: — Totidem, pater optims, dixi
Tu mihi da civis et inania mœnia supple,
Intremiat' ramisque somnum sine flamine motis
Alta dedit quercus: pavido mihi membra timore
Horruerant, stabantque comæ. Tamen oscula terræ
Roboribusque dedi; nec me sperare fatebar;
Sperabam tamen, atque animo mea votu fovebam.
Nox subit et curis exercita corpora somnus

Occupat : ante oculos eadem mihi quercus ædesse,
Et ramos totidem totidemque animalia ramis
Ferre suis visa est, parilique tremiscere motu
Graniferumque agmen subtectis spargere in arvis ;
Crescere quod subito et majus majusque videri,
Ac se tollere humo rectoque assistere trunco
Emaciem numerumque pedum nigrumque colorem
Ponere, et humanam membris inducere formam.
Somnus abit ; Damno vigilans mea visa querorque
In superis opi: esse nihil : at in ædibus ingens
Murmurerat vocesque hominum exaudire videbar,
Jam mihi desuetas. Dum suspicor has quoque somni,
Ecce, venit Telamon properus; foribusque reclusis
—Speque, fideque, pater, dixit, majora videbis ;
Egredere.—Egredior, qualesque in imagine somni
Visus eram vidisse viros, exordine tales
Adspicio noscoque...

[8] Quem fala é Griffolino, alchimista, que, por gracejo promettera a Alberto filho natural do Bispo de Siena, ensinar-lhe a voar. Impossibilitado de fazel-o, foi accusado de feitiçaria e condemnado por esse prelado á fogueira, em que expirou.

[1] Dedalo, que construiu o labaryntho de Creta, d'onde fugiu mediante azas que fabricou.

[8] O povo de Siena esteve muito tempo em opinião de voluvel, leviano, vaidoso e fatuo. Em Florença chamava-se *chiodo sanese* um prego sem cabeça. V. o c. XIII do *Purgatorio*.

[9] Os individuos aqui mencionados, apenas conhecidos no logar e tempo, em que viveram, ficariam em perpetuo esquecimento, se Dante não houvesse assignalado a sua memoria pela commemoração dos seus vicios e defeitos.

Stucca, de quem fala o Poeta ironicamente, era jurisconsulto em Siena. Nicolo dei Salimbeni foi quem primeiro fez uso do cravo para condimento: a esse uso chama Dante *costuma ricca*, em que se comprehendiam tambem outras especiarias. Esses e outros individuos constituiam a *brigata spendereccia* ou sociedade *dos prodigos*, que se compunha de doze cavalleiros, cujo programma era emprehender e executar cousas, que maravilhassem o mundo. Entrava cada um para o fundo social com 18.000 florins de ouro. Edificaram um palacio, no qual cada prodigo occupava magnifico aposento. Os seus sumptuosos e frequentes banquetes rematavam ás vezes do modo que de insensatos era de esperar: todos os ornatos da mesa, pratos, taças, talheres de prata e ouro eram lançados pelas janellas á rua. E'assim que ao cabo de mezes, deixou de existir a associação, por se ter exhaurido o thesouro. Os prodigos, reduzidos á miseria, foram objecto do escarneo publico.

[10] Parece que Capocchino de Siena foi companheiro de Dante no estudo das sciencias naturaes. Deu-se depois á falsificação de metaes, como amestrado alchimista. A sua pericia e subtileza renderam-lhe a fogueira, na qual ardeu em Siena.

CANTO XXX

1. QUANDO Juno, de Semele ciosa, [1]
Contra o sangue thebano se inflammava,
Como o provou por vezes impiedosa,
2. Tanta insania Athamente [2] perturbava,
Que a esposa ao ver, ao collo seu trazendo
Os filhos dois, que a elle encaminhava,
3. Gritou : « Rêdes tendamos ! Já stou vendo
Leõa e leõesinhos da emboscada » !
Disse e, raivoso, os braços estendendo
4. De um, Learcho, travava e de pancada
Rodou-o e o percutiu em penedia.
Ao mar lançou-se a mãe c'o outro abraçada.
5. Quando a fortuna a cinzas reduzia
A pujança de Troya, em tudo altiva,
E com seu reino o morto rei jazia,
6. Hecuba [3] triste, misera, captiva,
Depois que morta Polyxena vira,
Do Polydoro seu em plaga esquiva,
7. Subito quando o corpo descobrira
Uivou qual cão, de angustia possuida.
Tanto a pungente dôr n'alma a ferira !

8. Mas em Thebas ou Troya destruir
Homens ou feras nunca revelaram
Raiva, em tantos extremos desmedida,
9. Como almas duas lividas, que entraram
Núas correndo, os dentes amostrando,
Quaes cerdos, que á possilga se esquivaram.
10. Uma alcançou Capocchio e, lhe cravando
No collo as prezas, rabida, arrastava
Sobre o ventre na rocha o miserando. *
11. Mas o de Arezzo, que tremendo estava
« E' Gianni Schicchi » [4] — disse — esse raivoso :
De outros a pena o seu furor aggrava ! »
12. « Possas livrar-te do outro esp'rito iroso ! »
Falei — « Se não te causa assim fadiga,
Diz quem seja, antes de ir-se o furioso. »
13. « Aquelle é » — respondeu — « uma alma antiga ;
E' Myrrha [5] infame, que paixão impia
Instigou ser do pae a sua amiga.
14. « Para o seu crime consumar fingia
De outra pessoa as fórmas e o semblante.
Igual ardil usara Schicchi um dia:
15. « Para em premio alcançar egua farfante :
Contrafez Buoso morto e ao testamento
Falso a norma legal deu, que é prestante. »
16. Aos dois raivosos estivera attento
Até que de ante os olhos se apartaram;
De outros volvi-me ao crú padecimento.
17. N'um do alaúde as fórmas se notaram
Se as pernas lhe tivessem cerceado
Na parte, em que do tronco se separam.
18. Da grave hydropisia molestado,
Que tanto o humor vicia e tanto offende,
Que o rosto estreita e faz o ventre inchado,

* Falsificadores de pessoas.

19. A boca ter cerrada em vão pretende,
Qual hectico de sêde resequido,
A quem um labio se alça e o outro pende.

20. « O' vós, que ao negro abysmo haveis descido
(Não sei por que razão) de pena isentos,
Olhai »—disse—« prestando attento ouvido,

21. « De mestre Adam [6] miseria e soffrimentos
Tive abastança; agora, ai ! desejando
De agua uma gotta, passo mil tormentos.

22. « Dos ribeiros, que ao Arno, murmurando
Do Casentino [7] lá na verde encosta
Se vão, por molles alveos inclinando,

23. « Na mente a imagem sempre tenho posta.
Não em vão: mais me secca e me fustiga
Que o mal, de que esta face é descomposta.

24. « Quer Justiça, que austera me castiga,
Que o theatro, onde hei crimes commettido,
Mais me accendendo anhelos, me persiga.

25. « Lá demora Romena, onde hei fingido
Em falso cunho a imagem do Baptista;
Assim meu corpo o fogo ha consumido.

26. « Se a sombra achasse aqui, se aqui já exista,
De Guido ou de Alexandre ou seu germano !
Fonte-Branda esquecera ante essa vista.

27. « Mas um já veio, se induzir-me a engano
Os raivosos, que giram, não quizeram.
Que importa? Para andar em vão me afano.

28. « Se os meus pés transportar-me inda poderam,
De um sec'lo ao cabo, espaço de uma linha,
Já postos a caminho se moveram,

29. « Afim de o ver na multidão mesquinha
Do val, que milhas onze em torno amplia,
Com largura, que de uma se avisinha. [8]

30. « Star lhes devo em tão triste companhia :
Florins cunhei, aos trez obedecendo,
Nos quaes quilates trez de liga havia. »

31. « Quem são »—lhes disse « os dois que ora estou vendo ?
Quaes no inverno mãos humidas fumegam,
A' dextra tua proximos jazendo. »
32. « Já stavam quando vim : elles se entregam,
Des que desci, a quietação completa ;
E creio, assim a eternidade empregam.
33. « Uma accusou José, [9] falsaria abjecta,
Outro é Sinon, [10] de Troya o Grego tredo :
Lançam por febre essa fumaça infecta. »
34. Anojado um do par, que estava quêdo,
Por ver em vozes taes affronta e offensa,
A' pansa o punho lhe vibrou sem medo ;
35. Soou, qual de zabumba a pelle tensa.
O braço Mestre Adam lhe envia á face
E assim lhe dá condi'na recompensa.
36. « Inda que »—disse—« os membros meus enlace
Molestia, que me tolhe o movimento,
Presteza a dextra tem, com que rechace. »
37. « Foste »— o outro tornava —« mais que lento
Quando forçado ao fogo caminhavas.
Só presto eras no officio fraudulento. »
38. « E' certo ; mas verdade não falavas »
O hydropico diz—« quando exigiram
Em Troya essa verdade, que occultavas. »
39. « Se os labios meus perjurio proferiram,
Tu falsaste moeda : eu fiz um crime,
Aos teus nunca em demonio iguaes se viram. »
40. « Do cavallo a façanha inda te opprime »
Responde o que a barriga tinha inchada,
« Sobre o teu nome infamia o mundo imprime.
41. « Arda em sêde tua lingua já gretada ! »
Grita o Grego—« Hajas de agua saniosa
O ventre himpando, a vista embaraçada ! »
42. « Escancaras a boca venenosa »
O moedeiro diz—« por mal sómente ;
Se sêde eu tenho e a pansa volumosa,

43. « Ardes tu e a cabeça tens fervente.
Por lamberes o espelho de Narciso [11]
A um aceno correras de repente. »

44. Attento estava aos dois mais do preciso,
Eis Virgilio me fala :—« Oh ! toma tento !
Quasi que eu contra ti me encolerizo ! »

45. Iroso assim falar n'este momento
O Mestre ouvindo, volto-me corrido :
Ainda sinto rubor em pensamento.

46. Como quem sonha damnos ter soffrido,
Que em sonho espera que sonhando esteja
E anhela que o que é já não tenha sido,

47. A mente, sem dizer, falar deseja,
Desculpas aspirando á falta sua ;
Stá desculpada e cuida que o não seja.

48. « Menos rubor lavara a culpa tua »
Disse o Mestre—« se houvera mór graveza :
Fique-te a mente de tristeza núa.

49. « E quando queira o acaso que á torpeza
De iguaes debates se offereça ensejo,
De que eu steja ao teu lado faz certeza,
Que é ter querendo ouvil-os, vil desejo. »

NOTAS AO CANTO XXX

Apresentam-se n'este canto mais trez especies de falsificadores. Discussão entre Mestre Adam e o Grego Sinon.

[1] Semele, filha de Cadmo e Hermone, amada por Jupiter, concebeu Baccho. Inteirado do caso, Juno determinou vingar-se, e sob a figura de Beröe uma a princeza thebana, induzindo-a a pedir ao Rei dos deuses que se lhe apresentasse com todas as pompas da sua gloria celestial. Jupiter, que se havia compromettido por juramento ao primeiro pedido, que lhe fizesse, assentiu mau grado seu, porque antevia o perigo, a que se ariscava a imprudente. Apenas o deus entrava nos paços de Semele, ateou-se irresistivel incendio, em que ella morreu. Jupiter ordenou a Vulcano, que extrahisse Baccho das entranhas da infeliz e o encerrou em uma das suas coxas, onde o teve até se completar o periodo da gestação.

[2] Athamante, da familia de Cadmo, Rei de Thebas, casou-se duas vezes: a primeira com Themisto ou Nephele, da qual teve dois filhos, Phryxo e Helle; e depois com Ino, filha de Cadmo, consorcio de que procederam Learco e Melicerta. Instigado por Ino, o Rei ia sacrificar os filhos do primeiro leito; mas Jupiter salvou-os, enviando um carneiro de vellocino de ouro, que os arrebatou pelos ares. Na viagem, Helle cahiu ao mar, que do seu nome chamou-se Hellesponto. Phryxo chegou a Colchos, onde immolou o carneiro ao deus Marte. Athamas enlouqueceu, e então, tendo por leõesinhos os filhos, que a Rainha lhe apresentava, matou Learco, atirando-o contra uma muralha. Ino, no extremo do terror e desesperação, arrojou-se ao mar com Melicerta: ambos foram convertidos em deuses marinhos.

Ovidio, nas *Met.* lib. IV, narra assim a loucura de Athamante e as suas consequencias:

Protinus Æolides, media furibundus in aula,
Clamat: « Io! comites, his retia tendite silvis;
Hic modo cum gemina visa est mihi prole leæna! »
Utque feræ sequitur vestigia conjugis amens;
Deque sinu matris ridentem et parva Learchum
Brachia tendentem rapit, et bis terque per auras
More rotat fundæ rigidoque infantia saxo
Discutit ossa ferox. Tum denique concita mater,

Seu dolor hoc fecit, seu sparsi causa veneni,
Exululat, passique fugit malesana capilli;
Teque ferens parvum nudis, Melicerta, lacertis,
«Euhoe, Bacche!» sonat, Bacchi sub nomine Juno
Risit, et: «Hos usos præstet tibi, dixit, alumnus.»
Imminet æquoribus scopulos: pars ima cavatur
Fluctibus, et tectas defendit ab imbribus undas;
Summa riget frontemque in apertum porrigit æquor
Occupat hunc (vires insania fecerat) Ino;
Seque super pontum, nullo tardata timore,
Mittit, onusque suum: percussa recanduit unda.

Traducção de A. F. de Castilho:

No meio do palacio eis furibundo
Entra aos gritos o Eolide: Aqui todos,
Aqui, monteiros meus, esta do bosque
Interna parte m'a tomai de rêdes:
Uma leôa e dois cachorros filhos!
Clama e correu insensato após da esposa,
Em quem tresvio leôa, ao collo d'ella
Lhe ia o filhinho, o seu gentil Learco,
A rir-se-lhe, a estender-lhe os alvos bracinhos.
A querer ir-se ao pae: arranca-o, roda-o
Duas, trez vezes pelo ar, qual funda;
Feroz o solta e n'um penedo o esmaga.
A mãe, então, frenetica, da magoa
Pungida, ou que o veneno a vá minando
Ulula, corre insana e desgrenhada;
Leva nos braços nús, cerrado ao peito
Seu outro filho, o tenro Melicerta;
E vaí bradando: O' Baccho! Evohe! Baccho!
Sorriu Juno a tal nome. Embora logres
Taes mimos—disse—do teu caro alumno!
Surge um penhasco ás aguas sobranceiro;
Das ondas o vaivem por baixo o mina;
Vasto pego co'a abobada protege,
Tanto a fronte escabrosa investe os mares!
Ino, pois lhe ala forças o delirio,
Lá vinga; e sem temor co'a linda carga
Salta ao profundo, abysma-se com o baque,
As aguas, alvejando, espadanaram.

[3] Hecuba, mulher de Priamo, Rei de Troya.

Ovidio, *Met.* lib. XIII:

Teque gemunt, virgo, teque, o modo regia conjux,
Regia dicta parens, Asiæ florentis imago,
Nunc etiam prædæ mala sors, quam victor Ulysses
Esse suam nollet, nisi quod tamen Hectora partu
Edident; dominum matri vix repperit Hector.
Quæ corpus complexa animæ tam fortis inane,
Quas totiens patriæ dederat natisque viroque,
Huic quoque dat lacrimas: lacrimas in vulnera fundit,
Osculaque ore legit; consuetaque pectora plangit,
Canitiemque suam concreto in sanguine verrens...

. . . Quo ferrea vesto?
Quidve moror? quo me servas, annos a senectus?
Quo, di crudeles, nisi ut nova funera cernam,
Vivacem differtis annum? Quis posse putaret
Felicem Priamum post diruta Pergama, dici?
Felix morte sua est; nec te, mea nata, peremptam
Adspicit, et vitam pariter regnumque reliquit. . .
Omnia perdidimus. Superest, cur vivere tempus
In breve sustineam, proles gratissima matri,
Nunc solus, quondam minimus de stirpe virili,
Has datus ismario regi Polydorus in oras.
Quid moror interea crudelia vulnera ,ymphis
Abluere, et sparsos immiti sanguine vultus?
Dixit et ad litus passu procedit anili,
Albentes lacerata comas. « Date, Troades, urnam »
Dixerat infelix, liquidas hauriet ut undas;
Adspicit ejectum Polydori in littore corpus,
Factaque threiciis ingentia vulnera telis.
Troades exclamant: obmutuit illa dolore,
Et pariter voces, lacrimasque introrsus obortas
Devorat ipse dolor, duroque simillima saxo
Torpet, et adversa figit modo lumina terra,
Interdum torvos sustollit ad æthera vultus,
Nunc positi spectat vultum, nunc vulnera nati,
Vulnera præcipue; seque armat, et instruit ira. . .
Sic Hacube, postquam cum luctu miscuit iram,
Non oblita animorum, annorum oblita suorum,
Vadit ad artificem diræ Polymestora cædis,
Colloquiumque petit. . .
Spectat truculenta loquentem,
Falsaque jurantem, tumidaque exæstuat ira.
Atque ita correpto, captivarum agmina matrum,
Invocat et digitos in perfida lumina condit,
Expellitque genis oculos facit ira valentem:
Immergitque manus, fœdataque sanguine sonti
Non lumen (neque enim supererat), loca luminis hauriit.
Clade sui Thracum gens irritata tyranni,
Troada telorum lapidumque incassere jactu
Cœpit: at hæc missum rauco cum murmure saxum
Morsibus insequitur, rictuque in verba parato
Latravit, conata loqui.

[4] Gianni Schicchi de' Cavalcanti, florentino famoso pelo geito com que contrafazia as pessoas. Sobre outras mostras que deu de habilidade, conta-se que Simão Donati, havendo fallecido Buoso Donati, seu pae (o *Ottimo* diz que era seu tio) conseguiu que Schicchi, mettendo-se no leito do morto, quando ainda se não sabia da sua morte, e arremedando-lhe a voz dictasse um testamento ao sabor dos seus interesses, em modo que o instituiu seu herdeiro e nullificou outro anteriormente feito. Schicchi, no acto, se não esqueceu de si, e disse: « Deixo a Gianni Schicchi de' Cavalcanti minha egua. » Ouvindo-o, Simão atalhou: « Não, senhor nós lhe daremos outra cousa. » Mas Schicchi insistiu; e depois cumpriu-se o testamento. Assim o refere o *Ottimo*. A egua era estimada em 1.000 florins de ouro, e uma das mais bonitas da Toscana.

[5] Myrrha, filha de Cyniras, Rei de Cypre, commetteu incesto por meios fraudulentos e fugiu para a Arabia, onde foi transformada na arvore do seu

nome. O fructo d'esse crime foi Adonis, a quem Venus extremosamente amou, morto na caça por um javardo e convertido em flôr.—V. Ovidio, l. X das *Met.*

[6] Mestre Adam de Brescia, incitado pelos condes Alexandre, Guido e Aghinolfo de Romena, falsificou os florins de ouro de Florença, que representavam no anverso um lyrio e no verso a imagem de S. João Baptista.

O illustre autor do *Veltro allegorico di Dante* refere com data de 1281: « Por esse tempo foi grave offensa irrogada á confiança publica. Mestre Adam de Brescia, hospedado em Romena dos Condes, falsificou os florins de ouro. Já circulava na Toscana impura moeda, quando, por occsião de incendiar-se a residencia dos Anchionis em Borgo San Lorenzo, no Mugello, descobriu-se avultada somma de moeda falsa. Denunciando, o autor do crime foi queimado em vida na estrada, que conduz de Florença á Romena. Ainda hoje em dia mostra-se o logar, onde accendeu-se a fogueira em que foi reduzido a cinzas. O viandante por alli passa, atira-lhe uma pedra e recorda os bellos versos com que Dante condemnou o falsificador á perpetua infamia.

[7] Ampère, *Voyage dantesque*:

« Na torre de Romena, que ainda existe, Mestre Adam de Brescia, a impulso dos Condes de Romena, cunhou florins falsos com as armas de Florença, e foi queimado em logar, que, por memoria ainda se chama *consuma*. Era costume dos viandantes, que por alli transitavam atirar uma pedra. O meu guia conhecia o *Comoro do Finado*, mas ignorava a historia de Mestre Adam, sómente sabendo que alli morrera um homem. D'esta arte sobrevive a tradição, se bem que imcompleta nas suas recordações.

« Dois motivos actuaram para que Dante, no seu poema, prestasse detidamente attenção a esse falsificador obscuro. Em primeiro logar, devera ser crime imperdoavel, ao parecer do patriota desterrado de Florença, a falsificação do florim, principal instrumento das transacções commerciaes e prosperidade florentina. De mais d'isto, o Poeta grave razão de queixa tinha contra os Condes de Romena, que n'esse criminoso commettimento se serviram de Mestre Adam. Dante havia-se acolhido á hospitalidade d'esses fidalgos, mas, quando mallogrou-se a expedição tentada pelos florentinos desterrados para se repatriarem, o Poeta, resentido da tibieza, com que n'aquelle ensejo procederam, apartou-se d'elles. Talvez por isso mencionasse o crime em que foram cumplices, punido com infamia. Era no entanto habitual aos poderosos de então opulentarem-se por esse meio. No c. XIX do *Par.*, se diz que um Rei da Esclavonia cunhara ducados falsos de Veneza. Grandes e Reis, falsificavam moeda, não tinha a sorte de Mestre Adam; mas a poesia justicei a de Dante castigava os attentados, que sobreelevavam-se á lei.

« Mestre Adam, culpado por sua cubiça, tem por pena insaciavel sêde: incha-lhe o corpo a hydropisia, seccam-lhe o rosto os tormentos da sêde. Para aggravar-lhe o mal, representa-lhe sempre a memoria a imagem dos amenos valles e cristallinos ribeiros, que dos verdes outeiros do Casentino se debruçam para o Arno:

> Dos ribeiros, que ao Arno, murmurando,
> Do Casentieo lá na verde encosta
> Se vão por molles alveos inclinando.

« Sente-se humido fresco ao ler estes versos. Em abono da verdade, cumpre dizer que o Casentino era realmente muito menos fresco e viçoso do que na poesia de Dante. Nos aridos sitios, que rodeavam essa poesia por effeito da sua propria perfeição, me impressionava com um pouco do tormento de Mestre Adam.

« Mestre Adam, possuido de resentimento deveras dantesco, diz que, se lhe fosse dado o gosto de ver os Condes de Romena padecer como elle, não trocaria esse contentamento pelo gozo das aguas de Fonte-Branda. Houve quem julgasse ser a fonte, que assim denominava-se em Siena; não creio, porém, que seja, posto se haja celebrisado pela sua situação e architectura. A Fonte-Branda de Mestre Adam é mais provavel que jorrasse as suas aguas então, como ainda hoje, á pouca distancia da torre de Romena, entre a scena do crime e o logar do patibulo. »

Tasso, *Ger. Lib.* c. XIII, est. 60:

S'alcun giammai tra frondeggianti rive
Puro vide stagnar liquido argento
O giù precipitose in acque vive
Per alpe, o in piaggia erbosa a passo lento;
Quelle al vago desio forma e descrive
E ministra materia al suo tormento;
Chè l'imagine lor gelida e molle
L'asciuga e scalda, e nel pensier ribolle.

Os desterrados de Florença, em cujo numero estava comprehendido Dante, tendo-se reunido em Gargonza, castello de propriedade da familia Ubertini, que demorava entre Siena e Arezzo, accordaram ligar-se com os Gibelinos da Toscana e Romanha, tomando por capitão o conde Alexandre de Romena, que seria assistido de doze conselheiros: um d'estes foi Dante.

A este respeito escreveu Fraticelli (*Storia della vita di Dante*):

« Quem foi Alexandre de Romena, capitão da liga dos desterrados? Seria porventura esse Alexandre, *anima trista*, de quem Mestre Adam, por elle instigado a falsificar os florins de ouro, deseja ter na sua companhia penando no inferno (c. XXX)? Não, não foi esse, foi, porém, aquelle primo seu, que fallecendo em 1305, deixou por herdeiro Guipo e Oberto, condes de Romena, aos quaes Dante endereçou carta de pezames por occasião do passamento do seu tio, a quem qualifica do modo o mais honroso e cordeal, declarando-lhes que deixara de comparecer na solemnidade funebre, « *não por negligencia ou ingratidão* (palavras suas), *senão pela repentina pobreza, que do seu desterro lhe resultara, e que, como cruel perseguidora, despojando-o de armas e cavallo, me tem aprisionado no antro do seu captiveiro, em modo que por muitos esforços, que eu empenhe por libertar-me, continúa a subjugar-me, mostrando despiedosa no proposito de me deter sempre entre as suas garras.* »

[8] Tendo esta cava onze milhas em circumferencia, e sendo a da cava nona (c. XXIX) de vinte e duas milhas, admittido que todas estejam igualmente distantes entre si, em modo que a área da exterior seja o dobro da interior contigua, por meio d'estes termos se poderá concluir qual seja a medida de cada uma das differentes cavas.

[9] A mulher de Putiphar.

Genesis, cap. XXXIX:

« Era, porém, José de formoso semblante e gentil aspecto. Pelo que, passados muitos dias, lançou sua mulher os seus olhos sobre José e lhe disse: Dorme commigo. O qual, não consentindo de modo algum no execravel crime, lhe disse: Bem sabes que meu senhor, depois de me ter entregue tudo, ignora o que tem em sua casa; nem ha cousa, que não esteja em meu poder ou que me não tenha entregado, excepto tu, que és sua mulher: como, pois, posso eu commetter esta maldade e peccar contra o meu Deus? Com similhantes palavras, todos os dias era a mulher molesta ao mancebo: e elle recusava o estupro. Succedeu, pois, n'um dia que, entrando José em casa e fazendo uma certa obra

sem que ninguem o visse, ella, segurando-o pela orla do seu vestido, lhe disse: Dorme commigo. Elle, deixada em sua mão a capa, fugiu e sahiu para fóra. E tendo a mulher visto a capa nas suas mãos e que ella era desprezada... em prova da sua fidelidade mostrou a capa, com que tinha ficado, ao marido, quando se recolheu para a casa, e disse: Veio ter commigo o servo hebreu, que trouxeste, para fazer zombaria de mim, e, ouvindo que eu gritava, deixou a capa, em que me pegara e fugiu para fóra. O que tendo ouvido o senhor, acreditando em demasia as palavras da mulher, se irou em extremo, e lançou José no carcere, onde estavam fechados os presos do Rei. »

10 Sinon, o Grego, que enganou os Troyanos, quando ardilosamente induziu estes a introduzir em Troya o cavallo de madeira.

Virgilio, *En.*, c. II:

Talibus insidiis perjurique arte Sinonis
Credita res, captique dolis lacrimisque coactis
Quos neque Tydides, nec Larissæus Achilles,
Non anni domuere decem, non mille carinæ
Hic aliud majus miseris multoque tremendum
Objicitur magis atque improvisa pectora turbat...
Dividimus muros et mœnia pandimus urbis
Adcingunt omnes operi, pedibusque rotarum
Subjiciunt lapsus et stuppea vincula collo
Intendant. Scandit fatalis machina muros
Feta armis. Pueri circum innuptæque puellæ
Sacra canunt, funemque manu contingere gaudet.
Illa subit, mediæque minas inlabitur urbi.
O patria, o divum domus Ilium et inclyta bello
Mœnia Dardanidum! Quater ipso in limine portæ
Substitit, atque utero sonitum quater arma dedere
Istamus tamen immemores cæcique furore
Et monstrum infelix sacrata sistimus arce
Tum etiam fatis aperit Cassandra futuris
Ora, Dei jussu non unquam credita Teucris.
Nos delubra deûm miseri, quibus ultimus esset
Ille dies festa velamus fronde per urbem.
Vertitur interea cœlum et ruit oceano nox,
Involvens umbra magna terramque polumque
Myrmidonumque dolos: fusi per mœnia Teucri
Conticuere; sopor fessos complectitur artus
Etjam argiva phalanx istructis navibus ibat
A Tenedo, tacitæ per amica silentia luna,
Litora nota petens, flammas quum regia puppis
Extulerat; fatisque Deûm defensus iniquis,
Inclusos utero Danaos, et pinea partim
Laxat claustra Sinon: illos patefactus ad auras
Reddit equus, lætique cavo se robore promunt.

Traducção de J. F. Barretto:

Tão bem Sinon propoz suas maldades,
Que as temos por certissimas verdades.
E aquelles que o gran filho de Tydeu
Não venceu com mil naus dentro em dez annos,
Nem o valente Achilles Larysseu,
Venceu Sinon com lagrimas e enganos,
Corrobor do falso Pelopeu
As traças e os ardis em nossos damnos

Outra cousa maior e mais tremenda
E aos peitos improvidos horrenda...
Sem se ouvirem razões, sem mais conselhos,
Logo muros se rompem levantados,
E ajudando assim os moços, como os velhos
Leves ródas lhe impoem aos pés pesados,
Cordas ao collo lançam e apparelhos,
Por donde vão tirando alvoraçados.
Assim sóbe a fatal machina os muros,
Prenhada de armas e soldados duros.
De meninos e virgens suave e pura
Musica em torno a córos se escutava,
Tendo-se por mimoso da ventura
O que a corda tocar co'a mão chegava,
Sobre as voluveis ródas mui segura
Soberba ella e eminente caminhava;
E pelo meio da cidade entrando,
Parecia que a ia ameaçando.
O' patria! ó Ilio! estancia sempre amada
Dos deuses! muros inclytos em guerra!
Quatro vezes na porta atravessada
Parou, de horror enchendo o ceu e a terra,
Quatro o rumor se ouviu da gente armada,
Que em seu ventre mortifero se encerra:
Cégos com tudo e sem juizo instamos
Que dentro da cidade a recolhamos.
Entre o monstro infelice e no sagrado
Alcaçar o mettemos mais que insanos,
Tambem Cassandra então nos move o Fado,
Porém nunca foi criado dos Troyanos
Nós co'a festiva folha ao modo usado,
Logo os templos dos deuses soberanos
Pela cidade ornamos este dia,
Que ultimo para todos ser devia.
Deu volta em tanto ao mar a luz mais pura
E antecipada a noite foi vestindo
A terra e ceu de horror e sombra escura
Os dolos dos Myrmidones cobrindo.
Descansar cada qual então procura,
E ás suas casas todos acudindo
Repouso aos lassos membros dão jucundo,
E toda Troya em somno cai profundo.
E já como convinha a argiva armada
Da avara ilha de Tenedos partida
Pelo amigo silencio da calada
Lua buscava a praia conhecida,
Quando na capitanea alevantada
Flamma, de industria a raptos repetida,
Rompendo a treva escura aviso dava
A Sinon, que despeito á mira estava.
E como os Fados sempre a conservaram
Para tão grande mal inicamente,
Tanto que os seus do mar lhe fuzilaram,
Os pineos clautros abre diligente,
Os Danaos fechados, como acharam
Da prisão livre a porta, alegremente

Saem concavo lenho tão ligeiros,
Que os ultimos parece são primeiros.

[11] Eis como narra Ovido, *Met.* lib. III, a transformação de Narciso em flôr (Trad. de A. F. de Castilho.) :

Sem limos, toda esplendida, manava
Fonte argentea, onde nunca os pegureiros,
Nunca do monte as cabras repastadas,
Nem outra qualquer jámais desceram ;
Ave alguma o cristal lhe não turbara,
Nem ferra, nem caduca arborea rama
Como seu frescor em torno se lhe alastra,
Molle tapete hervoso, e a cingem bosques,
Do lago contra o sol perenne escudo
Da belleza do sitio e do saudoso
Murmurio captivado aqui chegava,
Da calma e do caçar oppresso, o joven
Deitou-se e onde cuidou matar a sêde,
Outra mais forte achou. Como bebia,
Viu-se na agua ; enlevou-se tantas graças.
Julga corpo o que é sombra, a sombra adora.
Immovel, fito, como pátrio busto,
Pela pasmada sombra está pasmado.
Debruçado contempla aquelles olhos,
Astros seus, alvas mãos dignas de Baccho,
Madeixas, que as de Apollo nada invejam,
Faces imberbes, collo eburneo, boca
Linda, estreita, no lyrio a côr das rosas.
Admira tudo emfim, que admiram n'elle.
Louco por si, recebe os seus louvores ;
Arde, inflamma, requesta, é requestado
Que beijos vão nas aguas mentirosas !
Que abraços dentro n'ellas mallogrados !
N'aquillo que está vendo não atina ;
Mas de amor o consome, o que essá vendo ;
O erro, que lh'os seduz, lhe incita os olhos. . .
. . . Sustento e somno, esqueceu tudo.
Estirado na relva opaca e fria,
Não se farta de olhar seu falso enlevo,
E pelos olhos seus de amor se fina. . .
Afflicto, de alto abaixo arranca as vestes
E fere o peito nú co'as mãos de jaspe ;
No peito, assim ferido, um tenue rôxo
Se accendeu : tal costuma apresentar-se
Pomo candido em parte, em parte rubro ;
Taes em cacho immaturo purpurea
Alvos bagos o sol. Notando n'agua
Novamente espelhada o mesmo damno,
Não poude mais ; bem como ao leve fogo
Loura cêra se funde ; e ao sol temp'rado
Da geosa manhan se esfaz o aljofar,
Do terno, occulto incendio devorado,
Narciso se desgasta, se atenua,
A mixta côr da purpura e da neve
Já se esvâiu ; sumiram-se com ella

Forças, vigor, encanto, o propio corpo,
De Echo, ainda ha pouco, enleio. . .
Após isto entre a grama a lassa fronte
O misero sumiu, cerrando a morte,
Olhos não fartos de gosar seu dono,
Que inda o lá foram remirar na Styge.
Suas irmans, as Nayas, o choraram,
E, cortando as madeixas, lh'as pozeram
Em tributo de dôr ; choraram Drias,
E Echo os seus choros repetio chorando.
Já fachos, pyra e feretro dispunham,
Quando, em lugar do corpo, acham no sitio
Uma flôr, croceo o olho, as folhas alvas.

CANTO XXXI

1. A LINGUA, que me havia vulnerado
E a vergonha nas faces me accendera,
O balsamo applicava ao mal causado:
2. Assim de Achilles e seu pae fizera,
Dizem, outr'ora a lança portentosa: [1]
Sarava o corpo, que cruel rompera.
3. Damos costas á estancia desditosa,
Sem proferir palavra atravessando
Sobre a borda, que em torno jaz fragosa.
4. Noite não sendo e dia não reinando,
Pouco distante eu divisar podia,
Eis som de trompa escuto, retumbando
5. Tão alto, que o trovão transcenderia,
D'onde irrompera contra a parte andava
E soffrego a um só ponto olhos prendia.
6. A de Orlando [2] tão forte não soava
Na derrota fatal, que a santa empreza
De Carlos Magno o desbarato dava.
7. Já assim por diante: eis a grandeza
De muitas e altas torres me apparece.
« Qual é » digo « essa vasta fortaleza ? »

8. « Pois de tão longe e em trevas te appetece
Julgar » — Virgilio diz — « um erro agora
Imaginando estejas acontece.
9. « Verás alli chegado, sem demora,
Quanto a distancia a vista nos engana:
O passo accelerar convem por ora. »
10. Da mão travou-me e em voz suave e lhana
O Mestre proseguiu: « Antes que avante
Passes, d'essa illusão te desengana.
11. « O que torre imaginas é gigante.
Da cinta aos pés immergem-se no poço,
E alçam bustos em torno ao espaço hiante. »
12. Quando o sol gasta o nevoeiro grosso,
Pouco a pouco se mostra e é discernido
Quanto occulta o vapor ao olhar nosso:
13. Vendo assim por esse ar escurecido,
Da borda mais e mais me apropinquando,
Fugia o erro, o horror tinha crescido.
14. Como torres em róda se elevando,
Montereggiòn [3] guarnecem de corôa:
Assim do poço a margem circumdando,
15. Torream com metade da pessoa
Os horriveis gigantes,que ameaça
Do ceu ainda Jove, quando trôa.
16. Distingo a cara de um (e me traspassa
O medo), logo os braços, peito e parte
Do ventre, que da borda a altura passa.
17. Bem fez a natureza, quando essa arte
De taes monstros crear ha descurado,
De iguaes agentes desarmando Marte.
18. Se ainda a selva e mar têm povoado
Do elephante e baleia, subtilmente
Quem pensa justa e sabia a tem julgado.
19. Mal seria aos humanos permanente,
Se perspicaz engenho encaminhasse
Maligno instincto em robustez ingente.

20. Larga e comprida pareceu-me a face,
Qual de S. Pedro, em Roma, a bronzea pinha: [4]
A proporção nas outras partes dá-se.
21. O corpo, que da borda acima vinha,
Tanto ao ar elevava a gran figura,
Que trez Frisões, por lhe attingir a linha
22. Da cerviz, não fariam tanta altura,
Porquanto eu esmava em trinta grandes palmos
Do collo ao poço a válida estatura.
23. *Rafel mai amech zabi almos* [5]
A pavorosa boca assim bradava;
Não podia entoar mais doces psalmos.
24. Disse-lhe o Mestre: « O' alma bruta e brava!
Tange a trompa, se queres lenitivo
A' paixão, que te accende ardente lava.
25. « A roda busca do pescoço altivo
O loro, a que se prende alma confusa!
Vê que te cruza o vasto peito esquivo. »
26. Depois a mim: « De quanto fez se accusa,
E' Nemrod; [6] por tomar estulta empreza
O mundo uma linguagem só não usa.
27. « Deixemol-o: falar-lhe é van despeza.
Como idioma de outros não comprende,
A quem o escuta o seu move extranheza.
28. Vamos então caminho, que se estende
A' sestra. Outro, de bésta quasi a tiro,
Está mais fero, o ar mais alto fende.
29. Que mão captiva o monstro, que admiro
Dizer não sei: o seu direito braço
Ao dorso preso vi, e ao peito diro
30. O outro, de grilhão no estreito laço,
Que com circulos cinco lhe cercava
Do enorme corpo o descoberto espaço.
31. « Esse reprobo » — diz Virgilio — « ousava
Medir forças com Jove soberano:
Eis o fructo do orgulho, que o damnava!

32. Era Ephialto : executou seu plano,
Quando aos Deuses gigantes aterraram,
Jámais os braços mover póde o insano. »
33. « Os meus olhos, o' Mestre, assaz folgaram,
De Briareu [7] se vissem desmarcado
As fórmas » vozes minhas lhe tornaram.
34. « Anteu verás » — me diz — muito afamado :
Stá solto, fala e nos demora perto :
Hade ao fundo levar-nos de bom grado.
35. « Remoto esse outro fica, e tem por certo
Que em grilhões e estatura áquelle iguala :
Mais fero em vulto, em mal é mais experto. »
36. Jámais um terremoto a torre abala
Em convulsões tão rapido, tão forte,
Como Ephialto a mover-se. Eu já sem fala,
37. Assombrado, cuidei ter perto a morte;
E de pavor sem duvida expirara,
Se elle preso não fosse, e de tal sorte.
38. Presto ao logar seguimos, onde pára
Anteu: fóra a cabeça, em cinco braças
A' borda sobreleva, o que separa.
39. « Tu, que no val feliz, [8] aonde as graças
E as palmas Scipião colheu da gloria,
Quando Annibal vexavam só desgraças,
40. « Mil leões apresaste por memoria;
Que, aos irmãos se ajudaras na alta guerra,
Se crê triumpho registasse a historia
41. « Dois fortes filhos da fecunda Terra !
Ao fundo transportar-nos sê servido,
Onde ao Cocyto o frio as aguas cerra:
42. « Te hemos a Typho e a Ticio [9] preferido.
Dar póde este varão o que mais se ama :
Curvando-te compraz ao seu pedido.
43. « No mundo póde restaurar-te a fama,
Pois vive e ainda longa vida espera.
Salvo se a Graça antes de tempo o chama. »

44. Falára o Mestre. Anteu não considera:
Toma-o logo nas mãos, que lesto off'rece
E a que sentira Alcide a força fera.

45. Quando entre os dedos seu Virgilio vê-se,
Diz-me : « Faze-te prestes, que eu te abrace! »
Ao Mestre o meu querer prompto obedece.

46. Quem Carisenda, [10] em seu pendor olhasse,
Cuidára, ao passar nuvem, que imminente
Ruina ao lado opposto ameaçasse:

47. Tal Anteu parecia de repente
Do corpo ao menear: quando o inclinava,
Estrada eu preferia differente.

48. Mas de leve no fundo nos pousava, *
De Judas'e de Lucifer assento.
A postura deixando, que o dobrava,
Qual mastro impertigou-se n'um momento.

◆

* Nono circulo dividido em quatro espheras.

NOTAS AO CANTO XXXI

Entram os Poetas no circulo nono, o qual se reparte em quatro divisões. A' entrada estão os gigantes. Por intervenção de Anteu baixam ao fundo do poço central.

[1] Da lança de Pelias, pae de Achilles, disse Ovidio:

Vulnus in herculeo quæ quondam fecerat hoste
Vulneris auxilium Pelias hasta fuit.

[2] Na batalha de Roncesvalhes, Roldão ou Orlando, ferido em batalha pelos Sarracenos, para pedir soccorro tangeu a sua trompa, cujos sons se ouviam á vinte milhas de distancia. Assim o diz a chronica do Arcebispo Turpim, o qual accrescenta que n'essa occasião tanta força empregou para altear os sons, que rompeu as veias e nervos do pescoço. Carlos Magno, estando no valle, que demorava a 8 milhas, ouviu distinctamente aquelle bradar de desesperação. Quiz acudir, por conhecer d'onde partiam; mas foi dissuadido d'esse proposito pelo traidor Ganalão, que o acompanhava, explicando o soar da trompa por motivos, que pareceram plausiveis ao Imperador.

[3] Ampére, *Voyage dantesque:*

« Antes de se chegar á Siena, mais uma prova se depara do quanto se aprimoram pela fidelidade do traço as breves descripções de Dante. Compara os gigantes, que se elevam em roda do abysmo com a cidadella de Montereggione, assentada sobre um tezo visinho á Siena e coroando-o de torres, postas na circumferencia, sem nenhuma, porém no centro. Ainda no seu presente estado acha-se fidelidade no segundo verso:

Montereggione di torri si corona.

« As comparações, que Dante deduz das localidades, são tão acertadas e felizes, que a cada passo uma perspectiva traz á memoria um verso, uma imagem do Poeta. Quem viaja por lugares, onde passou Dante, tem presente uma não descontinuada illustração do seu poema. »

[4] A pinha de bronze, que serve aqui de termo de comparação, foi achada no mausoléo de Adriano, cujo pinaculo julga-se que rematava por esse ornamento colossal.

Ampére, *Voyage dantesque*:

« O unico fragmento de antiguidade romana, positivamente mencionado na *Divina Comedia*, é essa pinha colossal de bronze, que ora se acha no Vaticano. N'aquelle tempo existiu no pateo rodeado de um portico, que precedia a antiga basilica de S. Pedro... Dante compara com essa pinha a cabeça de um gigante, que descortina por entre a cerração no ultimo circulo do inferno.

« Recommenda-se á attenção o cuidado, com que se esmera por familiarisar a imaginação com aquillo que talvez a impressionava pouco. Aqui, o termo de comparação é um objecto de grandeza certa e determinada: a altura da pinha é de onze pés, e, por tanto, a do gigante devia ser de setenta. Faz na descripção o effeito das figuras collocadas a par dos monumentos, para facilitar á vista a medida da sua altura. »

[5] *Rufel mai amech zabi almos.*

Têm-se afanado os commentadores por descobrir a significação d'estas palavras. O padre Ventura, tendo para si que fossem derivadas do hebraico e de alguns dos seus dialectos, interpretou-as do modo seguinte: O' poder de Deus, pois estou neste profundo poço? Torna atraz! Esconde-te! A mais geral opinião é que Dante escreveu-as arbitrariamente. As palavras de Nemrod, diz o *Ottimo*, nada significam ao entendimento.

No original está *almi*: rimando com *salmi*. A necessidade da consoante obrigou o traductor a escrever *almos*.

[6] *Genesis*, cap. X:

« Ora, Cus foi pae de Nemrod; este começou a ser poderoso na terra. E era um robusto caçador diante do Senhor. D'aqui vem este proverbio: *robusto caçador diante do Senhor como* Nemrod. »

E cap. XI:

« Ora, na terra não havia senão uma linguagem e um mesmo modo de falar. E os homens, tendo partido do Oriente, acharam um campo na terra de Sennaar e habitaram n'elle. E disseram uns aos outros: Vinde, façamos tijolos e cozamal-os no fogo. Elles, pois, se serviram de tijolos por pedra e de betume por cal traçada: e disseram entre si: Vinde, façamos para nós uma cidade e uma torre, cujo cume chegue até o céu; e façamos celebre o nosso nome antes que nos espalhemos por toda a terra.

« O Senhor, porém, desceu para ver a cidade e a torre, que os filhos de Adam edificavam, e disse: Eis aqui um só povo e uma só linguagem, de todos, e pois, que elles começaram esta obra, não desistirão do seu intento, menos que não o tenham de todo executado. Vinde, pois, desçamos e confundamos de tal sorte a sua linguagem, que o não ouça cada um a linguagem do que está proximo. E d'esta maneira é que o Senhor os espalhou d'aquelle lugar por todos os paizes da terra, e elles cessaram de edificar a cidade. »

[7] O gigante de cem braços, de quem diz Camões, *Lus.* c. V., est. 51:

> Fui dos filhos asperrimos da Terra,
> Qual Encelado, Egeu e o Centimano.

Virg, *En.* c. X:

> *Ægæon qualis, centum cui brachia dicunt*
> *Centenasque manus, quinquigenta oribus iguem*
> *Pectoribusque arsisse, Jovis cum fulmine contra*
> *Tot paribus streperet clipeis, tot stringeret ensis.*

Traducção de J. F. Barretto:

Qual Egeon, gigante deshumano,
Que dizem ter cem braços e mãos cento,
E por cincoenta bocas a Vulcano,
Lançar de tantos peitos turbulento
Quanto contra de Jove o raio insano
Tantos pares, com louco atrevimento,
De escudos sonorosos meneava,
E outras tantas espadas apertava.

* No valle de Bagrada comprehende-se em parte essa planicie de Zama, onde Scipião deu a famosa batalha em que venceu a Annibal.

Lucano, *Pharsalia*. c. IV:

Nondum port genitos Tellus effeta gigantas
Terribilem Lybicis partum conepit in antris.
Nec tam justa fuit terrarum gloria Typhon,
Aut Tityos, Briareusque ferox; cœloque pepercit,
Quod non Phlegræis Anæum sustulit arvis
Hoc quoquetam vastas cumulavit munere vires
Terra suifetus, quod, quum tetigere parentem,
Jam defecta vigent, renovato robore, membra...
Ut tandem auxilium tactæ prodesse parentis
Alcides sensit: « Standum est tibi, dixit, et ultra
Non credere solo, sternique vetabere terra.
Hærebis pressis intra mea pectora membris:
Hue Antæa, cades. » Sic fatus, sustulit alte
Nitentem in terras juvenem, morientes in artus
Non potuit nati Tullus premittere vires.
Alcides medium tenuit; jam pectora pigro
Structa gelu, terrisque dui non crededit hostem
Hinc, ævi veteris custos, famosa vetustas
Miratrixque sui signavit nomine terras.
Sed majora dedit cognomina collibus istis
Pœnum qui Latiis revocavit ab arcibus hostem
Scipio; nam sedes Lybica tellure potito
Hæc fuit. In veteris cernis vestigia valli
Romana hos primum tenuit victoria campos.

No lib. II *de Monarchia* escreveu Dante:

«De dois modos por lucta manifesta-se o juizo de Deus: pelo embate de forças, como succede entre dois combatentes; e pelos esforços de muitos que porfiam por chegar á uma certa barreira. Figuraram os Gentios o primeiro modo no desafio entre Hercules e Anteu, que Lucano rememorou no c. IV da *Pharsalia* e Ovidio no IX da *Matamorphoses*.»

* Virgilio *En*. c. VI:

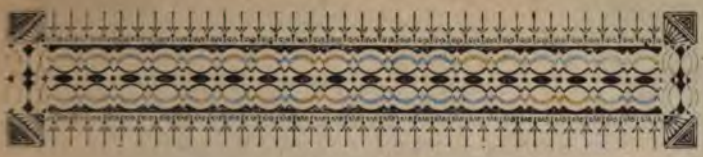
Hic genus antiquum Terræ, Titania pubes,
Fulmine dejecti, fundo volventur in imo.
Hic et Aloïdas geminos immania vidi
Corpora; qui manibus magnum rescindere cœlum
Adgressi, superisque Jovem detrudere regnis...
Necnon et Tityon, Terræ omniparentis alumnum
Cernere erat; per tota novem cui jugera corpus
Ponigitur....

Traducção de J. F. Barretto (V. c. VI est. 129, 130, 132).

Ovidio, *Met.* lib. V: (Traducção de A. F. de Castilho).

Dos abysmos do mar circumsonante
Surge a Trinacria vasta, a cujo pezo
O colossal Typheu jaz sotoposto.
Ao que tanto dos ceus contou co'a posse
Nas entranhas da terra alli o affrontam
De bastas serras horrorosas massas.
Amiude barafusta e luta erguer-se;
Mas sobre a dextra mão lhe está pezando
Oitalico Peloro, o gran Paehyno
Na esquerda, o Lilibeu lhe opprime as pernas,
O Etna, lhe afunda turbida cabeça;
O Etna, por onde as fauces do raivoso
Rojam trovões e fumo, incendio e lava,
Causa co'a bruta carga o corpo bruto;
Sacudir-vos então de si forceja,
Altas cidades, torreados montes:
Retreme a terra, enfina o Rei das sombras,
Que já por bouqueirões, se o sólo os rasga
Presume entrar-lhe a luz, turbar-lhe os mortos.

[10] Carisenda, torre inclinada de Bolonha.



CANTO XXXII

1. Se usasse rimas asperas, rouquenhas
Proprias do poço [1] lobrego e tristonho,
Que do inferno sostem as outras penhas,
2. Melhor idéa do logar medonho
Déra; mas tal vantagem me fallece.
O meu conceito, pois, timido exponho.
3. E' ardua empreza, em que o animo esmorece
O centro descrever do mundo inteiro:
Para empenho infantil ser não parece. [2]
4. Das Musas se ajudar poder fagueiro,
Como a Amphião em Thebas o mostraram, [3]
Fiel serei dizendo e verdadeiro.
5. O' malfadada turba, a quem tocaram
D'este abysmo os castigos, bruto gado
Sendo, fados melhores te aguardaram. [4]
6. Descidos nós ao poço negregado
Das plantas muito abaixo do gigante, *
O alto muro mirava-lhe espantado,

---

* Primeira esphera.

7. Quando ouvi: « Tem cuidado, o' caminhante!
Não calques de irmãos teus desventurados
As frontes. » * Eu, voltando-me, adiante
8. E sob os pés, de um lago vi gelados
Os planos tanto, que os dizer podia,
Não de agua, de cristal, porém, formados.
9. Do Danubio a corrente não seria
Tanto em Austria no inverno enrijecida,
Nem do Tanais, na zona sempre fria.
10. Do lago sobre a face empedernida
Cahisse ou Tambernich ou Pietrapana: [3]
Não fôra ao pezo enorme combalida.
11. Qual ran, que no paúl coaxando, ufana
Um pouco emerge, emquanto a camponeza
Sonhando está que a respingar se afana:
12. Taes gemiam as sombras na frieza
Té a cintura lividas, batendo,
Como a cegonha, os queixos com presteza.
13. Para o seio a cabeça lhes pendendo,
Do frio a boca indicios claro dava,
Nos olhos a tristeza está se vendo.
14. Quando attentei no quanto em roda estava,
Duas vi aos meus pés, em tal abraço,
Que, travado, o cabello se enleiava.
15. « Quem sois que os peitos n'esse estreito laço
Apertais ? » perguntei. Então, voltando
Os collos para traz, um curto espaço
16. Me encararam ; porém dos olhos quando
Lhes brotavam as lagrimas, a neve
Cerrou-os entre os cilios as coalhando.
17. Nunca dois lenhos tanto unidos teve
Cavilha : elles, de irados, se investiram,
Quaes capros, que a marrar o furor leve.

* Traidores ao proprio sangue.

18. Terceiro, a quem, geladas lhe cahiram
As orelhas, com rosto baixo fala :
« Por que teus olhos soffiregos nos miram ?
19. « O par desejas conhecer, que cala ?
Proprio lhes fôra e ao genitor Alberto [6]
O valle, onde o Bisenzio faz escala.
20. « De um só ventre nasceram : tu, por certo,
Não acharás mais di'nos em Caïna,
De ter de gelo o vulto seu coberto,
21. « Nem esse, a quem de Artús dextra assassina [7]
De um bote o peito e a sombra traspassára ;
Nem Focacia [8] e o que a fronte agora inclina,
22. « A vista me tolhendo, e se chamara
Mascheroni Sassol, [9] bem conhecido :
Se és Toscano, esse nome te bastara.
23. « Fique, por vozes escusar, sabido
Que Pazzi [10] eu sou e que, em Carlin chegando,
Serei por menos criminoso havido. »
24. Mil outros via roxos tiritando:
Desde então de arripios sou tomado
Ante gelidos vaus, este lembrando.
25. E o centro demandando, em que firmado
Do universo gravita todo o pezo,
Tremulo havia a treva eterna entrado,
26. Eis, sem querer, da sorte ou por desprezo,
Entre tantas cabeças caminhando,
A face de um calquei no gelo prezo.
27. « Porque me pizas ? » reclamou chorando,
« De Monte Aperti [11] ao feito por vingança
Inda me estás d'esta arte molestando ?
28. « Mestre, espera-me aqui » —disse. « Me lança
Em duvida este mau : solvel-a quero.
Eu depois correrei, se houver tardança. »
29. Parou ; e ao peccador falei, que, fero,
Duras blasphemias proferia agora :
« Quem és tu, que me increpas tão severo ? »

30. « E tu mesmo quem és, que na Antenora »
Tornou—« d'essa arte as faces me espesinhas ?
Um vivo, certo, menos crú me fôra. »
31. « Sou vivo e posso entre as memorias minhas
Do nome teu apregoar a fama »
Respondi—« se te aprazem louvaminhas. »
32. « Só quer o olvido quem te fala » exclama *
« Vai-te ! De sobra já me estás molesto. **
Aqui não cabe da lisonja a trama. »
33. Travei da nuca ao peccador infesto
E disse :—« Ou perderás todo o cabello,
Ou quem tu foste me declara presto ! »
34. « Mil vezes pódes arrancar-me o pello,
De ver-me a face não terás o gosto
E de saber qual foi meu nome e appello. »
35. As mãos lhe havia no cabello posto ;
Da guedelha uma parte arrepellara :
Ganindo, elle abaixava sempre o rosto,
36. Quando outro brada : « O' Bocca, isso não pára ?
Pois os queixos bater não te é bastante ?
Já lates ! Que demonio em ti dispara ?
37. « Não mais, impio traidor » no mesmo instante
Respondo « exijo ; o que de ti stou vendo
Contarei por te ser mais infamante. »
38. « Vai ! Se sahires d'este abysmo horrendo,
Quanto queiras refere, do apressado,
Que de lingua assim foi, não te esquecendo.
39. « Ouro chora, que a França lhe ha doado.
Eu vi—pódes dizer—Baso Duera [12]
De outros muitos no gelo acompanhado.
40. « Se perguntarem quem aqui mais era,
Olha e terás ao lado Beccaria, [13]
A quem Florença degollar fizera.

---

* Segunda esphera.
** Traidores á patria.

41. « Gian del Soldanier, ha pouco eu via
Além com Ganellon e Tribaldello.
Que abriu Faenza, emquanto se dormia. »
42. Deixamol-o; mas subito de gelo
Postos em furna vi dois condemnados:
Cabeça de um a de outro era capello.
43. Como a pão se agarrando os esfaimados,
Por cima um no outro os dentes aferrava
Onde a cerviz e o cranco estão ligados.
44. Qual Tydeu, [14] que a dentadas lacerava
De Menalippo a fronte enraivecido,
Elle o cerebro e os ossos mastigava.
45. « Tu, que, de odio tão sevo possuido,
Te encarniças feroce no inimigo,
« Dize—exclamo—porque foi produzido.
46. « Se eu souber que a justiça está comtigo
E houver da culpa e réo conhecimento,
No mundo a compensar-te ora me obrigo,
Se não perder a lingua o movimento. »

NOTAS AO CANTO XXXII

Trata-se n'este canto da primeira e de parte da segunda das quatro divisões, em que se reparte o nono e ultimo circulo. A primeira, que se chama Caína, encerra os que atraiçoaram os seus proprios parentes. Na segunda, Antenora, estão os traidores á patria.

[1] O ultimo circulo do inferno, onde é castigado o maior dos crimes, a traição, é figurado por um poço, que tem o diametro de duas milhas e a circumferencia de seis e dois setimos. Quatro são as especies de traição, cada uma das quaes se distingue pela sua denominação, e tem sitio proprio, crescendo de uma para a outra a gravidade da pena. A primeira é *Caína*, nome derivado de Caim, traidor e assassino do seu irmão Abel. A segunda, *Antenora*, de Antenor, troyano, que trahiu a sua patria. A terceira, *Ptolomea*, de Ptolomeu, Rei do Egypto, que atraiçoou Pompeu. A quarta *Judeca*, de Judas o Iscariotes, que entregou o Divino Mestre.

[2] *Mamma o babbo* — vozes, que balbuciam as crianças antes de saberem falar: significam mãe e pae.

Dante — *de Vulgari Eloquio*, lib. II, cap. 7:

« Considera, leitor, quanto has mister desvelar-te na escolha das palavras egregias; pois, se attentas bem no vulgar illustre, de que os poetas, de cujo ensino nos occupamos, devem usar tragicamente, como acima fica dito, reconhecerás que unicamente reservarás no teu crivo os vocabulos nobilíssimos. Não se comprehendem n'este numero os que são pueris pela sua simplicidade, como *mamma* e *babbo*, *mate* e *pate*. »

[3] Segundo a mythologia grega, Amphião, ajudado das Musas, fizera descer do monte Citheron pedras, que, se unindo espontaneamente, formaram os muros de Thebas. Explica-se esta fabula pelo poder da eloquencia, com que Amphião induzira homens pouco civilisados a executar a traça da nova cidade.

Dizia-se Amphião filho de Jupiter e Antiope, mulher de Lyco, Rei de Thebas. Com seu irmão Zetho foi por ordem do Rei exposto, pouco depois de nascer, no monte Citheron e criado por pastores. Chegados á juventude, mataram Lyco para vingar sua mãe, que fôra por elle atormentada. Assenhoreando-se de Thebas, reinaram conjuntamente e elevaram os seus dominios ao auge da prosperidade pela cultura e accressentamento das artes.

[4] Matheus, cap. XXVI :

« Ai d'aquelle homem, por cuja intervenção ha de ser entregue o filho do homem : melhor fôra ao tal homem não haver nascido. »

[5] Tambernich e Pietrapana, montanhas, uma na Esclavonia e outra proxima á Lucca.

[6] Alberto degli Alberti teve dois filhos, Alexandre e Napoleão, que reciprocamente se hostilizaram com extremos de rancor tal, que remataram pela morte de ambos. Seu pae lhes deixara o dominio de Falterona, onde nasce o Bisenzio, affluente do Arno.

[7] Mordrec, filho de Arthur, Rei da Inglaterra, emboscado para assassinar seu pae, foi por este prevenido com um bote de lança tão valente, que se via a luz pelo outro lado da ferida.

[8] Tocacia dei Concelliere, de Pistoia, decepou uma das mãos a um seu primo e assassinou o tio.

[9] Sassol Mascheroni, da familia Toschi de Florença, assassinou um sobrinho para usurpar os seus haveres.

[10] Alberto dei Camicioni dei Pazzi de Vadarno matou a seu parente Ubertino, crime, que pareceu desculpavel, comparado com o de Carlino dei Pazzi, que traiçoeiramente entregou o Castello de Piano de Trevigna, onde se achavam homisiados muitos desterrados florentinos, os quaes morreram ás mãos dos seus inimigos.

[11] Fala Bocca degli Alberti, florentino, que por sua traição concorreu para serem os guelfos de Flosença desbaratados na famosa batalha de Monte-Aperti.—*V.* notas ao c. X.

[12] Bocca refere-se a Boso di Duera, de Cramona, que, peitado franqueou a passagem, pela Lombardia em direcção á Apulia, aos francezes sob a conducta de Guido de Monforte.

[13] Beccaria, de Pavia, abbade de Vallombrosa, legado do Papa em Florença, foi decapitado por se ter descoberto o conluio, que tramara contra os Guelfos a favor dos Gibelinos.

Giovanni Soldanieri, do partido gibelino, atraiçoou os seus co-religionarios politicos, lançando-se com os adversarios, que o galardoaram dando o primeiro logar na governança.

Ganelão, o traidor, que deu traça para perder em Roncesvalhes, Roldão, conjunctamemente com os outros Pares de França, como consta da *Chronica do Arcebispo Turpim.*

Tebaldello abriu as portas de Faenza aos Bolonhezes á noite, quando os habitantes desapercebidos dormiam.

[14] Tydeu, filho de Eneu, Rei da Calydonia, tendo, no cêrco de Thebas morto a Menalippo, que o ferira, mandou trazer á sua presença a cabeça do seu inimigo e com os dentes dilacerou-a.

Stacio, *Theb.* c. VIII :

« *Ecce seccat Zephiros ingentem fraxinus iram*
Fortumanque ferens; teli non eminet auctor,
Astacides Menalippus erat; nec prodidit ipse,
Et vellet latuisse manum; sed gaudia turmæ
Monstrabant trepidum; nam flexus in ilia Tydeus
Submissum latus et clypei laxaverat orbem.

Clamorem Aonii miscent gemitumque Pelasgi
Objectantque manus, indignentemque tuentur
Ille per oppositos, longe rimatus, amarum,
Astacidem, totis animæ secogit in ictum
Relliquiis, telumque jacit, quod proximus Hopleus,
Præbuerat: perit expressus conamine sanguis.
Tunc tristes socii cupidum bellare (quis ardor!)
Et poscentem hastas, mediaque in morte negantem
Expirare, trahunt, summique in margine campi
Effultum gemina latera inclinantia parma
Ponunt, ac vivi rediturum ad prelia Martis
Promittunt flentes; sed ed ipse recedere cœlum,
Ingentesque animos extremo frigore labi
Sensit, et innixus terræ, « Miserescite—clamat—
Inachidæ: non ossa precor referantur ut Argos
Ætolumve larem; ne enim mihi cura supremi
Funeris; odi artus fragilemque hunc corporis usum
Desertorum animi: caput, o caput, o mihi si quis
Apportet, Menalippe, tuum! nam volveris arvis,
Fido equidem; nec me virtus suprema fefellit,
I, precor, Atrei sicut tibi sanguinis unquam
Hippomedon, vade, o primis puer inclyte bellis
Arcas! et Argolice Capaneu jan maximæ turmæ. »
Moti omnes; sed primus abit, primusque repertum
Astacidem medio Capaneus et pulvere tollit
Spirantem, lævaque super cervice reportat,
Terga cruentantem concussi vulneris unda.
Qualis ab Arcadis rediit Tyrinthius antro,
Captivumque suem clamantibus intulit Argis.
Erigitur Tydeus, vultuque occurrit et amens
Lætitiaque, iraque, ut singultantia vidit
Ora, tratrique oculos, seseque agnovit in illo.
Imperat abscisum porgi, lævaque receptum
Spectat atrox hostile caput, gliscitque tepentis
Lumina torva videns et adhuc dubitantia figi
Infelix contentus erat; plus exigit ultrix
Tisiphone; janque inflexo Tritonia patre
Venerat et misero decus immortale ferebat;
Atque illum effracti perfusum tabe cerebri
Adspicit, et vivo scelerantem sanguine fauces.

CANTO XXXIII

1. Do fero cevo os labios desprendendo,
Na coma o peccador os enchugava
D'esse craneo, a que estava atraz roendo.
2. « Queres de infanda magua » — começava —
Renove a dôr, que, só pensando a mente,
Antes que fale, o coração me aggrava.
3. « Mas se a voz minha deve ser semente,
Que ao traidor, que eu devoro, a infamia brote,
Falar, chorar verás conjuntamente.
4. « Não sei quem sejas, não sei como note
Tua presença aqui, por Florentino
Te ouvindo a lingua, é força que te adopte.
5. « Saber deves que fui Conde Ugolino, [1]
Que Arcebispo Rogerio aquelle ha sido:
Direi qual nos juntou cruel destino.
6. « Contar não hei mister como illudido
Por minha confiança, em carcer posto.
Fui morto por maldade d'este infido.
7. « Não conheces, porém, que atroz desgosto
O meu fim precedera: attenção presta,
Quanto offendido fui verás exposto.
8. « Por vezes da prisão por breve fresta,
Torre da fome — após o meu tormento,
Que hade a outros ainda ser funesta.

9. « Brilhava a lua em pleno crescimento,
Quando o véo do futuro horrivel sonho
Rasgou, do exicio meu presentimento.
10. « Este, como senhor, então supponho
Ao monte, que ver Lucca á Pisa obstava [2]
Lobo e pequenos seus correr medonho.
11. « Magros cães, destros, feros açulava
Dos Galandis, Sismondis e Lanfrancos
A companha, que á frente cavalgava. [3]
12. « Em breve o pae e os filhos, lassos, mancos,
Já dos famintos galgos mal feridos,
Dar pareciam ultimos arrancos.
13. « Desperto ao primo alvor; dos meus queridos
Filhos que eram commigo, o choro sôa:
Pedem pão, stando ainda adormecidos.
14. « E's cruel, se a tua alma não magôa
O prenuncio da dôr, que me aguardava:
Se não choras, que pena ha que te dôa?
15. « Despertaram ; e a hora já chegava
Em que alimento escasso nos traziam :
O sonho a cada qual nos aterrava.
16. « Da horrivel torre á porta então se ouviam
Martellos cravejar : eu, mudo e quêdo
Nos filhos encarei, que esmoreciam.
17. « Não chorava ; era o peito qual penedo.
Choravam elles, e Anselmuccio disse :
« Assim nos olhas, paes ? Do que has tu medo ? »
18. « Nem lagrimas, nem voz dei, que se ouvisse,
No dia e noite, que seguiu-se lenta,
Até que ao mundo novo sol surgisse.
19. « Quando a luz inda escassa se apresenta
No doloroso carcer, meu semblante
Nos quatro rostos seus se representa.
20. « Mordi-me as mãos de angustia delirante.
Elles, cuidando ser da fome o effeito,
De subito e com gesto supplicante,

21. « Disseram : « Menos mal nos será feito
Nutrindo-te de nós, pae : nos vestiste
D'esta carne : ora sirva em teu proveito. »
22. « Contendo-me, evitei lance mais triste.
Em silencio dois dias se passaram...
Ah ! porque, terra esquiva, não te abriste ?
23. « Do quarto dia os lumes clarearam :
Gaddo cahiu-me aos pés desfallecido
« Pae, me acode ! » os seus labios murmuraram.
24. « Morreu ; e, qual me vês, eu vi perdido
O sizo, os trez, ao quinto e ao sexto dia,
Um por um se extinguir exinanido.
25. « Apalpando os busquei — cego os não via
Dois dias, os seus nomes repetindo :
Da fome mais que a dôr, poude a agonia. »
26. Calou-se e os torvos olhos retorquindo,
Como de antes cravou no craneo os dentes
E os ossos, qual mastim, foi destruindo.
27. Ah ! Pisa opprobrio aos povos residentes
Na bella terra, aonde o *si* resona ! [4]
Pois te não vêm punir vizinhas gentes.
28. Presto a Capraia mova-se e a Gorgona
Do Arno á foz, entupindo-lhe a sahida!
Teu povo assim pereça, que se entona.
29. E se foi a Ugolino attribuida
De entregar teus castellos á maldade,
Por que á prole em tal cruz tirar a vida?
30. Thebas [5] moderna! Pela tenra idade
Uguccione e Brigata insontes eram
E os irmãos, em que usaste a feridade.
31. Seguindo além, os olhos se off'receram *
Outros, que em gelo têm duro tormento:
D'estes os rostos para traz penderam.

* Terceira esphera — Ptolomeu.

32. Lhes causa o pranto ao pranto impedimento;
E a dôr, que desafoga em vão procura,
Lhes cresce, recalcada, o soffrimento.
33. As lagrimas coalhando em neve dura
Formam nos olhos seus vitrea viseira,
E todo o espaço interior se obtura.
34. Com quanto quasi a faculdade inteira
De sentir no meu rosto se embotasse
Des que era n'essa perenal geleira,
35. Cuidei que um sopro me tocára a face.
« Do que este sopro » inquiro « se origina ?
Se aqui não ha vapor, d'onde elle nasce ? »
36. E o Mestre : « Irás onde a resposta di'na
Os teus olhos darão ; e alli chegando
O que virem do sopro a causa ensina. »
37. Dos tristes padecentes um gritando,
Nos disse : « Almas crueis, almas damnadas
(Pois que no extremo abysmo estais penando),
38. « Tirai-me aos olhos gelidas camadas,
Por desafogo dar-me ao peito afflicto,
Antes de eu ter as lagrimas coalhadas. »
39. « Se o lenitivo queres, que tens dito,
Teu nome diz : se não me desobrigo,
Desça eu do gelo ao pelago maldito. »
40. Respondeu logo : « Eu sou frei Alberigo [6],
Pelos pomos famoso do mau horto:
Aqui recebo tamara por figo. »
41. « Oh! » disse « por ventura tu stás morto ? »
« Não sei como é meu corpo lá no mundo,
Tornou » e se vivendo tem conforto.
42. « Este condão possue sem ter segundo
Ptolomea [7]: aqui star alma é frequente
Antes que a mande Atrópos ao profundo.
43. « E porque mais de grado e promptamente
Estas vidradas lagrimas removas,
Sabe que apenas de traição a mente

44. « Inquina-se, como eu, por funcções novas
Passa o corpo a demonio, que o governa
Té completar da vida ultimas provas:
45. » Rue a alma, em tanto, á lobrega cisterna,
Talvez na terra folgue o corpo ledo,
Cuja sombra após mim tremula inverna.
46. « Se és recemvindo, sabe que esse tredo
E' Branca d'Oria [8]: ha prolongados annos
Jaz enleiado no infernal enredo. »
47. « Este é » tornei « mais um dos teus enganos:
Desfruta alegre Branca d'Oria a vida
E come e bebe e dorme e veste pannos. »
48. « Dos Malebranche em cava denegrida
Não era » disse ainda « em pez viscoso
Alma de Miguel Zanche submergida,
49. « E um demonio esse infame criminoso
Deixou no corpo; o mesmo um seu parente,
Que de traição foi socio proveitoso.
50. « Das mãos auxilio presta ora clemente,
Me abrindo os olhos! » Tal não fiz; que errára
Com tal villão me havendo cortezmente.
51. Ah! Genovezes! raça impura e avara,
Que nos costumes tem mancha tamanha!
Quem da face da terra vos lançara!
52. Junto ao peior esp'rito da Romanha [9]
De entre vós um traidor vi tanto immundo,
Que a alma sua em Cocyto já se banha,
Em quanto o corpo vida finge ao mundo.

NOTAS AO CANTO XXXIII

Episodio do conde Ugolino e seus filhos. Ptolomea, onde estão punidos os traidores: continuação do canto anterior.

[1] Conde Ugolino. G. Villani disse na sua historia:

« Em julho de 1288, varias parcialidades pleiteavam o mando e superioridade em Pisa: uma, composta de certos guelfos, que reconheciam a autoridade de chefe em Nino di Galura dei Visconti; outra, tambem de guelfos, sob a conducta do conde Ugolino dei Gherardeschi, a terceira, dominada pelo Arcebispo Ruggieri degli Ubaldini, a quem se associavam os Lanfranchis, Sismondis, Galandis e outros principaes gibelinos. Para attingir o alvo dos seus intentos, o conde Ugolino uniu-se com o Arcebispo e o seu partido, e em damno de Nino, filho de sua filha, accordaram que elle e os seus partidarios seriam lançados de Pisa ou encarcerados. Nino, inteirado d'esse concerto e baldo de meios para defensa, acolheu-se ao seu castello de Calci e pactuou alliança com os florentinos e com o povo de Lucca contra Pisa. O conde, antes de ausentar Nino, para dissimular a sua traição, quando tudo estava prestes para expellil-o, retirou-se de Pisa e foi-se para uma propriedade sua chamada Settimo; mas, em lhe constando que Nino se partira, tornou á Pisa com muitas festas, e assumiu o poder supremo com honrosas mostras de triumpho. Mas pouco duraram as suas prosperidades. Aprouve ao Omnipotente, que se transtornasse a sua fortuna em castigo da sua traição e maldade; pois correu que havia propinado veneno ao conde Anselmo de Capraia, filho de sua irman, receiando-se da subida estima que do povo de Pisa soubera grangear Anselmo pela amenidade do seu trato e conversação.

« Enfraquecidos d'esta sorte os guelfos, deu o Arcebispo traça para damno de Ugolino, e promoveu a repentina invasão do seu palacio, açulando as iras populares com a accusação de ter Ugolino atraiçoado Pisa, entregando castellos seus aos florentinos e luquezes. Não podendo resistir ao assalto, teve de entregar-se, e foi conduzido á prisão com dois filhos e dois netos.

« Em março seguinte, os Pisanos, que tinham encarcerado o conde Ugolino com dois dos seus filhos e dois dos seus netos, filhos do seu filho o conde Guelfo n'uma torre, que demorava junto á praça dos Anziani, determinaram fechar a porta da torre, lançar a chave no Arno e não fornecer-lhes alimentos. Ao cabo de poucos dias morreram de fome, e, posto houvesse o conde declarado em altos brados estar arrependido do que fizera, lhe foi recusado um

confessor. Os cinco cadaveres, arrastados para fóra da torre, foram sepultados ás escuras. Ao diante a torre se ficou chamando até hoje—*Torre da fome*. »

Cesare Balbo, *Vita di Dante*:

« Em 1285, o conde Ugolino della Gherardesca, pertencente ás familias de senhores feudaes, que se levantaram a potentados, Gibelino em outro tempo, e então, mas já de alguns annos guelfo, promoveu tumulto na cidade de Pisa e entregou-a ao novo partido victorioso; e em penhor de paz com Lucca e Florença, entregou-lhes os melhores castellos do territorio. D'esta arte constituiu-se o senhor absoluto da communa, como *podestà*, capitão das tropas, dominador, de tudo na cidade, e por conseguinte um dos principaes cabos do partido guelfo na Toscana. Passados alguns annos, penetrou a discordia entre os guelfos de Pisa e até na propria familia de Ugolino. Nino Visconti, filho da sua filha e juiz de Gallura na Sardenha (onde as *judicaturas* eram provincias pisanas) rebellou-se contra o avô, chamando á sua parte os guelfos mais extremados. Ugolino, de nome gibelino ou guelfo, mas na realidade nem uma, nem outra cousa, lançou-se com os gibelinos, entre os quaes sobresahiam.

Gualandi com Sismondi e com Lanfranchi (*Inf.* XXXIII) e com o Arcebispo Ruggieri degli Ubaldini di Mugello, Nino de Gallura e a sua tracção de guelfos genuinos foram expulsos da cidade. Ugolino, acclamado como senhor de Pisa, pouco tempo depois, como succede a quem se soccorre a partido extranho, incorreu em suspeita e odio do Arcebispo, das trez familias poderosas e de todo o partido gibelino. Assaltado pelo povo na sua residencia, foi violentamente preso e encarcerado na torre dos Gualandi com dois filhos e trez netos, Gaddo e Uguccione, Ugolino por appellido Brigata e Arrigo, filhos de Guelfo, outro filho seu, e de Helena de Suabia, filha de Enzo, rei de Sardenha (tanta era a opulencia e grandeza dos Gherardeschis), e Anselmuccio, filho de Lotto, outro filho, que estava prisioneiro em Genova, depois da batalha naval de Meloria. Passou a reger a communa o Arcebispo com o titulo de *podestà*: ao cabo de cinco mezes transmittiu o cargo a Gualtieri di Brunfote, a quem succeden Guido de Montefeltro, potentado gibelino da Romanha, expellido pelos Guelfos, então homisiado em Asti. Empossado o novo *podestà* sob a influencia dos rancores de um desterrado, foi no dia 12 de março de 1289 encravada a porta de sahida, lançando-se no Arno a competente chave da medonha torre, onde por nove mezes, jazeram encarcerados o velho e os cinco mancebos. E alli morreram de fome. « D'esta immanidade foram os Pisanos universalmente censurados com a maior abominação, não tanto pelo conde, que por seus máos feitos e traições merecera esse desgraçado fim, senão pelos filhos e netos, innocentes e na flor da idade. » Assim diz Villani, quasi contemporaneo. Mas um historiador mais diligente e melhor informado, se bem que escrevesse cinco seculos depois (C. Troya), descobriu que elle e Dante erram, dando por crianças e adolescentes aquelles filhos e netos. E, não obstante, talvez não haja conseguido desvanecer o odio que do crime resaltou para o Arcebispo, que, *podestà* ou não, grandissimo poder exercia em Pisa, e ao diante foi intimado para comparecer perante a Curia Romana para dar contas do seu procedimento: se foi absolvido, se condemnado ignora-se. E um notavel litterato da Toscana, curioso dos factos historicos de Pisa n'esse tempo, asseverou constar-lhe de documentos por elle examinados, que o Arcebispo era *podestà* na epocha d'essa perversidade, e que a intimação lhe fôra feita, não uma, senão trez vezes, accrescendo que a Curia Romana afinal o condemnara por contumacia. Em todo o caso, salvo maior ou menor exacção das particularidades, Dante, pelo brado da Italia indignada e de Florença, que se fez prestes para a vingança, foi instruido d'esse facto, ainda então escandaloso; e nos seus sentimentos de guelfo, apiedou-se de Ugolino e exacerbou-se contra o Arcebispo. A viveza das suas impressões resplandra n'aquella immortal narrativa, a mais tremenda e extensa, que se deparam no poema. »

Ampère, *Voyage dantesque*:

« Pisa lembra Ugolino; e ainda que já lá se fosse, Deus louvado, o tempo em que se mencionava a *Divina Comedia* sómente por amor dos episodios de Ugolino e Francesca de Rimini, fazendo-se retraço de tudo o mais como indigno do apreço de homens de bom gosto, comtudo a historia do supplicio, a que foi condemnado o potentado pisano, constitue uma das partes mais sublimes do maravilhoso poema de Dante, um dos que impossivel é esquecer, mormente por quem visita a scena do drama horrendo.

« Procurei o logar, em que se passou a tragedia; que Dante concretou na uma breve e assombrosa narração, e que um poeta allemão, Gertemberg, dilatou pela superficie de cinco actos de agonia. Guardou a tradição a uma das torres de Pisa o nome que Dante lhe attribue, *Torre da Fome;* mas a torre deixou de existir. Foi um bem para os viajantes. Quando começavam a horrorizar-se á vista de uma ruina, surgiam os antiquarios negando-lhes o direito de revelar tal sentimento. Davam uns a praça dos Cavalleiros por assento da torre, outros o chão do antigo paço da communa. Para alguem se poder impressionar um poucochinho tinha de superar todas essas duvidas, mas, depois que ficou decidido não existir já a torre, tranquillizou-se a consciencia do viajante.

« Mas occorre-lhe outro motivo de incerteza e hesitação. Acreditam muitos que a fome constrangera o desventurado pae a comer a carne dos seus filhos. Sem examinar o que nos versos de Dante dá azo á similhante supposição, contribue esta em parte para o assombro, que é de uso manifestar-se, e mais de um leitor muito se pezará de renuncial-a. Mas a supposição de todo em todo carece de fundamento. Havia já divergencia entre os commentadores, mas n'este assumpto travou-se especial polemica entre dois notaveis da universidade de Pisa, Resini e Carvignani. Os antagonistas, que são amigos, arcaram com vigor, mas sem quebra da cortezia, sem se convencerem, como era de esperar e sem se agastarem, o que é muito para maravilhar entre doutos.

« Quem primeiro abriu discussão sobre este objecto foi o abalizado poeta Nicolini, no excellente discurso, que proferiu acerca do sublime Miguel Angelo. Offereceu-se a occasião para romper a discussão entre os dois eruditos professores de Pisa n'um solemne banquete, em que se sentavam principes e litteratos. A batalha, em que se combateram, lembra a que os eruditos feriram no seculo XVI por causa de um verso de Horacio ou de uma phrase de Cicero; para que os casos em tudo se parecessem, faltaram sómente as injurias.

« Mas sobejaram doutas citações e theorias subtis. Carvignani foi ao extremo de examinar gravemente, se o estado dos cadaveres permittia a Ugolino devoral-os. E' na verdade arrastar a esthetica até a immundice. Eu, se descesse á estacada, em que pelejaram os esforçados competões, como em casos solemnes é de uso dizer pomposamente, havia de oppôr-me á opinião que converteu Ugolino em anthropophago. *A' litteratura atroz* que está em voga Dante não fez a honra de ser o seu precursor. O verso

Poscia, più che 'l dolor potè il digiuno

tem, a meu parecer, o seu natural sentido; ha intima e amarga tristeza em reconhecer que a morte, não causada pela dôr, procedeu da fome.

« Ha tradução admiravel e mal conhecida da pavorosa narrativa no baixo-relevo de Miguel Angelo, que vi em Florença, nô palacio della Gherardesca. A Fome, figurada por uma velha hedionda, mostra a Ugolino os filhos a expirar. O pae firma-se em uma mão, estreita o peito com a outra e encara a implacavel inimiga. Enternece a postura de um adolescente, que contempla um irmão, que jaz em terra. N'essa poetica feitura, vê-se o Arno, que afasta os olhos de tantos horrores. E' ainda de Dante esta inspiração; pois, de indignado invoca o Arno, pedindo-lhe que afogue o povo, que consentiu n'aquella immanidade.

« Tive, n'esta parte, ensejo para convencer-me ainda mais da exacção geographica do soberano poeta. N'essa imprecação exclama :

Ahi Pisa, vituperio delle genti
Del bel paese là dove 'l sì suona !
Poi che i vicini a te punir son lenti,
Movansi la Capraia e la Gorgona
E faccian siepe ad Arno in su la foce,
Sì ch'egli annieghi in te ogni persona.

Póde extranhar esta imaginação quem olhar para o mappa, por estar a ilha de Gorgona á certa distancia da foz do Arno. Assim pensava eu até o dia, em que, subindo á torre de Pisa, fui impressionado pela vista, que d'alli me offerecia a Gorgona: parecia fechar o Arno. Então cahi na conta da razão, que teve Dante para aquella concepção, que assim ficou naturalmente justificada. Não vira aquella ilha da torre inclinada, que a esse tempo ainda não existia, mas de alguma das muitas torres, que povoavam Pisa. Este facto bastará para convencer do quanto serve uma viagem para bem explicar um poeta. »

C. Troya, *Del veltro allegorico di Dante* :

« Ruggieri, vencido em batalha o Conde Ugolino, encerrou-o na torre dei Gualandi ás sete estradas com dois filhos, Gaddo e Uguccione della Gherardesca, e tres netos, Nino ou Ugolino por appellido Brigata, Arrigo e Anselmuccio. Diz-se que os dois primeiros netos eram filhos de Guelfo II, então ausente de Pisa : pae do terceiro era o Conde Lotto, prisioneiro em Genova. Nino o Brigata recebera-se com Capuana, filha de Ranieri, conde de Panico, de Bolonha, consorcio de que nasceram Matheus e Beatriz. Filho de Arrigo foi Guelfuccio III. Anselmuccio se tinha casado com a filha de Guido, senhor de Capronа.

« O Arcebispo, acclamado *podestà* por cinco mezes, exerceu pelo seu vigario Buonaccorso Gubetta de Ripafratta, que no praso prescripto, passou o cargo a Gualtieri de Brunforte, o qual o cedeu a Guido de Montefeltro, empossado pelos Pisanos na suprema dictadura. Apenas se havia Guido transportado de Asti para Pisa, morreram de fome na torre o conde Ugolino e a sua familia, alli encarcerados, havia nove mezes, —lastimoso exemplo da inconstante fortuna. Guelfuccio III, filho de Arrigo, escapou da morte e do carcere ; Capuana de Panico fugiu para Bolonha com Matheus e Beatriz, ainda infantes. Os outros membros da casa de Gherardesca ficaram em Pisa ; ao diante, os seus condes tornaram á antiga prosperidade do seu solar. Segue-se que a vingança dos Pisanos, justa ou não, limitou-se á propria familia de Ugolino ; que não pereceram as crianças, e que os trez netos do conde, que com elle expiraram, innocentes, por sem duvida, da entrega dos castellos, não eram de tenra idade, como assevera o Poeta. Eram todos já casados. . .

« De entre os seus contemporaneos, foi Dante o unico que accusou Ruggieri de haver aconselhado, que se privasse de alimento o desditoso conde Ugolino. Dos historiadores coetaneos, guelfos ou gibelinos, nem um fez ao Arcebispo carga d'essa maldade. Todos á uma attribuem-a aos Pisanos; um sómente disse a verdade, dando-a por feitura de Guido de Montefeltro, em cujas mãos estavam mando e dominio. O Arcebispo não era de Pisa, mas de Mugello ; quando foi *podestà*, poderia tirar a vida de Ugolino, mas não o fez ; como o Bispo de Arezzo poderia usurpar o poder ; mas não o quiz. Se Ruggieri atraiçoou alguem, não foi a quem assenhoreava terra, que era a sua ; e no emtanto, o Arcebispo foi parar na Antenora de Dante, em cujas pégadas caminhou a legião innumeravel dos interpretes e expositores. E com quanto Nicolau IV, successor de Honorio IV, intimasse o Arcebispo para comparecer em Roma, afim de justificar-se do assassinio de Ugolino, sabe-se com tudo, que d'ahi lhe não resultaram nem condemnação, nem censura. »

[1] Monte San Giuliano demora entre Pisa e Lucca.

[2] No sonho de Ugolino, a matilha representa o povo de Pisa, os caçadores os Galandis, Sismondis e Lanfrancos, o lobo e os seus cachorros, Ugolino e os filhos.

[4] E' a Italia. Antigamente designavam-se os paizes pela particula affirmativa do seu idioma.

No tratado *De vulgari eloquio*, lib. I, cap. 8, escreveu Dante:

« Em toda a região, que se chama Europa e que para além se estende, acha-se terceiro idioma, posto que ao presente esteja dividido em tres partes; e assim querendo affirmar, uns dizem *oc*, outros *oil*, outros *si*, a saber Hespanhoes, Francezes e Italianos. O signal de que os vulgares d'este trez povos procederam do mesmo idioma, é evidente, visto denominarem muitas cousas pelo mesmo vocabulo. Dos que habitam a parte meridional da Europa, os que dizem *oc* demoram ao occidente, começando dos confins dos Genovezes; os que proferem *oil*, acham-se ao oriente, d'esse promontorio da Italia, d'onde começa o seio do mar Adriatico e a Sicilia. Mas os que affirmam com *oil*, quasi são septentrionaes relativamente a estes, pois ao oriente e ao septentrião têm os Allemães, ao occidente partem com o mar inglez, são terminados pelos montes do Aragão e ao meio dia confinam com os Provençaes e com a flexão do Appennino. »

[5] Thebas, cidade da Beocia, celebrizou-se pelas desventuras dos que a governaram desde a sua fundação por Cadmo, até a sua conquista e destruição por Alexandre Magno. Os seus habitantes assignalaram-se por muitos e grandes crimes desde os mais remotos seculos.

[6] Frei Alberigo, da familia dos Manfredis de Faenza, pertencia á ordem dos Frades Gaudenti. Entre elle e os seus companheiros havia motivo para dissidencia e rancor: Alberico, fingindo desejo de reconciliação, convidou-os para um banquete. Na sobremesa ordenou que se servisse a fructa: era signal para entrarem assassinos, que deram cabo dos que elle determinara matar.

Sobre este facto diz o *Ottimo*:

« Este Alberigo dei Manfredi de Faenza era da ordem dos Gaudentis, aos quaes, por occasião de se reconciliar com alguns cidadãos, convidou para ceiar na sua companhia; e no entanto, emboscou gente armada nos aposentos proximos á sala do banquete. Corria o verão: determinou que, quando pedisse a fructa, entrassem os assassinos e matassem os convivas. E a sua ordem se cumpriu. Igual feito praticara em anno anterior em Castello delle Mure no territorio de Pistoia. Estas são as fructas do pomar da traição, de que tambem falou Pulci (*Morgana Maggiore*, c. XXV):

Le frutte amare di frate Alberigo.

Frei Alberigo ainda vivia em 1300, data do poema; mas já a sua alma estava no circulo nono do inferno, em Ptolomea.

[7] Ptolomea. Segundo a opinião de uns, a mais seguida, deriva-se de Ptolomeu, Rei do Egypto que, atraiçoando Pompeu, vencido em Pharsalia, mandou assassinal-o, quando fugitivo se acolhia á sua protecção. Querem alguns que provenha de Ptolomeu, filho de Abobo, por quem foram trucidados Simão e os seus filhos n'um banquete, que lhes offerecera.

No livro dos *Macchabeus*, cap. XVI do lib. I lê-se:

« E Ptolomeu, filho de Abobo, tinha sido feito governador da campina de Jerichó, e tinha muita prata e muito ouro; porque era genro do summo sacerdote. E o seu coração se elevou de soberba, e queria fazer-se senhor do paiz, e andava machinando alguma aleivosia contra Simão e seus filhos para os matar.

Simão, porém, correndo as cidades, que havia no paiz de Judéa e tratando cuidadosamente de as pôr em ordem, baixou a Jerichó, elle e Mathathias, seu filho e Judas, no anno 177, no undecimo mez, que é o mez sabath. E o filho de Abobo os recebeu com má tenção n'um pequeno forte, que tinha edificado e se chamava Doch: e mandou-lhes fazer um grande banquete e escondeu alli homens. Quando, pois, Simão e seus filhos tinham bebido bem, levantou-se Ptolomeu com a sua gente e tomaram as suas armas e entraram na sala do banquete e mataram a Simão e a seus filhos e alguns dos seus criados. »

[8] Messer Branca d'Oria, Genovez, da familia d'Oria, que tão famosa se fez nas guerras da Italia. Assassinou á mesa a seu sogro Miguel Zanche, de quem se tratou no c. XXII.

[9] Frei Alberigo.

Cesare Balbo, *Vita di Dante*:

« Parece que Dante fôra á Genova com outros desterrados, na companhia de Uguccione. Mas os Genovezes tinham sido por elle vituperados n'esse penultimo canto do *Inferno*, em que encareceu invectivas contra as cidades da Italia. De entre os Genovezes Branca d'Oria homem de grande poder, quasi dominador da cidade, foi objecto de uma invenção (a mais atroz, talvez, de quantas creou Dante), pela qual, estando no gozo da vida e pujança, foi pelo Poeta mergulhado no mais profundo abysmo do inferno, a Ptolomea, no lado dos traidores ao proprio sangue, por haver, dizia-se, assassinado o proprio sogro Miguel Zanche. No corpo vivo de d'Oria imaginou o Poeta que ficara um demonio.

« Magnanimidade seria perdoar Genova aquella affronta. Mas d'Oria e os outros Genovezes resentidos vingaram, segundo constou, a offensa, ultrajando gravemente o mordaz Poeta na occasião em que alli esteve. »

C. Troya, no *Veltro*:

« Alighieri, se mente a fama, recebeu em Genova grave affronta dos amigos de Branca d'Oria, por vingança do que d'elle dissera em um dos cantos do *Inferno*. »

CANTO XXXIV

1. « VEXILLA *regis prodeunt inferni* [1]
Contra nós; p'ra diante os olhos tende
Disse o Mestre, se a vista já dicerne. » *
2. Como quando no ar nevoa se estende,
Ou ao nosso hemispherio a noite desce,
Um moinho distante a attenção prende.
3. Um edificio igual verme parece.
Tanto era o vento, que eu busquei guarida
Atraz do Mestre, que outra não se off'rece.
4. A' parte era chegado, onde immergida
Cada alma em gelo está (tremo escrevendo),
Bem como aresta no cristal contida.
5. Erguidas umas stão, outras jazendo,
Qual sobre a fronte ou sobre os pés firmada,
Qual com seus pés e rosto arco fazendo.
6. Quando distancia tal foi superada,
Que aprouve ao Mestre me tornar patente
A creatura bella ao ser formada,

* Quarta esphera: traidores aos seus bemfeitores.

7. Se afastando de mim, disse: « Detem-te!
Eis Satanaz! Eis o logar horrendo
Em que deves te armar de esforço ingente! »
8. Quanto assombrei-me aquelle aspecto vendo
Não inquiras, leitor: não te expressara
Com verbo humano o que encarei tremendo.
9. Não morto, porém, vivo não ficara.
Qual me achava te pinte a phantasia,
Se morte ou vida em mim se não depara!
10. Do afflicto reino o imperador eu via:
Do gelo acima o seio levantava.
A um gigante igualar eu poderia.
11. Se um gigante a um seu braço eu comparara!
Do todo vêde a proporção qual fôra,
Quando tão vasta a parte se ostentava!
12. Quem foi tão bello, quanto é feio agora,
Contra o seu creador a fronte alçando
Véra causa é do mal, que o mundo chora.
13. Qual meu espanto ha sido em contemplando
Tres faces [2] na extranhissima figura!
Rubra côr na da frente está mostrando;
14. Das outras cada qual, da espadua escura
Surdindo, ás mais ajunta-se e se ageita
Sobre o craneo da infanda creatura.
15. Entre amarella e branca era a direita;
A côr a esquerda tem que enlucta a gente,
Do Nilo as margens a viver affeita.
16. Via azas duas sob cada frente,
Tão vastas, quanto em ave tal convinham:
Velas iguaes não abre nau potente.
17. Plumas, como em morcego, ellas não tinham;
De continuo agitadas produziam
Os tres gelidos ventos, que mantinham
18. Os frios, que o Cocyto enrigeciam.
Chorava por seis olhos, por tres mentos
Pranto e sanguinea espuma se espargiam.

19. Qual moinho, com dentes truculentos
Cada boca um prescito lacerava:
Padecem tres a um tempo assim tormentos.
20. Mas ao da frente a pena se aggravava,
Porque das garras o furor constante
Do dorso a pelle ao peccador rasgava.
21. « O que esperneia em dôr mais cruciante »
O Mestre disse : « E' Juda Iscariote:
Prende a cabeça a boca devorante.
22. « Dos dois, que estão pendendo, coube em dote
A negra face Bruto: sem gemido
Se estorce da dentuça a cada bote. [3] »
23. « O outro é Cassio, de membros bem fornido.
Mas a partír a noite insta, assomando:
Aqui já tudo havemos conhecido. »
24. Do Mestre o collo enlaço por seu mando.
Elle, em logar e tempo apropriado,
De Lucifer as azas se alargando,
25. Ao peito hirsuto havia-se agarrado;
Depois de vello em vello descendia
Entre os ilhaes e o lago congelado.
26. Chegado áquella parte, em que se unia
Da coxa o extremo dos quadris á altura,
Com grande offego e mór abalo o Guia
27. Pôr a fronte onde os pés firmou procura,
Como quem sóbe ás crinas agarrado:
Assim tornar cuidei do inferno á agrura.
28. « Segura-te! Por taes degraus alado »
Lasso Virgilio já disse anhelante,
« D'este imperio do mal serás tirado. [4] »
29. De uma rocha então sai por fresta hiante;
Sobre a borda me assenta cauteloso;
Depois a mim se acérca vigilante.
30. Olhos alcei julgando curioso
Ver Lucifer, qual de antes o deixára;
De pernas para o ar vi-o em seu pouso!

31. De que enleio a minha alma se tomara,
Deixo ao vulgo pensar pouco instruido,
Que o ponto não comprende, em que eu passára.
32. « Eia! Vamos! » o Mestre diz querido,
« Longa jornada e máo caminho temos;
E a meia terça [5] o sol já tem corrido. »
33. De paço em salas nós de andar não temos;
Mas de antro natural em solo duro
Os passos nossos dirigir devemos.
34. « Antes que eu deixe em todo o abysmo escuro
Erro, em que estou, meu Mestre, desvanece »
Disse erguendo-me um pouco mais seguro.
35. « Onde o gelo ? Por que nos apparece
Assim Lucifer posto ? E já tão presto,
Cessando a noite, o sol nos esclarece ? »
36. « Tu cuidas ser, do que ouço é manifesto
Lá no centro, onde ao pello me prendera
Do que atravessa o mundo, verme infesto.
37. « Alli stiveste, emquanto eu descendera
Ao voltar-me do ponto além tens sido,
Que o pezo attrai na terreal esphera.
38. « Foste áquelle hemispherio transferido,
Que se oppõe ao que á terra está lançado,
Em cujo excelso cume ha padecido;
39. « Quem nasceu, quem viveu sem ter peccado [6]
Sobre uma esphera estreita os pés agora,
Da Judeca ao reverso, tens firmado.
40. « E' noite lá; nós temos luz n'esta hora;
E o que nos vellos seus nos deu a escada
Na postura se firma, em que antes fôra.
41. « Cahiu aqui da altura sublimada,
E a terra, que se alçava entumescente,
Do mar fez véo e veio de enfiada
42. « Para o nosso hemispherio de repente.
Tambem fugiu de medo, a que se avista;
Vacuo deixando aqui, fez monte ingente [1]. »

43. Lá no profundo ha um logar, que dista
Tanto de Belzebut, quanto se estende
Seu sepulchro: alli não penetra a vista.
44. Revela-o som de arroio, [8] que descende
Por brecha do rochedo, que escavara,
Em torno serpeando, e pouco pende.
45. Para voltar do mundo á face clara [9]
N'essa vereda escusa penetramos:
De nós nenhum de repousar cuidara.
46. Virgilio e eu, logo após, nos elevamos,
Té que do ledo ceu as cousas bellas
Por circular aberta divisamos:
Sahindo a ver tornamos as estrellas. [10]

FIM DO INFERNO

NOTAS AO CANTO XXXIV

N'este ultimo canto do primeiro cantico da *Divina Comedia* vê-se a Judeca, quarta e final divisão do circulo nono. Alli penam os traidores aos seus bemfeitores. No centro demora Lucifer. Os Poetas saem do inferno e tornam a ver as estrellas.

[1] *Vexilla regis prodeunt inferni:* adiantam-se os estandartes do Rei do Inferno. E' parodia do primeiro verso de um hymno latino do seculo VI, que se canta nas solemnidades na semana santa, composto por Fortunato, Bispo de Poitiers, que falleceu no anno 609. E' a seguinte a primeira estrophe do hymno:

Vexilla regis prodeunt,
Fulget crucis mysterium,
Quo carne carnis conditor
Suspensus est patibulo.

Ao commentador Venturi pareceu que houvesse na allegação d'estas palavras, applicadas aqui a Satanaz, quebra de respeito ás cousas da religião. Outros criticos, porém, com sobeja razão, lhe retorquiram que aquelle verso do hymno, empregado como foi por Dante, exprime escarneo ao attentado do anjo rebelde, que na insania da soberba atreveu-se a suppôr a possibilidade de aspirar a igualar-se a Deus.

Outro critico, Giuseppe Baretti, na dissertação que escreveu acerca da poesia italiana, exalta como um dos primores do poema a inserção de palavras, phrases e versos latinos. « O que Dante fez com infinita graça e propriedade parecera ridiculo em outra lingua viva, mas na italiana, e em especial na *Divina Comedia*, é de bellissimo effeito, revigora e levanta o seu estylo, não só por ter sabido o poeta escolher muito discretamente essas palavras e phrases, que se assimilham na consonancia ás italianas, senão tambem porque nenhuma outra lingua moderna tem tanta affinidade com o latim como a nossa. De mais d'isto, cumpre ai da considerar que todo esse latim colhido nos livros santos, a cujo estylo esmerou-se por amoldar o seu quanto poude.

[2] As trez faces de Lucifer, segundo o *Ottimo*, figuram os trez principios de que procedem os peccados: ignorancia, odio e impotencia, oppostos á summa sapiencia, ao summo amor, á summa potencia.

[3] Bruto e Cassio são punidos como traidores e regicidas.

[4] Aqui ha allusão ao passo de Virgilio. *En.* c. VI:

...Faciles descensus Averni
Noctes atques dies patet atri janua Ditis,
Sed revocare gradum superasque evadere ad auras,
Hic opus, hic labor est.

[5] Os antigos Hebreus dividiam o dia em quatro partes, cada uma de tres horas: chamavam-as *terça, sexta, nona e vespera.* Se a terça compunha-se das trez horas subsequentes ao nascimento do sol, a meia terça comprehendia hora e meia. A hora indicada é sete e meia.

Dante no *Convito* trat. III, cap. 6:

« As horas são pequenas ou grandes no dia ou na noite, segundo a noite e o dia crescem ou diminuem. D'essas horas usa a Igreja, quando diz—Prima, Terça, Sexta e Nona: chamam-se assim horas temporaes. Sendo vinte e quatro as horas do dia e da noite, ás vezes a noite tem dezeseis e o dia oito, e outras vezes o dia quinze e a noite nove, segundo cresce ou diminue o dia ou a noite.»

[6] Jesus Christo. Acreditava-se, no tempo de Dante, que Jerusalem era o centro da terra.

[7] A montanha do *Purgatorio.*

[8] O Lethes, cuja origem é no viso da montanha do Purgatorio. Vai ajuntar-se ao Acheronte, Stygia e Phlegetonte, com os quaes fórma a Cocyto. V. o canto XIV.

[9] O tempo, decorrido da entrada dos Poetas no *Inferno* á chegada á ilha do *Purgatorio,* comprehendeu 48 horas, sendo 24 até a Judeca, 3 na descida do meio ao peito de Lucifer ao centro, 21 na subida do centro terrestre á ilha.

[10] Cada um dos canticos remata na palavra *stelle:*

O Inferno: *E quindi uscimmo a rivider le* STELLE.
O Purgatorio: *Puro e disposto a salire alle* STELLE:
O Paraizo: *L'amor che move il soli e l'altre* STELLE.

INDICE

Canto I..... 23
Canto II..... 35
Canto III..... 45
Canto IV..... 55
Canto V..... 65
Canto VI..... 81
Canto VII..... 87
Canto VIII..... 97
Canto IX..... 107
Canto X..... 119
Canto XI..... 135
Canto XII..... 141
Canto XIII..... 153
Canto XIV..... 165
Canto XV..... 177
Canto XVI..... 185
Canto XVII..... 195
Canto XVIII..... 205
Canto XIX..... 215
Canto XX..... 227
Canto XXI..... 237
Canto XXII..... 249
Canto XXIII..... 259
Canto XXIV..... 269
Canto XXV..... 279
Canto XXVI..... 293
Canto XXVII..... 303
Canto XXVIII..... 315
Canto XXIX..... 331
Canto XXX..... 341
Canto XXXI..... 357
Canto XXXII..... 367
Canto XXXIII..... 377
Canto XXXIV..... 389

DANTE ALIGHIERI

DIVINA COMEDIA

Traducção brasileira

DE

JOSÉ PEDRO XAVIER PINHEIRO

PARAISO

CAPITAL FEDERAL
Typ. do Instituto Profissional Masculino—Boulevard 28 de Setembro n. 33

1907

CANTO I

1. A gloria de quem tudo, aos seus acenos,
Move, o mundo penetra e resplendece,
Em umas partes mais em outras menos. [1]
2. No ceu [2] onde sua luz mais apparece, [3]
Portentos vi que referir, tornando,
Não sabe ou póde quem á terra desce;
3. Pois, ao excelso desejo se acercando,
A mente humana se aprofunda tanto
Que a memoria se esvai, lembrar tentando.
4. Os thezouros, porém, do reino santo,
Que arrecadar-me poude o entendimento,
Serão materia agora do meu canto.
5. Faz-me n'este final commettimento,
Bom Phebo, [4] do teu estro eleito vaso,
Que tenha ao louro amado valimento.
6. Fôra-me assaz um cimo do Parnaso;
D'aquelle e do outro necessito agora
Para vencer na liça a que me emprazo.
7. Cala em meu peito, alenta o que te exora!
Sê como quando á Marsyas [5] arrancado
Has do corpo a bainha protectora!

8. Se divinal virtude, eu fôr entrando
Tenho, de ti que a sombra represente
Do reino que em minha alma está gravado,
9. Ao teu querido lenho eu deligente,
Irei, por ter a c'rôa merecida
De ti e deste assumpto preminente.
10. Tão rara vez é, Padre, igual colhida
Quando triumpha Cesar ou poeta [6]
(Culpa e vergonha do querer nascida)
11. Que á Delphica Deidade a predilecta
Fronde [7] excitar devera alta alegria,
Se um coração por tel-a se inquieta.
12. Grande incendio em scentelha principia;
Voz, após mim, talvez, mais eloquente
Mais graça em Cirrha [8] alcance e mais valia!
13. Por varias portas surge refulgente
A lampada do mundo; mas d'aquella,
Onde orbes quatro brilham junctamente
14. Com trez [9] cruzes, caminha sob estrella
Melhor, em modo que a mundana cêra
Mais ao seu geito retempera e assella.
15. D'alli nascia a luz; d'aqui viera
A noite; e um hemispherio branquejava
Em quanto ao outro a treva ennegrecera,
16. Eis vi que a esquerda Beatriz fitava
Olhos no sol: jámais aguia affrontara
Tanto d'esse astro o lume, que offuscava.
17. Como o raio, que a luz de si despara,
Reflecte outro, que preito retrocede,
Qual romeiro, que á volta se prepara,
18. Esse acto, com que assim Beatriz procede,
Meu se tornou nos olhos infundido,
E o fitei mais que a um homem se concede.
19. Muito do que é na terra defendido,
No Paraiso é dado á humana gente,
A quem fôra por dote promettido.

20. Fitar o sol não pude longamente,
Mas assaz para o ver fulgir no espaço,
Qual ferro, que do fogo sai candente. [10]
21. Eis cuidei ver um dia, ao mesmo passo,
Luzir com outro, qual se Deus fizera
Do ceu um sol segundo no regaço. [11]
22. Sorvidos Beatriz na eterna esphera
Os olhos tinha ; os meus que eu desviara
D'alli no seu semblante embevecera.
23. Contemplando-a, o meu ser se transformara ;
Tal Glauco, [12] portentosa herva comendo,
Igual do mar aos Deuses se tornara.
24. Significar *per verba* não podendo
O que é transhumanar o exemplo baste
Ao que o exp'rimente, a graça recebendo.
25. De ti, que por teu lume me exaltaste
Amor do seu senhor, é conhecido,
Se em mim sómente havia o que creaste.
26. Quando as Spheras, no gyro, condusido
Por ti no eterno anhelo, me enlevaram
Com hymno ao teu compasso dirigido,
27. Tantos ethereos plainos se mostraram
Inflammados do sol, que nunca os rios,
Nem as chuvas um lago igual formaram.
28. Essa luz, esses sons (jámais ouvi-os)
De saber taes desejos me accenderam
Que tão pungentes de antes não senti-os.
29. Ella em meu coração os viu como eram:
Por serenar-me o animo agitado,
Sem me escutar, seus labios se moveram,
30. E disse :—« O teu espirito anda errado
Com falso imaginar : 'starias vendo
O que não vês, se houveras afastado.
31. « Te enganas sobre a terra achar-te crendo :
O raio tão veloz do ceu não desce,
Como tu que p'ra o ceu vais ascendendo. »—

32. Se a duvida primeira desparece,
A voz que o riso segue, lhe escutando,
Inda mais outra a mente me escurece.
33.—« Modera-se o meu pasmo »— lhe tornando
Falei—« mas ora muito mais me admira
Como estes corpos leves vou passando. »—
34. Ouvindo, Beatriz terna suspira
E me encara piedosa, com semblante
De mãe que fala ao filho que delira.
35.—« Conservam »—respondeu-me—« ordem constante
As cousas entre si : esta é figura,
Que o universo ao Senhor faz similhante.
36. « Alli vê cada uma alta creatura
Do Poder Summo, bem ao claro, o sello,
Alvo sublime, que essa lei procura.
37. « Cada um ente na ordem, que eu revelo,
Se vai por modos varios inclinando,
Mais ou menos, ao seu principio bello. [13]
38. « Para portos diff'rentes navegando
No vasto mar do ser, cada qual segue
Os instinctos que Deus lhe deu, creando.
39. « Por Elle a flamma á lua alar consegue,
Por Elle o coração mortal se agita
E a terra em sua contracção prosegue.
40. « Seu poder não sómente se exercita,
Qual arco em setta, em bruto inconsciente,
Mas nos entes, que amor, razão concita.
41. « Tudo ordenando, o Autor Omnipotente
Com sua luz tem o ceu sempre aquietado,
Em que gyra o que vai mais velozmente. [14]
42. « Até lá, como a um alvo decretado,
D'esse arco impelle a força poderosa,
Quem conduz tudo a venturoso estado.
43. « Mas, como, ás mais das vezes, revoltosa
A fórma não responde ao intento da arte,
Porque a materia é na surdez teimosa,

44. « Assim d'esta vereda se desparte
A creatura, para o bem guiada,
Que póde propender para outra parte,
45. « Se, de falso prazer sendo arrastada,
Baixa á terra, qual fogo desprendido,
De subito, da nuvem carregada.
46. « Não seja mais de espanto possuido :
Como ao val rio cai de monte altivo,
Para a esphera estellifera és erguido.
47. « De maravilha fôra em ti motivo
Não subindo ; pois stás de estorvo isento :
Não fica immoto em terra o fogo vivo. » —
Disse e os olhos fitou no firmamento.

NOTAS AO CANTO I

Refere Dante como subiu para o primeiro ceu. Beatriz explica algumas s, que se lhe suggerem.

A magnificencia do introito prenuncia a sublimidade do assumpto e a mente do leitor á contemplação das maravilhas, que os seus olhos vão ar. Para confronto citam-se os seguintes versos de Boëcio :

O qui perpetua mundum ratione gubernas,
Terrarum cœlique sator, qui tempus ab ævo
Ire jubes, stabilisque manens das cuncta moveri.

² Disse Dante no *Convito*, II, 4 :

« Sendo dez os ceus, no primeiro está a lua, no segundo Mercurio, no rceiro Venus, no quarto o Sol, no quinto Marte, no sexto Jupiter, no setimo aturno, no oitavo as estrellas fixas, o nono é sensivel sómente pela revolução, ue faz do oriente para o occidente, chamando-se tambem crisalino, isto é, iaphano ou inteiramente transparente. Além de todos estes ceus os catholicos collocam o ceu empyreo, que significa ceu de flamma ou luminoso, suppondo-o immovel por conter em si, em cada uma das suas partes, o que a sua materia exige. Esta é a razão, por que o Primeiro Mobile tem movimento velocissimo ; pois, pelo ferventissimo desejo, que tem cada uma das suas partes, de se juntar com cada uma das partes do divinissimo ceu quieto, para elle se volve com ardor tal, que a sua velocidade é quasi incomprehensivel. Este ceu quieto e pacifico é a séde da Suprema Deidade, que só a si se vê perfeitamente. Este é o logar dos bemaventurados, segundo ensina a Santa Igreja, que não póde mentir. Este é o soberano edificio do Mundo, no qual tudo se encerra e fóra do qual nada pode existir. E não está em logar, mas foi formado só na Primeira Mente, que os Gregos chamam Protonõe. »

No cap. 14 continúa:

« Digo que por *ceu* entendo a sciencia e por *ceus* as sciencias, por trez similhanças, que os ceus têm com as sciencias, mórmente pela ordem e numero, em que parecem harmonizar-se. A primeira similhança é a revolução de um e de outro em torno a um ceu immovel. Cada ceu movel gyra em roda do seu centro, o qual, por tudo que se possa imputar á efficacia do movimento do seu ceu, não

se move. E' assim que cada sciencia move-se em volta do seu objecto, ao qual ella não move, por quanto nenhuma sciencia demonstra seu proprio objecto, mas o presuppõe. A segunda sciencia é o illuminar de um e de outro. Cada ceu illumina as cousas visiveis, e assim cada sciencia illumina as cousas intelligiveis. A terceira similhança é induzir perfeição nas cousas dispostas. D'essa inducção, quanto á primeira perfeição, isto é, da generação substancial, todos os philosophos concertam em dizer que os ceus são causas, se bem divirjam entre si...

Por estas e outras similhanças póde-se chamar ceu a sciencia... Aos sete primeiros ceus respondem as sete sciencias do *trivio* e *quadrivio*, a saber: grammatica, dialectica, rhetorica, arithmetica, musica, geometria e astrologia. A' oitava esphera, a estrellada responde a sciencia natural, chamada physica e a primeira sciencia, chamada metaphysica; á nona esphera a sciencia moral, ao ceu quieto a sciencia divina, que ha nome theologia.

« Em termos breves vou explical-o.

« Digo que o ceu da lua assimilha-se á grammatica, por se lhe poder comparar; porque, quando alguem considera attentamente a lua, vê duas cousas que lhe são proprias e se não observam nos outros astros. Uma é sombra, que ha n'ella, o que é sómente a raridade do seu corpo, * em que não podem calar os raios do sol e repercutir-se como nas outras partes. A outra é a variação da sua luminosidade, que brilha ora de um lado, ora de outro, segundo é vista pelo sol. Estas duas propriedades tem a grammatica....

« O ceu de mercurio é comparavel com a dialecta por duas propriedades. Mercurio é das estrellas do ceu a menor; seu diametro não excede 232 milhas, como diz Alfergano, que affirma ser uma vinte e oito partes do diametro da terra, que é de 6.500 milhas. A outra propriedade cifra-se em ser de todas as estrellas a que mais encobrem os raios do sol. Propriedades taes acham-se na dialecta....

« O ceu de Venus tambem por duas propriedades é comparavel com a rhetorica: uma é a claridade do seu aspecto, que é suavissima á vista, mais do que a das outras estrellas; a outra está no seu apparecimento por manhan e sobre tarde. São propriedades da rhetorica....

« Igualmente por outras tantas propriedades compara-se o ceu do sol com a arithmetica: do seu lume as outras estrellas se esclarecem; os olhos se não se podem fitar n'elle. Assim tambem com o lume da arithmetica se allumiam todas as outras sciencias; pois os seus objectos são considerados com relação a algum numero, e para consideral-os sempre por numeros se procede...

« O ceu de Marte é comparavel com a musica por duas propriedades: Uma é a sua bella relação para com os outros; pois este é sempre o quinto dos ceus moveis, quer se conte do primeiro quer do ultimo. A segunda é por seu calor, similhante ao do fogo, aquecer e dissecar as cousas; do que provém apresentar côr mais ou menos afogueada, segundo são delgados ou grossos os vapores, que o acompanham e que de per si se accendem. Taes propriedades concorrem na musica, que é toda relativa, como se vê nas palavras harmonizadas e nos cantos, dos que tanto mais doce melodia resulta, quanto mais bella é a relação. Tambem a musica attrai os espiritos humanos, que são quasi principalmente vapores do coração....

« Do mesmo modo por duas propriedades o ceu de Jupiter compara-se com a geometria, sendo uma mover-se em dois ceus, que contrastam com a sua boa

---

* Esta opinião é refutada pelo proprio Dante com as palavras que diz Beatriz no c. II, do v. 61 em diante, o que prova ser o *Convito* anterior ao *Paraiso*. V. c. XXII em que a mesma opinião é contrariada.

constituição, como são os de Marte e Saturno; e a outra mostrar-se, entre todas as estrellas, de côr branca, quasi prateada. Isto mesmo nota-se na geometria. Move-se a geometria entre duas cousas, que repugnam, o ponto e o circulo; pois, como diz Euclides, o ponto é o principio da geometria, e o circulo é a figura perfeitissima e o seu fim. Tambem a geometria é branca, isto é, isenta de toda a mácula do erro...

« Ainda por duas propriedades compara-se o ceu de Saturno com a astrologia: uma é a lentidão do seu movimento, passando por doze signos; pois, segundo os astrologos, gasta mais de vinte e nove annos para completar o seu circulo; a outra é ser o mais alto dos planetas. Taes qualidades sobresaem na astrologia. Para aprendel-a se ha mister muito tempo; e entre as mais sciencias é muito alta e muito nobre por ser nobre e alto o seu assumpto que o movimento dos ceus, e pela sua certeza, que é sem senão. »

Proseguindo no cap. XV, accrescenta:

« Comparavel é o ceu das estrellas por trez propriedades com a physica e tambem por trez com a metaphysica. Mostra de si duas cousas visiveis, como muitas estrellas e a Galaxia, que o vulgo denomina estrada de S. Thiago, um só movimento, do oriente ao occidente, estando quasi occulto o do occidente ao oriente. Pela Galaxia muito se assimilha este ceu á metaphysica; pois é o effeito de muitas estrellas, que não podemos ver senão pelo entendimento, e a metaphysica trata das primeiras substancias, que igualmente comprehendemos só pelos seus effeitos. Pelo polo, que não vemos, significa as cousas, que são sem materia e deixam de ser sensiveis, e assim pertencem á metaphysica. Pelos dois movimentos equipara-se ás suas sciencias; um indica as cousas naturaes corruptiveis, que quotidianamte completam o seu caminho, mudando-se a sua materia de fórma em fórma, como ensina a physica; indica o outro, o do occidente para o oriente em gyro de cem annos, as cousas incorruptiveis, a que Deus, desde a creação, deu principio, e que não terão fim, objecto da metaphysica...

« O ceu cristalino ou Primeiro Mobile manifestamente é comparavel com a philosophia moral. Assim como, ao dizer do Philosopho, no livro quinto da Ethica, justiça natural expressa em leis ordena o modo de aprender as sciencias, e determina as que se deve aprender e ensinar, assim tambem o mencionado ceu ordena com o seu movimento a resolução quotidiana de todos os outros. Se fosse possivel não mover-se este ceu, a terça parte do ceu não seria vista em nenhum logar da terra, ficando occulto Saturno quatorze annos e meio, Jupiter seis annos, Marte quasi um anno, o Sol cento e oitenta e dois dias e quatorze horas, Venus e Mercurio quasi como o Sol; e a lua por espaço de quatorze dias e meio. E na terra não haveria geração nem vida animal e vegetal, nem noite, nem dia, nem semana, nem mez, nem anno: desappareceria a ordem de todo universo, e com ella o movimento dos astros...

« O ceu empyreo pela sua paz, se assimilha á sciencia divina, que é cheia de toda a paz e não está exposta á variedade de opiniões e argumentos sophisticos, pela excellentissima evidencia do seu objecto, que é Deus.»

No Empyreo—*Convito*, III, 2:

« Assim que a alma humana, a mais nobre fórma das que são geradas debaixo d'este ceu, recebe mais da natureza divina do que qualquer outra. E por que é naturalismo em Deus querer ser, a alma humana quer ser naturalmente com todo o desejo. Dependendo de Deus o seu ser e por elle se conservando, naturalmente quer ser unida a Deus para fortalecer o seu ser. E como nas bondades da natureza humana mostra-se a razão da divina, segue-se que naturalmente se vincula com esses predicados por via espiritual, tanto mais forte e rapidamente, quanto lhe apparecem mais perfeitos.»

E no cap. 6:

« Cada cousa deseja extremosamente a sua perfeição, n'ella se aquieta todo o seu desejo e por ella toda a cousa é desejada. E' por isso que sempre nos parece incompleto o prazer, qualquer que seja ; pois n'esta vida nenhum prazer é tal, que apague na alma a sêde, que por esse desejo é provocada no pensamento. »

S. Paulo, 2 *Cor.* XII :

« Conheço a um homem em Christo, que quatorze annos ha, foi arrebatado se foi no corpo não o sei, ou se fóra do corpo tambem não sei, Deus o sabe, até o terceiro ceu. E conheço a este tal homem, se foi no corpo ou fóra do corpo, não o sei, Deus o sabe : que foi arrebafado ao Paraiso, e que ouviu lá palavras secretas, que não é permittido a um homem referir. »

[4] O Poeta, que tinha já invocado as Musas no c. I do *Purg.*, como constituindo a alma e harmonia das espheras celestes, tambem aqui implora o auxilio de Apollo, que colloca, separado as nove irmans em outro cimo do Parnaso por ser elle o presidente das Musas e moderador de todos os astros.

[5] Ovidio, *Met.* VI :

Sic ubi nescis quis lycia de gente virorum
Rettulit exitium, satyri reminiscitur alter,
Quem tritoniaca Latous aniindine victum
Affecit pœna.— « Quid me mihi detrahis ?» inquit
« Ah ! piget, ah ! non est—clamabat—tibia tanti ! »
Clamanti cutis est summos direpta per artus,
Nec quicquam nisi vulnus erat...

[6] Petrarcha, no soneto CCV :

Arbor vittoriosa e trionfale,
Onor d'imperadori e di poeti,
Quanti m'hai fatto di dogliosi e lieti
In questa breve mia vita mortale !

[7] Ovidio, *Met.* l. I : trad. de A. F. de Castilho :

Em vago inquieto amor fervendo Apollo,
Viu Daphne : suspirou-a para esposa ;
Suspirou, e de obtel-a entrou na esp'rança...
Aterrada co'a furia dos louvores,
Foge a nympha mais rapida que as auras ;
Nem pára aos do amador queixumes ternos...
A nympha vôa
Deixando o nume a quem e em meio as phrases...
Eis sem força a infeliz amarelece,
Do casaço da fuga extenuada.
E á veia do Peneu lançando os olhos,
« Se ha nos nós poder, se nume ha n'elles,
Vale-me—exclama—o Pae, vale-me, ó Terra...—
N'isto um grave torpor lhe tolhe os membros ;
Fina entrecasca envolve-lhe as entranhas,
Vai-se a coma em folhage, em rama os braços,
Prende tarda raiz tão leves plantas,
O rosto se destróe mudado em copa,
Nada tem do que teve, além do lustre
Phebo a adora inda assim...
Já que ser minha esposa não podeste
Minha arvore serás—lhe brada o nume.

[8] Cirrha, cidade situada ás abas do monte Parnaso, consagrada a Apollo. Invocada pelos poetas, que se soccorriam ás inspirações do deus, ás vezes lhe substituia o nome ou indicava a sua influencia maravilhosa.

[9] E' a parte do ceu, onde se ajuntam e cortam quatro circulos celestes: o horisonte, o zodiaco e o coluro do equinoxio. Formam assim trez cruzes.

[10] Milton, *Par. Lost—Book* III:

As glowing iron with fire.

[11] Tasso, *Ger Lib*, I, est. 15:

Quando a paro col sol, ma più lucente,
L'angelo gli appar'l dall'oriente.

Ariosto, *Orl. Fur.*, C. X, est. 109:

E par ch'aggiunga un altro sole al cielo,

[12] Ovidio, *Met.* XIII.

[13] Milton, *Par. Lost, b.* V:

« One Almighty is, from whom
All things proceed and up to him return,
If not depraved from good, created all
Such to perfection, one first matter all,
Endued with various forms, various degrees
Of substance, and, in things that live, of life;
But more refined, more spiritous, and pure,
As nearer to him placed or nearer tending,
Each in their several active spheres assigned,
Till body up to spirit work, in bounds
Proportioned to each kind. So from the root
Springs lighter the green stalk; from, thence the leaves
More airy, last, the bright consummate flower
Spirits odorous breathes: flowers and their fruit
Man's nourishment, by gradual scale sublimed,
To vital spirits aspire, to animal,
To intellectual; give both life and sense,
Fancy and understanding; whence the soul
Reason receives, and reason in her being,
Discursive or intuitive.

[14] O empyreo, em que se comprehende o Primeiro Mobile.

Convito, III, 2:

« A alma humana, que possue a nobreza da potencia mais sublime, isto é, a razão, participa da natureza divina a maneira de intelligencia sempiterna; por isso a alma n'essa soberana faculdade é tão nobilitada e isenta da materia, que resplendece de luz divina como um anjo.

Por isso os philosophos denominam o homem divino animal, existindo muitas virtudes n'essa parte nobilissima da alma.

Camões, *Lus.* X, est. 85, 88, 89 e 90:

Debaixo d'este circulo, onde as mundas
Almas divinas gozam, que não anda
Outro corre tão leve e tão ligeiro,
Que não se enxerga; e o Mobile Primeiro.

Com este rapto e grande movimento
Vão todos os que dentro tem no seio;
Por obra d'este o sol, andando a tento,
O dia e noite faz com curso alheio
Debaixo d'este leve anda outro lento,
Tão lento e subjugado a duro freio,
Que emquanto Phebo, de luz nunca escasso,
Duzentos cursos faz, dá elle um passo.
Olha este outro debaixo que esmaltado
De corpos lisos anda e radiantes,
Que tambem n'elle tem curso ordenado,
E nos seus ares correm scintilantes.
Bem vês como se veste e faz ornado
C'o largo cinto de ouro, que estellantes
Animaes doze traz afigurados,
Aposentos de Phebo limitados.
Olha por outras partes a pintura,
Que as estrellas fulgentes vão fazendo:
Olha a carreta, attenta a Cynosura,
Andromeda, e seu pae, e o Drago horrendo;
Vês de Cassiopêa a formusura,
E do Oriente o gesto metuendo;
Olha o Cysne morrendo, que suspira,
A Lebre e os Cães, a Náo, e a do Lyra.
Debaixo deste grande firmamento
Vês o céo de Saturno, deus antigo,
Jupiter logo faz o movimento
E Marte abaixo, bellico inimigo,
O claro olho do ceu no quarto assento,
E Venus, que os amores traz comsigo,
Mercurio de eloquencia soberana,
Com tres rostos debaixo vai Diana.
Em todos estes orbes differentes
Curso verás, n'uns grave, e n'outros leve;
Ora fogem do centro longamente
Ora da terra estão caminho breve;
Bem como quiz o Padre Omnipotente,
Que o fogo fez, e o ar, o vento e neve,
Os quaes verás, que jazem mais a dentro,
E tem co'o mar a terra por seu centro.

CANTO II

1. Vós, que em fragil barquinha navegando,
Desejosos de ouvir, haveis seguido
Meu baixel, que proeja e vae cantando,
2. Volvei á plaga, d'onde haveis partido.
O pelago evitae ; que, em me perdendo,
Vosso rumo talvez tereis perdido.
3. Ondas ninguem cortou, que vou correndo,
Sopra Minerva e me conduz Apollo
E o Norte as Musas mostram-me, a que eu tendo.
4. Vós, que, raros, a tempo haveis o collo
Erguido ao pão dos anjos, [1] que alimenta,
Mas não sacia, no terraqueo solo,
5. A nossa nau guiai, de medo isenta,
No salso argento, após a minha esteira,
Em quanto agua o seu sulco inda apresenta.
6. A que em Colchos surgiu gente guerreira,
Menos que vós, attonita ficara
Jason vendo applicado á sementeira. [2]
7. Perpetua, innata sêde nos tomara
Do imperio desforme e nos levava
Quasi bem como o ceu, que jamais pára.

8. Olhava o ceu Beatriz, eu a encarava.
Tão depressa talvez, quanto, arrojada
Ao ar, a setta do arco se destrava.
9. Cousa vi, que prendeu maravilhada
A vista minha subito ; e então ella,
Que do meu cogitar stava inteirada,
10. Voltou-se e disse leda, quanto bella:
« A Deus eleva a mente, agradecido,
Chegados somos á primeira estrella. »
11. Lucido, espesso, solido e pulido
Vulto, qual nuvem, nos cobrir parece,
Quasi diamante pelo sol ferido.
12. Na per'la eterna entramos : assim desce
Raio de luz pela agua, que o recebe
No seio, mas unida permanece.
13. Se eu era corpo, e aqui se não percebe
Como uma dimensão outra comprende,
Senão se um corpo em outro corpo embebe,
14. Com mais razão desejo em nós se accende
De ver aquella essencia, em que é patente
Como a nossa natura a Deus se prende.
15. Alli o que por fé se crê sómente
Sem provas por si mesmo será noto,
Como a verdade prima o que o home' assente.
16.—« Ante o Senhor com animo devoto
Humilho-me »—tornei-lhe—« enternecido,
Pois do mundo mortal me tem remoto.
17. « Mas dizei : n'este corpo o que tem sido
As manchas negras, com que lá na terra
Sobre Caim se hão fabulas urdido.»—[3]
18. Sorriu-se e respondeu :—« Se assim tanto erra
Dos mortaes o juizo no que a chave
Dos sentidos verdade não descerra,
19. « Não mais depois o espanto em ti se aggrave;
Pois vês como, aos sentidos se rendendo,
Nos curtos vôos a razão se trave.

20. « Mas fala, idéas tuas me dizendo. »—
—« O que parece aqui ser differente
De corpo raro e denso vir stou crendo. »—[4]
21.—« Tu verás »—replicou—« bem claramente
Ser falsa a crença tua, se escutares
Os argumentos, que lhe opponho em frente.
22.—« Na oitava esphera [5] ha muitos luminares,
Nos quaes, por qualidade e por grandeza,
Notam-se aspectos varios, singulares.
23. « Se o denso e o raro actua, com certeza
Virtude unica em todos tem regencia, [6]
Influindo com mais, menos graveza :
24. « São as virtudes varias consequencia
Dos principios formaes que destruidos
Seriam, excepto esse : é de evidencia.
25. « Se são por corpo raro produzidos
Taes signaes, ou n'este astro muitos postos
De materia estarão destituidos.
26. « Ou, como o gordo e o magro sobrepostos
No corpo vês, quadernos differentes
Este astro em seu volume tem dispostos.
27. « Nesse caso estariam bem patentes
Nos eclipses do sol da luz effeitos,
Que são, nos corpos raros, transparentes.
28. « Assim não é. No outro, se desfeitos
Forem seus fundamentos, demonstrado
Terei teu erro em ambos os respeitos.
29. « Não indo o raro de um ao outro lado
Limite deve haver onde, já denso,
Não possa o corpo ser atravessado ;
30. « E sobre si o lume torne intenso,
Bem como a côr, por vidro reflectida,
Ao qual o chumbo é por detraz appenso.
31. « Dirás que a luz se mostra escurecida
Ahi, mais do que em outra e qualquer parte,
Por ser de mais distancia refrangida.

32. « D'esta *instancia* [7] consegue libertar-te
Experiencia, se d'ella te ajudares,
Por ser soe a fonte de toda a arte.
33. « De espelhos trez se a dois tu collocares
Com igual intervallo, e o derradeiro
Mais longe, entre os primeiros encarares ;
34. « Se houveres pelas costas um luzeiro,
Que os espelhos já ditos esclareça,
Dos dois repercutido e do terceiro:
35. « Com quanto uma extensão menor pareça
No espelho que se avista mais distante,
Verás como igual luz o resplendeça.
36. « Como aquecida do astro rutilante,
A neve se derrete e se esvaece,
A frigidez perdendo e a côr brilhante,
37. « Assim, pois que o teu erro desparece,
Mostrar-te clarão vou tão refulgente,
Que scintilla qual luz que do ceu desce.
38. « No ceu da paz divina um corpo ingente
Gyra : em sua virtude está guardado
O ser de quanto é elle o continente.
39. « O ceu seguinte, de astros marchetado,
Aquelle ser reparte por essencias
Distinctas, mas que tem n'elle encerrado.
40. « Os outros ceus, por varias influencias,
Distincções que contem, dispõe, lhes dando
Quanto serve aos seus fins e consequencias.
41. « Esses orgãos do mundo (estás notando)
Seguem, pois, gradação, que não varia ;
Vem de cima o que abaixo vão passando.
42. « Comprendes já como é segura a via,
Por onde ir a verdade dezejada :
Depois o vau tu passarás sem guia.
43. « Deve aos santos motores imputada
Ser, como ao fabro o effeito do martello,
Dos ceus a acção, d'esta arte revelada.

44. « E o ceu, que tantos lumes fazem bello,
Do Ser Supremo, que no espaço o agita,
A imagem toma e a insculpe como sello.
45. « E como alma, que a humana argilla habita,
Por differentes membros actuando,
Faculdade diversas exercita,
46. « A Intelligencia assim multiplicando
Dos astros nos milhões sua bondade,
Sobre a Unidade sua vês gyrando.
47. « Cada virtude, em sua variedade,
A cada precioso corpo é unida
A que dá, como em vós vitalidade.
48. « A virtude, em taes corpos infundida. [8]
Refulge, de um ser ledo procedente,
Qual ledice em pupilla reflectida.
49. D'ahi vem que uma luz de outra é diff'rente,
Não por effeito do que é denso e raro :
Esse é formal principio efficiente
Conforme a sua acção o turvo e o claro. »—

NOTAS AO CANTO II

Acompanhando a Beatriz, Dante sobe ao ceu da lua. Propõe duvidas, que são resolvidas.

[1] Pão dos Anjos.—No *Convito*, I, 1, disse Dante:

« Como disse o Philosopho (Aristoteles) no principio da primeira philosophia, todos os homens naturalmente desejam saber. A razão é que cada cousa, por providencia inherente á sua propria natureza inclina-se á perfeição. E, pois, sendo a sciencia a ultima perfeição da nossa alma, em que consiste a a nossa ultima felicidade, todos naturalmente a desejamos. No emtanto muitos se acham impossibilitados d'essa nobilissima perfeição, por varios motivos intrinsecos e extrinsecos ao homem, que lhe tolhem o habito da sciencia... Evidentemente se manifesta a quem bem considera que poucos são aquelles que alcançam esse habito por todos anhelado, e sem numero os que, pela força dos impedimentos, vivem perpetuamente esfaimados d'esse alimento. Oh! ditosos esses poucos, a quem é dado sentar-se á mesa, em que se come o pão dos Anjos! Miseros e mesquinhos os que se apascentam com alimento commum ás alimarias! »

[2] Ovidio, *Met.* VII:

Ecce adamanteis vulcanum naribus efflant
Æripedes tauri, tactæque vaporibus herbæ
Ardent, Utque solent pleni resonare camini
Aut ubi terrena silices fornace soluti
Concipiunt ignem liquidarum aspergine aquarum:
Pectora sic intus clausas volventia flammas
Gutturaque usta sonant Tamen illis Æsone natus
Obinsit Vetere truces venientis ad ora
Terribiles vultus prefixaque cornua ferro,
Pulvereumque solum pede pulsavere bisules,
Fumificisque locum mugitibus impleverunt.
Deriguere metu Minyæ. Subit ille nec ignes
Sentit anhelatos (tantum medicamena possunt,)
Pendulaque audaci mulcet palearia dextra,

Suppositos que jugo pondus grave cogit aratri
Ducere et insuctum ferro prosciendere campum.
Mirantur Colchi; Minyæ clamoribus augent
Adjicuntque animos. Galea tum sumit aëna
Vipereos dentes et aratos spargit in agros.
Semina moltit humus valido prætincta veneno,
Et crescunt, fiuntque sati nova corpora dentes.
Utque hominis speciem materna sumit in alvo,
Perque suos intus numeros componitur infans
Nec nisi maturus communes exit in auras:
Sic ubi visceribus gravidæ tellvris imago
Effecta est hominis, fœto consurgit in arvo,
Quodque magis mirum est, simul edita concutit arme.
Quos ubi viderunt præacutæ cuspidis hastas
In caput hæmonii juvenis torquere parantes,
Demisere metu vultumque animumque Pelasgi.

[3] Refere-se o Poeta á crendice dos que diziam representarem as manchas, que se divisam na face da lua, Caim carregando um feixe de espinhos.—V. as notas ao c. XX do *Inf.*

[4] *Convito*, II, 14:

« *Se la luna si guarda bene, due cose si veggono in essa propie, che non si veggono nell'altre stelle; l'una si è l'ombra ch'è in essa, la quale non è altro che del suo corpo, alla quale non possono terminare i raggi del sole e ripercuotersi così come nell'altre parti.* »

Neste II c. do *Par.* está a refutação de similhante opinião do Poeta, o qual insiste em renegal-a no c. XXII, quando diz:

Vidi la figlia di Latona incensa
Senza quell'ombra, che mi cagione
Per chè già la credetti rara e densa.

Permitta-se aqui uma breve explicação:

Está geralmente admittido que Dante presuppoz a sua miraculosa viagem em 1300, anno do jubileu proclamado, pelo Papa Bonifacio VIII. Os factos e acontecimentos occorridos em epocha posterior, que mencionou em qualquer dos trez Canticos do sacro poema por antecipação do futuro, no qual, por graça especial, liam assim as almas condemnadas ás penas eternas, como as que expiavam no *Purgatorio* e as que se alçaram á bemaventurança do *Paraiso*, consideram-se inspirações de espirito prophetico. Mas as doutrinas enunciadas no correr da *Divina Comedia* para rectificar ou refutar outras proferidas em outros escriptos ou occasiões, naturalmente não estão no mesmo caso. Pertencendo estes ao dominio do passado, claro está que em 1300 estava já composto e conhecido o tratado II do *Convito*, pelo menos, em que fôra exhibido o parecer de Dante acerca da *densidade* e da *raridade* do corpo lunar, opinião que elle proprio declarou infundada nos c. II e XXII do *Par.*, como acima se vê.

De mais, o *Convito* não póde ser havido por obra posthuma, visto que não precisaria o Poeta de retractar o que escrevera, se já o não tivesse dado a lume, se a guardasse inedita; porque então livre lhe era a faculdade de modificar e corrigir o que houvesse mister alterações.

[5] No ceu das estrellas fixas.

[6] Segundo o commentador Lombardi, a supposição de que tambem as estrellas fixas não têm luz propria levaria a concluir que, se o raro e o denso nas varias partes do corpo lunar dessem causa á sua claridade e sombra, a mesma

causa teriam *i diversi volti*, mais ou menos claros, nas estrellas. Similhante suppozição é consequencia d'aquelle systema, em virtude do qual o Poeta chamou o sol espelho, e de igual teor os anjos (c. IV do *Purg.* e c. IX do *Par.*) No *Convito*, III, 14, disse elle: « que o primeiro agente (Deus) actua em umas cousas a modo de raio directo, em outras a modo de esplendor reverberado, de feição que nas intelligencias raia sem intermediario a divina luz; em tudo o mais se repercute d'essas intelligencias primeiro esclarecidas. »

[7] *Instancia* chamava-se nas escolas a replica opposta á resposta, em que fôra repulsada a objecção. Segundo a doutrina de Aristoteles, do senso provém a memoria, de muitas memorias a experiencia, de muitas experiencias a arte.

[8] Virgilio, *En.*, VI:

Principio cœlum ac terras camposque liquentes
Lucentemque globum Lunæ, Titaniaque astra
Spiritus intus alit, totamque infusa per artus
Mens agitat molem et magno se corpore miscet.

CANTO III

1. O sol por quem primeiro ardeu meu peito,
Provando e refutando, me amostrara
Da formosa verdade o doce aspeito.
2. Por confessar-me do erro, em que vagara,
Quando possivel fosse, convencido,
Mais alto a fronte para a sua alçara ;
3. Eis fui de uma visão tal possuido,
Que olvidei meu desejo inteiramente,
Ficando em contemplal-a submergido.
4. Bem como em crystal puro e transparente,
Ou n'agua clara, limpida e tranquilla,
Que deixa á vista o fundo seu patente,
5. A imagem nossa quasi se aniquilla,
Em modo, que uma per'la em nivea fronte
Se faz mais perceptivel á pupilla,
6. Assim, dispostas a falar defronte
Varias figuras vi : eu no erro opposto
De Narciso cahi amando a fonte. [1]

7. Eu, cuidando as feições do seu composto
Ver n'um espelho, subito volvia,
Por bem saber quem fosse, atraz o rosto.
8. Ninguem vi. Logo o gesto me attrahia
Da doce guia, que, a sorrir-me estando,
Dos santos olhos no esplendor ardia.
9.—« No sorriso, não pasmes, reparando.
A causa é »—diz—« teu pueril engano ;
A' verdade caminhas vacillando.
10. « Andas em falso, como sóes, de plano :
Verdadeiras substancias estás vendo ;
Trouxe-as aqui dos votos seus o damno.
11. « Interroga, o que ouvires crer devendo ;
Pois da verdade a luz, que as esclarece,
As conduz, de todo o erro as defendendo.»—
12. Volto-me então á sombra, que parece
Mais desejosa de falar : torvado
Começo, e a voz impaciencia empece.
13.—« Tu, espirito eleito, que, enlevado,
Da vida eterna aqui frues a doçura,
Que entende só quem tem—« exp'rimentado,
14. « Gran mercê me farás, se por ventura
Disseres o teu nome e a sorte vossa. »—
A responder-me leda se apressura.
15.—« Ao bom desejo a caridade nossa,
Como a que manda a côrte sua inteira
Imital-a, defere quanto possa.
16. « Eu era lá no mundo virgem freira :
Diz-te a memoria, se as feições me guarda,
Que sou, posto mais bella, a verdadeira.
17. « Attenta bem : verás que sou Piccarda : ?
Estou n'esta bemdicta companhia,
Venturosa na esphera, que é mais tarda.
13. « As nossas affeições que inflamma e guia
Sómente a inspiração do Espirito Santo,
Enlevam-se em cumprir ordens que envia,

19. « A sorte, ao parecer somenos tanto,
Nos coube, por ter sido descurado
O sacro voto e em parte posto a um canto. »—
20. Respondi-lhe :—« No aspeito sublimado
Vosso rebrilha um não sei que divino,
Que o tem do que foi de antes transmutado.
21. Não fui, pois em lembrar-me repentino ;
Porém, do que disseste me ajudando,
Eu do que has sido em recordar-me atino.
22. « Mas vós que estais aqui dita logrando
Não sentis de outro ceu desejo ardente
Por ver mais alto mais amor gozando ? »—
23. Sorriu-se a sombra e as outras docemente ;
E disse de alegria radiante,
O seu primeiro amor como quem sente :
24. « Rege o nosso querer, em paz constante
A caridade, irmão : só desejamos
O que ora temos e não mais avante.
25. « Anhelando ir mais alto do que estamos,
Seriamos rebeldes á vontade,
A que approuve esta estancia, que habitamos.
26. « Pois nos cumpre existir na caridade,
Surgir não póde em nós tal pensamento,
D'essa virtude opposto á santidade.
27. « Condição de eternal contentamento
E' preceito cumprir do Omnipotente:
Um só com elle é logo o nosso intento.
28. « Do reino em cada plaga refulgente
Somos, do reino todo muito ao grado
E do Rei, que á sua lei nos molda a mente.
29. « Seu preceito a paz nossa se ha tomado :
Elle é mar a que tudo precipita,
Que crea, ou faz natura ao seu mandado. »—
30. Conheço então que o Paraizo habita
Quem stá do céu em qualquer parte, e vejo
Não chover de um só modo a summa dita.

31. Mas, se um manjar sacia, dado o ensejo,
E de outro resta o appetite vivo,
Um se agradece, expondo-se o desejo.
32. Por gesto e voz assim fiz-me expessivo
Para a tela saber que a lançadeira
Não rematara com lavor activo.
33.—« Perfeita em vida, em merito altaneira
Acima santa está, que ha regulado
Vestes e veus, com que professa freira,
34. « Até finar-se, vele ou durma ao lado
D'esse esposo, que todo o voto acceita,
Se lhe é por caridade consagrado.
35. « Menina e moça, á sua regra estreita
Submetti-me, e do mundo me apartando
Jurei aos seus preceitos ser sujeita.
36. « Roubou-me á paz do claustro iniquo bando,
Mais á maldade do que ao bem affeito:
Qual foi Deus sabe o meu viver, penando!
37. « Este fulgido esp'rito, em cujo aspeito
(A direita demora-me) se accende
Quanto lume o ceu nosso tem perfeito,
38. « O que digo de mim de si o entende ;
Sendo freira, como eu foi-lhe arrancada
O santo véu, que o voto á fronte prende.
39. « Mas, ao mundo tomando de mau grado,
Que os seus piedosos usos offendia,
Guardou fiel seu peito ao sacro estado.
40. « E' a excelsa Constancia [3] a que radia :
Deu de Suabia ao Imperador segundo
Herdeiro, em que extinguiu-se a dynastia. »—
41. Calou-se ; e logo do Ave o hymno jocundo
Cantou : cantando aos olhos desparece,
Qual pezo, que mergulha em mar profundo.
42. Seguil-a a vista quiz quanto podesse ;
De desejo invencivel attrahida,
Voltou-se, quando em todo se esvaece;

43. E em Beatriz fitou-se embevicida.
Mas era o gosto seu tão fulgurante,
Que ante o lume sentiu-se emorecida.
Pelo effeito atalhei-me titubante.

NOTAS AO CANTO III

Dante avista-se com Piccarda que lhe refere como fôra constrangida a violar os seus votos monachaes.

[1] Narciso tomou a sombra pela substancia, cuidou que a imagem fosse a pessoa. No erro contrario cahiu Dante, suppondo que a substancia era a imagem e as pessoas sombras.

[2] Piccarda, irman de Forese e Corso Donati, de quem se tratou no c. XXIV do *Purg.*—V. notas a esse canto.

[3] Constancia, filha de Rogerio, Rei da Sicilia e Apulia. Professou em um mosteiro do instituto de Santa Clara em Palermo. D'alli tirada á força, foi obrigada a casar com o imperador Henrique V, filho de Frederico Barba-roxa. Do consorcio procedeu Frederico II, em quem se extinguiu a casa imperial da Suabia.

CANTO IV

1. De igual modo distantes e attrahentes,
Homem livre entre cibos dois morrera
De fome, antes que n'um mettesse os dentes.
2. Cordeiro assim, sem se mover, temera
No meio de dois lobos truculentos;
Um galgo entre dois gamos não correra. [1]
3. Calando-me entre oppostos pensamentos,
Louvor não merecia, nem censura;
Necessario era então nos meus intentos.
4. Mas no semblante o anhelo se afigura;
Constrangido silencio o denuncia
Melhor que a voz, quando expressão apura.
5. Fez Beatriz, qual Daniel [2] fazia
Para os assomos moderar da ira,
Que ao mal Nabucodonosor movia.
6.—« Dos desejos cada um tua alma tira »
— Disse—« e estando em taes laços enleiada,
Tolhido o raciocinio, não respira.
7. « Discorres: se a vontade contrastada
No bem persiste, póde por ventura
Em meritos julgar-se amesquinhada?

8. « Turbar-te inda outra duvida procura :
Se das estrellas a alma torna ao meio,
Como Platão philosopho assegura. [3]
9. « D'estes problemas dois te nasce o enleio.
No derradeiro o exame principia
Porque do erro mais fel ha no seu seio.
10. « Não têm anjo, que em Deus mais se extasia
Moysés e Samuel, João Baptista,
O Evangelista, nem tambem Maria.
11. « Logar em ceu diff'rente do que a vista
De espiritos te deu que hão se mostrado :
N'um só têm todos a eternal conquista.
12. « O Empyreo é por todos adornado,
Hão todos doce vida variamente,
Conforme o eterno sopro é facultado.
13. « Se n'esta esphera os viste, certamente,
Não foi por destinada lhes ter sido,
Grau só denota menos eminente.
14. « Assim por mente humana comprendido
Será pois só se eleva ao entendimento
Do que é pelos sentidos percebido. [4]
15. « Por ter do que sois vós conhecimento
A Escriptura attribue, mas al entende,
Pés e mãos ao Senhor do firmamento.
16. « Em figurar a Igreja condescende
Gabriel e Miguel e o que a Tobia
Curou, sob a feição, que á humana tende
17. « Timeu esta verdade contraria [5]
No que acerca das almas argumenta ;
Parece crer á lettra o que enuncia.
18. « Ao seu astro voltar a alma sustenta,
Suppondo que ella terra descendera,
Quando, por fórma ao corpo unida, o
19. « Talvez diversa idéa concebera
Do que nas vozes suas emittira,
Escarnecida ser não merecera.

20. « Se a honra ou vituperio attribuira
Aos astros de influir na vida humana,
Na verdade talvez firmasse a mira.
21. « Mal entendido, o seu principio damna
O mundo quasi inteiro, que prestava
A Jove e a Marte adoração insana.
22. « A duvida segunda te depara
Menos veneno, pois o mal, que encerra
Para longe de mim não te afastara.
23. « Que a Justiça Divina lá na terra
Pareça injusta é, de pessima heresia,
Argumento de fé, que jamais erra.
24. « Mas, como a humana mente poderia
A's alturas alar-se da verdade,
Vou dar-te, o que o desejo te sacia.
25. « Constrangimento havendo, se, á maldade
A victima se oppondo, em lucta insiste,
Desculpa ellas não têm, sem dubiedade.
26. « Não se abate a vontade, se persiste;
Sempre se ergue, qual flamma scintillante:
A força a estorce, vezes mil resiste.
27. « Por menos que se dobre vacillante,
Cede á força: voltar ao santo abrigo
Poderam, tendo o animo constante.
28. « Se o querer fosse inteiro no perigo,
Como Lourenço no brazeiro ardente, [7]
Ou Mucio, [8] que á mão sua deu castigo,
29. « Em livres sendo, a estrada incontinente
Do dever seguiriam pressurosas.
Mas raro é tal valor na humana gente.
30. « Se attendeste, razões dei poderosas
Para ficar tua duvida solvida:
Causa te fôra a angustias afanosas.
31. « Mas ante os olhos ora vês erguida
Outra ainda mais grave, que, por certo,
Não fôra por ti só desvanecida.

32. « Já te hei bem claramente descoberto
Que não pôde mentir alma ditosa
Pois da Summa Verdade é sempre perto.
33. « Narrou depois Piccarda que extremosa
No seu amor o veu fôra Constancia,
Ao revez do que eu disse cautellosa.
34. « Na existencia ha mais de uma circumstancia,
Em que se faz, perigos receiando,
O que é vedado ou move repugnancia.
35. « Do pae ardentes rogos respeitando,
A sua mãe Alcmeon [9] cortava a vida,
Por piedade impiedoso se tornando.
36. « Fique pois, a tua mente convencida
De que ao querer se a força anda ajustada,
Não ha desculpa á falta commettida.
37. « A vontade absoluta é declarada
Inimiga do mal : cede temendo
Ser, pela opposição, mais lastimada
38. « A verdade absoluta em mira tendo,
Piccarda discorreu : de outra eu falava.
Verdade ambas estamos defendendo. »—
39. Do santo rio a luz assim manava,
Da fonte da verdade é derivada :
Cada um dos meus desejos contentava.
40. «—« O' do Primeiro Amante excelsa amada ! [10]
O' santa ! »—eu disse—« cuja voz me anima,
Me inunda e a força aviva á alma abrazada !
41. « Affecto meu que ao extremo se sublima,
Não basta por tornar graça por graça :
Que o Senhor minha divida redima !
42. « Não ha, bem sei, não ha quem satisfaça
A mente, se a Verdade não comprende
Fóra da qual outra nenhuma passa.
43. « A mente alli se refocilla e prende,
Qual fera, que em seu antro empolga a preza :
De outra sorte o desejo em vão se accende.

44. « E por isso ao pé nasce da certeza,
Como vergontea, a duvida e nos leva
De cimo em cimo até sublime alteza.
45. « Com toda a reverencia que vos deva,
Ouso pedir-vos me expliqueis, Senhora,
Outra verdade, que me está na treva.
46. « Os rotos votos, que homem sente e chora,
Póde supprir com merito diff'rente,
Que iguale em pezo o que perdera outrora ? »—
47. Beatriz me encarou : tão refulgente
Lhe rebrilhava o olhar e tão divino,
Que me volto, sentindo a força ausente,
Eu, quasi aniquilado a fronte inclino.

NOTAS AO CANTO IV

Outras duvidas postas por Dante sobre o domicilio dos bemaventurados, effeitos da violencia sobre a vontade e os votos que não foram satisfeitos até fim. Resolve-as Beatriz.

[1] Ovidio, *Met.* v:

Tigris ut auditis diversa valle duorum,
Extimulata fame, mugitibus armentorum,
Nescit utrò potius ruat, et ruere ardet utroque,

Na traducção de Antonio F. de Castilho:

...Crua

Tigre, faminta, que mugir presente
Duas manadas em diversos valles,
Na escolha pende, a palpitar por ambas.

[2] *Daniel*, II:

« Dando, pois, a sua resposta os Chaldeus disseram na presença do Rei:— Não ha homem, ó Rei, sobre a terra, que possa cumprir o teu preceito; e nenhum Rei ha, por grande e poderoso, que seja, que pergunte similhante cousa a adivinho algum, nem o magico, nem a Chaldeu; porque o que tu pergunta, ó Rei, é difficil; nem se achará pessoa alguma, que declare isso diante do Rei, excepto os Deuses, que não têm commercio com os homens.

« Ouvido isto, o Rei todo enfurecido e cheio de uma grande ira, mandou que perecessem todos os sabios de Babylonia. »

[3] Platão. *Timeu ou da Natureza.*

Trad. de Victor Cousin:

« Deus, tendo acabado o todo, o dividiu em tantas almas, quantos são os astros, deu uma a cada um, e conduzindo-as, como em um carro, lhes mostrou a natureza do universo e explicou-lhes os seus irrevogaveis decretos. O primeiro nascimento será o mesmo para todos. Cada alma, posta no astro, que melhor convém á sua natureza, será necessariamente um animal religioso. Sendo

duplice a natureza humana, o sexo, que se chamará viril, será a sua parte mais nobre. Quando por lei fatal as almas forem unidas a corpos, os quaes receberão sem cessar novas partes e perderão outras, essas impressões violentas, produzirão primeiro a sensação, depois o amor misturado de prazer e dôr, e afinal o temor e a colera e todas as paixões, que d'estas provêm ou lhes são contrarias. A justiça consistirá em domar taes paixões, a injustiça em lhe obedecer. Aquelle, que passar honestamente o tempo, que lhe foi dado viver, voltará depois da morte ao astro, que lhe coube em sorte, e participará da sua felicidade. O que tiver peccado se mudará em mulher ao segundo nascimento; se não melhorou n'este estado, se transformará, segundo o caracter dos seus vicios no animal, a que os seus costumes o assimilharem; e as suas transformações e o seu supplicio não acabarão antes que, domando pela razão a parte grosseira de si, composta tardiamente de fogo, ar, agua e terra, massa turbulenta e desordenada, se torne digno de se alçar á sua primeira e excellente condição. »

S. Agostinho, *De civitate Dei.*

[4] E' o dogma da philosophia peripatetica, que S. Thomaz de Aquino adoptou, e foi seguido e desenvolvido por Loke e outros philosophos da sua escola: *Nihil est in intellectu quin prius fuerit in sensu.*

[5] O anjo Raphael. —*Livros de Tobias*, XII:

« E agora me enviou o Senhor a curar-te e a livrar do demonio a Sara, a mulher do teu filho; porque eu sou o anjo Raphael, um dos sete, que assistimos diante do Senhor. —E ao ouvir estas palavras se turbaram e espavoridos cahiram com o rosto em terra. »

[6] Refere-se o Poeta ao dialogo de Platão, que deu a esse escripto o nome de Timeu, philosopho de Locres.

[7] Martyrio de S. Lourenço.

Quando o Imperador de Roma, Decio, em 258, publicou um edito contra os christãos, o diacono Lourenço era thesoureiro da Igreja. Ordenou-se-lhe que entregasse as riquezas, de que era depozitario, aos prepostos do soberano; e elle pediu alguns dias de dilação, ao cabo dos quaes, tendo reunido uma multidão de pobres, mostrou-os aos officiaes do fisco, dizendo:—Eis aqui os thesouros da Igreja. —Foi então preso por Valeriano, Prefeito de Roma e conduzido ao patibulo. Depois de flagellado cruelmente, foi estendido sobre uma grelha de ferro, por baixo da qual se accendera horrivel fogueira.

Dizem os actos d'este martyrio que os algozes atiçavam o fogo com forquilhas de ferro. Então disse Lourenço a Valeriano:—Sabe, homem desgraçado, que estes ardores são refrigerio para mim, e que a ti te esperam os eternos supplicios. Deus, sabe que sem temor dou testemunho da sua fé: perante os que me condemnaram confessei o seu nome. —E encarando no Imperador, que presente estava, disse com risonho semblante: — « Manda-me voltar do outro lado, porque d'este já estou sufficientemente assado: depois poderás comer-me, ó tyranno! »—Pouco depois expirou e seu corpo foi levado pelos christãos.

Os fieis solemnizam a memoria d'este martyr no dia 10 de Agosto.

[8] Tito Livio, *Hist. Rom.*, II, 12:

« Entretanto continuava o cerco e a penuria dos mantimentos elevava excessivamente o seu preço; do seu acampamento esperava Porsenna reduzir Roma á necessidade de abrir-lhe as portas. C. Mucio, mancebo nobre, indignado de ver o povo romano, que, sob o dominio dos reis, nunca fôra sitiado, agora, depois de livre, vexado pelos Etruscos, que tantas vezes desbartara, entendeu que devia vingar tamanha affronta por um acto de esforço e audacia. O seu primeiro

impulso foi penetrar nos arraiaes inimigos; mas temendo que, se o fizesse sem permissão dos consules e sem ter participado o seu intento, o detivessem as sentinellas romanas como transfuga, suspeita, a que poderia dar azo a fortuna actual de Roma, apresentou-se ao Senado e disse:—Padres conscriptos, tenho a intenção de passar o Tibre e entrar no arraial inimigo; mas não sou levado pela cubiça de espojos, nem pelo desejo e de vingar a devastação dos nossos campos. Muito mais nobre é o meu fim, de me ajudarem os Deuses.

« Auctorizado pelo senado, occultou uma espada debaixo das vestes e partiu. Chegado ao acampamento, encaminhou-se para uma numerosa multidão, que se apinhava junto ao tribunal de Porsenna. Era a occasião, em que os soldados recebiam soldo: o secretario do Rei, sentado ao seu lado, e quasi vestido como elle, parecia muito atarefado, pois que a elle de preferencia dirigiram-se os soldados. Mucio, receiando denunciar-se se perguntasse quem era o Rei, entregou-se á fortuna e feriu gravemente o secretario. Com a espada ensaguentada abria caminho por entre a turba attonita, quando os guardas, acudindo ao reboliço, o detiveram, prenderam e arrastaram até o tribunal. Alli, só, em presença de tantas ameaças, em vez de mostrar temor, excitou-o nos outros.

« Sou cidadão romano — exclamou —: chamo-me C. Mucio. Inimigo, quiz matar o inimigo. Assim como sei dar, sei receber a morte: esforço e constancia são qualidades de todo o Romano. Não sou o unico, a quem animem contra ti iguaes sentimentos: depois de mim outros procederão de igual modo. Se te apraz este modo de viver, apparelha-te para combater cada dia em defensa tua; acharás o ferro inimigo até no teu regio aposento: é a guerra que te declara a mocidade romana. Não te arreceies de batalhas, de luctas campaes; a requesta é com a tua pessoa unicamente.

« Irritado o Rei e ao mesmo passo tomado de temor, ordenou que fosse rodeado de fogos o temerario, se não denunciasse as ambiguas insidias, com que o ameaçava. — Vê, replicou Mucio, quão pouco vale o corpo para o homem, que se inspira no aspecto da gloria. — Assim falando metteu a mão direita na pyra accesa para o sacrificio, e deixou-a arder, como se insensivel fôra a dôr. Attonito d'aquelle portento de heroicidade, Porsenna mandou que o afastassem do altar. — Retira-te, disse-lhe, tu, que a ti proprio te tratas mais como inimigo do que eu mesmo faria para comtigo. Eu applaudira a tua virtude, se fôra em pról da minha patria; mas, ao menos, restituo-te a liberdade, e renuncio os direitos, que contra ti me concede a guerra.

« Então Mucio, em agradecimento de tanta magnanimidade, lhe tornou: — Pois que sabes dar apreço ás acções de valor, a gratidão conseguirá o que não alcançaste por meio de ameaças. Somos trezentos mancebos das familias principaes da Roma, que juramos atacar-te como eu fiz. Fui o primeiro indicado pela sorte: cada um dos outros, em chegando a sua vez, se apresentará, até que a fortuna te entregue á nossa vingança. »

Plutarcho, *Vidas dos Hom. ill.*, Publicola, c. 17, diz:

« O feito de Mucio foi muitas vezes e de varios modos referido: tambem o mencionaremos, cingindo-nos á tradição mais provavel. Possuia todos os predicamentos de esforçado guerreiro. Tendo resolvido dar cabo de Porsenna, introduziu-se no arraial em trajos similhantes aos dos Etruscos, cuja lingua falava. Rodeou o tribunal, onde estava sentado o Rei; mas, não o conhecendo bem e receiando perguntar qual era, enviou-se a um dos que estavam proximos a Porsenna, cuidando ser elle mesmo, e arrancando da espada o matou. Foi incontinente preso e sujeito a julgamento. Ao pé do tribunal estava um brazeiro ardente destinado a um sacrificio, que Porsenna ia fazer. Mucio estendeu a mão direita sobre o fogo, e, em quanto se abrazava a carne, encarava em Porsenna com os olhos firmes e resolutos, até que o Rei maravilhado deu ordem

para que lhe entregassem a espada e o deixassem ir embora. Mucio recebeu-a com a mão esquerda, motivo pelo qual, se diz, lhe ficou o appellido de Scevola, ou canhoto. E ao mesmo tempo declarou que, vencedor das ameaças de Porsenna, dá-se por vencido da sua generosidade, e que, de agradecido, lhe vai declarar o que a violencia não o obrigaria a dizer.—Trezentos Romanos, continuou, formaram o mesmo proposito que eu: acham-se no teu acampamento e aguardam a occasião opportuna. Eu, que fui o primeiro indicado pela sorte, não me queixo da fortuna, que, enganando-me, não permittiu que eu matasse um homem de bem, feito mais para ser amigo do que inimigo dos Romanos.—Ouvindo estas palavras, Porsenna sente mais disposto a entrar em accordo, menos, parece-me, pelo receio dos trezentos do que pela estima e admiração, que lhe inspiram a virtude e o esforço dos Romanos. »

[9] Alcmeon matou a sua mãe, Eriphyle para cumprir a ordem, que lhe dera seu pae Amphiarau.

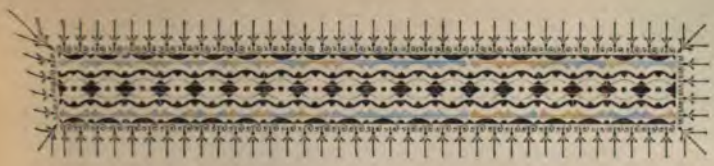
Ovid., *Met.* IX:

Ultusque parente perentem
Notus, erit facto pius et sceleratus eodem.

[10] Beatriz, symbolo da Sabedoria Divina.

Convito, III, 15:

« Diz o texto que no aspecto d'esta senhora mostram-se cousas, que revelam prazeres do paraiso; e distingue as feições, em que apparecem, nos olhos e nos labios pelo sorriso. Convém saber que os olhos da sabedoria são as suas demonstrações, pelas quaes evidentemente se manifesta a verdade; nos seus sorrisos estão as persuações, em que se demonstra a luz interior da sabedoria sem veu algum. D'ahi procede o sublime prazer de bemaventurança, que se sente e que é o mais alto do paraiso. Prazer tal em cousa terrena existir não póde, consiste em contemplar aquelles olhos, aquelle sorriso. »



CANTO V

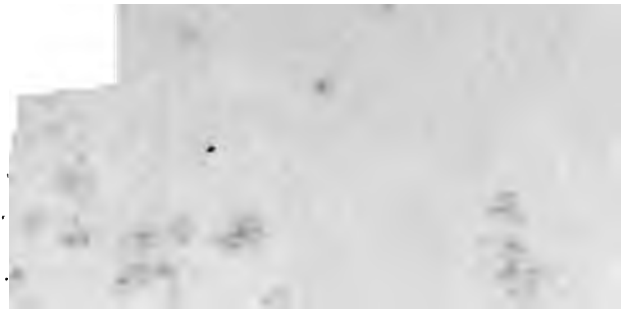
1.—« Se no fogo do amor te resplendeço [1]
Em modo, que o terreno amor precede ;
Se aos olhos teus a força desfalleço ;
2. « Não te espantes : effeito é que procede.
D'ese perfeito ver, que o bem comprende,
E, o comprendendo, em se apurar progrede.
3. « Já patente me está quando resplende
Na intelligencia tua a luz eterna,
Que, apenas vista, sempre amor accende.
4. « E, se outro objecto humano amor governa,
Vestigio d'ella é só mai percebido,
Só transluzindo em sua fórma externa.
5. « Saber queres se um voto não cumprido
E' de outras obras resgatado, e tanto,
Que em juizo de Deus fique absolvido. »—
6. Começou Beatriz d'esta arte o canto ;
E, como quem no discorrer não pára,
Seguiu assim no seu eloquio santo :
7. « O mór bem que ao universo Deus doara,
O que indicara mais sua bondade,
O que em preço mais alto avaliara,

8. « Foi do querer, por certo, a liberdade,
Que a toda a creatura intelligente
Ha dado em privativa faculdade.
9. « D'aqui, por deducção, fica evidente
Do voto a alta valia, quando é feito
Por accordo entre Deus e a humana mente.
10. « Por contrato, entre Deus e o homem acceito,
Esse thesouro é victima immolada,
Que ao sacrificio vai com ledo aspeito.
11. « Póde ser por ventura compensada ?
Se cuidas usar bem do que offertaste,
Crês fazer bem com prata mal ganhada.
12. « Certo do ponto capital ficaste.
Com a dispensa a Igreja, parecendo
Em tal caso contraria ao que escutaste,
13. « Convém que, um pouco á mesa te detendo,
Para o rijo manjar, que has ingerido,
Soccorro aguardes, que te dar pretendo.
14. « Ao que te explico attento presta ouvido
E guarda-o na alma ; pois não dá sciencia
Ouvir o que depois fica no olvido.
15. « Exige do sagrado voto a essencia
Aquelle objecto em sacrificio dado
E do proprio contrato a consistencia.
16. « Jámais póde ser este obliterado,
Ainda que infringido : já bem clara
Demonstração sobre este ponto hei dado.
17. « Lei rigorosa a Habreus determinara
Fazer pia oblação ; mas concedida
A permuta da offerta lhes ficara. [2]
18. « Da materia do voto é permittida
Conversão quando ensejo se offerece,
Sem ser por isso falta commettida.
19. « Mas não se muda, quando bem parece,
O fardo ; só se a Igreja, tendo usado
Das chaves de ouro e prata, o concedesse. [3]

20. « Crê que toda a permuta é passo errado,
Quando o antigo no novo não se inclua,
Bem como quatro em seis vês encerrado.
21. « Se o voto é tal na gravidade sua,
Que obrigue a se inclinar toda balança,
Outro voto não ha, que o substitua.
22. « Não contrahi, mortaes, votos por chança!
Cumpri-os, mas não Jephte imitando, [4]
A quem deu louco voto a desesp'rança.
23. «— Fiz mal!— dissesse ao voto seu faltando,
Por não fazer peior cumprindo-o. Estulto
Foi o potente Rei dos gregos, quando [5]
24. « A filha fez chorar seu bello vulto
E á piedade moveu quantos ouviram
Falar d'aquelle abominavel culto.
25. « As razões pezai bem, que vos inspiram,
Christãos! não sêde pluma a qualquer vento!
As nodoas com toda a agua se não tiram!
26. « Tendes o Velho e o Novo Testamento
E da Igreja o pastor, que os passos guia:
Que mais quereis por vosso salvamento?
27. « Se má cobiça o peito vos vicia,
Homens sêde e não brutos animaes: [6]
Que entre vós o Judeu de vós não ria.
28. « Como o cordeiro simples não façais,
Que contra si combate petulante,
Da mãe o leite não querendo mais. »—
29. Beatriz assim disse. Eis anhelante
E arrebatada em extasis voltou-se
A' parte, onde o universo é mais brilhante.
30. Ante o enlevo em que o gesto transmutou-se,
Calou-se o meu desejo impaciente:
De outras questões, já prestes, refreiou-se.
31. Como a setta, que o alvo de repente
Attinge antes que a corda esteja quieta,
No ceu segundo [7] entramos velozmente.

32. Tão leda eu via Beatriz dilecta,
D'aquelle ceu nas luzes penetrando,
Que mais vivo esplendor mostra o planeta.
33. E se a estrella sorriu, se transformando,
Como não fiquei eu, que fez natura
Mudavel, impressões todas tomando ?
34. Como viveiro de agua mansa e pura,
Pela esp'rança, de pasto, que se off'reça,
Sofregamente o peixe o anzol procura,
35. Mais de mil esplendores vindo á pressa,
—« Eis ahi quem nos traz de amor augmento ! »—
A voz de cada qual nos endereça.
36. De cada sombra o alegre sentimento,
Em se acercando a nós, se denuncia
No fulgor do seu claro luzimento.
37. Quão sofrego o desejo não seria
Em ti leitor, se acaso interrompesse
A narração de quanto então se via ?
38. Imaginas, por tanto, o que eu tivesse
De conhecer aquella grei formosa,
Tanto que ante os meus olhos apparece.
39.—« O' creatura, que assim vês ditosa
Os thronos do eternal triumpho, inda antes
De finda a terreal guerra afanosa,
40. « Nos lumes, que no ceu ha mais brilhantes,
Ardemos : te darei, se as pretenderes,
Ao teu desejo informações bastantes. »—
41. Assim falou.—« Responde que assim queres. »—
A Beatriz ouvi—« diz com franqueza,
E crê como divino o que entenderes.
42.—« O ninho tens, já vejo com certesa,
Na luz eterna : o seu fulgor revela
Dos olhos teus, sorrindo-te a viveza.
43. « Mas não sei quem tu és, ó alma bella,
Nem porque por degrau tens esta esphera,
Que aos mortaes nos clarões de outra se vela. [8] »—

44. Assim disse, voltado á luz que houvera
Primeira a voz alçado : refulgindo,
Mais coruscante a vi ao que antes era.
45. Bem como o sol os lumes encobrindo
No seu proprio esplendor quando esvaece
As cortinas que estavam o cingindo,
45. Da alegria no excesso desparece
Nos proprios raios a figura santa.
Na sua luz envolta que recresce,
Disse o que o canto que se segue canta.



NOTAS AO CANTO V

Resolvida por Beatriz a duvida, suggerida por Dante, acerca dos votos infringidos, sobem ao segundo ceu, onde o Poeta interroga um dos espiritos, que se lhe aproximam.

[1] Biagioli, commentando o introito d'este canto, disse:

« N'este logar o estudioso deve apparelhar o espirito para melhor comprehensão da parte mais divina d'este cantico terceiro, ou, antes, do novo paraiso creado por Dante e representado nos olhos e boca de Beatriz. Quem não cahisse no conveniente entendimento d'esta parte, não poderia saborear as suas mil e uma delicias inefaveis; e então, assim como aos cegos é defesa luz do ceu, assim lhe ficaria tolhido o conhecimento ao mais alto milagre do engenho do Poeta. Sendo certo que no semblante humano, olhos e boca, mais principalmente transluzem todos os actos e a compostura de uma alma apaixonada, Dante preferiu os olhos para denunciar o poder da sciencia na alma, que se lhe dedica, e os celestiaes esplendores da verdade, que se revelam áquelles, a quem ella se digna mostrar com a sua divinal formosura. Mas como conseguirá Dante differençar uma só substancia por tantas gradações; que se interpõem ao principio e ao fim? Como variar a cada passo uma cousa unica, modificada sómente pelo o occidente do quanto? Onde se lhe deparará linguagem de todo o ponto nova, em que se reunam tão sabidos predicamentos? Como proceder de maneira, que, parecendo novo o principio, sejam tambem novos os objectos, nova a maravilha e deleitação, que produz, sempre subindo até que a alma engolfada nas suas palavras, sente-se enalçar-se ao pinaculo da bemaventurança, onde, extatica, bebe o esquecimento de si propria, e, se é dado dizel-o, se diviniza? Pois tudo isso consegue o Poeta; tudo isto succede a quem é attrahido pelo seu falar.

« O estudioso, que se aperceber para tão nobre alimento, deve primeiro saber qual foi o proposito do Poeta, representando cada vez maior o prestigio dos olhos e sorriso se Beatriz, e o que se deve entender pelos seus olhos, pelo seu sorriso.

« Quanto á sua boca e ao seu sorriso, quiz o Poeta mostrar a luz, cada vez mais radiante, e a força, que alcança o nosso entendimento á proporção que se adianta na sciencia. D'este principio, uma das mais transcendentes invenções do immortal poema, revelam-se bellezas tão portentosas e galas tão

peregrinas, que bastam para constituir um paraiso á parte, tal, qual se poderá esperar do engenho omnipotente de Dante.

« No tocante aos olhos da celestial Beatriz, em que o lume do Ser Supremo se accende e multiplica infinitamente, leia-se o trecho do *Convito*, em que a santa Dama foi symbolisada na sciencia divina por estas palavras: « Beatriz figura a sciencia divina, replendescente de toda a luz do seu sujeito que é Deus. »

[2] *Levitico*, XXVII:

« O homem, que fizer voto, e prometter a Deus a sua vida, dará o preço, segundo a avaliação.»

[3] Sem a permissão da Igreja, á qual pertencem as duas chaves, uma de prata e a outra de ouro: a primeira significa o conhecimento, a segunda a auctoridade. V. *Purg.*, IX.

[4] *Juizes*, XI:

« Entrou o Espirito do Senhor em Jephte, e dando volta por Galaad e pelo paiz de Manassés e por Masfa de Galaad e passando d'alli até os filhos de Ammon, fez um voto ao Senhor dizendo:—Se tu me entregares nas mãos os filhos de Ammon, a primeira pessoa, seja ella qual fôr, que sahir da minha casa e se encontrar commigo, quando eu tornar victorioso dos filhos de Ammon, eu a offerecerei ao Senhor em holocausto.

« E passou Jephte ás terras dos filhos de Ammon a pelejar contra elles; aos quaes o Senhor entregou nas suas mãos.

« Mas, voltando Jephte para a sua casa em Masfa, eis que sahiu a recebel-o dansando ao som de tambores a sua filha unica; porque não tinha outros filhos. E quando a viu, rasgou os seus vestidos e disse: Desgraçado de mim, filha minha, que me enganaste e te enganaste tambem a ti! Eu abri a minha bocca falando ao Senhor e não poderei fazer outra cousa.

« Ella lhe respondeu:—Meu pae, se déste a tua palavra ao Senhor, dispõe de mim o que lhe prometteste, pois que te concedeu a vingança e a victoria dos teus inimigos.

« E disse a seu pae:—Concede-me sómente o que te peço: deixa-me andar pelos montes dois mezes, e que chore a minha virgindade com as minhas companheiras.

« Jephte lhe respondeu: Pois vai.—E deixou-a ir por dois mezes. E tendo ido com suas companheiras e amigas, chorava a sua virgindade nos montes. E, passados os dois mezes, tornou ella a seu pae e elle cumpriu o que tinha votado com a que não tinha conhecido varão.

« E d'aqui veio o costume de Israel e se tem conservado o uso de que uma vez cada anno se ajunctam as filhas de Israel para chorarem a filha de Jephte de Galaad por quatro dias.»

[5] Agammemnon, que sacrificou sua filha Iphigenia.

[6] No *Convito*, I, 11:

« A estes cabe o nome de carneiros e não de homens; porque, se um carneiro se lançasse de um precipicio da altura de mil passos, todos os outros o seguiriam, e quando um carneiro, ao passar por um caminho, salta, os outros tambem saltam, motivo não havendo para isso. Muitos já vi eu atirarem-se a um poço, porque um o fizera, cuidando que ia de encontro a um muro, não obstante os gritos e lagrimas do pastor, que se esforçava por impedir.»

[7] No segundo ceu, isto é, no planeta Mercurio.

[8] Este planeta, por estar muito perto do Sol, não póde ser visto a olho nú, encoberto, como é, pelos seus clarões.

CANTO VI

1. Depois que Constantino a Aguia voltara
Contra o curso do ceu, que ella seguira
Pós o heróe, que Lavinia conquistara, [1]
2. Duzentos annos [2] já passados vira
Da Europa em confins de Deus essa ave,
Visinha aos montes, d'onde se partira;
3. Das plumas sob a sombra ampla e suave,
De mão em mão o mundo ha dominado,
Té comigo reger do Imperio a nave.
4. Cesar, Justiniano [3] fui chamado.
Do Amor, que sinto, por querer movido,
O superfluo das leis hei cerceado.
5. Antes de ter a empreza commettido,
Uma só natureza acreditava
Ter Christo [4] e andava n'essa fé perdido.
6. Mas de Agapeto santo que mandava [5]
De Roma Santa Igreja, a voz potente
Levou-me á crença pura, que eu deixava.
7. O que então disse, eu vejo claramente,
Pois, como vês, contradicção implica
Uma falsa asserção e outra evidente.

8. « Quando eu cri no que a Igreja certifica,
Minha mente, de Deus por alta graça,
Logo á sublime empreza se dedica.
9. « Belizario [6] a reger as armas passa ;
No favor, que lhe deu poder divino
Signal vi que me ordena a paz se faça.—
10. « A responder-te o que ouves tem destino ;
Mais o que hei dito agora a tanto obriga,
Que a mór explicação dar-te me inclino.
11. « Verás que sem razão vontade imiga
Move-se contra esse estandarte santo,
Quando o tenta usurpar, [7] quando o profliga. [8]
12. « Pelos factos verás respeito quanto
Mereceu desde a honra em que Pallante [9]
Morreu por dar-lhe de sob'rano o manto.
13. « Em Abba sabes como foi constante [10]
Por mais de annos trezentos té luctarem
Tres contra tres porque elle fosse avante. [11]
14. « Sabes quanto elle fez por se curvarem
Visinhos desde o roubo das Sabinas [12]
Té Lucrecia expirar e os Reis findarem. [13]
15. « Sabes que gloria teve nas mãos dinas
De heróes, que Brenno [14] e Pyrrho combateram, [15]
E de outros reis colligações mali'nas.
16. « Decios, Fabios, Torquatos [16] lhe deveram
E Quincio e Cincinnato, que amo e louvo
A fama das victorias, que tiveram,
17. « Calcou o orgulho do Africano povo,
Que por fraguras, [17] d'onde, ó Pó, te envias,
Sob Annibal, abriu caminho novo.
18. « Fez triumphar da juventude em dias
Scipião e Pompeu, e assaz desgosto
Causou ás tuas patrias serranias. [18]
19. « Perto dos tempos, em que o ceu disposto
Havia, por seus fins, dar paz ao mundo. [19]
Em mãos de Cesar Roma o teve posto.

20. « O que elle fez do Var ao Rhin profundo
Isara ha visto e o Era, ha visto o Sena
E esse valle, onde o Rhõne é sem segundo.

21. « Passando o Rubicon, após Ravenna,
Com Cesar a Aguia tanto em vôo alçou-se,
Que o não póde seguir nem voz, nem penna.

22. « Depois que para a Hespanha remontou-se,
A Durazzo e a Pharsalia acommettia :
Do effeito o ardente Nilo perturbou-se.

23. « O Simoente e Antandro [20] então revia,
Seu berço, em que a de Heitor cinza descança ;
E sem detença a Ptolomeu se envia.

24. « D'alli, qual raio, logo Juba alcança ;
Depois volve-se ás terras do Occidente,
Onde os sons de Pompeu a tuba lança.

25. « Nas mãos de outro [21] o que fez essa ave ingente
No inferno Bruto e Cassio estão sentindo,
Soffrem Perugia e Modena tremente.

26. « Cleopatra inda vai triste carpindo
Atroce morte, que da serpe toma,
Da Aguia os assaltos pavida fugindo.

27. « Até o Roxo mar tudo a Aguia toma,
E ao mundo tão serena a paz se inclina,
Que em fim de Jano as portas fecha Roma. [22]

28. « O que fez e faria a ave divina
Para trazer á fama sua augmento
N'esse imperio mortal, em que domina,

29. « Parece escasso em seu merecimento,
Quando em mãos de Tiberio a contemplamos [23]
Com puro affecto e claro entendimento;

30. « Pois que a viva justiça, que adoramos
Lhe ha n'essas mãos a gloria concedido
De dar vingança ás iras, que incitamos. [24]

31. « Sê, me ouvindo, de espanto possuido :
Aguia a vingança do peccado antigo
Depois com Tito ha por tornar corrido .[25]

32. « Quando, mordida por lombardo inimigo,
Gemia a Santa Igreja, á sombra da ave
Salvou-a Carlos Magno do perigo.

33. « Podes julgar, por tanto, do erro grave
D'aquelles, cujas faltas hei notado,
Causa do mal que vês quanto se aggrave.

34. « Contra o sacro estandarte um tem hasteado
Aureo lyrio, outro o quer por seu partido : [26]
Custa dizer qual seja o mais culpado.

35. « Gibelinos, no iniquo andar sabido
Outra bandeira sigam ; que á justiça
Culto esta exige nunca interrompido.

36. « Carlos novo [27] a batel-a em vão cubiça
Com Guelfos ; tema as garras, que arrancaram
A mais forte leão juba inteiriça.

37. « Mais de uma vez os filhos já choraram
Pelas culpas do pae : é louca a espr'ança,—
De que de Deus favor lyrios ganharam.

38. « O planeta, em que habito agora, estança
E' de almas generosas que honra e fama
Aspiraram do mundo na lembrança.

39. « Quando os desejos d'este modo inflamma
O incentivo da gloria, aos ceus ascende
Do vero amor menos activa a chamma.

40. « Mas nossa dita em parte comprehende
Dos meritos e premio no confronto :
Nem menor, nem maior nenhum se entende.

41. « Pois da viva justiça o feito prompto
Tanto os affectos nos ameiga e apura,
Que nequicia os não torce em nenhum ponto.

42. « Vozes varias de sons formam doçura :
Assim os varios graus na eterna vida
Doce harmonia fazem n'esta altura.

43. « N'esta per'la, em que estás, bella e pulida,
Rebrilha de Romeu claro luzeiro, [28]
— Virtude inclyta e mal agradecida.

44. « Os Provençaes, pelo acto traiçoeiro,
Não se virão, caminho segue errado
Quem o bem de outro inveja sobranceiro. [29]
45. « A's filhas grato de Rainha o estado
Conseguiu Beranguer : tal bem devia
A Romeu, nome humilde e não falado.
46. « Preso na trama que a calumnia urdira,
Do erario contas exigiu do justo,
Que augmentado no quinto o erario havia;
47. « Romeu partiu-se então pobre e vetusto :
Se o mundo o coração lhe aquilatara,
Quando, mendigo, se mantinha a custo,
Louvor muito maior lhe despensara.» —

NOTAS AO CANTO VI

A alma bemaventurada, que se offerecera para responder ás perguntas de Dante, declara ser Justiniano. Diz o bem, que fez e narra a historia da aguia imperial. A alma santa de Romeu.

1 Constantino I, que alguns escriptores appellidaram Grande (Caius Flavius Varelius Aurelius Claudius Constantinus) filho de Constantino Chloro Helena, succedeu a seu pae, no imperio romano, em 306. Converteu-se ao christianismo em 312 e o declarou religião do Estado. Em 330 transferiu a séde dos seus dominios para a cidade de Byzancio, que de então em vante se chamou Constantinopla.

Por este facto diz Dante que a aguia imperial se voltara contra o curso do sol, ao qual até estão acompanhara, des que voara de Troia para a Italia, isto é, do Oriente para o Occidente, após Enéas, que alli se estabeleceu e foi o fundador do Imperio Romano, como ascendente de Romulo.

2 Em 529 o Imperador Justiniano mandou codificar as leis romanas: dois annos antes começara o seu reinado.

3 Justiniano I, Imperador do Oriente de 527 a 565, é famoso na historia principalmente pela codificação das leis romanas até o seu tempo promulgadas, da qual incumbiu uma commissão de abalizados jurisconsultos, presidida por Triboniano. Esse importantissimo trabalho, que constitue um monumento, o *Corpus Juris Civilis*, compõe-se do *Codigo* dos Pandectas ou Digesto Institutas e Novellas. Narses e Belisario glorificaram o seu reinado por assignaladas victorias contra os Vandalos na Africa e os Godos na Italia.

Fez-se notavel pela nimia sobriedade, com que vivia, pela solicitude infatigavel na direcção dos negocios publicos e por habilitações, que o distinguiram não só como jurisconsulto e theologo, senão tambem como architecto e musico, poeta e philosopho.

Além da heresia dos Lutychianos, de que o descaptivara o zelo do Papa S. Agapeto, já depois da morte d'este e nos ultimos annos do seu reinado, Justiniano cahiu na dos Incorruptiveis ou *Gaiamtos*, que sustentavam ser incorruptivel o corpo de Jesus Christo antes da resurreição.

4 Ensinava Eutychio que em Jesus Christo sómente existia a natureza divina, a qual absorvera a humana, como o oceano absorve uma gota de agua.

Sendo protegido pelo Imperador Theodosio II, foi absolvido em um concilio reunido em Epheso, perante o qual o accusaram os seus adversarios; mas o de Chalcedonia o condemnou em 451. Os crentes em uma só natureza denominaram-se *Monophysitas*.

[5] Agapeto I, Papa. Tendo-se apresentado em Constantinopla, não só recusou assentir ao pedido do Imperador Justiniano para entrar em communicação com Anthimo, Bispo de Trebizonda, suspeito de heresia, senão tambem desviou aquelle monarcha das opiniões de Eutychio.

[6] Belisario, general, famoso no reinado de Justiniano I pelas grandes victorias, que alcançou contra os Persas em 532 e nos annos subsequentes contra os Vandalos, que lançou da Africa, e os Godos na Italia. Já na extrema velhice, calumniado pelos seus inimigos, incorreu no desfavor do soberano, que, depois, convencido da sua innocencia, restituiu-lhe a sua estima. Falleceu em 565, aos 75 de idade. Não é verdade que lhe fossem arrancados os olhos, nem que mendigasse o pão para viver.

[7] Os Gibelinos.

[8] Os Guelfos.

[9] Virgilio, *En.* X:

At Pallas magnis emittit viribus hastam,
Vaginâque cavâ fulgentem deripit ensem;
Illa volans, humeri surgunt qua tegmina summa,
Incidit, atque viam clipei molita per oras,
Tandem etiam magno strinxit de corpore Turni.
Hic Turnus ferro præfixum robur aculo
In Pallanta diu librans jacit, atque ita fatur:
Aspice num magis sit nostrum penetrabile telum.
Dixerat; at clipeum, tot ferri terga, tot æris,
Cum pellis toties obeat circumdata tauri,
Vibranti medium cuspis transverberat ictu,
Loricæque moras et pectus perforat ingens.
Ille rapit calidum frustra de vulnere telum;
Una eademque via sanguis animasque sequuntur.
Corruit in vulnus; sonitum super arma dedêre;
Et terram hostilem moriens petit ore cruento.

Trad. de J. F. Barretto:

Mas Pallante lhe arroja ousadamente
Uma lança com furia denodada,
E da bainha van incontinente
Arranca fóra a rutilante espada.
Ella voando cae onde a potente
Lamina cobre os hombros, e a estrada
Pelas orlas do escudo emfim buscando,
No gran corpo de Turno foi entrando.
Turno então a Pallante uma gran lança,
A que um agudo ferro guarnecia,
E sopezado tinha com pujança
Largo espaço, lhe arroja e assim dizia:
Vê se tem a nossa hastea similhança
Com a tua ou penetra mais.—Havia
Dito, e de um golpe passa o ferro agudo

De meio a meio o poderoso escudo,
Sem lhe valer ser todo fornecido
De tantas pastas de metal luzente,
Tantas barras de ferro endurecido
E uma pelle de touro juntamente:
Rompe a forte couraça, e do temido
Pallante logo o peito: diligente
Elle a calida lança sem demora,
Mas em vão, da ferida arroja fóra.
O sangue e a alma subita sahida
Por uma mesma via acham correndo;
E de peitos cahiu sobre a ferida,
As armas gran rumor então fazendo:
Co'a boca ensanguentada dando a vida
A terra imiga fere em acto horrendo.

[10] Alba-Longa, cidade do Lacio, cuja fundação foi attribuida a Ascanio, filho de Eneas, entre os annos 1144 a 1136 antes de J. C. D'esse principe dizia a tradição que descendiam treze Reis, que governaram por espaço de 296 annos. Foi destruido pelos Romanos.

[11] Horacios e Curiacios.—As cidades de Roma e Alba, querendo concluir a guerra, em que se dilaceravam, sem mais effusão de sangue, accordaram com-metter a trez campeões de parte, que se combatessem em campo largo a decisão das suas contendas, sujeitando-se aquella, cujos mantenedores fossem vencidos. Os irmãos romanos, chamados os Horacios sahiram a pelejar com trez irmãos albanos, que haviam nome Curiacios, em presença dos exercitos das duas cidades. Dois dos Horacios morreram logo em principio da requesta, o terceiro poz-se a fugir: foram-lhe no encalço os Curiacios, já malferidos e estando pouco distantes entre si. O terceiro Horacio, em os vendo separados, tornou sobre seus passos, e accommettendo um por um dos seus antagonistas, os venceu. Voltava triumphante, quando sahiu-lhe ao encontro a irmã, amante de um dos vencidos: as suas invectivas tanto o irritaram, que a matou. Processado, foi condemnado á morte pelos juizes; mas appellou para o povo, que o absolveu, em galardão da sua victoria.—Passou-se o facto no anno 667 antes de J. C., no reinado de Tullo Hostilio.

[12] Plutarcho, *Vida de Romulo*, 14:

« Vendo Romulo a sua cidade inçada de extrangeiros, na maioria pobres, obscuros e de pouco tomo, improprios por isso para dar-lhe estabilidade e segurança; e sabendo que poucas eram as mulheres existentes, determinou tomar alianças aos Sabinos. Para o seu intento, fez correr o boato de se haver descoberto em Roma debaixo da terra um altar consagrado a uma divindade desconhecida; e attribuiu-lhe o nome de *Consus* ou deus do conselho. Logo após mandou apregoar nos logares proximos que n'um dia, que aprazou, celebraria solemnemente um grande sacrificio a esse deus, ceremonia, a que teriam de seguir-se jogos e espectaculos.

« Foi numerosa a concurrencia. Romulo occupava o principal logar, cercado dos cidadãos da maior suppozição, e vestido de purpura. O signal do ataque seria dado pelo Rei dos seus, armados e em grande numero, aguardavam-o. Em sendo dado, arrancam das espadas, enviam-se aos Sabinos dando vozes, tomam-lhes as filhas e deixam-os retirar-se a seu salvo. Alguns auctores dizem que foram raptadas sómente 30. Diz Valerio de Antio que o numero subiu a 727. Juba esmou-se em 683, donzellas todas, circumstancia attenuante a favor dos Romanos. »

No Livro dos Juizes, XXI:

« Juraram tambem os filhos de Israel em Masfa e disseram : Nenhum de nós dará sua filha por mulher aos filhos de Benjamin. E vieram todos á casa de Deus em Silo e, assentados na presença até á tarde, levantaram a voz e começaram a chorar com grande pranto, dizendo : Senhor Deus de Israel, por que aconteceu ao teu povo esta desgraça, o ser hoje cortada de nós uma das tribus ?

« E ao outro dia, tendo-se levantado de madrugada, erigiram em altar, e offereceram n'elle holocaustos e hostias pacificas, e disseram : Quem de entre todas as tribus de Israel não marchou com o exercito do Senhor ?—Por que, estando em Masfa se tinham obrigado por um grande juramento a matar os que não se achassem...

« E eis que se achou que os habitantes de Jabés—Galaad não tinham estado n'aquelle exercito. Mandaram, pois, dez mil homens fortissimos, e ordenaram-lhes : Ide e passai ao fio da espada os habitantes de Jabés—Galaad, tanto a suas mulheres como a meninos ; matai todos os varões e todas as mulheres casadas, mas deixai com vida as donzellas.

« E acharam-se em Jabés-Galaad quatrocentas donzellas que não tinham conhecido varão, e as trouxeram ao campo de Silo, á terra de Canaan... E vieram para elles os filhos de Benjamin e se lhes deram por mulheres as donzellas de Jabés-Galaad, e não acharam outras, que lhes dessem da mesma maneira.

« E todo o Israel teve grande pena e arrependimento pela destruição de uma das tribus de Israel. E os mais velhos disseram : Que faremos dos outros, que não receberam mulheres ? Todas as mulheres da tribu de Benjamin pereceram ; nós devemos prover com grande cuidado e com forte desvelo que não pereça uma das tribus de Israel...

« Tomaram, pois, a resolução e disseram : Eis aqui se avesinha a solemnidade annual do Senhor em Silo...

« E ordenaram aos filhos de Benjamin e disseram : Ide e escondei-vos nas vinhas. E quando virdes que as moças de Silo saem, segundo o costume, a formar as suas dansas, sahi de repente das vinhas e cada um roube a sua para mulher, e parti para a terra de Benjamin. E quando vierem seus paes e irmãos, e começarem a queixar-se e a gritar contra vós, nós lhe diremos : Tende compaixão d'elles ; pois não as roubaram por direito de guerra, nem como vencedores, mas supplicando-lhe que lh'as desseis, vós lh'as negastes, e assim a culpa veiu da vossa parte.

« E os filhos de Benjamin fizeram como se lhes havia mandado ; e roubaram para suas mulheres das donzellas, que dansavam tantas, quantos elles eram ; e retiraram-se para as suas casas, edificando as suas cidades e habitando n'ellas.

« Os filhos de Israel tambem voltaram para as suas tendas pelas suas tribus e familias. N'aquelle tempo não havia Rei em Israel ; mas cada um fazia o que lhe parecia justo. »

[13] Do reinado de Romulo ao de Tarquinio, o Soberbo, lançado de Roma por occasião da violencia, commettida por Sexto Tarquinio na pessoa de Lucrecia, mulher de Tarquinio Collatino.

[14] Brenno, general dos Gallos Senones, depois de vencer os Romanos junto ao rio Allia, apossou-se de Roma, metteu-a a saque, queimou-a e poz em cerco o capitolio, onde se haviam acolhido os vencidos, em 390 antes de J. C. Os Romanos estavam prestes a entregar a cidadella a partido, mediante o resgate de mil libras de ouro. Mas no acto de entregal-as sobreveiu Camillo com

tropas de refresco, e dando sobre os Gallos, os desbaratou completamente. Poucos escaparam.

[15] Pyrrho, Rei do Epiro, que se dava por descendente de Achilles. Tendo-lhe os Tarentinos deprecado soccorro contra os Romanos, passou-se a Italia e na primeira batalha, em que os encontrou, desbararou-os, devendo o seu triumpho principalmente aos elephantes, que formavam a vanguarda do seu exercito, a cujo extraordinario aspecto não estavam habituados os seus contrarios. Em outra peleja ferida nas cercanias de Auscul) ainda levou vantagem aos Romanos, mas viu o seu exercito tão sangrado pelo ferro inimigo, que exclamou :—Se alcançarmos outra victoria como esta, ficaremos perdidos.—Não obstante retirou-se da Italia, urgido pela necessidade, que o conduziu á Sicilia. Tornando áquella região, mostrou-se-lhe a fortuna d'esta feita avessa. Os Romanos, sob a conducta de Manius Curius, se bem que inferiores em numero, derrotaram-o completamente. Voltou á Grecia e após varios successos, perdeu a vida em Argos, ferido na cabeça com uma telha, que, do alto de uma casa, lhe arremessara uma velha.

[16] Os Decios. Pae, filho e neto foram Romanos de origem plebéa, que sacrificaram a vida ao serviço da patria, rompendo em batalha pelos inimigos, onde mais temeroso era o perigo : um na guerra contra os Gallos, o outro pelejando contra os Etrusco e o terceiro combatendo-se com as tropas de Pyrrho.

A familia dos Fabios era uma das maiores egregias e numerosas de Roma. Além de outros, que muito se assignalaram em commettimentos difficeis, arriscados, mencioua historia Quinto Fabio Maximo, appellidado *Cunctator*, a quem, por sua prudente tactica, coube a gloria de tolher os passos a Annibal victorioso e assim atalhar a destruição, que parecia imminente á Roma.

Lucio Manlio Torquato, que em guerra contra os Gallos (362 antes de J. C.) muito se assignalou : sendo tribuno militar, sobre outras proezas, matou em combate singular um dos inimigos, formidavel pelas forças, estatura e façanhas. Do collar de ouro, de que o despojou, (*torques*; veiu-lhe o appellido de Torquato. Na guerra contra os Latinos, em que commandava como consul (340 antes de J. C.) mandou degollar o seu proprio filho, que pelejara infringindo ordens expressas, posto sahisse vencedor na desobediencia.

Lucio Quinetio Cincinnato, general romano famoso tanto pelo seu esforço e peri cia militar, como pela singeleza no trato da sua pessoa e pelo seu desinteresse. Depois do consulado foi dictador duas vezes, quando a salvação publica o exigiu : a primeira descercando o exercito romano estreitamente sitiado pelos Equos e Volocos, os quaes desbaratou ; a segunda, quando, na idade de oitenta annos, reprimiu as aspirações de Spurio Melio á tyrannia. Era costume seu renunciar o supremo poder, em conseguindo o fim, a que fôra chamado, voltando immediatamente ao arado.

[17] Os Alpes, onde nasce o rio Pó.

[18] A serra de Fiesole sobranceira a Florença, patria de Dante. A cidade d'aquelle nome foi arrazada pelos Romanos por ter dado acolhida a Catilina e aos seus cumplices na famosa conspiração.

[19] Refere-se á vinda de Jesus Christo.

[20] Simoente rio, Antandro cidade da Froade, d'onde viera a aguia acompanhando Enéas em demanda da Italia.

Do v. 55 a 72 Dante passa em rezenha as proezas de Julio Cesar, começando pelas gloriosas campanhas das Gallias e rematando na suprema dictadura em Roma. Nos v. 67 e 68 suppoz, como Lucano, que Cesar, vencido Pompeu em

em Pharsalia, quando atravessava a Hellesponto, aproara á Troade e sahira em terra no logar onde fôra Troia :

Diz Lucano, no seu poema, c. IX :

Sigæasque peti, famæ mirator arenas,
Et simoentis aquas, et Graio nobile busto
Rhætion, et multum debentibus vatibus umbras.
Circuit exustæ nomen memorabile Trojæ,
Magnaque Phœbei quærit vestigia muri.
Jam silvæ steriles et putres robore trunci
Assoraci pressere domos et templa Deorum
Jam lassa radice tenent ; ac tota teguntur
Pergama dumetis : etiam periere ruinæ :
Adspicit Hesiones scopulos, silvasque, latentes
Anchisæ thalamos ; quo judex sederit antro,
Unde puer raptus cœlo ; quo vertice Nais.
Luserit Œnone : nullum est sine nomine saxum !
Inscius in sicco serpentem pulvere vivum
Transierat qui Xanthus erat; securus in alto
Gramine ponebat gressus; Phryx incola manes.
Hectores calcare vetat. Discussa jacebant
Saxa, nec ullius faciem servantia sacri :
« Herceas, monstrator ait, non respicis aras ? »

[21] Augusto Cesar Octaviano, que venceu Bruto e Cassio na batalha de Philippes e destroçou os exercitos de Marco Antonio e seu irmão Lucio, o primeiro em Modena, o segundo em Perugia.

[22] Denotava paz universal o encerramento das portas do templo de Jano. Augusto as fechou no anno em que nasceu Jesus Christo.

[23] Tiberio, o terceiro Cesar.

[24] Jesus foi crucificado em Jerusalem onde exercera mandado e dominio Poncio Pilatos, que na Judéa representava o poder dos Romanos.

[25] O cerco e destruição de Jerusalem pelos Romanos, commandados vingaram a Paixão de Jesus e castigaram os Judeus, que o crucificaram.

[26] O livro de ouro, insignia da bandeira da França, a que se soccorreram os Guelfos, em opposição aos Gibelinos, que se acolhiam á aguia imperial.

[27] Carlos II, filho de Carlos de Anjou.

[28] Romeu, segundo referem os escriptores italianos, era um peregrino, que tornando de S. Thiago de Compostella, na Gallisa, chegou na sua jornada á côrte de Raymundo Beranguer, conde de Provença, o qual muito o agasalhou. Vendo esse principe, pelas suas praticas, quanto Romeu era prudente e attentado commetteu-lhe a administração da sua fazenda, cujas condições eram criticas. Houvese elle tão acertadamente, que em breve as rendas publicas haviam triplicado, sem quebra da decencia e primor, com que se tratava Raymundo na sua côrte. Quatro filhas tinha elle : desvelava-se no cuidado de lhes dar bons maridos. O peregrino satisfez cabalmente as esperanças do Conde, casando a mais velha, Margarida com Luiz IX (S. Luiz), Rei de França ; a segunda, Leonor com Henrique III da Inglaterra ; a terceira, Saucha, com Ricardo, irmão de Henrique III, Rei dos Romanos ; e a quarta, Beatriz, com Carlos de Anjou, Rei de Apulia e Sicilia, irmão de Luiz IX. Galardoou Raymundo os serviços de Romeu com ingratidão. Dando benevolos ouvidos a calumnia, que pela boca dos seus barões, in-

[illegible] aleives para tisnar a probidade do zeloso e honrado ministro, chamou-o a contas. Elle as prestou immediatamente, apresentando-lhe cheias de ouro as arcas do thesouro, que recebeu vasias; mas declarou-lhe o irrevogavel proposito, em que estava, de retirar-se da Provença. As supplicas, com que Raymundo, já convencido da verdade, tentou demovel-o do seu intento, foram vans. Retirou-se o heroico peregrino, e ninguem soube ao certo d'onde viéra e para onde fôra.

Escriptores francezes, porém, dizem que Romeu, o peregrino, e Romeu de Villeneuve, de nobre solar, foram uma e a mesma pessoa; e affirmam que, ainda depois do passamento de Berauguer, continuou a prestar serviços á sua casa.

29 Não havia decorrido muito tempo, quando Carlos de Anjou, um dos genros do conde de Provença, levantou-se contra elle, dando-se por lesado no dote da mulher, e o despojou do Estado, reduzindo á miseria esses barões, que calumniaram Romeu.

CANTO VII

1. Hosannah *Sanctus Deus Sabaoth,*
Superillustrans claritate tua
Felices ignes horum malahot. [1]
2. Assim, volando á melodia sua,
Cantar ouvi essa alma venturosa
Em quem duplice lume se accentua.
3. Tornam todas á dansa jubilosa,
E subito da vista se apartaram
Velozes, como flamma fulgurosa. [2]
4. Disse entre mim, pois duvidas me entraram :
« Fala á senhora tua, fala ; á sêde
Roscio as palavras suas te deparam.»
5. Torvação me assenhora e a voz me impede,
Que apenas B com I C E conjugava : [3]
Acurvei, como quem ao somno cede.
6. Mas Beatriz do enleio me tirava,
Com sorriso, que a mente me illumina
E aditara entre as chammas [4] começava :
7. —« Como bem vejo, duvida domina
A tua alma :—a vingança, que foi justa,
Punição teve, da justiça di'na ?

8. « Esclarecer-te o espirito não custa.
Attende bem : verdade preminente
Das vozes minhas co'a expressão se ajusta.
9. « Aceitar não querendo, obediente,
Saudavel freio, o homem, sem mãe nado,
Perdeu-se a si, perdeu a humana gente.
10. « Muitos sec'los, enferma de peccado,
Jazeu ella no erro engrandecido
Té que o Verbo de Deus fosse encarnado.
11. « Por acto só do Eterno Amor, unido
A' natureza se ha, que ao mal se dera,
Depois de esquiva ao Creador ter sido.
12. « No que vou te dizer bem considera.
A natureza, a que se uniu beni'no
Em pessoa, nasceu boa e sincera. [5]
13. « Por si mesma, fugindo em desatino
Das veredas da vida e das verdades,
Do Paraiso se exilou divino.
14. « Da Cruz a pena, em face da maldade
Da natureza, a que Jesus baixara,
Foi a mais justa em sua gravidade.
15. « Nunca injustiça igual se praticara,
Attenta essa Pessoa, que ha soffrido,
Que á natureza humana se ajuntara.
16. « Contrastes, pois, de um acto hão procedido :
Folgam Judeus da morte a Deus jocunda,
Foi ledo o ceu e o mundo espavorido.
17. « E não te mova sensação profunda
Ouvir que uma vingança, que foi justa,
Vingada ser devia por segunda.
18. « Vejo-te a mente por vereda augusta
Levada a estreito nó de dubiedade,
Que solver mór esforço ora te custa.
19. « Dirás :—discerno o que ouço, na verdade ;
Mas porque Deus nos desse, está-me occulto,
Remindo-nos tal prova de bondade.—

20. « Este decreto irmão, está sepulto
Aos olhos do que ainda o entendimento
Não tem de Amor na flamma ainda adulto.
21. « E' mysterio em que lucta o pensamento
Sem fructo conseguir de tal porfia,
Mas foi o melhor modo. Ouve-me attento !
22. A Divina Bondade que desvia
De si o desamor, arde e flammeja,
Por eternaes primores se annuncia.
23. « Directamente o que emanado seja [6]
D'ella é sem fim ; eterna impressão fica
Do que no seu querer supremo esteja.
24. « O que assim nasce não—sujeito fica
Das causas secundarias á influencia
E liberdade plena significa.
25. « Mais lhe appraz, se é conforme á sua essencia :
Que o santo Amor que em toda a cousa brilha,
Mais vivo é no que encerra esta excellencia.
26. « Aos homens de taes bens cabe a partilha :
De taes predicamentos se um fallece,
Sua nobreza já decai, se humilha.
27. « Só por peccado d'essa altura desce ;
Do Summo Bem não mais reflecte o lume,
Similhança não mais d'elle offerece.
28. « E o grau sublime seu não mais assume,
Se não contrapozer ao do peccado
Deleite mau das penas o azedume.
29. « Quando o genero humano, infeccionado
Todo no germen seu, foi d'essa alteza
E do seu Paraizo desherdado,
30. « Rehaver só podera (com certeza
Verás, se bem cogitas), intervindo
Um dos meios, que aponto por clareza :
31. « Ou Deus, por graça infinda, remittindo ;
Ou,— porque, de si mesmo, se convença—
Das culpas suas o homem se remindo.

32. « Para sondar a profundeza immensa
Dos eternos conselhos, prende a mente
As razões que o discurso meu dispensa.
33. « O homem não podia, de indigente,
A dividas solver : nunca podera
Curvar-se tanto, humilde e reverente,
34. « Quanto rebelde, se elevar quizera.
Eis porque redimir-se do peccado
Só por si mesmo ao homem não coubera.
35. « E, pois ha sido do divino agrado,
Por clemencia ou justiça e ambas juntando,
Ser elle á vida eterna apparelhado.
36. « A feitura do Auctor ao gosto estando
Inda mais, quando a imagem nos off'rece
Do peito, de que vem piedoso e brando,
37. « A Bondade que em tudo transparece,
Em pról vosso os dois modos reunia :
Um sómente bastar-lhe não parece.
38. « Entre a noite final e o primo dia
Acto igual não se fez alto e formoso
D'esse modo por um, nem se faria.
39. « Dando-se, ha sido Deus mais generoso,
Porque o home' a se erguer se habilitasse,
Do que só perdoando carinhoso.
40. « Outro meio qualquer, que se empregasse
Não bastara á Justiça, se humilhado,
De Deus o Filho á carne não baixasse.
41. « Para de todo seres doutrinado
Eu torno a um ponto, porque vejas claro,
Como eu, o que zelosa hei te explicado.
42. « Dizes :—no fogo e no ar, se bem reparo
Na terra e n'agua vejo e em seus compostos
Corrupção que destróe sem anteparo.
43. « Na creação por Deus foram dispostos :
De corrupção isentos ser deveram,
Certos sendo os principios por ti postos.—

44. « Creados, meu irmão, se consideram
Os anjos e dos ceus o que ha no espaço,
Inteiros, puros sempre quaes nasceram.
45. « Elementos e quanto no regaço
Da natura por elles se combina
De virtude creada off'recem traço.
46. « Creou-lhes a materia a lei divina,
Creando logo a força informativa,
Que nos astros, que os cercam, predomina.
47. « Dos lumes santos motu e luz deriva
Dos brutos alma, e plantas igualmente,
Por compleição potencial passiva.
48. « A vida nossa vem directamente
De Deus, Supremo Bem, que em nós accende
Amor tal, que o deseja eternamente :
49. « D'ahi, por deducção, tambem descende
Vossa resurreição, se ao ser e á essencia
Da humana carne o teu esp'rito attende,
Quando o primeiro par teve existencia. »—

NOTAS AO CANTO VII

Duvida de Dante acerca do mysterio da Redempção. Resolve-a Beatriz e o mesmo tempo explica a immortalidade da alma e a ressurreição da carne.

[1] As palavras latinas e hebraicas, de que se compõe este terceto, são extrahidas de alguns canticos da Igreja, não constituem integralmente um texto. significam: Salve, Santo Deus dos exercitos, que illuminas com o teu clarão os emaventurados lumes d'este reino.

S. João, Ev., XII:

« E no dia seguinte uma grande multidão de povo, que tinha vindo á festa, ouvindo que Jesus vinha a Jerusalem, tomaram ramos de palmas e sahiram a recebel-o, e clamavam:—Hosanna, bemdicto seja o Rei de Israel, que vem em nome do Senhor! »

[2] Recommendam-se á attenção os versos 7 a 9 pela belleza com que descrevem a velocidade, com que se retiraram com Justiniano os espiritos, que o acompanhavam.

[3] Bice ou Beatriz.

[4] *Convito*, III, 8:

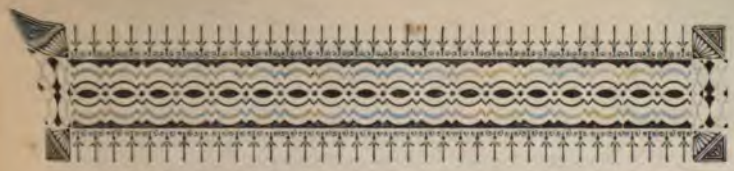
« E porque poderia alguem inquerir onde se manifesta no homem este admiravel prazer, destinguo na sua pessoa duas partes, em que se denunciam a alegria e o descontentamento... Na face principalmente, nos olhos e na boca a alma se revela, pondo o seu intento em adornal-os e aformosental-os, quanto possivel. Esses dois logares podem charmar-se, pela sua similhança, janellas da senhora, que mora no edificio do corpo, isto é, da alma; pois por ahi muitas vezes se mostra, descerrando-se dos seus veus. E tanto ao claro se patenteia nos olhos, que o observador attento conhece a paixão, que presentemente actua. Sendo seis as paixões proprias da alma humana,—alacridade, zelo, misericordia, inveja, amor e vergonha—de nenhuma póde ser a alma impressionada, que á janella dos olhos não venha a apparecer, se por grande esforço não se encobre. Por isso alguem já arrancou os proprios olhos para que não apparecesse externamente a vergonha interior, como disse o poeta Estacio do Thebano Edipo. Mostra-se na boca, como a côr atravez do vidro. O que é o riso senão o coruscar

da satisfação da alma, isto é, luz que traz fóra o que no interior se contém? Assim que cumpre ao homem manifestar a sua alma na alegria moderada, rir-se moderadamente com honesta severidade e pouco movimento do corpo, para que a senhora, a alma, se apresente modesta e não dissoluta. Ah! maravilhoso sorriso da minha senhora só patente nos seus olhos! »

[5] Sincera na accepção de pura.

[6] *Convito*, III, 7:

« Assim a bondade de Deus é recebida de uma maneira pelas substancias separadas, isto é, pelos anjos, que existem sem volume de materia, quasi diaphanos pela pureza de sua fórma; de outra maneira pela alma humana, que, se bem seja, de uma parte, livre da materia, de outra acha-se por ella impedida, como pessoa, que, mettida na agua, tem de fóra a cabeça; e assim não se póde dizer que esteja todo fóra da agua, ou de todo dentro d'ella; de outra maneira pelos animaes, cuja alma está sorvida na materia, mas algum tanto mobilitada; e de outra pela terra, mais que tudo, porque é muito material e, pois, muito remota e muito impropria á primeira virtude, a mais simples e a mais nobre, que é sómente intellectual, que é Deus. »



CANTO VIII

1. O mundo com perigo verdadeiro
Creu que Cyprina [1] bella dardejava.
Louco amor do epicyclo [2] que é terceiro.
2. Sacrificios não só lhe consagrava,
Preces e votos essa antiga gente
No erro antigo fatal, que a transviava,
3. Mãe e filho adoravam juntamente,
Dione [3] e o seu Cupido, que fingiram
De Dido reclinado ao seio ardente, [4]
4. D'essa falsa deidade o nome uniram
Ao planeta, que o sol sempre namora,
Quando raiam seus lumes, quando expiram. [5]
5. Como ao astro eu me alcei a mente ignora,
Mas certo fui de haver lá penetrado,
Mais formosa por ver minha senhora.
6. Como se vê fagulha em fogo ateado,
Como uma voz é de outra discernida,
Firme o som de uma, o de outra variado,
7. Outros clarões notei na luz subida,
Mais ou menos velozes se volvendo,
Lá da eterna visão, creio, é medida.

8. Ou visiveis ou não, ventos rompendo,
Em rapida invasão, de nuve' escura,
Demorados stariam parecendo,
9. A quem podesse ver cada luz pura,
Que ao nosso encontro vem deixando a dansa
Que marcam seraphins dos ceus na altura.
10. Trás a grei, que primeiro nos alcança.
Tão doce *hosanna* sôa, que, incessante,
De inda ouvil-o o desejo jámais cansa.
11. Dos espiritos um, que vem diante
Só principia :—« Todos nós queremos
Quanto para aprazer-te foi prestante.
12. « N'um só ardor e gyro nos movemos
C'os Principes, celestes esplendores
De quem no mundo has dito (bem sabemos) :
13.—« Vós, do terceiro ceu sabios motores ! »—[6]
Por te agradar nos é doce o repouso
Tão vivos são do nosso amor fervores !»—
14. De Beatriz ao gesto luminoso
Depois que alcei os olhos reverentes
E certo fui do seu querer donoso,
15. A' luz, que se mostrou condescendente
Emtanto grau—« Quem és ? »—falei, de affeito
Estremecido possuida a mente.
16. O' das palavras minhas raro effeito !
Maior a vi brilhar ; nova ledice
A alegria augmemtou do claro aspeito.
17.—« Bem pouco o mundo»—a refulgir-me, disse—
« Me teve ; [7] se algum tempo mais vivesse,
Mal, que ha de vir, por certo ninguem visse.
18. « O jubilo que em torno me esclarece,
Aos teus olhos me encobre, como insecto,
Que dos seus veus de seda se guarnece.
19. « Com razão me votaste o extremo affecto ;
Pois, em mais longa vida, eu te mostrava
Por acções quanto me eras tu dilecto.

20. « Aquella região, que o Rhône lava
A' sestra, quando ao Sorga corre unido, [8]
Por senhor seu um dia me esperava.
21. « Como da Ausonia o littoral partido
Por Bari, por Gaeta e por Crotona,
Onde é do Tronto e Verde o mar nutrido. [9]
22. « Da c'ròa a fronte minha já se entona
Do vasto reino, que o Danubio rega,
Quando as plagas tudescas abandona. [10]
23. « Irinacria, [11] a cujos ceus nevoa carrega
Sobre o golfo, em que mais Euro embravece,
De Pachino a Peloro, em mór refega,
24. « Que não Typheu, [12] mas sulphur escurece,
O throno guardaria á prole minha,
Que de Carlo e Rodolpho antigos desce,
25. « Se o mau jugo, que os povos amesquinha,
A gritar—morra ! morra !—não movesse
Palermo, a quem temor não mais continha. [13]
26. « Se mais prudencia meu irmão tivesse, [14]
Dos Catalanos a indigencia avara
Fugira, porque o mal seu não crescesse.
27. « Urgente, na verdade, se tomara
Que, por si ou por outrem, não deixasse
Mais onerar a barca, que adernara.
28. « Quando a indole nobre transtornasse
Avareza, milicia ter devia,
Que só de encher seus cofres não curasse. »—
29.—« Como creio »—tornei-lhe—« a essa alegria,
Que me infundes, Senhor, a origem tira
De Deus que todo o bem finda e inicia. [15]
30. « Commigo a sentes : mór prazer me inspira.
Quanto me has dito, me é no extremo caro,
Pois vês, de Deus no espelho tendo a mira.
31. « Ledo me has feito ; assim torna-me claro
O que por teu dizer stá duvidoso :
Semente doce brota fructo amaro ? »—

32.—« Vendo a verdade »—disse—« pressuroso
Darás o dorso ao que ora dás o rosto,
Verás claro o que julgas tenebroso.
33. « O Bem, que os ceus, que sobes, ha disposto,
Os move e alegra, sem por providencia
N'estes corpos que vês virtude posto. [16]
34. « E não só com perfeita previdencia
Cousas terrestres acham ordenadas,
Mas as preserva a sua omnipotencia ;
35. « Porque as settas, d'este arco arremessadas,
Predestinadas são a um ponto certo,
Infalliveis ao alvo endereçadas.
36. « O ceu aliás, aos olhos teus aberto,
Só feituras sem arte produzidas
Abrangera e ruinas no deserto.
37. « Foram então de perfeição despidas
A's Substancias, que regem estrellas
E a mão, que as fez assim destituidas.
38. « Verdades são : mais claras queres vel-as ? »—
—« Não »— repliquei —« suppôr não poderia
Natura escassa em suas obras bellas. »—
39.—« Um mal, dize-me, fôra »—proseguia—
« Não ser o homem cidadão na terra ? »—
—« Por certo ; e a razão sei »— lhe respondia.
40.—« Sociedade haverá, se não encerra
Misteres varios, que cada um pratica ?
Não ; se o teu Mestre em seu pensar não erra. »—
41. Deduzindo, a evidencia significa,
E logo concluiu :—« Causa diff'rente
Effeito differente sempre indica.
42. « Nasce um Sólon, e Xerxe outro furente,
Melchisedec ou Dedalo perito, [18]
Que no ar perdeu o filho seu demente.
43. « Perfeito é o gyro pelos ceus descripto,
Na cêra humano o seu signal fazendo,
Mas solar não distingue, nem districto.

44. « D'ahi vem que Esaú, logo em nascendo, [19]
Differe de Jacob ; torna Quirino [20]
Marte por genitor, seu pai vil sendo.

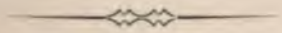
45. « Natureza gerada, em seu destino,
Seria sempre igual á que a fizera,
Se não vencesse o decretar divino.

46. « O rosto ora diriges á luz vera ;
Mas inda um corollario te offereço,
Pois de agradar-te em mim desejo impera.

47. « Sempre natura, se da sorte excesso
A contraste, produz fructo damnado,
Como sómente posta em solo avesso.

48. « Se meditasse o mundo, desvelado,
Nos fundamentos, que natura lanço,
De melhor gente fôra povoado.

49. « Mas quem proprio seria á militança
Na soledade monachal definha,
Bem pregara quem, Rei, em vão se causa. [21]
E fôra assim da estrada se caminha. » —



NOTAS AO CANTO VIII

Avista-se Dante com Carlos Martel no ceu de Venus. Das palavras d'essa alma bemaventurada resulta uma duvida de que o Poeta obtem solução.

[1] Cypris ou Cyprina, nome attribuido a Venus por ter sido creada em Cypre, ilha do Mediterraneo, e ser alli especialmente adorada.

[2] Segundo o systema de Ptolomeu, seguido por Dante, epicyclos eram os pequenos circulos, em que os planetas giravam do occidente para o oriente, em quanto todos os ceus eram arrebatados pelo Primeiro Mobile do oriente para o occidente. Sendo na ascensão da terra para o alto Venus o terceiro planeta, Dante denomina terceiro o seu epicyclo.

No *Convito*, II, 4, disse Dante:

« *E in sul dorso di questo cerchio (equatre) nel cielo di Venere, del quale al presente si tratta, è una speretta, che per se medesime in esso cielo si volge; lo cherchio della quale gli astrologi chiamano epiciclo.*»

No c. 6 accrescenta:

« *Ancora si mouve tutto questo cielo, e rivolgesi coll'epiciclo, do oriente in occidente, ogni di naturale una fiata, lo quale movimento, se esso è da intelletto alcuno o se esso è della rapina del primo mobile, Iddio lo sà, chè a me pare presuntuoso a giudicare.*»

[3] Dione, filha do Oceano e Thetis, mãe de Venus. Os poetas dão, muitas vezes, á filha o nome da mãe.

Camões, *Lus.* c. II. est. 33:

Ouviu-lhe estas palavras piedosas
A formosa Dione...

[4] Virg. *En.* I:

Ille, ubi complexu Æneæ colloque pependit,
Et magnum falsi implevit genitoris amorem,
Reginam petit. Hæc oculis, hæc pectoraе toto
Hæret interdum gremio fovet, inscia Dido
Insideat quantus miseræ Deus. at memor ille
Matris Acidaliæ, paullatim abolere Sichæum
Incipit, et vivo tentat prævertere amore
Jampridem resides animos desuetaque corda.

Trad. de J. F. Barretto:

Elle (cupido) a Enéas abraça e ao collo appenso
Enche do falso pae o amor intenso.
E á Rainha se vai, que totalmente
N'elle c'os olhos e alma stá embebida,
E no gremio talvez quer que se assente
De quão grande Deus seja inadvertida:
Porém elle, que n'alma tem presente
Sua mãe Acidalia tão querida,
Começa a remover-lhe com gran tento
O marido Sycheu do pensamento.
E faz por accender com fogo vivo
Aquelle animo já tão resfriado,
Aquelle coração tão duro e esquivo
E já de amar tão desacostumado.

[5] Quando Venus está no *perigeu* antecede o nascimento do sol: então os Gregos chamavam este planeta—*phosphoros*, os Latinos *Lucifer*. No *apogeu* surge antes de transmontar-se o sol: tinha o nome de *Hesperos* e *Vesper*.

Assim como o nono ceu é regido pelos anjos mais eminentes, chamados Seraphins, o terceiro ceu, o de Venus, está a cargo dos córos celestes, denominados Principados.

[6] Primeiro verso da *Canzone*, commentada no trat. II do *Convito*. Assim começa:

Voi che intendendo, il terzo ciel movete,
Udite il raggionar ch'è nel mio core,
Ch'io nol so dire altrui, sì mi par novo.
Il ciel, che segue lo vostro valore,
Gentili creature che vo'siete,
Mi tragge nello stato ov'io mi trovo;
Onde il parlar della vita ch'io provo,
Par che si drizzi degnamente a voi:
Però vi prego che lo m'intendiate.
Io vi dirò del cor la novitate.
Come l'anima trista piange in lui,
E come un spirto contra lei favella,
Che vien pe'raggi della vostra stella.

[7] O espirito, que assim fala é Carlo Martel, Rei da Hungria, filho mais velho de Carlos II de Anjou, Rei de Napoles e Sicilia, alcunhado o Coxo, e de Maria de Hungria. Falleceu aos 23 annos de idade, em 1295. Tinha-se casado com Clemencia, filha do imperador da Allemanha, Rodolpho de Hapsburgo. Tendo estado em Florença, travou estreitas relações com Dante, que lhe dedicou extremoso affecto, e mereceu de muitos outros Florentinos principaes estima por suas eminentes qualidades e ameno trato.

[8] A Provença, de que seu pae era senhor e que lhe tocaria em herança, se o não tivesse antecedido na sepultura.

[9] N'estes versos estão descriptos os confins do reino de Napoles: Bari, cidade da Apulia, no maritimo do Adriatico; Gaeta em Terra di Lavoro sobre o Mediterraneo; Crotona, na Calabria ulterior; ao norte, o rio Tronto, que nasce no Apennino e cai no Adriatico, o Verde, Liris, Gargagliano ou Minturno, que desagua no Mediterraneo.

[10] O reino da Hungria, cuja corôa lhe perteuceu, por ser filho de Maria, filha de Estevam V, irmão de Ladislau IV, Rei d'aquelle paiz, que morreu em 1290 sem successores directos.

[11] A Sicilia, que os antigos chamavam Trinacria, em allusão aos seus promontorios Pachino, Lilibeu e Peloro.

[12] Ovidio, *Met.* V:

Vasta giganteis ingesta est insula membris
Trinacris, et magnis subjectum molibus urguet
Ætherias ausum sperare Typhœa sedes.
Nititur ille quidem, pugnatque resurgere sæpe;
Dextra sed ausonio manus est subjecta Peloro,
Læva, Pachyne, tibi; Lilybæo crura premuntur;
Degravat Atna caput sub qua resupinus avenas
Ejactat flammamque fero vomit ore Typhœus.
Sæpe remoliri luctatur pondera terræ,
Oppidaque et magnos devolvere corpore montes.
Inde tremi tellus; et rex pavet ipse silentum
Ne pateat latoque solum retegatur hiatu,
Immissusque dies trepidantes terreat umbras
Hanc metuens cladem tenebrosa sede tyrannus
Exierat, curruque atrorum vectus equorum
Ambibat seculæ cautus fundamina teræ.

Trad. de A. F. de Castilho:

Dos abysmos do mar circumsonante
Surge a Trinacria vasta, a cujo pezo
O collossal Typheu jaz sotoposto.
Ao que tanto dos ceos contou co'a posse,
Nas entranhas da terra alli o affrontão
De bastas serras horrorosas massas.
A miude barafusta, e lucta erguer-se;
Mas, sobre a dextra mão lhe está pesando
O Italico Pelóro, grão Pachyno
Na esquerda, o Lilibêo lhe oppríme as pernas,
O Etna lhe afunda a turbida cabeça;
O Etna, por onde as fauces do raivoso
Rojão trovões e fumo, incendio e lava,
Cança com a bruta carga o corpo bruto;
Sacudir-vos então de si forceja,
Altas cidades, torreados montes;
Retreme a terra; enfia o Rei das Sombras;
Que já, por boqueirões, se o solo os rasga,
Presume entrar a luz, turbar-lhe os Mortos.

Virg., *En.*, III:

Tum procul e fluctu Tinacria cernitur Ætna:
E gemitum ingentem pelagi, pulsatoque saxa
Audimus longe, fractasque ad littora voces,
Exsultantique vada, atque æstu miscentur arenæ.
Et pater Anchises: Nimirum hæc illa Charybdis:
Hos Helenus scopulos, hæc saxa horrenda canebat,
Eripite, o socii, pariterque insurgite remis.
Had minus ac jussi faciunt: primusque rudentem

Contorsit lævas proram Palinurus ad undas;
Lævam cuncta cohors remis ventisque petivit.
Tollimur in cœlum curvato gurgite, et idem
Subductâ ad Manes imos descendimus undâ.
Ter scopuli clamorem inter cava saxa dedêre;
Ter spumam elisam et rorantia vidimus astra.
Interea fessos ventos cum Sole reliquit;
Ignarique viæ, Cyclopum allabimur oris.
Portus ab accessu ventorum immotus, et ingens
Ipse sed horrificis; juxta tonet Ætna ruinis,
Interdumque atram prorumpit ad æthera nubem,
Turbine fumantem piceo, et candente favillâ,
Attolitque globos flammarum et sidera lambit;
Interdum scopulos avulsaque viscera montis
Erigit eructans, liquefactaque saxa sub auras
Cum gemitu glomerat, fundoque exæstuat imo.
Fama est Enceladi semiustum fulmine corpus
Urgeri mole hâc, ingentemque insuper Ætnam
Impositam ruptis flammam exspirare caminis;
Et, fessum quoties mutat latus, intremere omnem
Murmure Trinacriam, et cœlum subtexere fumo.

[13] Refere-se ás Vesperas Sicilianas, em que foram assassinados todos os Francezes existentes na Sicilia.

[14] Roberto, terceiro filho de Carlos II e irmão mais moço de Carlos Martel, reinou de 1309 a 1343. Privavam com elle muitos aventureiros da Catalunha; aos quaes distribuiu os altos cargos do Estado, facilitando-lhe d'esta sorte os meios de extorquir quanto a sua cubiça appetecia.

[15] *Apocalypse*, XXI:

« Tambem disse: Tudo está cumprido; eu sou o Alpha e o Omega, o principio e o fim. »

[16] *Convito*, III, 14:

« O primeiro agente, que é Deus, faz sentir nas cousas a sua virtude por modo de raio directo e por modo de esplendor reverberado: assim nas intelligencias ra'a a divina luz sem intermediario; no mais se repercute das intelligencias, que são primeiro esclarecidas. Fazendo menção de luz e esplendor, cumpre, para perfeita comprehensão, mostrar a differença d'estes vocabulos, segundo o parecer de Avicenna. Costumam os philosophos chamar o ceu lume, emquanto está no seu principio original; raio, emquanto vai do principio ao primeiro corpo, em que termina; e esplendor, emquanto é repercutido em outra parte illuminada. »

[17] Aristoteles, *De Republica*, III, 4:

« Pois que o Estado se compõe de membros, uns differentes dos outros, necessariamente segue-se que a excellencia de todos os membros do Estado não póde ser uma e identica. »

[18] N'estes nomes—Solon, Xerxes, Melchisedech e Dedalo—estão classificadas as profissões que mais influem na sociedade o legislador, o guerreiro, o sacerdote e o artista.

[19] *Genesis*, XXV:

« Era chegado o tempo de parir e eis que foram achados dois gemeos no seu ventre. O que sahiu primeiro era vermelho e todo aspero a modo de uma pelle; e foi-lhe posto o nome de Esaú. Immediatamente sahiu o outro e os tinha com a mão o pé do seu irmão; e por isso o chamou ella Jacob. Era Isaac septuagenario, quando os meninos lhe nasceram, crescidos os quaes, Esaú sahiu perito caçador e homem lavrador; Jacob, porém, varão simples habitava em tendas. »

[20] Romulo, fundador de Roma, appellidado Quirino, de *quires*, lança.— Disse Plutarcho, *Romulo*, 29:

« O appellido de Quirino, ao parecer de alguns, tem o mesmo sentido que Enyalius (Marte). Dizem outros que se deriva de Quintes, nome dos cidadãos. Outros affirmam que os antigos chamavam *Quiris* um ferro de lança ou a propria lança. Assim denominou-se Romulo Quirino como heróe marcial ou deus armado da lança. Foi-lhe consagrado um templo na collina, que do seu nome intitulou-se Quirinal. »

[21] Refere-se ao seu irmão Roberto, de quem os chronistas diziam ser mais proprio para frade do que para Rei.

CANTO IX

1. DEPOIS que o Carlos teu bella Clemencia [1]
Instruiu-me, narrou traições e enganos,
Que ter devia a sua descendencia [2]
2. Mas disse :—« Cal-te ! Deixa o curso aos annos ! »—
Dizer só posso, pois, que justo pranto
Ha de vir por vingança aos vossos damnos.
3. E voltou-se de novo o lume santo
Para o Sol que de jubilos o enchia,
Sendo elle o Bem que para tudo, e tanto.
4. Ah ! mortaes illudidos ! raça impia,
Que, em pensamentos fatuos se engolfando,
Do Bem Supremo os corações desvia !
5. Eis outro vi p'ra mim se encaminhando :
De apprazer-me a vontade annunciava,
O brilho da luz sua accrescentando.
6. Os olhos Beatriz em mim fitava,
Bem como de antes : grandioso assenso
Ao meu desejo claramente dava.
7.—« O' ser bemdicto, ao meu querer intenso
Defere logo «—exclamo—« e dá-me a prova
De que em ti se reflecte o que ora penso. »—

8. A luz então, inda aos meus olhos nova,
Des que a vi lá na altura onde cantava
Diz como quem cortez rogos approva :
9.—« N'essa parte da Italia oppressa e escrava,
Que situada fica entre o Rialto
E as nascentes do Brenta e do Piava, [3]
10. « Collina vê-se que, não surge ao alto :
Lá scentelha, depois ignea procella,
Que a toda a região deu grande assalto. [4]
11. « De um só tronco brotámos eu com ella.
Cunizza [5] me chamei : aqui resplendo,
Porque venceu-me a flamma d'esta estrella.
12. « Da sorte minha a causa não me sendo
Desgosto, eu m'a perdôo alegremente
Talvez extranhe o vulgo o como entendo.
13. « Da luz, que me está perto, refulgente, [6]
Amada joia d'esta nossa esphera,
Revive grande a fama, e permanente
14. « De sec'los cinco mais será na éra.
Vê se homem com razão a gloria aspira
Se extincta a vida outra no mundo o espera !
15. « A este alvo, porém, não levam mira
Os que o Adige cerca e o Tagliamento : [7]
Nem dos seus erros o infortunio os tira.
16. « Punido em breve, o povo truculento
De Padua o lago tingirá, que banha
Co'as aguas, de Vicencia o fundamento [8]
17. « Onde o Cagnan do Sile se acompanha
Se trama o laço que fará captivo
Quem mostra no perder soberba estranha. [9]
18. « Do impio Pastor procedimento esquivo [10]
Hade Feltro chorar, tal ribaldia
A Malta não levou nunca homem vivo.[11]
19. « De enormes dimensões tonel seria,
Que o sangue recebesse de Ferrara :
Pezal-o o esforço humano esgotaria :

20. « Em tal copia o bom Padre o derramara
Em preito ao seu partido ! Os dons malvados
Da terra sua a indole explicara.
21. « Espelho no alto (Thronos são chamados) [12]
A nós reflectem quanto Deus indica :
Crê, pois, ora nos factos revelados. » —
22. Calando-se Cunizza significa,
Ao gyro seu anterior voltando.
Que em diverso cuidado immersa fica :
23. Aquelle, a que alludira, [13] rebrilhando,
Com preclaro esplendor, mostrou-se á vista,
Como ao sol rubi fino flammejando.
24. Alegria no ceu fulgor acquista,
Como a nossa no riso se declara ;
Mas os gestos no inferno a dôr contrista.
25. « Deus vê tudo, e o teu ver n'elle se acclara »—
Falei—« ditoso espirito : patente
Te é sempre quando o seu querer depara,
26. « Porque a voz tua, enlevo permanente
Do ceu, de anjos no canto a socia sendo,
Que em seis azas têm veste resplendente, [14]
27. « Não satisfaz desejos, em que ardendo
Estou ? Falara, sem mais ser rogado,
Se eu visse em ti bem como em mim stás vendo. »—
28.—« O maior valle de aguas inundado »—[15]
— D'esta arte a responder-me começava—
« Do mar, em torno á terra derramado, [16]
29. « Oppostas plagas, se estendendo, lava [17]
Contra o sol, e assim faz meridiano
Esse horizonte, em que primeiro estava.
30. « Nessa parte do val mediterrano
Nasci, entre Ebro e Macra, [18] que separa
Do dominio de Genova o Toscano,
31. « Quasi um meridiano se depara
Para Bugia e o ninho meu querido : [19]
Sangue dos seus seu porto avermelhara. [20]

32. « Chamei-me Folio e assim fui conhecido :
Este ceu da luz minha é penetrado,
Como eu fôra da sua possuido ;
33. « Pois Dido, que ciumes ha causado
A Creusa e a Sicheu não mais ardera
Do que eu, em quanto á idade me foi dado; [21]
34. « Nem Rhodópea [22] infeliz, a quem perdera
Demophonte ; nem Hercules outrora,
Que o coração a Iole [23] offerecera.
35. « Não ha remorso aqui ; folga-se agora,
Não pela culpa, já no esquecimento,
Pela Virtude, cuja lei se adora.
36. « Arte aqui se contempla, em que portento
Tão alto brilha ; e o Bem se patenteia,
Que influir faz na terra o firmamento.
37. « Para ser a medida em toda cheia
Dos teus desejos, nados n'esta esphera,
Do meu discurso inda prosegue a teia.
38. « Ora queres saber a luz quem era,
Que ahi perto de mim tanto scintilla,
Como o sol, que na lympha reverbera.
39. « Sabe, pois, que alli vês leda e tranquilla
Raab : [24] á nossa ordem reunida
Em grau superior clara rutila.
40. « Foi n'este ceu, que a sombra procedida
Da terra não alcança, em triumphando
Jesus Christo, a primeira recebida.
41. « Devia dar-lhe um ceu por palma, quando
Assignalar lhe approuve a alta victoria,
Que na Cruz teve, as palmas entregando ; [25]
42. « Pois que por ella começara a gloria,
Que colheu Josué na Terra Santa,
Que se apagou do Papa na memoria.
43. « A tua patria, que foi d'aquelle a planta,
Que ao Creador revel primeiro ha sido [26]
E causou pela inveja afflicção tanta,

44. « Tem flor maldiçoada produzido, [27]
Que, ovelhas e cordeiros trasviando,
Traz o pastor em lobo convertido. [28]
45. « O Evangelho, por ella, abandonando
E os Doutores, ás paginas usadas
Das Decretaes [29] stão muito se applicando.
46. « O Papa e os Cardeaes, n'isto engolfadas
Tendo as idéas, Nazareth esquecem,
Que viu do Archanjo as azas desdobradas.
47. « Mas Vaticano, e os sitios que ennobrecem
A Roma e tem sido o cemiterio
Dos que, fieis a Pedro, lhe obedecem,
Livres serão em breve do adulterio. » — [30]

NOTAS AO CANTO IX

No ceu de Venus apresenta-se a Dante Cinuzza, irmau de Azzolino de Romano, que vaticina algumas calamidades da Marca Trevigiana. Tambem fala ao Poeta Folco, que fôra Bispo de Tolosa.

[1] Querem alguns escriptores que Clemencia fosse filha de Carlos Martel, ainda viva ao tempo em que Dante escrevia a *Divina Comedia*; casara-se com Luiz X, Rei da França. Entendem, porém, outros que se referiu á mulher d'esse Rei, filha de Rodolpho de Habsburgo, Imperador da Allemanha, não só pelos termos da interpellação, senão principalmente porque a filha em 1300 não teria mais de sete annos. Disseram que a Rainha Clemencia amava o seu marido tanto em extremo, que á nova da sua morte cahira desamparada da vida.

[2] Sendo Carlos Martel o primogenito de Carlos II, ao seu filho Carlos Roberto e aos seus descendentes cabia o throno da Sicilia e Napoles, e não a Roberto, duque da Calabria, terceiro filho de Carlos II.

[3] Esta região é a Marca Trevigiana, que demora entre Veneza, caracterizada pelo Rialto, e os Alpes. Brenta e Piava, rios que separam a Italia da Allemanha e caem no golfo de Veneza.

[4] Refere-se Dante a Azzolino ou Ezzelino de Romano, 3º do nome na familia de Onara, á qual competia o titulo de Condes de Bassano, E' aquelle mesmo condemnado, que se viu no rio de sangue, *Inf.* c. XII.

[5] Fala Cunizza, irmau de Ezzelino. Attribuem os chronistas muitas aventuras, que mostram ser essa dama sobremaneira propensa aos prazeres de amor; por quanto deixou o seu primeiro marido, Ricardo de S. Bonifacio, para acompanhar Sordello, já seu amante, dizem, antes de se ter ella casado; passou a correr mundo com um militar, chamado Bonis, casado na mesma cidade—« *multa habendo solatra et maxinias faciendo expensas* »; tendo sido Bonio assassinado de ordem de Ezzelino, recebeu-se com segundo esposo, um fidalgo de Braganzo, que teve igual fim; e, finalmente, tomou terceiro marido em Verona.

Disse o *Ottimo*:—« Convém saber que esta dama viveu amorosamente em louçainhas e distrahimentos e folganças, mas não em actos, em que a honestidade soffresse quebra ou merecessem pecha de illicitos, passando o tempo em alegrias, segundo o dizer de Salomão no Ecclesiastes: Eu disse no meu coração: irei e engolfar-me-hei em delicias e gozarei de toda a casta de bens (c. II). »

Cesare Balbo, *Vita di Dante*:

« A familia de Romano, homens e mulheres, teve grande nomeada por maus feitos, cada qual segundo o seu sexo. Famosissima foi uma das filhas de Ezzelino o Monge, chamada Cunizza, casada primeiramente com Rizzardo de S. Bonifacio, amante do celebre trovador Sordello e depois de Bonio, cavalleiro de Trevigi, com o qual correu aventuras em varias partes da Europa, e depois mulher de um certo conde de Braganza e, afinal, de terceiro marido em Verona, até que foi terminar os seus dias na Toscana, onde residia sua mãe. Já velha e talvez arrependida dos seus peccados, foi provavelmente conhecida por Dante e Beatriz na puericie, conjectura mui plausivel do auctor do *Veltro*, que dá a razão porque Dante elevasse Cunizza ao terceiro ceu do Paraiso. Os versos 14 e 15 parecem confirmar a suppozição de uma familiaridade antiga e ternas recordações de Dante, e o 24º indicar que Beatriz tambem, na puericie de ambos, foi presada por Cunizza, circumstancia que importa a melhor desculpa de Dante, pois com razão amamos aquelles que amaram as pesssoas da nossa estimação. O outeiro, o castello mencionado pelo Poeta, é Romano, ninho d'esses milhafres septentrionaes. A *facella* fatal áquella região é o irmão de Cunizza, Ezzelino III, o mais assignalado e o ultimo d'aquella raça, o qual, succedendo ao seu pae opprimiu Verona e muitas outras cidades da Lombardia oriental até 16 de setembro de 1259, tempo em que, marchando com exercito contra Milão, foi cercado por todos os guelfos e por todos os potentados da Lombardia sublevados contra a sua prepotencia e crueldade, ferido e preso, morreu pouco depois, geralmente amaldiçoado. Dante o collocou no *Inferno* entre os tyrannos; mas nenhuma outra censura lhe inflige.

[8] E' o espirito de Folco ou Tolqueto, denominado de Marseille, o qual segundo o *Ottimo* « *fu diritore in rima di cose leggiadre, care e bele, che furono e saranno per fama gloriose al mondo, dond'gli avrà lunga nomiuanza* » Dante, por boca de Cunizza, lhe presagia fama, que irá alem de 500 annos. Realizou-se a prophecia, não porque a gloria poetica de Folco excedesse a dos outros trovadores, senão porque a sua memoria ficou perpetuada por ter sido o seu nome com louvor mencionado na divina e immortal Comedia.

Em outro logar disse o anonymo commentador:

Foi Folco de Marseille filho de um negociante genovez, chamado Anfuso (que tambem dizer ter nascido no Languedoc) de quem herdou muitas riquezas. Applicou-se ao estudo de cousas, que pertenciam ao valor humano e á fama mundana, e era estimado de cavalleiros e fidalgos. Muito o honravam o Rei Ricardo da Inglaterra, o conde Raymundo de Tolose e Barale de Marselha, em cuja côrte era com distincção recebido. Foi gentil de sua pessoa, facundo orador, extremoso em amores, posto que discreto e prudente. Apaixonou-se por Adalagia, mulher de Barale; mas, para guardar as apparencias, fingia amar Laura de S. Julia e Bellina de Potenese, irmã de Barale, motivo porque este mostrou-se resentido. Havendo fallecido Adalagia, Floco teve por isso indizivel dôr; e pouco tempo depois, com sua mulher e duas filhas professou na ordem de Cister. Ao diante foi abbade de Toronello e Bispo de Marselha, d'onde expelliu muitos hereges. »

Petrarcha, *Trionfo d'Amore*, IV, se referiu a Folco nos termos seguintes:

Folcheto, ch'a Marsiglia il nome ha dato,
Ed a Genova tolto, ed all'estremo
Cangiò per miglior patria abito e stato.

Dante cita um verso de Floco no c. 6 do lib. II, de *Vulg. eloq.*:

« *Disse Folchetto de Marselha:*
Tan m'abellis l'amoros pensamens. »

[7] Refere-se ainda Marca Trevigiana, que jaz entre os rios Adige, a qual desagua no mar Adriatico ao sul de Veneza, e o Tagliamento, da banda de Trieste, e comprehende Feltre, Treviso, Padua e Vicencia.

[8] Predicção da derrota de Jacopo de Carrara, senhor de Padua, vencido por Can Grande della Scala, senhor de Verona, nas cercanias de Vicencia a 17 de setembro de 1314. Em sete annos foram os Paduanos desbaratados trez vezes em Vicencia: á primeira em 1311, sem effusão de sangue, por terem abandonado aquella cidade; á segunda vez com a morte de muitos e captura de Jacopo de Carrara, em 1314; á terceira com muito maior mortandade em 1317 ou 1318.

[9] Ricardo de Camino, que succedeu a seu pae no senhorio de Treviso, foi assassinado, dizem, quando jogava uma partida de xadrez. Diz o *Ottimo*:— « Misser Ricardo, sendo senhor de Treviso, onde confluem os rios Sile e Cagnan, foi morto por ordem de Misser Can della Scala em mãos de um villão, mancommunado com alguns fidalgos. Dizem alguns que a conspiração fôra tramada sómente por esses fidalgos, que commetteram ao villão a morte de Misser Ricardo, e logo após deram cabo do assassino, de sorte que um e outro perderam a vida, um por causa da sua tyrannia, o outro para não denunciar os seus cumplices. »

[10] Suppõe-se que este Bispo de Feltre chamava-se Gorza e pertencia á familia de Lussia de Feltre. Tendo n'aquella cidade dominio espiritual e temporal, prometteu protecção a trez cavalleiros da casa de Fontana, Lancelloto, Clarusio e Antoniêlo e a alguns amigos seus, que, temendo as iras do Papa, fugiram de Ferrara; mas, em vez do refugio, que esperava, foram entregues aos seus inimigos, que os degollaram. « Póstos a tratos, diz o *Ottimo*, declararam os nomes dos seus amigos, que perderam a vida em numero de trinta. Todos os outros seus cumplices evadiram-se e formaram o partido dos Fontanezes. »

[11] Malta querem uns que fosse uma torre na cidadella de Padua, onde o tyranno Ezzelino costumava, a horas mortas, immolar as suas victimas. Dizem outros que demorava ao pé do lago Bolsena e servia de carcere aos clerigos incursos em culpas graves. Affirmava-se que alli estivera preso o Abbade do Monte Cassino por ter deixado escapar o Papa resignatario Celestino V, a quem succedeu Bonifacio VIII, e que se recolhera a esse mosteiro.

[12] Esses espelhos são os anjos denominados Thronos, que têm a séde no Primeiro Mobile ou ceu cristalino.

[13] Folco.

[14] *Isaias*, VI:

« Os Seraphins estavam sobre elle. Seis azas tinha um, seis azas outro: com duas cobriam a sua face, com duas cobriam os seus pés e com duas voavam. »

[15] O Mediterraneo.

[16] O Oceano.

[17] Entre a Europa e a Africa.

[18] Marselha jaz á grande distancia do Ebro, rio caudaloso da Hespanha; o rio Macra parte o territorio de Genova do da Toscana.

[19] Bugia cidade da Africa situada quasi no mesmo parallelo que Marselha.

[20] Refere-se ao cerco de Marselha, investida de uma parte pelo exercito de Cesar sob o commando de Trebonio, e de outra pela armada dirigida por Bruto.—V. *Purg.* c. XVIII, notas.

[21] Dido, Rainha e fundadora de Carthago, que, amando Enéas, offendeu a memoria de Creusa, que fôra mulher do principe troiano, e quebrou a fé que jurara ao seu marido Sycheu.

Disse o *Ottimo*:—« Parece que, no entender do Autor, Folco amou indistinctamente casadas e donzellas e viuvas e fidalgas e plebéas. »

[22] Phyllis, denominada Rodópea, de Rodope, montanha da Thracia, em cujas cercanias vivera, foi abandonada por Demophoonte, filho de Theseu, e por isso matou-se.—V. Her. de Ovidio.

[23] Iole, filha de Euryto, Rei da Etolia, inspirou tão extremosa paixão a Hercules, que o heróe já desdenhava Djanira. Esta, accesa em ciume e desejando recobrar o amor antigo, enviou-lhe a tunica, que lhe dera o centauro Nesso, ao expirar traspassado pelas settas, que por Hercules tinham sido empeçonhadas no sangue de hydra de Lerna.—V. Ovidio, *Met.*, IX, citado em notas ao c.

[24] Rahab.

Josué, II e VI:

« Enviou, pois, Josué, filho de Nun, secretamente desde Setim dois espias e lhes disse: Ide e reconhecei bem a terra e a cidade de Jerichó. Elles partiram e entraram em casa de uma mulher prostituta, por nome Rahab, e pousaram na sua casa.

« E deu-se noticia ao Rei de Jerichó e foi-lhe dito: Olha que entraram aqui de noite uns homens dos filhos de Israel, para reconhecer a terra. Mandou, pois, o Rei de Jerichó dizer a Rahab: Faze sahir esses homens, que vieram a ti e entraram em tua casa: porque são espias e vieram reconhecer toda a terra.

« Mas a mulher, tomando os homens, os escondeu, e disse: Confesso que elles vieram á minha casa; mas eu não sabia d'onde eram.

« E quando se fechava a porta, sendo já escuro sahiram elles ao mesmo tempo e não sei para onde foram: ide após elles depressa e encontral-o-heis.

« Ella, porém, tinha feito subir os homens ao soalheiro de sua casa e os tinha coberto com a palha de linho, que alli havia...

« Ella os fez descer por uma corda pela janella; porque a sua casa estava pegada com o muro...

« Com isto levantando o povo a grita e soando as trombetas, tanto que a voz e o som chegou aos ouvidos da multidão, cahiram de repente os muros. E cada um subiu para o logar, que lhe ficava de fronte; e tomaram a cidade, e mataram a todos, que n'ella encontraram, des dos homens até as mulheres, e des das crianças até os velhos. Passaram tambem ao fio da espada bois e ovelhas e jumentos.

« Então disse Josué aos dois homens, que tinham sido enviados por espias: Entrai em casa da mulher prostituta e fazei-a sahir com tudo o que lhe pertence, como vós lhe promettestes com juramento.

« E tendo entrado na casa os dois mancebos, tiraram para fóra a Rahab e a seus paes, e tambem a seus irmãos, e a todos os moveis, e a toda a parentela, e fizeram-os ficar fóra do campo de Israel. E pozeram fogo á cidade e a tudo o que se achou n'ella, á excepção do ouro e da prata, dos vasos de bronze e de ferro, que consagraram para o thesouro do Senhor. »

S. Paulo, *Ep. aos Hebreus*, XI:

« Pela fé é que Rahab, que era uma prostituta, não pereceu com os incredulos, recebendo os espias com paz. »

25 Palma da victoria e palmas das mãos cravadas na cruz — importam o mesmo que dizer — morte e paixão na cruz, redempção triumphante.

26 Florença foi fundada sob os auspicios de Marte, divindade do gentilismo: e, como *dii gentium demonia* (Psalmo XCV), aquella cidade era de Satanaz, que se revelou contra o Creador.

27 A flor é o tino insculpido nos florins de ouro de Florença.

28 O Pastor convertido em lobo é o Papa Bonifacio VIII. Já em 1300, data da maravilhosa jornada do Poeta, aquelle Summo Pontifice fôra accusado de simonia.

29 Os cinco primeiros livros das Decretaes foram compilados de ordem de Gregorio IX pelo jurisconsulto Raymundo de Pennaforte em 1234. Bonifacio lhes juntou o 6º.

30 Allusão, em fórma de prophecia, a dois factos posteriores a 1300: a morte de Bonifacio VIII em 1303 e a transferencia da cadeira de S. Pedro de Roma para Avinhão, em 1305, effectuada por Clemente V.

CANTO X

1. O Poder ineffavel e primeiro,
O Filho a contemplar c'o Amor sublime,
De um e outro, eternal, vindo o terceiro, [1]
2. Quanto á vista e á razão nossa se exprime
Com tal ordem creou, que, o effeito vendo,
De adorar seu Autor ninguem se exime.
3. As espheras, leitor, olhos erguendo
Nota a parte, onde estão dois movimentos
Um para o outro opposição fazendo. [2]
4. E começa a mirar de arte os portentos,
Que tanto dentro em si o senhor ama,
Que lhes tem sempre os olhos seus attentos.
5. Vê como d'esse ponto se derrama [3]
Em linha obliqua o circ'lo, que transporta [4]
Os planetas que o mundo aguarda e chama.
6. Se lhes assim não fosse a estrada torta,
Muita força no ceu fôra perdida
E aqui potencia quasi toda morta. [5]
7. Se fôra essa vereda preterida
Mais ou menos, ficara transtornada
A ordem no universo estatuida.

8. Ora leitor, meditação pausada
Faz de quanto commigo prelibaste:
Leda a mente has de ter, não saciada.
9. Dou-te iguaria: come, pois, se praz-te.
A materia, em que escrevo, não consente,
Nem por instantes, que a attenção se afaste.
10. Da natura o ministro mais potente [6]
Que a influencia do ceu na terra imprime
E o tempo mede com sua luz fulgente,
11. A' parte, que outro verso acima exprime, [7]
Se unindo, para o ponto se volvia,
Onde mais cedo as trevas nos dirime.
12. Já no seu seio estava e o não sabia,
Como não póde alguem seu pensamento
Saber, quando inda á mente não surgia.
13. E Beatriz, em quem notava augmento
De bem para melhor, tão de repente,
Que o tempo fôra ante o seu acto lento,
14. De si mesma quanto era refulgente!
O que era lá no sol, onde eu me entrara,
Não por côr, por seu brilho mais nitente,
15. Posto que arte, uso, engenho me ajudara
Descrever por imagens não podera;
Mas crer se póde e ver-se desejara.
16. Não se extranhe, se baixa parecera,
Querendo a tanto alar-se, a phantasia:
Além do sol ninguem olhos erguera.
17. Quarta familia [8] aqui resplendecia
Do summo Pae, que sempre da Trindade
No ineffavel spectaculo a sacia.
18. E disse Beatriz: — « Tanta Bondade
Humilde ao Sol dos anjos agradece,
Que ao sol sensivel te alça á claridade. » —
19. Peito mortal jámais ardor aquece
De sentir tão devoto e tão piedoso,
Que a Deus a gratidão inteira expresse,

20. Quanto é meu ao convite carinhoso.
E emtanto enlevo o coração se accende,
Que a Beatriz olvida, fervoroso.
21. Não lhe despraz, e no seu riso esplende
Tanto brilho dos olhos expressivos,
Que do extase profundo me desprende.
22. Fulgores então vi claros e vivos, [9]
De nós centro de si c'rôa fazendo,
Mais suaves em voz que em luz activos.
23. A filha de Latona se movendo
Vemos assim de um cinto rodeada,
No ar humido as côres se mantendo.
24. Dos ceus a côrte, d'onde volto, ornada
De joias stá sublimes e formosas :
Só nos ceus póde a estima lhes ser dada.
25. As vozes eram taes, que ouvi donosas.
Quem não tem plumas para ir lá voando
Pergunte a um mudo cousas portentosas. [10]
26. Aquelles sóes, em torno a nós cantando,
Volveram-se tres vezes : similharam
Astros em roda aos polos circulando.
27. Damas imitam, que no baile param,
Em silencio outras notas esperando
Para seguir na dansa que encetaram.
28. E uma voz do seu seio disse :—[11] « Quando
Da Graça o raio em que o amor se accende
Sublime, pelo o amor se accrescentando,
29. « Multiplicado em ti tanto resplende,
Que te conduz pela celeste escada, [12]
Que a subir torna quem de lá descende,
30. « O que á sêde em que tens a alma abrazada
Vinho negasse, irmão, livre não fôra,
Qual lympha de correr embaraçada.
31. « Saber desejas como a c'rôa enflora,
Que cinge, contemplando-a a pulchra Dama,
Que para o ceu te guia protectora.

32. « Um anho fui da santa grey que chama
De Domingos a voz pelo caminho,
Onde prospera só quem mal não trama.
33. « Thomaz de Aquino sou [13] me está visinho,
A dextra de colonia o grande Alberto [14]
A quem de alumno e irmão devo o carinho.
34. « Se dos mais todos ser desejas certo,
Na santa c'rôa attenta cuidadoso,
A tua vista a voz siga-me perto.
35. « N'esse esplendor sorri-se jubiloso
Graciano [15] que n'um e n'outro fôro
Di'no se fez de ser no ceu ditoso.
36. « Aquelle outro ornamento d'este côro
Foi Pedro : [16] como a pobre a off'renda escassa,
A' Santa Igreja deu rico thesouro. [17]
37. « A quinta luz, [18] que as mais em lustro passa
Se accende em tanta luz, que anhela o mundo
Saber se gosa da celeste Graça.
38. « O alto esp'rito encerra, tão profundo,
Que se o Verbo de Deus é verdadeiro,
De saber tanto não se alçou segundo.
39. « Ao lado seu lampeja esse luzeiro, [19]
Que os anjos, seu mister, sua natura
Em conhecer na terra foi primeiro.
40. « Sorri na luz menor, serena e pura,
Dos seculos christãos esse advogado [20]
De Agostinho tão util á escriptura.
41. « Se os olhos da tua mente acompanhado
De luz em luz me tens n'estes louvores
Saber já tens da oitava desejado.
42. « Do Summo Bem se enleva nos fulgores
Essa alma santa, havendo demonstrado
As mentiras do mundo e os seus rigores [21]
43. « Jaz d'aquella alma o corpo despojado
Em Cieldauro ; [22] e ella veiu á paz divina
Após martyrio e exilio amargurado.

44. « Mais longe, em cada flamma purpurina,
Beda, Isidoro estão, Ricardo esplende, [23]
Que além do humano o pensamento afina.
45. « Esse, de quem tua vista se desprende
A mim tornando, achou, grave e prudente,
Que morte prompta um grande bem comprende.
46. « E' Siger, [24] que assim luz eternamente.
Na rua de Fouare lera outr'ora
Verdades, que odio hão provocado ingente.» —
47. E qual relogio, que nos chama em hora,
Em que, desperta, do senhor a Esposa
Matinas canta e o seu amor implora ;
48. Que, no gyrar das rodas, tão donosa
Nota faz retinir, de amor enchendo
Devota alma, que o escuta fervorosa :
49. O glorioso circ'lo, se movendo,
Assim vi eu, com tal suavidade
E doçura de vozes, que comprendo
Só haja iguaes do ceu na eternidade.

NOTAS AO CANTO X

Dante e Beatriz sobem ao quarto ceu, que é o do Sol. São rodeados de almas resplendescentes, uma das quaes, S. Thomaz de Aquino, lhe dá conhecimento de alguns dos seus companheiros.

[1] As Trez Pessoas da Santissima Trindade.

[2] Movendo-se as estrellas fixas em circulos parallelos ao equador, o Sol e os planetas em circulos parallelos ao zodiaco.

[3] O zodiaco corta o equador obliquamente.

[4] O equador.

[5] Milton, *Par. Lost.* X:

Some say, he bid his angels turn askance
The poles of earth twice ten degrees and more
From the sun's axle; they with labour pushed
Oblique the contric globe: some say the sun
Was bid turn reins from the equinoctial road
Like distant breadth to Taurn, with the seven
Atlantic Sisters, and the Spartan Twins,
Up the Tropic Crab; thence down amain
By Leo, and the Virgin, and the Scales,
As deep as Capricorn, to bring in change
Of seasons to each clime; else had the spring
Perpetual smiled on earth with vernant flowers,
Equal in days and nights, except to those
Beyond the polar circles; to them day
Had unbenighted shone, while the low sun,
To recompense his distance, in their sight
Had rounded still the horizon, and not know
Or east, or west, wich had forbid the snow
From cold Estotiland, and south as far
Beneath Magellan.

Segundo Aristoteles (*de generatione et corruptione*), se o Sol e os planetas não se afastassem ou se apropinquassem de nós, não haveria no mundo nem geração, nem corrupção, e o ceu não actuaria sobre a terra; porque d'esses movimentos oppostos resultam as variedades dos tempos, umas proprias para semear-se outras para corromper as sementes no seio da terra para a producção das hervas e flores, para o amadurecimento das fructas e plantas, differenças, que se não effectuariam, se esses astros sempre estivessem perto ou sempre longe.

No *Convito*, disse Dante:

« Em verdade não haveria na terra geração, nem vida de animaes e plantas, não haveria noite, nem dia, nem semana, nem mez, nem anno. E assim o mundo universo ficaria desordenado, e vão seria o movimento dos outros ceus.»

[6] O Sol.

[7] O sol em Aries. Depois do equinoxio do verão o sol nasce mais cedo, para usar da expressão, que se coaduna com o systema astronomico, que fazia a terra immovel e attribuia áquelle astro o movimento de um para outro tropico.

[8] Quarta familia sinigfica as almas bemaventuradas, que estão no sol, quarto ceu.

[9] Dante mencionando as almas dos doutores e theologos, que resplendescem no sol, alludiu a estas palavras do propheta Daniel:—« *Qui docti fuerint fulgebunt quasi splendor firmamenti; et qui ad justitiam erudiunt multos quasi stellæ in perpetuas æternitates.* »

[10] E' um proverbio, similhante a este outro: *A Baccho poscis aquam!*

[11] Fala S. Thomaz de Aquino.

[12] A escada de Jacob, Genesis, XXVIII:

« E viu em sonhos uma escada posta sobre a terra; e a sua summidade tocava no ceu; e tambem os anjos de Deus subindo e descendo por ella. »

[14] Alberto o Grande, da familia dos condes de Bollstœdt, na Suabia, possuido da paixão de instruir-se desde os mais verdes annos, foi estudar em Padua, e na idade de 29 annos entrou para a ordem dos Pregadores ou de S. Domingos. Completos os seus estudos, ensinou philosophia e theologia em Ratisbona, Strasburgo, Colonia e Paris onde leu essas sciencias, durante trez annos consecutivos. Concorria para ouvil-o tão crescida multidão, que, sendo estreitos os salões para o auditorio, teve de ensinar ao ar livre n'uma praça, a que se deu o seu nome—*Maubert*, abreviatura de *Magister Albertus*. De volta a Colonia foi eleito provincial da sua ordem e depois nomeado, pelo Papa Alexandre IV, Bispo de Ratisbona, cargo que resignou ao cabo de trez annos. Foi mestre de São Thomaz de Aquino. As suas obras autenticas foram impressas em 21 vol. in—f. Estudou profundamente as obras dos Arabes e Rabbinos, assim como a philosophia de Aristoteles, que commentou e explicou. Era tambem doutissimo nas sciencias naturaes acerca das quaes escreveu obras de grande apreço, na conformidade das idéas do Stagirita. Os seus escriptos contem avantajados descobrimentos em chimica. D'essa alta proficiencia nasceu para muitos a crença de que se applicava á alchimica e ás sciencias occultas.

Nasceu em 1193 em Lawingen e morreu em 1280.

[13] S. Thomaz de Aquino, o doutor universal, o doutor angelico, o anjo da escola, o mais douto e profundo theologo do seu tempo, nasceu em 1227 no castello de Rocca Secca no reino de Napoles. A sua faimlia era do antigo e

nobre solar dos condes de Aquino; por sua avó paterna, Francisca de Suabia, descendia da casa imperial dos Hohenstauffen, sendo assim sobrinho de Frederico Barba-Roxa e primo de Frederico III; por sua mãe Theodora, tinha sangue dos principes normandos conquistadores da Sicilia. Ainda na juventude, dominado de invencivel vocação, filiou-se á ordem de S. Domingos; e não obstante a opposição de seus irmãos, Reginaldo e Landulpho, que empenharam esforços de toda a sorte, desde a violencia encarceraudo-o, até o ardil, rodeando-o das seducções mundanas, levou a effeito o seu intento, e professou em 1244. Acompanhado do seu superior João o Teutonico, seguiu para Colonia, onde foi entregue á direcção do douto e eminente Alberto o Grande. Os seus condiscipulos notando-lhe a indole tranquilla e taciturna, o appellidavam o grande boi mudo da Sicilia; mas em breve excitou a admiração do Mestre pela sua maravilhosa penetração no exame dos pontos mais abstrusos da theologia. Em 1252 foi com Alberto o Grande a Paris, onde tomou os graus universitarios algum tempo depois e ensinou com universal applauso, e teve occasião de defender as ordens mendicantes, em especial a dos Pregadores, violentamente aggredidas por Guilherme de Saint Amour, ex-reitor da universidade. Seu immenso talento, a sua incalculavel sciencia, as suas virtudes, a nobreza da sua prosapia o indicavam para as mais altas dignidades da Igreja; mas a tudo preferiu o modesto titulo de definidor para mais a seu contento dedicar-se aos estudos e aos exercicios de piedade. Ainda uma vez esteve em Paris, d'onde tornou a Napoles. Em 1273 o papa Gregorio X chamou-o para o concilio de Lyon, onde havia mister a contribuição da sua sabedoria. Obediente, Thomaz partiu; mas, tendo em caminho enfermado gravemente, falleceu na abbadia de Fossa Nuova, da ordem de Cister, a 7 de março de 1274, aos 49 annos de idade. Suscitavam-se bem fundadas suspeitas de ter sido o prematuro fim d'aquelle portentoso varão devido á propinação de veneno. Foi canonizado vinte e seis annos depois no pontificado de João XXII. Varias foram as edições das suas obras em vinte e mais volumes in f.

[15] Graciano, famoso canonista do seculo XII, da ordem franciscana, natural de Chiusi na Toscana, autor de uma compilação de textos da Escriptura, canones dos apostolos e concilios, extractos dos Padres, livros pontificaes etc., intitulada *Decretum Gratiani*, ou *Concordantia canonum*.

[16] Pedro Lombardo, o *Magister sententiarum*, abalizado theologo, natural de Novara, na Lombardia, graduado na universidade de Paris, onde, mediante a generosidade de um protector, completou os seus estudos e graduou-se. Anteriormente estivera em Bolonha e Reims. N'aquella capital ensinou theologia com a maior distincção; foi Bispo, por espaço de um anno, findo o qual resignou. O seu nome celebrizou-se por um tratado de theologia, que deu a lume com o titulo de *Sententiarum libri IV*, assumpto de renhidas contraversias e variados commentarios entre os quaes se assignalam os de S. Thomaz de Aquino. Nasceu em 1100 e falleceu em 1164.

[17] Refere-se o Poeta á dedicatoria que de suas obras fez Pedro Lombardo á Igreja, em cujo introito se leem as seguintes palavras:—*Cupientes aliquid de penuria ac tenuitate nostra cum paupercula in gazophylacium Domini mittere.*—

S. Lucas, *Ev.* XXI:

« E estando Jesus, viu os ricos, que lançavam as suas offerendas no gazophylacio. E viu tambem a uma pobre viuva, que lançava duas pequenas moedas. E disse: Na verdade vos digo que esta pobre viuva lançou mais que os outros. »

[18] *Reis*, liv. 3, III:

« E o Senhor disse a Salamão: Pois que esta foi a petição, que me fizeste, e não pediste para ti muitos dias, nem riquezas, nem a morte dos teus inimigos, mas pediste para ti a sabedoria para discernires o que é justo: eu, pois, te fiz o

que me pediste e te dei um coração tão cheio de sabedoria e intelligencia, que nenhum antes de ti te foi similhante, nem se levantará depois de ti. »

E no c. XI :

« Mas o Rei Salamão amou apaixonadamente a muitas mulheres extrangeiras ; tambem a filha de Pharaó, e a mulheres Moabitas e Ammonitas, Idumeas, e Sidonas e Hetheas, das nações, de quem o Senhor tinha dito aos filhos de Israel : Não tomeis as suas mulheres, nem elles as vossas ; porque ellas certissimamente vos perverterão os vossos corações para seguirdes os seus idolos. A estas, pois, se uniu Salamão com um amor ardentissimo.

« E elle teve setecentas mulheres, que eram como Rainhas, e trezentas concubinas ; e as mulheres lhe preverteram o coração. E sendo já velho, o seu coração foi pervertido pelas mulheres para seguir os deuses alheios ; nem o seu coração era perfeito diante do Senhor seu Deus, como o fôra o de David, seu pae.

« Mas Salamão dava culto a Astarte, Deusa dos Sidonios, e a Moloch, idolo dos Ammonitas. E fez Salamão o que não era agradavel ao Senhor e não seguiu o Senhor perfeitamente, como o seguira David seu pae.

« N'aquelle tempo edificou Salamão um templo a Camos, idolo dos Moabitas, no monte, que está fronteiro a Jerusalem, e a Moloch, idolo dos filhos de Ammon. E o mesmo fez elle por todas as suas mulheres extrangeiras que queimavam incenso e sacrificavam a seus deuses.

« O Senhor, pois, se irou contra Salamão, por se ter o seu espirito se apartado do Senhor Deus de Israel, que lhe tinha apparecido segunda vez, e lhe tinha prohibido expressamente que não seguisse a deuses extrangeiros ; e elle não guardou o que o Senhor lhe mandara. »

[19] Dionysio Areopagita, mencionado nos Actos dos Apostolos, XVII :— « Todavia alguns varões, aggregando-se a elle, abraçaram a Fé : entre os quaes foi não só Dionyslo Areopagita, mas tambem uma mulher por nome Damaris, e com elles outros. »

Era um dos juizes, quando S. Paulo compareceu perante o tribunal do Areopago. Tendo ouvido os argumentos, com que se defendeu o Apostolo das Gentes, converteu-se ao chritianismo e depois foi Bispo de Athenas, sua patria, onde padeceu martyrio na fogueira no anno 95 de J. C. Attribuiram-se-lhe escriptos mysticos, que começaram a divulgar-se depois do seculo V, havidos como feitura de auctor desconhecido, mas filiado ás doutrinas da escola de Alexandria. Esses livros intitulavam-se :—*Da hierarchia celestial ; da hierachia ecclesiastica ; dos nomes divinos ; da theologia mystica.*—Um Imperador do Oriente os remetteu como donativo de alto preço ao Imperador Luiz o Bom, filho de Carlos Magno. Em breve, trasladados do grego em latim pelo donto monge irlandez Scotus Erigena, alcançaram grande estimação e nomeada. Dionysio é um dos santos e a sua festa cai a 3 de outubro.

[20] Paulo Orosio. Este historiador, que foi antes do Renascimento assaz estimado, como autoridade de grande tomo, distincção, que a critica moderna com toda a razão lhe nega, foi de Tarragona, na Hespanha e viveu no seculo IV da era christan. Foi discipulo de S. Agostinho, e depois partiu para a Palestina, onde completou os seus estudos com S. Jeronymo em Bethlehem. Os seus escriptos endereçaram-se principalmente á apologia do christianismo, sendo o principal o que se intitulou *Historiarum adversus paganos libri VII*, historia universal que começou em Adam e rematou no anno 316. S. Agostinho utilizou-se d'essa obra no seu livro—*De civitate Dei.* O Rei da Inglaterra, Alfredo o Grande, a traduziu em anglo-saxão, que, vertida em inglez, viu á luz em 1773.

[21] Boëcio.—Anicius Manluis—Torquatus—Severinus Boëcius, pertencente a uma das mais illustres familias da aristocracia romana, senador, estadista e

philosopho, é celebre pela sua vasta erudição, pelas suas virtudes e pelas desventuras em que terminou a sua honrada existencia. Nasceu em Roma em 470 e morreu em 526.

Dado desde a puericie ás lettras e não tendo em Roma elementos sufficientes para instruir-se, partiu para Athenas, onde completou os seus estudos no decurso de muitos annos, com as lições dos homens mais doutos. Proclo foi um dos seus mestres. De volta á Italia casou-se com Rusticiana, senhora dotada de elevados predicamentos, filha do patricio Symmaco. Proseguiu na sua devoção ás letras e sciencias, e no intuito de coadjuvar a instrucção da mocidade, traduziu e commentou muitos dos livros mais notaveis da Grecia, como a astronomia de Ptalomeu, a mechanica de Archimedes, varios tratados de Aristoteles e dialagos de Platão. Fez conhecidos varios instrumentos de mathematica, e elle proprio executou como perito em artefactos da mechanica. Elevado á dignidade de patricio, foi enviado em deputação a Theodorico, Rei dos Godos, então senhor de Roma e da Italia, a quem, desde então, inspirou confiança. Em 510 foi revestido do cargo de consul, principe do Senado, *magister palatii* e *magister officiorum*. No pinaculo da grandeza, exerceu constantemente actos de caridade e protecção para com os necessitados e perseguidos.

Não obstante o zelo, com que se dedicava ao serviço de Rei e o desvelo, com que tratava de praticar o bem e administrar justiça, a calumnia achou em Theodorico ouvidos promptos para crer nos aleives forjados contra o virtuoso ministro, a quem accusou de traição, sacrilegio e magia. Encarcerado em Ticino, Boëcio foi condemnado sem ser ouvido. Transferiram-o então para Calvenzano, onde lhe arrancaram a vida em crudelissimo martyrio, sendo-lhe apertada a testa com uma corda até lhe saltarem das arbitas os olhos, flagellado seu corpo com açoites e dilacerado a golpes de machado, a 23 de outubro de 525. Seu sogro o illustre Symmaco, padeceu morte; sua mulher foi despojada dos bens. Passados annos, Amalasonta, viuva de Theodorico, mandou restaurar as estatuas de Boëcio e Symmaco, restituiu a Rusticiana quanto lhe fôra confiscado. Em 722 Luitprand, Rei dos Lombardos, mandou erigir um mausoleu na igreja de San Pietro di Ciel d'Oro em honra de Boëcio; e o Imperador Othão em 990 dedicou-lhe outro ainda mais sumptuoso.

No seu carcere Boëcio escreveu a seu famoso livro—De *consolatione philosophica*, que immortalizou o seu nome, que muitos outros recommendavam. S. Thomaz de Aquino o commentou e Alfredo o Grande o traduziu.

Dante, *Convito*, II, 16, disse:

» Boëcio e Tullio, que com a doçura da sua conversação conduziram-me ao amor, isto é, ao estudo d'essa formosissima senhora, a philosophia, com os lumes da sua estrella, que resplendescem nos seus escriptos. »

[1] Foi Boëcio sepultado na igreja de San Pietro de Cieldauro ou di Ciel d'Oro, em Pavia.

[2] Beda por por antonomasia o Veneravel, monge anglo-saxonio do convento de Yarrow, proximo a cidade de Durham, onde passou a sua vida até o anno de 735 em que falleceu, tendo nascido em 672, foi um dos homens mais sabios do seu seculo, pois abrangeu no circulo dos seus conhecimentos todas as sciencias conhecidas no seu tempo. A fama do seu nome echoou até Roma, e o Papa Sergio encarecidamente pediu-lhe por vezes que honrasse aquella cidade com a sua herança. Escreveu numerosos livros sobre philosophia, historia, theologia e rhetorica: mencionam-se entre os principaes *Historia ecclesiastica da Inglaterra* em cinco livros e um *Manual de dialectica*. Aquelle foi traduzido do latim pelo Rei Arthur. Como santo é festejado a 27 de maio.

S. Isidorio, douto Bispo hespanhol, que regeu a diocese de Sevilha, assignalou-se tanto pela sua erudição, como pela sua piedade, manifestadas em diversas obras, que mereceram grande apreço e em actos de santidade. Falleceu em 636.

Ricardo de S. Victor, natural da Escossia ou Irlanda, foi prior do mosteiro d'este nome em Paris e abalisou-se como theologo. Era irmão carnal de Hugo de S. Victor e falleceu em 1163.

Um dos seus livros—*de contemplatione*—foi allegado por Dante na carta que escreveu a Can Grande della Scala.

[21] Os compiladores da *Historia litteraria da França*, tom. XXI, demonstraram por documentos irrefragaveis que foram uma e identica pessoa o Siger mencionado por Dante, Siger de Courtray, professor de theologia na Sorbona em 1250, Siger de Brabante, doutor na Sorbona pelo mesmo tempo e em 1277 conego de S. Martinho em Liège.

Siger de Brabante travou ardente polemica com os thomistas; mas ao diante reconciliou-se com as doutrinas de S. Tomaz de Aquino. Como suspeito de heresia, foi perseguido e teve de responder perante um tribunal de inquisidores em 1277. Depois professou theologia na rua de *Fouarre* em Paris e excitou o enthusiasmo dos discipulos.

Disse o *Ottimo*:—« Mestre Sigieri leu logica em Paris, e durante muitos annos teve cadeira no *vico delli stramí*, logar onde se ensina logica e se vende palha para forragens de cavalgaduras, d'onde lhe veiu esse nome. »

CANTO XI

1. O' dos mortaes aspirações erradas !
Em que falsas razões vos enlevando
Tendes á terra as azas captivadas !
2. Qual seguia o direito segue ; qual buscando [1]
Já aphorismos; qual o sacerdocio ;
Qual reinava, sophisma ou força usando ;
3. Qual roubo amava, qual civil negocio ;
Qual a salaz deleite entrega a vida ;
Afanava-se, qual passava no ocio
4. Em quanto eu, livre da terrena lida,
Ao ceu com Beatriz me alevantava,
Aceito lá com gloria tão subida.
5. Cada alma santa ao ponto já tornava
Do circulo em que de antes demorara ;
E como cirio em candelabro estava
6. Então da luz, que de antes me falara [2]
Voz suave escutei ; e assim dizendo
Do seu brilho a pureza se augmentara:
7.—« O lume eterno, em que me inspiro e accendo,
Eu, contemplando, claramente leio
Teu pensamento e a origem lhe comprendo.

8. « Dessjas tu, da duvida no enleio,
Que eu apropríe da tua mente á esphera
O que dizer-te, ha pouco, me conveiu.
9. « Eu te disse—caminho onde prospera,—
— De saber tanto não se alçou segundo :—
Aqui é, pois, que a explicação te espera.
10. « A Providencia, que governa o mundo
Com tão sabio conselho, que, torvada
Sente a vista quem quer sondar-lhe o fundo.
11. « Por ser ao seu dilecto encaminhada
Casta Esposa d'aquelle, que alto grito, [3]
Desposando-a, soltou na Cruz Sagrada,
12. « Com animo mais forte e á fé restricto,
Dois principes, [4] lhe deu, que, em seu desvelo,
O caminho mostrassem-lhe bemdicto.
13. « Um Seraphico foi no ardor do zelo,
Outro [5] ostentou, por seu saber na terra,
De cherubica luz esplendor bello.
14. « De um só te falarei ; pois n'um se encerra
O que de outros aos louvores mais se extende :
Quem der aos dois o mesmo fim não erra.
15. « Entre Tupino e o rio, que descende [6]
Do outeiro, que escolhera santo Ubaldo,
Fertil encosta de alto monte pende.
16. « D'alli baixa a Perugia o frio e o caldo
Pela porta do *sol;* atraz padece
Em duro jugo Nocera com Gualdo.
17. « Onde o declive menos agro desce
Nasceu ao mundo um sol [7] tão luminoso,
Como o que ao Gange ás vezes esclarece. [8]
18. « D'esse logar quem fale portentoso
Não diga Assiz, que pouco declarara :
Chame Oriente o berço glorioso. [9]
19. « Do nascente este sol pouco distara,
Quando o conforto a receber a terra
Já das virtudes suas começara.

20. « Contra seu pae [10] adolescente em guerra
Entrou por dama, a quem bem como á morte,
Ninguem a porta com prazer descerra.

21. « Então da Igreja a recebeu na côrte, [11]
E *coram patre*, por esposa amada
E amor votou-lhe cada vez mais forte.

22. « Vivera ella viuva e desprezada [12]
Seculos onze e mais, e de outro amante,
Senão deste, não fôra requestada.

23. « Em vão se disse que no lar, constante,
De Amyclas [13] a encontrou esse guerreiro,
De quem tremera o mundo titubante.

24. « Em vão fiel, de coração inteiro,
Quando Maria ao pé da Cruz ficara,
Com Christo ella subira-se ao madeiro.

25. « Para fazer minha linguagem clara,
Em summa, o nome sabe dos amantes :
Com pobreza Francisco se casara.

26. « Dos dois santa união, ledos semblantes,
Seu terno olhar e affecto milagroso
Dão a todos lições edificantes.

27. « Aquella paz anhela cubiçoso
Veneravel Bernardo [14] que, primeiro,
Descalço corre e crê ser vagaroso.

28. « Riqueza innota ! O' Bem só verdadeiro !
Descalço vai Egidio, vai Sylvestre,
Porque amam-a, do esposo no carreiro.

29. « D'alli se parte aquelle pae e mestre
Com terna esposa e com familia santa
Que de corda o burel cinge campestre.

30. « Não baixa os olhos, nem se torva e espanta
Por filho ser de Bernardone obscuro,
Nem por soffrer desdem em copia tanta.

31. « Mas affouto mostrou o intento duro
A Innocencio [15] de quem primeiro obteve
Assenso ao regimento austero e puro.

32. « E quando a pobre grei progresso teve,
Após aquelle, a cuja heroica vida
Melhor no ceu louvor de anjos se deve,

33. « Foi a c'rôa segunda concedida
Por Honorio, [16] que o Santo Espirito alenta
D'aquelle, archimandrita a santa lida.

34. « Em breve a sêde do martyrio o tenta,
E do soldão soberbo na presença
Christo annuncia e a lei que o representa.

35. « Vendo rebelde o povo a nova crença,
Por não ficar seu zelo sem proveito
Da Italia volta para a messe extensa.

36. « Na dura penha, que se interpõe ao leito [17]
Do Tibre e do Arno, o derradeiro sello
Christo lhe poz : dois annos dura o effeito.

37. « Quando a Deus, que a bem tanto quiz movel-o,
O premio prouve dar-lhe merecido,
Na humildade christan por seu desvelo,

38. « Essa esposa, que amara estremecido
Aos irmãos confiou por justa herança,
Para affecto lhe terem sempre fido.

39. « Do seio da pobreza então se lança,
Tornando ao reino seu, a alma preclara :
N'esse jazigo o corpo seu descança.

40. « Pensa, pois, o que foi quem Deus julgara
Di'no após elle, de reger a barca
De Pedro, no alto mar encaminhara.

41. « Coube a tarefa ao nosso patriarcha : [18]
Quem, fiel, aos preceitos lhe obedece,
Sabes, thesouros arrecada na arca.

42. « Sua grei novo pascigo appetece,
E tanto é dos desejos impellida,
Que em differentes campos apparece.

43. « Quanto mais cada ovelha é seduzida
Do mundo pelo perfido attractivo,
Tanto mais ao redil volta innanida.

44. « Poucas temendo o lance decisivo,
Acolhem-se ao pastor : escasso panno
E' já para vestil-as exessivo.

45. « Se claro te falei, livre de engano,
Se tens estado ao que te digo attento,
Se da memoria não receias damno,

46. « Ao teu desejo, em parte, dei contento,
Pois da planta bem vês qual seja a rama;
E o correctivo está n'este argumento:
Onde prospera só quem mal não trama . »

NOTAS AO CANTO XI

Para instrucção de Dante, S. Thomaz de Aquino refere os factos da vida de S. Francisco de Assis.

[1] Lucrecio, *de rerum natura*, II:

O miseras hominum mentes! O pectora cæca!
Qualibus in tenebris vitæ, quantisque periclis
Degitur hoc ævi quodcumque est!

O espirito de S. Thomaz de Aquino.

[2] A Igreja, Esposa de Jesus Christo.

S. Marcos, *Ev.* XV:

« E á hora da Noa deu Jesus um grande brado, dizendo: Eloi, Eloi, lamma sabacthani—que quer dizer—Deus meu, Deus meu, por que me desamparaste? »

S. Lucas, *Ev.* XXIII:

« E Jesus, dando um grande brado, disse: Pae, nas tuas mãos encommendo o meu espirito.— E dizendo estas palavras, expirou.»

Actos dos Apostolos, XX:

« Attendei por vós e por todo o rebanho, sobre que o Espirito Santo vos constituiu Bispos para governardes a Igreja de Deus, que elle adquiriu pelo seu proprio sangue.»

S. Paulo, *Ep. aos Rom.*, VIII:

« Mas em todas estas cousas sahimos vencedores, porque eu estou certo que nem a morte nem a vida, nem os anjos, nem os principados, nem as virtudes, nem as cousas presentes, nem as futuras, nem a violencia, nem a altura, nem profundidade, nem outra creatura alguma nos poderá apartar do amor de Deus, que está em Jesus Christo, Senhor Nosso.»

[4] Dois principes—S. Domingos e São Francisco.

essa terceira igreja, não póde abster-se do respeito que move essa manifestação do poder, que, depois de tantas maravilhas, deu origem a mais esta. »

7 Diz o *Ottimo:*

« Razão haveria para se inquerir porque Dante apresenta S. Thomaz contando a vida de S. Francisco, e não um dos seus confrades. A resposta está indicada por estas palavras—*um sol*, de que o mesmo S. Thomaz usou, quando, por ordem do Papa Gregorio IX, escreveu no introito da vida de S. Francisco, do seguinte modo :—« Quasi sol oriens in mundo Beatus Franciscus vita, doctrina et miraculis claruit : vita inspirando spiritum lucis ; doctrina, seminando ; miraculis fructificando et alia causa. »—Esta outra causa é que é mais conveniente seja dado o louvor por boca de outrem do que pela propria do elogiado ; e melhor o póde proferir quem presencialmente viu, como S. Thomaz vira e sentira. »

Apocalypse, VII :

« E vi outro anjo, que subia da parte do nascimento do sol, tendo o signal do Deus vivo.

8 Quando astro do dia mais brilha e aquece a região banhada pelo Ganges.

9 Dante joga com o nome italiano de Assiz, Ascesi, que, em latim de *ascendere* significa subir, elevar-se.

10 Pelo voto de pobreza incorreu no desagrado de seu pae. Da historia da vida de S. Francisco ficou evidente que seu pae, por tal motivo, o tratara com desabrimento e até o mettera em prisão.

11 Na presença do seu pae e do Bispo diocesano renunciou formalmente os bens temporaes e uniu-se com a pobreza.

12 Fôra Jesus Christo o seu primeiro esposo. Esteve na viuvez mais de 1100 annos ; ao cabo dos quaes recebeu-se com Francisco de Assis.

13 Lucano, *Pharsalia*, V :

Littora curva legit, primisque invenit in undis
Rupibus exesis hærentem funè carinam
Rectorem, dominumque ratis secura tenebat
Haud procul inde domus, non ullo robore fulta,
Sed sterili junco, cannaque intexta palustri,
Et latus inversa nudum munita phaselo
Hæc Cæsar bis terque manu quassantia tetum
Limina commovit. Molli consurgit Amyclas,
Quem dabat alga, toro : « Quisnam mea naufragus—inquit—
Fecta petit ? aut quem nostræ Fortuna coegit
Auxilium sperare casæ ? » Sic fatus, ab alto
Aggere, jam tepidæ sublato funè favillæ
Scintillam tenuem commotos pavit in ignes.
Securus belli : prædam civilibus armis
Scit non esse casas. O vitæ tuta facultas
Pauperis angustique lares ! o munera nondum
Intellecta Deum ! quibus hoc contingere templis,
Aut potuit muris, nullo trepidare tumultu
Cæsarea pulsante manu ?

Convito, IV, 13 :

os baluartes, que a defendem. Ao aspecto bellicoso d'aquella cidade, onde nasceram muitos capitães italianos abalizados, senti a impressão de quem vê alguma cousa formidavel. Esse effeito se não desvaneceu, quando me encaminhei por uma rua ladeada de soturnos palacios, quando perambulei por outras ruas mais estreitas, proximas áquellas vastas habitações, onde não se ouvia um rumor, não se via uma luz, não se mostrava alma viva, quando divisei as portas etruscas, cujas dimensões giganteas maiores pareciam ao clarão da lua entre as sombras da noite. Bem mostrava ser *Perugia dolente*.

« Na primeira viagem que fiz seguindo as pegadas de Dante, cheguei ao convento de Alverna no anniversario do dia, em que o restaurador do espirito christão, o novo Christo como o appellidam os Franciscanos, recebeu os *estigmas* isto é, as chagas nas mãos e nos pés, similhantes ás que na cruz fizeram os cravos no salvador do mundo. Passada a commemoração d'esse grande acontecimento, observei a retirada da innumeravel multidão de homens, mulheres e meninos, que compareceram na solemnidade e se utilizaram da illimitada hospitalidade d'esses frades medicantes. Por igual acaso, quatro annos depois cheguei a Assiz no dia da festa do santo:

« Não era a occasião mais apropozitada para ver os frescos de Cimabue, Giotto e Mommi; mas era a mais acommodada para quem desejasse saber quanto ainda vigoram as instituições da Meia idade. Por amor dos *frescos* ainda fui a Assiz; mas então não vi, como vira, essa igreja de trez pavimentos, apinhada de fieis e devotos, viudos de toda a parte, e á noite, quando me fui, o magestoso portico, que se sobreleva ao claustro, illuminado em toda a sua extensão brilhar na escuridão da noite para honrar a memoria do dia, em que falleceu, ha 600 annos, um pobre frade. E disse entre mim: esta recordação, assim reiterada, inspirou ao maior dos poetas dos seculos modernos, referindo-se a Assiz estes versos:

Nasceu ao mundo um sol tão luminoso,
Como o que ao Gange ás vezes esclarece
D'esse logar quem fale portentoso
Não diga Assiz; que pouco declarara:
Chame Oriente o berço glorioso.

« Esta hyperbole não é demasiada para expressar o enthusiasmo, que accendeu na Meia-idade esse heroismo da abnegação, esse, como disse Dante, casamento com a pobreza, que, doze seculos antes, enviuvara do seu primeiro esposo.

« Não é para extranheza que a pintura contemporanea do Poeta se fizesse orgam do sentimento universal. Na igreja superior estão frente a frente os dois paes d'essa arte. Giotto não deixou obra, em que a singeleza quadre mais á justa com certa pompa do que nos frescos de Assiz. Ahi perto está Cimabue, a quem supplantou na publica estimação.

« Cimabue contrapõe ao seu competidor, sem muita quebra do seu conceito, algumas figuras de santos. Assim que Assiz é um museu e santuario da pintura catholica da Meia-idade...

« Não ha muitos annos accrescentou-se uma nave subterranea ás duas igrejas superpostas, que já existiam. Outro exemplo de igreja com triplice pavimento só conheço em S. Martinho dos Montes, em Roma. Em Assiz o pavimento inferior não é formado, como no Esquilino, por uma construcção romana antiga, de que se assenhoreou o primitivo christianismo: a obra tem sómente vinte annos. Aquella architectura sem caracter, que veiu sotopor-se á architectura caracterizada da Meia-idade, desagrada ao primeiro aspecto. Mas quem sabe que o corpo de S. Francisco foi descoberto sómente em 1818, quem observa o penhasco, que deixou intacto em prova do trabalho executado para construir

essa terceira igreja, não póde abster-se do respeito que move essa manifestação do poder, que, depois de tantas maravilhas, deu origem a mais esta. »

[7] Diz o *Ottimo:*

« Razão haveria para se inquerir porque Dante apresenta S. Thomaz contando a vida de S. Francisco, e não um dos seus confrades. A resposta está indicada por estas palavras—*un sol*, de que o mesmo S. Thomaz usou, quando por ordem do Papa Gregorio IX, escreveu no introito da vida de S. Francisco do seguinte modo :—« Quasi sol oriens in mundo Beatus Franciscus vita, doctrina et miraculis claruit : vita inspirando spiritum lucis ; doctrina, seminando miraculis fructificando et alia causa. »—Esta outra causa é que é mais conveniente seja dado o louvor por boca de outrem do que pela propria do elogiado, e melhor o póde proferir quem presencialmente viu, como S. Thomaz viu e sentira. »

Apôcalypse, VII :

« E vi outro anjo, que subia da parte do nascimento do sol, tendo o signal do Deus vivo.

[8] Quando astro do dia mais brilha e aquece a região banhada pelo Ganges.

[9] Dante joga com o nome italiano de Assiz, Ascesi, que, em latim de *ascendere* significa subir, elevar-se.

[10] Pelo voto de pobreza incorreu no desagrado de seu pae. Da historia da vida de S. Francisco ficou evidente que seu pae, por tal motivo, o tratara com desabrimento e até o mettera em prisão.

[11] Na presença do seu pae e do Bispo diocesano renunciou formalmente os bens temporaes e uniu-se com a pobreza.

[12] Fôra Jesus Christo o seu primeiro esposo. Esteve na viuvez mais de 1100 annos ; ao cabo dos quaes recebeu-se com Francisco de Assis.

[13] Lucano, *Pharsalia*, V :

Littora curva legit, primisque invenit in undis
Rupibus exesis hærentem fune carinam
Rectorem, dominumque ratis secura tenebat
Haud procul inde domus, non ulio robore falta,
Sed sterili junco, cannaque intexta palustri,
Et latus inversa nudum munita phaselo
Hæc Cæsar bis terque manu quassantia tetum
Limina commovit. Molli consurgit Amyclas,
Quem dabat alga, toro : « Quisnam mea naufragus—inquit—
Fecta petit ? aut quem nostræ Fortuna coegit
Auxilium sperare casæ ? » Sic fatus, ab alto
Aggere, jam tepidæ sublato fune favillæ
Scintillam tenuem commotos pavit in ignes.
Securus belli : prædam civilibus armis
Scit non esse casas. O vitæ tuta facultas
Pauperis angustique lares ! o munera nondum
Intellecta Deum ! quibus hoc contingere templis,
Aut potuit muris, nullo trepidare tumultu
Cæsarea pulsante manu ?

Convito, IV, 13 :

« Quanto é o receio do que possuindo riquezas, em toda a parte, velando ou dormindo, arrisca não os cabedaes pela vida, senão a vida pelos cabedaes! Bem o sabem os inquietos mercadores, que correm o mundo; se levam comsigo cousas de valia, tremem ao sussurro de uma folha: Por isso disse o sabio:—Se fosse jornada, desempedido de fazenda, cantaria em frente de salteadores. Isto mesmo quiz dizer Lucano, no livro V, quando louvou a seguridade que dá a pobreza. Isto disse Lucano; quando recontou como Cesar foi á noite á choupana de Amyclas, pescador, a fim de passar o mar Adriatico. »

[14] Bernardo, Egidio ou Gilio e Sylvestre, primeiros companheiros de S. Francisco: o primeiro rico negociante e principal cidadão de Assiz; o segundo, autor de um livro intitulado *Verba Aurea*; o terceiro, presbytero.

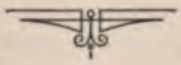
Disse o *Ottimo*:—« Menciona o Autor os que tiveram a prioridade entrando na ordem de S. Francisco, esposo da pobreza, tanto lhes agradou essa companheira. O primeiro, que indica, foi Fr. Bernardo, pedra angular d'esse edificio, o qual de muitos bens da fortuna, que possuia, fez doação, não aos seus parentes, senão aos pobres, e resplendeceu por milagre em santa vida e egregia morte. O segundo foi Fr. Pedro, que, renunciando perfeitamente o mundo, tambem distribuiu aos pobres os seus haveres. O Autor o omitte; mas refere Fr. Gilio, o terceiro, conforme declara a lenda da ordem, homem de admiravel santidade; auxiliado de graça especial de Deus, de modo que efficazmente protege os que o invocam em cousas attinentes ao bem da alma. Igualmente commemora a lenda Fr. Filippe, cuja boca Deus tocou com a pedra da pureza, pois, sendo um simples leigo, lendo e interpretando as santas Escripturas, dulcissimamente annunciava as palavras de Jesus. Finalmente ouvimos que foram santos os primeiros doze discipulos de S. Francisco, para os quaes escreveu a sua regra, excepto um, que, sahindo da ordem, perverteu-se e, outro Judas, enforcou-se. Sylvestre, enumerado pelo Autor, acompanhou S. Francisco á cidade de Arezzo em occasião, em que ardia alli guerra civil. Como o santo observasse alli demonios muito alvoraçados de contentamento, chamando o seu companheiro, disse-lhe: Vai á porta da cidade e ordene, da parte de Deus, áquelles demonios que fujam quanto antes. Sylvestre, acercando-se á porta gritou esforçadamente:—Da parte de Deus e de ordem do nosso Padre Francisco, parti já e já demonios todos.—Obedeceram os demonios; e restabeleceu-se a concordia na cidade. O referido Sylvestre, sendo ainda sacerdote secular, viu em sonho sahir da boca de S. Francisco uma cruz de ouro, cuja summidade tocava o ceu e cujos braços, estendendo-se, attingiam uma e outra parte do mundo. Compungido pela visão, abandonou o seculo e fez-se devotissimo seguidor de S. Francisco.—*A lenda de S. Francisco* diz: o primeiro depois de S. Francisco foi Fr. Bernardo, o segundo Fr. Pedro, o terceiro Fr. Gilio; seguiram-se Fr. Filippe, Fr. Soldanieri, Fr. Junipero, Fr. Ruggieri, Fr. Rufino, Fr. Aguolo, Fr. Leone, outro Fr. Leone, Fr. Jacopo, Fr. Antonio, Fr. Nicolau, Fr. Simão, Fr. Ambrosio, Fr. João, Fr. Benedicto de Arezzo, Fr. Guilherme, Fr. Ugo, Fr. Christovam, Fr. Estevam Fr. Raymundo, Fr. Benvenuto e Fr. Pedro, que foi ministro de Calabria. »

[15] O Papa Innocencio III em 1214 autorizou a organização da Ordem Franciscana.

[16] Confirmou a autorização o Papa Honorio III em 1223.

[17] Em Monte Alvernia recebeu S. Francisco os milagrosos stigmas.

[18] S. Domingos.



CANTO XII

1. QUANDO o lume bemdicto [1] proferira
Do discurso a palavra derradeira,
A chorea gyrou, como eu já a vira.
2. Inda uma volta não fizera inteira,
Logo outra turma em circulo a encerrava
Em voz accordes ambas e em carreira.
3. Essa harmonia tanto superava
Das Musas e sereias a cadencia,
Quanto ao reflexo a luz que rutilava.
4. Como arcos dois das nuvens na apparencia
Curvam-se iguaes na côr e equidistantes,
Se de Iris Juno exige diligencia,
5. Nascendo um do outro, em fórma similhantes,
Qual voz da que de amor foi consumida, [2]
Como do sol as nevoas alvejantes,
6. E crer fazendo que ha de ser mantida
A promessa, a Noé por Deus firmada,
De não ser mais a terra submergida: [3]
7. Assim de nós em torno ia agitada
Cada grinalda das perpetuas rosas,
Uma com outra em tudo conformada.

8. Tanto que a dansa e festa jubilosas,
Por cantos e esplendores flammejantes
D'essas luzes suaves e amorosas,
9. Quedar eu vi nas rotações brilhantes,
Quaes olhos, juntamente ao nosso grado,
Se abrindo e se fechando vigilantes,
10. De um dos novos clarões [4] voz, que enlevado
Volver-me para si fez de repente,
Qual á estrella polar iman voltado,
11.—« Amor » [5]—diz—« que a belleza dá-me ingente
Me induz a te falar do Mestre Santo, [6]
Que ao meu foi de louvor causa eminente.
12. « Um se memore onde outro brilha tanto:
Sob a mesma bandeira hão militado;
Brilha a gloria dos dois tambem no canto.
13. « De Christo, a tanto custo restaurado,
O exercito o estandarte seu seguia,
Já raro, lento, de temor tomado,
14. « Quando á milicia, que o valor perdia
O Eterno Imperador deu provimento,
Só por Graça: esse bem não merecia
15. « E da Esposa enviou por salvamento
Dois campeões, de cuja voz movida,
A transviada gente cobra o alento.
16. « Na terra, [7] em que, ao seu habito, convida
O Zephyro a se abrirem novas flores,
De que se vê a Europa revestida,
17. « Em plaga, onde se embate em seus furores
O mar, em que, o seu curso terminado,
O sol esconde ás vezes seus ardores,
18. « Jaz Callaroga [8] em solo afortunado,
Que o poderoso escudo protegera,
No qual leão subjuga e é subjugado.
19. « Alli o athleta heroico á luz viera,
Da fé christan esse indefesso amante,
Que, aos seus beni'no, os maus guerra fizera.

20. « Foi virtude em sua alma tão possante,
Que, ainda estando no materno seio,
Do porvir fez a mãe vaticinante. [9]

21. « Quando a firmar-se o desposorio veiu
Entre elle e a Fé, na fonte consagrada,
De muita salvação [10] seguro meio,

22. « De dar por elle o assento a encarregada [11]
A messe viu em sonhos milagrosa,
Que d'elle e herdeiros seus era esperada.

23. « Do seu destino em prova portentosa,
Anjo baixou ao fim só de chamal-o
Do Senhor [12] de quem era a alma piedosa.

24. « Dominico foi dito e eu d'elle falo,
Como o operario, que elegera CHRISTO,
Da vinha no lavor para ajudal-o.

25 « Servo e enviado mostrou ser de CHRISTO,
Por quanto o amor primeiro, que ha mostrado,
Foi a primeira lei que nos deu CHRISTO.

26. « Muitas vezes a mãe o achou prostrado
Em profundo silencio e bem desperto,
Como a dizer:—A isto eu fui mandado.

27. « Oh! foi seu genitor feliz por certo!
Oh! sua mãe realmente foi Joanna
Se ha no sentido, que lhe dão acerto! [13]

28. « Não pelo amor do mundo, que se engana,
Do Ostiensè e Thaddeu [14] nos livros lendo,
Mas de Jesus pelo maná se afana,

29. « Sapiente doutor em breve sendo,
Da santa vinha guarda vigilante,
Que presto secca, pouco zelo havendo.

30. « De Roma á sêde quando foi perante,
Que aos justos era compassiva outrora,
Hoje, por culpa do que a rege, errante, [15]

31. « Onzenarias dispensas não lhe implora,
Nem primeira prebenda, que vagasse,
Nem dizimas, que são do pobre, exora.

32. « Mas contra o mundo, que no mal compraz-se,
Pede o favor de defender a planta,
Da qual tens flores vinte e quatro em face.

33. « Com seu querer e com doutrina santa,
Como a torrente, que da altura desce,
De apostolo por zelo o mundo espanta.

34. « Dos hereges se arroja á infanda messe,
E aonde a resistencia mais porfia
Das forças suas o impeto recresce.

35. « Delle brotaram rios, que hoje em dia
Tem o jardim catholico regado
E aos seus arbustos dão viço e valia.

36. « Se tal foi uma roda do afamado
Carro, em que defendeu-se a Santa Igreja,
E a civil guerra em campo ha superado,

37. « Da outra o alto merito qual seja
Já te disse Thomaz, eu stando ausente :
D'elle nas vozes seu louvor lampeja.

38. « Porém d'aquella roda o sulco ingente
Ficou em desamparo tal, que o lodo
Onde era a flor domina tristemente.

39. « Vê-se a familia sua por tal modo
Da vereda de outrora transviada,
Que esqueceu-lhe as pegadas já de todo.

40. « Logo a cultura má será provada
Na seara, zizania sendo ao vento,
Em vez de ir ao celleiro, arremessada. [18]

41. « Quem nosso livro folheasse attento
Veria, creio, pagina, em que lesse :
— Sou, como sempre, de impureza isento.—

42. « Em Casal e Agua-Sparta igual não vê-se : [19]
Lá de tal geito entende-se a Escriptura,
Que um tibio a foge, outro excessivo a empe

43. « De Bagnoregio eu sou Boaventura,
Que, exercendo altos cargos, repellia
Dos interesses temporaes a cura.

44. « Vê, dos irmãos descalços primazia,
Illuminato, de Agostinho ao lado : [18]
Cada qual no burel por Deus ardia.
45. « Hugo vê de S. Victor premiado [19]
Com Pedro Mangiadore e Pedro Hispano [20]
Pelos seus doze livros celebrado.
46. « Nathan Propheta [21] e o Metropolitano
João Chrysosthomo, [22] Anselmo [23] e o afamado
Donato [24], na primeira arte sob'rano.
47. « Vê Rabano, [25] a brilhar vê ao meu lado
O Calabrez Abbade Giovachino, [26]
De espirito phrophetico dotado
48. « Aos louvores do excelso paladino
Moveu-me a caridosa cortezia,
O dizer sabio de Thomaz de Aquino,
E commigo a esta santa companhia. »

NOTAS AO CANTO XII

S. Boaventura faz o elogio de S. Domingos e menciona outros espiritos, que estão no ceu do sol.

[1] S. Thomaz de Aquino.

[2] Ovidio, *Met.* III: (Trad. de A. F. de Castilho):

Corrida do desprezo, entre as florestas
A amavel solitaria se homisia,
Escondendo o rubor entre as ramadas;
E desde então só vive em grutas ermas.
Inda com tudo lá lhe está lavrando
O amor, e mais acceso co'a repulsa
Cuidados veladores a atenuam;
Mirra-se mais e mais de dia em dia;
Todo o corporeo humor se lhe evapora;
Restam-lhe ossos e voz: a voz, conserva-a;
Os ossos, diz-se, em pedras se mudaram.
Por isso está nos bosques invisivel,
Em nenhum monte a vêm, ouvem-a todos;
De viva, afóra o som, não tem mais nada.

[3] Genesis, XI:

« Eis vou a fazer um concerto comvosco e com a vossa posteridade depois de vós; e com todos os animaes viventes, que estão comvosco, tanto aves, como animaes domesticos e bestas fóra do campo, que sahiram da arca, e como todas as bestas da terra. Eu farei o meu concerto comvosco, e não tornará a parecer toda a carne pelas aguas do diluvio; nem d'aqui em diante haverá mais diluvio que assole a terra.

Continuou Deus, dizendo: Eis aqui o signal do concerto, que eu faço para sempre jámais entre mim e vós e com todos os animaes viventes, que estão comvosco. Eu porei o meu arco nas nuvens, e elle será o signal do concerto entre mim e a terra. E quando eu tiver coberto o ceu de nuvens, apparecerá o meu arco nas nuvens.

« Eu me lembrarei do concerto, que fiz comvosco e toda a alma vivente, que anima a sua carne. E não tornará mais a haver diluvio, que faça parecer nas aguas toda a carne. E o meu arco estará nas nuvens : e vendo-o, eu me lembrarei do concerto, que foi pateado entre Deus e todas as almas viventes de toda a carne, que ha sobre a terra.

« Disse tambem Deus a Noé : Eis aqui o signal do concerto, que eu constitui entre mim e toda a carne sobre a terra. »

4 Fala o espirito e de S. Boaventura.

João Fidanza, por antonomasia Boaventura, o Doutor Seraphico, famoso theologo, Geral da Ordem Franciscana, Cardeal e Bispo de Albano, nasceu em 1221 em Bagnoreggio, na Toscana. Era tão venerado pelos seus eminentes predicamentos, que, tendo fallecido o Papa Clemente IV, os cardeaes se comprometteram a eleger por seu successor aquelle que S. Boaventura designasse. O proposto foi Thibaut, que assumiu o nome de Gregorio X. As suas numerosas obras foram collegidas em 7 vol. inf.

5 Assim como S. Thomaz, sendo da ordem dos Pregadores, fundada por S. Domingos, elogiara S. Francisco, assim tambem S. Boaventura, sendo Franciscano, reciprocou louvores a S. Domingos.

6 S. Domingos.

7 Na parte occidental da Europa, na Hespanha.

8 Calahorra, cidade de Castella a Velha, cujas armas eram as mesmas que as reaes, quarteadas de dois castellos e dois leões, um acima, outro abaixo de cada castello.

9 Sonhou sua mãe, antes de dal-o a luz, que havia parir um lebreu preto e branco, que tinha na boca uma tocha accesa, symbolizando d'esta sorte as côres, que caracterizavam o habito da ordem, que fundou e o fervente zelo, que assignalou cada um dos passos da vida do patriarcha.

10 Mutua salvação. S. Domingos prometteu pelejar pela salvação da Fé, a Fé prometteu a S. Domingos a eterna salvação : *quia quando accepit fidem fuit salvus, et ipse postea salvavit fidem.*

11 A madrinha de S. Domingos sonhara que elle tinha uma estrella na testa e outra na nuca, que allumiavam o oriente e o occidente.

12 *Dominicus*, de *Dominus*, o senhor.

Em 1170 nasceu em Calahorra, na Hespanha, aquelle que tinha de ser o fundador da ordem dos Pregadores. Logo nos primeiros annos da juventude deu mostras do seu extremado zelo pelos interesses da religião, maravilhando quantos conheciam os actos quotidianos, em que o revelava, assim como patenteou o seu especial talento para o pulpito. Concluidos os seus estudos, leu theologia em Palencia, entrou para o cabido do bispado de Osma, a cujo diocesano acompanhou, quando foi enviado pelo seu soberano em missão á França. Tornando a Hespanha, passaram pelo Languedoc, onde se detiveram algum tempo, occupando-se em pregar a fé catholica aos Albigenses, cuja heresia era empenho do Papa destruir. Com quanto Domingos conseguisse numerosas conversões pela eloquencia da sua palavra, não bastavam esses resultados para os fins, que se premeditavam. Os Albigenses havidos por manicheus, protegidos pelo conde de Tolosa, Raymundo, e pelo visconde de Beziers, Roger, não só foram excommungados pelo Papa Alexandre III no 3º concilio de Latrão, em 1179, senão combatidos com as armas, mediante a

cruzada, que contra elles pregou Innocencio III. Sahiram a campo os exercitos catholicos sob a conducta, principalmente, de Simão de Monforte, a quem, depois de mettidos a ferro os hereges e os seus amigos, foram doados os estados do conde de Tolosa. O exterminio dos Albigenses não se concluiu em uma cruzada: foi preciso pregar segunda, á frente da qual se collocou Luiz VIII, Rei da França, em 1219. Tem-se por averiguado que Domingos, que no Languedoc fundou a ordem dos Pregadores, não interveiu na guerra, e que todo o seu empenho fôra a conversão pela predica, pelos bons exemplos e orações. Ao diante foi residir em Roma, onde o Papa Honorio III commetteu-lhe importantes cargos, de que se desempenhou, ao mesmo passo que empenhava na propaganda e accrescentamento do seu instituto, que se se desenvolvia no occidente da Europa. Attribue-se-lhe a instituição da Inquisição, e se tem escripto que foi o primeiro inquisidor geral por nomeação de Innocencio III; mas escriptores autorizados negam-o com plausiveis fundamentos.

Domingos falleceu em Bolonha em 1221 e foi canonizado por Gregorio IX em 1234.

[13] Felix, feliz, Joanna, cheia de graça.

[14] Ostiense é Henrique de Souza, Cardeal e Bispo de Ostia, que no seculo XIII commentou as Decretaes.

Thaddeu Alderotti, abalizado medico e professor na universidade de Bolonha, que falleceu em 1295. Escreveu commentarios sobre os *Aphorismos* e *Prognosticos* de Hippocrates, a *Ars parva* de Galeno e a *Ethica* de Aristoteles.

[15] Ao tempo em que falava S. Boaventura, regia a Sé de Roma o Papa Bonifacio VIII. Dante não o esquecera.

[16] *S. Matheus*, XIII:

« O reino dos ceus é similhante a um homem, que semeou boa semente no seu campo; e em quanto dormiam os homens, veiu o seu inimigo, e semeou sizania no meio do trigo e foi-se... E tendo crescido a herva e dado fructo, appareceu tambem então a sizania.

« E chegando os servos do pae de familia, lhe disseram: Senhor, não semiaste tu boa semente no teu campo? Pois d'onde lhe vem a sizania? E elle lhes disse:—O homem inimigo é que fez isto.

« E os servos lhe tornaram: Queres tu que nós vamos e a arranquemos? —E respondeu-lhes:—Não; para que talvez não succeda que, arrancando a sizania, afranqueis juntamente com ella tambem o trigo. Deixai crescer uma e outra cousa até a seifa; e no tempo da seifa direi aos segadores: Colhei primeiramente a sizania e atai-a em molhos para a queimar, mas o trigo recolhei-o no meu celleiro.

[17] Matheus de Aquasparta, duodecimo Geral da Ordem Franciscana em 1287, recebeu no anno subsequente do Papa Nicolau IV a purpura cardinalicia. Sua excessiva indulgencia e tibieza deram causa á relaxação, a que veio a regra do seraphico fundador.

Fr. Ubertino de Casali escreveu um livro, que intitulou — *Preloquium de potentia Papæ*, em que pela interpretação restrictissima da Escriptura encareceu rigores em modo tal, que transpassavam os limites da regra. Por occasião do capitulo geral da ordem, celebrado em Genova em 1310, capitaneou os *zelanti*, que se appellidavam, *spirituali*, do que se originou uma especie de schisma.

[18] Illuminato e Agostinho, dois dos primitivos discipulos de S. Francisco. Disse o *Ottimo*:

« Escreveram sobre theologia e viveram santamente. Refere a lenda de S. Francisco que, estando Fr. Agostinho mortalmente enfermo, ao ponto de já ter perdido o uso da fala ao tempo em que se realizava o passamento de São Francisco, de repente bradou: Padre meu, espera-me, espera-me; já te acompanho.—Perguntado pelos outros religiosos porque falava assim, tornou-lhes: —Não estais vendo o Nosso Padre Francisco, que sobe para o ceu?—E immediatamente adormecendo em paz, acompanhou o patriarcha. »

19 Hugo de S. Victor. Disse o *Ottimo*:

« Foi consumado mestre de theologia. A principio era conego regular; depois professou no convento de S. Victor em Paris. Compoz livros acerca dos Sacramentos e muitos outros pontos de theologia. Floreceu pelos annos 1138 de N. S. Jesus Christo. Conta-se no termo da vida, quasi a expirar, não podendo já conservar em si nenhum alimento, pedia, nada obstante, encarecidamente, que lhe fosse administrado o corpo de Christo. Então os religiosos, para tranquillizal-o, trouxeram-lhe uma simples hostia. Elle, porém, por inspiração do Espirito Santo, conhecendo a verdade, lhes disse:—Irmãos, tenha Deus Misericordia de vós! Por que quereis enganar-me? O que me trazes não é o meu Senhor.—Attonitos, os religiosos foram buscar á toda a pressa o corpo de Nosso Senhor; mas o doente, certo de que não poderia conserval-o em si, o adorou de mãos alçadas, dizendo: « Suba o Filho para o seu Pae e o meu espirito ao seu creador. »—Ditas estas palavras, morreu e o corpo do Senhor desappareceu. »

20 Pedro Mangiadore ou, como geralmente o chamavam, Comestor, por ser grande devorador de livros, foi conego e deão da Sé de Troyes, na França; pertenceu depois ao cabido de Paris. Além de outras obras, escreveu uma *Historia Ecclesiastica* da creação do mundo até o tempo dos Apostolos.

Pedro Hispano, tambem conhecido com o nome de Pedro Julião, nasceu em Lisboa. Seu pae era medico, profissão, que tambem elle exercia; mas renunciou-a para dedicar-se aos estudos theologicos. Em 1276 foi eleito Papa com a denominação de João XXI. Um dos actos notaveis do seu pontificado consistiu nos esforços que empenhou para que se não accendesse guerra entre os Reis da França e Castelha. Pouco tempo occupou a cadeira de S. Pedro; pois um anno depois da sua eleição perdeu a vida esmagado pelas ruinas do palacio da sua residencia em Viterbo. Mencionava-se com louvor o seu livro intitulado—*Summulæ logicales*, o resumo cononico da logica aristotelica. Tambem fez-se notavel outro escripto seu, *Thesaurus pauperum*, sobre medicina.

Na sua *Historia de España*, o douto P. Mariana disse:

« Ao Papa Adriano V, succedeu João XXI, natural de Lisboa, homem de alto engenho e extraordinaria sciencia, em especial na logica e medicina, como testificam os seus livros escriptos e publicados sob o nome, pelo qual fôra de antes conhecido, de Pedro de Hespanha. Sua vida não durou mais do que a dos seus predecessores; porque falleceu desventuradamente em Viterbo; foi Summo Pontifice apenas oito mezes e dias. »

21 O Propheta Nathan.

Reis. II, 12:

« Enviou o Senhor, pois, Nathan a David; e Nathan, tendo entrado á sua presença, disse-lhe:— Havia n'uma cidade dois homens, um rico e outro pobre. O rico tinha ovelhas e manadas de bois em grande numero; o pobre, porém, não tinha cousa alguma senão uma ovelhinha, que elle comprara e criara e que tinha crescido em sua casa juntamente com seus filhos, comendo do seu pão e bebendo do seu mesmo copo, e dormindo no seu regaço; e elle a queria como a sua filha.

« Como, pois, um forasteiro viesse ver o rico, não querendo este tocar nas suas ovelhas, nem nos seus bois para dar um banquete áquelle forasteiro, que lhe tinha chegado, tomou a ovelhinha áquelle pobre homem e a preparou para dar de comer ao hospede, que tinha vindo á sua casa.

« David, porém, summamente indignado contra aquelle homem, disse para Nathan: Viva o Senhor, que um homem, que tal fez é digno de morte. Elle ha de pagar o quadrupeado da ovelha por ter feito d'ella o que fez e por não ter perdoado o pobre.

« Mas Nathan disse a David: Tu és esse homem. Eis aqui o que diz o Senhor Deus de Israel: Eu te ungi em Rei sobre Israel e eu te livrei da mão de Saul, e te dei a casa de teu amo e as mulheres de teu amo no teu seio, e te dei a casa de Israel e de Judá; e se isto é pouco, te ajuntarei ainda cousas muito maiores. Por que desprezaste tu logo a palavra do Senhor até commetteres o mal diante dos meus olhos? Fizeste perecer á espada a Urias Hetheu, e tomaste para ti a que era sua mulher, e matastel-o com espada dos filhos de Ammon. Por esta razão não se apartará jámais a espada da tua casa por me teres desprezado e por teres tomado a mulher de Urias Hetheu para ser tua mulher.

« Eis aqui, pois, o que diz o Senhor: Eu suscitarei da tua mesma casa o mal sobre ti, e tomarei as tuas mulheres á tua vista e dal-as-hei a um teu proximo, e elle dormirá com as tuas mulheres aos olhos d'este sol; porque tu fizeste isto ás escondidas; mas eu farei estas cousas a vista de todo o Israel e á vista do Sol.

« E David disse a Nathan: Pequei contra o Senhor. E Nathan respondeu a David: Tambem a Senhor transferiu o teu peccado: não morrerás. Todavia, como tu pelo que fizeste, déste logar a que os inimigos do Senhor blasphemem, morrerá certamente o filho, que te nasceu. »

[22] João Chrysostomo (Boca de Ouro) o mais eloquente dos Padres da Igreja, natural de Antiochia; onde viu a luz em 344, tem na historia do christianismo preeminente logar. Concluidos os seus estudos, dedicou-se á eloquencia judiciaria, que em breve renunciou para entregar-se inteiramente á meditação das Escripturas e ás austeridades de cenobita nos ermos da Syria. O mau estado da sua saude obrigou-o a voltar a Antiochia, onde ordenou-se e excitou a geral admiração pela eloquencia da sua palavra e a elevação de suas virtudes. Foi por isso chamado pelo Imperador Arcadio ao Solio de Metropolitano de Constantinopla. Aqui os seus maravilhosos predicamentes tiveram cada dia novo ensejo para se manifestarem com progressivo esplendor ante os olhos da população enthusiasmada, não se limitando o seu zelo aos interesses puramente religiosos á condemnação dos vicios e abusos, que haviam mister correcção; tambem prestou relevantes serviços ao Imperador e ao Imperio incorreu. Porém, como era natural, no odio da Imperatriz Eudoxia, mulher immoral e perversa, a qual, por criminosos artificios, teve poder para que fosse decretado o seu desterro. Ao cabo de algum tempo Arcadio revogou a setença que o condemnara, e João Chrysostomo tornou triumphante á Constantinopla. Espavam no emtanto vigilantes as crueis paixões de Eudoxia, e o resultado das suas machinações foi segundo exilio do Santo Metropolitano para Comana, no littoral do Mar Negro, onde falleceu, logo depois da sua chegada em 407.

Este heróe da fé christan mereceu a denominação de Homero dos oradores. Nas suas homilias resplendescem os dotes que immortalisaram Demosthenes e Cicero. A collecção das suas obras, em que contam mais de mil homilias e sermões, formam 13 vol. inf.

[23] Anselmo (S.) Arcebispo de Canterbury, na Inglaterra, nasceu em Aoste no Piemonte em 1033, começou a sua carreira religiosa como frade e depois abbade do mosteiro de Bec, na Normandia. As suas virtudes e profunda erudição

na theologia e philosophia inspiraram a maior veneração ao Rei da Inglaterra Guilherme o Ruivo, o qual para manifestal-a commetteu-lhe a sé archipiscopal de Canterbury. Mas em breve teve de entrar em luta com esse monarcha, que empecia os previlegios do clero e que, irado contra o zeloso prelado, obrigou-o a deixar o reino, acto revogado depois por Henrique I, irmão e successor de Guilherme. Os talentos e erudição de Anselmo lhe mereceram a honra de ser havido por segundo S. Agostinho. Falleceu em 1109.

[24] Elio Donato, famoso grammatico latino, do seculo IV, mestre de S. Jeronymo, escreveu livros, que durante muitos seculos gozaram de grande autoridade nas escolas medievaes.

[25] Rabano Mauro, famoso theologo, natural da Allemanha (Mayence) fallecido em 856, estudou em Fulda, de que ao diante foi abbade, tendo por mestre o douto Alcuino. Depois de ordenar-se peregrinou na Terra Santa; e voltando, foi incumbido da direcção da celebrada escola estabelecida n'aquelle mosteiro. Passados annos empunhou o bago pastoral como Bispo de Mayence; e n'este caracter porfiou na repressão dos abusos, que se haviam introduzido na disciplina ecclesiastica. Era tão respeitado, que lhe coube a presidencia de varios synodos.

[26] O Abbade Giovacchino, appellidado o Propheta, nasceu em 1130 em Celico, povoação proxima a Cosenza, na Calabria. Esteve na Terra Santa; professou depois no mosteiro de Cister, foi abbade de Sambuccino, estabeleceu em Flora um convento, cuja direcção assumiu, regendo ao mesmo tempo outros. Morreu em 1202. Publicaram-se diversas obras suas.

Disse o *Ottimo:*

« Foi abbade do mosteiro da Calabria, denominado *Florensis*. Escreveu muitas obras, entre as quaes uma, que foi condemnada pela Igreja, como consta do liv. I das Decretaes, por ter ensinado que em Deus ha não sómente Trindade, senão tambem Quaternidade. Mas, tendo supplicado a Santa Sé Apostolica que esse tratado fosse corrigido, visto que em artigos de fé obdecia á Santa Igreja Romana, foi condemnado unicamente o livro, ficando o autor tido e havido por catholico fiel. Em outros escriptos, acceitos e approvados pelo Papa, enunciou-se tão acertadamente, que foi estimado como quem fosse dotado de espirito prophetico.»

CANTO XIII

1. O que hei visto e refiro quem deseja
Entender imagine, (e bem sculpida,
Como em rocha, na mente a imagem seja)
2. Quinze estrellas, que luz tanta espargida
Tem por celestes regiões diff'rentes,
Que é do ar a espessura esclarecida,
3. Da carroça imagine as refulgentes
Rodas, sempre gyrando, noite e dia,
Pelos espaços do ceu nosso ingentes ;
4. Da trompa a boca mostre a phantasia,
Que lá no extremo do axe, ao qual a esphera
Primeira contornea, principia.
5. Se em signos dois taes astros considera,
Iguaes á c'rôa que no ceu fulgura,
Des que Ariadne á morte se rendera ; [1]
6. E, os raios misturando da luz pura,
Para lados contrarios se movendo
Aquelles circ'los dois na etherea altura :
7. Imagine, mas quasi a sombra tendo
Dos versos astros, d'essa dupla dansa,
Que em torno a nós estava se volvendo. [2]

8. Que a verdade essa imagem tanto alcança,
Quanto o Chiana [3] a rapidez imita
Do ceu, que a todos os mais ceus se avança.
9. Nem Pean cantam, nem de Baccho a grita. [4]
Mas Trez Pessoas com divina essencia
E n'uma o humano ser, que a Deus se addita.
10. Os hymnos tendo e a dansa intermittencia
Em nós os santos lumes se fitaram;
Compraz-lhes dos cuidados a sequencia.
11. O silencio que os córos dois formaram,
As vozes rompem, que a espantosa vida
Do mendigo de Deus me recontaram. [5]
12.—« Quando a palha é do trigo dividida, [6]
Quando a colheita fica encelleirada,
A bater outra doce Amor convida.
13. « Crês que ao peito onde a costa foi tirada
Para a boca gentil formar motivo
Da pena ao mundo inteiro fulminada, [7]
14. « E ao da aguda lança o golpe esquivo [8]
Padeceu e a balança, em morte e vida,
Da culpa alçou com pezo decisivo,
15. « Quanta sciencia aos homens permittida
Ser poderia pela mão divina,
Que um e outro creou, fôra infundida.
16. « Tua mente, pois, a duvidas se inclina
Me ouvindo que em sciencia sem segundo
Subira quem a luz quinta domina. [9]
17. « Olhos abre á razão, em que me fundo:
Com teu crer confundida tens de vel-a
Na verdade, qual centro n'um rotundo.
18. « O que não morre, o que por morte gela
E' só splendor da Idéa, que, nascendo
Do Senhor nosso, o seu amor revela;
19. « Por quanto essa luz viva, procedendo
Do fóco seu, do qual se não desune,
Nem do Amor, que o terceiro fica sendo,

20. « Só por Bondade sua, o fulgor une,
Como em spelho, em ceus nove, e, o concentrando,
Tem a unidade eternalmente immune.

21. « As ultimas potencias se abaixando,
Já de acto em acto enfraquecida fica,
As breves contingencias vai formando.

22. « *Contingencias* palavra é que te indica
Essas cousas, que o ceu, no movimento,
Com semente ou sem ella multiplica.

« Não mostra arte ou substancia um só intento
E modo, mais ou menos transluzindo
O sello do Supremo Entendimento.

« Vê-se, pois, a mesma arv're produzindo,
Segundo a especie, ou bons ou ruins fructos.
E vós á luz com varias manhas vindo.

« Brilhava o sello inteiro nos productos,
Se a cêra em ponto apropriado fôra,
E os influxos do ceu nunca interruptos.

« Porém natura as impressõees desdoura,
Procedendo, assim como faz o artista:
Treme-lhe a mão que é da arte sabedora.

« E, pois, se ardente amor a clara vista
Da virtude primeira imprime e adapta,
A perfeição aqui toda se acquista.

« Assim a argilla foi condigna e apta
A toda a perfeição da creatura,
E concebeu a Virgem pura, intacta.

« Segues, por tanto, opinião segura:
Como nos dois jamais tão alta ha sido,
Nem jámais hade ser vossa natura.

30. « Se eu por ventura houvesse concluido,
Com razão me tiveras perguntado:
— Como disseste—igual não tem subido?

31. « Da verdade por seres informado,
No que era pensa e á sua escolha attende,
Quando—*Pede*—por Deus foi-lhe ordenado.

32. « Claro falei, tua mente bem comprende [10]
Que foi Rei quem pediu sabedoria
Para fazer o que o bom Rei pretende.

33. « Não quiz saber qual numero seria
Dos motores ao ceu, [11] nem se *necesse* [12]
Com contingente um seu igual faria.

34. « *Non si est dare punium motum esse* [13]
Ou se um triang'lo sem ter ang'lo recto
Traçar em semicirc'lo se podesse. [14]

35. « E pois, o dizer meu que ora completo,
Quando falava na sem par sciencia,
A prudencia real ia directo.

36. « Dando ao—Subiu—devida intelligencia,
Has-de ver que sómente aos Reis se applica,
Muitos na somma, poucos na excellencia.

37. « E feita a distincção que exposta fica, [15]
Meu dizer á tua fé no pae primeiro
E em nosso Redemptor não contra indica.

38. « Prende assim chumbo ao pé sempre ; ligeiro
Não vás, imita o caminhante lasso ;
Ao não ao sim não corre aventureiro.

39. « Mostra ser dos estultos o mais crasso
Quem affirma, quem nega leviano
Sem distincção ou n'um ou n'outro passo.

40. « D'ahi vem muitas vezes por seu damno,
Que o juizo do vulgo se transvia
E o entendimento enleia affecto insano.

41. « Mais do que em vão do porto se desvia :
Incolume não volta da jornada
Quem pós verdade da arte não se guia.

42. « A prova dão, por factos comfirmada
Parmenides, Melisso, Brisso [16] e quantos
Partiram sem saber o rumo e a estrada.

43. « Assim Ario fez, Sabellio [17] e tantos,
Que, como espadas, deram na Escriptura,
Mutilando o sentido aos textos santos. [18]

44. « Quem no julgar as cousas se apressura
Imita aquelle, que estimasse o trigo,
Quando a seara inda não stá madura.
45. « No inverno hei visto espinho dar castigo
Ao que imprudente as ramas lhe tocara ;
Rosas depois offerecia amigo.
46. « E nau vi, que segura navegara,
Em viagem feliz, o salso argento,
Sossobar, quando o posto já tomara.
47. « De Deus antecipar-se ao julgamento [19]
Não queiram Dona Bertha e D. Martinho :
Se um rouba e é outro ás oblações attento,
Póde um se erguer, cahir outro em caminho. »—[20]

NOTAS AO CANTO XIII

S. Thomaz de Aquino resolve a segunda duvida, que occasionara a sua narração.

[1] A corôa ou grinalda de Ariadne foi convertida, depois da sua Morte, por Baccho em uma das constellações.

Ovidio *Met.* VIII:

Protinus Ægides rapta Minoide Diam
Vela dedit, comitemque suam crudelis inillo
Littore destituit. Desertæ et multa querenti
Amplexus et opem. Liber tulit; utque perenni
Sidere clara foret, sumptam de fronte coronam
Immisit cœlo. Tenues volat illa per auras:
Dumque volat, gemmæ nitidos vertuntur in ignes
Consistuntque loco, specie pemanente coronæ.
Qui medius nixique gem est anguemque tenentis.

[2] A imagem, que Dante afigura, consiste em dois circulos concentricos, a moverem-se em sentidos oppostos, formados por vinte e quatro estrellas, a saber: quinze dos mais brilhantes astros, sete da constellação da Carroça, os dois extremos da Ursa Menor. Os espiritos bemaventurados, que formam as duas choreas que gyram em torno de Dante e Beatriz, são os mencionados nos dois cantos antecedentes: S. Thomaz de Aquino, Alberto Magno, Graciano, Pedro Lombardo, Salomão, Dionysio Areopagita, Ambrosio, Boecio, Isidoro, o Veneravel Beda, Ricardo, Siger, S. Boaventura, Illuminato, Agostinho, Hugo de S. Victor, Pedro Mangiadore, Pedro de Hespanha, Nathan, S. João Chrystomo, S. Anselmo de Canterbury, Donato, Rabario e o Abbade Giovachino.

[3] Chiana, affluente do Arno.—V. notas ao c. XXIX do *Inf.*

[4] Nas festas de Baccho os seus devotos gritavam—*Evohe! Evohe!* Nas de Apollo os seus adoradores cantavam: *Io, Pean! Io, Pean!*

[5] Fala S. Thomaz de Aquino.

[6] Tendo sido explicada a primeira duvida apresentada por Dante, cumpre resolver a segunda. Referiu-se a primeira ao v. 96 do c. X—*U' bem s' impingua, se non si vaneggia*. A segunda ao v. 114 do mesmo canto—*A veder tanto non surgi il secondo*.

[7] Adam.

[8] Jesus Christo.

[9] Salomão.

[10] Quanto fica dito nos versos antecedentes significa em summa, que a sabedoria do filho de David é sem igual, considerado como Rei.

[11] Quantas são as intelligencias celestiaes, a cujo cargo está a direcção dos astros.

[12] Se dadas duas premissas, uma necessaria, outra contingente ou possivel, a consequencia será necessaria.

[13] Se se deve dar a existencia de um movimento primeiro.

[14] Triangulo, em que um dos lados seja o diametro de um circulo.

[15] O que Salomão pediu a Deus cifrou-se d'estas palavras: *Dabis servo tuo cor docile ut populum tuum judicare possit*. Não requereu sabedoria para conhecer as leis que regem os astros, nem para esgrimir-se com as subtilezas da dialectica, nem para altear-se ás sublimidades da metaphysica, nem para extremar-se nas demonstrações da geometria. Contentou-se com o coração docil e a prudencia para julgar o seu povo.

[16] Parmenides, natural de Elea, philosopho grego da escola eleatica, discipulo de Xenophanes, antes de dar-se ao estudo da philosophia, applicou-se ao serviço administrativo na sua patria em cargos eminentes e ao mesmo tempo promulgou diversas leis de grande utilidade. Já na idade madura passou-se para Athenas, onde ensinou os principios philosophicos, que professava, desenvolvendo a doutrina do seu mestre a da unidade absoluta e dando-lhe mais rigorosa fórma. A seu parecer, os conhecimentos classificavam-se em duas ordens —uma firmada na razão, outra que não ia além da apparencia: pela primeira sómente existe um ente unico, infinito, immutavel, sendo, por tanto, impossiveis a pluralidade, a mudança, a diversidade, inteiramente o opposto do que representa a segunda. Via em dois principios a chave de tudo: o calor e a terra. O seu poema *Da natureza* contém a expozição do seu systema.

« Os Eleatas, diz o illustre e doutissimo Sr. Latino Coelho, na obra já citada, são inconsequentes e inexpugnaveis na sua inexoravel dialectica, vel-os agora incursos em palpavel contradicção; por quanto ao passo que defendem residir a verdade no que é *um* e *todo*, indivisivel, immovel, incapaz de variação na grandeza e qualidade, em tanto que nas suas tenebrosas cogitações acerca da metaphysica se encastellam pertinazes n'um *monismo*, que destrue a natureza, eil-os que volvem sobre os seus passos para fazer brotar de um manifesto dualismo, do calor e do frio, da creadora luz e das trevas infecundas, do fogo e da terra, do ser e do não ser, da força e da materia, como hoje poderiamos dizer, a maravilhosa fabrica do mundo. » Viveu Parmenides no seculo VI antes de Jesus Christo.

Melisso foi discipulo de Parmenides. Distinguiu-se como philosopho, general e estadista. Não existem escriptos seus.

Brisso não foi, no conceito de Aristoteles, philosopho de muita valia. O Stagyrita o menciona por causa das suas opiniões a favor da quadratura do circulo e do methodo pelo qual pretendia proval-a.

17 Sabellio, heresiarcha, que, negando em Deus a Trindade das Pessoas, affirmava que constituia uma só Pessoa com as denominações de Padre, Filho e Espirito Santo. Nasceu na Africa e viveu no seculo da era christan. O concilio de Alexandria o condemnou em 251.

Ario, ainda mais famoso que o antecedente pelas suas doutrinas hereticas, ensinava que o Filho não era coeterno com o Padre. O concilio de Nicea condemnou-o em 325.

18 Entre os commentadores travou-se renhida discussão para decidir-se nos versos

Che faron come spade alle Scritture
In render torti li diritti volti,

quis Dante dizer que esses heresiarchas, a modo de espada mutilaram e desformaram a Escriptura, attribuindo-lhe erros, que ella reprova; ou que as feições da Escriptura eram contrafeitas, como as de um homem, cujo rosto fosse reflectido na lamina de uma espada. Além de outros, o *Ottimo* é do segundo parecer, quando diz: « *Quelli stolti chi furono alle Scritture, come le spade specchi a volti, le quali le rendono torti.* » Mas Paolo Costa não póde comprehender « *come le spade possano render torti i diritti volti, se elle non si riguardano como aventi le qualità di riflettere le immagini de' corpi a guisa de specchi.* »

19 Allusão á opinião dos que têm duvidado, fundando-se na Escriptura, se Salomão salvou-se ou foi condemnado ás penas eternas

20 Nomes trazidos para indicar pessoas idiotas ou demasiadamente ignorantes.

CANTO XIV

1. Do centro á borda e assim da borda ao centro
Agua n'um vaso circular se agita,
Se a commovem de fóra, se de dentro.
2. Isto que digo a mente me visita
Subito, quando o esp'rito glorioso
De Thomaz suspendeu a voz bemdicta, [1]
3. Por similhar-se ao effeito poderoso
Da sua voz e ao que Beatriz causava,
Quando assim disse em tom grave e donoso :
4. « O que saber este homem precisava
Com voz não disse, e, se o cogita, o ignora :
De outra verdade com raiz se trava.
5. « A aureola, dizei-lhe, em que se inflora
A substancia, que é vossa eternamente,
Comvosco ha de existir, bem como agora ?
6. « Se este esplendor em vós é permanente,
Quando visiveis fordes, resurgindo,
A vista soffrerá luz tão fulgente ? » —
7. Como em chorea as vozes vão subindo
E recresce a alegria, algum motivo
De alvoroço aos dansantes sobrevindo,

8. Assim os santos circulos mais vivo
Jubilo mostram no gyrar, no canto
Ante o rogo piedoso e compassivo.
9. Quem, por chegar a morte, sente espanto,
Para lograr no ceu viver divino,
Da eterna chuva desconhece o encanto.
10. Quem sempre reina, é uno, é duplo, é trino, [2]
E em trez, em dois, em um sempre perdura,
Não abrangido—e tudo abrange,—em hymno
11. De tão suave e consona doçura
Dos córos foi trez vezes acclamado,
Que um premio fôra da virtude pura.
12. No lume, de fulgor mais signalado, [3]
Ouvi, do menor circ'lo, voz modesta,
Como a do archanjo á Virgem deputado.
13.—« Quanto no Paraiso eterna a festa
Ha de ser, tanto o nosso amor vestido
Será de luz em torno manifesta.
14. « O brilho seu do ardor ha procedido
E o ardor da visão, que é tão gozosa,
Quanto a Graça o valor faz mais subido.
15. « E quando a carne santa e gloriosa
Revestirmos, será nossa pessoa
Completa e mais jocunda e mais ditosa.
16. « E o gratuito lume, que nos dôa
O Summo Bem, será mais rutilante :
A Gloria sua a ver nos affeiçôa.
17. « A visão se fará mais penetrante,
Mór o ardor se fará que alli se accende,
E o esplendor, que este dá, mais coruscante
18. « Qual carvão, que de si flammas desprende
E pelo vivo ardor as escurece
Tanto, que entre ellas seu rubor resplende,
19. « Este doce fulgor, que em nós parece,
Ver deixará o corpo resurgido,
Quando o somno, em que jaz um dia cesse.

20. « Nenhum será das luzes offendido :
Starão corporeos orgãos adaptados
A quanto a deleitar-nos fôr provido .»—
21. Os córos dois tão ledos e apressados
Responderam—amen—que bem mostravam
Quanto os trajos carnaes são desejados. [4]
22. Não por si sós talvez os cubiçaram,
Mas por amor dos paes, de entes queridos,
Antes que eternas flammas se tornaram.
23. Eis, em torno, de lumes incendidos
Novo circulo aos outros se accrescenta :
Qual nitente horizonte, os tem cingidos.
24. E como, quando á tarde a sombra augmenta,
No ceu começam de assomar estrellas,
Cuja luz dubia aos olhos se apresenta,
25. Assim me pareceu que via aquellas
Novas substancias, que, tambem gyrando,
Moviam-se em redor das c'rôas bellas.
26. Vero fulgor do Esp'rito Santo ! Oh! quando
Te mostraste de subito, candente,
Os olhos meus venceste, deslumbrando.
27. Mas Beatriz tão bella e tão ridente
Rebrilhou, que a visão maravilhosa,
Bem como outras, seguir não póde a mente.
28. Aos olhos força deu tão poderosa,
Que se alçaram ; e com ella transportado
Vi-me a esphera mais alta e luminosa.
29. Fui da minha ascensão certificado
Da purpurina estrella pelo gesto, [5]
Em que rubor notei não costumado.
30. N'esse falar a todos manifesto
Do coração a Deus vivo holocausto,
Por sua nova graça, humilde presto.
31. Do peito meu não era ainda exhausto
Do sacrificio o ardor, que convencido
De estar acceito fui, e ser-me fausto.

32. Tão lucidas, tão rubras, confundido
Vi luzes em dois raios fulgurantes,
Que disse :—O' Helios, [6] como os tens vertido !—
33. Galassia, [7] em astros mais, menos brilhantes
Branqueja, entre os dois polos collocados,
E os doutos deixa em duvida hesitantes :
34. De igual maneira em Marte constellados
O signo os raios formam venerando,
Diametros iguaes sendo cruzados. [8]
35. Me está memoria o engenho superando :
Se na cruz lampejar eu via CHRISTO,
Como acertar, exemplos procurando ?
36. Quem toma a Cruz e na jornada CHRISTO
Segue, desculpe o que me falta em arte,
Vendo n'esse esplendor rutilar CHRISTO.
37. Da cruz em cada braço, em toda a parte
Scintillantes mil fogos se moviam.
Qual desce, qual se eleva, qual desparte.
38. Assim subtis argueiros se veriam,
Rectos ou curvos rapidos ou lentos,
De fórmas, que multiplices variam,
39. De sol em restea, que entra os aposentos,
Onde da calma o homem se repara
Apurando do engenho e da arte inventos ;
40. E como da harpa e lyra se depara
Nas cordas varias doce melodia
A quem notas ignora e não compara ;
41. Assim d'esses luzeiros que alli via
Na Cruz formosa, extatico escutava,
Sem comprendel-a, angelica harmonia.
42. Que eram altos louvores bem julgava
— Resuscita e triumpha—acaso ouvindo :
Confusamente o hymno me soava.
43. Ouvia em tanto enlevo me sentindo,
Que inda não sinto cousa que mais queira,
A mente ao canto em doce enleio, unindo.

44. Ousado sou talvez d'esta maneira,
Parecendo pospor os olhos bellos,
Em que a minha alma se embevece inteira.
45. Mas quem reflecte que os eternos sellos
Vão da belleza no alto se apurando,
E aos olhos não voltava-me por vel-os,
46. A falta me achará perdão, notando
A verdade que digo : o prazer santo
Não excluo que em vel-a ia gozando :
Como a altura, se eleva o puro encanto.

NOTAS AO CANTO XIV

Beatriz propõe uma duvida, que é resolvida; depois conduz Dante ao quinto ceu, que é o de Marte, onde se lhe apresentam as almas, que haviam militado pela verdadeira fé.

[1] A voz de S. Thomaz partiu do circulo para o centro, a de Beatriz do centro para o circulo.

[2] Milton, *Par. Lost.* III:

Thee, Father, first they sung, Omnipotent
Immutable, Immortal, Infinite,
Eternal King; thee, Author of all being,
Fountain of light, thyself invisible
Amidst the glorious brightness where thou sitt'st
Throned inaccessible; but when thou shadest
The full blaze of thy beams, and through a cloud
Drawn round about thee like a radiant shrine,
Dark with excessive bright thy skirts appear,
Yet dazzle heaven; that brightest seraphim
Approach not, but with both wings veil their eyes.
Thee next they sang of all creation first,
Begotten Son, Divine Similitude
In whose conspicuous countenance, without cloud
Made visible, the Almighty Father shines
Whom else no creature can behold: on thee
Impressed the effulgence of his glory abides;
Transfused on thee his ample Spirit rests.

[3] A voz de Salomão.

[4] O desejo, que revelam, no ceu quarto, os bemaventurados, acha-se bellissimamente expresso no seguinte soneto de Petrarca, dirigido a Laura, depois do seu passamento:

Levommi il mio pensier in parte ov'era
Quella ch'io cerco e non ritrovo in terra:
Ivi, fra lor che'l terzo cerchio serra
La rividi più bella e meno altera.

Per man mi prese e disse: in questa spera
Sarai ancor meco, se'l desir non erra;
I' son colei che ti die' tanta guerra
E compie' mia giornata innanzi sera.

Mio ben non cape in l'intelletto umano:
Te solo aspetto, e, quel che tanto amasti,
E laggiuso è rimaso, il mio bel velo.

Deh perchè tacque ed allargò la mano?
Ch' al suon de' detti sì pietosi e casti
Poco mancò ch'io non rimasi in cielo.

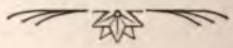
[5] O planeta Marte.

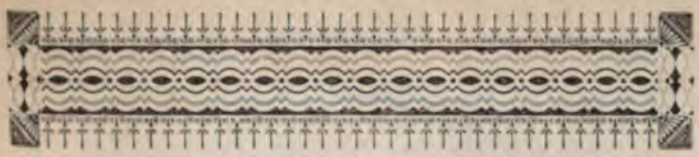
[6] *Elios, El, Eli* são nomes, que em hebraico significam Deus. D'ahi talvez se derivasse em grego Elios para designar o sol.

[7] Dante, no *Convito*, II, 15:

« Convém saber que variam as opiniões dos philosophos acerca da Galaxia. Disseram os Pithagoricos que o sol em certa occasião se transviara do verdadeiro caminho; e passando por outros logares menos apropriados ao seu ardor, os conflagrou em modo, que lá permaneceram os vestigios do incendio. Tenho para mim que n'esse conceito influiu a fabula de Phaetonte, que Ovidio commemorou no livro segundo das Metamorphoses. Outros disseram como, por exemplo, Anaxagoras e Democrito, que era a luz do sol repercutida n'aquella parte. Opiniões taes demonstraram com razões persuasivas. O que disse Aristoteles sobre este assumpto, não se sabe muito ao claro, pois o seu parecer em uma traducção não combina com o que se depara na outra. Supponho que houve erro do traductor, que na recente parece dizer a Galaxia é uma accumulação de vapores por baixo das estrellas n'esse logar, que sempre as acompanham, — razão esta, que não tem assomos de verdadeira. A traducção antiga diz que a Galaxia é uma multidão de estrellas fixas n'aquella parte, tão pequenas, que da terra se não podem distinguir, apparecendo sómente esse albor, que chamamos Galaxia. E póde ser que alli o ceu seja mais espesso e assim represa absorve a luz, — opinião, em que concertam Avicenna e Ptolomeu com Aristoteles. E, pois sendo a Galaxia effeito d'essas estrellas, que não podemos ver, mas entendemos sómente pelo seu effeito; e tratando a metaphysica das primeiras substancias, que tambem pelos effeitos unicamente comprehendemos, é evidente que o ceu estrellado muito se assimilha á metaphysica.»

[8] Sobre o planeta Marte estava uma cruz luminosa. O Poeta representando-a assim no quinto ceu para enalçar a gloria dos que pelejaram e perderam a vida nas guerras sagradas, como foram consideradas as cruzadas, cujos campeões assignalavam as suas armas com a insignia da cruz.





CANTO XV

1. BENEVOLO querer, que significa
Sempre esse amor, que a caridade inspira,
Como a cubiça o mau querer indica,
2. Silencio pondo áquella doce lyra ;
Os sons ás cordas santas suspendia,
Que lá do ceu a dextra afrouxa e estira.
3. Como aos claros espiritos seria
Em vão meu justo rogo, se excital-o,
De accordo se calando, lhes prazia ?
4. Ah ! pranteie sem treguas e intervallo
Quem, do amor transitorio captivado,
Poude do amor eterno avantajal-o !
5. Como o sereno azul atravessado
A's vezes é por fogo repentino,
Que os olhos nos salteia inesperado ;
6. Dissereis astro a procurar destino,
Se algum faltasse á parte, onde se accende
Esse instantaneo lume peregrino :
7. Assim do braço, que á direita extende,
Da cruz ao pé vi deslizar um astro
D'essa constellação, que alli resplende.

8. Não desfiou-se a per'la do seu nastro ;
Pela brilhante linha descendera,
Como fogo a luzir sob o alabastro.
9. De Anchise a sombra pia assim correra,
Se fé merece a Mantuana Musa,
Quando Enéas no Elysio apparecera.
10. *O' sanguis meus ! O' super infusa*
Gratia Dei ! Sicut tibi cui
Bis unquam cœli janua reclusa ! [2]
11. Minha attenção na luz, que o diz, se imbue ;
Voltei depois p'ra Beatriz o viso ;
Aqui e alli estupefacto eu fui.
12. Nos olhos seus ardia um tal sorriso,
Que, encarando-a, cuidei tocar o fundo
Da ventura no eterno Paraiso.
13. E esse esp'rito, a se ver e ouvir jocundo,
Vozes aduz, que a mente não comprende,
Tanto o sentido seu era profundo.
14. Adrede a obscuro o seu dizer não tende ;
Mas por necessidade o seu conceito
Além da esphera dos mortaes ascende.
15. Quando o arco afrouxou do ardente affeito,
E em proporção do humano entendimento
Do seu falar manifestou-se o effeito,
16. Pude estas vezes distinguir, attento :
« Bemdicto sejas, Deus, Um na Trindade,
Que á prole minha dás tão alto alento !
17. « Meu longo e caro anhelo, na verdade
Des que no grande livro hei ler podido,
Immutavel na sua eternidade, [3]
18. « Cumpres, ó filho ; e d'esta luz vestido
A'quella, que ao teu vôo sublimado
Prestou azas, eu louvo agradecido.
19. « Tu crês que o teu pensar me é dirivado
Do Ser Primeiro, como da unidade
Sabida o cinco e o seis se vê formado. [4]

20. « E pois, quem sou e a minha alacridade,
Maior que a de outros n'esta grei contente,
Não mostras de saber curiosidade.
21. « Crês a verdade : o espelho refulgente
D'esta vida reflecte o pensamento
Antes que nasça e a todos faz patente.
22. « Mas, para o sacro o amor, que traz-me attento
Em perpetua visão, doce desejo
Me accendendo, alcançar contentamento,
23. « Com voz clara, segura e alegre, ensejo
De ouvir tua vontade me offerece :
Qual resposta hei de dar-te eu já antevejo. »—
24. « P'ra Beatriz voltei-me : já conhece
Quanto intento, e, acenando prazenteira,
Ao querer meu as azas engradece.
25.—« A cada qual de vós des que a Primeira
Igualdade mostrou-se, amor, sciencia
Se fizeram em vós de igual craveira ;
26. « Pois ao Sol, que vos deu tão viva ardencia
E luz tal dispensou, tanto se igualam,
Que não tem na igualdade competencia.
27. « Mas nos mortaes o affecto e o saber se alam,
Pela causa, a vós outros manifesta,
Com plumas, que, diff'rentes se assignalam.
28. « Eu, pois, que sou mortal, sujeito a esta
Disigualdade, de alma unicamente
Respondo á tua carinhosa festa.
29. « Supplico, assim, topazio resplendente,
Que adornas esta joia preciosa,
Me faças do teu nome ora sciente. »—
30. F'alei. Com voz tornou-me amaviosa :
—« O' flor, que tanto eu, sofrego, esperava,
Do tronco meu brotaste primorosa !
31. « Aquelle, em quem teu nome começara,
Que, ha mais de um sec'lo já, no monte erguido
Do primeiro degrau se não separa, [5]

32. « Meu filho foi, teu bisavô ha sido :
Por obras deves lhe encurtar fadiga,
Quando á vida mortal hajas volvido.

33. « Florença dentro em sua cerca antiga,
Onde resôa ainda a Terça e a Noa, [6]
Vivia honesta e sobria em paz amiga.

34. « Não tinha aureos collares, nem corôa,
Chapins, cintos de damas em que havia
Mais que virdo quem graças da pessoa.

35. « No pae, nascendo, a filha não movia
Temor ; em tempo azado se casava
E o dote as proporções nunca excedia.

36. « Cada qual do seu lar se contentava;
Não alardava então Sardanapalo [7]
Da alcova o que no encerro se occultava.

37. « Não era inda vencido Montemalo
Por vosso Uccelatojo [8] que, excedido
Na altura, hade, ao cahir dar mór abalo.

38. « Bellincion Berti [9] eu vi andar cingido
De couro e de osso, e tambem vi-lhe a esposa
Voltar do espelho sem rubor fingido.

39. « Vestindo pelle simples, não fastosa
Nerlis e Vecchios [10] vi, no fuso e roca
Tendo as consortes vida deleitosa.

40. « Ditosas ! A nenhuma a dor suffoca
Sperando o esposo, que roubou-lhe a França [11]
Nem o jazigo ignora, que lhe toca.

41. « Uma o berço do filho seu balança,
E o consola n'aquelle doce idioma
Que aos paes o coração no enlevo lança.

42. « Outra, estirando do seu fuso a coma,
Reconta aos filhos o que houvera outrora
Em Fiesole, em Troia e antiga Roma.

43. « N'esse bom tempo maravilha fôra
Uma Cianghella [12] um Lapo Salterello, [13]
Como Cornelia e Cincinnato [14] agora.

44. « Da cidade n'aquelle viver bello,
No seio d'essa gente honrada e fida,
N'essa doce mansão, da paz modelo,
45. « Me deu Maria á minha mãe dorido,
E em vosso Baptisterio [15] hei recebido
Os nomes de christão e Cacciaguida.
46. « Irmãos Moronto e Elyseu hei tido,
Minha esposa nasceu em Val-di-Pado: [16]
D'essa origem provem teu appellido.
47. « Segui na guerra Imperador Conrado, [17]
Que me armou cavalleiro na milicia,
Altos feitos me tendo assignalado.
48. « Com elle pelejei contra a nequicia
Do infiel, que o direito vosso opprime
De culpado Pastor pela malicia.
49. « Da torpe gente o assalto lá me exime
Dos enganosos vinculos do mundo,
Cujo amor nodoas tantas na alma imprime:
Martyr, vim ao repouso sem segundo.» —

NOTAS AO CANTO XV

Cacciaguida, progenitor de Dante, fala-lhe da genealogia da sua familia, dos costumes de Florença no seu tempo e do seu fim glorioso pelejando contra os Sarracenos.

[1] Virgilio, *En.* VI :

At pater Anchises penitus convalle virenti
Inclusas animas, superumque ad lumen ituras
Lustrabat studio recolens : omnemque suorum
Forte recensebat numerum, carosque nepotes
Fataque, fortunasque virûm, moresque, manusque.
Isque ubi tendentem adversum per gramina vidit
Æneam, alacris palmas utrasque tetendit :
Effusæque genis lacrymæ, et vox excidit ore :
Venisti tandem, tua quespèctata parenti
Vicit iter durum pietas ! datur ora tueri,
Nate, tua, et notas autire et reddere voces ?
Sic equidem ducebam animo, rebarque futurum.
Tempora dinumerans ; nec me mea cura, fefellit.
Quas ego te terras et quanta per æquora vectum
Accipio ! quantis jactatum, nate, periclis !
Quam metui, de quid Libyæ tibi regna nocerent !

Trad. de J. F. Barreto :

O padre Anchises vem recenseando
Com diligencia grandes as innocentes
Almas, que haviam de ir ao alto mundo
Separadas n'um valle mui jocundo.
Todo o numero acaso então contava
Da sua clara estirpe e os seus amados
Netos, cujo poder tambem notava,
Seus costumes, fortunas e seus fados.
Tanto que a Enéas vio que atravessava
Defronte os frescos e gramineos prados,
As mãos alegre ergueu e um mar vertendo
De lagrimas, a voz soltou dizendo :

« Vieste em fim, e a tua piedade,
De mim louvada, esta difficil via
Venceu; e tenho, ó filho, faculdade
De já ver esse rosto, em que eu me via:
Posso ver-te e falar-te. Na verdade
Que, os tempos e calculando, assi o previa,
E assi o tinha em meu animo assentado;
Nem n'isto me enganou o meu cuidado.
« Por quanto mar e terras compellido
A receber-te chego, ó filho amado,
E a que perigos mil offerecido!
Mas em Libya me deste gran cuidado »

[2] Cacciaguida fala em latim por ser essa a linguagem corrente na Italia no seu tempo.

[3] O *Ottimo* interpreta do seguinte modo o *maggior volume:*

« Dizem alguns que esse volume foi o livro de Virgilio *Æneidos*, que jámais foi alterado por correcções e que deu ao Autor motivo para estudar theologia... Esta é a suppozição mais verdadeira. Foi como se Cacciaguida dissesse: desejavas saber se as almas dos bemaventurados se desvelam pelos parentes, que estão na primeira vida; depois do que disse Virgilio, vês que essa verdade se confirma por mim, que me mostro tão piedoso para comtigo, como praticou. Anchises com Enéas, quando desceu ao logar, em que elle estava. »

[4] Allusão á doutrina pythagorica formada nos numeros.

O Sr. Latino Coelho, obra citada, diz:

« O numero é como se sabe, a noção creadora da philosophia pythagorica e o principio determinante do universo. Talvez Pythagoras e a escola italica não attribuissem ao numero, como principio cosmico a mesma significação, que tinham na escola jonica os principios materiaes de Thales, de Heraclito e Anaximiandro. Os numeros não seriam n'esta philosophia o principio, mas a lei. O theorema fundamental da sua sciencia é que o mundo todo é numero e harmonia. Esta admiravel intuição de que a natureza é um systema concatenado segundo leis numericas, é, por assim dizer, uma infinita equação, uma formula realizada, constitue a distincção fundamental entre o pythagorismo e as escolas, que o antecederam ou seguiram. O pythagorismo representa um todo novo original, verdadeiramente philosophico, de considerar a natureza. Os Ionios tinham architectado systemas especulativos para explicar principalmente a origem, a cosmogonia do universo. Pythagoras, ou a direcção intellectual representada por este nome, comprehende pela primeira vez que o mais grave problema da sciencia não é a transição conjectural do cahos ou do *mégina* para a ordem no universo, mas o estudo reflexivo das leis, em cuja virtude a natureza é verdadeira e actualmente *Kosmos* ou harmonia universal. O proprio vocabulo, *Kosmos*, o *mundos* dos Romanos, o ornato, a compostura, a ordem ideal, a regra da disposição, a harmonia intelligente é pela primeira vez introduzida na linguagem philosophica pelos illustres pensadores da escola italica. E não poderimos nós hoje asseverar tambem fundadamente que o numero governa sem appellação a natureza, e que o universo inteiro, desde as regiões sideraes e planetanas até tenebrosa profundidade do mundo molecular, estriba sobre o numero, como sobre o inabalavel alicerce de toda a creação? »

[5] O bisavô de Dante, o primeiro da sua familia, que se chamou Alighieri, estava no *Purgatorio* por peccado da Soberba. O Poeta omittiu o encontro com esse parente seu na montanha da penitencia, e mencionou-o indirectamente

por boca de Cacciaguida, conciliando d'esta arte, como mestre, a conveniencia com a verdade.

[6] *Convito*, IV, 23:

« Segundo a distincção feita pela Igreja nas horas do dia temporal, o officio da primeira parte do dia, isto é, da terça, se diz no fim d'ella, o da terceira e quarta parte se diz no principio... Assim convem saber que a nona exacta deve soar no começo da setima hora do dia. »

[7] Sardanapalo, ultimo soberano do primeiro imperio dos Assyrios, é mencionado como typo da vida afeminada e voluptuosa. Se diz, mas sem o caracter da verdade historica, que o seu mau governo provocou a rebellião dos Persas, Medas e Babylonios, dirigidos por Arbaces e Belesis, os quaes afinal o cercaram em Ninive, onde reduzido ao extremo de ser prisioneiro dos sublevados, tomou a morte com as proprias mãos lançando-se n'uma fogueira com as suas riquezas e mulheres. Julga-se que reinara no seculo IX antes de J. C

[8] Montenalo ou Montemario, collina, d'onde o viandante, que procede de Viterbo, descortina Roma pela primeira vez. Uccelatorio, outra collina, de cujo cimo os que seguem de Bolonha tem vista de Florença. Aqui tinham-se erigido edificios de nobre fabrica. « Sua conservação, disse o *Ottimo*, era causa de grande despeza em tempo de guerra, assim como em tempo de paz: em tempo de paz para a familia e para os amigos; em tempo de guerra para guardal-os com tropa e mão armada. Foram occasião de muitas perdições e mortes, porque attrahiram de longe os inimigos, que os investiam a ferro e fogo. »

[9] Bellincion Berti, da familia dos Ravignani. D'elle se trata no c. XVI e suas notas.

[10] Duas familias antigas e opulentas de Florença.

[11] Os seus maridos não as deixavam para ir mercadejar na França e assim accumular riquezas: contentavam-se com os seus modestos haveres.

[12] Cianghella, dama florentina da nobre casa de Tosa, que em Imola fôra casada com Lito degli Alidosi. Tendo enviuvado com tanta lascivia e torpeza, que o seu nome era exemplo de concupiscencia desenfreada, como o fôra o de Messalina em Roma.

[13] Lapo Salterello, jurisconsulto de Florença, chicanista cadimo e maldizente desenfreiado, notavel igualmente por costumes afeminados e descompostos. Na sentença, que condemnou Dante Alighieri á fogueira e com elle outros, foi comprehendido no segundo logar—*dominum Lapum Salterelli judicem*.

[14] Cornelia, filha de Scipião o vencedor de Hannibal e esposa de Tiberio Graccho, censor, duas vezes consul, duas vezes triumphador, de quem teve doze filhos. Era tal a fama das suas virtudes que Ptolomeu, Rei do Egypto em vão lhe offereceu a sua mão e o seu throno, como refere Plutarcho. Na historia a sua maior gloria é a de ter sido a mãe dos Graccho,—Tiberio e Caio. Uma estatua de bronze foi erigida em sua honra, no pedestal foi insculpida esta inscripção, que a posteridade tem repetido: *Cornelia, Mãe dos Gracchos*.

Cincinnato, o grande cidadão, que por vezes salvou Roma como dictador, e que, passado o perigo, voltou aos seus trabalhos ruraes, de que temporariamente o afastara o serviço da patria.

15 A igreja de S. João Baptista, em Florença.

16 Cacciaguida casou-se com uma senhora oriunda de Val de Pado, districto de Ferrara, da familia dos Alighieris, da qual proveiu a Dante o appellido de Alighieri.

17 Conrado III, da casa de Suabra, partiu para a Terra Santa na segunda cruzada, que pregou S. Bernardo no pontificado de Eugenio III, com Luiz VII da França e outros principes. Tornado aos seus Estados, falleceu em 1152, decimo quinto anno do seu reinado.

CANTO XVI

O' mesquinha nobreza de alto sangue!
Se tanto homem de haver te se gloria
N'este mundo, em que o affecto enfermo langue,
Maravilhar-me já não poderia
Pois me senti, por causa tal, ufano
No ceu, onde o appetite não varia.
E's manto exposto em breve a estrago e damno:
Se te faltar reparação constante,
A mão do tempo te cerceia o panno.
4. A responder começo a luz brilhante
Por vós, [1] de que, primeira, Roma usara,
Mas que em vulgar dicção não foi avante.
5. Beatriz, que algum tanto se afastara,
Fez, sorrindo-se, como a que tussira,
Quando a primeira vez Genova errara. [2]
6.—« Vós sois, meu pae »—disse eu—« em vós se inspira
Para falar-vos do animo a ousadia,
Me alçais mais do que a mente propria aspira.
7. « Por tantos rios se enche de alegria
Minha alma que em ledice é transformada,
Pois do prazer não vence-a a demasia.

8. « Dizei-me, pois, minha primicia amada,
Os ascendentes vossos e em qual era
Foi a vossa puericia assignalada.
9. « De São João [3] a grei como vivera
Dizei-me e os que em seu seio se mostraram,
A quem mais alta distincção coubera.»—
10. Como ao sopro do vento mais se aclaram
As flammas no carvão d'essa arte áquella
Luz, me ouvindo, os fulgores se avivaram.
11. E quanto aos olhos se ostentou mais bella,
Tanto com voz mais doce e mais suave
Respondeu, sem falar vulgar loquella, [4]
12. Disse :—« Do dia, em que se ouvia o *Ave*
Ao momento, em que ao mundo a mãe querida,
Hoje santa me deu no transe grave,
13. Do Leão foi aos pés reaccendida
De Marte a luz quinhentos e cincoenta
Vezes mais trinta na incessante lida. [5]
14. « O logar, onde o *sesto* ultimo assenta,
Dos jogos annuaes termo á carreira,
Meu berço e o dos avós te representa. [6]
15. D'elles te baste esta noção primeira :
O que hão sido, onde é sua permanencia
Calar prefiro a dar noticia inteira.
16. « Dos que haviam então sufficiencia
Para a guerra, entre Marte e João Baptista, [7]
São quintuplo os que têm ora existencia. [8]
17. « Toda a gente, porém, que se vê mixta
Co'a de Campi, Certaldo, e mais Figghine
Pura estava, do nobre até o artista. [9]
18. « Acerto fôra do que bem combine
Tel-os visinhos, linha demarcando,
Que com Trepiano e com Galuz confine,
19. « Em logar de hospedar o infecto bando
Dos villões de Aguglion junto aos de Signa,
Da fraude expertos no mister nefando. [10]

20. « Se a gente, hoje no mundo a mais maligna,
A Cesar não se houvesse declarado
Cruel madrasta em vez de mãe benigna,

21. « Quem se diz Florentino e á usura é dado,
Vende a merca, tornava a Simifonte,
Onde o avô mendigava esfarrapado . [11]

22. « Ainda em Montemurli foram Conti, [12]
Os seus Cerchi ainda Acone conservara [13]
E, talvez, Valdigrieve [14] os Buondelmonte.

23. « Sempre de castas confusão depara,
Como a de cibo em corpo mal disposto,
Mal á cidade, e damnos lhes prepara.

24. « Touro cego primeiro em terra é posto
Que anho cego ; e melhor corta uma espada
Do que cinco n'um feixe bem composto.

25. « Se de Urbisaglia a sorte desgraçada
E a de Luni tu vês, se igual espera
Chiusi e Sinigaglia malfadada : [15]

26. « Dos solares mau fim não parecera
A' tua mente extranheza ou caso forte,
Pois no exicio de Estados considera.

27. « Terrenas cousas todas soffrem morte,
Como vós ; mas de algumas, perdurando,
Quem curta vida tem não sabe a sorte.

28. « E como a lua, sem cessar girando
Cobre ou descobre as praias do oceano, [16]
De Florença a furtuna vai mudando.

29. « Assim que não supponhas mais que humano
O que eu disser de eximios Florentinos,
A cuja fama o tempo já fez damno.

30. « Eu vi os Ughi, [17] vi os Catellinos,
Filippe, Greci, Ornami e os Albericos
Decadentes, mas ainda nobres, di'nos.

31. « Grandes em fama, de virtudes ricos
Os de Sanella vi ; tambem os de Arca,
Soldanieri, Ardinghos e Bastichos.

32. « A' porta de São Pedro, que ora abarca
Infamia nova tanto em pezo ingente,
Que fará sossobrar em breve a barca,
33. « Estavam Ravignans ; seu descendente
Foi Conde Guido e quantos ao diante
De Bellíncione o nome tem fulgente.
34. « Della Pressa em governo era prestante
E Galligaio no solar dourara
Punho e copos da espada fulgurante.
35. « A Columna do Esquilo se elevara,
Sacchetti, Giuochi Sifanti e Barucci
Galli e quem pelo alqueire se peijara. [18]
36. « Era já grande o tronco dos Calfucci [19]
E ás cadeiras curues tinham subido,
Assumindo o poder, Sizi e Arragucci.
37. « Quanto lustre d'aquelles, que abatido
Tem soberba ! [20] Que feito viu Florença
Sem ser de *Espheras de Ouro* ennobrecido ? [21]
38. « Eram paes dos que julgam [22] gloria immensa
No consistorio, vago o episcopado,
Cevar-se dos banquetes na licença.
39. « Surgia o bando já sem peijo e ousado, [23]
Dragão, que investe a quem lhe teme a ira
Cordeiro em vendo bolsa ou braço armado.
40. « De principio tão vil a origem tira,
Que Donato Ubertino se affrontava,
Quando a um d'esses o sogro a filha unira.
41. « Já Caponsacco [24] no Mercado estava,
De Fiesoli vindo ; e lá já era
Giuda, Infangato : o nome os illustrava.
42. « Incrivel cousa vou dizer, mas vera :
No recinto uma porta outrora havia,
A' qual deu nome a gente della Pera. [25]
43. « Fidalgo, que o brazão bello trazia
Do Barão [26] cujo nome, gloria e vida
De São Thomé celebra-se no dia ;

44. « Lhe deve o privilegio e honra subida ;
Mas hoje ao popular partido se une
Trazendo de ouro a faxa guarnecida. [27]

45. « Já Gualterotti viam-se e Importuni ; [28]
E em Borgo a paz de todo se perdera,
Quando uma turba nova em si reune.

46. « A casa, de que o mal vosso nascera,
Que vos deu morte, justamente irada,
E ao feliz viver vosso o fim pozera,

47. « Em si, na prole sua fôra honrada.
Por que sua alliança recusaste
Por suggestão, o Buondelmonte, errada ? [29]

48. « Quando a cidade a vez primeira entraste,
Se do Emma [30] ás aguas Deus te houvesse dado,
Ledice fôra o pranto, que causaste :

49. « Forçado era que ao marmore quebrado, [31]
Da ponte guarda, victima immolasse
Florença, de sua paz o fim chegado.

50. « Com esses e outros, que inda eu mais lembrasse,
Florença vi gozar fausto repouso,
Sem motivo, que pranto lhe excitasse.

51. « Com esses e outros vi tão glorioso
E junto o povo, que ao rever lançado
Não era na hastea o lyrio [32] seu formoso,
Nem por facções em rubro transformado. » —

NOTAS AO CANTO XVI

Continúa a falar Cacciaguida, referindo-se ao passado.

[1] Dante, em quanto não sabia quem era o espirito, que lhe falava, usou *tu* respondendo-lhe; mas, depois que ficou inteirado de ser elle um dos seus antepassados, exprimiu-se ceremoniosamente, e disse—*vós*. A substituição do singular pelo plural começou a vogar em Roma da dictadura de Julio Cesar em diante.

[2] Denotava o sorriso de Beatriz que approvava o estylo, de que se serviu Dante, como a tosse da camareira da Rainha Ginevra animava Lanceloto a ir por diante nos seus commettimentos amorosos.—V. c. V do *Inf.*

[3] São João Baptista é o patrono de Florença.

[4] Em tempo de Cacciaguida as pessoas nobres por sangue e educação falavam em latim; da lingua vernacula usava sómente o Povo.

[5] Em algumas edições lia-se *cinquecento cinquante e tre fiate*, lição, que foi seguida e adoptada pelo academico della Crusca; mas ficou averiguado que a exacta é esta outra *cinquecento cinquante e trenta fiate*, aliás admittida pelos commentadores antigos em geral. E' a exacta, porque exprime aproximadamente a verdadeira data do nascimento de Cacciaguida. Segundo as taboas astronomicas do Rei Affonso de Castelha, o Sabio, completava-se em menos de dois annos a revolução do planeta Marte: provavelmente Dante as conhecia. O calculo exarado d'essas taboas dava 686 dias, 22 horas e 29 minutos, menos 43 dias que dois annos solares. Contando-se do dia de Encarnação de Jesus Christo, quando o Archanjo Gabriel disse *Ave, Maria*, ao do nascimento de Cacciaguida as 580 vezes, que o planeta Marte entrava no signo de Leão, e multiplicando-se esse numero pelo que designa a revolução d'aquelle planeta, resulta que o numero do nascimento de Cacciaguida cahiu entre 1090 e 1091 da era christan. Pelo calculo dos que davam á mencionada revolução o espaço de dois annos, essa mesma lição de 580 vezes tambem conduziria a um erro, o de attribuir-se áquelle facto a data de 1160, anno posterior á morte de Cacciaguida, que se julga ter occorrido antes de 1152. Para evitar a differença, os que abraçaram tal calculo reduziram as vezes a 553, e por este meio chegaram á conclusão—que o herôe nascera em 1106.

Humboldt, *Cosmos*, III, p. 492, diz que a revolução do planeta Marte se faz em 686 dias 17 h. 30' 41".

[6] Florença demora á margem do Arno, de leste a oeste. Era repartida em seis bairros, denominados sesti ou sestieri. Como contavam-se em ordem opposta á corrente do rio, e os pareos de cavallos celebrados no dia de S. João Baptista se faziam tambem na mesma direcção, vem a ser o ultimo *sesto* na altura do *Mercato Vecchio*. Os sestiere constituiam circumscripções tanto para a organisação militar, como para a administração judiciaria e civil. Tinha cada um bandeira propria, que seguiam as companhias de milicia que lhe competiam. Destinguiam taes bandeiras os *sestiere* pelas côres: a de Oltrarno era branca; a de Porta San Piero, amarella; a de Porta del Duomo, vermelha; a de Borgo Sant'Apostolo, branca e azul; a de San Panerazio ou San Brancazio vermelha e branca; e a de San Pier Scheraggio, listrada de amarello e negro.

[7] Estes limites significam a area da cidade primitiva, collocada entre a ponte *Vecchia*, sobre o Arno, onde houvera uma estatua de Marte e a igreja de S. João Baptista.

[8] D'esta arte mostra o Poeta a exiguidade de Florença no seculo XI. Em 1300 orçava-se a sua população em 70.000 almas; no tempo de Cacciaguida não excedia 14.000, a quinta parte.

[9] Campi, logar entre Prato e Florença. Certaldo, situado em Val d'Elsa. Figghine, em Val d'Arno. Os individuos, que foram d'esses logares para Florença, habitavam, diz o *Ottimo*, no *seito*, ultimamente edificado, a que se dava o nome de Oltrarno.

[10] O *Ottimo*:

« Diz o Autor que em pról da cidade fôra incomparavelmente melhor que os emigrados dos trez mencionados logares ficassem nos confins, em Galuzo, a uma milha da cidade, e em Trespiano, que demora cinco milhas, do que recebel-os no seu recinto, que empestaram com a infecção dos seus ruins feitos, d'elles e dos outros camparios, que se misturaram com os cidadãos, por serem todos fraudulentos e corruptores dos bons costumes. E em especial allude a dois abalizados por taes defeitos no tempo do Autor e por isso mais occasionados a damnar a cidade: um, juiz, chamado Baldo di Aguglione, e o outro, conhecido com o nome de Fazio de Signa. Aguglione e Signa são distinctos do termo de Florença.»

[11] O *Ottimo*:

« Explicando a causa d'essa damnosa agglomeração o Autor affirma, que provém de ter Roma procedido para com os Imperadores, não como mãe, senão como madrasta, de ter lançado de si o Imperio, que n'ella e d'ella nascera, de não serem nomeados pelos Imperadores, ausentes da sua verdadeira sêde, os censores, os prefeitos das provincias, os legados, os defensores das cidades, os advogados, os procuradores do fisco e os outros officiaes publicos, a quem incumbe expurgar as provincias dos homens perversos e contagiosos e concorrer para boa organização e dispozição da monarchia do mundo,—de feição que não se accendessem guerras e cada qual se contivesse nos limites do seu territorio. E assim quem agora é cidadão de Florença e vive de cambios, onzenas e mercancias voltará para Semifonte, onde seu avô mendigava. Essa povoação foi, mediante crescidas despezas, conquistada e destruida pelos Florentinos. Os moradores do campo não teriam ido habitar na cidade, se a Sé de Roma tivesse paz com o seu Imperador, visto como os Florentinos não moveriam guerra contra o Imperio. »

Acerca de Semifonte diz o Sr. Perrens, obra citada :

« Entre Siena e Empoli os condes Alberti di Vermo possuiam trez fortalezas, assaz damnosas ao trafego dos Florentinos, Pogna, Certaldo e Semifonte. Frederico Barbaroxa, quando mais encarecia a sua reacção feudal, os tinham empossado n'essas fortalezas. Pogna continuava a escorchar os viandantes. Formidaveis baluartes fortaleciam Semifonte, á qual era vedada, por antigo pacto, levantar obras de defensão. Sendo, como era, ajudada pelos de São Gemignano, que demora a duas milhas, constituia obstaculo quasi invencivel a quem tivesse de dar sobre Siena. Por isso em novembro de 1184 Florença obrigara o Conde Alberto, sua mulher Tabernauiz os seus filhos Guido e Maizzardo a comprometter-se, sob juramento, a arrazar o castello de Pogna, todas as torres de Certaldo e todas as casas de Semifonte, e ceder a Florença metade das alcavalas, que recebiam as suas *rocche* dos valles de Elsa e Arno. Mas foram promessas vans... Florença teve de fazer justiça pela suas proprias mãos. De sobresalto investiu e vendeu Pogna, impossibilitada de resistir : o conde e seus filhos foram capturados (setembro de 1198.) Certaldo, espavorida jurou fidelidade e prometteu uma offerenda annual á igreja de S. João. Semifonte, porém, recusou-se a todo e qualquer ajuste : e assim foi o alvo, a que se endereçaram com todas as forças os Florentinos.

« Esta praça era situada no centro de Val d'Elsa no alto de uma chapada de fórma semicirculo, torneada de profundos valles : coroavam-a fortificações quasi inaccessiveis. Comprehendia cerca de 300 fogos, e, portanto, 300 homens capazes de pegar em armas. Não sentia a perda dos seus antigos dominadores, tão dados a extorsões, tão desconversaveis para os pequenos. Desde que estavam prisioneiros, Semifonte havia inaugurado um governo livre, de que tantos modelos se lhe offereciam nas localidades proximas. Assim ficava o conde Alberto de Vermo tão inimigo dos seus vassallos como a propria Florença. Ardilosamente intimado para fazer cessar as violencias commettidas em detrimento dos mercados florentinos, teve de ceder, bom ou mau grado seu, todos os direitos, que tinha ao mando e dominio de Semifonte, prometter coadjuvação á conquista, reiterar os seus compromissos de 1184. Constituiu-se d'esta arte subdito de Florença...

« Começou, pois, o cerco de Semifonte, que se prolongou desmesuradamente, já pela inexperiencia dos sitiantes, já pela resolução e esforço dos Semifontenses. A fortaleza parecia avigorar-se do perigo. Tinha-se apercebido para a defensão com taes aprestos, que pareceu ameaçar Florença. Dizia-se : *Florença fatti in là,—che Simifonte si fà città.*—Dois annos durou o cerco. Florença, rendendo a cidade, não arrazou-a, como se lhe attribuiu : tendo-se compromettido á obediencia, deixou-lhe mesquinha e dependente existencia. Pouco a pouco os vencidos ou seus filhos, a exemplo dos Fresolanos, foram morar entre os vencedores. Em breve jaziam ruinas, onde outrora se levantava uma cidade. No correr dos tempos até as ruinas desappareceram e o nome de Semifonte apagou-se da memoria dos homens, posto que algumas das principaes familias de Florença os Pittis, os Barberinis, os del Turco, os Vellutis descendessem de emigrados de Semifonte. Hoje em dia quem quizesse visitar o triste logar onde outrora se entonava uma fortaleza formidavel, teria de perguntar aos *contadini* pela collina de Petrognano. »

[12] Montemurlo, castello, que pertenceu aos conti Guidi, os quaes venderam-o aos Florentinos em 1203 por 5986 florins, por não poderem defendel-o das aggressões dos Pistoienses. Montemurli continuou a ser causa de guerras entre Florença e Pistoia.

[13] Os Cerchi, tão opulentos e populares em Florença, ao ponto de serem instigadores e cabeças principaes da parcialidade *Branca*, a que pertenceu

Dante (infelizmente—diz o *Ottimo*) emigraram de Pivier d'Acone, que teve guerras contra Florença, a qual em 1153 tomou-a e arrazou-a.

[14] A poderosa familia dos Buondelmontis, famosos na historia das guerras civis de Florença, a que em grande parte deram causa, procedia de Valdigrieve ou Valle do Grieve, affluente do Arno.

[15] Luni, cidade principal da Lunigiana, ja decadente ao tempo de Dante e destruida depois.—Urbisaglia, outrora cidade notavel na Marca de Ancona.—Chiusi, que antigamente foi assento de um dos doze Reis Etruscos, passou de cidade poderosa e nobre por edificios a humilde logarejo.— Sinigaglia, pequena cidade no maritimo do Adriatico. Attribue-se a sua fundação aos Gallos Senones.

[16] Disse o Conde Trissino:

Alguns dos enthusiastas do nosso Poeta, não lhes bastando exaltar até as nuvens a discreta e engenhosa comparação, levaram o encarecimento ao ponto de asseverarem que ahi se encerra a menção da verdadeira causa do fluxo e refluxo, isto é, a attracção natural da lua. Ferroni, respondendo-lhes, acertadamente remata que não se deve torcer o sentido genuino dos versos de Dante para desentranhar doutrinas, de todo o ponto alheias ao grau de cultura, que alcançara o seculo, em que viveu; que Dante é tão soberanamente opulento, que não ha mister ataviar-se com os singulares descobrimentos modernos; e que nas suas obras escriptas em vulgar tanta sciencia resplandesce e tanto se patenteiam a vastidão e sublimidade do seu engenho, que de critico pouco atilado e mal avisado interprete seria querer com falsas glorias acerescentar-lhe as verdadeiras. »

[17] Acerca dos Florentinos de quem fala Cacciaguida, diz o *Ottimo*:

« Os Ughis foram cidadãos nobres, de quem proveiu o nome de uma das igrejas de Florença, Santa Maria Ughi, a qual, no sabbado santo, faz signal para accender-se o fogo bento na cidade. Tambem se diz que deram o seu nome a um logar proximo á cidade, chamado Monte Ughi.

« Dos Catelinos até se perdeu o nome; e apenas se diz que descendem d'elles certos cidadãos, que se intitulam parentes de Bernardo Manfredi.

« Dos Filippis nem lembrança existe.

« Dos Greci ha apenas memoria pelo *Borgo de Greci*: dizem que em Bolonha ha pessoas assim chamadas.

« Os Ormannis chamam-se hoje Foraboschi, notaveis na cidade: assim se suppõe.

« Desappareceu a casa dos Alberichis, que deram o nome á igreja de Santa Maria Alberichi.

Da familia della Sannella restam alguns descendentes, mas na condição de plebeus.

« Os della Arca foram nobres e arrogantes, abalizados por grandes feitos, dos quaes nem mais se fala: poucos em numero e de escassos haveres.

« Existem ainda Soldanieris; foram desterrados por pertencerem ao partido gibellino.

« Ardinghi e Bostichi: poucos restam sem valia e sem cabedaes.

« Ao tempo, em que escreveu o Autor, perto da porta de S. Pedro moravam os Cerchi, tão cheios de nova infamia, traziam dividida a cidade em partido Branco e em partido Negro, sendo-lhe carga tão pezada, que é preciso quanto antes alijal-a.

« Os da familia Galigaio tinham insignia de cavalleiros; ao presente baixaram á classe infima do povo.

« *Columna del Vaio* era o brazão da familia dos Piglis (*Vaio*, animal da especie dos hardas : as costas são pardas e o ventre branco : *columna del vaio* era a barra do escudo variegado de branco e azul).

Os Sacchettis foram inimigos de Dante e estão mencionados no c. XXIX do *Inf.* —Foram e são assomados e soberbos ; pertencem á parcialidade guelfa.

« Giuocchis, gibellinos, que hoje nada valem por seus haveres e pessoas,

« Sifantis, gibellinos, a quem se applica a mesma observação.

« Os Barruccis distinguiam-se pela sua opulencia e pelo seu trato pessoal. Eram gibellinos e estão reduzidos pequeno numero e pouca importancia civil.

« Os Gallis desceram o ultimo degrau da decadencia no tempo do Autor. »

[18] Allude aos Chiaramontis, um dos quaes falsificou os pezos e medidas.— V. *Purg.* c. XII. notas.—« Se alguma cousa eram, diz o *Ottimo*, cahiram quando os Cerchis foram desterrados conjuntamente com os Brancos. »

[19] Calfucci, Donatis Uscellinis procediam do mesmo tronco : são raros os que existem d'essas familias.

[20] Refere-se aos Ubertis, a cuja familia pertencia Farvinata V. *Inf.* c. X.

[21] Diz o *Ottimo* : —Muito nobres e muito poderosos cidadãos foram os Lambertis, que o Autor menciona por meio do seu brazão (esphera de ouro) como se dissesse : assim como a esphera designa o universo e o ouro sobreleva-se a todos os outros metaes na excellencia e no valor, assim tambem estes se avantajavam aos outros cidadãos.» No c. XXVIII do *Inf.* trata-se de um Lamberti.

[22] Tambem honravam Florença os antepassados dos Visdomunis, dos Tosinghis e Costrigidnis, familias que tinham a mesma origem. Eram patronos do bispado de Florença e economos das vendas da mitra em quanto vaga estava a cadeira episcopal. Como taes se aboletavam no paço do Bispo e banqueteavam-se, á custa d'aquellas rendas, até ser nomeado e empossado novo prelado.

[23] Refere-se aos Adimaris, que do Mugello passaram-se para Florença no seculo XI. Um membro d'essa familia, Boccaccio Adimari apoderou-se dos bens de Dante, quando elle foi desterrado, e sempre se oppoz acerrimamente á sua volta á patria. No tempo de Cacciaguida eram de tão apoucada suppozição, que Ubertino Donato teve-se por affrontado, quando uma irmã sua recebeu-se com um dos Adimaris, porque os havia em fôro de gente desprezivel.

[24] *Caponsaco* era o nome de uma familia, que veiu do territorio de Fiesole e escolheu para morada o Mercato Vecchio—« a parte mais nobre da cidade » diz o *Ottimo*. Ha quem assevere que uma das suas filhas foi mulher de Folco Portinari e mãe de Beatriz.

Giuda se chamava uma familia de gibellinos, notavel pelos seus brios, mas sem autoridade, nem riqueza. Foram tambem desterrados no tempo de Dante.

Segundo o *Ottimo*, os Infangatis eram « baixos em honras poucos em numero exagerados gibellinos. »

[25] Com isto quer o Poeta significar que o povo, no tempo de Cacciaguida, era tão simples e benigno, que não tomava á má parte que uma porta da cidade se denominasse com o appellido de uma familia, chamando-se Porta Peruzza. Extinguiu-se essa familia.

[26] O Marquez Ugo de Brandeburg, quando esteve em Florença como logar-tenente do Imperador Othão III, permittiu que muitas das principaes familias usassem das armas do seu brazão. Cinco familias se utilizaram d'essa concessão e lhe deveram titulos e privilegios: Pulci, Nerli, Gangalandi, Giandonati e della Bella. Esse Marquez morreu em Florença no anno 1006: no dia de São Thomé era o anniversario solemnizado com grande pompa na igreja da Badia, onde fôra sepultado.

[27] « Giano della Bella, de quem fala Cacciaguida, descendia (como escreve o Sr. Perrens, *His. de Florença*) de raça authenticamente nobilitada por Ugo, « o grande Barão, » como o denomina Dante, logar-tenente do Imperador Othão III. O tempo não amesquinhou a notoriedade dos Della Bellas, como a tantos outros; muitas vezes figuram nos actos publicos, e em 1197 um dos seus foi consul. No emtanto parece que foi um d'esses fidalgos, primitivamente gibellinos, que buscavam a riqueza no trabalho em vez de se contentarem com a pobreza na ociosidade. Villani, contemporaneo de Giano della Bella « de antigo e capaz, homem nobre *popolano* poderoso e opulento do povo de San Martino. » Dizem os Autores que « era leal, franco, attentado n'aquelle tempo o principal cidadão de Florença, pela prudencia e virtude, amigo do bem publico, despendendo a sua fazenda em pról da Republica, sem calculo de lucro, mas opiniatico, dado a vinganças e ambicioso de fama. » —Mas os seus actos o representam como homem de acção destituido dos predicamentos correspondentes, imprudente e assomado, falso de ser impulsado pelo contacto de outrem, tão sincero como honrado, legislador inepto, politico pouco atirado, proprio, em summa, assim pelos seus senões, como pelas suas nobres qualidades para ser o idolo d'essas classes populares, que de bom grado se deixam conduzir por homens de condição differente e superior. Dominavam-o sentimentos pessoaes contra alguns fidalgos, e o seu desamor se endereçava a toda a sua casta. Corria que « fôra grosseiramente insultado, em San Pier Scheraggio, por Berto Frescobaldi, poderoso e cavalleiro, que lhe puchara o nariz, dizendo que lh'o havia de cortar. Tendo sido nomeado para o cargo de *padestà* em Pistoia, fôra obrigado a renuncial-o e se retirara excommungado pelo Bispo diocesano por haver procedido criminalmente contra muitos ecclesiasticos. Passava, pois, por assaz resoluto em perseguir o crime e reprimir o mal, sem excepção, nem reserva de pessoa ou condição. »

Depois de ter servido como *prior* por espaço de dois mezes, depois de haver contribuido em grande parte para se promulgarem as famosas *ordinamenta*, inçadas de dispozições iniquas e draconianas, Giano della Bella se bem que guelfo pelos sentimentos proprios e pela sua origem, foi pelos seus inimigos accusado de partidario e instrumento dos gibellinos. Esta grave e sempre perigosa imputação produziu os seus fataes effeitos. Não obstante a popularidade, que havia grangeado, viu-se em breve alvo do odio dos mais poderosos guelfos, que exacerbaram a animosidade de um *popolano* de grande autoridade e muita estimação no conceito do povo, Dino Pecora, o famoso magarefe, que exerceu quatro vezes o cargo de prior, a quem prestava a sua formidavel coadjuvação Corso Donati, enthusiasticamente admirado e applaudido pelos populares. Mais temeroso inimigo se levantara contra elle, o Papa Bonifacio VIII, o qual, em 23 de janeiro de 1295, assignou uma bulla, que autorisava e provocava commettimentos de toda a sorte contra aquelle guelfo tão tibio e remisso, que aggredia os grandes da parte guelfa. O acto da Sé Romana que a communa o nomeasse para todo e qualquer cargo, que o tolerasse na cidade no *contado*, no territorio e districto; e fulminava com excommunhão todo aquelle, que lhe désse asylo, lhe prestasse auxilio ou lhe désse conselho não sómente a elle, senão tambem ao seu irmão Taldo, ao seu sobrinho Ranieri, filho de Camparini della Bella.

« Então, continúa o Sr. Perreus, Giano della Bella deu-se pressa em se ausentar de Florença, esperando que em breve o povo ordenaria que voltasse. Acompanharam-o seu irmão, seu sobrinho e sua filha Caterina, casada com Galastririo de Castellani de Pistoia... Os seus inimigos immediatamente promoveram a sua condemnação a desterro por contumacia. A sua casa, na fórma do costume, foi saqueada e em parte arrazada. Lançaram-se pezadas multas aos seus amigos. As suas timidas diligencias para alcançar perdão foram mallogradas pela inflexivel opposição do Summo Pontifice.

« Por effeito das leis promulgadas sob a sua influencia, que prohibiam a todas as cidades da Toscana dar homizio aos desterrados florentinos, Giano poderia acolher-se aos gibelinos nas outras provincias da Italia. Preferiu a França, onde tinha filiaes a casa bancaria, que fundara de sociedade com os Pazzi. Assim lhe não faltou nos derradeiros tempos da vida o pão, que tantos outros desterrados mendigam em terra extranha. Longe da patria viveu e morreu na propria casa, sensivel consolação para esse infortunio, de que muitos participavam. Mas em Florença a sua memoria foi proscripta quasi tanto como a sua pessoa. Ninguem se arriscava a defendel-a. Ainda cincoenta annos depois, Villani, julgando menos injustamente, se lhe mostrou demasiadamente severo. »

[28] Gualterotti e Importuni, outras familias, que moravam na parte da cidade chamada Borgo Santi Apostolo, no tempo de Cacciaguida, e que desappareceram.

[29] Allusão ás dissensões e inimisades, que se accenderam entre as familias dos Amideis e Buondelmontes.—V. *Inf.* C. XXVIII, notas.

[30] Quantos males deixariam de succeder, se os Buondelmontes se tivessem afogado no rio Emma (affluente do Arno), quando o passaram!—« Não nova extranheza, diz o *Ottimo*, esta exclamação do Autor, considerando-se como a riquissima e nobilissima cidade, pelas discordias dos partidos, viu-se muitas vezes desnudada de honras, cidadãos e abastança, coberta de opprobrio, lagrimas, perdições e desterros. »

[31] Buondelmonte foi assassinado pelos Amideis junto á estatua mutilada de Marte sobre a ponte Vecchia « quasi em presagio, diz um commentador, da, que então começava, perpetua guerra, de que Marte é deus. »

[32] As armas de Florença eram um lyrio branco em campo vermelho; mas o partido guelfo, vencedor dos gibellinos, converteu-as em lyrio vermelho em campo branco.

CANTO XVII

1. QUAL a Climene explicações rogava
De quanto em desconceito proprio ouvira
O que austeros depois os paes tornava, [1]
2. Tal fiquei, tal effeito presentira
Com Beatriz a santa luz brilhante,
Que da Cruz eu da altura descer vira.
3. E disse Beatriz :—« D'esse anhelante
Desejo a flamma exhibe e n'ella esteja
Ao que tens na alma imagem similhante,
4. « Não, porque mais ao claro em ti se veja,
Mas porque, sendo a sêde revelada,
Prestada em proporção agua te seja. »—
5.—« O' cara estirpe minha á Gloria alçada !
Como conhecem as terrenas mentes
Não dar a obtusos dois triang'lo entrada,
6. « Assim vês tu as cousas contingentes
Lá no porvir, o Centro contemplando,
A quem todos os tempos stão presentes.
7. « Em quanto eu a Virgilio acompanhando,
Subia o monte, onde ao peccado ha cura,
E tambem pelo inferno penetrando,

8. « Sobre a existencia minha ouvi futura
Agras palavras, [2] posto que me sinta
Imperterrito aos golpes da ventura.
9. « Folgara em ter sciencia bem distincta
Dos revezes, que a sorte me prepara :
Menos magôa a setta ao que a presinta. »—
10. Ao spirito, que, ha pouco me falara,
Meu desejo hei desta arte declarado,
Como a senhora minha me ordenara.
11. Sem ambages, que aos homens enviscado
Tinham, antes de Deus ser o Cordeiro,
Que os peccados remiu, sacrificado,
12. Mas em preciso estylo e verdadeiro,
Logo tornou-me o paternal affeito,
Velado e transparente em seu luzeiro.
13.—« A contingencia, que do espaço estreito
Da materia os limites não transcende,
Toda se pinta no eternal aspeito.
14. « Necessidade, em tanto, não a prende,
Como não prende a vista em que se espelha
A nau, que as aguas rapida descende.
15. « De lá bem como se transmitte á orelha
Doce harmonia de orgam, reflectido
O tempo me é que a ti já se apparelha.
16. « Qual de Athenas Hippolyto [3] ha partido
Pela perfidia da madrasta impia,
Tal deixarás Florença perseguido.
17. « Assim se quer e a trama principia ;
Será em breve executado o plano
Lá onde a Christo vendem cada dia [4]
18. « A culpa o mundo a quem padece o damno
Dará ; mas terá pena merecida,
Da verdade em vingança, o algoz insano.
19. « Deixarás toda a causa a mais querida,
Chaga primeira de tormentos cheia,
Do desterro pelo arco produzida.

20. « Sentirás quanto amarga ; quanto anceia
O sal de extranho pão ; que é dura estrada
Subir, descer degraus da escada alheia.
21. « Tua angustia hade ser mais aggravada,
Te acompanhar no val do exilio vendo
Ignobil gente, estolida malvada.
22. « Ingrato, louco e mau te acommettendo
O bando se hade unir : será corrido
Elle, não tu, o opprobrio merecendo.
23. « Seu bestial instincto conhecido
Terão seus feitos ; gloria consumada
Terás ; tu só formando o teu partido.
24. « Te hade ser acolhida franqueada
Primeira pelo eximio e gran Lombardo [5]
Que por brazão tem Aguia sobre Escada.
25. « Terá comtigo tão cortez resguardo,
Que, o rogo prevenindo, o dom se apresse,
Que soe entre outros, se mostrar mais tardo.
26. « Verás com elle o que ao nascer [6] merece
Tanto d'este astro bellico a influencia,
Que a fama a gloria ao nome lhe engrandece.
27. « Inda ignorada jaz tanta excellencia :
Só voltas nove em torno lhe tem dado
Estas espheras na annual cadencia.
28. « Mas antes que o Gascão [7] tenha enganado
Henrique excelso [8] já fará patentes
De ouro o desdem e o animo esforçado.
29. « Serão grandezas suas tão fulgentes,
Que inimigos, mau grado, as contemplando,
Terão de as proclamar por preminentes.
30. « N'elle confia, o bem d'elle esperando ;
A sorte mudará de muita gente,
Ricos, mendigos condição trocando.
31. « D'elle o que eu digo inculcarás na mente.
Sem narral-o. »—E proezas predizia,
Incriveis inda a quem lhes fôr presente. »—

32.—« Eis, filho o commentario »—proseguia—
Do que se foi já dito ; eis a emboscada,
Que num periodo breve se encobria.
33. « Mas por ti dos visinhos invejada
Não seja a sorte ; prolongada a vida,
Verás sua perfidia castigada. »—
34. Depois que essa alma santa concluida,
Calando-se, mostrou já ter a trama
Da tela, que eu lhe offerecera urdida,
35. Com tom de voz falei de homem, que clama
Por bom conselho, ao receiar perigo,
De quem, sabio e discreto, o bem de outro ama.
36.—« Vejo, ó pae, que, investindo, o tempo imigo
Contra mim corre para o golpe dar-me,
Mais grave, porque oppôr-me não comsigo.
37. « De prudencia, por tanto, é bem que me arme ;
Não succeda, ao perder patria guarida,
Dos meus versos por causa outra faltar-me.
38. « No mundo, onde em perpetua dôr se lida,
Da montanha subindo o excelso cume,
D'onde elevou-me Beatriz querida,
39. « E depois pelo ceu de lume em lume
Cousas taes aprendi, que, se as redigo,
Travo terão a muitos de azedume.
40. « Se da verdade eu fôr remisso amigo,
Morrer temo dos homens pelo olvido,
Que o tempo de hoje hão de chamar antigo. »—
41. A luz, onde o thesouro era escondido,
Que eu achara, se fez tão coruscante,
Como o sol de aureo espelho reflectido.
42. E disse :—« A consciencia vacillante
Por proprios actos ou vergonha alheia
Teu falar haverá por cruciante.
43. « Mas deves repellir mentira feia ;
Toda a tua visão faz manifesta, [9]
Coce-se a pelle, que é de lepra cheia.

44. « Ao primeiro sabor será molesta
Tua palavra ; mas vital sustento
Deixará depois, quando fôr digesta.
45. « Hade o teu braço assimilhar-se ao vento,
Que ao mais soberbo cimo ousado investe ;
Hade isto ao nome teu dar lustre e augmento.
46. « Ante os olhos aqui, no ceu, tiveste,
No santo monte e lá no val das dôres
Almas, que a fama com seu brilho veste.
47. « Pois de ouvintes o animo ou leitores
Preço não dá ao exemplo derivado
De origem vil, sem nota, sem louvores,
Nem a outro argumento mal fundado. »—

NOTAS AO CANTO XVII

Revela Cacciaguida o desterro de Dante e os seus effeitos.

1 Ovidio, *Met* I:

...Epaphus magni genitus de semine tandem
Creditur esse Jovis, perque urbes juncta parenti
Templo tenet. Fiut huic animis æqualis et annis
Soles satus, Phaëton: quem quondam magna loquentem
Nec sibi cedentem, Phœboque parente superbum
Non tulit Inachides, « Matri » que ait « omnia demens
Credis et es humidus genitoris imagine falsi»
Erubuit Phaëton, iramque pudore repressit,
Et tulit ad Climenem Epaphi convicia matrem,
« Quoque magis doleas, genitrix » ait « ille ego liber,
Ille ferox tacui. Pudet hæc opprobria nobis
Et dici potuisse et non potuisse refelli.
At tu, si modo sum cœlesti stirpe creatus
Ede notam tanti generis me que assere cœlo.»
Dixit et implicuit materno brachia collo,
Perque suum Meropisque caput tædas sororum,
Traderet oravit, veri sibi signa parentis.
Ambiguum, Clymene, precibus Phaëthontis, anira
Mota magis dicti sibi criminis, utraque cœlo
Brachia porrexit, spectansque ad humina solis
« Per jubar hoc » inquit « radus insigne coruscis
Nate, tibi juro quod nos audêtque videtque,
Hoc te, quem spectas, hoc te qui temperat orbem
Sole satum. Si ficta loquor, neget ipse videndum
Se mihi, sitque oculis lux ista novissima nostris
Nec longus patrios labor est tibi nosse penates:
Unde oritur, domus est terræ contermina nostræ
Si modo fert animus, gradere, scitabere ab ipso.»

Trad. de A. F. de Castilho:

D'ella e do grande Jupiter ser prole
Epaphose acredita: e nas cidades
Junto aos templos da mãe lhe sagram templos.
Socio lhe foi na idade e genio altivo
Filho do Sol, Phaetonte: o Inhachio joven,
Que o vê jactar-se de phebea estirpe,
Cre-se-lhe igual e blazonar grandezas,
« Muito, ó louco, lhe diz, na mãe confias!
Imaginario pae te influe soberbas!»
Cora o moço; a vergonha entreia as iras.
D'alli se vai ligeiro á mãe Clymene:
D'esse Epapho arrogante expõe-lhe o insulto.
« E porque mais te dôa agora sabe,
Lhe diz, que eu, eu de intrepidos exemplos,
Eu, o Phaetonte o ouvi calado!
Por corrido me dou; que injurias d'estas
Se podessem dizer, não refutar-se,
Mas, se é verdade que celeste origem
Teu filho tem, demonstra-me a verdade,
Revindica-me o ceu.» N'isto se abraça
Ao collo maternal e assim prosegue:
« Por tua cara vida, pelos dias
Do teu esposo Merope, das bellas
Minhas irmans pelas felizes bodas,
Do meu progenitor signaes te imploro.»
Clymene, quer do filho o rogo a mova
Quer doida do aleive, alçando os braços,
Pondo os olhos no sol: « Por este, exclama
Luzeiro eterno, que nos vê, nos ouve,
Do sol que olhando estás, és prole, ó filho,
Juro, és prole do sol, que abrange o mundo
Se minto, aos olhos meus seus raios furte;
Não mais lhe eu veja a luz, se o filho engano,
Se os paternos penates ver desejas,
Muitos não teus que andar; co'a patria nossa
Confinam; d'além surge. A ousares tanto,
Parte já; vai tu mesmo interrogal-o.»

[2] Agras palavras foram as que ouviu de Famiata degli Uberti: *Inf.* c. X:

Ma non cinquanta volte fia raccesa
La faccia della donna che qui regge,
Che tu sapprai quanto quell'arte peza.

Assim tambem as de Brunetto Latini: *Inf.* c. XV:

Ma quello ingrato popolo maligno,
Che disceri di Fiesole ab antico
E tiene ancor del monte e del macigno
Ti si farà per tuo ben far nimico.

E as de Conrado Malaspina : *Purg.* c. VIII :

...Or va che'l sol non si ricorca
Sette volte nel letto che'l Montone
Con tutti e quatro ì piè copre ed inforca,
Che cotesta cortese opinione
Te fia chiavata in mezzo della testa
Con maggior chiovi che d'altrui sermone,
Se corso di giudicio non s'arresta.

E as de Odesi di Agubbio: *Purg.* c. XI :

Ma poco tempo andrà che i tuoi vicini
Faranno sì che tu potrai chiosarlo.

[1] Dante será lançado de Florença com tanta aleivosia e crueldade, como o fôra de Athenas, Hippolyto, filho de Theseu, accusado por Phedra, sua madrasta, de haver tentado contra o seu pudor.

Ovidio, *Met.* XV :

Fando aliquem Hippolytum vestras si contigit aures
Credulitate patris sceleratæ fraude novercæ
Occubuisse neci (mirabere, vixque probabo :
Sed tamen ille ego sum.) Gentor projecit aburbe,
Hostilique caput prece detestatur euntis.
Piteam profugo curru Trœzena petebam,
Jamque corinthiaci carpebam litora ponti.
Cum mare surrexit, cumulusque immanis aquarum
In montis speciem curvari et crescere visus
Et dare mugitus summoque cacumine findi
Cornigir hinc taurus ruptis expellitur undis
Pectoribus tenus molles erectus auras
Naribus et patulo partem maris evomit ore.
Corda pavent comitum ; mihi mens interrita mansit
Exsilus contenta suis , dum colla feroces
Ad freta convertunt arrectisque auribus horrent
Quadrupedes monstrique metu turbantur et alis
Præcipitant currum scopulis. Ego ducera vana
Frena manu spumis albentibus oblita luctor
Et retro lentas tendo resupinus habenas.
Nec tamen has vires rabies superasset equorum,
Ni rota perpetuum qua circumvolvitur axem
Stipitis occursu fracta ac disjecta fuisset.
Excutir curru : lorisques tenentibus artus
Viscera viva trahi, nervos in stirpe teneri
Membra rapi partim partimque reprensa relinqui,
Ossa gravem dare fracta sonum, fessaquem videres
Exhalari animam, nullasque in corpore partes
Noscere quas posses : unumque erat omnia vulnus. »

J. Racine, *Phèdre*, Act. V. Sc. VI:

THÉSÉE

Thèramène, est-ce toi ? Qu'as-tu fait de mon fils ?
Je te l'ai confié des l'âge le plus tendre.
Mais d'où naissent les pleurs que te vois répandre ?
Que fait mon fils ?

THÉRAMÈNE

O soins tardifs et superflus !
Inutile tendresse ! Hippolyte n'est plus.

THÉSÉE

Dieux !

THÉRAMÈNE

J'ai vu des mortels périr le plus aimable,
Et j'ose dire encor, seigneur, le moins coupable.

THÉSÉE

Mon fils n'est plus ! Hé quoi ! quand je lui tends les bras
Les dieux impatients ont hâté son trépas !
Quel coup me l'a ravi ? quelle foudre soudaine ?

THÉRAMÈNE

A peine nous sortions des portes de Trézène,
Il était sur son char, ses gardes affligés
Imitait son silence, autour de lui rangés :
Il suivait tout pensif le chemin de Mycènes ;
Sa main sur les chevaux laissait flotter les rênes :
Ses superbes coursiers, qu'on voyait autrefois
Pleins d'une ardeur si noble obéir à sa voix,
L'œil morne maintenant et la tête baissée
Semblaient se conformer à sa triste pensée.
Un effroyable cri, sorti du fond des flots,
Des airs en ce moment a troublé le repos ;
Et du sein de la terre une voix formidable
Répond en gémissant à ce cri redoutable.
Jusqu'au fond de nos cœurs notre sang s'est glacé :
De coursiers attentifs le crin s'est hérissé.
Cependant, sur le dos de la plaine liquide,
S'élève à gros bouillons une montagne humide :
L'onde, approche, se brise, et vomit à nos yeux,
Parmi des flots d'écume, un monstre furieux.
Son front large est armée de cornes menaçantes ;
Tout son corps est couvert d'écailles jaunissantes ;
Indomptable taureau, dragon impétueux,
Sa croupe se recourbe en replis tortueux ;
Ses longs mugissements font trembler le rivage.
Le ciel avec horreur voit ce monstre sauvage;
La terre s'en émeut, l'air en est infecté,
Le flot qui l'apporta recule épouvanté
Tout fuit; et, sans s'armer d'un courage inutile,
Dans le temple voisin chacun cherche un asile.
Hippolyte lui seul, digne fils d'un héros,
Arrête ses coursiers, saisit ses javelots,
Pousse au monstre, et d'un dard lancé d'une main sûre
Il lui fait dans le flanc une large blessure.
De rage et de douleur le monstre bondissant
Vient aux pieds des chevaux tomber en mugissant,
Se roule, et leur présente une gueule enflammée
Lui les couvre de feu, de sang et de fumée.
La frayeur les emporte; et, sourds à cette fois,

Ils ne connaissent plus ni le frein ni la voix ;
En efforts impuissants leur maitre se consume ;
Ils rougissent le mors d'une sanglante écume.
On dit qu'on a vi même, en ce désordre affreux,
Un bieu qui d'aiguillons pressait leur flane poudreux.
A travers les rochers la peur les précipite ;
Lèssien crie et se rompt : l'intrepite Hippolyte
Voit voler en éclats tout son char fracassé ;
Dans les cènes lui-même il tombe embarasé.
Excusez ma douleur; cette image cruelle
Sera pour moi de pleurs une source eternelle :
J'ai vu, seigneur, j'ai vu votre malheureux fils
Traine par les chevaux que sa main a nourris.
Il veut les rappeler, et sa voix les affraie ;
Ils courent : tout son corps n'est bientôt qu'une plaie.
De nos cris douloureux la plaine retentit :
Leur fougue impétueuse enfin se ralentit :
Ils rarrêtent non loin de ces tombeaux antiques
Ou des rois ses aieux sont les froides reliques.
J'y cours en soupirant, et sa garde me suit ;
De son généreux sang la trace nous conduit ;
Les rochers en sont teints ; les ronces dégouttantes.
J'arrive, je l'appelle ; et, me tendant la main,
Il ouvre un œil mourant qu'il referme soudain.
« Le ciel, dit-il, m'arrache une innocente vie.
« Prends soin après ma mort de la triste Aricie.
« Cher ami, si mon père un jour désabusé
« Plaint le malheur d'un fils faussement accusé,
« Pour apaiser mon sang et mon ombre plaintive,
« Dis—lui qu'avec douceur il traite sa captive :
« Qu'il lui rende... » A ce mot ce héros expiré
N'a laisse dans mes bras qu'un corps dé figuré :
Triste objet ou des dieux triomphe la colère,
Et que méconnaitrait l'œil même de son père.

THÉSÉE

O mon fils ! cher espoir que je me suis ravi !
Inexorables dieux, qui m'avez trop servi !
A quels mortels regrets ma vie est réservée !

THÉRAMÈNE

La timide Aricie est alors arrivée :
Elle venait, seigneur, fuyant votre courroux,
A la face des dieux l'accepter pour époux.
Elle approche ; elle voit l'herbe rouge et fumante ;
Elle voit (quel objet pour les yeux d'une amante !)
Hippolyte e'tendu, sans forme et sans couleur.
Elle veut quelque temps douter de son malheur ;
Et, ne connaissant plus ce héros qu'elle adore,
Elle voit Hippolyte, et le demande ancore.
Mais, trop sûre à la fin qu'il est devant ses yeux,
Par un triste regard elle accuse les dieux ;
Et froide, gémissante, et presque inanimée,
Aux pieds de son amant elle tombe pâmée.
Ismène est auprès d'elle ; Ismène tout en pleurs

Sa rappelle à la vie, ou plutôt aux douleurs.
Et moi, je suis venu, détestant la lumière,
Vous dire d'un héros la volonté dernière,
Et m'acquitter, seigneur, du malheureux emploi
Dont son coeur expirant s'est reposé sur moi.
Mais j'aperçois venir sa mortelle ennemie.

[4] Em Roma, sob a influencia de Bonifacio VIII, se tramou o desterro de Dante, que, com outros seus concidadãos, tinha sido enviado por Florença em embaixada.

[5] Dante esteve em Verona em 1304, quando dominava alli Bartholomeu della Scala, que n'esse mesmo anno falleceu. As armas dos Scaligeros eram uma aguia posta sobre o mais alto degrau de uma escada.

[6] Allude o Can Grande della Scala, que em 1300 tinha apenas nove annos. Em 1311 assumiu o senhorio de Verona.

[7] Clemente V, que subiu ao throno pontificio em 1305.

[8] Henrique VII, Imperador da Allemanha, Rei dos Romanos.

[9] *Apocalypse*, I:

« O que vês escreve em um livro. »

Propheta Habacuc; II:

« Escreve o que vê e expõe-o em toda a clareza, para que se possa ler correntemente. »

Allude ás calamidades que affligiram os Negros, depois de terem sido lançados de Florença os Brancos: entre outras, a ruina da ponte de Carraia, quando alli se apinhava o povo para ver um espectaculo, que se representava sobre o rio Arno, no dia 1º de maio de 1304, e o incendio de mais de 1700 casas em junho do mesmo anno.—V. Perrens, III, 91, 92, 96.

CANTO XVIII

1. Já gozava em silencio do seu verbo
Essa alma venturosa e eu cogitava,
O doce temperando pelo acerbo ;
2. Mas aquella, que a Deus me encaminhava,
—« Muda o pensar ; que perto »—me dizia
Eu sou do que injustiças desaggrava.»—
3. Voltei-me á voz, que sempre me infundia
Valor : dos santos olhos a ternura
Descrever a palavra renuncia.
4. Não só a lingua em vão dizer procura ;
Mas, sobre si tornando, desfallece
A mente sem soccorro lá da altura.
5. Ora sómente referir se off'rece
Que outro desejo, a santa contemplando,
Do coração, ao todo, desparece,
6. Como a delicia eterna, rebrilhando
Directa em Beatriz, me extasiava
Do gesto seu por um reflexo brando,
7. Com riso, de que a luz me subjugava,
—« Volve-te, escuta ainda ; o Paraiso
Não stá só nos meus olhos »—me falava.

8. Como a paixão, no seu dizer conciso
Pelos olhos se exprime, na alma emquanto
Tolhe o prestigio seu todo o juizo,
9. Assim no flammejar do fulgor santo,
Voltando-me, o desejo vi patente
De additar ao que disse ora algum tanto.
10.—« Na quinta estancia da arvore, que, ingente,
Pelo cimo se nutre » [1]—principia—
« Que fructos sempre dá, sempre é virente,
11. « Espiritos habitam, que algum dia
Nome tinham na terra tão famoso,
Que opimo assumpto ás Musas prestaria.
12. « Da cruz os braços olha cuidadoso :
Os que eu te nomear verás fulgindo,
Qual relampago em nuvem pressuroso.»—
13. Na Cruz vi perpassar, o nome ouvindo
De Josué, [2] um traço rutilante,
Mal acabara a voz, presto surgindo.
14. Disse o gran Maccabeu : [3] no mesmo instante
Outro accorria, sobre si rodando :
Tange alegria esse pião brilhante, [4]
15. Assim fez Carlos Magno, assim Orlando. [5]
Attento, os movimentos seus esguardo,
Qual monteiro ao falcão no ar voando.
16. Seguiram-se Guilherme e Rinoardo ; [6]
Distingue o duque Godofredo a vista, [7]
E logo após se assignalou Guiscardo. [8]
17. Depois com os outros esplendores mixta
Provou-me a alma ditosa, que ha falado,
Ser nos córos do ceu sublime artista.
18. Voltei-me então para o direito lado
Por conhecer de Beatriz o intento,
Em palavras ou gestos declarado.
19. Nos olhos puros seus vi tal contento,
Fulgor tal, que excedia o seu semblante
Quando de antes prendeu-me o pensamento.

20. Como, ao sentir prazer inebriante,
Cada vez que o bem faz homem conhece
Ir da virtude na vereda avante,
21. Assim mais ampla o arco me parece
Do circulo, em que vou co'o ceu girando
Ao ver quanto prodigio tal recresce.
22. Tão presto, como em nivea face, quando
A chamma do pudor se accende volta
A côr a ser qual de antes, branqueando,
23. Pelo doce candor, que a vista envolta
Me teve, conheci que a sexta estrella
Nos recebera a mim e a minha escolta.
24. De Jupiter na esphera argentea e bella
Oscintillar de amor, que alli resplende,
Linguage' humana aos olhos me releva.
25. De aves qual bando, que se estreita ou extende ,
Do rio junto á borda e que á verdura
Do pascigo, a folgar os vôos tende,
26. Tal em seus lumes grei ditosa e pura,
Adejando, cantava e descrevia
De D, de I, de L uma figura. [9]
27. Ao compasso dos hymnos se movia
E em silencio quedava, se detendo,
Quando alguma das letras concluia.
28. Pegasea Diva, [10] ó tu, que, concedendo
A gloria ao genio, lhe dilatas vida,
Cidades, reinos immortaes fazendo !
29. Brilha em mim ! porque seja referida
Cada figura, qual me foi presente !
Faz tua força em meus versos conhecida !
30. E cinco vezes sete claramente [11]
Vogaes e consoantes vi, notando
Cada qual pelo traço refulgente :
31. *Diligite justitiam* indicando
Verbo e nome primeiros na escriptura;
Qui judicatis terram terminando.

32. Collocando-se assim cada luz pura,
No fim pausaram no vocab'lo quinto :
Sobre o argento de Jove ouro fulgura.
33. De outros lumes, que descem, vi distincto
Do M o cimo : cantam, lá pousados,
Bem que os attrai ao divinal precinto.
34. Como carvões ardentes encontrados
De scentelhas um jorro de si lançam,
Presagios por estultos venerados,
35. Muitos mil fogos para o ar avançam,
Subindo á altura, que lhes ha marcado
O Sol, de quem belleza e brilho alcançam.
36. Já, cada qual ao seu logar tornado,
De Aguia o collo a meus olhos se mostrava, [12]
Rematando em cabeça, desenhado.
37. Guia não teve o artista que os traçava :
E' seu todo o primor, toda a mestria,
Que em cada ninho fórma propria grava [13]
38. A santa grei, porém, que parecia
De ornar de c'rôa o M estar contente,
Movendo-se, a figura perfazia.
39. Quantas joias, ó astro refulgente,
Mostraram-me provir justiça humana
Do ceu de que és ornato permanente !
40. A Mente, pois, supplico de que emana
O motu e a força tua, attenta veja
Da nevoa a causa que o teu brilho empanna ;
41. E de ira inda uma vez tomada seja
Contra os que mercadejam no seu templo,
Que do sangue dos martyres flammeja.
42. Celestial milicia, que eu contemplo,
Roga por esses, que ora estão na terra
Transviados, seguindo horrido exemplo.
43. Com gladio outrora se travava a guerra;
Hoje em tirar o pão, [14] que Deus tem dado
Dos combatentes o valor se encerra.

44. Tu que escreves p'ra ser logo emendado [15]
Pensa que Pedro e Paulo hão resurgido,
Pela vinha morrendo que has tallado.
45. Tu bem pódes dizer :—« Devoto hei sido
Do que, ao deserto dando tanto apreço, [16]
Soffreu martyrio á dansa offerecido :
O peccador e Paulo não conheço.»—

NOTAS AO CANTO XVIII

Apartando-se de Cacciaguida, Dante sobe com Beatriz ao ceu de Jupiter, onde estão os que na terra distribuiram justiça recta.

[1] Os ceus estão figurados por uma arvore, que vegeta, recebendo do alto a influencia divina. O quinto ramo da arvore é o planeta Marte.

[2] *Josué*, I:

« Foi assim que depois da morte de Moysés, servo do Senhor, falou o Senhor a Josué, filho de Num, ministro de Moysés, e lhe disse:—Moysés, meu servo, é morto: levanta-te e passa esse Jordão tu, e todo povo comtigo, para entrar na terra, que eu darei aos filhos de Israel. Todo o logar, que pizarem as plantas dos vossos pés, eu vol-o entregarei, como disse a Moysés. Os vossos limites serão des do deserto e des do Libano até o grande rio de Euphrates, todo o paiz dos Hetheos até o mar grande para o poente. Nenhum vos poderá resistir, todo o tempo, que viveres; como eu fui com Moysés, assim serei comtigo: não te deixarei, nem desampararei. Tem animo, e sê robusto: porque tu hasde repartir por sorte a este povo a terra, que prometti com juramento a seus paes, que lhes havia de entregar. Tem animo, pois, e reveste-te de grande valor, para observares e cumprires toda a lei, que Moysés, meu servo te deixou prescripto: não te arredes d'ella, nem para a direita, nem para a esquerda, afim de entenderes tudo o que fazes. Não se aparte da tua boca o livro d'esta lei; mas meditarás n'elle de dia e de noite para observares e cumprires tudo o que n'elle está escripto: então levarás o teu caminho direito e te conduzirás por elle com intelligencia. Olha que eu te mando; tem animo e sê robusto. Não temas, nem hajas medo: porque o Senhor teu Deus é comtigo para qualquer parte que fores. »

[3] Macchabeus, I, 3:

« Então se levantou em logar d'elle seu filho Judas, que tinha o sobrenome de Macchabeu. E todos os seus irmãos o ajudavam; e todos aquelles, que se tinham unido a seu pae, pelejavam com alegria em defesa de Israel. E dilatou a gloria do seu povo, e se vestiu de couraça como um gigante, e se forrou com as suas armas bellicosas nos combates, e protegia todo o arraial com a sua espada. »

[4] Virg. *En.* VII:

Ceu quondam torto volitans sub verbere turbo,
Quem pueri magno in gyro vacua atria circum
Intenti ludo exercent: ille actus habenâ
Curvatis fertur spatiis, stupet inscia juxta
Impubesque manus, mirata volubile buxum:
Dant animos plagæ.

Trad. de J. F. Barreto:

Como as vezes c'o açoute retorcido
Vôa o pião, o qual em gyro grande
Pelas vazias praças impellido
Sem levar os meninos, sem que abrande,
Pondo no jogo todos o sentido,
Para que nunca pare, mas sempre ande;
E elle do fero açoute estimulado,
A praça em redor corre accelerado.

[5] Carlos Magno (Carlos o Grande), 2º filho de Pepino o Breve, nasceu em 742 em Saltzburgo, na Barrera. Tendo fallecido seu pae em 768, subiu ao throno da França, cabendo, porém, o governo das provincias da Neustria, Borgonha e parte da Aquitania ao seu irmão Carloman, por fallecimento do qual, em 771 assumiu mando e dominio em todo o territorio francez. Pouco depois declarou guerra ao Saxões, que, sob a conducta de Witikind, lhe oppozeram pertinaz resistencia, que sómente se desvaneceu depois de serem transferidos para outra região. Seguiu-se a expedição contra os Lombardos, cujo poder desde então deixou de existir, e a invasão da Hespanha onde ganhou assignaladas victorias contra os Sarracenos. Em 800 foi corôado Imperador do Occidente pelo Papa Leão III. Seu filho Luiz foi por elle associado ao Imperio em 813; mas um anno depois deixava de existir o poderoso Monarcha que mereceu a denominação de Grande, que o rodear dos seculos e o testemunho da historia tem ratificado e confirmado.—Entrou para o catalogo dos santos, sendo a sua festa a 28 de janeiro.

Orlando ou Roldão, o mais famoso dos heróes nos romances de cavallaria, o principal dos doze pares da França, paladinos de Carlos Magno, havido por seu sobrinho. As suas façanhas foram narradas na *Chronica* do Arcebispo Turpim, que tambem refere a sua morte, por traição, em Roncesvalhes, Pyreneus, onde com a flôr dos cavalleiros da França cahiu n'uma cilada dos Sarracenos. Orlando foi celebrisado pela poesia, sendo cantado por Boiardo no *Orlando amoroso*, por Ariosto, no *Orlando Furioso*, e tambem por Luigi Pulci, no poema joco-serio *Morgante Maggiore*.

[6] Guilherme e Rinoardo—Diz o *Ottimo*:

« Guilherme foi conde de Oringa na Provença, filho de Americo, conde de Narbona; Rinoardo foi celebrado como homem fortissimo: um e outro pelejaram muito esforçadamente, na Provença, contra os Sarracenos de Africa em defensão da fé christan, dando e recebendo tremendos golpes. Por fim, Guilherme deixando o seu condado de Oringa ao neto Beltrando, tomou o habito de monge e acabou a vida santamente no serviço de Deus. E' invocado com o nome de *S. Guilherme do Deserto*.

[7] Godofredo, Duque de Bouillon, filho de Eustachio de Boulogne e sobrinho de Godofredo, o corcunda, Duque de Bouillon, que lhe legou os seus dominios, nasceu quasi no fim do seculo XI. Era ainda mancebo, quando acompanhou o Imperador Henrique IV nas guerras contra o Papa, tendo, porém, enfermado

gravemente, depois de entrada Roma por esse Monarcha, por penitencia, fez voto de ir defender os christãos na Terra Santa. E o cumpriu, sendo um dos primeiros que se alistaram na cruzada, que pregou Pedro o Eremita. Vendeu o seu ducado e partiu em 1096, sendo desde logo acclamado chefe da expedição. Vencidos os obstaculos, que oppoz aos commettimentos dos cruzados Alexis, Imperador de Constantinopla, entrou pela Asia, e successivamente assenhoreou Nicea, Antiochia e Jerusalem, onde foi proclamado Rei em 1099. N'estas empresas e na guerra contra o sultão de Damasco, na Syria, assignalou-se por gloriosos feitos. Falleceu em 1100: não está averiguado se foi natural a causa da sua morte, pois surgiram graves suspeitas de propinação de veneno.

[8] Roberto Guiscardo, ou o *Prudente*, principe normando, um dos filhos de Tancredo de Hauteville.—V. *Inf.* c. XXVIII, notas.

[9] D, I, I, primeiras letras da palavra *Diligite*.

[10] Divina Pegasea: com estas palavras invoca Dante a Musa da Epopêa. Calliope: Pegaseas chamavam-se as nove Musas; porque o cavallo Pegaso ferira, com um couce brotar da terra a fonte, que lhes era consagrada, a Hippocrene. Houve quem suppozesse que o Poeta se referiu a Pallas, Deusa da sabedoria, memoria e entendimento.—O *Ottimo* diz: « O Autor, ao modo dos poetas, que entram em commettimentos mais difficeis de acabar, invoca a Deusa Pallas.»

[11] São as trinta e cinco lettras, vogaes e consoantes, de que se compõem as palavras—*Diligites justitiam qui judicatis terram* (amai a justiça vós, que julgais a terra), palavras do *Livro da Sabedoria* de Salomão (I, 1).

[12] A Aguia, symbolo da Monarchia Imperial. Assaz já conhecem os leitores o enthusiasmo de Dante pela Monarchia. O mais que se segue é consonante aos principios e sentimentos do Poeta.

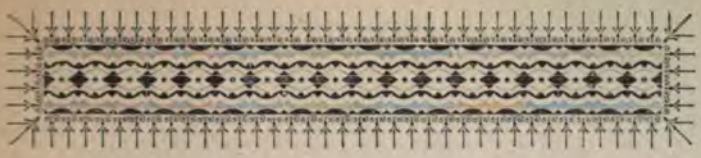
[13] Parece esta interpretação a mais adequada, assim como a mais singela e natural: aquelle que creou o universo ensinou aos passaros a formalizar os seus ninhos. Similhante modo de entender concerta o que disse o Poeta de

...la forma
Che l'universo a Dio fa simigliante (C. I do *Par.*)

[14] Censura o abuso das excommunhões, que exclue as suas victimas do uso dos sacramentos. D'esses sómente aponta o da Eucharistia, dizendo *lo pan*, a hostia consagrada que Jesus Christo offerece a todos.

[15] Interpellação do Papa Clemente V, que accusa de excommungar quantos incorriam no seu odio, e absolver os que lhe pagavam em boa moeda.

[16] S. João Baptista, cuja effigie era assellada no cunho dos florins de ouro de Florença.



CANTO XIX

1. De azas pandas formosa se ostentava
Essa imagem, que enlevos de alegria
Nas almas enlaçadas excitava,
2. E rubi cada qual me parecia,
Em que raio de sol, fulgido ardendo,
Os lumes nos meus olhos refrangia.
3. O que eu agora descrever pretendo
Voz não contou, nem penna ha referido,
Nem creou phantasia encarecendo.
4. O bico da Aguia vi falar, e o ouvido
Eu e *meu* nas palavras destinguia,
Mas *nós* e *nosso* estava no sentido.
5.—« Porque fui justo e pio »—assim dizia—
« Exaltado me vejo a tanta gloria,
Que excede a quanto o anhelo aspiraria.
6. « De mim deixei na terra tal memoria,
Que apregoam-a os homens pervertidos,
Sem exemplos seguir, que narra a historia. »—
7. Como em pyra dão lenhos incendidos
Um só calor, aquelles mil amores
Da imagem stavam n'um falar contidos.

8. Então lhes disse : « O' vós, perpetuas flores
Do jubilo eternal, que n'um perfume
Sentir fazeis multiplices olores.
9. « Esta fome fartai, que me consume,
Ha largo tempo, na terrestre vida,
Onde alimento nunca achar presume.
10. « Se do ceu n'outro reino é reflectida
A divina Justiça em claro espelho,
Sei que sem veus no vosso é percebida.
11. « Sabeis que, attento, a ouvir-vos me apparelho ;
Sabeis tambem que, nunca saciado,
Ardo em desejo que se fez já velho.»—
12. Qual falcão, do capello desvendado,
Que a fronte move, as azas exercita
E se apavona ledo e alvoroçado,
13. Tal vi a insignia, que essa grei bemdicta,
Louvor da graça divinal, formara,
Com hymnos proprios da mansão que habita.
14. Depois dizia :—« Aquelle, que traçara
Com seu compasso o mundo e no começo
De occultas, claras cousas o dotara, [1]
15. « Não poude tanto seu poder impresso
No universo deixar, que o Eterno Verbo
A creação não teve infindo excesso.
16. « Prova-o bem quem primeiro foi soberbo ;
Pois, sendo elle perfeita creatura,
Não esperando a luz, cahiu acerbo [2]
17. « Todo ente, pois, somenos em natura
Conter o Bem sem fim não circumscripto
Não póde e em si de si guarda a mensura.
18. « Nossa vista, de alcance tão finito,
Posto seja em dos raios d'essa Mente,
Que as cousas todas enche no infinito,
19. « Não é, por natureza, tão potente,
Que não descirna a sua Causa Eterna,
Do que ella é na verdade differente.

20. « Penetra na justiça sempiterna
A vista concedida ao vosso mundo,
Bem como o olhar, que pelo mar se interna:
21. « Se junto ao littoral lhe encherga o fundo,
No pelago o não vê : certo é que existe,
Mas encoberto está por ser profundo.
22. « Se do lume não vem, que só persiste
Sempre sereno, a luz torna-se em treva,
Ou da carne é veneno, ou sombra triste.
23. « Já comprendes que o veu romper se deva,
Que a Divina Justiça te escondia,
E a tão frequentes duvidas te leva.
24. « Junto ao Indo—[3] tua mente assim dizia—
Um varão vem á luz : de Christo o nome
Nem por voz, nem por letras conhecia.
25. « Os feitos e desejos são d'esse home',
Bons no quanto julgar á razão cabe ;
Em peccar ditos e actos não consome .
26. « Quando sem fé e sem baptismo acabe,
Ha justiça em ser elle condemnado ?
Póde ter culpa quem não crê, não sabe ?—
27. « Mas tu quem és, que, em tribunal sentado,
Julgas, de leguas em milhões distante,
Se mal vês o que a um palmo é collocado ?
28. « Em duvidar, por certo, iria avante
Que assim subtilezas apurara,
Sem a luz da Escriptura triumphante.
29. « Terrenos vermes ! Raça estulta, ignara !
A Primeira Vontade, por si boa,
De si, Supremo Bem, se não separa,
30. « Justo é sómente o que com ella sôa,
A si nenhum creado bem atira
Todo o bem, radiando, ella affeiçôa. »—
31. Como a cegonha, que o seu ninho gyra,
Os filhotes já tendo apascentado,
Emquanto cada qual, farto, a remira,

32. Assim, os olhos quando eu tinha alçado
Fez o passaro santo ; e azas movia,
Por multiplas vontades sustentado.
33. Volteando cantou ; depois dizia :
« As notas não comprendes do meu canto,
Como os mortaes de Deus sabedoria.»—
34. As flammas quando já do Esp'rito Santo
Quedaram n'essa imagem, que alcançara
Aos Romanos do mundo temor tanto,
35.—Proseguiu : « Este reino não depara
Jámais quem não acompanhou a CHRISTO
Nem antes, nem depois que á Cruz se alçara.
36. « Dizem muitos em grita—CHRISTO ! CHRISTO !
Menos perto, em juizo, do que o infido
Lhe hão de ser que jámais conheceu CHRISTO. [4]
37. « Hade os damnar o Ethiope [5] descrido,
Quando em grei rica e pobre eternamente
Fôr o genero humano repartido.
38. « Dos reis christãos o que dirão em frente
Os Persas, lendo no volume aberto, [6]
Onde tanto flagicio está patente ?
39. « Alli hão de se ver entre os de Alberto [7]
Os que serão em breve registados :
De Praga o reino tornarão deserto [8]
40. « Se hão de ver sobre o Sena accumulados
Os do Rei, que a moeda falsifica,
Da fera morto aos dentes afiados [9]
41. « Se hade ver a soberba atroce, inica,
Que em demencia o Escossez e o Bretão lança : [10]
Nenhum nos seus confins contente fica.
42. « E se hade ver quanto em luxuria avança
O Rei de Hespanha [11] e o que a Bohemia rege, [12]
Que mostra ao seu dever tanta esquivança.
43. « Ninguem ao Coxo de Sião [13] inveje:
Com I sua bondade se assignala,
Com M o que em contrario ama e protege.

44. « Se hade ver que a avareza á ignavia iguala [14]
No Rei da ilha, em que morreu Anchise,
E d'onde o fogo, a trovejar, se exhala. [15]
45. « Porque do seu valor mal se ajuize,
Em cifra a historia sua é resumida,
Que muito em pouco espaço localize,
46. « Será patente a vergonhosa vida
Do tio e d'esse irmão, [16] que hão deshonrado
Dois sceptros e a ascendencia ennobrecida.
47. « O Rei de Portugal [17] será notado
E o Rei de Noruega [18] e mais aquelle,
Que de Veneza os cunhos tem falsado. [19]
48. « Ditosa Hungria ! [20] que de si repelle
O jugo da oppressão ! Feliz Navarra,
Quando em seus montes que defensa vele ! [21]
49. « E creiam todos que já d'uto em arrha
Nicosia e Famagusta se lamentam, [22]
Bramindo de uma fera sob a garra: [23]
Os exemplos dos mais não o escarmentam.» —

NOTAS AO CANTO XIX

Fala a Aguia maravilhosa, e resolve a questão—se alguem se póde salvar sem a fé christan.

[1] *Proverbios*, VIII :

« O Senhor me possuiu no principio dos seus caminhos, des do principio antes que creasse cousa alguma. Des da eternidade fui constituida e des do principio antes da terra ser creada.

« Ainda não havia os abysmos e eu estava já concebida ; ainda as fontes das aguas não tinham arrebatado ; ainda se não tinham assentado os montes sobre a sua pezada massa ; antes de haver outeiros eu era dada á luz ; ainda elle não tinha feito a terra nem os rios, nem tinha firmado o mundo sobre os seus polos.

« Quando elle preparava os ceus, eu me achava presente ; quando com lei certa e dentro do seu ambito encerrava os abysmos ; quando firmava lá no alto a região etherea, e quando equilibrava as fontes das aguas ; quando circumscrevia ao mar o seu termo e punha lei ás aguas, para que não passassem os seus limites ; quando sustentava pendentes os fundamentos da terra ; estava eu com elle regulando todas as cousas. E cada dia me deleitava, brincando em todo o tempo diante d'elle ; brincando na redondeza da terra, e achando as minhas delicias em estar com os filhos dos homens. »

Milton, *Par. Lost.* VII :

> *...and in his hand*
> *He took the golden compasses, prepared*
> *In God's eternal store, to circumscribe*
> *This universe, and all created things :*
> *One foot he centred, and the other turned*
> *Round through the vast profundity obscure,*
> *And said :—« Thus far extend, thus far thy bounds,*
> *This be thy just circumference, o World! »*

[2] *Acerbo.*—Quer Dante dizer que Lucifer, vaidoso por ser entre as creaturas a mais formosa e eminente em perfeição, não reflectiu que jámais se poderia

elevar a tão subito grau de *madureza*, que se podesse igualar ao Creador, e deixou-se arrastar pela soberba.

[3] Pela geographia em voga no tempo de Dante, a India era a parte do mundo mais distante da Italia.

[4] S. Paulo, *Ep. aos Galatas*, III:

« A Escriptura todas as cousas encerrou debaixo do peccado para que a promessa fosse dada aos crentes pela fé em Jesus Christo. Ora, antes que a lei viesse, estavamos debaixo da guarda da lei, encerrados para aquella fé, que havia de ser revelada. Assim que a lei nos serviu de pedagogo, que nos conduziu a Christo para sermos justificados pela fé. »

[5] S. Matheus, *Ev.* VII:

« Nem todo o que me diz—Senhor, Senhor,—entrará no reino dos ceus; mas sim o que faz a vontade de meu Pae que está nos ceus, esse entrará no reino dos ceus. Muitos me dirão n'aquelle dia: Senhor, Senhor, não é assim que prophetizamos em teu nome, e em teu nome expellimos os demonios e em teu nome obramos muitos prodigios? E eu então lhes direi em voz bem intelligivel: Pois eu nunca vos conheci: apartai-vos de mim os que obrais a iniquidade. »

[6] S. Matheus, *Ev.* XII:

« Os habitantes de Ninive se levantarão no dia de Juizo com esta geração e a condemnarão, porque fizeram penitencia com a pregação de Jonas. E eis aqui está n'este logar quem é mais que Jonas.

« A Rainha do Meio dia se levantará no dia do Juizo com esta geração e a condemnará; porque veio lá das extremidades da terra a ouvir a sabedoria de Salamão, e eis aqui está n'este logar quem é mais que Salamão.»

Apocalypse, XX:

« E vi os mortos grandes e pequenos que estavam em pé diante do throno e foram abertos os livros; e foi aberto outro livro, que é o da vida; e foram julgados os mortos pelas cousas que estavam escriptas nos livros, segundo as suas obras... E aquelle, que se não achou escripto no livro da vida foi lançado no tanque de fogo.»

[7] Alberto de Austria, filho de Rodolpho de Hapsburgo V. *Purg* c. XI, notas.

[8] A invasão da Bohemia cuja capital é Praga, occorreu em 1303.

[9] Philippe o Bello, Rei da França, que depois de derrotado pelos Flamengos na famosa batalha de Courtray, pagou as suas tropas com moeda que falsificava, e acabou a vida em 1314 por effeito da queda de um cavallo amedrontado por um javali.

[10] Guerras, em que se combateram o Rei da Escossia João Baliol e o Rei da Inglaterra Eduardo I.

[11] Fernando IV reinou em Castelha e Leão, a cujo throno subiu por morte do seu pae Sancho IV. Correu imminente perigo de perdel-o; porque não sómente os Reis de Portugal e Aragão invadiram os seus dominios e entraram diversas cidades, senão tambem Alphonso de Lacerda rebellou-se usurpando o nome de Rei de Castelha, e o seu proprio tio D. João foi proclamado soberano em Leão. Ao mesmo tempo os Mouros, aproveitando a opportunidade

lavam sobre as praças fronteiras. Mas Fernando, poderosamente auxiliado pela energia e sabios conselhos de sua mãe, a Rainha Maria, superou todos esses obstaculos. Foi conhecido com a denominação de *Emprazado;* porque, tendo mandado precipitar de um alto penhasco a dois fidalgos da sua côrte, estes, antes de se executar a sentença, o emprazaram para comparecer diante de Deus dentro de trinta dias. E assim se realisou.

[12] Wenceslau, Rei da Bohemia—V. *Purg.* c. VII, notas.

[13] O coxo Rei de Sião foi Carlos I, Rei de Napoles e Jerusalem.—V. *Purg.* c. VII e XX.—Sua virtude é representada por 1, os seus vicios por 1000.

[14] Frederico, Rei da Sicilia, filho de Pedro III, de Aragão.—V. *Purg.* c. VII.

[15] A Sicilia.

Virg. *En.* III:

Hinc Drepam me portus et inlætabilis ora
Adcipit. Hic, pelagi tot tempestatibus actus,
Heu genitorem, omnis curæ casusque levamen
Amitto Anchisen. Hic me, pater optime, fessum
Desens, heu, tantis, nequidquam erepte periclis!
Nec vates Helenus, quum multa horrenda moneret,
Hos mihi prædixit luctus, non dira Celeno
Hic labor extremus, longarum hæc meta viarum.

Trad. de J. F. Barreto:

O porto Drapaneo, d'aqui partido,
E a praia de dôr cheia e sentimento
Me recebe; aqui vindo constrangido
Do procelloso mar e irado vento,
Perco, ai de mim! a Anchises meu querido
Pae, dos meus males o unico contento.
Aqui, ó bom pae, me deixas destroçado.
Em vão, ai! de mil trances escapado!
Nunca estes males o propheta Heleno
Me disse, horrendo mil prognosticando,
Nem a cruel e barbara Celeno
Caso me annunciou tão miserando.
Este, pois, para cuja dôr pequeno
Vaso é o coração, abreviando,
E' meu trabalho extremo, é por divisa
Dos meus largos caminhos a balisa.

[16] O tio de Frederico de Sicilia foi Jayme, Rei de Majorca e Minorca, irmão de Pedro III. — O irmão, Jayme II de Aragão, falleceu em 1327 — V. *Purg.* c. VII.

[17] D. Diniz, Rei de Portugal, por antonomasia o Lavrador, começou a governar em 1279, por morte do seu pae Affonso III. O que referem os escriptores não só portuguezes, senão extrangeiros acerca do reinado d'este soberano convence de ter sido Dante demasiadamente severo collocando-o entre os Reis notaveis por flagicios. A historia perpetuou o seu nome como um dos que mais da gratidão e amor do seu povo se fizeram dignos por obras excellentes, já protegendo os fracos, as artes, sciencias e agricultura, já defendendo a justiça perseguida na ordem dos Templarios, já pugnando pelos brios nacionaes

contra Aragão e Castelha. Mereceu que o immortal cantor das *Luziadas* assim dissesse (c. III, est 96 e seg.):

Eis depois vem Diniz, que bem parece
Do bravo Affonso estirpe nobre e di'na,
Com quem a fama grande se escurece
Da liberalidade alexandrina.
Com, este o reino prospero floresce,
Alcançada já a paz aurea, divina,
Em constituições, leis e costumes,
Na terra já tranquilla claros lumes.
Fez primeiro em Coimbra exercitar-se
O valoroso officio de Minerva,
E de Helicona as Musas fez passar-se
A pisar do Mondego a fertil herva.
Quanto póde de Athenas desejar-se,
Tudo o soberbo Apollo aqui reserva:
Aqui as capellas dá tecidas de ouro
Do baccharo e do sempre verde louro.
Nobres villas de novo edificou,
Fortalezas, castellos mui seguros;
E quasi o reino todo reformou
Com edificios grandes e altos muros.

Mariana, *Historia generale de España* (lib. XV, 18):

« El año siguente de 1325 lunes a 7 de Enero, fallecio en Santarèm Dionysio Rey de Portugal, principe muy señalado, assi per el mucho tiempo, que reynò, es a saber 45 años 9 mezes y 5 dias, como por la grandeza de su animo y por la felicidad, que siempre tuvo. Solo las discordias de su casa y debates que ouo entre padre y hijo, en su postrimena, aguaron este contento. Su corpo enterraron en el monasterio de San Bernardo, legua y mediâ de Lisboa, que el mismo fundò a su custa em que se muestra su piedad y religion; la su liberalidade y magnificencia se entrendeu por muchos pueblos, que edificò, y otros que cercò, reparò y fortificò. Su muger Diña Yzabel, Reina de vida y costumbres muy santos viviò 11 años adelante. Sus virtudes furon tan señaladas y tan grande el zelo del culto divino, el cuydado de remediar los pobres, en tiempo de hambre, amparar las viudas y gente flaca, en inocencia y mansidumbre, qui despues de muerta la canonisaron, e su corpo (que está en Coymbra en la iglesia de Santa Clara, fundacion sua de la otra parte del rio Mondego) és reverenciada en toda aquella provincia, con gran devocion. Falleciò a 4 de Julio del año de 1332. »

Um escriptor contemporaneo, o Sr. José Maria de Andrade Ferreira, no seu *Curso de litteratura portugueza*, (Lisboa, 1875), diz:

« A historia das nossas cousas litterarias começa a desenhar-se de um modo mais perceptivel com o reinado de el-rei D. Diniz. E' com o impulso do seu animo esclarecido, é com os seus bons desejos, como principe, que prevê ser impossivel sem aperfeiçoamento intellectual realizarem-se progressos reaes e qualquer ordem de melhoramentos publicos; é ainda mais com o seu peculiar e insistente amor ás lettras que se dão os primeiros passos para sahirmos das trevas primitivas, em que permanecia involvida a monarchia portugueza. Os historiadores chamam o reinado d'este soberano a nova *idade de ouro*.

« E sem encarecimento assim se póde appellidar; porque, se attentarmos no atrazo das idéas e das instituições no restante da Europa, n'essa epocha, em que quasi todos os espiritos e a propria organização informe dos Estados era totalmente disposta para as necessidades da guerra e dos combates, muito mais

nos deve admirar que o Rei portuguez seguisse pensamento acima d'essa uniformidade e rudeza, que por toda parte afogava as inspirações mais arrojadas, e lograsse effectuar adiantamentos, que foram de certo os alicerces do nosso edificio litterario. Foi el-rei D. Diniz que tratou de liberiar esta nação do jugo da lingua extranha, que mais de dez seculos supportara, proscrevendo do foro e dos tribunaes e de mais tratos publicos o latim abastardado, que até então fôra a lingua vulgar, ou, pezo menos, a adoptada em todos os documentos civis; quem mandou verter em portuguez a *Biblia* e o Livro das Partidas, em que os estudiosos das nossas cousas antigas pretendem ver um texto de legislação adoptado, e que fôra ao mesmo tempo, e que foi ao mesmo tempo a escolha de uma obra por si encarecida, e por isto com acerto escolhido para ensaio litterario. Foi tambem D. Diniz quem fundou uma universidade em Lisboa, onde se ensinava direito civil, depois transferida para Coimbra em 1308. Os primeiros estatutos foram-lhe dados em 1309.

« Distinguiu-se tambem este principe como um dos mais esmerados cultores das Musas, cabendo-lhe inquestionavelmente a honra de ser o primeiro trovador, que rimou em lingua chamada nacional. Os nossos historiadores antigos chegam até a classifical-o como grande *trovador*, conforme se lê em Duarte Nunes de Leão (*Chr. de el-rei D. Diniz*), quando escreveu: « Sobre estas grandes virtudes (as politicas) tinha el-rei D. Diniz outras: foi ser muito humano e conversavel, sem perder nada da magestade de Rei, e *grande trovador quasi o primeiro, que na lingua provençal portugueza sabemos escreveu versos*, o que elle e os d'aquelle tempo começaram a fazer á imitação dos Avernos e Provençaes. »

« D. Diniz, quasi educado pela influencia da côrte poetica e abrilhantada das tradições provençaes do seu avô D. Affonso o Sabio desde verdes annos, amava as lettras e a poesia. A risonha epocha da florescencia dos poetas de Provença e dos seus imitadores, cujos echos festivos chegaram ainda ao paço de seu pae, provou-lhe a phantasia das recordações; e assim como tentou conservar a ordem dos Templarios com o nome de cavalleiros de Christo, da mesma sorte pretendeu perpetuar a antiga usança das gentilezas do genio provençal, sustentando, com o seu exemplo, a imitação de uma quadra poetica, já a expirar em França e que na propria Italia começava tambem de ser esquecida pelos admiradores de Dante.

« A posteridade ficou dizendo que *D. Diniz fez quando quiz*; e de feito não só no governança politica do seu reino elle realizou quasi todos os esforços da sua vontade, senão que até nas proprias espheras da imaginação e do gosto conseguiu retardar a marcha dos acontecimentos. Os primeiros fundamentos da instrucção litteraria foram lançados por este Rei; e não só os fundamentos da instrucção litteraria se devem a este principe, senão a cultura dos costumes e aquelle esmero cavalheiresco, que tanto recommendava todas as côrtes, onde a galanteria dos trovadores provençaes e a galhardia dos grandes guerreiros da epocha haviam introduzido o culto das damas e o enthusiasmo pela poesia...

« A julgar até por tão guapa e cavalheirosa phalange de principe, como foram aquelles, que exaltaram e ennobreceram a côrte de D. Diniz, talvez se podessem presumir n'ella a sêde de uma d'essas *côrtes de amor*, como as teve a Provença e o Aragão, tão resplendescentes de formosura e rasgos de gentileza amorosa se a austeridade das virtudes da Rainha Santa Isabel não viesse banir toda a suspeita de existencia d'esses galanteios e affectações, que, se por um lado puliam, por outro começavam a corromper e afeminar a regidez dos costumes guerreiros da idade média. »

Carl Witte, traductor da *Divina Comedia* em versos allemães, em nota a este canto, assim se exprime:

« A historia não confirmou o conceito aggressivo de Dante acerca de D. Diniz o Justo, Rei de Portugal, cujo reinado coincidiu com a maior parte da

vida do poeta florentino. E' possivel que a má opinião, em que esse monarcha era tido na Italia, proviesse da energica oppozição por elle feita ás tendencias invasoras do clero.

« Quanto ao Rei da Noruega, é de suppor que não se refira Dante a Erico appellidado Miso-Papa (inimigo dos sacerdotes,) que fallecera nos primeiros mezes de 1299, senão a Hakon Heleggr (penna alta,) que, tendo reinado quasi vinte annos, consumiu parte d'esse tempo em commettimentos mallogrados contra a Dinamarca e parte em infructiferos esforços para mudar a successão do throno. »

Philalethes, o regio traductor allemão de Dante, em nota a este canto disse :

«O Rei de Portugal, aqui mencionado, é sem duvida D. Diniz (1279—1325) um dos mais egregios a assignalados soberanos do seu seculo. Cimentou, pela sua sabia administração os alicerces da futura grandeza de Portugal, e soube não só defender os direitos da corôa contra as tendencias do clero e nobreza, senão tambem sustentar os principios da justiça, quando offendidos. Mal se comprenderia, pois, a razão porque Dante menciona este Rei com allusão, que importa grave censura, se não nos deparasse o *Ottimo Commento* o preciso esclarecimento. O escriptor anonymo diz de D. Diniz o seguinte :—*Tutto dato da acquistar avere, quasi come un mercadanti, mena sua vita e com tutti li grossi mercaanti del suo regno ha affare di moneta; nulla cosa reale, nulla cosa magnifica si puote senzere di lui.* —Esta opinião de um contemporaneo talvez procedesse em parte do facto de ter sido D. Diniz o primeiro Rei portuguez, que não guerreou contra os Mouros (o que, porém, era desnecessario, porque as fronteiras do reino estavam já em segurança); e tambem em parte da grande solicitude, com que, adiantando-se ao seu seculo, protegeu a industria, principalmente a navegação e o commercio maritimo. Foi assim que admittiu ao seu serviço o Genovez Manuel Pezzagno, sob a condição de levar na sua companhia vinte compatriotas seus, mareantes experimentados, para promover por este meio a navegação em Portugal.

« Tendencias taes foram havidas n'essa epocha por improprias da realeza. Se o trecho citado do *Ottimo Commento* não confirmasse esta explicação, tambem se poderia conjecturar que o procedimento de D. Diniz para com a ordem dos Templarios foi mal interpretado por Dante. Quando irrompeu na França a perseguição dos Templarios, mandou D. Diniz abrir devassa contra ellas, mas sem resultado, como era de presumir, uma vez que a justiça não era administrada com parcialidade. Abolida a ordem no concilio de Vienne, D. Diniz tomou posse das suas propriedades, e por isso recusou entregal-as á de S. João. Procedeu, porém assim com boa intenção; pois, abonançando o tempo, D. Diniz fundou a ordem de Christo, na qual entraram quasi todos os membros da ordem dos Templarios e deu á nova ordem os bens confiscados da extincta. Isto succedeu em 1319, sendo possivel que Dante, na occasião em que escreveu este canto, ainda não tivesse conhecimento, da verdade e, pois, levasse os actos do Rei de Portugal á conta dos que soe inspirar a paixão da cobiça e ganancia.

« Cumpre, no entanto, lembrar que D. Diniz, na mocidade, deu á sua nobre esposa, Santa Isabel, acerbos dissabores pelas suas infidelidades, de que, porém, se arrependeu profundamente á hora da morte. Tambem teve de expiar os erros dos primeiros annos pelo procedimento do Principe herdeiro da corôa D. Affonso, o qual, tornando-se inimigo de D. Affonso Sanches, seu filho natural deu motivo a desavenças entre o pae e o filho, que foram mitigadas unicamente pela benigna intervenção da Rainha Isabel.

[18] Não se sabe ao certo quem fosse o Rei da Norwega, a quem Dante allude.—O *Ottimo Commento*, em nota ao v. 139 diz :

« O autor censura o Rei de Portugal, porque, por cubiça de adquirir riquezas, vive embebido em traficancias como um mercador, e entra em negocios monetarios com todos os commerciantes de grosso trato do seu reino. D'elle se não póde escrever cousas magnificas, nem dignas de um Rei ; e ainda menos do da Norwega : pois, assim como as suas ilhas demoram na ultima extremidade do mundo, assim a sua vida se passa fóra da racionabilidade e civilização.

[19] Uroscio II, Rei de Rascia ou Ragusa, na Dalmacia. Falsificou a moeda de Veneza. Casou-se com uma filha do Imperador Miguel Palologo. D'elle diz o *Ottimo* :

« Tendo um filho e trez netos, filhos d'este, e receiando que tomassem o reino, mandou entregal-os ao Imperador, seu cunhado, em Constantinopla, recommendando-lhe que os tivesse em carcere, porque tramavam a sua morte. E assim se fez, em modo que, pelo rigor, com que era tratado, o pae dos trez mancebos quasi cegou ; dois dos filhos o serviam e o terceiro foi para o poder do avô. Finalmente o pae matou um dos que restavam ; e com o outro evadiu-se da prisão ; e tornando a Rascia apossou-se de Uroscio e por sua vez o metteu em carcere, onde acabou os seus dias. Pouco tempo reinou ; dos seus filhos recebeu a recompensa. »

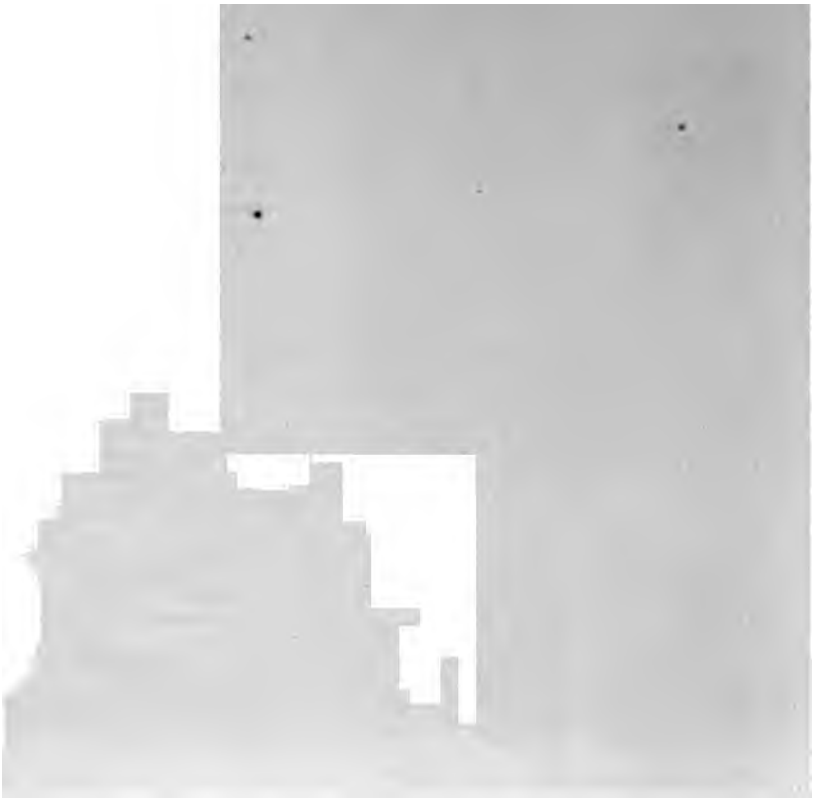
[20] Diz o *Ottimo* :

« Censura a torpe e viciosa existencia dos Reis da Hungria até André, que os Hungaros louvaram durante a vida e choraram depois da morte, que, comparadas com a dos outros, foi mais civil e politica. »

[21] Luiz, denominado *Le Hutin*, filho de Philippe o Bello e Joanna, filha de Henrique I de Navarra, ainda em vida do seu pae, assumiu a corôa como Rei d'essa parte da Hespanha, em 1307. Da casa real da França foi o primeiro que se intitulou Rei da França e Navarra.

[22] Cidades na ilha de Cypre.

[23] Henrique II, Rei de Cypre, da casa dos Lusiguans. Dante o qualifica de féra por ser no extremo dado á concupiscencia e mais vicios.



CANTO XX

1. QUANDO esse astro, que a todos allumia
D'este hemispherio nosso já descende
E se consume em toda a parte o dia,
2. O ceu, que d'elle só de antes se accende,
Scintillante se mostra de repente
Por mil luzeiros, em que um só resplende.
3. Do ceu surgiu-me essa mudança á mente
Depois que o santo passaro calou-se,
Dos reis, no mundo, insignia refulgente;
4. Pois d'esses vivos lumes ateou-se
Inda mais o clarão, hymno cantando,
Que na memoria instavel apagou-se,
5. O' doce amor! n'um riso te velando,
Quanto indicas arder nos esplendores,
Que estão santo pensar só respirando!
6. Quando as gemmas sublimes nos fulgores,
De que o sexto planeta se adornava
Findaram seus angelicos dulçores,
7. De rio o murmurar ouvir julgava,
Que, em claras espadanas debruçado
Com sua veia abundante as rochas lava.

8. Da cith'ra em braço como o som formado,
Como o sopro na avena penetrando,
Em melodicas notas modulado,
9. Assim formou-se um murmurio brando,
Que sobiu, logo após, da ave formosa,
Pelo canal do collo, se exhalando.
10. Então em voz tornou-se harmoniosa,
Que do bico em palavras irrompia:
Em minha alma insculpiram-se anciosa.
11.—« Na parte attenta, que em mim vê »—dizia—
« Que até na aguia mortal affronta ousada
O sol, quando rutila ao meio dia;
12. « Porque dos fogos, de que sou formada,
Aquelles, com que a vista me scintilla,
No ceu graduação tem sublimada,
13. « Esse, que brilha em meio por pupilla,
Foi o regio cantor do Esp'rito Santo,
Que a Arca trasladou de villa em villa, [1]
14. « Conhece ora a valia de seu canto,
Qual foi o effeito d'esse ardente zelo,
Galardão recebendo tal e tanto.
15. « Dos cinco, que o sobrolho me ornam bello,
Consolou o que ao bico está mais perto
Viuva em dó do filho, seu desvelo. [2]
16. « Quanto custa lhe está bem descoberto
A Christo não seguir, pela exp'riencia
Do ceu e do penar pungente e certo. [3]
17. « E o que está logo após na circumf'rencia
Do sobrolho, onde vês arco superno,
Morte adiou por vera penitencia. [4]
18. « Conhece agora que o juizo eterno
Não muda, se o rogar do arrependido
Em crastino tornar facto hodierno.
19. « A mim e as leis esse outro [5] ha transferido
A Grecia, do Pontifice em proveito:
Boa intenção mau fructo ha produzido.

20. « Conhece agora que o maligno effeito
D'essa obra pia lhe não é nocivo,
Posto haja o mundo horrendo desproveito.
21. « O que vês do sobrolho no declivo *
Guilherme é, por quem chora o reino, oppresso
De Frederico e Carlo ao mando esquivo. [6]
22. « Conhece agora bem com quanto excesso
Ao Rei justo ama o ceu : do seu semblante
Ainda no fulgor se mostra expresso.
23. « Quem crer podera em vosso mundo errante
Que entre estas luzes santas quinta seja
Ripheu Troiano, [7] da justiça amante ?
24. « Conhece agora que mysterio esteja
Na Graça,—aquillo, que inda o mundo ignora,—
Bem que o fundo ineffavel não lhe veja.»—
25. Qual codorniz que os vôos seus demora,
Paira cantando e cala-se, enlevada
Nas doçuras finaes da voz sonora :
26. Tal parece-me a imagem signalada
Pelo eterno prazer, que, a seu desejo,
Faz que seja quanto é cousa creada.
27. Posto a duvida minha n'este ensejo,
Como no vidro a côr, fosse patente,
Não mais espero a solução, que almejo.
28. Cedendo á força do seu pezo urgente,
Prorompo logo :—Que mysterio immenso !—
Da aguia o jubilo fez-se mais fulgente.
29. Brilho tendo nos olhos mais intenso
A sacrosanta fórma respondia
Por não mais ter-me attonito e suspenso :
30.—« Bem vejo que tu crês »—assim dizia—
« Não porque entendas, mas porque assevero :
Occultas cousas são, mas fé te guia.

* Camões.

31. « E's como quem da cousa o nome vero
Aprende ; mas innota fica a essencia, [8]
Se não a explica espirito sincero.
32. « Dos ceus o reino soffre uma violencia [9]
Do ardente amor e da esperança viva,
Que triumpham da propria Omnipotencia.
33. « Mas não é, qual victoria humana, esquiva :
Vencido é Deus por ser assim servido ;
Tem, vencido, victoria decisiva.
34. « Maravilhado, ao veres, te has sentido,
Do meu sobrolho a luz quinta e primeira
N'este imperio aos eleitos concedido.
35. « Não morreram gentios : crença inteira
No Redemptor futuro ou no já vindo
Tinham antes da hora derradeira. [10]
36. « A' vida um, lá do inferno resurgindo,
Onde não se corrige o condemnado,
A mercê recebeu anhelo infindo,
37.—« Vivo anhelo, que ardor tanto empenhado
Em suplicar a Deus tal graça havia,
Que poude o seu querer ser abalado.
38. « Quando voltou á carne e á luz do dia,
Em que não fez detença a alma ditosa,
N'aquelle ha crido que a salvar podia. [11]
39. « E foi na fé, no amor tão fervorosa,
Que ao passar nova morte ha merecido
Sublimar-se á existencia gloriosa
40. « E do outro, pela Graça protegido,
Que provém de uma origem tão profunda,
Que a nascente olho algum não lhe ha sabido,
41. « Foi no amor á justiça sem segunda :
De graça em graça a Redempção futura
Mostrou-lhe Deus revelação jocunda. [12]
42. « A' fé se entrega ; e a sua mente pura
A perversão gentilica rejeita,
Do mundo reprendendo a vida impura

43. « As damas trez que achavam-se á direita, [13]
Do carro, o seu baptismo effectuaram,
Annos mil precedendo a lei perfeita.
44. « O' predestinação ! Não te alcançaram
A raiz esses olhos, que a primeira
Cousa jámais ao todo interpretaram.
45. « Mortaes ! Oh ! não julgueis tão de carreira !
Porque nós que Deus vemos não sabemos
Dos preferidos seus a grei inteira.
46. « Esta ignorancia por ditosa havemos ;
Que o nosso bem por este bem se afina
— De ser quanto Deus quer o que queremos. » —
47. Por essa imagem de feição divina
Assim, para aclarar-me a curta vista,
Dada me foi suave medicina :
48. E como a um bom cantor bom citharista
Acompanha, vibrar fazendo a corda,
E d'esta arte mais graça o canto acquista,
49. Assim a fala (a mente me recorda)
Da ave santa os luzeiros dois seguiam ;
Como dos olhos o bater concorda,
Com sua voz igualmente se movia.

NOTAS AO CANTO XX

Principes, que se sublimaram pela justiça e por outras virtudes. Porque estão no ceu duas almas que não professaram a lei de Christo.

[1] David.

[2] O Imperador Trajano.

[3] O Papa S. Gregorio, admirador das virtudes de Trajano, alcançou, pelas suas orações, o perdão d'esse Imperador, depois de ter estado quinhentos annos no inferno.

[4] O Rei Ezechias:

Reis, IV, 20:

N'este tempo adoeceu Ezechias de morte; e o propheta Isaias, filho de Amós vem ter com elle e lhe disse: Eis aqui o que diz o Senhor Deus: ordena a tua casa, porque tu morrerás e não vivirás.

« Elle virou o rosto para a parede, e fez oração ao Senhor, dizendo: peço-te Senhor, lembra-te, te supplico, de que modo eu andei diante de ti em verdade e com um coração perfeito e que fiz o que era do teu agrado. Depois derramou Ezechias grande copia de lagrimas.

« E antes que Isaias tivesse passado metade do atrio, o Senhor lhe falou, dizendo: Volta e diz a Ezechias, conductor do meu povo: Eis aqui que diz o Senhor Deus de David, teu pae: Eu ouvi a tua oração e vi as tuas lagrimas, e olha que eu te dei saude e d'aqui a trez dias irás ao templo do Senhor. E accrescentarei quinze annos aos dias da tua vida. Alem d'isto eu livrarei a ti e a esta cidade da mão do Rei dos Assyrios, e protegerei esta cidade por amor de mim e por amor de David, meu servo.

« E disse Isaias: Trazei-me cá uma massa de figos. E como lh'a trouxessem e a pozessem sobre a ulcera do Rei, ficou curado. Mas Ezechias tinha dito a Isaias: Qual será o signal de que o Senhor me sarará e que dentro de trez dias irei ao templo do Senhor?

« E Isaias lhe respondeu: Este será o signal da parte do Senhor, de que o Senhor ha de cumprir a palavra, que disse: queres que a sombra se adiante dez linhas ou que ella retroceda outros tantos graus?

« E Ezechias disse: E' facil que a sombra se adiante dez linhas; não quero que isto se faça, senão que volte atraz dez graus.

« Invocou, pois, o propheta Isaias o Senhor e fez que a sombra voltasse pelas linhas, pelas quaes já tinha passado no relogio de Accaz, dez graus atraz. »

[5] Refere-se a Constantino, que transferiu a séde do Imperio romano de Roma para Constantinopla, então Byzancio e igualmente á doação que se diz ter feito ao Papa S. Sylvestre V. c. XXI do *Inf.*, notas.

[6] Guilherme o Bom, Rei da Sicilia. Por sua morte ficou o reino exposto ás vicissitudes, que lhe occasionaram Carlos o Coxo e Frederico de Aragão, que fizeram sentir o contraste das virtudes de Guilherme.

Disse o *Ottimo*:

« O Rei Guilherme foi justo e razoavel, amava os seus subditos em tão serena paz, que se podiam dizer que viviam no paraiso terreal os Sicilianos d'aquelle tempo. Com todos era no extremo liberal, com os virtuosos prodigo de beneficios. Quando á sua côrte chegava algum sujeito vicioso e maldizente, os officiaes do Rei lhe davam noticia immediatamente, e, de ordem do monarcha, proviam-o de roupas e outros presentes, dando-lhe assim occasião para retirar-se. Se era virtuoso, do mesmo modo lhe fazia mercê; mas detinha-o pela esperança de outros favores. Frequentavam a sua côrte pessoas, que se abalizam pelo seus predicamentos, versejadores afamados, cantores primorosos, homens de conhecida honestidade e virtude... Não obstante, o bom Rei Guilherme foi em 1155 excommungado pelo Papa Adriano IV como rebelde á Igreja. Quando obteve absolvição, deu preito ao Pontifice, de quem o seu reino foi declarado feudo. »

[7] O Troiano Ripheu, de quem disse Virgilio, *En.* II:

Cadit et Ripheus justissimis unus
Qui fuit in Teucris et servantissimus æqui.

[8] Ou *quididade*, em estylo da Escola: a essencia, o *quid est* das cousas.

[9] S. Matheus, *Ev.* XI:

« E des dos dias de João Baptista até agora o reino dos ceus padece força, e os que fazem violencia são os que o arrebatem. »

[10] Ripheu vivera antes de Jesus Christo, Trajano depois.

[11] Segundo a lenda, Trajano, sahindo do inferno, por effeito da intercessão de S. Gregorio resuscitou e viveu o tempo necessario para ser baptizado e arrepender-se dos peccados, que commettera na sua primeira existencia.

[12] Nenhuma lenda existe acerca de Ripheu, nem outra menção, que a de Virgilio na *Eneida*. Dante foi simplesmente o autor d'esta ficção.

[13] Fé, Esperança e Caridade.—V. *Purg.* XXIX.

CANTO XXI

1. De Beatriz no gesto o entendimento,
Acompanhando os olhos, embebia ;
De al não cuidava absorto o pensamento.
2. Beatriz, sem sorrir-se, me dizia :
—« O sorriso contenho ; de outra sorte,
Como Semele, em cinzas te veria. [1]
3. « Minha belleza, viste já mais forte
Refulge, quanto mais se eleva a escada,
Por onde ascende para a eterna côrte.
4. « Teu vigor se não fôra moderada
Ao seu fulgor de tudo fornecera,
Qual fronde, pelo raio espedaçada.
5. « A setima [2] chegamos clara esphera,
Que sob o peito do Leão ardente
Da luz mas viva do que de antes era.
6. « Teus olhos acompanhe prompta a mente ;
Sejam-te espelho a quanto este astro bello,
Que um espelho é tambem, fará patente. »—
7. Quem bem coubesse a força do desvelo,
Com que a vista em seu gesto se pascia,
Quando voltei-me a impulso de outro anhelo,

8. Quanto contente fui conheceria,
Minha guia celeste obedecendo,
Após uma gosando outra alegria.
9. No crystal, que, em seu gyro se movendo,
O nome do Monarcha tem querido,
Que a todo o vicio foi flagello horrendo. *
10. De aurea côr, em que o sol é reflectido,
Escada vi de tão sublime altura,
Que o topo aos olhos stava-me escondido
11. Pelos degraus brilhando com luz pura
Descia somma tanta de esplendôres,
Que os clarões todos ver se me afigura.
12. Como, ao seu modo, aos matinaes albores,
As gralhas, pelos ares se movendo,
Aquecem-se, do frio nos rigores,
13. Umas se vão não mais voltar querendo,
Tornam outras, buscando o pouso amado,
Rodam outras, os vôos seus contendo :
14. Tal dos lumes o bando sublimado
Pela escada formosa parecia,
Até certo degrau terem tocado.
15. E o que parou mais perto resplendia
Tão claro, que eu pensei :—Luz, que eu venero
Em ti , amor, em que ardes, denuncia.
16. Mas Beatriz de quem signal espero
P'ra dizer ou calar, grave emmudece :
Eu pois o anhelo meu reprimir quero.
17. Ella, que o meu pensar então conhece,
Pois quem tudo prevê lh'o manifesta,
—« Cumpre »—disse—« o que a mente ora appetece. »—
18. E comecei :—« Direito não me presta
A resposta o meu merito apoucado :
Mas por aquella, que o valor me empresta,

* O reino de Saturno, na idade de ouro.

19. « Espirito ditoso, que velado
Stás por tua alegria, me declara
Porque tão perto a mim te has collocado ;
20. « E porque muda está na esphera clara
Do Paraiso a doce symphonia,
Que tão devota n'outras escutara. »—
21.—« Como os olhos o ouvido »—respondia—
« Tens mortal : n'esta esphera não se canta,
Nem Beatriz sorri, como soïa.
22. « Tantos degraus desci da escada santa
De prazer por te dar mostra evidente
Em vozes e na luz que me abrilhanta.
23. « Não que me apresse o affecto mais ardente,
Pois lá por cima igual o mais se accende,
Como te prova o flammejar ingente.
24. « Mas alta caridade, que nos prende
A quem por seu querer tudo governa,
Quaes vês, marca os logares como entende. »—
25.—« Bem conheço »—tornei—« sacra luzerna,
O como o livre amor do ceu na corte
Basta para cumprir vontade eterna.
26. « Mas como, entre a dos teus santa cohorte.
Tu só chamado a este cargo has sido,
Por discernir não hei mente assaz forte. »—
27. A voz final não tendo proferido.
Qual veloz roda, sobre si gyrando
Volveu-se o lume, subito movido.
28. O amor, que encerrava, então falando
—« Em mim dardeja »—disse —« a luz divina,
Esta, que me circumda, penetrando.
29. « Com meu ver, sua acção, que assim combina,
Tanto me alteia, que a Suprema Essencia,
D'onde ella emana, a mim se descortina.
30. « D'ahi vem do meu jubilo esta ardencia ;
Pois a minha visão quanto é mais clara,
Da claridade em mim sóbe a eminencia.

31. « Alma, porém, que mais no ceu se aclara,
O seraphim, que em Deus mais se embevece,
Resposta ao teu dizer não deparara.
32. « Tanto o que me perguntas desparece
Dos eternos conselhos no infinito,
Que a vista a todos pavida esmorece.
33. « Ao mundo isto por ti deve ser dito,
Que da verdade saiba quanto aberra,
Os pés movendo ao transcendente fito.
34. « Alma, que é flamma aqui, fumo é na terra :
O que no ceu jámais saber alcança,
Como ver póde, quando a cinza a encerra ? »—
35. Em tanto enleio o seu dizer me lança,
Que humilde, outras perguntas evitando,
Em lhe saber o nome puz a esp'rança.
36. « De mares dois no meio demorando,
De Florença não longe, estão rochedos,
Aos trovões sobranceiros se empinando.
37. « Catria [3] chama-se a giba dos penedos :
Ao pé se vê um claustro consagrado
Da alma com Deus aos mysticos segredos. »—
38. Terceira vez o santo me ha tornado.
E disse, proseguindo :—« N'essa ermida
Sómente a Deus servir me hei dedicado.
39. « Com succo de oliveira por comida,
Contente a calma e o frio supportava,
Passando alli contemplativo a vida.
40. « N'esse retiro ao ceu se apparelhava
Ampla seara ; esteril tanto agora,
Que o veu já cai que o mal dissimulava.
41. « Fui Pedro Damiano ; [4] um Pedro outrora
Dicto Peccator [5] junto ao Adria esteve
Na casa em que invocou Nossa Senhora.
42. « Da vida me restava espaço breve,
Quando ao claustro arrancado, me cingiram
Chapeu, que a indignas fontes já se deve.

43. « Magros descalços a missão cumpriram,
O Vaso de Eleição e Cephas, [6] tendo
O pão de cada dia, que pediram.
44. « Hoje o pastor, a custo se movendo,
Anda de um lado ao do outro carregado,
Quem o sustente por de traz querendo.
45. « Seu manto, o palafrem tendo embuçado,
Dois brutos n'uma pelle está fingindo.
O' paciencia, quanto has supportado ! »—
46. Calou-se. Luzes mil eu vi, fulgindo,
Descer em veloz gyro a excelsa escada :
Seu brilho, em cada volta, ia sobindo.
47. Parando em torno a essa alma afortunada,
A voz em som tão alto despediram,
Que não podera ser de outra igualada.
Não sei, torvado, o que ellas proferiram.

NOTAS AO CANTO XXI

Breatriz e Dante passam do ceu de Jupiter ao de Saturno. Os santos anachoretas. S. Pedro Damiano responde a perguntas de Dante.

[1] Semele, filha de Cadmo e mãe de Baccho, mal aconselhada, pediu a Jupiter se lhe mostrasse em todo o esplendor da sua gloria : morreu abrasado.

Ovidio, *Met.* III (Trad. de A. F. Castilho) :

« Assim pois doutrinada, a não cuidosa
Filha de Cadmo a Jupiter supplica
Um dom sem dizer qual.—« Escolhe e fala—
Responde o Deus—não soffrerás repulsa.
Para maior certeza aqui te invoco
Divindade fatal do Stygio lago,
Temor dos immortaes, nume dos numes.—
Contente com seu mal, forte em seu damno
Semele, a quem o amor vai dar a morte,
— Qual te recebe entre os seus braços Juno
Lhe diz, quando o prazer vos chama ao toro,
Tal te goze eu tambem.—Tapar-lhe os labios
Quiz o Deus ; foi já tarde ; ouviu-se o rogo.
Geme, pois é já agora impraticavel
Não ter ella escolhido, elle jurado...
Do Rei do Olympo ao turbido apparato
Cede o corpo mortal da sem-ventura,
C'o dote conjugal tornado cinzas.
Feto immaturo do materno ventre
Se extrai ; na patria coxa, se devemos
Na fama acreditar, seu pae o insere,
E alli da gravidez preenche as luas.

[2] O planeta Saturno.

[3] A Serra de Catria é parte dos Apenninos.

C. Troya, no *Veltro Allegorico di Dante :*

« Eleva-se o mosteiro no viso das mais agras montanhas da Umbria. Imminente lhe está Catria, gigante dos Apenninos ; a sua sombra em modo tal o

envolve, que em certos mezes do anno lhe tolhe frequentemente a luz. Solitar e asperrima vereda conduz ao antigo hospicio dos caridosos anachoretas, q habitam n'esse retiro, onde os seus antecessores deram gazalhado a Alighie Nas paredes vê-se repetido o seu nome: testefica o seu vulto em marmore q no rodear dos seculos permanece no silencio do ermo a memoria do gran Italiano. O Prior Maricone o recebeu em 1318; e os annaes de Avellana honran se de enthezourar esta lembrança. Ainda que a omittissem, bastara ter vis Catria e ler a descripção de Dante para convencer de que o Poeta lá esteve. D selvoza corôa do penhasco, contemplava a sua patria, e comprazia-se em diz que não estava remota d'elle. E luctava com as saudades; e podendo tornar a seu gremio, elle proprio submettia-se a novo desterro para não supportar i famia. Baixava da eminencia e admirava os costumes antigos dos religiosos mas foi pouco indulgente com os seus hospedes, julgando-os destruidos da virtudes monasticas. Presume-se que a esse tempo e nos logares proximos Gubbio escrevera elle os cinco canto ulteriores ao vigesimo do *Paraiso*. »

Ampère, *Voyage Dantesque*:

« Muitas localidades ha na Italia, que passam por ter dado acolhida Dante, que ahi deve ter escripto varios trechos da sua *Commedia*. Sente-se to mado de respeito e ternura, quem ouve recontar essas tradições, que interessam á gloria nacional e constituem a lenda inseparavel dos nomes engrandecidos pela fama. Assim como numerosas cidades da Grecia porfiaram pela gloria da patria de Homero, assim tambem na Italia são muitos os logares, que se honram da hospitalidade prestada a Dante no seu desterro, se bem que alguns não possam allegar outro fundamento que piedosa crença. Quando se não firmam em indicação ou allusão do Poeta não as comprehendo no meu itinerario. Por isso não visitei o castello de Golmaro na Umbria, e a gruta, onde consta que os serranos do Friul mostram uma penha ainda hoje chamada a caleira de Dante, que alli meditara e compozera versos.

« N'este caso não está o mosteiro de Avellana, onde se guarda memoria e religião de Dante.

« Sendo tão precisa a menção que faz o Poeta no c. XXI do *Par*. cumpria-me ir até lá em romaria e, posto que indigno de tanta honra, pedir hospitalidade áquella mesma porta, em que batera Dante. Accrescia que se recommendava Avellana pelo seu sitio agreste e pittoresco no centro dos Apenninos, em um dos seus mais empinados cabeços. Assim que um pouco além de Aggubio me apartei da estrada de Fano e Rimini e me internei pelos Alpes da Umbria. Não ha exageração em chamar Alpes as montanhas, como é uso na Italia e como o fez Dante.

« Para ir ao mosteiro se tem de andar cinco horas pela orla de um precipicio. Serpeia em torno do mais alto dos cabeços, que têm o nome commum de Catria, uma estreita e sinuosa vereda. E' o *gibbo* o dorso que fala Dante. Descortina-se afinal a vista frontaria da abbadia, que se ostenta em planura, na qual remata a montanha, ficando-lhe, porém, a cavalleiro altos penhascos assombrados, de abetos. Divisa-se no termo da jornada sem ainda alcançal-a, ainda se tem de mergulhar n'uma quebrada e subir a vertente opposta. Mais que Avellana logar não ha apropositado para pouso da existencia attribulada por tormentos e perseguições.

« Fomos agazalhados como é costume nos mosteiros dispersos nas soledades asperrimas, como eu mesmo já o fôra, quatro annos antes, em Vallombreuse, Camaldulas Alverma. Logo em entrando tive mostra dos desvelos, com que os padres tratam os seus hospedes. Tinha machucado um braço cahindo do cavallo. Este accidente de pouca monta não me incommodava; por tão pouco prazia-me ser martyr da devoção a Dante. Fr. Manzo, cosinheiro, pharmaceutico

e cirurgião do convento com a propria mão com que offereceu uma chicara de optimo café, passou a friccionar energicamente a parte magoada, que applicou com o melhor exito um emplastro da sua composição. Feitos os cumprimentos, o abbade, homem douto e de elevado caracter, que por certo se não deixará sepultar em Avellana, recitou os versos de Dante, a que acima me referi, e nos conduziu á sala immediata á livraria, onde o busto do poeta se acha collocado em nicho, abaixo do qual se lê inscripção latina, que diz assim: Peregrino, este aposento onde esteve Dante e onde escreveu, segundo consta, parte importante da sua obra quasi divina, estava arruinado em risco de se abater. Philippe Rodolpho, sobrinho do cardeal Lourenço Nicolau, *summi collegii praeses*, movido por insigne veneração para com o seu patricio, reedificou este logar e mandou collocar aqui este testemunho em tributo á memoria do grande homem—Calendas de Maio de 1557.»

«A esta inscripção os religiosos fizeram um additamento...

«Logo após guiaram-me á camara, em que habitou Dante: pelos corredores e escadas seguia-nos um noviço de tunica branca, que levava uma lampada. Vimos duas cellas occupadas de noviços, em uma das quaes estavam pendudadas a seccar excellentes uvas. Um religioso velho disse jovialmente ao motador da cella:—Dante não as tinha tão boas.—O dito pareceu engraçado e provocou riso. Era muito para ver aquella grande fama litteraria assim familiar aos reclusos d'esse ermo, como no recesso das montanhas silenciosas.

«Muito agradeço a Dante o ter sido causa da minha visita a um logar tão notavel, ao qual eu talvez nunca tivesse ido, a não ser em intenção sua. Sinto indizivel contentamento passando uma noite n'essas cellas onde os seus habitantes passarão todas as suas, em quanto vivos forem. Folgo de despertar ao tanger do sino, que chama para o côro á noite na solidão. Gosto de ouvir os Padres, que inquirem do que vai pelo mundo...

«Com o maior alvoroço me levaram a um echo, maravilha de Avellana, o mais poderoso, que tenho ouvido: repete distinctamente um verso inteiro e até um verso e meio. Com summo prazer commetti ás penedias, em honra do Poeta, que vagueou por aquellas cumiadas, a repetição das palavras, que consagrou a Homero:

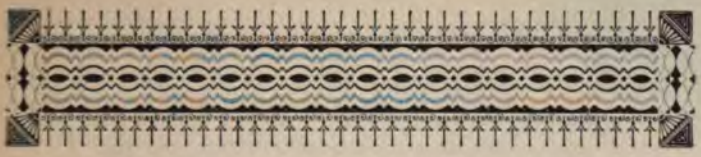
Onorate l'altissimo poeta!

O verso foi articulado claramente pela voz da montanha, que parecia a voz mysteriosa e longinqua do proprio Poeta.»

[4] S. Pedro Damiano nasceu em Ravenna em 988 e falleceu no mosteiro de Nossa Senhora, em Faenza no anno de 1072, em jornada para Roma. Em menino pastoreava porcos, depois, educado por um irmão, Arcediago em Ravenna, professou no mosteiro de Fonte Avellana, da ordem benedictina. Sendo abbade em 1041, prestou relevantes serviços a varios Papas, o ultimo dos quaes, Estevam IX, o nomeou cardeal e Bispo de Ostra. Em breve renunciou estas honras, que acceitara de mau grado, e tornou-se ao retiro como simples frade.

[5] S. Pedro degli Oreste, appellidado Peccador, que fundou o mosteiro de Santa Maria in Porto, no maritimo do Adriatico, não longe de Ravenna.

[6] O Vaso da Eleição, S. Paulo.—Pedro ou Cephas, o Apostolo, a quem Jesus disse: Tu és Simão, filho de Jona; tu serás chamado Cephas, que quer dizer Pedro. (S. João, *Ev.* I, 42).



CANTO XXII

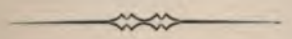
1. VOLTEI-ME a Beatriz, de espanto entrado,
Qual menino, que busca sempre o amparo
Da pessoa, em quem mais ha confiado.
2. Beatriz, como a mãe, que ao filho caro
Subito accorre ao vel-o espavorido,
Com voz, que soe lhe ser terno anteparo,
3.—« Ao ceu »—disse—« não vês que foste erguido?
Ignoras tu que o ceu em tudo é santo
E a caridade a tudo ha presidido?
4. « Pois commover-te o grito poude tanto,
Oh! quanto o meu sorriso te abalara
E dos celestes córos o alto canto!
5. « Se esse grito os seus rogos revelara,
Já de agora souberas a vingança, [1]
Que inda antes de morrer, verás, amara.
6. « Do ceu a espada pune sem tardança,
Mas sem pressa, com quanto o não pareça
A quem no medo aguarde e na esperança.
7. « Mas por voltar o rosto ora começa:
Que tens dever espiritos famosos,
Se a vista, como eu digo, se endereça. »—

8. Como ordenara, os olhos curiosos
Alcei : globulos vejo mais de cento,
Que os raios seus cruzavam luminosos.
9. Eu estava como quem reprime attento
Do desejo o aguilhão, e receiava
Por perguntas mostrar molesto intento.
10. Eis uma d'essas per'las, que ostentava
Entre as outras mais brilho, mais grandeza,
Para dar-me contento se acercava.
11.—« Se como eu » disse a sua voz [2]—« certeza
Da caridade houvesses, que em nós arde,
Teu desejo exprimiras com franqueza.
12. « Porque maior demora não retarde
Teu fim sublime, eu te darei resposta,
Posto em silencio o teu pensar se guarde.
13. « O monte, que o Cassino tem na encosta,
Estava, em seu cabeço, povoado
Por gente ignara, ao erro e ao mal disposta. [3]
14. « Alli, primeiro, [4] o Nome hei proclamado
D'Aquelle, que aos humanos a verdade
Trouxe que humanos tanto ha sublimado.
15. « Da Graça em mim luziu tal claridade,
Que salvar pude os povos circumstantes
Do culto, que perdera a humanidade.
16. « Eremitas hão sido esses brilhantes
Fogos, que vês : na flamma se accenderam,
Que fructos brota e flores vicejantes.
17. « Macario [5] e Romualdo [6] aquelles eram,
Estes os meus irmãos, que, os pés firmando
No claustro, os corações ao Senhor deram. »—
18.—« Esse affecto, que mostras me falando »—
Tornei—« e o bem querer, que tão patente
Nos esplendores vossos stou notando,
19. « O animo dilata-me : igualmente
O sol faz, quando á rosa purpurina
O seio desabrocha rescendente.

20. « E, pois, te rogo, ó Padre meu, te inclina
A declarar-me se a mercê mereço
De ver-te a face, mas sem veu, beu i'na. »—
21.—« O teu sublime anhelo todo o apreço
Hade achar »—disse—« irmão, na extrema esphera,
Onde todos e o meu terão seu preço.
22. « Madura, inteira alli se considera
Perfeita a aspiração ; alli sómente
Demora cada parte sempre onde era.
23. « Sem polos, sem logar é permanente ;
Até lá nossa escada vai subindo ;
Foge-te á vista a sua altura ingente.
24. « Viu-a Jacob, o topo lhe attingindo,
Quando em sua visão a contemplava
De innumeraveis anjos refulgindo.
25. « Mas ninguem por subil-a os pés destrava
Hoje da terra; e a minha regra escripta
Innutilmente nos papeis se grava.
26. « A morada monastica bendicta
E' covil ; o capuz se ha transformado
E farinha contem ruim, maldicta.
27. « Não seja usura havida por peccado
Tão grave contra Deus, quanto a avareza,
Que aos monges tem os corações eivado ;
28. « Pois quanto a Igreja poupa é da pobreza,
Que de Deus por amor seu pão mendiga,
Não p'ra cevo a parentes, ou a torpeza,
29. « Na terra a carne ao homem tanto obriga,
Que haver um bom principio não bastara
Entre a planta em nascendo e a sua espiga.
30. « Sem ouro e prata Pedro começara,
Eu com jejuns, com orações ; convento
Francisco humildemente levantara.
31. « De cada qual á origem estando attento,
Verás o branco em negro transformado,
Se depois tens seu fim no pensamento.

32. « Maior milagre foi, quando, tornado
Para atraz, o Jordão [8] do mar fugia,
Do que o soccorro a tanto mal levado. »—
33. Calou-se, e a santa grei logo se unia.
Cerrou-se a grei, e o espirito com ella,
Qual turbilhão, na altura se encobria.
34. Na escada alcei-me após, da dama bella
Ao oceano ; por seu poder mudado
A natureza minha se revela.
35. Naturalmente nunca accelerada
Descida houve na terra, nem subida,
Que possa ao meu voar ser igualada.
36. Seja-me assim, leitores concedida
A gloria, pela qual choro e suspiro,
Bato nos peitos de alma compungida,
37. Como eu, emquanto o dedo metto e tiro,
Do fogo o signo, de que está seguido [9]
O Tauro, vi, e entrei logo em seu gyro.
38. Gloriosas estrellas, luz que has sido
Por gran virtude a causa, de que emana
Humilde engenho, que haja em mim nascido,
39. Comvosco na carreira, em que se afana,
Andava o que a mortal vida origina,
Quando aspirei primeiro ar da Toscana.
40. E quanto permittiu Graça Divina [10]
N'esse alto ceu entrar, que vos comprende,
Por vós passar me deu sorte beni'na.
41. Por vós devoto anhelo em mim se accende
Para alcançar virtude n'esse forte
Arduo passo que a si me attrai, me prende.
42.—« Perto á ventura extrema és de tal sorte,
Que a vista clara tens e penetrante »—
Diz Beatriz, o meu formoso norte.
43. « Mas antes de te ergueres mais avante,
Remira abaixo, e vê, por mim guiado,
Sob os pés quanto mundo está distante ;

44. « Porque teu peito, em jubilo inundado,
Seja presente ao povo triumphante,
Que n'este a esphera avança extasiado.»—
45. Então, volvendo os olhos anhelante
A's sete espheras, nosso globo vejo
Tal, que sorri-me do seu vil semblante.
46. Quem lhe dá pouco apreço em todo o ensejo
Applaudo, e grande sabio, em meu conceito,
E' quem põe n'outra parte o seu desejo.
47. Vejo da filha de Latona [11] o aspeito
Sem a sombra, que fosse em parte densa,
Em parte rara imaginar me ha feito.
48. Do filho, Hyperião, [12] a flamma intensa
Pude olhar ; perto e em torno lhe gyravam
Maia e Dione em volta pouco extensa. [13]
49. Como aos do pae e filho temperavam
De Jove os fogos vi, e o movimento
Vario, que em roda ao centro seu formavam.
50. Dos orbes sete eu contemplava attento
Grandeza e rapidez, e comprendia
Distancia e postos seus no firmamento.
51. Como o curso dos Gemeos eu seguia
De montes, mares via todo envolto
O canto estreito, em que homem se gloria : [14]
Olhos depois aos bellos olhos volto.



NOTAS AO CANTO XXII

Dante, depois de praticar com S. Bento, sobe com Beatriz ao oitavo ceu, o das estrellas fixas, entrando pela constellação de Gemini.

[1] A vingança, que Dante hade ver, suppõe-se que hade ser o triste fim de Bonifacio VIII, que morreu pouco depois das affrontas recebidas em Anagni :— V. *Purg.* c. XX.

[2] Fala o espirito de S. Bento.

[3] Mosteiro de Monte-Cassino.

H. Taine, *Voyage en Italie*, I :

« E' o principal e o mais antigo mosteiro dos Benedictinos. E' do sexto seculo a sua construcção sobre o proprio sitio em que existira um templo de Apollo ; por vezes foi destruido por terremotos ; o actual edificio foi erigido no seculo XVII. D'alli como do seu centro propagou-se pela Europa barbara a vida monastica nos tempos mais tenebrosos da Meia-idade. Assim quanto sobrevivia da civilização antiga acolhia-se aos recessos dos ermos, envolto no manto monachal, como chrysalida no seu casulo. Os monges copiavam manuscriptos entoando ladainhas, emquanto os selvagens do norte perlustravam os valles, d'onde descortinavam no viso da serrania as validas muralhas, que protegiam o derradeiro asylo. Lá penetraram muitas vezes á viva força ao diante, já convertidos, curvavam a cabeça tomados de supresticioso terror e iam beijar reverentes as santas reliquias. Um Rei, cuja historia está representada em quadro, trocou alli a corôa pelo habito de monge.

« Quem deseja visitar o convento, passa por S. Germano, pequena cidade, que jaz n'um declive da serra, humilde e pobre, em cujas estreitas, pedregosas e ingremes ruas vagam porcos e meninos andrajosos. Escancaram-se as portas das casas, contrastando o negrume do seu interior com a brancura desalinhada das paredes, e mostrando-se confusamente por entre sombras no seu interior os moveis domesticos, em que reflectem clarões tremulos. Ruinas de um castello feudal, deitadas sobre enorme accumulação de penhascos bronzeados se avistam á direita na montanha. Conduz ao cimo caminho, que em lanços tortuosos se extende durante hora e meia ; lentiscos, moutas de gramineas balouçam-se entre os rochedos ; a cada passo deslizam lagartos entre as pedras.

Acima apparecem azinheiras, buchos, giestas e altas euphorbias, e toda a mais vegetação de inverno que póde viver entre os penedos fendidos sobre as protuberancias de pedra esteril.

« Na vastidão dilata-se o exercito das montanhas; sómente montanhas povoam o espaço que aos olhos se offerece; erguem-se em fileiras numerosas, umas após outras. Uma levanta a mutilada cabeça como um promontorio, e o seu desmesurado esqueleto similha monstruoso saurio alapardado á entrada do valle. Aquelle espectaculo sobrelevava-se em grandeza aos Coliseus, a todos os monumentos humanos. Tem cada montanha sua physionomia propria e semblante especial, posto que indiscriptivel, porque á sua fórma mineral não corresponde fórma viva alguma. Cada uma tem côr caracteristica: esta é pardacenta e calcinada, como uma cathedral desmoronada por incendio; aquellas escuras e listradas pelas aguas com sulcos alvacentos; as mais distantes azuladas e serenas; as mais remotas vestidas do mais glorioso manto de luz vaporosa; todas pomposamente adornadas pelas sombras, que de si enviam e pelas escuras variações das nuvens, todas na sua diversidade aformosentadas pela claridade suave, que as envolve sob a immensa cupula celeste, a que a sua enormidade se proporciona. Cariatides se não poderiam comparar a esses colossos.

« No cume, sobre esplanada se estadeia o grande convento quadrado com os seus terraços superpostos, sentado no recinto de pedregosos jardins, cercado da legião de ceniadas nuas.

« Avista-se um pateo circulado de columnas na extremidade de extensa porche inclinada. Por larga escadaria sobe-se a outro pateo mais alto, tambem guarnecido de porticos; erguem-se ao correr das paredes em silenciosa assembléa as estatuas dos abbades, dos principes e bemfeitores. No fundo patenteia-se a igreja. Da entrada a vista acompanha os renques de columnas, a curva das arcadas, que sobresahem no azul, e além na luminosa poeira vespertina, a vasta architectura da serrania. Ceu e penhas, nada mais; provocam o anhelo de ser monge.

« O meu aposento está no fim de um d'esses corredores, em que se corre o risco de perder-se: cada uma das suas duas janellas abre-se para distincto horizonte de montanhas. São escassos os moveis; onde no centro, como lareira, um brazeiro sob as cinzas. Pendem das paredes estampas antigas imitadas das de Luca Signorelli, admiraveis corpos nús em postura de athletas, ao modo de Miguel Angelo. Em outro quarto estão pequenos quadros ennegrecidos, que entre columnas, representam *Tobias* e o *Anjo*.

« Na quadra estival vem passar mezes alguns sabios de Roma para estudar mais a contento no fresco e silencio. Possue a bibliotheca quarenta volumes e numerosos diplomas. A hospitalidade é completa; não ha caixa para esmolas; apenas se póde dar alguma cousa ao criado. Permanecem na ordem as antigas tradições, o seu amor á sciencia, o seu pendor liberal. Não vivem os monges reclusos, apartados do mundo; têm licença para sahir e viajar. Um, o Padre Tosti, é historiador, um reformado respeitoso, que pensa ao impulso do espirito moderno, convencido de ser chegado o tempo de concluir a Igreja e a sciencia. Trabalham e ensinam como outr'ora. Habitam no mosteiro tresentas pessoas das quaes vinte são frades e cerca de cento e cincoenta, alumnos, que estudam desde os rudimentos até a theologia. A' tarde, abaixo de nós, n'uma gruta plantada de lentiscos e giestas, ouviamos os meninos do seminario gritar e saltar; entre a folhagem das arvores divisavamos as suas batinas pretas e os seus chapeus de abas largas...

« Não creio que haja no mundo muitas cousas tão formosas como a alvorada em Monte Cassino. Ao primeiro aspecto maravilha tornar a ver a assembléa das montanhas. Mostram-se mais sombrias que na vespera; frias e graves aguar-

dam o contacto do sol; mas no grande circo, que estreita ao pé do convento e acima dos valles proximos sobem e pairam centenas de nuvens, umas alvas, como cysnes, outras diaphanas e liquescentes, algumas pendentes das rochas como briaes, outras suspensas no ar, movendo-se á similhança de vapores a fluctuar sobre a corrente das aguas. Assim o sol e subito os seus raios obliquos povoam os recessos. Illuminadas as nuvens enxameam como creaturas aereas, delicadas, deliciosamente graciosas, brilhantes ao mais distantes como veus de noiva. Todos esses candores no seu brilho movediço formam coreas angelicas entre as eminencias negras nos amphitheatros. Desappareceu a planicie; sómente se divisam serras e nuvens, os monstros seculares na sua tetrica immobilidade, e as divindades vaporosas, que giram velozes, travam-se e se enleiam caprichosamente, chamando a si sómente as caricias do sol.

« A igreja data do seculo XVII; pintaram-a Luca Gordano e Giuseppino. Revestiram-a, como a cartuxa de Napoles, com marmores preciosos entresachados, fingindo o pavimento o mais lindo tapete; estão as paredes guarnecidas de riquissimo papel. Haviam desapparedido a antiga gravidade e energia da renascença; já predominavam costumes de côrte e salão. E assim denuncia a architectura a inspiração de mundano paganismo e affectação artistica de decorador: cupolas, arcarias, columnas torcidas, conithias, de toda a especie, figuras entalhadas, dourados e todos os mais apuros da sua arte. As cadeiras do côro estão lavradas com infinitos lavores, adereçadas de figurinhas e folheados. Dilatam-se as pinturas na cupola, ostentam-se na nave, super-abundam nas capellas, invadem todos os angulos, alardeam-se em feituras desmarcadas sobre o postal, sobre as abobadas. Enlevam-se os olhos no colorido; como n'um vestido de baile. Uma linda verdade de Luca Gordano apenas está vestida de suas louras tranças; outra figura, que representa a Bondade, dizer ser o retrato da sua mulher. As outras virtudes tão bonitas, são as risonhas e namoradas damas de um seculo, que, pousado na preguiça e resignado ao despotismo, sómente se enlevara em galanteios e sonetos. O pintor amarrota a seda, retorce as roupas, atavia de perolas orelhas mimosas, estadeia o brilho dos aureos collares sobre o setim de espaduas torneadas, tanto se esmera por alcançar primores de delicia e delicadeza, que o seu fresco da entrada, a *Consagração da igreja* se reduz ao sumptuoso tumulto de uma grande scena de opera.

« Attribue-se o altar a Miguel Angelo: sustentam-o dois meninos colossaes. Ha um pezado baculo de ouro insculpido por Celini. Tem o orgam os jogos mais complicados e de mais esplendido effeito. Dois dos religiosos são Allemães, e vivem a estudar nos archivos do convento os thesouros não conhecidos da musica antiga. Tudo se depara aqui,—artes, sciencia, maravilhosos espectaculos da natureza. Esta foi a feitura que o mundo feoal e religioso appercebera para as almas pensativas e solitarias, para os espiritos, que aborrecidos das contrariedades da vida, acolheram-se á especulação e ao estudo de si mesmos. D'esses homens ainda existe a especie; fallece-se-lhes, porém, asylo; vivem em Berlim, em Paris em ignotas trapeiras. Muitos sei eu que já se finaram; outros vão resistindo na sua tristeza; outros decaem desgostosos. Qual será o dia em que a sciencia faça pelos seus devotos o que a religião apparelhou para os seus fieis? Quando haverá um Monte Cassino secular? »

[4] S. Bento, um dos primeiros fundadores das ordens monasticas do Occidente, nasceu nas cercanias de Nursia, na Italia em 480. Na puericia foi mandado para Roma afim de educar-se; mas os exemplos, que presenciava, dos moços que o rodeavam tanta repugnancia lhe moveram, que occultamente retirou-se para o ermo de Subiaco, (*Sublaqueum*) a quarenta milhas d'aquella cidade. Trez annos ali passou em actos de santidade que maravilharam os povos circumvisinhos. Os monges de Vicovara conseguiram que elle assumisse a direcção da sua communidade, mas não tardou que a sublimidade das

suas virtudes accendesse em animos damnados os fachos da inveja e do odio, com tanto excesso que houve quem tentasse contra a sua vida propinando-lhe veneno no vinho. Assim perseguido, cedeu o terreno a quem tanto mal lhe queria e tornou a Subiaco, onde preparou os fundamentos de doze mosteiros. Continuando as machinações dos que o perseguiam, passou-se para Monte Cassino, e ali estabeleceu o convento que tanta celebridade alcançou e foi o principal da ordem benedictina, a cuja regra por elle estatuida se considera modelo de sabedoria entre todas as outras. S. Bento falleceu em 543. O dia da sua festa é 21 de Março.

[5] S. Macario, fundador da regra monastica no oriente, no seculo IV, pertencia a uma familia pobre do Egypto. Arrebatado pelo enthusiasmo religioso, retirou-se nas solidões de Siete na Thebaida, e depois em outros logares, onde fundou conventos, em breve povoados por milhares de cenobitas. Foi, porém, perseguido por não adherir á heresia de Avio e defender as doutrinas do concilio de Nicea.

[6] S. Ramualdo, fundador da ordem dos Camaldulos, nome derivado de Camaldoli : na Toscana onde elle estabeleceu o seu primeiro mosteiro. Nasceu em Ravenna em 956, e falleceu em 1027.

[7] *Genesis*. XXVIII :

« E (Jacob) viu em sonhos uma escada posta sobre a terra, e a sua summidade tocava no ceu ; e tambem os anjos de Deus subindo e descendo por ella. »

[8] Psalmo CXIII :

« Quando Israel sahiu do Egypto, a casa de Jacob do meio de um povo barbaro, consagrou Deus a Judea ao seu serviço e estabeleceu em Israel o seu imperio. O mar o viu e fugiu ; e o Jordão recuou para traz. Os montes saltaram de alegria como carneiros, e as collinas como cordeiros do rebanho. Que tiveste tu, ó mar que fugiste ? E tu, Jordão, para retrocederes ? »

[9] O signo de Gemini, sob o qual nasceu Dante. Como se o Poeta veiu á luz, a 14 de maio de 1265.

[10] O ceu das estrellas fixas.

[11] A filha de Latona, Artenus dos Gregos, representava trez differentes caracteres. Na terra, sob o nome de Diana, era deusa da caça e castidade. No ceu chamava-se Phebe, deusa da Lua, como Apollo, seu irmão, deus do Sol. Nos infernos tinha por invocação Hecate e presidia as expiações e encantos.

[12] Segundo uma tradição mythologica, o Sol não era Phebo ou Apollo, filho de Jupiter e Latona, senão filho de Hyperião, tambem pae da Lua e Aurora.

[13] Mercurio filho de Maria ; Venus, filha de Dione.

[14] Como se viu (*Purg.* c. IV, v. 68 e seg.) o Purgatorio é antipoda de Jerusalém : d'esse monte subiu Dante ao Paraiso. Se não se voltasse na sua ascensão, não poderia ver senão o hemispherio da terra, do qual se exalçara, antipoda a nós. Segue-se, por tanto, que na occasião ora figurada, achava-se elle no meridiano de Jerusalém, que no conceito dos Judeus, demorava no centro da terra. Accresce que então o Sol estava em Aries e Dante em Gemini, o que significa estar o Sol proximo ao meridiano da Italia a trez horas de distancia do de Jerusalém, segundo a doutrina de Ptolemeu acerca das longitudes, adoptadas pelo Poeta.

Tasso, *Ger. Lib.*, c. XIV, est. 9 e seg:

China (poi disse, e gli addito la terra)
Gli occhi a ciò, che quel globo ultimo serra.
Quanto è vil la cagion ch'alla virtude.
Umana è colà giù premio e contrasto!
In che picciolo cerchio, e tra che nude
Solitudini è stretto il rostro fasto!
Lei, com'isola, il mare intorno chiude;
E lui, ch'or ocean chirmate, or vasto,
Nulla eguale a tai nome ha in sè di magno,
Ma è bassa palude e breve stagno.
Con l'un disse; e l'altro ingiuso i lumi
Volsi, quasi sdegnando e nesomse:
Che vide un punto sol mar, terre e fiumi,
Che paion distinti in tante guise;
Ed ammirò che pur all'ombre, ai fusni
La mostra falle umanità s'affise,
Servo imperio cercando e muta fama,
Ne miri il ciel, ch'a sè n'invita e chiama.

CANTO XXIII

1. QUANDO tudo em seus veus a noite esconde,
Sobre o ninho dos filhos seus amados
Ave, pousada entre a dilecta fronde,
2. Para ver os seus gestos desejados
E buscar cibo que lhes dê sustento,
Desvelos, que lhes são bem compensados,
3. Da rama espia o tempo de olho attento
E com sofrego anhelo espera o dia,
Da alvorada aguardando o nascimento.
4. Tal vigilante Beatriz eu via
Para a plaga voltada luminosa,
Onde mais lento o sol me parecia.
5. Vendo-a assim prompta em vista e cuidadosa,
Homem fiquei, que melhorar-se aspira
E na esperança alenta a alma cuidosa.
6. Porém, breve, a demora logo expira
Entre attentar e ver que o ceu se aclara
Com luz, que, viva mais e mais, subira.
7. « Eis a milicia »—a dama diz preclara —
« Da victoria de Christo ! Eis a colheita,
Que o gyro entre as espheras nos depara ! » [1]

8. Parece a face ter de flammas feita ;
Arde nos olhos seus tanta alegria,
Que a palavra a dizel-a não se ageita.
9. Qual Trivia [2] em plenilunios irradia
Entre as nymphas eternas se sumindo, [3]
De que o ceu nos recessos se alumia,
10. Sobre milhões de fogos refulgindo
Um sol [4] vi, que os clarões seus lhes prestava,
Como aos astros o nosso a luz partindo.
11. Por entre o acceso lume fulgurava
A Divina Substancia tão brilhante
Que a vista, contemplando-a, desmaiava.
12.—« O' Beatriz ! O' guia doce e amante ! »—
Tornou-me :—« O que te enleia a intelligencia
Força invencivel tem, sem similhante.
13. « Aqui stá o Saber e a Omnipotencia,
Que para o ceu caminho abrindo á terra,
Cumpriu-lhe inextinguivel appetencia.
14. Como o fogo da nuvem se descerra,
No seio, estreito já, se dilatando,
E, devendo subir, baixa e se aterra,
15. Assim, entre delicias se alargando,
Alma senti n'um extase arroubada :
Qual fui não sei, de todo me olvidando.
16.—« Abre os olhos e vê qual sou tornada ;
Pois te foi dado ver tanto portento
Já posso, ora, a sorrir ser contemplada. »—
17. Estava eu como quem, no pensamento
De passada visão vestigios tendo
Salval-os quer em vão do esquecimento,
18. Quando a sublime offerta recebendo,
De gratidão me entrei, que não se apaga
Do livro, em que o passado está vivendo.
19. Se quantos co'as irmans Polymnia afaga, [5]
Com dulcissimo leite os alentando,
Por eloquencia me ajudassem maga,

20. Na milesima parte eu, me afanando,
Cantar não conseguira o santo riso,
Que raiava no aspeito venerando.
21. Desta arte, descrevendo o Paraiso
Saltar deve este meu sacro poema,
Como em caminho ás vezes é preciso.
22. Mas quem pensar que é ponderoso o thema
E debil o hombro, que lhe está sujeito,
A mal não levará, se ao cargo eu trema.
23. Não é para baixel pequeno e estreito
O mar que affoita prôa vai cortando,
Nem para nauta a se poupar affeito.
24.—« Por que tanto o meu gesto te enamora,
Que não contemplas o jardim formoso,
Que aos doces raios de Jesus se enflora ?
25. « Tem a Rosa, [6] em que o Verbo milagroso
Carne se fez ; os lyrios [7] têm, que ensinam
O bom caminho pelo odor mimoso. »—
26. Assim diz Beatriz. Pois me dominam
Teus conselhos, aos transes se offerecem
Meus olhos, que ante a luz debeis se inclinam.
27. A' sombra estando, ás vezes me apparecem
Prados vestidos de formosas flores
Do sol aos raios que entre nuvens descem ;
28. Assim turbas distingo de esplendores,
A que do alto baixaram mil ardentes
Clarões sem ver a causa dos fulgores.
29. O' Virtude beni'na que esplendentes
Os fazes, d'este espaço, assim subindo,
Aos meus olhos, p'ra ver-te inda impotentes.
30. Da bella flor o doce nome [8] ouvindo,
Que noite e dia invoco sempre, attento
No lume, que maior stava fulgindo.
31. Quando em sua grandeza e luzimento
Vi com meus olhos essa viva estrella, [9]
Que vence, como aqui, no firmamento ;

32. Do ceu baixando flamma [10] se revela,
Que em fórma circular, como corôa
Cingiu-a, se agitando em torno d'ella.
33. A melodia que mais branda sôa
Na terra e as almas para si mais tira,
Trovão seria, que das nuvens trôa,
34. Comparada á doçura d'essa lyra, [11]
Que, do azul mais suave em ceu vestido,
C'roava a bella, divinal saphyra.
35.—« Sou angelico amor, que, assim movido,
Mostro o prazer, que vem do seio santo,
Que ao salvador do mundo albergue ha sido.
36. « Heide gyrar, do ceu Senhora, em quanto
Deres, do filho entrando em companhia,
A' summa esphera mais divino encanto. »—
37. Cantava assim da c'rôa a melodia.
Dos outros lumes todos almo canto
O nome proclamava de Maria.
38. Dos orbes o primeiro, regio manto, [12]
Que sente mais fervor, que mais se anima,
Do Supremo Senhor ao sopro, tanto
39. De nós distante se internava acima,
Que o aspecto seu, na immensidade pura,
De distinguir a vista desanima.
40. Dos olhos meus a força em vão se apura,
Seguir querendo a flamma coroada, [13]
Que após seu Filho ergueu-se para a altura.
41. Qual criança, de leite saciada,
Que, ávida ainda, á mãe estende os braços,
No affecto seu mostrando-se inflammada,
42. Cada esplendor, subindo nos espaços,
Tendia-se, a Maria revelando
Quanto os prendem de amor excelso os laços.
43. Depois ver se fizeram modulando
Regina cœli [14] em tanta consonancia,
Que me perdura na alma esse hymno brando.

44. Oh! dos celestes premios que abundancia
Se contém n'esses cofres, que hão guardado
Fructos colhidos na terrena estancia!
45. No ceu se frue thesouro acccumulado,
No pranto e em Babylonia [15] conseguido,
Onde o ouro ficara desdenhado.
46. Do filho de Maria conduzido,
Lá triumpha, por sua alta victoria,
Das duas leis aos santos reunido,
Quem guarda chaves da celeste gloria. [16]

NOTAS AO CANTO XXIII

Triumpho de Jesus Christo, acompanhado da Santa Virgem Maria e dos bemaventurados.

[1] No prestito, que acompanha o Triumpho de Christo se comprehendem os bemaventurados, que se tem visto distribuidos nos diversos ceus, por onde passou Dante,—as almas castas da Lua, as activas de Mercurio, as amorosas de Venus, as dos doutores do sol, as guerreiras de Marte, as amantes da justiça de Jupiter, as contemplativas de Saturno. Estas espheras são dependentes da oitava, a qual recebe a influencia da nona e a distribue pelas outras.

[2] *Trivia* um dos nomes attribuidos a Diana e á Lua—Quando era assim denominada, figurava-se com trez faces e presidia aos logares, onde cruzavam-se trez caminhos.

[3] Nymphas, as estrellas.

Homero, *Il.*, c. VIII (Trad. de M. Odorico Mendes) :

> ... Quando no ether
> Sereno, em cerco da fulgente Lua,
> As formosas estrellas apparecem,
> Grutas, serras e brenhas aclarando ;
> Abre-se immensa a região siderea
> E o pastor em si folga.

[4] Christo.—O Poeta refere-se á opinião, que affirma provir do sol a luz das estrellas. Já no c. XX v. 6 dissera :

> *Per moli luci in che una risplende.*

[5] Polymnia ou Polyhymnia, a Musa da poesia lyrica.

[6] A Virgem Maria que a Igreja denomina *Rosa Mystica*.

[7] Lyrios são os Apostolos.

[8] O nome da flor é Maria.

[9] A Santissima Virgem é invocada com as saudações—*Stella Matutina*, Stella Maris.

[10] O archanjo Gabriel enviado para annunciar á Mãe do Redemptor a encarnação do Verbo Divino.

[11] Lyra é o mesmo archanjo.

[12] E' o primeiro Mobile, que, como manto, envolve os outros ceus ou espheras.

[13] A virgem Maria eleva-se para seu Filho.

[14] Primeiras palavras de uma antiphona da Igreja, em honra de Nossa Senhora, que se canta na Paschoa:

Regina cœli, lætare!—Alleluia!
Guia quem meruisti—Alleluia!
Resurrexit, sicut dixit.—Alleluia!

[15] Desdenhando as riquezas de Babylonia, isto é, da vida terreal, pelos therouros do ceu.

[16] S. Pedro e os outros santos.

CANTO XXIV

1.—« O' sodalicio, á ceia convidado
Do cordeiro de Deus, que dá sustento
Tal, que o appetite heis sempre saciado,

2. Se inda antes de chegar ao passamento
Preliba este homem—assim Deus dispensa—
Da mesa, em que comeis, tenue fragmento :

3. Allivio dai-lhe em sua sêde immensa.
Na fonte sempre hauris, de que deriva
Quanto elle, sofrego aspirando, pensa.»— [1]

4. Disse então Beatriz. Com flamma viva,
A' guiza de cometa, a grei contente,
Como espheras em polos, gyra activa.

5. Em relogio quem põe attenta a mente,
Das rodas uma cuida estar sem moto
E correndo estar outra velozmente :

6. Pelo vario compasso que lhes noto
Nas choréas, já lento, já apressado,
Da gloria sua a estimativa adopto.

7. Do circ'lo em mór belleza assignalado
Um lume vi surgir tão venturoso,
Que outro nenhum ficara avantajado.

8. Em torno a Beatriz gyrou formoso
Por vezes trez com tão divino canto,
Que trasladar não posso o som donoso.
9. Screver não cabe á penna enlevo tanto,
Côres não tem palavra ou phantasia,
Que exprimam propriamente o doce encanto.
10.—« Santa irman nossa, que d'essa arte envia
Devotos rogos, teu ardente affeito
D'essa bella chorêa me desvia.»—
11. Parando, o bento lume ao claro aspeito
De Beatriz o sopro ha dirigido,
Que falou do que eu disse pelo geito.
12.—« Eterna luz d'esse varão subido,
Que de Deus »—torna—« as chaves da alegria
Que infinda á terra deu, has recebido,
13. « D'este homem como queiras avalia
O saber sobre a Fé lhe perguntando,
Pela qual sobre o mar andaste um dia. [7]
14.« Se bem crê, se bem spera, terno amando,
Certo sabeis, pois tens fitado a vista
Onde tudo se está representando.
15.« Mas como cidadãos o ceu conquista
Pela Fé verdadeira, para honral-a
Explique elle porque na Fé persista.»—
16. O bacharel apresta-se e não fala
Fé que o Mestre a questão haja off'recido,
Por approval-a, não por terminal-a :
17. Assim, de todas as razões munido,
Dispuz-me, em quanto Beatriz se explica,
A tal assumpto, por tal Mestre arguido.
18.—« Teu pensar, bom christão me significa :
O que é Fé ? »—Presto, ouvindo, o rosto alçava
Para a luz, que a questão d'esta arte indica.
19. Voltei-me a Beatriz : já me acenava
Para que sem detença agua fizesse
Brotar da interna fonte, onde a guardava.

20.—« A graça, que concede eu me confesse
Ao sublime Primipilo »—[3] assim digo—
« Permitta que os conceitos claro expresse !
21. « Como escripto, Pae meu, »—depois prosigo—
« Foi com verdade pelo irmão amado, [4]
Que Roma em bom caminho poz comtigo,
22. « E' a Fé a substancia do esperado
E argumento evidente do invisivel :
Da Fé a essencia assim tenho julgado. »—[5]
23. Tornou-me :—O parecer teu é plausivel,
Se o porque foi substancia definida
E augumento te fica intelligivel. »—
24.—« De mysterios »—disse eu—« somma crescida,
A mim n'estas espheras revelada,
Está na terra aos olhos escondida.
25. « Sua existencia em crença é só firmada,
Em que se fundamenta alta Esperança :
Substancia, pois, tem sido intitulada.
26. « E como em crença o raciocinio lança
As premissas sem ter mais outra vista,
Por isso de argumento o nome alcança. »—
27.—« Se quanto lá na terra homem conquista
Por doutrina, assim fosse comprendido,
Logar faltara a engenho de sophista. »—
28. D'aquelle acceso amor foi respondido ;
E mais :—« N'esta moeda examinado
Metal e pezo muito bem tem sido.
29. « Mas diz : na bolsa a tens arrecadado ? »—
« Sim »—tornei—« tão redonda é, tão polida,
Que do bom cunho estou certificado. »—
30. A voz então, d'esse esplendor sahida
Perguntou-me :—« Essa pedra preciosa,
Em que toda a virtude se acha erguida
31. « D'onde a tens ? »—Eu :—« A chuva copiosa,
Pelo Espirito Santo derramada
Na Lei antiga e nova portentosa,

32. « Razão é, porque foi-me demonstrada
Com agudeza tal, que outra seria
Obtusa, se lhe fôra comparada. »—
33.—« Porque divina lei pareceria
A nova e a antiga »—a voz logo retorna—
« Que a tão profunda convicção te guia ? »—
34.—« E' prova que a verdade clara torna
De obras a serie »—eu disse—« a que natura
Nunca ferro aqueceu, bateu bigorna. »—
35. A luz me replicou :—« Quem te assegura
Que as obras fossem taes ? Quem defendido
Por provas deve ser. Quem mais t'o jura ?
36. Então falei :—« Se o mundo convertido
Sem milagres de Christo á lei se houvesse,
Este o maior milagre houvera sido ; [6]
37. « Porque pobre, em jejum, para ter messe
Semeado has na terra optima planta :
Onde foi vinha, hoje espinhal só cresce. »—
38. Mal concluia, quando a côrte santa
Nas espheras—Louvemos Deus ! — entôa
N'essa toada, em que no ceu se canta.
39. Do sublime Barão, [7] que até a c'rôa
De ramo em ramo me elevado havia,
N'aquelle exame, a voz de novo sôa.
40.—« A Graça com tua mente consorcia
Tanto, que por teus labios tem falado :
Té aqui respondeste o que cumpria
41. « Dou, pois, assenso ao que me tens tornado ;
Mas tua crença exprime, lhe accrescendo
De que fonte á tua alma ella ha brotado. »—
42.—« O' Santo Padre, ó Spirito, que vendo
Stás quanto creste, tanto que chegaste
Ao Sepulchro, o mais moço antecedendo, [8]
43. « Direi»—lhe torno—« (assim determinaste)
Da minha Fé a formula evidente,
Sua origem direi como ordenaste.

44. « Em um só Deus eu creio omnipotente,
Eterno, que, immutavel, os ceus move
No desejo e no amor sempre clemente.
45. « São, para que tal crença se comprove,
Metaphysica e physica discretas ;
Mas da verdade a prova tambem chove
46. « Por Moysés, pelos psalmos, por prophetas,
Pelo Evangelho e escriptos, que inspirado
Vos tem o Esp'rito Santo, almas selectas.
47. « Nas Trez Pessoas creio afervorado ;
Creio na essencia d'ellas Una e Trina,
Tanto que *é* stá com *são* bem conjugado.
48. « O que de altos mysterios da divina
Condição digo, em traços mil se assella
Em mim pela evangelica doutrina.
49. « Este o principio, esta a fagulha bella,
Que depois se dilata em flamma ardente
E em mim scintilla, qual nos ceus estrella.» —
50. Qual patrão, que de servo diligente
Apraziveis noticias escutando,
Feito o silencio, o abraça de contente,
51. Assim, quando acabei, me abençoando
E cantando, trez vezes me cercava
O esplendor apostolico, mostrando
Das respostas que eu dei quanto folgava.

NOTAS AO CANTO XXIV

A rogo de Beatriz, S. Pedro interroga Dante sobre a Fé. Resposta satisfatoria de Dante.

[1] *Apocalypse*, XIX :

« Bemaventurados os que foram chamados a ceia das vodas do Cordeiro!

E depois me disse : Estas palavras de Deus são verdadeiras. »

S. João, *Ev.* IV :

« Respondeu Jesus e disse-lhe : Todo aquelle, que bebe d'esta agua, tornará a ter sêde ; mais o que beber da agua, que eu lhe heide dar nunca jámais terá sêde ; mas a agua, que eu lhe der virá a ser n'elle uma fonte de agua, que salte para a vida eterna. »

[2] S. Matheus, *Ev.* XVI :

« E Jesus lhe disse : Bemaventurado és Simão, filho, de João, porque não foi a carne e sangue quem te revelou, mas sim meu Pae, que está nos ceus. Tambem eu te digo que tu és Pedro e sobre esta pedra edificarei a minha Igreja, e as portas do inferno não prevalecerão contra ella. E eu te darei as chaves do reino dos ceus. E tudo o que ligares sobre a terra será ligado tambem nos ceus ; tudo o que desatares sobre a terra, será desatado tambem nos ceus. »

O mesmo, c. XIV :

« E respondendo Pedro disse : Senhor, se tu és, manda-me que vá até onde tu estás por cima das aguas.

« E elle lhe dise. Vem. E descendo Pedro da barca ia caminhando sobre a agua para chegar a Jesus. Vendo, porém, que o vento era rijo, temeu ; e quando se ia submergindo, gritou, dizendo : Senhor, põe-me a salvo.

« E no mesmo ponto, Jesus, extendendo a mão, o tomou por ella e lhe disse : Homem de pouca fé, porque duvidaste ?

« E depois que subiram á barca, cessou o vento. »

[3] Centurião da primeira cohorte no exercito romano.

[4] S. Paulo, aos *Hebreus*, XI :

« E', pois, a fé a substancia das cousas, que se devem esperar, um argumento das cousas, que não apparecem. »

Pedro Lombardo (*Sentent.* l. III, 23) diz:

« *Quia per fidem subsistunt in nobis etiam modo spranda, et subsistent in futuro per experientiam. Et ipsa est probatio et convictio non apparentium, quia, si quis de eis dubitet, per fidem probentur. Vel probatio est et certitudo, quod sint aliqua non apparentia, ut supra dictum est. Proprie autem fides dicitur substantia rerum sperandarum, quia sperandis substat; et quia fundamentum est bonorum, quod nemo mutare potest.* »

5 *Quiddidade*, no estylo da Escola, a essencia, a natureza propria de uma cousa. *Quid est.*

6 S. Agostinho, *De civitate Dei*, l. XII, 15:

« *Si per Apostolos Christi ut eis crederetur, resurrectionem atque ascencionem prædicantibus Christi, etiam inta miraculum facta esse non credunt, hoc nobis unum grande miraculum sufficit, quod eis terrarum orbis sine ullis miraculis credidit.* »

S. Thomaz de Aquino, *Summa contra gentilis*, l. I, 6:

« *Hujusmodi ventati, cui ratio humana experimentum non præbet, fidem adhibentes non leviter credunt, quasi doctas fabulas secuti; hæc enim divinæ sapientiæ secretis ipsa divina sapientia, quæ omnia plenissime novit, dignata est hominibus revelare, quæ siu præsentiam et doctrinæ et inspirationis veritatem convenientibus argumentis ostendit. Dum ad confirmandum ea, quæ naturalem cognitionem excedunt, opera visibiliter ostendit, quæ totius nature superant facultatem; ut in mirabili curatione languorum, mortuorum suscitatione, cœletium corporum mirabili immutatione et, quod est murabiluis, humanarum mentium inspiratione, ut idiotæ et simplices dono spiritus sancti repleti summam sapientiam et facundiam in instanti consequerentur. Quibus inspectis prædutæ probationis efficacia, non armorum violentia, non voluptatum promissione et, quod es mirabilissimum, inter persecutorum tyrannidem eunumerabilis turba, non solum simplicium, sed etiam sapientissimorum hominum ad fidem christianam convocavit. In qua omnem humanum intellectum excedentia prædicantur volupatates carni cohibentur ei omnia, quæ in mundo sunt, contemnidocentur. Quibus animus motalium assentire, et maximum miraculorum est et manifestum divinæ inspirationis opus.* »

« *...Hæc autem tam mirabilis mundi conversio ad fidem christianam indicium certissimum est prætentorium signorum, ut ea ulterius iterari necesse non sit, cum in suo effectu appareant evidenter. Etenim omnibus signis mirabilius; si ad credendum tam ardua, et ad operandum tam difficilia et ad sperandum tam alta, mundus absque mirabilibus signis inductus fuisset a simplicibus et ignobilibus hominibus.* »

7 Nos seculos da Meia-idade costumava-se, em alguns paizes attribuir titulos honorificos aos santos; e até para se obter a sua intercessão e interferencia nas guerras e batalhas lhes foram conferidos postos militares. Dante denominou Barão a S. Pedro, como Boccacio (*Decam.* Giorn. VI nov. 10) dizia —Baron Messer Santo Antonio. Não falando já de tempos mais remotos e de outros povos catholicos, cabe mencionar dois documentos modernos, que testificam essa singular mostra de devoção a um dos santos, que pelo habito e pela vida mais apartado andou dos exercicios e commettimentos bellicosos: S. Antonio, da ordem de S. Francisco, natural de Lisboa, mas chamado de Padua.

Um d'esses documentos é extrahido da *Fenix renascida* (tom. I p. 370 e seg.—Ed. de 1746). Transcreve-se por inteiro essa poesia, composta segundo as regras da esthetica então predominante em Portugal, na Hespanha e na Italia.

O poeta elogiou o Rei Affonso VI por ter alistado S. Antonio como soldado para a guerra contra o paiz visinho.

Alto Rei, fatal excesso
Da valentia maior,
Que n'isto de ter valor
Sois Rei, que não tendes preço,
Vós, que com feliz successo
Rompendo com quatro linhas
Fazeis que as gentes visinhas,
Quando vem mais insolentes,
Não choquem como valentes,
Mas choquem como gallinhas,

Deixai mais listas, pois já
Santo Antonio se alistou ;
Que, como a seu pae livrou,
Sua patria livrará.
Elle sómente fará
Com estrago e com ruina
Castella sempre mofina ;
Pois tem para vencedor,
Como Portuguez valor,
Como Santo disciplina

Elle só será bastante
A vencer nosso inimigo ;
Porém não só ; pois comsigo
Traz sempre o melhor infante ;
Já foi do mundo triumphante
Este Infante, que conduz,
Fazendo espada da Cruz,
Este póde o que quizer
E quer o que Antonio quer
Por ser o seu ai Jesus.

Pois que ? com tal valentia
Não vencerá Portugal,
Quando tem soldado tal
E mais com tal companhia ?
Castelha, de medo fria,
Tema tão grande invasão,
Que não póde escapar, não,
Empenhando Antonio o braço,
Nem soldado do seu laço,
Nem praça do seu cordão.

Fará cousas nunca ouvidas
Em favor dos Lusitanos,
Não sendo dos Castelhanos
Com ser das cousas perdidas.
Tingirá, cortando vidas,
De vermelho o burel pardo ;
E com impetu galhardo
Triumphando em todo o risco
Posto que é padre Francisco,
Brigará como um Bernardo.

Com habito e fidalguia
Será de Castelha açoite,
Se, como frade, de noite,
Como fidalgo, de dia.
Cante a lusa monarchia,
Chore a contraria nação;
Pois ambas n'elle terão
Para gloria e para dôr,
Uma nas mangas favor,
Outra nas dragas prisão.

O outro documento consiste na seguinte carta patente do tenente-coronel Santo Antonio, promovido por serviços relevantes, por merecimento e por antiguidade:

CARTA DE PATENTE DO TENENTE-CORONEL SANTO ANTONIO

« D. João, por graça de Deus, principe regente de Portugal e dos Algarves de áquem e de além-mar em Africa, Senhor de Guiné e da conquista, navegação e commercio da Ethyopia, Arabia, Persia e da India, etc.

Faço saber aos que esta minha carta patente virem que, sendo da minha particular devoção o glorioso Santo Antonio, a quem o povo d'esta côrte incessantemente e com a maior fé dedicaes seus votos, e tendo o céu abençoado os esforços dos meus exercitos, com a paz que se dignou conceder á monarchia portugueza, crendo eu piamente que a efficaz intercessão do mesmo santo tem concorrido para tão felizes resultados: Hei por bem que se eleve ao posto de tenente-coronel de infanteria, e com elle haverá o respectivo soldo, que lhe será pago na fórma das minhas reaes ordens, pelo que o marechal de campo Ricardo Xavier Cabral da Cunha, que na qualidade de ajudante-general e encarregado interinamente do commando das armas d'esta côrte e capitania, assim o cumpra; e o soldo referido se assentará nos livros a que pertencer, para lhe ser pago em seus devidos tempos. Em firmesa do que lhe mandei passar esta carta, por mim assignada e sellada com o sello grande de minhas armas.

Dado n'esta cidade do Rio de Janeiro aos 31 dias do mez de agosto do anno do nascimento de Nosso Senhor Jesus Christo de 1814.— O principe com guarda—Gaspar José de Mattos Ferreira e Lucena.—José Caetano de Lima.—Por decreto de S. A. Real de 26 de junho de 1814 e aviso de 22 de agosto do mesmo anno. Pedro Vieira da Silva Telles a fez escrever. Antonio José Pinto a fez.—Registrada á fl. 46 do L. 6º de patentes. »

Feita a independencia do Brasil, continuou a vigorar a mercê feita a Santo Antonio, ao qual ainda hoje se abona mensalmente a quantia de 80$000 réis, soldo de tenente-coronel, segundo a tabella antiga, pago pelo Thesouro Nacional do Imperio. »

8 S. João, *Ev.*, XX:

« Sahiram então Pedro e aquelle outro discipulo e foram ao sepulchro. Ora elles corriam ambos juntos, mas aquelle outro discipulo correu mais do que Pedro, e levando-lhe a dianteira chegou primeiro ao sepulchro. E tendo-se abaixado, viu os lençóes postos no chão, mas todavia não entrou.

« Chegou, pois, Simão Pedro, que o seguia, e, entrando no sepulchro viu postos no chão os lençóes e o lenço que estivera sobre a cabeça de Jesus, o qual não estava com os lençóes, mas dobrado n'um logar á parte. Então, pois, tambem entrou aquelle discipulo, que havia chegado primeiro ao sepulchro; e viu e creu, porque ainda não entendiam a Escriptura,—que importava, que elle resuscitasse de entre os mortos.»

Assim, diz o *Ottimo Commento*, S. Pedro avantajou-se na fé a S. João; pois não se contentou com ir ao sepulchro, entrou nelle.

CANTO XXV

1. Se este sacro poema houver podido
(Em que tem posto a mão o ceu e a terra
E em que hei por tanto tempo emmagrecido)
2. Aquelle odio abrandar que me desterra
Do bello aprisco, [1] onde eu dormi cordeiro,
Contrario aos lobos, que lhe movem guerra,
3. Com voz e lan melhor que de primeiro
Voltando, eu do baptismo sobre a fonte
Heide, vate, cingir-me de loureiro ; [2]
4. Pois lá entrei na fé, que uma alma insonte
Aproxima de Deus e causa ha sido
De gyrar Pedro em torno á minha fronte.
5. Então a nós um lume vem sahido
Da grei, a que a primeira pertencia
Dos vigarios, que ha Christo instituido.
6. Beatriz, resplendente de alegria,
—« Olha ! »—me disse.—« Eis o Barão famoso
Por quem vai-se a Gallisia em romaria ! [3]
7. Quando á consorte acerca-se amoroso
O pombo, cada qual mostra, girando
Entre arrulhos o ardor seu amoroso :

8. Os dois Principes vi tão lidos, quando
Da gloria sua no esplendor se acolhem
O manjar, que se frue no ceu louvando.
9. Depois que as saudações entre si colhem
Coram me [4] cada um tacito fica
Com taes clarões, que de os olhar me tolhem.
10. Sorrindo, Beatriz assim se explica :
—« O' alma egregia, por quem foi descripta [5]
Delicia, de que a nossa igreja é rica,
11. « Aqui a Esp'rança faz ouvir bemdicta :
Mostraste-a, toda a vez que aos trez ha dado
Jesus de vel-o em sua Gloria a dita. »—[6]
12.—« Ergue o rosto com spirito esforçado,
Pois da terra quem sobe a tanta altura
Ser deve ao brilho nosso afeiçoado. »—
13. O animo d'esta arte me assegura
A luz segunda ; a vista, pois, levanto
Aos montes, [7] cujo lume a fez escura.
14.—« Se o nosso Rei te ha dado favor tanto,
Que vês os condes seus antes da morte
Do seu palacio no recinto santo,
15. « Porque, vindo é verdade d'esta côrte,
A Esperança, que tanto os homens prende,
Em ti, nos mais o coração conforte.
16. « O que ella seja diz, como se accende
Em tua alma ; diz d'onde se origina. »—
Estas palavras inda o santo expende.
17. E quem as plumas conduziu beni'na
Das azas minhas n'este vôo ingente,
Tornou, porque a resposta me previna :
18. « A militante Igreja um mais ardente
Filho não tem na Esp'rança, como escripto
E' no Sol, que allumia a nossa mente.
19. « Eis porque Deus permitte que do Egypto,
Para ver a Sião [8] tinha chegado
Antes de estar o tempo seu prescripto.

20. « Os outros pontos dois lhe has perguntado,
Sómente porque á terra elle respira
Quanto és d'esta virtude deleitado.
21. « Lh'os deixo, sem que assim vangloria aufira ;
Poderá responder ao teu contento,
Se a Graça divinal o alenta e inspira.
22. « Como discip'lo, que a seu Mestre attento
De assumpto fala, em que é perito e experto,
Folgando de mostrar zelo e talento,
23. « Esperança é »—disse eu—« aguardar certo
Da Gloria, pela Graça produzida
E merito provado e descoberto [9]
24. « Sendo luz de astros muitos procedida,
Pelo summo cantor [10] do Summo Guia
Foi-me primeiro na alma introduzida,
25. « Espere em ti—na excelsa Theodia [11]
Disse—aquelle, que o nome teu conhece :
Com fé como eu, quem não conheceria ?
26. « Com seu roscio tambem sobre mim desce
O da Epistola sacra [12] e, redundante,
Outros inunda a chuva, que recresce. »
27. Falava assim : do seio coruscante
D'aquelle incendio tremulava chamma,
Qual relampago, subita, incessante.
28. Respondeu-me :—« Esse amor que inda me inflamma
Pela virtude, que me dera alento
No martyrio, ao findar da vida a trama,
29. « Attrai-me a ti, que tens contentamento
Por ella ; e, pois, me diz de qual ventura
A Esperança te fez promettimento. »—
30. E eu :—« Foi declarado na Escriptura
O signal (sua fórma está sabida)
De almas, que, amigas, o Senhor apura.
31. « Disse Isaias : [13] cada qual cingida
Em sua patria será de dupla veste,
E a patria sua é n'esta doce vida.

32. « Porque mais a verdade manifeste,
Das candidas estolas discorrendo
Mais claro teu irmão [14] faltou do que este. »—
33. Palavras taes eu proferido havendo,
Sperent in té [15] resôa lá da altura,
Ao hymno os córos todos respondendo.
34. Lume entre elles depois tanto fulgura, [16]
Que, se o Cancer tivesse igual estrella,
Fôra do inverno um mez luz sem mistura. [17]
35. Como leda no baile entra a donzella
E, para a noiva honrar, dansa innocente
Sem que vicio ou vaidade impere n'ella:
36. O clarão assim vi resplendescente
Aos dois se apropinquar, que circulavam
Quanto convinha ao seu amor ardente.
37. Entrou no canto e dansa, que formavam:
Qual sem voz sposa immota, aos trez o aspeito
De Beatriz os olhos contemplavam.
38.—« O santo é este, que estreitava ao peito
O nosso Pelicano e d'elle ha sido
Sobre a cruz á missão sublime eleito. »—[18]
39. Assim diz Beatriz. Sempre embebido
O seu olhar está na luz terceira
Depois, como antes; de eu a ter ouvido.
40. Quem do sol fita os olhos na carreira,
Crendo vel-o de eclipse annuviado,
Para ver sente o effeito da cegueira:
41. Por esse lume assim fui deslumbrado.
—« Porque te afanas procurando »—fala—
« O que no ceu não póde ser achado?
42. « Na terra o corpo meu á terra iguala. [19]
Até que o nosso numero complete
O que eterno proposito assignala.
43. « Ter vestes duas só do ceu compete [20]
No claustro aos lumes dois, que se elevaram: [21]
Esta verdade ao mundo teu repete. »—

44. Calou-se e os esplendores trez pararam
E com elles a doce melodia,
De que os sons a choréa acompanharam.
45. O remo, assim, que o mar de antes feria,
Se ha fadiga ou perigo, é bem que cesse,
Logo ao signal do apito, que assovia:
46. Na mente ai! quando a commoção recresce,
Quando o gesto não pude ver formoso
De Beatriz, ainda que eu stivesse
Ao seu lado e no mundo glorioso!

NOTAS AO CANTO XXV

O Apostolo S. Thiago interroga Dante sobre a Esperança. A uma das suas questões responde Beatriz, ás outras o Poeta.

[1] Florença, d'onde injusta sentença desterrara Dante.

[2] Ainda aspirando tornar a sua patria, nutria Dante a esperança de ver em Florença proclamada e reconhecida a sua gloria poetica, e de cingir, em galardão do seu merecimento, a corôa de louros em publica solemnidade, na igreja de S. João Baptista. Essa honra não queria que lhe fosse conferida em outra cidade; e por isso recusou ir a Bolonha, onde o poeta Giovanni del Virgilio, seu amigo e admirador, lhe assegurava que lhe seria dado o laurel.

Na 1ª Ecloga latina, em que Dante respondeu a Giovanni del Virgilio, se leem os seguintes versos:

Nonne triumphales meluis pexare capulos,
Et patrio redeam si quando, abscondere canos
Fronde sub inserta solitum flavescere, sarno?...
Tunc ego: quim mundi circumflua corpora cantu
Astricolæque mes, velut infera regua, patebunt,
Divincire caput hedera, lauroque juvabit.

V. *Convito*, trat. I, 3.

[3] S. Thiago, um dos Apostolos, filho de Zebedeu e irmão do S. Evangelista, era pescador, quando foi chamado por Jesus para acompanhal-o na sua missão. Retirou-se de Jerusalem, quando o Mestre foi preso; tornou, porém, logo depois a Jerusalem, onde pregou com tanto zelo e enthusiasmo que no anno 44 provocou as iras de Herodes Agrippa, por ordem do qual foi morto. Segundo a lenda, o seu corpo foi miraculosamente transportado a Compostella, na Galliza. Até o anno de 800 não era conhecida a sua sepultura: então revelou-se a um religioso sitio, em que jazia. Logo numerosos milagres excitaram no mais subido grau a devoção não só dos povos da Galliza e de toda a Hespanha Christan, senão de varias regiões da Europa. Peregrinos, em numero cada anno mais avultado, concorriam de toda a parte ao sepulchro do Santo, cujo nome era invocado nas guerras contra os Mouros. Muitas batalhas, segundo a crença popular e a fé dos chronistas, se decidiram a favor dos christãos por ter S. Thiago intervido pessolmente sob a fórma de um cavalheiro.

Mariana, *Hist. de España*, XI, 13:

« Logo que se descobriu a sepultura do Apostolo S. Thiago, a devoção á esse logar dilatou-se rapidamente assim por toda a Hespanha, como por todas as nações circumvisinhas. De todas as partes do mundo affluiam multidões para visital-o; outras não concorriam temendo as difficuldades da jornada, a desconversavel aspereza das regiões, por onde tinham de passar e as aggressões dos Mouros, que captivavam muitos dos peregrinos. Ao diante os conegos de São Eloy (não se sabe aos certo quando) no intuito de acautellar estes inconvenientes, edificaram em muitos logares sobre a entrada que se dirigia á França hospicios para agazalho dos peregrinos.

4 *Coram me:* em minha presença.

5 S. Thiago, *Ep. catholica*, I:

« E se algum de vós necessita de sabedoria, peça-a a Deus, que a todos dá liberalmente e não impropera; e ser-lhe-ha dada. Mas peça-a com fé sem hesitação alguma; porque aquelle, que duvida, é semelhante á onda do mar, que é agitada e levada de uma parte para a outra pela violencia do vento. Não cuide, pois, este tal que alcançará do Senhor cousa alguma...

« Toda a dadiva em extremo excellente e todo o dom perfeito vem lá de cima, e desce do Pae das luzes no qual não ha mudança, nem sombra alguma de variação.»

6 S. Matheus, *Ev.*, XVII:

« E seis dias depois toma Jesus comsigo a Pedro e a Thiago e a João, seu irmão, e os leva á parte a um alto monte, e transfigurou-se diante d'elles; e o seu rosto ficou fulgente como o sol e as suas vestiduras se fizeram brancas, como a neve. Eis que lhes appareceram Moysés e Elias, falando com elle. »

Dante, concertando n'isto com alguns interpretes do Novo Testamento entende que Jesus Christo quiz d'esta arte sublimar e engrandecer as trez virtudes theologaes, representando Pedro a Fé, Thiago a Esperança e João a Caridade.

7 Aos lumes apostolicos, que o tinham deslumbrado.

Psalmos CXX:

« Levantei os meus olhos aos montes, d'onde me virá o soccorro.»

8 Do Egypto a Sião ou Jerusalem, isto é, das trevas, angustias e tribulações á visão da paz, á bemaventurança.

9 Assim se exprimiu Pedro Lombardo (*Sentent.* III, 26):

« *Est autem spes virtus quâ spiritualia et æterna bona operantur, id est, cum fiducia expectantur. Est enim spes certa expectatis futuræ beatitudinis, veniens ex Dei gratia et ex mentis præcedentibus vel ipsam spem, quam naturâ præit charitas ut rem speratam, id est, beatitudinem æternam. Sine meritis enim aliquid sperare non spes, sed præsumptio dici potest.*»

10 David nos Psalmos.

11 *Psalmos*, IX:

« Em ti, pois, esperem os que conhecem o teu nome; porque tu, Senhor, não desamparaste os que te buscam. »

12 *Vossa* se refere a David e a S. Thiago.

13 *Isaias*, LXI:

« Em logar da vossa dobrada confusão e rubor, louvarão a sua parte; por amor d'isto elles possuirão na sua terra dobrados premios, terão uma alegria sempiterna...

« Eu me regozijarei sobremaneira no Senhor e a minha alma exultará no meu Deus; porque elle me cobriu com vestiduras de salvação, e me rodeou com um manto de justiça, como esposo aformoseado com a sua corôa e como a esposa ornada dos seus collares.»

14 *Apocalypse*, VII:

« Depois d'isto vi uma grande multidão, que ninguem podia contar, de todas as nações, e tribus, e povos, e linguas, que estavam em pé diante do throno e á vista do Cordeiro, cobertos de vestiduras brancas e com palmas nas suas mãos. »

15 *Sperent in te omnes qui noverunt nomen tuum*,—são as palavras latinas do Psalmo IX.

16 S. João.

17 Para se entender como haveria no inverno um dia, que durasse um mez de 21 de dezembro a 21 de janeiro, cumpre imaginar dois sóes allumiando ao mesmo tempo, um no principio de Capricornio, á entrada do inverno, o outro no principio de Cancer, caminhando ambos com identico movimento pela ecliptica, na mesma ordem dos signos. Na hypothese, sempre se contraporiam, estando um no levante, quando o outro estivesse no poente, e *vice-versa*. Igual phenomeno se effectuaria nos mais signos, e o anno constituria um só dia. Dante attentou sómente no que succederia em um mez.

18 S. João, *Ev.*, XIII:

« Ora um dos discipulos, a quem amava Jesus, estava recostado á mesa no seio de Jesus. A este, pois, fez Simão Pedro um signal e disse-lhe: Quem é o de quem fala?

« Aquelle discipulo, pois, tendo-se reclinado sobre o peito de Jesus, perguntou-lhe: Senhor, quem é esse? »

E c. XIX:

« Entretanto estavam em pé junto á Cruz de Jesus sua mãe e a irman de sua mãe, Maria, mulher de Cleophas, e Maria Magdalena. Jesus, pois, tendo visto a sua mãe e o discipulo, que elle amava, o qual estava presente, disse á sua mãe: Mulher, eis ahi teu filho.

« Depois disse ao discipulo: Eis ahi tua mãe. E d'esta hora em diante a tomou o discipulo para sua casa. »

O Pelicano, symbolo de Jesus Christo, que deu o seu sangue para salvar os homens.

19 S. João, *Ev.*, XXI:

« Voltando Pedro, viu que o seguia aquelle discipulo, que Jesus amava, que ao tempo da ceia estivera até reclinado sobre o seu peito e lhe perguntara: Senhor, quem é que te hade entregar?

« Assim que como Pedro viu a este, disse para Jesus : Senhor, e este que? Disse-lhe Jesus : Eu quero que elle fique assim, até que eu venha ; que tens tu com isso ? Segue-me tu.

« Correu logo voz entre os irmãos que aquelle discipulo não morreria. E não lhe disse Jesus : Não morre—senão : Eu quero que elle fique assim, até que eu venha ; que tens tu com isso ? »

[20] A glorificação do corpo e da alma.

[21] Jesus Christo e a Virgem Maria.

CANTO XXVI

1. Fosse já morta a vista eu receiava,
Eis da fulgida flamma, que a offuscara,
Attento fez-me a voz, que assim falava:
2.—« Em quanto a força a vista não repara,
Que em minha nimia luz has consumido
Compensação no discursar depara.
3. « Começa e diz p'ra onde é dirigido
Teu espirito e sabe que, se escura
A vista sentes, não a tens perdido;
4. « Pois quem te guia na divina altura
Virtude tem no olhar, como Anania [1]
Nas mãos tivera, que a cegueira cura. »—
5.—« Quando bem lhe approuver»—eu respondia—
« Remedio aos olhos dê, por onde a chamma
Com ella entrou, que sempre me incendia.
6. « O Bem, que pelo ceu prazer derrama
Alpha e Omega [2] ha sido na escriptura,
Que amor ou forte ou leve em mim proclama. »
7. Aquella mesma voz, que me assegura
Não haver eu de subito cegado,
Inda excitar-me a lhe falar procura.

8.—« Por mais estreito crivo ser passado
Deves »—disse—« e por tanto denuncia
O que ao fito ha teu arco endereçado.»—
9.—« Razões »—tornei—« da san philosophia
E autoridade, que d'aqui descende,
Me influem d'esse amor toda a energia.
10. « O bem, em quanto bem, quando se entende,
Ateia amor que é tanto mais ardente,
Quando mais de bondade em si comprende.
11. « E, pois, essencia, em si tanto excellente,
Que todo o bem, que ser lhe possa externo,
Reflexo é só da sua luz fulgente,
12. « Attrai, mais que outra, o espirito, que, terno,
Amando, conhecer póde a verdade,
Que d'esta prova é o alicerce eterno.
13. « D'essa verdade eu vejo a claridade
N'aquelle, que demonstra o amor primeiro
De todo o ente, a quem cabe eternidade [3]
14. « Vejo na voz do Autor, só é verdadeiro,
Que de si disse, a Moysés falando :
— O bem te heide mostrar perfeito e inteiro.—[4]
15. « Tambem tu m'o revelas, começando [5]
O sublime pregão, que á terra ensina,
Mais que os outros, o arcano venerando.»—
16.—« Pela razão »—ouvi—« pela divina
Autoridade, que com ella acorda,
O amor teu, e mais que tudo a Deus destina.
17. « Diz-me, porém : não sentes outra corda,
Que para Deus te arrasta ? Faz patente
Com quantos dentes esse amor te morda.»—
18. Da Aguia de Christo [6] não me foi latente
O proposito santo e onde queria
Na profissão levar-me deligente.
19.—« Estimulos, que possam »—lhe eu dizia—
Para Deus impellir a humana essencia,
Tem minha caridade noite e dia ;

20. « Porque do mundo o ser ; minha existencia,
A morte ; que soffreu para que eu viva ;
O que espera um christão da fé na ardencia ;
21. « Do bem, que eu disse, a intelligencia activa,
Me afastaram do mar do amor culpado,
Do santo amor me conduzindo á viva.
22. « As flores, [7] de que o horto é todo ornado,
Do Jardineiro eterno, eu amo tanto,
Quanto elle em perfeição lhes tem doado. »—
23. Calei-me e resoou melifluo canto
Pelo ceu, que Beatriz acompanhava,
Dizendo todos :—Santo ! Santo ! Santo ?—[8]
24. Como pungente luz olhos destrava
Do somno, a vista o brilho procurando,
Que as palpebras descerra, invade, aggrava ;
25. E o desperto, os motivos ignorando
Da subita vigilia, olhos desvia,
Na mente, em tanto, a reflexão calando :
26. Em mim, d'essa arte, a nevoa desfazia
De Beatriz o olhar, que pelo espaço
De mais de milhas mil resplendescia.
27. Então mais claro que antes a ver passo :
Quarta luz perto a nós, maravilhado,
Diviso e uma pergunta logo faço.
28. E ella :—« Nesse lume, ora chegado,
Seu Creador contempla a alma primeira [9]
Que a Virtude primeira haja creado. »—
29. Qual fronde, que, ao soprar de aura ligeira,
O cimo curva e, logo após, se erguendo
Pela força, que a torna sobranceira,
30. Tal eu, essas palavras lhe entendendo
Attonito fiquei ; depois seguro
Fez-me um desejo, que me estava ardendo.
31.—« Unico pomo, que nasceu maduro !
Dos homens pae, que has visto filha e nora
Em cada esposa então e no futuro !

32. « Devota e humilde a minha voz te exora !
Fala-me, pois ! Do meu desejo és certo ;
Almejo ouvir-te, e não t'o expresso agora. » —
33. Como de manto um animal coberto
Movimento, que os membros seus agita
Pelo envoltorio deixa descoberto :
34. Assim essa primeira alma bemdicta
Pelo tremor da sua luz mostrava
O prazer de agradar-me quanto a excita.
35.—« Não hei mister declares » —me tornava—
« Teu desejo, melhor que tu sabendo
Quanto a certesa em tua mente grava.
36. « N'esse espelho infallivel estou lendo,
Em que é todo o visivel reflectido,
Cousa nenhuma o reflectir podendo,
37. « Ouvir aspiras quando vindo hei sido
Lá no santo jardim, d'onde, guiado
Por tão comprida escada, tens subido ;
38. « Quanto tempo alli fui deliciado ;
Da colera divina a causa vera ;
Que idioma falei, por mim formado.
39. « O pomo, ó filho meu, não considera
Motivo só por si do acerbo exilio,
Mas ordens transgredir, que Deus me dera.
40. « Lá d'onde Beatriz moveu Virgilio [10]
Quatro mil e trezentos e dois annos
A ventura anhelei d'este concilio.
41. « Do desterro senti na terra os damnos,
Em quanto vezes novecentas trinta
Seu gyro fez o sol do ceu nos planos.
42. « Antes que a gente de Nemrod consinta
Em metter mãos á obra interminavel,
A lingua, que falei, se achava extincta.
43. « De homem feitura sempre perduravel
Não é ; vem do capricho e um dia cessa,
Do ceu segundo o influxo variavel.

44. « A humana fala a natureza expressa ;
Por ella o modo de falar deixado
Ao homem está, segundo lhe interessa.
45. « Antes de eu ter no inferno penetrado
El [11] o supremo bem significava,
Que d'esta leda luz me ha circumdado.
46. « Depois em *Eli* [12] o nome se mudava :
Qual rama dos mortaes uso varia,
Succede a folha nova á que seccava.
47. « No monte, que mais alto ao ar se envia [13]
Santa vida vivi, depois culpada,
Da hora prima á setima do dia,
N'outro quadrante o sol fazendo entrada.

NOTAS AO CANTO XXVI

São João interroga Dante acerca da Caridade. Antecipando-se ás perguntas do Poeta, Adam lhe diz como vivera no Paraiso terreal e como fôra desterrado.

[1] *Actos dos Apostolos*, IX:

« E foi Ananias e entrou na casa, e pondo as mãos sobre elle disse: Paulo irmão, o Senhor Jesus, que te appareceu no caminho, por onde vinhas, me enviou para que recobres a vista e fiques cheio do Espirito Santo. E no mesmo ponto lhe cahiram dos olhos umas como escamas, e assim recuperou a vista; e levantando-se foi baptisado. »

[2] Alpha e Omega, principio e fim.

[3] Não está averiguado se Dante allude a uma opinião de Platão, ou de Aristoteles ou do escriptor, a que se deu o nome de Dionysio o Areopagita. Platão, no principio do seu *Banquete* diz: « O amor é indubitavelmente um dos seres mais antigos, e como um dos mais antigos: nos origina os maiores bens. »

[4] *Exodo*, XXXIII:

« Respondeu-lhe o Senhor: Eu te mostrarei todo o bem e pronunciarei o o nome do Senhor diante de ti. »

[5] O principio do Evangelho de S. João:

« No principio era o Verbo e o Verbo estava com Deus e o Verbo era Deus.

« Elle estava no principio com Deus.

« Todas as cousas foram feitas por elle; e nada do que foi feito, foi feito sem elle: n'elle estava a vida e a vida era a luz dos homens.

« E a luz resplendesce nas trevas, mas as trevas não a comprehenderam...

« Era a luz verdadeira que allumia a todo o homem que vem a este mundo.

« Estava no mundo e o mundo foi feito por elle e o mundo não o conheceu.

« Veio para o que era seu, e os seus não o receberam.

« Mas a todos, que o receberam deu elle o poder de se fazerem filhos de Deus, aos que crêm no seu nome; que não nasceram do sangue, nem da vontade da carne, nem da vontade do varão, mas de Deus.

« E o Verbo se fez carne e habitou entre nós; e nós vimos a sua glória, gloria como de Filho Unigenito do Pae, cheio de graça e de verdade. »

6 S. João, symbolizado na aguia pela perspicuidade, com que se exalçou aos mais sublimes recessos dos mysterios divinos.

7 Os seres creados.

8 *Apocalypse*, IV:

« E os quatro animaes, cada um d'elles tinha seis azas; e á roda e por dentro estavam cheios de olhos; e não cessavam de dia e de noite de dizer: Santo, Santo, Santo, o Senhor Deus Onnipotente, o que era, o que é e o que ha de vir. »

Isaias, VI:

« E os Seraphins clamavam um para o outro e diziam: Santo, Santo, Santo, Senhor Deus dos Exercitos, cheia está toda a terra da tua gloria. »

9 O primeiro homem, Adam.

10 No Limbo. —*Inf.* c. IV.

11 Alguns leem *Un* em vez de *El*. Esta lição parece preferivel, por estar confirmada pelas proprias palavras de Dante. No tratado *De vulgari eloquio* 4, diz:

« E pois, com razão acreditamos que a Adam foi primeiro dado falar por Deus, logo o que foi formado. Que voz fosse a que primeiro proferiu prompt mente occorre a quem discorre com acerto; e não duvido que fosse a que significa *Deus*, isto é, *Eli*, ou a moda de interrogação ou a moda de resposta.

No mesmo tratado, I, 6:

« Certa fórma de falar foi creado por Deus junctamente com a primeira alma. Digo fórma quanto aos vocabulos das cousas, á construcção dos vocabulos e ao proferir da construcção. D'essa fórma por certo usariam todos os homens na sua linguagem, se por culpa da sua presumpção não se tivesse desvanecido. Nessa fórma de locução falou Adam e todos os seus descendentes até ser edificada a torre de Babel, que se interpreta torre da confusão.

S. Matheus, *Ev.* XXVII:

« E perto da hora nona deu Jesus um grande brado, dizendo: *Eli, Eli, lamma sabachtani*,—isto é, Deus meu, Deus meu, por que me desamparaste?

S. Marcos, *Ev.* XV:

« E á hora de Noa, deu Jesus um grande brado, dizendo: *Eloi, Eloi, lamma sabachtani*,—que quer dizer: Deus meu, Deus meu, porque me desamparaste?

Horacio, *Ep. ad Pisones* (*de arte poetica*):

Ut silvæ fotus pronos mutantur in annos
Prinia cadunt: ita verborum vetus interit ætas
E juvenum ritu florent modo nata virentque
Debemus morti nos nostraqne...
Multa renascentur quæ jam cecidere, cadentque
Quæ nunc sunt in honore, vocabula, si volet usus,
Quem penes est arbitrium et jus et norma loquendi.

[12] Na montanha do Purgatorio, em cuja summidade demora o Paraiso terreal.

[13] Morrendo Adam quando tinha perfeitos 930 annos de idade, esteve no Limbo 4302, esperando que Jesus Christo descesse aos infernos para conduzir as almas santas, alli detidas. Viveu no Paraiso terreal apenas sete horas, contando-se a primeira do nascer do sol. Calculando que o sol, ao meio-dia, está em 90° do horizonte e tem attingido um quadrante do circulo, é claro que, passado o meio-dia, aquelle astro entra em outro quadrante.

CANTO XXVII

1. GLORIA ao Pae ! Gloria ao Filho ! Ao Espirito Santo !
Unisono entoava o Paraiso :
Senti-me inebriado ao doce canto.
2. Pareceu-me o que eu via um doce riso
Do universo ; tomava-me a ebriedade
Pelos olhos e ouvidos o juizo.
3. O' jubilo ! O' ineffavel f'licidade !
De paz ó vida inteira e de ternura !
Riqueza certa, isenta de anciedade !
4. Fulgia-me ante os olhos a luz pura
Dos esplendores quatro ; [1] mais brilhante
O que veiu primeiro eis se afigura !
5. E tal se me apresenta o seu semblante,
Qual fôra Jove, se, aves elle e Marte,
A plumagem trocassem rutilante. [2]
6. A Providencia, que no ceu reparte
Tarefa a cada qual, calar fizera
O venturoso côro em toda a parte,
7. Quando lhe ouvi :—« A côr se em mim se altera
Não o extranhes : em quanto estou falando
Mudança igual em todos ver espera.

8. « Quem, meu logar na terra ora usurpando, [3]
Meu logar, meu logar, [4] vago em presença
De Christo o deixa, converteu nefando.
9. « Meu cemiterio [5] na sentina immensa
De sangue e podridão, [6] com que o perverso,
Do ceu lançado, frue delicia intensa. »—
10. O ceu então eu vi todo submerso
Na côr, que por manhan e á tarde accende
Sobre as nuvens o sol do lado adverso. [7]
11. Qual a dama, que á virtude cultos vende
E, de si bem segura, se enrubece,
Quando torpezas de outra ouve e comprende,
12. Beatriz transmudada me parece.
Ao ceu ante a paixão do Omnipotente
Igual eclipse em seio que envolvesse. [8]
13. Proseguiu logo o Apostolo eminente ;
E tanto a voz lhe estava demudada,
Que mais não fôra o vulto seu rubente.
14.—« Com sangue meu a Igreja alimentada
Não foi, nem Lino e Cleto o seu lhe deram [9]
De ouro em ganancia para ser mudada.
15. « Como Calixto e Pio mereceram, [10]
Urbano e Sixto a sempiterna vida ?
Pós muito pranto o sangue seu verteram.
16. « Por nossos successores dividida [11]
Não quizemos a grei,—parte chamada
A' dextra, parte a esquerda repellida ;
17. « Nem que das chaves fosse a insignia usada [12]
Por estandarte em campo sanguinoso
Contra christãos em guerra encarniçada.
18. « Nem que, por privilegio mentiroso
De traficancia, em sello eu figurasse [13]
Quanta vez de pudor me accendo iroso !
19. « Com vestes de pastor lobo rapace [14]
D'aqui em cada pascigo se avista,
P'ara que não surgiu Deus, que os fulminasse ? [15]

20. « De Gascunha e Cahors [16] raça malquista
Beber-nos sangue vem : bello começo,
O indi'no fim que tens, quanto contrista !
21. « Mas Deus que a Roma, do seu mal no excesso,
De mundo em gloria os Scipiões mandava,
Dará soccorro, como foi-me expresso. [17]
22. « E tu, que o pezo da materia grava,
Voltando, ó filho, ao mundo lhe revela
Quanto eu te digo d'essa gente prava. »—
23. Como o vapor nos ares se congela,
E em flocos baixa, quando o sol tocado
Pelas pontas está da Cabra bella ; [18]
24. Assim vi eu o ether adornado
De clarões triumphantes, que detido
Haviam-se na altura ao nosso lado.
25. Tinha-os a vista na ascensão seguido
E os seguiu té que emfim subir avante
Pelo espaço não foi-lhe permittido.
26. Que eu não podia ver mais adiante
Notando, Beatriz disse :—« Repara
Quanto agora, gyrando, estás distante. »—
27. Desde a hora, em que a terra eu contemplara,
Por todo o arco, que o clima faz primeiro,
Do meio até o fim, já me avançara. [19]
28. A passagem, que Ulysse aventureiro
Além Gades tentou e a plaga via,
Em que Europa [20] foi cargo prazenteiro.
29. N'aquella área inda mais divisaria ;
Porém sob os meus pés o sol andava
Distancia, que a de um signo precedia. [21]
30. A namorada mente, em que reinava
Sempre a Senhora minha, no incentivo,
Mais que nunca de olhal-a se inflammava.
31. Se de arte ou natureza almo attractivo
Pelos olhos prender nos póde a mente,
Seja em pintura, seja em corpo vivo,

32. Nada foram, conjunctas, certamente,
Ante o enlevo que o peito me illumina,
Quando me volta ao gesto seu ridente.
33. Virtude, olhando-a, em mim tanto se afina
Que do ninho de Leda [22] me destrava
E ao ceu velocissimo me empina.
34. Tanto na altura e brilho se mostrava
Uniforme este ceu, que eu não sabia
Qual pouso Beatriz me destinava.
35. Ella, porém, que o meu desejo via
No sorriso tão leda assim começa,
Que em seu rosto exultar Deus parecia.
36.—« O movimento, que no centro cessa,
Em torno ao qual, porém, tudo o mais gyra,
D'aqui partindo á roda se endereça.
37. « Sómente a sua acção este ceu tira
Da soberana Mente, em que se accende
O amor, que o move, o influxo, que respira.
38. « De luz e amor um circulo o comprende,
Assim como elle aos mais ; d' este precinto
Unicamente quem lh'o cinge entende.
39. « Seu movimento é por si só distincto,
Por elle os outros ceus medidos sendo,
Como dez por metade e por seu quinto.
40. « Ficas, por tanto, ao claro conhecendo
Como o tempo a raiz n'este ceu tenha,
As ramas pelos outros estendendo.
41. « Fatal cubiça ; que os mortaes despenha
Em tão profundo pelago, que alçar-se
Do abysmo fóra a vista em vão se empenha !
42. « Nos homens o querer póde enflorar-se,
Mas de chuvas continuas açoutado
Bom fructo são não hade conservar-se.
43. « Fé, innocencia, abrigo tem buscado
Nas crianças ; mas cada qual se esquiva
Antes que á face o buço haja apontado.

44. « Quem balbucia de comer se priva ;
Em tendo solta a lingua, a qualquer hora
Mostra em toda a iguaria fome activa.

45. « Quem balbucia a mãe respeita e adora ;
Mas, quando a voz já sente desprendida,
Vel-a em mortalha o seu desejo exora.

46. « Assim de alva se torna ennegrecida
A cutis da gentil filha [23] d'aquelle,
Que traz manhan, da noite em despedida.

47. « Extranheza, porém, de ti repelle
Vendo o genero humano transviado:
Quem ha que em bem regel-o se desvele ?

48. « Por força do centesimo [24] olvidado
Inda antes de deixar Janeiro o inverno,
Hão de as espheras dar tão forte brado,

49. « Que a fortuna, de esp'rança alvo hodierno [25]
Fará que as pôpas dêm logar ás prôas,
A armada correrá com bom governo
E após as flores virão fructas boas.» —

NOTAS AO CANTO XXVII

Objurgatoria de S. Pedro contra os maus Papas. Ascensão ao nono ceu ou primeiro Mobile. Explicações de Beatriz.

[1] S. Pedro, S. Thiago, S. João e Adam.

[2] Imagina a hypothese de serem passaros Jupiter e Marte e de se converter a côr das suas pennas, ficando as de Jupiter rubras e as de Marte brancas.

[3] O Papa Bonifacio VIII elevou-se ao solio pontifical, mediante artificios reprovados.

[4] A insistencia nas palavras *meu logar* e o encendimento da côr denuncia o mais subido grau de indignação. Dante aproveita o ensejo para encarecer os defeitos, que concorreram para o descredito de Bonifacio VIII, que ainda reinava na supposta data da maravilhosa jornada. Para aggravar os effeitos da objurgatoria attribue-a ao mais auctorizado dos Vigarios de Christo, ao primeiro e ao mais santo, e a quem naturalmente mais doería a decadencia a que conduziam a Igreja os seus maus successores.

[5] O corpo de S. Pedro foi trasladado das catacumbas para a collina do vaticano.

[6] Que não ha exageração nas palavras, que Dante attribue a S. Pedro contra a côrte romana, demonstram os seguintes sonetos de Petrarcha, que tambem no seculo XIV vivera:

Fiamma dal ciel su le tue trecce prova,
Malvagia, che dal fiume e dalle ghiande
Per l'altrui impoverir se' ricca e grande,
Poi che di mal oprar tanto ti giova.

Nido di tradimenti, in cui si cova
Quanto mal per lo mondo oggi si spande,
Di vin serva, di letti e di vivande,
In cui lussuria fa l'ultima prova.

Per le camere tue fanciulle e vecchi
Vanno trescando, e Belzebub in mezzo,
C'o mantici e col foco con gli specchi.

Già non fostu nudrita in piume al vezzo,
Ma nuda al vento, e scalza fra li stecchi;
Or vivi sì ch'a Dio ne venga il lezzo.

L'avara Babilonia ha colmo'l sacco
Dira de Dio, e di vizi empi e rei,
Tanto che scoppia, ed ha fatti suoi Dei
Non Giove e Palla, ma Venere e Bacco.

Aspettando ragion mi struggo e fiacco:
Ma pur novo soldan veggio per lei
Lo qual farà, non già quand'io vorrei
Sol una sede; e quella fia in Baldacco

Gl'idoli suoi saranno in terra sparsi,
E le torri superbe, al ciel nemiche;
E suoi torner di for, come dentr'arsi.

Anime belle e di virtute amiche
Terrano'l mondo; e poi vedrem lui farsi
Aureo tutto e pien dell'opre antiche.

Tambem se recommenda como descripção fiel e caracteristica o seguinte trecho de Boccacio (DEC. *Giorn.* I, Nov. 2):

« O judeu Abraham, demorando-se em Roma, começou a observar os costumes do Papa e dos Cardeaes, assim como dos outros prelados e mais cortezãos. E verificou, tanto por si, como avisado que era, como pelas informações, que colheu, que, grandes e pequenos, todos em geral viviam deshonestissimamente atascados no peccado da luxuria, não só natural, senão sodomitica, sem peijo nem remorso, sendo para maravilhar a grande influencia que exerciam meretrizes e rapazes para alcançar os despachos de maior valia. De mais d'isto, universalmente davam-se á gula e á embriaguez, captivos do ventre como brutos. Attentando ainda mais, os viu tão interesseiros e avarentos, sofregos por dinheiro, como por sangue humano de christãos, que mercadejando as cousas divinas, quaesquer que fossem, comprando e vendendo os beneficios, como se foram pannos ou outros objectos de negocio. »

[7] Ovidio, *Met.* III:

Qui color infectis adversi solis ab ictu
Nubibus esse solet, aut purpureæ Auroræ.

[8] S. Lucas, *Ev.* XXIII:

« Era então quasi a hora sexta, e a terra ficou coberta de trevas até a hora nona. Escureceu-se tambem o sol e rasgou-se pelo meio o veu do templo. »

[9] Lino e Cleto, martyres do primeiro seculo do christianismo, successores immediatos de S. Pedro.

[10] Sixto e Pio, no seculo II, Calixto e Urbano, no III, Papas e martyres.

[11] Os fieis divididos em dois bandos : uns á direita, os Guelfos, predilectos dos Papas, os outros á esquerda, os Gibelinos, encarniçadamente perseguidos.

[12] O estandarte pontificio com as chaves de S. Pedro.

[13] O sello estampado nas indulgencias, vendidas pela Santa Sé, representava a effigie de S. Pedro.

[14] S. Matheus, VII :

« Guardai-vos dos falsos prophetas, que vem a vós com vestidos de ovelhas e dentro são lobos roubadores. »

[15] *Psalmos*, XLIII :

« Levanta-te ! Por que dormes, Senhor ? Levanta-te ! Não nos desampares para sempre ! »

[16] Clemente V, era natural da Gascunha, João XXII, de Cahors, ninho de usurarios, segundo se diz no c. XI do *Inf.*

[17] *Convito*, IV, 5 :

« E não se está vendo a mão de Deus, quando, por occasião da guerra de Annibal, os Romanos, por haverem perdido tantos cidadãos, que foram remettidos para Africa trez alqueires de anneis, quizeram abandonar o seu paiz, proposito, que se não poz em effeito, porque Scipião, o abençoado mancebo, commetteu a empreza de Africa, para salvar a patria ? »

[18] Quando o sol entra em Capricornio, de dezembro a janeiro.

[19] Nestes termos o Poeta declara que se achava na zona torrida, no parallelo celeste, que passa por Gemini, e no meridiano do estreito de Gibraltar, d'onde descortina ao poente e além Gades (Cadix) o mar, onde Ulysses perdeu-se, e ao levante o maritimo da Phenicia. Da comparação entre o que observara de antes e o que observa agora resulta que se detivera seis horas no ceu das estrellas fixas.

[20] Europa, filha do Rei Agenor, roubada por Jupiter, que se transformara em touro.

Ovidio, *Met.* II :

« ...Já da montanha o gado expulso
Caminha á fresca praia, onde costuma
A do potente Rei mimosa filha
Espairecer, folgar co'as tyrias virgens.
A magestade e amor não bem se ajustam ;
Jamais o mesmo peito os acommoda.
Do sceptro a gravidade emfim depondo
O pae e o Rei dos Deuses, Jove, aquelle,
Que armada tem do raio a sacra dextra
E que ao minimo aceno abala o mundo,
Veste fórma taurina, entre as manadas
Muge e pisa formoso as brandas hervas.
E' côr do gelo, que nem pés calcaram,
Nem co'as azas desfez o sul chuvoso.
Ergue a cerviz carnuda ; entre as espaduas
Graciosa lhe pende e bambaleia

A candida barbella ; as breves pontas
De industriosa mão lavor parecem :
Ganham no lustro a perola mais pura.
Não tem pezado cenho, olhar terrivel,
Antes benigna paz lhe alegra a fronte.
A filha de Agenor admira o touro,
Extranha ser tão bello e ser tão manso.
Ao principio, inda assim teme tocar-lhe :
Vai-se depois avisinhando a elle,
E as flores, que apanhou, lhe applica aos beiços.
Não cabe em si de gosto o ledo amante ;
Em quanto a maior bem chegar não póde,
Amoroso lhe beija as mãos de neve ;
Mal se contém, que não se arroje a tudo,
Eil-o já pela relva salta e brinca ;
Já põe na fulva areia o niveo lado ;
A' virgem pouco a pouco o medo extingue,
E agora off'rece brandamente o peito,
Só para que lh'o afague a mão formosa,
Agora as pontas, que a real donzella
De recentes boninas lhe engrinalda.
Ella emfim, que não sabe a que se atreve
Ousa nas alvas costas assentar-se.
De espaço á beiramar descendo a nume
Põe mentiroso pé n'agua primeira.
Vai depois mais avante ; emfim nadando
Leva a presa gentil por entre as ondas.
Ella, de olhos na praia, ella medrosa
Segura umas das mãos n'uma das pontas,
Sobre o dorso agitado a outra encosta :
Enfa o vento as sussurrantes vestes.

[21] Estando o sol a esse tempo a mais de um grau de Gemini, devia a parte oriental do hemispherio terrestre achar-se envolta em trevas.

[22] Ninho de Leda, a constellação Gemini, que representa Castor e Pollux, irmãos gemeos, filhos de Jupiter, que se transformara em cysne, e Leda, mulher de Tyndaro.

[23] A Aurora.

[24] Pela reforma do calendario feita por Julio Cesar houve de mais uma fracção de tempo, que Dante chama *centesimo*. Accumulada essa fracção produziria no rodear dos seculos differença tal, que os mezes deixariam de corresponder ás estações. A reforma effectuada no pontificado de Gregorio XIII corrigiu o erro.

Uma explicação, resumida, se faz aqui mister :

O calendario romano, cuja primeira reforma se attribue a Numa Pompilio, segundo Rei de Roma, estatuiu que o anno, até então lunar e de 10 mezes, compostos ora de 30, ora de 31 dias, passasse a ter 355 dias em vez de 304, pelo accrescimo do mez de janeiro (Januarius) com 29 dias e fevereiro (Februarius) com 28. Todos os outros mezes tiveram 29, excepto março, maio, *Quintilis* e outubro, aos quaes couberam 31 dias. Em cada quatrienio havia duas intercalações : a primeira de 22 dias no segundo anno, e a segunda de 24 ao quarto anno, dando-se ao mez supplementar a denominação de *mercedonius* ou *mercedinus*. Resultou o excesso de quatro dias e a confusão entre mezes e estações.

Julio Cesar, o grande general, o eminente politico, o facundo orador, o historiador exemplar, para evitar este grave inconveniente, supprimiu o mez intercalar; e querendo adaptar o anno ao curso do sol, accrescentou-lhe dez dias distribuidos aos mezes de 29. Para completar o periodo annual, que lhe pareceu o verdadeiro, isto é, 365 dias e 6 horas, determinou que em cada quatriennio se augmentasse um dia depois de 24 de fevereiro ou de 6 das calendas de março. A esse dia e ao anno a que intercalava, deu-se o nome de *bissexto*. O calendario, assim reformado, denominou-se Juliano, assim como o mez *quintilis* converteu-se em *Julius*, julho, e depois *sextilis* em *Augustus*, agosto por ordem do successor de Julio Cesar.

Adoptaram os christãos, na sua generalidade, o calendario Juliano, quanto aos nomes dos mezes, numero dos dias e intercalação do dia bissexto. No rodear do tempo reconheceu-se que no anno solar, de 365 dias e 6 horas havia a differença de 11' 10'', 04, que importavam um dia em 130 annos. A perturbação se fez grandemente sensivel ao cabo de alguns seculos, até que em 1581, o Papa Gregorio XIII, aconselhado pelo astronomo Luigi Lilio emprehendeu a reforma do calendario, que de então em vante chamou-se Gregoriano, e é o que está em voga nos paizes civilisados do occidente. E' certo que a Inglaterra sómente o admittiu em 1752. A Russia e os christãos do rito grego ainda usam do calendario Juliano, em modo que as suas datas apresentam o atrazo de doze dias com relação as das outras nações christans. Para serem comprehendidos facilmente, os russos escrevem as datas conjuntamente nos dois calendarios.

[25] Allude ás reformas, que, em pról da Italia, se esperavam do Imperador Henrique VII, cuja ascensão ao throno fôra enthusiasticamente saudada pelos gibellinos, mórmente por Dante, como a aurora da grandeza e unidade italiana.

CANTO XXVIII

1. DEPOIS que acerca do existir presente
Dos miseros mortaes mostrou verdade
Aquella a que emparaiza a mente,
2. Como quem vê no espelho a claridade
De tocha, que de trás esteja accesa,
Suspeita inda não tendo da verdade ;
3. E, para olhar voltado, tem certeza
De que o vidro é fiel ao que apresenta ;
Como o canto é do metro á natureza :
4. Assim minha memoria representa
Que eu fiz, nos bellos olhos me enlevando,
Com que amor captivou minha alma isenta.
5. De os contemplar, porém, os meus deixando
E no que esse orbe faz omnipotente,
Quando em seu gyro attenta-se os fitando,
6. Um Ponto [1] vi, que lume tão fulgente
Dardejava, que a vista deslumbrada,
Fechava-se ante o lume translucente,
7. Estrella, ao parecer, mais apoucada,
Junto d'ella, de lua figurava,
Como estrella ao pé de outra collocada.

8. Como a c'rôa talvez, que se depara
Cingindo astro, que a torna luminosa,
Quando o vapor que a tem mais condensara,
9. Igneo circ'lo, em carreira impetuosa,
Distante, ao Ponto mais veloz cercava
Do que a esphera que vai mais pressurosa.
10. Este circ'lo primeiro outro abraçava ;
Ao terceiro o segundo, outro ao terceiro,
Ao quarto o quinto e o sexto o circumdava.
11. Tão largo o setimo era, que, inda inteiro,
Abrangido, por certo, o não teria
Aquelle, que de Juno é mensageiro. [2]
12. Oitavo e nono assim : mar se movia
Mas lento cada qual, segundo elle era
Mais longe do primeiro, que corria. [3]
13. E a flamma rutilava mais sincera
No que da excelsa luz stava mais perto ;
Creio que em fluxo seu mais recebera.
14. Mas Beatriz, que o enleio meu notava
—« D'aquelle Ponto o ceu e a natureza
Então na dependencia »—me falava.
15. « Olha o circ'lo mais proximo e a presteza,
Que tanto lhe accelera o movimento :
De ardentissimo amor punge-o a viveza. »—
16.—« Se do mundo »—eu lhe disse—« o regimento
Fosse qual n'estes orbes apparece
Do que ouço eu conseguira já contento ;
17. « Mas no mundo sensivel me parece
Ser cada esphera tanto mais divina,
Quanto mais longe do seu centro desce.
18. « Se instruir-me o querer teu determina
N'este seraphico, estupendo templo,
Que só com luz e com amor confina,
19. « Explicar-me te digna, porque o exemplo
Não se conforma em tudo ao seu modelo : [4]
Por saber a razão em vão contemplo. »—

20.—« De desatar o nó se ardente anhelo
Teus dedos não contentam, não te espante :
Tal é, porque ninguem tentou solvel-o. »—
21. « Tornou-me ella e seguiu:—« Terás bastante
No que direi de luz ao entendimento :
Aguça o engenho e escuta vigilante.
22. « Nos circ'los corporaes o crescimento
Regula pelo influxo, que é spargido
Nas partes que lhes formam complemento.
23. « Mór bondade, mór bem tem produzido
De mór bem foi mór corpo aquinhoado,
Se igual primor nas partes é contido.
24. « O circ'lo, pois, do qual arrebatada
Gyra o alto universo, é referente
Ao de amor e sciencia mais dotado.
25. « Se á virtude a medida propriamente
Adaptas, não regendo-te a apparencia
Das substancias, que em circ'los tens em frente,
26. « Mirifica has de ver correspondencia
Entre maior e mais, menor e menos
Em cada ceu e a sua intelligencia. »—
27. Como os ares são fulgidos, serenos,
Se Boreas sópra aquella face inchando,
Que os halitos diffunde mais amenos, [5]
28. Resolvendo-se a nevoa e se apagando
A sombra que o hemispherio ennegrecia,
E o ceu, a rir-se, as pompas ostentando :
29. Assim eu, quando aquella, que me guia
Com sua explicação minha alma aclara,
E a verdade, qual astro, me allumia.
30. Depois que as vozes suas rematara,
Bem como ferro a faiscar fervente,
Dos circulos cad'um flammas despara.
31. Cada scentelha incendio faz ingente
Em somma tal, que a do xadrez passava,
Dobrando-se o algarismo infindamente. [6]

32. De côro em côro *hosannah* resoava
Ao Ponto, que ao seu *ubi*, onde têm stado
E onde sempre estarão p'ra sempre os trava.
33. Ella, o spirito meu vendo atalhado,
Disse-me :—« Aquelles circulos primeiros
Te hão Seraphins e Cherubins mostrado.
34. Assim nos orbes seus volvem ligeiros
Por similhar-se ao Ponto e o conseguindo,
Segundo a vel-o estão mais altaneiros.
35. « Os Amores, que em torno estão, seguindo,
Thronos se chamam do divino aspecto
O primeiro ternario concluindo.
36. « Prazer, bem sabes, todos têm selecto,
Quanto mais sua vista se aprofunda
Na verdade, alto fito do intellecto.
37. « D'esta arte se conhece que se funda
Mais na visão celestial ventura
Do que no amor, acção, que vem segunda.
38. « Da visão é a medida a mercê pura,
Por vontade e por Graça produzida :
De grau em grau se enalça a creatura.
39. « Outro ternario, que do ceu movida
Germina em primavera sempiterna,
Pelo Aries nocturno não despida,
40. « *Hosannah* entôa na harmonia eterna
Com trez côros ; que soam de alegria
Em ordens trez, em cujo seio interna.
41. « Ordens trez comprehende a gerarchia,
Denominações, Virtudes, occupando
Potestades final categoria.
42. « Nos penultimos circulos gyrando,
Principados e Archanjos resplandescem ;
E dos Anjos, após festivo bando.
43. « No Ponto as Ordens todas se embevecem,
De baixo a Deus são todas attrahidas,
E umas das outras a attracção padecem.

44. « Contemplando-as, idéas tão subidas
Dionysio [7] formou com tanto zelo,
Que as fez, como eu, por nomes conhecidas.
45. « Não quiz Gregorio [8] como norma tel-o ;
N'este ceu quando entrou, porém se ria
Do erro, em que estivera, ao percebel-o.
46. « Mortal, que o gran mysterio comprendia
E o disse á terra, não te mova espanto :
Quem tinha-o visto aqui [9] lh'o descobria
E mais verdades d'este imperio santo. » —

1

NOTAS AO CANTO XXVIII

Divisa o Poeta a essencia divina, rodeada dos córos de anjos. Duvidas, que Beatriz resolve.

[1] Dante figura a Divindade por um ponto de infinito brilho, indivisivel como é esse elemento linear.

[2] O arco Iris.

[3] Os nove circulos são outras tantas ordens de anjos, as quaes correspondem aos diversos ceus na distribuição seguinte:

1ª hierarchia	Seraphins—*Primeiro Mobile.* Cherubins—*Estrellas Fixas.* Thronos—*Saturno.*
2ª hierarchia	Dominações—*Jupiter.* Virtudes—*Marte.* Potestades—*Sol.*
3ª hierarchia	Principados—*Venus.* Archanjos—*Mercurio.* Anjos—*Lua.*

Dante (no *Convito* II, 6) afasta-se algum tanto d'esta classificação. Assim se exprime:

« Os antigos, por falta de ensino, não conheceram a verdade das creaturas espirituaes, posto fosse o povo de Israel em parte doutrinado n'este assumpto pelos seus prophetas, a quem Deus falava por muitos modos. Nós, porém, fomos instruidos por Aquelle que veiu de Deus, que creou os anjos e os conserva, pelo Imperador do universo, que é Christo, filho do Soberano Deus e da Virgem Maria... Elle disse-nos a verdade das cousas, que não poderiamos saber sem elles, nem vel-as verdadeiramente. A primeira cousa e o primeiro segredo, que nos mostrou, foi uma das referidas creaturas, o seu grande embaixador, que da parte do Salvador celestial foi enviado á Maria, donzella de treze annos. Esse nosso Salvador pela sua propria boca disse que o Pae lhe podia dar muitas

legiões de anjos. Não o negou, quando lhe foi dito que o Pae ordenara aos anjos que o ajudassem e servissem. Pelo que nos fica manifesto que essas creaturas são numerosissimas. Assim como a sua Esposa e Secretaria, a Santa Igreja, crê e ensina que são innumeraveis; e as divide em 3 hierarchias, cada uma das quaes comprehende trez ordens, sendo portanto, nove as ordens de creaturas espirituaes.

« A primeira é a dos *anjos*, a segunda a dos *archanjos*, a terceira a dos *thronos*. Formam a primeira hierarchia, não primeira na eminencia e creação, pois as outras são mais nobres e todas foram creadas conjuntamente, senão segundo a collocação, em que a achamos, elevando-nos á contemplação da sua altura. Seguem-se as *dominações*, as *virtudes* e os *principados*, de que se fórma a segunda hierarchia. Depois estão as *potestades*, os *cherubins* e finalmente os *seraphins*, que constituem a terceira hierarchia.

« E' poderosa razão da sua vida especulativa tanto o numero das hierarchias, como o das ordens. Pois, sendo trez as Pessoas da Divina Magestade, que tem uma substancia triplicemente, podem ser contempladas. Contempla o summo poder do Padre a primeira hierarchia, que é a primeira em nobreza e que mencionamos em ultimo logar. Contempla a segunda hierarchia a summa sabedoria do Filho. A summa e ferventissima caridade do Espirito Santo é contemplada pela terceira hierarchia, a qual, mais propinqua a nós, reparte os dons, que recebe. E porque cada Pessoa da Divina Trindade se possa considerar triplicemente, ha em cada hierarchia trez ordens, que diversamente contemplam. Póde-se contemplar o Padre com relação sómente a elle; e o fazem os seraphins, que veem mais da Primeira Causa do que outra qualquer creatura angelica. Póde-se contemplar o Padre em relação ao Filho, isto é, como d'elle parte e como com elle se une; e o fazem os cherubins. Póde-se contemplar o Padre pela procedencia do Espirito Santo, como d'elle parte e como com elle se une, e o fazem as potestades. Do mesmo modo se póde considerar sobre o Filho e o Espirito Santo; pois são de nove modos os espiritos contemplantes, que olham a Luz, que só a si mesma vê completamente.

« E ainda cumpre dizer que d'essas ordens perderam-se alguns anjos, logo que foram creados, talvez pela decima parte: para restauração d'essa perda foi depois creada a natureza humana. Os numeros, as ordens e as hierarchias narram os ceus moveis, annunciando o decimo a unidade e estabelidade de Deus. Por isso disse o Psalmista: — Os ceus narram a gloria de Deus, e o firmamento annuncia as obras das suas mãos. Por tanto, é racional crer que os motores do ceu da Lua sejam os anjos; os de Mercurio, os archangelos; os de Venus os thronos, que, sendo feito do amor do Espirito Santo, têm a seu cargo movimento do ceu de amor; e assim a fórma d'esse ceu é tomada de virtuoso ardor, pelo qual as almas, que vão da terra accendem-se para amar, segundo a sua dispozição. »

[4] O mundo sensivel não se conforma ao mundo intelligivel, que é o seu modelo. Escreveu Boecio (*De consolatione*):

Tu cuncta superno
Ducis ab exemplo pulchrum pulcherrimus ipse
Mundum mente gerens similique in imagine formans.

Beatriz explica a correspondencia na ordem inversa: no mundo intelligivel, quanto mais excellentes e poderosos são os circulos, tanto mais se acercam do Ponto central, que é Deus. O primeiro, dos seraphins, corresponde ao Primeiro Mobile ou esphera nona; o segundo, o dos cherubins, á oitava esphera ou ceu das estrellas fixas; e assim por diante, como acima foi dito.

[6] Virgilio, *En.* XII:

Ac veluti Edoni Boreæ cum spiritus alto
Insonat Ægeo, seguiturque ad litoræ fluctus
Qua venti incubuere, fugam dant nubila cœlo.

[8] Sessa Ibri Dahir é tido por inventor do jogo do xadrez. Apresentando-o ao soberano da Persia, tanto se deliciou elle com esse primor do engenho humano, que desejou fazer ao seu subtil autor mercê assignalada e de todo a contento seu. Para isto autorizou-o a requerer-lhe quanto quizesse, na certeza de que tudo seria approvado e deferido. Ibri Dahir lhe disse que lhe bastara um grão de trigo pela primeira casa do taboleiro do xadrez, dois pela segunda, quatro pela terceira, e d'ahi por diante a dobrar de casa em casa a 64ª. Ao Monarcha pareceu desmedidamente modesta a aspiração do inventor; mas em breve conheceu quanto se enganava. Quando se entendeu no desempenho da promessa do Rei, reconheceu-se que não haveria em toda a Persia trigo em quantidade sufficiente para solver aquella divida.

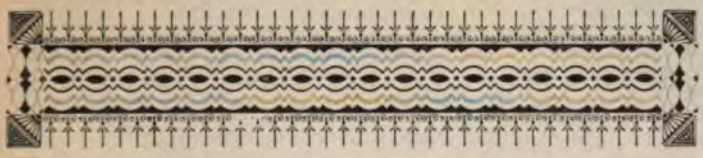
[7] Dionysio Areopagita, no livro *De celesti hierarchia*, que se lhe attribue, S. Paulo converteu esse Atheniense á fé christã, segundo consta dos *Actos dos Apostolos*, XVII:

« Todavia alguns varões aggregando-se a elle (Paulo) abraçaram a Fé: entre os quaes foi não só Dionysio Areopagita, mas tambem uma mulher por nome Damaris, e com elles outros. »

[8] S. Gregorio Magno escreveu na *Homilia* XXXIV:

« *Novem uero angelorum ordines diximus, quia videlicet esse, testante sacro eloquio, uiuunt: Angelus, Archangelos, Virtutes, Potestates, Principatus, Dominationes, Thronos, Cherubin, atque Seraphin.* »

[9] S. Paulo, 2ª Ep. aos *Corinthios*, XII, já citada.



CANTO XXIX

1. QUANDO aos dois gentis filhos de Latona,
Um por Aries coberto, outro por Libra,
A um tempo cinge do horizonte a zona,
2. Quanto espaço o zenith os equilibra, [1]
Té que mude o hemispherio e, desprendido
D'este cinto um e outro se deslibra,
3. Tanto calou-se Beatriz, luzido
De riso tendo o rosto e olhos fitando
N'esse Ponto que os meus tinha vencido.
4.—« Teu desejo »—falou-me—« antecipando
Agora não te inquiro : já o hei visto
No centro de todo o *ubi* e todo o *quando*.
5. « Não para ter mais perfeição, pois isto
Fôra impossivel, mas porque fulgindo
O seu splendor dizer podesse,—Existo,—
6. « Na Eternidade, o tempo não medindo
Nem o logar, crear se ha dignado
Amores nove [2] o Eterno Amor se abrindo.
7. « Antes não tinha na inacção ficado :
Nem *antes*, nem *depois* era existente,
Quando Deus sobre as aguas foi levado. [3]

8. « Materia e fórma puras, juntamente.
Quaes settas de tricorde arco voando
Sahiram do acto da Infallivel Mente. [4]

9. « Como, em vidro, em crystal, em ambar quando
Luz do sol toca, é logo reflectida
Do vir ao ser distancia não se dando,

10. « Tal a obra triforme, concluida
De uma só vez, no ser raiou perfeita
Sem star parte por outra antecedida.

11. « Ordem foi concreada, a que é sujeita
Cada substancia ; o cimo foi marcado
No mundo a que por acto puro é feita ;

12. « A' força pura uno logar stá dado ;
São no meio travados força e acto
Por nó que indissoluvel se ha tornado.

13. « Jeronymo escreveu [5] que longo trato
De sec'los antes de outro mundo feito
Fôra dos anjos o imperio nato.

14. « A verdade, porém, stá no conceito
De escriptores, que influe o Espirito Santo [6]
Verás, pensando, da verdade o effeito.

15. « Razão em parte o vê tambem, por quanto
Comprender não podera que os motores
Inertes fossem por espaço tanto.

16. « Sabes, pois, onde e quando esses Amores
Creados foram e de qual maneira : [7]
Do teu desejo apago trez ardores.

17. « Em menos tempo do que a somma inteira
De um a vinte se faz, dos anjos parte
Turbou vosso elemento sobranceira. [8]

18. « Fiel a outra emprega-se d'essa arte,
Que vês: assim gyrando jubilosa,
D'este excelso mister se não disparte.

19. « O mal causou soberba criminosa
Do que has visto no abysmo do tormento,
Do mundo sob a mole ponderosa. [9]

20. « Mas estes, com modesto pensamento,
Mostraram-se á Bondade agradecidos,
Que lhes deu tão sublime entendimento.

21. « Na vista se exaltando, enriquecidos
São de merito e graça illuminante,
Por querer certo e firme dirigidos.

22. « Não duvides; e sabe, de ora avante,
Que receber a graça é meritorio,
Segundo o affecto mostra-se constante.

23. « Já, pois, este celeste consistorio,
Se quanto ora te hei dito a mente alcança,
Bem pódes contemplar sem adjutorio.

24. « Como em vossas escolas se afiança,
Na terra, que é da angelica natura
O querer, o entender, o ter lembrança,

25. « Eu devo ainda revelar-te a pura
Verdade, que entre vós se ha confundido,
Sendo enleiada por tão má leitura.

26. « Estas substancias, o prazer obtido
De verem Deus, jámais rosto voltaram
Dos olhos a que nada occulto ha sido.

27. « Seu ver novos objectos não cortaram ;
Não ha razão, porque se lhes suppponha
Rememorar idéas, que passaram.

28. « Assim na terra sem dormir se sonha,
Crendo e não crendo proferir verdade :
N'este caso ha mais culpa e mais vergonha.

29. « De opiniões não tendes fixidade
Philosophando, tanto vos transporta
Da ostentação e de o pensar vaidade.

30. « No ceu menos do que isto se supporta—
Ser a Santa Escriptura desdenhada
Ou ter intelligencia errada e torta.

31. « Para ser pelo mundo semeada
Quanto sangue custou pouco se attenta,
E quanto a crença humilde a Deus agrada.

32. « Qual para alardear engenha, inventa ;
Quando o Santo Evangelho está calado
Taes invenções o pulpito commenta.
33. « Qual diz que a lua, tendo atraz voltado,
No acto da Paixão de Christo, houvera,
Interpondo-se, a luz do Sol velado. [10]
34. « Qual affirma que o lume se escondera
Por si mesmo ; e o eclipse á India, á Hespanha
Commum como á Judéa, se fizera.
35. « Em Florença não ha cópia tamanha
De Lapi e Bindi [11] quanto só n'um anno
O pulpito de contos desentranha.
36 « D'esta arte a ovelha, que não sabe o engano,
Do pasto volta tumida de vento,
Desculpa não lhe dá não vendo o damno.
37. « Não disse Jesus Christo ao seu convento :
Parti e ao mundo apregoai mentira ;—
Mas deu-lhes da verdade o fundamento ;
38. « Ella tão alto, em sua voz se ouvira,
Que foi-lhes o Evangelho escudo e lança
Nos prelios, de que a Fé vitriz sahira. [12]
39. « Ora em sermões o trocadilho, a chança
Estão na voga : o riso provocando
Incha o capuz ; por nada mais se cansa.
40. « Se o vulgo vira o passaro nefando, [13]
Que em cogula se aninha, não quizera
Indulgencias, em que se anda confiando.
41. « Stulticia tal da terra se apodera,
Que, em prova e testemunho não firmado,
Qualquer a dal-as apto considera.
42. « De Santo Antonio assim medra o cevado
E outros muitos, que os porcos mais ascosos,
Que pagam com dinheiro não cunhado. [14]
43. « Mas longa vai a digressão ; cuidosos
Os olhos volve á verdadeira estrada ;
O tempo é curto, andemos pressurosos.

44. « E' tanto a grei dos anjos avultada,
Que nem por voz, nem por humana mente
Ser póde a conta sua calculada.

45. « Bem te demonstra a reflexão prudente
Que não diz dos milhares, que revela
A somma Daniel precisamente. [15]

46. « A luz primeira, que irradia n'ella,
E' por maneiras tantas recebida,
Quantos fulgores são, que a fazem bella.

47. « E, pois, que a percepção logo é seguida
Do amor, do affecto angelico a doçura
Está em graus diversos aquecida.

48. « Do Poder Eternal vê, pois, a altura
E grandeza, que em spelhos tão brilhantes
A sua imagem multiplica pura,
Permanecendo UM sempre como de antes.

NOTAS AO CANTO XXIX

Duvidas de Dante resolvidas por Beatriz, que increpa a ignorancia de alguns theologos do seu tempo e o procedimento dos pregadores, que deshonram o pulpito.

[1] Quando o sol está em Aries e a lua em Libra, aquelle no poente e esta no oriente, por occasião do plenilunio, esses dois filhos de Latona (Apollo—o sol, Diana—a lua) momentaneamente se acham simultaneos no horizonte. Quanto tempo consomem equilibrados n'essa posição, tanto durou o silencio de Beatriz.

[2] Nove ordens de Anjos.

[3] *Genesis*, I:

« E o Espirito de Deus era levado sobre as aguas. »

[4] Pura materia nos elementos, pura fórma nos anjos; materia e fórma reunidas no homem.

[5] S. Jeronymo, um dos mais eminentes doutores da Igreja Latina, nasceu na Pannonia em 331. Em Roma, onde foi estudar na sua juventude, teve por mestre o grammatico Donato. Havendo recebido o baptismo, viajou na Gallia, na Asia e nos Santos Logares, e ordenou-se de presbytero. O Papa Damaso nomeou-o para o cargo de seu secretario. Ao mesmo tempo emprehendeu e effectuou a traducção das Sagradas Escripturas em Latim, conhecida sob o nome de *Vulgata* e adoptada como canonica pelo concilio de Trento. Voltou depois a Palestina e no mosteiro de Bethlem viveu alguns annos como anachoreta, sujeitando-se a todos os rigores e privações da penitencia. Muito mais tempo alli permaneceria, se não fosse obrigado a retirar-se pelas perseguições, que lhe moveram os hereges orientaes, para Jerusalém Antiochia, Alexandria, Constantinopla e Roma. Tornou segunda vez a Bethlem, d'onde novamente os seus inimigos o afuguentaram. Falleceu no anno 420.

S. Jeronymo, em uma das suas cartas (*ad Titum*) affirmou que a creação dos anjos precedeu a do universo. Estas são as suas palavras: *Sex millia nondum nostri temporis complentur annorum, et quantas prius æternitates, quanta tempora, quantas quoque sæculorum origines fuisse arbitrandum, in quibus Angeli,*

Throni, Dominationes, cœterique ordines Deo servierunt, absque temporu[illegible] vicissitudinibus atque mensuris! »

S. Thomaz de Aquino reputou esta opinião.

[6] *Ecclesiastico*, XVIII:

Qui vivit in æternum creavit omnia simul.

[7] Dante desejava saber onde, como e quando os anjos foram creado[illegible].

[8] Os elementos, a que se allude, são: a terra, sujeita ou sotopos[illegible] aos outros, a agua, o ar, o fogo. Os anjos rebeldes, precipitados do céu, ca[illegible]iram sobre a terra, convulsionaram-a abrindo no seu seio o inferno, em que hab[illegible]itam, ficando Lucifer no centro, para onde todas as cousas gravitam.—V. *Infer*[illegible]*no*, c. XXXIV.

[9] Milton representou (*Par Lost*, V) os anjos rebeldes no acto de ne[illegible]arem que a sua creação tivesse dependido de Deus, senão da sua propria ess[illegible]ncia, quando completou-se o circulo traçado pelo destino.

« *Who saw*
When this creation was? Rememberest thou
Thy making, While the Maker gave thee being?
We Know no time when we were not as now;
Know none before us; sel-begot, self-raised
By our own quickening power, when fatal course
Had circled his full orb, the birth mature
Of this our native he aven, ethereal sons. »

Klopstock, *Messiada*, c. II (Trad. de Mme. de Carlowitz):

Adramelech excede o proprio Satanaz na crueldade e perfidia; o[illegible]-o, despreza-o, porque lhe inveja a honra de se lhe haver antecipado na reb[illegible]ião contra o Eterno. Foi elle quem primeiro a planeara; auxiliou-o não para e[illegible]gir throno a Satanaz, senão para alcançar poder independente. Obrigando-a a[illegible]m-panhar os anjos decahidos no tremendo abysmo, em que os submergiu a ir[illegible] de Deus, baixou em ultimo logar, vestido de fulgente arnez: tinha diante d[illegible]si taboas de ouro insculpidas com lettras de fogo.

— « Principes immortaes, disse então aos demonios consternados, por q[illegible]ue tremeis? Devemos, como triumphadores, entrar n'estes logares, onde [illegible]le-pararemos a independencia e grandeza, pelas quaes pelejamos. Em quanto [illegible]os servos Jehovah vos desfechavam os raios, que inventara, penetrei no santuar[illegible]lo deserto: lá estavam as taboas do destino, que nos asseguram glorioso porvir[illegible]; tomei-as, aqui as tenho. Ouvi o que diz o destino:

« Um dos sublimes espiritos, que Jehovah ainda subjuga na escravidão[illegible]o, conhecerá um dia que elle é Deus! Será lançado do ceu com os seus divinos[illegible]os amigos e desterrado em um dos mais pavorosos desertos do espaço, onde habitam a angustia e desesperação! Entre affouto e aguarde com paciencia. Tambem o seu vencedor soffreu e gemeu longo tempo mergulhado no chaos antes que me aprouvesse converter a sua prisão em myriadas de mundos. Igual sorte será a do inferno. Um dia Satanaz o converterá em universo mais vasto e esplendido que o do seu competidor; porque eu, o destino, lhe darei o plano da nova creação! Tal é a vontade d'aquelle, cuja séde é o archetypo da perfeição, que é senhor unico do infinito, dos mundos, que abrange, e dos Deuses, que lhes dei. »

[10] S. Lucas, *Ev.* XXIII:

« Era então quasi a hora sexta, e toda a terra ficou coberta de trevas até a hora nona. Escureceu-se tambem o sol. »

[11] Lapi e Bindi, abreviatura de Jacopi e Albini, nomes muito usados pelos Florentinos.

[12] S. Paulo, *Hebr.* XI :

« Pela fé conquistaram reinos, obraram acções de justiça, alcançaram as promessas, taparam as bocas dos leões, suspenderam a violencia do fogo, evitaram o fio da espada, convalesceram de infermidades, foram fortes na guerra, pozeram em fugida exercitos extrangeiros ; as mulheres recobraram os seus filhos mortos por meio da resurreição ; e uns foram estirados, não querendo resgatar a sua vida por alcançarem melhor ressurreição. Outros, porém, soffreram ludibrios e açoites e além d'isto cadeias e prisões ; elles foram apedrejados, foram serrados pelo meio, foram tentados, foram mortos ao fio da espada, elles andaram vagabundos, cobertos de pelles de ovelhas, de pelles de cabras, necessitados, angustiados, afflictos. »

[13] O demonio.

[14] O Poeta se refere ás imposturas de falsas indulgencias e devoções mentirosas, tão sem valor como as moedas sem cunho, com que engordam os simoniacos, figurados no cevado e n'outros animaes ainda mais immundos.

Pintava-se Santo Antonio tendo aos pés um cevado, symbolo do demonio da sensualidade e gula, que, como refere a lenda, Santo Antonio venceu pelos seus incessantes exercicios de piedade, que lhe mereceram a protecção divina. Dava-se por certo que os frades da ordem de Santo Antonio criavam varas de porcos, sustentados á expensas publicas, tratados com o maior apreço e respeito. Até 1409 vagaram pela cidade de Veneza os porcos pertencentes aos frades de Santo Antonio por privilegio, que lhes fôra conferidos. Accidentes de varia especie aconselharam então a revogação d'esse indulto ecclesiastico.

Philalethes, o regio traductor da *Divina Comedia* em allemão, em nota a este canto diz :

« Santo Antonio, que se não deve confundir com Santo Antonio de Padua, foi o fundador da vida eremitica no Egypto. Diz-se que, cem annos depois do seu fallecimento, foram os seus restos mortaes milagrosamente descobertos e transferidos para Constantinopla. No seculo XI, parte d'essas reliquias estavam em Vienna, na Provence, para onde a transportaram do modo que refere a lenda.

« Diz a lenda que um conde poderoso d'essa parte da França, por nome Jocelyn, fizera voto de ir em romaria a Jerusalem, mas não lhe faltavam pretextos para ir adiando o desempenho da promessa. Tendo, porém, ficado malferido n'uma peleja, foi transportado a uma ermida antiga de Santo Antonio. Adormecendo, sonhou que accorriam os demonios em tropel a fim de se apoderarem da sua alma por não ter cumprido o seu voto. N'aquelle transe o soccorreu o Santo, e recommendou-lhe que partisse para o Oriente e de lá trouxesse os seus ossos. Milagrosamente curado, o Conde deu-se pressa em tomar o bordão de peregrino. Na sua volta, tendo tido occasião de prestar serviços ao Imperador de Constantinopla, pediu-lhe que em mercê, lhe concedesse as reliquias do Santo ; e foi deferido. Durante muito tempo o Conde e os seus successores, quando tinham de commetter emprezas difficeis de acabar, levavam comsigo os santos residuos ; mas afinal o Papa ordenou-lhes que o depozitassem em logar sagrado. Por isso, um certo Conde Hugo edificou uma sumptuosa igreja nas cercanias de Vienna. Passado pouco tempo, correu fama de numerosos milagres alli praticados, sendo principalmente efficaz a intercessão do Santo em pról dos

que padeciam do terrivel mal do *fogo-santo*, quer fossem homens, quer animaes. Tão numerosos foram os casos da molestia, que para se acudir ao tratamento e sustento dos enfermos erigiu-se um hospital ao lado da igreja de Vienna.

« Sabe-se que se costuma representar Santo Antonio acompanhado de um porco. Talvez se symbolize assim o poder do Santo, de que deu provas na sua lucta com os espiritos impuros. Tambem se julga que d'este modo significa-se a protecção de Santo Antonio aos animaes nas suas doenças. D'esta crença resultou o costume, que vogava em muitos logares, de manter-se e cevar-se, á custa da communidade, um porco, que se denominava de Santo Antonio. A isto se refere Dante, censurando aquella torpe usança da superstição, com que, sob promessa de auxilios sobrenaturaes e esperança de remissão dos peccados, se especulava com a credulidade e se extorquia a subsistencia do povo.

« Porém peiores que porcos lhe parecem aquelles que applicavam o producto dos donativos pios ao cevo dos appetites depravados. Para elle importam moeda sem cunho as indulgencias ou attestados de perdão dos peccados: pois lhes fallecia o valor interior da consciencia e o exterior da autoridade da Igreja.»

[15] Daniel, VII:

« Um milhão de ministros o serviam e mil milhões assistiam diante d'elle.»

CANTO XXX

1. TALVEZ milhas seis mil de nós distando,
A hora sexta ferve e d'este mundo
A sombra vai-se ao nivel inclinando, [1]
2. Quando o meio do ceu, p'ra nós profundo,
Tal se faz que não mostra o seu semblante
Mais de uma estrella d'este val ao fundo ;
3. E, em quanto vem do sol a radiante
Nuncia, o ceu olhos cerra, adormecido
Um após outro até o mais brilhante :
4. Tal o triumpho, sem cessar motivo
De gaudio, em torno ao Ponto deslumbroso,
Que parece, contendo estar contido,
5. Extinguiu-se aos meus olhos vagoroso. [2]
Não vendo a pompa mais, a amor cedendo,
A Beatriz voltei-me fervoroso.
6. N'um só louvor eu, resumir querendo
D'ella o que vezes mil tenho cantado,
Frustrara o intento, o esforço meu perdendo.
7. Pelo humano ideal imaginado
Não seria o primor, que vi ; mas, creio,
Gozal-o todo só a Deus é dado.

8. N'este arduo passo superado anceio :
Vate jámais em tragico poema
Ou comico sentiu tamanho enleio
9. Quanto a vista ao clarão do sol mais trema,
Tanto a memoria do seu doce riso
As potencias do espirito me algema.
10. Des que vi do seu gesto o paraiso
Na terra até me alçar a visão pura
Meu canto renovar não foi preciso.
11. Mas seguir-lhe a sublime formosura
Nos versos meus agora não me atrevo,
Como artista, que o extremo esforço apura.
12. Beatriz sendo tal, que a deixar devo
A tuba mais que a minha sonorosa,
Em quanto esta ardua empreza ao termo levo,
13. Com gesto e voz de guia cuidadosa,
—« Ao ceu que é pura luz »—disse—« ao presente
Alçamo-nos da esphera mais vultosa, [3]
14. « Luz intellectual, de amor ardente,
Amor do summo bem, que enche a alegria,
Alegria em dulçores transcendente.
15. « Do ceu verás, na santa bizarria,
Uma e outra milicia : [4] uma no aspecto
Que has de ver do final Juiso em dia. »
16. Como aos visivos spiritos directo
Relampago, que a acção lhes tolhe e os priva
De discernir o mais patente objecto,
17. Circumfluiu-me assim uma luz viva
Com veu do seu fulgor, que me impedia
Em claridade ver tanto excessiva.
18.—« Sempre o Amor, [5] que este ceu tanto extasia,
Por ser o cirio á flamma apparelhado,
Este saudar a quem recebe envia »—
19. Bem não tinha estas vozes escutado,
Eis senti que virtude milagrosa
A força minha havia sublimado

20. Senti vista mais que antes poderosa
E tal, que a luz mais penetrante e pura
Affrontar poderia valorosa.
21. Fulvido lume um rio me afigura, [6]
Entre margens correndo, que esmaltava
A primavera da celeste altura.
22. Do seio essa corrente arremessava
Scentelhas ; que entre as flôres se espargiam:
Como rubins, que o ouro circumdava. [7]
23. Quando ebrias de perfumes pareciam
Reprofundavam na ribeira bella :
Se umas entravam, outras emergiam.
24.—« O desejo, que te urge e te desvela,
De saber quanto vês maravilhado
Me agrada n'este excesso que revela.
25. « Não serás em tal sêde saciado
Senão d'essa agua tendo já bebido. »—
Dos meus olhos o sol me ha declarado.
26.—« Os topazios, que movem-se, o luzido
Rio e das flôres o matiz ridente
Prefacio umbrôso da verdade hão sido.
27. « Não, por ser isto impenetral á mente,
Mas por defeito da fraqueza tua,
Que te veda visão tanto eminente. »—
28. Não ha criança, que tão presto rua
Ao seio maternal, em despertando
Mais tarde do que está na usança sua,
29. Como eu : melhor espelho desejando
Fazer dos olhos, á agua me inclinava,
Que flue, pureza e perfeição nos dando.
30. Das palpebras apenas se molhava
A borda, a fórma, que antes vi comprida,
Do rio circular se apresentava.
31. Como quem sob a mascara escondida
A face teve e logo differente
Se mostra, essa apparencia removida,

32. Assim flôres, scentelhas mais fulgente
Alegria mostraram e eu já via
Do ceu ambas as côrtes claramente.
33. O' de Deus esplendor, por quem já via
O triumpho do reino da verdade,
Dá-me valor ; que eu diga o que já via. [8]
34. Lá alto ha luz de tanta claridade,
Que Deus visivel faz á creatura,
Que em vel-o tem da paz a f'licidade. [9]
35. Ella se estende em circular figura,
Tão vasta que o seu ambito faria
Ao sol desmarcadissima cintura.
36. Um raio era o que d'ella apparecia
Reflectido no Mobile Primeiro,
A que assim vida e influxo principia. [10]
37. Qual em crystal do proximo ribeiro
Se espelha, como para ver as flôres
E verdura, que o vestem, lindo outeiro,
38. Miravam-se, da luz aos esplendores,
De degraus em milhões almas tornadas
Da terra para os celicos fulgores.
39. Se claridades tantas derramadas
Stão no imo degrau, como da Rosa
No cimo hão de as grandezas ser esmada ?
40. Sem turbar-me, a implitude portentosa,
Notava o qual e o quanto da alegria,
Em que se enleva aquella grei ditosa.
41. De perto, ao longe igual resplendescia ;
Pois onde por si mesmo Deus governa
Da natureza a lei não mais regia. [11]
42. Ao centro aureo da Rosa sempiterna,
Que em degraus dilatada rescendia
Louvor ao sol da primavera eterna,
43. Como quem cala, mas falar queria,
Beatriz, me attrahindo, disse :—« Attenta
Dos brancos veus na immensa jerarchia.

44. « O espaço vê, qne esta cidade ostenta !
Quanto cada fileira está cerrada !
A poucos logar vago se apresenta.
45. « Essa grande cadeira assignalada
Já de corôa, que te move espanto,
Antes de teres n'esta bôda entrada. *
46. « Será de Henrique [12] excelso, que hade o manto
Vestir de Augusto, para a Italia vindo
Antes de affeita ao regimento santo.
47. « Cega cobiça, a tantos illudindo,
Iguaes vos torna a infante, que sem tino
De ama o seio não quer, fome sentindo.
48. « Será então Prefeito no divino
Fôro aquelle, [13] que, occulto ou descoberto,
Não ha de ser de acompanhal-o di'no.
49. « A Deus, porém, appraz que esteja perto
Tempo, em que perderá cargo sagrado !
Terá com Simão Mago o logar certo,
E o de Anagni será mais soterrado. »— [14]

* Nota com o v. 9 do c. XIX do *Apoc.*

NOTAS AO CANTO XXX

Dante sóbe com Beatriz ao ceu empyreo. Rio de luz, onde os olhos do Poeta alcançam tanta lucidez, que podem ver o triumpho dos anjos e das almas bemaventuradas.

[1] A distancia que Dante calcula entre o logar, onde desapparecem as estrellas, e o ponto, em que é meio-dia, a sexta hora, corresponde *talvez* a 6.000 milhas. Parte da suppozição que a terra gyra cada dia 21.600 milhas, á razão de 60 por grão : sendo o espaço da aurora ao meio-dia a quarta parte do curso diurno, essa distancia representa 5.400 milhas exactamente. Assim o ensinava a astronomia, que Dante aprendera.

[2] Nove circulos formados pelas nove ordens de anjos.

[3] Klopstock, *Messiada*, C. I (Trad. de Mme. de Carlowitz) :

« O Seraphim, veloz e diaphano, como suave alvorada de primavera, sublimou-se ás celestiaes espheras. Alli sómente sóes enchem o espaço, dilatando-se pelo infinito o seu reflexo, á similhança de purpureo veu, tecido por mão divina com os fulgores da luz primitiva. Abaixo d'essa atmosphera scintillante, a que nenhum globo tenebroso ousa acercar-se, passa fugitiva a natureza nebulosa, os mundos e os seus habitantes assomam e se abysmam, quaes cerrações de pó, povoadas de insectos imperceptiveis, que se levantam e abatem diante dos passos do viandante.

« D'aquelle centro de luz procedem mil caminhos em todas as direcções. Outrora pelo mais formoso, que descia para a terra corria em aureas espadanas um rio caudaloso, que no throno do Eterno tinha o seu manancial. Anjos e o proprio Deus algumas vezes baixavam pela sua corrente para falar aos filhos da terra em plagas, onde os matizes do arco-iris e as nuvens matutinas adornaram deliciosas regiões. Mas, perdida a innocencia do homem, o rio se recolheu á sua origem, e converteram-se em desertos os montes, em cujas ethereas fórmas ainda se revelam vestigios da presença do Eterno ; e os bosques, cuja fronde aromatica sussurrava ao halito de Deus. Luctuosos veus do silencio e solidão envolveram os valles, que soiam visitar os habitantes do ceu, e os berços em que os filhos da terra gozaram as ineffaveis delicias, que se exprimem por lagrimas de jubilo.

« Quando, depois do Juizo universal, elevarem-se as estrellas em orbitas infinitas, quando Deus, abrangendo em um volver de olhos todos os mundos, os collocar na harmonia celeste, ha de continuar a manar o rio de espadanas de ouro, e nas suas margens mais aformosentadas, os filhos primogenitos da immortalidade receberam com paternal sorriso os recem-nascidos da mãe commum. »

[4] Uma e outra milicia: os anjos e as almas bemaventuradas. Essas apparecerão sob as fórmas, que hão de apresentar, depois da ressurreição da carne.

[5] S. João, *Epist.* I, c. IV:

« Amemo-nos uns aos outros, porque a caridade vem de Deus. E todo o que ama é nascido de Deus e conhece a Deus. Aquelle que não ama, não conhece a Deus, porque Deus é caridade. N'isto é que se manifestou a caridade de Deus para comnosco, em que Deus enviou a seu Filho Unigenito ao mundo para que nós vivamos por elle.

« Esta caridade consiste n'isto em termos sido nós os que amamos a Deus, mas em que foi elle o primeiro, que nos amou a nós e enviou a seu Filho, como victima de propiciação pelos nossos peccados. »

[6] *Apocalypse*, XXII:

« E elle me mostrou um rio da agua da vida resplendescente como crystal, que sahia do throno de Deus e do Cordeiro. »

Daniel, XII:

« De diante d'elle sahia um rio de fogo e arrebatado »

Milton, *Par Lost*, b. III:

Underdeath a bright sea flow'd
Of jasper or of liquid pearl.

[7] As scentelhas são os anjos, flores as almas dos Santos.

[8] Nos tercetos 32 e 33, Dante, querendo exprimir a intensidade da su[illegible] visão, usou trez vezes do verbo *vidi*, rimando entre si.

« Sabendo por larga experiencia, diz Biagioli, que Dante não escreve um[illegible] syllaba *sine causa*, tenho para mim que similhante repetição se endereça a e[illegible] primir a visão da intelligencia, que é uma só, e, por uma palavra, não pó[illegible] sel-o por outra, sem quebra no *quanto* e no *qual* e no *como*, argumento que ass[illegible] convence de que rigorosamente não ha synonimos. »

[9] Santo Ambrosio, *De Spiritu Sancto:*

« *Civitas Dei illa Jerusalem non meatu alicujeis fluvii terrestris, sed ex fo*[illegible] *vitæ procedens, qui est Spiritus Sanctus.* »

S. Paulo, *Ep. aos Philippenses*, IV:

« E a paz de Deus, que sobrepuja todo o entendimento. »

[10] *Convito*, II, 4:

E este ceu tranquillo e pacifico é a séde da Suprema Divindade, que [illegible] si completamente vê. Esta é a séde dos espiritos bemaventurados, segu[illegible] ensina a Santa Igreja, que não póde mentir; exito que parece concertar co[illegible] que diz Aristoteles no livro primeiro *do Ceu e do Mundo*. Este é o sober[illegible]

edificio do universo, no qual se comprehende o universo todo, e fóra do qual nada existe. E não está em um logar, mas formado foi sómente na Primeira Mente, que os Gregos chamam Protonöc. »

[11] Milton, *Par. Lost*, III :

For and wide his eye commands ;
For sight no obstacle fourd here, nor shade.
But all sun-shine.

[12] Henrique VII, o Imperador, Augusto, em quem Dante via as esperanças de regeneração não sómente para a Italia, senão tambem para o principio monarchico na amplitude, em que o Poeta o comprehendia.

[13] De 1305 a 1314 sentou-se Clemente V no throno pontifical.

[14] Refere-se ao castigo dos simoniacos, descripto no c. XIX do *Inf.*, onde diz que Nicolau III aguarda Bonifacio VIII, ao qual se hade seguir, sobrepondo-se, Clemente V no mesmo logar, em que o primeiro é suppliciado.

CANTO XXXI

1. FÓRMA assumindo de uma branca rosa,
Tinha ante os olhos a milicia santa,
Que em seu sangue fez Christo sua Esposa.
2. A outra, que, adejando, vê, decanta
Do Ommipotente a gloria, que a enamora,
E a bondade, que deu-lhe alteza tanta,
3. Bem como abelhas, cujo enxame agora
Nas flôres se apascenta, agora torna
A' colmeia, onde os favos elabora, [1]
4. Descia á flôr immensa que se adorna
De folhas tantas, e depois subia
Ao centro, onde o amor seu sempre sojorna.
5. Nas faces viva flamma refulgia,
Nas azas ouro, em tudo mais alvura,
Que a candidez da neve escurecia.
6. De solio em solio entrando na flôr pura
E as azas agitando, derramavam
Ardor e paz, colhidos lá na altura.
7. As multidões aladas, que giravam,
Ao senhor se interpondo e á flôr brilhante,
Nem vista, nem splendores atalhavam.

8. Que a luz divina cala penetrante
No universo, segundo elle merece ;
Nada lhe empece o brilho triumphante.
9. O gaudioso imperio, onde apparece
A par da grei antiga a grei recente
De olhos, de amor n'um fito se embevece.
10. Trina luz, que, n'um astro unicamente
Fulgindo, alma lhes tens inebriada,
Comnosco nas procellas sê clemente !
11. Se os Barbaros, da terra enregelada
Vindos, que Helice [2] cobre cada dia.
No seu gyro, do filho acompanhada,
12. A pompa ao ver, que a Roma ennobrecia,
Pasmavam, quando já Latrão famoso
Do mundo as maravilhas precedia,
13. Da terra eu ido ao throno luminoso,
Exalçado do tempo á eterna vida
E de Florença ao reino virtuoso,
14. Quando havia de ter a alma transida !
Nem ouvir, nem falar appetecera ;
Tanta alegria ao pasmo estava unida !
15. Bem como o peregrino considera
O templo, a que seu voto o conduzira,
E o que vê recontar, tornando, espera,
16. Na ardente luz a minha vista gyra
De degrau em degrau, e agora acima,
Abaixo logo e em derredor remira.
17. Gestos eu vi, que a caridade anima
Com lume divinal ; seu doce riso
Por suave attractivo se sublima.
18. Sem deterem-se mais do que o preciso,
Os olhos meus haviam rodeado
Em sua fórma geral o Paraiso :
19. Vivo desejo em mim stando ateado,
A Beatriz voltei-me ; ter queria
A solução do que era inexplicado.

20. Ao que eu pensava o opposto respondia :
Nos gloriosos trajos de um eleito,
Em vez de Beatriz, um velho eu via.
21. Nos olhos translusia-lhe e no aspeito
Alegria beni'na e o continente
De pae era á ternura sempre affeito.
22.—« E Beatriz ? »—exclamo eu de repente.
Tornou :—« Baixar me fez do meu assento
Por contentar o teu desejo ardente.
23. « Verás, do cimo ao circ'lo tercio attento,
Beatriz n'esse throno collocada,
Que lhe ha dado immortal merecimento. »—
24. Olhos alçando, á Dama sublimada,
Divisei que de c'rôa era cingida,
Da eterna luz, em refracção, formada.
25. Da região etherea a mais subida
Vista mortal, no pego profundando,
De tão longe não fôra dirigida,
26. Como olhos meus, em Beatriz fitando,
Vi-a, porém : a effigie livremente
Descia a mim do vulto venerando.
27.—« Senhora ! Esp'rança minha permanente !
Que não temeste, por me dar saude,
Teus vestigios deixar no inferno horrente !
23. « De tantas cousas, quantas eu ver pude
Ao teu grande valor e alta bondade
A graça referir devo e virtude.
29. « Sendo eu servo, me déste a liberdade,
Pelos meios e vias conduzido,
De que dispunha a tua potestade.
30. « Seja eu do teu valor fortalecido,
Porque minha alma, que fizeste pura
Te agrade ao ser seu vinculo solvido. »—
31. D'esta arte orei. Lá da sublime altura,
Em que estava, sorrindo-se encarou-me ;
Depois voltou-se á eterna Formosura.

32.—« Por chegares »—o velho assim falou-me —
« Ao termo da jornada, como anhelas,
A que seu rogo e santo amor mandou-me,
33. « Teus olhos vôem pelas flores bellas:
Elles mais hão-de se accender, no esguardo
Para alçar-se ao divino raio, em vel-as.
34. « E a Rainha do ceu, por quem eu ardo
Cheio de amor, nos hade ser beni'na,
Pois sou seu servo, o seu fiel Bernardo. »—[3]
35. Como quem da Croacia se destina
A ver Santo Sudario [4] em romaria,
Por fama antiga da feição divina;
36. Devoto a contemplar se não sacia,
Dizendo em si: a Jesus! meu Deus piedoso!
Tal o semblante vosso parecia! »
37. « Assim notei o affecto caridoso
D'aquelle, que em seus extases no mundo
A paz celeste prelibou ditoso.
38.—« Filho da graça, este viver jocundo
Ser-te não póde »—proseguia—« noto,
Se os olhos teus não alças cá do fundo.
39. « Dos circulos attenta ao mais remoto:
Lá no throno a Rainha [5] está sentada;
Seu reino, o ceu, lhe é subdito e devoto. »—
40. O rosto ergui. Bem como na alvorada
A parte, em que o sol nasce no horisonte
Excede a que franqueia á noite entrada,
41. Assim, quasi a subir de valle a monte,
No pincaro eminente parte eu via
Vencer em lume a qualquer outra fronte.
42. Como lá, d'onde espera-se do dia
O carro, que perdeu Phetonte, a flamma
Augmenta e n'outros pontos se embacia,
43. Assim essa pacifica Oriflamma [6]
Se avivava no meio; e a cada lado
Por modo igual se enfraquecia a chamma.

44. De milhares o centro rodeado
Stava de anjos voando como em festa,
Cada um na arte e no brilho assignalado.
45. De os ver e ouvir contento manifesta
A Beldade : que extremos de alegria
A outros santos nos seus olhos presta.
46. Se eu tivera opulenta phantasia
E a eloquencia não menos, d'esse encanto
Um só traço exprimir não poderia.
47. No vivo lume e ao ver Bernardo quanto
Os meus olhos, absortos, se fitavam,
Volveu-lhe os seus, accesos de ardor tanto,
Que a mais fervor meu extase enalçaram.

NOTAS AO CANTO XXXI

Continúa Dante a contemplar as duas milicias do Empyreo, Beatriz vai sentar-se no throno, que lhe pertence. Incumbe a S. Bernardo de mostrar ao Poeta a Santissima Virgem rodeada de anjos e Santos.

[1] Virgilio, *En.* I :

Qualis apes æstate nova per florea rura
Exercet sub sole labor ; quum gentis adultos
Educunt fœtus, aut quum liquentia mella
Stipant, et dulci distendunt nectare cellas :
Aut onera adcipuint venientum, aut agmine facto
Ignavum fucos pecus a præsepibus arcent.
Fervet opus, redolentque thymo fragrantia mello.

Trad. de J. F. Barreto :

Qual o trabalho soe pelos floridos
Campos, na primavera, ao sol luzente
As abelhas causar, quando os crescidos
Filhinhos lançam fóra alegremente :
Ou quando os soltos meis nos recolhidos
Vasos densando vão, e juntamente
Enchem do nectar doce as suas cellas
Antes libado pelas flores bellas.
Ou quando a porta tomam do cortiço
As cargas das que alli chegam cansadas,
Ou os zangãos, inuteis ao serviço
Lançam de casa, em esquadrão formadas :
Andam todas n'um vivo reboliço
Inquietas e desassocegadas :
Ferve a obra e nos vasos abundantes
Cheiram c'o rosmaninho os meis fragrantes.

Homero, *Iliada*, II (Trad. de M. Odorico Mendes):

A multidão fervia:
Quaes de ouca pedra, em successivos bandos,
Brotam nações de abelhas, pressurosas
No multiplice adejo, e em cachos pousam
Do verão sobre as flores.

[2] Helice ou Callixto, transformada por Jupiter na constellação da Ursa Maior, assim como seu filho Arcas o foi na da Ursa Menor. — V. *Purg.* XXV, notas.

[3] S. Bernardo nasceu em Fontaine-lès-Dijon em 1091 e falleceu aos 63 annos de idade. Nobre por sangue, pois pela parte paterna descendia dos condes de Chatillon e pela materna dos condes de Montbard, educado e instruido quanto era possivel n'aquelle seculo, dado aos prazeres e distrahimentos da mocidade, como o fôra Santo Agostinho na juventude, rodeado de estimulos, que incitavam á vida militar e aos cargos eminentes na côrte de Borgonha, cedeu ao pendor, que o inclinava á profissão monastica. Aos 22 annos, reunindo amigos e parentes seus, que convertera ás suas idéas, formou em Chatillon uma communidade, que pouco depois transferiu para Citeaux, abbadia famosa da ordem dos Cistercienses, emanada da regra de S. Bento. Reformou-a; e em breve o seu exemplo e a sua palavra attrahiram tal concurrencia de neophytos que teve de estabelecer outros mosteiros para recebel-os. Um dos mais estimados foi o de Clairraux, situados nas solidões da diocese de Langres, denominadas *valle de absyntho*.—séde da sua communidade, onde executou a sua austera regra, que passou a ser a dos numerosos conventos, que se fundaram na Hespanha, França, Italia, Suecia e Dinamarca.

A sua vasta erudição, principalmente em theologia, a sua eloquencia fascinante, o seu zelo pela religião, as suas fadigas apostolicas para a propagação da fé e desenvolvimento do predominio da Igreja, lhe grangearam tanta celebridade, deram á sua voz e ás suas opiniões autoridade tal, que Reis e Papas tomavam por arbitro para decidir pleitos religiosos ou politicos, resolver questões de disciplina e dogma e até compor litigios, que pareciam de todo alheios ao seu estado, aos seus estudos, aos seus exercicios e trabalhos habituaes e predilectos. Por vezes foi solicitado para acceitar a dignidade episcopal; mas preferiu sempre aos altos cargos ecclesiasticos a humildade do habito monastico, em que merecera exercer essa dictadura sobre os potentados e sobre o povo.

S. Bernardo se não limitou ao ensinamento das doutrinas catholicas nos seus sermões e homilias; oppugnou esforçadamente as opiniões de Abelard, de Arnaud de Brescia, de Gilbert de la Posée, de Pedro de Brueys e outros, cujas idéas contrariavam os interesses da unidade da Igreja e a sua orthodoxia.

Um dos factos mais assignalados na historia do seculo XII foi a cruzada que S. Bernardo pregou na Allemanha e França, de 1147 a 1149. Assumiram o seu commando Luiz VII, Rei da França e Conrado, Imperador da Allemanha.

[4] Santo Sudario ou Veronica, do latim *vera* e do grego *eikon*, verdadeira imagem, representação do rosto de Jesus Christo impresso em uma toalha, que se venera na igreja de S. Pedro em Roma. Acreditam alguns que é o proprio sudario, que foi posto sobre Jesus Christo depois de morto.

[5] A Santissima Virgem, *Regina cœli*.

[6] *Oriflamma*, Auriflamma, bandeira da França, que pela primeira vez appareceu á frente do exercito em 1124 reinando Luiz V, na expedição, que marchou contra o Imperador Henrique V. Deixou de figurar em batalha depois da derrota dos francezes em Azincourt, em 1415. Era rubra com flammas de ouro, e originariamente fôra insignia da abbadia S. Diniz.

CANTO XXXII

1. De contemplar no seu prazer sorvido,
De instruir-me, espontaneo, se incumbia,
E este santo discurso ha proferido :

2.—« A chaga, que sarou e ungiu Maria
Abrira a bella, que aos seus pés sentada
Divisas, do homem no primeiro dia. [1]

3. « Stá na tercia fileira enthronizada
Logo abaixo Rachel ; [2] resplendescente
Ao lado Beatriz vês collocada.

4. « Sara, Rebecca, Judith e a prudente
Bisavó [3] do cantor, que lamentara,
Miserere clamando, a culpa ingente : [4]

5. « N'um degrau cada uma se depara
Da Rosa, folha á folha, descendendo
Como seu nome a minha voz declara.

6. « Estão, do degrau setimo descendo,
Como de lá subindo, em seguimento
Hebréas, dividida a Rosa sendo.

7. « Formam ellas, assim, repartimento,
Segundo em Christo a fé predominara,
Da santa escada em todo o comprimento.

8. « Da parte, em que da flôr se completara
Em cada folha o numero, exalçado
Vês quem a Christo no porvir sperara.
9. « Da parte, onde o hemicyclo é signalado
De alguns logares vagos, se apresenta
Quem creu em Christo ao mundo já chegado.
10. « Como de um lado a divisão se ostenta,
Da Virgem pelo throno demarcada
E pelos mais, que a vista representa,
11. « Assim do opposto a séde destinada
Ao que [5] no ermo e martyrio sempre ha sido
Santo e em dois annos da infernal estada,
12. « Logar, que, tem, por conta, ha precedido
Aos de Francisco, de Agostinho, Bento
E outros, de um degrau cada um descido.
13. « De Deus ora contempla o sabio intento :
Igualmente a fé nova e a antiga crença
Hão de encher o jardim do firmamento.
14. « Abaixo do degrau da escada immensa,
Que as divisões reparte, está sentado
Ninguem, porque ao seu merito pertença,
15. « Mas pelo alheio, e ao modo decretado.
Seus corpos taes espiritos deixaram
Antes que discernir lhe fosse dado.
16. « Bem á luz da evidencia t'o declaram
Pela voz infantil e pelo gesto :
Olha, escuta, e tuas duvidas se aclaram.
17. « Duvidas e o não fazes manifesto ;
Subtil pensar em nó te prende estreito ;
Mas d'este enleio vou livrar-te presto.
18. « Crer-se não póde em casual effeito
Do reino divinal no infindo espaço ;
Nem ha fome, nem sêde ou triste aspeito.
19. « De eternas leis vincula tudo o laço,
E, como o annel no dedo, justamente
Da creação responde tudo ao traço.

20. « Por tanto aquella prematura gente
Sine causa não sobe a vida eterna ;
Mais ou menos, cada um entra excellente.
21. « D'este reino o Monarcha, que o governa
De amor em tanto extremo, em tal ventura,
Que desejo nenhum além se interna,
22. « Creando, de sua face na doçura,
Os espiritos, dota-os a seu grado.
Isto basta saber : não mais apura.
23. « Ao claro está nos gemeos [6] demonstrado,
Que haviam,—na Escriptura se refere,—
Já no materno ventre batalhado.
24. « Assim a luz altissima confere
A grinalda da Graça dignamente
Segundo a côr da coma, que prefere.
25. « Graduação, portanto, differente
Lhes cabe sem ter meritos na vida :
Visão primeira os distinguiu sómente.
26. « Nos primitivos tempos conseguida
Estava a salvação, quando a innocencia
A' fé dos paes se achava reunida. [7]
27. « A's primeiras idades em sequencia,
Dos filhos trouxe ás azas innocentes
Circumscisão virtude e permanencia. [8]
28. « Depois de annunciada a Graça ás gentes,
Sem baptismo perfeito haver de Christo
Não valeu a innocencia d'esses entes. [9]
29. « Ora attento na face, que á de Christo
Mais se assimilha ; a sua luz tão pura
Só te póde dispor a veres Christo. »—
30. « Vi chover de alegria tal ternura,
Que á Maria os espiritos levavam
Para voar creados n'essa altura,
31. Que quanto os olhos antes contemplavam
Taes portentos patentes não fizera :
Os assomos de Deus se revelavam.

32. Dos anjos o primeiro, que viera,
Cantando *Ave Maria gritià plena*, [10]
Ante Maria as azas extendera.
33. Respondendo á divina cantilena
De toda a parte a gloriosa côrte,
Resplendeu cada face mais serena.
34. O' santo Pae, que a caridade forte
Em pról meu fez deixar o doce assento,
A ti marcado por eterna sorte,
35. Diz-me que anjo com tal contentamento
Da soberana a fronte olha divina,
No amor mostra do fogo o encendimento. »—
36. D'esta arte inda vali-me da doutrina
D'aquelle, que enlevava-se em Maria,
Como no sol a estrella matutina.
37. Tornou-me :— « Alacridade e bizarria,
Quanta em anjo haver possa e n'alma humana,
Ha n'elle :— assim nos dá summa alegria :
38. « Foi elle o que á bemdicta Soberana
Levou a palma, o filho de Deus quando
Quiz assumir a nossa carga insana.
39. « Minhas vozes tua vista acompanhando,
Do justissimo imperio alça aos formosos
Patricios, de alto nome, venerando.
40. « Os dois, que acima brilham, venturosos
Por starem perto da Sob'rana Augusta,
São d'esta Flor principios gloriosos : [11]
41. « A' sestra sua aquelle, que se ajusta,
O Pae é que, tentado por mau gosto
Tanta amargura á sua prole custa. [12]
42. « A' dextra o Pae primeiro se acha posto
Da santa Igreja ; [13] as chaves lhe entregara
Da Rosa Christo e o fez o seu preposto.
43. « E o que antes de morrer vaticinara [14]
Duros tempos d'aquella amada Esposa,
Que por lanças e cravos se alcançara,

44. « Fica-lhe a par ; e, junto, a gloria goza
O capitão [15] da gente ingrata, insana,
Que viveu de maná, revel, teimosa.
45. « Em frente a Pedro vês que senta-se Anna, [16]
Tão leda a excelsa Filha contemplando,
Que immoveis olhos tem, cantando *hosannah*.
46. « Em frente ao Pae dos homens venerando,
E' Luzia : a Beatriz ha supplicado,
Quando ias para o abysmo te inclinando. [17]
47. « Mas da tua visão o assignalado
Tempo foge : paremos, pois, fazendo
Do panno, que ha, vestido bem talhado.
48. « E para o Amor Primeiro olhos erguendo,
Saibamos se do seu fulgor no seio
Penetras, quanto possas te absorvendo.
49. « Mas, de que retrocedas no receio,
Movendo as azas, em vez de ir avante,
Impetra graça, de piedade cheio,
50. « D'aquella, que em valer é tão pujante .
Em mente a voz me segue fervoroso,
Com vivo affecto e coração amante. »—
E esta santa oração disse piedoso.

NOTAS AO CANTO XXXII

Explicações de S. Bernardo. Louvores da Santissma Virgem. Solução a uma duvida posta por Dante.

[1] A Santissima Virgem sarou a chaga aberta por Eva. Dante reproduz o pensamento, que Santo Agostinho exprimiu com estas palavras: *Illa* (*Eva*) *percussit, ista* (*Maria*) *sanavit.*

[2] Rachel, que os interpretes da Escriptura figuram com o emblema da vida contemplativa, foi mencionada no c. II do *Inf.*

[3] Ruth, a Moabita, da ascendencia de David, o Rei Psalmista.

[4] *Psalmo* L.:

« Tem piedade de mim, ó Deus, segundo a tua grande misericordia, e segundo as muitas mostras da tua clemencia apaga a minha maldade. »

[5] S. João Baptista, martyrizado dois annos antes da ressurreição de Jesus Christo, aguardou no Limbo a sua descida aos infernos.

[6] Os filhos de Isaac e Rebecca, Esau e Jacob.

Genesis, XXV:

« E orou Isaac por sua mulher, porque ella era esteril, ao Senhor, o qual o ouviu e permittiu que Rebecca concebesse.

« Porém as crianças luctavam no ventre d'ella, que disse: Se assim me havia de acontecer, que necessidade havia de que eu concebesse? E caminhou a consultar o Senhor, o qual respondendo disse: Duas gentes estão no teu ventre e do teu ventre se dividirão dois povos, e um povo vencerá o outro povo e o mais velho servirá ao mais moço.

« Era chegado o tempo de parir; e eis que foram achados dois gemeos no seu ventre. O que sahiu primeiro era vermelho e todo aspero a modo de uma pelle; e foi-lhe posto o nome de Esau. Immediatamente sahiu o outro, e sostinha com a mão o pé do seu irmão; e por isso o chamou ella Jacob. »

S. Paulo, *Ep. aos Rom*. IX:

« Porque a palavra da promessa é esta: Por este tempo virei e Sara terá um filho. E não sómente ella, mas tambem Rebecca de um ajuntamento que teve com Isaac, nosso pae, concebeu.

« Porque não tendo elles ainda nascido, nem tendo ainda feito bem ou mal algum (para que o decreto de Deus ficasse firme segundo a sua eleição), não como respeito ás suas obras, mas por causa da vocação de Deus lhe foi dito a ella. O mais velho, pois, servirá ao mais moço, segundo o que está escripto Eu amei a Jacob e aborreci a Esau. »

[7] Nos tempos que decorreram de Adam a Abraham o primeiro requisito para se salvar era a innocencia dos filhos conjuncta á fé dos paes na vinda do Messias.

[8] Nos seculos, que se passaram de Abraham a Jesus Christo o segundo requisito cifrou-se na circumcisão.

Disse Deus a Abraham (*Genesis*. XVII):

« Eis aqui o meu pacto, que haveis de guardar entre mim e vós, e a tua posteridade depois de ti. Todos os machos de entre vós serão circumcidados. E vós circumcidareis a carne do vosso prepucio, para que seja o signal do concerto, que ha entre mim e vós. O menino de oito dias será circumcidado entre vós, todo o que fôr macho nas vossas gerações. Tanto o escravo nascido em casa, como o que comprardes, e qualquer que não fôr da vossa linhagem será circumcidado. O macho, que não tiver sido circumcidado na carne de seu prepucio será aquella alma apagada do seu povo, porque tornou irrito o meu pacto. »

[9] Depois da Paixão de Christo até a consumação dos seculos o baptismo é o terceiro requisito para a salvação.

[10] S. Lucas, *Ev*. I:

« Entrando, pois, o anjo Gabriel onde Maria estava, disse-lhe: Deus te salve, cheia de graça! O Senhor é comtigo; bentá és tu entre as mulheres. »

[11] Adam e S. Pedro: a esquerda o primeiro como chefe dos santos do Velho Testamento; á direita S. Pedro, como chefe dos do novo.

[12] Adam.

[13] S. Pedro.

[14] S. João o Evangelista.

[15] Moysés.—*Exodo*, XXXII:

« Disse o Senhor a Moysés:—Vejo que este povo é de cerviz dura. »

[16] Sant'Anna, mãe da Santa Virgem.

[17] Santa Luzia.—V. *Inf*. II.

CANTO XXXIII

1. « VIRGEM MÃE, por teu Filho procreada,
Humilde e sup'rior á creatura,
Por conselho eternal predestinada !
2. « Por ti se ennobreceu tanto a natura
Humana, que o Senhor não desdenhou-se
De se fazer de quem creou feitura.
3. « No seio teu o amor aviventou-se,
E ao seu ardor, na paz da eternidade,
O germen d'esta flôr assim formou-se.
4. « Merediana Luz da Caridade
E's no ceu ! Viva fonte de esperança
Na terra és para a fraca humanidade !
5. « Ha tal grandeza em ti, ha tal pujança,
Que quer sem azas voe o seu anhelo
Quem graça aspira em ti sem confiança.
6. « Ao misero, que roga ao teu desvelo
Acode, e, ás mais das vezes, por vontade
Livre, te praz sem supplica valel-o
7. « Em ti misericordia, em ti piedade,
Em ti magnificencia, em ti se aduna
Na creatura o que haja de bondade,

8. « Este mortal, que da infima lacuna
Do mundo até o empyreo, passo a passo,
Viu quanto a vida esp'ritual reuna,
9. « Te exora auxilio ao seu esforço escasso :
A mente sublunar lhe seja dado
A Summa Dita no celeste espaço.
10. « Eu que, no meu ardor, nunca aspirado
Hei mais por mim o que em pról d'elle peço
Meus rogos todos alço esperançado.
11. « Te digna conseguir que o veu espesso
Da humanidade sua despareça,
E assim lhe seja o Summo Bem concesso.
12. « Depois da alta visão dá que inda eu peça
Que conserves, Rainha Omnipotente,
Sempre pura sua alma e mal avessa.
13. « De perversas paixões guarda-o clemente :
Vê Beatriz e o ceu inteiro unidos,
Juntando as mãos, ao voto meu fervente ! » —
14. Os olhos, que por Deus são tão queridos
No santo orador fitos demonstraram
Que eram seus ternos rogos attendidos.
15. Após ao Lume eterno se elevaram,
Em que, se deve crer, de creatura
Olhos, em modo tal, não profundavam.
16. E dos desejos eu, que á mór altura
Suba, o ardor cessar, como devia,
Senti, me apropinquando da ventura.
17. Bernardo, me acenando, se sorria,
Que para cima olhasse ; mas eu stava
Já por mim mesmo tal qual me queria.
18. A vista, que em pureza sublimava,
Do alto, que é por si toda a Verdade,
Mais e mais pelos raios penetrava.
19. E o que eu vi, desde então, na immensidade
Transcendeu quanto o verbo humano intente :
Cede a memoria a tanta magestade.

20. Qual homem, que, a sonhar, vê claramente ;
Depois só guarda a sensação impressa,
E o mais em todo lhe não volta á mente ;
21. Tal eu ; quasi a visão inteira cessa.
Mas no meu coração quasi distilla
Doçura que em seu extase começa.
22. Assim ao sol a neve se anniquila,
Assim na leve folha, entregue ao vento,
Se dispersava o orac'lo da sybilla. [1]
23. Flamma excelsa, que o humano pensamento
Excedes tanto, oh ! presta ao meu, piedosa,
Um pouco do ineffavel luzimento.
24. E a lingua minha faz tão poderosa,
Que uma scentelha só da tua Gloria
Aos posteros transmitta venturosa ;
25. Pois que, em parte surgindo-me á memoria
E sendo por meus versos celebrada,
Melhor se entenderá tua victoria.
26. Da luz pela agudeza supportada,
Eu me perdera, creio, com certeza,
Se da luz fôra a vista desviada.
27. E, recordo-me, pois mór affouteza
Tomei, tanto, que face á face olhando,
Encarar pude na Infinita Alteza.
28. Tu ó Graça abundante, me animando,
Olhos fitar ousei na luz eterna,
A visão almejada consumando.
29. E lá na profundeza vi que se interna
Unido pelo amor n'um só volume
O que pelo universo se esquaderna :
30. Accidente, substancia e o seu costume,
Conjuntos entre si por tal maneira,
Que da verdade exprimo um frouxo lume.
31. Creio que a fórma universal inteira
Vi d'esse nó ; por quanto mais ao largo
Sinto, ao dizer, ledice verdadeira.

32. Um só instante á mente dá lethargo
Maior, que sec'los vinte e cinco á empreza
Que admirar fez Neptuno a sombra de Argo. [2]
33. De extase assim minha alma toda presa,
Attenta absorta immovel se immergia,
E sempre em contemplar mais stava accesa.
34. E essa Luz tal effeito produzia,
Que em deixàl-a por ver diff'rente aspecto
Consentir impossivel me seria :
35. Que o Bem da sua aspiração objecto,
Todo está n'ella : é tudo lá perfeito,
Como fóra de lá tudo é defecto.
36. Meu dizer de ora avante mais estreito
Será no que recordo que o do infante
Ainda ao seio maternal affeito ;
37. Não porque presentasse outro semblante
A viva Luz, que a contemplar eu stava,
Antes, como depois, sempre constante ;
38. Mas, como, olhando, a vista se alentava,
A Immutavel Essencia parecia
Mudar, quando só eu me transformava.
39. Na substancia profunda e clara eu via
Da excelsa Luz trez circ'los descernidos
Por côres trez, de igual peripheria.
40. Iris de Iris, um de outro reflectidos
Estavam, flamma o tercio parecia
Spirando, por igual, de um, de outro unidos.
41. Quanto é curta a expressão ! Quanto a excedia
Meu pensar, ao que eu via este já sendo
Tal, que *pouco* bastante não diria.
42. Lume eterno, que a séde em ti só tendo,
Só te entendes, de ti sendo entendido,
E te amas e sorris só te entendendo !
43. O gyrar, que, d'essa arte concebido
Via em ti como flamma reflectida,
Quanto foi dos meus olhos abrangido,

44. No seio seu da propria côr tingida
A propria effigie humana offerecia :
Foi n'ella a vista minha submergida !
45. Geometra, que o espirito crucia
Para o circ'lo medir, em vão procura
Principio, que ao seu fim mais conviria :
46. Assim eu ante a nova visão pura.
Ver anhelara como a image' humana
Ao circulo se adapta e alli perdura.
47. A's azas minhas fôra empreza insana,
Se clareado a mente não me houvesse
Fulgor, que a posse da verdade aplana.
48. A' phantasia aqui valor fenece ;
Mas a vontade minha a idéas bellas,
Qual roda, que ao motor prompta obedece,
Volvia o Amor, que move sol e estrellas.

[2] Catullo, *De nuptus Pelæi et Thetis:*

Quæ simul ac rostro ventosum proscidit æquor,
Tortaque remigio spumis incanduit unda,
Emersere feri candenti e gurgite vultus
Æquoræ monstrum Nereides admirantes.

Diz o Poeta que um momento obliterá a lembrança da miraculosa visão, do que vinte e cinco seculos a da expedição dos Argonautas em demanda do Vellocino de ouro.—Um pouco mais de 2500 annos tinham-se completado entre esse commettimento e a data supposta da maravilhosa de Dante.

O calculo é o seguinte:

Do nascimento de Jesus Christo a Dante	1.300
Da fundação de Roma a Jesus Christo	750
Da destruição de Troya a fundação de Roma	431
Da expedição dos Argonautas á Troya	42
	2.523

FIM DO PARAISO
E DA
DIVINA COMEDIA

EXPLICAÇÃO NECESSARIA

Com este volume fica completa a obra de DANTE, que meu querido Pae traduziu carinhosamente, sem ter tido a vaidade de deixar um trabalho escoimado de senões.

O Traductor da *Divina Comedia* podia ter publicado o seu herculeo trabalho logo que o concluiu e, não fosse o seu grande amor á lingua, não fosse o seu rigor tão exagerado sobre Arte, Elle teria alcançado, em vida, os louvores da Critica, os applausos dos seus patricios, a justiça dos competentes.

O Traductor dos cem cantos da grande epopéa que tem atravessado cerca de seis seculos, com a admiração de todos, preferiu morrer olvidado a deixar um trabalho que não o recommendasse á posteridade, áquelles que hão de fazer, queiram ou não queiram, justiça ao seu esforço de interprete e de commentador de uma obra que tem dado que fazer a todos os que se abalançaram em querer comprehendel-a e trasladal-a.

O Traductor da *Divina Comedia*, se ainda existisse, estaria, com certeza, a burilar, a emendar, a polir, a corrigir os tercetos dantescos, tal era a sua veneração e respeito á Arte, tal era o seu amor á Fórma, tal era a sua admiração pelo immortal endeosador de BICE PORTINARI.

A minha tarefa está terminada, graças a Deus e áquelles que me coadjuvaram para salvar da acção do tempo o precioso attestado da cerebração invejavel de um brasileiro digno, esquecido de seus patricios e que o Futuro hade reconhecer, *só por este trabalho*, que Elle valia mais alguma cousa que os autores de sonetos em endecassylabos ou redondilhas amorosas aos pés e ás mãos de suas namoradas, tão citados e preconisados.

Dou-me por satisfeito em ter levado até o fim a minha dedicação filial, salvando do olvido esse trabalho e só desejo que outros me imitem, cumprindo com o seu dever, não deixando entregue ás traças ou a mãos rapaces os originaes preciosos de seus progenitores intellectuaes.

O *Inferno* e o *Purgatorio* já estão no dominio da critica e do publico, agora vai o *Paraiso ;* que ambos—publico e critica, julguem Aquelle que tanto trabalhou para enaltecer as letras nacionaes e o filho que teve decepções e contrariedades infinitas para poder levar a cabo o compromisso que tomou, fazendo a publicação de um trabalho guardado ha 25 annos.

Parecia-me impossivel vencer a campanha, depois de tantos embates, e, como d'ella sahi vencedor, triumphante, é de justiça que decline os nomes dos que me coadjuvaram para que eu podesse obter o premio, o galardão do meu esforço.

Os cem cantos da *Divina Comedia*, isto é, os 34 do *Inferno*, os 33 do *Purgatorio* e os 33 do *Paraiso*, foram compostos e impressos por creanças que se educam na magnifica casa de ensino municipal—o Instituto Profissional Masculino, actualmente dirigido pelo illustre e digno dr. Alfredo Magioli de Azevedo Maia, que tem sabido dar a esse estabelecimento uma bella orientação, cujo resultado pratico será uma grande victoria para perpetuar o seu nome.

Essas creanças, dirigidas pelo provecto e abalisado profissional, chefe da officina typographica, o sr. Joaquim Pinto de Azevedo, bem como pelos seus ajudantes, srs. Oscar Brum da Silveira e Alfredo Bellarmino de Miranda, foram dedicadas e intelligentes e deram demonstração de que as lições dadas pelo seu mestre competente e distincto não cahiram em terreno esteril.

O attestado da applicação dos alumnos do exemplar estabelecimento municipal fica nos dois primeiros volumes da *Divina Comedia* e neste terceiro e como não posso dar os seus nomes, aqui deixo patente a minha gratidão e a da minha familia, pela boa vontade que manifestaram na difficil e laboriosissima composição da materia poetica, em corpo 8, e na das notas, em corpo 6.

Ainda consigno aqui a minha gratidão e dos meus, ao sr. dr. Azevedo Pinheiro, o antecessor do actual director, que foi quem recebeu das minhas mãos os queridos originaes desta obra e os entregou ao chefe das officinas typographicas tendo, assim, cooperado para o bom andamento do trabalho.

Estendo tambem os meus louvores ao chefe da officina de impressão, o sr. Arthur Rodrigues da Cunha, que contribuiu para que a tiragem de toda a edição da obra fosse esmerada e correcta.

A officina de encadernação do mesmo estabelecimento tambem se esforçou para que o trabalho se fizesse digno do Traductor e do Autor e, por isso deixo, nestas linhas, o meu agradecimento ao seu operoso e intelligente chefe o sr. Cezar Freitas.

Com este presente volume dou, pois, por concluida a obrigação que tomei e que me foi outorgada por minha muito querida e santa progenitora e meus presados irmãos.

Dos meus hombros tirei a pezadissima responsabilidade e sabem todos aquelles que me têm acompanhado que eu jámais desanimei e que sempre foi a minha maior preoccupação deixar o excelso poema do grandiloquo Poeta Florentino entregue aos meus patricios, certo de que elles terão, para a memoria de meu amado Pae, as attenções a que elle fez jús.

Ao meu amigo dr. Raul Pederneiras patenteio os meus mais sinceros e cordeaes agradecimentos e os da minha familia, pela sua collaboração ao trabalho, concorrendo, com o seu talento de artista invejavel, para que a obra attrahisse mais a attenção dos seus leitores, dando, para cada parte do *sacro poema*, uma illuminura, que a sua inspiração de artista poude perceber com clarividencia e talento invejaveis.

Ainda mais meia duzia de palavras para concluir : o Interprete de Alighieri, além de ter feito a traducção completa do poema, deixou um *Estudo critico, literario e philosophico* sobre DANTE e a DIVINA COMEDIA, trabalho esse que o governo federal resolveu mandar imprimir nas officinas typographicas da Imprensa Nacional, devido ao apoio que tive, no Senado Federal, do illustre chefe republicano, o sr. general Francisco Glycerio e do dr. Castro Pinto, digno deputado federal pelo Estado da Parahyba.

Esse volume, que espero dar á publicidade nestes seis mezes, se tanto, provará evidentemente que o Traductor da *Divina Comedia* foi um dedicado cultor da grande obra e que ninguem mais do que Elle, na nossa terra, conhecia o assombroso Genio que a Italia adora e que todos os povos cultos admiram.

Posso, agora, morrer satisfeito, porque deixo concluida a minha tarefa e, portanto, o meu preito A'quelle de quem me orgulho e me desvaneço de ter o sobrenome.

Setembro—Meyer—1907.

XAVIER PINHEIRO (J. A.)

INDICE

Canto I..... 3
Canto II..... 15
Canto III..... 25
Canto IV..... 33
Canto V..... 43
Canto VI..... 51
Canto VII..... 65
Canto VIII..... 73
Canto IX..... 85
Canto X..... 97
Canto XI..... 109
Canto XII..... 121
Canto XIII..... 133
Canto XIV..... 143
Canto XV..... 151
Canto XVI..... 161
Canto XVII..... 175
Canto XVIII..... 187
Canto XIX..... 197
Canto XX..... 211
Canto XXI..... 219
Canto XXII..... 229
Canto XXIII..... 241
Canto XXIV..... 249
Canto XXV..... 259
Canto XXVI..... 269
Canto XXVII..... 279
Canto XXVIII..... 291
Canto XXIX..... 301
Canto XXX..... 311
Canto XXXI..... 321
Canto XXXII..... 329
Canto XXXIII..... 337
Explicação necessaria..... 345

DANTE ALIGHIERI

DIVINA COMEDIA

Traducção brasileira

DE

JOSÉ PEDRO XAVIER PINHEIRO

PURGATORIO

CAPITAL FEDERAL

Typ. do Instituto Profissional Masculino—Boulevard 28 de Setembro n. 33

1907

CANTO I

1. Do engenho meu a barca as velas solta [1]
   Para correr agora em mar jocundo,
   E ao despiedoso pego a popa volta.
2. Aquelle reino cantarei segundo,
   Onde pela alma a dita é merecida
   De ir ao ceu livre do peccado immundo.
3. Resurja ora a poesia amortecida,
   O' Santas Musas, a quem sou votado.
   Unir ao canto meu seja servida.
4. Calliope [2] o som alto e sublimado,
   Que ás Pegas [3] esperar não permittira
   Lhes fosse o atrevimento perdoado.
5. Suave côr de oriental saphyra,
   Que se esparzia no sereno aspeito
   Do ar té onde o ceu primeiro gira,
6. Recrea a vista ; e eu ledo me deleito
   Em surdindo da estancia tenebrosa,
   Que tanto os olhos contristara e o peito.
7. A bella estrella, a amor auspiciosa
   Sorrir alegre faz todo o Oriente, [4]
   Vela os Peixes, que a seguem, luminosa.

8. Ao outro pólo endereçando a mente,
Volto-me á dextra, e os astros quatro vejo, [5]
Que vira só a primitiva gente.
9. Folgar o ceu parece ao seu lampejo.
Do Norte, ó região, viuva has sido,
De os contemplar te não foi dado ensejo.
10. Depois de os remirar, já dirigido
Olhos havia para o pólo opposto,
D'onde a Carroça havia-se partido,
11. Eis noto um velho, [6] perto de mim posto,
Que reverencia tanta merecia,
Que mais do pae não deve o filho ao rosto.
12. Nas longas barbas nivea côr sahia,
Sendo na coma sua similhante,
Que em dupla trança ao peito lhe cahia.
13. A luz dos santos astros rutilante
De fulgor tanto lhe aclarava o gesto,
Que o vi, como se o sol lhe fosse adiante.
14.—« Quem sois que em contra o rio escuro e mesto
Do eterno carcer heis fugido os laços ? »—
Movendo as nobres plumas, [7] disse presto,
15. « Quem vos guiou, allumiando os passos
Para a profunda noite haver deixado,
Que enlucta sempre os infernaes espaços ?
16. « As leis do abysmo acaso se hão quebrado ?
O ceu dá, seus decretos revogando,
Que dos maus seja o meu dominio entrado ? »—
17. Travou de mim Virgilio, me exhortando
Por voz, aceno e mãos : como queria
Os joelhos curvei, olhos baixando.
18.—« De motu meu não vim »—lhe respondia—
De Dama aos rogos, que do ceu descera
Soccorro este homem, sirvo-lhe de guia.
19. « Pois que é desejo teu que a nossa vera
Condição definida mais te seja,
Prestar me cumpre explicação sincera.

20. « Aura da vida este home' inda bafeja,
Mais tanto, de imprudente, se arriscara.
Que é maravilha vivo ainda esteja.
21. « Disse como a salval-o me apressara :
Por onde os passos dirigir podesse
Essa vereda só se deparara.
22. « Mostrei-lhe a gente, que por má padece ;
Mostrar-lhe intento os que ora estão purgando
Peccados no logar, que te obedece.
23. « Longo seria como o vou guiando
Dizer-te : é força do alto a que me impelle,
Para te vêr e ouvir o encaminhando.
24. « Digna-te, pois, beni'no ser com elle :
A liberdade anhela, que é tão cara:
Sabe o bem quem por ella a vida expelle. »
25. « Por ella a morte não te ha sido amara
Em Utica, onde a veste foi deixada,
Que em Juizo hade ser de luz tão clara.
26. « Por nós eterna lei não é violada:
Elle inda vive; Minos não me empece;
No circ'lo estou, onde acha-se encerrada
27. « Tua Marcia, que em casto olhar parece
Rogar-te ainda que por tua a tenhas:
Lembrando-a em favor nosso te enternece.
28. « Ir deixa aos reinos teus, não nos retenhas;
Heide a Marcia dizel-o agradecido,
Se lá de ti falar-se não desdenhas.»—
29. « Marcia, a meus olhos tão jocunda ha sido
Que « — tornou-lhe Catão — « eu de bom grado
No mundo quanto quiz lhe hei concedido.
30. « Estando além do rio detestado,
Mover-me ora não póde: este preceito
Me foi, deixando o Limbo, decretado.
31. « Se por dama celeste has sido eleito,
Como disseste, é van lisouja agora
O que requeres em seu nome aceito.

32. « Vai, pois: cingindo este homem sem demora
De liso junco, lava-lhe o semblante;
Toda a impureza seja posta fóra. »
33. « Cumpre que, quando elle estiver perante
O anjo, que do ceu vier primeiro,
Nevoa nenhuma os olhos lhe quebrante.
34. « Lá onde baixa o ponto derradeiro
Do mar batido, esta ilha tem viçosa
Juncal que alastra todo o seu nateiro.
35. « Não póde vegetal rijo ou frondoso
Ter vida alli; porque não dobraria
Ao embate das ondas caprichoso.
36. « Aqui tornar inutil vos seria.
Vereis ao sol, que surge o melhor passo
Para subir do monte á penedia.»—
37. Sumiu-se. Ergui-me, então, sem mais espaço,
E em silencio; olhos fitos no semblante
De Virgilio, amparei-me com seu braço.
38.—« Commigo, ó filho »—diz-me—« segue avante.
Atraz voltemos ; pois d'aqui se inclina
O plano para o mar, que jaz distante.»—
39. Fugia ante a alva a sombra matutina;
Já nos ficava aos olhos descoberta,
Posto remota, a oscillação marina.
40. Pela planicie andavamos deserta,
Como quem trilha a estrada, que perdera,
E teme não achar vereda certa.
41. Chegando á parte, aonde não podera
Do roscio triumphar o sol nascente,
Porque á sombra o frescor pouco modera,
42. Sobre a relva meu Mestre brandamente
As mãos ambas abria: o movimento
Lhe noto e, o comprendendo, diligente,
43. As lacrimosas faces lhe apresento.
Virgilio as côres restaurou-me ao gesto,
Que desbotara o inferno nevoento.

44. Vimos á erma praia a passo lesto:
Nunca sobre aguas suas navegara
Homem que o mundo torne a ver molesto.
45. Cingido fui, como Catão mandara.
Portento! A humilde planta renascida,
Qual antes vi no solo, onde a arrancara,
Sem diff'rença, de subito crescida.

NOTAS AO CANTO I

Avistam-se os Poetas com Catão de Utica, que lhes ensina como se devem conduzir. Encaminham-se para a banda do mar.

[1] Quanto fôra triste e luctuoso no Inferno o estylo do Poeta, consoante as scenas pavorosas, que aos seus olhos se offereceram de circulo em circulo, tanto agora se assignala pela serenidade e graça das imagens, que se succedem na ascensão da montanha do Purgatorio. Se ainda os olhos se contristam ante os peccadores, que, arrependidos dos seus erros, se purificam das maculas mundanas pelas expiações salutares da penitencia, a severidade das penas, que enternece os corações piedosos, tem em si propria attenuação e lenidade, porque a esperança da eterna felicidade, posto que um pouco distante, suaviza todos os rigores, adoça todos os martyrios. Não é mais a linguagem em que se desabafa a desesperação da *gente perdida*; são as vozes da contricção que, entre lagrimas de dôr sincera, invocam misericordia, certas de que hão de algum dia alcançar, com o perdão, a gloria celestial. O leitor, que respira na luz e claridade do segundo Cantico após o offego em que se sentia quasi suffocar entre as sombras do primeiro, foi preparado á transição pelo final, em que á luz das estrellas poude contemplar a formosura do ceu.

[2] Calliope, a Musa da *bella voz*, prendia á eloquencia e poesia heroica. Representavam-a os poetas e pintores na figura de uma *donzella* de semblante e *parecer* magestosos, *cingida* de corôa de ouro, tendo na mão direita uma trombeta e na outra um poema heroico.

[3] Piérides, as nove filhas de Piero, Rei de Macedonia, peritas em varias artes e sciencias, deixaram-se tomar de soberba tão insolente, que ousaram, desafiar as Musas para cantarem de aposta com ellas. Vencidas no torneio foram, por seu castigo, transformadas em pegas.

Ovidio, *Met. lib.* V, traducção de A. F. de Castilho:

> Inda a Musa falava, eis que resoam
> Revodas no ar; e logo vozes
> De saudação nos pincaros da selva.
> Ergue os olhos de Jupiter a filha
> A procurar d'onde essas phrases caiam;

Que de humanas dão ar; mas não vê homem,
Aves só vê. São essas nove pegas,
Que, pousadas nos ramos, se lastimam
Co'a voz sagaz, com que arremedam tudo.
A Musa, que no enleio lhe repara
São, lhe diz, esses passaros tão novos,
Que, inda muito não ha, eram donzellas.
N'um certame poetico vencidas
Deram no que teus olhos estão vendo.
Piero, em pelleos campos abastados,
Foi seu pae, e sua mãe Peonia Eippe...
Fez-lhes vangloria o numero, correram
De cidade em cidade, Hemonia, Achaia.
Chegam cá, e d'esta arte nos provocam:
Findai, findai, Thespiades, que é tempo,
Vans melodias, seducção de nescios,
Se tanto presumis, cantai comnosco:
Na doçura da voz, no esmero da arte
Não nos ganhais; sois nove e nove somos,
Hypocrene e Aganipe, a ser vencidas
Cedel-as-heis a nós: se obtendes palmas
Ficam dominio vosso os largos campos
Da Emathia aos cumes dos peonios gelos:
Podem servir-nos de arbitras as Nymphas,—
Se a contenda era affronta, a mór affronta
Nos pareceu fugirmos da contenda.
Juramentadas pelos sacros rios
De manter seu direito ás partes ambas
Tomam assento no rochedo as Nymphas;
Compõe-se o tribunal. Sai de repente,
A que em nome das mais propoz a lide;
Sem aguardar sorteio enceta o canto....
Seguiu-se a nossa vez...
Calliope...
Por todos nós se encarregou do pleito.....
Aqui poz termo e corôa ao sabio canto
A nossa maioral. Surgem as Nymphas
E a nós, as filhas do Helicon, proclamam,
Com unisona voz, devida a palma.
Raiva, esbraveja a turba das vencidas:
Calumnias, maldições, injurias fervem.
Pois que, emfim, diz Calliope, não basta
Ao louco, ao pertinaz ao impio orgulho
Provocar, merecer um só castigo
E da primeira affronta affrontas nascem,
Reprezada impaciencia arrombe os diques;
Punamos; dê-se á ira inteira redea.—
Riem, mofam da ameaça; mas, querendo
Proseguir na blasphema vozeria,
Lançar-nos tumultuando, as mãos protervas,
Viram pennas das unhas pullular-lhes,
Seus braços emplumar-se; cada uma
Nota os labios das mais crescer em bico,
E todas aves de não vista especie
Ir contra a selva endereçando os passos.
Co'as mãos os seios flagellar pretendem,

Nos agitados braços de equilibram,
Pendem no ar, são pegas, são dos bosques
Enfadonho motim; do ser antigo
A van loquacidade inda conservam:
Dá-lhes gosto o palrar, continuo parlam.—

[4] O planeta Venus.

[5] As estrellas do Cruzeiro do Sul.

A. de Humboldt, no seu famoso livro, o *Cosmos*, tom. II:

« Desde o principio do seculo XVI, uma das regiões extremas, que limitam o hemispherio meridional da abobada celeste, por circumstancias especiaes, em parte conjunctas ás crenças religiosas, adquiriu grande importancia na opinião dos navegantes christãos, que sulcam os mares que demoram sob os tropicos ou além dos tropicos, e dos missionarios, que pregam o christianismo nas duas peninsulas da India: a do Cruzeiro do Sul. As quatro estrellas principaes, que a constituem, estão confundidas, no *Almagerto*, na epocha de Adriano e Antonio Pio, com os pés trazeiros do Centauro...

« No tempo de Claudio Ptolomeo a formosa estrella proxima ao Cruzeiro ainda se mostrava a Alexandria na sua passagem pelo meridiano até 6° 10' de altura; hoje em dia, no mesmo logar, o seu ponto culminante acha-se muitos graus abaixo do horisonte. Os anachoretas christãos do seculo IV ainda podiam ver o Cruzeiro a 10° de altura, nos ermos de Thebaida. Não me parece, porém, que dessem o nome a essa constellação, pois Dante não o menciona no famoso terceto do *Purgatorio:*

Io mi volsi a man destra e poni mente
All'altro polo e vide quattro stelle
Non viste mai fuor ch'alla prima gente.

« Igualmente Amerigo Vespucci, que na sua terceira viagem alludia a estes versos, contemplando o ceu estrellado das regiões do sul e se ufanava de ter visto estrellas,—«que só o primeiro casal humano podera ver»—não conhece a denominação de Cruzeiro do Sul. Amerigo diz simplesmente—as quatro estrellas formam uma figura rombhoidal (*uma mandorla*)—. Escrevia em 1501. Multiplicando-se as viagens maritimas em roda do cabo da Boa Esperança e no mar do sul pela esteira, que deixaram Vasco da Gama e Magalhães, á proporção que os missionarios christãos foram se interuando pelas terras tropicaes da America, dilatou-se cada vez mais a celebridade d'essa constellação. Pela primeira vez a vi mencionada como *una croce maravigliosa* pelo Florentino André Corsali, em 1517, e por Pigafetta, em 1520. Corsali mais lido que Pigafetta maravilha-se do espirito prophetico de Dante, como se este grande poeta não fosse dotado de tanta erudição como imaginação, como se elle não tivesse visto os globos celestes dos Arabes e não tivesse trato e conversação como muitos Pisanos que peregrinaram em regiões orientaes.

« Por effeito da retrogradação dos pontos equinoxiaes muda o aspecto do ceu estrellado para cada ponto da terra. A antiga raça humana poude ver nas altas regiões do norte o nascente das formosas constellações do sul, que, muito tempo invisiveis, tornaram a mostrar-se passados milhares de annos.

« Já no tempo de Christovam Colombo Canopo estava a 1° 20' acima do horisonte de Toledo, que demora 39° 54' de latitude: agora eleva-se quasi outro tanto acima do horisonte de Cadix. Para Berlim e em geral para as terras do norte, as estrellas do Cruzeiro do Sul, assim como *alpha* e *beta* do Centauro, vão-se de dia em dia se afastando, e a passos iguaes acercam-se ás nossas latitudes as nuvens magellanicas. Nos dez seculos ultimos Canopo esteve, quanto lhe era

possivel, proximo ao norte, actualmente se encaminha para o sul muito vagarosamente, em razão da pouca distancia, que medeia entre elle e o polo sul da ecliptica. A 52° e meio de latitude norte o Cruzeiro do Sul começou a ser invisivel 2900 annos antes da éra christan: ao parecer de Galle, poude anteriormente elevar-se a mais de 10° acima do horisonte. Quando desappareceu para os observadores collocados perto do mar Baltico, haviam decorrido 500 annos depois da construcção da grande pyramide de Cheops no Egypto. A invasão dos Hyesos effectuou-se 700 annos depois. Applicando á antiguidade a medida dos grandes acontecimentos, parece que nol-a apropinquamos.»

Em nota a este logar Humboldt transcreve o trecho seguinte do seu, tambem excellente livro *Examen critique de l'histoire de la géographie du nouveau continent*:

« O mysticismo philosophico e religioso, que resumbra na immensa composição de Dante e tanto a virifica, attribue a todos os objectos existencia ideal conjunctamente com a sua existencia real ou material. Dissereis que são dois mundos, um dos quaes reflecte o outro. As quatro estrellas, na ordem moral, representam as *virtudes cardeaes* —Prudencia, Justiça, Força e Temperança; e assim cabe-lhes o nome de *lucidante*. As trez estrellas que allumiam o polo figuram *virtudes theologaes* —Fé, Esperança e Caridade. Os primeiros d'estes entes denunciam a sua natureza duplice, cantando: *Noisem qui ninfe e melciel semostelle*. Na *terra da verdade*, paraiso terreal, sete nymphas formaram circulo—*in cerchio faceran di se claustro le sette ninfe*; são as virtudes cardeas e theologaes. D'esta arte, mysticamente figurados os objectos reaes do firmamento, separados entre si em virtude das leis eternas da *Mechanica celeste*, apenas se deixam conhecer. O mundo ideal é feitura espontanea da alma, mercê da inspiração poetica. »

[6] Catão de Utica.—D'este varão, talvez o derradeiro dos republicanos de Roma, disse o philosopho Seneca:—«*Quem tandem antutitem sanctiorem invenire sibi Divinitas potuit, quam Catonem per quem humano generi non præciperet, sed convicium faceret?* »

Dante, *Convito*, trat. IV, cap. 5:

« *O sacratissimo petto di Catone, chi pesumera di te parlave? Certo maggiormente parlare di te nondipuó che tacere e seguitare Jeronimo, quando nel proemio della Bibbia la dove di Paolo tocca dice che meglio è tacere che poco dire. Certo manifesto essere dee, rimembrando la vita di costoro e degli altri diveni cittadine non sanza alcuna luce della divina bontà, aggiunta sopra la loro buona natura, essere tante mirabili operazione state.* »

Martial, *Epigr.* lib. I.

Nosses jocosæ dulce cum sacrum Floræ
Festosque lusus et licentiam vulgi,
Cur in theatrum Cato severe venisti?
An ideo tantum veneras ut exires?

Lucano, *Phars.* c. II:

Ille nec horrificam sancto dimovit ab ore
Cæsariem, duroque admisit gaudia vultu:
Ut primum tolli ferala viderat arma,
Intonsos rigidam in frontem descendere canos
Passus erat, mœtamque genis increscere barbam.
Uni quippe vacat studus odusque carenti
Humanum lugere genus; nec fœdera prisce
Sunt tentata tori; justo quoque robori amori
Restitit. Hi mores, hæc duri immota Catonis
Secta fuit, servare modum, finemque tenere.

Naturamque sequi, patriæque impendere vitam;
Nec sibi, sed toti genitum se credere mundo.
Huic epulæ, vicisse famem; magnique penates
Subnovisse hiemem tecto; pretiosaque vestis
Hirtam membra super. Romani more Quiritis,
Induxisse togam; Venerisque huic maximus usus
Progenies; Urbi pater est, Urbique mantus;
Justitiæ cultor; rigidi servator honesti;
In commune bonus; nullosque Catonis in actus
Subrepsit, pastemque tulit sibinata voluptas.

Virgilio, *En.* c. VIII, v. 670:

Secretosque pios: his dantem jura Catonem.

Entre alguns commentadores autorisados, como Venturi, firmou-se a opinião de ter sido este verso do Mantuano a origem d'onde emanara para Dante a idéa de commetter a Catão a guarda da ilha do Purgatorio. Não faltou quem notasse contradicção entre este canto e aquelle outro do Inferno (o XIII) em que os suicidas padecem pena eterna encarcerados nos troncos de arvores *di color fosco*, cujos ramos são *nodosi ed involti* e produzem *stecchi con tosco*. No cargo que o Poeta attribue ao Uticense revela-se tambem a opinião seguida no seu tempo e abraçada pelo proprio Dante, como certifica a presença do—Troyano Ripheu na bemaventurança dos eleitos: nascera, vivera e morrera mais de mil annos antes de Jesus Christo, mas foi salvo, como se vê no c. XX do Paraiso; porque

Tutto suo amor laggiù pose a drittura;
Perchè, di grazia in grazia Iddio gli aperse
L'occhio alla nostra redenzion futura.

Tambem Catão do logar, em que o collocou Dante, hade passar ao Paraiso: em seu beneficio milita a mesma razão, pela qual salvou-se Ripheu.

[7] Dante diz *plume* e a traducção conservou fielmente o vocabulo.

Horacio, *Ode* X do lib. IV, referindo-se a barbas erriçadas, diz:

Imperata tuos cum veniet pluma superbios,
Et, quos nunc humeris involitant, deciderient comæ.

Tambem Petrarca chamou *penna* os seus cabellos e barbas encanecidos antes de tempo:

Ove l'usata penna
Mutai per tempo e la mia prima labbia.

E Dante, no c. XX do *Inferno*, alludindo a cabellos das barbas diz:

Che riavesse le maschili penne.

Convem notar que Catão morreu, como diz Plutarco, aos 48 annos de idade.

[8] Com estas palavras lembra o Poeta o feito de Catão morrendo por amor da liberdade. São dignos de menção os seguintes versos de Horacio:

Audire magnos jam video duces
Non indecora pulvere sordidos
Et cuncta terrarum subacta,
Præter atrocem animum Catonis.

[3] Virgilio, *En.* c. II:

Tu, genitor, cape sacra manu, patriosque penates;
Me, bello e tanto digressum et caede recenti
Attrectare nefas, donec me flumine vivo
Abluero.

CANTO II

1. RESPLENDESCIA o sol já no horizonte [1]
Que tem meridiano, onde imminente
O zenith fica de Solyma ao monte.
2. Na parte opposta a noite diligente
Do Ganges co'as Balanças se elevava,
Que lhe caem da mão, quando é excedente.
3. Já n'esse tempo a idade transformava
A branca e rosea côr da bella Aurora
N'outra, que a de aureos pomos simulava.
4. Do mar ao longo inda eramos nessa hora,
Como quem, na jornada embevecido,
Se apressa em mente, os pés, porém, demora:
5. Eis, qual, sobre manhan, enrubecido,
Das nevoas atravez, Marte chammeja
No poente das ondas reflectido,
6. Uma luz (praza a Deus de novo a veja !)
Tão veloz pelo mar vi deslizando,
Que não ha vôo de ave, que igual seja.
7. Maior mostrou-se e mais fulgente, quando,
Depois de ter-me ao Guia meu voltado,
De novo olhei seu brilho contemplando.

8. Nivea fórma tambem, a cada lado,
Lhe divisei ; abaixo apparecia
De igual côr outro vulto assignalado.
9. Té azas discernir permanecia
O sabio Mestre meu silencioso.
Mas então, como o nauta conhecia,
10. Bradou : «Curva os joelhos respeitoso,
Junta as mãos : eis de Deus um mensageiro !
De ora avante has de ver outros ditoso.
11. Vê que, aos humanos meios sobranceiro,
Para vir de tão longe velas, remos
Possue das azas no volver ligeiro.
12. «Como elle as alça para o ceu já vemos,
Eternas plumas suas agitando ;
Não mudam como das mortaes sabemos. » —
13. Em tanto, mais e mais se apropinquando,
Mais clara sobesai a ave divina :
Olhos abaixo a luz me deslumbrando.
14. O anjo logo á riba a neve inclina,
Tão rapida, tão leve, que parece
Voar sómente na amplidão marina.
15. Na popa erguido o nauta resplendece :
Feliz quanto é lhe está na fronte escripto ;
Das almas turba ao mando lhe obedece.
16. *In exitu Israel de Egypto* [2]
A uma voz cantavam junctamente
E o mais, que foi no santo psalmo dicto.
17. Signal da Cruz lhes fez devotamente :
Todos então á riba se lançaram
E tornou, como veiu, em continente.
18. Em volta remirando, os que ficaram
Pareciam de espanto apoderados,
Como quem a extranhezas se acercaram.
19. O sol frechava os lumes seus dourados,
Lá do meio do ceu tendo expelido
O Capricornio a tiros reiterados,

20. Quando as almas, que haviam descendido,
Perguntam-nos:—«Sabeis, para indicar-nos,
Por onde o monte póde ser subido?»—
21. Tornou Virgilio: —« Vos apraz julgar-nos
Do logar sabedores; mas viandantes,
Como sois vós, deveis considerar-nos.
22. « Chegaramos aqui, de vós, pouco antes,
Por estrada tão ardua e temerosa,
Que esta subida a par, jogo é de infantes.»—
23. Notando aquella turba, curiosa,
Que eu, pelo respirar, era homem vivo,
Enfiou ante a vista portentosa.
24. E como, a quem da paz ramo expressivo [3]
Presenta, o povo acerca-se cuidoso
Em tropel de noticias por motivo:
25. O bando assim das almas venturoso
Em meu rosto attentava alvoraçado,
Quasi esquecido de ir a ser formoso.
26. Uma, tendo-se ás mais adiantado
A me abraçar correu com tanto affeito,
Que fui de impulso igual arrebatado.
27. Sombras vans, verdadeiras só no aspeito!
Trez vezes quiz nos braços estreital-a, [4]
Só ar trez vezes estreitei ao peito.
28. Ante o espanto, que o gesto me assignal-a,
Sorriu-se; e, como já se retirasse,
Avançando, eu tentei acompanhal-a.
29. Suavemente disse que eu parasse,
Pedi-lhe, com certeza a conhecendo,
Que um pouco a praticar se demorasse:
30.—« Como te amei »—me respondeu—« vivendo
No mortal corpo, assim eu te amo agora.
Por que vais? Dize: ao teu desejo attendo.»—
31. « Caro Casella [5] »—disse-lhe—« heide embora
Tornar, ao fim d'esta jornada, á vida.
Por que de vir has delongado a hora?»—

32. « Se a passagem negou-me requerida
Anjo, que as almas, quando appraz-lhe, guia,
Offensa não me fez immerecida ;
33. « Pois a justo querer obedecia.
Na barca em paz, trez mezes ha sómente,
A todos dá a entrada appetecida. [6]
34. « Eu, que na plaga então era presente,
Onde no mar o Tibre as aguas deita
Por elle aceito fui benignamente.
35. « A essa foz seus vôos endireita ; [7]
Pois sempre alli a grei stá reunida,
A's penas do Acheronte não sujeita.»—
36. « Se não é por lei nova prohibida
Memoria e usança do amoroso canto.
Que as magoas todas me adoçou da vida,
37. « Praza-te, amigo, confortar um tanto
Minha alma, que molesta, que amofina
Star involta no corporeo manto. »—
38. —« *Amor que em minha mente raciocina*»— [8]
Entoou elle então com tal doçura,
Que o som donoso inda alma me domina.
39. Ao Mestre, a mim, a todos a brandura
Do saudoso cantar tanto elevava,
Que de alma mente nossa então não cura.
40. Na toada, absorvida, se engolphava,
Eis de repente o velho venerando:
—« Que fazeis, descuidosos ?—» nos bradava.
41. « Pois estais na indolencia assim ficando ?
Ide ao monte, a despir essa impureza,
Que a vista vos está de Deus vedando !»—
42. Quazes pombos, que dos agros na largueza,
Em desejado pascigo embebidos,
Como olvidada a natural braveza,
43. Subito arrancam, de temor pungidos,
Se algum mal imminente lhes parece,
De cuidados maiores possuidos :

44. Tal a recente grei o canto esquece,
E, como homem, que vai sem ter roteiro,
Corre á costa, que aos olhos se offerece :
Não foi nosso partir menos ligeiro.

NOTAS AO CANTO II

Chegam em barca dirigida por um anjo muitas almas, que se encaminham para o Purgatorio: entre ellas está Casella, abalisado musico, amigo de Dante. Em quanto Casella canta, rodeiam-o outras almas, Virgilio e Dante. Apresenta-se Catão e censura a demora e negligencia.

[1] Quer dizer o Poeta que o sol era chegado ao horizonte occidental do meridiano que cobre Jerusalem: começava anoitecer em Jerusalem, anoitecera no Ganges, amanhecia na montanha do Purgatorio. E como o sol achava-se em Aries, vinha a noite com as balanças, que indicam o signo de Libra, opposto áquelle outro. As balanças, caem da mão da noite, quando esta é mais comprida que o dia.—O Poeta escreve com as idéas dominantes no seu tempo.

[2] *In exitu Israël de Egypto.* — Psalmo c. XIII.

« Quando Israel sahiu do Egypto, a casa de Jacob do meio de um povo barbaro: consagrou Deus a Judéa ao seu serviço e estabeleceu em Israel o seu imperio. O mar o viu e fugiu, e o Jordão recuou para traz. Os montes saltaram de alegria como carneiros, e as collinas como cordeiros do rebanho. Commoveu-se a terra na presença do Senhor, perante o Deus de Jacob, que converteu as pedras em tanques de aguas e o rochedo em fontes de aguas.»

[3] Virgilio, *En.* II, v. 790 e seg.:

Hæc ubi dicta dedit, lacrimantem et multa volentem
Dicere deseruit, tenuisque recessit in auras.
Ter conatus ibi collo dare brachia circum,
Ter frustra comprensa manus effugit imago
Par levibus ventis volucrique simillima somno.

Trad. de J. F. Barretto:

Disse, e entre mil suspiros saudosos,
Quando eu dizer mil cousas estimara,
Chorando me deixou e n'um momento
Se foi fugindo pelo tenue vento.
Trez vezes procurei alli abraçal-a,
Trez vezes, tendo-a já, mas em vão presa
A sua imagem me fugiu, que iguala
Ao leve vento e somno em ligeireza.

E c. VI:

Ter conatus ibi collo dare brachia circum:
Ter, frustra comprensa, manus effugit imago,
Par levibus ventis, volucrique simillima somno.

Trad. de J. F. Barretto:

Trez vezes intentou alli abraçal-o,
Porém nunca entre os braços poude achal-o,
Porque, sendo trez vezes em vão presa
A imagem lhe fugiu em um instante,
Ao vento leve igual na ligeireza
E ao somno veloz mui similhante.

[3] Virg. *En.* c. VIII:

Tunc pater Æneas puppi sic fatur ab alta,
Pacifereque manu ramum protendit olivæ.

E c. XI:

Jamque oratores aderant exurbe latina
Velati ramis oleæ veniamque rogantes.

Trad. de J. F. Barretto:

Então o Padre Eneas, da oliveira
Pacifica na mão um ramo erguendo,
Da alta popa lhes fala em tal maneira. (c. XI)
Da cidade latina n'isto haviam,
De oliveira pacifica enramados,
Vindo já oradores que pediam... (c. VIII)

[4] Casella, abalizado musico de Florença, amigo de Dante, que lhe manifesta affecto em modo tal extremoso, que faz sentir não se conhecerem as particularidades da sua vida.

[5] Passado o tempo do Jubileu, durante o qual todos os espiritos não condemnados ás penas eternas, tinham, como se cria, permissão para passar ao Purgatorio, quando lhes approuvesse.

[6] Pelo littoral, Ostia, onde desagua o Tibre, entende Dante a Igreja catholica, apostolica e romana. Dizendo que pelo anjo as almas são recebidas sómente n'esse logar, significa que fóra d'essa Igreja não se póde esperar salvação.

[7] Allude á canção XV de Dante, cuja primeira parte é:

Amor, che nella mente me ragiona
Della mia donna, disiosamente
Movecose di lei meco sovente,
Che lo'ntelletto sovr'esse disvia
Lo suo parlar si dolcemente suona,
Che l'anima ch'ascolta e che io sente,
Dice: Oh me lassa, ch'io non son possente
Di dir quel ch'odo della donna mia
E certo e' mi convien lasciar in pria,

S'io vo' trattar di quel ch'odo di lei
Cio che lo mio intelletto non comprende
E di quel che s'intende
Gran parte, perche dirlo non saprei
Pero se le mie rime avran difetto,
Ch'entreran nella lada di costei,
Di cio se biasmi il debole intelletto,
E'l parlar nostro che non ha valore
Di ritrar tutto ciò che dice amore.

Esta admiravel compozição lyrica do grande Poeta foi uma das que escolheu para especial commentario no seu *Convito:* é o assumpto de que discorre no *Trat.* III.

CANTO III

1. EM quanto aquella fuga repentina
Pela planicie as sombras impellia
Ao monte, que a razão a amar ensina,
2. Ao socio meu fiel eu me cingia.
Como sem elle houvera proseguido?
Quem para alçar-me esforço me daria?
3. De remorsos parece possuido.
O' consciencia pura e sublimada! [1]
Leve falta pezar te dá subido!
4. Quando atalhava a pressa, que é vedada
A quem dos actos no decoro attente,
Eu, que sentira a mente angustiada,
5. Tornando ao meu intento affoutamente
Os olhos á eminencia levantava,
Que para o ceu mais alto eleva a frente.
6. Nas espaldas o sol nos dardejava
Rubra luz, que o meu corpo interrompia,
Pois aos seus raios obice formava.
7. Escuro ante mim só apparecia
O solo: eu, de abandono receioso,
Voltei-me ao lado onde era o sabio Guia.

8. Virgilio então me encara.—«Suspeitoso
Te mostras?»—diz —«Cuidavas, por ventura,
Que eu não mais te acompanhe cuidadoso?
9. Surge Vesper lá onde a sepultura [2]
Guarda o corpo em que sombra já fizera
Tomando-o a Brindes, Napole o assegura.
10. « Se ante mim não a vês, não te devera
Dar pasmo como lá no firmamento
Se a luz a luz não tolhe o não movera.
11. « Para calma sentir, frio ou tormento
Dispoz-nos, corpo a summa Potestade
Como o fez? Não nos deu conhecimento.
12. « Fatuo é quem julga á humana faculdade
Franco o infindo caminho e sempiterno,
Por onde segue o Ente Uno em Trindade.
13. « Homens, vos baste o *quia*: se ao superno
Saber alevantar-vos fosse dado,
Da Virgem ao seio não baixara o Eterno. [3]
14. « Já viste porfiar sem resultado
Os que, cevar podendo o seu desejo,
Em perpetua afflicção o tem tornado.
15. « De Aristoteles falo n'este ensejo,
De Platão, de outros mais.» —Baixando a fronte,
Calou; mostrava torvação e pejo.
16. Chegamos nós em tanto ao pé do monte
Onde era a rocha de tal modo erguida,
Que de subir capaz ninguem se conte.
17. A vereda mais erma e desabrida,
Que de Leria a Turbia [4] se encaminha,
Dá, confrontada, commoda subida.
18. E o Mestre, assim falando, os pés detinha:
Quem sabe onde a este monte o passo ascende?
Como aqui sem ter azas se caminha?»
19. Em quanto, baixo o rosto o Mestre entende
Na jornada, em sua mente interrogando,
E pela altura a vista se me estende,

20. Divisei turba a nós endireitando
Da mão dextra ; o seu passo era tão lento,
Que não me parecia estar andando.
21.— «Aos que vêm»—disse ao Mestre—«mira attento ;
Por elles póde ser conselho dado,
Se o não te off'rece o proprio pensamento...»—
22. Olhou-me, e com semblante asserenado
«—A' turba vagarosa»—tornou—«vamos,
E a esperança te esforee, ó filho amado !»—
23. Passos mil para a grei nos caminhamos
E de tiro de pedra inda á distancia,
Por mão dextra arrojada, nos chamamos
24. Quaudo aquelles espiritos estancia
Juncto aos penhascos vi fazer, cerrados,
Qual transviado da incerteza em ancia.
25. «Vós, eleitos ao bem, no bem finados»—
Disse Virgilio—«pela paz ditosa,
Em que sois todos, creio, esperançados.
26. « Dizei-me onde a montanha alta e fragosa
Subir permitte, um pouco se inclinando :
Do tempo a perda ao sabio é desgostosa.»—
27. Como as ovelhas o redil deixando
A uma, duas, trez e a cerviz tendo
Baixa as outras vão timidas ficando:
28. Todas como a primeira, se movendo,
Conchegam-se-lhe ao dorso, se ella pára,
O porque simples , quietas não sabendo: [5]
29. Assim a demandar-nos se apressara
A venturosa grei, que no meneio
Traz a molestia e o pudor na cara.
30. Tomada foi, porém, de tanto enleio,
Por minha sombra em vendo a luz cortada
A dextra, em direcção da rocha ao seio,
31. Que a vanguarda parou, como torvada :
Pelos mais sem detença foi seguida,
Mas sem lhes star a causa revelada.

32. — « A explicação previno appetecida:
Que um vivo corpo vêdes vos confesso
E a luz do sol por elle interrompida.
33. « Não haja em vós de maravilha excesso;
Do ceu pela virtude soccorrido,
Da montanha attingir quer o cabeço. »—
34. Disse Virgilio.—E foi-lhe respondido:
— « Voltai-vos; caminhai de nós diante. » —
E o logar indicavam referido.
35. — « Sem que um momento deixes de ir avante,
Quem quer que sejas, olha-me e declara. » —
Disse um d'elles, se has visto o meu semblante. »—
36. Volvi-me, olhos fitando em quem falara.
Formoso e louro, tinha heroico aspeito;
Um golpe o seu sobrolho separara.
37. Tornei-lhe—não—tomado de respeito.
— « Olha! » — falou a sombra me indicando
Larga ferida no alto do seu peito.
38. Vês Manfredo [6] — sorriu-se me falando —
Que neto foi da Imperatriz Constança [7]
A minha bella filha diz, voltando,
39. (Mãe daquelles por quem tanta honra alcança
Aragão com Sicilia) o que has sabido,
Qual a verdade seja lhe afiança.
40. « Depois que foi o corpo meu ferido
De golpes dois mortaes, a Deus piedoso
Alma entreguei, chorando arrependido.
41. « Fui de horrendos peccados criminoso,
Mas a Bondade Infinda acolhe e abraça
Quem perdão lhe supplica pezaroso.
42. « Se o Bispo que enviou Clemente á caça
Do meu cadaver, respeitado houvesse
Esse preceito da Divina Graça,
43. « Do corpo meu os ossos me parece,
Que em frente á ponte, ao pé de Benevento,
Em guarda o grave acervo inda tivesse.

44. « Agora os banha a chuva e açouta o vento,
Do reino meu distantes, juncto ao Verde, [9]
Onde os lançou sem luz, sem sahimento.
45. Mas anathema tanto alma não perde
Que, quando verde a esp'rança lhe florece,
Do eterno amor do Creador desherde.
46. « Por certo, em contumacia o que fenece
Contra a Igreja, ainda quando se arrependa
Na hora extrema sua, aqui padece
47. « Tempo, que trinta vezes comprehenda
Da impenitencia o espaço, se ao decreto
Preces não trazem bemfazeja emenda.
48. « Vês, pois, que pódes me tornar quieto:
Revelando á piedade de Constança [10]
Que interdicto me has visto e ainda excepto
Pelas preces de lá muito se alcança.» —

NOTAS AO CANTO II

Chegam em barca dirigida por um anjo muitas almas, que se encaminham para o Purgatorio: entre ellas está Casella, abalisado musico, amigo de Dante. Em quanto Casella canta, rodeiam-o outras almas, Virgilio e Dante. Apresenta-se Catão e censura a demora e negligencia.

[1] Quer dizer o Poeta que o sol era chegado ao horizonte occidental do meridiano que cobre Jerusalem: começava anoitecer em Jerusalem, anoitecera no Ganges, amanhecia na montanha do Purgatorio. E como o sol achava-se em Aries, vinha a noite com as balanças, que indicam o signo de Libra, opposto áquelle outro. As balanças, caem da mão da noite, quando esta é mais comprida que o dia.—O Poeta escreve com as idéas dominantes no seu tempo.

[2] *In exitu Israël de Egypto.* — Psalmo c. XIII.

« Quando Israel sahiu do Egypto, a casa de Jacob do meio de um povo barbaro: consagrou Deus a Judéa ao seu serviço e estabeleceu em Israel o seu imperio. O mar o viu e fugiu, e o Jordão recuou para traz. Os montes saltaram de alegria como carneiros, e as collinas como cordeiros do rebanho. Commoveu-se a terra na presença do Senhor, perante o Deus de Jacob, que converteu as pedras em tanques de aguas e o rochedo em fontes de aguas.»

[3] Virgilio, *En.* II, v. 790 e seg.:

Hæc ubi dicta dedit, lacrimantem et multa volentem
Dicere deseruit, tenuisque recessit in auras.
Ter conatus ibi collo dare brachia circum,
Ter frustra comprensa manus effugit imago
Par levibus ventis volucrique simillima somno,

Trad. de J. F. Barretto:

Disse, e entre mil suspiros saudosos,
Quando eu dizer mil cousas estimara,
Chorando me deixou e n'um momento
Se foi fugindo pelo tenue vento.
Trez vezes procurei alli abraçal-a,
Trez vezes, tendo-a já, mas em vão presa
A sua imagem me fugiu, que iguala
Ao leve vento e somno em ligeireza.

E c. VI:

Ter conatus ibi collo dare brachia circum
Ter, frustra comprensa, manus effugit imago,
Par levibus ventis, volucrique simillima somno.

Trad. de J. F. Barretto:

Trez vezes intentou alli abraçal-o,
Porém nunca entre os braços poude achal-o,
Porque, sendo trez vezes em vão presa
A imagem lhe fugiu em um instante,
Ao vento leve igual na ligeireza
E ao somno veloz mui similhante.

[3] Virg. *En.* c. VIII:

Tunc pater Æneas puppi sic fatur ab alta,
Paciferæque manu ramum prætendit olivæ.

E c. XI:

Jamque oratores aderant exurbe latina
Velati ramis oleæ veniamque rogantes.

Trad. de J. F. Barretto:

Então o Padre Eneas, da oliveira
Pacifica na mão um ramo erguendo,
Da alta popa lhes fala em tal maneira. (c. XI)
Da cidade latina n'isto haviam,
De oliveira pacifica enramados,
Vindo já oradores que pediam... (c. VIII)

[4] Casella, abalizado musico de Florença, amigo de Dante, que lhe manifesta affecto em modo tal extremoso, que faz sentir não se conhecerem as particularidades da sua vida.

[5] Passado o tempo do Jubileu, durante o qual todos os espiritos não condemnados ás penas eternas, tinham, como se cria, permissão para passar ao Purgatorio, quando lhes approuvesse.

[6] Pelo littoral, Ostia, onde desagua o Tibre, entende Dante a Igreja catholica, apostolica e romana. Dizendo que pelo anjo as almas são recebidas sómente n'esse logar, significa que fóra d'essa Igreja não se póde esperar salvação.

[7] Allude á canção XV de Dante, cuja primeira parte é:

Amor, che nella mente me ragiona
Della mia donna, disiosamente
Movecose di lei meco sovente,
Che lo'ntelletto sovr'esse disvia
Lo suo parlar si dolcemente suona,
Che l'anima ch'ascolta e che lo sente,
Dice: Oh me lassa, ch'io non son possente
Di dir quel ch'odo della donna mia
E certo e' mi convien lasciar in pria,

S'io vo' trattar di quel ch'odo di lei
Cio che lo mio intelletto non comprende
E di quel che s'intende
Gran parte, perche dirlo non sa rei
Pero se le mie rime avran difetto,
Ch'entreran nella lada di costei,
Di cio se biasmi il debole intelletto,
E'l parlar nostro che non ha valore
Di ritrar tutto ciò che dice amore.

Esta admiravel composição lyrica do grande Poeta foi uma das que escolheu para especial commentario no seu *Convito*: é o assumpto de que discorre no *Trat.* III.

[illegible] Manfredo, Rei da Apulia, Sicilia, filho natural do Imperador Frederico II. Foi morto na batalha de Caporetto, perdida por Carlos de Anjou, irmão de Luiz IX, Rei de França. V. notas ao c. XXVIII do *Inferno*.

Diz Perticari, na *Historia de Florença*:

«A poesia contemporanea não se mostrou demasiadamente parca com o vencido. Infeliz amigo, a'este caso, é mistér de honra e coragem indomavel, quando ha mister a justiça. Apenas alguns estranharam por palavras de benevolencia memoria mostrarem-se condoidos do lastimoso destino de uma grande causa. Um Fallito, sarcastico do vencedor, affirma-se, como por uma rehabilitação successivada, a notar altamente de implacavel o principe desnaturado. Os seguintes versos humanos o trovador Adam de la Halle que os escreveu:

Bonne chanssion et bonne et saige fu Manfrons
De toutes bonnes ordres estoit et courtois;
En lui ne faisoit vous, fors que seulement bien.

«Na Italia, sob o implacavel mando e dominios gralhos, foi Dante o primeiro e talvez o unico, que se afoutou a ser justo para com esse grande gibelino. No seu livro *De vulgari eloquio* chama-o filho bellamente nascido de Frederico Cesar. *Por horrivel* que fosse os seus pecados, collocou-o, não no Inferno, senão no Purgatorio, por *saber de expiar* [illegible] *para a Eternidade Infinita*, simples hypothese do Poeta, que prova a sua indulgencia e moderação. Junto ao purgatorio, como ensinavam os theologos, tinha Manfredo de passar trinta annos para expiação de culpa em dos que viveu sob as censuras ecclesiasticas. Dante admitte que se lhe roubam o tempo das provanças preliminares, e a posteridade essa attenuação, se bem que ainda severa, da sentença. No emtanto, proclamando a sua capacidade real, a sua estimavel caracter e o seu glorioso pensamento, não desconhece o excesso da sublição de Manfredo. Se a posteridade não o vituprera, não lhe affronta o nome, sobre o seu juizo actuam razões, que o justificam: o desejo dos Italianos, em toda a Peninsula, de não ser um só principe dominante ao norte e ao sul; o dos Napolitanos na Apulia e Sicilia de ter Rei, que, curando dos interesses dos seus subditos, vivesse no meio d'elles; o não saber-se n'essas regiões meridionaes, a quem cabia o senhorio legitimo, se ao Papa, se ao herdeiro dos Hohenstaufens, que simultaneamente allegavam a soberania, as qualidades e predicamentos pessoaes, em fim, que deviam carear tanta popularidade ao affavel, benigno e generoso Manfredo, quanta averão inspirava aos povos o procedimento asperissimo e desconversavel do cruel Carlos de Anjou.»

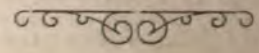
[7] Constancia, mulher do Imperador Henrique VI.

[8] Verde ou Garigliano, outr'ora Liris, formado pela confluencia do Sacco e do Liri, bebe no golfo de Gaëta. Houve quem sem razão plausivel, o confundisse este rio com um arroio da Campanha de Roma, affluente do Teverone.

[9] Tasso, *Ger. Lib.*, c. XIX, est. 53.:

Siate, o compagni, di fortuna all'onte
Invitti, insini che verde e fior dispensa,
Chè sotto alta apparenza di fallace
Spavento oggi men grave il danno giace.

[10] Constancia, filha de Manfredo, que se casou com Pedro, Rei de Aragão, de quem teve dois filhos, Frederico, Rei da Sicilia, e Jayme, Rei de Aragão.



CANTO III

1. Em quanto aquella fuga repentina
Pela planicie as sombras impellia
Ao monte, que a razão a amar ensina,
2. Ao socio meu fiel eu me cingia.
Como sem elle houvera proseguido?
Quem para alçar-me esforço me daria?
3. De remorsos parece possuido.
O' consciencia pura e sublimada! [1]
Leve falta pezar te dá subido!
4. Quando atalhava a pressa, que é vedada
A quem dos actos no decoro attente,
Eu, que sentira a mente angustiada,
5. Tornando ao meu intento affoutamente
Os olhos á eminencia levantava,
Que para o ceu mais alto eleva a frente.
6. Nas espaldas o sol nos dardejava
Rubra luz, que o meu corpo interrompia,
Pois aos seus raios obice formava.
7. Escuro ante mim só apparecia
O solo: eu, de abandono receioso,
Voltei-me ao lado onde era o sabio Guia.

9. A Noli e a San-Leo por ardua via
Com pés se vai, Bismantua assim se alcança ; [2]
Ter azas de ave aqui mister seria;
10. Ou azas de um desejo, que não cansa,
Para o vate seguir que, desvelado,
Me servia de luz, me dava esp'rança.
11. Por carreiro entre penhas escavado,
Sempre de agudas pontas empecido,
Pelas mãos cada passo era ajudado.
12. Chegados da alta escarpa ao topo erguido
Da eminencia no dorso descoberto,
—« Por onde ir »—disse então—« Mestre querido ?»—
13.—« Eia ! »—« tornou—« Não dês um passo incerto !
Vai subindo após mim pela montanha;
Guia acharemos no caminho esperto.»— [1]
14. Não mede a vista elevação tamanha:
Linha que o centro córte de um quadrante, [3]
Por certo a ingrimidez não lhe acompanha
15. Sem forças já, falei-lhe titubante:
— « Volve a face pae meu: olha piedoso
Que só me deixas, indo por diante.»—
16.—« Para alli, filho »—diz—« te alça animoso ! »—
E o seu braço indicava uma planura,
Que torneia o declive temeroso.
17. D'essas vozes esforça-me a doçura
Tanto, que a ratos lhe seguia o passo
Até meus pés tocarem n'essa altura.
18. Sentamo-nos a par, então, de espaço,
Ao nascente voltados, qual viageiro
A estrada olhando, que calcara lasso.
19. Abaixo os olhos dirigi primeiro,
Ao sol voltei depois; notei pasmado
Da esquerda o lume vir d'esse luzeiro. [4]
20. Disse Virgilio ao ver quanto enleiado
Stava, o carro da luz considerando
Que era entre nós e o Aquilão entrado:

21.— « Se um e outro hemispherio allumiando,
Castor e Pollux juncto a si tivera
O vasto espelho, que ora está brilhando,
22. « Da Ursa ainda mais propinqua á esphera,
A roda do Zodiaco observaras,
Se a costumada estrada não perdera.
23. « Meditando, a verdade logo acharas,
Se collocados de Sião o monte,
E este outro na terra imaginaras,
24. « Ambos guardando identico horizonte
E hemispherios diversos, onde passa
Estrada, em que tão mal correu Phetonte
25. « E se a razão em ti não fôr escassa,
Verás que, em quanto a um vai por um lado,
Ao outro pelo opposto o sol perpassa. »—
26.—« Tanto ao claro jámais, ó Mestre amado,
Como ora, o meu esp'rito comprendera,
Quando estava por duvida nublado.
27. « Que o circ'lo médio da mais alta esphera,
Que sempre,—Equador chama-se em certa arte—
Entre o inverno e o sol se considera
28. « Deve, se pude a mente penetrar-te,
Para o norte volver-se, e, no entretanto,
Viam-o Hebreus do Austro pela parte.
29. « Agora, se te appraz, dize-me quanto
Hemos de andar ; que os olhos, da eminencia
Não attingindo o fim se enchem de espanto. »—
30. « Da montanha »—responde « é a excellencia
Fadiga no começo causar grave:
Quem mais sóbe acha menos resistencia
31.—« Ao tempo, em que te parecer suave
Tanto, que a subas agil e ligeiro,
Como descendo da agua o curso a nave,
32. « No termo te acharás d'este carreiro:
Após afan desfructarás repouso:
Quando digo hasde ver que é verdadeiro.»—

33. Mal acabando o Mestre carinhoso,
Perto sôa uma voz:—« Talvez te seja,
Antes de lá chegar, preciso um pouso.»—
34. Volveu-se cada qual para que veja
Quem falara alta penha deparamos;
Então só vemos que á mão sestra esteja.
35. Multidão, acercando-nos, achamos
Que á sombra demorava quietamente;
Por desidia detidos os julgamos.
36. Mostra-se um mais que os outros negligente:
Sentado abraça as pernas, tendo o rosto
Recostado aos joelhos, qual dormente.
37. Disse então :—« Vê, senhor, quanto disposto
E' á inercia o que alli stá parecendo.
Como irmão da preguiça fica posto. »—
38. Elle um pouco voltou-se olhos movendo
Para o meu lado, sem mudar postura,
—« Pois vai tu, que és valente ! »—me dizendo.
39. Reconheci quem era. Inda me dura
Da agra ascensão em parte o grande offego ;
Mas endereço os passos á figura.
40. A fronte mal ergueu, quando me achego.
—« Como conduz o solo carro á esquerda
Tens reparado ? »—disse com socego.
41. Por meneio tão lento e voz tão lerda
Fui algum tanto a riso provocado
—« Belacqua » [5]—disse—« eu mais a tua perda
42. « Não choro. Por que estás aqui sentado ?
Esperas guia? Acaso, como outr'ora,
Da preguiça te sentes captivado? »—
43. Tornou-me :—« Irmão, subir que importa agora ?
De Deus o anjo, que defende a entrada ,
Me dexaria dos martyrios fóra. *

* Penas do Purgatorio.

44.« Tanto a porta me tem de ser vedada,
Quanto no mundo me durara a vida :
Pezei-me só a morte ao ver chegada.
45.« Mas antes ser me póde permittida
Pela oração de quem da Graça goza,
Que val outra, do ceu desattendida ? »—
46. Mas o Vate seguia na penosa
Jornada.—«Vem ! »—dizia—«Resplendece
O sol no meio dia ; etenebrosa
Sobre Marrocos [6] ora a Noite desce.»—

NOTAS AO CANTO IV

As almas da campanha de Manfredo mostram uma estreita vereda, por onde sobem Virgilio e Dante. Na encosta avistaram-se com outros, que, em quanto vivas, foram remissas na impenitencia. Entre ellas estava Belacqua.

[1] Allude á doutrina de Platão, que entendia serem trez as almas—a Vegetativa no figado, a sensitiva no coração, a intellectual no cerebro.

Dante, *Convito*, trat. IV, 7:

« *Siccome dice Aristotele, nel secondo dell'Ammia, vivere è l'essere delli viventi; e perciochè vivere è per molti modi, siccome nelle piante vegetare, negli animali vegetare e sentire e muovere, negli uomini vegetare, sentire muovere e vagionare ovvero intendere; e le cose si deono denominare dalla più nobile parte; manifesto è che vivere negli animali è sentire, animali dico bruti vivere nell'uomo è ragione usare.* »

[2] Sanleo, fortaleza, que demora no viso de alta e fragosa montanha de Urbino; Noli, cidade situada no territorio de Genova, em logar muito baixo, no maritimo; Bismantova, montanha de Reggio na Lombardia, muito alcantilada.

Diz Biagioli:«—Os versos 25 e 26, em que não attentam os leitores, na sua maioria, no extremo se recommendam pela belleza das palavras e numeros e em especial pelo sentimento que reslumbram. Proposito foi do poeta, pela difficuldade e offego da subida n'esses logares, um mais que outro penoso e desconversavel, quanto custa ao homem sahir do vicio e entrar pela porta da penitencia, cujas veredas não lhe seria dado vencer, se o não soccorressem o desejo da felicidade e a luz da razão. Esta verdade ainda mais se applica a todo aquelle, que, tendo descaptivado da balsa da ignorancia e do erro, commette a ascensão de agra e afanosa serrania, onde tem o seu assento a senhora, que, como diz o Poeta, é verdadeiramente senhora, suave na compostura, honesta no parecer, maravilhosa na sabedoria, gloriosa pela liberdade.»

Diz ainda Biagioli: « Melhor não poderia Dante representar a natureza. A' postura, aos meneios lentos do preguiçoso era mister apropriar as palavras, que proferia; e o fez o Poeta por monosyllabos, que bem se acommodam a quem faz a sua delicia do repouso e tranquillidade dos movimentos,—maravilhoso artificio e primoroso segredo de arte, em que muito sobresahiu Dante e que constituem bellezas poeticas, retratos fieis da natureza. »

[3] Mais de quarenta e cinco gráos.

[1] Lucano, na *Pharsalia*, c. III, referindo-se á admiração de que foram tomados os Arabes, ao verem, em terra occidental, inclinar-se a sombra para o lado direito, ao contrario do que observam nas regiões orientaes, disse:

Ignotum sobis, Arabes, venistis in orbem,
Umbras mirati nemorum non tre sinistra.

[2] Belacqua, fabricante de instrumentos de musica, com quem Dante affectuosamente tratava. Os expositores pouco disseram d'esse artista. O *Ottimo* apenas assim se exprime:

« *Belacqua fu una prigrissima persone.* »

[3] Marrocos—diz o texto, significando a terra africana ou a Mauritania, pois suppõe o Poeta estarem alli os confins occidentaes de um dos hemispherios. Como o sol esclarece sómente a metade da terra, a noite começa na Mauritania quando é meio dia na outra metade.

CANTO V

1. Os passos do meu Guia acompanhando.
D'essas almas um pouco era distante,
Quando uma, atraz de nós, o dedo alçando,
2.—« Vêde ! A luz »—exclamou—« não é brilhante
A' sesta do que vai mais demorado ;
Pelo meneio a um vivo é similhante.»
3. Olhos volvi d'aquella voz ao brado,
E as vi notar, de maravilha cheias,
Como eu, andando, a sombra tinha ao lado.
4.—« Por que tanto, ó meu filho, assim te enleias ? »
Disse o Mestre.—« Por que detens o passo ?
Acaso o murmurar d'aqui receias ?
5. « Segue-me : a vozes vans ouvido escasso !
Qual torre, inabalavel sé, dos ventos
A' furia oppondo válido embaraço
6. « Quem firmeza não tem nos pensamentos,
Do fim se aparta, a que alma se endereça
E, assim mallogra, instavel seus intentos.
7.—« Sigo-te ! »—ao Mestre meu tornei depressa.
Cumpria assim falar; meu voto incende
O rubor, que ao perdão a falta apressa.

8. Em tanto por atalho a costa ascende
Adiante de nós turba cantando,
Devota *Miserere*, e ao cimo tende.
9. Ao ver que estava o corpo meu vedando
Dois luminosos raios a passagem
O canto suspendeu, rouco—oh !—soltando [1]
10. E dois dos seus em fórma de mensagem
Correndo contra nós assim falaram :
« Quem sois, que assim fazeis esta viagem ? »
11. Disse Virgilio :—« Aos que vos enviaram
Tomai que ao corpo do homem que estais vendo
Vitaes alentos inda não deixaram.
12. « Se os passos, como cuido, estão detendo,
Por ver-lhe a sombra, a causa é conhecida,
Terão proveito, as honras lhe fazendo. »—
13. Mais promptos que os vapores á descida [2]
Da noite, o ar sereno allumiando ,
Ou nevoa, ao pôr do sol, do ceu varrida,
14. Partem, a grei de novo se ajuntando ;
Como esquadrão, que corre á desfilada,
Voltam todos, a nós se arremessando.
15. « Ao nosso encontro vem turba avultada ;
Pretenções todos têm »—disse-me o Guia
—« Andando, os ouve ; não convém parada. »
16.—« O' alma, que do ceu vais á alegria
No proprio corpo, em que feliz nasceste,
Demora o passo um pouco »—a grei dizia,
17. « De entre nós vê se alguem reconheceste
Para ao mundo levares a noticia...
Por que deter-te ainda não quizeste ?
18. « Morte a todos causou cruel nequicia ;
Peccamos sempre até que á final hora
Do ceu a luz se nos mostrou propicia.
19. « Assim, contritos, perdoando, fóra
Fomos da vida, a paz com Deus já feita
De o ver desejo nos accende agora.

20.—« A feição vossa »—eu disse—«é tão desfeita,
Que nenhum reconheço ; mas, se acaso
Ser util posso no que a vós respeita,
21. « Pela paz, a servir-vos já me emprazo,
Que busco, d'este sabio acompanhado,
De mundo em mundo, no mais breve prazo
22. « Cada qual »—me tornou—«está confiado
Em ti, mister não ha teu juramento,
Se não faltar poder ao teu bom grado.
23. « Aos outros me anticipo : ao rogo attento,
Tu se fores á terra que demora [3]
Entre a Romagna e a que é de Carlo assento,
24. « Aos meus em Fano compassivo exora
Que com preces suffraguem-me piedosos
Para o mal expurgar que fiz outr'ora.
25. « Nasci lá, soffri golpes espantosos,
Que a existencia cortaram-me tão cara.
De Antenorios nos planos pantanosos, [4]
26. « Onde o funesto fim nunca esperara.
Assim o quiz do Marquez d'Este a ira,
Que o exicio meu injusto apparelhara.
27. « Ah! se, fugindo, me acolhesse a Mira [5]
Quando alcançou-me de Oriaes perto,
Eu fôra inda hoje aonde se respira.
28. « Mas, correndo ao paul, sem rumo certo,
Cahi, no ceno e juncos enleiado:
De sangue um lago fez meu peito aberto.»
29. « Se fôr»—outro então disse—« executado
Desejo que te impelle ao alto monte,
Sê por mim de piedade impressionado.
30. « De Montefeltro fui e fui Buonconte ; [6]
De mim Joanna, e ninguem mais, não cura ;
Entre todos por isso abaixo a fronte.
31. « Que força »—respondi—« que má ventura
Tão longe te arrastou de Campaldino,
Que se ignora onde tens a sepultura ?

32.—« Oh !—» replicou-me—« Ao pé de Casentino
Um rio passa que se chama Archiano.
Nascido lá sobre o Ermo,[7] no Apennino.
33. « De dôr lá onde o perde o nome, insano,
Cheguei: ao pé fugia, e, traspassado,
O collo meu ensanguentava o plano.
34. « Da vista e fala ao ser desamparado,
No suspiro final bradei—Maria ! —
E o corpo meu tombou, da alma deixado.
35 .« Direi verdade : aos vivos o annuncia.
De Deus anjo tomando-me, o do inferno
— « Servo do Ceu, m'o tomas ? » lhe bramia.
36. « D'elle me usurpas o principio eterno
Por uma tenue lagrima fingida ;
Mas do seu corpo cabe-me o governo.
37. « Bem sabes que nos ares recolhida
Vaporosa humidade em chuva desce,
Quando é do frio ás regiões subida.
38. « Como quem com maldade o engenho tece,
Nevoas e vento accumulava, usando
Da pujança infernal que lhe obedece.
39. « Depois, o dia terminado estando,
Do Pratomagno[8] á serra, o valle envolve
Em treva, ao ceu a abobada enluctando.
40. « Tumido o ar, em catadupas volve,
E a agua que na terra não se entranha,
Espumosa em torrentes se revolve.
41. « Veloz os alveos aos arroios ganha,
E para o regio rio se arrojando,
Os obices abate, que se assanha.
42 .« Juncto a foz meu cadaver encontrando
Levanta-o Archiano impetuoso
Ao Arno o impelle, os braços desligando
43. « Da cruz que fiz no transe doloroso,
Por fundo e margens rola-o, sepultado
Na areia o deixa, que arrastara iroso. » —

44.—« Ah! quando á luz do mundo hajas tomado,
Quando repouses da jornada extensa »—
Foi por terceiro espirito impetrado.
45. « De Pia [9] recordando-te, em mim pensa;
Siena fizera o que desfez Maremma.
Sabe-o quem me esposara e em recompensa
No dedo poz-me annel com rica gemma. »—

NOTAS AO CANTO V

Almas dos que, arrependendo-se dos seus peccados á hora da morte conseguiram salvar-se. Distingue Dante alguns pelos seus nomes e pela sua historia: Jacopo del Cassevo, Buonconte, Pia dei Tolomei.

[1] Ariosto, *Orl Fur.* diz:

E con quello oh che d'alegrezza dire
Si suole cominciò.

[2] Virgilio, *Georg.* I:

Sope enim stellas, ventoque impendenti, videbis,
Præcipites cœlo labi, noctisque per umbram
Flammarum longos a tergo albescere tractus.

[3] Este é Jacopo del Cassero, de Fano, morto entre Veneza e Oriaco, districto de Padua, por assassinos enviados pelo tyrano Azzo III de Este, que assim vingou-se de palavras offensivas, que Jacopo proferira contra elle. Fano demorava entre a Romanha e o reino de Napoles, então dominado por Carlos de Valois, appellidado Sem-terra.

Sobre Jacopo del Cassero disse o *Ottimo*, ampliando a noticia:

« O Marquez de Este, Azzo de Ferrara, empenhava todos os meios para carear amigos e clientes em Bolonha, no intuito de assenhorear a cidade, como fizeram em Ferrara. O povo de Bolonha, que lhe aventou as sinistras intenções, que se endereçavam a dominio tyranico desterrou quantos eram tidos e havidos por affeiçoados ao Marquez, condemnando ao mesmo passo alguns, a quem foi applicada a pena de morte por sentença da senhoria. No emtanto Jacopo del Cassero foi nomeado *podestà* da cidade e entrou no exercicio do cargo. Jacopo, não satisfeito com o rigor, que se usava com os amigos do Marquez, deu traças para diffamal-o, accusando-o de incestuoso, perverso e cobarde, além de dizer que descendia de uma lavadeira e de attribuir-lhe vilanias e torpezas. Em desaffronta o Marquez fez prestes varios sicarios, com ordem de tirar-lhe a vida, quando achassem-o a geito. Passado algum tempo Misser Mafler Visconti, senhor de Melano, nomeou para *podestá* Jacopo, que acei-

tando a commissão seguiu por mar até Veneza. D'ahi ia em demanda de Padua quando os assassinos derram cabo d'elle em Oriaco. »

[4] O Poeta chama *Antenori* aos Paduanos, porque, segundo a tradicção, Padua fôra fundada pelo Troyano Antenor.

Na *Voyage Dantesque* diz Ampère:

«Em Padua eu procurava o *Santo* (igreja de S. Antonio), quando divirei ao angulo de uma rua uma grande sepultura romana, firmada em quatro torços de columnas e coberto por uma abobada de tijolos, onde, como em uma ruina vegetavam arbustos e hervas. Um remendão, a quem interroguei, respondeu-me que eu tinha diante dos olhos a sepultura de Antenor, fundador de Padua. Isto mesmo eu pudera saber por uma inscripção aberta no moimento, a qual pela fórma das lettras me parecera do seculo XIII ou XIV. Um botequim visinho tinha na taboleta — *ao Antenor*. Assim a celebridade do fundador de Padua, popular na Meia-idade, popular tambem é hoje em dia. Não é, pois, para admirar que Dante denominasse *Antenori* os Paduanos.

«Reputação menos honrosa, porém, tinha por esse tempo Antenor, que lhe proviera do romanesco historiador de Troia, que sob o pseudonymo de Dares o Phrygio, gozava de grandissima fama, e suppria Homero, então de todo desconhecido e Virgilio, mais celebre pelas nigromancias do que pelos versos. Dares estava em subido conceito de vendico, como testemunha ocular, que fôra dos successos, que historiava, tal qual o Arcebispo Turpim nas guerras de Carlos Magno. Contava elle que Antenor, assim como Enéas, que não era mais o *pius Æneas*, atraiçoaram os seus compatriotas entregando-os aos inimigos a porta Scea. Explicava-se assim o facto de se terem salvado da geral calamidade.

«Caso para extranheza! No tocante a Antenor, Dante apartou-se da narrativa de Virgilio, seu guia, seu mestre, que, como disse, lhe ensinara a arte de metrificar, se bem que nem sempre o entendesse muito bem; e referiu a tradição, que dera a Antenor a macula de traidor, a tal ponto que chamou *Antenora* ao inferno dos traidores. Prova-se com este exemplo o conceito em que estavam as relações romanescas da guerra de Troia, admittidas por Boccacio, Chaucer e Shakespeare. Mas conservou-se virgiliana e classica em toda a pureza a crença popular de Padua, posto que fabulosa. »

[5] Mira, logar proximo ao Brenta, entre Padua e Veneza.

[6] Buoconte era filho de Guido de Montefeltro, de quem se tratou no XXVII do *Inf.* Era um dos cabos dos Aretinos, e perdeu a vida na batalha de Campaldino, fatal aos gibelinos.

Não se achou o seu cadaver, diz o *Ottimo;* mas o Poeta para ter occasião de falar d'elle, inventou este incidente.

Joanna, mulher de Buoconte, accrescenta o *Ottimo*, depois da morte do marido não se mostrou solicita por elle, para se não suppôr que lhe tinha amor, ou que lhe importavam ainda os seus interesses.

C. Troya, no *Veltro allegorico:*

« Dois mezes depois da morte do Conde Ugolino (em 1289) visitaram Florença Carlos II de Napoles e o seu primogenito Carlos Martello. Determinou desde logo o esforçado Buoconte salteal-os, quando tornassem ao reino da Apulia; mas o tentamen foi atalhado por um corpo escolhido de mancebos florentino. Depois, estando prestes um exercito contra Avezzo, os Guelfos marcharam pelo Casentino. Amante de Beatriz Portinari, Dante, com quem

sympathizara o joven Carlos Martello, militava na cavallaria. Juncto a Poppi, em Certomando, encontraram o inimigo fortalecido pelos gibelinos que de toda a Romanha sahiram a campo, e soberbo por ter cabos de guerra como o Bispo Guglielmino e Buoconte. Entre os capitaes de Florença commandavam Misser Vieri dei Cherci nos primeiros batalhões e na reserva Misser Corso Donati, irmão de Picarda e Forese, Alighieri, que nascera na casa visinha ás dos Donatis, criado na companhia de Forese, conhecia de perto a virtude Picarda, humilde virgem, de quem tão saudosamente se recordou no *Paraiso*: agora pelejava com Misser Corso Donati a prol dos interesses dos guelfos. Bernardino di Polenta, capitão dos Pistoienses, que ainda não perdera a irman, soccorreria os Florentinos com auxilio não escasso. Ferida a batalha em Campaldino, já o triumpho propendia para os Aretinos, já os guelfos começavam a fraquear; mas Corso Donati, enviando-se contra a parte, onde maior parecia o perigo, chamou a victoria aos seus. Baqueou o Bispo Guglielmino; Buoconte, rota a garganta, submergiu-se no Arno. Triumphantes em Campaldino, Florentinos e Luquezes endireitaram contra Guido de Montefeltro: na jornada entrou Alighieri, e viu ceder ás armas guelfas o Castello de Caprona, a oito milhas de Pisa. No cerco, Dante, não menos poeta que soldado, conheceu Nino Visconti, juiz de Gallura, neto d'esse conde Ugolino que o proprio Dante com a penna e com a espada. »

Cesare Balbo, *Vita de Dante*:

« Narrou Leonardo Aretino a parte que teve Dante na batalha.—« Verde nos annos e de todos bemquisto pelejou em Campaldino esforçadamente na vanguarda dos cavalleiros, arriscando-se ao maior perigo... Em uma epistola sua Dante disse como se houvera e descreve a fórma da batalha. »— As palavras que escreveu n'essa ou em outra carta, referindo-se ao seu priorado em 1300, foram :—« Decorrido haviam dez annos depois da batalha de Campaldino, em que quasi de todo feneceu e aniquillou-se o partido gibellino : alli estive eu não novel nas armas, fui assenhoreado de grande temor e senti grandissima alegria nos varios lances da peleja. » — Se bem interpretada foi a epistola latina de Dante, segue-se não foi essa a primeira facção em que se achou.»

[7] *Ermo*, o convento dos Camalduli.

Archiano, no que desagua no Arno e alli perde o nome.

[8] Pratomagno é o mesmo que Prato Vecchio, entre Val d'Arno e Casentino.

[9] Ampére, *Voyage Dantesque*:

« Quem fôr á Siena deve pedir que lhe mostrem a casa, em que habitou la Pia, aquella, que mencionada no poema de Dante, move mysteriosa sympathia.

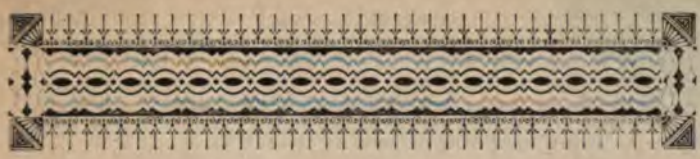
« Quem era a desventurada e, talvez criminosa dama? Dizem os commentadores, que pertencia ao solar dos Tolomei, illustre em Siena. Das varias versões da sua escola uma é muito para maravilhar. O marido ultrajado conduziu a consorte a um castello solitario, situado no centro da Maremma de Siena, onde encerrou-se com a sua victima, esperando que lhe viesse a vingança da empeçonhada atmosphera d'aquelle deserto. Respirando com ella o ar, que a ia matando queria vel-a morrer pouco a pouco. N'essa impossibilidade, permaneceu até que, segundo a expressão de Dante: a Maremma tivesse desfeito aquella, que extremosamente amara. Talvez o fundamento da triste historia esteja unicamente nos versos de Dante ; e, como tremendo enigma, impressionasse a imaginação dos seus contemporaneos.

« Como quer que fosse, involuntariamente sente estremecer o coração quem vê um lindo palacio, ornado de columnas de marmore, e ouve dizer :— Esta era a morada da Pia.»

Pia, diz o *Ottimo*, era mulher de Misser Nello da Pietra, de Siena, que foi governar a Maremma, e lá matou Pia com tanto segredo, que não se soube do crime.

[10] Epistola catholica de S. Judas Aposto, v. 9:

« Quando o archanjo Miguel, disputando com o diabo, altercava sobre o corpo de Moysés, não se atreveu a fulminar-lhe sentença de blasphemo; mas disse: Mande-te o Senhor.»



CANTO VI

1. QUANDO o jogo da *zara* é terminado, [1]
Na amargura, o que perde, só ficando,
Os bons lances ensaia constristado.
2. A turba o vencedor acompanhando,
Qual vai diante qual por traz o prende,
Ao lado qual se está recommendando :
3. A este e áquelle sem deter-se attende ;
O que lhe alcança a mão parte se apressa ;
De importunos d'esta arte se defende.
4. Cerca-me assim a multidão espessa,
Ora a uns ora a outros me volvendo,
De cada qual me livro por promessa.
5. O Aretino aqui stava : golpe horrendo,
De Ghin Tacco por máo, cortou-lhe a vida. [2]
E o que na fuga se afogou, horrendo. [3]
6. Aqui rogou-me em supplica sentida,
Frederico Novello [4] e esse Pisano [5]
Por quem Mazucco acção fez tão subida.
7. Vio Conde Orso [6] e aquelle, que o seu damno
Mortal, pelo odio e inveja, recebera,
Como dizia, não por feito insano.

8. Alludo a Pedro Brosse. [7] A que ora impera,
Do Brabante, se apressa a ter cautela,
Senão, da grei maldicta a estancia a espera.
9. Quando em fim pude me esquivar áquella
Turba, que preces sofrega pedia
Para a entrada apressar na mansão bella,
10.—« Em texto expresso»—eu disse—« ó douto Guia,
Do teu livro affirmaste que a vontade
Do ceu por orações não se movia. [8]
11. « Mas pede-as essa grei com anciedade:
Seria acaso van sua esperança?
Ou comprender não pude essa verdade?»—
12.—« Seu sentido a tua mente»—disse—« alcança;
Por van essa esperança não fallece;
Quanto é certa a razão nol-o afiança:
13. « A Justiça do ceu não desfallece,
Porque flamma de amor n'um só momento
O devedor redime, que padece.
14. « Lá onde expuz aquelle pensamento
Não podia ração solver peccado,
Pois distante de Deus estava o intento.
15. « Porém n'este problema sublimado
A' mente por quem ha summa sciencia
Te será puro lume revelado.
16. « Por quem? Por Beatriz. A continencia
Feliz ridente lhe verás, ao viso
Quando houveres subido da eminencia.»—
17. Tornei:—«Andar mais presto ora é preciso:
Como de antes, não sinto mór fadiga,
E da montanha a sombra já diviso.»— [9]
18.—« Como podemos, é mister prosiga
O passo, em quanto o dia não se finda:
Mas te engana o desejo que te instiga.
19. « Antes do cimo agurdarás a vinda
D'esse astro occulto agora pela encosta;
Não refranges os raios seus ainda.

...
...guarda :
...—
...mbarda,
...iosa,
tarda ! [10]

...ervando,
...toso.
...gando
...moda subida :
...erguntando
nossa vida.
...ava—
...a sombra, commovida,
hava,
...do—«em Mantua amada
...plexo os estreitava.
...ção morada !
... tormentoso !
...panar tornada !
...itoso
... doce terra,
... com carinho :
...olo em guerra :
...utro ferozmente
...uma só cava encerra.
...diligente
...sca em teu seio :
... infausta gente ?
... ageitar veiu
...a abandonada :
... ha causado o freio.
...leveres dedicada
... a Cesar todo o mando,
por Christo decretada ! [14]

32. Vê como, aos maus instinctos se entregando
Ira-se a fera por faltar-lhe espora,
Depois que inhabil mão stá governando.
33. Alberto de Germania ! [15] Attente agora
Que se ha tornado indomita e bravia :
Cavalgado a deveras ter outr'ora !
34. Do ceu justo castigo deveria
Os teus ferir,—tão novo e tão sabido,
Que espante o successora dmonarchia !
35. Tu e o teu genitor heis consentido,
Distantes, por cubiça, em terra extranha,
Que do Imperio o jardim steja esquecido.
36. Vê, descuidoso, na afflicção tamanha
Cappelletti e Montecchi entristecidos.
Monaldi e Filippeschi, [16] alvo de sanha.
37. Vem, cruel, ver fieis teus opprimidos:
De tanto opprobrio seu toma vingança.
Vê como em Santafior [17] estão regidos.
38. Vem ver tua Roma ! De carpir não cansa !
Viuva e só a todo o instante clama:
Vem, Cesar ! Vem ! Não mates minha esp'rança !
39. Vem ver como a si proprio o povo se ama !
E se por nós piedade não te move,
Mova-te o zelo pela tua fama!
40. Se me é dado dizer,—Supremo Jove,
Dos homens por amor sacrificado,
Mal tanto a nos olhar não te commove ?
41. Ou tens ao nosso mal apparelhado,
Lá dos conselhos teus no abysmo immenso,
Algum bem, ao saber nosso vedado ?
42. As cidades de Italia um tropel denso
De tyranos subjuga e, qual Marcello [18]
Se acclama o faccioso, á patria infenso.
43. Hasde, Florença minha, haver por bello
Este episodio a ti não referente,
Mercê do povo teu, de outros modelo.

44. Muitos, justiça tendo em peito e mente,
Por desfechar seu arco ensejo aguardam:
Teu povo a tem nos labios permanente.
45. Muitos de encargos publicos se guardam;
Mas teu povo solicito se off'rece,
Gritando :—« Prompto estou ! em dar-m'os tardam ! »—
46. Exulta ! A causa o mundo bem conhece:
Tens prudencia, tens paz, possues riqueza.
Falo a verdade, e o effeito transparece.
47. Athenas, Sparta, que a tão summa alteza
Por leis e instituições se sublimaram,
Sem governo viveram na incerteza,
48. Se, Florença, comtigo se comparam,
Que em Novembro tens visto revogadas
Leis subtis, que em Outubro se forjaram.
49. Quantas vezes hão sido transformadas,
Em breve tempo, lei, moeda, usança ?
Quantas indole e fórma renovadas ?
50. Se vês ao claro e tens viva a lembrança,
Ao enfermo has de achar que és similhante. [19]
Que, no leito jazendo, não descansa;
Em vão se agita, a dôr vai por diante,

NOTAS AO CANTO VI

As almas pedem a Dante orações, que lhes abreviem o tempo da expiação. Avista-se com Sordello. Imprecações contra a Italia em geral e contra Florença em especial.

[1] Zara, jogo de azar, em que se usava de trez dados.

[2] O Aretino é Beniucasa de Arezzo, que no exercicio do cargo de *podestá* em Siena, julgou e condemnou á morte um irmão de Ghino di Tacco, chamado Tacco, e o seu sobrinho Turino da Turrita, convencidos de crimes que haviam commettido na Maremma, como salteadores. Passou a servir em Roma, como auditor da *Rota*. Estando um dia no tribunal, entrou de improviso Ghino di Tacco, e enviando-se ao juiz apunhalou-o perante numerosa concurrencia e desassombradamente retirou-se. Ghino era de familia nobre de Asinalunga, no districto de Sisna: circumstancias especiaes obrigaram-o a viver de roubos e homicidios. Dizem os expozitores que, entre muitos feitos criminosos, praticára acções, que lhe grangearam popularidade e lhe carearam admiração como herôe assignalado em lances de melodrama. Referiam-se provas da sua generosidade na distribuição dos fructos das suas rapinas, assim como da sua extremada cortezia para com as pessoas, que lhe cahiam nas mãos.

A narração do procedimento de Ghino Tacco, feita por Boccaccio, *Decam. Giorn.* X. Nov. 2ª, quando teve no seu poder o Abbade Cligny, um dos prelados mais opulentos n'aquelle tempo, dizem os criticos fundar-se em factos veridicos. Tal foi o agradecimento, que lhe ficou tendo aquelle religioso, que do Papa Bonifacio VIII, com quem muito valia, alcançou perdão plenario para os crimes commettidos por Ghino Tacco, senão tambem a sua estima, ao ponto de nomeal-o cavalleiro e commetter-lhe um cargo importante.

O commentador Landino cita o seguinte trecho de Benvenuto de Imola:— *Ideo, lector, volo quod scias, quod iste Ghinus non fuit ita infamis ut aliqui scribunt, quod fuerite magnus sicarius et spoliator stratarum. Iste namque Ghinus Tacchi fuit vir mirabilis, magnus, membratus, niger pilo et crine, fortissimus, ut Scova lovissimus ut Papirius Cursor prudens et largus. Fuit de nobilibus de la Fratta Comitus Senarum, qui, expulsus viribus Comitum de Sancta Flora, occupavit Castrum nobile Radico fani contra Papam.*—

[3] Este foi Ciaco ou Cione ou Cuccio dei Tarlati, de Arezo. Ferido em Bibbiena, depois da batalha de Campaldino, o inimigo foi-lhe ao encalço. Para

escapar lançou-se ao Arno; mas não evitou a morte, porque afogou-se. Conta-se o caso differentemente, figurando Tarlati como perseguidor, que no impeto da carreira precipitou-se no rio.

[4] Frederico Novello, filho do Conde Guido Novello di Battifolle, morto por Tumarolo dei Bartoli, alcunhado Fornaivolo, o *fodeiro*.

[5] O Pisano foi Farinata dei Scoringiani, que tendo sido morto pelos seus inimigos, deu occasião a seu pae mostrar quanto era magnanimo; pois não só não tratou de vingar-se do assassino, senão tambem, tendo occasião de se avistar com elle houve-se como quem lhe perdoava tamanho aggravo e até beijou-lhe a mão. Marzuço havia entrado para a ordem franciscana e por esse admiravel esquecimento das offensas manifestou praticamente a sinceridade, com que renunciara o mundo e as suas paixões.

[6] Conde Orso, filho de Napoleão de Cerbaia, morto por seu cunhado (ou tio) Alberto de Mangona.

[7] Pedro de La Brosse, natural da Touraine em França, foi na mocidade barbeiro do Rei Luiz IX. Subindo ao throno o filho d'este, Philippe III, denominado Le Hardi, entrou La Brosse na sua privança e foi seu secretario. Teve, porém, desastroso fim: acerca dos motivos, que deram causa ao seu infortunio divergem as opiniões. Disseram uns que os cortezãos por inveja disposeram o animo da Rainha Maria de Brabante para accusal-o de haver tentado contra o sua vida, dando azo o facto, calumnioso ou verdadeiro, a sua prisão e morte ignominiosa em patibulo no anno de 1276. Disseram outros que fôra outro o fundamento da perseguição,— haver elle escripto cartas amorosas áquella princeza. Tambem correu que La Brosse, receiando a influencia da Rainha sobre o animo de Philippe, lhe havia levantado o aleive de que propinara veneno ao principe Luiz, primogenito do Rei e filho do seu primeiro casamento; e que, não sortindo effeito a calumnia e recahindo sobre elle proprio a imputação de tal crime, fora punido pela forca. Ao diante ficou reconhecida a verdade, a innocencia de La Brosse, victima dos invejosos, como o tinha sido Pier della Vigna, mencionada no c. XIII do *Inf.* Proclamando a, Dante vingou a memoria do infeliz La Brosse, mais um acto de justiça, que a humanidade lhe agradece.

[8] Allude ao seguinte verso da *Eneida* c. VI:

Desine fata Deûm flecti sperare precando.

[9] Virgilio, *Eclog.* I:

Et jam summa procul villarum culmina fumant,
Majoresque cadunt altis de montibus umbræ.

[10] Tasso, *Ger. Lib.*, C. X, est. 56:

Sol con la faccia torva e disdegnosa
Tacito si rimase il fier Circasso
Aguisa di leon quando si posa
Girando gli occhi e non movendo il passo.

[11] Sordello.— Raynouard, no seu estimado livro *Poésies des Troubadours* tom. V, referindo-se a antigos manuscriptos, disse que Sordello nascera em Mantua; que seu pae era um cavalleiro pouco abastado, sir Cort; que deleitava-se em compor e decorar cantigas; que competia com os homens de côrte, como auctor de canções e satyras; que indo á côrte do conde de S. Bonifacio, o qual

muito honrosamente o agasalhou, se tomara de amores com a mulher do conde, que lhe correspondia; e que se partira para a Provença, onde tivera grande apreço do conde e da condessa, que lhe doaram um castello e casaram-o com uma fidalga.

Tendo vivido quasi pelo mesmo tempo outro Sordello, nascido no fim do seculo XII e fallecido no meiado do seguinte, confundem os chronistas um com o outro, apresentando-se, no emtanto, na biographia do segundo factos muito differentes dos que se attribuem ao primeiro. Era aquelle da illustre familia dos viscontis de Mantua, onde foi *podestà*, abalizado gibellino, esforçado capitão e inimigo dos Ezzelinos, tyranos de Verona, os quaes mandaram assassinal-o, para se vingarem de offensas, mòrmente a que provinha dos seus amores com Cunizza, sua irmã.

Suppõe-se que Dante referiu-se n'este canto ao *podestà*, que escreveu no melhor dialecto italiano e não ao trovador, que metrificou em provençal. Ao primeiro igualmente alludiu no cap. XV do lib. I do tratado *Vulgari eloquio*, por estas palavras:

« *Dicimus ergo quod forte non male opinantur, qui Bononienses arjerunt pulchriori locutione loquentes, cum ab Imolensibus, Ferrariensibus et Mutinensibus circumstantibus aliquid proprio vulgari adscisemt, sicut facere quoslibet a finitimis seus convicinius, ut Sordellus de Mantua sua ossendit, Creniono, Brixio atque Verono confini; qui tantus eloquentis vir exitens non solum in poetando, sed quomodolibet loquendo, patrium vulgare deseriut.* »

[12] Ariosto, *Orl. Fur.* c. XVII, est. 76:

O d'ogni vizio fetida sentiria,
Dormi, Italia imbriaca; e non li pesa
Ch'ora di questa gente, ora di quella
Che già servati fù sei fatta ancella?

[13] Refere-se o Poeta ao Imperador Justiniano, que se immortalizou como legislador, consolidando a legislação romana n'esses monumentos, que se intitulam Codigos, Institutos, Pandectas, a que tanto devem as instituições de muitas das mais civilizadas nações.—A Italia é apresentada allegoricamente sob a imagem de um giuete.

[14] *Evangelho de S. Lucas*, cap. XX, 25:

« E então lhes disse o Senhor: Pagai logo a Cesar o que é de Cesar e a Deus o que é de Deus. »

[15] Alberto, duque de Austria, filho do Imperador Rodolpho em quem principiou a casa de Habsburgo. Succedeu a seu pae no throno e no titulo de Rei dos Romanos em 1278, depois de luctar com um concurrente, Adolpho de Nassau, vencido e morto por elle na batalha de Gelhem, n'aquelle anno. A sua eleição desagradou ao Papa Bonifacio VIII, que afinal o reconheceu; mas não teve occasião de coroal-o, porque não foi a Roma. Seus actos foram os do mau Rei, e o seu fim compadeceu-se com o seu viver, pois morreu em 1308 assassinado por conspiradores capitaneados por seu sobrinho João de Suabia, a quem despojára do patrimonio. Este é o justo castigo de que fala o Poeta.

Os que asseveram ter Dante escripto, pelo menos, parte do seu poema antes do seu desterro, vêm n'este canto a prova de que elle escrevia depois de 1308.

O successor de Alberto foi Henrique de Luxemburgo, aquelle Imperador, em quem tanto esperava Dante e cuja morte em 1313 foi golpe mortal para os gibelinos.

16 Montecchi e Capelletti, familias de Verona, cujas desavenças foram immortalizadas por Shakspeare no drama *Romeu e Julietta* — Mondildis e Philipeschis eram familias de Orvieto, que tambem viveram em competencia.

17 Santafiore, situada entre Siena e Pisa.

18 A historia de Roma commemora trez homens notaveis com o nome de Marcello.

O primeiro foi Marco Claudio Marcello, Consul cinco vezes e assignalado general. No anno 222 antes de J.C. venceu os Gallos em Clastidio, combatendo-se com o seu Rei Classidio, que foi morto, feito a que se seguiu a submissão da Gallia Cisalpina. Depois da batalha de Cannas oppoz-se a Annibal victorioso, e em Nola derrotou-o duas vezes. Transferiu-se a Sicilia e assenhoreou Syracusa, ao cabo de trez annos de cerco. Tornando á Italia venceu outra vez Hannibal em Canusio; mas, passado algum tempo cahiu n'uma emboscada que lhe armára o general carthaginez e perdeu a vida.

O segundo foi Marco Claudio Marcello, eleito consul no anno 51 antes de J. C. No senado propoz a exoneração de Julio Cesar do governo das Gallias. Declarou-se por Pompeu na guerra civil, cujo desenlace e em Pharsalia deu a Cesar o supremo poder em Roma. Desterrou-o o dictador, mas pouco depois, movido pelas supplicas dos amigos de Marcello, permittiu que voltasse a Roma. A oração de Cicero *pro Marcello* foi proferida n'essa occasião. Mallogrou-se, porém, a clemencia de Cesar: Marcello não voltou á patria; fôra assassinado por um escravo.

Parece que a este referiu-se Dante.

O terceiro foi o filho de Octavia, irmã de Augusto e de Marco Claudio Marcello Esermio. Augusto o perfilhou, casou-o com a sua filha Julia, e tinha o designado para seu successor. Os seus predicamentos auspiciavam-lhe esplendido futuro, quando repentinamente falleceu. A inesperada e sentida morte foi por alguns attribuida a veneno, e o crime lançado á conta de Livia, mulher de Augusto, a mãe de Tiberio.

Este é o Marcello, á cuja memoria Virgilio endereçou estes famosos versos da *En.* c. VI:

Atque hic Æneas (una namque ire videbat
Egregium forma juvenem et fulgentibus armis,
Sed frons lata parum, et desejo lumina voltu):
Quis pater, ille, virum qui sic comitatur euntem?
Qui trepitus circ comitum! quam instar in ipso est!
Sed nox atra caput tristi circumvolat umbra
Tunc pater Anchises, lacrimis ingressus obortis:
Onate, ingentem luctum ne quære tourum:
Ostendent terris hude tantum fa:ta, nequem ultra
Esse sinent. Nimium robis Romana propago
Visa potens, Superi, propria h.e si dona fuissent.
Quantos etle vèràm magnam Mævortis adurbem
Campus aget gemitus! vel quæ, Tibenne, videbis
Fudera, quum tumulum proterlabere recentem.
Nec pater Iliaca quisquam de gente Latinos
In tantum spe tollet avos; nec Romula quondam
Ullo se tantum tellus jactabit alumno.
Heu pietas, heu prisco fides, invictaque bello
Dexterà! non illi se quisquam impune tulisset
Obvius armato, deu quum pedes iret in hostem,
Seu spumantis equi fodere calcaribus armos
Heu, miserande puer! si qua fata aspera rumpas,

Tu Marcellus eris. Manibus date lilia plenis:
Purpureos spargam flores, animamque nepotis
His saltem adcumulem donis et fungar inani
Munere.

Traducção do J. F. Barretto:

Mas aqui Eneas (Vendo ir junctamente
Um mancebo de forma peregrino
E dos arnezes esplendidos ornado,
Porém no aspecto triste e carregado):
—Quem ó Padre, aquelle é que assi a seu lado
Segue esse varão, disse? por ventura
E' filho ou algum neto desgraçado
Da nossa illustre geração futura?
Com que estripito os seus o tem cercado!
Com quanta propriedade se afigura!
Porém a noite já com triste sombra
A cabeça em redor lhe cerca e assombra.
Então o Padre Anchises, e entretanto
Em lagrimas se banha lastimado:
Dos successores teus o largo pranto
Não procures saber, o filho amado.
Este ás terras sómente por espanto
O hade dar e tirar a um tempo o Fado;
Já vos parece muito, ó soberanos,
Se estes dons fossem proprios, os Romanos.
Quanto ai! aquelle campo do sanguino
Marte á cidade enviará potente!
Ou que funeraes pompas, Tiberino,
Verás libando o tumulo recente!
Aos Latinos avôs nenhum menino
Dará esperança tal da Tuuera gente,
Nem a Romulea terra (assi opportuno)
Se jactará de haver igual alumno.
Ah! piedade! Ah! fé antiga triumphante!
Dextra! Ninguem Jámais estando armado
Ousaria encontral-o, que no instante
Não fosse logo d'elle castigado,
Ou fosse a pé talvez, ou do espumante
Bruto ferisse co'a espora o lado;
Se o cruel Fado, ó miserando e bello
Mancebo, vences, tu serás Marcello.
Dai-me a mancheias, rosas, dai-me amenos
Lyrios e suavissimos licores
E em cima dos seus bellos e serenos
Olhos espalharei purpureas flores.
Goze alma de tal neto pelo menos
Este vão beneficio e dons menores.

19. O cardeal de Polignac no seu famoso poema *Anti-Lucretius*: lib. I:

Ceu lectum peragrat membris languentibus æger
Inlatus alterne lævum dextrumque recumbens:
Nec juvat; inde oculos tollit resupinus in altum,
Nusquam inventa quies, semper quæsita, quod illi
Primum in delicus fuerat, mox torquet et angit;
Nec morbum sanat, nec falli tædia morbi.

Ariosto, *Orl. Fur.*

Come l'infermo che divotto e stanco
Di febbre ardente, va cangiando lato;
O sia sull'uno o sia sull'altro fianco
Spera aver, se si volge, miglior stato.
Ne sul destro riposa, nè sul manco,
E per tutto ugualmente è travagliato.

CANTO VII

1. DE doce affeito as mutuas mostras sendo
Por trez e quatro vezes reiterado,
—« Quem sois ? »—se retrahiu Sordel dizendo
2. « Tinha Octavio os meus ossos sepultado
Já quando a este monte se elevaram
Almas que o bem havia Deus chamado.
3. « Virgilio sou: do ceu não me afastaram
Peccados; me faltava a fé sómente. »—
Do meu Guia estas vozes lhe tornaram.
4. Como quem ante si vê de repente
Maravilha : ora crê, ora duvida,
E diz:—E' certo ou minha vista mente ?—
5. Assim essa alma. Dobra a fronte erguida
Humildemente, ao Vate se avisinha
E lhe abraça os joelhos commovida. [1]
6.—« O'gloria dos Latinos ! »—disse azinha—
Que ergueste a lingua nossa á tanta altura !
Honra eterna da amada patria minha !
7. « De ver-te o que me dá graça e ventura ?
Dize, se di'no de te ouvir hei sido,
De qual circulo vens da estancia escura. »

8.—« Tenho até aqui » Virgilio diz «—subido,
Do triste reino os circ'los visitando,
Sou do ceu por virtude conduzido.
9. « Não por fazer, mas de fazer deixando,
Ver o sol, que desejas, me é vedado :
Conheci-o já tarde— ai miserando !
10. « Lá em baixo um logar foi destinado
Não a martyrio, á treva onde ha sómente
Suspiros, não gemer de angustiado.
11. « Alli stou eu, no meio da innocente
Grei, que a morte cruel mordeu, em quanto
Da culpa humana inda era dependente.
12. « Com aquelles stou eu, em quem seu manto
Trez celestes virtudes [2] não lançaram,
Lhes dando á vida o mais suave encanto. [3]
13. « Mas sabes se veredas se deparam
Que ao Purgatorio a entrada facilitem ?
Os indicios nos diz, se te constaram. » —
14. Tornou :—« Logar não ha, que almas habitem
Aqui ; na direcção vou, que me agrada :
Guiarei quanto os passos me permittem.
15. « Mas vê : declina o dia ; na jornada,
Que fazeis, caminhar a noite veda [4]
Busquemos sitio a commoda pousada .
16. « A' dextra e á parte multidão stá queda :
Iremos até lá, se acaso o queres,
Talvez te seja a sua vista leda. »—
17. E o Mestre :—« Como ? Pelo que proferes
Impossivel será subir sem dia ?
Ou a alguem,que o prohiba, te referes ? »—
18. Com seu dedo Sordel linha fazia
No chão e disse :—« Além ninguem passara
Se, ausente o sol, a noite principia.
19. « Mas obice qualquer não deparara
Quem caminhar, subindo, pretendesse :
Para tolhel-o a noite já bastara.

20. « Bem podera baixar, se lhe approuvesse,
Pelo declive em volta da montanha :
Em quanto o sol sob o horizonte desce. »—
21. Torna Virgilio então, que ouvindo extranha:
—« Ao logar, que nos dizes, pois, nos guia,
Onde a demora o jubilo acompanha. »—
22. Pouco longe dalli notei que havia
Depressão na montanha, similhante
A' que na terra um vale formaria.
23.—« Iremos »—disse a sombra «—um pouco avante
Té onde a encosta encurva, se escavando:
De lá voltar vereis a luz brilhante. »—
24. Entre a escarpa e o plano se inclinando
Trilha ao valle conduz obliquamente,
O pendor mais que ao meio, se adoçando.
25. Prata, alvaiade, gran, ouro fulgente,
Indico lenho limpido e lustroso,
Pura esmeralda, ao lapidar, luzente, [5]
26. Por flores e hervas d'esse val formoso
Se achariam na côr escurecidos
Como cede o mais fraco ao mais forçoso.
27. Aos donosos esmales espargidos
Mil suaves aromas se ajunctavam,
Em perigrino muito reunidos.
28. Sobre a relva entre as flores entoavam
Salve Regina, as almas, que da vista
Externa no recinto se occultavam.
29.—« Do sol em quanto a luz inda persista »—
O Mantuano disse, que nos guia—
« Ir não queiras a grei que de nós dista.
30. « Gestos e vultos seus conheceria
Qualquer de vós d'aqui mais claramente
Do que, de perto os vendo, o poderia.
31. « O que parece, aos outros eminente,
Da quebra em seus deveres pezaroso
E a geral melodia ouve silente,

32. « E Rodolpho que fora [6] poderoso
Conta o mal que já tem a Italia morta :
Quem lhe dará porvir esperançoso ?

33. « O que com seu semblante ora o conforta
Governava esse reino onde a agua brota,
Que o Molta ao Albia, o Albia ao mar transporta.

34. « E' Ottikar : [7] na infancia melhor nota [8]
Teve que o filho, Wenceslau barbudo,
Na luxuria e preguiça a vida esgota.

35. « Morrendo, o que não tem nariz agudo [9]
E fala a esse outro de benino aspeito,
Deixou dos lizes deslustrado o escudo.

36. « Attentai : como bate elle no peito!
Vêde aquelle que ao ar suspiros lança [10]
Da mão fazendo á sua face um leito.

37. « Sogro e pai do flagello são da França ; [11]
Scientes do viver seu vergonhoso,
Dor stão sentindo. que ora não descança.

38. « Esse membrudo, [12] que o cantor piedoso
Segue do que nariz tem desmarcado, [13]
Das virtudes no culto foi zeloso.

39. « Se o mancebo, ora atraz d'elle assentado, [14]
Ao throno succedera-lhe, subira
Valor de um Rei por outro fôra herdado.

40. « Dos maus herdeiros qual poz nisso a mira ?
Jayme Fred'rico havendo os reino tido, [15]
Nenhum a melhor parte possuira.

41. « Rara vez tem nas ramas resurgido
Primor alto da estirpe assim o ordena
Aquelle, a quem ser deve o bem pedido.

42. « Ao narigudo applicação tem plena
Meu dicto e a Pedro, que ao seu lado canta :
Apulia com Provença, geme e pena.

43. « Tanto ao seu fructo excede em preço a planta,
Quanto, mais que Beatriz e Margarida,
Constança acções do esposo seu decanta. [16]

44. « Alli vêdes o Rei de simples vida
Sentado á parte, Henrique de Inglaterra : [17]
Teve este em ramos seus melhor sahida. [18]

45. « Mais abaixo notai sentado em terra
Marquez Guilherme [19] e para o alto olhando,
Por quem, soffrendo Alexandria guerra, [20]
Montferrat, Canavese [21] estão chorando. »—

NOTAS AO CANTO VII

Guiados por Sordello, os Poetas encaminham-se para um ameno valle, onde se tem de terem até o dia seguinte, interrompendo a sua jornada. Estanceam alli as almas d'aquelles, que demoraram a hora do arrependimento sorvidos nos cuidados do poder. São indicados a Dante varios principes e potentados.

[1] Ariosto, *Orl. Fur.* c. XXIV, est. 19:

Saltaro a piedi, e con aperte braccia
Correndo se n'andar verso Zerbino,
E l'abbracciaro ove il maggiòr s'abbraccia,
Col capo nudo e col ginocchio chino.

[2] As trez virtudes theologaes: Fé, Esperança e Caridade.

[3] As quatro virtudes cardeaes: Prudencia, Justiça, Fortaleza e Temperança.

[4] *Evangelho de S. João*, cap. XII, 35:

« Ainda por um pouco de tempo está a luz comvosco. Andai em quanto tendo luz, para que vos não apanhem as trevas; porque quem caminha em trevas não sabe para onde vai.»

[5] Milton, *Parad. Lost*; c. IV:

Under foot the violet,
Crocus and hyacinth wth rich inlay
Broider'd the ground, more colour'd than with stone
Of costliest emblem.

Ariosto, *Orl. Fur.* c. XXXIV, est. 49:

Zaffir, rubini, oro, topazi e perle
E diamanti e crisoliti e jacinti
Potriano i fiori assimigliar, che perle
Liete piagge v'avea l'aura dipinti:
Si verdi l'erbe, che possendo averle,
Quagiu, ne foran gli smeraldi vinti;
Ne menbele d'agli arbori le frondi
E di frutti e di fior sempre fecondi.

Camões. *Lus.* c. IX. est. 60 e seg.:

Pois a tapeçaria bella e fina,
Com que se cobre o rustico terreno,
Faz ser a de Achemenia menos dina,
Mas o sombrio valle mais ameno;
Alli a cabeça a flor Cephisia inclina
Sobolo tanque lucido e sereno:
Florece o filho e neto de Cinyras
Por quem tu, deusa Paphia inda suspiras

Para julgar difficil cousa fôra,
No ceu vendo e na terra as mesmas cores,
Se dava ás flores com a bella aurora,
Ou se lhe dão a ella as bellas flores.
Pintando estava alli Zephyro e Flora
As violas da cor dos amadores,
O lirio rouxo, a fresca rosa bella
Qual reluze nas faces da donzella.

6 Rodolpho I. Imperador da Allemanha, em quem começou a dynastia da casa de Habsburgo, ainda hoje reinante na Austria-Hungria, nasceu em Limburgo (Brisgau) em 1218 e falleceu em Spuré em 1291. Herdou em 1240 os dominios de seu pae, Alberto o sabio, conde de Habsburgo, landgrave da alta Alsacia e burgrave de Rheidsfold. Vivera até então nos campos, mas desde então, levado pela sua indole marcial, tratou de augmentar o que já possuia. Serviu tambem sob as ordens de alguns potentados, como Ottokar, Rei da Bohemia, em guerra contra os Prussianos, idolatras e Bela, Rei da Hungria. N'esses e n'outros commettimentos em que provou notavel capacidade e superiores predicamentos alcançou geral estima das differentes cidades da Allemanha, ás quaes defendeu a segurança e os direitos.

Em 1273 os eleitores do Imperio nomearam-o Rei dos Romanos e Imperador da Allemanha. Para confirmar a benevolencia do Papa Gregorio X, sanccionou todas as doações anteriormente feitas a Santa Sé pelos Imperadores, manifestando-lhe o firme proposito de entrar em cruzada contra os Sarracenos. Mas como Ottokar, Rei da Bohemia, negava-se a reconhecer a autoridade do novo Cesar, Rodolpho o constrangeu á obediencia pela força das armas, assenhoreando-se da Austria, a Styria, a Corinthia e outras possessões d'aquelle monarcha. Passaram-se estes acontecimentos em 1276; mas dois annos depois foi-lhe preciso retreiar segunda revolta de Ottokar: sendo seu proposito restabelecer no Imperio a paz e dar impulso ás providencias mais acertadas para a boa administração de justiça, houve com energia tal, que entre outros actos, condemnou á morte muitos fidalgos principaes da Thuringia, convencidos de violencias contra o povo, e mandou arrazar setenta fortalezas, onde se acolhiam outros havidos por salteadores desentreiados.

Consoante foi o seu procedimento para com diversos principes, entre os quaes sobresahia o Duque de Borgonha, e do mesmo modo serenou as perturbações que agitavam a Bohemia. Fallecendo deixou nome illustre, recommendado á historia pelos seus incansaveis esforços em pró da civilisação e industria, tanto mais para admirar, quanto parecia invencivel o pendor dos animos á desordem e anarchia.

7 Ottokar II, o victorioso, Rei da Bohemia, em 1253. Era tambem soberano da Austria, Corinthia, Camiola e Styria, em parte adquiridas por conquista. Em guerra contra a Prussia, então possuida por idolatras, apoderou-se de

grande extensão do seu territorio. Como um dos mais poderosos principes da Allemanha, foi indicado para a dignidade imperial; mas recusou-a. Tendo a escolha recahido sobre Rodolpho de Habsburgo, Ottokar não quiz sujeitar-se á ceremonia, usada e admittida pelo feudalismo, do preito e homenagem ao novo Imperador. Rodolpho declarou-lhe guerra, tomou-lhe a mór parte dos seus Estados, e afinal obrigou-o á sujeição. Tentou ao diante subtrahir-se á obediencia, instigado pelas hesitações de sua mulher, imprudencia, que lhe custou a vida na batalha de Laa em 1278. — *Molta* é o Moldara que atravessa Praga, affluente do Elba, o antigo Albis.

[8] Wenceslau IV, por antonomasia o *Velho*, filho de Ottokar II, subiu ao throno da Bohemia em 1283. Quando falleceu seu pae, estava elle na menoridade, sendo por isso a regencia entregue ao Marquez de Bromdeburgo, seu primo, que exerceu-a por espaço de cinco annos. Em 1300 foi eleito Rei da Polonia; e pouco depois foi-lhe offerecida a corôa da Hungria, que não aceitou, cedendo-a, porém, a seu filho Wenceslau V. Falleceu em 1305.

Diz o *Ottimo* que Wenceslau foi bello em summo grau, dado aos exercicios ecclesiasticos, de indole pacata e mansa, tendo vivido pouco tempo.

[9] Philippe III, Rei de França, por appellido o *Ousado*, filho de Luiz IX, nasceu em 1245. Subiu ao throno por occasião do lamentavel fim de seu pae, morto de peste nas cercanias de Tunis (1270), onde recebeu os primeiros cavalleiros e barões. Tendo em alguns combates rechaçado os Mouros, habilitou-se a concertar pazes; e assim conseguiu tornar á França conduzindo o exercito, já dezimado pela epidemia. A perda de varias pessoas da sua familia foi compensada pelos dominios, que deixaram e que foram encorporados ao reino, como o condado de Tolosa, o Auvergne, o Poitou e outras provincias, em cujo numero se comprehendia o condado Venaissino, que cedeu ao Papa Gregorio X. Depois de ter reprimido a rebellião dos Condes de Foix e Armagnac, emprehendeu, em duas expedições á Hespanha, no intuito de retribuir o throno da Castella aos infantes de Lacerda e de hostilizar Pedro, Rei de Aragão, á cuja conta lançava o morticinio das Vesperas Sicilianas. Mas, derrotado por mar e por terra, viu-se obrigado a retirar-se, e enfermando gravemente expirou em 1285 em Perpignan.

[10] Henrique de Navarra pae de Joanna, mulher de Philippe o Bello.

[11] Philippe IV, o Bello, Rei de França, filho de Philippe o Ousado, elevado ao throno logo apoz a morte de seu pae, concluiu a guerra do Aragão por tratados de paz, em virtude dos quaes a Sicilia ficou pertencendo á casa de Aragão e o reino de Napoles a Carlos, o Coxo. Com este monarcha principiou a decadencia das instituições da Meia-idade, por se ter elle em todo o seu reinado mostrado adverso ao poder federal e ao poder ecclesiastico, com quanto praticasse actos que o caracterizaram como tyrano, a quem não pezavam crueezas, perfidias e rapinas e extorsões. Pelo violento exercicio do poder absoluto deu largos passos para constituir a unidade da nação franceza; mas houve-se em modo tal, que a sua memoria foi, por espaço de muitos seculos objecto de aversão e odio. Hoje em dia, porém, a historia, considerando os resultados politicos do seu reinado, o colloca entre os grandes Monarchas, não obstante os seus graves erros e clamorosas injustiças.

Depois de cincoenta annos de paz, declarou guerra á Inglaterra (1293); e a concluiu seis annos depois por convenção, mediante a qual Philippe deu sua filha Isabel em casamento ao filho de Eduardo, Rei de Inglaterra, tendo por dote Guyenna, mas sob a suzerania da França. Seguiu-se outra guerra contra os Flamengos, que se revoltaram em 1302, e que, posto inferiores em poder venceram os Francezes na celebre batalha de Courtray, onde a flor da fidalguia perdeu a vida. Esse grande feito de armas não poude ser assaz contrastado por

outros em que as Communas de Flandres ficaram derrotadas; e, pois, inevitavel foi o reconhecimento da independencia d'aquelles povos, com excepção de algumas cidades.

Essas guerras reduziram Philippe ao extremo de soccorrer-se á fraude alsificando as moedas e pintar o clero, de quem exigiu onerosos subsidios, com quebra dos seus previlegios. Interveio o Papa Bonifacio VIII em pról dos interesses eclesiasticos: desattendido excommungou o rei e lançou a interdicção no reino. Philippe respondeu-lhe mandando queimar a bulla de excommunhão e appelando para os sentimentos patrioticos do povo, a quem repugnava que o Papa quizesse tratar a França como seu feudo. Exacerbando-se cada vez mais as paixões, enviou o Rei o seu chanceller Nogaret, incumbido de prender Bonifacio e conduzil-o a Lion, afim de entregal-o ao julgamento de um concilio. Não teve exito a commissão: seguio-se a morte do Papa e, com breve intervallo, a do seu successor Bento XI. Elevado ao solio pontifical outro, feitura do Rei da França, sob o nome de Clemente V, submetteu-se ás ordens de Philippe, sendo uma das mais injustas e abominaveis a suppressão e condemnação da ordem dos Templarios, cujas grandes riquezas foram confiscadas, cujos chefes principaes, inclusive o Gran Mestre, padeceram morte affrontosa na fogueira, sob o pretexto de heresia.

Desgostos domesticos annuviaram o ultimo periodo da sua existencia. Falleceu em 1314.

[12] Pedro III, Rei de Aragão, filho de Jayme I e Yoalanda da Hungria, nasceu em 1236. Assignalou-se por guerras contra os Mouros e não menos pelo odio fidagal com que perseguiu o seu irmão natural Ferdinando Sancho, de cuja pessoa afinal se apoderou para matal-o por submersão, em 1275. Por vezes rebellaram-se contra elle os fidalgos da Catalunha; mas tiveram de submetter-se ou por concerto ou pelas armas. A Sicilia, a cuja corôa allegava direitos, estava sob o mando e dominio de Carlos de Anjou: Pedro estimulou João de Procida para a conspiração que rematou nas Vesperas Sicilianas, em 1282. Levantado a Rei d'aquella ilha, entrou em lucta com Carlos de Anjou, e ao mesmo tempo com o papa Martinho IV, que, depois de excummumgal-o, deu o reino de Aragão a Carlos de Valois, e com o Rei da França, Philipe III, superou todas as difficuldades. O mais poderoso dos seus inimigos, Philippe III, que invadira a Hespanha, á frente de numeroso exercito viu-se constrangido á desastrosa retirada, custando-lhe o commettimento a propria vida. Já a esse tempo lhe fôra relevada a excommunhão sem perda da corôa da Sicilia, que transmittiu a Jayme, um dos seus filhos procedentes do seu casamento com a princeza Construcia, filha de Manfredo, o vencido de Tagliacozzo. O throno de Aragão coube ao primogenito Alfonso; a filha, Isabel, foi a mulher do Rei Diniz de Portugal, tão virtuosa, que mereceu a canonização.

Pedro III falleceu em 1285.

[13] Carlos de Anjou. Perrens, *Hist. de Florença:*

« Nono e ultimo filho de Luiz VIII e Branca de Castilha, Carlos de Anjou parecia um verdadeiro Hespanhol. Magro, nervoso e robusto, tinha parecer desconversavel e desabrido, por effeito da sua tez morena, dos seus olhos penetrantes, como os da aguia, do seu grande e proeminente nariz. S. Luiz, seu irmão, como legitimo Francez era assaz expansivo e de agradavel conversação, ás vezes um pouco ironico; Carlos, porém, distinguia-se pela altivez e taciturnidade á hespanhola. Rara vez o sorriso soabria os labios: jogrães, menestreis, tregeiteiros não lhe apraziam. Por ceder á moda deu-se a composição de versos, mas não por gostar de damas, que então sómente os inspiravam. Seu orgulho castelhano com a minima circumstancia se exaltava, como a de ter nascido filho de Rei quando Luiz nascera de principe ainda não reinante. A sua piedade, sincera como a de seu irmão, affirmava-se de mais a mais por mili-

tante: queria pelo gladio fortalecer a Igreja, imagem viva da religião. Campear pela Igreja em pról dos proprios interesses, alcançar a salvação da sua alma rela conquista de um reino, parecia o cumulo da perfeição a seu animo ambicioso e devoto. Na cruzada ganhára fama e gloria de paladim, e mostrára predicamentos de conquistador. De Rei possuia as qualidades e defeitos; a magestade regia reslumbrava na sua pessoa mais do que na dos seus irmãos. Tinha por perdido o tempo consumido no somno em vez de ser empregado no conselho e na acção. Na devoção e altivez de sua alma, guardava a honestidade de um religioso, sabia ser nas promessas sincero e exacto. Gostava dos exercicios venatorios, de que folgam os principes, ao passo que nos seus Estados honrava os estudos, pendor que aos Reis dá honra e traz proveito. Cubiçava dinheiro, como territorio; gravava os povos de alcavalas, sendo remisso em pagar dividas, em galardoar serviços, generoso sómente quando haviam mister os seus interesses. Pertinaz nos seus intentos, não sentia escrupulos na applicação dos meios. Affeito a cruezas, levemente sacrificava a vida dos outros, derramando sangue ou nos campos de batalha ou nos patibulos. Em tão pouco havia a multidão humana, não lhe dava reinar pela miseria, onde deparára a prosperidade. Poucos o amavam, todos o temiam, sem excepção dos Reis, sendo por indole mau e terrivel e não menos habil e energico. »

[14] Philippe III de Aragão teve quatro filhos—Alfonso, Jayme, Frederico e Pedro. Ignora qual possuia as qualidades mencionadas n'este terceto.

[15] Filhos de Philippe III de Aragão.

[16] Constancia, viuva de Pedro III.—Beatriz e Margarida, filhas de Raymundo Berenguer, conde da Provença ; casou-se a primeira com Luiz IX da França, e a segunda com Carlos de Anjou.

[17] Henrique III, da Inglaterra, filho de João Semi-Terra, subiu ao throno em 1216, á morte do seu pae e no nono anno da sua idade, sendo por isso a governança commettida a uma regencia, que exerceu o conde de Pembroke. As desordens e os alvorotos que suscitaram os barões do reino, que persistiam na defensa dos direitos conferido por João Semi-Terra na *Magna Carta*, deram causa á grande pertubação, de que resultou ser chamado para reinar na Inglaterra o principe João, filho do Rei da França onde reinou depois com o nome Luiz VIII. Henrique conseguiu afastar o seu competidor; mas tentou a sorte das armas para recuperar os seus dominios em França, tomados por Philippe Augusto. Mallograram-se as suas esperanças pela perda de duas batalhas em Taillebourg e Saintes, em 1242, após as quaes o vencedor, Luiz IX, foi tão generoso, que lhe concedeu parte do territorio, que pertencera á corôa britannica, isto é, a Guyenna, mediante a cessão da Normandia, do Poitou, do Maine, do Anjou. Igual foi o exito dos seus commettimentos para entrar na posse do reino da Sicilia, que o Papa lhe outorgára, e para assenhorear a Escossia. Entrando novamente em contenda com os barões, dirigidos por Simão de Monfort, conde Leicester, foi constrangido á aceitar os estatutos de Oxford em 1258. Em breve faltou aos ajustes, seguindo-se a batalha de Sèvres (1264), da qual sahiu prisioneiro. Acudiu-lhe seu filho Eduardo, que derrotou os barões e restituiu a Henrique o regio poder, em que permaneceu até a sua morte em 1272.

[18] Eduardo I, filho de Henrique III e Leonor de Provença, appellidado *Long Shanks*, governou, em vida de seu pae a Guyenna, acompanhou-o na lucta contra os barões, capitanedos por Simão de Monfort, foi com seu pae prisioneiro em Lewes, e, evadindo-se, reuniu soldados e desbaratou os adversarios na batalha de Evesham. Militou depois em Tunis, passou ao Oriente, d'onde voltou para reinar, em logar de seu pae, que fallecera. Manifestou desde logo amor á justiça e a proposito de cumprir as obrigações contrahidas, actividade e rigor na repressão dos abusos e crimes. Aos povos de Galles, que viviam em

independencia secular, declarou guerra e após cruentas pelejas, sujeitou-os ao jugo. Desde então os herdeiros do throno na Inglaterra denominaram-se Principes de Galles. Não se passára muito tempo, quando emprehendeu a conquista da Escossia, que artificiosamente conseguiu e depois confirmou, vencendo e aprisionando Baliol, a quem fizera eleger Rei d'esse paiz. Mas em breve os Escossezes, sob a conducta de Wallace, o Rei das Montanhas, desfraldaram a bandeira da independencia e lançaram do solo nacional os exercitos inglezes, dolorosamente sangrados pelo seu ferro. Eduardo acudiu á frente de numeroso exercito, e ganhou a batalha campal de Falkirk em 1298, que não foi sufficiente para suffocar a revolta. A lucta proseguiu até que Wallace foi vencido e prisioneiro, perdendo depois a vida no patibulo em castigo do seu patriotismo. O Rei da Inglaterra falleceu em 1307, quando se fazia prestes para entrar mais uma vez na Escossia sublevada á voz de Roberto Bruce.

[19] Guilherme, Marquez de Monferrato, foi preso pelos habitantes de Alexandria e encarcerado n'uma jaula de madeira, na qual era exposto á irrisão, como alimaria feroz. Assim permaneceu dezoito mezes, até que com a vida terminaram os seus infortunios.

[20] Alexandria, cidade do Piemonte, fundada em 1168 pela Liga Lombarda para defender-se das aggressões do Imperador Frederido Barba-Roxa. Em honra do Papa Alexandre III foi assim denominada. Como foi edificada em pouco tempo e com materias pouco estaveis, Frederico a chamava *Allessandria della Paglia*, nome que lhe ficou.

[21] Canavese, região pouco extensa da Italia, que já fez parte de Monferrato.

CANTO VIII

1. Era o tempo, em que mais saudade sente
Do navegante o coração no dia
Do adeus a amigos, que relembra ausente;
2. E ao novel peregrino amor crucia,
Distante a voz do campanario ouvindo,
Que ao dia a morte, flebil, denuncia.
3. Não mais ouvia os olhos dirigindo
Perto um espirito vi que levantado,
Acenava, que ouvissem-o pedindo.
4. E, havendo as duas mãos juntas alçado,
Parecia, olhos fitos no Oriente,
A Deus dizer : E's todo o meu cuidado !
5. *Te lucis* [1] entoou devotamente
Com tão suave, tão piedoso canto,
Que me enlevava em extasis a mente.
6. Com igual devoção e igual encanto,
Nas supernas espheras engolfados,
Repetiram os outros o hymno santo.
7. Leitor, tem da alma os olhos afiados
Para os veus da verdade penetrares :
Facil é, tão subtis são, tão delgados.

8. A nobre turba, após os seus cantares,
Calou-se : então notei que, como á espera,
Pallida e humilde a vista erguia aos ares.
9. E vi sahir descendo, da alta esphera
Anjos dois, empunhando flammejantes [2]
Gladios a que troncada a ponta era.
10. Verdes quaes folhas novas vicejantes,
As vestes suas são, as agitando
As plumas das suas azas viridantes
11. Um acima de nós se collocando,
Baixara o outro sobre o lado opposto,
D'esta arte as almas de permeio estando.
12. A flava coma via-lhes ; seu rosto
Contemplar impossivel me seria:
Confunde a vista o lucido composto.
13. « Do solio ambos descendem de Maria»
Sordello diz—a do valle por amparo,
Onde a serpente vai chegar impia.»
14. Por onde ella viesse estando ignaro
Em torno olhei e, de terror tomado,
Busquei refugio ao pé do amigo caro.
15. Sordel prosegue:—« E' de falar chegado
Aquelles grandes spiritos o instante:
Ledos serão de ver-vos ao seu lado.»—
16. Para baixar ao val me foi bastante
Trez passos dar : um spirito fitava
Perscrutadora vista em meu semblante.
17. Já de sombras o ar se carregava;
Mas aos seus e aos meus olhos embaraço
Não era para vêr-se o que alli stava.
18. A mim vem, eu p'ra elle aperto passo
Nino [3] eximio juiz quanto me agrada
Ver-te liberto do infernal regaço !
19. De affecto após a mostra reiterada,
Inqueriu :—« Por longinquas aguas quando
Chegaste ao pé da altura alcantilada ? »

20.—« Oh !»—lhe tornei—« esta manhan, passando
Pela triste mansão : ainda a vida
Primeiro gozo e a outra vou buscando. »—
21. Mal fôra esta resposta proferida,
Nino e Sordel, de pasmo, recuaram;
Como se fôra maravilha ouvida.
22. Ao Vate este volveu-se ; e se escutaram
Vozes de Nino a outro :—« Vem Conrado,—
De Deus ver o que as leis determinaram ! »
23.—« Por essa gratidão»— a mim voltado
Disse—« que ao Ente deves invisivel,
Cuja acção comprender nos é vedado.
24. « Te imploro que, em passando o mar temivel,
Digas á filha minha [4] que supplique
Por mim : Deus á innocencia é tão sensivel !
25. « Não creio que em pról meu a mãe, [5] se applique
Depois que os brancos veus trocou demente:
Dôr terá infeliz !—que mortifique
26. « Se conhece, por ella, facilmente
Quanto em mulher de amor fogo perdura
Se o caminho fallece e o olhar frequente.
27. « Não lhe fará tão bella sepultura
A vibora [6] com que Milão se ostenta,
Como a fizera o gallo de Gallura.»—
28. Assim dizia Nino. Ainda o alenta
O justo zelo, que transluz no rosto,
Que, brando ardendo, o animo aviventa.
29. Avido os olhos tinha eu no céo posto,
A' parte em que os luzeiros são mas lentos,
Qual roda onde o seu eixo está disposto.
30. E o Mestre :—« Os olhos ao que tens attentos ? »—
Respondi-lhe:—« Aos trez astros luminosos, [7]
Que o polo accendem, celicos portentos. »—
31.—« As quatro estrellas »—me tornou—«formosas,
Que por manhan já vimos, se occultaram.
Ahi mesmo estas surgem fulgorosas.»—

32. Sordel, quando estas vozes me voaram,
O tira a si dizendo:—« eis o inimigo ! »—
Os olhos o seu dedo acompanharam.
33. Do val na parte exposta ver comsigo
Uma serpe, que a rastos colleava:
Talvez o pomo deu, de Eva perigo. [8]
34. Entre as hervas e flores avançava,
A um lado e a outro a fronte volteando ;
Lambendo o dorso, a lingua dilatava.
35. Não pude ver como ao reptil nefando
Os celestes açores se enviaram ;
Mas attonito os vi ambos pairando.
36. O sussurro que as azas no ar formaram,
Em sentindo, fugiu presto a serpente:
Os anjos logo aos postos seus tornaram.
37. A sombra, que viera em continenti
Do juiz ao chamado em quanto o assalto
Durou, me estava olhando attentamente.
38.—« Tenha o phanal, que te conduz ao alto
No teu desejo válido alimento !
De luz para subir não sejas falto !
39. « Mas se houveste» — me diz—« conhecimento
De Valdimagra ou terra que confina,
Declara : eu de poder lá tive augmento.
40. « Chamado fui Conrado Malaspina ; [9]
Não o antigo, porém seu descendente ;
Amor, que tive aos meus aqui se afina.»—
41.—« Lá não fui» — respondi-lhe reverente—
«Mas da Europa em que parte a excelsa fama
Dos feitos vossos não tem echo ingente ?
42.« A gloria que o solar vosso proclama,
Honra o dominio, honra os seus senhores
Quem nunca os viu louvores seus acclama.
43. « Juro, e tão certo eu veja os esplendores
Do ceu, que a vossa raça guarda intactos
Da opulencia e bravura altos primores.

44. «Por sua indole egregia, por seus actos,
Em quanto ao mundo um chefe mau transvia, [10]
Só ella segue o bem e o prova em factos.»—
45.—« Vai !»— disse —«Antes que o bello astro do dia
Sete vezes penetre n'esse espaço,
Que o Aries cobre na celeste via,
46. « Tão boa opinião com fundo traço
Melhor será na tua fronte impressa
Do que de outro por voz a cada passo,
Se do Summo Querer ordem não cessa.»—

NOTAS AO CANTO VIII

Apparecem dois anjos para guardar o valle. Os Poetas, acompanhados de Sordello, avistam-se com a sombra de Nino dei Visconti. Prática de Dante com Conrado Malaspina, que prenuncia o seu destino.

[1] *Te lucis*, primeiras palavras do hymno seguinte da Igreja:

Te lucis ante terminum,
Rerum creator; poscimus,
Ut pro tua clementia
Sis presul ad custodiam.

Procul recedant somnia
Et noxium phantasmata,
Hostemque nostrum comprime,
Ne polluantur corpora.

Presta, Pater pissime,
Patrique compor unice,
Cum spintu Paraclito
Regnans per omne sæculum.

[2] *Genesis*, cap. III, v. 24:

« E lançou fóra a Adão, e poz diante do paraiso de delicias um cherubim com uma espada de fogo e versatil para guardar o caminho da arvore da vida. »

[3] Nino dei Visconti de Pisa, neto e antagonista do Conde Ugolino, e juiz de Gallura na Sardenha. Que Dante o tem por merecedor do inferno se induz das suas proprias palavras.

[4] Filha de Nino, que se casou com Ricardo da Cammino de Frevigi, ainda então menina. Casou depois da morte de seu pae, em 1300, segundo se acredita.

[5] Beatriz, viuva de Nino, passou á segundas nupcias com Galeazzo Visconti de Milão, que lhe deu tantos e taes desgostos, que muito a fizeram arrepender-se de se não ter conservado na viuvez. Beatriz era irman do Marquez de Este, Azzo III.

[6] O solar dos Viscontis de Milão tinha por brazão uma vibora. O gallo era a insignia de Gallura, provincia de Sardenha, onde Nino tivera mando e dominio sob o denominio de juiz.

[7] As trez estrellas são as *Alphar* das constellações do Eridano, da Nau e do Peixe de Ouro. Allegoricamente significam as virtudes theologaes. As quatro estrellas são as do Cruzeiro do Sul, symbolos das virtudes cardeaes.

[8] *Genesis*, cap. III :

« Mas a serpente era o mais astuto de todos os animaes da terra, que o Senhor Deus tinha feito. E ella disse á mulher : Por que vos mandou Deus que não comesseis de toda a arvore do Paraiso?

» Respondeu-lhe a mulher : Nós comemos do fructo das arvores, que estão no Paraiso. Mas do fructo da arvore, que está no meio do Paraiso, Deus nos mandou que não comessemos, nem a tocassemos, não succeda que morramos.

« Porém a serpente disse á mulher : Bem podeis estar seguros, que não morrereis de morte; porque Deus sabe que em qualquer dia que vós comais d'esse fructo se abrirão os vossos olhos; e vós sereis como uns deuses, conhecendo o bem e o mal.

« Viu, pois, a mulher que a arvore era boa para comer, e formosa aos olhos e deleitosa á vista, e tirou do fructo d'ella e comeu, e deu a seu marido, que tambem comeu.

« No mesmo ponto se lhes abriram os olhos, e tendo conhecido que estavam nús, coseram umas folhas de figueira e fizeram para si umas cintas. »

[9] Conrado Malaspina de Lunigiana, pae de Moroello Malaspina, em cuja casa Dante, cinco annos depois do seu enterro, achou affectuoso gazalhado.

[10] O Papa Bonifacio VIII.

[11] Antes de se passarem sete annos. Prenuncia Conrado a cordeal hospitalidade que o Poeta receberia do seu filho.

CANTO IX

1. JÁ clareava de Titão antigo [1]
A concubina as fimbrias do oriente,
Deixando os braços do seu doce amigo ;
2. Era-lhe a fronte de astros refulgente,
Figura do animal frio formando,
Que vibra a cauda contra a humana gente. [2]
3. No logar, em que estavamos, se alçando,
Dois passos seus havia a Noite andado,
E o terceiro ia as azas inclinando, [3]
4. Quando eu, tendo o que Adam nos ha legado,
De somno sobre a relva fui vencido,
Lá onde junto aos quatro era sentado. [4]
5. Ante-manhan, na hora, em que gemido
Triste a andorinha a soluçar começa,
Talvez na antiga dôr pondo o sentido ; [5]
6. Já não stando da carne mais oppressa
A mente e livre do pensar terreno,
Quasi divina por visões pareça,
7. Pairar sonhei que via no ar sereno
De aureas plumas uma aguia, que mostrava
Querer baixar, das azas pelo aceno.

8. Estar eu na montanha imaginava,
Onde os seus Ganymede [6] abandonara,
Alado á côrte excelsa, que o esperava.
9. E eu pensava: talvez esta ave rara,
Caçar aqui soindo, a nedea preia
Fazer n'outos logares desdenhara.
10. A traçar giros varios avistei-a:
Eis, terrivel, qual raio, a mim se envia,
E lá do fogo á região me alteia.
11. Esta aguia, então julguei, commigo ardia
Tanto, que foi o sonho meu quebrado
Pelo fingido incendio, que eu sentia.
12. Como, acordando, Achilles espantado
Ficou por não saber onde se achava
No logar aos seus olhos devassado,
13. Quando a mãe que a Chiron o arrebatava,
O transportou a Scyro [7] adormecido,
D'onde astucia depois lh'o retirava:
14. Assim fiquei ao ser desvanecido
Das palpebras o somno, similhante
A quem desmaia em côr de horror transido.
15. Junto a mim eu só vi n'aquelle instante
Virgilio; o sol duas horas já media;
Ao mar tinha eu voltado inda o semblante.
16.—«Não teme!»—estas palavras proferia—
«Se tranquillo, o bom porto não mais dista,
Alarga o coração, não o entibia.
17. «O Purgatorio já d'aqui se avista.
Onde a rocha é fendida está a entrada,
A rocha o cinge e tolhe o aspecto á vista.
18. «Ao romper da alva ao dia antecipada,
Quando no valle em somno eras jazendo
Sobre a hervinha de flores esmaltada,
19. «Eis mostrou-se uma Dama nos dizendo:
—Sou Luzia; pois dorme, vou trazel-o,"
Leve assim a jornada lhe fazendo—

20. « Ficando as nobres almas com Sordello,
Tomou-te ; e como já raiasse o dia
Subiu: seguiu seus passos com desvelo.
21. « Depoz-te; e por seus olhos me dizia
Que proxima alli stava a entrada aberta.
Ella se foi e o somno te fugia.»—
22. Como quem stando em duvida, se acerta,
Converte o seu temor em confiança,
Logo em sendo a verdade descoberta:
23. Assim me achei mudado. Elle que alcança
Que esforçado já stou, vai por diante
Pela altura; o meu passo após avança.
24. Vês, leitor, que o assumpto altesonante
Se faz ; e não me estranhes se mais arte
Mór lustre lhe accrescenta de ora avante.
25. Acercamo-nos, pois, da rocha á parte,
Onde eu antes rotura divisara,
Como em muralha fenda que reparte.
26. Ora uma porta e degraus tres notava
Para entrar, cada qual de côr diff'rente,
E um porteiro que tacito ficava.
27. E, de mais perto olhando, claramente
No mais alto degrau o vi sentado :
Offuscava-me a face refulgente.
28. Na dextra um gladio eu tinha empunhado,
Que tão vivos lampejos reflectia,
Que em vão fitava os olhos deslumbrado.
29.—« Parai e respondei-me»—principia—
«Que intentais? Quem vos guia na jornada?
Effeitos não temeis d'essa ousadia?» —
30.—« Dama do ceu, de tudo isso inteirada»
—Falou Virgilio—«disse-nos:—Avante !
Não longe fica a porta desejada. » —
31.—« Seja ella aos vossos passos luz brilhante »
— Logo beni'no o anjo nos tornava —
« Aos degraus nossos vinde por diante.» —

32. Chegamos : o degrau primeiro estava
De alvo marmor tão terso, tão polido,
Que a minha imagem n'elle se espelhava.
33. Era escuro o segundo e não brunido,
Tosca pedra o formava e calcinada ;
Ao longo o via e de travez fendido.
34. De porphyro o terceiro e carregada
Tinha o côr de vermelho flammejante,
Qual sangue, que da veia flue rasgada. [9]
35. Neste firmava o anjo rutilante
Os pés, ao limiar sentado estando,
Que ser me pareceu de um só diamante.
36. Tirado por Virgilio vou me alçando
Jubiloso. Elle disse:—« Humildemente
Requer, que te abra a porta deprecando. » —
37. Aos sacros pés dobrei devoto a frente;
Misericordia, vezes trez batendo
Nos peitos, para abrir pedi fervente.
38. Da espada a ponta sete P P [10] me havendo
Na testa aberto, disse o anjo: — « Lava
Lá dentro estes signaes te arrependendo. » —
39. Chaves duas tomou quando acabava,
De sob as vestes, onde a côr, attento,
De terra secca ou cinzas observava. [11]
40. Uma era de ouro, a outra era de argento. [12]
Primeiro a branca, após a flava applica
A' porta: foi completo o meu contento.
41.—« Se emperrada das duas uma fica
E não dá volta »—disse—« á fechadura,
Isto entrada defesa significa.
42. « Se mais preço uma tem, n'outra se apura
Mais arte para abrir e mais engenho,
Das molas cede-lhe a prisão mais dura.
43. « Mandou Pedro de quem as chaves tenho
Que em abril-a antes erre que em cerral-a
Aos que a exoram com ardente empenho. » —

44. Tocando a santa entrada, inda nos fala:
— « Penetrai; mas, de agora, vos previno,
Quem olha para traz, p'ra fóra abala. »— [13]

45. Os portões já se movem do divino
Recinto, e os espigões, rangendo, giram
Nos gonzos de metal sonoro e fino. [14]

46. Quando, vãos de Metello esforços, viram
Roubado o erario, com estrondo tanto
As portas de Farpeia não se abriram. [15]

47. Aos rumores attento, doce canto—
Te Deum laudamus [16] escutar julgava,
De conceitos unido ao meigo encanto.

48. Ouvindo, em mim a sensação calava,
Que a voz bem modulada nos motiva,
Quando com ternos sons de orgam se trava ;
Que uma vez emmudece, outra se cala.

NOTAS AO CANTO IX

Dante adormece no valle. Visão. Desperta e acha-se á porta do Purgatorio. Um anjo permitte a Dante a entrada depois de lhe ter aberto, á ponta de espada, sete P P na testa, symbolos dos sete peccados mortaes.

[1] Em nota, que o Conde Francesco Trissino juntou á sua interpretação, em prosa, da *Divina Comedia*, se lê:

« O introito d'este canto é celebre assim pela originalidade e pompa da descrição, como pelas eruditas discussões, que têm occasionado, entendendo uns expozitores que Dante se referiu á aurora lunar e outros que tratou da aurora solar. Benvenuto de Imola, Jacopo della Lana, o annotador do codice cassiuense, Buti, Landino, Daniello, Venturi, o abbade de Costanzo, Editor Romano e Porticelli são os que mais se inclinam para a aurora lunar; os outros são de contrario parecer. Por sem duvida enganam-se os que julgam ser diurna a aurora de que se trata com respeito ao Purgatorio, visto que nos v. 7-9 se diz bem ao claro que era noite. Peruzzini, cuja opinião é que Dante se referiu á aurora solar, nota, não obstante, simelhante engano, ponderando que o Poeta quizera dizer que no oriente da Italia assomava a aurora ao tempo, em que na montanha do Purgatorio, começava a noite, havia duas horas e meia. Com este parecer concertam os modernos em maior numero; pois é fóra de debate que Dante em muitos passos do poema, falando dos pontos em que se acham o dia e a noite, tem o cuidado de apontar o que conjunctamente se mostrava em cada um dos hemispherios (*Inferno* c. XXXIV v. 104, 105 a 118; *Purg.* c. II v. 1-9 e 55-57 em correspondencia aos v. 25 e seg. do c. III; c. IV v. 136-139; c. XVI v. 6; *Par.* c. I v. 43-45; c. XXX v. 1-19). Recommenda-se á attenção a erudita carta do P. Costanzo na illustração do codice cassiense: n'esse commentario a aurora lunar é defendida tão doutamente, que se desvanecem todas as duvidas acerca d'este assumpto. »

Estas palavras foram transcriptas do conceituoso expozitor Lombardi.

Outro commentador, digno do maior apreço, Paolo Costa, sobre este ponto assim se exprime:

« A lua de 7 de abril de 1300 mostrou-se ao horizonte do logar dos antipodas em Jerusalem cerca de tres horas depois de transmontar-se o sol, precedendo-a o signo do escorpião: é facto claramente manifesto pelos versos do

Poeta. Surgia a aurora, não a mulher de Titão, mas a sua concubina, tendo na fronte o signo do Escorpião, pois uma se distingue da outra, ao mesmo passo que a noite, no logar onde estava o Poeta ia completar o terceiro passo com que sóbe para o meridiano. A relação das palavras de Dante com o facto constitue por si prova efficaz; mas corrobora-se com outras provas que accrescem.

Primeiramente a aurora lunar chama-se concubina quando a aurora do sol é pelos poetas denominada mulher d'elle; e dá-se a Titão o nome de amigo e não o de marido. E' a observação, cuja força não fica enfraquecida pela allegação—que concubina é synonimo de mulher ou esposa, como se amigo fosse synonimo de marido.

«Em 2º logar, o Poeta que no c. VIII disse que terminava o dia.

Era nell'ora che volge desio
A'navigante e interisce il core
Lo dì c'han detto ai dolce amice addio,

descreve a aurora no c. IX. Se fôra a aurora solar, claro é que d'essa hora a que antecede o dia, no equinoxio, ha o intervallo de mais de 10 horas. Porventura o que se passa no c. VIII é sufficiente para preencher periodo tal? Dante vê a chegada dos anjos incumbidos de guardar o valle; desce trez passos para falar a algumas almas; não se prolonga a sua pratica com Nino dei Visconti; assoma a serpente que é afugentada pelos anjos; Conrado Malaspina lhe diz poucas palavras, cuja resposta não se estende a muitas mais. Para tão pouco era mister de 10 a 11 horas? Acaso Dante está habituado a inventar sem verosimilhança, deixa de observar escrupulosamente a unidade do tempo? Não estão os leitores bem certos da sua exacção n'essa bella arte? No c. IX em que se diz que aurora já clareava as fimbrias do oriente, conta o poeta que adormecera e que

Antemanhan na hora em que o gemido
Triste a andorinha a soluçar começa

teve um sonho: essa mesma hora indicada n'estes termos: Ao romper da alva, ao dia antecipado (v. 52)

Com que palavra distinguiria o Poeta a aurora lunar acima mencionada, da aurora solar, em que teve o sonho?

Objecta-se que, com quanto igualmente se chame aurora a luz primeira do sol que assoma no horizonte e a luz primeira da lua, não se póde dizer que em tempo algum se houvesse feito aurora da lua uma divindade. Não havendo exemplo de poeta que inventasse similhante metamorphose, de crer não é que Dante houvesse inventado uma mythologia nova. A esta objecção póde-se responder que os commentadores antigos d'este passo de Comedia disseram a uma voz que duas são as auroras. Para ser verosimil que Dante seguisse aquella opinião bastava que estivesse em voga no seu tempo. O que se dirá, quando se souber que duas auroras conheciam os antiquissimos poetas inventores da mythologia? Os seguintes versos mostram que o crepusculo da tarde era representado por uma divindade do mesmo nome da que precede o sol.

His autem se oblectantibus recurrit Hesperus aster
Lucem contrahens chous—gaudentis auroræ;
Convivarum autem turmæ hinc atque illinc per aulam
Somni munus capiebant inbenestractis lectis.

Nonnus, *Dionysiãc* lib. 20 v. 23.

Certo não se trata aqui da aurora do Sol, senão da que é offuscada pela luz da estrella vespertina, da que convida ao somno a multidão dos convivas. Se os antigos faziam do crepusculo da tarde uma deusa, seria para maravilhar ue Dante creasse outra, á semelhança da antiga para significar a alva lunar?

« Contra esta interpretação a mais forte razão que se póde allegar, mas ainda não adduzida é que, admittido que Dante adormecesse ao romper a aurora lunar, isto é, quasi trez horas depois do transmontar do Sol, mister é admittir tambem que elle dormisse dez horas, tanto é o espaço de tempo decorrido da hora terça á do seu despertar, determinada no verso 44 do mesmo canto —*o Sol duas horas já media*— Esta objecção se desvanece confrontada com a consideração de ter sido de industria preparado esse prolongado somno afim de lhe apparecer a mysteriosa visão na hora da madrugada, em que a opinião vulgar diz serem verdadeiros os sonhos,

Quando da carne, já, não mais oppressa
A mente e livre do pensar terreno,
Talvez divina por visões pareça. »

[2] O Sol estava no signo de Aries e depois da lua cheia tinham-se passado quatro dias : assim que o Escorpião se mostrava na aurora, que antecede a lua.

[3] Quer dizer que haviam decorrido já duas horas e meia depois de posto o Sol, ou que eram já oito e meia horas da noite. D'este modo circumstancial de medir o tempo, usa Camões nos *Lus.* c. II, est. 1 :

Já n'este tempo o lucido planeta,
Que as horas vai do dia distinguindo,
Chegava á desejada e lenta meta,
A luz celeste ás gentes encobrindo;
E da casa maritima e secreta
Lhe estava o deus nocturno a porta abrindo.

E c. IV, est. 67 :

No tempo, em que a luz clara
Foge e as estrellas nitidas, que sahem
Ao repouso convidam quando cahem.

E c. X, est. 1 :

Mas já o claro amador da Larissea
Adultera inclinava os animaes
Lá para o grande lago o que rodea
Temistitão nos fins occidentaes.

[4] Os cinco são Virgilio, Dante, Sordello, Nino e Conrado.

[5] Tereu, Rei da Thracia, casou-se com Progne, filha de Pandion, Rei de Athenas : do consorcio procedeu um filho, Itys. Havendo depois attentado contra o pudor de Philomela, irman de Progne, receiando que denunciasse o crime, cortou-lhe a lingua e encerrou-a n'uma torre. Não obstante, conseguiu Philomela, revelar á irman todo o succedido. Mancommunaram-se então as duas, e por castigo deram a Tereu os membros do filho a comer em banquete, que lhe foi offerecido. Quando o viram farto n'aquella seva meza, tudo lhe declararam. No auge da dôr Tereu quiz castigal-as, e ia-lhes no encalço, quando foi transformado em poupa, ao tempo que Progne se convertia em andorinha e Philomela em rouxinol.

Ovidio, *Met.*, lib. VI :

Ipse se dens so lio Tereu sublimis avito
Vescitur inque suam sua viscera congerit alvum,
Tantaque nox animi est « Itys huc accersite » dixit
Dissimulare nequit crudelia gaudia Progne:

Jamque suos cupiens existere nuntria cladis,
« Intus habes quem poscis » ait. Circumspicit elle
Atque, ubi sit, quorit. Quærenti iterumque vocanti
Sunt era sbarsis furiali cæde capillis
Prosiluit Ihyosque caput, Philomela cruentum
Misit in ora patris ; nec tempore maluit ullo
Posse loqui et meritis tostari gaudia dictis
Thracius igenti mensas clamore repellit,
Vipereasque cicti stygia de valle sorores;
Et modo, si posset, reserato pectore diras
Egerere inde dapes, emersaque viscera gestit ;
Flet modo seque vocat bustum miserabile natt
Nunc sequitur nudo genitas Pandione ferro
Corpora Cecropridum pennis pendere putares :
Pendebant pennis. Quarum petit altera silvas,
Altera tecta subit neque adhuc de pectore cædis
Excessere noto, signataque sanguine pluma est
Ille, dolore suo pœnæque cupidine velox,
Vertitur in voluerem cuistant in vertice cristæ,
Prominet immodicum pro longa cuspide vostrum,
Nomen epops volueri : facies armata videtur.

[6] Ganymedes, bellissimo adolescente, filho de Tros, Rei de Troia, estando no monde Ida, foi arrebatado, diz a mythologia grega, pela aguia de Jupiter, ao ceu, onde substituiu Hebe no serviço de escanção dos deuses.

[7] Stacio, *Achilleidos*, c. I:

Jam prenut astra dies, humulisque exquore Titan
Rorantes evolvit equos et abæthere magno
Sublatum curru pelagus cadit: at vada mater
Scyria jandumdum fluctus emensa tenebat,
Exierantque jugo fesse delphines herili;
Quum pueri tremefacta quies oculique jacentis
Infusum sensere diem stupet aëre primo,
Quæ loca? qui fluctus? ubi Pelion? omnia versa
Atque ignota videt dubitatque agnoscere matrem
Occupat illa manu, blandeque affata paventem.

[8] Santa Luzia.—V. *Inf.* c. II v. 97.

[9] O primeiro degrau é a Confissão, o segundo, a Contrição, o terceiro, a Penitencia.

[10] Os P P symbolizam os peccados mortaes, que são expiados no Purgatorio: Soberba, Inveja, Ira, Avareza, Preguiça, Gula e Luxuria.

[11] Esta côr symboliza a penitencia.

[12] Significa a chave de ouro a autoridade divina, em virtude da qual o sacerdote absolve os peccadores; a de prata, o conhecimento e juizo necessarios para o desempenho d'esse ministerio.

[13] *Evang. de S. Lucas*, cap. IX, v. 62:

« Nenhum, que mette a sua mão no arado e olha para traz, é digno do reino de Deus. »

E cap. XVII :

«Quem estiver no campo não volte atraz. Lembrai-vos da mulher de Loth».

[14] Milton, *Par. Lost.* lib. II.

On a sudden open fly
With impetuous recoil and jarring soud
The infernal doors, and on their hinges grate
Harsh thunder.

[15] Luc. *Phars.*, c. III:

Protinus abducto patuerunt templa Metello:
Tunc rupes Tarpeia sonat, magnoque reclusas
Testatur stridore fores; tunc conditus imo
Eruitur templo, multis intactus ab annis
Romani census populi, quem punica bella,
Quem dederat Perses, quem victi præda Philippe;
Quod tibi, Roma, fuga Pyrrhus trepidante reliquet;
Quo te, Fabricus regi non vendidit auro;
Quidquid parcorum mores servatis avorum;
Quod dites Asiæ populi misere tributum;
Victorique dedit Minoïa Creta Metello;
Quod Cato longinqua vexit super æquora Cypro.
Tunc Orients opes, captorumque ultima regum
Quæ Pompeianis prælata est gaza triumphis
Egeritur: tristi spoliantur templa rapina,
Paupenorque fuit trinc primum Cæsare Roma.

[16] *Te Deum laudamus*: é o hymno de Santo Ambrosio, que a Igreja canta nas solemnidades por acção de graças.

CANTO X

1. PASSADO estando o limiar da porta,
Das paixões pelo excesso desusada,
Que recta faz suppôr a estrada torta,
2. Pelo estrondo senti que era cerrada.
Se atraz volvesse os olhos, qual seria
A desculpa da falta perpetrada ?
3. Subiamos por fenda que se abria
Na rocha, a um lado e ao outro serpeando,
Qual onda, que ora acerca, ora desvia.
4. « Aqui ser destro cumpre, acompanhado » —
Disse o Mestre—« o caminho arduo, fragoso,
Que as sinuosas voltas vai formando. » —
5. A passo iamos, pois, tão vagaroso,
Que da lua o crescente reclinado
Era já no seu leito de repouso, [1]
6. Quando aquella estreiteza hemos deixado.
Espaços livres alcançando e abertos,
Onde o monte p'ra traz era inclinado ;
7. Eu inanido e ambos nós incertos
Da vereda, em planura emfim paramos,
Mais solitaria que aridos desertos.

8. Do precipicio a borda calculamos
Distar da opposta, em que o rochedo alteia,
Comprimento que em homens trez achamos.
9. Na extensão, que ante mim se patenteia,
Da direita ou da esquerda igual largura
Nessa cornija aos olhos se franqueia.
10. Não deramos um passo na planura,
Quando notei que a escarpa sobranceira,
Que ascender não permitte a sua altura,
11. Era alvo marmor, tendo á face inteira
Talhada com primor, que a Polycleto [2]
Tomara e á natureza a dianteira. [3]
12. O anjo, que da paz trouxe o decreto, [4]
Tantos sec'los com lagrimas pedido,
Que o ceu abriu, d'onde o homem stava excepto,
13. Ao vivo alli móstrava-se insculpido,
No gesto e no meneio tão suave,
Que em pedra não parece estar fingido.
14. Quem não jurara que profere o *Ave*,
Pois junctamente figurada estava
Quem do supremo amor volvera a chave?
15. Seu semblante estas vozes expressava
Ecce ancilla Dei tão propriamente,
Como na cêra imagem, que se grava.
16.—« N'um ponto só não prendas tanto a mente »—
Virgilio me falou, tendo-me ao lado,
Aonde o coração bater se sente.
17. Para mais longe olhei: maravilhado
Após Maria então vi que disponta,
Da parte, em que era o Mestre collocado,
18. Fôra outra historia em marmore composta.
Ao sabio adiantei-me: de mais perto
Aos meus olhos melhor ficara exposta.
19. O carro com seus bois na rocha aberto
E a Arca santa que conduz, mirava:
Lembra aos profanos o castigo certo. [5]

20. Em córos sete o povo alli cantava:
Do olhar em mim o ouvido dissentia,
Pois se um dizia sim, outro negava ;
21. De igual modo na pedra percebia
Ao ar o fumo se elevar do incenso :
Da vista c asserto o olfacto desmentia.
22. Da Arca adiante, com fervor immenso,
Dansando humilde via-se o Psalmista,
Mais e menos que um Rei no zelo intenso.
23. Micol, do regio paço, em frente, a vista
No Rei fitava, o acto lhe extranhando,
Que lhe move desgosto e que a contrista.
24. D'esse logar depois eu me afastando,
De perto contemplar foi outra historia,
Que além um pouco, estava branquejando.
25. Aqui brilhava a preminente gloria
D'esse famoso Imperador romano,
Por huem Gregorio obteve alta victoria. [6]
26. Ao natural tirado era Trajano:
Do freio do corsel mulher travava:
Dizia o pranto sua dôr, seu damno.
27. De cavalheiros tropa se apinhava,
E nas bandeiras a aguia de ouro alçada
Acima d'elle aos ventos tremulava.
28. A infeliz, dos guerreiros rodeada,
Parecia dizer :—« Senhor, vingança !
Morto é meu filho e eu gemo attribulada.»
29. E Trajano tornar:—« Toma esperança
Até que eu volte.»—E a misera pungida
Da dôr que, em mãe, a tudo se abalança:
30.—« Senhor, se não voltares ?»—Deferida
Serás do herdeiro meu.—« Bem que outro faça
Que val, se a obrigação tens esquecido ? »—
31. E elle :—« Animo esforça na desgraça.
Meu dever cumprirei sem mais espera,
Justiça o exige, compaixão me enlaça.»—

32. Quem novas cousas nunca vê, fizera
Visivel sobre a pedra esta linguagem :
Arte não sóbe a tão sublime esphera.
33. Em quanto me enlevava em cada imagem,
Em que ha dado aos extremos da humildade
Do operario a pericia mór vantagem,
34.—« Eis almas lentamente em quantidade
Acercam-se ; a mais alta »—disse o Guia—
Nos póde encaminhar sua bondade. »—
35. A vista, que em portentos se embebia,
De olhar outros já sofrega, volvendo,
Attentei no que o Mestre me advertia.
36. Mas, leitor, que esmoreças não pretendo,
Nem que os bons pensamentos te falleçam,
Como os peccados pune Deus sabendo.
37. Nem os martyrios nimios te pareçam ;
Pensa bem no porvir ; pois, em chegando.
O gran Juizo, em caso extremo, cessam.
38. E eu disse:—« O que ora a nós vem caminhando
Não creio sombras ser: o que é, portanto ?
Não sei, a percepção turbada estando.»—
39.—« Do seu tormento, que te movo espanto
E' condição á terra irem curvados :
Tambem a vista duvidou-me um tanto.
40. « Olhos fita; imagina levantados
Os que vêm d'essas pedras opprimidos :
Já vês quanto elles são atormentados.
41. Christãos soberbos, miseros, perdidos,
Cegos da alma, que haveis p'ra traz andado,
De tanta confiança possuidos,
42. Que vermes somos não vos stá provado,
De que surge a celeste borboleta,
Que incerta vôa ao tribunal sagrado ?
43. Porque do orgulho assim passais a meta,
Se sois insectos no embryão sómente,
Vermes de formação inda incompleta ?

44. A modo de pilar ver-se é frequente,
Joelhos, peito unindo, uma figura
Cornija ou tecto a sustentar ingente. [7]
45. Da dôr mera ficção move tristura
Em quem olha: senti então notando
Das almas penitentes a postura.
46. Mais umas, outras menos, se dobrando
Iam, segundo o fardo, que traziam;
E as que eram mais soffridas, prateando,
« Não posso mais ! »—dizer me pareciam.

NOTAS AO CANTO X

Primeiro circulo. Imagens entalhadas na rocha, que representam exemplos de humildade. Contrastam com as que figuram actos de soberba. Expiação dos que se inquinaram n'este peccado mortal.

[1] Como haviam decorrido quatro dias depois da lua cheia, entende-se que a hora aqui designada é a quarta depois do sol, e tendo-se passado, depois que os Poetas começaram a andar da porta do Purgatorio para cima, cerca de duas horas, quasi outro tanto consumiram na ingreme subida.

[2] Cumpre observar que as imagens, que representam actos de humildade estão em pé na muralha lateral, quando as que exprimem feitos, que denunciam soberba (c. XII) jazem sobre a estrada para serem calcadas por quem passa. E' uma illustração d'aquelle dizer de S. Lucas cap. XVIII: *Qui se exaltat, humiliabitur, et qui se humiliat, exaltabitur.*

Polycleto, esculptor e architecto de Sicyone, um dos que mais contribuiram para exalçar a arte grega ao grau sublime a que ascendeu. Vivia no anno 480 antes de J. C.

Na Introducção á versão do discurso de Demosthenes, intitulado — da *Corôa* — o illustre e douto Sr. Latino Coelho, comparando Polycleto e Phidias escreveu umas das suas mais brilhantes paginas, parte da qual é aqui transcripta:

« Phidias tem, como Platão por seu ponto de partida a idéa, o modelo subjectivo. Polycleto que é na plastica o parallelo de Aristoteles, tem por base e fundamento a natureza. No primeiro a metaphysica da arte, no segundo o sensualismo, temperado e ennobrecido pela idéa. Em Phidias o espirito dá a fórma, que a observação experimental apenas ajusta e accommoda ás exigencias do organismo. Em Polycleto a fórma é dada pela natureza, interrogado nas apparencias individuaes. Em Phidias realisa-se o ideal platonico, o bello em si mesmo. Em Polycleto o universal aristotelico applicado á noção esthetica. Em Phidias o cinzel obedece á intuição. Em Polycleto a arte determina a fórma e a belleza pelos processos inductivos. Em Phidias a symetria e a eurythimia são decretadas pelo instincto do grande estatuario. Em Polycleto o *bello*, conforme nos conceitos pythagoricos, é dictado pelo *numero* e a determinação mathematica das fórmas substitue as aproximações vagas da harmonia... Sem ter a variedade imaginosa de Myron nem a alteza esthetica de Phidias, a

antiguidade conferiu a Polycleto o segundo logar entre os que fixaram
brouze a inspiração. »

[3] A descripção que Dante faz das esculpturas entalhadas na rocha
primeiro circulo do Purgatorio lembra as de Homero, c. XVIII da *Iliada*;
Virgilio, *En*, c. I e VIII; de Estacio, *Theb.* VII; de Tasso, *G er. Lib.* c. XVI;
Ariosto, *Orl. Fur.* c. XXXIII e de Camões, *Lus* c. V. e c. VIII.

[4] S. Lucas, *Ev.* cap. I:

« Estando Isabel no sexto mez foi enviado por Deus o anjo Gabriel
uma cidade da Galiléa, chamada Nazareth, a uma virgem desposada com
varão, que se chamava José, da casa de David: e o nome da virgem era Mar
Entrando, pois, o anjo onde estava, disse-lhe: Deus te salve, cheia de graça;
Senhor é comtigo, benta és tu entre as mulheres.

« Ella, como o ouviu, turbou-se do seu falar; e discoma pensativa q
saudação seria esta. Então o anjo lhe disse: Não temas, Maria, pois achas
graça diante de Deus. Eis conceberás no teu ventre e parirás um filho e pô
lhe-has o nome de Jesus. Este será grande e será chamado Filho do Altissimo
o Senhor Deus lhe dará o throno de seu pae David; e reinará eternamente n
casa de Jacob, e o seu reino não terá fim.

« E disse Maria o anjo: Como se fará isso, pois eu não conhe
varão?

« E respondendo, o anjo lhe disse: O Espirito Sancto descerá sobre ti e
virtude do Altissimo te cobrirá da sua sombra. E por isso mesmo o Sancto
que hade nascer de ti, será chamado Filho de Deus. Que ahi tens a Isabel, tu
parenta, que até concebeu um filho na sua velhice: e este é o sexto mez da qu
se diz esteril; porque a Deus nada é impossivel.

« Então disse Maria: Eis aqui a escrava do Senhor, faça-se em mim
segundo a tua palavra.— E o anjo se apartou d'ella. »

[5] Reis, II, cap. 6:

« E pozeram a Arca de Deus sobre um carro novo, e levaram-a da casa d
Abinadab, que estava em Gábaa; Oza, porém, e Ahio filhos de Abinadad, con
duziram o carro novo. E tendo-a tirado da casa de Abinadab, que estava em
Gábaa Ahio ia diante da Arca, guardando a Arca de Deus.

« David, porém, e todo Israel tocaram diante do Senhor toda casta d
instrumentos de madeira, citharas e violas e tambores e flautas e timbales. Mas
logo que chegaram á Eira de Naccon, lançou Oza a mão á Arca de Deus e a
sosteve; porque os bois escouceavam e a tinham feito perder.

« E o Senhor se indignou em grande maneira contra Oza e o fe-iu pela
sua temeridade; cahiu morto alli mesmo juncto a Arca de Deus. Mas David se
contristou, porque o Senhor ferira a Oza; e ficou se chamando aquelle logar
até o dia de hoje, o Castigo de Oza. E temeu David ao Senhor n'aquelle dia,
dizendo: Como entrara a Arca do Senhor em minha casa? E não quiz que le-
vasse a Arca do Senhor para sua casa na cidade de David mas f el-a entrar
na casa de Obedeom de Geth.

« Esteve a Arca do Senhor trez mezes em casa de Obededom de Geth
e o Senhor abençoou a Obededom e a toda a sua casa.

« E vieram dizer a David que o Senhor tinha abençoado a Obededom e a
tudo que lhe pertencia, por causa da Arca de Deus. Foi, pois, David que trouxe
da casa Obededom a Arca de Deus para a cidade de David com gozo: e levava

David comsigo sete córos, e um novilho para victima. E quando os que levavam a Arca do Senhor tinham dado seis passos, immolava elle um boi e um carneiro.

« E David bailava diante da Arca do Senhor com todas as suas forças: David, porém, estava vestido de efod de linho.

« E David e toda a casa de Israel conduziam a Arca do Testamento do Senhor com jubilo e ao som de trombetas. E tendo entrado a Arca do Senhor na cidade de David, Micol, filha de Saul, olhando de uma janella, viu ao Rei David bailando e saltando diante do Senhor, e lá no seu coração o teve em pouca conta.

« Introduziram, pois, a Arca do Senhor e a collocaram no seu logar, no meio do tabernaculo, que David tinha preparado: e David offerece holocaustos e sacrificios de acção de graças diante do Senhor. E tendo acabado de offerecer os holocaustos e sacrificios de acção de graça, abençoou o povo em nome do Senhor dos exercitos.

« E destribuiu a todo povo de Israel, tanto a homens, como a mulheres, a cada um uma empada de pão e uma posta de carne assada e flor de farinha frita em azeite: e retirou-se todo o povo cada um para a sua casa.

« Retirou-se tambem David á sua casa para a abençoar; e Micol filha de Saul, tendo sahido a receber a David, disse: Que gloria hoje teve um Rei de Israel despindo-se diante das escravas dos seus vassallos e apparecendo nú, como faria um chocarreiro! E David respondeu a Micol: Diante do Senhor, que me escolheu preferindo-me a teu pae e a toda a sua casa, e que me mandou que fosse eu o conductor do povo do Senhor em Israel, não só bailarei, mas tambem me farei mas vil do que me tenho feito; e serei humilde em meus olhos; e com isto apparecerei com mais gloria diante das escravas, de que falaste.

« Por esta razão Micol, filha de Saul não teve filhos até o dia da sua morte. »

[6] Victoria que o Papa S. Gregorio alcançou contra o demonio, tirando do inferno a alma do Imperador Trajano.

Diz a lenda que esse Papa, que sabia quanto fôra aquelle Imperador amigo da justiça, tendo desenterrado o seu esqueleto, achou intacto a sua lingua e tão san, como a de um homem vivo. Assim confirmou-se na crença, que tinha, d'essa justiça; e tomado de compaixão por conhecer que Trajano, pagão como fôra estava condemnado ao inferno, tão ferventes supplicas elevou a Deus, que Trajano foi perdoado e afinal sublimado á gloria celestial. E então desceu um anjo e disse a S. Gregorio que nunca mais fizesse igual supplica; e que Deus, para castigal-o, dava-lhe a escolher ou dois dias no purgatorio, ou viver até o seu ultimo dia molesto de febre e dôr no lado. S. Gregorio escolheu a enfermidade.

Venturi qualificou esta lenda de *favoletta de recchiorelle*. No emtanto não faltaram escriptores, que deram-a por facto verdadeiro e encontroverso. Allega Lombardi, além de Helinando de França (Elinand, monge e chronista), e Polycrato (João de Salisbury, auctor de um livro intitulado *Policraticus*), mencionados por Landino, o diacono Giovanni, *Vita di Gregorio*, l. II cap. 44, o *Encologio dos Gregos*, cap. 46 e S. Thomaz de Aquino, supp. quæst. 73 art. 5, ad. 5.

D'esse mesmo milagre ainda se trata no c. X do *Par.*

[7] Ampère, *Voyage Dantesque*:

« Encontraram-se em Florença a cada passo objectos, que lembram imagens ou allusões do seu poema. Um por exemplo: no claustro de Santa-Croce ha sepulturas da Meia-Idade formadas sobre cariatides, que, de cabeça incli-

nada e collo acurvado, parecem gemer ao peso, que supportam. — Em outros edificios deparam-se figuras similhantes. — São vestigios gothicos de architectura na formosa e já classica construcção de Orgagna. Taes cariatides tinha Dante na memoria, quando lhes comparava a postura, que apresentavam os soberbos, dobrados sob os rochedos, que levam ás costas: representam pelo natural essa oppressão, que sente quem olha para taes figuras. »

CANTO XI

1. « Vós, que nos ceus estais, ó Padre nosso,
Não circumscripto, mas porque haveis dado
Mais aos primeiros seres o amor vosso, [1]

2. « Vosso nome e poder seja louvado !
Graças a creatura jubilosa
Ao saber vosso renda sublimado ! [2]

3. « Do reino vosso a paz venha ditosa !
Que vão de havel-a o empenho nos seria,
Se não vier da vossa mão piedosa.

4. « Como a vós a vontade se humilia
Dos vossos anjos, entoando hosanna,
Façam assim os homens cada dia !

5. « A substancia nos dai quotidiana
Hoje : sem ella em aspero deserto
Se atraza quem por ir além se afana !

6. « E como a quem nos faz mal descoberto
Damos perdão, nos perdoai clemente,
Indi'nos sendo nós, Senhor, por certo.

7. « Oh ! não deixeis cahir a defidente
Virtude nossa em tentação do imigo !
Livrai-nos d'elle, em nos pungir ardente !

8. « Não mais somos, Senhor, n'esse perigo,
Em que precisa esta oração nos seja;
Mas são os que hão mister na terra abrigo. » —
9. « Ao ceu rogando que ao seu bem proveja
E ao nosso, as almas sob o pezo andavam,
Como o que opprime a quem sonhando esteja.
10. Com desigual gravame se arrastavam
Offegantes no circulo primeiro,
E do peccado as nevoas expurgavam,
11. Se em bem nosso com zelo verdadeiro,
Oram, como em seu pról fará no mundo
Quem tem no bem querer seu peito useiro?
12. Ajudemol-as, pois, vestigio immundo
A lavar, porque leves, puras sejam,
Do ceu se alando ao brilho sem segundo.
13. « Ah ! compaixão, justiça vos consigam
Presto allivio, e possais, o vôo erguendo,
Ir té onde os desejos vos instigam!
14. « Valei-nos a vereda nos dizendo
Mais curta ou a que é menos escarpada,
Mais de um caminho a se ascender havendo.
15. « Ao companheiro meu assaz pezada
E' a carne de Adam, que inda o reveste:
Por mais que esforce, o afana esta jornada. » —
16. « A voz, que respondeu ao Mestre a este
Dizer, não sei a que alma pertencia
Por indicio qualquer, que o manifeste :
17. « Vinde á direita em nossa companhia
Pela encosta, e vereis o passo estreito,
Que uma pessoa viva subiria.
18. « Se este penedo não tolhesse o geito,
A cerviz orgulhosa me domando
E obrigando a juntar o rosto ao peito,
19. « D'este homem para a face, attento olhando,
(Não sei quem é) talvez o conhecera.
E assim me fôra compassivo e brando.

20. « Toscano fui, illustre pae tivera. [3]
Guilherme Aldobrandeschi se chamava :
O nome seu algum de vós soubera ?
21. « Tanta arrogancia a gloria me inspirava
Do meu solar e os feitos valorosos,
Que em nossa mãe commum não mais pensava,
22. « Olhos volvendo a todos desdenhosos.
Perdi-me assim os actos meus em Siena
Foram em Campagnatico famosos.
23. « Chamei-me Umberto da soberba a pena
A mim não coube só : de igual desgraça
Vem a causa que aos meus todos condemna.
24. « Este fardo, que os passos me embaraça
Mereço, por cumprir-se a lei divina :
Vivo o não fiz, é justo que ora o faça. » —
25. « Em quanto, ouvindo a fronte se me inclina,
Uma das almas (não a que falava)
Sob o pezo se torce, que a amofina.
26. « E viu-me e, conhecendo-me chamava,
Os olhos seus fitando esbaforida
Em mim, que, recurvado a acompanhava.
27.—« Oderise não foste »—eu disse—« em vida,
Honra de Agubbio, [4] honra d'aquella arte
Que *illuminar* Paris ora appellida ?»—
28.— Tornou-me :—« Hoje o pincel (cumpre informar-te)
De Franco de Bolonha mais agrada :
A honra é toda sua, minha em parte.
29. « Por mim não fôra em vida proclamada
Esta verdade, quando esta alma ardia
Na ambição de primar n'essa arte amada.
30. « Aqui de tal soberba o mal se expia ;
Staria alhures ; mas a Deus eu pude
Mostrar que de peccar me arrependia.
31. « Quanto a vaidade o peito humano illude !
D'essa flor como esvai-se a formosura,
Se não seguir-se um sec'lo inculto e rude !

32. « Cimabue [6] cuidou ter na pintura
A liça dominado : mas vencido
Ficou : a gloria Giotto [7] fez-lhe escura.
33. « Assim do estylo na arte cede um Guido. [8]
A palma a outro : agora é bem provavel
Seja de ambos o mestre já nascido. [9]
34. « Rumor mundano é como vento instavel
Que a direcção varia de repente;
Conforme o lado, o nome tem mudavel.
35. « De ti que fama ficará manente,
Se da velhice cais no extremo passo,
Ou se findas na infancia inconsciente. [9]
36. « De hoje a mil annos, tempo mais escasso,
Da eternidade em face, que um momento
Ante a esphera a mais tarda lá no espaço. ? [10]
37. « Quem me precede e vai assim tão lento
Na Toscana entre todos foi famoso :
Apenas salvo está do esquecimento.
38. « Em Siena, que ha regido poderoso,
Quando perdeu-se a raiva florentina. [11]
Soberba então, objecto hoje asqueroso.
39. « A fama vossa iguala-se á bonina,
Que flore e morre : o sol, por quem nascera
Na terra a postra e a côr cresta á mofina. »—
40. Respondi-lhe : — « O dizer teu em mim gera
Saudavel humildade e o orgulho mata.
Esse, que apontas, conta-me quem era. »—
41. « De Provenzan Salvani »—[12] diz—« se trata :
Aqui stá, porque Siena elle cuidara
Ter nas mãos,— presumpção de alma insensata !
42. « Caminha assim curvado, e nunca pára
Des' que a vida perdeu eis o castigo
De quem tanto á soberba se entregara ! »—
43.—« Se o que demora até : final perigo
A penitencia »—eu disse—« e errado corre,
Subir não póde e aqui não acha abrigo,

44. « Se uma oração piedosa o não soccorre,
Durante prazo igual ao da existencia,
Como ao martyrio Provenzan concorre ? »—
45.—« Quando era »—torna—« no auge da influencia,
Sobre a praça de Siena, supplicando,
Ter ante o povo humilde continencia,
46. « De um amigo o resgate procurando,
Que era por Carlos em prisão detido, [13]
Tremeu angustiado e miserando.
47. « Não mais : não sou, de obscuro comprendido,
Mas te hade ser em breve isto explicado
Por filhos d'essa terra em que has nascido.—
« Por tão bom feito o ingresso lhe foi dado.» —

NOTAS AO CANTO XI

Oração das almas a Deus. Dante reconhece Oderisi d'Agubbio, pintor de miniaturas. Prática em que se demoram.

[1] Os anjos, em cuja creação se manifestaram os primeiros effeitos da omnipotencia divina.

[2] Salomão, *Sap.* cap. VII:

« *Vapor virtutis Dei, et emanatio quædam claritatis Omnipotentis Dei sincera.* »

[3] Fala Umberto Aldobrandeschi, filho de Guilherme Aldobrandeschi, conde de Santa-Fiore, na Maremma de Siena. Foi, disse o *Ottimo*-persona soberbissima.— E accrescentou:—« Os condes de Santa-Fiore tiveram, tem e hão de ter quasi sempre guerra com a gente de Siena, e o motivo é pretenderem mando e superioridade, que os seus adversarios não aceitam.» N'essa porfia foi Umberto morto ao pé do castello de Campagnatico em sortida contra os Sienezes, que o sitiavam.

[4] Oderisi de Agubbio, famoso pintor de miniaturas, discipulo de Cimabue, teve estreita amizade com Giotto. O Papa commetteu-lhe trabalhos da sua arte na bibliotheca do Vaticano; mas não se conhecem as suas miniaturas e *enluminures*. Passou a mór parte da sua vida em Bolonha. Foi seu discipulo Franco da Bolonha, o qual muito o excedeu em pericia, como elle mesmo reconhece.

Ampère, *Voyage Dantesque:*

« A cidade de Agubbio (presentemente Gubbio), famosa no conceito dos sabios por essas laminas de bronze conhecidas com tal nome, nas quaes se apresenta o mais notavel monumento das antigas linguas italiotas, era um dos logares, que eu, por amor de Dante desejava visitar. Consta que n'uma parte do ultimo periodo de sua existencia foi hospede de Bosone, tyranno de Agubbio, —tyranno na accepção que a esta palavra davam os Gregos para significar aquelle, que em republica ou cidade livre se apossa da soberania.

« Essa hospitalidade, ao parecer, foi mais affectuosa que a do fastoso Scaligero. Particular apreço deu o Poeta aos estudos do filho de Bosone, e talvez concorreu para o seu adiantamento. Louvou-o pelo proveito, com que cursava

as linguas francezas e grega, isto é, uma já muito em voga na Italia a outra, n'aquelle tempo, geralmente ignorada. Mas, se o moço Bosone aprendeu o grego, não era o unico.

« Segundo as apparencias, Bosone presava e respeitava sinceramente o illustre desterrado. O bellicoso senhor de Agubbio, por amor de Dante, se fez cultor das lettras e poeta. Em versos lamentou o seu passamento, e foi o primeiro commentador do seu poema, por tantos commentado, trabalho, que um dos seus filhos resumiu. Mostra-se d'esta arte quanta influencia teve aquelle sublime engenho sobre uma familia poderosa.

« Por singular coincidencia era de Agubbio o inimigo fidagal de Dante, Canti di Gabrielli, aquelle, que, sendo *podestà* de Florença, escreveu o seu nome no preambulo de uma sentença, formulada em latim barbaro, que estultamente condemnou, por crime de peculato, extorsões e lucros illicitos, a serem queimados até que morte se seguisse, no caso de tornarem á terra florentina, quinze contumazes, entre os quaes occupa o undecimo logar Dante Alighieri, ao lado de Lippo Bechi e Orlanducio Orl ndi. Assim do mesmo logar procederam para Dante um perseguidor encarniçado e um amigo cordeal.

« Dante collocou no Purgatorio, circulo dos soberbos, que, diga-se de passagem, povoou de poetas e artistas, um artista natural de Agubbio, um *illuminador*, como se dizia em Pariz, onde Dante diz ter ouvido usar d'esta expressão. Era a arte de *illuminar* a dos pintores de miniaturas, cujas composições se deparam desde as mais antigas obras byzantinas até os primores do seculo XVI.

« Como é provavel, Oderisi contrahira relações de amisade com Dante ao tempo, em que elle estivera em Agubbio; pois, como bem se sabe, o Poeta amara as artes e os seus cultores. Antes de subir ao Purgatorio viu-se com Casella, que, segundo as suas expressões,

Mi solea quetar tutte mie voglie.

E' certo que Casella canta versos de Dante, o que era mais um motivo para prender-lhe a attenção. Guarda a tradição a amisade o liava a Giotto; e até dizia-se que fôra o seu mestre de desenho. De crer é que dispozes e de destreza e felicidade de pintar aquelle, que, com estylo tão claro e valente debucha as imagens e os pensamentos.

« Havia, pois, varias razões, que me impulsavam a visitar Gubbio, que vinculou-se ao destino de Dante, lembrada por elle no seu poema, patria de Boson, Canti Gabrielli e Oderisi.

« Já era um attractivo o caminho, que até lá conduz. De Peruzza a Gubbio se passa pela selvatica região dos Apenninos. Sóbe o viandante encostas ingremes e escalvadas até attingir aquella parte que, entesta com o Adriatico, d'onde se descortina uma perspectiva incomparavel pela sublimidade. A' direita erguem os vivos mais alterosos dos Apenninos, que pela sua fórma receberam dos Toscanos a denominação de *Mamas da Italia*. Em avistando-os profunda foi a minha impressão, por me despertarem uma recordação dantesca. Dante acolheu-se algum tempo n'aquelles servos, entre aquelles soberbos rochedos.

« Vai a estrada serpeando ao longo de quebradas, onde se apinham magestosas carvalheiras. Sobre collinas pardacentas empinavam-se torres escarpadas; nos terminos do horizonte montanhas de aspecto africano figuravam trez pyramides.

« Nunca vira mais admiravel espectaculo. Ante aquella natureza sobranceira e terrivel me surgiram á mente certas preoccupações, que existem acerca da natureza e poesia italianas. Onde está a molle Italia? —disse eu entre mim, do mesmo modo que o leitor da *Divina Comedia* pergunta em presença do

Inferno e do *Paraizo*, se aquella é a lingua dos *concetti*. Achava na payzagem immensa, alpestre, mas harmoniosa umas similhanças com a feitura do poeta. São montanhas dantescas! — exclamei. Se me deixasse levar pelos raptos da imaginação, difficil não me seria divisar o perfil collossal de Dante nas linhas angulares e fortemente caracterisadas d'aquellas serranias.

« Não sei se a sensação que tive ao ver a pequena cidade de Gubbio, participou do enlevo, que me causou a vista maravilhosa dos logares, por onde passara: certo é, porém, que o seu aspecto muito me impressionou. O castello de Bosone foi edificado ao tempo, em que se construiu o paço velho de Florença, e dizem que a traça e execução foram do mesmo architecto. Assimilham-se na fórma: uma alta torre ameiada levanta de uma plataforma; o castello com a sua configuração quadrada está a cavalleiro da cidade desde a encosta e parece ameaçal-a: parece aguia, que espreita a preza. Sobre tarde entrei n'esse monumento, ora deserto: da entrada das salas tenebrosas eu via o ceu acceso pelos arraboes do poente; e pensava que por aquellas ameias vira o desterrado o mesmo sol transmontar-se da banda da sua patria.

« Quando desci encontrei-me com um padre de Gubbio á porta da bibliotheca. Pedi que me mostrasse o formoso soneto de Dante a Bosone, cujo texto original authentico se ufana de possuir essa bibliotheca. Fui deferido, e pouco depois eu e o meu companheiro de viagem, vimo-nos na presença d'essa preciosidade, que de todo o contacto profano estava resguardado por um vidro. Mas infelizmente era impossivel toda a illusão: no soneto estava escripto — *Danti a Bosone* e não *Dante*. De crer sendo que Dante sabia escrever o seu nome, devem os habitantes de Gubbio renunciar a honra de possuir um exemplar da sua lettra. A objecção entristeceu as pessôas, que nos obsequiavam na bibliotheca. Eu seria capaz de calar-me; mas o meu companheiro foi inexoravel. A nossa incredulidade não impediu que nos mostrassem as famosas taboas de bronze e um retrato de Bosone, tão pouco authentico como o autographo. O retrato, creio, tem duzentos annos menos do que reza; e o potentado da Meia Idade, pela compostura do trajar e meneio do rosto dava ares de um marechal de campo do seculo de Luiz XIV.

« Assim escarmentado, não podia já fazer fiança na tradição, segundo a qual mostravam-me o logar, onde demorava a casa de Dante, perto da do seu abominavel inimigo Cante di Gabrielli. Alli, ao menos, estava intacto o vestigio das recordações. Passeei depois pela cidade, sendo já noite cerrada. Passando pelas suas portas monumentaes, contemplando ao luar as suas casas altas e silenciosas e a torre de Bosone, que ostentava as suas negras fórmas, senti impressões, que se coadunaram mais com o seculo e o genio de Dante.

Fraticelli, *Storia della vita de Dante Alighieri*:

« E' indizivel quanto o desterrado *immento*, como Dante a si proprio se denominava, desacoroçoasse ante o fim prematuro e inesperado de Henrique VII, que desvanecia em flôr as suas esperanças. Exactamente se não póde dizer por onde andou durante dois annos; mas é assaz provavel que algum tempo estivesse em casa dos Raffaellis de Gubbio e no mosteiro de Fonte Avellano, perto d'alli.

« De nome illustre e antigo era o solar dos Raffaellis, onde nasceu em 1280 Bosone; e pertencia ao partido gibellino. Como a outros da mesma parcialidade succedera, Bosone foi lançado em 1300 da sua cidade e acolheu-se a Arezzo, onde seu pai fôra *podestà* em annos anteriores. Em 1302 contrahiu amizade com Dante. Havendo tornado á sua patria em 1311, viu-se obrigado deixal-a em 1 de outubro de 1315. Balbo duvida se Dante foi hospedado por Bosone em 1313 a 1315, ou em 1318; mas, se é certo que Dante de 1317 em diante não voltou á Umbria, tambem é certo que esteve em Gubbio e Fonte Avellana em 1313 a 1315. Passa por averiguado que Bosone o recebera não só na sua morada no bairro de

Santo André, senão tambem no castello de Colmollaro, á margem do rio Saon da, a seis milhas de Gubbio.

« E' tradição geral que o Poeta, havendo fallecido Henrique, se deix ava possuir de tristeza, se refugiara algum tempo no mosteiro da ordem camal dalense de Santa Cruz de Avellana, situada no territorio de Gubbio na parte dos Alpes chamada Catria, ermo e pavoroso logar, descripto no *Par.* c. XXI.

3 Cimabue (Giovanni), natural de Florença, foi estimado como restaurador da pintura nos tempos modernos. Nascera em 1240; e sendo nobre por sangue, destinou-a a sua familia ás lettras. D'este proposito afastou-o o seu gosto pela pintura.

Os seus primeiros trabalhos regularam-se pelo estylo byzantino, que em breve deixou, em reconhecendo não ser apropriado á interpretação da natureza. Desde então assignalou-se pelo colorido, pela fórma vivaz das suas figuras. Dos seus quadros poucos lhe sobreviveram, e o principal d'estes é a Madona que tanto maravilhou aos seus contemporaneos. Falleceu em 1302, deixando de si honrosa memoria, que recommenda o seu nome como o do precursor da Renascença.

O Sr. Perrens, na *Historia de Florença*, julga n'estes termos o reformador da pintura na Italia:

« Absolutamente innovador não foi Cimabue, como por muitos foi havido: o seu progresso deveu á natureza e a si proprio. Habilitado pela abastança da sua nobre familia a seguir o impulso da sua vocação, passou a juventude na observação das pinturas, que se executavam no estudo dos mosaicos de Roma e em especial dos de Ravenna, que tanta admiração provocam: d'ahi procedeu o seu talento todo byzantino. Quem contemplar as sua obras com animo desprevenido, se convencerá da physionomia, que denuncia consanguinidade com as dos Gregos do Baixo Imperio. Em Santa Croce existem face á face dois Christos, um de Magoritone, outro de Cimabue: póde-se dizer que são feituras do mesmo pincel.

« Se Cimabue não tivesse a boa inspiração de modificar as tradições byzantinas, não passaria de um Byzantino, filho, como tantos outros, de Florença. De audacia innovadora deu mostras o seu commettimento, que importava salto a leis havidas por immutaveis. Pareceram-lhe contrarias á natureza; tendo modifical-as por esta, sem lhes ser infiel, á mingua de experiencia ou invenção para descobrir novos processos. Affoutou-se algumas vezes a encarar o modelo vivo; e aprimorou-se tanto nas cabeças de velhos, que n'esta parte não o prevaleceram os modernos. Denunciam-se nas suas roupagens mais vivacidade e natural do que nas obras dos Byzantinos por costume e tradição tão pouco graciosas. Aos seus mestres avantajou no estylo, no colorido, na superioridade da execução, que ainda mais realçou a superioridade da traça.

« Mas, sujeitando-se de mais ás regras estabelecidas, não deu ás suas figuras santas a precisa graça, belleza, variedade e vida. A cella, em que se habitara Dante e escrevera parte do seu poema, ainda guarda o nome do poeta; e por baixo de um busto de marmore que o representa, em uma parede se lê a seguinte inscripção: — « Hocce cubiculum hospes, in quo Dantes Alighes habitasse, ineaque non minimam prœclari ac pene divini operis sui partem compasuisse dicitur, imdique fatiscens, ac tanto non solo œquatum Philippus Rodulphuis Laurentri Nicolai Cardinales amplissimi fratris filius summus, legu prœses pro eximia erga civem suum pietate refice, hancque illius effigiem ad tanti riri memoriam revocandam Antonio Petreio Canon Florent procuratore collocari mandavit Kal. Maii 1557. Camald. Monaci revenus cognita hoc in loco ab ipsis restaurato posuerunt Kal. Nov. 1622. »

« Pode-se, pois, ter por probavel que Dante residisse em Gubbio e Fonte Avellana nos ultimos mezes de 1313 ou nos primeiros de 1314. »

Diz Cesare Balbo: — « E' tradicção antiquissima de residencia de Dante em 1318 no mosteiro de Fonte Avellana, perto de Gubbio, cujo prior era Frei Moricine, que transmittira a Dante as propostas, que rejeitara para voltar á Florença, como parece provavel. A este respeito se lê o seguinte no *Veltro Allegorico*, cujas conjecturas são plausiveis, merecendo attenção a bella descripção que fez C. Troya, que visitou o logar:

« Ostenta-se o mosteiro sobre as mais fragosas montanhas da Umbria. Está-lhe a cavalheiro o Catria, gigante dos Apenninos, sendo-lhe tão sobranceiro, que em alguns mezes do anno a sua sombra não poucas vezes lhe veda a claridade. Agra e deserta vereda por entre os matagaes, leva até Suas Madonas; não são bellas, tem sempre o mesmo aspecto os seus anjos; mostram-se as feições carregadas ou desabridas, os meneios ridiculos, a compustura pueril. Não os acceita o gosto moderno; n'aquelle tempo agradavam, como expressões da linguagem tradicional da pintura, que devem falar aquelles mesmos, que tentam reformal-a. Não em tanto bem examinadas as suas composições denunciam réformas e innovações, umas arrojadas outras felizes... A posteridade, que vê nas suas obras titulos de gloria, reverencia-o como fundador de escola ou, pelo menos, como precursor.

« E foi sem duvida; porque fez melhor que os seus predecessores e porque o seu caracter, imperioso, altivo e inflexivel o apropriava á defensa constante das boas doutrinas, conversão dos recalcitrantes. E' possivel que a convicção de não poder realizar o seu ideal lhe irritasse o animo; mas é certo que a precocidade do seu talento, a sua estupenda facilidade, a sua pericia superior, a sua opulencia, a multiplicidade dos seus amigos apparelhavam-o mais para ser mestre independente do que para a sujeição de discipulo docil. Foi respeitada a sua auctoridade, como prova a conservação de tantos quadros seus e principalmente a mudança que se manifestou no estylo dos pintores contemporaneos.

« O que teria sido o pastorinho do Mugello, cujo talento advinhou, quando o viu, rodeado do seu rebanho, desenhando de phantasia ou para imitar a natureza no chão, na areia, na pedra? Sempre Giotto ficaria na ignorancia de si proprio, se Cimabue não o descobrisse, não lhe guiasse os primeiros passos, não obstante antever n'ella um emulo. » — O antigo hospicio dos amaveis solitarios, mostram a estancia, onde os seus antecessores hospedaram o Alighieri. Pelas paredes se lê frequentes inscripções que repetem o seu nome: a sua marmorea effigie testifica o honroso desvelo, que de idade em idade revigora n'aquelle silencioso retiro a memoria do grande taliano. O prior Moricone o recebeu em 1318; e os Annaes de Avellana gloriam-se de repetir esta tradição. Que lá estivera bastara para convencer o aspecto de Catria e a descripção feita por Dante. De lá, no viso selvoso da montanha, contemplava a patria, aprazendo-lhe pensar e dizer que lhe não estava longinqua. Dava-lhe combate o desejo de tornar a vel-a; mas podendo fazel-o, condemnava-se a segundo desterro para se não sujeitar á infamia. Retirando-se da montanha admirava os costumes antigos dos religiosos; mas pouco indulgente para com os seus hospedes, que pareceram arredios da primitiva virtude. Suppõe-se que n'esses dias e em logares propinquos a Gubbio compozera os cinco cantos do *Paraiso* subsequentes ao vigesimo. Pelo que disse no 21º acerca de Catria e pelo que se lê no 25º com relação ao seu desejo de cingir a corôa poetica ante a sua fonte baptismal, se revela a esperança de tornar á patria e ao seu bello aprisco, quando no rodear do tempo se desvanecessem as difficuldades que se oppunham á sua volta. »

[6] Giotto (Angiolotto de Buondone) era pastor de ovelhas, quando a fortuna lhe deparou occasião de ser visto por Cimabue, o famoso pintor, que se maravilhou das disposições que lhe conheceu para desenhar com gesso ou carvão quaesquer figuras. Por elle conduzido e instruido na pintura, em pouco tempo habilitou-se para exceder o mestre. Progredindo de dia em dia, alcançou por primores a fama de genio sem igual na arte, de que se constituiu apostolo.

Tambem abalizou-se como architecto insigne. Em muitas cidades da Italia existem obras suas que dão testemunho do seu prodigioso talento. Dante, seu amigo e admirador, O ultimo trabalho em que se occupava, quando falleceu em 1336, foi a cathedral de Florença. Nascera em 1276.

« A geração contemporanea de Giotto, — diz o Sr. Perrens, obra citada, teve uma só voz para repetir os seus louvores. Dante disse que elle obuscou a gloria do seu mestre e tinha o dominio da pintura; Villani, que era o mestre supremo do seu tempo; Boccaccio, que sabia representar todas as cousas em modo que um objecto por elle fingido figurava como a propria realidade; Petrarca, que possue primores inaccessiveis aos ignorantes, mas admirados por quantos sabem comprehendel-os; Vasari, que deu vida ao desenho, de antes mal conhecido; Lamsi, que assignalou a transição do antigo estylo para o novo.

« Em expressões taes não houve demasia; talvez nem fossem sufficientes. Depois de Cimabue, cumpria pôr termo ás tradições byzantinas ou modifical-as de sorte que se lhes preferisse a inspiração pessoal, guardando-se do passado sómente os bons preceitos. Um discipulo aproveitado devia consumar uma revolução: Giotto era feito para similhante commettimento. De ameno trato e agudo engenho, de parecer agradavel e elegante loquela, posto quão feio, possuido de convicções, porém modesto, recusava o titulo de mestre dos outros e por isso mesmo ainda mais o merecia. Quanta era a agilidade dos seus dedos mostram factos, que constituem lenda, como sabemos de pintores da antiguidade: sabe-se, entre outras, a historia d'esse circulo, que traçou para ser presente ao Papa, e da mosca, que pintou pousada no rosto de uma figura de Cimabue...

« E' motivo para maravilha o que conseguio Giotto. Se é discipulo fiel na execução, mostra-se o mais arrojado dos innovadores na concepção ou, mais exactamente, no methodo. Em vez de contemplar modelos consagrados, fita os olhos sobre a natureza, não se preoccupa com imagens santificadas pela veneração de muitos seculos, prefere o original ás copias, aparta-se affoutamente das tradições tyrannicas, e — sem desertar das altas espheras, como disse H. Delaborde, vinculou o pensamento religioso ao facto humano, á vida. Supprimiu os rostos macilentos e lividos, christos e virgens a representar sómente a dôr physica, que transformaram objectos de adoração em motivos de desgosto, como reconheceu um critico, aliás hostil á reforma de Giotto. Porque reproduziu o que via o que elle, primeiro entre todos, sabia olhar, porque pintou figuras humanas, foi Giotto notado de naturalista, crime imperdoavel no conceito da escola neo-catholica; não faltou quem descesse á suprema injuria, qualificando-o de materialista. Materialista aquelle, que é pelo desenho tão casto e juvenil, affeito aos contornos timidos, ás gradações suaves, ás columnas delicadas e aereas, aos anjos puros e formosos!

« O que fez Giotto lhe foi recommendado pela propria religião. O propozito unico dos Franciscanos e Dominicanos ornando de pinturas as suas igrejas era representar os recentes milagres, que exaltavam as suas ordens na competencia em que viviam. Era possivel que o pintor preferido se não inspirasse na realidade. Certo, não seria nas antiquadas imagens byzantinas que depararia modelos para scenas de hontem, para personagens, que todos conheceram. E' verdade que para fugir de um extremo houve o perigo de cahir no outro; que para evitar a feialdade havida muito tempo por divina, os discipulos se apuraram na formosura humana com excesso; mas sempre haverá ensejo para sanar o abuso que se commetter; então o seculo XV resuscitará os modelos tradicionaes, descaptivando de barbaros senões. Giotto não desmandou-se da medida justa; e a não ser elle a arte de pintor arrastaria por muitos annos ainda na trilha estreita e abominavel, em que os Byzantinos cada vez mais se atascavam...

« Que Giotto seja o pae da pintura, como o qualificou Lanzi, é tão verdade como dizer que Boccaccio é o pae da prosa. Antes delles Dante é prosador

e Cimabue pintor. E' certo, porém, que Cimabue herdou a Giotto empreza mais penosa do que a que Dante deixou a Boccaccio. Para leval-a a venturoso desfecho havia mister talento flexivel e presto, fé de discipulo, enthusiasmo de innovador, actividade de propagandista. De propagandista havia em Giotto as boas e as más qualidades...

« Quem nas suas composições corre após a satisfação pessoal e o bom exito do seu ideal, arrisca-se a andar por veredas, ás mais de vezes, estereis, ou cujos resultados sómente saberá aquilatar remoto futuro. E' assim que nem Cimabue, nem Simão Memmi, discipulos ou ajudante de Giotto nos seus trabalhos de Avinhão, nem Lorenzotti, nem o proprio Duccio, o primeiro assim pela idade, como pelo merecimento, foram fundadores de escola. Cimabue é precursor, os tres Sienezes alcançaram fama e influencia local. Quem, como Dante, adquiriu nomeada italiana, exerceu acção geral, foi havido como mestre por todos os pintores subsequentes, foi sómente Giotto, gigante unico, genio sem competidor em todo o primeiro renascimento da arte italiana. Foi elle o modelo no seculo XIV, como Raphael no XVI e os Carraches no XVII.—« Creador da arte e da profissão, diz Delaborde, Giotto goza com Dante da gloria de haver, de um para outro dia, revelado o bello ao seu paiz pela poesia das inspirações e precisão das formas, de exalçar as mais eminentes faculdades da imaginação, definir e instituir as leis do estylo e linguagem. »

[7] Guido Cavalcanti, intimo amigo de Dante, avantajou-se em erudição como philosopho e em engenho como poeta, a Guido Guinicelli, que pertenceu a uma familia nobre de Bolonha. Dante o menciona frequentes vezes no tratado *De vulgario eloquio*.

[8] « Parece que Dante—diz o conde Trissino, em uma nota a este canto —fala de si proprio, o que não deve ser lançado á conta da immodestia; pois que o louvor da lingua italiana, que da imperfeição, em que jazia, exalçou-se rapidamente á sublimidade da locução grega e latina. »

Alguns, com razão entendem, que o Poeta falou em geral, sem alludir a alguem particularmente. A este propozito pondera o *Ottimo*: « Refira-se elle a si proprio ou não, a verdade é que Dante escureceu a fórma dos outros escriptores e occupou o campo como unico dominador.»— E accrescentou:—« Foi Messer Guido Guinicelli quem primeiro innovou o estylo de dizer em rima. E de Guido Cavalcanti se póde dizer que foi o primeiro que fortaleceu as suas canções com provas philosophicas.»

Ainda no cap. XXVI apparece Guido Guinicelli.

[9] O poeta diz: *Avante che lasciasse il pappo, il dindi*.—Modo de dizer na infancia: *pappo* por *pane*, *dindi* por *danari*.

[10] Allude á revolução do ceu das estrellas fixas, do occidente para o oriente, a qual, segundo o systema de Ptolomeu, adoptado por Dante e geralmente seguido no seu tempo, era de 36.000 annos.

No *Convito*, II, cap. 6:

« São trez os movimentos: um, segundo a estrella se move para o seu epicyclo; outro segundo o epicyclo se move com todo o ceu igualmente com o do sol; e o terceiro, segundo todo aquelle ceu se move, acompanhando o movimento da esphera estrellada, do occidente para o oriente, um grau em cem annos. Para cada um d'estes movimentos ha um motor. Alem d'isto move-se todo este ceu e revolve-se com o epicyclo, do oriente para occidente, uma vez por dia natural,- movimento, que se é produzido por alguma intelligencia, ou se é causado pela celeridade do primeiro mobile, Deus sómente o sabe, a homem fóra desmarcada presumpção julgal-o.»

[11] Na batalha de Monte-Aperti.

[12] O Sr. Perrens, *Hist. de Florença*:

« Depois da batalha de Monte-Aperti assumiu o mando e superioridade Provenzano Salvani, o qual n'aquella cidade, segundo assevera uma testemunha ocular, era quasi o senhor. Nunca se curvara a Carlos de Anjou, ainda depois de Benevente e Tagliacazzo. Dando mostras de animo generoso, assim como de excentricidade, foi ao extremo de implorar na praça publica a caridade dos seus concidadãos afim de grangear meios com que salvasse a vida de um amigo seu, condemnado por aquelle principe á alternativa ou de resgatar-se por dez mil escudos, ou de ser degollado. Tendo ás suas ordens 1400 homens de cavallo e 8000 de pé, inclusive desterrados, Pisanos, Allemães e Hespanhóes, e certo do quanto se avantajaria pela offensiva, preveniu o commettimento dos Florentinos contra Poggiborizi, e investiu Colle, onde se tinham homisiado os desterrados de Siena e Pisa. Avisados do facto a 14 de junho de 1269, os Florentinos, no dia seguinte, fizeram constar a Neri Bardi, capitão de Val d'Elsa, que se abstivesse de pelejas com os seus 200 cavalleiros e aguardasse gente de refresco. A passo igual o sino da communa appellidava os habitantes dos tres *sestreri*, que deveriam estar prestes ao pé das suas bandeiras, quando estivesse consumida a vela, que se accendera diante da porta, por onde deviam marchar contra o inimigo. « Partiram, diz Paolino, a correr, cingidas as frontes de grinaldas: nunca Florentinos foram para a guerra com tanta alacridade. » Iam esforçados pelo seu proprio enthusiasmo e por 200 Francezes, seus alliados, a quem commandava o vigario de Carlos, Jehan Bertauld, senhor de Hangesta pequeno na estatura, grande no valor. » Eram ao todo 400 de cavallo. Para não dilatarem a marcha não esperaram pelas milicias, que se demoravam em caminho. No dia seguinte chegaram em frente de Colle, e encorporaram-se com Neri Bardi, não obstante a oppozição de Provenzano.

« Cumpria a todo o custo emendar a falta, em que cahira o capitão sienez, o qual entendeu nos meios de occupar mais avantajada posição. Mas a 17 de junho Jehan Bertauld, quando viu os seus inimigos preoccupados com a mudança de acampamento, passou uma ponte que deveriam ter cortado e logo após destruil-a para tolher a retirada á sua gente, temeridade, que lhe assegurou a victoria. Inexoravel para com os Allemães, que o anno anterior haviam em Latenna trucidado os seus companheiros, vedou que se recebessem prisioneiros. Guido Novello, sempre acautellado em presença do perigo, conseguiu evadir-se. Menos amigo da vida, Provenzano achou a morte no campo da peleja. Foi-lhe cortada a cabeça e espetada n'uma lança, levada triumphalmente. Assim realizou-se o presagio, diz Tronci, que lhe fizera o demonio,—que n'aquella batalha a sua cabeça seria a mais elevada. »

[13] Prophecia do desterro de Dante, dos trabalhos e desgostos, que se lhe seguiram.

CANTO XII

1. A par, como dois bois, que o jugo unira, [1]
Eu com essa alma oppressa e titubante
Ia, emquanto Virgilio permittira.
2. Eis disse-me :—« Deixando-a, segue avante:
Deve fazer de vela e remos força
Quem quer á barca impulso dar constante.»—
3. A caminhar dispuz-me á voz, que esforça,
Erguendo logo o corpo, inda que a mente
Na humildade a modestia acurve e estorça.
4. Já os pés accelero e facilmente
A Virgilio acompanho: de porfia,
Se mostra cada qual mais diligente.
5.—« A' terra olhos inclina »—então dizia—
Para a jornada aligeirar attenta
No solo, onde o meu passo aos teus é guia.»
6. Assim como na campa se aviventa
A memoria dos mortos, insculpindo
Imagem, que a existencia representa,
7. Que de saudade os corações ferindo,
A' piedade propensos e á ternura,
Os vai ao pranto muita vez pungindo;

8. Assim, com perfeição sublime e pura,
Figuras [2] via sobre aquella estrada,
Que sóbe, serpeando, pela altura.
9. Via, a um lado, dos ceus precipitada
Das creaturas a mais bella e nobre,
Qual raio, pelo espaço arremessada. [3]
10. A vista, do outro, Briareu [4] descobre
De projectil celeste traspassado:
Gelido a terra desmedido cobre.
11. Com Marte e Pallas stava figurado
Tymbreu, [5] em torno ao pae, de armas fornidos,
Vendo o campo de imigos alastrado.
12. Nemrod [6] olhos volvia espavoridos,
Junto á feitura immensa, aos companheiros,
Que a Senaar seguiram-o, descridos.
13. O' Niobe, [7] com braços verdadeiros
Que dôr nos olhos teus apparecia,
Os filhos mortos vendo, quaes cordeiros!
14. Saul, [8] a propria espada te extinguia
Sobre a montanha Gelboé,—[9] maldicta,
Orvalho ou chuva alli não mais cahia.
15. O' louca Arachne [10] tua face afflicta,
De aranha parte entre os destroços stava
Da teia, origem da fatal desdita.
16. Não mais a tua imagem comminava,
N'um carro foges, Roboam cruento, [11]
A furia popular, que te assombrava.
17. Mostrava ainda o duro pavimento
Como fez Alemeon [12] pagar tão caro
A mãe o funestissimo ornamento.
18. Mostrava mais como flagicio raro
Sennacherib [13] no templo assassinado
Por filhos, que deveram ser-lhe amparo.
19. Mostrava tambem Cyro [14] degollado
E Tamyris dizendo accesa em ira
— Sêde tinhas de sangue, sê saciado! —

20. A multidão de Assiryos que fugira,
Mostrava ao verem de Holopherne a morte, [15]
E o castigo que os passos lhes seguira.
21. Via no pó, nas cinzas Troya forte :
O' soberba Ilion, a pedra dura
Mostrava a tua lamentavel sorte !
22. Que mestre no pincel ou na esculptura
Posturas, sombras taes traçar podera,
Pasmo ao genio, que attinja a summa altura ?
23. Real ou morte ou vida aos olhos era:
A verdade não viu na propria scena
Melhor que eu quando a effigie a olhar stivera.
24. A fronte entonai, pois, de orgulho plena,
O' filhos de Eva, os olhos não baixando
Ao caminho, onde achais devida pena.
25. Mais iamos no monte caminhando
E no seu gyro o sol mais avançava
Do que, eu cuidava, absorto contemplando,
26. Quando aquelle, que sempre me guiara
Desvelado, me disse : —«Alça a cabeça !
Não te engolfes ! attento sê ! repara !
27. « Olha aquelle anjo que caminha ápressa
Ao nosso encontro: acaba a terra sexta [16]
Do dia o lavor certo e outra começa.
28. « Reverencia em teu gesto manifesta
Para o anjo á viagem ser propicio,
Não volta o dia de que pouco resta. »—
29. Aproveitar do tempo o beneficio
Era do Mestre a regra ; e, pois, n'aquella
Materia não lhe achei de obscuro o indicio.
30. Já nos demanda a creatura bella :
Trajava branco, a face resplendia,
Qual, tremulando, matutina estrella.
31. Braços abria e azas estendia,
Dizendo:—« Vinde ! que os degraus stão perto :
A jornada já facil se annuncia. » —

32. Raros escutam essa voz, por certo :
O' gente humana, para o ceu nascida,
Por que decais do vento a um sopro incerto ?
33. Imos á rocha, por degraus partida :
De uma das azas me tocou na fronte,
Promettendo-me prospera subida.
34. Como á direita quem se erguer ao monte,
D'onde se evita a igreja que domina
A bem regida ao pé de Rubaconte, [17]
35. Sente que aos pés a ingremidade inclina
Pela escada talhada antes que houvesse
Em livros e medidas a rapina : [18]
36. Adoça-se o pendor assim ; pois desce
De um circ'lo a outro a rocha que alterosa
A um lado e ao outro augusto passo off'rece.
37. Subindo em melodia tão donosa
Beati pauperes spiritu [19] escutamos,
Que a voz, que o diga é pouco vigorosa
38. Quão diff'rentes os áditos que entramos,
Dos infernaes ! Aqui suave canto,
Lá gritos de ira ouvindo caminhamos
39. Vencendo esses degraus do monte santo
Mais agil me sentia : lá no plano
Facil nunca a jornada fôra tanto.
40. Eu disse :—« O' Mestre, de que pezo insano
Sinto-me livre, pois no estreito passo,
Como de antes agora não me afano ! »—
41. « Quando os PP que inda tens em vivo traço»—
Sobre a fronte — tornou-me se apagarem,
Como não has de ter mais embaraço,
42. « Segundo o teu desejo os pés andarem
Sentirás sem fadiga, e até gozando
Deleite, para a altura ao caminharem. »
43. Como o que traz, na praça passeiando,
Cousa, que ignora, na cabeça posta,
E, por ver signaes de outrem, suspeitando,

44. A' mão pede soccorro ; ella, em resposta,
Procura, acha, um serviço assim rendendo,
A que a vista não póde ser disposta :
45. Assim, da dextra os dedos estendendo,
Conheci que das lettras, que o anjo abrira,
Stavam sómente seis remanecendo.
Sorriu-se o Mestre, que o meu gesto vira.

NOTAS AO CANTO XII

Imagens entalhadas sobre a estrada: representam exemplos de soberba. Mostra um anjo aos Poetas o passo, por onde sobe-se ao segundo circulo, onde se expia o peccado da inveja.

[1] Homero, *Ill.* c. XIII:

> Os dois Ajax um do outro não se apartam:
> Quaes negros bois, que, a tosco jugo atados,
> Agua a brotarem da raiz dos cornos,
> Iguaes em animo a charrua tiram
> E por duro maninho o sulco rasgam.

(Trad. de M. Odorico Mendes).

[2] Mostram estes exemplos os perniciosos effeitos da soberba. V. notas ao c. X.

[3] São Lucas, *Ev.* X: v. 18:

« E o senhor lhes respondeu: Eu via cahir do ceu o Satanaz, como um relampago. »

[4] Hom. *Ill.* c. I:

> Convocas em auxilio o Centimano,
> Que é nos ceus Briareu, na terra Egéon,
> Mais robusto que o pae, da houra altivo,
> De Jove a par se teve, e de assustados
> Os immortaes do empenho desistiram.

(Trad. de M. Odorico Mendes).

Camões, *Lus.* c. V. est. 5.:

> Fui dos filhos asperrimos da Terra,
> Qual Encelado, Egeu e o Centimano;
> Chamei-me Adamastor e fui na guerra
> Contra o que vibra os raios de Vulcano;

Não que pozesse serra sobre serra.
Mas, conquistando as aguas do oceano
Fui general do mar por onde andava
A armada de Neptuno, que eu buscava.

Stacio, *Theb, lib* II :

Non aliter, Geticor si fas est credere Phlegræ,
Armatum immensus Briareus stetit æthera contra,
Hinc Phœbi pharetras, hinc torvæ Palladis angues,
Inde Pelethroniam præfixa cuspide pinum
Martis, at hinc lasso mutata Pyracmone temnens
Fulmina, quum toto nequicquam obsessus Olympo
Tot queritur cessare manus.

[5] Tymbreu: é Apollo, assim denominado de Tymbra, logar proximo a Troia, onde tinha um templo.

Virg. *Georg*. lib. IV:
Si modo quem perhibes pater est Tymbræus Apollo.

[6] Nemrod, que commetteu a empreza da construcção da torre de Babel, que tinha de chegar ao ceu. (V. c. XXXI do *Inf*. notas).

[7] Hom. *Ill*. c. XXIV :

Niobe...
A quem seis filhos e seis filhas jovens
O Arcipotente com a irman frecheira
Prostrara a settas, porque a mãe formosa
Se affrontava a puchricoma Latona,
Tendo esta só dois partos e ella doze.
Os dois, porém dos doze deram cabo.
Nove dias sanguentos e insepultos,
Pois Jove o povo em pedras convertera,
Celestes ao dezeno os enterravam.

Ovidio, *Met*. lib. VI :

Orba resedit
Exanimes inter natos natasque virumque,
Diriguit malis. Nullos movet aura capillos,
In vultu color est sine sanguine, lumina mœstis
Stant immota genis ; nihil est in imagine vivi
Ipsa quoque interius cum duro lingua palato
Congelat, et venae desistunt posse moveri,
Nec flecti cervix, nec brachia reddere gestus
Nec pes ire potest : intra quoque viscera saxum est.
Flet tamen, est validi circumdata turbine venti
Inpatriam rapta est; ubi fixa cacumine montis
Liquitur et lacrimas etiamnum nunc marmora manant.

[8] Reis, I, cap. 31 :

« E disse Saul para o seu escudeiro : Desembainha a tua espada e atravessa-me com ella, para que não venham estes incircumcidados e me tirem a vida escarnecendo de mim. Mas o seu escudeiro o não quiz fazer, porque se apoderou d'elle um excessivo terror. Tomou Saul, pois, a sua espada e deixou-se

cahir sobre ella. O que vendo o seu escudeiro que Saul era morto, lançou-se tambem elle mesmo sobre a sua espada e morreu ao pé d'elle. »

[9] Reis, II, 21 :

« Montes de Gelboé, nem orvalho, nem chuva caia sobre vós, nem haja campo, de que offerecer primicias: porque lá foi lançado por terra o escudo dos fortes, o escudo de Saul, como se não tivesse sido ungido com oleo. »

[10] Arachne, celebrada pela arte maravilhosa com que tecia. Soberba ousou desafiar Pallas, que a puniu convertendo-a em aranha.

Ovidio, *Met.* lib VI :

Doluit successu flava virago,
Et rupit pictas, cœlestia crimina, vestes :
Utque cytoriaco radium de monte tenebat,
Ter, quater Idmoniæ frontem percussit Arachnes.
Nontulit infelix laqueoque animosa ligavit
Guttura. Pendentem Pallas miserata levavit,
Atque ita « vive quidem pende tamen improba » dixit ;
« Lexque eadem pœnæ, ne sis secum futuri,
Dicta tuo generi serisque nepotibus esto. »
Post ea discedens succis Hecateidos herbæ
Spargit ; et extemplo tristi medicamine tactæ
Defluxere comæ, cum quis et narie et aures
Filque caput minumum ; totoque in corpore parva est :
In latere exiles digiti pro cruribus hærent:
Cetera venter habet ; de quo tamen illa remittit
Stamen, et antiquas exercet aranea telas.

[11] Reis, liv. III, cap. 12 :

« E reinou Roboam sobre todos os filhos de Israel, que habitavam nas cidades de Judá.

« Enviou, pois, o Rei Roboam a Adurão, que era o superintendente dos tributos ; e todo o Israel o apedrejou e elle morreu. E o Rei Roboam a toda pressa montou no seu coche e fugiu para Jerusalem. E Israel separou-se da casa de David até o dia de hoje. »

[12] Amphiarau, o advinho, antevendo que teria de morrer, se fosse á guerra de Thebas, escondeu-se. Mas Eryphile, sua mulher, peitada pelos que o procuravam com um collar de ouro e pedraria, revelou o logar, onde se occultara. Obrigado a acompanhar ao Rei Adrasto, recommendou ao seu filho Alemeon que matasse a mãe em lhe constando a sua morte. Cumpriu-se a ordem.

Stacio, *Theb.* II, v. 297 :

Tum donis Argia nitet, vilesque sororis
Ornatus sacro præculta superventit auro.
Viderat hoc conjux perituri vatis, et aras
Ante omnes epulasque trucem secreta coquebat
Invidiam, sævis detur, si quando potiri
Cultibus heu nihil auguriis adjuta propinquis
Quos optat gemitus ! quantas cupit impia clades !
Digna quidem, sed quid miseri decepta mariti
Arma ? quid insontes nati meruere furores ?

[13] Isaias, XXXVII:

« E se retirou d'elle Sennacherib, Rei dos Assyrios e se foi e voltou e habitou em Ninive. E aconteceu que adorando elle no templo a Nesroc, seu deus, Adramelec e Sarasar, seus filhos o feriram com as suas espadas; e fugiram para a terra de Ararat, e reinou Asarhaddon, seu filho, em seu logar. »

[14] Conta Herodoto (liv. I, cap. 214) que Tomyris, Rainha dos Messagetas, tendo vencido em batalha campal ao Rei Cyro, que perdeu a vida com a mór parte do seu exercito, mandou encher de sangue um odre, e mergulhando alli a cabeça de Cyro, disse: — Farta-te, ó monstro, de sangue, de que foste sempre insaciavel.

Historia de Herodoto — Clio — 214:

« Durou a batalha muito tempo sem vantagem de parte a parte; venceram a final os Massagetas. Foi destruida a mór parte do exercito dos Persas; e Cyro perdeu a vida: reinara vinte e nove annos. Conta-se que Tomyris, tendo mandado encher um odre de sangue humano, mergulhou alli a cabeça de Cyro, que por ordem sua se descobrira entre os mortos, e disse: — Tu, que, com quanto eu te sobreviva e te haja vencido, causaste a minha infelicidade e perda, privando-me de um filho por vil estratagema, sê satisfeito, ó Cyro: realizo a minha ameaça e sacio-te de sangue. »

[15] Judith, cap. XV:

« Quando, pois, todo o exercito soube que Holophernes estava degollado, perderam a razão e o conselho, e agitados unicamente do temor e do medo, buscam a sua salvação, fugindo, de sorte que nenhum falava ao seu companheiro; mas de cabeça baixa, desamparado tudo, apressavam-se em escapar aos Hebreus, os quaes elles ouviam dizer que vinham de mão armada sobre elles, que fugiam pelos caminhos dos campos e pelas veredas dos outeiros. Os Israelitas, pois, vendo-os fugir, foram em seguimento d'elles; e desceram tocando trombetas e gritando após elles. E como os Assyrios desordenados iam fugindo precipitadamente e os Israelitas os perseguiam juntos em um só batalhão, destroçaram quantos podiam encontrar. »

[16] A sexta hora do dia.

[17] Dante por ironia chamava Florença a bem governada.

A igreja de San Miniato demora sobre um tezo d'aquella cidade a cavalleiro do Arno, no ponto, em que esse rio é atravessado pela ponte Rubaconte. Esta foi assim denominada por ter sido construida de ordem de Rubaconte da Mandello, de Milão, que em 1237 governava Florença como *podestà*.

O Sr. Perrens, *Hist. de Florença*, t. I:

« Primitivamente uma só ponte dava passagem de uma para outra margem do Arno, mas era insufficiente para a communicação da cidade com o arrabalde de Oltrarno, já então o mais povoado dos seus *sestieri*. Em 1218 o famoso *podestà* Otto di Mandello principiou os fundamentos da ponte denominada *Ma Carraja*. Em 1237 outro *podestà*, pertencente áquella nobre, mas popular familia, a exemplo do seu parente e antecessor, afanou-se infinitamente mais que elle pela prosperidade e accrescentamento interior de Florença. Foi Rubaconte. Não podendo abalizar-se nas artes da guerra, determinou honrar o cargo pelas feituras da paz. Aos Florentinos, cujos predios haviam sido devastados pelos incendios, e que, descoroçoados deixavam os jazer em ruinas, impulsou por conselhos a reedifical-os. Calçou as ruas com lages, que se agreitavam com singular industria e pela irregularidade das juncturas tomavam extrema adherencia, imitação manifesta do processo usado pelos Etruscos nas

suas perduraveis construcções. Em obras taes empregou mais de mil trabalhadores. Construiu uma ponte para além de Ponte-vecchio, commettimento, que inaugurou, contam, carregando aos hombros quantidade de pedras e cal.

« Com o anno terminava o cargo de Rubaconte, mas não as obras, que dirigia; e por isso lhe foi continuado por mais seis mezes, ou por parecer mais que outro capaz de desempenhar-se da commissão ou por dar-se-lhe em galardão essa mostra honrosa de confiança. Bastou-lhe aquelle outro espaço. Em 1238 estavam acabadas as ruas, franqueava-se ao transito a nova ponte, que muito tempo teve o nome de Rubaconte. Se ao diante, no seculo XV, por devoção os Florentinos o demudavam em *Ponte Me Grazie*, em acabamentos a uma capella dedicada a Santa Maria das Graças ficou a memoria do laborioso *podestà* insculpida nos annaes em lettras de ouro.

« Em 1237 desempenhava Rubaconte sem ameaças mais penosa tarefa, reconciliando e compondo temporariamente em Pistoia duas parcialidades, que no decurso de seis annos dividiam em duas cidades cada qual com magistrados e corporações proprias, encarniçadas em derramar o sangue de irmãos nos morticinios, em que se dilaceravam. »

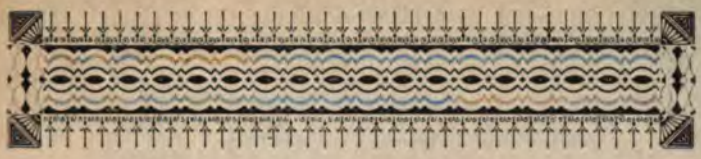
Lê-se no tomo. III da mesma obra:

« Julgar segundo a equidade, como Salomão, ou ao modo das superstições dominantes, era o meio de esquivar-se á observancia da lei, se parecia nimiamente severa. Para illudir o texto—quem matou morra-o *podestà* Rubaconte, tendo de julgar um sujeito, que cahindo de uma ponte, occasionou a morte de outro, ordenou que o homicida involuntario se collocasse no proprio logar, em que se achava a victima, e que um dos queixosos se deixasse cahir sobre elle. »

[18] No bom tempo, quiz dizer o Poeta, antes de haver falsificadores de registos e padrões das medidas. Foi contemporaneo de Dante um tal Niccola, que arrancou uma folha do registo publico para destruir a prova de um peculato. Outro individuo, Durante dei Cheromontesi, falsificou as medidas, que tinha ao seu cargo, como empregado da alfandega.

[19] S. Matheus, *Ev.* V.:

« Bemaventurados os pobres de espirito, porque d'elles é o reino dos ceus. »



CANTO XIII

1. Da escada ao topo haviamos chegado,
Onde, outra vez cortado, o monte estreita,
Que alma sóbe, expiando o seu peccado.
2. Como a primeira, outra cornija feita
Circumdava a collina, só diff'rente
Em que a um arco menor ella se ageita.
3. Relevo, fórmas, como a procedente,
Não mostra: e, lisa sobre a escarpa e entrada,
Livida côr a pedra tem sómente [1].
4.—« Se a presença de alguem fosse esperada,
Que nos preste conselho »—diz meu Guia—
« Temo que fique a escolha retardada. »—
5. Os olhos para o sol depois erguia,
E, sobre o pé direito se firmando,
Para a esquerda girava e se volvia.
6.—« Tu, de quem tudo fio, ó lume brando
No caminho conduz-nos que se off'rece
Como exige o logar » disse—« guiando!
7. « Raiando, o teu calor o mundo aquece :
Se motivo não surge de embaraço,
De conduzir-nos teu fulgor não cesse! »—

8. Vencido em breve tinhamos espaço,
Que por milha na terra calculamos,
Porque o desejo estimulava o passo:
9. Em direitura a nós voar julgamos
Invisiveis espiritos, chamando
De amor á mesa em lepidos reclamos.
10. A voz primeira que passou voando,
Vinum non habent [2] proferiu sonora
E ainda muito alem foi reiterando.
11. Mas antes de perder-se pelo ar fóra,
Outra acercou-se.—« Oreste [3] sou! »—dizia;
E apartou-se igualmente sem demora.
12.—« Que vozes estas são, Mestre?—» inqueria.
Mas, apenas falara, eis vem terceira.
—« Amai imigos vossos! »se lhe ouvia. [4]
13.—« Pune este circ'lo a culpa traiçoeira »—
O Mestre diz—« da inveja; o açoite applica
O amor, que os rigores lhe aligeira.
14. « Contrario som, porém, o freio indica.
Antes que attinjas do perdão a entrada,
Terás de ouvil-o; e d'isto certo fica.
15. « Tem ora a vista para alem fitada;
De espiritos, ao longo do alto muro,
Assentados verás somma avultada. »—
16. Mais que de antes então a vista apuro;
Almas distinguo, que involviam mantos,
Que a côr imitam do penhasco duro.
17. Um pouco avante ouvi de esp'ritos tantos
A voz bradar:—« Por nós orai, Maria,
Pedro, Miguel e todos os mais Santos!» [5]
18. Na terra homem tão fero não seria,
Que não sentisse o coração pungido
Em vendo o que aos meus olhos se off'recia.
19. Acerquei-me por ser mais distinguido
De cada sombra o meneiar e o gesto:
Pelos olhos á dôr allivio hei tido.

20. Então foi claramente manifesto
Que entre si, uns aos outros se arrimavam,
Todos á pedra, em seu cilicio mesto.
21. Assim os pobres cegos mendigavam :
Nos dias de Perdão da igreja á porta
Mutuamente as cabeças encostavam ;
22. Pois a piedade o coração nos corta,
Quando ao som das palavras se accrescenta
Da vista a acção que o peito desconforta
23. E como o sol aos cegos não se ostenta.
Assim tambem ás sombras que allivia,
Não mais do ceu a luz olhos alenta.
24. Fio de ferro as palpebras prendia
A todas, como ao gavião selvage
Para domar-lhe a condição bravia.
25. Cuidei, se andasse, lhes fazer ultrage,
Lhes vendo as faces e occultando a minha ;
E o Mestre olhei em tacita linguage.
26. E o Mestre, bem sabendo o que convinha,
Antecipou-se logo ao meu desejo
E disse :—« Arguto sê, e fala asinha. »—
27. Virgilio caminhava n' este ensejo
Do lado, onde á cornija falta amparo ;
D' alli cahir se póde e o risco eu vejo.
28. As almas do outro lado eram ; reparo
Que dos olhos a horrida costura
Provoca pranto copioso e amaro.
29. Voltei-me e disse :—« O' almas, que a ventura
De ver tereis ao certo o excelso Lume ;
De que sómente o vosso anhelo cura,
30. « Dissolva a Graça em vós todo o negrume
Da consciencia e n'ella manar faça
Da mente o rio em limpido corrume !
31. « Concedei-me o que mais me satisfaça :
Dizei-me qual de vós latina ha sido ; [6]
De eu sabel-o algum bem talvez lhe nasça. »—

32.—« Por patria, irmão, só hemos conhecido
A cidade de Deus : dizer quizeste
— Peregrina na Italia haja vivido. »—
33. De mim remota a voz parece d'este,
Que assim disse; e por tanto, passo avante
Por saber certo a quem attenção preste.
34. E uma sombra entre as mais vi, que, distante,
Aguardava-me. E como eu distingui-a ?
Qual cego, alçava o mento p' ra diante.
35. — «Tu, que para subir penas »—dizia—
Quem foste, onde nasceste diz: te imploro,
Se é tua voz que, ha pouco, respondia.
36.—« Fui de Siena»—tornou—«com este choro
Os graves erros de perversa vida,
E a Deus que se nos dê, clemente, exoro.
37. « Chamei-me Sapia, [7] mas não fui sabida.
Mais deleite me deu o alheio damno
Do que a dita a mim propria concedida.
38. « E porque não presumas que te engano,
Se fui louco verás pelo que digo,
Já no declinio do viver humano
39. « Eu era, quando a rebater o imigo
Em Colle os meus patricios campearam
A Deus roguei que lhes não fosse amigo.
40. « Destroçados, á fuga se lançaram,
E a mim, que estava aquelle transe vendo,
Indiziveis prazeres me tomaram,
41. « Em modo, que, atrevida, olhos erguendo,
—«Não mais Deus temo !»—contra o ceu gritava
Qual melro, instantes de bonança tendo.
42. « Com Deus quiz paz, mas quando já tocava
Da vida o termo ; e ainda não podera
A divida solver, que me onerava,
43. « Se Pedro Petinguano [8] não se houvera,
Nas santas orações, de mim lembrado :
Em pról meu caridade o commovera.

44. « Mas quem és, que nos tens interrogado,
Que estando, creio, de olhos não tolhidos
E respirando indagas nosso estado ? »—
45.—« Olhos»—disse—«terei tambem serzidos,
Porém por pouco tempo ; que da inveja
No mundo hão sido rara vez torcidos.
46. « Maior receio o peito me dardeja
De outro tormento ; e tanto me angustia,
Que o seu fardo a sentir cuido já steja. »—[9]
47. « Mas quem ao monte »—me tornou—« te guia,
Pois de voltar ao mundo tens certeza ? »—
— « Quem tenho ao lado e voz não pronuncia.
48. « Inda vivo ; e, pois fala com franqueza,
Alma eleita, se queres que os pés mova
Em pról teu lá na terra com presteza. »—
49.—« O que dizendo estás cousa é tão nova
Que por mim rogues fervorosa peço,
Pois da divina dilecção dá prova.
50. « E pelo que te merecer mais preço
Supplico-te : ao pisar terra toscana
Ao meu nome entre os meus aviva o apreço.
51. « Terás de vel-os entre a gente insana, [10]
Que espera em Talamone, [11] mas como antes,
Quando buscava as aguas do Diana : [12]
« Mór engano hade ser dos almirantes. »—

NOTAS AO CANTO XIII

Expiação das almas, que peccaram por inveja: palavras que preceituam caridade. Os peccadores têm as palpebras unidas por fio de ferro. Dante pratica com Sapia, fidalga de Siena.

[1] No circulo, em que se expurga a inveja, a rocha e as vestes dos invejosos têm côr livida. A propria paixão ou peccado mortal, em que se inquinavam, dá-se o nome de *livor*.

[2] S. João, *Ev*, II, 3:

« E faltando vinho disse a Mãe de Jesus: Elles não têm vinho. »

[3] E' proverbial a amizade, que vinculava os corações de Orestes e Pylades. Orestes assassinara a sua mãe Clytemnestra e a Egistho para vingar a morte de Agamemnon, seu pae. Pylades foi seu amigo tão leal e constante, que com maravilhosa abnegação e desinteresse, o acompanhou e defendeu em todos os trabalhos e perigos, a que o arrastou a sua desventura depois d'aquelle crime. E foi tão extremoso, que, sendo Orestes condemnado á morte, para salval-o disse: « Orestes sou eu. »

[4] S. Matheus, *Ev*. V, v. 44:

« Mas eu vos digo: amai os vossos inimigos, fazei bem aos que vos tem odio e orai pelos que vos perseguem e calumniam. »

Por meio d'estes exemplos o Poeta representa a caridade (amor) em trez exemplos e gradações, que significam: o 1º soccorro aos necessitados — *vinum non habent*; o 2º risco da vida para salvar a do proximo — *Orestes sou eu*; e o 3º retribuição ao mal pelo bem — *amai os vossos inimigos*.

[5] A Ladainha.

[6] Para Dante *Latino* é synonimo de *Italiano*.

[7] Sapia, fidalga de Siena, que uns chamavam Sapia dei Provenzani, e outros, Sapia dei Salvani, tendo sido desterrada, acolheu-se da cidade de Colle, sita no cabeço de uma collina, perto de Voltema. Pelejando-se a batalha entre os Sienezes, seus patricios, e os Florentinos, na qual perdeu a vida Provenzan Salvani, foi ella para logar, d'onde se descortinava o campo da batalha, fa-

zendo votos pela derrota dos de Siena. Vendo satisfeitos os seus desejos, possuiu-se do maior contentamento; e dizem os chronistas, alçando os olhos para o ceu exclamou :—O' meu Deus, faz me agora todo o mal, que te approuver: vivirei e morrerei satisfeita ; nada mais tenho que temer ou esperar. »

8 Pedro Pettinagno, santo ermitão florentino, da Ordem Terceira de São Francisco de Campi, territorio de Siena. Diz o *Ottimo* :—« No tempo do Autor fez muitos milagres, sarando enfermos e presagiando varios acontecimentos : Sapia encommendara-se ás suas orações e visitava-o frequentes vezes. Foi por nação Florentino e hoje chama-se S. Pedro Pittinagnolo. »

Um historiador de Siena, Tommasi, disse que pelo anno de 1328 deliberou o Senado de Siena que todos os moradores da cidade, sem exepção, deveriam sempre comparecer na igreja de S. Francisco para solemnizar a festa do beato Pedro Pettimaio.

9 Confessa Dante haver peccado muito por soberba e rara vez por inveja. Diz Lombardi :—« Esta declaração talvez pareça a alguem unicamente escrupuloso louvor do Poeta a si proprio. Mas por sem duvida, conhecendo-se a sua indole nobremente altiva, a elevada estima, que de si tinha a consciencia do seu talento e vastissima erudição, não se póde negar que Dante, por muito avessa que se lhe mostrasse a fortuna, tinha razão para julgar-se alvo da inveja dos seus adversarios, em vez de deixar abater pela influencia d'esse abjecto sentimento.»

10 No c. XXIX do *Inf.* foram os Sienezes notados de grande vaidade.

11 Diz o *Ottimo :*

« Talamone é um porto maritimo, perto do qual demora um castello, denominado Talamone, que, por estar situado na maremma e ser de ares insalubres, foi abandonado pelos habitantes, e jaz em ruinas. Como o porto é profundo e poderia ser proveitoso, os de Siena consumiram por vezes avultados cabedaes para melhoral-o e povoal-o ; mas sem vantagem, visto que os ares doentios empederiam o desenvolvimento da povoação.»

12 Lê-se no *Ottimo :*

« Diziam que um rio subterraneo, a que se deu o nome de Diana passa no territorio de Siena por canal interior. Os Sienezes, que padecem penuria de aguas correntes, muito se afanaram por descobril-o para abastecimento publico e particular. Mallograram-se os seus esforços ; e ainda assim esperam conseguir o objecto dos seus desejos.»

CANTO XIV

1.—« ESTE quem é ao nosso monte ha vindo,
Sem ter-lhe a morte as azas desatado,
Os olhos, quando quer, fechando e abrindo ? »—

2.—« Ignoro ; mas vem de outro acompanhado.
Tu, que és mais perto, a perguntar começa,
E, para nos falar, mostra-lhe agrado. »—

3. De dois esp'ritos juntos [1] se endereça
A mim d'esta arte a voz : stão-me a direita,
Cada um para atraz alça a cabeça.

4.—« O' alma »—disse-me uma—« que, na estreita
Prisão corporea ainda, aos ceus ascende,
Dá-nos consolo, á caridade affeita.

5. « Quem és e d'onde vens ? Porque nos prende
Pasmo notando a Graça, que te ampara,
Portanto que ninguem viu, nem comprende. »—

6. Tornei-lhe :—« Na Toscana se depara
Rio, que brota em Falterona escasso [2]
E nunca, milhas cem correndo, pára :

7. « Este corpo d'alli conduzo lasso.
Dizer quem sou discurso vão seria :
Meu nome inda não sôa em largo espaço. »—

8.—« Se bem te entendo »—assim me respondia
A sombra, que antes de outra eu tinha ouvido—
« Ao Amo o dizer teu se referia. »—
9.—« Por que »—lhe atalha a outra—« elle escondido
Nos tem do rio o nome verdadeiro ?
Cousa horrivel se encerra em seu sentido ? »—
10. Disse-lhe a sombra, que falou primeiro :
— « Não sei ; mas fôra bem feliz o instante,
Em que o nome pereça ao valle inteiro :
11. « Des que nasce lá onde é redundante
De aguas a serra que o Peloro [3] unira,
Noutras partes, porém, pouco abundante,
12. « Até que o mar do seu tributo aufira
Reparo ao que no seio o ceu lhe suga,
E vida assim p'ra novos rios tira,
13. « Todos alli virtude hão posto em fuga,
Qual vibora inimiga, ou por effeito
Do clima, ou por moral, que o bem refuga.
14. « Natureza por vicios se ha desfeito
Na gente féra d'esse valle impuro,
Como de Circe apascentada a geito.
15.—« Cava o rio primeiro o leito escuro
Entre porcos mais di'nos de boleta
Do que de cibo, em que haja humano apuro.
16. « Baixando, acha de gózos mó abjecta,
Em que o furor á força não se iguala,
E, como por desdem, busca outra meta
17. « Essa maldicta e desgraçada valla
Tantos mais cães em lobos [4] vê tornados
Quanto mais corre e mais caudal resvala.
18. « Immerge em precipicios mais rasgados,
Onde encontra rapozas tão manhosas, [5]
Que os laços mais subtis ficam frustrados.
19. « Do porvir direi cousas espantosas,
E quem me ouvir conserve na lembrança
Verdades que hade ver bem dolorosas.

20. « Teu neto os lobos a caçar se lança
D'esse rio maldicto sobre a riva :
Em quanto os não destroçá não descansa.
21. « A carne sua vende, estando viva.
Como rezes depois mata-os cruento ;
Muitos da vida e a si da gloria priva.
22. « Da triste selva [6] sai sanguinolento
E a deixa, tal que ainda após mil annos
Tornar não hade ao primitivo assento. »—
23. Como, ao presagio de futuros damnos,
Merencorio se mostra o interessado,
Onde quer que a fortuna urda os enganos :
24. Assim o outro espirito : voltado
Para escutar se havendo, se entristece,
Depois que teve o socio terminado.
25. Como saber seus nomes eu quizesse,
Ouvindo aquelle ao outro o gesto vendo,
A pergunta entre rogos se offerece.
26. O que falara respondeu dizendo :
« Pedes, que eu, prompto, quanto anhelas faça,
A instancia minha em pouco apreço tendo.
27. « Mas como em ti de Deus transluz a Graça,
Não te hade ser Guido del Duca [7] esquivo
Tanto, que o teu querer não sastisfaça.
28. « Da inveja o fogo ardeu em mim tão vivo,
Que ao ver sorriso de outrem no semblante,
Em meu rosto o livor era expressivo.
29. « Semeei : colho o fructo repugnante.
Oh ! por que, raça humana, o que repelle
Qualquer partilha almejas offegante ?
30. « Este foi Rimieri : estava n'elle
Dos Calboli o primor ; ao nome honrado
Herdeiro não deixou que a gloria zele.
31. « Não só á prole sua tem faltado,
Entre o Pó e a montanha o mar e o Reno [8]
O bem para a verdade e o prazer dado ;

32. « Pela extensa amplidão d'esse terreno
Alastram tudo abrolhos perigosos :
Quando extirpar se póde um tal veneno ?
33. « Onde Mainardi e Lizio [9] estão famosos ?
Qual de Carpigna e Tarversaro [10] o fado ?
O' Romanhóes, bastardos desbriosos !
34. « Quando um Fabbro [11] se tem nobilitado,
Como em Faenza um Fosco Bernardino, [12]
Varas gentis de tronco definhado !
35. « O pranto meu não julgues pouco di'no,
Se com Guido de Prata rememoro
O companheiro nosso, Azzo Ugolino ; [13]
36. « Se Fred'rico Tignoso [14] e a prole choro ;
Solares de Anastagi e Traversara, [15]
Sem herdeiros extinctos, se eu deploro,
37. « Cavalleiros e damas, gloria rara,
Que inspiravam amor e cortezia [16]
Na terra, que a virtude desampara !
38. « Cai em ruinas, Brettinoro [17] impia !
Em ti viver tua gente não quizera;
Com mais outras, temendo o mal, fugia.
39. « Bem faz Bagnacaval: prole não gera.
Castrocaro faz mal e peior Conio [18]
Que a taes condes da vida o lume dera.
40. « Os Pagani [19] irão bem, quando o Demonio
Deixal-os ; mais não podem nome puro
Já nunca possuir no solo ausonio. »
41. Ugolin Fantolin, ficou seguro [20]
Da fama tua o lustre ; pois já agora
Não terás filhos p'ra tornal-o escuro.
42. « Pódes, Toscano, proseguir embora :
Pranto, mais que discursos, me deleita ;
Lembrando a patria, o coração me chora. » —
43.—O passo as almas na vereda estreita
Ouviam-nos : silencio ellas guardando.
Era a jornada com certeza feita.

44. Já ficaramos sós, avante andando,
Eis brada voz nos ares de repente;
Veloz, qual raio, vinha a nós clamando:
45.—« Quem me encontrar me mate incontinenti »—[21]
E fugio qual trovão que distancia
Se o vento a nuvem rasga de repente.
46. O terrivel clamor cessado havia,
Com medonho fracasso eis outra brada,
Como um trovão que a outro succedia:
47.—« Aglauro sou, em rocha transformada »—[22]
E a Virgilio acercar-me então querendo,
Dei, não avante, um passo atraz na estrada.
48. Tranquillo o ar por toda a parte vendo,
—« Este é »—falou-me o Mestre—« o duro freio,
Que os homens deve estar sempre contendo:
49. « Mas vós mordeis a isca em triste enleio
E o pristino inimigo do anzol tira:
De conter ou pungir que vale o meio?
50. « O ceu vos chama, em torno de vós gira,[23]
Esplendores eternos vos mostrando;
Mas a vista, enlevada, a terra mira,
« E quem vê tudo então vai castigando. »—

NOTAS AO CANTO XIV

No mesmo circulo dos invejosos ouvem os Poetas a Guido del Duca e Rinieri de' Cabboli. Vozes, que lembram os effeitos funestos da inveja.

[1] Ao diante se declara que estes dois espiritos são Rinieri de' Cabboli e Guido del Duca.

[2] Falterona, montanha da cordilheira dos Apenninos.

Ampère, *Voyage Dantesque :*

« Mais adiante demora a torre de Porciano, onde dizem ter estado Dante. Tinha ainda de subir os cabeços de Falterona. A' meia noite metti-me a caminho para chegar alli antes de assomar o sol. Quantas vezes, dizia entre mim, peregrinou por entre estas serras o Poeta, cujos vestigios vou seguindo ! Por estas fraguras descia e subia, quando ia visitar os seus amigos da Romanha e do condado de Urbirio, enlevado em esperanças, que nunca se haviam de realizar. Imaginava Dante caminhando á luz das estrellas, possuido das impressões, que se recebem n'esses logares alcantilados e desconversaveis, n'essas veredas asperrimas, n'esses valles e quebradas profundas, n'esses varios incidentes de penosa e prolongada jornada. De impressões taes se offerece a representação no seu poema. Pela simples leitura da *Divina Comedia* se convence qualquer pessoa de ter o seu auctor corrido e visitado muitas terras. Na realidade Dante caminha com Virgilio. Esbaforido pára nas encostas ingremes para resfolegar ; quando o pé resvala, soccorre-se da mão ; tranvia-se e pede que lhe ensinem o caminho ; observa a atmosphera, o ceu, os astros. A cada um dos seus versos, a cada um dos passos da sua perigrinação poetica deparam-se os habitos e reminiscencias do viandante.

« E' indubitavel que Dante subiu até o cimo de Falterona, d'onde se descortina todo o valle do Arno, E' alli que se deve ler a singular imprecação proferida pelo Poeta contra o valle inteiro. Acompanha o rio na sua descida e lança uma invectiva acerba contra cada um dos logares, cujo terreno retalham as suas aguas. Quanto mais avança, tanto mais se exacerba e troveja o seu rancor. Não conheço exemplo de igual topographia satyrica.

« No canto XIV Dante se avista com dois Romanhóes. A um, que inquire d'onde vem, responde : — Por terras da Toscana corre um rio, que tem origem em Falterona e por espaço de cem milhas não deixa de proseguir.—Parece, lhe

diz um dos espiritos, que estás falando do Arno.—Mas porque—atalha o outro,—não diz elle o nome do rio ? — Replica o primeiro espirito que é justo desappareça d'esse valle até o nome ; pois que da sua nascente á sua foz é a virtude abominada. Primeiramente o Arno encontra porcos indignos do alimento proprio de homens (o que talvez seja allusivo ao castello de Porciano, que fôra dos condes Guidi de Romana); depois podengos, cuja furia não iguala a furia que mostram. São os Aretinos, gibelinos.—Na linguagem symbolica de Dante os gibelinos são sempre representados por cães, os guelfos por lobos. E de mais d'isto os Aretinos passam por gente rixosa contrastando com a brandura geral do caracter toscano. Proximo a Arezzo o Arno curva-se e desce para Florença. circumstancia de que se aproveita o Poeta para dizer de desdem contra os Aretinos que a corrente do rio

A lor disdegnosa torce il muso.

Baixa ainda mais por

La maledetta e sventurada fossa.

Fossa é tanto mais exacta, quanto o alveo do rio, entre Arezzo e Florença, é, em alguns trechos estreita e profunda valla : as aguas, para abrir caminho, cortaram as collinas em dois logares, perto de Arezzo, onde afflue o Chiana, e em Incisa, patria de Petrarca.

« Após os porcos de Casentino e os caes de Arezzo vem os lobos de Florença e as golpelhas de Pisa, da cidade, que Dante amaldiçoou como vergonha das nações. Pisa era gibelina como Arezzo. Outr'ora Dante pelejava contra os Aretinos em Campaldino, militava contra os Pisanos em Caprona; e se bem fosse alliado dos gibellinos, proscriptos e desterrados como elle, e anhelasse a omnipotencia imperial, permaneciam em todo o seu ardor as aversas antigas do guelfo e irrompiam na presença dos lugares, que os recordavam. »

[3] A cordilheira dos Apenninos termina na Calabria, que entesta com o cabo Peloro, na Sicilia.

Virgilio *En.* III :

Ast, ubi digressum Siculæ te admoverit oræ
Ventus, et angusti rarescent claustra Pelori,
Læva tibi tellus et longo læva pelantur
Æquora circuitu : dextrum fuge littus et undas.
Hæc loca, vi quondam, et vastâ convulsa ruinâ
(Tantum ævi longinqua valet mutare vetustas)
Dissiluisse ferunt, cùm protinus utraque tellus
Una foret; venit medio vi pontus, et undis
Hesperium Siculo latus abscidit, arvaque et urbis
Littore diductas angusto interluit æstu.

[4] Os Florentinos.

[5] Os Pisanos.

[6] Fulcréro de Calboli ou Calvoli, sobrinho de Riuieri, *podestà* em 1301.

O Sr. Perrens, *Hist. de Flor.*, t. III :

« Os Brancos, refugiados em Mugello offereceram-se aos Bolonhezes para entregar-lhes essa forteleza natural, que os Negros, a seu parecer, não se afoutariam a investir. N'esta illusoria esperança expediram os Bolonhezes sem dilação 900 de cavallo e 700 de pé sob a conducta de Scarpetta. Entrada a terra

de Pulicciano e posta em cerco a sua fortaleza. Bolonhezes e Brancos tinham a chave do Paiz: cuidavam que então podiam dar sobre Florença. Apresentam-se então os Florentinos e os seus alliados, que pela sua formidavel superioridade obrigam os Bolonhezes a retirar-se e os Brancos a fugir (12 de março de 1303). Posto que se achassem aligeirados das bagagens, que abandonaram, não poderam os Brancos evitar que os seus inimigos os alcançassem; e, sendo desbaratados, os vencedores trataram-os sem piedade. Gianni Ridolfi, não obstante se ter entregado, foi morto por um dos Fo-Tosinghis. Donato Alberti, conduzido a Florença, com muitos outros, foi degolado — « em virtude d'essa lei, diz Villani, que elle proprio havia promulgado, quando dominava e era prior. » A 11 de abril novo dos prisioneiros de maior suppozição « foram immolados, diz Paolino, como bodes. »

« Os auctores d'essa carnificina, d'essa crueza, que se não compadecia com os costumes florentinos, foram Musciato Tromzesi, a que então era « o homem mais poderoso de Florença » e o seu feroz instrumento o *podestà* Fulciero dei Calvoli. A pretexto de conspiração encarceravam os seus inimigos, sem exceptuar os que eram havidos por mentecaptos; mettendo-os a tratos, obrigavam-os a denunciar culpas verdadeiras ou imaginarias. Os que não confessavam expiravam nos tormentos da polé; os que confessavam morriam no patibulo. Eram accusados oito dos Abati; fugiram para não perder a vida: Fulciera declarou rebelde toda a familia, e mandou arrazar-lhes as casas e vender os bens. — « Depois não foram mais cidadãos, diz Villani, e houve grande transtorno na cidade. »

[7] Guido del Duca era de Brettinovo, pequena cidade da Romanha, conhecida depois com o nome de Bettinovo. D'elle e do seu companheiro Rinieri de' Calboli diz o *Ottimo* « nomini gentile e di valore, se invidia non li avesse arsi. »

[8] Indica as raias da Romanha: o rio Pó, os Apenninos, o mar Adriatico e o rio Reno, que passa perto de Bolonha.

[9] Diz o *Ottimo*: « Misser Licio de Valbona, cavalleiro tão generoso, que para dar um jantar em Forli vendeu por 60 florins metade da colcha de seda do seu leito.

O commentador Laudino escreveu: « Misser Licio de Valbona, varão excellente e ornado de virtudes, cuja filha Catharina, por amor clandestinamente se ajunctou com Ricciardo, mancebo nobre. Misser Licio, usando de prudencia, casou-os, como compridamente refere o nosso Boccaccio (Giorn. V, Nov. 4 do *Decam.*) »

« Henrique Monardi, de Brettinoro, cavalleiro notavel pela sua cortezia e pundonor, tinha mesa franca, dava presentes de roupas e cavallos, era amigo dos homens esforçados e briosos; na pratica de actos de generosidade, passou vida folgada. »— São palavras do *Ottimo*.

[10] De Travessaro disse o commentador anonymo:

« Sendo de nobilissima prosapia, lançou-o de Ravenna a familia de Polenta. Com os já mencionados fidalgos esteve em honrosa convivencia. »

Quanto a Carpigna assim se exprime:—« Guido de Carpigna era de Montefeltro; e como aquella montanha tem o condão de produzir, afóra os condes, homens virtuosos, o auctor menciona este como singular pela sua cortezia e animo grandioso. O mais do tempo habitou em Brettinoro; em liberalidade precedeu os outros, amou por amor e alegremente viveu. »

[11] « Fabbio era de estirpe plebea, mas usava tanta franqueza e generosidade, que Dante disse não haver em Bolonha outro que lhe fosse comparavel »—Disse o *Ottimo*.

12 Lê-se no mesmo commentador:

« Este Misser Bernardino, filho de Fosco, lavrador e mechanico, foi por obras virtuosa pessôa, tão excellente, que fez honra a Faenza; mereceu fama e louvor, e os fidalgos de sangue o mais nobre não se dedignavam de visital-o para ver as suas magnificencias e gentilezas e ouvir os seus engenhosos conceitos. »

13 Segundo o *Ottimo*, fôra Ugolino d'Azzo de Faenza e Guido da Prata, de um castello denominado Prata, situado entre Faenza e Forli. Posto não fossem nobres por sangue, precederam com tanta honra, que, deixando os logares onde nasceram, viviam em trato e commercio de amisade com os sobredictos fidalgos.

14 « Frederico Tignoso, homem honrado de Ramini, que morou em Brettinoro; aborrecia o mais possivel a cidade por ser desconversavel aos cavalleiros; mas, quando alli estava, tinha mesa franca.»—E' do *Ottimo*.

15 Os Traversaras e Anastagis.—Boccaccio, *Decam.*, *Giorn.* V, N. 8, refere um incidente occorrido entre pessoas pertencentes ás familias de Ravenna n'essa famosa *Pineta* de Chiassi, mencionada por Dante. A este respeito exprime-se Benvenuto de Imola n'estes termos:—« *Fuerunt et aliæ familiæ claræ in Ravenna, sicut familia Honestorum, de qua fuit nobilis adolecens Anastasius de Honestis, qui amoratus de filia pulcherrima Pauli Traversarii, tandem illam habuit in uxorem sicut honest scribit Boccaccius, curiosus inquisitor omnium delectabilium historiarum.*»

16 A familia Traversara tinha o seu solar em Ravenna, e pelos seus predicamentos gozara da estima dos nobres e plebeus. Incorreu por isso na aversão dos senhores de Polenta, que tudo podiam na cidade, e teve a final de retirar-se.—Os Anastagis constituiam outra familia de antiga nobreza em Ravenna e tinham parentescos com a familia de Polenta; mas, como se differençavam nos costumes e modo de viver, diz o *Ottimo*, os Polentanos, com furor de lobos, perseguiram e lançaram da cidade os Anastagis, como cordeiros, que estavam turvando a sua agua.

17 Ariosto, *Orl. Fur.* c. I, est. 1:

Le donne, i cavalier, l'armi, gli amori
Le cortesie, l'audaci imprese io canto.

18 Diz o *Ottimo*:

« Um dos costumes, que redundavam em louvor dos nobres habitantes de Brettinoro, consistia na hospitalidade; por isso não consentiam que por mercancia alguem tivesse alli hospedaria. No centro da cidade mandaram erigir uma columna de pedra, á qual o forasteiro ao chegar era conduzido, insinuando-se-lhe que a uma das campainhas, que alli havia prendesse o seu cavallo e pendurasse o seu barrete. Correspondendo cada uma das campainhas á casa de um fidalgo, o forasteiro tinha de ser hospedado por aquelle, a quem pertencia a que lhe tocara por sorte; como é bem de suppôr o gazalhado se proporcionava ao animo generoso do dono da casa e á graduação do hospede. A columna e os seus accessorios foram inventados para evitar que os moradores da cidade viessem a rompimento e briga na competencia de hospedar os forasteiros. Corria-se traz elles para agazalhal-os; hoje em dia se correria para evital-os. »

19 « Bagnacavallo, Castrocaro e Conio, trez cidades, que foram assento da generosidade e honra » — diz o *Ottimo*—« Agora em Bagnacavallo não ha mais

condes. O auctor diz que bom é que não produza outros, por terem degenerado, como degeneraram os condes de Conis e os de Castrocaro; pois merecem vituperio em comparação com os antigos. »

[20] « Os Paganis, senhores de Imola e Faenza, descendiam d'esse Mainardo que era conhecido pela sua perversidade por *Demonio*.—V. notas do c. XXVII do *Inf.*

[21] Ugolino de Fantolin, fidalgo honrado de Faenza, que não deixou herdeiro. Assim ficou isento de nodoa o nome da sua casa.

[22] *Genesis*, IV:

« E Caim disse ao Senhor: O meu peccado é muito grande para eu poder alcançar perdão. Eis ahi me lauças hoje da face da terra, e eu irei me esconder da tua face e andarei vagabundo e fugitivo da terra: todo o que me achar matar-me-ha. »

[23] Ovidio, *Met.* II (Trad. de A. F. Castilho):

No emtanto occulta dôr irrita Aglauro;
Morde-lhe o coração que anceia e geme
O longo dia inteiro, inteira a noite.
Qual aos raios do sol se gasta o gelo,
Em lenta febre a misera se gasta.
Da irmã, contente e alegre, a imagem feia
A mirra, como o fogo as plantas verdes,
Que sem luz, sem fragor se vão finando.
Mil vezes quiz morrer só por não vel-a,
Mil ao rigido pae narrar a offensa.
Determinou-se em fim; vai resoluta,
Para excluir o deus, sentar-se á porta.
Não a abrandam palavras de brandura,
Nem lisonja subtil, nem rogo ardente.
—« Que porfias? desiste »—Aglauro exclama—
Não me ausento d'aqui se a que te ausentes. »—
—« Venho na condição »—tornou Cyllenio—
Venho na condição. »—Da vara ao toque
De par em par as portas se escancaram.
Quer se a invejosa erguer, mas sente as curvas
Com desusado pezo adormecidas.
Lida por levantar o tronco ao menos
Já se os joelhos rigidos não dobram.
Frio mais que mortal se extende ás unhas;
Tornam-se exangue, pallidas as veias.
Como incuravel mal serpeia o cancro
E do já corrompido ao som progride,
Assim lhe côa, lhe entorpece os orgãos
E os aereos canaes lhe embarga o gelo.
Nem pretendeu falar, nem, se o tentasse,
Passagem tinha a voz: o collo é pedra,
Pedra os labios, a lingua, a face, o rosto.
Inda ha pouco mulher, estatua agora,
Mostra, sentada, a posição que teve,
Mostra na côr do seixo a mente escura.—

Ovidio, *Met.* I:

Quam satus Japeto, mixtam fluvialibus undis,
Finxit in effigiem moderantum cuncta deorum:
Pronaque cum spectent animalia cetera terram,
Os homini sublime dedit, cœlumque tueri
Jussit et erectos ad sidera tollere vultus.
Sic modo quæ fuerat rudis et sine imagine tellus
Induit ignotas hominum conversa figuras.

Trad. de A. F. de Castilho:

As outras creaturas debruçadas
Olhando a terra estão: porém ao homem
O Factor concedeu sublime rosto;
Erguido para o ceu, lhe deu que olhasse.
A terra pois tão rude e informe de antes,
Presentou finalmente, assim mudada,
As humanas, incognitas figuras.

CANTO XV

1. QUANTO caminho faz da tercia hora,
No giro seu, a luminosa esphera,
— Sempre a mover-se qual criança—á aurora,
2. Tanto, para acabar o curso, espera
O sol, e para dar á tarde entrada :
Lá vesperas, aqui meia-noite era. [1]
3. De luz me estava a face então banhada;
Porque, em torno á montanha proseguindo,
Do occaso em direcção ia a jornada,
4. Quando, mais vivo resplendor fulgindo,
Offuscado fiquei mais do que deantes :
D'esse portento a acção pasmei sentindo.
5. Acima de meus olhos, por instantes,
As mãos alcei,—sombreiro, que antepara
O mór excesso aos raios deslumbrantes.
6. Assim como de espelho ou lympha clara [2]
Resalta a luz de encontro á opposta parte,
Subindo logo após, como baixara ;
7. Da linha vertical não se disparte,
Uma distancia igual sempre mantendo,
Como nos mostra experiencia e arte : [3]

8. Em frente á luz, assim, se refrangendo,
Tão penetrante a vista me feria,
Que a dirigi a um lado, olhos volvendo.
9.—« Qual é »—ao Mestre amado então dizia—
«Aquelle objecto, que me offusca tanto
E ao nosso encontro, ao parecer, se envia ? »—
10.—« Que inda te offusque não te mova espanto
A celeste familia »—me ha tornado :—
«Falar-te vem um mensageiro santo.
11. « A veres com delicia apparelhado
Serás em breve um lume refulgente,
Quanto ser póde ao ente humano dado. »—
12. Acercados ao anjo, alegremente
Nos disse :—« Aqui passai, menos penosa
Subida n'esta escada está patente.
13. Andando, atraz cantar em voz donosa
Beati Misericordes [4] nós ouvimos
E—Exulta na victoria gloriosa,— [5]
14. Para cima, por tanto, nos subimos ;
E eu das vozes do Vate cogitava
Colher proveito, em quanto sós nos imos.
15. E, me voltando, assim lhe perguntava :
« O que Guido del Duca nos dizia,
Quando em bens não partiveis nos falava ? »—
16.—« Do seu vicio peior »—tornou—« sabia
Os damnos ; não se extranhe, se o accusando,
Do mal, que fazer possa prevenia ;
17. « Porque, do mundo os bens vós desejando,
A que partilha todo o apreço tira,
Arde a inveja, suspiros provocando.
18. « Mas, se a esphera immortal vossa alma aspira,
Levantando-se o anhelo áquella altura,
Esse temor no peito voz expira.
19. « Tanto mais lá cad'um goza ventura,
Quanto por muitos ella mais se extende,
Quanto mais caridade lá se apura. »—

20.—« O entendimento »—eu digo—« ora comprende
Menos do que antes de eu te haver falado ;
A' mente ora mór duvida descende.
21. « Como um bem, que é de muitos partilhado,
A cada possessor dá mais riqueza
Do que se a poucos fôra apropriado ? »—
22. « Teu spirito »—replica—« na rudeza
Das cousas terreaes stando immergido,
Vê trevas onde a luz tem mais clareza.
23. « Esse ineffavel bem, no ceu fruido, [6]
Infindo, para o amor, correndo desce,
Qual raio a corpo lucido e polido.
24. « Se ardor acha mais vivo, mais se off'rece ; [7]
Quanto mais caridade está fulgindo,
Virtude eterna mais sobre ella cresce.
25. « Quanto mais vai a multidão subindo,
Mais amar podem, mais a amor se applicam,
Bem como espelho, um no outro reflectindo.
26. « Se persistindo as duvidas te ficam,
Hasde ver Beatriz : da sábia mente
Razão escutarás, que tudo explicam.
27. « Para apagares, pois, sê diligente.
As chagas cinco, que inda em ti stou vendo :
Hade cerral-as contricção pungente. »—
28. Quando eu ia dizer—Mestre, comprendo—
No circulo eis penetro immediato :
Calei-me, a vista allucinada tendo.
29. Julgava então, de uma visão no rapto,
Extatico, que em templo se mostrava
Multidão grande, de oração no acto. [8]
30. Com piedoso semblante, á entrada estava
Meiga matrona.—« O 'filho meu querido,
Por que assim procedeste ? »— interrogava.
31. « Eu e teu pae, com animo dorido,
Te buscamos. »— E como se calara,
Logo a visão fugiu-me do sentido.

32. Depois de outra no rosto se depara
Pranto acerbo, que magoas annuncia
De quem de ira no incendio se inflammara.
33. « Se mandas na cidade » assim dizia—
« Por cujo nome os Deuses contenderam [9]
E onde a luz da sciencia se irradia,
34. « Pune os braços, que impios, se atreveram,
Pisistrato, [10] a estreitar a filha tua ! »—
Elle, a quem vozes taes não commoveram,
35. Tranquillo respondia a esposa sua :
« O que faremos a quem mal nos queira,
Se ira ao amor corresponder tão crua ? »
36. Vi depois multidão, que a raiva aceira :
A pedradas mancebo assassinava, [11]
Bradando—morra ! morra !—carniceira.
37. A dolorida fronte debruçava,
Já mal ferido, o martyr para a terra :
Portas ao ceu os olhos seus tornava,
38. Pedindo a Deus, n'aquella horrivel guerra,
Que aos seus perseguidores perdoasse :
Riso piedoso os olhos lhe descera.
39. Quando em minha alma o extase desfaz-se,
Conheci que no sonho apparecia,
Não da ficção mas da verdade a face.
40. Virgilio, a quem talvez eu parecia
Homem, que o somno deixa de repente,
—« Por que estás vacillante ? —me inqueria.
41. « Tens meia legua andado certamente
Com titubante pé, de olhos cahidos,
Como quem désse ao vinho ou somno a mente. »—
42.—« Vou expor meu bom Mestre, aos teus ouvidos »—
Tornei—«quanto os meus olhos contemplaram,
Quando os joelhos tinha enfraquecidos. »—
43.—« Se masc'ras cento a face te occultaram, »—
Disse Virgilio—« occultos não seriam
Pensamentos, que, ha pouco, te enlevaram.

44. « As imagens, que has visto, te induziam
Aguas da paz a receber no peito,
Que as fontes perennaes dos ceus enviam.
45. « Não perguntara, como quem de feito
Sómente vê por olhos, obcecados
Quando o corpo da morte jaz no leito ;
46. « Mas por serem teus pés mais apressados :
Excitar assim cumpre os preguiçosos,
Que se esquivam á acção stando acordados. » —
47. Nas horas vespertinas pressurosos
Andavamos, os olhos alongando,
Do sol cadente aos raios luminosos,
48. Eis pouco a pouco, um fumo se elevando.
Se condensa ante nós, [12] qual noite, escuro,
Abrigo ali de todo nos faltando.
A vista nos tolheu, tolhendo o ar puro.

NOTAS AO CANTO XV

Caminho, que conduz ao terceiro circulo, onde se expia o peccado da ira. Prática de Dante e Virgilio. Exemplos de mansidão á entrada do circulo, apresentados a Dante em visão. Espesso fumo, que tolhe a vista dos objectos.

[1] O tempo aqui significado é a terceira hora antes do sol posto, principio d'essa divisão, que a Igreja denomina vesperas, reletivamente ao logar, em que estão os Poetas, o Purgatorio: na Toscana era meia-noite.—O movimento apparente do sol é de 15 graus por hora; e, por tanto, é de 45 graus o espaço, que media entre o nascer do sol e a hora terça.

[2] Virgilio, *En.* c. VIII:

Sicut aquæ tremulum labris ubi lumen ahenis
Sole repercussum, aut radiantes imagine Lunæ
Omnia pervolitat late loca; jamque sub auras
Erigitur, summique ferit laquearia tectis.

Trad. de J. F. Barretto:

Bem assim como o lume tremulante
Da imagem da lua ou sol ferido
Em a bacia de agua redundante,
Por todos os logares vôa, e erguido
Pelos ares talvez fere em effeito
As bem lavradas traves do alto leito.

[3] A linha perpendicular.—A perpendicular, diz um expositor, foi denominada o *cahir da pedra* por Alberto Magno, de S. Thomaz de Aquino, no seu livro — *Das causas e propriedades dos elementos*, escripto hoje esquecido, mas grandemente estimado nas escolas do seu tempo.

[4] *Beati misericordes* — diz o texto.—S. Matheus, *Ev.* V, 7:

« Bemaventurados os misericordiosos, porque elles alcançarão misericordia.»

E no v. 12: « Folgai e exultai; porque o vosso galardão é copioso nos ceus.»

[5] *Apocalypse*, II:

« Aquelle, que tem ouvidos ouça que o Espirito diz as Igrejas: Ao vencedor darei a comer da arvore da vida, que está no Paraizo do meu Deus... O que sahir vencedor ficará illeso da segunda morte... Eu darei ao vencedor o maná escolhido, e dar-lhe-hei uma pedrinha branca e um nome novo escripto na pedrinha, o qual não conhece senão quem o recebe... E aquelle, que vencer e guardar as minhas obras até o fim, eu lhe darei poder sobre as nações.»

[6] S. Paulo, I aos *Corinthios*, cap. XIII:

« Se eu falar as linguas dos homens e dos anjos e não tiver caridade, sou como o metal, que sôa ou como o sino, que tine. E se eu tiver o dom da prophecia e conhecer todos os mysterios, e quanto se póde saber; e se tiver toda a fé a ponto de transportar montes, e não tiver caridade, não sou nada. E se eu distribuir todos os meus bens em o sustento dos pobres, e se entregar o meu corpo para ser queimado, se todavia não tiver caridade, nada d'isto me aproveita.

« A caridade é paciente, é benigna. A caridade não é invejosa, não obra temeraria, nem precipitadamente, não se ensoberbece, não é ambiciosa, não busca os seus proprios interesses, não se irrita, não suspeita mal, e não folga com a injustiça, mas folga com a verdade: tudo tolera, tudo crê, tudo espera, tudo soffre.

« A caridade nunca jamais hade acabar, ou deixem de ter logar as prophecias, ou cessem as linguas, ou seja abolida a sciencia; porque em parte conhecemos e em parte prophetizamos.

« Mas quando vier o que é perfeito, abolido será o que é em parte. Quando eu era menino, falava como menino, julgava como menino, descorria como menino. Mas, depois que eu cheguei a ser homem feito, dei de mão ás cousas, que eram de menino.

« Nós agora vemos a Deus como por um espelho em enigmas; mas então face á face. Agora conheço-o em parte; mas então heide conhecel-o, como eu mesmo sou tambem d'elle conhecido. Agora, pois, permanecem a Fé, a Esperança, a Caridade, estas trez virtudes; porém a maior d'ellas é a Caridade. »

[7] *Convito*, IV, cap. 20:

« Segundo as palavras do Apostolo:— Todo o dom optimo, todo o dom perfeito de cima desce, descendo do Pae das luzes. Diz que Deus concede esta graça á alma d'aquelles, que vê estarem perfeitamente em suas pessoas apercebidos e dispostos a receber esse acto divino; pois, como disse o Philosopho (Aristoteles) no livro segundo *da Alma*, cumpre que as cousas se adoptem aos seus agentes e recebam os seus actos. Se a alma está imperfeitamente preparada, não se acha nas condições de receber essa bemdicta e divina influição, do mesmo modo que uma pedra preciosa mal collocada ou imperfeita, não póde receber a virtude celestial, no conceito do insigne Guido Guinizzelli, escripto na canção, em que disse:

Fuoco d'amore in gentil cor s'apprende
Come virtude in pietra preziosa;
Chè dalla stella valor non dicende
Anzi che il sol la faccia gentil cosa:
Poi che n'ha tratto fuore
Per la sua forza il sol ciò che gli è vile
La stella i dà valore.»

Póde a alma estar mal disposta ou por seu natural ou pela occasião: então o raio divino não póde sobre ella refulgir. Aquelles, a quem fallecer essa luz podem ser comparados a valles voltados para o norte ou a cavernas subterraneas, onde o esplendor do sol não penetra, salvo pela repercussão de outra parte por elle illuminada.

[8] S. Lucas, *Ev.* II:

« Entretanto o menino crescia e se fortificava, estando cheio de sabedoria; e a graça de Deus era com elle. E seus paes iam todo os annos a Jerusalem no dia solemne de Paschoa.

« E quando teve doze annos, subindo elles a Jerusalem, segundo o costume do dia de festa e acabados os dias, que ella durava, quando voltaram para casa, ficou o menino Jesus em Jerusalem sem que os seus paes o advertissem. E crendo que elle viria com os da comitiva, andaram caminho de um dia, e o buscavam entre os parentes e conhecidos. E como o não achassem, voltaram a Jerusalem em busca d'elle.

« E aconteceu que trez dias depois o acharam assentado no meio dos doutores ouvindo e fazendo-lhes perguntas. E todos, que o ouviam, estavam pasmados da sua intelligencia e das suas respostas.

« E quando o viram se admiraram. E a mãe lhe disse:—Filho, por que usaste assim comnosco? Sabes que teu pae e eu te andavamos buscando cheios de afflicção? E elle lhes respondeu:—Para que me buscaveis? Não sabieis que importa occupar-me nas cousas, que são do serviço de meu Pae? »

[9] Contenderam Minerva e Neptuno para dar nome á cidade de Athenas que começava a existir. Louvaram-se no juizo dos deuses, que resolveram que coubesse o predicamento desejado áquelle que produzisse de repente a cousa mais util. Feriu Neptuno a terra com o tridente e surgiu um cavallo; feriu tambem Minerva a terra com o couto da lança e brotou a oliveira. Sentenciavam os juizes que a oliveira é mais util, como signal de paz, do que o cavallo, simulacro de guerra. Venceu Minerva, que em grego se diz *Athene* ou *Athena*.

Ovidio, *Met.* VI:

Cecropia Pallas scopulum Mavortis in arce
Pingit et antiquam de terros nomine litem.
Bis sex colestes, medio Jove, sedibus altis
Augusta gravitate sedent. Sua quem que deorum
Inscribit facies Jovez est regalis imago.
Stare deum pelagi longo que ferire tridente
Aspera saxa facit, medioque è vulnere saxe
Exstiluisse ferum: quo pignore vindicet urbem.
At sibi dat chypeum dat acuso cuspidis hastam,
Dat galeam capiti, defenditur ægide pectus;
Percussamque sua simulat de cuspide terram
Edere cum bacis folum canentis olivos;
Mirarique deos. Operi victoria finis.

[10] Pisistrato, tyranno de Athenas, contemporaneo e parente de Solon, adquiriu grande influencia sobre o partido popular, em cuja affeição se insinuara no intuito de satisfazer e executar a ambição, que o impulsava para usurpar o supremo poder. Para conseguil-o dispunha de meios, que muito actuam no animo das multidões; pois sobre a eloquencia, de que era dotado, e outras brilhantes qualidades pessoaes, que lhe careavam a sympathia do maior numero de populares, possuia avultadas riquezas e se destinguia pela nobreza

da sua prosapia. Apparelhado o terreno, soccorreu-se á astucia para realizar a traça que delineara.

Estando em campo as facções em que se dividia a cidade, um dia em que mais se haviam accendido as paixões nas parcialidades contendoras, de uma das quaes era director, apresentou-se na praça publica, banhado de sangue que manava de feridas, que em si proprio fizera, dizendo que os inimigos do povo, cujos interesses elle defendia, tinham tentado contra a sua vida e ainda maior mal lhe apparelhavam. Em vão Solon, que lhe aventava os intentos, face á face os denunciou ao povo, mostrando a grosseria do ardil com que illudia a credulidade publica; o povo excitado pelas palavras de Pisistrato e movido á piedade pelo perigo, que já correra e pelo que ainda ameaçava, decretou por acclamação um corpo de guardas para segurança do seu defensor.

Armado dos elementos da força e auctoridade dictatorial, Pisistrato assumiu o poder; e houve-se com finura tal, que em seu pról conciliou todas as vontades, sem excepção da de Salon, que persistira na opposição, mas que a final cedeu á das palavras e actos do seu parente e até o auxiliou com os seus conselhos. O famoso legislador excedera já os oitenta annos de idade.

Não obstante, Pisistrato foi mais de uma vez lançado de Athenas. Mas, voltando do desterro, em que estivera muitos annos, entrou na cidade á mão armada, e reassumiu o poder que tranquillamente gozou até a sua morte no anno 580 antes de J. C.: nascera no anno 612. Em seu logar ficaram Hippias e Hirparcho, seus filhos, que não possuiam o seu talento administrativo, nem o seu zelo pelo bem publico, nem a moderação do seu caracter.

11 *Actos dos Apostolos*, VII:

« Ao ouvir, porém, taes palavras, enraiveciam dentro em seus corações e rangiam com os dentes contra elle... Então elles levantando uma grande grita, taparam seus ouvidos e todos juntos arremetteram a elle com furia. E tendo-o lançado para fóra da cidade o apedrejavam...

« E apedrejavam a Estevam, que invocava a Jesus e dizia: Senhor Jesus, recebe o meu espirito.—E posto de joelhos chamou em voz alta, dizendo: Senhor, não lhes imputes este peccado.—E, tendo dicto isto, dormiu no Senhor. E Saulo era consentidor na sua morte. »

12 Ponderou o commentador Jacopo della Lana que Dante fez surgir no circulo destinado á expiação da ira espesso fumo para significar que a ira não permitte ao homem as funestas consequencias da sua paixão.

CANTO XVI

1. SOMBRA de inferno e noite carregada,
Em que o ceu de um só astro não se aclara,
De nuvens, quanto o póde ser, toldada,
2. Veu tão grosso ao meu rosto não lançara,
Nem, ao contacto, fôra tão pungente,
Como o fumo, que, alli nos rodeava.
3. Fechados tinha os olhos totalmente:
Fiel o sabio socio, me acudindo,
Deu-me em seu hombro arrimo diligente.
4. Qual cego, que ao seu guia vai seguindo
Por se não transviar, correr perigo,
Ou soffrer morte, de encontrão cahindo,
5. Tal eu por aquelle ar escuro sigo,
Attento ao Mestre meu, que repetia:
— « Cuidado! Não te afastes! Vem commigo! »—
6. Então vozes ouvi; me parecia,
Que paz, misericordia supplicavam
Ao Cordeiro, que as culpas allivia.
7. Por *Agnus Dei* [1] suaves começavam,
A lettra era uma só como a toada,
Consonancia entre si todas guardavam.

da sua prosapia. Apparelhado o terreno, soccorreu-se á astucia para rea
traça que delineara.

Estando em campo as facções em que se dividia a cidade, um dia
mais se haviam accendido as paixões nas parcialidades contendoras.
das quaes era director, apresentou-se na praça publica, banhado de sa
manava de feridas, que em si proprio fizera, dizendo que os inimigos
cujos interesses elle defendia, tinham tentado contra a sua vida e ain
mal lhe apparelhavam. Em vão Solon, que lhe aventava os intentos, i
os denunciou ao povo, mostrando a grosseria do ardil com que illud
lidade publica; o povo excitado pelas palavras de Pisistrato e movid
pelo perigo, que já correra e pelo que ainda ameaçava, decretou por
um corpo de guardas para segurança do seu defensor.

Armado dos elementos da força e auctoridade dictatorial, P
sumiu o poder; e houve-se com finura tal, que em seu pról conci
vontades, sem excepção da de Salon, que persistira na opposiçã
final cedeu á das palavras e actos do seu parente e até o auxiliou
conselhos. O famoso legislador excedera já os oitenta annos de i

Não obstante, Pisistrato foi mais de uma vez lançado de
voltando do desterro, em que estivera muitos annos, entrou na
armada, e reassumiu o poder que tranquillamente gozou até a su
580 antes de J. C.: nascera no anno 612. Em seu logar ficaram
parcho, seus filhos, que não possuiam o seu talento administra
zelo pelo bem publico, nem a moderação do seu caracter.

11 *Actos dos Apostolos*, VII:

« Ao ouvir, porém, taes palavras, enraiveciam dentro
rangiam com os dentes contra elle... Então elles levantand
taparam seus ouvidos e todos juntos arremetteram a elle c
lançado para fóra da cidade o apedrejavam...

« E apedrejavam a Estevam, que invocava a Jesus e
recebe o meu espirito.—E posto de joelhos chamou em voz a
não lhes imputes este peccado.—E, tendo dicto isto, d
Saulo era consentidor na sua morte. »

12 Ponderou o commentador Jacopo della Lana q
circulo destinado á expiação da ira espesso fumo para
permitte ao homem as funestas consequencias da sua p

8.—« Por quem esta oração, que ouço, é cantada ? »—
Perguntei. Disse o Mestre :—« E' bom que o aprendas :
Assim da ira a culpa é mitigada. »—

9.—« Quem és para que a nevoa nossa fendas
E assim fales, qual viva creatura,
Que inda o tempo calcula por calendas ? »—[2]

10. Disse uma voz do fumo na negrura.
E Virgilio falou :—« Responde e exora
Se por aqui se sóbe para a altura. »—

11.—« O' alma, que »—disse eu—« a graça implora
De ir a Quem te creou mais pura e bella,
Maravilha ouvirás segue-me embora. »—

12.—« Até onde fôr dado »—tornou-me ella—
« Irei, e, se te ver não deixa o fumo,
Nos tomará propinquos a loquela. »—

13.—« Nas mantilhas, que a morte acaba, ao summo
Assento »—comecei—« ora me alteio,
Do inferno tendo vindo pelo rumo.

14. « Se Deus permitte, de bondade cheio,
Que a dita eu goze de lhe ver a côrte
Por este, hoje de todo extranho, meio,

15. « Revela-me quem foste antes da morte
E qual deva nos ser a melhor via :
Guiarás nossos passos d'esta sorte. »—

16.—« Fui Lombardo e de Marco o nome havia ; [3]
O mundo exp'rimentei, feitos amando,
Pelos quaes ninguem mais hoje aporfia.

17. « A subir bom caminho vais trilhando. »—
Falou-me assim e accrescentou :—«E rogo
Intercedas por mim, ao ceu chegando. »—

18.—« Quanto me pedes »—lhe replico logo—
« Juro fazer, mas acho-me opprimido
Por duvida a que anhelo desafogo.

19. « Era simples ; te ouvindo, tem subido
A duplo grau, e assim me torna certo
Do que hei aqui e n'outra parte ouvido [4]

20. « O mundo de virtudes está deserto ;
Tens sobeja razão, quando o lamentas,
Himpa de mal, de vicios é coberto.
21. « Dize-me a causa, se na causa attentas :
Sabendo-a, aos outros revelal-a quero :
Virá do ceu ou lá na terra a assentas ?
22. « Suspiro em que se exprime do sincero
Com *hui*, [5] do peito exhala.—Irmão—prosegue
Que o mundo é cego em ti bem considero.
23.—« Vós, os vivos, julgais o ceu entregue
De toda a causa, a tudo assim movendo
Por necessaria lei, que o mundo segue.
24. « D'esta arte o livre arbitrio fenecendo,
Ao homem não coubera o que merece,
No bem prazer, no mal dôr recebendo.
25. « Primeira inspiração aos actos desce
Do alto ; a todos não ; mas quando o diga,
No mal, no bem a luz não vos fallece.
26. « Livre sendo o querer, quem se afadiga
E a primeira victoria do ceu goza,
Vencera tudo, se em querer prosiga.
27. « Natureza melhor, mais poderosa
Vos sujeita,—a que crea e vos concede
Mente, que ao ceu não prende-se humildosa.
28. « Se a causa, que do bom caminho arrede
O mundo em vós a tendes persistente ;
Explorarei, fiel o que succede.
29. « Alma surge das mãos do Omnipotente
Que, inda antes de nascida, lhe sorria
Qual menina, que ri, chora, innocente
30. « Ingenua e simples, ella só sabia
De um Deus beni'no ser meiga feitura,
E a tudo, que a deleita, se volvia.
31. « Dos mais frivolos bens prende-a a doçura,
E, d'elles namorada, após lhes corre,
Seguia ou freio o amor lhe não segura. [5]

32. « Nas leis consiste o freio, que a soccorre ;
Rei foi mister, que, ao menos, acertasse
Da cidade de Deus em ver a torre.
33. « Leis ha, mas não quem leis executasse ;
Rumina esse pastor que os mais precede,
Mas a unha fendida não lhe nasce. [6]
34. « E vendo a grei que o proprio guia a excede
Em almejar os bens que mais deseja,
N'estes se engolfa e mais nem quer, nem pede.
35. « Por tanto, porque máo governo veja,
Fica o mundo de culpas inquinado,
Não porque em vós a corrupção esteja.
36. « Bens sobre o mundo havendo derramado,
Tinha Roma dois sóes, [7] que allumiaram
O caminho de Deus e o do Estado.
37. « Um ao outro apagou, e se ajuntaram
Do Bispo o bago e do guerreiro a espada :
Por viva força unidos, mal andaram.
38. « Não mais se temem na juncção forçada :
Vê a espiga que prova estes effeitos ;
Pela semente é a planta avaliada. [8]
39. « Valor e cortezia altos proveitos
Deram na terra que Adige e Pó lavam, [9]
Antes que visse de Fred'rico os feitos. [10]
40. « Por alli os que outrora se peijavam
De entrar dos bons na prática e na liga,
Livres passam do quanto receiavam.
41. « Só trez velhos oppõe a idade antiga,
Como censura, á nova : é—lhes já tardo
Que Deus os chame d'essa terra imiga :
42. « Conrado de Palazzo, o bom Gherardo
E Guido de Castel, que foi chamado,
Ao estylo francez, simples Lombardo. [11]
43. « De Roma a Igreja fique proclamado,
Cai no cêno os poderes confundindo,
Se enloda a si e o fardo seu pezado. »

44.—« Tuas sabias razões, Marcos ouvindo,
Vejo »—disse—« o porque a Lei da herança
Partiu, de Levi os filhos excluindo. [12]
45. « Mas qual Gherardo trazes á lembrança,
Como gloria e brazão da antiga gente,
Que censura a este sec'lo impuro lança ? »—
46.—« Queres »— tornou—« tentar-me ou certamente
Illudir-me ? Em toscano me falando
Do bom Gherardo dizes-te insciente ?
47. « Sobrenome de todo lhe ignorando,
Dou-lhe o de Gara, [13] sua filha cara.
Guarde-vos Deus, que eu vou-me, vos deixando.
48. « Do fumo a densidão se torna rara,
Branqueja o dia : devo já partir-me,
Que a apresentar-se o anjo se prepara. »—
Assim falando, mais não quiz ouvir-me.

NOTAS AO CANTO XVI

Os peccadores incursos no peccado da ira cantam o hymno da misericordia. Em prática com Dante, Marco Lombardo mostra o erro dos que acreditam na influencia dos astros sobre as acções dos homens.

[1] As orações, que entoam as almas do Purgatorio, exprimem sempre sentimento opposto ao vicio, por cujos desmandos incorreram em culpa e lhes foi defeso subir, logo após a morte, á gloria celestial. Assim os colericos principiam as supplicas por *Agnus Dei*, de que usou S. João, referindo-se a Jesus Christo: *Ecce Agnus Dei qui tollit peccato mundi...*

[2] Calendas, nonas e idos, trez partes, em que, ao modo dos Romanos, se dividiam os mezes.

[3] Marcos Lombardo, que foi amigo de Dante, residiu em Paris. Abalizado nas armas e letras, não menos se assignalava pela sua liberalidade.

Em obra de caridade despendeu a mór parte dos seus cabedaes; por nobres feitos mereceu estima geral até o termo da sua honrosa existencia. Se diz que era natural de Veneza: o appellido de Lombardo indica sómente que era Italiano, mas não especialmente nascido na Lombardia.

[4] O que lhe dissera Guido del Duca, referindo-se á corrupção que lavrava na Italia — V. C. XIV.

[5] *Convito*, IV, 12:

« O supremo desejo de cada cousa, primitivamente inspirado pela natureza, é voltar ao seu principio. E porque Deus é o principio das nossas almas e creador dos que fez á sua similhança, segundo foi escripto — Façamos o homem á nossa imagem e similhança — a alma grandemente anhela tornar a elle.

« E assim como o forasteiro, que caminha por estrada, em que nunca andou, cuida ser hospedaria toda a casa que de longe avista e conhecendo que se engana põe o intento em outra, e assim de casa em casa até chegar a uma hospedaria; assim tambem a nossa alma; em entrado no desconhecido caminho d'esta vida, levanta os olhos ao limite do supremo bem, e, pois quanto vê com apparencias de bem, suppõe seja o que procura. Imperfeito como é, o

primeiro conhecimento que adquire vista a sua inexperiencia e ignorancia, pequenos bens parecem-lhe grandes; e d'esta arte começa a desejar por elles.

« Vemos os meninos desejar ardentemente uma fructa; continuando, appetecer um passaro, depois uma bella roupa, depois um cavallo, depois uma mulher, depois alguma riqueza, e logo outra maior. E como em nenhuma d'estas cousas acha o que procura, imagina que mais além o achará. »

6 *Levitico*, XI:

« Todo o que tem a unha fendida e remóe entre as bestas, comel-o-heis. Porém todo o que remóe e tem unha, mas não fendida, como o camello e os outros, não o comereis e contal-o-heis entre os immundos. »

O commentador Paulo Costa diz acerca dos v. 98 e seguintes:

« Não estão os expozitores accordes na interpretação d'este logar que, a meu parecer, deve se entender na conformidade da theoria dos trez livros *de Monarchia*, em Dante tratou de provar que a monarchia uma e indivisivel é necessaria á prosperidade do mundo; que por justa razão o povo romano tem direito ao imperio universal; e que o Imperador, que dirige esse imperio, depende de Deus sem mediador. Como consequencia d'estes principios é nulla a auctoridade temporal dos Papas e a de todos os outros principes.

« Desta sorte entendida a metaphora dos versos indicados importa dizer que não tem auctoridade bipartida em si, que não tem duas auctoridades, senão sómente auctoridade espiritual, quasi unha indivisivel, com a qual caminha pela estrada de Deus e assignala as pegadas, que os homens devem seguir. »

7 Dois sóes: o poder temporal e o espiritual, o Imperador e o Papa.

Torelli interpreta os v. 107 e 108 d'este modo:

« Não entende o Poeta que no Pontifice Romano se não possam unir a auctoridade espiritual e a temporal, para exercer a soberania nos proprios Estados; o que exclue é a auctoridade geral dos Estados dos outros principes. Segundo a opinião verdadeira e catholica, é seu parecer que o principe temporal, na sua qualidade de principe, possue auctoridade immediata de Deus e não mediata *per pontificem*, como erroneamente pensavam alguns no seu tempo. S. Paulo disse: *Omnis potestas a Deo est.*»

8 *Espiga* é a palavra equivalente á que Dante emprega para significar fructo, diz Lombardi, alludindo provavelmente ao dizer de Jesus Christo: *Ex fructibus eorum cognoscetis eos.* (*S. Math.* VI)

9 Lombarbia e Romanha.

10 Frederico II, Imperador.—v. c. X do *Inf.*—notas.

11 Diz o *Ottimo*:

« Os trez foram Misser Currado dà Palazzo de Brescia Misser Gherardo da Camino de Trevigi. Misser Guido da Castello de Reggio. Tratando de Misser Guido o auctor lhe dá a primazia, declarando pelas suas palavras que na França era tanta a fama do seu valor e liberdade, que os homens de mais primor chamavam-o por excellencia o simples Lombardo. Com esta só palavra designava-se Guido da Castello, como, quando se diz a cidade, se indica Roma. Misser Currado procedeu em toda a sua vida com muita honra, teve uma bella familia, abalizou-se na carreira politica, na governação das cidades, em que alcançou louvor e alto conceito. Misser Gherardo esmerou-se, não em uma, senão em todas as cousas de maior preço, permanecendo na sua patria.»

No *Convito* IV. 14, disse Dante.»

« Supponhamos que Gherardo da Camino fosse neto do camponio mais grosseiro, que bebesse aguas do Sile ou do Cagnano e ainda estivesse viva a lembrança do que fôra o seu avô: quem ousaria dizer que Gherardo da Camino era homem vil? Quem não diria commigo que aquelle foi um varão illustre? »

12 *Deuteronomio*, XVIII:

« Os sacerdotes e os levitas e todos os da mesma tribu não terão parte, nem herança alguma com o resto de Israel: porque hão de comer dos sacrificios do Senhor e das oblações, que lhe forem feitas, e não receberão outra alguma cousa do que seus irmãos possuirem; porque o mesmo Senhor é a sua herança, como elle lhes disse. »

13 Gaia, filha de Gherardo, senhora notavel em toda a Italia assim pela sua formosura, como pelas suas virtudes. O *Ottimo*:—« Madonna Gaia fù figliola di Misser Gherardo da Camino; fù donna di tale reggimento circa le delettazioni amorose, ch'era notorio il suo nome per tuta Italia; e però cose qui si favella.»

Talvez, disse Tiraboschi, tenha Gaia direito a louvor por ter sido a primeira Italiana, que se deu a poeta na lingua vernacula.

CANTO XVII

1. LEITOR, se lá na alpina cordilheira
Te colheu nevoa, que de ver tolhia,
Como se olhos tivemos de toupeira,
2. Lembra que, quando a humida e sombria
Cortina a delgaçar começa, a esphera
Do sol escassa luz ao ar envia.
3. E mal tua mente imaginar podera
Como de novo á vista se mostrava
O sol, que ao seu poente descendera
4. Ao lume, que nos planos se finava,
Do Mestre os passos fido acompanhando
Sahi da cerração, que me cercava.
5. Phantasia que, o espirito enlevando,
Tanto o homem dominas, que não sente
Clangor de tubas mil, juntas soando,
6. O que te move, estando o sizo auzente?
Luz que desce por si, no ceu formada,
Ou por querer do ceu omnipotente.
7. Cuidei subito ver a que mudada,
Dos crimes seus empena, foi n'essa ave, [1]
Que em trinaz mais se mostra deleitada.

8. Tanto minha alma, na visão suave,
Extatica ficou, que não sentia
Outra impressão qualquer que a prenda e trave.
9. N'aquelle extase logo após eu via
Em cruz um homem de feroz semblante :
Nem a morte a arrogancia lhe abatia :
10. Stava o grande Assuero [2] não distante,
Esther, a esposa e Mardocheu prudente,
Justo nos feitos, no dizer prestante.
11. E fugiu-me esta imagem promptamente,
Como a bolha, que de agua se formara
E á falta de agua esvai-se de repente.
12. Donzella eis na visão se me depara
Que em prantos exclamava :—« O' mãe querida [3]
Por que tomaste irosa a morte amara ?
13. « Perdes, por não perder Lavinia, a vida
E perdida me tens : teu fim deplora,
Mas não o de outro, a filha dolorida. »—
14. Como se rompe o somno, se te fôra
Luz repentina ás palpebras nos desce ;
Não morre logo, em lucta se demora : [4]
15. Minha visão assim se desvanece,
Quando as faces clarão tão vivo lava,
Que na terra outro igual nunca esclarece.
16. Volvi-me para ver onde me achava ;
Mas, ouvindo uma voz—« Sóbe esta escada »—
De qualquer outro intento me apartava.
17. Por saber quem falara foi tomada
Minha alma de um desejo tão vehemente,
Que fôra, se o não visse, conturbada.
18. Como ao sol, que deslumbra em dia ardente,
Sendo-lhe veu seu lume flammejante,
Senti perdida a força incontinente .
19.--« Espirito é celeste: vigilante
Sem rogos, o caminho nos indica :
O proprio brilho esconde-o fulgurante.

20. « Como o homem comsigo, assim pratica
Quem, mal extremo vendo, só rogado
Acode, esquivo ser já significa.
21. « A tal convite o pé seja apressado !
Antes da noite rapidos subamos ;
Depois, sómente quando o sol fôr nado. »—
22. Disse o meu Guia ; e logo encaminhamos
Os passos, de uma escada em direitura.
Ao primeiro degrau quando chegamos
23. Mover de azas ao perto se afigura,
Bafejo sinto ; e ouço:—« E' venturoso
Quem ama a paz, isento de ira impura ! »— [5]
24. No alto já do ceu o luminoso
Rasto, da noite precursor, surgira,
De astros assoma o exercito formoso.
25.—« Ai de mim ! Por que a força minha expira ? »—
Disse, entre mim, sentindo que, esgotada,
Subito ás pernas o vigor fugira.
26. Tendo alcançado o topo já da escada,
Immoveis nos quedamos, imitando
A nau, que aferra a praia desejada.
27. A escutar stive um pouco, interrogando
D'aquelle novo circ'lo algum sonido ;
Depois ao Mestre me voltei falando :
28.—« No logar em que estamos, pae querido, »
Que peccado recebe a pena sua ?
Parando aos pés, teu verbo seja ouvido.
29. Tornou-me :—« Se do bem o amor recua
No seu dever, aqui se retempera ;
Sobre o remisso a expiação actua.
30. « Por melhor comprenderes, considera
No que digo : a detença, por ventura,
Dará o fructo, que tua mente espera.
31. « Ao Creador, meu filho, e á creatura
Nunca fallece amor,—tens já sabido —
Ou venha da alma ou venha da natura,

32. « O amor natural de erro é despido ;
Póde peccar o outro pelo objecto,
Por nimio ardor, por star arrefecido.
33. « Quando aos bens principaes elle é directo
E nos bens secundados moderado,
Causar não póde criminoso affecto.
34. « Se ao mal, porém, se torce ou, desregrado,
De menos ou de mais ao bem se move,
Offende ao Creador quem foi creado.
35. « Tens, pois, o necessario, que te prove
Que amor em vós semente é de virtude,
Como é dos feitos, que o ceu mais reprove.
36. « E como o amor o bem sómente estude
Do seu sujeito, quando o amor domina,
Não póde ser que em odio a si se mude.
37. « E porque nenhum ente se imagina
Sem ter no que creou a causa sua,
Odio em nenhum contra este se origina :
38. « Contra o proximo é, pois, que se insinua
Do mal o amor, amor peccaminoso.
No humano limo em modos trez actua.
39. « Qual, da grandeza e gloria cubiçoso,
As espera em ruina de outro, e anhela
Vel-o em terra prostrado e desditoso ;
40. « Qual temor de perder, triste, revela
Valia, honra e poder, se outro os partilha
E em querer-lhe o contrario se desvela :
41. « Magoa sentindo de uma injuria filha,
Qual porfia em vingar-se, e, de ira ardendo,
De mal fazer os meios esmerilha.
42. « Do mal este amor triplice nascendo, [6]
Lá embaixo se expia ; mas attende
Ao que vai desregrado, ao bem correndo.
43. « Confusamente cada qual se accende
Por certo bem e sofrego o deseja :
Por ter-lhe a posse, afana-se e contende.

44. « O que do bem no amor inerte seja
Depois que do pezar soffrer a agrura,
E' justo que em martyrio aqui se veja.
45. « Ha outro bem ; não dá, porém, ventura.
Felicidade não é, não é a essencia
De todo o bem, o fructo, a raiz pura.
46. « O amor, que a tal bem vota a existencia,
Acima em circ'los trez ha seu tormento : [7]
Porque assim se divide, a intelligencia,
Sem te eu dizer, dar-te-ha conhecimento. » —

NOTAS AO CANTO XVII

Desvanecida a cerração, apresentam-se na imaginação de Dante varios exemplos de ira e violencia. Um anjo conduz os Poetas ao circulo quarto, onde estão os preguiçosos. Explicações de Virgilio.

[1] Ovidio, *Met. lib.* VI. — V. notas ao c.

[2] *Esther*, VII :

« E disse Xarbona um dos eunuchos, que era do serviço ordinario do Rei :—Sabei que em casa de Aman está levantado um madeiro, que tem cincoenta covados de altura, que tinha preparado para Mardocheu, que falou em defesa do Rei. E o Rei lhe disse :—Pendurai-o n'elle.

« Foi Aman, pois, pendurado no patibulo, que elle tinha preparado para Mardocheu, e a ira do Rei se applacou. »

[3] Lavinia, filha do Rei Latino e da Rainha Amata : foi a segunda esposa de Enéas.

Virgilio, *En.* XII :

Regina ut tectis, venientem prospicit hostem,
Incessi muros, ignes ad tecta volare,
Nusquam acies contra Rutulas, nulla agmina Turni :
Infelix pugnæ juvenem in certamine credit
Exstinctum et, subito mentem turbata dolore ;
Se causam clamat crimenque caputque malorum ;
Multaque per mæstum demens effata furorem,
Purpureos moritura manu discindit amictus,
Et nodum informis leti trabe nectit ab altâ.
Quam cladem miseræ postquam accepère Latinæ,
Filia prima manu flavos Lavinia crinis
Et roseas laniata genas ; tum cetera circum
Turba furit ; resonant latæ plangoribus ædes.

Trad. de J. F Barreto:

Vendo a Rainha á porta já imminente
Seu imigo, e ascender com furor tanto
As muralhas e o fogo miserando
Por casas e telhados ir voando:
E que nenhuma esquadra apparecia
Rutulos opposta em campo aberto,
Nem batalhão de Furno algum se via,
Ser morto no combate tem por certo,
Turbada, com gran magua e agonia,
A infeliz, como posta em tal aperto,
Ser ella a causa só, a fonte, a origem
A vozes diz, dos males, que os affligem.
E depois de um tristissimo lamento,
Havendo muito com furor falando
Faz com as mãos pedaços o ornamento
Purpureo, já vendida ao duro fado
De uma alta viga logo, n'um momento,
Com o juizo em fim alienado,
Que não socega, não descansa ou dorme
O laço pendurou da morte informe.
A qual depois que as miseras Latinas
Entenderam, Lavinia especialmente,
Sua filha, em pedaços logo as finas
Madeiras de ouro fez incontinente;
E nas rosadas faces peregrinas
Toma vingança bem da dor ingente
A mais turba em redor do corpo em tanto
Com grande furia faz amargo pranto.

[4] Virgilio, *En.* II:

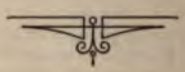
Tempus erat quo prima quies mortalibus ægris
Incipit, et dono divûm gratissima serpit.

[5] S. Matheus, *Ev.* V:

« Bemaventurados os pacificos, porque elles serão chamados filhos de Deus.»

[6] Os peccados são: Soberba, Inveja e Ira. O quarto é a Preguiça.

[7] Avareza, Gula e Luxuria: os outros peccados mortaes, que se expiam n'estes circulos.



CANTO XVIII

1. PALAVRAS taes já proferido havia
O Vate excelso e, attento, me observava
Por ver se eu satisfeito parecia ;
2. E eu, que em maior sêde me inflammava,
Calando-me, entre mim dizia : « O excesso,
Que nas perguntas ha, talvez o aggrava. » —
3. Mas o sincero pae, sempre indefesso,
Meu silencio notando e o que o motiva
Logo animou-me a lh'o fazer expresso.
4.—« Minha vista »—falei—« tanto se aviva
A' luz do verbo teu, Mestre, que ao claro
Vejo o que da razão tua deriva.
5. « Rogo-te, pois, ó pae beni'no e caro,
Me ensines esse amor, de que descende
Todo o mal, todo o bem ao mundo ignaro. » —
6.—« Volve a mim »—disse—« a luz, que mais se accende
No spirito e hade ser-te bem patente
Quanto erra o cego que guiar pretende
7. « Alma, creada para amar ardente,
A tudo corre, que lhe dá contento,
Se despertada do prazer se sente.

8. « Do que é real o vosso entendimento
Colhe imagens que em modo tal desprega,
Que alma p'ra ellas sente attrahimento.
9. « Se alma, enlevada, ao seu pendor se entrega,
Esse effeito é amor, propria natura,
Em que o prazer novo liame emprega.
10. « E, como o fogo se ala para a altura
Por sua fórma, que a elevar-se tende
Ao foco, onde o elemento seu mais dura, [1]
11. Assim pelo desejo a alma se accende,
Acção esp'ritual que não se aquieta,
Se não consegue a posse, que pretende.
12. « Vê, pois, que da verdade excede a meta
Quem acredita e aos outros assevera
Que todo o amor de si é cousa recta.
13. « Em genero talvez se considera
O amor sempre bom; mas todo o sello
E' bom, inda que seja boa a cêra ?
14.—« Se, te ouvindo »—tornei—« com mór desvelo
Do que ser póde o amor fico inteirado,
Duvidas hei, que esclarecer anhelo.
15. « Pois que amor é de fóra derivado, [2]
Pois que a alma de outra sorte não procede,
No bem, no mal o merito é frustrado. »—
16.—« Dizer-te posso o que a razão concede »—
Tornou—« do mais a Beatriz sómente,
Por ser acto de fé, solução pede.
17. « Fórma substancial, não dependente
Da materia, porém com ella unida,
Specifica virtude tem latente.
18. « Só, quanto actua, póde ser sentida ;
Denuncia do que seja dá no effeito,
Como em planta a verdura indica vida.
19. « Das primeiras noções onde o conceito
Nasceu ? D'onde appetites vem primeiros,
A que o homem no mundo está sujeito ?

20. « Como o instincto do mel na abelha, inteiros
Em vós estão, louvor não merecendo,
Nem censura tambem, inscios obreiros.
21. « Tudo d'esses pendores dependendo,
Innata a faculdade é aconselha.
A porta do consenso em guarda tendo
22. « Em tal principio a causa se apparelha,
De que procede em vós merecimento :
Repelle o mau amor, no bom se espelha.
23. « Os sabios, estudando o fundamento
Das cousas, vendo innata a liberdade,
Da moral vos tem dado o ensinamento.
24. « E, suppondo que por necessidade
Nascesse todo o amor, que vos incende,
Tendes para contel-o potestade.
25. « Nobre virtude ser Beatriz entende
O livre arbitrio ; e, quando lhe falares,
A isto mesmo a memoria attento prende. »—
26. Como alcanzia a flammejar nos ares,
A lua á meia noite, ja tardia, [3]
Escurecia os outros luminares ;
27. E, contra o ceu, caminho percorria,
Por onde o sol vai pôr-se, quando a Roma,
Entre Sardenha e Corsega allumia ; [4]
28. Havia a sombra illustre, por quem toma
A fama Ande [5] á cidade mantuana,
Do pezo meu alliviado a somma :
29. Quando eu, que explicação lucida e plana
Sobre as minhas questões tinha alcançado,
Sinto que a mente somnolencia empanna .
30. D'esse quebranto subito arrancado.
Por turba fui, que, após se encaminhando,
A nós vinha com passo accelerado.
31. E como o Ismeno e Asopo, [6] outrora, em bando,
Correr viam Thebanos offegantes,
Por noite Baccho em alta voz cantando,

32. A multidão, assim, dos caminhantes,
De bom querer e justo amor tocados
Pelo circ'lo apressavam-se anhelantes.
33. E, pois, tinham-se em breve apropinquado ;
Na carreira chorando afadigosa,
Assim gritavam dois mais avançados :
34.— « Maria corre ao monte pressurosa ; [7]
Cesar rende Marselha, e contra Ilerda [8]
Rapido vôa á Hespanha revoltosa.—
35. « Pressa ! pressa ! De tempo já sem perda !
Pouco zelo não haja ! »— outros clamaram —
« Não refloresce a Graça n'alma lerda ! »—
36.—« Vós, em quem taes fervores se deparam,
Que talvez negligencia ides remindo
Dos tempos, que no bem não se empregaram,
37.—« Dizei a um vivo (estais verdade ouvindo),
Que partir-se pretende á nova aurora,
Se é perto a entrada, d'onde vá subindo. »
38. A voz do Mestre meu d'esta arte exora.
Dos espiritos um lhe respondia :
—« Vém comnosco : não longe ella demora. » —
39. « Anhelo de ir avante nos desvia
De detença : perdôa, por bondade,
Se ha ; cumprindo um dever, descortezia.
40. « De S. Zeno em Verona fui abbade [9]
De Barba-roxa, [10] o bom sob o reinado
De quem Milão se lembra sem saudade.
41. « Alguem que á sepultura está curvado [11]
Hade em breve chorar esse mosteiro
E o poder, com que o tinha dominado ;
42. « Pois, em damno ao pastor seu verdadeiro,
Ao filho em mal nascido, o commettera,
No corpo horrendo, no maldade useiro. »
43. Não sei se inda falou, se emmudecera,
De nós já velozmente se alongara,
Mas ouvil-o e notal-o me aprazera.

44. Então disse-me quem me guia e ampara :
—« Volve-te, attenta n'estes dois : correndo
Nos lentos mordem com censura amara. »—
45.—« Avante ! »— os dois no couce vem dizendo—
Os que se abrir o mar viram morreram
A herança do Jordão não recebendo. [12]
46. « E os que o filho de Anchises não quizeram [13]
Seguir até seu fim na ardua jornada
Fama e gloria por gosto seu perderam. » —
47. Depois, aquella grei stando afastada
Tanto, que eu divisal-a não podia,
De nova idéa a mente foi tomada,
48. Outras surgindo após de romania ;
E tanto de uma em outra vagueava,
Que pouco a pouco o somno me invadia,
E o pensamento em sonho se mudava.

NOTAS AO CANTO XVIII

Continúa Virgilio a discorrer sobre o amor.—Exemplos de celeridade contra o peccado da preguiça. Meditação e sonho de Dante.

[1] Acreditavam os antigos que o fumo pela sua natureza tendia a subir: não se havia ainda demonstrado o pezo do ar, maior que o da chamma.

[2] O terceto contido nos versos 43 a 45 lembra o seguinte soneto—de Petrarcha—que convêm apresentar ao leitor:

S'amor no è, che dunque è quel ch'io sento?
Ma s'egli è amor per Dio, che cosa e quale?
Se buona, onde è l'effetto aspro, mortale?
Se ria, ond'è si dolce ogni tormento?

S'a mia voglia ardo, ond'è il pianto e'l lamento?
S'a mal mio grado, il lamentar che vale?
O' viva morte, ó dilettoso male
Come puoi tanto in me s'io nol consento?

E s'io'l consento, a gran torto mi doglio.
Fra si contrari venti, in frale barca
Mitrovo in alto mar, senza governo,

Sì lieve de saver, d'error sì carca
Ch'i' medesmo non so quel ch'io mi voglio
E tremo a mezza state, ardendo a verno.

[3] Meia noite do segundo dia passado no Purgatorio.

[4] Depois do plenilunio haviam decorrido cinco dias. Sendo o movimento da lua opposto ao do ceu pela constellação do Escorpião, onde se acha o sol, ao espectador collocado em Roma parece que este ultimo astro põe-se entre a Corsega e a Sardenha.

[5] Andes, presentemente Piètola, alcançou maior fama que Mantua, á qual está proxima, por ter Virgilio nascido n'essa pequena povoação.

[6] Ismeno e Asopo, rios da Beocia: correm a pouca distancia de Thebas.

[7] S. Lucas, *Ev.* I:

« E n'aquelles dias levantando-se Maria foi com pressa ás montanhas a uma cidade de Judá, e entrou em casa de Zacarias e saudou a Isabel. »

[8] Lucano, *Phars.* III :

Dux tamen impatiens hæsuri ad mœnia martis
Versus ad Hispanas arces, extremaque mundi
Jussit bella geri.

E c. IV :

Colle tumet modico, lenique excrevit in altum
Pingue solum tumulo : super hunc fundata vetusta
Surgit Ilerda manu ; placidis prælabitur undis
Hesperios inter Sicoris non ultimus amnes,
Saxeus ingenti quem pons amplectitur arcu,
Hibernas passurus aquas. At proxima nipes
Signa tenet Magni ; nec Cæsar colle minore
Castra levat : medius dirimit tentoria gurges.

Ariosto, *Orl. Fur.* c. XLII, est. 69 :

Rinaldo vuol trovarsi con Orlando
Alla bataglia, e se ne vede lunge.
Didiece in diecemiglia va mutando
Cavalli e guide, e corre e sferza e punge.
Passa il Reno a Costanza, e in su volando
Traversa l'Alpe, ed in Italia guinge,
Verona a dietro, a dietro Mantua lassa ;
Sul Po si trova, e con gran freta il passa.

Camões, *Lus.* c. II, est. 33 :

Ouviu-lhe estas palavras piedosas
A formosa Dióne e commovida
De entre as nymphas se vai, que de saudosas
Ficaram de tão subita partida.
Já penetra as estrellas luminosas,
Já na terceira esphera recebida,
Avante passa, e lá no sexto ceu
Para onde estava o Padre se moveu.

[9] Alberto della Scala, senhor de Verona, fez abbade do mosteiro de São Zeno o seu filho natural Giuseppe Scaligero, o qual exerceu essa prelazia de 1292 a 1314. D'elle diz o *Ottimo* que « *era accidioso e deficiente in ben fare.* »

Esse abbade teve um filho, chamado Bartholomeu, que lhe succedeu de 1321 a 1336, foi depois Bispo de Verona.

Foi assassinado no paço episcopal, dizem uns, por Alboino della Scala, dizem outros, por Mastino.

[10] Frederico I, por antonomasia Barba-Roxa, Imperador da Allemanha, filho de Frederico Torto, Duque da Suabia, e neto do Imperador Henrique IV. Era já fallecido seu pae e estava na posse do ducado, quando, por occasião da morte de seu tio Conrado III, foi levantado á dignidade imperial. Passou quasi toda a sua vida em guerras, já chamando á obediencia e sujeição varios potentados da Allemanha, que perturbavam a paz, e flagellavam o povo; já marchando contra a Italia para recuperar direitos dos seus antecessores, em repetidas expedições, que remataram na paz concertada em Constança no anno de 1183; já seguindo para Terra-Santa em 1189, aos 68 annos de idade, á frente de numeroso exercito, com o qual passou o Hellesponto e ganhou a renhida batalha

de Iconio. D'este ultimo commettimento nenhum resultado colheu; por quanto falleceu em 1190 desastrosamente, afogando-se no rio Saleph (antigamente Cydno).

[11] Refere-se a Alberto della Scala, que, já na velhice, nomeou esse abbade, sobrepujando o seu prepotente capricho á consideração dos defeitos physicos e moraes do seu bastardo.

[12] Numeros, XXXII:

« Estes homens, que sahiram do Egypto, de vinte annos e d'ahi para cima, não verão a terra, que eu prometti com juramento a Abraham, a Isaac e a Jacob; porque me não quizeram seguir, excepto Caleb, filho de Jefone Ceneseu, e Josué filho de Nun: estes cumpriram com a minha vontade.—E o senhor irado contra Israel o fez andar errante pelo deserto quarenta annos, até que fosse extincta toda a geração, que tinha peccado na sua presença.»

[13] Virgilio, *En.* V:

Extemplo socios, primumque arcessit Acesten
Et Jovis imperium, et cari præcepta parentis
Edocet, et quæ nunc animo sententia constet.
Haud mora consilis, nec jussa recusat Acestes.
Transcribunt urbi matres, populumque volentem
Deponunt, animos nil magnæ laudis egentes.
Ipsi transtra novant, flammisque ambesa reponunt
Robora navigiis: aptant remosque rudentesque
Exigui numero, sed bella vivida virtus.

Trad. de J. F. Barreto:

Aos socios chama logo e assi o Troiano
Acestes entre todos, e a divina
Embaixada de Jove soberano
E os preceitos do amado pae lhe ensina.
Juactamente lhe diz com desengano
Tudo o que n'este caso determina.
Não ha detença nos conselhos dados,
Nem põe duvida Acestes aos mandados.
As mulheres assignam a cidade,
E aqui deixam tambem do povo a escoria,
Que quer ficar e que necessidade
De louvores não tem ou de honra e gloria.
Os mais que de partir-se tem vontade
(Inda que poucos, dignos de memoria)
Dos queimados madeiros se refazem,
Bancos, remos de novo, enxarcia trazem.

CANTO XIX

1. CHEGADA essa hora, em que o calor diurno
Não mais da Lua a frigidez aquece,
Pela terra vencido ou por Saturno, [1]
2. Quando ao geomante [2] fulgida apparece
A Fortuna Maior lá no Oriente,
Donde rapida a noite se esvaece,
3. Sonhando vi mulher balbuciente,
Que vesga era nos olhos, nos pés torta,
De mãos troncadas e de tez pallente.
4. Eu a encarava ; e como o sol conforta
Os membros a que a noite o frio aggrava,
Ao meu olhar assim a quasi morta
5. Lingua movia ; o corpo já se alçava,
E no terreno e livido semblante
A côr, que amor estima se mostrava. [3]
6. Soltando a voz, ha pouco titubante,
Doce canto entoava tão donosa,
Que me absorvia o enlevo inebriante,
7.—« Sereia sou »—cantava—« deleitosa,
Que da rota desvio os marentes,
Tanto prazer lhes movo poderosa. [4]

8. « Detiveram meus cantos fascinantes
Ulysses vago ; e raros me deixaram,
A todos prende o som dos meus descantes.» —
9. Juncto a mim, mal seus labios se fecharam,
Eis se mostrava dama santa e presta :
A sereia os seus olhos conturbaram.
10.—« Dize, ó Virgilio : que mulher é esta ? »—
Bradava irosa ; e o Vate lhe accorria,
Respeitoso ante aquella face honesta.
11. D'ella dama travava e incontinente
Seus veus rasgava, o ventre desnudando :
Desperto ao cheiro infando que sahia.
12. Olhos abri.—Virgilio, me falando,
—« Trez vezes te chamei »—disse—« eia ! asinha
Vamos, o passo onde entres, procurando. »—
13. Ergui-me logo. Alumiados tinha
O dia os circulos todos do alto monte;
Pelas costas surgindo o sol nos vinha.
14. Após o Mestre se me inclina a fronte,
Como a quem, de cuidados opprimido,
Cumba a cerviz similha arco de ponte.
15.—« Aqui se passa : vinde ! »—proferido
Foi por voz tão suave, tão beni'na,
Que não fôra igual som na terra ouvido.
16. Da rocha entre os dois muros nos desi'na
Quem falara o caminho, azas abrindo,
Que tem do cysne a alvura purpurina.
17. Depois as niveas plumas sacudindo,
— « Os que choram»—bradou—« são venturosos,
De consolo a esperança possuindo ! »—
18.—« Por que os olhos no chão fitas cuidosos ? »—
O Mestre perguntou, depois que alçou-se
Voando o anjo aos ares luminosos.
19.—« Em recente visão, Senhor, mostrou-se
Imagem »—respondi—«que tanto instiga,
Que inda a sua impressão não mitigou-se. »—

20.—« A magica »—me disse —« viste antiga,
Que lá mais alto tanta dôr motiva ?
Como o homem viste d'ella se desliga ?
21. « Não mais ! Avante segue, o alento aviva !
Olhos volve ao reclamo, com que gira
Do Rei Eterno cada esphera altiva.»—
22. Como faz o falcão, que os pés remira,
Depois ao grito acode e, accelerado,
Contra a ralé, que avista, ao ar se atira :
23. Assim eu; e por onde era cortado,
Para transito dar o monte erguido,
Corri té outro circulo, apressado.
24. Tendo ao circulo quinto já subido,
Jazer vi turba innumera em lamento :
Para baixo era o rosto seu volvido.
25. « *Adhœsit anima mea pavimento* »— [6]
Com tanta dôr diziam suspirando,
Que da voz mal cahi no entendimento.
26.—«Dizei, de Deus eleitos, que, penando,
Colheis allivio na justiça e esp'rança,
Por onde ao cimo iremos caminhando. »—
27.—« Se a nossa punição não vos alcança
E mais prompta quereis ter a subida,
A' direita e por fóra que se avança.»—
28. Do meu Guia a pergunta respondida.
Foi por uma alma,que adiante estava :
Ser outra idéa eu cri n'isso escondida.
29. Então, olhos voltando, interrogava
Virgilio, que approvou com ledo gesto
O desejo, que o rosto denotava.
30. Da permissão do Mestre usando presto,
D'aquelle ente acerquei-me doloroso,
Que se fez por palavras manifesto.
31.—« Tu, que, expiando as culpas lacrymoso,
Apressas de te erguer á gloria o dia,
Por mim pára em teu pranto fervoroso.

32.—« Quem foste ? Por que assim jazeis ?—dizia—
« No mundo, d'onde venho vivo, impetre
Por teu bem queres cousa de valia ? »—
33.—« Convém que o teu espirito penetre
D'esta pena a razão ; porém primeiro
Scias quod ego tui successor Petri. [7]
34. « Do meu solar o titulo altaneiro
Origem teve n'esse rio bello, [8]
Que entre Chiaveri e Siestre flue ligeiro.
35. « Em pouco mais de um mez vi que desvelo
Custa guardar o grande manto puro :
Todo outro fardo é pluma em parallelo.
36. « Quanto—ai de mim !—de converter fui duro !
Mas, apenas Pastor em Roma eleito,
Eu sube quanto mente o mundo impuro.
37. « Não gozou paz, nem quietação meu peito ;
Mais alto já subir se não podera :
Então da vida eterna ardi no affeito.
38. « Minha alma, triste e misera, perdera
De Deus o amor em sordida avareza :
Esta pena, que vês, bem merecera.
39. « De tal peccado mostra-se a graveza
Aqui pelo castigo, em que se expia :
No monte outro não ha de mór asp'reza.
40. « Como ao ceu nossa vista não se erguia,
Nas cousas terreaes embevecida,
Assim justiça á terra a prende e lia.
41. « Como a avareza em nós tinha extinguida
A propensão ao bem, aos santos feitos,
Assim nos tem justiça a acção tolhida.
42. « Pés e mãos ata em vinculos estreitos :
Em quanto a Deus prouver, nós, extendidos,
Immoveis estaremos n'esses leitos.»—
43. De joelhos e de olhos abatidos [9]
Quiz falar-lhe ; mas elle, conhecendo
Esse meu acto só pelos ouvidos,

44.—« Por que te curvas ? »—me atalhou dizendo.
— « Em reverencia á vossa dignidade :
Cumpro um dever d'esta arte procedendo.»—
45.—« Ergue-te, irmão ! Não erres ! Em verdade,
Eu como tu, e o universo inteiro
A lei seguimos de uma só vontade.
46. « Do Evangelho o sentido verdadeiro,
Que disse—*neque nubent*—, se entendeste, [10]
Verás o meu pensar quanto é certeiro.
47. « Vai-te agora, de mais te detiveste.
Saudavel pranto empece a tua estada :
Perdão apressam lagrimas, disseste.
48. « Sobrinha tenho, Alagia foi chamada : [11]
E' boa, se da raça tão funesta
Não pervertel-a a tradição damnada.
Sómente esta no mundo ora me resta.»—

NOTAS AO CANTO XIX

Visão de Dante. Os Poetas entram no quinto circulo, onde fazem penitencia os avarentos. Avistam-se com o Papa Adriano V.

[1] Segundo as idéas em voga no tempo de Dante, o planeta Saturno, quando se achava no hemispherio nocturno, trazia frio.

[2] Geomantes advinhavam pela observação das figuras nos corpos terrestres, mediante pontos e signaes, que delineavam com vara na areia. Uma das combinações, que assim faziam, chamava-se *fortuna maior*: por pontos configuravam oito estrellas que diziam ser as ultimas do signo de Aquario e as primeiras do signo de Piscis.

[3] *Palingenii Zodiacus Vitæ*, lib. VII:

...Facies pulcherrima tunc est
Quum porphyriaco variatur candido rubro.
Quid color hic rosens sibi vult? Designat amorem;
Quippe amor est igni similis; flammasque rubentes
Ignis habere solet.

[4] Symbolizam as sereias, no conceito dos poetas, os prazeres sensuaes e falsos deleites, que pelos seus attractivos transviam o homem das veredas do dever e virtude. Diziam que as sereias com a deliciosa suavidade dos seus cantos transtornavam a razão dos mareantes e afinal causavam a sua perdição.

Homero, *Odyssêa*, c. XII, trad. de Giguet:

«Em quanto eu assim falava aos meus companheiros, rapidamente acercava-se o navio á ilha das Sereias, tão prosperamente soprava o vento; mas então seguiu-se profunda calmaria e uma divindade adormeceu as ondas. Ergueram-se os meus companheiros para tomar as velas, que deixaram cahir no fundo do navio. E logo voltaram aos remos, e curvando sobre os bancos, acoutaram as ondas espumantes com retirados golpes. Eu, no emtanto, corto em pedaços um grande disco de cêra com a minha espada, e com a minha forte mão comprimo e amolleço as suas parcellas. Consigo-o logo ajudado pelo ardor do sol: e a cada um dos meus companheiros tapei os ouvidos. Immediatamente elles prendem-me ao mastro, em pé e de mãos atadas; sentam-se depois e com os remos ferem o mar espumoso. Apressam-se e já nos acercamos da praia ao

alcance da voz. Avistam as sereias o navio já perto, cortando velozmente as aguas; e de repente entoam os seus melodiosos cantos.

— « Vem á nós, glorioso Ulysses, honra da Grecia! Detem o teu navio, escuta a nossa voz. Ningem passa avante com seu navio antes de ouvir os deliciosos cantos, que modulam os nossos labios; quem os ouve retira-se extasiado de prazer e instruido de muitas cousas. Não ignoramos quanto nas planicies de Ilion padeceram Gregos e Troianos; quizeram os deuses soubessemos todos os acontecimentos occorridos n'essa fertil região. »

« Assim diziam as suas vozes suavissimas. Sofregamente anhelo ouvir a continuação, e pelo movimento dos olhos mando que os meus companheiros me desprendam. Elles, porém, forçam a voga, ao passo que Eurylocho e Primedes, levantando-se, ainda mais estreitamente me liam. Afastamo-nos afinal até não ouvirmos já as vozes das Sereias: só então desligaram-me os companheiros e eu lhes restitui o uso dos seus ouvidos. »

[5] S. Matheus, *Ev.* V:

« Bemaventurados os que choram, porque elles serão consolados. »
S. Lucas, *Ev.* VI:
« Bemaventurados os que chorais agora porque vos rireis. »

[6] Psalmos, CXVIII:

« A minha alma esteve pegada com o chão: dá-me vida segundo a tua palavra. »

[7] Sabe que fui successor de Pedro: quem assim fala é o Papa Adriano V. Este Pontifice, da casa dos Fieschis, denominada dos Condes de Lavagno. Já na extrema velhice, em 1276 foi eleito: até então era o cardeal Ottobnono del Fiesco; pouco mais de uma vez regeu a Igreja.

[8] Lavagna é o rio, que talha o territorio genovez entre as cidades Siestre e Chiavari.

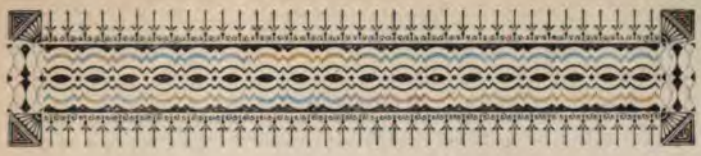
[9] Apocalypse, XIX:

« E eu me prostrei aos seus pés para o adorar. Elle me disse: Vê, não faças tal, eu sou servo comtigo e com teus irmãos, que tem o testemunho de Jesus. Adora a Deus, porque o testemunho de Jesus é o espirito de prophecia. »

[10] S. Matheus, *Ev.* XXII:

« Porque depois da ressurreição nem as mulheres terão maridos, nem os maridos mulheres; mas serão como os anjos de Deus no ceu. »

[11] Alagia, sobrinha de Adriano V, que se casou com o Marquez Marcello Malaspina, amigo do Poeta, que o hospedou na Lunigiana, em 1307.—V. c. VIII. *in fine.*



CANTO XX

1. Em lucta, o bem querer ao mau se alteia.
Por contentar essa alma, eu, descontente,
Da agua tirei a esponja, inda não cheia. [1]
2. Sigo os passos do guia diligente,
Do monte á extrema borda caminhando,
Como em muro entre ameias, cautamente.
3. O espaço mais largo enchia o bando,
Que a avareza, do mundo atroz imiga,
Expurga, pranto em fio derramando.
4. Maldicta sempre sejas, Loba antiga,
Mais do que as outras feras cubiçosa!
Jámais a fome tua se mitiga!
5. O ceu, cuja carreira portentosa
As condições se crê reger da vida,
Quando virá quem lance a besta ascosa? [2]
6. A passo lento e escasso era a subida,
Attento eu indo á turba, que exprimia
Por carpir lamentoso a dôr sentida
7. Eis ante nós dizer :—« Doce Maria! »—
Uma voz escutei no amargo pranto
Qual mulher que no parto a dôr crucia.

8. E accrescentou :—« Bem pobre foste e tanto,
Que á luz trouxeste lá no humilde hospicio [3]
Do seio virginal o fructo santo. »—
9. E logo após ainda :—« O' bom Fabricio, [4]
Com Virtude antes pobre ser quizeste
Do que a opulencia possuir com vicio. »—
10. De tal prazer meu coração se veste
Ouvindo, que avançava pressuroso
Porque ao perto, maior attenção preste.
11. Tambem contava esse acto generoso,
Que em pról das virgens Nicolau fizera [5]
Para guardar-lhes puro o estado honroso.
12.—« Alma, que tão bem falas, diz, sincera,
Quem foste ? »—lhe disse eu—«Por que sómente
A tua voz a virtude aqui venera ?
13. « Se eu á vida tornar, que brevemente
Levar-me deve ao suspirado porto,
Em te ser grato ficarei contente. »—
14. E elle :—« Falarei, não por conforto
Lá do mundo esperar, mas porque tanta
Graça refulge em ti antes de morto.
15. « Estirpe fui d'essa maligna planta [6]
Que o solo esteriliza á christandade :
Se fructos bons produz, facto é que espanta.
16. « A vingança, se houvessem faculdade,
Lilla, Bruges, Donai, Grandja tomaram,
Fervido a peço á Summa Potestade.
17. « Na terra Hugo Capeto me chamaram :
Dos Philippes fui tronco e dos Luizes,
Que novamente a França dominaram. [7]
18. « Foi meu pae carniceiro. Os infelizes
Antigos Reis progenie não deixando,
Excepto um monge [8], ás minhas mãos felizes,
19. « Parar d'aquelle reino veiu o mando.
Tanto prestigio tinha, e tal pujança
Dos povos na vontade fui ganhando,

20. « Que a c'rôa o meu querer cingir alcança
Do filho meu á fronte, em quem começa
A prole ungida d'esses Reis de França. [9]

21. « O provençal gran dote [10] havendo, cessa
Na raça minha a pristina vergonha :
Somenos, mas aos bons não fôra avessa.

22. « Rapinas pela força e ardis, que sonha
Começando, invadiu por penitencia *
Pontois, Normandia com Gasconha.

23. « Carlos, Italia entrando, em penitencia
Victimou Conradino ; [11] e triumphante
Ao ceu mandou Thomaz, [12] por penitencia.

24. « Em tempo, do presente não distante,
Inda outro Carlos vir de França vejo [13]
E fama a si e aos seus dar mais sonante.

25. « Sai sem armas; traz só n'aquelle ensejo
Lança de Judas, que á Florença aponta :
Rasga-lhe o peito, como é seu desejo [14]

26. « Terá, não terras, mas peccado e affronta,
Que se lhe ha de tornar tanto mais grave,
Quanto elle a tem de pouco preço em conta.

27. « Outro, que preso sai da propria nave, [15]
Vejo a filha vender, como fizera
Aos escravos pirata : ó pae suave !

28. « Avareza ! o que mais de ti se espera, [16]
Se o meu sangue a tal raiva has arrastado,
Que te deu sua carne em pasto, ó fera ?

29. « Para o mal igualar, porvir, passado,
Entrando Alagui [17] flor-de-liz se ostenta,
E Christo em seu vigario é captivado. [18]

30. « Injurias vejo novas que exp'rimenta,
Fel, vinagre sorver o vejo ainda
E entre vivos ladrões ter morte lenta.

* V. *R. des D. Mondes* p. 533 — 534 — 1º abril de 1880.

31. « Vejo o novo Pilatos, [19] que, não finda
A sanha sua, sem decreto assalta
O Templo acceso na cubiça infinda.
32. « Senhor meu ! Pois que excesso nenhum falta,
Quando ante a punição serei ditoso,
Que, occulta, o teu juizo adoça e exalta ?
33. « Quanto ao que me inqueriste curioso,
As palavras, que, ha pouco, eu dirigia
Do Spirito Santo á Esposa fervoroso,
34. « São nossas orações em quanto é dia.
Mas contrarios exemplos invocamos,
Quando a sombra da noite principia.
35. « Então Pygmalião nós recordamos [20]
Que foi traidor, ladrão e parricida.
A sua sêde de ouro condemnamos.
36. « E a miseravel condição de Mida, [21]
Do rogo seu estulto resultado,
Sempre do mundo inteiro escarnecida.
37. « De Acan [22] o louco feito é memorado.
Que os despojos roubara, e ainda a ira
De Jesué receia amedrontado.
38. « Com seu marido accusa-se Saphyra [23]
E louva-se mau fim de Heliodoro. [24]
Por todo o monte immenso brado gira
39. « Contra o que tirou vida a Polydoro. [25]
— Dize do ouro o sabor, Crasso avarento ! — [26]
Tambem clamamos todos nós em côro.
40. « Qual murmura, qual grita em seu lamento,
Segundo o affecto que o estimula e agita,
Segundo é fraco ou forte o sentimento.
41. « Eu unico não era, pois, que em grita
O bem, que ao dia é proprio ia dizendo :
Não alçava outro perto a voz bemdicta. » —
42. Essa alma já deixaramos, fazendo
Esforço por vencer a altura ingente,
Que adiante se estava offerecendo,

43. Eis tremer sinto o monte de repente...
O coração no peito se me esfria,
Qual reu, que á morte arrasta-se pallente.
44. Delos, por certo, assim não se movia, [27]
Quando por ninho a preferiu Latona,
Que os dois olhos do ceu parir queria.
45. De toda a parte um brado então resona
Tanto, que o Mestre, para mim voltado,
—« Não ha risco »—me diz—« teu Guia o abona ! »—
46. *Gloria in excelsis Deo*—era entoado, [28]
Quando a voz perceber foi permettido
Do ponto, a que o rumor me foi levado.
47. Quedos, como os pastores tendo ouvido
A' vez primeira outrora aquelle canto,
Ficamos té findar moto e soïdo.
48. Depois seguimos no caminho santo,
Vendo as almas prostradas sobre a terra,
Sempre a verter o costumado pranto.
49. E se a memoria n'isto em mim não erra,
Jámais desejo, que a ignorancia accende,
Na mente me excitara tanta guerra,
50. Quanto n'aquelle instante em mim contende.
Nem pela pressa, eu perguntar ousava,
Nem o que ouvia o espirito comprende.
Timido assim e pensativo andava.

NOTAS AO CANTO XX

Ouvem os Poetas uma voz, que refere exemplos de pobreza, liberalidade e avareza: é a alma de Hugo Capeto, que logo após narra os crimes da sua posteridade. Treme a montanha: todas as almas glorificam a Deus.

[1] « Não continuei a fazer perguntas áquella alma, se bem houvesse mister muitas outras explicações. »

[2] A loba, symbolo da avareza. Parece que o Poeta alludiu aqui ao varão, que no c. I do *Inf.* apresentou com o nome de *Veltro*.

[3] S. Lucas, *Ev.* II:

« E estando alli aconteceu completarem-se os dias, em que havia de parir. E pariu o seu filho primogenito, e o enfachou e reclinou em uma mangedoura, porque não havia logar para elles na estalagem. »

[4] Fabricio, Consul romano, que voluntariamente viveu e morreu tão pobre, que foi sepultado á custa do thesouro publico. Referindo-se a este homem virtuoso disse Virgilio (*Æn.* VI v. 845:) *parvoque potentem Fabricium.*

Aos embaixadores dos Samnites, que lhe offereciam dinheiro para peital-o, respondeu que os Romanos não queriam possuir ouro, senão dominar os que o possuiam.

Plutarcho, *Vida de Pyrrho*, c. XX:

« Para se entender acerca dos prisioneiros, partiu uma deputação dirigida por Caio Fabricio, que Cineas dizia ser um dos homens de mais preço existentes em Roma pela sua honra e extremado esforço, mas nimiamente pobre. Pyrrho, que o recebeu com especial benevolencia, rogou-lhe que acceitasse uma certa somma de ouro, não para fazer cousa, que o desabonasse, senão para lhe dar a elle mostra de estima e hospitalidade. Fabricio recusou e Pyrrho não insistiu. Mas, ao outro dia, para assustal-o por saber que nunca vira elephantes, mandou que um d'esses animaes fosse collocado em logar, onde teriam de praticar, encoberto por uma cortina. Assim se fez. A um aceno seu, correu-se a cortina, e de improviso o elephante, agitando a tromba, levantou-a acima da cabeça de Fabricio e fez espantoso arruido. Voltou-se Fabricio sem se alterar, e a sorrir disse a Pyrrho: « Nem hontem me abalou o teu ouro, nem hoje o teu elephante. »

NOTAS AO CANTO XX

Ouvem os Poetas uma voz, que refere exemplos de pobreza, liberalidade e avareza: é a alma de Hugo Capeto, que logo após narra os crimes da sua posteridade. Treme a montanha: todas as almas glorificam a Deus.

[1] « Não continuei a fazer perguntas áquella alma, se bem houvesse mister muitas outras explicações. »

[2] A loba, symbolo da avareza. Parece que o Poeta alludiu aqui ao varão, que no c. I do *Inf.* apresentou com o nome de *Veltro*.

[3] S. Lucas, *Ev.* II:

« E estando alli aconteceu completarem-se os dias, em que havia de parir. E pariu o seu filho primogenito, e o enfachou e reclinou em uma mangedoura, porque não havia logar para elles na estalagem. »

[4] Fabricio, Consul romano, que voluntariamente viveu e morreu tão pobre, que foi sepultado á custa do thesouro publico. Referindo-se a este homem virtuoso disse Virgilio (*Æn.* VI v. 845:) *parroque potentem Fabricium.*

Aos embaixadores dos Samnites, que lhe offereciam dinheiro para peital-o, respondeu que os Romanos não queriam possuir ouro, senão dominar os que o possuiam.

Plutarcho, *Vida de Pyrrho*, c. XX:

« Para se entender acerca dos prisioneiros, partiu uma deputação dirigida por Caio Fabricio, que Cineas dizia ser um dos homens de mais preço existentes em Roma pela sua honra e extremado esforço, mas nimiamente pobre. Pyrrho, que o recebeu com especial benevolencia, rogou-lhe que acceitasse uma certa somma de ouro, não para fazer cousa, que o desabonasse, senão para lhe dar a elle mostra de estima e hospitalidade. Fabricio recusou e Pyrrho não insistiu. Mas, ao outro dia, para assustal-o por saber que nunca vira elephantes, mandou que um d'esses animaes fosse collocado em logar, onde teriam de praticar, encoberto por uma cortina. Assim se fez. A um aceno seu, correu-se a cortina, e de improviso o elephante, agitando a tromba, levantou-a acima da cabeça de Fabricio e fez espantoso arruido. Voltou-se Fabricio sem se alterar, e a sorrir disse a Pyrrho: « Nem hontem me abalou o teu ouro, nem hoje o teu elephante. »

Dante, *Convito*, IV, 5:

« Alguem por ventura dirá que não fosse divinamente inspirado Fabricio, quando recusou avultadissima somma de ouro, por não querer deixar a sua patria, dizendo que os cidadãos romanos não ouro, senão os possuidores de ouro desejavam possuir? »

Petrarcha, *Trionfo della Fama*, cap. I:

Un curio ed un Fabrizio assai più belli
Con la lor povertà, che Mida ò Crasso
Con l'ora, ond'a virtù furon ribelli.

[5] Conta a lenda de S. Nicolau, advogado dos marinheiros, viajantes e meninos, que tendo elle, por maravilhosa revelação, conhecimento de estar um certo pae de familia reduzido a extremo tal de miseria, que nem um bocado de pão tinha para matar a fome de suas trez filhas nubeis, e via-se por isso na angustiosa necessidade de sacrificar a sua honestidade, resolveu salvar a honra das donzellas e dar-lhes meios para se casarem. Occultamente á noite e trez vezes successivas introduziu pela janella da sua casa uma bolsa cheia de ouro. Sendo, porém na terceira descoberta pelo pae, que o espreitava, teve de receber os seus agradecimentos, que quizera evitar, mas sob a condição de não revelar o facto a quem quer que fosse.

[6] Quem fala não é o primeiro Rei da casa dos Capetos, que gloriosamente reinou na França; e Hugo Capeto o Grande, Duque da França e Conde de Paris, pae d'esse monarcha.

O pae de Hugo foi Roberto, conde de Paris. Além do appellido de Grande, merecido não tanto por feitos famosos, quanto pela sua elevada estatura, chamavam-o tambem o *Branco* por causa da sua pallidez, e Abbade, por ser o titular das grandes Abbadias de S. Martinho de Tours, de S. Dionysio e de São Germano. Constituiam estas a minima parte dos seus dominios, que eram vastos por comprehenderem todo o territorio, que demora entre o Loire e o Sena. Ainda mais os dilatou aproveitando-se das dissensões em que viviam os Reis carlovingianos; e assim apparelhou a grandeza da sua familia, affeita já á posse effectiva da autoridade regia, sem empunhar o sceptro. Auxiliou a eleição de Luiz IV, denominado de *Ultra-mar;* mas depois fez alliança contra elle com o Duque da Normandia, e com Othão, Rei da Germania, cercou-o em Laon e o fez seu prisioneiro. Para restituir-lhe a liberdade ao cabo de um anno, obrigou-o a ceder-lhe aquella cidade, que ao diante entregou ao Rei, de quem se reconheceu vassallo pela convenção de 950. Fallecendo Luiz IV, poderia, se quizesse subir ao throno; mas ainda uma vez desdenhou a corôa, que cingiu em Lothario, menor de 13 annos, procedimento compensado pela acquisição da Aquitania.

Hugo o Grande morreu em 956, deixando na idade de 10 annos o seu primogenito e herdeiro Hugo Capeto.

O trecho d'este canto, referente á casa real da França muito desgostou os antigos escriptores francezes, em especial o verso—*Figliuolo fui d'un beccaio de Parigi*—por conter asserção injuriosa, contraria á verdade historica, contrafeita já em tempo anterior a Dante.—Pasquier (*Recherches de la France*, liv. VI c. 1), citado por P. Bayle, *Dict.*, disse: « *Le passage de Dante lû et expliqué par Louis Alleman, Italien, devant le Roi François, premier de ce nom, il fut indigne de cette imposture et commanda qu'on lui ostât, voire fut en esmoi d'en interdire la lecture dedans son royaume.* »

Fosse ou não litteral a accepção da palavra *carnicciro*, empregada por Dante, é certo que, quando escreveu-a, corria e fôra repetido por chronistas que Hugo Capeto o Grande fôra um burguez de Paris muito opulento e estimado

que descendia de magarefes ou negociantes de gado. No em tanto lê-se no *Ottimo:* — « Póde ser que seja verdade o que affirma o Auctor: mas dizem alguns que Hugo fôra pessoa de nobilissima estripe, descendente da casa da Normandia. »

Douay, Gand, Lilla e Bruges, cidades de Flandres que por força ou ardil foram em 1299 occupadas por Philippe o Bello, são mencionadas por toda aquella região, d'onde os Francezes foram lançados depois da famosa batalha de Courtray, pelejada a 21 de março de 1302, antes de ter escripto Dante o seu poema ou, ao menos, este canto do *Purgatorio*. Como finge que a sua maravilhosa jornada se effectuara em 1300, inevitavel era que esse facto fosse apresentado como presagio de castigo e vingança, em fórma de supplica a Deus.

[7] Desde a morte de Henrique I até o tempo de Dante os diversos Reis da França foram Luizes e Philippes.

[8] Não se sabe ao certo quem foi a ultima vergontea do tronco real carlovingiano na França. Divergem as opiniões entre chronistas e historiadores; e ainda não se conseguiu em grau de evidencia a solução da duvida. A discussão d'este problema de historia medieval não cabe n'este logar. O *Ottimo* diz que o ultimo descendente de Carlos Magno foi Rodolpho, o qual « pela sua santa vida de homem religioso foi feito Arcebispo de Rheims.»

[9] O Rei Hugo Capeto foi sagrado e coroado em Rheims, em 987.

[10] Parece que Dante por estas palavras allude ao casamento de Carlos de Anjou, irmão de Luiz IX, com a filha e herdeira de Berenguer III, conde da Provença, a qual lhe foi entregue em dote em 1245.

D'esta alliança originou-se a fortuna de Carlos, que em 1269 foi empossado no throno da Sicilia e Apulia. E' certo que em 1282, depois das *Vesperas Sicilianas*, perdeu a Sicilia; mas continuou a reinar em Napoles, que pertenceu á casa de Anjou até 1382, anno em que perdeu a vida a desditosa Rainha Joanna de Napoles. Se, rigorosamente considerada, a Provença não foi *gran dote*, pode-se haver sem duvida por tal á vista dos resultados, que occasionou.

[11] Conradino, filho do Imperador Conrado IV, decapitado por ordem de Carlos de Anjou em patibulo erecto n'uma praça de Napoles em 1268. — V. c. XXVIII do *Inf.* — notas.

[12] S. Thomaz de Aquino, o Doutor Angelico, falleceu em 1274, quando se encaminhava para o concilio de Lyon. A veneno propinado pelo seu medico, alliciado por Carlos de Anjou attribue-se aquella repentina morte: esse Rei temia que o seu voto na grande assembléa religiosa lhe fosse adverso, ou que viesse a ser eleito em Papa.

[13] Carlos de Valois, alcunhado Sem-Terra, irmão de Philippe o Bello, chamado a Italia pelo Papa Bonifacio VIII em 1301 e por elle enviado a Florença a titulo de pacificador.

[14] Carlos de Valois, diz um commentador, havendo entrado em Florença, traçoeira e fraudulentamente lançou da cidade a parcialidade dos Cerchis.

Afinal, nem terras, nem proveito nem honra alcançou: deixou Florença conflagrada pela guerra civil; passou-se á Sicilia com poderoso exercito, mas viu-se constrangido a tornar á França depois de perder a mór parte dos seus.

Dizia-se por isso em opprobio que Carlos fôra á Toscana para restabelecer a paz, e deixou-a em guerra accesa; transferiu-se á Sicilia para fazer guerra e sómente conseguiu paz ignominiosa.

Dante foi um dos que padeceram pela intervenção de Carlos nos negocios de Florença; mas pagou-lhe o mal, que lhe fez, pelo seu justo preço.

Fraticelli, *Storia della vita di Dante Alighieri:*

« Passava em 1301 Carlos de Valois, irmão de Philippe o Bello, Rei da França, pela Toscana com destino a Roma, d'onde pretendia partir-se para Sicilia repellindo o dominio francez, se entregara aos Aragonezes. Os Negros enviaram-lhe a elle e ao Papa emissarios para representar-lhe que os Brancos eram gibelinos, inimigos da Igreja e da casa real da França, e supplicar que o principe antes da jornada da Sicilia, fosse a Florença no caracter de pacificador afim de reformar a republica e assegurar o partido guelfo de todo o perigo. E tanto porfiaram, que afinal conseguiram o seu proposito...

« Os priores, que entraram em exercicio a 15 de outubro de 1301, homens bons e insuspeitos, proposeram conciliação entre os Negros e Brancos em modo que dividissem os cargos entre si. Os Brancos, que haviam dado mostras de benevolencia em todas as contendas de partidos, assentiram ao accordo do melhor grado, e sómente falavam em paz, quando *compria-lhes afiar as espadas*, na phrase do historiador Compagni; porquanto os Negros, tendo já por si o Papa, haviam concertado com Carlos a sua volta immediata de Roma a Florença, onde já estavam depositados 70.000 florins de ouro para o seu estipendio e soldo da tropa...

« Sem opposição entrou Carlos em Florença, acompanhado com 800 cavalleiros, além de 400 guelfos, que no transito pela Toscana se lhe encorporaram. Pouco depois convidou os priores, a conferencia na praça de Santa—Maria—Novella; mas dos priores, que se arreceiavam de alguma perfidia, sómente compareceram trez, aos quaes nada disse, porque segundo o citado historiador, o que elle queria era matar e não falar. A esse tempo voltando dois dos embaixadores, que tinham ido a Roma, os priores enviaram secretamente a Dante instrucções para declarar ao Papa que estavam á sua obediencia e supplicar-lhe que commettesse o cargo de reformador ao cardeal Gentile de Montefiore. Scientes d'esta resolução, os Negros, temendo as consequencias da vinda do cardeal, a quem tinham por infenso aos seus interesses, correram ás armas e deram sobre os seus adversarios. Despertaram então os Brancos e tambem se armaram. Mas correndo em meio o mez de novembro, Corso Donati, desterrado pela segunda vez, apresentou-se, e achando fechada a porta de Pinti, proxima á igreja de S. Pedro o Maior, arrombou-a a machado e entrou na cidade. Com elle se uniram os Negros, que haviam recebido de fóra gente de refresco; e Corso correu ás prisões, soltou os detentos, assaltou o palacio do *podestà* e o lançou para fóra, investiu ao dos priores e obrigou-os a se demittirem, ao passo que os Gerchis, mallogrados no primeiro tentamen, acolheram-se e fortificaram-se nas suas casas. Começou então a assolação, comparavel á de uma cidade tomada a escala vista por cruéis e implacaveis inimigos. A terça parte da cidade foi destruida a ferro e fogo. « Quando ateava se um incendio (refere Compagni) Carlos, que estava na outra margem do Arno, perguntava o que era aquillo. Respondiam-lhe que era fogo em uma choupana, quando ardia um rico palacio. Seis dias prolongou-se o flagello, segundo fôra accordado; no emtanto por toda a parte no campo lavravam as labaredas. »

« Foi este o resultado da intervenção de Bonifacio nas contendas dos Negros e Brancos, e do alvitre, que abraçou, contra a opinião do partido moderado de Florença, de enviar um principe francez com a especiosa denominação de pacificador. »

15 Carlos II, filho de Carlos de Anjou, tendo sahido para recobrar a Sicilia no mesmo anno, em que se effectuara o morticinio dos francezes nas *Vesperas Sicilianas*, foi derrotado e preso em batalha naval pelo almirante de Pedro III de Aragão, Ruggieri di Lona, que o transportou para aquella ilha. Conseguiu a liberdade por se ter compromettido a renunciar todos os seus direitos ao throno. Ao diante casou uma filha com Azzo VIII, Marquez de Ferrara, e

bendo n'essa occasião 30.000 florins, ou 50.000, como dizem alguns escriptores, ou 100.000 ducados, segundo asseverou Boccaccio.

16 Virgilio, *En.*, c. III

Quid non mortalia pectora cogis,
Auri sacre fames!

17 *Flores de liz* da bandeira real da França.

18 Allusão á captura do Papa Bonifacio VIII em Alagna, hoje Anagni por tropas de Philippe o Bello, em 1303.

« Philippe o Bello, diz um biographo do Papa Bonifacio, enviou um dos seus conselheiros, Nogaret, á Italia para intimar o Pontifice a comparecer no concilio de Lyon, commissão por sem duvida arriscada. Nogaret partiu sem escolta; mas chamando a si Siana Colonna e proscriptos gibelinos em numero de algumas centenas, apoderou-se da pessoa do Papa em Alagna. Parece averiguado que Colonna, desterrado com toda a sua familia e victima de perseguições pessoaes, desacatou excessivamente a Bonifacio; mas o Nogaret, não obstante as invectivas, que lhe dirigia o prisioneiro, não consentiu em actos de violencia contra a sua pessoa. Ao fim de trez dias acudiram em soccorro do Papa um sobrinho seu com mão armada, e dispersando os seus inimigos, conduziram-o a Roma; mas tal foi a commoção que no iracundo velho causaram as offensas recebidas, que vencido pela paixão expirou trinta e cinco dias depois, a 11 de outubro de 1303.

« Philippe o Bello, perseguindo Bonifacio até na sua memoria, requereu ao seu successor Clemente V que os seus ossos fossem queimados. Clemente protelou a decisão, e afinal o Rei da França desistiu do seu proposito.»

19 O novo Pilatos é Philippe o Bello por ter perseguido, condemnado e despojado a ordem dos Templarios.

20 Virgilio, *En.* I:

« Huic conjux Sichæus erat, ditissimus agri
Phœnicum, et magno miseræ dilectus amore:
Cui pater intactam dederat, primisque jugârat
Omnibus. Sed regna Tyri germanus habebat
Pygmalion, scelere ante alios immanior omnes.
Quos inter medius venit furor: ille Sichæum
Impius ante aras, atque auri cæcus amore
Clam ferro incautum superat, securus amoræ
Germanæ; factumque diu celavit, et ægram
Multa malus simulans, vanâ spe lusit amantem.

Trad. de J. F. Barreto:

Era d'esta Sicheu esposo, que era
O mais rico dos campos de Phenicia,
A quem o pae com bom agouro a dera
Intacta, e a triste o quiz com gran caricia.
Porém o irmão Pygmalião da austera
Mente, que na ambição e na nequicia
Entre todos não tem quem lhe igual fosse
De todo o reino tyrio estava em posse.
Entre os quaes o furor se poz no meio
E elle cego c'o amor desatinado
Do luzente metal e do ouro alheio
Nos germanos amores confiado,

Com ferro a Sicheu mata sem receio,
Tomando-o entre as aras descuidado;
E encobriu muito tempo o feito horrendo
Com enganos a irmã sempre entretendo.

[21] Midas, Rei da Phrygia, que, em galardão do gazalhado que deu a Sileno, recebeu de Baccho a maravilhosa faculdade de converter em ouro quanto elle tocava. Fatal ia-lhe sendo o condão, porque, transformando-se em metal os proprios alimentos, correu o risco imminente de morrer á fome e á sêde. Implorou, pois, do deus do vinho a revogação da perigosa mercê, que aliás fôra, por elle mesmo impetrada. Outra aventura lhe succedeu que, sem ameaçar-lhe a vida, o expoz ao riso geral. Competiram Apollo e Pan na pericia de flautistas e Midas foi escolhido para juiz do pleito. O Rei deu a palma ao deus dos rebanhos. O castigo do seu mau gosto foi immediato: Apollo deu-lhe orelhas de burro.

Ovidio, *Met.* lib. XI:

At Silinus abest. Titubantem annisque meroque
Ruricolæ, cepere phryges, vinctumque coronis
Ad regem duxere Midan, cui thracius Orpheus
Orgia tradiderat cum cecropio Eumolpo...
Rex venit et juveni Silenum rediit alumno.
Huic Deus optandi gratum, sed inutile fecit
Muneris arbitrium, gaudens allore recepto.
Ille, male usurus donis, ait: —Effice quicquid
Corpore contigero fulvum vertatur in aurum—
Annuit optatis, nocituraque munera solvit
Liber, et indoluit quod non meliora petisset...
Effugere optat opes, et, quæ modo voverat, odit
Copia nulla famem relevat: sitis avida guttur
Urit et inviso meritus torquetur ab auro.
Ad cœlum manus et splendida brachia tollens
— Da veniam, Lenæse pater! peccavimus—inquit—
Sed miserere, precor, speciosoque eripe damno—
Mite decum numen, Bacchus peccasse fatentem
Restituit, pactamque fidem, data munera solvit.
— Neve male optato maneas circumlitus auro
Vade—ait ad magnis vicinum Sardibus amnem,
Perque jugum montis labentibus obvius undis
Carpe viam donec venias ad fluminis ortus.
Spumigeroque tuum fonti, qua plurimus exit
Subde caput, corpusque simul, simul eluc crimem—
...
Tum stamina docto
Pollice solicitat: quorum dulcedine captus
Pana jubet Tmolus cithariæ submittere camnas.
Judicium sanctique placet sententia montis
Omnibus. Arguitur tamen atque injusta vocatur
Unuis sermone Midæ. Nec Deluis aures
Humanam stolidas patitur retinere figuram:
Sed trahit in spatium villisque albentibus inplet
Instabilesque imas facit et dat posse movere.
Cetera sut hominis: partem damnatur in unam,
Induiturque aures lente gradientis aselli.

[22] Josué, VII:

« E Josué disse a Acham : O' filho, dá gloria ao Senhor Deus de Israel, confessa-me e declara-me o que fizeste, não o occultes. E respondeu Acham a Josué, e disse-lhe : Na verdade eu pequei contra o Senhor Deus de Isael e fiz assim e assim...

« Mandou, pois, Josué ministros, que correndo á tenda de Acham acharam tudo escondido no mesmo logar e o dinheiro juntamente. E tirando-o da tenda o levaram a Josué e a todos os filhos de Israel e o lançaram fóra diante do Senhor.

« E então Josué (e todo o Israel com elle) pegando em Acham, filho de Zare e na prata e na capa e na regra de ouro e em seus filhos e filhas, nos seus bois e jumentos e ovelhas, e na mesma tenda e em tudo quanto tinha, os levaram ao valle de Acor, onde Josué lhe disse ; Pois que tu nos turbaste, o Senhor te turbe n'este dia.

« E todo Israel apedrejou Acham; e tudo que lhe pertencia foi consumido no fogo. E ajuntaram sobre elle um grande montão de pedras, o qual permanece até o presente dia. E com isto se apartou d'elles o furor do Senhor. E até hoje se chama aquelle logar o Valle de Acor. »

[23] Actos dos Apostolos, V:

« Um varão, pois, por nome Ananias com a sua mulher Safira vendeu um campo e com fraude usurpou certa porção de preço do campo, consentindo-o sua mulher; e levando uma parte a poz aos pés dos Apostolos.

« E disse Pedro: Ananias: Por que tentou Satanaz o teu coração para que tu mentisses ao Espirito Santo, e reservasses parte do preço do campo? Por ventura não te era livre ficar com elle e ainda depois de vendido, não era teu o preço? Como pozeste logo em teu coração fazer tal? Sabe que não mentiste aos homens, mas a Deus.

« Ananias, em ouvindo, porém, estas palavras cahiu e expirou e infundiu-se um grande temor em todos os que isto ouviram.

« Levantando-se, pois, uns mancebos, o retiram, e levando-o d'alli para fóra o enterraram. E passado o que foi quasi o espaço de trez horas, entrou tambem sua mulher não sabendo o que tinha acontecido,

« E Pedro lhe disse ; Dize-me, mulher, se vendestes vós por tanto a herdade? E ella disse : Sim, portanto.

« Pedro então disse para ella: Por que vos haveis por certo concertado para tentar o Espirito do Senhor? Eis ahi estão á porta os pés d'aquelles, que enterraram a teu marido e te levarão a ti.

« No mesmo ponto cahiu aos seus pés e expirou. E aquelles moços entrando a acharam morta ; e a levaram e enterraram junto ao seu marido. »

[24] Machabeus, II. cap. 3 :

« Mas Heliodoro levou ao fim o que tinha determinado, achando-se no mesmo logar presente elle com os seus guardas junto á porta do Erario : Mas o espirito de Deus Todo-poderoso se deu a conhecer em signaes bem sensiveis, de sorte que todos os que tinham ousado obedecer a Heliodoro, lançados á terra pelo poder de Deus, chegaram a ficar n'um total desfallecimento e em grande terror; por que lhes appareceu um cavallo, sobre o que estava montado um homem terrivel, ajaezado com os melhores arreios, o qual, investindo com impeto a Heliodoro, lhe deu muitas patadas com os pés de diante; e o que vinha montado sobre elle parecia ter armas de ouro. E ao mesmo tempo se

viram outros dois mancebos, de varonil formosura, cheios de magestade e ricamente ataviados, os quaes rodearam a Heliodoro e o acoutavam nas costas, cada um da sua banda, descarregando sobre elle muitos golpes sem cessar. Cahiu, pois, Heliodoro de repente por terra; e envolvido todo elle n'uma grande escuridade, o arrebataram; e posto n'uma cadeira de mãos, o lançaram d'alli para fóra. »

[25] Virg. *En.* III. v. notas ao c.

[26] Marco Crasso, Romano famoso pelas suas riquezas e ainda mais pela sua ambição e avareza. No primeiro *triumvirato* foi collega de Cesar e Pompeu. Tendo marchado á frente de um exercito contra os Parthos, foi vencido e morto. Hyrodes, Rei dos Parthos, recebendo a cabeça de Crasso, que mandara levar á sua presença, ordenou que a mergulhasse em ouro derretido, e disse: *Aurum sitiste, aurum bibe.*

Plutarcho, *Vida de Crasso*, c. 33:

« Quando conduziram a cabeça de Crasso ás portas do Rei, tinham-se já alçado as mesas e o actor tragico Jason de Tralles cantava na scena de Agare das *Bacchantes* de Euripides. Recebia estrondosos applausos, quando Sillace apresentou-se á entrada da sala, prostrou-se e lançou na presença de todos a cabeça de Crasso. Os Parthos levantaram gritos de jubilo e por ordem do Rei os criados offereceram assento a Sillace. Então Jason entrega os seus trajos de Pentheu a um dos choristas, trava da cabeça do general romano, e fingindo delirio bacchico, canta no maior enthusiasmo:

De gloriosos golpes traspassado,
Da montanha um veado conduzimos.
O' caçador o que has, nobre, triumphado,
Leva ao paço os despojos teus opimos.

Produziu a allusão grande alvoroço de alegria. Mas na occasião, em que o actor e o côro dizem as seguintes palavras:

Quem caçou?—Eu! A gloria é toda minha,

Promaxethres, que estava presente, enviou-se a Jason, arrebatou-lhe a cabeça e exclamou que a si competia dar a resposta e não ao actor. O Rei, cheio de contentamento, fez mercê a Promaxethres ao modo do seu paiz e deu a Jason um talento. »

[27] Delos, uma das ilhas Cyclades, no mar Egeu. Segundo a mythologia grega, Neptuno o fez surgir do seio das ondas a fim de offerecer a Latona então perseguida pelo crime de Juno, abrigo, em que désse á luz Apollo e Diana, que Dante denomina *due ochi del cielo.*

Virgilio, *En*, III:

Sacra mari colitur medio gratissima tellus
Nereidum matri et Neptuno Ægeo:
Quam pius Arcitenens oras et littora circum
Errantem, Mycone celsâ Gyaraque revinxit
Immotamque coli dedit et contemnere ventos.

Trad. de J. F. Barretto:

Em o meio do mar uma excellente
Ilha se habita, a Doris dedicado
E o Neptuno Egeu juntamente,
A qual pela agua andava desgarrada;
Mas com Gyaro o pio Arcitenente
A atou e com Mycon alevantada,
E concedeu que immota se habitasse
E os ventos furibundos desprezasse.

2ª S. Lucas, *Ev.* II:

« E subitamente appareceu com o anjo uma multidão numerosa da milicia celestial, que louvavam a Deus e diziam: Gloria a Deus no mais alto do ceu e paz na terra aos homens a quem elle quer bem. »

CANTO XXI

1. A sêde natural, que não sacia
Senão agua, que supplice, implorava
Ao senhor a mulher de Samaria, [1]
2. Molestando-me, os passos me apressava
Após meu Guia na impedida estrada,
E do justo castigo o dó me entrava,
3. Eis, como escreve Luca na sagrada
Historia que Jesus apparecera,
Sesurgido, aos dois socios na jornada,
4. Uma sombra surgiu ; traz nós viera.
Andando aquella turba contemplava :
Della fé nem o Mestre, nem eu dera. [2]
5.—« Deus vos dê paz, irmãos ! »—assim falava —
Voltamo-nos de subito, e Virgilio,
Cortez no gesto, á saudação tornava
6. Logo dizendo :—« a do feliz concilio
Te receba na paz a santa côrte,
Que a mim me desterrou no eterno exilio! »
7.—« Como andais »—respondeu—« com passo forte,
Se Deus no ceu vos não permitte a entrada ?
Quem vos conduz na altura d'esta sorte ? » —

8.—« Os signaes de que a fronte está marcada
D'este homem por um anjo » [3]—diz meu Guia—
« T'o mostram di'no da eternal morada.

9. « Mas, como aquella, que, incessante fia,
Não lhe havia inda a estriga consumido,
Que impõe Clotho [4] ao que a vida principia,

10. « Subir só não teria ao ceu podido
A sua alma, irman tua, como é minha,
Pois não ha, como nós, ver conseguido,

11. « Do inferno ás fauces fui tirada asinha
Para guial-o, e o guiarei contente
No que do meu saber não passe a linha.

12. « Se poderes, me diz, porque o eminente
Monte, ha pouco, tremeu, e desde a c'rôa
A base retumbou clamor ingente. »—

13. « A pergunta ao desejo tão bem sôa,
Que ouvil-a a sêde ardente me allivia
Sómente uma esperança mitigou-a.

14. « Quanto has notado »—a sombra respondia—
« Em nada os ritos da montanha altera :
De extranheza motivo não seria.

15. « Mudança aqui suppôr se não podera :
Subindo ao ceu quem pertencer-lhe deve,
A causa dá-se que esse effeito opéra.

16. « Nunca saraiva, chuva, orvalho ou neve
Nesta montanha cai, passando a altura
Dos trez degraus que estão na escada breve.

17. « Aqui não vê-se nuvem clara ou escura,
Relampago não luz, nem de Taumante [5]
Mostra-se a filha, que tão pouco dura.

18. « Jámais d'aquelles trez degraus avante,
Em que de Pedro o successor domina,
Secco vapor se eleva um só instante.

19. « Tremor talvez a sua base inclina;
Mas não actua no alto occulto vento,
Que, não sei como dentro se amotina.

20. « Quando já de estar puro o sentimento
Uma alma tem e se ala ao ceu, que a chama,
Segue o tremor e o grito ao movimento.
21. « Seu querer a pureza lhe proclama,
Prova que tem de alçar-se a liberdade
Por força do desejo, em que se inflamma.
22. « Antes o tem ; mas contra essa vontade
A divina justiça ardor lhe inspira
Por pena, como o teve por maldade.
23. « Eu que em martyrio decorridos vira
Annos quinhentos, á melhor morada,
Momentos poucos ha, puz livre a mira.
24. « Eis do tremor a causa declarada!
Do Senhor eis porque, louvor cantando,
Rogou cada alma em breve ser chamada ! »—
25. Calou-se. E como, a tanto mais gozando
Está quem bebe, quanto é mór a sêde,
Indizivel prazer tive escutando.
26.—« Vejo »— disse Virgilio—« agora a rêde,
Que vos prende e depois dá liberdade,
D'onde o tremor e o jubilo procede.
27. « Explicar-me te prasa inda, em verdade,
Quem tu foste e a razão porque has jazido
Sec'los tantos em tanta asperidade. »—
28.—« .No tempo, em que o bom Tito, [6] protegido
Por Deus, vingou as chagas que verteram
Sangue, por Judas »—replicou « vendido,
29. « Na terra o nobre titulo me deram, [7]
Que mais honra perdura, e fui famoso :
Inda os lumes da fé me não vieram.
30. « Dos meus cantos o som foi tão donoso,
Que de Tolosa [8] a si me attrahiu Roma:
C'rôas me deu de myrto glorioso.
31. « De Estacio o nome ainda o tempo doma ;
Thebas cantei e Achilles esforçado :
Este das forças me exhauriu a somma.

32. « Do vivo ardor, que a mente me ha tomado,
Na flamma divinal a causa estava,
Que em milhares de engenhos ha brilhado.
33. « Mãe e nutriz a Eneida me alentava ; [9]
Estro bebi caudal no seio puro ;
Quanto vali da Eneida derivava.
34. « Para viver no tempo (te asseguro)
Em que existiu Virgilio, mais um anno
Passara no, que deixo, exilio duro.»—
35. Estas vozes ouvindo, o Mantuano
Olhou-me.—Cal-te !— sem falar dizia.
Mas a vontade está sujeita a engano.
36. Ou no pranto ou no riso se annuncia
Tão rapida a paixão, quando se accende,
Que o querer nos sinceros prende e lia .
37. Sorri-me como quem sagaz comprende.
Calou-se o esp'rito ; e me encarava attento
Nos olhos onde a mente mais se entende.
38.—« Sejas »—disse—»feliz no excelso intento !
Explica-me, porém, porque em teu rosto
Lampejar vi sorriso de momento.»—
39. Entre os extremos dois estava eu posto :
Um diz—silencio !—outro a falar me instiga.
Suspiro, e o Mestre attenta em meu desgosto.
40. Responde, que ao silencio nada obriga,
Fique »—disse—« a verdade bem patente,
O que anhela saber elle consiga. »—
41.—« Maravilha causou provavelmente »—
Tornei-lhe—« antigo espirito, o meu riso ;
Maior será me ouvindo, certamente.
42. « Virgilio é quem me guia ao Paraiso :
Para deuses e heróes cantar tiveste
Por elle o esforço que lhe foi preciso.
43. « Se outra causa em meu riso suppozeste,
Te enganaste : o motivo declarado
Nas palavras está que lhe disseste. »—

44. Quer os pés abraçar do Mestre amado,
E o Mestre: —«Irmão, que fazes ? »—lhe dizia—
«Vê que és sombra e de sombra estás ao lado !»—
45. Erguendo-se elle :—«Tanto me extasia
O amor »—disse—« em que por ti me accendo,
Que da nossa vaidade me esquecia,
Tratar sombras, quaes corpos, pretendendo. »—

NOTAS AO CANTO XXI

Apresenta-se aos Poetas a sombra de Estacio, que, expiados os seus peccados, subia em demanda do Paraiso. Causa e occasião do terremoto e do clamor, que se lhe seguira.

[1] S. João, *Ev.* IV:

« Veiu, pois, Jesus á uma cidade da Samaria, que se chamava Sicar, junto da herdade, que tinha dado Jacob ao seu filho José. Ora, alli havia um poço, chamado a fonte de Jacob. Fatigado, pois, do caminho, estava Jesus assim sentado sobre a borda do poço. Era isto quasi á hora sexta.

« Veiu uma mulher de Samaria a tirar agua. Jesus lhe disse: Dá-me de beber. (Porque os seus discipulos tinham ido á cidade a comprar mantimento). Mas aquella mulher samaritana lhe disse: Como, sendo tu Judeu, me pedes de beber a mim, que sou mulher samaritana? porque os Judeus não se communicam com os Samaritanos.

« Respondeu Jesus e disse-lhe: Se tu conheceras o dom de Deus e quem é o que te diz—dá-me de beber—tu certamente lhe pediras e elle te daria a ti da agua viva. Disse-lhe a mulher: Senhor, tu não tens com que a tirar e o poço é fundo: onde teus logo essa agua viva? E's tu por ventura maior que o nosso pae Jacob, que foi o que nos deu este poço, do qual tambem elle mesmo bebeu e seus filhos e seus gados?

« Respondeu Jesus e disse-lhe: Todo aquelle, que bebe d'essa agua, tornará a ter sêde; mas o que beber da agua, que eu lhe heide dar, nunca jámais terá sêde; mas a agua que eu lhe der, virá a ser n'elle uma fonte de agua, que salte para a vida eterna.

« Disse-lhe a mulher: Senhor, dá-me d'essa agua, para eu não ter mais sêde, nem vir aqui tiral-a. »

[2] S. Lucas, *Ev.* XXIV:

« E eis que no mesmo dia caminhavam dois d'elles para uma aldeia chamada Emmaus, que estava em distancia de Jerusalem sessenta estadios. E elles iam falando um e outro em tudo o que se tinha passado.

« E succedeu que, quando elles iam conversando e conferindo entre si, chegou-se tambem o mesmo Jesus e ia com elles; mas os olhos dos dois estavam como fechados para o não conhecerem. »

[3] As letras com que o anjo assignalou a testa de Dante á entrada do Purgatorio.

[4] Trez eram, segundo a mythologia grega, as parcas: Clothos, Lachesi, Atropos.—Clothos, que preside ao nascimento do homem, tem o fuso, Lachesis fia, Atropos corta o fio. Incessantemente cantam, a primeira, os acontecimentos do passado, a segunda, os do presente, a terceira, os do futuro.

[5] A filha de Thaumante, Iris, o arco celeste: era a mensageira de Juno.

Virgilio, *En.* IX:

Atque ea diversâ penitus dum parte geruntur
Irim de cœlo misit Saturnia Juno
Audacem ad Turnum...
Ad quem sic roseo Thaumantias ore locuta est.

[6] Tito, Imperador de Roma, filho de Vespasiano, que mereceu chamar-se Delicias do genero humano, cercou Jerusalem no anno 70 da éra christã. Publio Papinio Estacio, que fala a Virgilio e Dante, filho de um abalisado poeta e orador nasceu em 61 e falleceu em 96. Escreveu *Silvas*, a *Thebaida*, poema epico em doze cantos, a *Achilleida*, interrompida no segundo canto e a tragedia Agave, que se perdeu.

Juvenal, *Sat.* VII:

Curvatur ad vocem jucundam et carmen amicæ
Thebaidos, lætam cum fecit Statius urbem,
Promisitque diem. Tanta dulcedine captos
Afficit ille animos, tantaque libidine vulgi
Auditur.

[7] O nome do poeta.

[8] Estacio não nasceu em Tolosa como pareceu a Dante. Elle proprio nas *Silvas*, que por muito tempo se tiveram por perdidas e foram achadas cerca de um seculo depois da morte do Poeta florentino, declarou ser Napoles a sua patria.

No lib. III, *Silva* 5, disse:

Nec tantum Roma jugales
Concitari toros, festasque accendere tædas
Fertilis; et nostra generi tellure dabantur
Non adeo vesuvinus apex, et flammea divi
Montis hiems trepida exhausit civibus urbes:
Stant, populisque vigent: hic auspice condita Phœbo
Tecta, Dicarchei portus et litora mundi
Hospita: et hic magnæ tractus imitantia Romæ,
Quæ Capys advectis implevit mœnia Teucris
Nostra quoque haud profriis tenuis, nec rara colonis
Parthenope; cui mite solum trans æquora vecta
Ipse Dionæa monstravit Apollo columba.

[9] Estacio, *Theb.* c. XIII:

Durabisne procul, dominoque legere superstes
O mihi bissenos multum vigilata per annos
Thebaï? jam certe præsens tibi fama benignum
Stravit iter, cœpitque novam monstrare futuris.
Jamte magnanimus dignatur noscere Cæsar,
Itala jam studio discit, memoratque juventus.
Vive, precor; nec tu divinam Æneida tenta,
Sed longe sequere et vestigia semper adora.
Mox tibi, si quis adhuc prætendit nubila Envor
Occidet et meriti post me referentur honores.

CANTO XXII

1. O anjo atraz já tinhamos deixado,
Que para o sexto circ'lo nos guiava,
Um P na fronte havendo-me apagado,
2. E a turba, que a justiça desejava,
Tinha dicto *Beati* docemente [1]
Com *sitio* e, após taes vezes, se calava.
3. Mais que em toda a jornada antecedente
Eu, ligeiro, seguia sem fadiga
Os Vates, que subiam velozmente.
4. « Aquelle amor, com que virtude instiga,
Reproduz »—disse o Mestre—« a propria chamma,
Mostras de si apenas dar consiga.
5. « Des que, da vida terminada a trama,
Do inferno ao limbo, Juvenal [2] descendo,
Saber me fez o affecto, que te inflamma,
6. « Tão vivo bem-querer sabe te rendo,
Quanto haver póde a incognita pessôa,
Comtigo ora suave andar me sendo.
7. « Mas dize (e como amigo me perdôa,
Se em meu falar ha nimia confiança
E em pratica amigavel arrazôa) :

8. « Como avareza fez em ti liança
Com sciencia, que o estudo te alcançava
E em que punhas cuidados e esperança ? »—
9. A's palavras do Mestre prompto estava
Estacio, e lhe sorrindo :—« O que me has dito
Penhor caro é de affecto »—lhe tornava.
10. « Muitas vezes da duvida o conflicto
Por apparencia erronea é suscitado,
Até que a exacta causa surja ao esp'rito.
11. « Fica em tua pergunta declarado
Creres que eu fôra avaro n'outra vida,
Por ser no circ'lo a avaros destinado.
12. « Pois sabe que a avareza repellida
Por mim foi nimiamente, e a demasia
De luas em milhares foi punida.
13. « Minha alma eterno fardo volveria,
Se attenção tanta em mim não despertasse
A indi'nação, que nos teus versos via,
14. « Quando lançaste dos mortaes á face:
— « A que extremos impelles os humanos,
— « Fome de ouro sacrilega e rapace ! »—[3]
15. « Então do excesso em despender os damnos
Aprender pude, agro pezar sentindo
D'esse peccado e de outros tanto insanos.
16. « Chorarão tosquiado resurgindo,
Quantos não têm sabido á penitencia
Dar-se em vida ou sua hora extrema em vindo ! [4]
17. « Cada culpa e a que tem contraria essencia
Aqui a pena dão conjuntamente,
No martyrio expurgando a virulencia.
18. « Estive entre essa turba penitente,
Que o desvario chora da avareza
Por ter sido no opposto renitente. »—
19.—« Quando cantaste de armas a crueza,
Que duplamente modestou Jocasta »—[5]
Disse o cantor da pastoril simpleza —

20. « Pois que de Clio [6] então o ardor te arrasta,
Inda o fervor da fé não te incendia,
E o bem sem fé para salvar não basta:
21. « Que sol, que estrella, em treva tão sombria
Te aclarou e dessa arte alçar podeste
Velas após o pescador, que se ia? »—[7]
22.—« Primeiro »—disse Estacio—« tu me déste
Do Parnaso a beber na doce fonte
E de Deus santa luz ver me fizeste.
23. « Has sido, como á noite o guia insonte,
Que leva a luz, mas o seu bem não prova,
E aquelles serve, de quem vai na fronte,
24. « Quando disseste—« O sec'lo se renova,
Volta a justiça, volta a idade de ouro,
E progenie do ceu descende nova. »—[8]
25. « Por ti ganhei a fé, de vate o louro:
Isto deve, porém, ser-te explicado;
Dê ao desenho a côr de claro o fôro.
26. « Já 'stava o mundo inteiro allumiado
Da vera crença que do reino eterno
Os mensageiros tinham propagado.
27. « O vaticinio teu, Mestre superno,
Aos predicantes novos se adaptava;
Por isso, os frequentando, o bem discerno.
28. « Tanto a virtude sua me enlevava,
Que, quando os perseguiu Domiciano, [9]
Ao pranto seu meu pranto acompanhava.
29. « Em quanto estive no viver humano,
Dei-lhes soccorro e o seu exemplo austero
Odio inspirou-me ás seitas do erro insano.
30. « Antes já de cantar o cerco fero
De Thebas no baptismo renascera:
Mas, de medo, occultei meu crer sincero.
31. « Gentio largo tempo eu parecera;
Por isso hei tantos sec'los padecidos
No circ'lo quarto; [10] a pena merecera.

32. « Tu a quem devo, pois, ter conseguido
O veu rasgar, que tanto bem cobria,
Pois que tempo em subir é concedido,
33. « Onde Terencio diz-me ora estancia?
Onde está Plauto Varro com Cecilio? [11]
A' qual parte do inferno a culpa os lia? »—
34.— « Aquelles, Persio [12] e eu »—tornou Virgilio—
E os outros mais o Grego [13] acompanhamos
Predilecto das Musas; lá no exilio
35. « Do circulo primeiro demoramos
Vezes frequentes do famoso monte,
Das Camenas assento praticamos.
36. « Euripede [14] é comnosco e Anacreonte,
Simonide, Agathón e outros inda
Gregos, que cingem de laurel a fronte.
37. « Stão heroinas, que cantaste: a linda
Antigone, Deiphíle com Argia,
Ismenia, em quem tristeza nunca finda [15]
38. « Vê-se tambem a que mostrou Langia,
Thetis se vê e de Tiresia a filha,
E das irmans Deidama em companhia »—[16]
39. Os dois, da poesia maravilha
Calaram-se, as que os cerca attentos stando,
Vencida sendo da subida a trilha.
40. Das ancillas do dia atraz ficando
A quarta, logo a quinta se jungia
Ao carro ardente, ao alto o encaminhando, [17]
41. « Quando o Mestre—« Eu supponho »—nos dizia—
« Que nós á dextra caminhar devemos,
Volteando, como antes se fazia. »—
42. D'esta arte na exp'riencia a mestra havemos,
E no andar proseguimos confiados,
Porque de Estacio o assenso recebemos.
43. Iam diante os Vates afamados,
E eu logo após, nas vozes escutando
Arcanos da poesia sublimados,

44. Eis rompe esse colloquio doce e brando
Uma arvore, que á estrada em meio achamos :
Lindos pomos na fronde estão cheirando.
45. Vão para cima decrescendo os ramos
De abeto; estes descendo diminuem :
Para alguem não subir—acreditamos.
46. Limpidos jorros do penedo ruem
Da parte, em que a montanha a entrada mura ;
Sobre as folhas em roscio as gotas fluem.
47. Estacio com Virgilio se apressura
Para essa arvore, quando voz, da fronde,
Gritou :—« Não gozareis d'esta doçura !
48. « Maria (e o seu desejo não se esconde) [18]
Attende mais das bodas á grandeza
Que ao seu gosto; e por vós ora responde.
49. « Das Romanas á antiga singeleza [19]
Agua bastava; e Daniel [20] sciencia
Logrou, tendo em desprezo a régia mesa.
50. « Chamou-se de ouro a idade da innocencia ; [21]
Fez as glandes a fome saborosas;
Agua em nectar tornou da sêde a ardencia.
51. « Ao Baptista iguarias bem gostosas
Mil, gafanhotos foram no deserto : [22]
Assim fez grandes obras gloriosas, [23]
Como pelo Evangelho ficou certo. »—

Segundo Servio, este vaticinio foi applicado ao recem-nascido Salonino, filho de Asinio Pollio. Mas, numerosos escriptores christãos tiveram por certo que o poeta latino se referira á Encarnação do Verbo Divino, attribuindo-lhe assim os fóros de verdadeiro propheta. A Estacio, segundo Dante, occorrera igual interpretação dos versos citados, em que viu a origem da sua conversão ao christianismo.

[9] Domiciano, filho de Vespasiano, irmão successor de Tito. Os historiadores do christianismo datam do ultimo anno do seu reinado encarniçada perseguição contra os christãos. Sendo esta a primeira depois da que fôra decretada por Nero, sómente a menciona Estacio, convertido, como diz, ao ao christianismo.

[10] C. XVII do *Purg.* onde a preguiça é punida.

[11] Plauto, Cecilio e Terencio, poetas dramaticos latinos.—*Marcus Accius Plautus* nasceu no anno de 227 antes de J. C. em Sarsiria, na Umbria. Escreveu 130 comedias, das quaes restam sómente 20. Representava as suas proprias composições, como fizeram muitos seculos depois Molière e Shakspeare.

Cæcilius Statius, liberto, amigo de Terencio e Ennio, natural da Gallia. Das suas comedias, mais de 30, restam apenas fragmentos. Morreu no anno 168 antes de J. C.

Publius Terentius Afer, nasceu em Carthago, na Africa, provavelmente 190 antes da éra christan. Foi escravo do senador Terencio Lucano, que não só liberalizou-lhe educação litteraria, senão concedeu-lhe alforria. Era da intimidade de Lelio e Scipião Emiliano, que foram, segundo se diz collaboradores das suas comedias. D'estas existem seis.

Marcus Terentius Varro falleceu 26 annos antes de J. C., tendo nascido em Roma em 116. Era qualificado o mais douto dos romanos. Dizem que escrevera quinhentos volumes: poucos se salvaram.

[12] *A. Persius Flaccus*, poeta latino satyrico: nasceu 34 annos antes de J. C. e morreu na idade de 28 annos.

[13] Homero.

[14] Euripides, o grande poeta tragico athenieuse.—Antiphon, mencionado com louvor por Plutarcho e Aristoteles, como poeta tragico.—Simonides, um dos nove poetas lyricos da Grecia mais afamados, natural da ilha de Cos, no mar Egeu.—Agathon, poeta dramatico, de quem fez Aristoteles menção na sua *Poetica*. Das suas obras sobreviveram só fragmentos pouco importantes.

[15] Allude a personagens da Thebaida e Achilleida.

[16] Parece que Dante se não lembrou, n'este logar, de que Manto, filha de Tiresias ficara no *Inferno* entre os feiticeiros (c. XX) e não no Limbo. E' certo que os commentadores Lombardi e Salvi são de parecer que o Poeta se referia á outra filha de Tiresias chamada Daphne.

Thetis, a alta esposa de Pelleu, como disse Camões, a mãe de Achilles, deusa e *princeza do mar*, poderia estar no Limbo, como as outras heroinas da *Thebaida?* Dante escreveria *Teti* sómente obrigado pela rima?

[17] Eram já passadas quatro horas do dia.

[18] Nas bodas de Cananéa—S. João, *Ev.* II.

[19] As antigas damas romanas não bebiam vinho, como assevera Valerio Maximo, II, c. 1.

NOTAS AO CANTO XXII

Virgilio, Dante e Estacio sobem ao sexto circulo, onde se expia o peccado da gula. Narra Estacio como se convertera ao christianismo. Arvore carregada de fructos e agua cristalina que espadana da rocha. Exemplos de temperança.

[1] *Beati qui esuriunt et sitiunt justitiam.* Bemaventurados os que têm fome e sêde de justiça, porque elles serão fartos—S. Matheus, *Ev.* V.

[2] *Decius Junius Juvenalis* nasceu em Aquinum no anno 42 da êra christan. Escreveu satyras famosas, que perpetuaram a memoria do seu nome e deram a causa para o seu desterro no Alto Egypto, onde falleceu em idade maior de oitenta annos. Foi contemporaneo de Estacio.

[3] Virg. *En.* III:

Quid non mortalia pectora cogis
Auri sacra fames?

[4] *Inf.* c. VII, onde são castigados os prodigos e avarentos.

[5] Jocasta, mãe de Eteocles e Polynices, cujos feitos cantou Estacio na Thebaida.—V. *Inf.* c. XXVI.

[6] Clio, a Musa da Historia, invocada por Estacio no c. I do seu poema.

Quem prius heroum. Clio, dabis? Immodicum iræ
Tydea? Laungeri subitos an vatis hiatus?
Urget et hostilem propellens cædibus amnem
Turbidus Hippomedon, plorandaque bella protervi
Arcados atque alio Capaneus horrore canendus.

[7] S. Pedro o Apostolo.

[8] Virg. *Ecl.* IV:

Ultima Cumæi venit jam carminis ætas:
Magnus ab integro sæclorum nascitur ordo.
Jam redit et Virgo, redeunt Saturnia regna;
Jam nova progenies cœlo demittitur alto.

Segundo Servio, este vaticinio foi applicado ao recem-nascido Salonino, filho de Asinio Pollio. Mas, numerosos escriptores christãos tiveram por certo que o poeta latino se referira á Encarnação do Verbo Divino, attribuindo-lhe assim os fóros de verdadeiro propheta. A Estacio, segundo Dante, occorrera igual interpretação dos versos citados, em que viu a origem da sua conversão ao christianismo.

[9] Domiciano, filho de Vespasiano, irmão successor de Tito. Os historiadores do christianismo datam do ultimo anno do seu reinado encarniçada perseguição contra os christãos. Sendo esta a primeira depois da que fôra decretada por Nero, sómente a menciona Estacio, convertido, como diz, ao ao christianismo.

[10] C. XVII do *Purg.* onde a preguiça é punida.

[11] Plauto, Cecilio e Terencio, poetas dramaticos latinos.—*Marcus Accius Plautus* nasceu no anno de 227 antes de J. C. em Sarsiria, na Umbria. Escreveu 130 comedias, das quaes restam sómente 20. Representava as suas proprias composições, como fizeram muitos seculos depois Molière e Shakspeare.

Cæcilius Statius, liberto, amigo de Terencio e Ennio, natural da Gallia. Das suas comedias, mais de 30, restam apenas fragmentos. Morreu no anno 168 antes de J. C.

Publius Terentius Afer, nasceu em Carthago, na Africa, provavelmente 193 antes da éra christan. Foi escravo do senador Terencio Lucano, que não só liberalizou-lhe educação litteraria, senão concedeu-lhe alforria. Era da intimidade de Lelio e Scipião Emiliano, que foram, segundo se diz collaboradores das suas comedias. D'estas existem seis.

Marcus Terentius Varro falleceu 26 annos antes de J. C., tendo nascido em Roma em 116. Era qualificado o mais douto dos romanos. Dizem que escrevera quinhentos volumes: poucos se salvaram.

[12] *A. Persius Flaccus*, poeta latino satyrico: nasceu 34 annos antes de J. C. e morreu na idade de 28 annos.

[13] Homero.

[14] Euripides, o grande poeta tragico atheniense.—Antiphon, mencionado com louvor por Plutarcho e Aristoteles, como poeta tragico.—Simonides, um dos nove poetas lyricos da Grecia mais afamados, natural da ilha de Cos, no mar Egeu.—Agathon, poeta dramatico, de quem fez Aristoteles menção na sua *Poetica*. Das suas obras sobreviveram só fragmentos pouco importantes.

[15] Allude a personagens da Thebaida e Achilleida.

[16] Parece que Dante se não lembrou, n'este logar, de que Manto, filha de Tiresias ficara no *Inferno* entre os feiticeiros (c. XX) e não no Limbo. E' certo que os commentadores Lombardi e Salvi são de parecer que o Poeta se referiu á outra filha de Tiresias chamada Daphne.

Thetis, a alta esposa de Pelleu, como disse Camões, a mãe de Achilles, deusa e *princeza do mar*, poderia estar no Limbo, como as outras heroinas da *Thebaida*? Dante escreveria *Teti* sómente obrigado pela rima?

[17] Eram já passadas quatro horas do dia.

[18] Nas bodas de Cananéa—S. João, *Ev.* II.

[19] As antigas damas romanas não bebiam vinho, como assevera Valerio Maximo, II, c. 1.

[20] Daniel, o propheta, Cap. I :

« Peço-te que nos experimentes a nós teus servos dez dias e que se nos dêm só legumes a comer e agua a beber ; e depois d'isto olha para os nossos rostos e para os rostos dos meninos, que comem da mesa do Rei ; e conforme vires assim te haverás com os teus servos.

« Elle, tendo ouvido estas palavras, fez n'ellas experiencia dez dias ; e depois dos dez dias appareceram os seus rostos melhores e mais gordos do que os de todos os meninos, que comiam da mesa do Rei. Malasar pois, tomava para si os manjares e o vinho, que se lhes dava para beber ; e a elles dava-lhes legumes.

« Ora Deus deu a estes meninos a sciencia e o conhecimento de todos os livros e de toda a sabedoria ; e a Daniel a intelligencia de todas as visões e sonhos...

« E em todas as questões, que o Rei lhes propoz em materia de sabedoria e de intelligencia, achou que elles excediam dez vezes todos os advinhos e magicos, que havia em todo o seu reino. »

[21] Ovidio, *Met.* lib I, trad. de A. F. de Castilho :

Foi a primeira idade a idade ouro,
Sem nenhum vingador, sem lei nenhuma
Culto á fé e á justiça então se dava.
Ignoravam-se então castigo e medo,
Ameaças terriveis não se liam
No bronze abertas ; supplice caterva
A' face do juiz não palpitava.
Todos viviam sem juiz sem damno.
Inda nos patrios montes decepado
A's ondas não baixava o pinho ingente,
Para depois ir ver um mundo extranho ;
De mais clima que o seu ninguem sabia :
Inda altos fossos não cingiam muros ;
As tubas, os clarins não resoavam ;
Nem armas nem exercitos havia.
Sem elles os mortaes de paz segura
Em ocios innocentes se gozavam.
O ferro sulcador não a rompia
E dava tudo voluntaria a terra,
Contente do que brota sem cultura
Colhia a gente o montanhez morango,
Crespos medronhos e as cerejas bravas
A amora occulta na espinhosa silva
E as pontiagudas luzidias glandes
Que da arvore de Jupiter cahiam.
Eram todas as quadras primavera
Mansos favonios com subtil bafejo
Com tepidos suspiros animavam
As flores sem cultura então nascidas.
Viam-se enlourecer, curvar-se as messes
Nos campos virgens de aratorias lidas :
Em nos ir correndo o leite, o nectar :
E da verde azinheira estar cahindo
O flavo mel em pegajosas gotas.

[22] Gafanhotos serviam de alimento na Palestina, e ainda hoje não são despresados em muitas regiões da Africa e do Oriente. (S. Marcos, *Ev.* I. 6)

[23] S. Matheus, *Ev.* XI:

« Na verdade vos digo que entre os nascidos de mulheres não se levantou outro maior que João Baptista. »

CANTO XXIII

1. FITAVA os olhos sobre a rama verde,
Qual caçador, que, após um passarinho,
Correndo, parte da existencia perde,
2. Quando o que me era mais que pai :—« Filhinho,
O tempo »—disse—« que nos stá marcado,
Quer mais util emprego. Eia ! a caminho ! »—
3. Voltando o rosto, a passo accelerado
Os sabios sigo e, attento ao que falavam,
Não me sentia, andando, fatigado.
4. Plangentes vozes subito entoavam
Labia, Domine, mea [1] por maneira,
Que piedade e prazer me provocavam.
5.—« Do que ouço »—disse então —« ó Pai, me inteira. »—
—« Almas »—tornou—« talvez que o meio tentam,
Que o peso á sua divida aligeira. »—
6. Perigrinos solicitos que attentam
Só na jornada, achando extranha gente,
Voltam-se apenas, mais o passo alentam :
7. Tal após nós vem turba diligente ;
Em devoto silencio se acercava ;
Olhou-nos e afastou-se prestesmente.

8. Os olhos encovados nos mostrava,
Pallida a face e o rosto descarnado,
Sobre os ossos a pelle se estirava.
9. Não creio que Erysichton [2] devastado
Tanto da fome horrivel estivesse
Quando das forças viu-se abandonado.
10. Eu cogitava :—« O povo aqui padece,
Que Solyma perdeu, quando Maria [3]
Carnes comeu ao filho, que perece. »—
11. Cad'olho annel sem pedra parecia :
O que na humana face lesse *o m o* [4]
Bem claro o M aqui distinguiria.
12. Quem crer podera, não sabendo como,
Effeito de desejo ser, nascido
Do frescor de agua, junto a odôr de pomo ?
13. Attonito inqueria o que haja sido
De tal fome a razão, não manifesta,
Que tal magreza tenha produzido,
14. Eis lá da profundez da sua testa
Uma alma olhos volvia e me encarava,
Gritando :—« Mereci graça como esta ? »—
15. Quem fôra o gesto seu não me indicava ;
Mas tive pela voz prova segura
Do que o aspeito seu não revelava.
16. Foi subito clarão em noite escura,
Do rosto avivou traços deformados :
Forese conheci n'essa figura. [5]
17.—« Ai ! não fiquem teus olhos assombrados »
— Dizia—« a lepra ao ver que me descora,
E estes ossos mesquinhos, descarnados !
18. « Dize a verdade de ti proprio agora :
De quaes almas te vejo companheiro ?
Não haja, rogo, em responder demora. »—
19. —« Como outrora é meu dó tão verdadeiro,
Vendo-te o vulto que chorei já morto,
Tão diff'rente do que era de primeiro.

20. « Dize, por Deus, porque és tão sem conforto :
Tolhe-me a fala a vista, que me espanta ;
Responder-te não posso, em magoa absorto. »—
21.—« De tal poder »—tornou—« essa agua e planta
Sabedoria eterna tem dotado,
Que consumpção em mim produziu tanta.
22. « Os que o rosto, cantando, tem banhado
De pranto, havendo entregue á gula a vida,
Sobem, na fome e sêde, o santo estado.
23. « A fome, a sêde sente-se incendida
Dos pomos pelo aroma e por frescura
Das aguas, sobre as ramas espargida.
24. « Cada vez que giramos na fragura,
Revive nossa pena e mais se aggrava :
Erro chamando pena o que é doçura.
25. « Esse desejo ardente de nós trava,
Que fez Christo dizer—Eli !—[6] contente,
Quando o sangue em pról nosso na Cruz dava. »—
26.—« Forese »—hei respondido em continenti—
« Des que deixaste a terreal morada
Passavam-se annos cinco escassamente.
27. « Se a força de peccar stava esgotada
Antes de vir da dôr bemdicta a hora,
Em que alma é com seu Deus conciliada,
28. « Como te vejo n'esta altura agora ?
Lá em baixo encontrar-te acreditara,
Onde o tempo com tempo se melhora. »—[7]
29.—« Conduziu-me tão cedo Nella cara, [8]
Por pranto, que incessante ha derramado,
Do martyro a tragar doçura amara.
30. « De orações e suspiros suffragado
Assim, me alcei da encosta, onde se espera,
E fui dos outros circ'los resgatado.
31. « Tanto mais Deus com dilecção esmera
Aquella, que extremoso amei na terra,
Quanto, só, em virtude ella é sincera.

32. « Pois a Barbagia [9] de Sardenha encerra
Mulheres por pudor bem mais notadas,
Que a Barbagia, onde o vicio accende guerra.
33. « Queres tu, doce irmão, manifestadas
Idéas minhas ? Pouco dista o dia
Das vozes n'esta pratica empregadas,
34. « Em que prohiba o pulpito a ousadia
Das impudentes damas florentinas,
Que têm, mostrando os seios, ufania.
35.—« Moraes ou quasquer outras disciplinas
Hão mister para andarem bem cobertas
As mulheres pagans ou marroquinas ?
36. « Mas, se taes despejadas foram certas
Do castigo, que está-lhes imminente,
Bocas teriam para urrar abertas.
37. « E, se, antevendo, não me engana a mente,
Grande angustia hão de ter antes que nasça
Barba ao que em berço embala-se innocente.
38. « Ah ! de dizer quem sejas faz-me a graça !
Não por mim ; mas a turba attenta mira
Teu corpo e a sombra, que com elle passa. »—
39. —« Se agora á mente »—eu disse—«te surgira
O que outrora um p'ra o outro havemos sido,
Desprazer inda agudo te pungira.
40. « Ha pouco, me ha do mundo conduzido
Quem me precede ; havia então rotunda
A irman do que vês apparecido. »—
41. E o sol mostrei—« Por noite a mais profunda
Dos verdadeiros mortos me ha guiado,
Quando a carne inda os ossos me circunda.
42. « Tenho depois, por elle confortado,
D'esta montanha pelos circ'los vindo,
Que em vós corrige o que trazeis errado.
43. « Quanto disse, acompanha-me, cumprindo
Té onde a Beatriz veja o semblante :
Então sem elle avante irei seguindo.

44. « Eil-o ! E' Virgilio o guia meu constante !
E' aquelle outro a sombra venturosa
Por quem o vosso reino, vacillante,
Tremeu, quando partiu-se jubilosa. »—

◆

NOTAS AO CANTO XXIII

Sombras macilentas, que expiam o peccado da gula. Forese, amigo e compatriota de Daute. Deshonestidade nos custumes em Florença.

[1] Psalmo L, v. 17:—*Domine, labia mea aperiès, et os meus onnuntiabit laudem tuam.*

[2] Ovidio, *Met.* lib. VIII:

Nec minus Autolyci conjux, Erysichtone nata
Juris habet. Pater hujus erat qui numina divum
Spemeret et nullos aris adoleret honores.
Ille etiam cereale nemus violasse securi
Dicitur et lucos ferro temerasse vetustos...
Attonitæ anjades damno nemorumque suoque
Omnes germanæ, Cererem cum vestibus atris
Mœrentes adeunt, pœnamque Erysichtonis orant
Arimut his capitisque sui pucherrima motu
Concussit gravidis oneratos messibus agros;
Moliturque genus pœnæ miserabile, si non
Ille suis esset nulli miserabilis actis,
Pestifera laccrare Fame...
Quæsitanque Famem lapidoso vidit in agro
Unguibus et raras vellentem dentibus herbas
Hirtus erat crinis, cara lumina, pallor in ore,
Labra incana situ os, scabræ rubigine fauces
Dura cuti:, per quam spectan viscera possint.
Ossa sub incurvis existabant avida lumbis,
Ventris erat pro ventre locus; pendere putares
Pectus et a spinæ tantummodo crate teneri
Auxerat articulos macies, genuumque tumebat
Orbis, immodico prodibant tubere tali.
Hanc procul ut vidit (neque enim est, accedere juxta
Ausa), refert mandata deæ...
Dicta Fames Cerenes, quamvis contraria semper
Illius est operi, peragit, perque aëra vento
Ad jussa delata domum est; et protinus intrat
Sacrilegi thalamos, altoque sopore solatum

[3] Allude o Poeta a um lastimoso episodio do cerco de Jerusalem posto pelo Imperador Tito. Josepho, o historiador hebreu o narra no livro *De bello judaico* lib. VII c. 21. Flavio Josepho—*De bello judaico*, l. VI. 21:

« Uma mulher, chamada Maria, filha de Eleazar, muito rica, veiu com outras da povoação de Batechor, acolher-se em Jerusalem, onde achou-se sitiada. Os tyrannos, que devastavam a cidade com as suas crueldades, não contentes com roubar-lhe quanto trouxera de valor, tomaram-lhe por vezes os mantimentos, que occultava para sua subsistencia. Assim subiu tanto de ponto a sua desesperação, que, depois de romper com imprecações contra elles, tratou de lhes estimular as iras para que a matassem; mas nenhum d'aquelles tigres lhe satisfez o intento. No cumulo da desesperação, a fome e a colera inspiraram-lhe uma resolução, que horroriza a natureza. Arrancou o filho do seio e disse: « O' filho desventurado, tanto que nasceste no meio da guerra, da fome e das facções, que conspiram para a ruina da nossa patria, para que fim te guardarei? Para escravo dos Romanos, dado que te conservassem a existencia? Mas a fome não nos acabaria, antes que cahissem nas suas mãos? E esses algozes, que nos espesinham não são mais ferozes do que os Romanos, que a fome? Não é melhor que morras para servir-me de alimento, para espanto d'esses perversos, para assombrar a humanidade por acto tão tragico, que só este falta aos males, que tornam os Judeus o povo mais desgraçado do mundo? —Disse e matou o filho, do qual parte comeu e o resto guardou. Os malvados, que viviam de roubos, pouco depois entraram na casa de Maria, e sentindo cheiro de carne ameaçaram-a de morte, se lhes não mostrasse o que preparava para comer. Tornou-lhes que só uma parte lhe restava; e lhes apresentou os lastimosos fragmentos do cadaver do seu filho. Esse aspecto espavoriu aquelles corações de bronze. Mas, nos transportes do seu furor, disse-lhe ella:—«Sim é o meu proprio filho, que estais vendo, lavei as mãos no seu sangue innocente. Comei, porque eu já comi d'essas carnes. Sois menos animosos do que uma mulher, sois mais compassivos que uma mãe? Se por compaixão não acceitais a victima, que vos offereço, eu acabarei de comel-a. »—Os perversos, que até então desconheciam o que fosse humanidade, retiraram-se tremulos, e, por muito famintos que estivessem, deixaram os tristes restos á mãe infeliz. Em breve correu a noticia do caso; na cidade o horror foi igual ao que teria cada um se tivesse commettido o feito. Os mais vexados da fome sómente desejaram ver-se descaptivados da vida, e tinham por felizes os que morreram antes de ver e ouvir cousa tão execranda. »—Trad. franc. de Arnauld d'Andilly.

[4] Dante imagina escriptas ou indicadas no rosto humano as letttas *o, m, o, homo*, homem, representando *m* as fontes, o nariz e a testa—M, e sendo figurados os olhos pelos *o o*, do modo seguinte: M

[5] Forese, um dos irmãos de Corvo Donati e Piccarda, amigo intimo de Dante.

[6] S. Matheus, *Ev.* XXVII:

« E perto da hora deu Jesus um grande brado, dizendo: *Eli, Eli, lama sabachtani*, Deus meu, Deus meu, por que me desamparaste?

[7] Os que dilataram o tempo, em que haviam de começar a se arrependerem dos seus peccados, até se aproximar a hora extrema da vida, tem de esperar que lhes seja permittida a entrada no Purgatorio tantos annos, quantos passaram na impenitencia sobre a terra, excepto se fôr ajudado pelas orações e supplicas dos que lhe sobreviveram no mundo. E' a doutrina catholica.

[8] Nella, mulher de Forese, — contracção de Giovanella.

[9] Barbarigia, região da Sardenha, a que foi dada esta denominação por serem os seus habitantes tão incultos e selvagens, que homens e mulheres andavam despejadamente quasi nús.

CANTO XXIV

1. Não era o passo e o praticar mais lento
Um do que outro ; igualmente proseguiam,
Qual nau servida por galerno vento.
2. As sombras, que duas vezes pareciam
Mortas, nos cavos olhos grande espanto,
De estar eu vivo certas, exprimiam.
3. Eu, a falar continuando, em tanto,
Disse :—« Comnosco para ir retarda
Sua ascensão essa alma ao reino santo.
4. Mas, rogo-te, declara : onde é Piccarda ? [1]
Afamada por feitos ha pessôa
Entre a gente, que sofrega me esguarda ? »—
5.—« Tanto era minha irman gentil e boa,
Que não sei qual foi mais : triumpha leda
No Olympo, onde alcançou formosa c'rôa.
6. « Nomes dizer de mortos não se veda
Aqui »—Forese torna ; e logo ajunta :—
«Tanto a fome as feições nossas depreda ! »
7. « Este que vez de Lucca é Bonagiunta ; [2]
E aquella alma (seu dedo ia apontando),
Mais que todas desfeita, que lhe é junta,

8. « Foi de Tours ; [3] já na Igreja exerceu mando.
Stá, por jejuns, anguillas de Bolsena,
Ver na ceia, afogadas, expurgando. »—
9. Muitos mais nomeou, que soffrem pena ;
E todos demonstravam star contentes
De ouvir dizer Forese o que os condemna.
10. Em vão de fome vi mover os dentes
Ubaldino de Pilla e Bonifaço, [4]
Que regeu com seu bago muitas gentes.
11. Misser Marchese [5] vi, que largo espaço
Com menos sêde em Forli consumia
Em beber ; mas julgava-o inda escasso.
12. Mas, como o que repara e que aprecia
Escolhendo, ao de Lucca eu me inclinava,
Porque mais conhecer-me parecia.
13. Submissa voz da boca lhe soava,
Causa do mal, que trouxe-lhe o castigo :
Gentucca ou não sei que pronunciava. [6]
14.—« O' alma »—disse—« que falar commigo
Queres, ao claro te explicar procura :
Satisfeita serás como comtigo.
15.—« Mulher nasceu, mas inda é virgem pura,
Por quem »—torna—« hasde amar minha cidade,
Posto assumpto haja sido de censura.
16. « Este prenuncio levas da verdade ;
Se por meu murmurar te has enganado,
Trazer-te hade o porvir a claridade.
17. « Se vejo aquelle diz, que á luz ha dado
Versos novos, que assim tem seu começo :
Damas que haveis de amor na mente entrado. »— [7]
18.—« Que vês em mim »—lhe respondi—« confesso
Quem screve o que sómente Amor lhe inspira :
O que em meu peito diz falando expresso.
19. « O obice ora vejo que eu não vira
Que ao Notario [8] a Guittone [9] a mim tolhia
O doce estylo da moderna lyra.

20. « As vossas plumas vejo que á porfia
Seguem de perto o inspirador potente;
Tanto alcançar ás nossas não cabia.
21. « Quem, por mais agradar, mais alto a mente
Erguer quer, não discerne um do outro estylo. »
Disse e calou-se de o dizer contente.
22. Como aves, que no inverno o noto asylo [10]
Buscando ora n'um bando encorporadas,
Ora em fila apressadas vão-se ao Nilo,
23. Essas almas assim já demoradas,
Volvendo o rosto rapidas fugiram.
Da magreza e vontade auxiliadas,
24. Como aquelle a quem forças se esvairam
Correndo afrouxa os passos para o alento
Cobrar, em quanto os socios se retiram :
25. Forese assim que a passo andava lento
Deixou passar a santa grei dizendo :
—« Quando de ver-te inda terei contento ? »—
26.—« Quanto haja de viver »—fui repondendo—
« Não sei ; por menos que me dure a vida
Mais ao seu termo os meus desejos tendo.
27. « Que onde foi a existencia concedida
Mais escassa a virtude é cada dia :
Ruina espera triste e desmedida.
28.—« O que mór culpa tem » [11]—me retorquia
« A' cauda de um corsel vejo arrastado
Ao valle, onde o peccado não se expia :
29.—« Vai sempre, sempre mais accelerado
Aquelle bruto na carreira fera:
Fica vilmente o corpo lacerado.
30. « Não hade girar muito cada esphera
(Para o ceu se voltava) antes que seja
Claro o que te explicar eu não podera.
31. « Adeus, porém : quem neste reino esteja
Ao tempo dê seu preço verdadeiro ;
O que eu perco ao teu lado já sobeja. »

32. Como a campanha deixa um cavalleiro,
A galope veloz se arremessando,
Por ter na liça as honras de primeiro:
33. Forese assim de nós foi se alongando.
Fiquei dos dois espiritos [12] ao lado.
Que o mundo está por mestre proclamando.
34. Quando em distancia tanta era apartado,
Que as vistas n'esse andar o acompanharam,
Como a mente ao que havia revelado.
35. Eis perto aos olhos meus, que se voltaram,
De outra arvore de pomos carregada
Os ramos vicejantes se mostraram.
36. As mãos alçava multidão cerrada
A' fronde em brados; turba similhava
De infantes, por desejos vãos turbada,
37. Um objecto implorando a quem negava,
E que o mostrando ainda mais accende
Desejo, que a cobiça lhes aggrava.
38. Foi-se, porém, porque ninguem a attende.
Da grande arvore então nos acercamos,
Que a todo o rogo e pranto desattende.
39. Uma voz de entre as folhas escutamos:
—« Ide-vos logo; não chegueis ao perto!
Eva o fructo ha mordido de outros ramos:
40. « Stão longe [13] estes de lá provem de certo. »—
Então de lado os passos dirigimos,
Unidos no caminho, que era aberto.
41.—« Lembrai esses maldictos »— inda ouvimos—
« Filhos das nuvens, [14] duplos na figura,
Que atacaram Theseu, ebrios cadimos;
42. « E os que em beber acharam tal doçura,
Que os não quiz Gedeão na companhia,
A Madian marchando lá da altura. » [15]
43. Por junto á borda o passo se volvia,
E as penas escutamos dos peccados
Mortaes, que outrora a gula commettia.

44. Já pela estrada solitario entrados,
Demos mais de mil passos inda avante,
Contemplando, em silencio mergulhados.
45.—« Em que scismais vós outros ? »—retumbante
Soou voz.—Fiquei logo ao sobresalto
Como o corsel de medo titubante.
46. Para ver levantei a fronte ao alto :
Aos olhos, dera em fusão, no forno ardente,
Vidro ou metal não dera igual assalto,
47. Como o anjo que eu vi resplendecente.
Dizia :—« A volta dai para a subida !
Quem quer paz para aqui vai certamente. »—
48. D'aquelle aspecto a vista foi tolhida:
Como quem pelo ouvido os passos guia,
Fui caminhando, aos Vates em seguida.
49. E qual aura de Maio, que annuncia
A alvorada, das flores espalhando
E das hervas o aroma, que extasia,
50. Tal sobre a fronte um sopro senti brando,
Senti mover se a pluma : então rescende
Odôr celeste, o olfacto me enlevando.
51. Dizer senti :—« Feliz o que se accende [16]
Na Graça o que, da gula desligado,
Ao sabor do appetite não se prende,
Comendo quanto é justo sem peccado!»—

NOTAS AO CANTO XXIV

Pratica Dante com Bonagiunta acerca de poesia e estylo. Mais uma arvore carregada de fructos. Mais exemplos concernentes ao peccado da gula. Escada, que conduz ao setimo circulo.

[1] Piccarda, irmau de Forese e Corso Donati, era freira professa no convento de Santa Clara. Para casal-a com um sujeito da familia della Tosa, mandou Corso arrancal-a do claustro á viva força por sicarios seus e arrastal-a até o altar. Deu causa essa união á sua morte prematura. Brocchi, no livro *Vite de' sante fiorentine* comprehendeu a di *Beata Piccarda Donati*.—V. c. III do *Par*.

Disse o *Ottimo*:

« Piccarda, irman de Forese e Corso Donati, filha de Misser Simone, donzella mui formosa, levantado o espirito a Deus, consagrou-lhe a sua virgindade e entrou para o convento de Santa Clara da ordem dos Menores. Como, porém, os seus irmãos se haviam compromettido a dal-a em casamento a um fidalgo de Florença chamado Rossellino della Tosa, Corso Donati, que a esse tempo governava Bolonha, em tendo nova do occorrido, deu de mão a tudo e, correndo ao convento, contra a vontade de Piccarda, das freiras e abbadessa, violentamente a tirou da clausura e forçou-a a casar-se. Ella, acto continuo, enfermou e rematou os seus dias, passando ao celestial Esposo, a quem dera expontaneamente a sua fé. Se diz que a enfermidade e morte corporal lhe foram concedidas por aquelle, que dispensa todas as graças, em deferimento ás suas devotas supplicas.»

Cesare Balbo, *Vita di Danti*:

« Uma das historias mais patheticas rememoradas por Dante é a de Piccarda; e é muito para maravilhar que esta, assim como outras contidas no seu poema, não tenha sido aproveitada pelos poetas modernos. Piccarda, ou talvez Riccarda, tomou o veu no mosteiro de Santa Clara de Florença, ordem fundada no principio d'aquelle seculo por essa contemporanea de S. Francisco de Assis. Já adulta e de sua livre vontade se acolhera Piccarda ao refugio virginal. Para arrebatal-a d'alli por motivo não bem averiguado Misser Corso, seu irmão, tyranno da familia em quanto não o era da patria, acompanhando-se de doze sicarios capitaneados por um certo Farinata, entrou no mosteiro á escala vista e apoderando-se por força da virgem conduziu-a para a sua casa. E trocando-lhe

os sagrados habitos pelos atavios mundanos, deu-a por mulher a um cavalleiro chamado Rossellino della Tosa. Dizem uns que a constante Piccarda, para ser fiel ao seu Esposo celestial, supplicou-lhe, perante um Crucifixo, a propria virgindade; e que, attendidos os seus rogos, fôra o seu corpo invadido de lepra, e assim ao cabo de poucos dias expirara. Affirmam outros que a malestia foi de languidez. Inferem, porém, alguns do logar que lhe coube no paraiso e da extensa discussão philosophica e theologica sobre a vontade efficaz exposta pelo Poeta, que Piccarda vacillara antes de cahir na almejada doença.»

[2] Buonagiunta degli Orbisani, de Lucca, contemporaneo de Dante e da sua intimidade, foi um dos primeiros poetas menores da Italia. D'elle disse o *Ottimo:* « digno de fama por ter sido homem de preço; fez canções em rima e era de trato muito cortez.»

[3] O Papa Martinho IV, natural de Mont-Pincé, em Brie, na França, foi conego-thesoureiro da cathedral de Tours, e então o seu nome era Simão de Tours: Papa em 1281, morreu em 1285. Foi amigo da *boa chira*, e punido pelo peccado da gula; porque a sua morte proveiu de uma indigestão de enguias do lago de Bolsena, que tinha a fama de produzir as da mais deliciosa qualidade. Sabia o Papa especial processo para preparal-as: mandava afogal-as em vinho *vernaccia*, (branco do districto de Siena). Era tradição que sobre a sua sepultura insculpiu-se a inscripção seguinte:

Gaudent anguillos, quod mortuus hic jacet ille
Qui quasi morte reas exconebat eas.

« E', disse Lombardi, tão notoria a vida folgada e milagrosa, que passavam alguns pontifices, cardeaes, bispos, abbades e outros prelados menores e clerigos, que se haviam por predicamentos essenciaes a esses representantes da Igreja *habere collum taurinum, vocem cervinam, vultum solarem, gressum horsinum et ventrem omnipotentem.*»

[4] Ubaldino degli Ubaldini, de Pila, logar do territorio de Florença, irmão do cardeal Ottaviano degli Ubaldini, abalisado tambem pela sua gula.—Bonifacio, Arcebispo de Ravenna, da familia dos Tieschis de Lavagna, beberrão famoso.

[5] Marchese de Bigogliosi, cavalleiro de Forlì, fervoroso devoto do sumo da uva. Dizendo-se-lhe um dia que o accusavam de estar sempre a beber, tornou:—Quando tal ouvirdes, respondei que sempre tenho sêde.

[6] Gentucca.—Ampére, *Voyage Dantesque:*

« Lucca foi certamente a scena de uma infidelidade de Dante á memoria de Beatriz: elle proprio a confessou no c. XXIV do *Purg.*

« Note-se a delicadesa, com que Dante previne de que em 1300, epocha da sua visão, aquella que elle amou em 1314, anno, em que esteve em Lucca, ainda se adereçava ao modo das donzellas em menor idade. Póde-se d'esta arte calcular que ella em 1314 não teria mais de 24 annos.

« Gentucca não fôra a primeira consoladora do Poeta desterrado. Dóe achar fraquezas taes no amador de Beatriz; mas custa menos á imaginação acceital-as do que os filhos espurios de Petrarcha. Sobeja razão havia para Dante enfiar, quando a sua amada, transfigurada, no apogeu da gloria, lhe dirigia, desde o seu carro celeste, recriminações tão acerbas. Por isso ouviu-as enleiado e cabisbaixo.

« Taes desvios deram causa a dizer Boccaccio: « Inquesto mirifico poeta trovo amplissimo luogo la lussuria. »

« No entanto, sem que me notem de parcialidade em pról do meu poeta predilecto, é certo que a todo o instante me impressionava a gentilesa das moças luquezas, que vi nas ruas, ou que risonhas se mostravam ás janellas: n'esta observação me acompanhavam os que iam commigo. Entramos na igreja de San-Romano afim de admirar um dos mais famosos paineis de Fra Diavolo. A famosa Magdalena d'esse quadro representava pelo natural uma mocetona, o que viramos em um armazem de queijos. E assim chegamos á conclusão que, se razão tinha Dante para faltar á fidelidade devida ao adorado objecto, a desculpa estava em tel-a commettido na patria de Gentucca.

« O que menos se comprehende que haja endereçado amargos motejos e até doestos á cidade, a que se associavam ternas recordações; o logar, onde são punidos os aduladores, mostra-nos um Luquez da familia dos Interminellis. Os que se lembram da qualidade do tormento que alli padecem, hão de reconhecer que mais hediondo se não poderia imaginar. Talvez actuasse para a escolha de um Intermineli alguma influencia de inimisade pessoal: a essa familia pertencera Castracani vencedor de Uguccione della Faggiola, amigo e protector do poeta. Contra Lucca desfechou esta ironia—venaes todos lá são, menos Bonturo. —Bonturo, entretanto, era refinado na velhacaria. Talvez quisesse por esta mostrar convencer de que lhe não faltava geito para afiar o gume de um epigramma, assim como sabia fulminar com os raios da satyra. Tambem deu a Luquezes logar entre os que seduziam mulheres em proveito alheio. Haveria ahi desabafo contra algum traidor, que, em pról de outrem, desencaminha-se o affecto de Gentucca? »

C. Troya. *Il veltro allegorico:*

« Versos, em que Dante cantou Gentucca são tão bellos que competem com os que mais bellos sejam na Divina Comedia. No sexto circulo do Purgatorio, em 1300, Bonagiunta, versejador de Lucca murmurava entre si: Gentucca, Gentucca! Inquerido por Alighieri, deu a resposta que consta dos v. 37 a 48 do c. XXIV. De abril de 1300 até o desterro dos Brancos, em 1301, os cuidados do priorado e as tormentas politicas de Florença não permittiram que o magistrado fosse a Lucca e em molle ocio se detivesse ao lado da donzella extrangeira. Da perseguição dos Brancos até a conquista de Lucca por Uguccione, a quem mais odiou Alighieri do que essa cidade? Ao diante sómente já adulta poude elle ver Gentucca, depois da conquista, depois de publicado o Inferno, em que notou de fraudulentos todos os Luquezes. Gentucca desvaneceu essa aversão, e o poeta, em preito á dama e em signal do quanto lhe agradara a cidade,em que se demorara, folgou de manifestar o seu affecto por meio do engenhoso artificio do vaticinio de Bonagiunta. Se valia tivessem conjecturas envoltas nas nevoas da antiguidade, a remanescente memoria de Gentucca, já casada com Bernardo Morla degli Antelminelli Allucirighi, indusiriam a suspeitar-se o prestigio, que exerceu sobre o animo de Alighieri. »

Mas o commentador anonymo, que mereceu a qualificação de *Ottimo* pela qual é geralmente conhecido e allegado, desconheceu de todo a tradição concernente á gentil Luqueza, como se nunca existira, ignorancia e omissão tanto mais para extranheza, o quanto esse expozitor escreveu poucos annos depois de fallecer o Poeta, entre 1323 e 1333. Não ha fundamento para se presumir que estivesse inteirado de muitas das circumstancias, ao menos das mais notaveis, da vida do Poeta, como era a sua paixão por Gentucca?

Veja o leitor o que disse o *Ottimo:*

« Bonagiunta falava com palavras inintelligiveis, e dizia—*não sei que gente baixa;* e depois, em resposta a Dante explica o que murmurava, como quem tivesse dito—uma gente vil, isto é, o partido selvagem, se levantará para te lançar da tua patria, e será tão abominavel, que, comparando-se os

meus com os teus concidadãos, serão aquelles havidos por sabios. Tambem se póde entender como allusão ao partido Branco, que pelas suas virtudes fará desterrar Dante de Florença, resultando das discordias dominantes em Florença que se louve a Lucca pela sua sobriedade e continencia depois de ter sido vituperada como inconstante e pouco prudente. E' ainda de crer que se referisse a Alagia que foi sobrinha do Papa Adriano e mulher do Marquez Malaspina, que tanto agradaria a Dante, que por amor d'ella presara Lucca. »

7 *Donne, ch' avete intelletto d' amore* — primeiro verso de uma canção de Dante, inserta no § XIX da *Vita Nuova*. A sua primeira estrophe é a seguinte :

Donne, ch avete intelletto d'amore
Io vo' con voi della mia donna dire ;
Non perch'io creda sua laude finire
Ma ragionar per isfogar la mente
Io dico che pensando il suo valore,
Amor si dolce mi si fa sentire,
Che, s'io allora non perdesse ardire,
Farei, parlando, innamorar la gente.
Ed io non vo' parlar si altamente,
Che divenisse per temenza vile ;
Ma tratterò del suo stato gentile
A rispetto di lei leggeramente,
Donne e donzelle amorose, con vui,
Chè non è cosa da parlarne altrui.

8 O Notario, isto é, Jacopo da Lentino, poeta siciliano, que vivia em 1250, nos ultimos tempos do Imperador Frederico II e principio do reinado de Manfredo.

9 Fra Guittone d'Avezzo, filho de Viva de Michele, da ordem dos Frati Godenti (V. notas ao C. XXIII do *Inf.*). Fundou um mosteiro da ordem dos Camaldulenses em Florença, em 1293 e falleceu em 1294. Teve logar distincto entre os poetas italianos.

Dante, *De vulgari eloquio*, lib I, c. 13 :

« Passemos aos Toscanos, os quaes, de insensatos, attribuem a si arrogantemente a posse do vulgar illustre, opinião de que se deixam levar os plebeus não sómente, senão tambem Guittone d'Arozzo, que nunca se deu ao vulgar cortezão, Bonagiunta de Lucca, Gallo Pisano, Mino Mocato de Siena e Brunetto Florentino. »

Petrarcha, em duas poesias menciona o nome de Guittone conjunctamente com o de Dante. No *Trionfo d'Amore*, c. IV :

Ecco Dante e Beatrice; ecco selvaggia;
Ecco Cin da Pistoia; Guitton d'Arezzo,
Che di non esser primo par ch'ira aggia.

E no soneto XIX *in morte di Madonna Laura:*

Ma ben ti prego che'n la terza spera
Guitton saluti e messer Cino e Dante,
Franceschin nostro e tutta quella schiera.

10 Estácio, *Theb*, c. V :

Quali trans Pontum Phariis defensa serenis
Rauca Parætonio decedunt agmina Nilo,
Quum fera ponit hiems ; illæ clangore fugaci

Umbra fretis, arvisque volant; sonat avius æther
Jam Boream imbresque pati, jam nave solutis
Amnibus, et nudo juvat æstivare sub Hæmo.

11 Corso Donati, depois que ajudado por Carlos, chamado Sem-Terra, irmão de Philippe o Bello, e ainda mais, pelo grande poder de Bonifacio VIII, que convidara esse principe a ir á Italia e depois o enviou á Florença no caracter de pacificador, Corso Donati lançou da cidade os Cerchi e todos os outros adversarios seus da parcialidade dos Brancos, vexou-se com o confisco dos seus bens, com a ruina dos seus palacios, quando não trucidou os mais notaveis, que não conseguiram acolher-se ao desterro. Cada dia cresceu a sua soberba, e solto nos impetos da sua má indole e perverso coração, não poupava já os do seu proprio partido e arte, premeditava levantar-se em senhor tyrannico de Florença. De todos esses excessos procedeu o mal, que rematou no seu deploravel, porém merecido fim.

Diz o Sr. Perrens na *Hist. de Florença*, vol. III:

« Corso Donati, mais arrogante e ambicioso que nunca, continuava a aggredir e enfraquecer o fragil poder de Rosso della Tosa, tendo para si que de exercer o poder sómente elle era digno. Os seus actos justificavam a accusação, que se lhe fazia, de querer governar como senhor unico e absoluto. Elle o mais extremado dos guelfos, já quando a idade e a gota, que lhe tolhia os membros, lh'o vedavam, atreveu-se a receber por mulher, em terceiras nupcias, a filha de Uguccine della Fraggiola, cabo principal dos gibelinos. Se por esta alliança careava a sympathia de todos os gibelinos, que ainda existiam na sua patria, assim como, pela sua opposição, as dos nobres resentidos dos desmedidos rigores das ordenanças reformadas; se ainda lhe restava alguma popularidade entre as impurezas da população florentina, que subiam á tona, quando as agitavam as tempestades civis; é tambem certo que de dia em dia se esquivavam mais ao seu trato os homens honestos e prudentes, mas guelfos por indole e pendor. Poderiam perdoar-lhe essa contradicção cynica com a sua vida inteira, quando os guelfos Brancos tão caro pagavam a sua evolução, aliás menos ousada? Da violencia habitual do seu caracter temiam os seus adversarios o confisco, o desterro, a morte. Subiu de ponto esse receio, em sabendo que conspirava com o seu sogro, e ainda mais quando a 6 de outubro de 1308 lhe chegaram novas de que homens a soldo de Uguccione entravam em Remole, quasi ás portas de Florença. Perturbados e alvoroçados os animos, mandaram os Priores tocar a rebate, chamando ás armas as companhias da cidade e do *contado*, o marechal do Rei com os seus Catalães. Ordenaram ao *podestà* Piero della Branca, de Aggobbio, que accusasse Corso de traição. Ao cabo de uma hora estava feita a accusação, instaurado e concluido o processo e lavrada a sentença. Immediatamente sahiu do paço o *gonfalon* da justiça seguido do *podestà*, o capitão, o executor com os seus familiares, indo-lhes após as bandeiras das dezenove companhias e o povo armado, e voz em grita enviaram-se á casa, em que residia o Barão, na visinhança de San Pier Maggiore.

« Na imminencia do perigo, o energico magnata, posto o atormentasse violento accesso de gota, deu-se pressa em trancar as ruas, que iam ter na praça. A' sua habitação corriam apparelhados á defensa os seus apaniguados e amigos. Por sem duvida os aggressores eram em muito maior somma; accommettiam, porém, confusa e desordenadamente, e não poucos faziam-o mau grado seu. Se a gente de Uguccione e a do *contado*, chamadas por Corso, chegassem a tempo, o povo de Florença se havia de ver em grande pressa n'aquelle dia, como disse Villani. Reconta um chronista que a Senhoria, mandara, aos emissarios seus, dar-lhe a falsa noticia de ter sido Corso Donati

derrotado, preso e condemnado á morte, e que, pois, deviam correr quanto antes em seu soccorro. Se assim foi, não poderia haver mais grave motivo de desgosto e desanimo para as *mesnade*, que cuidavam vir áquelle commettimento como a uma especie de folgança. Em todo o caso bastava para aconselhar-lhes a retirada o saber que um povo inteiro se fazia prestes para oppugnal-as. Quando nas fortificações de Corso Donati constou que se tinham posto a salvo, o exemplo foi imitado pelos que as guarneciam, receiosos de serem havidos por parciaes de Misser Corso, no caso de ser elle vencido. Em sua companhia ficaram sómente alguns amigos fieis.

« De repente viram desabar um muro, que lhes servia de anteparo: pertencia ao jardim visinho á prisão dos *Stinche*. Os que derribaram investiram á brecha, sendo acompanhados da multidão emthusiasmada por aquelle primeiro resultado. O que haviam de fazer tão poucos contra tantos? Os mais valentes deram aos calcanhares e fugiram para fóra da cidade: o Corso, achando-se desamparado, teve de imital-os. Cumpria-lhe apressar-se; porque o povo já entrava ás casas para saqueal-as e destruil-as. Cada qual enviava-se ao seu inimigo pessoal. Boccacio Cavicciuli alcançou Gherardo Bardoni á borda do riacho Affrico: matou-o, cortou-lhe a mão direita, e logo após foi pregal-a á porta de Fedice de'Adimari, seu inimigo.

« De ordem da Senhoria, os Catalães foram no encalço de Corso. Com as suas mãos entumecidas, com os seus pés doloridos, conseguira a muito custo subir-se a um cavallo; mais não podia ir de pressa, nem longe. Seguem-o pelas pegadas, tomam-o perto da *villa* de Rovezzano, conduzem-o a Florença. Em caminho Corso entende em peitar esses mercenarios extrangeiros: todos rejeitam a proposta, esperando que o vencedor pagaria melhor que o vencido. Então o mesquinho, para evitar a ignominia do patibulo, baqueou-se do cavallo, crendo que da queda lhe proviria a morte. Mas, ficando-lhe um dos pés travado do estribo, o cavallo lançou-se a correr, arrastando o infeliz velho, cuja cabeça ia encontrando as pedras do caminho. Enfurecidos, os Catalães seguiram-o de perto; em breve o rodearam, e, em vez de conduzil-o aos priores, cravaram-lhe na garganta as adagas, encarniçando-se talvez em um cadaver. Religiosos de San Salvi carregaram-o para o seu mosteiro e lhe deram humilde sepultura. Poucas pessoas, de medo da commoção, se animaram a comparecer n'essa occasião. Ao parecer de muitos, o maior culpado por tantos e tão diuturnos males que flagellaram Florença era Corso Donati. »

Cesare Balbo, *Vita di Dante*:

« Pela violencia, que commetteu na pessoa de sua irmã freira se póde julgar o que fosse Corso Donati. » Elle e os da sua familia eram nobres por sangue, guerreiros, mas não muito rico,—disse Villani—Misser Corso foi o mais sabio, o mais esforçado cavalleiro, o mais fecundo orador, o mais versado em negocios publicos, o mais celebrado por commettimentos e intrepidez, que no seu tempo houvesse na Italia. Gentil de sua pessoa e de parecer agradavel, passou por extremamente mundano; e levou a cabo escandalos em grande somma afim de engrandecer-se e dominar. » Ainda mais ao vivo o retrata Dino Compagni, referindo-se á epocha, em que elle mais poder exercia:—« Cavalleiro, similhante ao Romano Catilina, porém mais cruel que elle; nobre por sangue, formoso de corpo, de agradavel loquela, de attractivas maneiras, de subtil engenho, sempre inclinado a fazer mal... Tal era Corso Donati, que pela sua soberba havia o appellido de *Barão*: onde elle passava gritavam muitos—viva o Barão! Por vangloria se deixava guiar, e muitos obsequios prestava... Era inimigo do povo e dos populares, amado dos camponezes, ardiloso, mal intencionado e perverso. »

« Segundo asseverou Ferreto Vicentino, casou-se com uma irmã do seu visinho e depois inimigo Vieri de' Ceichi, qual falleceu em Trevigi ao tempo

em que servia como capitão do *podestà* Gherardo da Camino. Correu voz de que o marido lhe propinara veneno; e accrescentou-se que, de volta á Florença, tendo convidado para ceiar com elle o cunhado, este vendo que o triubante provava o vinho, dissera :—Assim não mandaste fazer, quando deste de beber á minha irmã—, palavras, que deram origem aos odios reciprocos. Mas o facto não se tem por averiguado, visto o silencio dos historiadores, não se tendo tambem como certo aquelle estreito parentesco de homem tão soberbo, *quasi Barão* com Misser Vieri, homem novo e popular. Em todo o caso a verdade é que viveram em guerra accesa, assaz calamitosa á patria commum.

« Note-se ainda que Dante, que militara sob o commando de Vieri na batalha de Campaldino, facilmente se envolviria n'essa inimisade, tanto mais, quando Corso Donati se declarara avesso ao *primeiro amigo* do Poeta, quasi seu mestre e socio em poesia, aquelle, a quem dedicara o livro da *Vita Nova*, o predilecto Guido Cavalcanti. »

[12] Virgilio e Estacio.

[13] No paraiso terreal, no cimo da montanha.

[14] Os Centauros filhos de Ixion e da nuvem, reuniam em si as formas de homem e cavallo. Convidados ás bordas de Perithos e Hippodamia, determinaram, já aquecidos pelo vinho, raptar a noiva e outras damas presentes ao banquete. Ao atrevido commettimento oppoz-se Pheseu, ajudado pelos Lapithas; e seguiu-se renhida peleja que Ovidio descreveu no liv. XII das *Metamorphoses*.

[15] Juizes, VII:

« E tendo o povo descido ás aguas, disse o Senhor a Gedeão: Porás ao lado os que lamberem a agua com a lingua, assim como os cães costumam lamber, e os que beberem de joelhos estarão n'outra parte. Foi, pois, o numero dos que tinham lambido a agua, lançando-a com a mão á boca, trezentos homens: todo resto da gente tinha dobrado os joelhos para beber.»

[16] Nos versos 151 e seg. ha a paraphrase de S. Matheus, *Ev.* V. 6 :—Bemaventurados os que têm fome e sêde de justiça, porque elles serão fartos.

CANTO XXV

1. PARA subir o tempo nos urgia.
Meridiano ao Tauro o sol já dera,
Bem como a noite ao Scorpião cedia. [1]
2. Qual viajor, que o passo não modera,
Que em nada attenta e sempre segue avante,
Se em seu querer necessidade impera,
3. Nós penetramos no rochedo hiante,
Por escada estreitissima subindo :
Que obriga um ir atraz, outro adiante.
4. Da cegonha o filhinho, azas abrindo,
Por voar logo, encolhe-as e não tenta
Deixar o ninho, esforço não sentindo :
5. Tal o desejo em mim ferve e arrefenta
De perguntar chegando quasi ao acto
De quem para dizer se experimenta.
6. O Mestre, sem parar, presente o facto.
—« Tens da palavra o arco »—diz—« tendido,
Deixa a setta partir ; não sê coacto. »—
7. De confiança então já possuido,
Falei :—« Como é possivel fique magro
Quem não precisa mais de ser nutrido ? »—

8.—« Se recordaras »—torna—« Meleagro [1]
Que, em ardendo um tição se consumia,
Isso não fôra de entender tão agro.
9. « Tambem de facil crença te seria,
Se no espelho notaras que o teu rosto,
Segundo te movesses, se movia.
10. « Por dissipar-se a duvida ao teu gosto,
Eis Estacio, a quem rogo fervoroso
Seja a dar-te o remedio bem disposto. »—
11.—« Se eu o eterno conselho explicar ouso »
— Disse Estacio—« quando és, Mestre, presente,
Ao teu querer me curvo respeitoso.
12. « Se, filho, o que eu disser guardas na mente,
Has de ter—proseguiu—« esclarecidas
Essas duvidas tuas promptamente. [2]
13. « Sangue puro, que as veias resequidas
Não bebem, que de parte permanece
Quaes viandas em mesas bem providas,
14. « Do coração tomou que lhe offerece
Virtude de que a fórma aos membros veiu,
Como o que as veias por fazel-os, desce
15. « Ainda, elaborado, deixa ao seio
De canal que não digo ; após, unido
Em vaso é natural com sangue alheio.
16. « E' alli um com outro confundido,
Paciente sendo um, sendo outro activo,
Pela perfeita séde, em que ha nascido.
17. « Trabalho então começa productivo
Coagulando e depois vevificando
O condensado effeito primitivo :
18. « Em alma a força activa se tomando,
Como em planta, é, no emtanto, differente :
Pára a planta, vai a alma caminhando.
19. « Proseguindo, já move-se, já sente,
Como o fungo marinho ; e logo emprende
Os sentidos, que em si tem qual semente.

20. « Ora contrai-se, filho, ora se extende
A força genetriz, do peitc vinda,
D'onde natura em todo o corpo entende.
21. « Mas, filho meu, não sabes certo ainda
Como a ser vem um ente cogitante :
E' ponto, em que um mais sabio no erro finda ; [4]
22. « Pois, na doutrina sua extravagante,
Distincto da alma fez o entendimento
Possivel, não lhe vendo orgam bastante.
23. « Abre á luz da verdade o pensamento :
Vê que, no feto os orgãos em chegando
Do cerebro ao perfeito acabamento,
24. « O Primeiro Motor, ledo encarando
Da natureza tal primor, lhe inspira
Esp'rito, em que virtudes stão brilhando,
25. E que activo alimento d'alli tira
Para a propria substancia ; e alma se forma,
Que vive e sente e pensa e em si regira.
26. « Com meu dizer tua mente se conforma,
Notando que do sol calor em vinho,
Da uva ao sumo unido, se transforma.
27. « O esp'rito, se Lachesis não tem linho,
Deixa a carne e virtude, traz comsigo
Dotes, que teve no corporeo ninho.
28. « Sobem de ponto no valor antigo
A memoria, a vontade, o entendimento,
Da mudez o mais fica no jazigo.
29. « Cai logo, de espontaneo movimento,
Por maravilha, n'uma ou n'outra riba, [5]
Onde ha do rumo seu conhecimento.
30. « Vindo a logar, que o circumscreva e inhiba,
Da força informativa é rodeado,
Como em membros que a morte nos derriba.
31. « Bem como o ar de chuva carregado,
Se dos raios solares é ferido,
De côres varias mostra-se adornado,

32. « O ar visinho assim fica inserido
N'essa fórma, que desde logo amanha
Virtualmente o esp'rito alli contido.
33. « E similhante ao fogo, que acompanha
Labareda, com elle se movendo,
Cada alma segue aquella fórma extranha.
34. « Apparencia de fórma n'ella havendo [6]
Sombra se chama ; e, após, ella organiza
Sentidos, o da vista comprendendo.
35. « Fala, ri-se, ama, odeia ou sympathiza,
Exhala dôr, carpindo ou suspirando :
N'este monte já tens prova precisa.
36. « Segundo está soffrendo ou desejando,
Da alma tambem altera-se a figura :
Vê, pois, o que a magreza está causando. »—
37. Voltando á mão direita, da tortura
Entramos pela estancia derradeira :
Então preoccupou-nos outra cura.
38. Flammas brotava aqui a ribanceira,
Aura activa da estrada respirava :
Subindo, as rechassava sobranceira.
39. Ao longe da ardua borda caminhava
Um por um : precipicio temoroso
De um lado, e do outro o fogo eu receiava.
40. Disse Virgilio :—« Aqui bem cautelloso
Deve applicar aos olhos seus o freio
Quem não quizer dar passo perigoso. »—
41. *Summæ clementiæ Deus* [7] stavam no seio
Do grande incendio as almas entoando,
E de voltar-me o ardor então me veiu.
42. Vi nas chammas espiritos andando :
Aos movimentos seus, aos meus estava
Attento, a vista a uns e a outros dando.
43. E quanto aquelle cantico findava
Virum non cognosco [8] alto se ouvia,
E o cantico em tom baixo renovava.

44. E, terminado, o côro repetia :
« Diana expulsa da floresta Helice [9]
Que o veneno de amor tragado havia. »—
45. Cantaram ; cada qual como antes, disse
Esposas e maridos, que hão guardado
A fé, que Deus mandou sempre os unisse :
46. Este modo hade ser, creio, alternado,
Em quanto os rodear a chamma ardente :
A chaga por tal balsamo e cuidado
Hade ser guarecida finalmente.

NOTAS AO CANTO XXV

Chegando ao setimo e ultimo circulo, onde se expiam no fogo os peccados da carne, Dante pede explicações, que lhe são prestadas por Estacio. Rememoram exemplos de castidade alguns dos que fazem penitencia no seio de chammas incandescentes.

[1] Quer o Poeta dizer que eram duas horas da tarde: entrando o signo de Tauro no meridiano, o sol, que estivera em Aries passou duas horas além, visto que a cada um dos signos correspondem duas horas. Na parte opposta á que occupa o sol demora o do Scorpião, subsequente ao de Libra.

[2] Meleagro, filho de Eneu, Rei de Calydon, cuja existencia, segundo o oraculo das Parcas, tinha de durar quanto um tição, que ellas introduziram na lareira no momento em que veiu á luz. Sua mãe Althea apressou-se em apagal-o e guardou-o cuidadosamente. Meleagro assignalou-se pelo seu esforço em nobres commettimentos, como foram a conquista do velocino de ouro, em que acompanhou os Argonautas e a destruição do formidavel javali de Calydon. Quando se entendeu na distribuição dos despojos da fera, travou-se rixa entre elle os seus tios, que afinal perderam a vida na contenda. Para vingar a morte dos seus irmãos Althea lançou ao fogo o fatidico tição, com o qual terminou a vida de Meleagro.

[3] O que Estacio aqui expõe para resolver a duvida de Dante, acha-se explicado no *Convito*, IV, c. 21. Convem transcrever o trecho respectivo no proprio texto:

« *E però dico che quando l'umano seme cade nel suo recettaculo, cioè nella matrice, esso porta seco la vertù dell'anima generativa, e la virtù del cielo, e la vertù degli alimenti legata, cioè la complessione del seme. Esso matura e despone la materia a la vertù formativa, la quale diede l'anima generante; e la vertù formativa prepara gli organi a la vertù celestiale, che produce della potenzia del seme l'anima in vita; la quale incontanante produtta, riceve dalla vertù del motore del cielo lo intelletto possibile; il quale potenzialmente in sè adduce tutte le forme universali; secondochè sono nel suo produttore e tanto meno quanto più è dilungato dalla prima intelligenzia. Non si maravigli alcuno, s'io parlo sì che pare forte a intendere; chè a me medesimo pare maraviglia, come cotale produzione si può pur conchiudere e collo intelletto vedere; e non è cosa da manifestare a lingua, lingua dico veramente volgare; per che io voglio dire come l'Apostolo* » *O altezza delle*

divizie della sapienzia di Dio, come sono incomprensibili i tuoi giudizii e investigabili le tue vie! » *E perocchè la complessione del seme può essere migliore e men buona; e la disposizione del seminato può esse migliore e men buona; e la disposizione del cielo a questo effetto puote essere buona e migliore e ottima, la quale si varia nelle constellazioni, che continovamente si transmutano; incontra che dell'umano seme e di queste vertù più e men pura anima si produce; e secondo la sua purità discende in essa la vertù intellettuale possibile che detta è e como detto è. Ed'ella avivenne che per la purità dell'anima recivente la intellettuale vertù sia bene astratta e assoluta da ogni ombra corporea, la divina bonta in lei multiplica, siccome in cosa sufficiente a ricevere quella; e quindi si multiplica nell'anima di questa intelligenzia, secondochè ricever può; e questo è quel seme di felicità, del quale al presente si parla.* »

No tratado *De vulgari eloquio*, II, 2, tambem disse Dante: — « Cumpre saber que no homem ha trez almas—vegetal, animal e racional; e assim caminha por trez veredas. Se tem a alma vegetal, procura o que util, no que se assimilha ás plantas; tendo alma, demanda a que é deleitavel, no que se parece com os animaes; e pela alma racional, inclina-se ao honesto, no que está só, ou acompanha a natureza angelica. D'esta arte quanto fazemos, se realisa por um d'estes trez modos. »

A doutrina adoptada e exposta por Dante n'este canto e nos trechos acima trancriptos, tem a confirmação no que escreveram Aristoteles, *De generatione animalium*, e S. Thomaz de Aquino, *Summa theologica*.

[4] Averrões, famoso commentador de Aristoteles. Como diziam os escholasticos, o *intellecto possivel* (ou, como tambem o chamavam, o intellecto *possibilis, passivus*, para distinguil-o do intellecto *agens*, cuja tarefa é sómente extrahir das *especies materiaes* as *especies espirituaes*, ou, na linguagem moderna, as idéas dos phenomenos) é a faculdade radical de entender ou a intelligencia essencial. Averrões não vendo que o intellecto possivel tenha orgam proprio, assim como os sentidos, argumentava que não existia cousa alguma substancial senão *per accidens*. A consequencia era que o homem existe por *accidente* e não *substancialmente*. Similhante doutrina foi condemnada pelo concilio de Latrão, que se reuniu no pontificado de Leão X.

[5] Ou na margem do Acheronte, e se é condemnada ás penas infernaes, ou em Ostia, sobre a foz do Tibre, se tem de ir para o purgatorio.

[6] Virg. *En.* VI:

Principio cœlum ac terras, camposque liquentes
Lucentemque globum Lunæ, Titaniaque astra,
Spiritus intus alit, totamque infusi per artus
Mens agitat molemi et magno se corpore miscet.
Inde hominum pecudumque genus, vitæque volantûm,
Et quæ marmoreo fert monstra sub æquore pontus.
Igneus est ollis vigor et cœlestis origo
Seminibus, quantûm non noxia corpora tardant,
Terrenique hebteant artus, moribundaque membra.
Hinc metuunt, cupiuntque; dolent, gaudentque; neque auras
Dispiciunt clausæ tenebris et cacere cæco
Quin et supremo cum lumine vita teliquit,
Non tamen omne malum miseris, nec funditus omnes
Corporeæ excedunt pestes; penitusque necesse est
Multa diu concreta modis inolescere mirîs.
Ergo exercentur pœnis, veterumque malorum
Supplicia expendunt. Aliæ panduntur inanes
Suspensæ ad ventos; aliis sub gurgite vasto

Infectum eluitur scelus, aut exuntri igni,
Quisque suos patimur Manes; exinde per amplum
Mittimur Elysium, et pauci læta avra tenemus:
Donec longa dies, perfecto temporis orbe:
Concretam exemit labem, purumque reliquit
Ætherium sensum, atque aurai simplicis ignem.
Has omnes, ubi mille totam volvêre per annos,
Lætheum ad fluvium Deus evocat agmine magno.
Scilicet immemores supera ut convexa revisant,
Rursus et incipiant, in corpora velle reverti.

Traducção de J. F. Barretto:

De principio um esp'rito omnipotente
E intrinseco sustenta alimentando
Ao ceu, terras e mares, luz e estrellas,
De Titão luzes nitidas e bellas.
Pelos membros infuso este divino
Espirito, esta mente eterna e pura,
Toda machina move de contino
E com o grande corpo se mistura;
D'onde por gran mysterio e peregrino
Tem ser e vida toda a creatura,
O homem, a ave, a féra, o manso gado
E quantos monstros cobre o mar salgado:
Elles um vigor igneo e as sementes
Alta e celeste tem origem, quanto
Os corruptiveis corpos sufficientes
Não são para os reter no mortal manto,
Nem os membros terrenos e cadentes
Lhes dão impedimento, d'onde o pranto,
Como o riso, lhes vem, temem, desejam,
Em escura prisão sem que a luz vejam.
E ainda quando no supremo dia
A vida os deixa, nem por isso todo
O mal dos miseraveis se desvia,
Nem os fragmentos corporaes de todo:
E' força que se purguem todavia,
Por adimiravel e diverso modo,
Muitos erros e crimes contrahidos
E por mui longo tempo commettidos.
Por esta causa são atormentadas
Com differentes penas e os supplicios
Padecem pelas culpas já passadas
Pelos delictos seus e antigos vicios.
Umas estão aos ventos penduradas,
Outras no vasto mar dos maleficios,
No fogo outras tambem se purificam,
E a todos nós seus manes mortificam.
Depois de estarmos já purificados
Pelo alto Elysio dentro nos mettemos;
Sendo dos deuses immortaes mandados
E poucos os alegres campos temos,
Até que os longos dias já acabados
As manchas nos tiraram, que trouxemos,
Deixando puro o ethereo sentido
E do ar simples o fogo esclarecido.

A todas estas, tanto que acabado
Tem mil annos da roda o movimento,
Com grande furia Deus ao socegado
Rio as chama do eterno esquecimento;
Porque, esquecidas do presente estado,
E do antigo perdendo o pensamento,
Queiram tornar ao mundo omnipotente
E tomar outros corpos junctamente.

[7] Principio do hymno que canta a Igreja em matinas de sabbado. Nos antigos breviarios lia-se *Summe Deus clementiæ*; nos modernos—*summe parcens clementiæ*.

[8] *Virum non cognosco.*—S. Lucas, *Ev.* I, 34:

« E disse Maria ao Anjo: Como se fará isso, pois eu não conheço varão?»

[9] Hellice ou Calixto, filha de Lycaor, Rei da Arcadia, amada por Jupiter e por isso expulsa por Diana da sua comitiva. Arcas foi o fructo d'esses amores. Juno, para vingar-se, a transformou em ursa; mas Jupiter elevou-os ao ceu, convertidos, mãe e filho, nas constellações da Grande e Pequena Ursa.

CANTO XXVI

1. Em quanto imos a borda costeando,
Um após outro, o Mestre repetia :
« Eu te previno, vai com tento andando ! »
2. O sol pela direita me feria ;
Purpureava a luz todo o poente ;
Do ceu o azul de branco se tingia.
3. Co'a sombra minha ainda mais rubente
Parece a flamma ; e as almas, que passavam,
Notando-a davam-me attenção ingente.
4. N'essa extranheza ensejo deparavam
Para, entre si, conversação travarem.
« Não é ficticio o corpo seu » — falavam.
5. Avançavam por mais certificarem,
Quando podiam, mas tendo cuidado
O fogo expiatorio em não deixarem.
6.—« Tu, que vais após outros collocado,
Mostrando ser, não tardo, respeitoso,
Responde: em fogo e sêde ardo, abrazado.
7. « Não sou eu só de ouvir-te desejoso :
Quantos vês da resposta sentem sêde
Mais que Ethiope da agua cubiçoso.

8. « Dize-nos como o corpo teu parede
Opponha d'esta sorte á luz do dia :
Não te colheu da morte acaso a rêde ? » —
9. Uma sombra falou-me. Eu pretendia
Logo explicar ; porém fui distrahido
Pelo que então de novo apparecia.
10. Pelo caminho andando escandescido,
Outra grei ao encontro veiu d'esta:
Atalhei-me, em mirar pondo o sentido.
11. De parte á parte se dirige presta
Uma alma a outra ; osculam-se e em seguida
Vão-se, contentes d'essa breve festa.
12. Assim da negra legião sahida,
Em marcha, toca em uma outra formiga,
Por saber do caminho ou sorte havida.
13. Separando-se após a mostra amiga,
Antes que o giro solito transcorra
Cada uma grei em brados se afadiga.
14.—« Sodoma! »—clama a ultima—« Gomorrha ! » [1]
E a outra :—« Entrou Pasiphãe na vacca, [2]
Porque á luxuria sua touro accorra. »—
15. Como os grous, de que um bando se destaca
Para os Ripheus [3] e o outro p'ra o deserto,
Pois calma alli e frio aqui se aplaca,
16. Uns se vão, outros vem : voltando, ao perto
O hymno se renova, e o pranto e o brado,
Que tem, qual mais convem, effeito certo.
17. Os mesmos, que me haviam perguntado,
De mim como inda ha pouco, se acercaram:
Stá desejo nos gestos desenhado.
18. Vendo ainda o que já manifestaram,
—« Sabei vós, que tereis de gloria em dia,
Paz que os vossos martyrios vos preparam,
19. « Que inda não jaz meu corpo em terra fria :
Commigo vem na propria compostura:
Com seu sangue e seus membros »—lhes dizia.—

20. « Minha cegueira aqui a luz procura :
Lá no ceu santa Dama [4] ha conseguido
Que eu vivo, por aqui me eleve á altura.
21. « Dizei-me (e seja em breve concedido
Quanto anhelais, no ceu, que é de amor cheio
E em que espaço mais amplo está contido ! »
22. « Para que eu tenha de narral-o o meio,
Quem fostes e tambem que turba é aquella,
Que como hei visto ao vosso encontro veiu. » —
23. Se o pasmo seu o montanhez revela,
Quando rude e boçal vê de repente
Quanto póde encerrar cidade bella,
24. Na grei não foi o effeito differente,
Tornando sobre si, porém, do espanto,
Que se esvai logo em peito preminente,
25.—« Ditoso tu, que vendo o nosso pranto »—
Respondeu quem primeiro ha perguntado—
« Alcanças ao viver ensino santo !
26. « Inquinaram-se aquelles no peccado,
Porque Cesar outrora, triumphando, [5]
Rainha, em vituperio, foi chamado.
27. « Eis porque se accusavam se apartando,
Contra si de—Sodoma ! alçando o brado,
Do fogo á pena o opprobrio accrescentando.
28. « Hermaphrodito [6] foi nosso peccado ;
Mas tendo as leis humanas transgredido
De brutos no appetite desregrado,
29. « Por nossa injuria o nome é repetido,
Quando partimos, da mulher impura,
Que em bestial figura besta ha sido.
30. « Se queres, vendo a nossa nodoa escura,
Do nome de cada um ser instruido,
Não sei nem tempo para tal nos dura.
31. « Mas o meu te farei bem conhecido.
Vês Guido Guinicelli; [7] o crime espia
Por se haver inda a tempo arrependido. » —

32. Quaes, ante a furia em que Lycurgo ardia,
Os filhos dois achando a mãe, ficaram, [8]
Tal senti, sem correr viva alegria,
33. Quando o nome essas vozes declararam
Do pae meu e do pae de outros melhores,
Que em doce metro amores decantaram.
34. Sem falar, sem ouvir perscrutadores
Longamente olhos meus o contemplaram :
Vedavam me acercar do fogo ardores.
35. Depois que em remiral-o se enlevavam,
Ao seu serviço declarei-me presto,
E solemnes promessas o affirmaram.
36.—« Imprimiu tal vestigio o teu protesto »—
Tornou—« no peito meu agradecido,
Que fôra além do Lethes manifesto.
37. « Se hei de ti a verdade agora ouvido,
O que di'no me fez do sentimento,
Que tens na voz, nos olhos insculpidos ? »—
38. « E eu:—« Das rimas vossas o concento,
Que, em quanto usar-se do falar moderno,
Salvas hão de viver do esquecimento. »—
39.—« O que te indico, irmão »—tornou-me terno
(E seu dedo outra sombra me apontava)
Mais primor teve no falar materno.
40. « Nos versos, nos romances superava [9]
A todos : stultos só dizer ousaram
Que o Limosim [10] aquelle avantajava.
41. « Pelo rumor verdade desprezaram,
E, como arte e razão desconheceram,
Sem fundamento opinião formaram.
42. « Assim muitos outrora procederam
Com Guittone [11] e o seu nome hão proclamado ;
Mas verdade alfim todos conheceram.
43. « E pois que o privilegio has alcançado
De entrar n'esse mosteiro portentoso,
Por Christo, como abbade governado,

44. « Um *Pater Noster* diz por mim piedoso ;
Quanto mister havemos n'este mundo,
Onde acto algum não ha peccaminoso. » —
45. « Por dar logar ao spirito segundo,
Já proximo, no fogo desparece.
Qual peixe, quando immerge de agua ao fundo.
46. Acerquei-me da sombra que apparece,
E disse que ao seu nome apercebia
Meu desejo o logar, que assaz merece.
47. Logo assim livremente me dizia [12]
Tão cortez vosso rogo é, que escutando,
Me encobrir não quizera ou poderia.
48. « Arnaldo sou, que choro e vou cantando,
Triste os erros passados meus lamento,
E o fausto dia estou ledo esperando.
49. « E peço-vos pelo alto valimento,
Que da escada a eminencia ora vos guia,
Que em tempo vos lembreis do meu tormento. »
E. após, ao fogo apurador se envia.

NOTAS AO CANTO XXVI

Entre os penitentes, que expiam o peccado da luxuria, avista-se Dante com Guido Guinicelli, o poeta de Bolonha, e Arnaldo Daniel, o poeta provençal.

[1] Genesis, XIX:

« Fez, pois, o Senhor da parte do Senhor chover sobre Sodoma e Gomorrha enxofre e fogo vindo do ceu. E destruiu estas cidades e todo o paiz em roda, e todos os habitadores das cidades e toda a verdura da terra...

« Ora Abraham, tendo-se levantado ao amanhecer, veiu ao logar, onde antes tinha estado com o Senhor. E olhando para Sodoma e Gomorrha e para os paizes em torno, viu que se elevavam da terra cinzas inflammadas, como fumo, que sai de uma fornalha. »

[2] Pasiphäe, a mãe do Minotauro.—V. c. XII do *Inf.*

Virg., *Ecloga* VI:

Et fortunatavi, si nunquam armenta fuissent,
Pasiphaën nivei solatur amore juvenci
Ah! virgo infelix, quæ te dementia cepit?
Prœtides implerunt falsis mugitibus agros;
At non tam turpes pecudum tamen ulla secuta est
Concubitus, quamvis collo timuisset aratrum,
Et sæpe in levi quæsisset cornua fronte.
Ah! virgo infelix, tu nunc in montibus erras:
Ille, latus niveum molli fultus hyacintho
Ilice sub nigrâ pallentes ruminat herbas
Aut aliquam in magno sequitur grege.

Traducção de M. Odorico Mendes:

A Pasiphe consola, afortunada
Se nunca houvesse armento ou niveo touro:
« Ah! que demencia! O campo, infeliz moça,
De um mugir falso as Pretides encheram:
Mas nenhuma anhelou tam bruto afago;
Bem que, a palpar na mocha fronte cornos

Temesse de contino ao collo o jugo,
Ora, moça infeliz, por serras andas!
Alvo o brando jaciutho elle se encosta
Sob atro azinho descoradas hervas
Rumina, ou do seu lote alguma segue.

[3] Ripheus, cordilheira de montanhas, que os gregos assim denominaram, collocadas nos regiões septentrionaes, cobertas de gelos perpetuos.

[4] Beatriz.

[5] Quando os generaes romanos entravam em Roma triumphantes, era permittido aos soldados, que após o seu carro desfilavam, juntar aos canticos, em que se exaltava o seu nome, satyras pessoaes, em que lhe entoavam vituperios. Consoante a esse costume, no triumpho de Julio Cesar, os soldados que militavam com elle nas suas numerosas campanhas, cantaram versos em que diziam:

Ecce Cæsar nunc triumphat, qui subegit Gallias!
Nicomedes non triumphat, qui subegit Cæsarem.

[6] A explicação d'este verso está em Ovidio, *Met.* lib. IV:

Houve o Nume, que ouvio seu rogo ardente:
Juntam-se os dois n'um corpo, as faces n'uma.
Quaes surgem de um só tronco e enlaçam copas
Os ramos naturaes e o novo enxerto,
Taes, depois que os uniu tenaz abraço,
Já dois não são e é duplice figura.
De homem, nem de mulher lhe quadra o nome;
Confunde-se c'os dois, differe de ambos.
Ao ver que de varão, qual fôra ao lago,
O lago em parte o muda o sexo opposto
E sentindo abrandar-se os membros fortes,
Com voz não já viril, as mãos alçando,
Hermaphrodito exclama:—Ao vosso filho,
Ao que tem de ambos vós figura e nome,
Dai Venus, dai, Mercurio, o que vos pede.
Verão, que entrar no lago, aqui se affrouxe;
Aqui ao sexo antigo ajunte o novo—
Movido á voz do filho o par celeste,
As supplicas lhe annue, confirma o voto
E de occulta virtude a fonte embebem.

[7] Guido Guinicelli, de Bolonha.—V. notas ao C. XI do *Purg.*

D'este poeta, que Dante, no *Vulgari eloquio*, denominou *maximus Guido Guinicelli*, disse o Sr. Perrens, *Hist. de Florença*,:

« O mais original de todos na imitação dos Provençaes, nobre e ás vezes eloquente na sua linguagem didactica, obscura e enredada de comparações, admirado por Bonagiunta, que lhe dedicou um soneto, e pelo proprio Dante, que sauda em Guinicelli, « il padre mio e degli altri miei migliori. »

[8] Euneu e Thoas, filhos de Jason e Hypsypile, reconheceram sua mãe, no ponto, em que ia matal-a o Rei Lycurgo, de Neméa, tomado de ira por ver dilacerado por uma serpente o seu innocente filho Archemoro, que commettera aos cuidados da infeliz princeza de Lemnos, então escrava.

Estacio, na *Theb.* c. V, diz que Tydeu fôra quem salvara a vida de Hypsypile: depois da sua intervenção appareceram os dois filhos. São as seguintes as palavras do poeta latino:

« At non magnanimi pietas ignara Lycurgo:
Fortior ille malis, lacrimasque insana resorbet
Ira patris; longo rapit arva morantia passu
Vazifierans: Illa autem ubinam, cui parva cruoris
Lætave damna mei? vivitne? impellite raptam,
Ferte citi comites: faxo omnis fabula Lemni
E pater et tumidæ generis mendacia sacri
Exciderint.—Ibat, letumque inferre parabat
Ense furens rapto: renienti Œneuis heros
Impiger objecta proturbat pectora parma...
« Quis Superûm tanto solatus funere voto
Pensavit lacrimas? inopinaque guadia mœstæ
Retulit Hysipylæ? Tu gentis conditor, Evan
Qui geminos juvenes Lemni de litore vectos
Intuleras Nemeæ mirandaque, fata parabas.
«Causa viæ genitrix, nec inhospita tecta Licurgi
Præbuerant aditus, et protinus ille tyranno
Nuntius exstinctæ miserando vulnere prolis.
Ergo adsunt comites (pro fors ei cœca futuri
Mens hominum!) regique favent; sed Lemnos ad aures
Ut primum dictusque Thoas, per tela, onanusque
Irruerunt, matremque avidis complexibus ambo
Diripiunt flentes, alternaque pectora mutant.»

[9] Escreveu Tasso:—« Romances denominaram-se os poemas ou, mais exactamente, as historias fabulosas, que foram escriptas na lingua dos Provençaes e Castelhanos, as quaes não eram compostas em verso, senão em prosa, como outros antes de mim já o disseram.»

[10] Gerault Berneuil de Limoges, trovador muito estimado e applaudido pelos seus contemporaneos e até por alguns monarchas, no seculo XIII. Dante que lhe prefere Arnaldo Daniel, seu competidor e coetaneo, o citou no seu livro *De vulgari eloquio*. Era de origem plebal, e falleceu em 1278, epocha que a alguns parece mais recente do que a que se suppõe a verdadeira.

[11] Ver as notas do c. XXIV acerca de Guittone.

[12] Arnaldo ou Arnaut Daniel parece ter sido o primeiro provençal, á vista das expressões, com que exalta Alighieri. D'elle tambem diz Petrarcha, *Trionfo D'Amore:*

Fra tutti il primo Arnaldo Daniello,
Gran maestro d'amor; ch'alla sua terra
Ancor fa onor col suo dir novo e bello.

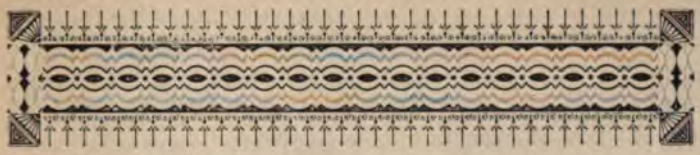
Dante apresenta Arnaldo a falar na sua lingua, o provençal. O que escreveu acerca d'essa lingua no—*De vulgari eloquio*—merece um logar aqui.

« Todo o territorio, que se prolonga das bocas do Danubio ou ainda da lagoa Meotis até os confins occidentaes (que partem com a Inglaterra, França, Italia e o Oceano) tem um só idioma, posto que ao diante se derivasse em diversos vulgares, usados por Esclavoes, Hungaros, Teutonicos, Saxões e Anglos e outras nações, ficando, porém, como signal —que todos quando querem affirmar dizem *jo*. Começando do limite d'este idioma, isto é, dos confins dos Hungaros para o Oriente, outro occupou todo esse espaço. O mais que resta da Europa pertence a terceiro idioma, se bem que dividido em trez; e por isso para affirmar diz um *oc*, outro *oil*, e o terceiro *sì*: são os dos Hespanhoes, o dos Francezes e dos Italianos. O signal de que os vulgares d'estas trez nacionalidades

procederam do mesmo idioma, é intuitivo; pois muitas idéas se manifestaram pelos mesmos vocabulos, como *Deus, ceu, amor, viar, terra, vive, morre*. Os que proferem *oc* demoram na parte occidental que principia dos confins dos Genovezes; os que dizem *si* estão na parte, que vai d'esses confins para o oriente, isto é, do promontorio da Italia, onde começa o seio do mar Adriatico e a Sicilia. Mas os que affirmam com *oil* quasi são septentrionaes com respeito a estes: pois da banda do oriente e do septentrião tem os Allemães, do ponente o mar da Inglaterra e as montanhas de Aragão, do meio dia os Provençaes e a flexão do Appennino.»

Assim disse no c. 8 do lib.; accrescenta no c. 10:

« Certo qualquer d'essas partes se defende com largo testemunho. A lingua de *oil* allega por si que, pelo seu mais facil e deleitavel vulgar, é seu tudo quanto se acha reduzido ou expresso em prosa vulgar, isto é, a Biblia, as historias dos Troyanos e Romanos, as bellissimas fabulas do Rei Arthur e muitas outras narrativas e doutrinas. Argumenta a lingua de *oc* dizendo que os vulgares eloquentes escreveram n'ella os primeiros poemas, como em lingua mais perfeita e doce, como foram Pedro de Alvernia e outros antigos doutores. A terceira, que é a dos Italianos affirma a sua superioridade por dois predicamentos: 1º que foram familiares e amigos seus os que mais subtil e docemente escreveram poemas, como Cino de Pistoia e o seu amigo; 2º, que mais se acercam á grammatica, a qual é commum,—consideração, que importa gravissimo argumento ao parecer dos que bem discorrem.»



CANTO XXVII

1. Como, quando os primeiros raios vibra
Lá onde Christo sangue derramara,
Sotopondo-se o Ebro á excelsa Libra, [1]
2. E, ao meio dia, o Gange aquece e aclara,
Stava o sol ; declinando a luz já se ia :
Eis ledo o anjo de Deus se nos depara.
3. Fóra da flamma, á borda elle se erguia,
Beati mundo corde [2] modulando.
Em tom de voz, que a humana precedia.
4. « Para avante passar »—accrescentando—
« Apurai-vos no fogo, almas piedosas !
Entrai, de além nos hymnos attentando. »
5. Lhe ouvindo ao perto as vozes sonorosas,
Sossobrei, como quem, perdido o alento,
Da tumba ás trevas desce pavorosas.
6. Mãos cruzadas, quedei sem movimento ;
De olhos na chamma, os vivos relembrava,
Que das fogueiras vira no tormento.
7. A mim cada um dos Vates se voltava.
—« Não temas, filho ! Aqui dôr se padece,
Mas não morte. »—Virgilio me exhortava.

8. « Lembra ! Lembra ou memoria em ti fallece ?
Já sobre Geryão levei-te a salvo :
De Deus mais perto, em mim virtude cresce.
9. « Se d'estas chammas, crê, tu fôras alvo
Em todo o espaço de um milheiro de annos,
De um só cabello não ficaras calvo.
10. « Se cuidas no que digo haver enganos,
Te acerca e por ti proprio experimenta,
Ao fogo expondo de tua veste os pannos.
11. « Todo o temor do animo afugenta !
Vem, pois ! Mostra que tens peito seguro ! »—
Ouvi, mas o valor meu não se augmenta.
12. Vendo-me ainda pertinace e duro,
Merencorio me disse : —« O' filho amado,
De Beatriz a ti só este muro ! »—[3]
13. De Thisbe ao nome, Pyramo [4] chegado
A morte, os olhos para vel-a abria,
Quando ha seu sangue á amora côr mudado.
14. A resistencia minha assim cedia.
A Virgilio volvi-me, o nome ouvindo,
Que sempre o pensamento me allumia :
15. Então a fronte meneiou ; sorrindo,
Como a infante, que um pomo ha seduzido,
Disse : —« Aqui ficaremos persistindo ? »—
16. Sou por elle no fogo antecedido ;
Estacio, que antes sempre caminhara,
Depois de mim seguia a seu pedido.
17. Eu pelo fogo apenas penetrara,
Ardor tanto senti, que, p'ra recreio,
Em vidro derretido me lançara.
18. De confortar-me procurando o meio,
De Beatriz Virgilio assim falava :
—« Seu gesto julgo ver de fulgor cheio. »—
19. Voz peregrina ouvi, que alli cantava :
Fóra sahimos nós, dos sons guiados,
Na parte, onde a subida se mostrava.

20.—« Vinde, ó vós de meu Pae abençoado ! »— [5]
Do seio de um luzeiro retinia,
Tal que os olhos cerraram-se offuscados.
21. « Transmonta o sol, a noite segue ao dia,
Não vos detende ; a passo andai ligeiro,
Que o Ponente já trevas annuncia. »—
22. A trilha no penhasco sobranceiro
Direita sobe á parte em que tolhia
A sombra minha o lume derradeiro.
23. Vencido apenas nosso passo havia
Alguns degraus, a sombra, que fenece,
Mostra que o sol já luz não diffundia.
24. Antes que em todo apresentado houvesse
O immenso horizonte igual aspeito,
E a noite os seus veus todos estendesse,
25. Um degrau cada qual tomou por leito;
Que nos tirara da montanha a agrura,
Mais que o desejo, de subir o geito.
26. Como as cabras das penhas sobre a altura,
Antes de fartas, rapidas e ardentes,
Têm, ruminando, mansidão, brandura ;
27. Pousam á sombra, em quanto o sol candentes
Lumes despede, e as guarda o pegureiro
Com seu cajado e os olhos providentes;
28. E como o guardador, que no terreiro
Quedo pernoita em sentinella aos gados
Contra assaltos do lobo carniceiro :
29. Assim nós trez estavamos pousados,
Eu como cabra, os Vates quaes pastores,
Da rocha a um lado e a outro conchegados.
30. Escassa aberta deixa ver fulgores
De estrellas, que do ceu n'aquella parte,
Contemplava mais lucidas, maiores.
31. N'essa vista engolfei-me por tal arte,
Que o somno me prendeu, somno que á mente
Do que ha de ser a provisão comparte.

44. « Te hei com engenho e arte conduzido :
Seja-te agora o teu querer o guia;
Angustias e fraguras tens vencido.
45. « Olha: o semblante o sol já te allumia;
Flores, hervinhas, arvores virentes
Vê que a terra espontanea brota e cria.
46. « Antes que os olhos venham refulgentes,
Que em teu pról me enviaram por seu pranto,
Repousa, ou pelos prados vai florentes.
47. « Não mais te falo, nem te aceno, " em tanto ;
Possues vontade livre, recta e boa,
Cumpre os dictames seus : a ti, portanto,
Pois de ti és senhor, dou mitra e c'rôa.

NOTAS AO CANTO XXVII

Animado por Virgilio, Dante atravessa as chammas. Uma voz guia os trez poetas. Sobem os degraus de uma escada, onde Dante adormece. Visão. Virgilio lhe declara que elle não precisa mais dos seus conselhos, como até então.

[1] Em Jerusalem era madrugada, na Hespanha meia-noite, na India meio-dia, no Purgatorio transmontava o sol. Dante, segundo a geographia em voga no seu tempo, suppunha estar Jerusalem no meio da terra, cujos confins orientaes eram collocados na India e os occidentaes na Hespanha. A um commentador, Venturi, ás vezes pouco benevolo para com o Poeta, pareceram superfluas tantas palavras para significar a hora do poente. Se a observação fôra procedente, a critica seria applicavel a todos os grandes poetas, antigos e modernos: quantos primores teriam de ser condemnados pela desmedida e apaixonada severidade do juiz! Do anathema não se esquivaria Camões, que nos *Lus.* c. X, est. I, disse:

Mas já o claro amador da Larissea
Adultera inclinava os animaes
Lá para o grande lago, que rodeia
Temistitão, nos fins occidentaes;
O grande ardor do sol Favonio enfreia
C'o sopro, que nos tanques naturaes
Encrespa a agua serena, e despertava
Os lyrios e jasmins, que a calma aggrava.

[2] « Bemaventurados os limpos de coração, porque elles verão a Deus »— S. Matheus, *Ev.* V.

[3] *Muro* por *obstaculo*.—Petrarcha disse:

Tra la spiga e la man qual muro è messo

Este verso foi textualmente inserido por Camões na est. 78 do c. IX dos *Lus.*:

E notarás no fim d'este successo
Tra la spiga e la man qual muro è messo.

Ariosto, *Orl. Fur.* c. VII, est. 25:.

Teme di qualche impedimento spesso
Che tra il frutto e la man non gli sia messo.

Allude á historia de Pyramo e Thisbe, cujo sangue converteu de branca em negra a côr da amora.

Ovidio *Met.*, IV. Trad. de A. F. de Castilho.

Pyramo, singular entre os mancebos,
E Thisbe, superior em formosura
A todas as donzellas do Oriente,
Tinham contiguas as moradas suas,
Lá onde é fama, que de ingentes muros
Semiramis cingiu alta cidade.
A amor a visinhança abriu caminho
N'elles foi com a idade amor crescendo,
E unir-se em doce nó votaram ambos.
O que injustos os paes não permittiram...
Depois de mutuamente se queixarem
Da pezada oppressão, que os constrangia,
Com mais cautella ainda, em tom mais baixo,
Concertam entre si que, em vindo a noite,
Haviam de illudir os paes e os servos,
Dos seus lares fugindo e da cidade;
Que, por não se perderem, vagueando
Pelo campo espaçoso, ao pé da antiga
Sepultura de Nino ambos parassem,
Postos á sombra de arvore frondosa:
Esta arvore, que alli ao ar se erguia,
Carregada de fructos côr de neve,
Então da côr de neve até maduros,
Era a grata amoreira. Amena fonte,
Fervendo junto d'ella, o chão regava...
Chega e debaixo da arvore se assenta:
Dava amor ousadia á linda moça.
Eis que feroz leva, ensanguentada
Da recente matança a boca enorme,
Assoma e vem depor na fonte a sêde,
Porque o pleno luar cobria o campo,
A vê ao longe a babylonia Thisbe,
E com timidos pés em gruta umbrosa
Vai sumir-se, correndo e palpitando,
E na carreira o veu lhe cai por terra.
Depois que o torvo bruto a sêde ardente
Nas aguas apagou, tornando aos bosques,
O solto veu sem Thisbe acaso encontra
E no sanguineo dente o despedaça.
Pyramo, que do lar sahiu mais tarde
Que vê no erguido pó signal de fera
E de fera no chão pegadas nota,
Descorando, estremece, e tinto em sangue
Acha o cahido veu...
Já da terra levanta o veu de Thisbe
E, com elle nas mãos, demanda as sombras
Da amoreira, logar do terno ajuste,
Cobrindo-o lá de lagrimas e beijos.
— O meu sangue lhe diz—tambem te regue:
Recebe, ó triste veu tambem meu sangue—
E subito despindo o ferro agudo.

Que ao lado lhe pendia, em si o embebe.
Da ferida mortal o extrae, o arranca
E de costas no chão depois baquea.
Pelos ares com impeto repuxa
O sangue em purpurantes espadanas...
Pela rubra corrente rociados
Da ramosa amoreira os alvos fructos
Em triste, negra côr a antiga mudam;
E do sangue a raiz humidecida
Logo ás amoras purpurêa o sumo.
Inda não livre do primeiro susto
Volta a gentil donzella ao fatal sitio...
Mas, depois que, attentando, em fim conhece
A porção da sua alma, os seus amores
Rompe em choros, em ais...
O semblante abatido ergue da terra,
Ouvindo proferir da amada o nome
O malfadado moço: eis abre os olhos,
Já do pezo da morte enfraquecidos
Volve-os a Thisbe e para sempre os cerra.

[5] « Então dirá o Rei aos que hão de estar á sua direita: Vinde, bemdictos de meu pae; possui o reino, que vos está preparado desde o principio do mundo. »—S. Matheus, *Ev.* XXV.

[6] Na visão apparecem Lia e Rachel, symbolos uma da vida activa, a outra da contemplativa. Lia e Rachel eram filhas de Labão e casaram-se com Jacob.

Genesis, XXIX, 16 e 17:

« Ora Labão tinha duas filhas, das quaes a mais velha se chamava Lia e e mais moça, Rachel. Mas Lia tinha os olhos remelosos ao mesmo tempo que Rachel era formosa de rosto e de gentil presença.»

Convito, IV, 17:

« Em verdade convém saber que ha dois caminhos differentes muito bons, que conduzem á felicidade: um é a vida contemplativa, o outro a vida activa. A vida contemplativa (posto que a outra se dirija á boa felicidade) é meio seguro de alcançal-a, segundo prova o Philosopho no livro decimo da Ethica; e Christo o affirma pela sua propria bocca, no Evangelho de S. Lucas, falando a Martha:— « Martha, Martha, tu andas muito inquieta e te embaraças com o cuidar em muitas cousas. Entretanto só uma cousa é necessaria. Maria escolheu a melhor parte, que lhe não será tirada.—E Maria, como está escripto no mesmo Evangelho, sentada aos pés de Christo do governo da casa se não inquietava, sómente prestava attenção ás palavras do Salvador. Entender-se deve moralmente que Nosso Senhor quiz assim mostrar que a vida contemplativa é optima, se bem que a activa seja boa: é o que se manifesta a quem bem attenta nas palavras evangelicas. »

[7] Tinha-se completado o terceiro dia de estada no Purgatorio; começara o quarto.

[8] Disse o commentador Biagioli:

« Assim que Virgilio, com quanto continue a acompanhar a Dante ainda algum tempo, até encontrar-se elle com Beatriz, como se vê no c. XXVIII v. 147 e c. XXIX v. 55 e seg., nem mais uma palavra proferiu, sendo o seu intuito

significar a Beatriz que se desempenhou da sua commissão. Virgilio, satisfeito o que lhe fôra recommendado, podia ausentar-se; mas havia duas poderosas razões para ficar ainda: a primeira, para certificar que cumprira o que prometera áquella que lhe dissera que pelo seu serviço o louvaria perante o Senhor; a segunda, para offerecer ao leitor a scena mais nova e pathetica de quantas podem provir do mais puro sentimento. »

CANTO XXVIII

1. VAGIR já nos recessos desejando [1]
Da selva divinal, vivida, espessa,
Que ao novo dia o lume faz mais brando,
2. D'aquella encosta a me afastar dou pressa.
Pela veiga me interno a passo lento,
Doce aroma sentindo, que não cessa.
3. Do ar, que circulava, o doce alento,
Mais sempre igual, a fronte me afagando,
Tinha o bafejo de suave vento.
4. As folhas, mollemente balouçando,
Do santo monte á parte se inclinavam,
A que a sombra primeira vai baixando.
5. Mas, no meneio seu, não se acurvavam
Em modo, que na rama aos passarinhos
Os hymnos perturbassem, que entoavam.
6. Pousados ledamente entre os raminhos
Saudavam com seus cantos a alvorada
Da fronde os acordando aos murmurinhos.
7. Assim de Chiassi [2] no pinhal soada
De ramo em ramo corre quando á amara
Prisão, abre ao mestre Eolo a entrada.

8. Com demorado andar eu caminhara
Na selva antiga tanto, que não via
Mais o logar, por onde penetrara.
9. Eis andar um ribeiro me tolhia, [3]
Que, á sestra deslizando-se, beijava
A hervinha, que ás margens lhe crescia:
10. O cristal d'essa lympha superava.
Da terra agua a mais pura e transparente:
Quanto continha em si patente estava.
11. Em tanto, pela sombra permanente,
Que luz da lua ou sol nunca atravessa,
Negreja aquella placida corrente.
12. O pé detenho, e a vista se arremessa
Além do humilde rio, contemplando
Primores, com que Maio se adereça,
13. Então se off'rece aos olhos, como quando
De subito um portento surge á mente,
De outro pensar qualquer a desviando,
14. Uma dama sósinha [4] de repente,
Que, cantando, escolhia, de entre as flores,
Que o chão cobriam de matiz ridente.
15.—« Bella dama, que sentes os fervores
Do amor divino, se por teu semblante
Da tua alma julgar devo os ardores, »
16.—Assim falei—« se caminhar avante
Até perto do rio te approuvera,
Te entendera esse canto inebriante.
17. Tão linda, em tal logar, lembras qual era
Proserpina, ao perdel-a a mãe querida [5]
E ao perder tambem ella a primavera. »—
18. Qual menina, que em dansas entretida,
Gira ligeira em terra deslizando,
Os passos troca e volve-se garrida,
19. Sobre o esmalte das flores se voltando,
A mim se derigiu, como donzella
Que vai, modesta os olhos abaixando.

20. Quanto o desejo meu sofrego anhela
Acercou-se e da angelica toada
Distincta pude ouvir a letra bella.
21. Logo em chegando á borda em que banhada
A herva era da lympha cristalina,
De olhar-me fez a graça assignalada.
22. Não creio que na vista peregrina
De Venus lume tal resplendecesse
Ao feril-a de amor setta mali'na. [6]
23. De fronte aos olhos a sorrir se ofl'rece,
As mãos de lindas flores tendo plenas,
De que espontaneo o sólo se guarnece.
24. A nós trez passos interpõem apenas :
O Hellesponto que Xerxes transcendera, [7]
— Licção em que ha para os soberbos penas.
25. Em Leandro [8] mais odio não movera,
Quando entre Serto e Abydos [9] nadava,
Do que o rio que tanto estorvo me era.
26.—« Sois recem-vindos »—ella assim falava—
« Meu riso ao ver-vos no logar eleito
A' humana raça, quando á luz brotava,
27. « Talvez vos maravilhe por suspeito.
Se lembrados o Psalmo *Delectasti*, [10]
De todo o engano vos será desfeito.
28. « Tu, que estás adiante e me falaste
Que mais ouvir desejas ? Eis-me presta
Explicação a dar-te, quanto baste. » [11]
29.—« Esta agua »—torno—« e o som d'esta floresta
Oppõem-se á minha fé na maravilha.
Que eu tinha ouvido e que é contraria a esta. »— [12]
30.—«Eu te direi a causa, de que é filha
A razão que te move essa extranheza ;
Terás, em vez de nevoa, a luz que brilha.
31. « O Bem, que em si sómente se embelleza,
Apto ao bem fez o home' ; em arrhas deu-lhe
De eterna paz a edenica riqueza [13]

32. « A culpa sua este alto dom tolheu-lhe ;
A culpa sua em prantos, em desgostos
Os prazeres, os rizos converteu-lhe.
33. « A fim de que os effeitos, que, compostos
São de effluvios das aguas e da terra,
Para o calor acompanhar dispostos,
34. « Ao homem não fizessem qualquer guerra,
Tão alta ha se elevado esta montanha,
Que é livre desde o ponto onde se encerra.
35. « E porque todo o ar, por força manha,
Roda ao impulso do motor primeiro,
Quando estorvo nenhum seu giro acanha,
36. « Este cimo elevado e sobranceiro
Pelo, ether vivo ao moto é tão batido,
Que o denso bosque remurmura inteiro :
37. « E sendo em cada um tronco percutido,
A vitude transmitte fecundante
Ao ar, que a esparge, em torno revolvido.
38. « A terra, como é apta, circumstante
Por si ou por seu ceu plantas concebe
De genero e virtude variante.
39. « E pois, já claramente se percebe
Como planta ha viçosa e florescente,
Quando o germen a terra não recebe.
40. « Sabe que até jardim toda a semente
Do que a terra produz em si comprende
E contem fructo innoto á humana gente.
41. « Esta agua de uma origem não depende,
Que alimente vapor que em chuva desça,
Como rio que secca ou que se estende. [14]
42. « De fonte certa vem que nunca cessa,
Pois por querer de Deus tanta dimana,
Quanta aqui por canaes dois se arremessa.
43. « A que n'este alveo que ora vês, se encana
Memoria do peccado desvanece,
Aviva a outra a da virtude humana.

44. « E' Lethes, se por ella o mal se esquece,
Eunöe quando lembra : actuam quando
O gosto de uma e de outro homem conhece.
45. « Saber igual aos outros comparando
Não existe ao d'esta agua. Ao teu pedido
Satisfação hei dado assim falando.
46. « Corollario, porém, lhe seja addido :
Não receio que assim te desagrade,
Indo além do que fôra promettido.
47. « Poetas que cantavam de ouro a idade
E sua dita, em Parnaso, certamente
Sonharam d'esta estancia a f'licidade.
48. « Estirpe humana aqui fôra innocente ;
Eterna primavera aqui domina ;
Foi este o nectar, que inventou sua mente. » —
49. Então a vista aos Vates se me inclina.
Um sorriso em seus labios se revela,
Esse concerto ouvindo, em que termina.
Rosto volvi depois á dama bella.

NOTAS AO CANTO XXVIII

O Paraiso terreal e o rio Lethes. A' sua margem Mathilde colhe flores e canta. Acerca-se de Dante que se acha do lado opposto. A rogo seu ella explica-lhe algumas duvidas.

[1] Por confronto com a discripção, que do Paraiso terreal delinea Dante, não parece inutil inserir aqui as que alguns poetas abalizados indealizaram, de jardins deliciosos :

Homero, *Odyssea*, V, referindo-se á ilha de Calypso :

« Mercurio chega á ilha longinqua, surge das sombrias ondas e pela praia endireita á entrada da gruta profunda, em que habita a formosa nympha e onde então se achava. Arde na lareira brilhante flamma ; embalsama os ares na ilha inteira o perfume dos cedros e incensos abrazados. A nympha, melodiosos cantos modulando, divertia-se em tecer e agitava no tear a sua lançadeira de ouro. Tornea a gruta basta e viçosa floresta de arvores aromaticas, em cujas ramas as variegadas aves formalizam os seus ninhos. Vestia ao exterior da gruta uma vinha que bracejava adornada de lindos cachos de uvas. Quatro fontes symetricamente dispostas derramavam claras espadanas, que depois corriam com doce murmurio. D'alli se dilatava um delicioso prado matizado de violetas e açucenas. N'aquella estancia até um deus ficara enlevado ; e Mercurio, detendo o passo, admirou tantas bellezas. » (Trad. de P. Giguet)

Ariosto, *Orl. Fur.*, c. XXIV, est. 49 e seg. :

Zaffir, rubini, oro, topazie perle
E diamante e crisolite e jacinte
Potriano i fiori assimiglar, che per le
Licte piage v'avea l'aura dipinti :
Si verde l'erbe, che possendo averle
Quà giù, ne foram gli smeraldi vinti ;
Nè men belle degli arbori i le frondi
E di frutti e di fior sempre fecondi.
Cantan fra i rami gli angelletti vaghi
Azurri e bianchi e verdi e rossi e gialli.
Murmuranti ruscelli e cheti laghi
Di limpudezza vincono i cristalli

NOTAS AO CANTO XXVIII

O Paraiso terreal e o rio Lethes. A' sua margem Mathilde colhe flores e canta. Acerca-se de Dante que se acha do lado opposto. A rogo seu ella explica-lhe algumas duvidas.

1 Por confronto com a discripção, que do Paraiso terreal delinea Dante, não parece inutil inserir aqui as que alguns poetas abalizados indealizaram, de jardins deliciosos :

Homero, *Odyssea*, V, referindo-se á ilha de Calypso :

« Mercurio chega á ilha longinqua, surge das sombrias ondas e pela praia endireita á entrada da gruta profunda, em que habita a formosa nympha e onde então se achava. Arde na lareira brilhante flamma ; embalsama os ares na ilha inteira o perfume dos cendros e incensos abrazados. A nympha, melodiosos cantos modulando, divertia-se em tecer e agitava no tear a sua lançadeira de ouro. Tornea a gruta basta e viçosa floresta de arvores aromaticas, em cujas ramas as variegadas aves formalizam os seus ninhos. Vestia ao exterior da gruta uma vinha que bracejava adornada de lindos cachos de uvas. Quatro fontes symetricamente dispostas derramavam claras espadanas, que depois corriam com doce murmurio. D'alli se dilatava um delicioso prado matizado de violetas e açucenas. N'aquella estancia até um deus ficara enlevado ; e Mercurio, detendo o passo, admirou tantas bellezas. » (Trad. de P. Giguet)

Ariosto, *Orl. Fur.*, c. XXIV, est. 49 e seg. :

Zaffir, rubini, oro, topazie perle
E diamante e crisolite e jacinte
Potriano i fiori assimiglar, che per le
Liete piage v'avea l'aura dipinti :
Si verde l'erbe, che possendo averle
Quà giù, ne foram gli smeraldi vinti ;
Nè men belle degli arbori le frondi
E di frutti e di fior sempre fecondi.
Cantan fra i rami gli angelletti vaghi
Azurri e bianchi e verdi e rossi e gialli.
Nurmuranti ruscelli e cheti laghi
Di limpidezza vincono i cristalli

Una dolce aura, che ti par che vaghi
A un modo sempre, e dal suo stil non falli
Facea si l'aria tremolar d'intorno,
Che non potea nojar calor del giorno.
E quella ai fori ai pome e alla verzura
Gli odor diverri depredando giva,
E di tutti faceva una mistura,
Che di soavità l'alma nutriva.

Camões, *Luziadas*. CIX est. 54 e seg :

Trez formosos outeiros se mostravam
Erguidos com soberba graciosa,
Que de gramineo esmalte se adornavam
Na formosa ilha alegre e deleitosa.
Claras fontes e limpidas manavam
Do cume que, a verdura tem viçosa ;
Por entre os pedras alvas se deriva
A sonorosa lympha fugitiva
N'um valle ameno, que os outeiros lende
Vinham as claras aguas ajuntar-se.
Onde uma mesa fazem, que se extende
Tão bella, quanto póde imaginar-se.
Arvoredo gentil sobre ella pende,
Como que prompto está para affeitar-se,
Vendo-se no cristal resplendescente
Que em si o está pintando propriamente.
Mil arvores estão ao ceu subindo
Com pomos odoriferos e bellos...
Os dons, que dá Pomona, alli natura
Produze differentes nos sabores,
Sem ter necessidade de cultura,
Que sem ella se dão muito melhores...
Pois a tapeçaria bella e fina
Com que se cobre o rustico terreno,
Faz ser a de Achemenia menos di'na,
Mas o sombrio valle mais ameno.
Alli a cabeça a flor Cephisia inclina
Sôbolo tanque lucido e sereno ;
Florece o filho e neto de Cinyras,
Por quem tu, Deusa Paphia, inda suspiras.
Para julgar difficil cousa fôra
No ceu vendo e na terra as mesmas côres,
Se dava ás flores côr a bella Aurora,
Ou se lh'a dão a ella as bellas flores.
Pintando estava alli Zephyro e Flora
As violas da côr dos amadores,
O lyrio roxo, a fresca rosa bella,
Qual reluze nas faces da donzella.

Tasso, *Ger. Lib.* c. XVI, est. 9 e seg. :

Poi che lasciâr gli avviluppati calli
In licto aspecto il bel giardin s'aperse :
Acque stagnanti, mobili cristalli
Fior van e vane piante, erbe diverse,
Apriche collinette, ombrosi valli,
Selve e spelonche in una vista offerse ;

E quel che il bello e il caro accresce all'opre
L'arte, che tutto fa, nulla si scopre
Stimi (si misto il culto è col negletto)
Sol naturali e gli ornamenti e i siti.
Di natura arte par, che per diletto
L'imitatrice sua scherzando imiti.
L'aura non ch'altro, è della maga effetto,
L'aura che rende gli alberi fioriti:
Co'fiori eterni eterno il frutto dura
E mentre spunta l'un, l'altro matura...
Vezzosi augelli infra le verdi fronde
Temprano a prova lascivette note.
Mormora l'aura, e fa le foglie e l'onde
Garrir, che variamente ella percote.
Quando taccion gli augelli, alto respondè;
Quando canton gli augei, più lieve scote
Sia caso od arte, or accompagna, ed ora.
Alterna i versi lor la music'ora.

Milton, *Parad Lost*, IV:

.....in this pleasant soil
His far more pleasant garden God ordained;
Out of the fertile ground he caused to grow
All trees of noblest kind for sight, smell, taste;
And all amid them stood te tree of life,
High eminent blooming ambrosial fruit
Of vegetable gold; and nex to life,
Our death the tree of knowledge, grew fast by,
Knowledge of good, bought dear by knowing ill.
Southward through Eden went a river large,
Nor changed his course, but thoough the shaggy hill
Passed underneathed engulfed; for God had thrown
That mountain as his garden mould, high raised
Upon the rapid current, wich through veins
Of porous earth with kindly thirst up-drawn,
Rose a fresh fountain, and with many a rill
Watered the garden, thence united fell
Down the steep glade, and met the nether flood,
Wich from his darksome passage now appears,
And now divided into four main streams,
Runs diverse, wandering many a famous realm
And country, whereof here needs no account;
But rather to tell how, if art could tell,
How from that sapphire fount the crisped brooks,
Roeling on orient pearl and sands of gold,
With mazy error under pendent shades
Ran nectar, visiting each plant, and fed
Flowers worthy of Paradise, wich not nice art
In beds and curious knots, but Nature boon
Poured forth profuse on hill, and dale, and plain,
Both where the morning sun first warmly smote
The open field, and where the unpierced shade
Embrowned the noontide bowers: thus was this place
A happy rural seat of various view;
Groves whose rich trees wept odorous gums and balm,
Others whose fruit burnished with golden rind,

Hung amiable (Hesperian fables true,
If true, here only), and of dilicious taste.
Betwixt them lawns, or level downs, and flocks
Grazing the tender herb, were interposed,
Or palmy hillock; or the flowery lap
Of some irrigous valley spread her store,
Flowers of all hue, and without thorn the rose.
Another side, umbrageous grots and caves
Of cool recess, o'er wich the mantling vine
Lays forth her purple grape, and gently creeps
Luxuriant; meanwhile murmuring waters fall
Down the slope hills, dispersed, or in a lake,
That to the fringed bank with myrtle crowned
Her cristal mirror holds, unite their streams
The birds their quire apply; airs, vernal airs,
Breathing the smell of field and grove, attune
The trembling leaves, while universal Pan,
Knit with the Graces and the Hours in dance,
Led on the eternal Spring.

[2] Chiassi e a sua famosa pineta demoram a trez milhas de Ravenna perto do mar.

[3] O Lethes.

[4] Suppõe-se que esta dama, que ao diante o Poeta chama Mathilde, é a condessa Mathilde, que dominava na Toscana, com poder soberano, assim como n'uma parte da Lombardia, filha de Bonifacio, Marquez da Toscana, e de Beatriz, a qual, enviuvando, continuou a reinar, em modo que sómente depois de ter fallecido entrou a filha na posse da herança paterna. Essa princeza casou-se duas vezes; seu primeiro marido foi Godofredo, appellidado o Corcunda; o segundo Guelfo V, da Baviera, casamento, que se effectuou depois de ter Mathilde doado os seus Estados ao Papa. Foi parte activa na guerra que se travou entre o Imperador da Allemanha e a Santa Sé, celebre na historia com a denominação de lucta entre o *Sacerdocio e o Imperio*. Empenhando todos os esforços em pról do Papa Gregorio VII contra o Imperador Henrique IV. Era propriedade sua o castello de Canozza, proximo a Reggio, onde se acolhera o Pontifice e a cujas portas em 1077 Henrique submetteu-se ás humilhações mais vergonhosas para applacar o resentimento do Papa.—Mathilde nasceu em 1046 e morreu em 1115.

A essa suppozição contrapõe-se outra que parece estribar-se em mais solido fundamento e até compadecer-se melhor com a opinião de Dante acerca da soberania temporal do Papa. Segundo esta consideração, Mathilde symbolisa aqui a vida activa, como a Lia da visão do c. XXVII, cabendo-lhe, portanto, sómente o caracter allegorico.

[5] Ovidio, *Met.* l. V. Trad. de A. F. de Castilho:

Jaz não distante de Enna um lago fundo:
Pergo é seu nome. A gorgear-lhe ás margens
Não tem mais cysne lucido Caystro.
C'roa as aguas selvatica espessura,
Que debruça, que alonga, que entretece
Vasto, frondoso veu, que os sóes não rompem.
Entornam doce fresco as ramas verdes,
Pulam do humido chão variadas flores,
Reina, odora e continua, a primavera
Lá se andava Proserpina folgando:

Colhendo aqui um lyrio, alem violetas,
Co'as socias apostada, a qual mais breve
Doces cuidados de innocentes annos!
Certo e regaço os encherá de flores.
Eis (rapidez de amor excede a todas)
A vê, a adora, a rouba o Rei do Averno.
Toda medos e assombro, a sem-ventura
Por sua mãe, por suas socias grita,
Porém mais pela mãe que pelas socias.
Nas ancias da afflicção lacera as vestes;
As boninas no gremio enthezouradas
Caem-lhe aos pés, desparzem-se na terra.
Vede agora a infantil simplicidade:
O perder flores taes lhe ha dado pena!

[6] Ovid., *Met.* l. X.

[7] Xerxes succedeu no imperio da Persia a seu pae Dario. Levando á execução os intentos paternos contra a Grecia, deu começo a segunda guerra medica. Com um exercito armado com exaggeração em trez milhões de homens, mas certamente muito numeroso, invadiu aquelle paiz; e, com quanto o assenhoreasse em grande parte, desacoroçoou na empreza depois da perda naval de Salamina. Determinou então retirar-se, deixando na terra conquistada 300.000 homens sob a conducta de Mardonio, que foi vencido nas batalhas de Myeale e Platea. Xerxes que entrara com tamanho poder na Grecia, voltou aos seus Estados passando o Hellesponto na busca de um pescador.

[8] O Hellesponto que Leandro tantas vezes atravessava a nado á noite para ver Hero, sua amada e em que afinal perdeu a vida, devia ser objecto da sua aversão, como obstaculo, que vencia com muito trabalho e risco pessoal.

[9] Abydos á margem do Hellesponto da banda da Asia; Sestos, da parte fronteira na Europa.

[10] E' o Psalmo XCI v. 5:—*Delectosti me, Domine, in factura tua et in operibus manuum tuarum exultabo.*

[11] Allusão ás palavras de S. Paulo, *Ep. aos Rom.*, XII:

« Porque pela graça, que me foi dada, digo a todos, que estão entre vós. Que não saibam mais do que convém saber, mas que saibam com temperança, e cada um conforme Deus lhe repartiu a medida da fé. »

Disse Dante no *Convito*:—« L'umano desiderio è misurato in questa vita a quella scienza chequi aver si può e quel punto non passa se non pererrore il quale è di fuori di naturale intenzione. »

[12] *Purg.* c. XXI v. 46 a 48.

[13] Segundo o commentador Paolo Costa, o discurso de Mathilde litteralmente se refere á desobediencia e castigo do primeiro homem; mas interpretado moralmente mostra que Deus, querendo por essencia o bem, escolheu a Italia para assento do Imperio, necessario á paz do mundo, a qual seria eterna, se o homem, apartado da antiga virtude, não se tivesse corrompido pela avareza e arrastado a impuros costumes, desvarios, de que ha resultado a pouca permanencia da monarchia, posto que essa região famosa se houvesse sublimado a tão eminente altura, que não devia arrecelar-se das outras nações, e fosse, por divino favor, privilegiada para produzir—*di diverse virtu diverse legna*, isto é, diversos homens de grande valia.

[1] Refere-se a estas palavras do *Genesis*, II, 4 a 6:

« Tal foi a origem do ceu e da terra; e assim é que elles foram creados no dia, em que o Senhor os creou e em que creou todas as plantas do campo antes que brotassem; porque ainda o Senhor Deus não tinha feito chover sobre a terra, nem havia ainda homem que a cultivasse; mas da terra sahia uma fonte, que lhe regava toda a superficie. »

CANTO XXIX

1. As vozes, que eu lhe ouvia, ella remata,
   Qual dama namorada, assim cantando :
   Beati quorum tecta sunt peccata [1]
2. Como das nymphas o formoso bando,
   Que nas umbrosas selvas sós andavam,
   Qual ver, qual evitar o sol buscando :
3. Contra o ribeiro os passos a levavam,
   Sobre a margem seguindo lentamente ;
   E pelos seus os meus se regulavam.
4. Cincoenta assim andaramos sómente,
   Quando o alveo curvou a lympha pura,
   E, pois, da banda achei-me do oriente.
5. Pouco eramos avante na espessura,
   Eis, voltando-se, a dama d'esta sorte
   Falou-me :—« Escuta, irmão, e ver procura. »—
6. Refulge de repente uma luz forte
   Por todo o espaço immenso da floresta.
   Relampago julguei, que os ares córte.
7. Mas luz após relampago não resta;
   E o fulgor mais e mais resplendescia.
   Disse entre mim :—« Que maravilha é esta ? »—

NOTAS AO CANTO XXVIII

O Paraiso terreal e o rio Lethes. A' sua margem Mathilde colhe flores e canta. Acerca-se de Dante que se acha do lado opposto. A rogo seu ella explica-lhe algumas duvidas.

1 Por confronto com a discripção, que do Paraiso terreal delinea Dante, não parece inutil inserir aqui as que alguns poetas abalizados indealizaram, de jardins deliciosos :

Homero, *Odyssea*, V, referindo-se á ilha de Calypso :

« Mercurio chega á ilha longinqua, surge das sombrias ondas e pela praia endireita á entrada da gruta profunda, em que habita a formosa nympha e onde então se achava. Arde na lareira brilhante flamma ; embalsama os ares na ilha inteira o perfume dos cedros e incensos abrazados. A nympha, melodiosos cantos modulando, divertia-se em tecer e agitava no tear a sua lançadeira de ouro. Torneа a gruta basta e viçosa floresta de arvores aromaticas, em cujas ramas as variegadas aves formalizam os seus ninhos. Vestia ao exterior da gruta uma vinha que bracejava adornada de lindos cachos de uvas. Quatro fontes symetricamente dispostas derramavam claras espadanas, que depois corriam com doce murmurio. D'alli se dilatava um delicioso prado matizado de violetas e açucenas. N'aquella estancia até um deus ficara enlevado ; e Mercurio, detendo o passo, admirou tantas bellezas. » (Trad. de P. Giguet)

Ariosto, *Orl. Fur.*, c. XXIV, est. 49 e seg. :

Zaffir, rubini, oro, topazie perle
E diamante e crisolite e jacinte
Potriano i fiori assimiglar, che per le
Licte piage v'avea l'aura dipinti :
Sì verde l'erbe, che possendo averle
Quà giù, ne foram gli smeraldi vinti ;
Nè men belle degli arbori le frondi
E di frutti e di fior sempre fecondi.
Cantan fra i rami gli augelletti vaghi
Azurri e bianchi e verdi e rossi e gialli,
Nurmuranti ruscelli e cheti laghi
Di limpidezza vincono i cristalli

Una dolce aura, che li par che vaghi
A un modo sempre, e dal suo stil non falli
Facea si l'aria tremolar d'intorno,
Che non potea nojar calor del giorno.
E quella ai fori ai pome e alla verzura
Gli odor diverri deprodando giva,
E di tutti faceva una mistura,
Che di soavità l'alma nutriva.

Camões, *Luziadas*, CIX est. 54 e seg :

Trez formosos outeiros se mostravam
Erguidos com soberba graciosa,
Que de gramineo esmalte se adornavam
Na formosa ilha alegre e deleitosa.
Claras fontes e limpidas manavam
Do cume que, a verdura tem viçosa :
Por entre os pedras alvas se deriva
A sonorosa lympha fugitiva
N'um valle ameno, que os outeiros fende
Vinham as claras aguas ajuntar-se,
Onde uma mesa fazem, que se extende
Tão bella, quanto póde imaginar-se,
Arvoredo gentil sobre ella pende,
Como que prompto está para affeitar-se,
Vendo-se no cristal resplendescente
Que em si o está pintando proprìamente.
Mil arvores estão ao ceu subindo
Com pomos odoriferos e bellos...
Os dons, que dá Pomona, alli natura
Produze differentes nos sabores,
Sem ter necessidade de cultura,
Que sem ella se dão muito melhores...
Pois a tapeçaria bella e fina
Com que se cobre o rustico terreno,
Faz ser a de Achemenia menos di'na,
Mas o sombrio valle mais ameno.
Alli a cabeça a flor Cephisia inclina
Sôbolo tanque lucido e sereno ;
Florece o filho e neto de Cinyras,
Por quem tu, Deusa Paphia, inda suspiras.
Para julgar difficil cousa fôra
No ceu vendo e na terra as mesmas côres,
Se dava ás flores côr a bella Aurora,
Ou se lh'a dão a ella as bellas flores,
Pintando estava alli Zephyro e Flora
As violas da côr dos amadores,
O lyrio roxo, a fresca rosa bella,
Qual reluze nas faces da donzella.

Tasso, *Ger. Lib.* c. XVI, est. 9 e seg. :

Poi che lasciàr gli avviluppati calli
In licto aspecto il bel giardin s'aperse :
Acque stagnanti, mobili cristalli
Fior van e vane piante, erbe diverse,
Apriche collinette, ombrosi valli,
Selve e spelonche in una vista offerse;

E quel che il bello e il caro accresce all'opre
L'arte, che tutto fa, nulla si scopre
Stimi (si misto il culto è col negletto)
Sol naturali e gli ornamenti e i siti.
Di natura arte par, che per diletto
L'imitatrice sua scherzando imiti,
L'aura non ch'altro, è della maga effetto,
L'aura che rende gli alberi fioriti :
Co'fiori eterni eterno il frutto dura
E mentre spunta l'un, l'altro matura...
Vezzosi angelli infra le verdi fronde
Temprano a prova lascivette note.
Mormora l'aura, e fa le foglie e l'onde
Garrir, che variamente ella percote.
Quando taccion gli angelli, alto respondè ;
Quando canton gli augei, più lieve scote
Sia caso od arte, or accompagna, ed ora.
Alterna i versi lor la music'ôra.

Milton, *Parad Lost.* IV :

.....in this pleasant soil
His far more pleasant garden God ordained ;
Out of the fertile ground he caused to grow
All trees of noblest kind for sight, smell, taste;
And all amid them stood te tree of life.
High eminent blooming ambrosial fruit
Of vegetable gold; and nex to life,
Our death the tree of knowledge, grew fast by,
Knowledge of good, bought dear by knowing ill.
Southward through Eden went a river large.
Nor changed his course, but thoough the shaggy hill
Passed underneathed engulfed; for God had thrown
That mountain as his garden mould, high raised
Upon the rapid current, wich through veins
Of porous earth with kindly thirst up-drawn,
Rose a fresh fountain, and with many a rill
Watered the garden, thence united fell
Down the steep glade, and met the nether flood,
Wich from his darksome passage now appears,
And now divided into four main streams,
Runs diverse, wandering many a famous realm
And country, whereof here needs no account;
But rather to tell how, if art could tell,
How from that sapphire fount the crisped brooks,
Roeling on orient pearl and sands of gold,
With mazy error under pendent shades
Ran nectar, visiting each plant, and fed
Flowers worthy of Paradise, wich not nice art
In beds and curious knots, but Nature boon
Poured forth profuse on hill, and dale, and plain,
Both where the morning sun first warmly smote
The open field, and where the unpierced shade
Embrowned the noontide bowers : thus was this place
A happy rural seat of various view ;
Groves whose rich trees wept odorous gums and balm,
Others whose fruit burnished with golden rind,

Hung amiable (Hesperian fables true,
If true, here only), and of dilicious taste.
Betwixt them lawns, or level downs, and flocks
Grazing the tender herb, were interposed,
Or palmy hillock; or the flowery lap
Of some irrigous valley spread her store,
Flowers of all hue, and without thorn the rose.
Another side, umbrageous grots and caves
Of cool recess, o'er wich the mantling vine
Lays forth her purple grape, and gently creeps
Luxuriant; meanwhile murmuring waters fall
Down the slope hills, dispersed, or in a lake,
That to the fringed bank with myrtle crowned
Her cristal mirror holds, unite their streams
The birds their quire apply; airs, vernal airs,
Breathing the smell of field and grove, attune
The trembling leaves, while universal Pan,
Knit with the Graces and the Hours in dance,
Led on the eternal Spring.

[2] Chiassi e a sua famosa pineta demoram a trez milhas de Ravenna perto do mar.

[3] O Lethes.

[4] Suppõe-se que esta dama, que ao diante o Poeta chama Mathilde, é a condessa Mathilde, que dominava na Toscana, com poder soberano, assim como n'uma parte da Lombardia, filha de Bonifacio, Marquez da Toscana, e de Beatriz, a qual, enviuvando, continuou a reinar, em modo que sómente depois de ter fallecido entrou a filha na posse da herança paterna. Essa princeza casou-se duas vezes; seu primeiro marido foi Godofredo, appellidado o Corcunda; o segundo Guelfo V, da Baviera, casamento, que se effectuou depois de ter Mathilde doado os seus Estados ao Papa. Foi parte activa na guerra que se travou entre o Imperador da Allemanha e a Santa Sé, celebre na historia com a denominação de lucta entre o *Sacerdocio e o Imperio*. Empenhando todos os esforços em pról do Papa Gregorio VII contra o Imperador Henrique IV. Era propriedade sua o castello de Canozza, proximo a Reggio, onde se acolhera o Pontifice e a cujas portas em 1077 Henrique submetteu-se ás humilhações mais vergonhosas para applacar o resentimento do Papa.—Mathilde nasceu em 1046 e morreu em 1115.

A essa suppozição contrapõe-se outra que parece estribar-se em mais solido fundamento e até compadecer-se melhor com a opinião de Dante acerca da soberania temporal do Papa. Segundo esta consideração, Mathilde symbolisa aqui a vida activa, como a Lia da visão do c. XXVII, cabendo-lhe, portanto, sómente o caracter allegorico.

[5] Ovidio, *Met.* l. V. Trad. de A. F. de Castilho:

Jaz não distante de Enna um lago fundo:
Pergo é seu nome. A gorgear-lhe ás margens
Não tem mais cysne lucido Caystro.
C'roa as aguas selvatica espessura,
Que debruça, que alonga, que entretece
Vasto, frondoso veu, que os sóes não rompem.
Entornam doce fresco as ramas verdes,
Pulam do humido chão variadas flores,
Reina, odora e continua, a primavera
Lá se andava Proserpina folgando:

Colhendo aqui um lyrio, alem violetas,
Co'as socias apostada, a qual mais breve
Doces cuidados de innocentes annos!
Certo e regaço os encherá de flores.
Eis (rapidez de amor excede a todas)
A vê, a adora, a rouba o Rei do Averno,
Toda medos e assombro, a sem-ventura
Por sua mãe, por suas socias grita,
Porém mais pela mãe que pelas socias.
Nas ancias da afflicção lacera as vestes;
As boninas no gremio enthezouradas
Caem-lhe aos pés, desparzem-se na terra.
Vede agora a infantil simplicidade:
O perder flores taes lhe ha dado pena!

[6] Ovid., *Met.* l. X.

[7] Xerxes succedeu no imperio da Persia a seu pae Dario. Levando á execução os intentos paternos contra a Grecia, deu começo a segunda guerra medica. Com um exercito armado com exaggeração em trez milhões de homens, mas certamente muito numeroso, invadiu aquelle paiz; e, com quanto o assenhoreasse em grande parte, desacoroçoou na empreza depois da perda naval de Salamina. Determinou então retirar-se, deixando na terra conquistada 300.000 homens sob a conducta de Mardonio, que foi vencido nas batalhas de Myeale e Platea. Xerxes que entrara com tamanho poder na Grecia, voltou aos seus Estados passando o Hellesponto na busca de um pescador.

[8] O Hellesponto que Leandro tantas vezes atravessava a nado á noite para ver Hero, sua amada e em que afinal perdeu a vida, devia ser objecto da sua, aversão, como obstaculo, que vencia com muito trabalho e risco pessoal.

[9] Abydos á margem do Hellesponto da banda da Asia; Sestos, da parte fronteira na Europa.

[10] E' o Psalmo XCI v. 5:—*Delectosti me, Domine, in factura tua et in operibus manuum tuarum exultabo.*

[11] Allusão ás palavras de S. Paulo, *Ep. aos Rom.*, XII:

« Porque pela graça, que me foi dada, digo a todos, que estão entre vós. Que não saibam mais do que convém saber, mas que saibam com temperança, e cada um conforme Deus lhe repartiu a medida da fé. »

Disse Dante no *Convito*:—« L'umano desiderio è misurato in questa vita a quella scienza chequi aver si può e quel punto non passa se non pererrore il quale è di fuori di naturale intenzione. »

[12] *Purg.* c. XXI v. 46 a 48.

[13] Segundo o commentador Paolo Costa, o discurso de Mathilde litteralmente se refere á desobediencia e castigo do primeiro homem; mas interpretado moralmente mostra que Deus, querendo por essencia o bem, escolheu a Italia para assento do Imperio, necessario á paz do mundo, a qual seria eterna, se o homem, apartado da antiga virtude, não se tivesse corrompido pela avareza e arrastado a impuros costumes, desvarios, de que ha resultado a pouca permanencia da monarchia, posto que essa região famosa se houvesse sublimado a tão eminente altura, que não devia arreceiar-se das outras nações, e fosse, por divino favor, privilegiada para produzir—*di diverse virtu diverse legna*, isto é, diversos homens de grande valia.

[1] Refere-se a estas palavras do *Genesis*, II, 4 a 6:

« Tal foi a origem do céu e da terra; e assim é que elles foram creados no dia, em que o Senhor os creou e em que creou todas as plantas do campo antes que brotassem; porque ainda o Senhor Deus não tinha feito chover sobre a terra, nem havia ainda homem que a cultivasse; mas da terra sahia uma fonte, que lhe regava toda a superficie. »

CANTO XXIX

1. As vozes, que eu lhe ouvia, ella remata,
Qual dama namorada, assim cantando :
Beati quorum tecta sunt peccata [1]
2. Como das nymphas o formoso bando,
Que nas umbrosas selvas sós andavam,
Qual ver, qual evitar o sol buscando :
3. Contra o ribeiro os passos a levavam,
Sobre a margem seguindo lentamente ;
E pelos seus os meus se regulavam.
4. Cincoenta assim andaramos sómente,
Quando o alveo curvou a lympha pura,
E, pois, da banda achei-me do oriente.
5. Pouco eramos avante na espessura,
Eis, voltando-se, a dama d'esta sorte
Falou-me :—« Escuta, irmão, e ver procura. »—
6. Refulge de repente uma luz forte
Por todo o espaço immenso da floresta.
Relampago julguei, que os ares córte.
7. Mas luz após relampago não resta;
E o fulgor mais e mais resplendescia.
Disse entre mim :—« Que maravilha é esta ? »—

8. Pelo ar luminoso se esparzia
Dulcissima harmonia : e em zelo ardendo
De Eva o feito imprudente eu reprendia.
9. Pois, ceu e terra a Deus humildes vendo,
A mulher só, que a vida começara,
Violava o preceito, os veus rompendo.
10. Se fiel fôra e as ordens respeitara,
Mais cedo e por mais tempo essa morada,
Em delicia ineffavel, eu gozara.
11. Proseguia, tendo a alma transportada
Nas primicias da eterna f'licidade,
Em desejos mais vivos abrazada,
12. Quando vimos de intensa claridade
Sob a rama tornar-se o ar brilhante
E o som tomou de um hymno a suavidade.
13. O' Musas, santas virgens, se, constante
Fome, frio, vigilias hei soffrido,
Da mercê vos rogar assoma o instante :
14. Das aguas de Hippocrene bem provido
Para em metro cantar idéa immensa
De Urania [2] e das irmans seja eu valido !
15. De ver, um tanto além, eu tive a crença
Arvores sete de ouro : era apparencia,
Emprestava a distancia parecença.
16. Mas, quando me acerquei, quando a evidencia
Provou-me quanto a similhança engana,
Dando das cousas falsa intelligencia,
17. A faculdade, que á razão aplana
O discurso fez ver distinctamente
Candelabros [3] e ouvir no hymno : Hosannah !
18. Cada qual flammejava refulgente,
Mais que no azul do ceu rebrilha a lua
Da noite em meio, em seu maior crescente.
19. De pasmo, que no espirito me actua,
A Virgilio me volto ; elle me encara :
Tambem revela espanto a vista sua.

20. Tornei-me ao lampadario, que não pára,
Proseguindo, porém, solemne e lento :
Noiva ao altar mais presta caminhara.
21. Eis a dama gritou-me :—« Por que attento
A's vivas luzes stás com tanto excesso,
Que desvias do mais o pensamento ? »—
22. Trajadas de alva côr a ver começo
Pessoas, que os luzeiros têm por guia :
Candor igual na terra não conheço.
23. Do rio a lympha á sestra resplendia :
Espelho, minha imagem, d'esse lado,
Oscillando, aos meus olhos reflectia.
24. Dos lumes tanto estava apropinquado,
Que pelo rio só fiquei distante :
Parei, por ver melhor, maravilhado.
25. Esses clarões eu vi passar avante ;
Traz si no ar matiz vario espalhavam,
A pendões desfraldados similhante.
26. Sete listras bem claras desenhavam,
As côres que contem de Delia o cinto [4]
Ou stão do sol no arco, figuravam.
27. Cada estandarte, atraz, azas distincto,
Se perdia a vista ; entre elles pareciam
Dez passos [5] se no calculo não minto.
28. Por baixo de tão bello ceu seguiam
Vinte e quatro anciões [6] emparelhados :
Branco lyrios as frontes lhe cingiam.
29. Todos cantavam junctos : compassados
— « Entre as filhas de Adam sejas bemdicta !
Bemdictos teus excelsos predicados. »— [7]
30. Quando da margem, bem de fronte sita,
De fresca relva e flores guarnecido,
A grei se foi que alçava a santa grita,
31. Como no ceu a luz de outro é seguida,
Quatro animaes [8] após se apresentavam,
Coroados de fronde entretecida :

32. A cada qual seis azas adornavam,
Cobertas de olhos tantos, quantos Argo [9]
Tinha, quando seus vida gozavam.
33. De descrevel-os não me faço cargo,
Leitor ; a tanto ora me falta ensejo :
Nem posso n'este ponto ser mais largo.
34. Contenta Ezechiel [10] o teu desejo :
Elle os viu, que, do norte se arrojando,
Vinham com vento, nuve', igneo lampejo.
35. Como os pintou, estava os contemplando :
Diff'rença quanto ás azas ha sómente ;
João [11] eu sigo, Ezechiel deixando.
36. Entre os quatros volvia replendente
Com dupla roda um carro triumphante, [12]
Por um grypho [13] tirado altivamente
37. As azas extendendo ia pujante ;
No meio ás listras trez de cada lado,
Sem nenhuma empecer seguia avante.
38. Não sóbe a vista ao ponto sublimado
A que se erguem ; são de ouro os membros de ave,
No mais o roseo e o niveo mixturado.
39. Roma um plaustro não viu tão bello e grave
Do Africano em triumpho ou no de Augusto ;
O do sol [14] fôra ante elle humilde trave :
40. Esse que, transviado foi combusto,
Da Terra quando as supplicas bradaram [15]
E em seus arcanos Jupiter foi justo.
41. Dansando á dextra aos olhos se mostraram
Trez damas : [16] tão rubente uma parece,
Que chammas se a cercassem a occultaram.
42. A segunda tão verde resplendesce,
Como composta de esmeralda bella ;
A candura da neve outra escurece.
43. A dansa dirigindo, se desvela
Ora a branca ora a rubra : o canto d'esta
Detem, apressa o passo ao querer d'ella.

44. A' sestra fazem outras quatro [17] festa
De purpura vertidas : uma guia
As outras e trez olhos tem na testa.
45. Dous anciões no couce depois via
Diff'rentes no vestir ; mas igualdade
Nos gestos seus e acatamento havia. [18]
46. Alumno um parecia na verdade
De Hippocratis [19] sublime que creado
Natura tem por bem da humanidade.
47. Mostrava o companheiro outro cuidado
Trazendo espada [20] tão aguda e clara,
Que onde eu stava de susto fui tomado.
48. De humilde aspeito a vista me depara
Mais quatro : [21] segue os velhos, que distante,
Cerra os velhos [22] mas luz a face aclara. [23]
49. Os sete como os quatro de diante
Trajando a fronte sua têm cingida,
Não de c'rôa de lyrios alvejante,
50. Mas de purpureas flores rubescida :
Um tanto longe ao vel-os me parece,
Que a testa a cada qual stava incendida.
51. E, quando o carro em face me apparece,
Rompe um trovão e a santa companhia.
Attendendo ao signal prompta obedece :
Pára o cortejo e quanto o antecedia.

NOTAS AO CANTO XXIX

Dante acompanha Mathilde. Maravilhoso prestito da Igreja triumphante

[1] *Psalmos*, XXXI, 1:

« Bemaventurados aquelles, cujas iniquidades são perdoadas e cujos peccados são cobertos. »

[2] Urania, uma das Musas, figurada com corôa de estrellas e véstes azues, symbolizava a astronomia, a sciencia das cousas celestes.

Milton, *Par. Lost.*, B. VII:

Descend from Heaven, Urania, by that name,
If rightly thou art called, whose voice divine
Folowing, above the Olympian hill I soar,
Above the flight of Pegasean wing.
The meaning, not the name, I call; for thou
Nor of the Muses nine, nor on the top
Of old Olympus dwell'st; but, heavenlyborn
Before the hills appeared, or fountain flowed,
Thou with eternal Wisdom didst converse,
Wisdom thy sister, and with her didst play
In presence of the almighty Father, pleased
With thy celestial song.

[3] *Apocalypse*, I:

« E me voltei para ver a voz que falava commigo; e assim voltado vi sete candieiros de ouro... Os sete candieiros são as sete igrejas. »

Segundo a opinião de uns, os candelabros symbolizam os sete Sacramentos; dizem outros que significam os sete Dons do Espirito Santo.

[4] A lua, rodeada da corôa, meteoro que a cinge de varias côres. E' a significação de Delia ou Diana e o seu cinto.

[5] Entendendo-se pelos candelabros os Dons do Espirito Santo, julga-se que Dante quiz com os *dez passos* indicar os dez Mandamentos da Lei de Deus.

[8] *Apocalypse*, IV:

« Estavam então ao de redor do throno outros vinte e quatro thronos, e sobre estes thronos se viam assentados vinte e quatro anciões, vestidos de roupas brancas e nas suas cabeças corôas de ouro. »

Os vinte e quatro Anciões representam os livros do Velho Testamento, Genesis, Exodo, Levitico, Numeros, Deuteronomio, Josué, Juizes, Ruth, Reis, Paralipomenos, Esdras, Tobias, Judith, Esther, Job, Psalmos, Proverbios, Ecclesiastes, Cantico dos Canticos, Sapiencia, Ecclesiastico, Prophetas Maiores, Prophetas Menores, Macchabeus.

[7] Estes louvores, que pertencem á Virgem Maria, são applicados pelo Poeta á gloria d'aquella que apresenta como symbolo da sabedoria divina.

[8] Os quatro animaes significam os quatro Evangelistas: o cordeiro, São Matheus; o leão, S. Marcos; o boi, S. Lucas; a aguia, S. João.

[9] Ovidio, *Met.*, lib. I, trad. de A. F. de Castilho:

Já de posse da adultera, não despe
A Deusa todavia o seu receio;
Teme a Jove e do aggravo está mordida.
Argos, o filho de Aristor, lhe occorre,
E quer que lh'a vigie; e d'elle a fia.
De Argos cinge a cabeça um cento de olhos,
Olhos, que dois a dois o somno alternam;
Desvelados os mais na preza cuidam
Em quaesquer pozições attento a guarda;
Volta-lhe as costas e tem Io a vista.
Permitte-lhe pascer em quanto é dia;
Em transmontando o sol, vai ferrolhal-a.
E um laço injusto lhe tornea o collo.
Rijas folhas de agreste medronheiro,
Hervanças desabridos, amargosos
Morde, rumina a triste. Em vez de leito,
Dão-lhe, nem sempre, de herva o chão forrado;
Matam-lhe as sedes em corrente impura.
Supplices braços extender quizera
Para o seu guardador; mas que é dos braços?
Intenta dar um ai, solta um mugido;
Treme do som, da sua voz se espanta...
Ia Cyllenio
Proseguir: eis que vê de somno oppressos
Os olhos todos. Subito emmudece,
Roça-os co'a vara, e lhes carrega o somno.
Rapido, logo, alçando o ferro curvo
No vacillante o golpe acerta;
Do penhasco o derriba envolto em sangue,
O sangue em borbotões macula o monte
Argos jazes em fim! De todo extincta
A claridade está de tantos lumes,
Sombra eterna te occupa os olhos cento.
Saturnã lh'os extrahe, na cauda os crava
Da ave sua e com elles a abrilhanta.

[10] *Ezechiel*, I, v. 4 a 14:

« E vi; e eis que vinha da banda do Aquilão um vento do tervelinho; e uma grande nuvem e um fogo, que se involvia, e á roda d'ella um resplendor; e do meio d'elle, isto é, do meio do fogo, apparecia uma como especie de electro.

« E no meio d'esse mesmo fogo se via a similhança de quatro animaes, e este era o seu aspecto, havia n'elles a similhança de um homem. Cada um tinha quatro rostos e cada um quatro azas. Os seus pés eram pés direitos, e a planta do pé d'elles era como a planta do pé de um novilho, e d'elles sahiam umas faiscas, de que resultava uma como representação de cobre abrazeado E tinham mãos de homens debaixo das suas azas aos quatro lados; e tambem tinham rostos e azas pelos quatro lados.

« E quanto a estas suas azas estavam as de um junctas a outro, não se voltavam quando iam caminhando; mas cada qual andava diante da sua face. E a similhança do semblante d'ellas era: rosto de homem e rosto de leão á direita dos mesmos quatro; e rosto de boi á esquerda dos mesmos quatro e rosto de aguia no alto nos mesmos quatro.

« Os seus rostos e as suas azas estendiam ao alto; duas azas de cada uma se ajuntavam e duas cobriam os corpos d'elles; e cada um d'elles andava diante da sua face; onde estava o impeto do espirito, para alli caminhavam, nem se voltaram quando iam andando.

« E á similhança dos animaes era que o seu aspecto vinha a ser como um fogo de brazas ardentes e como uma apparencia de alampadas. Esta era a visão, que discorria no meio dos animaes, resplendor de fogo e relampago, que sahia do meio do fogo.

« E os animaes iam e voltavam a similhança de relampagos coruscantes.»

11 *Apocalypse*, IV, 6 a 8:

« E á vista do throno havia um como mar de vidro transparente, similhante ao cristal; e no meio do throno e ao derredor do throno quatro animaes cheios de olhos por diante e por de traz.

« E o primeiro animal era similhante a um leão, e o segundo animal similhante a um novilho, e o terceiro animal tinha o aspecto como de homem, e o quarto animal era similhante a uma aguia voando. E os quatro animaes cada um d'elles tinha seis azas; e a roda e por dentro estavam cheios de olhos; e não cessavam de dia e de noite de dizer: Santo, Santo, Santo, o Senhor Deus Omnipotente, o que era e o que é e o que ha de vir. »

12 Pelo carro entende-se a Igreja; pelas rodas, o Velho e o Novo Testamento.—V. *Par.* XII, 106.

13 *Grypho*, animal fabuloso, era representado sob duas fórmas,—alado e quadrupede, aguia na parte anterior, leão na posterior. A maioria dos commentadores concerta em dizer que no *Grypho* Dante symbolizou as duas naturezas unidas na pessoa de Jesus Christo. Esta interpretação, porém, pareceu a diversos escriptores irreverente no extremo para com Jesus Christo; por isso entenderam que o Poeta alludiu ao Papa, que é uma pessoa sob duas fórmas: pontifice, é figurado na aguia, que se ala até o throno de Deus; Rei; é leão, que na terra ostenta força e poder.

14 Ovidio, *Met.* l. II:

Insiste o moço no audaz projecto,
Arde já por voar no excelso coche.
Por mais tempo detel-o o pae não póde,
E ao coche o leva, fabrica alterosa,
Vasta, immensa, obra e dom do gran Ferreiro.

De ouro é seu eixo, de ouro a lança, de ouro
Chapeadas por cima as vastas rodas,
Com mil ao centro ao aro argentos raios.
Chrysolithos, matiz de pedraria
São recamo aos esplendidos jaezes.
Que em chuveiros de luz a luz scintillam.

[15] Ovid., *Met.* l. II:

Mas o Padre, tomando a testemunhas
Todos os immortaes, e, mais que todos,
Ao proprio concessor do coche infausto...
Na dextra erguida o raio ao vão cocheiro
O desfere e do carro o expulsa morto.
Assim c'o sacro fogo o fogo abafa...
Phaetonte, ardendo a grenha ás labaredas,
Vem de rondão pelo ar...
Longe do chão natal na queda o toma
O caudaloso Eridano, e nas ondas
O rosto abrazeado lhe mergulha.

[16] As trez virtudes Theologaes—Fé, Esperança e Caridade.

[17] As quatro virtudes Cardeaes—*Justiça*, *Prudencia*, *Fortaleza* e *Temperança*. Os tres olhos da Prudencia denotam o presente, o passado e o futuro.

[18] S. Lucas e S. Paulo, indicando um os *Actos dos Apostolos*, que escreveu, e o outro as suas *Epistolas*.

[19] Suppõe-se que S. Lucas fosse medico. Na *Epist. aos Colossenses* S. Paulo diz (IV, 14): « O muito amado Lucas, medico, vos sauda. »

[20] S. Paulo empunha uma espada, emblema de guerra pela fé, e do martyrio, que padeceu.

[21] Os Apostolos, que escreveram as Epistolas Canonicas.

[22] S. João, que escreveu o Apocalypse, unico livro prophetico do Novo Testamento.

[23] Allude o Poeta á circumstancia de ter S. João escripto a revelação dos mysterios do Apocalypse, estando no rapto de um extase. Enumerando os diversos livros do Velho e Novo Testamento quiz assignalar as origens da verdade, infallibilidade, permanencia e poder da Igreja.

CANTO XXX

1. QUANDO o septentrião [1] do ceu primeiro,
Que, jámais tendo occaso, nem nascente,
Da culpa só nublou-se em nevoeiro,
2. E alli fazia cada qual sciente
Do dever seu, bem como o d'este mundo
Do nauta ao porto é guia permanente,
3. Parou, a santa grei, que ia em segundo
Logar antes do Grypho, dirigia,
Como á paz sua ao carro olhar profundo.
4. Um [2], que do ceu arauto parecia,
Veni, sponsa de Libano—cantando,
Trez vezes disse, e a turba repetia.
5. Como, ao soar o derradeiro bando,
Hão de os eleitos resurgir ligeiros,
Com renovada voz allumiando,
6. Assim, da vida eterna mensageiros,
Cem anjos, *ad vocem tanti senis* [3]
Elevaram-se ao carro sobranceiros.
7. Diziam todos : —« *Benedictus qui venis* [4]
Modulavam, lançando em torno flores :
Manibus o date lilia plenis ! [5]

8. Já vi do dia aos lucidos albores
Em parte o ceu de rosicler tingido,
Estando em parte azul e sem vapores,
9. E o sol, nascendo em nuvens envolvido,
Permittir que se encare em seu semblante,
Entre veus nebulosos escondido:
10. Tal, em nuvem de flores odorante,
Que de angelicas mãos sóbe fagueira [6]
E cae no carro e em torno a cada instante,
11. De veu neves cingida e de oliveira,
Uma dama esguardei com verde manto
E veste em côr igual á da fogueira.
12. E o espirito meu que tempo tanto
Havia já, não fôra, ao seu conspeito
Tremulo, entrado de sossobro e espanto, [7]
13. Antes que aos olhos se mostrasse o aspeito,
Sentiu, por força occulta que desprende,
Do antigo amor o poderoso effeito.
14. Quando essa alta influencia em mim descende,
Que desde o alvor primeiro da existencia
Da alma as potencias me avassala e rende,
15. A' sestra me voltei com diligencia,
Qual infante da mãe correndo ao seió,
Se dôr ou medo assalta-lhe a innocencia,
16. Por dizer a Virgilio :—« N'este enleio :
Meu sangue em cada gota é convulsado,
De amor na antiga flamma eu me incendeio.» [8]
17. Mas ai ! Virgilio havia-se ausentado,
Virgilio, o pae dulcissimo e amoroso,
Virgilio, a quem por me salvar , fui dado !
18. Quando perdeu n'este logar formoso
Eva, não tolhe as lagrimas no rosto,
Que o roscio me lavara milagroso.
19.— « Não haja por Virgilio ir-se, desgosto ;
Não te entregues ao pranto agora, ó Dante ;
Por dôr mais viva ao pranto sê disposto. »—

20. Como em revista ás naus sabio almirante
Nas manobras feroz a dura gente
E os corações esforça vigilante,
21. Do carro á borda, á esquerda, em continente,
Quando voltei-me ao nome proferido,
Que por ser dicto aqui vem simplesmente,
22. A dama vi que tinha apparecido
Velada em meio da divina festa,
Tendo, além rio, o gesto a mim volvido.
23. Com quanto o veu, que lhe cingia a testa,
Que de Minerva fronde coroava,
A face não deixasse manifesta,
24. No regio continente que ostentava.
D'esta arte proseguiu ; porém dizendo
O mais acerto para o fim guardava :
25.—« Olha ! Sou eu ! Sim ! Beatriz stás vendo !
Pois te has dignado de ascender ao monte
Ter aqui dita o homem já sabendo ? »—
26. Os olhos inclinando á pura fonte
Vi minha imagem ; logo os volto a um lado,
Tanta vergonha me accendia a fronte !
27. Qual mãe, que o filho increpa em tom maguado,
Pareceu-me : porque se torna amara,
A piedade que pune, ao castigado.
28. Calou-se ella e dos anjos a voz clara
—« *In te, Domine, speravi* »—[9] de repente
Entôa, mas em *pedas meos* pára.
29. Da terra italiana em serra ingente
Da Esclavonia por ventos contrahida
Entre as selvas congela a neve algente;
30. Depois liquesce e corre derretida
Ao quente sopro, que do sul procede,
Como cêra de flammas aquecida :
31. Tal o sossobro as lagrimas me impede
Antes de ouvir a angelica toada,
Que o hymno dos eternos orbes mede.

32. Mas quando, em seus concentos expressada,
Compaixão vejo mais do que se houvessem
Dicto :—« Senhora, por que és tanto irada ? »—
33. No peito meu os gelos se amollecem;
Dos labios e dos olhos irrompendo,
Com lagrimas soluços apparecem.
34. Firme no carro, á dextra se volvendo,
Ella aos pios espiritos dizia,
Do cantico ás palavras respondendo :
35.—« Vigilantes estais no eterno dia ;
Jámais por noite ou somno distrahida,
Do tempo os passos vossa vista espia.
36. « Minha resposta, pois, vai dirigida
A'quelle, que ora ao pranto os olhos solta :
A culpa seja pela dôr medida.
37. « Dos ceus, não pela acção, na immensa volta,
Que para um fim conduz cada semente,
Segundo os astros, que lhe vão na escolta.
38. « Se não de graças por divina enchente,
Que chovem sobre nós d'essa eminencia,
A que se alar nem póde a nossa mente,
39. « Este homem foi na aurora da existencia,
De taes dotes ornado, que podera
Da virtude alcançar toda a excellencia.
40. « Se, porém, a incultura se apodera
Ou semente ruim do bom terreno,
Plantas mali'nas, peçonhentas gera.
41. « Conservou-se ante mim puro e sereno :
Meus olhos, em menina, o conduziram
Pelo caminho mais seguro e ameno.
42. « Tanto que umbraes á vista se me abriram
Da idade segunda e d'esta vida,
Deixou-me, outros enlevos o attrahiram.
43. « Quando em espirito eu fôra convertida
E belleza e virtude em mim crescera,
Em menos preço fui por ella havida.

44. « Por fraguras fugio da estrada vera,
Em fingidas imagens enlevado,
De que jámais se alcança o que se espera.

45. « Inspirações em vão hei-lhe impetrado
Em sonhos, em vigilia o bem mostrando :
Cego, correu pelo caminho errado.

46. « Já todo o esforço meu se mallogrando,
Para salval-o do perigo eterno
Quiz que baixasse ao reino miserando.

47. « Foi n'este empenho que desci ao inferno,
E á sombra, que de guia lhe ha servido,
Fiz o meu rogo lacrymoso eterno.

48. « O preceito de Deus fôra infringido,
Se elle do Lethes transcendesse as aguas,
Se lhe fosse proval-as permittido,
Sem seu preço pagar em pranto e magoas. » —[10]

NOTAS AO CANTO XXX

Apparece Beatriz rodeada de anjos. No acto de reconhecel-a Dante, Virgilio desapparece. Exprobrações de Beatriz a Dante.

[1] *Septentrião*, significado pelos candelabros de ouro, que symbolizam os Sete Dons do Espirito Santo, os quaes, assim como o Septentrião (as sete estrellas de constellação da Ursa Maior) guia os mareantes, conduzem o homem nas veredas espirituaes.

[2] Salomão no *Cantico dos Canticos* do qual são extrahidas as palavras—*Veni, Sponsa, de Libano*,—havidas por propheticas da fundação da Igreja.

Cantico dos Canticos, IV:

« Vem do Libano. Esposa minha, vem do Libano, vem! Serás coroada do alto do Amaná, do cume de Sanir e de Hermon, das cavernas dos leões, dos montes dos leopardos »

[3] *Ad vocem tanti senis*: á voz de tão venerando ancião.

[4] *Benedictus qui venis.*—S. Matheus, *Ev.* XXI:

« E tanto as gentes, que iam adiante, como as que iam atraz, gritavam dizendo: Hosanna ao filho de David! Bemdicto o que vem em nome do Senhor! Hosanna nas maiores alturas! »

[5] Virgilio, *En.* VI:

Manibus date lilia plenis,
Purpureos spargam flores...

[6] Dante representa Beatriz vestida das côres, com que se ataviam as virtudes theologaes: a candidez do veu symboliza a Fé, o verde do manto, a Esperança, o rubro da tunica, a Caridade. Assim Beatriz, coroada de oliveira, arvore consagrada á Minerva, sendo a celestial Sapiencia ou sublime Theologia, tem por objecto aquellas virtudes.

[7] Sendo, como se sabe, a data attribuida á visão o anno 1300 e havendo Beatriz fallecido em 1290, dez annos tinham decorrido desde que Dante deixara de sentir os effeitos que na sua alma produzia o simples parecer da sua amada. Taes effeitos descreveu Dante no § II da *Vita Nuova*.

[8] Virg. *En.* IV :

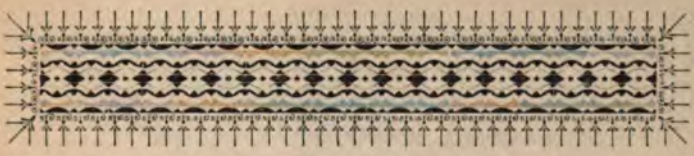
Agnosco veteris vestigia flammæ.

[9] *In te, Domine, speravi.—Psalmo* XXXI :

« Em ti esperei, Senhor... Pozeste os meus pés em logar espaçoso. »

[10] Paolo Costa, no seu excellente commentario (*Appendice*) fez a seguinte observação :

« As exprobrações, que a Dante dirige Beatriz (que, litteralmente entendidas, são da filha de Portinari áquelle, que após o seu fallecimento, se deixou fascinar de outros amores ; e que, tomadas no sentido anagogico, são as da Theologia a elle mesmo por se haver desvairado da vereda das virtudes christans) são, no sentido moral as da mesma Theologia, lamentando-se por ter Dante renunciado os estudos sacros, nos quaes ajudado de Deus podera maravilhosamente assignalar-se, para se dar com desmedido afan ás contendas dos partidos e facções em Florença, caminhando por agras devezas enganado pelas mentirosas apparencias do bem. Talvez seja a interpretação das palavras de Beatriz, quando se não refiram aos homens d'essa epocha, que accesos nas paixões politicas se apartavam dos tramites da justiça e não curavam dos verdadeiros interesses da desditosa Italia. »



CANTO XXXI

1.—«O' tu que estás além da agua sagrada»
Proseguiu Beatriz em continenti,
A ponta a mim voltando d'essa espada,

2. Que de revez já fôra assaz pungente—
« Diz se é verdade, diz ! A' culpa unida
Esteja a confissão do penitente. »—

3. Tanta a força mental foi confrangida,
Que a voz desfalleceu, se erguer tentando,
Expirou-me nas fauces inanida.

4. Esperou ; disse após :—« Que estás pensando ?
Responde : inda não tens n'agua [1] apagado
Lembranças do passado miserando. »—

5. No meu enleio, de temor travado,
Um tão confuso *sim*, tremulo, expresso,
Que houve mister dos olhos ajudado,

6. Como em bésta entezada em grande excesso,
Quebrando-se arco e corda, parte a setta
E no alvo dá sem força do arremesso,

7. Stando minha alma em tanto extremo inquieta
E em suspiros e lagrimas rompendo,
Perdeu a voz o som, que a lingua enceta.

8.—« Se ao meu querer »— prosegue—« obedecendo,
Tinhas phanal, que ao bem te conduzisse,
De anhelos teus a mira ser devendo
9. Onde o poder de estorvos, que impedisse
Teus passos ? Quaes grilhões, que os retivessem
Na vereda, que avante ir permittisse ?
10. Houve encantos, que a outros te prendessem,
E delicias, que tanto te attrahiram,
Que a tua alma enleiar assim podessem ? »-
11. Do peito agros suspiros me sahiram;
Para falar-lhe apenas tive alento,
E a voz a curto os labios exprimiram.
12. Tornei chorando :—« O engano, o fingimento
Ao terreno prazer me hão transviado,
Em vos nublando a face o passamento. »—
13.—« Se occultaras »—falou-me—« o teu peccado,
A graveza da culpa ao claro vira
Aquelle, por quem deves ser julgado.
14. «Mas se o reu, confessando, tem na mira
O pezar do mau feito, em nossa côrte
Contra o fio da espada a mó se vira.
15. «Em tanto, porque seja em ti mais forte
De errar o peijo e, no porvir ouvindo
Sereias, não procedas de igual sorte,
16. «Escuta-me, os teus prantos consumindo :
Verás que, inda sepulta, eu te guiara,
Pela contraria rota conduzindo.
17. «Jámais arte ou natura te mostrara
Enlevo, quanto a rara formosura
Do corpo, em pó tornado, em que eu morava.
18. « Se commigo baixara á sepultura
Teu supremo prazer, como arrastar-te
Poude, após si, mortal delicia impura ?
19. « Enganos taes sentindo saltear-te,
Aos ceus alçando a mente deverias
Té minha eternidade sublimar-te,

20. « E não baixar do vôo, em que subias
Te expondo a novos tiros, attrahido
Por joven, [2] por vaidades fugidias.
21. « Será duas, trez vezes illudida
Ave inexperta; mas a setta, laço
Passaro velho esquiva, apercebido »—[3]
22. Qual menino, que a mãe por largo espaço,
Increpa ; e, baixa a fronte, envergonhado
Reconhece em silencio o errado passo:
23. Tal me achava.—« De ouvir se estás maguado,
Levanta a barba ! —ainda proseguia—
« Olhando-me, hasde ser mais castigado ! »—
24. Com menos resistencia abateria
De Europa o vendavel carvalho altivo
Ou da terra, que a Jarba * obedecia,
25. Do que eu alcei o rosto pensativo
Quando ella disse *barba* e não semblante
A malicia notei e o seu motivo.
26. Olhos erguendo alfim, do mesmo instante
Aos ares vi que flores não lançava
A phalange dos anjos radiante.
27. Timida a vista a Beatriz achava
Voltada ao Grypho, que uma só pessoa
Em naturezas duas encerrava.
28. Além do rio sob o veu e a c'ròa
Tanto excede a belleza sua antiga
Quanto em vida as que mais fama apregôa.
29. E do pezar pungiu-me tanto a urtiga,
Que das cousas, que mais na terra amara
A mais cara odiei como inimiga.
30. Remorso tal a mente me assaltara,
Que vencido tombei: qual fiquei sendo
Sabe quem dôr tão viva motivara.
31. Ao coração a força me volvendo
Notei a dama, que primeiro eu vira
Ao lado meu, — « Abraçai-me ! »—dizendo.

32. Té ao collo no rio me immergira ;
E correndo, qual leve lançadeira,
Das aguas sobre a tona a si me tira.
33. Já proximo á beatifica ribeira,
Ouvi *Asperges me* tão docemente,
Que o não descrevo ou lembro, inda que o queira.
34. Mathilde, abrindo os braços de repente,
Congiu-me a fronte e subito afundou-me ;
Era d'essa agua haurir conveniente.
35. Assim purificado, ella gniou-me
Das damas quatro para a dansa bella,
E cada uma nos braços estreitou-me.
36.—« Cada qual, nympha aqui nos ceus estrella,
Antes que Beatriz descesse ao mundo,
Servas de ordem suprema somos d'ella.
37. « Os seus olhos verás ; mas no jocundo
Lume interno has de ter vista aguçada
Pelas trez cujo olhar é mais profundo. »—
38. Modulando na angelica toada,
Ante o Grypho comsigo me levaram :
Lá Beatriz para nós era voltada.
39.—« Em contemplar sacia-te ! »—falaram—
« As esmeraldas que ora tens presentes, [5]
D'onde os farpões de amor te vulneraram. »—
40. Mais que a flamma desejos mil ardentes
Prenderam olhos meus aos seus formosos,
Na adoração do Grypho persistentes.
41. Qual sol no espelho, n'esses luminosos
Astros o Grypho se alternando, eu via
Seres dois reflectir mysteriosos :
42. Meu espanto o leitor, qual não seria
Vendo o objecto na imagem transmutado,
Quando constante em si permanecia ?
43. Em quanto eu de prazer e pasmo entrado,
Esse doce manjar stava gozando,
Que sacia mas sempre é desejado.

44. De ordem mais alta ser manifestando
Pelo menoio, as trez se adiantaram,
Por angelico estylo modulando.
45.—« Os olhos santos »—Beatriz—cantavam.
« Oh ! volve ao servo teu leal constante
A quem por ver-te os passos não custaram.
46. « Nos dá por gran mercê que o fido amante
Sem veu tua segunda formosura
Contemple n'esse divinal semblante ! »—
47. O' resplendor da luz eterna e pura !
Quem do Parnaso á sombra descorando
E da agua sua haurindo alma doçura,
48. Aturdido não fôra, se arrojando
A tentar descrever qual te mostraste,
Quando o ceu de harmonias te cercando,
Ao ar patente a face revelaste ?

NOTAS AO CANTO XXXI

Continuando as exprobrações de Beatriz, Dante se confessa culpado. Mathilde mergulha-o no Lethes. Assim purificado, as virtudes Theologaes e Cardeaes conduzem-o á presença de Beatriz.

[1] A do Lethes.

[2] O texto diz *pargoletta*, joven. Suppõem alguns que fosse uma pessoa assim chamada ; outros a desconhecida de Casentino, a quem Dante se referiu na epistola a Moroello Malaspina. Até dizem que a allusão foi dirigida a Gentucca de Lucca (c. XXIV do *Purg.*) que d'esses amores se fez mensão como acontecimento futuro.

[3] *Proverbios*, I, 17 :

« Mas de balde se lança a rêde diante dos olhos dos que tem azas. »

* Jarba, rei da Getulia, a quem Dido comprou a terra, onde fundou Carthago.

Virg. *En.* I :

Devenêre locos, ubi nunc ingentia cernes
Mœnia, surgentemque novæ Carthaginis arcem ;
Mercatique solum, facti de nomine Byrsam,
Taurino quantum possent circumdare tergo.

[4] *Psalmos*, L. 9 :

« Tu me borrifarás com o hyssope e serei purificado ; lavar-me-has e me tornarei mais branco que a neve. »

[5] *Esmeraldas* chama o Poeta os olhos de Beatriz. — Segundo Plinio (*Hist. nat.*, l. XXXVII, 5) a côr da esmeralda é a mais agradavel entre as das outras pedras preciosas, sendo por isso que os olhos se não cansam de contemplal-a.

Diz o *Ottimo* :

«Acertadamente se refere o Poeta a esta pedra preciosa, attentas as suas propriedades. A esmeralda é principal entre todas as pedras verdes; nenhuma gemma ou herva possue côr tão verde e representa as imagens, como se espelho fôra; augmenta as riquezas; influe favoravelmente nos pleitos e auxilia a eloquencia dos oradores; preserva contra as convulsões e molestias de olhos; conforta os debilitados; reprime os movimentos luxuriosos; restaura a memoria; é poderosa contra phantasmas e demonios; serena as tempestades; estanca o sangue e aproveita aos advinhos.»

CANTO XXXII

1. Com tão sofregos olhos saciava
A sêde, em que annos dez eu me incendia, [1]
Que aos mais sentidos toda a acção cessava.
2. Quasi murada a vista se immergia
No santo riso ao mais indifferente,
E nos laços de outrora me prendia.
3. D'esse extase arrancou-me de repente
A voz das santas, que da esquerda sôa :
—« De mais contemplativa tens a mente ! »—
4. Os offuscados olhos me nevôa
Torvação similhante ao vivo effeito,
Que do sol causa a face em quem fitou-a.
5. Mas quando á pouca luz estive affeito
(Pouca em confronto ao lume deslumbrante,
Que por força deixara e a meu despeito,)
6. Vi que á dextra volvia o triumphante
Exercito celeste á frente estando
Os candelabros sete e o sol flammante.
7. Qual hoste a se salvar broqueis alçando,
Se volta, e co'a bandeira não prosegue
Senão mudada a direcção, girando :

[illegible]

[illegible]

[illegible]

20. Subito assim reflorescêu aquella
Arvore nua, gradações formando
Entre rosa e violeta em copia bella.
21. Então de um hymno as notas escutando,
Quaes nunca sobre a terra se cantaram,
Não pude resistir a som tão brando.
22. Se eu narrasse como olhos se fecharam
De Argo impiedosos, de Syrius ao conto, [5]
Que o seu nimio velar caro pagaram,
23. Pintor, tirara ao natural e em ponto
O somno em que engolfei-me docemente :
Mas faça-o quem n'essa arte forma prompto !
24. Passo ao momento em que espertou-se a mente :
Fulgor ao somno intenso o veu rompia,
—« Eia ! que fazes ?»—ouço em continenti.
25. Quaes vendo que de flores se cobria
O linho cujo pomo appetecido
Na boda eterna os anjos extasia,
26. João Pedro e Thiago ao seu sentido,
Depois da prostração á voz tornaram,
Que somno inda maior tinha vencido, [6]
27. E a companhia decrescida achavam
De Elias e Moysés em quanto as côres
Sobre a estola do Mestre se mudavam : [7]
28. Tal despertei da luz aos esplendores,
Vi perto a dama que me fôra guia
Do rio á margem sobre a relva e as flores.
29.—« Onde é Beatriz ? »—cuidoso lhe dizia.
—« Da fronde nova á sombra a vês sentada,
Junto á raiz »—Mathilde respondia.
30. Da companhia sua é rodeada;
Ao ceu após o Grypho os mais subiram,
Com mais doce canção, mais sublimada. »—
31. Não sei se as vozes suas proseguiram
Pois aquella aos meus olhos se mostrara,
Em quem meus pensamentos se immergiram.

32. Sobre a terra bemdicta se assentara,
Só, como em guarda ao planstro portentoso,
Que ao tronco antigo o Grypho vinculara.
33. Rodeiam-a, com circulo formoso,
As nymphas sete, os lumes empunhando,
Seguros de Austro e de Aquilão ruidoso.
34.—« Na selva a tua estada abreviando,
Serás commigo na eternal morada
Da Roma, onde tem Christo o regio mando.
35. « Do mundo em pról, perdido em rota errada,
O carro observa e cada cousa attento
Guarda, por ser ao mundo registada. »—
36. Falou Beatriz; e eu, pois, que o entendimento
Do seu querer aos pés tinha prostrado,
Fitei no carro a vista e o pensamento.
37. Dos ethereos confins arremessado,
Não rasga o raio á densa nuve, o seio,
Com tanta rapidez precipitado,
38. Como da alta ramada pelo meio,
Cortice fronde, flores destruindo,
O passaro de Jove irado veiu. [8]
39. Com força immane o carro foi ferindo,
Que aos golpes, qual navio, se agitava,
Que o mar combate os bordos lhe investindo.
40. E logo após eu vi que se enviava
Ao carro triumphal uma raposa, [9]
Que bom cibo não ter manifestava.
41. Increpando-lhe a vida criminosa,
Beatriz pol-a em fuga, e em tanta pressa,
Quanto soffreu-lhe a ossada cavernosa.
42. Depois do carro á caixa a Aguia se apressa
A vir por onde, ha pouco, descendera :
De inçar de plumas seus coxins não cessa. [10]
43. Qual gemido que a dôr no peito gera,
Ouvi do ceu baixar voz, que dizia :
—« O' barca ! bem má carga ora se onera ! »—

44. A terra então me pareceu se abria,
Entre as rodas um drago arrevessando, [11]
Que pelo carro a cauda introduzia.
45. Depois a cauda atroce retirando,
Qual vespa o seu ferrão, feita a ferida,
Arranca o fundo e vai-se colleando.
46. Como em terra vivaz relva crescida,
Cobre o resto plumagem de repente,
Com tenção casta e pura offerecida.
47. Temão e rodas vestem-se igualmente
Tão presto, que um suspiro vem lançado
A' flor dos labios menos promptamente.
48. D'aquelle plaustro santo, assim mudado,
Nos angulos cabeças irromperam,
Trez no temão e uma em cada lado.
49. Essas, como as de boi, armadas eram ;
Uma só ponta as quatro guarnecia :
Monstros iguaes já nunca appareceram.
50. Qual penhasco em montanha exelsa, eu via
No carro nua meretriz sentada, [12]
Lascivos olhos em redor volvia.
51. Como para não ser-lhe arrebatada
Em pé ao lado seu stava um gigante, [13]
Com quem trocava beijos despejada.
52. Que os olhos requebrava a torpe amante
P'ra mim notando, fero a flagellava
Dos pés a fronte o barregão farfante.
53 No ciume e na ira, que o inflammava
Desprende o carro e a selva o vai tirando, [14]
Que de pressa aos meus olhos occultava
A prostituta e o novo monstro infando.

NOTAS AO CANTO XXXII

Depois de contemplar Beatriz, Dante acompanha o prestito. A arvore da vida. Visão tremenda.

[1] Beatriz falleceu em 1290, e a maravilhosa jornada de Dante effectuou-se dez annos depois.

[2] *Genesis*, II :

« E deu-lhe esta ordem dizendo : Come de todos os fructos das arvores do paraiso. Mas não comas do fructo da arvore da sciencia do bem e do mal. Porque em qualquer dia, em que comeres d'elle, morrerás de morte. »

Daniel, IV :

« Via no meio da terra uma arvore e era a sua altura desmarcada. Era uma arvore grande e forte, e cuja altura chegava até o ceu ; a sua vista se extendia até as extremidades de toda a terra. As suas folhas eram formosissimas, o seu fructo copioso em extremo ; d'ella se podiam sustentar todas as castas de animaes ; as alimarias domesticas e selvagens habitavam debaixo d'ella, e as aves do ceu pousavam sobre os seus ramos ; e d'ella se sustentava toda a carne. »

Ao parecer de alguns expozitores, a arvore symboliza tambem o Imperio Romano.

[3] Virgilio, *Georg.*, II :

Aut quos Oceano propior gerit India lucos,
Extremi sinus orbis, ubi aëra vincere summum
Arboris haud ullæ jactu potuêre sagittæ ?
Et gens illa quidem sumptis non tarda pharetris.

[4] Quando o sol entra no signo de Aries, visinho ao de Piscis : no mez de fevereiro.

[5] Ovidio, *Met.* I.

[6] Allude á ressurreição da filha do principe da synagoga e á de Lazaro.

[7] A transfiguração de Jesus Christo.—*S. Matheus, Ev.* XVII :

« E seis dias depois toma Jesus comsigo a Pedro e a Thiago e a João seu irmão e os leva á parte a um alto monte ; e transfigurou-se diante d'elles. E o seu rosto ficou refulgente como o sol, e as suas vestiduras se fizeram brancas como a neve.

E eis que lhes appareceram Moysés e Elias falando com elle. E começando a falar Pedro disse a Jesus : Senhor, bom é que nos estejamos aqui ; se queres, façamos aqui trez tabernaculos, um para ti, outro para Moysés, outro para Elias.

« Estando elle ainda falando, eis que uma lucida nuvem os cobriu. E eis que sahiu uma voz da nuvem, que dizia : Este é aquelle meu querido filho, em quem tenho posto toda a minha complacencia : ouvi-o.

« E, ouvindo isto os discipulos, cahiram de bruços e tiveram grande medo. Porém Jesus se chegou a elles e tocou-os ; e disse-lhes : Levantai-vos, não temais. Elles então, levantando os seus olhos não viram mais do que tão sómente a Jesus. »

S. Matheus, Ev. IX :

« E depois que Jesus chegou á casa d'aquelle principe e viu os tocadores de frautas e uma multidão de gente que fazia reboliço, disse : Retirae-vos, porque a menina não está morta, mas dorme. E elles o escaneciam. E, tendo sahido a gente, entrou Jesus ; e a tomou pela mão e a menina se levantou. »

S. João, Ev., XI :

« Chegou em fim Jesus e achou que Lazaro estava na sepultura, havia já quatros dias....

« Tendo dito estas palavras, bradou em alta voz : Lazaro sai para fóra. —E no mesmo instante sahiu o que estivera morto, ligados os pés e mãos com as ataduras, e o seu rosto estava involto n'um lenço. Disse Jesus aos circumstantes : Desatai-o e deixai-o ir. »

[8] *Ezechiel*, XVII :

« Uma aguia corpolenta, de grandes azas, de longa extensão de membros cheia de pennas e variedade de cores, vem ao Libano e levou a medulla de micedro. Arrancou as ultimas pontas dos seus ramos e levou-as. »

Pelos assaltos da aguia tem se entendido as perseguições, com que no vexada a Igreja pelos Imperadores Romanos.

[9] A raposa, symbolo da heresia.

[10] Refere-se ás doações feitas á Igreja.

Diz o illustre commentador Paolo Costa :

« A aguia, que, á similhança de raio, devasta a arvore significa a sanha dos Imperadores, que não só perseguiram a fé christan (as folhas e flores novas), senão dilaceraram em Roma os corpos dos christãos (a casca), por não poderem superar a fortaleza dos seus animos, e desconjuntaram o carro, atormentando e matyrisando os pontifices, em modo tal, que a Igreja parecia verberada por tempestades. Depois em damno da sé apostolica suscitou-se o heresiarca Ario, ou o apostata Juliano, acertadamente comparaveis á raposa esfaimada, pondo qualquer dos dois, o intento sómente em malicia, em doutrina abominaveis... As plumas, que a aguia deixou no carro, figuram a doação feita á Igreja por Constantino, sendo Papa S. Silvestre.

« Assimilha-se a plumas a doação, por serem riquezas terreaes tão leves e vans como as plumas. A voz, que brada do ceu é a de S. Pedro, que, sendo outr'ora contente de ver a sua humilde barca cheia das primitivas virtudes la-

menta-se achando-a carregada de ouro, que estimula a cubiça para os commettimentos da perversidade. O dragão, que (ao revez de Jesus Christo que baixava do ceu) irrompe da terra, isto é, das profundas do inferno, entre as rodas do carro, é o cruento Mahomet, que, estabelecendo a sua lei entre o Velho e o Novo Testamento, gravemente offende a communhão christan e attrai as suas doutrinas grande somma de fieis á cadeira pontificia.

« Os funestos effeitos da opulencia prodigalizada por Constantino, talvez na melhor intenção, são representados na transformação do carro. De improviso as plumas o invadem por toda a parte, o que significa a repentina inundação das riquezas, das quaes se originaram os peccados mortaes, indicados pelas cabeças cornigeras. A Soberba, a Ira e a Avareza, perigosas ao peccador e ao proximo, são por dois modos malignas, e por isso estão armados de duas hasteas, ao passo que a Gula, a Inveja, a Preguiça e a Luxuria uma só apresentam por que ordinariamente o seu mal só ao peccador prejudica.

« Pela mulher depravada, que, firme qual rochedo em alto monte, está sentada no carro, comparavel áquella, que S. João viu prostituír-se com os Reis, entende-se a curia romana, que ora com um, ora com outro potentado, no tempo de Dante forjava allianças e fingia amisades. Assim torna-se pelo gigante, Philippe o Bello, Rei da França, que, dasavindo-se da curia, grandes trabalhos e vexames lhe causou, até que deu traça para estabelecer-se em Avinhão a Sé apostolica.

« Duvidas se tem posto á interpretação, que ora se aponta, querendo alguns entender que essa mulher significa Bonifacio VIII; mas fallecem-lhes fundamento, logo que se considera que esse Pontifice morreu em Roma, e que foi o seu successor Clemente V quem transferiu a cadeira papal para territorio francez. Esse modo de entender, pois, se não compadece com a verdade historica; e, pois cumpre reconhecer na mulher depravada a auctoridade temporal de Roma, aquella mesma, que no c. I do *Inferno* sob o aspecto de loba tão profundo pavor moveu no coração do Poeta e tolheu-lhe a esperança de inalçar-se á deliciosa montanha, de attingir o alvo das suas aspirações. Nas sobredictas predicções vejo sómente a esperança que alentava os gibelinos, a de conseguir Uguccione abater a pujança da curia romana e dos guelfos. »

[11] Mahoment é figurado no dragão.

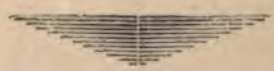
Apocalypse, XII :

« Eis aqui um grande dragão vermelho, que tinha sete cabeças e dez cornos e nas suas cabeças sete diademas; e a cauda d'elle arrastava a terça parte das estrellas do ceu e as fez cahir sobre a terra. »

[12] A curia romana.

[13] Philippe o Bello, Rei da França.

[14] Está aqui declarada a transferencia da cadeira pontificia de Roma para Avinhão.



CANTO XXXIII

1. *Deus, venerunt gentes,* [1] alternando,
Em córos dois, suave melodia
Cantam as nymphas, pranto derramando.
2. E Beatriz, a suspirar, ouvia
Tão dorida, que pouco mais outrora
Junto da Cruz mostrara-se Maria.
3. Quando lhe coube alçar a voz canora,
Entre as formosas virgens posta em pé,
Com santo ardor, que as faces lhe colora :
4. « *Modicùm et non videbitis me,* [2]
Caras irmans, *et iterùm* »— tornava—
« *Modicùm et vos videbitis me.* »
5. Depois, antes de si as collocava,
E a mim e a dama e ao Vate, que restara,
P'ra seguir os seus passos acenava.
6. Ia assim : que ella houvesse eu não julgara
O seu decimo passo em terra postò,
Eis sua vista na minha se depara.
7.—« Mais perto »— disse com sereno rosto—
« Caminha ; pois falar quero comsigo,
E o leves a me ouvir star bem disposto. »—

8. Beatriz, logo em tendo-me comsigo,
—« Por que—prosegue—« irmão, não me has querido
Me inquerir, quando vens assim commigo ?
9. Fiquei, como o que o espirito aturdido,
Ao seu superior falando sente,
E apenas balbucia cunfundido.
10. Falei, com voz cortada, reverente :
—« Quando hei mister sabeis mui bem, senhora,
O que seja em pról meu sabeis prudente. »—
11.—« De temor e vergonha desde agora »—
« Tornou—« isento sê, stando ao meu lado :
Como quem sonha as vozes não demora !
12. « A caixa, que a serpente ha devastado,
Já foi : [3] de Deus castigo aos criminosos
Ser não póde por sopa [4] obliterada.
13. « Não faltarão herdeiros [5] cuidadosos
Da aguia, que ao carro as suas plumas dera,
E o tornou monstro e presa aos cubiçosos.
14. « Vejo o porvir e a voz minha assevera
O que propinquos astros annunciam :
Nada os estorva, nem seu curso altera.
15. « Um *quinhentos dez cinco* [6] prenunciam,
Que o ceu manda a punir a depravada
E o gigante: ambos juntos delinquiam.
16. « A narração, talvez, de treva inçada,
Como as do Sphynge e Thmis [7] não a entendas,
Por parecer-te ao spirito enleiada.
17. « Farão, porém os factos que a comprendas ;
Quaes Nayades, darão do enigma a chave,
Sem damno ao trigo, ao gado,sem contendas.
18. « Que na memoria tua isto se grave :
Como te falo, assim o ensina aos vivos
Que se afanam em buscar morte insuave. *

* « O que vês escreve-o em um livro. » *Apoc.* I. v. 11.

19. « Lembra os que has visto feitos afflictivos,
Da arvore o stado narra, que te espanta,
Quanto soffreu assaltos dois esquivos. [8]

20. « Quem despoja ou mutila a sacra planta
Blasphema a Deus, de facto o offende ousado :
Para o seu uso só a creou santa.

21. « Sperou a primeira alma, que ha provado
Do seu fructo, annos mil cinco gemendo
Por quem penas em si deu do peccado. [9]

22. « Tua alma dorme, se não stá sabendo
A causa singular, que a planta ha feito
Tão alta, o cimo tal largura tendo.

23. « Se da agua d'Elsa [10] não trouxesse o effeito
O teu vão cogitar sobre essa mente,
Que escurece, qual sangue á amora o aspeito [11]

24. « Fôra o que eu disse já sufficiente
Para o justo preceito comprenderes,
Que Deus ha posto sobre o tronco ingente.

25. « Como te offusca a luz dos meus dizeres,
Porque de pedra tens o entendimento,
Que, affeito á culpa, não permitte veres,

26. « Uma imagem te guarde o pensamento,
Como palma ao bordão junta, voltando,
Peregrino, [12] em remedio ao esquecimento. » —

27. — « No cerebro, qual cêra conservando » —
Tornei — « a marca do sinete impresso,
Vosso verbo se irá perpetuando.

28. « Mas por que se sublima em tanto excesso
Vossa palavra, sempre appetecida,
Que, alcançal-a tentando, desfalleço ? » —

29. — « Por veres » — diz — que essa perpertida,
Has cursado, o que pois, sua doutrina
Ao verbo meu não póde ser erguida :

30. « Pois a vereda vossa da divina
E' tão remota, quando está distante
Da terra o ceu que ao alto mais se empina » — [13]

31.—« Não me lembro »—respondo á excelsa amante—
« De ter-me ás vossas leis nunca esquivado :
Não diz-m'o a consciencia vigilante.»—
32.—« Possivel é que estejas olvidado»—
Respondeu-me a sorrir—« tem na lembrança
Que inda ha pouco, has do Lethe agua tragado.
33. « E se de flamma o fumo dá fiança,
Que o teu querer no erro andou perdido
Demonstra o olvido teu com segurança.
34. « Será da minha voz claro o sentido,
Porque mais facilmente de ora avante
Da rude mente seja percebido. »—
35. Mais demorado, em tanto, e coruscante
No circ'lo entrava o sol do meio dia, [16]
Como os climas diversos variante,
36. Quando as damas, bem como astuto espia,
Que, precedendo a tropa, de andar cessa,
Se acaso novidade se annuncia,
37. Paravam, ao sahir da sombra espessa,
Qual aos frios arroios murmurantes
Dos Alpes bosque verde-negro off'reça.
38. Julguei ver Tigre e Euphrates não distantes
Brotar da mesma fonte juntamente
E separar-se lentos, quaes amantes.
39.—« O' gloria ! ó esplendor da humana gente !
Qual é, dizei-me essa agua, bipartida
Depois de proceder de uma nascente ? »—
40.—« Ser-te deve a pergunta respondida
Por Mathilde »— tornou-me então, falando
Em tom de quem por falta fosse arguida.
41. A dama disse :—« Tudo lhe explicando
Já stive : não podia haver effeito
Do Lethes, a lembrança lhe apagando.»—
42. E falou Beatriz :—« Póde ter feito
Escura a mente sua o mór cuidado,
Que o entendimento ás vezes torna estreito.

43. « Eis Eunöe, [15] que o curso ha derivado :
Conduze-o e, como o sabes, o immergindo,
Seu coração alenta desmaiado. »—
44. Como alma nobre, ao bem nunca fugindo,
Faz do extranho querer propria vontade,
Quando um simples signal o está pedindo,
45. A gentil dama, usando alta bondade,
Guiou-me e a Estacio disse, que attendia :
—« Segue-o tambem »— com garbo e magestade.
46. Esse doce liquor, que não sacia,
Eu cantara, leitor, se desse ensejo
Da pagina uma parte inda vasia.
47. Mas, porque todas occupadas vejo
E ao meu segundo Cantico applicadas
Da arte o freio me tolhe este desejo.
48. Como de planta as folhas renovadas
Mais frescas na hastea mostram-se, mais bellas,
Puro sahi das aguas consagradas,
Prompto a me alar ás lucidas estrellas.

mãe, os quaes lhe eram todos desconhecidos, explicou esse enigma. Vencida assim, a Esphinge precipitou-se do rochedo, no alto do qual estanceava e morreu. Realizou-se o oraculo; porque Edipo, em caminho para Thebas, matara o Rei Laio, seu verdadeiro pae; e o povo d'essa cidade, que livrou da Esphinge, em galardão d'esse relevante serviço promoveu o seu casamento com Jocasta, a Rainha, sua mãe. D'esse monstruoso consorcio procederam quatro filhos: Eteocles e Polynice, Antigone e Ismenia. O infeliz parricida e incestuoso só ao cabo de largo tempo foi sciente dos seus involuntarios crimes e no auge da desesperação vasou os proprios olhos.

Themis, deusa, filha de Celo e da Terra, dava oraculos obscurissimos, dos quaes offereceu um exemplo Ovidio, *Met.*, I. Depois do diluvio, consultando-a Deucalião e Pyrrha «de que arte poderiam restaurar a especie humana» responden Themis:

> Do meu templo sahi cobrindo as fronres,
> Soltai as vestiduras, que vos cingem,
> E para traz depois lançai os ossos
> Da vossa grande mãe.

Trad. de A. F. Castilho.

Correram os tempos e continuaram os vaticinios da deusa, que se esmerava em encarecer-lhes as difficuldades da interpretação. As Nayades, nymphas das aguas, incumbiram-se de decifral-os, commettimento, que, por ousado, Themis determinou castigar, enviando temerosa fera que devastou os campos e rebanhos dos Thebanos.

D'este singular modo de punir dá noticia Ovidio, no Livro VII dos *Met.* VII.

[8] Assaltos, um da aguia, o outro do gigante.

[9] O primeiro homem, Adam, remido pela morte e paixão de Jesus Christo.

[10] Elsa, rio da Toscana, affluente do Arno, entre Pisa e Florença. Suas aguas tem a propriedade de cobrir de crosta calcarea os objectos que alli se mergulham.

[11] Transformação da côr da amora pelo sangue de Pyramo.—V. notas ao c.

[12] Na *Vita Nuova*, Dante explica a differença, que, em seu entender, existe entre *peregrino* e *romeiro*. Diz assim no § XLI:

«*Peregrino*, na ampla accepção do vocabulo, podem ser entendidos de dois modos: um extensivo, e outro restrictivo. No extensivo chama-se peregrino todo aquelle, que está fóra da sua patria; no restrictivo, peregrino é o que vai á igreja de S. Thiago e volta. Convem saber que trez são as denominações, que se applicam ás pessoas que fazem viagem a serviço de Deus: são *palmeiros*, os que vão a Terra Santa; *peregrinos*, os que vão á igreja de Galiza, por estar a sepultura de S. Thiago mais distante da sua patria do que a de qualquer outro dos Apostolos; *romeiros*, os que vão a Roma.»

[13] *Isaias*, LV:

«Porque os meus pensamentos não são os vossos pensamentos, nem os vossos caminhos são os meus caminhos, diz o Senhor; porque, assim como os ceus se levantam sobre a terra, assim se acham levantados os meus caminhos sobre os vossos caminhos, e os meus pensamentos sobre os vossos pensamentos.»

[14] Começa á tarde do quarto dia que o Poeta passa no Purgatorio.

NOTAS AO CANTO XXXIII

Prophecia de Beatriz sobre a restauração da Igreja. Mathilde immerge o Poeta nas aguas do Eunöe, das quaes sae apparelhado para subir ao Paraiso. Fim do segundo cantico.

[1] *Psalmos*, LXXVIII:

« O' Deus, vieram as nações á tua herança, contaminaram o teu santo templo; tornaram a Jerusalem como despensa de guardar fructas. »

[2] S. João, *Ev.* XVI:

« Um pouco e já me não vereis; e outra vez um pouco e ver-me-heis, porque vou para o Pae. »

[3] *Apocalypse*, XVII:

« A Besta, que tu viste, era, já não é. »

[4] Vogava em Florença a tradição de não poder ser morto por vingança aquelle que, tendo commettido homicidio, conseguia comer sobre o tumulo da sua victima uma sopa de pão e vinho dentro dos nove dias subsequentes ao crime. Para vedar que assim succedesse, a familia offendida guardava a sepultura com a maior vigilancia.

[5] Prognostica que o Imperador da Allemanha se não sujeitará ao mando e superioridade dos Papas, e que Henrique VII hade restaurar o poder imperial em todo o seu lustro e grandeza.

[6] Em numeros romanos DXV representam quinhentos dez cinco; collocando-se o V no meio das outras letras se tem DVX.

[7] Compara o Poeta a obscuridade da narração á dos enigmas postos pela Esphinge e por Themis.

Sphinge foi um monstro filho da Chimera: tinha corpo de mastim, rosto de mulher, azas de passaro e patas de leão. Flagellou por muito tempo o povo de Thebas, matando todos aquelles, que decifravam um enigma, que propunha Edipo, que chegara fugindo das consequencias de um oraculo, que lhe prophetizava a morte do pae pelas suas mãos e o incesto pelo casamento com sua

mãe, os quaes lhe eram todos desconhecidos, explicou esse enigma. Vencida assim, a Esphinge precipitou-se do rochedo, no alto do qual estanceava e morreu. Realizou-se o oraculo; porque Edipo, em caminho para Thebas, matara o Rei Laio, seu verdadeiro pae; e o povo d'essa cidade, que livrou da Esphinge, em galardão d'esse relevante serviço promoveu o seu casamento com Jocasta, a Rainha, sua mãe. D'esse monstruoso consorcio procederam quatro filhos: Eteocles e Polynice, Antigone e Ismenia. O infeliz parricida e incestuoso só ao cabo de largo tempo foi sciente dos seus involuntarios crimes e no auge da desesperação vasou os proprios olhos.

Themis, deusa, filha de Celo e da Terra, dava oraculos obscuricissimos, dos quaes offereceu um exemplo Ovidio, *Met.*, I. Depois do diluvio, consultando-a Deucalião e Pyrrha «de que arte poderiam restaurar a especie humana» respondeu Themis:

Do meu templo sahi cobrindo as frontes,
Soltai as vestiduras, que vos cingem,
E para traz depois lançai os ossos
Da vossa grande mãe.

Trad. de A. F. Castilho.

Correram os tempos e continuaram os vaticinios da deusa, que se esmerava em encarecer-lhes as difficuldades da interpretação. As Nayades, nymphas das aguas, incumbiram-se de decifral-os, commettimento, que, por ousado, Themis determinou castigar, enviando temerosa fera que devastou os campos e rebanhos dos Thebanos.

D'este singular modo de punir dá noticia Ovidio, no Livro VII dos *Met.* VII.

[8] Assaltos, um da aguia, o outro do gigante.

[9] O primeiro homem, Adam, remido pela morte e paixão de Jesus Christo.

[10] Elsa, rio da Toscana, affluente do Arno, entre Pisa e Florença. Suas aguas tem a propriedade de cobrir de crosta calcarea os objectos, que alli se mergulham.

[11] Transformação da côr da amora pelo sangue de Pyramo.—V. notas ao c.

[12] Na *Vita Nuova*, Dante explica a differença, que, em seu entender, existe entre *peregrino* e *romeiro*. Diz assim no § XLI:

« *Peregrinos*, na ampla accepção do vocabulo, podem ser entendidos de dois modos: um extensivo, e outro restrictivo. No extensivo chama-se peregrino todo aquelle, que está fóra da sua patria; no restrictivo, peregrino é o que vai á igreja de S. Thiago e volta. Convem saber que trez são as denominações, que se applicam ás pessoas que fazem viagem a serviço de Deus: são *palmeiros* os que vão a Terra Santa; *peregrinos*, os que vão á igreja de Galiza, por estar a sepultura de S. Thiago mais distante da sua patria do que a de qualquer outro dos Apostolos; *romeiros*, os que vão a Roma. »

[13] *Isaias*, LV:

« Porque os meus pensamentos não são os vossos pensamentos, nem os vossos caminhos são os meus caminhos, diz o Senhor; porque, assim como os ceus se levantam sobre a terra, assim se acham levantados os meus caminhos sobre os vossos caminhos, e os meus pensamentos sobre os vossos pensamentos. »

[14] Começa a tarde do quarto dia, que o Poeta passa no Purgatorio.

15 O Lethes produz o esquecimento, o Eunöe aviva a memoria do bem que se praticou.

Até aqui Dante viu decorrerem seis dias: dois no Inferno, quatro no Purgatorio. Da entrada do Inferno a Judecca 24 horas se passaram, 3 na subida do peito de Lucifer ao centro da terra, 21 na passagem até a ilha do Purgatorio. Começa o primeiro dia do Purgatorio no c. II; o 2º no c. IX; o terceiro no c. XIX; o quarto no c. XXVII. Logo após o meio-dia vai a fonte, de que manam o Lethes e o Eunöe; gastou-se o tempo restante na ida e na volta, pois no c. I do Paraiso apresenta-se o sol no nascente.

FIM DO PURGATORIO

INDICE

Canto I..... 3
Canto II..... 15
Canto III..... 25
Canto IV..... 33
Canto V..... 41
Canto VI..... 51
Canto VII..... 63
Canto VIII..... 75
Canto IX..... 83
Canto X..... 95
Canto XI..... 105
Canto XII..... 119
Canto XIII..... 131
Canto XIV..... 139
Canto XV..... 151
Canto XVI..... 161
Canto XVII..... 171
Canto XVIII..... 179
Canto XIX..... 189
Canto XX..... 197
Canto XXI..... 213
Canto XXII..... 223
Canto XXIII..... 233
Canto XXIV..... 241
Canto XXV..... 255
Canto XXVI..... 265
Canto XXVII..... 275
Canto XXVIII..... 285
Canto XXIX..... 397
Canto XXX..... 307
Canto XXXI..... 317
Canto XXXII..... 323
Canto XXXIII..... 333

3 2044 005 124 50